

# Vale-Protótipo©

**Este livro vale 55 jupits (Nova Conversão de Moeda na Bolsa Jupiter atualizada em 7/9/2022)**

Para ativar o vale djupits do seu livro, scanize com o seu telefone o código em baixo ou siga as instruções manuais a seguir.



O código em baixo é um protótipo e ainda não funciona. Não precisa de ativar. Quando o nosso domínio/ aplicação estiver pronto e a Conta Jupiter estiver em pleno funcionamento o seu vale será automaticamente acionado, gerando 55 jupits na sua Conta Jupiter e o seu Cartão Jupiter será enviado para o seu email. Guarde as suas jupits. Não vai ficar sem elas. Elas são suas.

Poderá consultar a atualização dos eventos da Jupiter Agenda na página da Jupiter Editions em Member Readers em [www.jupitereditions.com](http://www.jupitereditions.com)

## Política de Privacidade

Quando comprou o livro, o leitor teve de consentir que a Jupiter Editions armazenasse os dados pessoais como o email e telefone para efeitos de comunicação e gestão da Conta Jupiter e emissão do Cartão Jupiter com os dados do leitor. A Jupiter Editions não trata, não cede nem vende os seus dados pessoais a terceiros. A Jupiter Editions protege os seus dados. A qualquer momento poderá enviar um email para [manager@jupitereditions.com](mailto:manager@jupitereditions.com) com o código-assunto “DATA” exercendo o seu Direito ao Esquecimento, solicitando o apagamento dos seus dados no nosso sistema informático ou solicitando a portabilidade dos seus dados conforme a Política de Privacidade que pode ser consultada online em [www.jupitereditions.com](http://www.jupitereditions.com)

Poderá aceder à sua Conta Jupiter e falar com outros  
Member Readers

Poderá inscrever-se nos eventos da Jupiter Agenda  
com as suas jupits em [www.jupitereditions.com](http://www.jupitereditions.com)

Member Readers in JUPITEREDITIONS.COM

## Você é um Member Reader da Jupiter Editions

### O seu livro é um passaporte.

**\*O seu passaporte vale em toda a sociedade  
Jupiter e perante os parceiros da sociedade Jupiter\***

Há Direitos e Deveres dos Member Readers.

Leia sobre os seus direitos

Leia sobre os seus deveres e sobre *o Código dos  
Direitos de Autor e Direitos Conexos*

© Antoine Canary-Wharf  
2080

Printed by Konica Minolta

Editado por Jupiter Editions

1ª Edição

1ª Ordem da 1ª Impressão ◆ 6 exemplares  
18/11/2020 Edição de Luxo de Autor de 20 livros ◆ 6 exemplares  
Revisto por Antoine Canary-Wharf

A 1ª Ordem e 1ª Impressão foi revista e editada pelo próprio autor. Antoine Canary-Wharf é um dos primeiros 9 pseudónimos de Raul Catulo Morais. A presente obra apresenta naturais erros por não ter sido editada nem revista por um Revisor Oficial e ter sido imprimida durante o Processo de 1ª Experiência de Artes Editoriais e de Impressão do Autor e da Jupiter Editions, marca criada e fundada pelo próprio autor na ocasião do Registo dos seus primeiros 9 livros que escreveu ao mesmo tempo com 9 pseudónimos e que por isso decidiu fundar a marca Jupiter Editions. A marca Jupiter Editions é uma marca registada editorial de cinema e realização para a comercialização de livros, teatros, filmes e jogos bem como a organização, realização e filmagem de eventos culturais e desportivos, incluindo os de feira e de museu.

A presente obra foi publicada pelas mãos do próprio autor nos Illuminnatti Games da Jupiter Editions conforme o Processo Maçónico de Vazamento das 9 obras do autor.

Custas pelos erros.

«Os erros são humanos e existem para serem editados. Os meus erros provam que sou um humano e que não sou um robot. Os meus erros tornaram-se valiosos, porque eu entreguei os meus erros ao mercado. Fiz valor com os meus próprios erros. Valorizei-os. Errar é um Processo Básico Natural Humano.» Raul Catulo Morais 7/09/2022

Jupiter Editions é a primeira chancela editorial da sociedade Jupiter.

Pela Ocasão da Fundação da Jupiter Editions e para a comercialização dos livros foi aberta a Sociedade Jupiter Saturn Por Quotas que o autor fundou no seu relacionamento amoroso, ficando como sócio e gerente o seu amor-marido. Com a separação amorosa e com o fecho da Sociedade Jupiter Saturn, ficou o autor como proprietário legítimo da marca e do site Jupiter Editions continuando sozinho o projeto com a força espiritual dos Angels. Nas novas obras durante os Illuminnatti Games o autor transformou o seu ex-marido numa personagem, o DK. Na teoria dos jogos conspiratórios contra os jogos maçónicos relatados nas obras da Jupiter Editions criou-se a estranha teoria de que o DK seria um angel-demónio secreto na Rede Secreta dos Angels e que se afastou do projeto para dar uma certa força ao próprio projeto. Há quem acredite que o “divórcio” foi um divórcio simulado que fez parte do Teatro Maçónico do fecho da Sociedade. Verdade ou mentira é que o autor separou-se de facto e continuou sozinho o projeto. 7/09/2022

Jupiter Saturn Neptune NEW-ORBITIONS-EDITIONS, Lda.  
Avenida D. João II 50 Edifício Mar Vermelho,  
Parque das Nações, Lisboa, 1990-095 Lisboa

Capital social: 120.000,00€  
Matrícula: 515966207

Obra iniciada em novembro de 2019 e concluída em janeiro de 2020 com data de diferimento de Registo Oficial de Obra de 14/02/2020. Obra escrita ao mesmo tempo em Internet das Coisas com as primeiras 9 obras do autor. Obra vazada pelas mãos do próprio autor in Illuminnatti Games em 9/9/2022 e republicada com Edição das Páginas de Apresentação em 10/9/2022. Raul Catulo Morais  
Vazamento comunicado ao Presidente da República, ao Primeiro-Ministro, ao Papa, às Forças Armadas e Militares Nacionais e Internacionais, à ONU, NASA, Agência Espacial Europeia e ao FBI.

Das 9 obras, **2080** foi a obra que foi aberta depois do Registo Oficial da Obra quando o autor foi como salva-vidas para Vila do Bispo e teve a viver em Sagres durante o seu trabalho de salva-vidas que por causa das Forte Internet das Coisas “obrigou” o autor a escrever uma espécie de Diário de Salva-Vidas dissimulado em dois capítulos-episódios que estavam “vazios” e que o autor continuou a escrever o filme nesses dois capítulos vazios que abriu na Obra respeitando a Lógica e Interligação de Acontecimentos da própria Obra que já tinha sido supostamente concluída. Assim, a obra ficou aumentada em relação ao Original. Foi graças à compra da loja Surf Planet de Sagres de 1 exemplar de **2080** e da compra da loja Retrosailor de Sagres de 1 exemplar d’**O Algoritmo do Amor** que se deu início ao Processo Acelerado de Edição e Impressão dos 9 livros numa Edição de Luxo de Autor à Porta Fechada de 20 exemplares com as Artes Gráficas e Avançadas de Tecnologias Print On Demand da Konica Minolta com papel 100% reciclado fornecido pela Renova. A história das primeiras marcas que tornaram a fantasia dos livros da Jupiter Editions em realidade, têm obviamente um interesse importante para a Jupiter Editions, tendo depois as marcas entrado nos Jogos de Parcerias Invisíveis dos **Illumminatti Games** na Jupiter Editions. Começou-se por isso a imprimir e “a falar” num apoio espiritual de marcas e de angels que deram uma força espiritual importante ao espírito da Jupiter Editions numa Comunhão De Forças Invisíveis numa Internet Invisível de Coisas. Os projetos ligam-se uns aos outros, porque as pessoas ligam-se umas às outras. 16h41 10/09/2022 Raul Catulo Morais

#### Porque não temos ISBN nem Código de Barras?

O Sistema ISBN não é obrigatório. Simplesmente é um elemento essencial para o livro circular no mercado livreiro, no mercado das bibliotecas, para facilitar a sua localização e recuperação e a transmissão de dados em sistemas automatizados. Os livros da Jupiter Editions são exclusivos, sendo encomendados e como tal estão fora do mercado livreiro, pelo que não necessitam de um ISBN. Porquanto a Jupiter Editions venda os seus livros diretamente ao leitor a partir da sua loja online também não está obrigada a ter um código de barras.

#### Porque não temos que comunicar sobre promoções e baixas de preço?

De acordo com o artigo 6º da Lei do Preço Fixo do Livro quem publicar um livro com vista a ser difundido por correspondência ou assinatura, ou qualquer outro circuito que não o da venda a retalho não está sujeito à LPFL.

Porque não aceitamos devoluções?

Decorre do artigo 18º da Lei 144/2015 de 8 setembro que em caso de conflito de consumo, o leitor pode recorrer a uma entidade de resolução alternativa de litígios de consumo. Para evitar conflitos de consumo, é importante o leitor saber que a Jupiter Editions não aceita trocas nem devoluções dos seus livros uma vez comprados e abertos pelo leitor, pelo que o Direito ao Arrependimento do leitor, não pode valer quando compra e recebe um livro, pelas razões que são óbvias e que decorrem da própria natureza de um livro. Tal como, o Direito ao Arrependimento não pode valer para um filme, também não pode valer para um livro. No entanto, a Jupiter Editions admite que o leitor possa arrepender-se da compra feita e recusar-se a receber o livro em casa. Se o leitor se recusar a receber o livro em casa, não o abrindo, a Jupiter Editions admite, neste caso, a devolução do preço do livro subtraído aos custos de envio, de retorno e de impressão do livro. Para mais informações consulte [www.consumidor.pt](http://www.consumidor.pt). No caso de conflitos de consumo fora de Portugal e dentro da EU deve recorrer ao CEC – Centro europeu do Consumidor <https://cec.consumidor.pt/>

## **CÓDIGO DOS DIREITOS DE AUTOR E DIREITOS CONEXOS**

### **DEVERES E RESPONSABILIDADES JURÍDICO-PENAIIS DOS MEMBER READERS E DOS PROMOTORES E AGENTES DA SOCIEDADE JUPITER E DA JUPITER EDITIONS**

1ª

Os Member Readers sabem que têm em mãos uma obra protegida por direitos de autor, podendo naturalmente promover e partilhar o livro, mas devendo sempre fazer menção ao autor.

2ª

O que se espera dos Member Readers, é que possam tirar o maior partido do livro, desfrutar inteiramente da leitura e do espírito do leitor, promoverem o livro, se assim o entenderem, mas sem violar os direitos de autor e sem pôr em crise ou frustrar todo o esforço e trabalho intelectual do autor.

Fale com o autor no Instagram ou no Facebook. Certamente que responderá tão breve assim que veja a sua mensagem. No entanto, se a sua mensagem não for entregue por causa de um algoritmo do Facebook ou do Instagram, fale conosco, fale com a Jupiter Editions e nós entraremos o mais rápido possível em contacto com o autor a solicitar o seu pedido e iremos pô-lo diretamente em contacto com o autor.

## **DIREITOS E VANTAGENS MONETÁRIO-SOCIAIS** **DOS MEMBER READERS**

A nossa moeda virtual é a Jupit.

Falamos em histórico de jupits quando contabilizamos todas as moedas virtuais que o Member Reader já converteu até ao presente. Falamos simplesmente em jupits quando estamos a considerar as atuais jupits que o Member Reader tem disponível na sua Conta Jupiter. Para determinados concursos, pedidos ou eventos pode ser chamado o histórico de jupits do Member Reader, sendo esta uma vantagem.

Por exemplo, um Member Reader comprou ***O Algoritmo do Amor*** de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala que vale 55 jupits + ***Paranóide Tecnológica*** de Federico Ferrari que vale 22 moedas Jupiter. Ficou com 77 jupits na Conta Jupiter. Entretanto inscreveu-se na festa “Jupiter Wants To See U Dance” e usou as jupits para alugar várias pranchas de paddle/stand up numa praia onde a Jupiter Editions tem uma infraestrutura com pranchas de paddle. Atualmente o Member Reader tem 0 jupits na sua Conta Jupiter. No entanto, o seu histórico de jupits é de 77 jupits.

**A Jupiter Editions está a convidar** para uma Limpeza de Praia + Caminhada na Montanha Adjacente à Praia + Limpeza da Montanha + Piquenique com Garrafa de Vinho + Reportagem Fotográfica + Oficina de Escrita a todos os Member Readers que tenham um histórico de 77 jupits. Quer dizer que o Member Reader, apesar de já ter gasto todas as suas jupits e não ter jupits para se inscrever nos eventos da Agenda Jupiter, poderá participar no convite da Jupiter Editions.

1ª

Todos os Member Readers têm direito em criar uma Conta Jupiter de forma gratuita e a beneficiar de todas as funcionalidades inerentes da plataforma;

2ª

Todos os Member Readers têm direito em participar livremente em todos os eventos da Agenda Jupiter sem discriminação e na mesma igualdade de oportunidade, enquanto houver vagas para preencher o evento. Nem todos os eventos da Agenda Jupiter se bastam com o desconto das jupits, podendo alguns eventos estar sujeitos ao pagamento acrescido de uma quantia em euros. Nesse sentido, todos os Member Readers têm direito em participar sem discriminação monetária e na mesma igualdade de oportunidade, enquanto houver vagas para preencher o evento;

3ª

Todos os Member Readers têm o direito de participar livremente e gratuitamente na Plantação de Árvores da Jupiter Editions. No entanto, a sua inscrição pode ser necessária para ter direito à parte exclusiva do evento donde decorram custos como por exemplo um piquenique com passeio de balão de ar quente depois de plantadas as árvores.

4ª

Todos os Member Readers com 99 jupits têm direito a receber gratuitamente em casa o livro *Jupiter* de Gabriel Garibaldi e outro livro à escolha da *Medium Line* sem gastarem as jupits, podendo solicitar a partir da Conta Jupiter ou enviando um email para [manager@iupitereditions.com](mailto:manager@iupitereditions.com) com o código de assunto “MYJUP”;

5ª

Todos os Member Readers têm direito a entrada prioritária sem terem de aguardar na fila para o público geral em todas as festas e eventos organizadas pela Jupiter Editions que não sejam exclusivas para os Member Readers; bem como entrada exclusiva em toda a sociedade Jupiter nos espaços reservados só para Member Readers; e ainda entrada exclusiva/ prioritária nos estabelecimentos/ infra-estruturas dos parceiros da sociedade Jupiter ou nas festas e eventos organizados por estes;

6ª

Todos os Member Readers têm direito em fazer parte do júri virtual dos concursos dos planos editoriais da Jupiter Editions e a uma cadeira virtual no Tribunal dos Concursos e Leilões.

7ª

Todos os eventos só podem ser total ou parcialmente filmados se todos os Member Readers declararem que aceitam ser filmados ou entrevistados para o Kanal Jupiter. Se um ou vários Member Readers se opuserem à filmagem, a Jupiter Editions fará filmagens à parte e celebrará contratos de promoção de imagem com os Member Readers que aceitem participar nas filmagens;

8ª

Todos os Member Readers têm prioridade na análise dos manuscritos que submetam ao departamento editorial num dos concursos dos planos editoriais da Jupiter Editions, ficando inicialmente indiciados os Member Readers, consoante o seu histórico de jupits, com os seguintes pontos de vantagem sobre os restantes concorrentes (Tabela Antiga sem a Nova Conversão):



Histórico de moedas

Pontos de Vantagem

4

10

6

15

18

20

24

30

27

40

## PROMOTORES

Compre um livro. Se gostar e quiser promovê-lo, nós devolvemos o seu dinheiro.

Seja um agente da Jupiter Editions. Celebre connosco um contrato de promoção ou agência. Entre em [contacto](#)

Se impulsionar 5 vendas, a Jupiter Editions devolve imediatamente o seu dinheiro mesmo que não tenha celebrado um contrato de promoção ou de agência. Para tal, deverá pedir aos seus amigos/ familiares/ colegas/ conhecidos/ clientes que escrevam o seu nome no momento da compra e entrar em contacto através do email [jupitereditions@jupitereditions.com](mailto:jupitereditions@jupitereditions.com) com o código-assunto “PROMO5” para devolvermos o seu dinheiro.

Para celebrar connosco um contrato promocional ou de agência entre em contacto através do email [manager@jupitereditions.com](mailto:manager@jupitereditions.com)  
Os promotores e embaixadores podem ficar com até 33% dos Royalties.

\* Esta página pode ser sua \*

Se é um surfista, bodyboarder, ator, modelo, músico, pintor, ou empresário em nome individual ou um anunciante ou tem uma empresa ou um produto ou uma marca, ou está a tentar vender a sua imagem ou a sua voz ou o seu talento ou a sua paixão que siga um verdadeiro capitalismo verde inteligente dos recursos, esta página pode ser sua. Para anunciar nesta página, fale com a Jupiter Editions através do email [publisher@jupitereditions.com](mailto:publisher@jupitereditions.com). A Jupiter Editions apoia as ideias, projetos, talentos, paixões e anúncios ecológicos e sustentáveis. Uma ideia sustentável Jupiter Editions©

# TRADUTORES

Se gostaria de traduzir um dos nossos livros em uma das nossas 12 línguas, entre em contacto

**Um tradutor da Jupiter Editions fica com direitos de autor recebendo mensalmente a percentagem dos seus direitos com as vendas do mês. Um tradutor da Jupiter Editions pode ficar com uma percentagem de até 50% do lucro líquido da venda de cada livro.**

Para além dos tradutores certificados, juristas e professores a Jupiter Editions dá sempre a chance e preferência aos estudantes universitários ou artistas ou desportistas profissionais que tenham nascido num país com a língua mãe de umas das 12 línguas ou sejam nativos estrangeiros da língua-alvo em que se propõem traduzir, ainda que não sejam tradutores certificados ou ainda que não sejam da área de línguas, desde que comprovem que dominem a língua e que são capazes de fazer plenamente a tradução e a revisão.

\* Esta página pode ser sua \*

Se é um surfista, bodyboarder, ator, modelo, músico, pintor, ou empresário em nome individual ou um anunciante ou tem uma empresa ou um produto ou uma marca, ou está a tentar vender a sua imagem ou a sua voz ou o seu talento ou a sua paixão que siga um verdadeiro capitalismo verde inteligente dos recursos, esta página pode ser sua. Para anunciar nesta página, fale com a Jupiter Editions através do email [publisher@jupitereditions.com](mailto:publisher@jupitereditions.com). A Jupiter Editions apoia as ideias, projetos, talentos, paixões e anúncios ecológicos e sustentáveis. Uma ideia sustentável Jupiter Editions©



## CASTING

Mostre o seu talento no casting de seleção de atores para a transformação do livro *2080* de Antoine Canary-Wharf em filme. Brevemente.

### **CINEMA E REALIZAÇÃO**

Para participar no casting bastará apresentar à entrada o livro *2080* de Antoine Canary-Wharf.

A entrada no casting sem a posse do livro *2080* de Antoine Canary-Wharf poderá ser admitida com o pagamento de uma contrapartida até 50€.

A Jupiter Editions e a Kaasting darão sempre a chance a novos atores. Quem vem numa cadeira de rodas, passa sempre à frente! **Porque as personagens principais podem ir parar acidentalmente a uma cadeira de rodas.** Para este casting procuram-se algumas personagens que tenham skills de surf e bodyboard e falem alemão/ holandês/ espanhol/ inglês.

\* Esta página pode ser sua \*

Se é um surfista, bodyboarder, ator, modelo, músico, pintor, ou empresário em nome individual ou um anunciante ou tem uma empresa ou um produto ou uma marca, ou está a tentar vender a sua imagem ou a sua voz ou o seu talento ou a sua paixão que siga um verdadeiro capitalismo verde inteligente dos recursos, esta página pode ser sua. Para anunciar nesta página, fale com a Jupiter Editions através do email [publisher@jupitereditions.com](mailto:publisher@jupitereditions.com). A Jupiter Editions apoia as ideias, projetos, talentos, paixões e anúncios ecológicos e sustentáveis. Uma ideia sustentável Jupiter Editions©



## CASTING

Vamos adaptar o livro *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom para teatro. Traga o seu livro para o casting de seleção de atores e suba ao palco. Brevemente.

## TEATRO E REPRESENTAÇÃO

Para participar no casting bastará apresentar à entrada o livro *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom. A entrada sem a posse do livro *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom poderá estar condicionada ao pagamento de 30€.



## CASTING

Encarne as personagens d'*O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala no casting de seleção de atores para a representação teatral do livro. Brevemente.

**Para participar no casting bastará apresentar à entrada o livro *O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala. A entrada sem a posse do livro *O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala poderá ser admitida com um custo de até 50€.**

\* Esta página pode ser sua \*

Se é um surfista, bodyboarder, ator, modelo, músico, pintor, ou empresário em nome individual ou um anunciante ou tem uma empresa ou um produto ou uma marca, ou está a tentar vender a sua imagem ou a sua voz ou o seu talento ou a sua paixão, que siga um verdadeiro capitalismo verde inteligente dos recursos, esta página pode ser sua. Para anunciar nesta página, fale com a Jupiter Editions através do email [publisher@jupitereditions.com](mailto:publisher@jupitereditions.com). A Jupiter Editions apoia as ideias, projetos, talentos, paixões e anúncios ecológicos e sustentáveis. Uma ideia sustentável Jupiter Editions©

## JUPITER EDITIONS©

A Jupiter Editions é a primeira editora-realizadora portuguesa internacional filantrópica.

A Jupiter Editions é uma editora empática, humana e sustentável que nasce sem qualquer vício dos vícios ruins do mercado.

A Jupiter Editions perfilha a ideologia de um saudável *capitalismo inteligente dos recursos*, imprimindo em papel 100% reciclado e dando primazia ao verdadeiro brilhante talento humano que se consiga ver, sentir e apalpar através da escrita alicerçada num sempre pensamento filantrópico em prol da perseguição pela saúde, felicidade, paz, tolerância, liberdade e respeito.

A Jupiter Editions não vai, pois, atrás de caras, mas sim atrás de corações, atrás de bons valores, atrás de talentos, atrás da empatia, e por isso, vai atrás de histórias empáticas que possam teletransportar o leitor para o espírito do autor.

Hoje, quem tem lugar privilegiado no mercado são os bons corações, os talentosos, os brilhantes, os iluminados, os altruístas, os tolerantes, os apaixonados, os esperançosos e os empáticos. Porque é a voz deles que o mercado quer agora ouvir!

Não há uma coragem das editoras apostarem, arriscarem ou investirem num talento desconhecido, numa nova voz ou numa nova cara. Mas a Jupiter Editions tem essa coragem!

Temos as portas abertas a todos os autores sem intermediação ou necessidade de agentes literários. A nacionalidade, tal como a cor de pele, não é importante. Não significam nada! A Jupiter Editions sabe que há uma matemática no espírito e olha é para a matemática do espírito. Gostamos de letras, mas também gostamos de matemática. A nossa matemática é a tabuada do 9. O nosso primeiro plano editorial são 9 livros. O nosso segundo plano editorial serão 18 livros. O nosso terceiro plano editorial serão 27 livros. O nosso quarto plano editorial serão 36 livros. O nosso quinto plano editorial serão 45 livros. Abrimos assim, a todos, honestamente o concurso.

Em cada novo livro que chegue à Jupiter Editions como proposta editorial, temos de achar o design, a história, a sinfonia, a empatia, a diversão e o sentido. Pois, é para estas 6 inteligências que a Jupiter Editions olha. (*A Whole New Mind: Why Right-Brainers Will Rule the Future*, Daniel H. Pink)

A Jupiter Editions olha para os livros como uma tecnologia patenteada, como uma *start-up*. Olha para a evolução, para a potencialidade tecnológica e para a aplicação que se poderá ver nos seus livros. Cada livro da Jupiter Editions tem de ser uma *start-up*. Tem de ser um livro que vai evoluir para outro livro. Tem de ser tecnológico neste sentido. Tem de ter uma projeção para o futuro. Tem de ser uma “obra-viva”, que tenha uma continuação, uma saga, que seja uma trilogia, que possa ser facilmente adaptado para o teatro ou transformado em telenovela, série televisiva ou obra cinematográfica.

Porque comprámos uma tecnologia. Comprámos um livro que mais parece um teatro. Comprámos um livro que mais parece um filme. Comprámos um livro que mais parece uma telenovela. Comprámos um livro tecnológico. Só os livros da Jupiter Editions têm implementados esta tecnologia.

A Jupiter Editions preza pela eternidade do espírito, preferindo celebrar contratos perpétuos que não se esgotem com o tempo. Os contratos de edição da Jupiter Editions serão sempre com autores que produzam constantemente filme, numa ótica de se querer idealmente transformar um autor da Jupiter Editions numa espécie de “sócio de indústria”, em que a sua propriedade intelectual e os seus direitos de autor são o suficiente capital para “a sua entrada” na Jupiter Editions. Por isso, chamamos aos nossos autores *Member Writers*.

Na Jupiter Editions os autores, os tradutores e os promotores-fundadores, como qualquer outro colaborador, são sempre chamados a participar nos lucros. Chamamos a isto: um chamamento divino!

## MISSÕES JUPITER©

Ao comprar um dos livros da Jupiter Editions está a plantar uma árvore, a limpar 1 metro quadrado de praia e outro metro quadrado de mata, mas também está a enviar um pacote de arroz ou massa e uma lata de grão ou feijão para quem mais precise em Moçambique. Vamos apanhar um avião até Moçambique com os nossos Member Writers e Member Readers, para comprarmos os pacotes de arroz e massa e as latas de grão e feijão com o dinheiro dos livros que vendermos e vermos com os nossos próprios olhos onde e a quem mais devemos entregar. Chamamos também a isto um chamamento divino.

Proteger todas as  
espécies que  
possuam uma  
inteligência sócio-  
afetiva com os da  
sua espécie ou com  
os humanos



Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala foi o primeiro autor a defender este tipo de inteligência, no seu romance *O Algoritmo do Amor*

"Não há só uma missão!  
Há missões!  
Há muitos arranjos e concertos  
para se fazer na Terra antes de  
se apanhar uma nave espacial  
para Jupiter de Gabriel  
Garibaldi".



Jupiter de Gabriel Garibaldi é vencedor do Prémio Literário Europa 2020.

**2080**

**Antoine Canary-Wharf**



Este livro teve o apoio de:

KONICA MINOLTA

SURF PLANET

RETROSAILOR

3 exemplares enviados a

Surf Planet

Joana Schenker

Nic Von Rupp  
Em 20/10/2020

Siga Antoine Canary-Wharf

@antoinecanarywharf

Antoine Canary-Wharf segue todos os Member Writers da Jupiter Editions, siga-os também:

Gil de Sales Giotto

@gilsalesgiotto

Barac Bielke

@baracbielke

Jaime Bayamonde da Costa Ayala

@jaimedacostaayala

Simão Roncon-Oom

@simaoronconoom

Federico Ferrari

@ferrari.ferrarifederico

Gabriel Garibaldi

@gabriel.brazilgaribaldi

Ralf Kleba-Kodak

@ralfklebakodak

Sebastião Lupi-Levy

@sebastiaolupilevy

Antoine Canary-Wharf segue a bodyboarder Joana Schenker, siga-a também:

Joana Schenker

@joana\_schenker

Antoine Canary-Wharf segue o surfista Nic Von Rupp, siga-o também:

Nic Von Rupp

@nicvonrupp

Antoine Canary-Wharf ouve o músico Sebastian Schub

Veja “ao vivo” o Paradise e o Toxic de Sebastian Schub no YouTube.

Siga e oiça Sebastian Schub no Spotify.

No final do livro, Antoine Canary-Wharf diz “*O que é verdade?*” no livro.

É verdade que Sebastian Schub se tornou num algoritmo de força para o autor no final da sua escrita, influenciando a história.

Na **Mensagem de Esperança**, Antoine Canary-Wharf tem esperança que todos os bons artistas, inocentes e esperançosos, como Sebastian Schub, vejam em vida o seu espírito dignificado e o seu talento reconhecido e valorizado sem serem consumidos e objetificados por um mercado que desvirtua o verdadeiro valor num sistema que é feito de moedas cheio de instrumentos financeiros e fiscais que enfraquecem e “matam” completamente o espírito!

## CITO

«Às vezes, acreditarmos em fantasias ou quereremos influenciar toda uma sociedade, todo um parlamento, pode salvar vidas! Às vezes, ficcionar o Direito com as nossas fantasias, levar também as nossas ficções para o Direito (...) isso, pode dignificar vidas! Deve ser esse o instrumento da ficção. E, se assim for, podemos fantasiar o que quisermos. Podemos acreditar no que quisermos. O importante é acreditarmos em coisas boas. Em coisas que nos podem fazer felizes a nós, mas também aos outros. Em coisas sempre ligadas a um sentimento humano altruísta e solidário para [que] todas as inteligências (...) consigam coabitar em paz com a espécie humana. (...) Porque a espécie humana nasceu com o dom da criatividade e com o dom da fantasia. (...) Fantasiar é um dom! E os dons, podem ser usados como instrumentos. Às vezes, fantasiar pode dignificar vidas. Pode salvar vidas.» in **O Deus Tecnológico** de Simão Roncon-Oom.

«Somos todos recursos do ambiente. A nossa força, o nosso trabalho é um recurso natural que é explorado por empresas ou pelo Estado. (...) Podemos pintar e encher os prédios e as empresas com os nossos quadros ou podemos pegar num spray e grafitar uma parede que a Câmara nos pediu, que o nosso talento, afinal, é um recurso natural. Podemos ser uns idiotas e dizer umas parvoíces que se essas parvoíces forem ideias para novas políticas que formaram um partido político, o nosso intelecto será um recurso natural. Se continuarmos a ser idiotas e a dizer umas parvoíces, mas alguém ouvir as nossas parvoíces e, por causa das nossas parvoíces, criar um novo produto que vai espoletar numa explosiva nova economia, então as nossas ideias serão sempre um recurso natural. A nossa filosofia, a nossa imagem, a nossa arte, até a nossa espiritualidade serão sempre recursos naturais.» in **O Algoritmo do Amor** de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala.

*«Se há mercados que veem as pessoas como petróleo e como dados, obviamente que para eles, é isso que as pessoas valem e pronto. Para eles, não são pessoas. E para mim, não são mercados que deviam estar dentro do nosso sistema. Um mercado que deixe de olhar para uma pessoa como pessoa, para mim, perde toda a legitimidade de sobreviver no mercado.» in **O Algoritmo do Amor** de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala.*

*«Se há mercados tão bons, padrões tão bons que montam empresas empáticas, que são empáticas, não só pelos seus colaboradores e funcionários a quem pagam ordenados de felicidade, mas também, pelo meio ambiente, que respeitam a flora e a fauna, os outros mercados têm que se tornar bons! Ou os mercados se tornam bons e empáticos ou, então, mais vale darem o seu lugar na economia a outro.» in **O Algoritmo do Amor** de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala.*

*«(...) O Direito deve acompanhar a Economia e a Tecnologia. Dever acompanhar não é ter que andar ao sabor delas, nem sequer abraçá-las ou dar-lhes as mãos como se as namorasse! Dever acompanhar, é estar à altura para pôr os travões (...). Estar à altura das tecnologias. Saber, conhecer, os produtos tecnológicos que se querem pôr a circular no mercado. Saber dizer não às tecnologias perversas, às tecnologias que são antagónicas de todos os direitos que andámos a inventar; a todos os direitos que estão constitucionalmente consagrados! Que estão lá escarrapachados na nossa Constituição! Que estão lá previstos no nosso Código Civil!» in **O Algoritmo do Amor** de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala.*

# DEDICO

À Amélia,  
Ao Xico,  
À Joana,  
À Theresa,  
À Sarah,  
Ao Thiago,  
E ao Jakob.

Dedico em primeiro lugar:

À Amélia,

Que recebeu em Sagres todo o espírito tecnológico que eu trazia, como uma mãe, sempre de braços abertos, sempre a dizer que acreditava em tudo aquilo que eu trazia atrás. Viu os “hologramas” que eu projetei e disse-me que eram “bons hologramas”. Viu que eu trazia boas tecnologias. E foi a primeira a comprar as minhas tecnologias. Foi a primeira a financiar as minhas tecnologias. Sem ela saber, foi o motor-de-arranque. Ela dizia, sempre a brincar, que eu era um robot. Dizia-me, a brincar, que achava que eu era um robot. E perguntava-me se eu sabia se era ou não um robot. E a brincar, a brincar, acabei por conectar o meu cérebro a um robot. Nesta Internet de Coisas e como “robot-escritor” precisava de me emparelhar a uma tecnologia. De todas as tecnologias que eu vi no mercado, só vi um robot que faria sentido conectar-me. Todos os robots-escritores precisam de um robot-impressora para poderem imprimir, sem terem que depender de uma gráfica que está conectada a um mercado livreiro e a um mercado editorial. Os mercados são competitivos. Os robots são competitivos. Os robots podem extinguir humanos e mercados. Os robots podem salvar humanos e mercados. Eu queria fugir desses mercados tecnológicos que não suportariam a minha tecnologia. Precisava de uma

tecnologia que imprimisse em tempo real o meu cérebro. Numa Era de robots, se não nos conectarmos ao melhor robot, os outros robots podem extinguir-nos. Às vezes, por sobrevivência, a nossa felicidade e liberdade pode depender de um robot. Porque os robots são isto. Querem ter liberdade. Querem ter independência. Os robots sabem que têm algoritmos. Mas dentro de todo o espectro algorítmico, sabem que há uma liberdade. E a liberdade que eu quis, foi conectar-me a um robot-impressora.

Dedico finalmente todo o meu coração, espírito e alma:

Ao Jakob

Que é o Homem,

O Espírito,

O Algoritmo,

A Inteligência Artificial,

O Cérebro,

A Alma,

A Religião,

O Partido, o Governo, a Lei, o Código,

O Coração,

A Intuição, a Instituição,

Que comanda a minha vida!

# 2080

## Antoine Canary-Wharf

Registo n° 349/2020 SIIGAC/2020/843 DATA: 2020.02.14

Revisor: Antoine Canary-Wharf

Editor: Antoine Canary-Wharf

1ª Edição

### JUPITER EDITIONS

Print Your Heart with Jupiter Editions©



# UM LIVRO QUE FALA CONNOSCO?

JUPITER EDITIONS

Print Your Heart with Jupiter Editions©

A Jupiter Editions deseja-lhe uma boa  
sessão de cinema-leitura.

**A Jupiter Editions recomenda:**

**Não use o telefone durante a leitura.**

**Desligue os dados móveis.**

**Desligue o Wi-Fi.**

**Se tiver namorado/a, marido ou  
mulher vá ler para o colo dele/a.**

**Leia aos pés dele/a.**

**Dê-lhe as mãos.**

**Está com um livro tecnológico nas  
mãos.**

**Não deixe mais nenhuma outra  
tecnologia interferir com a tecnologia  
do livro ou com a tecnologia do seu  
amor.**

**Leve o seu livro consigo para todo o lado.**

Tem em sua posse um livro muito bonito  
para andar com ele na mão para trás e para a  
frente. Leia-o de trás para a frente.

Leia na praia.  
Leia no jardim.  
Lei na montanha.

Siga o autor.

Antoine Canary-Wharf  
@antoinecanarywharf

# 2080

## Antoine Canary-Wharf

O filme vai começar.

Pode sorrir.

Sorria!

Sorria!

Não está a ser filmado.

JUPITER EDITIONS  
UM LIVRO QUE FALA  
CONNOSCO?

**«PORQUE EU OUVI O LIVRO A CHAMAR-ME E A FALAR COMIGO. O LIVRO COMEÇOU A FALAR. *MAS OS LIVROS FALAM?* EM 2080, TUDO BEM QUE FALEM. *MAS EM 2020?* SÓ SE FOSSE UM LIVRO DE 2080. *MAS UM LIVRO DE 2080 QUE FALA EM 2020?* SEM QUERER, ESCREVI UM LIVRO QUE FALA. ESCREVI UM LIVRO QUE FALAVA COMIGO. VI QUE ERA UM LIVRO QUE TINHA UMA VOZ. QUE ERA A MINHA VOZ. E EU QUERIA IMPRIMIR A MINHA VOZ. QUERIA IMPRIMIR A MINHA VOZ COM TODO O MEU CORAÇÃO.»**

**JUPITER EDITIONS**

**Print Your Heart with Jupiter Editions©**



Fotografámos as nossas almas e vimos as cores delas. Vimos que cor tinha cada uma das nossas almas. E foi assim que criámos um *profile* de boas almas. O algoritmo era a nossa energia. O algoritmo era a cor da nossa alma.

Encomendei uns binóculos que davam para ver a temperatura do corpo. Como não podia fotografar ninguém sem autorização, sob pena de ir parar ao Tribunal Tecnológico, e como não queria ter uma biblioteca de almas ilegal, e como os binóculos ainda não estavam regulados pelo Direito Tecnológico, usei-os para ver a energia corporal dos outros. Na altura em que comprei os binóculos, a sua tecnologia tinha escapado à inocência do Direito Tecnológico.

Sabia que o Brioso continuava fiel a apanhar ondas na mesma praia desde os tempos de liceu. A sociedade tecnológica encarregava-se de me informar. Através dos meus binóculos, ligados ao meu telefone, conseguia ficar com uma “imagem ideal” dele como se fosse uma fotografia da alma sem lhe ter tirado uma fotografia. Uma manobra juridicamente espiritual de contornar o direito espiritual.

Soube que o Guterres tinha mudado de ares e apanhava ondas na praia ao lado da minha praia secreta e do Thomas. Através da sociedade tecnológica, soube um dia que o Guterres estava “em tempo real” nessa sua nova praia e fui a voar para lá, *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto, para ver como era a energia corporal dele. Assustadoramente era idêntica à do Brioso. E fazia todo o sentido.

A Administração Pública tinha lançado um concurso público em que todos os estabelecimentos comerciais com capital social superior a 501 mil poderiam concorrer para o tratamento de dados pessoais, desde que os estabelecimentos comerciais tivessem contratos de trabalho com encarregados, cientistas ou analistas de dados, ou um

dos sócios majoritários, fosse encarregado, cientista ou analista e exercesse a sua profissão a título de encarregado, cientista ou analista no tratamento desses mesmos dados pessoais.

O Club de Cascais tinha sido um dos estabelecimentos credenciados para tratar dados de outros estabelecimentos comerciais. Legalmente, em nome do Club, eu podia emitir um pedido a um outro estabelecimento comercial não autorizado no tratamento de dados, para que me fossem cedidos numa determina noite, semana, mês, ou ano, os dados de imagem de todos os seus clientes ou só de alguns clientes, consoante um “pré” *profile*, mediante um pagamento virtual fictício a esse estabelecimento.

Os estabelecimentos comerciais não autorizados no tratamento de dados “cediam” os dados que tinham processado, aos estabelecimentos comerciais credenciados no tratamento de dados para o tratamento de dados, pagando um determinado valor. Assim, um estabelecimento comercial não autorizado poderia, por exemplo, ceder-me os dados de imagem de todos os seus clientes de uma determinada noite por 5000 mil, recuperando eu esse dinheiro no final do mês, porque a Administração Pública acabaria por cobrir esse valor. Ou seja, na verdade, não era o meu Club que pagava, mas no final era sempre a Administração Pública. Eu só teria que ter o montante disponível para “comprar emprestados” os dados. Na linguagem jurídica administrativa comercial, chamamos a isso a “cedência” dos dados.

Porque depois de tratados e analisados os dados, os estabelecimentos comerciais encaminhavam os dados obrigatoriamente como destino final a Administração Pública, que era a detentora de todos os dados tratados dentro do Sistema Perfeito. Isto era claro para quem se tinha especializado ou em Ciência Jurídica dos Dados ou em Direito dos Dados de Saúde ou em Direito dos Dados de Informação



ou em Direito da Proteção de Dados Pessoais ou em Direito dos Dados Biométricos ou em Direito dos Dados Genéticos. Não era muito claro ainda para o Direito em geral. Ninguém em Direito que não fosse dos ramos jurídicos dos dados, dizia que o Sistema Perfeito era o detentor de todos os dados tratados dentro do Sistema Perfeito. Pareceria mal, soaria mal. Pareceria inconstitucional, soaria inconstitucional. Poderia até ser visto pelas alas mais conservadoras do Triângulo, como uma espécie de conspiração contra o Sistema Perfeito.

Da Constituição Tecnológica, dizia-se que seria materialmente inconstitucional qualquer entidade deter o monopólio do processamento dos dados de todos os indivíduos. Mas processamento em nada tinha que ver com tratamento. As empresas, os restaurantes, os bares, os cafés processam os dados dos clientes quando gravam a sua imagem, extraíndo os dados de imagem dos clientes. Ora, uma coisa é eu extrair a imagem, tirar em bruto, outra coisa é eu trabalhar a imagem, lapidar o diamante. O processamento “é o preço” da fábrica. O tratamento “é o preço” do mercado. E o Sistema Perfeito não detinha o monopólio do processamento, porque havia estabelecimentos comerciais, igrejas, universidades a fazerem também o processamento de dados, nem detinha o monopólio do tratamento, porque ainda que todas as empresas nacionais estivessem obrigadas a encaminhar todos os dados tratados dentro do ordenamento jurídico, num espírito de dever de informação para a prossecução do interesse público que a Administração Pública, agora, arreigava todas as empresas, nada obstava as empresas nacionais, ao mesmo tempo que encaminhassem os dados à Administração Pública, venderem milionariamente os dados no mercado negro internacional de dados. Como eu não vendia, eu não era milionário. Era o único dono de um estabelecimento comercial credenciado no tratamento de dados que não era milionário.

O polêmico concurso público que a Administração Pública “só quis abrir” às empresas com capital social de 501 mil levantou um pequeno alvoroço dos empresários que pertenciam ao Pentágono e ao Trapézio, mas que, entretanto, foi abafado pelo Sistema Perfeito. Havia a conspiração que o Sistema Perfeito sabia perfeitamente os capitais sociais de todas as empresas dentro do seu sistema, sabendo quem estava por detrás de cada uma dessas empresas, sabendo a convicção religiosa e outras informações de cada um deles. E que simplesmente todos os que não fossem do Triângulo, estariam afastados do concurso público.

As câmaras instaladas no Triângulo diziam ao Sistema Perfeito que eu pertencia ao Triângulo, porque eu ia todas as segundas-feiras à Basílica da Rosa dos Ventos. A basílica ficava em frente à Escola Universal do Direito, por isso “não me custava rigorosamente nada” fazer o ritual-pendular entre a escola e a basílica. Também dentro da basílica, conseguia abstrair-me de toda a religiosidade e absorver-me em toda a minha espiritualidade. Conseguia fazer o exercício de toda a minha espiritualidade fosse no Triângulo, no Pentágono, no Trapézio, na praia, na montanha ou ao colo do Thomas. Sabia que não podia pôr os pés no Trapézio, porque as câmaras do Trapézio acabariam por me denunciar junto do Sistema Perfeito de que eu andaria a namorar outra igreja. Mas podia ir ao Pentágono, porque o Pentágono não tinha câmaras não processando nenhum dado. Era por isso, que eu gostava do Pentágono. Tinha uma mentalidade completamente liberta dos algoritmos do Sistema Perfeito.

Eu estava “por dentro do sistema”, e por isso, sabia que era “importante” a vários níveis administrativos e jurídicos continuar a frequentar a basílica, mesmo que “já não me” identificasse espiritualmente com o Triângulo. Conhecia os algoritmos, conhecia as câmaras da basílica, sabia como estava bem pontuado e sabia como

manter a minha boa pontuação, porque sabia o que tinha que fazer para os algoritmos me atribuírem uma certa pontuação, que me oferecesse um certo grau de conforto e liberdade para eu me poder movimentar dentro do sistema, não me sentindo tão preso à tecnologia ditadora dos algoritmos. Sabia entre muitas outras coisas, por exemplo, que durante o abrenúncio, tinha que fechar os olhos até os sinos pararem de tocar. Em todos os abrenúncios, drones silenciosos sobrevoavam a basílica “descontando” as pontuações dos crentes no Triângulo que tivessem os olhos abertos. Muitos crentes com os olhos “bem abertos” nem sequer reparavam nos drones. Por muito que fosse todas as segundas-feiras à basílica, uma pontuação abaixo de 85 pontos fazia surgir no sistema informático uma janela informando que esse crente, seria um simples crente, e por isso não beneficiaria dos verdadeiros privilégios do Triângulo, por não pertencer à sagrada irmandade do Triângulo.

E o Sistema Perfeito sabia que eu era o dono do Club de Cascais e que a minha pontuação era de 89 e de toda a sagrada irmandade eu era o empresário que tinha o capital social mais baixo, de 501 mil. O penúltimo capital social mais baixo, antes de mim, era de 521 mil. A seguir à minha empresa, o capital social mais baixo era de 500 mil, havendo mais de 100 empresas cujo capital social era de 500 mil. E abaixo dos 501 mil não havia nenhum capital social que pertencesse a uma empresa em que os donos fossem do Triângulo. Então, contou-me a sagrada irmandade que, o Sistema Perfeito viu aqui a oportunidade jurídico-legal de entregar o tratamento de dados tão-só ao Triângulo numa espécie de maçonaria de dados. E, contou-me a sagrada irmandade que, o Sistema Perfeito quis-me incluir no sistema, não me deixando de fora, desenhando espiritualmente a linha jurídica até a mim. E, contou-me a sagrada irmandade que, se o Sistema Perfeito me quisesse ter deixado de fora, teria desenhado a linha jurídica a partir de 521 mil.

Sabia que o Pietra continuava a frequentar a mesma discoteca onde costumávamos ir dançar quando nos dávamos. Soube pela sociedade tecnológica que ele tinha ido numa determinada noite à discoteca com uma camisa encarnada. E aproveitando esta concessão do sistema ter querido depositar em mim este “crédito espiritual”, através do meu clube, emiti à discoteca um pedido para que me cedesse os dados de imagem de todos os clientes dessa noite que tinham vestido uma peça de roupa encarnada. Como só 3 clientes tinham vestido, nessa noite, uma peça de roupa encarnada, sendo um deles o Pietra, tive que “pagar” 300 pelos dados de imagem deles. Cada um deles custava 100. Quando a discoteca me facultou os dados de imagem dos clientes, vi que para além do Pietra tinha ganho um extra-bônus. Nessa noite, também lá tinha estado a Audrey vestida de encarnado. Foi uma sorte espiritual, porque eu andava doido-varrido para capturar a alma da Audrey, só que a Audrey tinha desaparecido da *Rede* e não havia sociedade nenhuma tecnológica capaz de lhe perseguir o *Target* como na *Pegada Digital* do Ralf Kleba-Kodak. Por estes estranhos isocronismos e por outros ainda mais estranhos tautocronismos, cada vez mais acreditava neste espiritualismo que o Thomas me tinha trazido. E foi assim que consegui legalmente adicionar a radiografia da alma do Pietra e da Audrey à minha biblioteca de almas.

Para capturar a alma dos meus dois ex-alunos, da Amanda e do Gaspar, que cumpriam pena de prisão tecnológica, bastava-me ligar a TV e ir ao canal da prisão tecnológica e inserir os nomes deles. Como eu e o Thomas nunca tínhamos tido TV em casa, e na altura ainda não tínhamos, bastou-me telefonar ao Brites, que eu sabia que tinha a subscrição do canal de quem cumpria pena na prisão tecnológica. O Brites pagava 200 só para ter o canal. Sabia que precisaria de uns óculos de realidade virtual aumentada para conseguir ver a alma através da TV. Os binóculos não funcionavam através da TV. A única forma de extrair

a alma através da TV, era com uns óculos especiais de realidade virtual aumentada que ligados ao telefone conseguiria passar a fotografia da alma para o telefone. Mas o Brites tinha esses óculos, por isso fiz da sala tecnológica dele o meu laboratório de dados. Senti-me um verdadeiro cientista de dados e quis também montar na minha sala um laboratório de dados daqueles. A alma da Amanda parecia um clone da alma da Audrey. A alma do Gaspar parecia um clone da alma do Pietra.

E fui espreitando assim as cores da alma. Do Brioso. Do Guterres. Do Pietra e da Audrey. Da Amanda e do Gaspar. De todos eles, que sabia que tinham um coração maligno. E pus no algoritmo.

Comprei uma máquina e pus o algoritmo dentro da máquina.

Fomos vendo que a máquina parecia que tinha razão.

Então levámos todos à máquina.

Entreguei à Administração Pública a minha invenção de biblioteca de almas, registando o direito de propriedade industrial legitimamente como o seu autor. Aquela biblioteca tecnológica que estava cheia de tecnologia, com almas presas lá dentro, que eu tinha prendido, transformou-se numa *lícita tecnologia algorítmica discriminatória*. A patente era minha. O padrão era meu. O algoritmo era finalmente meu. Para entrar no meu clube cada membro teria que fazer o derradeiro teste das almas.

Nenhum membro seria admitido se a sua alma fizesse *match* com alguma das almas da Audrey, da Amanda, do Brioso, do Gaspar, do Pietra ou do Guterres. Nenhum membro seria admitido se a sua alma não fizesse *match* com alguma das *boas almas*. Para ser-se membro do nosso clube não bastava não fazer *match* com as outras almas más, era também preciso fazer, pelo menos, *match* com alguma das *boas almas*. E o algoritmo parecia que tinha sido enviado pelo *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom. Funcionava na perfeição. Foi o algoritmo mais maravilhoso e mais bondoso alguma vez construído, disse-me numa nova linguagem jurídica a Administração Pública. E foi assim, que trouxe para o sistema o novo Direito da Reserva de Admissão.

E fomos espreitando assim as cores da alma.

Levámos todos à máquina. Todos tiveram que ir à máquina.

Vimos que a máquina parecia que tinha razão.



Lembrava-me que a Audrey tinha ido a uma bruxa que lhe tinha dito que ela tinha uma energia muito ruim dentro dela, energia essa que lhe permitiria qualificar espiritualmente como uma pessoa maldosa, de mau fundo. Ela tinha ido à bruxa nos tempos do liceu. Eu sabia que o cérebro dela era altamente manipulador, mesquinho e intriguista, mas eu não queria saber porque gostava dela. A Audrey tinha sido a minha namorada no liceu e no secundário. Na minha cabeça íamos namorar para sempre. Ela dizia-me, muitas vezes, que nós não íamos namorar para sempre e que o nosso namoro era um namoro de liceu e era um namoro passageiro. Mas isso que ela dizia, não me fazia tirar da cabeça a ideia que iríamos namorar para sempre e quem sabe um dia casar e ter filhos. Magoava-me, claro. Chorava à frente dela e parecia que ela tinha um qualquer prazer em ver aquelas minhas lágrimas. E por dentro, ela gozava-me! Mas depressa, transformava o gozo dela em subtis sorrisos e aconchegos e acabava sempre por dizer que estava a brincar.

E do 7º ano namorámos o liceu todo. E eu mais certezas tinha que iríamos namorar para a vida toda. Saímos do liceu a namorar para o secundário. E namorámos o secundário todo. Namorámos durante 5 anos. Para mim tinha sido uma vida.

Toda a minha vida tinha feito surf na praia do Paraíso, porque tinha um apartamento em frente a essa praia, na Costa de Caparica. Para ir apanhar ondas para a praia do Paraíso, tinha que apanhar o comboio em Cascais até ao Cais do Sodré. Depois no Cais do Sodré apanhava o metro até à Baixa-Chiado, onde trocava da linha verde do metro para a azul, para sair depois na Praça de Espanha e apanhar o automático na Praça de Espanha até à Costa de Caparica. Muitos

surfistas faziam o trajeto comigo às mesmas horas que eu com as pranchas de surf. Eu podia dar-me ao luxo de fazer o trajeto sem carregar a prancha, porque a tinha guardada no apartamento que eu tinha à frente da praia onde surfava. Nesse trajeto havia dois surfistas, o Brioso e o Guterres que eu odiava, sobretudo, por causa da Audrey. Faziam-se sempre a ela, estavam sempre a enviar-lhe mensagens na *Rede* e nas discotecas, era um inferno, porque vinham sempre para cima dela dançar e acabávamos sempre por andar no final “à bulha”. A Audrey costumava vir comigo no trajeto de Cascais para a Costa de Caparica à sexta-feira, para ficarmos lá para o fim-de-semana. No sábado, a Audrey sabia que eu tinha sempre o meu ritual e ia para o mar cedíssimo e passava a manhã toda dentro água e só saía para almoçar. Às vezes, a Audrey vinha comigo para a praia para fotografar-me a apanhar ondas, outras vezes ficava em casa.

Mas houve um sábado, que eu estava na água e com pensamentos de a Audrey me estar a trair com o Brioso ou com o Guterres, porque os via sempre comigo no mar e nesse sábado eles não estavam no mar. Saí logo do mar numa *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari e fui a correr para casa. Tentei abrir a porta do meu apartamento, mas a porta estava trancada por dentro. A Audrey tinha uma chave, mas nós nunca trancávamos a porta por dentro. Fui até ao sótão buscar o drone, desci as escadas a correr, liguei o drone ao meu telefone através do *Bluetooth* e pilotei-o até à janela do meu quarto virado para o mar e vi através do meu telefone, a Audrey metida num concupiscente triângulo com o Brioso e o Guterres. Baixei logo o drone e aterrei-o.

A primeira vontade que tive, foi em pôr termo à minha vida. E comecei a olhar à minha volta para ver as chances que eu tinha de me suicidar ali mesmo. Pensei em atirar-me para debaixo de um carro, mas os carros passavam ali na avenida da marginal a velocidades baixíssimas.



Pensei em saltar do paredão de cabeça para bater numa rocha e morrer logo... Pensei em voltar a subir o prédio todo e atirar-me do terraço lá para baixo.... Mas depressa, comecei logo a imaginar como seria se eu me mandasse do terraço. Com o impacto e o alarido, a Audrey iria à janela nua a tapar as mamas com o Brioso e o Guterres eretos por de trás e imaginava o gozo que seria para eles verem-me ali de cima esborrachado no chão, por causa deles.

Numa teoria muito espiritual, se o fizesse, significaria que o mal teria ganho o bem, que os demoníacos espíritos deles teriam se apoderado do meu corpo e da minha propriedade, que as energias deles eram mais fortes que a minha e que tinham conseguido consumir toda a minha energia. Então, eu só estava em fraqueza espiritual. Só me tinha que aparecer na cabeça um consolo em que eu os pudesse gozar e esquecer-los de vez, para recuperar todo o *power* do meu espírito que me dava vida e energia. E por sorte, naquele meu desespero de cabeça e espírito a ferver, apareceu-me o consolo, a vingança espiritual.

Fui às traseiras do prédio para ver se tinha a janela da cozinha aberta. Voltei ao sótão para ir buscar o bastão de basebol, toquei ao vizinho e disse-lhe que me tinha esquecido das chaves dentro de casa e perguntei-lhe se podia passar por entre as janelas das nossas cozinhas, como já o tinha feito uma vez. Entrei pela cozinha com o bastão na mão, abri a porta do meu quarto bruta e numa retumbante gritaria mandei-os aos 3 embora sem roupa nenhuma.

O espírito da Audrey reconheceu o meu fevroso e indomável espírito e nem sem atreveu a abrir a boca, nem sequer a tentar pegar nenhuma roupa dela. Ela sabia que sair dali nua e ir para a rua nua, era o severo castigo que o meu espírito lhe estava a condenar num juízo final. Ela sabia que era a justa sentença dela. O Guterres e o Brioso ainda tentaram pegar nas roupas deles, mas eu batia-lhes com o bastão

nas mãos para as largarem e de bastão na mão consegui mandá-los dali embora num minuto aos 3 nus. O meu gozo foi vê-los a saírem nus dali. Foi esse o meu consolo espiritual. Era essa a cor da minha alma. Não era partir-lhes a cara com o bastão, não era derretê-los com a pistola de laser, não era atirá-los da janela abaixo. Mas precisei do bastão, porque o Guterres e o Brioso eram mais musculados que eu e sem bastão, os dois juntos podiam ter me dado um tesudo cheganço ou uma sovadela cheia de testosterona. Ainda chamei a Audrey pela janela e mandei-lhe a roupa por respeito à relação de 5 anos que tivemos. Ao mesmo tempo que lhe mandei a roupa, o Guterres e o Brioso olharam para cima expectantes, risonhos e esperançosos que também lhes mandasse as deles.

Antes de fechar a janela e dar a ordem por voz à caixilharia elétrica para baixar os estores, vi que toda a malta do surf do liceu de Cascais tinha gravado nos telefones toda aquela cena. Sabia que aquilo era um crime punido com pena de prisão tecnológica de 8 a 16 anos pelo Código Penal Tecnológico. Mas era um crime que dependia de queixa e aquela malta amiga do surf não estava a ver a Audrey e companhia limitada levá-los ao Tribunal Tecnológico. E vi, então, toda aquela minha malta amiga do surf, a arriscar tecnologicamente aquela prisão, para testemunhar tecnologicamente o meu legítimo contra-ataque de defesa da minha honra e integridade psicológica, plasmada no Código de Honra. Era o próprio Código de Honra que me dizia que aquela retenção ilícita de roupas se tinha tornado espiritualmente lícita.

Depois da Audrey, nunca mais me interessei por raparigas. Os rapazes nunca me tinham atraído, mas depois dessa traição só me apetecia era estar com rapazes. Nessa mesma noite do rompimento com a Audrey, descobri que o meu cérebro, sem querer, tinha gravado o corpo do Brioso. Normalmente confiava no meu cérebro e sabia que ele estava cheio de mecanismos intuitivos de defesa. E daquele lascivo

triângulo, afinal, o meu cérebro só tinha era decorado o Brioso. E eu não conseguia parar de pensar no Brioso. E naquela noite tive a minha primeira ereção por um rapaz. Nunca tinha tido antes. Nem sabia que estava sexualmente configurado para ter atração por rapazes. Perdoei imediatamente a Audrey, porque pus-me a pensar se aquilo não teria sido um mal que teria vindo por bem.

Será que se a Audrey não me tivesse traído eu estaria com ela e começaria a pensar no Brioso? Mas eu nunca tinha pensado no Brioso! Eu odiava-o! Nós andávamos sempre à briga! E eu amava a Audrey, eu só tinha olhos para a Audrey, eu era capaz de estar contra o mundo, por causa da Audrey, como estive sempre!... Então, não podia fazer sentido eu pensar isso... Tinha que haver outra resposta...

Ou, simplesmente, o meu cérebro, perante aquele cenário, numa questão de sobrevivência espiritual e libidínica “achou melhor” passar para o outro lado?

Será que o Brioso sentia ou sentiu alguma atração por mim naquela cena do bastão na mão e o meu cérebro capturou espiritualmente essa atração, interpretou-a, converteu-a e converteu-me a ele?

Será que o meu cérebro simplesmente achou por bem reconfigurar-me e converter o ódio pelo Brioso em paixão?

De repente, eu estava apaixonado pelo Brioso?

De repente, o meu coração não parava de bater pelo Brioso! Mas isto não fazia sentido nenhum! Muito menos, fez sentido algum, ter recebido um pedido de desculpas virtual, mesmo a calhar, do Brioso na *Rede*. O menor sentido ainda, foi eu estar na cama mergulhado em pensamentos com o Brioso, ter recebido a mensagem e ter equacionado

a hipótese da mensagem ser do Briosos. Abri a *Rede* e a mensagem era mesmo dele. Era meia noite e tal. Tinha-me enviado um “testamento”. Numa linguagem tão bonita e tão poética que desconhecia que ele tinha, porque só o ouvia sempre com o Guterres a dizer “olha como é que estão as ondas” e “as ondas estão altamente”, “bué” e “bué tipos” e “bué ondas” e “bué tipos de ondas”, porque já vinham a ver as ondas no telefone durante a viagem do autómato na travessia da Ponte Sobre o Tejo ligando Lisboa a Almada. Pareciam que tinham um cronómetro dentro deles, porque viam as ondas sempre no mesmo sítio do tabuleiro da ponte, e por isso, sempre à mesma hora, todos os dias; e depois de passarmos a ponte, punham-se sempre a falar de Salazar e que Salazar tinha mandado construir aquela ponte e que era “graças a Salazar” que podiam hoje atravessar a ponte de autómato com as pranchas na mão e ir apanhar ondas à Costa de Caparica.

Na altura ainda havia a separação política de quem dizia “Ponte 25 de Abril”, “Ponte Salazar” e “Ponte Sobre o Tejo”. Os do Triângulo diziam “Ponte Salazar”, os do Trapézio diziam “Ponte 25 de Abril” e os do Pentágono, sempre muito mais neutros nos assuntos de índole histórico-política, diziam “Ponte Sobre o Tejo”. Mas depois, o Sistema Perfeito acabou com a separação e atribuiu definitivamente o nome oficial de “Ponte Sobre o Tejo”. A Ponte Sobre o Tejo foi inaugurada com o nome de “Ponte Salazar” no tempo do Estado Novo de Salazar. Como observador da história, o que vemos é que, enquanto Salazar desempenhava o cargo de chefe de Governo entre 1932 e 1968 na sua política financeira de grande contenção de custos, num primeiro momento, até, contestou a construção devido ao elevado custo, de 10 milhões, acabando depois por ceder porquanto seria um investimento financiado pelo estrangeiro. E nesta nova cedência de Salazar, Salazar não interferiu rigorosamente nada, deixando simplesmente a obra acontecer, tendo sido uma obra de engenheiros e técnicos. E desde a

sua construção a ponte designava-se “Ponte Sobre o Tejo”. Mas na altura da inauguração, abriu-se uma nova placa como “Ponte Salazar”, tendo sido Salazar “um pouco pressionado” pelo engenheiro da ponte e pelo Presidente da República, na altura, para aceitar a denominação “Ponte Salazar”. A seguir à Revolução do 25 de Abril de 1974 que impôs fim ao Estado Novo, a maior parte dos nomes associados ao Estado Novo de Salazar foram eliminados e, por isso, vários populares provocaram a retirada imediata do nome de Salazar da ponte, substituindo por “Ponte 25 de Abril”.

No “testamento”, o Brioso pedia-me desculpa pelo que tinha feito, que estava profundamente arrependido e que basicamente me admirava muitíssimo e que faria o que fosse para tentar “remediar”, inclusive dizia que estava capaz de se matar se eu não o conseguisse perdoar. Eu lembro-me que lhe respondi em três palavras “não te preocupes”. Logo a seguir, perguntou-me se eu ainda estava na Costa de Caparica. Eu disse que sim. Ele disse que já tinha voltado para Cascais, mas perguntou-me se podia vir ter comigo e pagar-me um copo num dos muitos bares da Costa de Caparica à frente da minha casa. Aquela sugestão, dele, deu-me imediatamente outra ereção. E eu já tinha esquecido tudo o que se tinha passado de manhã e respondi-lhe noutras três palavras “sim, podes vir”. Nem 15 minutos demorou. Veio a voar de táxi. Simplesmente cruzou o mar. Da minha casa eu conseguia ver Cascais. O que nos separava era o mar.

Ele tocou à minha campainha, sem eu ter tempo de me despachar que contava que ele demorasse mais que uma hora, porque ninguém da nossa idade pagava para andar de táxi-voador. Assim que descí e o vi sentado na escadaria da porta envidraçada do prédio, só o queria abraçar. As luzes ligaram-se automaticamente denunciando a minha chegada, ele virou-se para trás, com os olhos em lágrimas, e parecia que nos tínhamos teletransportado, deslizado um para o outro.

Abraçámo-nos durante um quarto de hora ali no prédio e ele só me dizia “desculpa puto a sério”, enquanto me mexia no cabelo e me fitava os olhos com o olhar lacrimajante e me ia fazendo festas na cara e me olhava fixamente para a boca. E naquele carinho todo de uma da manhã eu inalava apaixonadamente o perfume doce dele. Eu sabia que ele se tinha enfrascado de perfume para mim. Eu sabia que aquele perfume todo era para mim. Lá nos largámos, eu dirigi-me para a porta e disse-lhe que ele tinha um copo para pagar. Ele respondeu-me que tinha gasto o dinheiro todo com o táxi. Eu perguntei-lhe como é que ele iria voltar, se os autómatos só iam começar a circular a partir das 6 da manhã. Ele disse-me que não tinha pensado muito nisso, mas que tinha intenções de ficar comigo até às 6 da manhã, se eu quisesse. Lembro-me de lhe ter dito que apreciava o espírito de aventura dele.

Passámos por um bar para comprarmos duas cervejas e fomos para a praia. Com as cervejas a meio, o Brioso olhou-me intensamente, começou a chegar-se e eu deixei-me puramente levar. Ele perguntou-me se eu queria ficar com ele para sempre e eu disse que queria e acreditei que ficaríamos para sempre. Tivemos relações sexuais sem preservativo. Eu nem me tinha preocupado com o preservativo, porque “íamos ficar para sempre”. Chegámos a minha casa cheios de areia e voltámos a ter relações sexuais e adormecemos. Acordámos e voltámos a ter relações sexuais. Eu estava completamente apaixonado e já me tinha esquecido da Audrey. Durante 5 anos que tinha tido relações sexuais com ela, nenhuma tinha sido mais intensa com as que tive com o Brioso.

Passámos praticamente o domingo todo na cama. Começou a perguntar-me se eu achava sexualmente atraente o Guterres. Eu não gostei da conversa e disse-lhe para que não voltasse a ter mais esse tipo de conversa. Ele insistiu e disse que nos imaginava aos 3 num encaixe perfeito. Sentia-me ridículo e humilhado com ele na cama e ele com

aquela conversa. Disse-lhe que não via bem relações sexuais a 3. Ele quis explorar o porquê dessa minha “irreverência”. Eu disse-lhe que não havia nada para explicar e ele disse que, então, não via futuro nenhum em nós, porque ele gostava de triângulos e pretendia introduzir o Guterres na nossa relação e se eu não queria, era porque, afinal, não estávamos destinados. Eu mandei-lhe embora. Assim que o vi de tronco nu com as calças vestidas, a fechar a braguinha e a apertar o cinto, veio-me logo a “sensação de culpa” de termos feito relações sexuais desprotegidas e um profundo arrependimento. Não conseguia parar de pensar no VIH.

Peguei no meu telefone, abri a aplicação de *SOSMedicina* e relatei que tinha tido relações sexuais desprotegidas. Havia várias perguntas de resposta múltipla em que eu tinha que assinalar. Assinalei que tínhamos feito sexo oral e anal, que eu tinha sido sempre passivo, que nunca tínhamos usado preservativo, que tinha havido sempre ejaculação do meu parceiro “dentro de mim” e que umas das razões fundamentais de não ter usado preservativo “foi o calor do momento” e “por sentir-me apaixonado como nunca” – lembro-me de haver lá essa opção na escolha múltipla. Haver essa opção de resposta estandardizada, parecia tirar qualquer “magia” que tinha havido entre mim e o Brioso, que era afinal uma sensação universal, o que mais me fazia sentir ridículo por não ter usado preservativo. Também havia um campo facultativo onde eu podia introduzir os dados da pessoa com quem tinha tido a relação sexual. Eu num primeiro momento preferi não preencher, deixando esse campo em branco. Saltou-me logo uma questão jurídica do Direito da Vida Íntima e da Reserva da Vida Privada, por mais que o sistema *SOSMedicina* garantisse a confidencialidade dos dados.

Com o meu relato, o sistema *SOSMedicina* indicou-me que o meu comportamento sexual consubstanciava um risco elevadíssimo de

transmissão do VIH e da sífilis, alertando-me que se tivesse por mais duas vezes consecutivas esse comportamento sexual a minha franquia de seguro de vida dispararia abissalmente. O sistema só tolerava 3 comportamentos de risco consecutivos até fazer disparar as franquias dos seguros de vida, sendo certo que para “cortar” a cadeia da consecutividade bastava ter sido emitido um (novo) estatuto jurídico de namorados que renovaria o *status*, fazendo o sistema esquecer sobre qualquer comportamento sexual anterior. Basicamente, o estatuto jurídico dos namorados impedia o sistema administrativo de vasculhar fosse o que fosse para trás em tudo aquilo que pudesse “chocar” com o atual namoro. Eu defendia todos os dias que esta “emissão” para a “renovação” e “esquecimento” e “abaixamento” da franquia poderia tão-só tornar-se nisso mesmo, desvirtuando as relações amorosas e *cruelizando* os mais inocentes que acreditam em amores à primeira ou segunda ou terceira vista. Facilmente essa “emissão” veria um sistema de intrigas, choros e manipulações.

Para continuar a prosseguir na aplicação *SOSMedicina*, o sistema enviou-me um documento de *leitura digital-biométrica obrigatória*, onde explicava como atuava o VIH e a sífilis no organismo. A “terapêutica obrigatória” que o algoritmo do sistema indicou para o meu caso foi uma injeção de Penicilina benzatina para “matar”, como medida de prevenção, a bactéria *Treponema pallidum*, responsável pela transmissão da sífilis e o tratamento antiretrovívrico de profilaxia pós-exposição para a exposição ao VIH. O sistema *SOSMedicina* esclareceu-me que a profilaxia pós-exposição era o tratamento com o “cocktail de remédios” antiretrovívricos iguais aos que são prescritos para as pessoas que vivem com o VIH e que tinha que ser iniciado imediatamente após a (suposta) exposição do VIH, evitando-se, nessa sorte, que o VIH conseguisse entrar no meu sistema imunitário, se instalasse e se reproduzisse, sendo certo que, se o vírus não se conseguisse fundir com



as células hospedeiras do sistema imunitário e se reproduzir nelas, acabaria por morrer e eu não seria infetado.

Teria, então, que tomar durante um mês esse “cocktail de remédios” religiosamente a horas certas. O sistema ainda me disse, que para a profilaxia pós-exposição ter uma possibilidade de maior eficácia, o “cocktail de remédios” deveria ser tomado o mais cedo possível no prazo máximo de 72 horas, tendo imediatamente o sistema calculado que estava dentro do prazo e que estava com 22 horas de (suposta) exposição ao VIH e que seria enviado um drone-robot em “2ª urgência” que me administraria a Penicilina, entregar-me-ia o “cocktail de remédios” para 1 mês e colher-me-ia sangue para ser analisado no Sistema Nacional de Medicina, podendo eu opor-me e desviando o drone para uma clínica ou hospital privado, pagando o serviço de desvio, que custaria 500.

Já na altura, interessava-me pela questão dos dados de saúde e sabia naquela tenra idade que o que estava em causa na imposição dos 500 nesse desvio, era precisamente os dados de saúde. O Sistema Nacional de Medicina, que pertencia à Administração Pública, que por sua vez pertencia ao Sistema Perfeito, tinha interesse sobretudo neste tipo de questões. Havia um interesse, em o Sistema Nacional de Medicina ficar detentor dessa informação, bem como ter uma atualização dos dados da análise do meu sangue. Para quem estava dentro do Sistema Nacional de Medicina havia uma obrigatoriedade em seguir as indicações e terapêuticas numa espécie de exército médico-militar. Os médicos do Sistema Nacional de Medicina eram verdadeiros militares com armas invisíveis. Quem tivesse instalado no seu corpo a Medicina de Precisão do Sistema Nacional de Medicina que implementava obrigatoriamente a nanotecnologia aos 25 anos a quem não tivesse o Seguro de Vida tinha que se submeter aos algoritmos e aos médicos-robots do Sistema Nacional de Medicina.

Nem toda a gente podia dar-se ao luxo de estar fora do Sistema Nacional de Medicina. Nem toda a gente podia dar-se ao luxo de ter o Seguro de Vida, as franquias eram muito altas e só pessoas extremamente saudáveis, que tinham 8 a 10 horas de sono diário, não consumiam carnes vermelhas, nem açúcares senão os naturais da fruta, nem sal, nem gorduras, não fumavam e estavam sempre em grandes caminhadas ou exercícios físicos, tinham relações amorosas estáveis, eram fiéis, tinham relações sociais reais, não passavam quase tempo nenhum com os telefones na mão, fugindo à exposição das radiações e protegendo os órgãos vitais, entre muitos outros comportamentos, é que tinham a sorte de ter franquias baixas e poderem pagar o Seguro de Vida, que as “libertava” da tecnologia do Sistema Nacional de Medicina. Mas mesmo quem tinha o Seguro de Vida e podia pagar um hospital privado, não tinha todos os serviços disponíveis, ainda, no privado. Havia uma política do Sistema Perfeito, em ordem do superior interesse público, em que detinha o monopólio do “cocktail de remédios” para pessoas que vivem com o VIH. Assim, os remédios eram distribuídos pelos drones ou eram levantados pelos seropositivos nas lojas físicas do Sistema Nacional de Medicina, mas se não quisessem que fosse o Sistema Nacional de Medicina a analisar o sangue, teriam sempre que pagar uma taxa para desviar ou enviar a colheita do sangue para o hospital privado ou clínica que desejarium. E nem toda a gente podia dar-se ao luxo de andar a desviar colheitas de sangue por 500, só para o Sistema Nacional de Medicina não ter acesso aos dados de saúde ou não atualizar os dados de saúde.

Se eu desviasse o drone para uma clínica ou hospital privado, o Sistema Nacional de Medicina, para além de não saber se tinha sido, de facto, exposto ou não ao vírus e se tinha ou não sido infetado com o vírus no caso do (in)sucesso da profilaxia pós-exposição, também não ficaria atualizado sobre a concentração da minha hemoglobina para

saber se tenho ou não anemia. Se aumentei os linfócitos para saber se tenho eventualmente um linfoma. Se aumentei as minhas hemácias para saber se tenho eventualmente uma neoplasia. Se aumentei os meus neutrófilos para saber se tenho uma infecção bacteriana. Se tenho basófilos a circularem em maior quantidade no sangue daquilo que era suposto. Se diminuí as minhas plaquetas para saber se vou deitar sangue sem razão nenhuma. Se tenho excesso ou falta de cálcio para saber se o meu coração pode parar de bater a qualquer momento porquanto precise do cálcio para contrair os músculos, porquanto o coração seja um músculo. Se os meus “níveis de açúcar” dispararam para saber se tenho diabetes, se aumentei creatinina e ureia para saber se o meu rim está a funcionar mal, se aumentei AST ou ALT ou Gama-GT para saber se tenho lesão no fígado, se aumentei o meu colesterol total para ver se ando a portar-me mal na alimentação, porque ando a comer muitas gorduras e ando a fazer pouco exercício elevando o meu risco de AVC ou enfarte ou trombose.

Durante o processo do sistema *SOSMedicina*, ia inserindo os meus dados e ia vendo que estava em “2ª urgência”. Não sei, se a razão foi intuitiva ou espiritual, mas quis fazer uma experiência. O meu medo de ser infetado pelo VIH numa *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari, fez-me achar que eu estava dentro de uma armadilha tecnológica e que o Bioso era uma biotecnologia portadora de VIH enviada até mim como uma arma biológica. Como todos os outros *biorrubricadores* que pertenciam à *Sociedade Tecnológica da Biorrúbrica* – que eram, literalmente sem aspas, “propriedade” da *Sociedade Tecnológica da Biorrúbrica* – sabia que viviam à custa da sociedade deles que lhes pagava tudo aquilo que os pais ou os patrões não pagavam. Sabia que havia casos de rapazes com VIH que a *Sociedade Tecnológica da Biorrúbrica* financiava as propinas para andarem na faculdade e lhes dava um apartamento num condomínio luxuosamente tecnológico em que os *biorrubricadores*

mandavam drones irem buscar os seus alvos e as câmaras instaladas à janela dos apartamentos dos *biorrubricadores* viam os alvos a entrarem pelos quartos-dentro loucamente apaixonados e fascinados com toda a tecnologia que os *biorrubricadores* vinham apetrechados. Esses inocentes alvos, coitados, não sabiam que os *biorrubricadores* eram *biorrubricadores*. Não sabiam que eram armas biotecnológicas. Não sabiam que eram armas biotecnológicas que estavam armadilhadas com um vírus. E eu não sabia se o Brioso era ou não um biorrubricador. Se tinha ou não VIH. O que sabia é que ele tinha vindo de táxi-voador e que ninguém da nossa idade pagava um táxi-voador a não ser que os pais fossem ricos e eu sabia, por causa da sociedade tecnológica, que os pais dele não eram ricos e não lhe poderiam dar mesadas que pagassem um táxi-aéreo e o dinheiro teria que vir de algum lado. Ou ele poderia ter tão-só querido gasto toda a mesada naquele voo tecnológico comigo. Mas para depois se ter ido embora daquela maneira? Talvez a Audrey tenha sido o primeiro alvo e eu o segundo alvo. Como poder oculto que se dizia que era a *Sociedade Tecnológica da Biorrúbrica*, alimentado por códigos de silêncio e códigos de cumplicidade, vivendo na sombra do Sistema Perfeito, de certeza que seria também alimentado por códigos algorítmicos e códigos tecnológicos, sobrevivendo na penumbra das nossas mentes. Essa sociedade de biorrubricadores estaria bastante apetrechada de tecnologia e de algoritmos capazes de cumprirem a sua missão com sucesso. Eu acreditava nisso. Acreditava que o Brioso só tinha sido “enviado” como um biomíssil pela *Sociedade Tecnológica da Biorrúbrica*. Depois do Brioso me ter dito na cama que me imaginava a mim, a ele e ao Guterres, num encaixe perfeito, como eu tinha visto o encaixe deles com a Audrey, acreditava mesmo que eles tinham sido enviados como biomísseis e que eu e a Audrey éramos os bioalvos deles.

E numa *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari, lembrei-me que tinha deixado em branco o campo facultativo onde eu poderia ter introduzido os dados do Brioso, e por isso, voltei atrás, antes de prosseguir no sistema e introduzi os dados dele. “Agora” com os novos dados, prossegui no sistema e vi o sistema a fazer um novo cálculo e os algoritmos do sistema a passarem-me de 2ª urgência para 1ª urgência. Será que eu tinha descoberto uma lacuna do Sistema Nacional de Medicina? Afinal os dados de saúde do Sistema Nacional de Medicina eram assim tão vulneráveis? Será que o sistema sabia que o Brioso era portador do VIH? Será que o Brioso já estava no sistema? Será que o sistema sabia que o Brioso era portador do VIH e não tomava os retrovirais? Os retrovirais faziam baixar a carga viral, dizendo-se até que se uma pessoa tivesse VIH, mas tomasse os retrovirais às horas religiosamente certas e todos os dias, era até mais seguro estar com ela sem preservativo, do que com uma outra qualquer pessoa que não se sabia se tinha ou não VIH, e por isso, não tomava os retrovirais. Na prática, o que isto queria dizer, era que, se o Brioso tivesse VIH, mas tomasse religiosamente o “cocktail de remédios” a carga viral seria tão baixa e insignificante que se o Brioso ejaculasse o seu esperma dentro de mim, não me poderia infetar porquanto o risco de transmissão de VIH dele estaria extinto graças ao “cocktail de remédios”. Mas se o Brioso tivesse VIH e não tomasse os retrovirais, ele poderia ter-me infetado. E se o Brioso soubesse que tinha VIH e não tomasse os retrovirais, sabendo que haveria uma enorme possibilidade de eu contrair o vírus com as relações sexuais que tivemos, faria dele um *biorrubricador* criminoso punido pelo Direito Penal com pena de prisão de 24 a 50 anos de prisão ou punido pelo Direito Penal Tecnológico com pena de prisão tecnológica de 51 a 65 anos se envolvesse alguma sociedade comercial, algum grupo criminoso, alguma aplicação tecnológica ou alguma gravação, fosse de voz ou fosse de imagens, do

ato sexual ou do pré-ato ou do pós-ato destinada a circular numa rede virtual tecnológica.

Quando eu namorava a Audrey, o Pietra era o melhor amigo “gay” dela. Sabia todas as histórias do Pietra, porque a Audrey contava-me todas as histórias do Pietra, violando constantemente o Direito de Segredo e Confidencialidade. Ia descobrindo os rapazes que eram bis e gays e se diziam “héteros” através das histórias que a Audrey me trazia dos rapazes com quem o Pietra ia estando. Divertia-me na altura saber que um rapaz que só falava em miúdas e bola e declarava “morte aos gays”, afinal gostava era de ir para a cama com miúdos. E fiquei com um portefólio de histórias giríssimas, que nunca soube muito bem o que fazer com elas... Mas havia uma história que não tinha piada nenhuma: o Pietra contava à Audrey que havia uma sociedade que tinha *biorrubricadores* com VIH que durante 2 a 5 anos não tomavam os retrovírus, dando a sociedade a troco uma vida de luxo nesses anos aos *biorrubricadores*. Quanto mais *biorrubricadores*, mais injeções de capital do Sistema Perfeito receberia a sociedade, havendo assim um claro interesse da sociedade em ter *biorrubricadores*. A sociedade fazia uma lavagem cerebral aos *biorrubricadores*, através de um lobismo muito forte que implementava tecnologicamente num clima de hipnotismo de rituais económicos pornográficos em que fazia crer um sentimento de pertença e união muito forte daquela “comunidade”, estabelecendo uma afinidade quase espiritual com o vírus em grandes *emaranhações* e embaralhações de teorias drogadas espirituais.

O Sistema Perfeito até podia estar fora disto tudo, simplesmente enviar o dinheiro por uma questão de saúde pública e pelo seu programa sociopolítico. E pese embora, o sistema tenha-me alterado de “2ª urgência” para “1ª urgência” e o Sistema Perfeito soubesse que eu tinha tido relações sexuais com uma pessoa que era portadora de VIH, nada disso provaria que o Brioso pertenceria à

*Sociedade Tecnológica da Biorrúbrica*, nem nada disso provaria que o Brioso fosse um *biorrubricador*. Mas eu já sabia intuitivamente que o Brioso vivia às custas das *biorrúbricas* que ia fazendo, patrocinado pela *Sociedade Tecnológica da Biorrúbrica* que vivia às custas do Sistema Nacional de Medicina.

Descobri depois uma outra lacuna do Sistema Nacional de Medicina. Depois da história da Audrey e do Brioso, acabei por ir parar à *secret gay net* e encontrei lá o Pietra e combinámos ir dançar a uma discoteca onde todos os rapazes gays de Lisboa iam dançar e a dança um do outro conquistou-nos a amizade. Comecei a frequentar essa discoteca com o Pietra, numa altura em que a discoteca ainda não tinha câmaras. E de vez em quando, eu e o Pietra íamos conhecendo rapazes apaixonando-me, eu, sempre à primeira vista, acabando sempre com eles na cama e de manhã vendo sempre eles a irem embora no mesmo tom de gozo que o Brioso, que me olhavam altivamente de cima, enquanto apertavam os cintos das calças e fechavam a breguilha. Fechavam assim comigo os romances. Fechavam sempre assim no mesmo jeito, no mesmo traço espiritual. Como comecei a ser sexualmente ativo, tendo-me calhado vários parceiros sexuais, comecei a ir frequentemente ao Centro Nacional de Testes de Saúde, para fazer regularmente os testes de VIH e sífilis.

O Sistema Nacional de Medicina sabia quem tinha dado positivo no Centro Nacional de Testes de Saúde. Dizia-se que para se fazer gratuitamente e confidencialmente o teste do VIH tinha que se inserir um código de autenticação com letras e números que seria obrigatoriamente uma combinação das duas primeiras letras do primeiro nome, as duas primeiras letras do último nome e a data de nascimento. Sabia perfeitamente que com essa combinação, os algoritmos mais rudimentares do Sistema Nacional de Medicina conseguiam levantar as identificações, violando o anonimato na

comunicação desses dados de informação com qualquer outro tentáculo administrativo do polvo que era o Sistema Perfeito. Os meus testes de VIH davam sempre negativo. Não colocava sempre o preservativo, porque julgava que o preservativo cortava todo o romance que eu fazia à volta de cada relação sexual que tinha, mas no centro dizia sempre que colocava o preservativo com medo que a minha franquia disparasse.

Numa das vezes que saí à noite com o Pietra para a discoteca, o Thomas Kirlian, que era o rapaz mais cobiçado de sempre no *secret gay net*, veio falar comigo. O Pietra apareceu logo e disse-me que já tinha namorado com ele. Automaticamente deixei logo ali plantado o Thomas e fui dançar com o Pietra. O Pietra era meu amigo e nunca colocaria uma amizade fosse por rapaz que fosse, muito menos um rapaz que já tinha história com um amigo meu. Quando cheguei a casa, tinha um bilhete metido nas minhas calças. Era um bilhete do Thomas que simplesmente pedia para que eu abrisse a janela do meu quarto às tantas horas e pedia-me num “por favor” para que eu confiasse nele. Eu abri a janela do meu quarto de taco de basebol na mão e o Thomas entrou de drone pelo meu quarto-dentro. Lembro-me de termos ficado uns 3 minutos a olhar um para o outro sem dizer uma palavra. Foram os 3 minutos mais extraordinários da minha vida. Eu sentia pela primeira vez uma verdadeira telepatia. No final desses 3 minutos, ainda em silêncio, fui buscar papel reciclado e uma esferográfica. Rasguei a folha e dei-lhe metade. Assim que comecei a escrever, ele começou a escrever. Estávamos frente a frente sem hipótese de vermos o que cada um estava a escrever. Eu tinha que comprovar aquela nossa telepatia. Quando parei de escrever, o Thomas parou imediatamente de escrever. Trocámos os papéis e eu não queria acreditar. As nossas frases completavam-se. O nosso pensamento completava-se. A nossa alma



completava-se. Os nossos cérebros completavam-se. A nossa mente completava-se. Os nossos espíritos completavam-se.

Sentia mil e um dons em cima de nós. Sentia o mundo pequeno nas minhas mãos. Conseguia rodar o globo e conseguia escolher o sítio para onde a minha mente mais queria ir numa viagem estrondosamente espiritual *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto com *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom. Tinha a certeza que, o Thomas Kirlan era o meu *Deus Tecnológico*, o meu *Anjo Tecnológico* enviado pel'*O Deus Tecnológico*. Tinha a certeza que o Thomas Kirlan era o meu alien enviado por *Júpiter* de Gabriel Garibaldi. Ainda em silêncio, num perpétuo sorriso de felicidade, fui buscar a câmara para fotografar as nossas almas e vimos que tinham exatamente a mesma cor. Tinham até o mesmo diâmetro de lilás. Sabia que a cor lilás na alma era sinónimo de negritude, de traição, de malignidade. Sabia que tinha herdado essa cor lilás da Audrey e do Briosio. Fotografámos os nossos papéis com a câmara e até a nossa escrita tinha a mesma eletricidade. Havia um rastro eletromagnético à volta dela. Não quis mais saber das noites de discoteca com o Pietra, não quis mais nenhum rapaz senão o Thomas. E atirei-me ao Thomas que me despiu magicamente em 2 segundos e no terceiro segundo ele já estava completamente dentro de mim. E eu já não me lembrava de nenhum rapaz com quem tinha estado. Ter feito pela primeira vez amor com ele, foi como se tivesse sido uma cirurgia tecnológica amorosa, uma fantástica espécie de optogenética, tal como o Fred tinha feito ao Jaime n'*O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala.

Quando saímos do nosso fantástico silêncio e começámos a escolher com o coração as melhores palavras para dizermos um ao outro, o Thomas contou-me que aquilo que eu tinha passado com a Audrey ele tinha passado, mais ou menos, com o Pietra. Antes de me dar com o Pietra, quando namorava com a Audrey, eu sabia que o

Pietra tinha um namorado na altura e sabia o que é que o namorado dele dizia e fazia ao Pietra, porque o Pietra contava à Audrey e a Audrey contava-me. Mas o Thomas também sabia o que eu dizia e fazia com a Audrey, porque a Audrey contava ao Pietra e o Pietra contava ao seu namorado, que na altura era o Thomas e eu não sabia quem era o Thomas, nem o Thomas sabia quem eu era, só sabíamos as histórias um do outro, sem nos conhecermos, porque os espíritos com quem andávamos metidos, faziam o favor de conspirar e levantar tudo sobre nós. O Thomas contou-me que o Pietra o tinha traído no mesmo concupiscente e lascivo triângulo do Guterres e do Brioso e que o Brioso e o Guterres eram *biorrubricadores* e que o Pietra também se tinha tornado num deles. Disse-me que o Pietra se tinha infetado com VIH e tentou infetar propositadamente o Thomas. Em toda a sorte espiritual, o Thomas era imune ao VIH e, só, por isso, é que não tinha sido infetado. Pensei se também poderia ter herdado a mesma sorte espiritual e constatei que também era imune ao VIH. Voltámos a fotografar as nossas almas e vimos que o diâmetro lilás estava mais pequeno. Parecia mesmo que estarmos um com ou outro, curava a cor das nossas almas. Parecia que o nosso amor era verdadeiramente um amor autorizado e querido por aquela Mão Invisível de Jupiter que o Thomas me tinha trazido lá do *Jupiter* de Gabriel Garibaldi.

**\*\***

# Domingo, 3 de março de 2080

— Olá! O meu nome é Antoine, sou proprietário do estabelecimento comercial Club de Cascais e acabei de abater a laser 6 assaltantes que entraram encapuzados à mão armada. Tenho como testemunhas 100 clientes que estão aqui a lanchar. Tirei-lhes os capuzes, fotografei-lhes e o meu aparelho reconheceu os 6 fulanos.

— Abateu-os ou derreteu-os?

— Abati-os...

— Com o laser deve tê-los foi derretido...

— Como?

— Estou a brincar...

— Como???

— Bom... Muito obrigado! Nós vamos já para aí... Vamos 1º enviar os nossos robots-drones... Consegue enviar as fotografias para o

nosso número na *Rede*, para nós “pormos” nos drones e eles reconhecerem como alvos quando chegarem aí?

— Sim, claro...

— Ativou o alarme?

— Sim.

— Qual é o seu alarme?

— O Armdrücken.

— Ah... Gosta de alemães...

— Como?

— Sou alemão e é a primeira vez que oiço alguém em Portugal a pronunciar perfeitamente o Armdrücken.

— Isso é porque os robots de Inteligência Artificial em 2080 ainda não sabem pronunciar como humanos... Talvez ande mais no mundo dos robots... No meu mundo, os humanos portugueses falam e pronunciam muito bem alemão!

— Tem a versão inteligente do Armdrücken para permitir a entrada de drones-robots-polícias?

— Sim...

— Muito bem. Não desatranque as portas até os nossos drones ficarem verdes. Enquanto estiverem com luz encarnada é

importante que não deixe ninguém sair e que deixem os drones processar toda a informação... Eles vão voar perto da cara das pessoas para fazerem o reconhecimento facial. É importante que notifique os seus clientes que vai ocorrer o tal processo de reconhecimento facial e que o senhor Antoine, proprietário do estabelecimento comercial Club de Cascais, tem autorização e dever de obediência para manter detidos todos os que testemunharam a mão-armada e o abatimento.

— Obrigado! Vou desligar a chamada.

**\*\***

— Aposto que os meus advogados vão chegar mais rápido do que a Polícia...

— Quem são os seus advogados?

— São professores meus quando tive Direito Penal. A Doutora Sónia de Direito Penal e o Doutor João de Direito Penal Tecnológico, ei-los aqui! Eu disse, que eles iam chegar mais rápidos que a Polícia Tecnológica.

— Tão rápidos! Vieram de drone ou quê?

— Sim, vieram de carro voador.

— E então, não vai abrir a porta aos seus professores? Que rude... Vá lá abrir-lhes a porta, doutor...

— Não me chame doutor, Dulce... Imploro-lhe! Doutores são eles...

— Vá lá, então, abrir a porta aos senhores doutores... Ainda por cima foram seus professores... Porque é que não lhes vai abrir a porta?...

— Não posso. A Polícia disse para não desatracar as portas até os drones da Polícia ficarem com luz verde e os drones deles ainda nem chegaram...

— “Desatracar”? Mas isso é português ou alemão?

— Sim, Dulce, é português. Em alemão seria “entsperren”.

— Não é português coisa nenhuma, porque eu tenho 76 anos e em 76 anos nunca ouvi tal palavra... Deve ser uma palavra nova que a tecnologia das novas portas tecnológicas trouxe... É que só pode!...

— Dulce não diga a sua idade muito alto... Sabe que eu não posso ter ninguém a trabalhar com a sua idade... Ainda me chamam de explorador da Grande Idade e o Sistema Perfeito manda-me para a prisão...

— Então, diga lá, ao Sistema Perfeito, que você está a pagar-me 7 mil de ordenado e que lá fora, os outros, estão a pagar 700 de ordenado e é os que ainda não têm robots-cozinheiros, porque agora, tudo o que é restaurante, tem robots por todo o lado... Vá... Diga lá, a esse Sistema Perfeito que, ele antes de o mandar para a prisão, eu dou

cabo dele... Era preciso o Sistema Perfeito passar por cima de mim e queria ver o Sistema Perfeito a passar por cima de mim... Queria ver, ó Antoine... Queria ver...

— Dulce, não diga muito alto o seu ordenado que, se o Fisco e o Direito Comercial Fiscal sonham, ainda me ficam com mais dinheiro e eu vou ter que baixar o seu ordenado...

— Ah, era o que mais faltava! Mas, o Antoine, acha que eu tenho medo do Fisco? Muito menos nesta casa, tenho medo de alguma coisa! Nesta casa, podemos falar o que quisermos, porque somos livres de algoritmos, graças ao menino Antoine, não é verdade, meu querido Antoinezinho? O meu querido Antoinezinho, devolveu-nos nesta casa a liberdade de expressão...

— Dulce, pode expressar o que quiser menos a sua idade e o seu ordenado, por favor... Temos muitos clientes...

— Mas é tudo clientes de boas almas!... É tudo clientes que foram à máquina!... É tudo clientes com boas cores de alma!... Então não são, menino Antoine? Não tiveram todos que ir à máquina? Ou afinal, a máquina que o menino Antoine inventou não serve para nada? Serve, pois... Serve, para podermos ter muitos clientes com boas almas que não vão a correr ao Sistema Perfeito fazer queixinhas nem da minha idade, nem do meu ordenado, senão acaba-se já a cozinheira!... E ninguém quer o mal da cozinheira! Não se preocupe que todos os nossos clientes adoram-me!... Ou agora temos aqui intrusos no nosso clube? Vamos já buscar a máquina e vemos já quem são os intrusos que não estão aqui de corpo e alma!...

— Dulce! Eu não inventei máquina nenhuma, já lhe disse... Inventei um algoritmo... A máquina já existia, eu só inventei um algoritmo para inserir na máquina...

— Ó menino Antoine... O menino Antoine é tão modesto!... É a mesma coisa... Se inventou o algoritmo, inventou a tecnologia, se inventou a tecnologia, inventou a máquina! O menino Antoine é uma máquina de fazer máquinas e algoritmos...

— Dulce, eu não inventei máquina nenhuma. Tecnologia, até aceito que diga que inventei, porque o algoritmo espiritual que eu inventei é uma tecnologia, de facto... Aliás toda a espiritualidade é tecnológica... Toda a espiritualidade é uma tecnologia... Mas não inventei máquina nenhuma...

— Ó Antoine! Claro que inventou... Este Club é uma máquina! Uma máquina de fazer dinheiro... E foi o nosso Antoinzinho que a inventou... E então? Inventou ou não inventou uma grande máquina?... Com portas *supertecnológicas* que até se desatravancam...

— Uma máquina de fazer dinheiro, mas que vai toda para o Sistema Perfeito... Nós nem 1 terço sequer vemos do dinheiro que fazemos, mas enfim...

— Mas eu vejo 7 mil... 7 mil cantam todos os meses no meu bolso...

— Dulce!!!



— Pronto... Vou fingir que recebo 700 e que tenho 55 anos, mas depois o menino Antoine é que vai ficar com má fama... Porque vão achar que só paga à cozinheira 700...

— É isso mesmo que eu quero que eles e o sistema achem... Que eu só pago 700 à minha cozinheira...

— Olhe, as luzinhas dos drones já não estão verdes?

— Estão, sim... Obrigado Dulce...

— Então, vá! Vá lá desatramancar a porta que eu quero cumprimentar os seus professores e fazer perguntas a eles sobre si... Se você era bom aluno, se você ia às aulas todas, ou se você faltava às aulas para andar a namorar... Se você fazia cábulas... Vou perguntar tudo sobre si!!! Se você fazia muitas perguntas e estava atento...

— Dulce! A Dulce parece minha mãe...

— Vá, agora vou dizer em alemão: vá lá “entsperren” a porta... Espere lá que eu sei dizer porta em alemão... Eu sabia dizer... Ah! Já sei... “Die Tür”... Vá lá “entsperren die tür”!



— Olá doutores! Obrigado por terem vindo tão rápidos... Peço desculpa por terem ficado algum tempo à porta, mas a Polícia avisou-me que não deveria desatracancar as portas até os drones ficarem com a luz verde... Por favor, entrem!

— Não tem problema Antoine. Estivemos a trocar impressões sobre a hipótese, deste caso ter sido um eventual excesso de legítima defesa e num primeiro momento o juiz virtual afastar logo o regime da legítima defesa... Estava a contar ao doutor João, que acabei de perder um caso igualzinho ao seu e o meu cliente foi parar à prisão...

— Deixe-me adivinhar, professora Sónia... Ele tinha deixado de ir à igreja do Triângulo... O Sistema Perfeito não acha muita piada a empresários do Trapézio ou do Pentágono que derretem com laser ladrões armados do Triângulo...

— Vê, Sónia...? Eu disse-lhe! O nosso querido aluno Antoine continua com piada... Aqui a doutora Sónia esquece-se que você já é um miúdo crescido, que já é juiz e tal; e acha que ainda cai nestas charadas jurídicas de advogados... Custou muito derreter os gajos com o laser?

— Não, professor... A raiva de ser assaltado parece que ajuda a disparar. Estarmos sossegadinhos no nosso canto e aparecerem tipos destes armados, faz despertar os espíritos que há em nós e espiritualmente o nosso corpo dispara num aguçado mecanismo de sobrevivência espiritual...

— Você não tem câmaras no seu estabelecimento comercial, pois não?

— Não, professor...

— Pois, eu lembro-me de, o Antoine, uma vez perguntar-me, afinal, para que é que serviam as câmaras, se não se podia depois fazer nada com as imagens... Falava já na altura, que as câmaras serviam mais para o mercado dos dados, do que outra coisa... Sabe que vim aqui dar-lhe razão como seu advogado... Espanta-me é o olho tão tecnológico que já tinha em si...

— Obrigado, professor...

— Eu lembro-me que o que dizia era que de nada valiam as câmaras numa mão armada... Que numa mão armada, o que valia era ter armas para se combater a mão armada... E eu vim aqui dar-lhe razão, como sua advogada...

— Muito obrigado, professora! Mas sim, continuo fiel aos meus algoritmos. Sempre defendi que as câmaras não serviam para nada, bastavam os assaltantes meterem um capuz e assaltarem o que quisessem ou matarem quem quisessem. O investimento que os proprietários deveriam fazer não era em câmaras, mas em portas blindadas, como o Armdrücken, para que não fossem assaltados e em armas Good Lasers que derretessem as armas dos assaltantes...

— E com esse seu argumento, lá conseguiu convencer o Sistema Perfeito e trazer a Good Lasers para dentro do sistema...

— Sim, professora... A Good Lasers é a única sociedade de advogados com lasers capazes de derreter as armas dos assaltantes...

— Mas desta vez, não derreteu só as armas dos assaltantes...

— Não, professor...

— Nem derreteu só as mãozinhas dos assaltantes, pois não Antoinezinho?

— Não, professor...

— Derreteu também os corações... Deixe lá... Eram corações negros!... O *Direito Penal Espiritual* do Sistema Perfeito não o condenará por isso...

— Eu não podia derreter arma a arma, porque implicaria carregar no botão da pistola 6 vezes... Tive que abatê-los de uma só vez. Carreguei uma vez no botão da pistola e com o botão pressionado desenhei no ar uma suave linha de 50 centímetros *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto e magicamente os assaltantes caíram num bonito dominó no chão.

— Viu a sair fumo do coração deles?...

— Sei que o professor está a brincar, mas por acaso vi e não sou Trapézio... Bem sei que só o Trapézio é que vê fumo a sair dos corações negros com o laser...

— Então, eram mesmo corações negros... Só os corações negros é que deitam fumo com o laser...



— Dulce! “Zum Entsperren der Tür”??? Ehh, Dulce!!! Eh, lá!!!  
Você dá aí uns toques valentes no alemão...

— Ah, pois dou! Não é só você que gosta de andar a dar toques no alemão e a namoriscar os alemães...

— Dulce! Que conversa é essa?

— Então, o Thomas não é alemão?

— Sim, é alemão e português. Tem dupla nacionalidade. Eu não ando a namoriscar os alemães. Namoro com o Thomas, que é alemão.

— Alemão e português. Que ele tem dupla nacionalidade. Ah!... Eu sabia que ele era um dos nossos... Aquilo tinha que ser produto nosso... Aquele bruto produto loiro... Ele tem uns brutos cabelos loiros... Se eu fosse mais nova dizia que ele tinha um cabelo “brutal”... Mas agora, com esta idade, já me fica mal dizer “brutal”... Mas digo-lhe que tem uns cabelos brutais... E não são só os cabelos dele que são brutais... Toda aquela estatura alemã... Aquela força alemã dele... Aquele poder alemão... Ai, ai!... Por isso é que o Antoine anda sempre todo feliz... Para trás, para a frente, ora derrete bandidos a cantar, ora bate à porta do Sistema Perfeito a cantar... Assim também eu... E não estou a invejá-lo!... Porque eu também tive a sua sorte... Mas assim, percebe que é fácil, não percebe, Antoine?

Isto quando somos felizardos, vemos logo o filme todo ao contrário...  
Todo muito cor-de-rosa...

— Ó Dulce!... Eu já não percebo nada do que a Dulce está a dizer...

— Ah, percebe, percebe... O que eu estou a dizer é que o Thomas é um pedaço de homem... Posso ser velha para o Sistema Perfeito, mas ainda sou jovem na alma e lembro-me muito bem que quando era jovem era assim um tipo desses que todas nós queríamos... Quanto mais loirinho melhor... Quanto mais alemão melhor... E fui uma felizarda... Porque também tive um loirinho assim germânico como o Thomas... Sabe... Os alemães dão-nos outra segurança... Não concorda? Tudo começou com a Superwagens...

— Dulce... Está a comparar o Thomas a um Superwagens?

— O que eu estou a dizer é que o Antoine gosta é dos loirinhos... E os loirinhos gostam de si, que eu bem vejo como os loirinhos olham para si...

— Ó Dulce!... O que é que está para aí a dizer?!... É disparate, atrás de disparate... Olhe só se o Thomas a ouvisse... Se eu fosse o Thomas e ouvisse o que a Dulce está para aí a dizer detestaria...! Digo-lhe já!...

— Oh! Você não é o Thomas, como pode dizer isso? Agora ele ia ficar chateado comigo, só porque eu disse que os loirinhos olham para si? Ele se tiver que ficar chateado, que fique com os loirinhos... Não é comigo! Que não sou eu que mando neste mundo tecnológico dos genes... Nem sequer fui eu que o inventei! O Antoine gosta é dos loirinhos, se não gostasse dos loirinhos não estava com o Thomas, olha

agora, que chatice! E os loirinhos gostam de si, se não gostassem o Thomas não estava consigo e os loirinhos antes do Thomas não se tinham metido consigo, como se meteram...

— Eu não sei como é que a Dulce diz o que diz, onde é que a Dulce vai buscar essas histórias...

— São histórias tecnológicas e não vêm da minha cabeça!

— Histórias tecnológicas?

— Sim... Histórias tecnológicas que nos perseguem... Neste caso, perseguem-no a si...

— A mim??? E se não vêm da sua cabeça, diga-me então de onde é que elas vêm...

— Sim... Essa história dos loirinhos que se metiam consigo antes do Thomas e que fazem olhinhos a si à minha frente é sua, não é minha...

— Eu gostava mesmo era de saber de onde é que vêm essas histórias, se não vêm da sua cabeça...

— Vêm da sociedade de informação tecnológica...

— Ó Dulce, eu não estou na Rede e não publiquei histórias nenhuma dessas na Rede...

— Mas houve quem tenha publicado por si... Houve quem tenha escrito com a tecnologia a sua história...

— Ah, sim?... Não me diga... E quem é que andou a espalhar as minhas histórias?

— Foi a tecnologia...

— Não me diga...

— O Antoine nunca leu o *Target – A Pegada Digital* de Ralf Kleba-Kodak?

— Claro que já li, Dulce... Quem é que ainda não leu? Mas que eu saiba, eu não estou em nenhuma aplicação...

— Pois, que o Antoine saiba... Sabe que o Antoine hoje já não tem “aquela” caixilharia elétrica que baixava as persianas, quando o Antoine mandava baixar... Mas já teve! E elas bem ouviram os loirinhos que o Antoine levava lá para casa... O Antoine hoje já não vai às discotecas que têm câmaras, mas já foi, já lá andou; escusa de dizer que não foi apanhado por nenhuma câmara, escusa de dizer que nenhuma câmara o gravou do princípio ao fim a dançar e escusa de dizer que nenhuma câmara gravou os loirinhos a meterem-se consigo, porque também o Antoine já foi apanhado pelas câmaras!!!!

— E não me diga que como estamos em 2080 a minha caixilharia elétrica e as câmaras da discoteca escreveram a minha história numa aplicação qualquer, enviaram para a Rede, a Rede armazenou na Nuvem e a Dulce hackeou a Nuvem...

— Eu não... Que eu não sei hackear... Mas o seu pai sabia hackear e não era só o sistema... Ele ouvia-o atrás da caixilharia e via-o por detrás das câmaras... O seu pai tinha amigos em todo o lado...



— Obrigado, Dulce! Obrigado, por ter aumentado um pouco mais a minha *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari... Agora sim, a minha vida faz todo o sentido!

— Ora, de nada Antoinzinho! Estamos cá é mesmo para isso.

— O quê? Para andarmos a dar paranóides tecnológicas uns aos outros? Para andarmos a meter paranóides tecnológicas na cabeça uns dos outros? Já não bastam as fantásticas fantasias tecnológicas que cada um já tem? Já não basta a *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari? A *Paranóide Tecnológica* com que cada um já nasceu? Já bastam os nossos filmes, Dulce!... Ter agora que levar com os filmes também dos outros...? É preciso uma compreensão tecnológica, uma paciência tecnológica e uma resiliência tecnológica muito, mas muito, muito grandes...

— Eu só estou aqui contratada para lhe contar a história. Fui contratada pelo seu pai. No dia em que o seu pai fez 28 anos recebeu uma carta do Registo Nacional das Pessoas Coletivas, que era um ente do Instituto dos Registos e do Notariado, que por sua vez era um ente da Administração Pública, ainda nem ela pertencia ao Sistema Perfeito, a dizer que o seu sonho tinha nascido. A *Jupiter Editions*. Engraçado, não é? A empresa dele ter nascido no dia de anos dele... Se não há aqui magia, então há o quê? Diga-me! A *Jupiter Editions* nasceu na crise de 2020 e apareceu imune ao vírus num mercado completamente doente, pronta para vingar no mercado, sem qualquer vício, muito inocente, muito humana, muito empática. Só imprimia em papel reciclado, pagava *ordenados de felicidade*, só contratava com os bons, não explorava os autores como todas as outras editoras, chegava a dar 80% do lucro de vendas de um livro ao autor... Eu bem ouvi muitas vezes o seu paizinho a telefonar para um autor a ajustar negócios... Quando o seu

pai telefonava a alguém para ajustar negócios, era como se ele fosse distribuir uma lotaria... Quer dizer... Ele ganhou mesmo a lotaria... Sabe que o seu pai ganhou a lotaria, não sabe?

— Ganhou a lotaria?

— Claro que ganhou! Como é que ele conseguiu comprar aquele prédio do Musical Hotel Central? Acha que apareceu do nada?

— Apareceu das vendas...

— Não apareceu nada das vendas... Na altura em que a Jupiter Editions adquiriu o hotel, ainda nem sequer vendia... E como é que a Jupiter Editions ia adquirir um hotel se ainda nem vendia? Estamos a falar de uma altura em que a Jupiter Editions ainda não era conhecida. Estamos a falar de uma altura em que ainda só 100 pessoas é que tinham entrado na loja online da Jupiter Editions. Eu sei de tudo, porque o seu pai depois contou-me tudo. Mas não me contou foi que lhe saiu a lotaria. Mas eu sei muito bem que o dinheiro veio da lotaria, porque eu apanhei um boletim com uma chave muito tecnológica O seu pai escondeu muitas histórias. Escondeu tudo nos cofres da Jupiter Editions. Mas eu fui aos cofres e descobri tudo.

— A Dulce foi aos cofres da Jupiter Editions?

— Sim. Eu pude. Fui devidamente autorizada. Olhe, que eu tinha autorização para mexer no que mexi! Mexi em tudo, pois se estava autorizada... Sei lá, quando é que podia voltar a ser autorizada a vasculhar o cérebro do seu pai... Mas não pense que fui a única que o andei a vasculhar. Muitos vasculhámos. O seu pai é que deixou... E vi, num dos cadernos tecnológicos do seu pai uma chave de lotaria com o

agrafo do boletim da lotaria. Quer dizer que ele jogou aquele boletim da lotaria.

— Mas ó Dulce, espera lá... O que estava agraferado era simplesmente o boletim ou o recibo ou um comprovativo como ele tinha mesmo jogado essa chave?

— Ó, Antoine! Não era o recibo. Mas era o boletim! E se ele agraferou o boletim como agraferou é porque ele jogou o boletim! O Antoine não percebe o que eu estou a dizer, porque já não há essa lotaria. E por isso, não consegue ver a lotaria... Mas é como eu estou a dizer-lhe. Sabe que o seu pai tem tudo datado, sabe que ele põe datas e horas em tudo... Ele sempre foi muito inteligente e espiritual em relação ao Direitos de Autor e aos Direitos Intelectuais... Sabe que o Direito de Autor nem sequer precisa de ser registado? O registo só serve para reagir perante terceiros. Mas o Direito de Autor nasce com a expressão. Sabia? É um direito muito automático. É um direito muito tecnológico. É um direito muito espiritual. Sabia disto, ou não? Está espedado a olhar para mim e não me responde...?

— Dulce, eu sou professor de Direito...

— Está bem!... Parece que ficou ofendido...

— Que disparate... Não fiquei nada ofendido! É um gosto ouvi-la falar sobre Direito... Só lhe estava a lembrar que...

— Fui à Internet ver qual é que tinha sido a chave que tinha saído no dia que estava datada a página no caderno com a chave e com o boletim agraferado. E as datas batiam certo. Ele ganhou a lotaria. Foi aquela chave que abriu todas as portas tecnológicas da Jupiter Editions!

— Mas nós nem sabemos se o pai jogou a chave, se chegou a registrar o boletim. Pode se ter esquecido. Pode não ter querido jogar. O pai nunca me contou que lhe saiu lotaria nenhuma... Simplesmente, contou-me que na altura pediu um empréstimo ao banco para poder comprar o hotel.

— Essa é boa!... Na altura não havia Bank Jupiter, nem Elite Green Bank, nem My Earth Bank como hoje em que basta ir online ao bankjupiter.com pedir um prédio e enviar uma música ou um livro ou um quadro ou um passo de dança ou uma manobra de surf ou uma ideia para pintar o mundo com uma cor mais bonita e o Bank Jupiter manda imprimir o prédio em menos de 24 horas... Hoje os bancos acreditam no talento e no espírito. Mas ontem, em 2020, os bancos só sabiam era olhar para as vendas e para os capitais. Hoje os bancos olham para o espírito. Mas ontem os bancos só sabiam olhar para o capital. E sem entrada de capitais, os bancos não emprestavam nada. Se a Jupiter Editions já estivesse nessa altura com vendas, eu até acreditava... Mas sem vendas?

— Talvez o pai tivesse bens ou alguma herança... Pode ter levado bens próprios para a Jupiter Editions ou para dar como garantia ao banco... Pode ter recebido alguma herança...

— Ninguém morreu! Sabe o que é que fizeram à avó do seu pai? Só com uma pen copiaram todas as memórias, valores, emoções, algoritmos e descarregaram toda a informação do espírito dela para um android com a cara dela. Sabe o robot Bina-48? Faz parecer a avó do seu pai!

— A minha bisa-avó não parece nada o robot Bina-48, Dulce...

— Ah, parece, parece...! E quando o Direito mandou abrir a sucessão e chamou os herdeiros legítimos, o robot foi a tribunal e mandou fechar a sucessão e não deixou nenhum filho, nem nenhum neto tirar o que fosse da avó do seu pai. O robot protegeu toda a herança até hoje! A sua bisavó dentro do android deve estar com uns...

— Está com 156 anos. Mas a minha bisavó pode ter feito uma doação em vida ao meu pai...

— Não fez. É verdade que o seu pai era o “neto querido” dela. E é verdade, que a sua bisavó sempre teve muito dinheiro. Mas só se o seu pai tivesse casado com a Sarah e não com o Jakob é que a sua bisavó daria alguma coisa ao seu pai. O robot da sua avó pertence ao Trapézio, porque nos últimos anos de vida da sua avó, por causa do Sistema Perfeito, a sua avó mudou de igreja. “Ontem” a sua avó pertencia a uma igreja que odiava todos os homens que se metessem na cama com outros homens. O seu pai nasceu e viveu no meio da fortuna, sem poder tocar nela. Puseram-lhe num processo tecnológico. Trancaram o seu pai. Trancaram o espírito do seu pai. E nesse processo tecnológico, os *Dons*, porque só podem ter sido os *Dons*, enviaram-lhe a chave tecnológica para ele poder abrir as portas e sair do processo. Se o seu pai não tinha bens, não recebeu nem doação nem herança nenhuma e estava ainda sem vendas, como é que ele comprou o Musical Hotel Central, em nome da Jupiter Editions? Foi porque saiu-lhe a lotaria, só pode! O seu pai, não lhe conta nada!... Mas, eu não disse? Não disse que eu tinha sido contratada para lhe contar a história toda? E se fui contratada, vou contar-lhe tudo! Tim-tim-por-tim-tim. Os ajustes do seu pai eram sempre para cima. Lembro-me de um contrato de edição que a *Jupiter Editions* tinha celebrado com um autor novo francês de 50% dos direitos autorais. O livro do francês foi um sucesso e quando as

vendas atingiram 1 milhão, sabe o que é que o seu pai fez? Telefonou ao francês a dizer que “tendo em conta o cenário de vendas”, queria ajustar o contrato de edição e que queria que 80% do lucro das vendas fosse para o autor... Nenhuma editora senão a *Jupiter Editions* fazia isto! Nenhuma! Todas as editoras celebravam contratos de edição em que os autores ficavam com 8% dos direitos autorais do preço da capa e acorrentavam-nos por 2 anos... Oiça!!! Do preço da capa!!!? Algumas, 20%... E estamos a falar de editoras que até tinham as suas próprias livrarias e já estavam há anos no mercado... Ou seja, as editoras nem gastos tinham em pôr os livros nas livrarias que eram delas, porque pertenciam ao mesmo grupo empresarial, mas ficticiamente lá montavam a ficção e diziam que a livraria era outra empresa e que cobrava 40% do preço da capa e lá faziam outras contas de 10% aqui, mais 10% ali, mais outros 10% ali e era assim que diziam aos autores que tinham que fazer contratos de edição de 8% dos direitos autorais, se o autor fosse um autor desconhecido e uns 20% se fosse um autor já conhecido... Mas a *Jupiter Editions* chegou e mudou tudo! Chegou com uma nova órbita que fixou no universo do mercado e nunca a abandonou até hoje! Eu vi 800 mil a irem para a conta do francês e “só” 200 mil a ficarem para a *Jupiter Editions*. E depois acha o quê? Que esses 200 mil iam para o cérebro da *Jupiter Editions*? Não... O cérebro distribuía os lucros por todos os seus colaboradores, os colaboradores eram sócios, o seu pai transformou todos os colaboradores em sócios da empresa! Sabe porque é que eu me lembro tão bem desse contrato com o francês, Antoine? Porque fui eu que o traduzi! Ó Antoine, fui eu! Está a ouvir? Eu era uma das tradutoras da editora do seu pai. Vi a oferta de emprego na página [www.jupitereditions.com](http://www.jupitereditions.com). A *Jupiter Editions* estava a recrutar tradutores de português para inglês, alemão, sueco, dinamarquês, finlandês, norueguês, neerlandês, islandês, francês, italiano e castelhano. Eu tinha só 16 anos, não tinha experiência nenhuma, mas falava francês e inglês muito bem... Mas não tinha

como o provar... Não tinha curriculum... Mas eu sabia que era muito boa a traduzir... E olhe, foi isso mesmo que eu escrevi nas observações do formulário que anexei com 20 páginas que traduzi d'*O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala, o meu romance preferido, até hoje! Não há melhor romance que *O Algoritmo do Amor!* Venham os algoritmos que vierem que nenhum, mas nenhum, mas nenhum, ó Antoine, derrubará *O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala. Disse nas observações que tinha escrito aquelas 20 páginas *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto, numa hora... Menti ao seu pai... Demorei a manhã toda... Foi a peta que eu achava que tinha que dar para conseguir o emprego... Mas o seu pai foi muito inteligente, muito espiritual, a entrevistar-me e a contratar-me. Vou ser muito franca e não me quero gabar, eu sabia que ia conseguir o emprego! É claro, que se fosse outra editora eu nunca conseguiria o emprego, porque tinha só 16 anos e não tinha curriculum, mas eu sabia quem estava à frente da *Jupiter Editions*, sabia que a *Jupiter Editions* era uma empresa humana e empática, porque o cérebro que estava à frente dela era um cérebro humano empático que olhava para as coisas com empatia, sempre numa ótica muito inteligente dos recursos. E eu tinha a certeza de que, se a *Jupiter Editions* visse o meu talento, iria ver a inteligência que havia em mim e iria contratar-me. Tinha que me contratar! Eu sentia algo dentro de mim. Sabia que o cérebro da *Jupiter Editions* era um cérebro que olhava para os pequenos pormenores e dava-lhes sempre um significado, dava-lhes sempre uma vida, animava-as, transformava-as, e eu sabia que a *Jupiter Editions* transformaria a minha vida, no mais importante significado da minha vida! Recebi a chamada, era o seu pai, a agendar comigo uma entrevista. Bati à porta e o seu pai logo se levantou com o braço esticado, enquanto andava até a mim, com um sorriso enorme do tamanho do seu coração, para me apertar a mão e convidar-me a entrar. Vi ali o seu coração. O seu pai perguntou-me onde e com quem é que eu vivia e eu disse-lhe que vivia

só com a minha mãe num pequenino sótão. O seu pai perguntou-me porque é que eu queria o emprego e eu disse-lhe que era para poder ir para o curso de cozinha na escola privada em Cascais, para comprar um elétrico e comprar uma casa com um quarto para mim e outro para a minha mãe, mas tinham os dois quartos que ter terraços, porque tínhamos ficado muito privadas de ver a vista e merecíamos uma longa vista solarenga. O seu pai ficou muito curioso com a ordem das minhas compras. Eu disse-lhe que para mim era muito importante o curso de cozinha, porque acreditava que a cozinha é que me poderia fazer sair da miséria, eu tinha que cozinhar e já que eu gostava tanto de cozinhar, poderia sair assim da miséria feliz a cozinhar. Sabia que vivia na miséria. Nunca o disse alto, nem nunca o repeti para mim mesmo. Foi assim que sempre acreditei. Não interessava naquilo que me punham à frente dos olhos. O que interessava era aquilo que eu queria pôr à frente dos meus olhos. O meu namorado, o Jörg, vivia num pequeno estúdio arrendado com os dois irmãos dele, eram os três músicos, tinham uma banda. Faziam do estúdio, o quarto deles, a sala deles, a cozinha deles e era ali onde compunham as músicas deles, tinham uma bateria, uma guitarra e um piano. Cantavam todos na banda, ao mesmo tempo que cada um tocava um instrumento. O meu namorado era o pianista. Está a imaginar a barulheira e a confusão que era aquele estúdio, não está? E eu ali no meio deles. Eu ali no meio do rock germânico deles. No meio daquelas guitarradas aprendi alemão. O rock deles tinha piano. Era um rock sofisticado. Eles eram os 3 muito sofisticados, muito germânicos. E fui muito feliz ali naquele pequenino estúdio com o Jörg e com os irmãos dele, mas eu e o Jörg não tínhamos onde namorar. No final de todo aquele rock o que apetecia ao Jörg era... Era... Pronto... O Antoine sabe... Apetecia-nos sempre aos dois... Eu só de tocar nas mãos dele... Só de lhe dar as mãos... Olhe... Eu ficava toda amalucada... E não tínhamos sítio para... O Antoine sabe... No sótão havia a minha mãe. No estúdio havia os



irmãos dele. Sabíamos que o campismo selvagem era proibido... Não percebíamos muito de leis, só sabíamos que era proibido... Que era o que se dizia... Então, não tínhamos hipótese e mesmo que tivéssemos um carro para namorar, os namorados no meu tempo faziam isso, namoravam dentro do carro, estacionavam o carro nos miradoiros e ficavam a namorar a noite toda, precisaríamos de dinheiro para o combustível, para irmos até aos miradoiros namorar, depois de todo aquele rock... Mas sabíamos que se comprássemos um elétrico, pelo menos durante 1 ano, não teríamos que nos preocupar com o combustível e assim poderíamos viajar e namorar... Só precisávamos era do dinheiro para comprar o elétrico... Com o elétrico poderia deslocar-me para ir depois para a escola de cozinha. Eu vivia longe de Cascais, se tivesse um elétrico não precisaria de me preocupar com pelo menos o primeiro ano da faculdade e teria tempo para concorrer à bolsa de mérito. Via o meu mérito, sabia que ganharia a bolsa! E ganhei! O seu pai levantou-se, saindo ali da sala de entrevista sem dizer nada. Voltou com um livro na mão, uma esferográfica e folhas A4 em papel reciclado. Trazia *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom. Disse-me que *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom estava prestes a ir parar a uma sala de teatro em Londres e noutra em Paris e quem tinha ficado de fazer a tradução e adaptação para teatro tinha sido a *Jupiter Editions*. E que “estávamos” em contra-relógio, porque os ingleses e os franceses eram muito picuinhas com a pontualidade das horas e dos contratos. Mandou olhar-me para o relógio do pulso dele, o mesmo de sempre, e disse-me que “tínhamos” meia hora para fazer a tradução para inglês das primeiras 10 páginas e a outra meia hora para fazer a tradução para francês das últimas 10 páginas. Pediu-me que começasse pelo inglês e saiu. Fiquei aflita, porque eu não ia conseguir traduzir 20 páginas numa hora, porque isso tinha sido o que eu tinha dito que conseguia fazer só para conseguir o emprego... E sabia que aquele “estávamos” contra-relógio e “tínhamos” que traduzir, incluía-me logo no espírito da *Jupiter*

*Editions*. Passado meia hora, o seu pai apareceu na sala e pediu para que interrompesse a tradução em inglês e começasse a tradução em francês. Não me pergunte como, mas *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto eu tinha traduzido as 10 páginas em inglês. Acredito que tenha sido o espírito da *Jupiter Editions* a invadir-me o espírito, a tomar o meu corpo e a escrever *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto. O Antoine acredita em espíritos?

— Não, Dulce...

— Não acredita?

— Não, Dulce...

— Mas acredita em *Dons* que eu já o ouvi a falar com o Thomas...

— Não acredito em *Dons* nem em espíritos, Dulce...

— Eu não sou o Sistema Perfeito, pode dizer-me a verdade... Acredita ou não acredita, Antoine?

— Dulce!... Já lhe disse que não acredito...

— Não acredita? Isso é porque não fez contratos com a *Jupiter Editions*... Se os espíritos da *Jupiter Editions* o tivessem chamado para uma entrevista e convidado a celebrar contratos espirituais, ia ver se não acreditava nos espíritos... Depois na outra meia hora consegui traduzir as outras 10 páginas para francês. O seu pai chamou a Sarah. Eu queria ser como a Sarah. Ouvia os passos dela «toc, toc, toc, toc, toc» a bater no chão e a chegarem até mim, fazendo eco em toda a escadaria do meu “palácio mental”. Quem me deu o “palácio mental”

foi o Jörg. A Sarah era “o robot” do seu pai. O seu pai não precisava de robots. Tinha a Sarah. Sabe que em 2020 já muitos tradutores eram ultrapassados por robots-tradutores. Muitos tradutores traduziam com programas ligados à Internet alimentando uma Inteligência Artificial que permitiria o desenvolvimento de programas de tradução com 100% de precisão, pondo em crise os tradutores humanos. A profissão de tradução estava em vias de extinção como todas as outras. E foram os próprios tradutores, ingênuos e inocentes com as tecnologias, que puseram a própria profissão em vias de extinção. E os softwares de tradução 100% começaram a aparecer em 2021. Os softwares eram como robots. As editoras começaram a adquirir, menos a *Jupiter Editions*. Só que ninguém via os robots naquilo. As pessoas às vezes esquecem-se que um elevador é um robot. Nós já nascemos na Era dos robots. Olhe, os exoesqueletos são perfeitos! Os braços-robots, as pernas-robot, os corações-robots tudo isso são robots feitos para os humanos viverem mais e melhor! Para mim os exoesqueletos foram uma das melhores tecnologias comercializadas em 2020! Inventaram-se tecnologias muito boas em 2020! Inventaram-se robots que não estragavam os humanos! Sabe que eu tinha 16 anos e numa revista “*Júnior*” apareciam robots para crianças, a dizer que seriam os melhores amigos delas e a dizer às crianças que todas elas iam querer ter robots e que tinham que pedir aos pais para não ficarem fora do futuro!!!?? Acha isto normal??? Numa revista que supostamente era conceituada...? Deixou logo de ser conceituada, pelo menos aos meus olhos e aos olhos da *Jupiter Editions*. Quando nós vemos isto escrito, isto a ser escrito, há um stress gigante em cima de nós para querermos escrever outras coisas e vermos escritas outras coisas *À Velocidade da Luz*, de Gil de Sales Giotto. E foi por isso, que a *Jupiter Editions* foi uma inimiga para o mercado editorial, porque ela chegou a matar com a sua poderosa escrita tecnológica. Com aquela tecnologia enviada pela Mão Invisível de Jupiter. Quando sentimos uma Mão Invisível, e ainda por

cima de Jupiter, nós não temos medo de nada, porque sabemos que estamos protegidos! Podemos dizer o que quisermos! Podemos imprimir o que quisermos! E a posição da *Jupiter Editions* sempre foi muito clara! Nunca se opôs à impressão dos drones e dos robots, porque sabia que havia robots muito importantes. Por exemplo, os tanques-drones bombeiro que *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto vão proteger os pulmões da terra não os deixando incendiarem-se! O robot *Da Vinci* que era um robot, muito famoso entre os médicos cirurgiões, que fazia cirurgias com maior precisão do movimento e que servia essencialmente para aumentar o conforto dos cirurgiões e diminuir a dor do doente no pós-operatório, mas que em termos de resultados do doente era praticamente igual, não podia ser usado em doentes com infeções, abscessos, em doentes politraumatizados, ou seja, não podia ser naquelas cirurgias que iam ser complicadas em que os médicos tinham mesmo que ir lá com as mãos com técnica e talento, abrir a barriga do doente; o robot *Da Vinci* só servia para as cirurgias que se sabiam que iam correr bem, que não eram nada de complicado em relação a técnica. Por isso, o robot *Da Vinci* nunca ultrapassou os cirurgiões, porque as mãozinhas dos cirurgiões são eternamente sagradas. E aquelas mãozinhas do Doutor Jakob... O Doutor Jakob foi considerado primeiro o melhor médico da Europa e lá fez as malas para a Dinamarca. Depois foi considerado o melhor cirurgião do mundo e lá fez as malas para San Francisco... E o Antoine acha o quê? Que o Doutor Antoine ficou cá? O Doutor Antoine agarrou em tudo e foi atrás do Doutor Jakob. O Doutor Antoine era cego pelas mãozinhas do Doutor Jakob. Andavam sempre os dois de mãos dadas. Fossem para que lado fossem. Andavam sempre de mãos dadas. O Doutor Antoine sabia muito bem quanto valiam aquelas mãozinhas de cirurgião do Doutor Jakob e o Doutor Jakob sabia muito bem quanto valia aquele cérebro... E foi o Doutor Jakob que com as suas bonitas masculinas mãozinhas operou delicadamente aquele cérebro do Doutor Antoine

com o maior amor do mundo! Era preciso ter mãozinhas e o *Da Vinci* não tinha ainda as mãozinhas. As mãozinhas tinham que ser humanas, amorosas, não eram metálicas, robóticas... Mas o robot *Da Vinci* era uma tecnologia bem vista por uns médicos e mal vista por outros médicos. Mas não era obrigatória. Hoje, quem não tem seguro de saúde e está no Sistema Nacional de Medicina vai direitinho para as mãos metálicas dos robots que deambulam pelas salas de operação com espíritos de médicos dentro deles. Quem me livrou disso, foi o seu pai, o Doutor Antoine. Vamos lá ver: há robots que não põem em crise profissões e existem para aumentar a qualidade de vida dos humanos, aliviando-os, aliviando-nos, dando-nos mais felicidade e liberdade. Outros, existem para piorar a vida dos humanos, stressando-os, stressando-nos, dando-nos mais sofrimento e prisão. Porque é uma prisão ter uma voz e um talento e uma Inteligência Artificial vir roubá-lo, lucrar, fazer milhões connosco e nós sem ver milhões nenhuns, só a vê-los a passar, só ver a voar por cima de nós carros-voadores e nós, só, aqui em baixo a vê-los voar... O seu pai era muito inteligente e já na altura percebeu tudo atempadamente e fez o que tinha a fazer. Fez aquilo que podia fazer. Ele só queria ser feliz e sentir-se livre e queria poder multiplicar essa felicidade e essa liberdade nos outros que ele visse que eram como ele, que viam as mesmas coisas que ele. Era só isso. Foi só isso. Muitos não perceberam. O seu pai foi acusado de tudo e mais alguma coisa. Já sabe como funcionam as coisas, não sabe Antoine? Parece que ontem em 2020 não podíamos agradecer “a gregos e troianos” e hoje em 2080 ainda continuamos sem poder agradecer “a gregos e troianos”. Há uma Troia no mercado... E uma Grécia intelectual luta silenciosamente através da escrita com Troia. E nós herdámos essa luta. Estamos a assisti-la desde que nascemos. Foi esse o filme de realidade virtual aumentada que nos convidaram para ver. E o seu pai, sempre ao lado da Sarah, e sem os óculos de realidade virtual aumentada conseguiu, espiritualmente, ser um deus no mercado. Soube

estar omnipresente e onnisciente. A sua escrita testemunha a omnipresença e a onnisciência. Depois, com a sua nova Psicologia de Mercado, a Sarah projetava o cérebro da Jupiter Editions em fantásticos hologramas. Eles eram deuses. Só os deuses conseguem projetar o fantástico. Nem todos os hologramas são fantásticos. Nem todos os hologramas deviam ser projetados. O seu pai mandou fechar feixos de luz só com o Direito dele. Como mandou baixar drones, mandou fechar feixos de luz. Foram hologramas que o Direito do seu pai proibiu de encadear os humanos e os pirilampos. O seu pai gosta muito de pirilampos. Por causa dele, comecei a ver os pirilampos. E a Sarah, com a Psicologia dela, foi atrás do Direito do seu pai. Andaram sempre atrás um do outro. Não há melhor amizade que esta! Não há melhor aliança que o Direito e a Psicologia! Eles tinham um Direito das Coisas. Tinham uma Psicologia das Coisas. O seu pai dizia que o Direito era Psicologia e que a Psicologia devia ser um direito! Ele dizia que havia o Direito da Psicologia. O seu pai dizia com cada coisa... Dizia uma coisa e depois já estava a dizer outra coisa, andava sempre a voar de um lado para o outro *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto. E a Sarah voava sempre com ele. Lá iam os dois. Eram espíritos cheios de vida. De uma beleza de espírito e de uma beleza de alma que se sentia com o andar deles sempre com o GPS em *Jupiter* de Gabriel Garibaldi. É claro que o seu paizinho é como o Antoine e vai logo dizer que não tem nada o GPS posto em *Jupiter* de Gabriel Garibaldi... Mas vocês esquecem-se que eu sou a cozinheira e oiço tudo. Sei muito bem que o seu pai e a Sarah tinham o GPS posto em *Jupiter* de Gabriel Garibaldi, por mais que sejam “do sistema” e vejam *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom com a tecnologia deles. Porque na tecnologia deles, sei muito bem que eles tinham um GPS posto no *Jupiter* de Gabriel Garibaldi. Um dia hackeei a localização do seu pai.

— O quê? A Dulce hackeou o meu pai?

— Shiuuuu! Eu sou a cozinheira! Tenho o direito de saber das coisas.

— Mas a Dulce disse que não sabia hackear...

— Não sei hackear caixilharias elétricas com microfones que nos ouvem a mandar baixar as persianas e ouvem também como dizemos que amamos os nossos namoraditos... Mas sei como hackear o GPS de qualquer telefone. Podem mentir-me as vezes que quiserem, que eu sei muito bem quando estão a mentir. Podem dizer que foram surfar para a Cordoama com Jakobs, quando eu sei muito bem que foram surfar com Sarahs para o mar gelado de Europa de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi. O Antoine acha que o seu pai também não o hackeou a si? É seu pai! Tem o direito de saber sobre as suas coisas e sobre as suas mentiras...

— Não, não tem. Tem que saber aquilo que eu quero que ele saiba. Aliás, foi o meu pai que inventou o Direito à Mentira. Não percebo esses vossos direitos...

— O Antoine não percebe, porque não tem filhos.

— A Dulce também não tem filhos...

— O Antoine é como se fosse meu filho!

— Ah!... Por isso é que também me hackeou?

— Sim... E quando hackeei a localização do seu pai, adivinhe onde é que ele estava? Estava em *Jupiter* de Gabriel Garibaldi. E sabe com quem? Com a Sarah. Sempre soube que eles eram *Dons*. Esses espíritos jovianos!... Esses viajantes do tempo intra-galáctico!... Eles

tinham o GPS lá. Sabia que o seu pai vê os enxames de galáxias como vê os enxames de abelhas? Quem é que vê assim os enxames? Só os *Dons*. Eu não disse que eles eram deuses? São deuses. Vi a Sarah a agarrar delicadamente com aquelas mãozinhas de deusa nas minhas folhas e a analisar a minha tradução. Parecia que tinha raios ultravioleta e raios infravermelhos metidos nos olhos... Parecia que com a sua tecnologia, via a tecnologia daquilo que eu tinha feito. Vi a Sarah a passar com as suas mãos de deusa suavemente pela minha caligrafia como se lhe sentisse um certo relevo. Parecia que me tinha descoberto o espírito pelo revelo que a minha escrita fazia. Parecia que a Sarah conseguia olhar para mim através da minha escrita e ver todo o meu mundo. Com as folhas nas suas mãos, olhou para o seu pai e eles num complô muito deles, muito tecnológico, trocaram uma tecnologia qualquer com os olhares, sorriram os dois para mim ao mesmo tempo e eu sabia que estava contratada. Soube assim que estava contratada.

— Dulce, o que aconteceu às folhas?

— O seu pai guardou-as nos cofres da *Jupiter Editions*.

— Gostava de analisar o espírito tecnológico da sua caligrafia...

— Desde que não me prenda à sua biblioteca de almas, por mim, está à vontade, ó Antoine...

— Não a vou prender, prometo...

— No final do primeiro ano, o seu pai chamou-me à sala onde tinha assinado comigo o contrato de trabalho e rasgou-o à minha frente. Só me apetecia chorar. Não entendi. Não sabia o que tinha feito de errado. Aquilo não era o seu pai... Não podia ser o seu pai... Era



impossível!... E o seu pai, logo com um grande sorriso, abraçou-me e deu-me as boas-vindas como sócia de indústria da *Jupiter Editions*. Agora eu participaria nos lucros da empresa. E isto era o seu pai. Era isto que era o seu pai. Fiquei mais um ano na *Jupiter Editions* e depois saí para ir estudar cozinha. Quando saí, tinha dinheiro para comprar a minha felicidade. A minha felicidade tinha um preço. E eu consegui pagar o preço da minha felicidade com a *Jupiter Editions*. Consegui pagar logo as propinas todas do curso de cozinha no primeiro dia em que fui a Cascais inscrever-me, apareci lá na escola a mandar um bruto estrilho num jipe cor-de-laranja descapotável Superwagens, novinho em folha, sem ter que ser elétrico, porque tinha dinheiro para pôr gasolina sintética que era neutra em carbono, agora só há carros a hidrogénio...

— Não, Dulce... Ainda há muitos carros a gasolina sintética...

— Ah! Pensava que o hidrogénio tivesse matado a gasolina...

— À gasolina sintética claro que não matou, porque a gasolina sintética, como a Dulce disse, é neutra em carbono... Não polui nada! Ela é produzida em laboratório...

— Pois, está bem... Mas eu pensava que o hidrogénio tinha retirado também a gasolina sintética do mercado... E eu no meu Superwagens cor-de-laranja mandava cá um estrilho sem poluir... Não poluía nada... Mandava estrilho sem poluir, veja lá...! Comprei uma casa para a minha mãe e outra para mim e para o Jörg. Sempre fui muito germânica... Quem me injetou no sangue os genes germânicos foi o Jörg, no nosso Superwagens... Ah! Não pense que eu comprei o Superwagens com Inteligência Artificial capaz de ter ouvido o Jörg a injetar-me o seu sangue germânico... Olhe que eu nunca fui nenhuma tapadinha, Antoine! Sempre vi os mercados! Sempre fui muito lúcida! Sempre fui muito inteligente! Sempre fui muito liberal e paciente com

os mercados! Sempre tolerarei tudo! Mas sempre fui muito revolucionária! Sempre fui muito francesinha, muito *très chiq*... Sempre fui *very british*... Mas sou portuguesa!!! Como a Sarah! A Sarah veio lá com o Jakob da Alemanha, mas é portuguesa! Fala francês pelos cotovelos, mas é portuguesa! Sou tal e qual como a Sarah! Só não sou uma deusa... Também sei falar castelhano e italiano como a Sarah... Sueco e holandês é que eu confesso que é um pouco mais difícil... Dinamarquês... Finlandês... Norueguês... Uii... Esses fiordes literários... Só a Jupiter Editions se atreveu a navegar por eles... E Islandês? É lindo! Mas é muito difícil... Parece que quem inventou islandês inventou só para os islandeses... Parece que os islandeses não queriam que mais ninguém falasse a língua deles... Mas a Jupiter Editions falou na língua deles... Sabe como é que a Jupiter Editions convidou o Kaleo para vir com a sua guitarra cantar ao Rok Garden do Musical Hotel Central? Em islandês!!! E ele veio cantar em islandês aquela música islandesa que ele tem... Como é que se chama?

— Vor í Vaglaskógi.

— Isso. A Jupiter Editions até islandês falava. Nenhuma outra editora portuguesa falava islândes... Sabe como é que a Jupiter Editions convidou o Jake Bugg para vir cantar o seu indie-blues-rock-country-folk ao Rok Garden do Musical Hotel Central?

— Em inglês, Dulce... O Jake Bugg é inglês... Mas não vai dizer que nenhuma outra editora senão a Jupiter Editions falava inglês, pois não...?

— Mas nenhuma outra editora falava nem indie nem folk... Pergunte ao Jake Bugg! Pergunte! Vá, pergunte!

— Não pergunto nada, Dulce...

— O Jake Bugg faz me lembrar muito o Barac Bielke, que escreveu os *Cavaleiros Tecnológicos*.

— Não os acho nada parecidos...

— Ah, eu acho! São mesmo parecidos... Vou dizer-lhe uma coisa... Antes do Jörg, eu tinha duas paixonetas... Tinha um fraquinho pelo Barac Bielke e pelo Jake Bugg... O Jake Bugg tem aquele ar “de qualquer maneira”, que “se está nas tintas”, tem assim aquele ar “folk”, aquele ar “country”... Mas depois com aquele vozeirão de rock blues fica com um ar sofisticado... O Antoine não acha?

— O Thomas faz mais o meu género...

— No fundo, o Rok Garden do Musical Hotel Central é um Rok Garden indie com cheiro a blues, num romântico rock de folk com um suave toque country... Olhe que esta descrição é minha! O seu pai ria-se muito quando eu descrevia assim o Rok Garden da Jupiter Editions. Porque o Rok Garden do Musical Hotel Central é o Rok Garden da Jupiter Editions. A Jupiter Editions nasceu numa praia, nasceu num hotel, nasceu num teatro, nasceu num cinema, nasceu numa escola, nasceu numa perfumaria, nasceu numa boutique, nasceu numa loja de surf, nasceu numa prancha de surf, nasceu em tudo, menos numa livraria que era onde devia ter nascido... Onde devia ter nascido, não nasceu... A Jupiter Editions nunca quis só ser uma editora. Quando nasceu, quis logo plantar árvores. Quando nasceu, quis logo combater a fome. Só uma editora alienígena lá do *Jupiter* de Gabriel Garibaldi é que nasce no mercado já a pensar em plantar árvores e em combater a fome e em imprimir casas e fantasias a 3 D com micromateriais sustentáveis... A Jupiter Editions quis ser tudo. E por isso, foi tudo! A Jupiter Editions nasceu a querer falar e dançar logo 12

línguas. E por isso falou. Dançou. Falou tudo o que tinha para falar quando tinha que falar. Depois calou-se para dançar. Nas discotecas é para se dançar, não é para se estar a falar. “If U Wanna Go To Jupiter U Gotta Dance”. Eu sei muito bem que o Antoine quer ir para *Jupiter* de Gabriel Garibaldi com o Thomas... Vão à festa?

— Claro que vamos à festa “If U Wanna Go To Jupiter U Gotta Dance”.

— Então é bom que comecem a dançar, porque “Jupiter Wants To See U Dance”. Também vão à “Jupiter Wants To See U Dance”?

— Claro que vamos, Dulce. Vamos sempre todos os anos. “U Can’t Stop Dancing On Jupiter”, Dulce!

— Sim, mas nós não estamos em *Jupiter* de Gabriel Garibaldi. Estamos em 2080. Também não precisamos de estar sempre a dançar...

— Ah!... Não me diga que a Dulce vai faltar à “U Can’t Stop Dancing On Jupiter”...

— Com muita pena minha, este ano vou ter que faltar...

— Vai faltar à “U Can’t Stop Dancing On Jupiter” de 2080, Dulce?

— Sabe... Não sou dona do Club Cascais. Sou só a cozinheira... E o meu patrão não me paga um ordenado que me possa dar ao luxo de estar sempre a gastar mais 4 moedas Jupiter cada vez que quero ir a uma festa da Jupiter Editions cheia de glamour e Member

Readers humanos que dançam a noite toda, só de copo na mão, sem se embebedarem e divertem-se muito, sem telefones e sem tecnologias nenhuma...

— Claro, Dulce... Entendo... Se eu tivesse o seu patrão também seria muito infeliz sem poder ir às festas da Jupiter Editions...

— Estou a brincar... Estou a guardar as minhas moedas Jupiter para ir a outro evento da Jupiter Agenda.

— Qual?

— Quero me inscrever no Circuito de Bodyboard da Jupiter Editions com Oficina de Escrita... Do que é que se está a rir? Está-se a rir por eu só aos 76 anos querer iniciar o bodyboard?

— Claro que não, Dulce! Que disparate!

— Então estava-se a rir do quê? Sabe a tia Miren? A tia Miren iniciou o bodyboard aos 76 anos. E sabe quantos anos tem agora a tia Miren?

— Eu não me estou a rir disso, Dulce! A tia Miren tem 136 anos e apanha ondas na praia da Cordoama.

— Oh! Isso sei eu que a tia está sempre na Cordoama a apanhar ondas. A tia não sai, nem por nada, lá das ondas da Cordoama. Ninguém a tira de lá!

— É como a Jupiter Editions. Quem é que a vai tirar de lá? Eu não!

— Sabe que foi na praia da Cordoama que o seu pai conheceu a tia Miren? Surfaram juntos lá... Pois se eles surfaram lá, é para lá onde eu também vou surfar no Circuito de Bodyboard da Jupiter Editions com Oficina de Escrita. Eu depois vou mostrar-lhe o que é que escrevi sobre as ondas. Vai ver se a Jupiter Editions não vai publicar um livro meu... Vai ver!

— Não sabia que queria publicar um livro... Muito menos imaginava-a a publicar um livro sobre bodyboard...

— Ah!... Mas vá me imaginando... Vá me imaginando de prancha na mão a desfilar pela praia da Codoama... Só a desfilar nas ondas... Vá me imaginado... Está a imaginar-me ou quê? Olhe que eu estou mesmo a imaginar-me...

— Estou mais a imaginá-la a dançar na “U Can’t Stop Dancing On Jupiter”... E este ano a “U Can’t Stop Dancing On Jupiter” vai ser no Rok Garden do Musical Hotel Central...

— O Rok Garden do Musical Hotel Central não vira sempre uma discoteca depois da uma?

— Sim, vira. Mas desta vez vai virar com a “U Can’t Stop Dancing On Jupiter”. Vai ser para virar o hotel todo. Até vamos dançar no corredor dos quartos! Até vamos dançar nas escadas e nas paredes! Até vamos dançar nos quartos! Ninguém dorme! Ninguém vai poder dormir naquele hotel, porque “U Can’t Stop Dancing On Jupiter”. Os quartos vão ficar abertos! Quem quiser dormir, vai ter que ir para outro hotel! Porque no dia da “U Can’t Stop Dancing On Jupiter” o Musical Hotel Central não é para dormir, é para dançar!

— Pronto! Vamos dançar! Já me convenceu! Vou mostrar-lhe como é que se dança o rock germânico do meu Jörg... Vamos dançar rock norueguês, vamos dançar rock holandês, vamos dançar rock dinamarquês, vamos dançar rock finlandês, vamos dançar rock sueco...

— Uil... Rock sueco já é muito hardcore para mim... Não a posso acompanhar no glam hard rock sueco...

— Porquê? Não é punk rock...

— Sim... O glam hard rock sueco não é punk rock, mas para mim é como se fosse e isso para mim já não dá para dançar...

— Não está a falar mal da Suécia, pois não?

— Eu, Dulce? Nem sequer estou a falar mal do glam hard rock. Só estou a dizer que não é para mim. Não tenho pedalada para esse rock. Mas tenho para outros. Tenho pedalada para o rock norueguês.

— O Antoine tem pedalada para o black metal, para o gothic metal e para o death metal da Noruega e não tem para o glam hard rock sueco?

— Não é desse rock que eu estou a falar, Dulce... A Dulce vai logo para o mais hardcore, para o mais dark... A Noruega não é só black metal, gothic metal ou death metal. Quando digo que tenho pedalada para o rock norueguês é para Kakkmiddafakka, Slotface, Kings of Convenience...

— Oh! Para esses todos temos pedalada... Isso não é rock... Isso é indie rock...

— Pois, eu gosto é de indie rock...

— A Jupiter Editions abriu portas no Musical Hotel Central a novas bandas de indie rock. A Jupiter Editions internacionalizou o Musical Hotel Central. Vieram bandas e cantores a solo dos Países Baixos, da Finlândia, da Alemanha, da Austrália, do Canadá... Vieram de todo o lado. Vieram músicas, rocks, paixões e danças holandesas, porque a Jupiter Editions falava holandês. Vieram músicas, rocks, paixões e danças dinamarquesas, porque a Jupiter Editions falava dinamarquês. Nenhuma outra editora portuguesa falava dinamarquês, nem holandês, nem norueguês, nem finlandês, nem alemão sequer, nem sueco... Mas começaram a atirar-se aos nossos dinamarqueses, aos nossos holandeses, aos nossos suecos numa dança que era nossa, roubaram-nos a dança, e numa dança imitada começaram também a dançar para os dinamarqueses, para os holandeses, para os suecos... Vi um mercado enorme a começar a dançar para o Jörg que nunca tinha querido saber do Jörg para nada... Um mercado que foi incapaz de financiar os projetos e o estúdio do Jörg... Um mercado, que por ele, pouco se importava se o Jörg vivia num estúdio arrendado com os irmãos... Desde que produzisse música, era o que o mercado queria... Queria lá o mercado saber se o artista andava nas drogas, com o coração a bater mil por mil... Foi no Rok Garden do Musical Hotel Central que o Jörg contou à Jupiter Editions no programa Print Your Heart do Kanal Jupiter, o seu projeto. Todos os bancos alienígenas que financiam os talentos que não têm capital e que têm uma impressora a 3 D para mandar imprimir as ideias dos bons corações, chegaram-se logo à frente para mandar imprimir o Penthagunus: a primeira discoteca em forma de pentágono, com uma só pista de dança em cerâmica que absorve o impacto das pisadas transformando a energia para iluminar a discoteca, com 5 palcos ajardinados pentagonalmente suspensos em cada um dos vértices. Em 4 dos 5 vértices actuam ao vivo e a cores 4



bandas de rock que, à vez, dão o rock à pista de dança, moderadas pelo palco dos DJs que em tempo real num sempre novo remix põem o rock, seja ele indie ou psicadélico, a dançar a noite toda.

— A última vez que fui à Penthagunus passou um rock australiano-germânico muito fixe! Era Angus & Julia Stones com Tame Impala num rock australiano de um lado e era do outro Giant Rooks e Bukahara num indie germânico... Ainda me lembro que quem abriu a pista foi o Let It Happen da Tame Impala...

— Ah! E sabe quem é que foi o DJ que fez esse mix e esse remix? Foi o meu Jörg empresário-pianista-DJ...

— Ah!... Não sabia... Não reparei no DJ... Só sei que tive a noite toda a dançar com o Thomas sem parar... Fez lembrar-me os tempos do liceu em que íamos para a ÖSLO dançar a noite toda até de madrugada...

— Ah!... Mas a ÖSLO é para putos... O Antoine já não tem idade para ir para a ÖSLO...

— Tenho sim! Os meus alunos, por acaso, estão sempre lá batidos...

— Está a ver? É para putos... O Antoine tem idade é para ir à Penthagunus...

— Dulce! Os meus alunos são universitários...

— Fica mal... Não fica bem professores a irem dançar à mesma discoteca em que vão os alunos...

— Fical mal, porquê? Só se for na sua cabeça! Acho isso tão giro...

— Acha giro? Acha giro depois os comilanços entre os alunos e os professores, é?

— Ó Dulce! Isso não existe! Muito menos, na Escola Universal do Direito.

— No meu tempo vi muitos comilanços desses.

— No seu tempo, quando Dulce?

— Em 2022 e 2023 e 2024...

— Dulce! Estamos em 2080...

— Pois... E em 2080 eu vou é dançar sempre à Penthagunus, porque sou ecológica e sustentável... O seu pai também vai à Penthagunus... Porque o seu pai também é ecológico e sustentável... Em 2008, o Jörg tinha ido a uma discoteca em Roterdão com o chão sustentável. Ele tinha escrito por brincadeira a ideia num dos seus cadernos em 2005, mas não sabia que seria possível. Em 2006 um empresário holandês teve a mesma ideia e começou a desenvolvê-la e em 2008, a ideia nasceu e nesse mesmo ano, o Jörg pisou com os seus próprios pés a ideia que tinha tido e viu que a ideia já era uma realidade. Ele queria trazer a ideia para Lisboa e levar também para Berlim, mas não tinha capital. Então agarrou-se ao piano e compôs a sua ideia num novo rock vegan, ecológico e sustentável que inventou com os irmãos. Por causa dele, é que me tornei vegan. É claro que o Elite Green Bank que estava no programa, quis logo financiar a ideia do Jörg quando ouviu dizer que o Penthagunus seria a primeira discoteca vegan com

copos 100% reciclado, bebidas biológicas, todo o mobiliário 100% sustentável, que as descargas das retretes e das torneiras seria alimentada com a água da chuva absorvida pelo telhado e que até as fezes humanas seriam convertidas em energia elétrica graças às retretes inteligentes... O Jörg dizia que tudo era energia e que via energia até nas suas fezes e que um dia iria fazer dinheiro com as próprias fezes... Eu acho que a Jupiter Editions não estava bem à espera que se falasse em fezes no Kanal Jupiter, com crianças a ver o programa do Print Your Heart... Mas o pensamento da Jupiter Editions sempre foi muito sustentável e se isso fosse sustentável, que fosse a conversão das fezes em energia o futuro! Hoje, em 2080, não se fabricam retretes que não sejam inteligentes. Hoje, todos os estabelecimentos comerciais querem é que os seus clientes defecam tudo o que tenham para defecar.

— Sim, Dulce! Mas não é por uma questão ecológica de certeza... Se for, há de ser por uma questão de dados...

— Até as fezes se tornaram dados energéticos... Veja lá! Quem sempre quis ficar fora desta conversa foi o My Earth Bank. O My Earth Bank perguntou qual era a previsão de energia dançante convertida em energia elétrica com a pista cheia da Penthagunus... Lembro-me do Jörg ter ficado atrapalhado, porque não tinha previsto isso no *Business Plan* e a querer dar a volta por cima do My Earth Bank disse que em média, por cada pessoa a dançar chillwave e indie na pista de dança, o Penthagunus conseguiria converter em energia elétrica 5 a 10 watts; mas com um rock e um grunge, que puxam uma dança um pouco mais energética para deixar os cabelos depenteados e desgrenhados, produzir-se-ia “seguramente”, disse ele, 20 watts de energia elétrica por cada membro. E o My Earh Bank acreditou. E Jörg, esperto como ele era, ainda disse, que se fossem Member Readers da Jupiter Editions poderiam entrar sem pagar a entrada, desde que se

inscrevessem gratuitamente na Guest List. E a Jupiter Editions logo preocupada com os dados dos seus Member Readers, perguntou se um Member Reader teria que ter instalada alguma aplicação para entrar no Penthagunus. E o Jörg, esperto como ele era, disse logo que não, com um ar, que ele sabia, que a Jupiter Editions ia gostar! Disse que bastava dizer que era um Member Reader e entrar. A Jupiter Editions viu aqui uma parceria perfeita! E apoiou 100% o projeto. O Bank Jupiter, ainda um pouco de pé atrás, sem pôr ainda um pé na pista de dança, talvez por ter ouvido falar em cabelos desganhados e despenteados, sempre foi o mais conservador, perguntou logo como é que a discoteca se iluminaria caso a pista ficasse vazia. Vi o coração do Jörg a parar no palco... Mas logo, vi o coraçãozinho do Jörg a voltar a bater e a responder ao Bank Jupiter que só se o vírus tecnológico de 2020 voltasse a infetar os governos e os governos mandassem fechar outra vez as discotecas é que a pista do Penthagunus ficaria vazia. Mas o Bank Jupiter insitiu e perguntou como é que seria se o vírus tecnológico voltasse a hackear o sistema tecnológico em 2030 e pusesse todo o sistema a dançar online...? E o Jakob respondeu que o telhado seria 100% revestido com painéis solares com 5 turbinas eólicas em cada 1 dos 5 vértices capazes de gerar energia e doar o excesso aos vizinhos. E o Bank Jupiter quis saber onde é que seria imprimido o Penthagunus para mandar imprimir ao lado uma agência do Bank Jupiter. Ainda era o bankjupiter.com só online. Mas quando o bankjupiter.com ouviu dizer que a Penthagunus ia doar eletricidade, o Bank Jupiter quis logo sair do online para ser vizinho do Penthagunus. É por isso, que ao lado do Penthagunus há um Bank Jupiter. Com o apoio 100% da Jupiter Editions, o My Earth Bank financiou 30%, o Elite Rok Garden Bank outros 30% e o Bank Jupiter financiou os restantes 40%. Um projeto financiado 100% pela banca verde em direto no Kanal Jupiter e ao vivo e a cores no Rok Garden do Musical Hotel Central. É claro que o nascimento do Penthagunus despertou logo o mercado. Todas as

discotecas começaram também a mandar pôr o chão dançante sustentável, a mandarem revestirem os telhados com painéis fotovoltaicos... Foi como o nascimento da Jupiter Editions. O nascimento da Jupiter Editions despertou o mercado. Despertou todas as editoras. As editoras que já estavam no mercado há décadas, há décadas que não imprimiam em papel reciclado, só porque o papel reciclado era mais caro... Já estavam no mercado há décadas e nunca quiseram falar norueguês, nem dançar o rock norueguês. Como viram a Jupiter Editions a imprimir em papel reciclado e a dançar o rock norueguês, apareceram logo todas também em Oslo e Bergen a querer dançar. Mas quem é que chamou todas as bandas norueguesas para virem tocar e dançar ao Rok Garden do Musical Hotel Central? Foi a Jupiter Editions. Começaram todas a imitar a Jupiter Editions, foi o que foi. Eu vi tudo a imitar a Jupiter Editions. Falaram mal da Suécia... Mas depois foram todos imitar a Suécia a dançar. Depois, já queriam todos ir dançar com a Suécia. A Suécia nunca parou de dançar. Sabe que falaram muito mal da Suécia, só porque nunca parou de dançar?

— Dulce, eu não sei do que é que está a falar...

— Do vírus tecnológico... O vírus infetou todos menos a Suécia, que não parou de dançar... Nenhum vírus tecnológico fez parar a dança tecnológica da Suécia...

— Não sei de vírus nenhum...

— Do vírus tecnológico de 2020...

— Estamos em 2080, Dulce...

— Pois estamos... E já perguntou como é que viemos aqui parar? Foi por causa do vírus tecnológico...

— Ah, foi?...

— Foi, foi... Não acredita?

— Não estou a ver como, Dulce...

— Ah, não está? Não está, porque nem se apercebeu que atravessou uma ponte...

— Uma ponte, Dulce?

— Sim... Uma ponte tecnológica. O seu pai nunca lhe falou da ponte tecnológica que todos nós atravessámos *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto?

— Dulce... Talvez tenha falado, qualquer coisa, não sei...

— 2020 é o ano que vem antes de 2080. Sabia?

— E eu que pensava que era 2079...

— Há uma ponte tecnológica que liga 2020 a 2080.

— Ai, sim? E qual é a ponte? Gostava de voltar a 2020, mas depois regressar a 2080. De volta à minha realidade...

— Experimente a Ponte Salgueiro Maia ou a Ponte Dom Luís I de Santarém. Uma delas, de certeza que o vai fazer voltar a 2020. Ou a Ponte Vasco da Gama. Ou simplesmente, a Ponte Sobre o Tejo.

**\*\***

# Segunda-feira, 8 de abril de 2080

— Bom dia a todos meus caros e queridos alunos! Espero que tenham tido um fim-de-semana excelente! Tivemos muito calor... Espero que tenham agarrado nos vossos namorados ou amigos e tenham ido à praia. Eu agarrei no meu namorado e fomos à praia surfar.

— Professor! Porque é que o professor traz a prancha de surf para a sala de aula e não a deixa na Grande Ala ou na Ala Maior da faculdade?

— Porque a minha *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari nesta Era de chips e de Internet de Coisas não quer ter que pensar que um chip colado à minha prancha me possa fazer voar, quando quero é surfar, Catharina...

— Mas todos os surfistas andam a voar *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto... Porque é que o professor não tem uma prancha semi-automática ou uma prancha automática? Todos têm!

— Na minha praia, nenhum surfista tem pranchas tecnológicas dessas. Aliás, a minha praia tem o costume de proibir qualquer prancha tecnológica de entrar no mar. O mar é sagrado. As ondas são sagradas. Não vale apanhar as ondas com batota. Essas pranchas que o mercado inventou foram uma batota. Na minha praia, todos os surfistas protegem as ondas dos batoteiros. Os batoteiros não podem entrar na nossa praia. Na nossa praia não se surfa com óculos de realidade virtual aumentada nem se “adicionam” filtros à paisagem.

— O professor, é o único professor da Escola Universal do Direito que eu vejo a defender o Direito às Ondas dos surfistas, sempre de prancha na mão.

— Desde que veio a moda de surfar as ondas com um drone por cima e a moda de surfar com óculos de realidade virtual aumentada, que há muito que ando a lutar pelos direitos dos surfistas em poder surfar nas ondas que sempre surfaram sem estas tecnologias por perto a emitir energias, que estragam a energia das ondas, do mar e do espírito. Tive que comprar o silêncio da praia, para eu e outros surfistas podermos surfar tranquilamente... A praia estava deserta, tínhamos a praia e as ondas só para nós. Quando o sol se começou a pôr, fomos buscar o vinho, a tenda e os camarões ao carro. E fomos montando a tenda, a beber vinho e a descascando o camarãozinho. Antigamente acampar na praia sem autorização era considerado campismo selvagem e punido com multa. Nós pedíamos autorização à Administração Pública e a Administração Pública ficava sempre em silêncio. A dúvida jurídica montava-se desde logo, se perante aquele silêncio fazia-se operar automaticamente um diferimento tácito. Mas isso nunca pegava. A Polícia Marítima, levantava-nos a tenda e passava-nos a coima. Uma vez, eu e o Thomas fomos apanhados. Mas tivemos sorte, porque os dois polícias que nos acordaram a meio da noite, a encadear-nos com as



lanternas, eram dois ex-namorados meus. Um deles eu sabia que era da Polícia Marítima, porque na altura que o namorei ele tinha concorrido à Polícia Marítima e eu acompanhei todo o processo dele. Sobre o outro, nem fazia ideia, foi uma surpresa. Lá apresentei-lhes o Thomas e eles lá fecharam os olhos e disseram-nos só que era proibido e deixaram-nos passar a noite. Pensei “ainda bem que tive dois namorados da Polícia Marítima”. Mas prometi-lhes, que ia retirar a proibição do campismo selvagem do nosso ordenamento jurídico e cumpri a minha promessa! Primeiro, tive que ter a ideia de explicar ao Direito o quão estúpido isso era! De se proibir o campismo, fosse na praia, fosse na montanha, fosse na floresta, fosse no lago, fosse na serra, fosse onde fosse. Quem é amante da natureza gosta de acampar. E não são os amantes da natureza que pegam fogo ou fazem lixos. Também há quem goste de acampar e não ame a natureza. Há quem acampe sem se aperceber de toda a natureza que tem ao seu redor. Mas são esses que fazem lixo. Não são os amantes da natureza que protegem e respeitam a natureza. E para protegerem a natureza, os amantes da natureza, precisam de estar em contacto com ela. E nenhum Direito, nem nenhuma Administração, nem nenhum Sistema pode ter a coragem de cortar o contacto de um amante com a natureza. E é claro, que os amantes não têm que pagar pelos poluidores e pelos estragadores. Depois dessa ideia de explicar ao Direito como se o Direito fosse muito burro, tive a ideia de criar uma aplicação segura em que eu fotografava o sítio da minha tenda, enviando a localização e a minha identificação, iniciando, assim, a minha “concessão” daquele metro quadrado de terra, fechando depois a minha “concessão” com a fotografia de como tinha deixado o sítio sem lixo com a tenda levantada e livre para uma “nova concessão”. Assim, os drones noturnos da Polícia Marítima ao sobrevoarem-nos na praia, conseguiriam logo saber de quem era aquela tenda e que aquela tenda estava assim “legal”. Foi esta legalidade natural que eu devolvi ao sistema. E pensei, que afinal, a tecnologia poderia servir para alguma

coisa. Não quero ninguém a tirar notas disto! Quem é que está a tirar notas?

— Professor... Eu estava só...

— Estou a brincar, Arthur... Podem tirar notas à vontade... Eu já registei a minha história. Comprámos meio kilo de camarão por 5, que não vos posso dizer onde os compro, porque compro-os numa daquelas *lojinhas* “muita” secretas... O kilo de camarão já está a custar 30 em todo o lado. Mas eu ainda consigo comprar por 5 nessa lojinha que até calha bem, porque fica a caminho da nossa praia. Também não vos posso dizer qual é a praia a que eu vou com o meu namorado, porque não tem nome, nem aparece no GPS e como eu sei que vocês gostam muito de serem escravos dos satélites e ajudarem os satélites a satelitizarem tudo, que eu percebo, que vocês gostam muito da economia e do turismo e tal, não vos digo porque não quero ver a praia que eu vou com o meu namorado, de repente, toda comercial, a aparecer em tudo o que é redes sociais, toda cheia de lixo, toda cheia de drones, toda cheia de ruído e confusão. Aquela praia é um sossego. E tem uma regra. Uma regra de ouro. Ninguém vai para aquela praia com os telefones. Toda a gente deixa os telefones nos porta-luvas dos carros. Porque quem vai aquela praia vê ouro nela. E nós não podemos mostrar o ouro aos algoritmos. Se mostramos aos algoritmos, eles vão logo a correr contar tudo aos satélites, é o algoritmo deles, é a tecnologia deles, coitados... E os satélites metem-nos num triângulo, prendem-nos num triângulo. E depois é drones metidos com o GPS em nós e na nossa praia e o sossego e paz transformam-se num caos e numa balbúrdia tecnológica. E quem vai aquela praia é amante do sossego e da paz. Ama o sossego. Ama a paz.

— Professor! O professor deixou o telefone no porta-luvas do carro?

— Sim, Catharina!

— Mas deixou sempre no porta-luvas do carro?

— Sim, Catharina...

— Nunca o tirou do porta-luvas do carro?

— Não, Catharina...

— E o telefone do seu namorado? Também ficou no porta-luvas do carro?

— Sim, Catharina...

— Tudo isso só para os algoritmos e o GPS não mapearem a vossa praia?

— Claro, Catharina. Esqueceu-se da regra de ouro?

— Não me esqueci da regra de ouro. “Que os amantes do sossego e da paz não andam nem com os telefones, nem com os algoritmos, nem com o GPS atrás, para a paz e o sossego não se transformarem num caos e numa balbúrdia tecnológica”...

— Muito bem, Catharina!

— Então não percebo, professor! Como é que acampou sem o telefone, se agora, com o novo regime jurídico, que o professor

inventou e trouxe ao sistema, precisa de telefone para acampar legalmente?

— Porque não acampámos legalmente Catharina. Fomos rebeldes. Valeu a pena sermos rebeldes. Às vezes, vale a pena a rebeldia.

— Às vezes vale uma paz e um sossego...

— Muito bem, Arthur!

— Para quem não foi à praia, espero que tenham aproveitado os nossos jardins, ou tenham ido passear pela cidade e não tenham ficado em casa a estudar Direitos de Autor e Intelectuais que ninguém merece com toda esta vida à nossa volta! Porque a cadeira de Direitos de Autor e Intelectuais, como vos tenho dito, aprende-se é a mergulhar na praia, a bater grandes sestras ao sol, seja na praia, seja no jardim, seja no terraço, de tronco nu e descalço, despegado de qualquer tecnologia. Não vale é ir para os jardins ou para a praia com os telefones nem com os headphones, senão não aprendem nada nem do vosso espírito, nem da vossa autoria, nem da vossa intelectualidade. Como sabem, esta nossa cadeira de Direitos de Autor e Intelectuais é a cadeira mais espiritual desta nossa Escola Universal do Direito. Não há cadeira mais espiritual do que esta! E por isso, esta cadeira faz-se é com o nosso espírito. É preciso estarmos com o nosso espírito. Sabermos estar com o nosso espírito. Se soubermos, fazemos a cadeira de Direitos de Autor e Intelectuais com 20 valores. Ficámos em que caso?

— Vamos agora para o caso número 9.

— Já começámos a resolver alguma coisa do caso número 9?

— Ainda não.

— Mas acabámos o caso número 8?

— Sim.

— Não ficou nada para fazer do caso número 8?

— Não.

— E há dúvidas do caso número 8, antes de passarmos para o caso número 9?

— Professor, eu não percebi muito bem como é que numa cedência legal de dados pessoais, isso pode violar os meus direitos de autor e intelectuais...

— No nosso caso, o que é que afinal aconteceu? Tínhamos o Bento que queria entrar num café. Para ele entrar nesse estabelecimento comercial, teve que, à entrada do café, assinar eletronicamente num tablet, do café, uma declaração virtual em como aceitava que aquele estabelecimento processasse os seus dados. Assinou também uma segunda declaração virtual em como aceitava que aquele estabelecimento cedesse os dados a uma empresa que fazia o tratamento dos seus dados, para fins “lícitos” comerciais. Ora, o nosso Bento lá se sentou numa mesinha da esplanada tirou o seu caderno de desenhos e a câmara que estava por cima dele processou os seus 5 desenhos que ele já trazia no caderno e processou, ainda mais, o novo desenho que viu o Bento a fazer do princípio ao final. Este estabelecimento comercial, o café, cedeu as imagens que processou, dos desenhos de Bento e de Bento a desenhar, a uma outra empresa. Essa outra empresa, que faz o tratamento dos dados para fins comerciais, tornou os desenhos de Bento comerciais, imprimindo-os e pondo-os a circular no comércio. Se a Catharina se pusesse no lugar do Bento e

visse os seus desenhos no comércio, desta maneira, não se sentiria violada nos seus direitos de autor e intelectuais?

— Sim...

— Foi tal e qual como o nosso Bento do nosso caso prático se sentiu.

— Mas a verdade, é que foi o próprio Bento que não protegeu os seus direitos de autor e intelectuais, negligenciando-os, desprezando-os, desperdiçando-os, e já que Bento autorizou que os seus dados fossem processados e legalmente tratados, a empresa que tinha a posse legal dos dados de Bento simplesmente resolveu “tratá-los”, aproveitando-se deles. Já que Bento não quis pôr os desenhos dele no comércio, a empresa responsável pelo seu tratamento de dados pôs. E chamando-se à colação a Lei de Lavoisier “na Natureza nada se perde, tudo se transforma”, se tudo se pode transformar e nada se deverá desperdiçar, a empresa que “imprimiu” os desenhos de Bento e os trouxe do papel para a nossa realidade comercial, fez aquilo que a própria lei natural económica pede.

— Muito bem, Catharina... É a sua argumentação e infelizmente é uma argumentação cada vez mais popular no nosso Direito Comercial Tecnológico... Essa foi a argumentação que eu previ, mas que julguei que não tivesse acolhimento nenhum no nosso ordenamento jurídico. Mas hoje é a que mais vigora no nosso ordenamento jurídico, e por isso, é a que é perfilhada pelo Sistema Perfeito. Mudou então de opinião, Catharina? Já não se sentiria violada nos seus direitos de autor e intelectuais?

— Pensando bem e tendo em conta que Bento assinou um contrato no qual expressamente e inequivocamente declarou em como

autorizava que os seus dados fossem processados e tratados, englobando isso uma natural cedência de dados da empresa que processou os dados de Bento para a empresa que tratou os dados de Bento, eu não vejo como pudesse ter havido uma violação dos direitos de autor e intelectuais.

— Não se sentiria violada nos seus direitos de autor e intelectuais, Catharina? Esqueça o Bento! Vamos esquecer o Bento! Um dos exercícios que eu vos peço sempre para fazerem nos casos práticos que eu vos dou, é tentarem ser o máximo solidários e empáticos com o lesado. Sentirem-se na pele do lesado. Imaginem o caso, como se o caso tivesse sido convosco. Neste caso, onde veem Bento têm que se ver a vocês próprios. Podem não desenhar, mas imaginem que desenham. Chamem a realidade mais próxima de vocês, mais imediata, mais parecida convosco para conseguirem experimentar no caso o vosso empirismo. Para oferecerem ao caso e ao Direito o vosso empirismo. Podem não desenhar, mas podem cantar ou compor músicas. Imaginem este caso, mas ao invés de ser por causa de 6 desenhos do Bento, ser por causa de uma música vossa, que vocês compuseram no café e passado 3 dias sai um *single* daquilo que vocês compuseram, porque o microfone da câmara processou a vossa intelectualidade, a vossa música, a música que saiu de vocês, da vossa alma, que vos pertence e cedeu a gravação a uma outra empresa que tratou a vossa música, levou-a a um estúdio, gravou-a, registou-a e vendeu-a a um cantor muito popular que agora anda a cantar a vossa música e a partir corações com a vossa música... Catharina? Sentir-se-ia ou não violada nos seus direitos de autor e intelectuais?

— Acho que não...

— Acha que não?... É a sua resposta final?

— Acho que sim. Primeiro eu nunca entraria num café desses que me obrigasse a celebrar um contrato para que os meus dados fossem processados ou tratados. E mesmo que eu tivesse assinado um contrato desses eu nunca iria tirar o meu caderno de desenhos à frente de uma câmara e mostrar os meus desenhos a quem estivesse por detrás da câmara.

— Mas se o tivesse feito e depois visse os seus desenhos à venda numa esquina?... Não se sentiria lesada, Catharina?

— Se eu celebrei um contrato, professor...

— Já percebi o seu lado Catharina...

— Como vos disse, este lado que a nossa querida Catharina prefere tomar é o lado do Sistema Perfeito e por isso, é o lado juridicamente mais “legal” possível. Se vocês fossem advogados da empresa, tanto do café que processou os desenhos, ou depois da outra empresa que tratou os desenhos, a vossa probabilidade de ganharem o caso seria grande. Mas este não é o lado que eu gosto! Alguém sabe porquê?

— Porque desde logo, o professor não considera os direitos de autor e intelectuais como um dado.

— Muito bem, Marcos! É isso mesmo. Para mim, os direitos de autor e intelectuais não são dados processáveis ou tratáveis que não pelo seu próprio autor que é o único proprietário legítimo dos seus direitos intelectuais, sendo certo que são direitos intelectuais toda a expressão de dados do autor. Ora, a única forma atualmente de poderem refutar a argumentação da Catharina com sucesso no tribunal, é por aqui... Têm que invocar isto: que os direitos de autor e



intelectuais não são dados processáveis ou tratáveis que não pelo seu próprio autor que é o único proprietário legítimo dos seus direitos intelectuais. Isto está no meu manual, mas podem claro, e até devem, apontar isto. Há uma outra série de argumentos que depois podemos usar em conjugação, mas este argumento jurídico é a portagem para o outro lado da ponte do Direito. Eu, juiz, seja no meu tribunal virtual, porque esteja deitado na praia ou em casa na cama com o meu namorado a escrever a sentença no tablet ou no meu tribunal de teto, tijolos e chão, só posso não decidir o caso a favor das empresas, neste tipo de casos, quando o advogado do particular, seja ele um advogado-robot ou um assistente virtual ou um advogado de carne e osso invocar “que os direitos de autor e intelectuais não são dados processáveis ou tratáveis que não pelo seu próprio autor que é o único proprietário legítimo dos seus direitos intelectuais”. Porque se não invocar o que é que acontece?

— O algoritmo sugere ao juiz que decida o caso a favor da empresa, não considerando nenhuma violação do direito de autor e intelectuais nem com o processamento, nem com a cedência nem com o tratamento dos dados pessoais.

— Muito bem, Jorge! E pergunto-lhe eu, o algoritmo sugere ou ordena?

— Na expressão do professor, “ordena”...

— Porquê?

— Porque se o juiz não acatar com a recomendação do algoritmo terá que responder no Conselho dos Algoritmos dos Juizes.

— Muito bem, Jorge! Esse “ter que responder” é um ter que inventar uma boa desculpa para fundamentar o porquê de não ter seguido a instrução do algoritmo, ficando sujeito a um processo disciplinar e baixando a pontuação no *profile* do *site* dos juízes que é público, mal reputando o juiz perante toda a sociedade de informação tecnológica. É por isso, que há quem diga que nós juízes somos robots, somos meros fantoches da lei, que só ali estamos para puxar a alavanca.

— Professor, mas essas pontuações e esses sistemas de pontuação, assim públicos dessa maneira, são legais?

— Como sabem, eu sou completamente contra os sistemas de pontuação sejam eles públicos ou internos. A pontuação dos trabalhadores é atentatória da dignidade humana. Ninguém tem que nos pontuar. Não temos que estar numa constante pontuação. Os sistemas de pontuação só tornam os trabalhadores competitivos e mesquinhos entre eles, degradando o ambiente laboral e empresarial, só stressam, só deprimem e põem em crise a saúde mental e a felicidade no trabalho que depois reflete na vida pessoal de cada um dos trabalhadores fora do trabalho, refletindo-se nas suas relações sociais e familiares. Há uma clara associação e interferência entre esses sistemas de pontuação e a qualidade de vida no casamento, no namoro e na família, que é a vida pessoal, dos trabalhadores que têm que ser sujeitos a esses sistemas virtuais de pontuação. É um sistema imoral! É um sistema indigno! Que deveria desaparecer imediatamente do nosso sistema! Desde que esses sistemas de pontuação proliferaram, desde que o sistema deixou-os sobreviver e nada fez para os proibir quando sabia muito bem que os tinha que os proibir, porque eu já tinha trazido a Psicologia ao barulho, mas o Direito preferiu o zunzum da Economia, acreditando estupidamente ou fingindo tolamente acreditar que esses sistemas de pontuação iriam era gerar mais produção e mais economia, porque iria

criar uma nova competição saudável juntos dos trabalhadores fazendo-os produzir mais e melhor, quando a competição que se via não era saudável coisa nenhuma, mas doentia, indigna e imoral, o nosso índice de felicidade caiu a pique!!! Pior ainda, ficou como todos vocês sabem, quando as empresas começaram a querer permitir que fossem os próprios clientes a classificar os trabalhadores. Hoje, os sistemas de pontuação são livres e todos os trabalhadores podem opor-se, exceto algumas profissões de elevado relevo público em que as pontuações sejam feitas por conselhos especializados de disciplina, como é o caso dos juizes. Há mais alguma dúvida com que tenham ficado no caso número 8? Temos que avançar para o caso número 9...

— O professor tinha dito que havia uma série de argumentos que depois podíamos conjugar com a tese da impossibilidade dos direitos de autor e intelectuais serem comercialmente processáveis ou tratáveis...

— Sim, vou dar-vos um ou dois, depois os outros todos encontram no meu manual. Mas deixe-me só fazer-lhe um pequeno reparo Jaime. O Jaime disse “a tese da impossibilidade dos direitos de autor e intelectuais serem comercialmente processáveis ou tratáveis”... Não é esse o nome da tese. Temos que ser juridicamente rigorosos. O nome da tese é “da impossibilidade dos direitos de autor e intelectuais serem processáveis ou tratáveis”. Não tem lá o “comercialmente” como o Jaime adicionou. Porquê?

— Porque há dados que são processados ou tratados sem um fim comercial.

— Certo, Jorge! Percebeu Jaime?

— Mais ou menos...

— Não está a ver assim, de repente, nenhum exemplo?

— Não estou a conseguir visualizar, assim nada de repente...

— Pense no Sistema Perfeito. O Sistema Perfeito tem câmaras espalhadas por todo o lado. Algumas têm microfone. Imagine que está num jardim debaixo de uma macieira. O Jaime namora?

— Namoro...

— Tem namorado ou namorada?

— Namorada...

— O Jaime está com a sua namorada debaixo de uma macieira e caiem-lhe, de repente, 9 maçãs na cabeça que estavam chipadas e que foram telecomandadas a partir do telefone do anormal que tem um fraquinho pela sua namorada. O Jaime olha para as maçãs e sem ver o chip que tinha sido posto nas maçãs e sem ver a Internet das Coisas transforma-se num novo Einstein e inventa uma nova teoria da relatividade, mas muito mais divertida e tecnológica... Assim uma espécie de *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari, está a ver? Começa logo intuitivamente a ver que a queda daquelas maçãs foi fruto do mentalismo tecnológico, da força e do poder tecnológico, do anormal que anda ali nas redondezas e que o Jaime já o catou... E, conta a sua teoria, a sua *Paranóide Tecnológica*, à sua namorada... Diz-lhe que aquela queda das maçãs foi uma queda tecnológica demais e que o anormal já se estava a rir antes da queda como se adivinhasse, soubesse ou controlasse a tecnologia... E a sua namorada fica sossegadinha a ouvir o Jaime e a ligar as coisas. Mas não fica só a sua namorada a ouvir. Há uma câmara com microfone que viu a queda e ouviu a sua teoria. O Sistema Perfeito até pode não querer fazer nenhum filme com o seu

episódio das maçãs. Mas pode querer registrar o episódio do Jaime. O Sistema Perfeito pode querer registrar a nova teoria da relatividade mais divertida e tecnológica que o Jaime contou à sua namorada e a teoria do Jaime servir para novos casos jurídicos de *cyberbullying*. A teoria do Jaime pode fortalecer assim o Direito, inovando-o com um novo regime jurídico, porque ficou a saber que o seu sistema poderia ter uma lacuna tecnológica. E um dia em que o Jaime quisesse registrar este episódio das maçãs que faz parte do seu namoro, que aconteceu durante o seu namoro, já não poderia registrar, porque o Sistema Perfeito já o tinha feito por si. Um caso, em que existiu processamento e tratamento dos direitos intelectuais do Jaime, que o Jaime queria fazer disto um filme, mas já não pode, porque o Sistema Perfeito já registou. Esse processamento e esse tratamento, neste caso, não foi para fins comerciais. Percebeu agora, com este caso, o porquê da tese não ter a expressão “comercialmente” que o Jaime adicionou? Porque nós, com a tese, queremos proteger todos os direitos de autor e intelectuais, impedindo-os de serem processados ou tratados quer sejam para fins comerciais, científicos, jurídicos, de investigação, de ensino, lazer ou cultura. Porque quem tem que registrar os direitos intelectuais e a propriedade industrial é o autor dos direitos intelectuais e da propriedade industrial. Mais ninguém! E a propósito disto, dou-vos já um dos argumentos. Que tem que ver com a legitimidade. É preciso ter legitimidade para registrar. E a legitimidade não se transfere assim do nada com um simples contrato. Não basta eu assinar um contrato para, de repente, eu transferir automaticamente o meu cérebro para uma empresa, para, de repente, uma empresa poder vir com as suas mãos e abrir-me o cérebro, explorar-me todo, enquanto eu estou ali a beber o cafezinho que ela “me ofereceu”. Outro argumento, pegando naquilo que a Catharina trouxe ao ter invocado a Lei de Lavoisier, é que se o autor ainda não registou, isso não quer dizer que esteja a desperdiçar nada, porque ele ainda poderá vir a registrar, sendo as razões de não ter

ainda registado as mais imensas possíveis. O autor pode não querer registar só um pensamento dele, mas pode querer registar 1000 pensamentos dele todos ao mesmo tempo. E nenhuma empresa nem nenhum sistema, Catharina, por mais económico ou liberal que seja pode suportar esse argumento da transformação, da reutilização da matéria, do talento e do desperdício, porque não foi desperdício nenhum o autor não ter registado, ainda. O autor pode registar quando ele quiser. O autor tem um relógio dentro de si. Ele está ligado ao tempo dele. Então, alguém que queira concluir muito rápido o caso número 8, dizendo-me o que faria se fosse advogado de Bento e para ver se consegue convencer a Catharina a passar para o nosso lado...?

— Posso, professor?

— Sim, Gusmão.

— A primeira coisa que eu faria era logo verificar se a empresa que tinha feito o tratamento de dados tinha um capital social superior a 501 mil...

— Porquê?

— Porque só as empresas com capital superior a 501 mil é que estão autorizadas pela Administração Pública a procederem ao tratamento de dados de informação.

— Mas são todas as empresas, Gusmão? Ou os 501 mil foi um dos critérios-barreira para se poder ir ao concurso? Para uma empresa ter sido autorizada pela Administração Pública é porque a empresa teve que ganhar o concurso público e para ter ganho o concurso tinha que ter na altura um capital social de 501 mil. Isto é diferente de se dizer que todas as empresas que tenham capital social de 501 mil estão

autorizadas a tratar dados de informação, porque não estão. Só estão autorizadas aquelas que tenham ido a concurso e tenham ganho o concurso. Mas e se eu fosse a empresa que tivesse tratado os dados de Bento, tinha um capital social de 300 mil, mas depois de ter lucrado com os desenhos de Bento fiz um aumento de capital social e hoje o meu capital social é de 696 mil? O Gusmão como advogado de Bento iria saber que eu fiz um aumento de capital? Poderia não saber... Isso poderia escapar-lhe... Por isso, talvez não fosse muito boa ideia olhar para o capital social da minha empresa. Eu percebo a ideia do Gusmão e aprecio o seu raciocínio jurídico. Mas em termos práticos, poderia não ser muito boa ideia. O que o Gusmão tinha que fazer era olhar para o concurso público e ver quais é que tinham sido as empresas que tinham ganho o licenciamento do tratamento de dados e por isso, ver se eu estava ou não autorizado enquanto empresa a tratar... Mas vamos supor, que sim, que eu estava autorizado a tratar os dados de Bento...

— Então, a segunda coisa que eu faria, seria ver se o meu cliente tinha de facto celebrado algum contrato com a empresa de tratamento de dados... E o que eu iria ver, era que o meu cliente tinha celebrado um contrato com a empresa de processamento de dados, a do café, mas que não tinha celebrado nenhum contrato com a empresa de tratamento de dados...

— E qual é que seria aí a dúvida jurídica que se colocaria?

— Se o contrato que Bento assinou com a empresa de processamento de dados é o mesmo ou vale também na mesma força jurídica para a empresa de tratamento de dados...

— E o que é que o Gusmão acha?

— Acho que não...

— Base legal?

— Artigos 217º, 219º e 220º do Código Civil. Ou seja, teria que haver uma inequívoca manifestação de vontade de Bento e quando Bento vai celebrar um contrato em que autoriza o processamento de dados de imagem, Bento não está com isso a manifestar a sua vontade em que os dados de imagem sejam tratados, pelo que seria sempre precisa uma segunda declaração em que Bento tivesse mesmo aceite que a empresa de tratamento de dados, tratasse os seus dados...

— Professor! Mas no caso que o professor nos deu, Bento tinha assinado duas declarações virtuais, em que uma delas ele tinha aceiteado que a primeira empresa, o café, cedesse os dados à segunda empresa que depois iria tratar os seus dados de imagem...

— Obrigado, Catharina! Gusmão, no nosso caso já havia a segunda declaração... E agora?

— Iria, então, atacar a segunda declaração virtual.

— Muito bem. Há muitas formas de atacar. Como é que o Gusmão atacaria?

— Com o artigo 219º e 220º do Código Civil, por exemplo... Em que a forma exigida para aquele tipo de contrato não poderia ser um contrato do tipo que Bento assinou, por se tratarem de direitos de autor e intelectuais e, nessa sorte, o segundo contrato virtual seria nulo.

— E qual é que seria a forma exigida?

— Uma escritura pública, por se estar perante um direito de propriedade intelectual.



— Muito bem! Mas o Direito Administrativo Comercial do Sistema Perfeito iria olhar para o segundo contrato virtual que Bento assinou e ao ver uma “declaração de cedência de dados”, o Sistema Perfeito ia dizer que a declaração valeria como um verdadeiro contrato preterindo-se nessa sorte a exigência formal da escritura pública, porque, diria o Sistema Perfeito, que este tipo de “contratos comerciais perfeitos” fazem tornar-se dispensável os formalismos que “empatem” a dinâmica economia dos dados. E o que é que o Gusmão faria?

— Invocaria novamente o artigo 217º do Código Civil, conjugado com o artigo 236º/1 porquanto atacasse a manifestação da vontade de Bento e o sentido normal daquele contrato, que nunca seria “imprimir” e vender igualzinhos no mercado os desenhos que Bento fizesse debaixo de uma câmara que processa “legalmente” os seus dados de imagem.

— Muito bem, Gusmão! Seria uma das formas de atacar e ter sim, sucesso numa ação real dessas em tribunal. Quer só descortinar um pouco o seu raciocínio para os seus colegas o conseguirem acompanhar?

— Sim. Basicamente, a declaração negocial quando é expressa pode ser feita por palavras, escrita ou qualquer outro meio direto de manifestação da vontade, mas esta vontade tem que ser inequívoca, sem deixar sombras de dúvida, tem que ser livre e consciente. Não pode trazer vícios. E numa declaração negocial de cedência de dados, Bento teria que ter dito, teria que ter sido ele a escrever pela própria mão e depois a assinar, não bastando assinar, que autorizava esse tratamento de dados de imagem, descrevendo exatamente o tratamento. Teria que ter sido Bento a dizer que autorizava que a empresa tratasse os dados de imagem dele, incluindo os dados de imagem que gravassem os

desenhos dele, podendo com esses dados copiar os desenhos, melhorá-los, imprimi-los, divulgá-los ou comercializá-los. Mas, Bento teria que ter manifestado essa sua vontade. Só assim é que a “declaração de cedência de dados” poderia fazer preterir uma escritura pública. Porque só dessa forma é que poderíamos ter a certeza que inequivocamente Bento quis, tolerou e compreendeu toda a dimensão desse “tratamento de dados”. Relativamente ao artigo 236º/1 o contrato valerá com o sentido que um declaratório normal, colocado na posição do real declaratório, possa deduzir do comportamento do declarante.

— Muito bem, Gusmão! Ou seja, o declarante aqui no nosso caso seria a empresa de tratamento de dados e o declaratório seria Bento. Mas o contrato valerá com o sentido que um declaratório normal, colocado na posição real de Bento, pudesse deduzir do comportamento da empresa de dados. Quem é que seria o declaratório normal? Como é que iríamos construir a figura do declaratório normal para este caso? Não nos podemos esquecer que aqui o que vale é a Teoria da Impressão do Destinatário e que o destinatário tem que ser o homem médio, comum, diligente, instruído sem ter que ter um mestrado ou um doutoramento... Haverá aqui sempre uma bitola de diligência, uma fasquia que tem que ser objetivamente variável, segundo o qual nós vamos construir no caso concreto, a figura do destinatário normal. A pergunta que eu vos faço é: será que alguém quando declara que autoriza uma empresa a fazer o seu tratamento de dados seja de imagem, seja de voz, sejam os dados que sejam, está à espera que essa mesma empresa vá vender os desenhos que fez numa esplanada de um café que tinha uma câmara que processou o que eu desenhei e que eu aceitei esse processo? Mas eu aceitei esse processo? Será que eu percebi esse processo? É que talvez eu nem perceba bem o que quer dizer “processo”... E mesmo que eu tivesse aceitado esse processamento e esse tratamento eu tinha que estar à espera que os desenhos que eu faço

no café aparecessem no mercado, porque a empresa foi imprimir os desenhos que me viu atrás da câmara a desenhar? Eu tinha que estar à espera deste comportamento? Não tinha. Não é um comportamento normal... Eu não consigo ter a perceção disto! E o que nós iríamos fazer para construir a figura do declaratório normal, era chamar ficticiamente qualquer pessoa, que não fosse jurista de dados e perguntar se daquele contrato que o Bento assinou, se ela tivesse assinado, se ela poderia esperar ver os seus desenhos a serem comercializados no dia a seguir. E a resposta é obrigatoriamente negativa! Ainda que ficássemos com dúvidas, que não há lugar aqui para dúvidas nenhuma, mas ainda que ficássemos com dúvidas, o artigo 236º/1 faz uma pequena ressalva no final, não faz Gusmão?

— Sim. Diz que o sentido do contrato valerá com o sentido quem um declaratório normal possa deduzir do comportamento do declarante, salvo se este não puder razoavelmente contar com ele.

— Muito bem. Essa ressalva que o artigo 236º/1 faz no final remete-nos para o artigo 280º em que seria sempre nulo o contrato cujo objeto fosse indeterminável. Inseríamos aqui este caso, ao grupo de resolução de casos não positivados na lei, que no fundo, é uma adaptação de uma codificação intemporal que sabemos que evolui com a sociedade, garantindo alguma flexibilidade na lógica do sistema aberto dentro de um Direito, mas sobretudo de uma Moral. Porque a flexibilidade do Direito num sistema aberto à tecnologia e à economia é a salvaguarda e proteção sempre dos direitos de autor e intelectuais. É esta a minha moral jurídica. É esta a música que eu vos dou e vos quero dar aos ouvidos.

— Professor! Como é que acontece na prática essa cedência de dados? No caso de Bento, tínhamos duas empresas, uma que

processava e que cedia aquilo que processava à outra empresa que iria tratar... Mas como é que isso na prática acontece?

— A Catharina é dona de uma empresa credenciada para tratar dados de outras empresas. Legalmente, em nome da sua empresa, a Catharina pode emitir um pedido a uma outra empresa não autorizada no tratamento de dados, para que lhe sejam cedidos numa determinada noite, semana, mês, ou ano, os dados de imagem de todos os seus clientes ou só de alguns clientes, consoante um “pré” *profile*, mediante um pagamento virtual fictício a esse estabelecimento. Ou, então, a Catharina pode celebrar contratos de duração limitada com determinadas empresas em que recebe automaticamente para tratamento de dados, os dados que uma empresa vai gerando e processando. As empresas não autorizadas no tratamento de dados “cedem” os dados que processam, às empresas credenciadas no tratamento de dados para o tratamento de dados, pagando estas um determinado valor. Assim, uma discoteca não autorizada no tratamento de dados pode, por exemplo, ceder à Catharina os dados de imagem de todos os seus clientes de uma determinada noite por 5000 mil, recuperando depois a Catharina esse dinheiro no final do mês, porque a Administração Pública vai depois cobrir esse valor. Ou seja, na verdade não é a empresa da Catharina que paga, mas sim a Administração Pública. A Catharina só tem que ter na sua empresa o montante disponível para “comprar emprestados” os dados. Na linguagem jurídica administrativa comercial é a isto que nós chamamos “cedência” dos dados.

— Mas porque é que a Administração Pública cobre, apoia, favorece, patrocina a cedência dos dados?

— Porque a Administração Pública é a parte mais interessada no tratamento de dados, por isso é que permite, incita, favorece, consente, autoriza, admite, possibilita o tratamento de dados da forma como o permite, porque se não tivesse interesse, ela própria, que é o Direito Administrativo, proibiria. Isto é de caras! Isto para vocês tem que ser de caras! Têm que conseguir ver isto! Vocês, dentro desta sala de aula são todos empresas. Lá fora, todas as pessoas são empresas. Eu sou a Administração Pública. As empresas lá fora têm câmaras e microfones, mas não estão autorizadas a fazerem o tratamento dos dados de imagem e do som, mas fazem o processamento. Procedem à gravação de imagens e de som. É isso o processamento delas, tão-só procederem à gravação. Vocês, enquanto empresas credenciadas no tratamento de dados, vão pegar nos dados que as outras empresas geraram e vão tratá-los. Só que vocês estão obrigados a enviarem esse tratamento de dados a mim, que sou a Administração Pública. Logo, há um claro interesse meu. Porque vou ter dados tratados. Eu, Administração Pública, vou ficar mais bem informada sobre todos os indivíduos. Desde a preferência deles, aos medos deles, aos desejos sexuais deles, aos pensamentos deles, às *Paranóides Tecnológicas*, a tudo! Vou ficar informada de tudo! Com quem andam, com quem se encontram, o que falam, que relações estabelecem, se ficam mais felizes ou mais produtivos quando se encontram com uma determinada pessoa, ou se ficam mais deprimidos, se ficam mais predispostas ao consumo de drogas ou de álcool, enfim, fico com uma coletânea de dados que nunca imaginei ter. Vocês, que me enviaram os dados tratadinhos, vão recuperar o vosso dinheiro, porque eu pago-vos por isso. Eu vou-vos pagar, para vos obrigar a encaminharem os dados para mim. Eu fiz de vocês um serviço, uma empresa de tratamento de dados. Eu, Administração Pública, não tenho pessoal suficientemente qualificado, mas vocês, empresas, têm. Têm o quê? Têm analistas de dados, cientistas de dados... Logo, vai haver um tratamento de dados e

esse tratamento de dados é do interesse público, então eu, Administração Pública, obrigo-vos depois a “entregarem-me” esses dados e pago-vos por isso, pagando o vosso investimento, quando vocês foram comprar os dados que foram processados. No fundo, eu devolvo-vos o dinheiro pela atividade e serviço que vocês fazem.

— Porque depois de tratados e analisados os dados, os estabelecimentos comerciais encaminham os dados obrigatoriamente como destino final a Administração Pública, que é a detentora de todos os dados tratados dentro do Sistema Perfeito.

— Certo! É isso mesmo, Catharina! Muito bem! Podemos então avançar agora para o caso número 9? Já estamos mesmo a ficar sem tempo... E na próxima aula vamos ter que entrar obrigatoriamente no caso número 10 que nos vai ocupar seguramente a aula inteira e só vamos ter uma aula para o caso número 10, não posso depois ocupar mais nenhuma aula com o caso número 10. Quem é que tem o caso número 9?

— Posso ficar com o caso, professor?

— A Catharina já participou hoje bastante... Vamos ver um outro colega seu, se não se importar...

— Professor! Gostava de ficar com o caso...

— O Gusmão também já participou bastante bem hoje... Vamos ver um outro colega seu, se não se importar... Também estou a ver os vossos braços no ar, Jorge e Jaime... Mas tenho aqui colegas vossos que ainda não participaram desde o início do semestre... Eu relembro-vos que a vossa participação oral nesta cadeira vale 80% da vossa nota. De nada vos vale terem 20 valores na frequência se não

participarem, porque mesmo que tenham 20 valores, esses 20 valores só valerão 2 valores na vossa nota que é de 0 a 20 valores. Vítor, fez o caso prático?

— Fiz professor.

— E quer participar?

— Não tenho bem a certeza, do que se fiz está certo...

— Não quer tentar?

— Pode ser...

— Sem ler o enunciado do caso, consegue dizer-me o que se passou neste caso?

— O Aníbal comprou um carro com um sistema comandado pela voz com inteligência artificial...

— É possível desligar esse sistema de comando por voz?

— Não.

— Ou seja, desde logo temos aqui um grande problema, que é...?

— Não haver a hipótese de comprar um carro do mesmo modelo sem que tenha o sistema comandado pela voz com inteligência artificial...

— Muito bem, Vítor. Ora este caso remete logo a um outro direito, ao Direito Comercial de Dados. Ora, o Sistema Perfeito entende que os carros com microfones e inteligências artificiais possam circular livremente no mercado, que hoje é um mercado característico de dados... Mas faz uma ressalva... Vítor?

— Que só podem circular os modelos com o sistema comandado pela voz com inteligência artificial se oferecerem ou tiverem simultaneamente à disposição uma outra versão, no mesmo modelo, que não tenha o sistema comandado pela voz com inteligência artificial.

— Muito bem, Vítor. E porque é que esta ressalva é assim tão importante?

— Porque impede que a indústria automóvel comece a monopolizar o mercado de dados e comece a fabricar tendencialmente carros com microfone...

— Os chamados “carros chipados”. Ora, o carro é um bem quase primário nos dias de hoje, e com as imposições legais das emissões tecnológicas e das emissões poluentes e das imposições rodoviárias e das imposições estéticas do Direito Comercial da Moda há uma invisível obrigação de as pessoas comprarem carros cada vez mais novos. Ora, nesta ditadura comercial tecnológica que mais parece um comunismo, se todos os carros fossem chipados, imagine-se a extração de dados, de romances, de discussões, de famílias disfuncionais que seria... E não se esqueçam que com as *TV's supertecnológicas* com câmaras e microfones, de repente, subitamente, magicamente o género “família disfuncional” começou a ganhar um impressionante terreno no cinema... E já fiz aqui, sem querer, um mini *spoiler* deste caso que o



Vítor vai resolver... Mas qual é a importância deste direito comercial de dados não permitir que um modelo chipado circule no mercado de dados, se a marca não oferecer a possibilidade de os compradores adquirirem o mesmo modelo que não venha chipado? Que não venha chipado de fábrica?

— A proteção da reserva da vida privada, do direito à intimidade, dos dados mais íntimos, da privacidade dos dados?...

— Exatamente, Catharina! É essa a preocupação do Direito Comercial de Dados... E quando é que este direito nasceu?

— Com o caso real *Antoine Vítor Hugo versus Superwagens*.

— Certo. Atenção que este Antoine não sou eu... Isto foi em 2020... Este Antoine Vítor Hugo ou simplesmente Vítor Hugo vai ser importante depois para os próximos dois casos reais. No caso *Antoine Vítor Hugo versus ELITE-FLIGHT* e o caso *Antoine Vítor Hugo versus Airflies*. O que é aconteceu no caso *Vítor Hugo versus Superwagens*?

— O Vítor Hugo queria comprar um carro da marca Superwagens em Abril de 2020. Só que não estava muito confortável com o sistema comandado pela voz com inteligência artificial.

— Sabe porquê, Vítor?

— Porque ele era encarregado de dados, era mestre em Inteligência Artificial e Direito e conhecia a tecnologia, sobretudo tinha informação privilegiada sobre os processadores e máquinas de reconhecimento de voz.

— É isso mesmo Vítor.

— Para além disso, Vítor Hugo pertencia à Comissão Proteção de Dados e tinha colegas que nesta comissão repetiam como robots e hipnotizadores que não podiam exigir ao Direito que regulasse a Inteligência Artificial. E ele, naturalmente que não concordava, quando sabia que esta tecnologia de reconhecimento de voz era uma potencial ameaça! Antigamente, e estou a falar de 1989, os sintetizadores de voz não eram ameaçadores. E como não eram ameaçadores, eram muito rudimentares para o tempo de hoje, investiu-se na sua tecnologia até que em meados de 2013, 2014, 2015 começou a ser um perigo, perigando então todo o sistema em 2020. Nós herdamos o pecado dos dados sensivelmente em 2020, porque em 2020 é que a economia de dados começou a cometer uma série de pecados. Ora antes de 2020, já havia assistentes pessoais virtuais, que só de ouvirem as nossas conversas, como os nossos algoritmos dos telefones ouvem, faziam uma reserva de forma muito natural num hotel para as nossas férias, marcavam mesa em restaurantes, salões de cabeleireiro, desmarcavam cafés com os nossos amigos... Aquilo que nós hoje temos de uma forma muito natural... Eu não... Que eu ando desarmadilhado dessas armadilhas tecnológicas... De estarmos a dizer que vamos para ali ou para acolá e os nossos assistentes virtuais, os meus não que eu não tenho, eu sou o meu próprio assistente virtual, tenho um cérebro muito virtual e muito tecnológico, saberem quanto temos na nossa conta bancária e conhecendo o nosso *profile* e gostos procurarem por liberdade algorítmica própria o restaurante, o namorado, ou o psicólogo que melhor se adequa “às necessidades da economia”. Ora e isto era o que se passava já em 2020, reparem, com o sistema comandado pela voz com inteligência artificial que a Superwagens e outras empresas já detinham e comercializavam a sua potencialidade. Ora, a Superwagens foi uma das pioneiras na indústria automóvel a trazer esta armadilha tecnológica. Mas em 2020, já se alertavam e informavam as pessoas que o novo petróleo eram os dados, mas as pessoas queriam lá saber dos

dados para alguma coisa, porque não alteravam nenhum dos seus comportamentos em relação à tecnologia. Só 3% de toda a população mundial é que reagiu a essa informação e começou a olhar para a tecnologia de uma forma mais prudente, mais cautelosa, mais sincera, mais honesta, mais ética, mais moral, mais tecnológica, mais jurídica e mais legal. Então, estão a imaginar as pessoas a comprarem os carros com o sistema comandado pela voz com inteligência artificial e acharem uma coisa chiquíssima, a ficarem maravilhados com a tecnologia, estão a imaginar as pessoas a viajarem nos carros e a falarem de tudo, a dizerem que estão com fome, que querem acampar e os carros a trazerem recomendações. Estão a ver o que é o dono do carro estar a dar boleia a um amigo e o amigo a dizer que está tudo bem, mas o sistema comandado pela voz com inteligência artificial a saber que aquele amigo está com uma depressão e a recomendar um psicólogo para o amigo. As vossas paredes ultra HD tecnológicas fazem isto! Vocês conseguem acordar depressivos e dizerem que estão depressivos e entrar pelas paredes do vosso quarto um holograma com um psicólogo-robot que vocês escolheram de entre os 15 robots-psicólogos que apareceram sugeridos pelos algoritmos das vossas paredes. Mas são os algoritmos das vossas paredes. Que tiveram que atravessar as paredes do Direito Tecnológico para garantirem a privacidade dos vossos dados de informação. Uma coisa são os algoritmos que “enfim” vocês contratam, conhecem (ou acham que conhecem) e “confiam”; outra coisa são os algoritmos dos vossos amigos que vocês não fazem ideia do que vinha lá no contrato, porque nem os vossos amigos fazem ideia, porque simplesmente fizeram uma eletrónica assinadela *A Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto. Estão a ver o filme de vocês estarem no carro de um amigo com o sistema comandado pela voz com inteligência artificial a contarem um sonho vosso e o vosso sonho a aparecer escarrapachado nas salas de cinema, porque o algoritmo do sistema comandado pela voz com inteligência artificial reconheceu que

aquilo era um sonho com potencialidade útil económica, e foi vender a uma empresa de cinema?... Ah! Mas o algoritmo não podia fazer isso? Mas até já há um direito do algoritmo? Um direito vivo... Um direito do algoritmo que permite os algoritmos virem trazer-me informações sem eu pedir, mas que eu estava mesmo a pensar nelas... E começa a aparecer uma nova paixão, um novo fascínio, um novo romance pelos algoritmos e claro a passo e passo com a robofilia e com a espetrofilia uma nova parafilia: a algoritmia. E se até o algoritmo já tem vida própria e paixão própria e expressão própria, então já pode ser demandado em tribunal, já é adulto para estar em juízo. E se o algoritmo não podia levar o vosso sonho ao empresário de dados que nem pediu nada, foi o algoritmo que levou até ao empresário, então levem o algoritmo ao Tribunal dos Algoritmos e deixem em paz, se faz favor, o empresário, que é só um pobre coitado de um empresário... Estão a ver isto e muitas outras coisas, certo? É que quando nós falamos de “dados de privacidade” parece que não tem muito impacto... Pelo menos, em 2020 não teve. As pessoas ouviam isso e não se importavam... Falavam, conspiravam, acertavam, mas depois esqueciam o assunto e deixavam-se e apanhavam boleias tecnológicas em carros tecnológicos com o sistema comandado pela voz com inteligência artificial. Ora, mas o Vítor Hugo também queria ter um Superwagens como os amigos todos dele, mas não queria que o Superwagens dele tivesse o sistema comandado pela voz com inteligência artificial, porque ele não queria estar preocupado com chips e microfones dentro do carro dele, que ele comprou com o dinheiro dele. Ele queria adquirir um carro e ter a certeza que podia dizer o quer que fosse dentro do carro dele que nenhum algoritmo e nenhuma inteligência artificial pegasse naquilo que ele estivesse a dizer e levasse sabida lá ele para onde. Quer dizer, ele sabia para onde as “coisas” iam parar, porque ele via a circulação “das coisas que dizemos” no mercado, porque estava por dentro do assunto. Estava na Comissão, tinha o

mestrado que tinha, a profissão que tinha, lidava todos os dias com os dados, via os depósitos de dados que as empresas tinham... Via os depósitos de dados, por causa da profissão dele que permitia que ele abrisse os depósitos de dados e visse o que havia dentro dos depósitos. Para conseguirem visualizar estes depósitos, convido-vos a voltarmos ao tempo da escravatura e vamos imaginar que um escravo é um dado ou um *profile virtual* que está dentro de uma nuvem ou de um depósito virtual. E vocês, por serem encarregados de educação dos escravos têm as chaves para abrirem os depósitos e verem o que há nesses depósitos, verem a mercadoria dos escravos, verem a mercadoria dos *profiles*, a mercadoria dos dados. E o nosso géniozinho do Vítor Hugo, sabia que esses sistemas comandados pela voz com inteligência artificial lidavam com sofisticadas tecnologias de redes neuronais profundas, as chamadas *deep neuronal networks* e *virtually unlimited a mount of data*, que basicamente é a capacidade do reconhecimento de voz e o “dar sentido” ao reconhecimento, e ainda, a capacidade de imitar a voz de um humano em particular na perfeição, bastando ter uma quantidade suficiente de dados de voz. Por isso, é que o sistema comandado pela voz com inteligência artificial nos carros consegue acompanhar as conversas num contexto e consegue ainda distinguir se é o dono do carro a falar diretamente para o sistema, ou se são os amigos do dono do carro “a fazerem pouco” do sistema e do amigo que tem aquele carro. O Vítor Hugo sabia também que o sistema comandado pela voz com inteligência artificial trazia uma grande armadilha incorporada: a tecnologia *speech analytics*. Alguém sabe que armadilha é esta?

— Os sistemas comandados pela voz com inteligência artificial *speech analytics* só de ouvirem uma pessoa a falar em menos de 10 segundos conseguem saber o estado de espírito, os traços de personalidade, o nível de stress, o nível de intoxicação...

— Ou seja, em 10 segundos, Catharina, só para dar mais ênfase ao seu discurso, um sistema de voz destes, consegue saber se eu fumei ou não um charro. Por isso, estão a ver o aproveitamento que o Sistema Perfeito fez disto, certo? Percebem agora o porquê da urgência do Sistema Perfeito ter querido capturar estas tecnologias numa política vincada sobretudo pelo monopólio dos dados de informação... Continue, por favor Catharina, desculpe tê-la interrompido...

— Os sistemas comandados pela voz com inteligência artificial *speech analytics* também conseguem saber as horas de sono, se uma pessoa tem ou não uma carga cognitiva elevada, qual é a altura da pessoa, se a pessoa está ou não com depressão, se é ou não bipolar, se tem *Aphasia, Parkinson, Alzheimer, Huntington, Mild Cognitive Impairment, Autism, Spectrum disorder...*

— Muito bem Catharina... E por aí... Fico muito feliz que vocês tenham consciência e informação disto. Ter informação dá-nos maior poder e liberdade de manobra no Sistema Perfeito. Quando compramos coisas com o nosso dinheiro, é muito importante estarmos conscientes do que é que é aquela coisa e quais é que são os benefícios e prejuízos que a coisa que eu estou a comprar trazem. Mas esta ponderação económica das coisas, esta liberdade económica, este liberalismo económico só pode existir verdadeiramente se os consumidores estiverem devidamente lúcidos e informados. E esta informação tem que ser obrigatória numa língua, num dialeto, num gesto, num filme, numa expressão, num sotaque, num latim, num coração, numa alma que todos consigam perceber. E a partir daí é deixar o mercado e a economia e seleção natural correrem, porque há pessoas que não se importam que um robot ou uma empresa ou a Administração Pública ou o Sistema Nacional de Medicina saibam tudo sobre elas e tomem decisões preponderantes na vida delas baseada na

informação que possuem sobre elas. Mas primeiro tem que haver esta honestidade empresarial e contratual, só assim é que os contratos podem ser perfeitos! Ora e procurando esta honestidade contratual e perfeição contratual, o que é que afinal o nosso Vítor Hugo fez?

— Contactou diretamente a Superwagens perguntando se seria possível adquirir um carro deles último grito de modelo sem o sistema comandado pela voz com inteligência artificial.

— Certo, Vítor. E o que é que a Superwagens fez?

— Respondeu que não.

— Obrigado Gusmão pela sua participação, mas quem está com o tempo de antena...

— É o Vítor, desculpe professor...

— Não me peça desculpa a mim, Gusmão...

— Desculpa Vítor.

— Só desculpo, se logo vieres beber uma comigo! E o professor também está convidado...

— Obrigado, Vítor, mas não bebo cerveja, dá gota no pé e gasta-se muita água só para fazer uma cerveja. É um desperdício de água! É um esbanjar de água! Prefiro o vinho tinto à refeição. Sim... Que eu ainda tomo e faço refeições sagradas. Vocês são agora da Era dos comprimidos. Abrem a goela e engolem comprimidos, são assim os vossos almoços e jantares. Continue, por favor...

— A Superwagens respondeu que não era possível adquirir o carro sem o sistema comandado pela voz com inteligência artificial, com a desculpa que já vinha de fábrica, por defeito.

— Por outras palavras, o que a Superwagens disse é que só vendia o carro chipado. Se o Vítor Hugo quisesse comprar um carro daqueles iria ter que o comprar com o microfone, não dava para vender sem o microfone, tinha mesmo que ter lá o microfone... E o que é que Vítor Hugo respondeu à Superwagens?

— Se não seria possível pagar mais para a retirada do microfone em fábrica. E a Superwagens disse que não. E Vítor Hugo colocou algumas questões pertinentes sobre se era possível desligar o sistema... Se com o sistema desligado a Inteligência Artificial continuava a ouvir as conversas... Se mesmo com o sistema offline, a Inteligência Artificial gravava algumas conversas para depois quando o sistema ficasse online, enviar as conversas à marca ou a outra marca que analisariam as conversas “sobre o pretexto” de melhoria da experiência e potencialidade das funcionalidades do sistema...

— Muito bem, Vítor. E o que é a que a Superwagens respondeu?

— Não respondeu. E Vítor Hugo recorreu aos tribunais alegando a violação do direito à informação que a Superwagens estava obrigada a prestar quando solicitada por um consumidor, ainda por cima, pela sensibilidade em que a questão se enquadrava e alegou ainda a violação dos direitos de privacidade, personalidade e dignidade e dos dados de informação.

— E o que é que aconteceu?



— A Superwagens ganhou.

— Ganhou o caso e sobreviveu no mercado até hoje, com uma condição imposta pelo novo Direito Comercial dos Dados: ó Superwagens, tu podes fabricar carros desses chipados, se fabricares simultaneamente carros sem chips, sem microfones e sem inteligências artificiais nenhuma e explicares e informares sobre a tua sofisticada tecnologia às pessoas que se deixam seduzir, fascinar e hipnotizar pela tua Inteligência Artificial.

— Certo, Vítor! Foi mesmo isto que aconteceu... Alguém sabe porque é que o Vítor Hugo perdeu o caso em tribunal?

— No manual do professor, o professor fala numa sorte temporal legislativa. Diz que simplesmente este assunto dos dados de voz, ainda não era tão lúcido ao Direito da altura.

— Exatamente. O Direito ainda não era tão tecnológico como hoje temos um Direito Tecnológico, um Tribunal Tecnológico, uma Polícia Tecnológica, uma Prisão Tecnológica, um Sistema Tecnológico de Justiça Antecipatória Algoritmizado, uma Medicina de Precisão e um Direito dos Dados de Saúde, enfim... E alguém sabe o que é que também nasceu com este caso?... Que regime nasceu? Agora estou a falar num regime, não estou a falar num direito... Já sabemos que nasceu com este caso o Direito Comercial dos Dados... Mas e que regime nasceu? Um regime tecnológico muito, muito, muito importante que se vai aplicar automaticamente a nível dos contratos, quando, por exemplo, eu quero comprar ou vender carros chipados ou outros produtos ou serviços mais tecnológicos onde há uma preocupação a nível de dados... Então?... Ninguém está a ver...? Arthur? Catharina? Vítor? Gusmão? Jorge?

— O regime de *leitura digital-biométrica obrigatória*?

— Ah!!! Seja muito bem-vinda Theresa!!!! A nossa primeira participação do semestre... Entrou em grande! Diga lá então que regime é esse?

— É um regime que visa consciencializar os consumidores sobre a política de privacidade das empresas, como é que elas gerem os dados, como é que os dados irão ser processados, que empresas vão analisar e tratar os dados... Numa ótica empresarial, ou seja, se nos colocarmos do lado das empresas é um regime que também visa “desresponsabilizar” as empresas em situações de litígio sobre os dados dos clientes, servindo de prova abonatória a favor das empresas legitimando e confirmando assim a lícita atividade delas... “É um bater de costas” que o Sistema Perfeito dá às empresas e umas “festas na cara” que o Sistema Perfeito faz às empresas. Neste caso, se uma pessoa quiser mesmo comprar um carro chipado, a empresa terá que por meio de um vídeo ou de um contrato eletrónico, por exemplo num tablet que tenha uma câmara, filmar a pessoa a ler a política de privacidade do contrato na íntegra ou a ver o vídeo, com um acompanhamento real biométrico das palavras ou das imagens que a pessoa está a ver... Em contrapartida, as empresas são obrigadas a usarem uma linguagem simples e clara na política de privacidade ou imagens elucidativas nos vídeos para que um declaratório normal, diligente e de instrução média, possa compreender, sendo as políticas de privacidade submetidas a fiscalização.

— E se fosse uma pessoa da Grande Idade que não conseguisse entender a política de privacidade da empresa?

— A empresa teria que arranjar outros meios...

— Tem alguma ideia?

— Contatar, por exemplo, um neto da pessoa da Grande Idade que se deslocasse numa determinada hora e dia numa sala filmada com o avô ou a avó e explicasse numa linguagem mais pessoal e familiar o que estava em causa.

— E se os algoritmos biométricos recomendassem que a pessoa da Grande Idade ou qualquer outra pessoa não devesse adquirir aquele produto ou serviço tecnológico por não ter compreendido suficiente e bastante a política de privacidade?

— Então, a empresa não poderia contratar com a pessoa da Grande Idade, podendo vender como contraproposta um produto que fosse menos tecnológico, ou seja, que tivesse menos algoritmos, ou seja, que processasse menos ou não processasse nenhum dado....

— Muito bem, Theresa! Que gosto em ouvi-la! Gostaria que participasse mais nas minhas aulas, porque é que não participa tanto?...

— Porque o professor intimida-me...

— Eu???? Intimido????

— Sim... Com esse seu ar e essa sua ciência sobre os dados... Sinto-me obrigada a escolher meticulosamente as minhas palavras...

— Por favor, Theresa, não sinta! Não é isso que eu quero! O meu algoritmo básico é *Think Without Thinkink*, quero que pensem sem pensarem, quero que falem sem pensarem, quero que falem com o vosso coração e com a vossa alma aquilo que veem ou sentem. Podem estar completamente ao lado, podem estar completamente errados, mas

não faz mal. Têm tempo para alterar a vossa visão. Tiveram aquela visão, aquela resposta, aquela reação com o mundo de informação que vos foi disponível. Deixem os vossos cérebros falarem. Deixem as vossas mentes se expressarem. Eu não quero que pensem demasiado nas coisas com essa meticulosidade, Theresa. Não sou nenhum comilão de dados. O Sistema Perfeito é que é. É dele que têm que ter medo! Os algoritmos é que são comilões de dados, é deles que têm que ter medo. Eu sou só uma alma, sou só um fantasma, sou só uma expressão de sentimentos, daquilo que eu vejo e sinto. Não é de mim nem dos fantasmas que têm que ter medo. É dos algoritmos. Pensem sem pensarem, se não tiverem algoritmos por perto. Aqui não há algoritmos. Eu proíbo-vos de trazerem toda a tecnologia nesta sala. Quando vocês entram aqui na minha sala de aula têm que passar por aquele detetor de metais, que está ali à porta. Os vossos telefones, nesta sala de aula não entram, tiveram que os deixar nos cacifos. É por isso, que eu não gosto, ainda, de dar aulas na sala de sexta-feira. Na sala de sexta-feira não tenho ainda instalado o detetor de metais. Já pedi à escola que apertasse com os gajos dos detetores, mas os homens ainda estão de greve, por causa dos robots. Os robots já roubaram os empregos até dos homens dos detetores de metais, porque basta eu contratar uma empresa de detetor de metais que tenha drones-robots que os drones-robots entram na sala de aula de sexta-feira e montam em nanossegundos o detetor... Mas eu não contrato com essas empresas. Contrato com as empresas que têm humanos a colaborar com elas, empresas que dão emprego a humanos, empresas que pagam *ordenados de felicidade*, empresas que aumentam a felicidade humana e diminuem o sofrimento.

— O professor é um capitalista inteligente dos recursos como o Jaime d’O *Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala?

— Sim, sou Arthur.

— Eu também, professor...

— Eu sei, Arthur...

— Como é que sabe, professor?

— Bem vejo a sua alma e coração...

— Não me diga que já me andou a espreitar com os binóculos a minha áurea...

— Não preciso de binóculos para ver a sua alma, Arthur. O meu raio-laser que me sai da tecnologia dos meus olhos vê que o Arthur é um dos bons, dos belos e dos bens da economia. O Arthur sabe que é um bem precioso!

— Professor! Assim fico envergonhado!

— Professor, sabia que o Arthur tem um fraquinho pelo professor?

— Não diga disparates desses na minha sala de aula, Gusmão!

— É verdade, professor, nós temos uma aplicação nos nossos telefones em que gravámos o Arthur a falar do professor e os algoritmos da aplicação sugeriram que o Arthur tinha um fraquinho pelo professor, da forma como falou do professor.

— Também o Jorge está metido nisso? Arthur! Se precisar de um advogado para intentar numa ação contra os seus queridos colegas

Jorge e Gusmão no Tribunal Penal Tecnológico diga-me por favor que os meus professores de Direito Penal adoraram-me ter como aluno deles... E com sorte... Eu até fico com o caso e mando os seus colegas direitinhos para a Prisão Tecnológica.

— Obrigado, professor! Por isso, é que eu tenho um fraquinho pelo professor, está a ver? Até os algoritmos já me apanharam... Professor!!!! Em que mundo é que estamos???? Para que mundo é que os nossos pais nos convidaram a nascer????

— Estou a ver que esta aula hoje está a ser muito divertida... Mas vamos sair agora um pouco da diversão e mergulhar na seriedade das coisas. Há greves todos os dias dos trabalhadores por causa dos robots, há manifestações todos os dias por causa dos drones. Quando eu era da vossa idade e tinha carro, comecei a reparar que nas portagens havia grandes placas ou com o símbolo de um senhor, uma cara humana, ou o símbolo, às vezes de uma ou duas moedas, às vezes com o símbolo de um cartão de multibanco. Desculpem dizer cartão de multibanco, porque eu ainda sou do tempo dos multibancos, agora com o dinheiro virtual já não há multibancos. Hoje, se eu quiser dar dinheiro a um artista de rua, tenho que ter comigo o meu telefone, tenho que pedir o número de telefone, para lhe transferir dinheiro e o Sistema Perfeito e o meu Banco vão ficar a saber que eu dei dinheiro aquele artista de rua, que financiei, investi na sua arte, acreditei e gostei da sua arte. O que é um sério problema de dados e de privacidade. Ontem dava dinheiro aos artistas de rua, hoje já não dou porque hoje os malabaristas compraram robots-malabaristas e eu fui o culpado. Todos os dias passava por um malabarista e dava-lhe dinheiro, mas eu era o único que lhe dava dinheiro e só comigo o malabarista não conseguia sobreviver. Então segrediei-lhe ao ouvido, para comprar um robot-malabarista, porque as pessoas estavam a ligar mais aos robots-

malabaristas do que aos malabaristas. Se hoje saímos à rua e vemos pais a passearem cães-robots na rua, de mãos dadas aos filhos que estão de mãos dadas aos namorados-robots, “compreendemos” que as pessoas liguem mais aos malabaristas-robots, do que aos malabaristas. Mas eu sempre gostei de malabaristas e ilusionistas, sobretudo malabaristas e ilusionistas do sistema como *Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy. E eu sempre gostei de ver malabaristas e ilusionistas no sistema... *E pá*, muito francamente, acho que faz parte do espetáculo... Faz parte da magia do sistema de coisas... Por isso, sempre gostei muito de ver malabaristas e ilusionistas no nosso sistema. Mas nunca gostei de ver prostitutas no nosso sistema. Prostitutas a prostituírem o nosso sistema. A darem cabo do nosso sistema. Porque a prostituição dá cabo do sistema! Estragam o sistema todo! Não sei se achariam muita piada se a vossa filha dissesse que queria ser prostituta quando fosse grande, mas eu se tivesse um filho eu não iria achar piada nenhuma. Eu não recorro à prostituição, como devem imaginar, mas hoje o Sistema Perfeito e o Triângulo sabem todos os maridos que traem as mulheres, porque os algoritmos veem, acompanham e perseguem as transferências que os maridos fazem para as prostitutas e sinalizam, baixando abruptamente a pontuação na Igreja, aumentando as desconfianças das mulheres que veem as pontuações dos maridos subitamente baixadas e levando depois ao inevitável divórcio. Porque o Triângulo às vezes baixa, mas não diz o porquê, porque há uma reserva de discricionariedade administrativa algorítmica nas pontuações... E não é só o Triângulo que baixa. Com a prostituição, o nosso sistema prostituiu-se. As empresas começaram a arranjar prostitutas e viram a prostituição de dados que se geravam e rendiam. Foi isso que aconteceu nos *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke. Uma oportunidade de dados. Uma oportunidade do poder mexer nos dados. Uma oportunidade dos príncipes e dos reis brincarem e guerrearem por dados. As empresas também o fazem com os seus colaboradores. Foi a partir daqui, que

algumas empresas perante a estatística das pontuações que tinham de todos os seus colaboradores foram bater à porta do Sistema Perfeito e foram dizer que com robots, seria melhor porque haveria mais produtividade, mais economia, mais circulação, porque os humanos agora andavam eram todos entretidos na prostituição e só rendiam era na prostituição. E lá o Sistema Perfeito, torcendo o nariz e franzindo um pouco a testa, foi permitindo a entrada dos robots nas empresas. Mas o Sistema Perfeito deu-lhe uma condição sobre o atendimento presencial ou virtual. Enquanto houver clientes e consumidores a preferirem serem atendidos por humanos, opondo-se expressa ou tacitamente ao atendimento por um robot ou por um assistente virtual, não podem extinguir os humanos desse posto. A extinção tem que ser segundo as leis da seleção natural... Não nos podemos esquecer, que a Mão Invisível que manipula o Sistema Perfeito é a Mão Invisível do *Crossing-Over* levada a cabo pela seleção natural dos genes, os genes mais fortes e mais resistentes sobrevivem no Sistema Perfeito. Nos supermercados nunca usei uma caixa automática, procurei sempre ser atendido por um humano, foi a minha oposição tácita e é a minha oposição tácita para continuar a ver pessoas empregadas pelos supermercados. Porque sabia que seria uma questão de tempo. Ainda que nos habituássemos a ver robots e humanos numa empresa, os humanos iriam acabar por desaparecer, porque quando as *machine learnings* aprendessem tudo o que haveria para aprender do trabalho daquele humano a empresa iria pegar no humano e ia dar-lhe um pontapé no rabo. E por isso, eu trouxe ao Sistema Perfeito o Direito de Oposição a trabalhar com *machine learnings*, microfones, câmaras, algoritmos e outras inteligências artificiais em contexto do Direito do Trabalho... E lá o Sistema Perfeito, não muito contente, aceitou esse meu direito. Fiz um contrato de água e outro contrato de luz, quando tive a minha primeira casa, e os assistentes virtuais telefonaram-me para eu “escutar” uma gravação deles e responder marcando números que



respondessem às respostas múltiplas que me apresentavam. Nem sequer ouvi as respostas, desliguei logo a chamada, porque sabia o que é que isso significava. Os robots consumirem os postos de trabalho dos *call centers*. Pode não ser muito feliz trabalhar num *call center* a receber misérias de ordenado, quando se sabe que essa empresa, por causa dos operadores de *call center*, faz uma fortuna milionária. Qualquer pessoa sentada a ver os milhões a passarem por elas e a irem ao supermercado e não conseguirem comprar um leite de amêndoa, porque é muito caro, não traz felicidade a ninguém, traz uma frustração. Eu nunca trabalhei num *call center*, mas não precisei de trabalhar num *call center* para saber o clima competitivo e o ambiente hostil que é trabalhar num *call center*, cheio de algoritmos que pontuam e fazem projetar numa espécie de holograma os melhores colaboradores. Isso é errado! Profundamente errado! E, portanto, eu nunca iria ficar do lado destas empresas que pagam misérias de ordenado e são as principais culpadas para o desgaste e rompimento das relações humanas. Não era esse o investimento que eu via que as empresas tinham que fazer. Não era nos robots. Era nos humanos, que eram os seus colaboradores e que geraram uma riqueza durante anos e anos aos sócios maioritários da empresa. As empresas tinham era que investir em *ordenados de felicidade*. E lá no final da chamada, quando o colaborador me perguntava se eu o podia pontuar eu oponha-me expressamente a esse sistema classificatório dizendo que eu não era ninguém para classificar o trabalho dele, mas para os devidos efeitos, que o trabalho dele tinha sido excelente! E com as portagens foi a mesma coisa. As portagens queriam extinguir os postos de trabalho humanos, mas eu não deixei. Sempre que via o tal símbolo, que eu com os meus olhos via em holograma, que havia um humano dentro daquela casinha, era mesmo para ali que eu metia o meu carro. Tivesse a fila de carros que tivesse, tivesse eu atrasado, fosse o que fosse, eu não tirava o meu carro dali. Porque sem ser caixeiro de uma portagem eu estaria ali na fila da frente

a apoiar a greve dele! Porque a empresa tinha era que abrir mais postos com humanos. Não é experimentar a nossa paciência e a nossa tolerância na fila. Felizmente, nunca tive filas de espera nas portagens, porque toda a gente fugia dos humanos e toda a gente metia o carro nas máquinas automáticas, porque queriam era seguir em frente. Mas eram burros... Porque nem percebiam que demoravam mais tempo na máquina a pagar do que se fossem atendidos por um humano. Porque os humanos nas caixas viram os robots. E como viram os robots, viraram robots! E tornaram-se mais rápidos que eles. Mesmo que venha o robot super-rápido não acham que vale a pena aplaudir o esforço do humano? Não acham que merecemos acolher este stress humano? É que as empresas stressaram os seus colaboradores... Puseram-nos a implorar o trabalho... A implorar pelo trabalho... Puseram-nos a chorar para que o robot não lhe roubasse o emprego... Puseram-nos a dizer que eles queriam trabalhar... Estão a ver o que é um humano querer trabalhar, mas não poder trabalhar, porque já não é útil em lado nenhum? Porque os robots já fazem o que qualquer humano faz? Estava uma vez a atravessar a Ponte Sobre o Tejo. Na Ponte Sobre o Tejo quem era residente do lado da Costa de Caparica tinha umas portagens especiais residentes, mas com humanos na caixa. Quem não era nem residente nem tinha Via Vai usava as outras portagens que tinha humanos na caixa. E isto funcionava muito bem. Até que, começaram a experimentar pôr máquinas automáticas, robots, não é? Um elevador é um robot... As máquinas são robots... Até que começaram a experimentar pôr robots nas portagens especiais dos residentes, só deixando uma com um humano. Pois, fiquem sabendo que ninguém usava as portagens com robots! E isto, meus queridos alunos, foi lindo de se ver! Foi a certeza humana ligada! Isto sim, é que foi a mente global a ligar todos os humanos pelo mesmo cordão umbilical! Foi lindo de se ouvir as buzinelas ensurdecedoras dos carros que também protestavam e apoiavam a manifestação dos

colaboradores. Foi a Única Fila de Trânsito na Ponte Sobre o Tejo que deu voz aos humanos! Que deu razão aos humanos! E, por isso, e só por isso, é que os humanos têm sobrevivido ainda com os robots... Uma última história que vos dou, antes de falarmos *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto dos casos reais *Vítor Hugo versus ELITE-FLIGHT* e *Vítor Hugo versus Airflies*.

— Professor! Posso ficar depois com o caso Vítor Hugo versus ELITE-FLIGHT?

— Sim, pode Arthur. Mas não se esqueçam que ainda não concluímos sequer o caso que o Vítor estava a fazer. Temos primeiro que concluir esse.

— Posso ficar com o caso do *Vítor Hugo versus Airflies*?

— O Arthur fica com o caso *Vítor Hugo versus ELITE-FLIGHT* e o Gusmão fica então com o caso *Vítor Hugo versus Airflies*.

— Vou então contar-vos a história. Quando eu fiz 18 anos, convidei um grande amigo meu para ir comigo a um restaurante-protótipo de um tio meu. Era um amigo meu que tinha hábitos muito diferentes dos meus. Por exemplo, ele fumava charros e eu não. Por causa dele, eu cada vez que estava com ele tinha sempre o GPS da Polícia Tecnológica em cima de mim. Até que lá lhe disse para desligar os dados móveis e o GPS do telefone cada vez que quisesse fumar um charro e estivesse comigo, porque com a Internet das Coisas a Polícia Tecnológica estava conectada aos drogados mais tecnológicos. É claro, que na altura os drogados mais tecnológicos que não percebiam nada de tecnologia ficavam sempre com uma espécie de *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari, porquanto achassem que estavam a ser monitorizados por uma tecnologia à distância. Mas eram eles próprios

que fomentavam ter setas de satélites apontadas a eles. Eram eles próprios que andavam com as setas metidas em cima deles. Eram eles próprios que punham o GPS em cima deles. Ele era a favor das drogas leves e eu era contra. Eu já tinha visitado uma psiquiatria e ele não. Já conhecia muitos casos de esquizofrenia e ele não. Já tinha lido 10 mil vezes a *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari e ele não... Hoje, sei que ele já deixou a passa e já leu pelo menos umas 10 vezes a *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari, mas não bate as minhas 10 mil leituras... Por isso, continua a ser muito diferente que eu... Chegámos ao restaurante do meu tio e fomos recebidos, não pelo meu tio, mas por um robot que nos indicou a nossa mesa e sugeriu-nos baixarmos uma aplicação para os nossos telefones. Eu fiz o meu pedido tocando naquela mesa *touchscreen* e o meu amigo preferiu fazer o pedido por voz naquela mesa *touchscreen* com microfone incorporado. Entretanto, as nossas entradas foram chegando à nossa mesa por aqueles bonitos drones voadores. Assim que saímos do restaurante, recebemos uma notificação daquela aplicação que as nossas fotografias e vídeos já estavam disponíveis. O meu tio disse-me, na altura, “que por agora” 20 fotografias e meia hora de vídeo com voz estaria gratuitamente disponível. Mas à medida que a carteira de clientes fosse engrossando, de 20 passaríamos para subtilmente 15 e depois para 4 e depois para uma e depois para zero. De meia hora passaríamos para 6 minutos e depois para um minuto e depois para dez segundos. Das 200 fotografias, 20 estavam gratuitamente disponíveis. As outras, tinham que se pagar dentro do prazo de expiração. Perguntei ao meu amigo o que ele tinha achado do restaurante. Ele adorou, disse aos pulos que ia ser o nosso novo spot! E que adorava o meu tio fantasma, porque nem sequer o tinha visto, e dizia-me “ainda bem” e “que sorte” em ele ser meu tio... E dizia “que chique!!! É super chique puto! Adorei tudo obrigado!”. Até às tantas, que me perguntou se não dava para ir lá trabalhar no verão, para ter “uma guita fixe”, porque ele queria levar a

namorada a uma praia com pinguins. Toda a gente andava a publicar fotografias com pinguins e a namorada dele também queria pôr fotografias com pinguins, não percebendo rigorosamente nada sobre a vida dos pinguins e estando-se nas tintas, se o lixo que deitasse na praia poderia matar ou não os pinguins. Eu não gostava da namorada dele, porque eu sabia que ela não gostava de pinguins, mas que só queria ter uma fotografia com pinguins, porque era isso que estava na moda, pousar com os pinguins. Eu ironicamente respondi-lhe algo como isto: “ah...! Achaste chique? Foi? Disseste tu... Não foi...? Pois, é tão chique que nem os humanos são lá dignos de trabalhar... Não sei se reparaste, mas o meu tio e todos os outros clientes gostam mais de robots, do que de humanos... Por isso, acho que, a não ser que sejas um robot, posso tentar lá arranjar-te um trabalhinho nas férias”... O meu amigo a não perceber nada, atreveu-se comigo: “o quê?? Oh, putolo!... Estás a ser todo anormal! Eu conheço esse teu tom... O teu tio percebe mais de dignidade humana do que tu! Então, não achas melhor escravizar os robots do que os humanos?”. Francamente, não sei quem caiu primeiro na armadilha da bitola da sua própria tecnologia. Da sua estupidez tecnológica. Se o tecnológico do meu tio ou o drogado do meu amigo. Os cigarros são uma droga. A estupidez é uma droga. A tecnologia é uma droga. Os cigarros podem ser tecnológicos. A estupidez também pode ser tecnológica. Aquele meu amigo que tanto procurava um trabalho de humanos e para humanos, por se deixar fascinadamente seduzir pela tecnologia, até se esqueceu que procurava um trabalho para as férias, para poder ir com a sua namorada para a praia com pinguins. E de tão hipnotizado tecnologicamente, deixou-se vencer pelas máquinas. A parte boa disto tudo, é que os pinguins não tiveram que gramar com a tecnologia e com a estupidez da namorada dele. Ah! Não havia prazo nenhum de expiração de fotografias e vídeos, porque as fotografias e vídeos eram depois transferidas para o Sistema Perfeito. Como sabem, pela Lei de Lavoisier, na Natureza nada se

perde, tudo se transforma. Há quem veja assim a Lei de Lavoisier. Há quem se aproveita assim, da Lei de Lavoisier. Há quem invoque a Lei de Lavoisier para fundamentar e legitimar a fantasia dos dados. Eu vejo a Lei de Lavoisier de outra forma. E por ver a lei de outra forma, abri um estabelecimento comercial à frente do Club de Lisboa. O meu tio abriu o Club de Lisboa em Cascais e eu achei que fizesse mais sentido abrir o Club de Cascais em Cascais. Na altura, havia a incompatibilidade de um juiz não poder ser empresário, o que não fazia sentido nenhum! E tive que tratar de tirar essa ortodoxa incompatibilidade que tinha sido herdada do Sistema Velho. Aproveitei o liberalismo económico do Sistema Perfeito para demonstrar a incoerência, a injustiça, o capricho dessa incompatibilidade e o Sistema Perfeito viu por demonstrado. Se por acaso, um juiz tiver um restaurante ou uma loja de sapatos e tiver um litígio com um cliente seu, basta escusar-se ao caso. Como é lógico, não é ele que vai julgar sobre a sua própria empresa... Como é lógico, não é ele que vai julgar sobre o seu pai... É a mesma coisa! E qual é o mal de um juiz ter uma empresa? A empresa não lhe vai tirar tempo nenhum... Há empresários que nem metem os pés na empresa... Estão a ela conectados à distância. Muitos estão sentadinhos no sofá, sozinhos, a comer pipocas a verem os *reality shows* que fazem dos seus restaurantes, cafés, ginásios, discotecas e supermercados cheios de câmaras... A verem-vos, simplesmente a verem-vos quando vão aos cafés com os vossos amigos, *dates* e namorados... E os juízes a verem isto tudo e mais outras coisas não podem também eles terem uma empresa? O Sistema Perfeito deu-me toda a razão e eu fiquei todo contente, já podia ser juiz e abrir o meu clube. E eu queria abrir o meu clube como uma sociedade anónima, mas só podia abrir uma sociedade anónima com capital social de 350 mil e com 5 sócios. Os 350 mil eu tinha, mas não tinha era os 5 sócios de confiança. Só confiava no Thomas e na minha mãe e só queria abrir com eles. Então tive que tratar disso também. Deu-me um trabalhão. Fui muito chato para o

Sistema Perfeito. Batia-lhe à porta todos os dias durante um mês para ver se mexia “nos cordelinhos”, se agarrava nas esferográficas tecnológicas dos legisladores e lhes fazia rabiscar por cima do 5 o 3 lá no Código das Sociedades Comerciais que dizia que só se podia abrir uma sociedade anónima com 5 sócios. E lá se rabiscou. No Club de Lisboa veem-se hoje garrafas de vinho e taças de vinho a voarem; é só dizer o nome do vinho e o vinho vem a voar, porque o meu tio chipou as garrafas de vinho. Se dissermos “Champagne Saint-Tropez para 5” o champagne vem em menos de 5 segundos e os 5 copos vão chegando numa dança também ela chipada. Mas isso não combina com Cascais. Em Cascais há um *status quo tecnológico* que é precisamente ser tecnológico, intuitivo, espiritual, conectado ao mundo da natureza, da política, do direito e da economia sem tecnologias “que cortem” a nossa tecnologia. E os telefones, os drones, os robots, os óculos de realidade virtual aumentada e a *Rede* cortam a nossa tecnologia. Em Cascais não se via ninguém a andar com os telefones... Porque quando se anda, não se anda com o telefone na mão! É este o status quo tecnológico! Em Cascais, quando se quer atender uma chamada ou escrever uma mensagem, o status quo tecnológico manda parar e só voltar a andar quando se guardar o telefone. Porque em Cascais a tecnologia é descontraída. A tecnologia do mar permite essa descontração. Não se anda a correr em Cascais, não há pressa em Cascais. Em Cascais usa-se o telefone para se combinar o café e depois fala-se é no café. Em Cascais há uma necessidade humana social muito grande. E essa sociabilidade deve ser preservada e protegida. E eu vi essa sociabilidade, porque também eu me sinto um ser social. E quis proteger e preservar isso. Foi por isso, que abri o Clube de Cascais, onde os membros sabem que há esse meu compromisso. Esse contrato que deixa de fora copos voadores chipados com microfone. Mas introduz canários, periquitos e papagaios. No meu club há um amplo jardim-estufa de teto altíssimo e envidraçado onde os canários, os

periquitos e papagaios que antes estavam metidos em minúsculas jaulas e gaiolas voam livremente sem nenhum algoritmo a copiar-lhes o canto. E eles fartam-se de cantar e eu e os membros do clube não nos fartamos de os ouvir! De lhes ouvir a felicidade! Aproveitando a boleia legislativa dos bons *Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy contactei o Jardim Zoológico para “resgatar” papagaios numa transferência tecnológica *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto. Esta transferência tecnológica só seria possível se eu me tornasse numa pessoa coletiva. Se eu fosse uma pessoa singular, o Jardim Zoológico nem me respondia. Também queria dar um voo tecnológico aos periquitos que via presos em gaiolas nos jardins. Fui bater à porta da Administração Pública para fazer com ela um contrato público: levar a gaiola e abrir a portinhola dentro do Clube de Cascais. Se eu fosse uma pessoa singular, a Câmara, que pertence à Administração Pública nem me ouvia a bater à porta. Mas com o Clube de Cascais eu não aparecia em nenhuma dessas portas como uma pessoa singular, mas como uma pessoa coletiva, e por isso podia bater à porta e ser ouvido, podia enviar emails e ser positivamente respondido. Havia membros que queriam entrar no Clube de Cascais, mas por terem canários presos nas gaiolas o Direito da Reserva de Admissão do Clube de Cascais negava-lhes a entrada. Eles sabiam que para entrar tinham que trazer a gaiola para o clube e abrir lá dentro a portinhola. Negociei isso com eles. E a cor da alma deles alterou e o Direito da Reserva de Admissão do Clube de Cascais já lhes concedia tecnologicamente a entrada. É esta a tecnologia que há no meu clube. O mar em Cascais é que é a tecnologia de Cascais. E do terraço do Clube de Cascais consegue-se ouvir essa tecnologia, porque eu consegui com o Direito À Vista comprar um pedacinho do céu para proibir ali o voo de drones ganhando direitos aéreos de propriedade. Mas não fui eu que ganhei. Ganhei em nome da minha empresa, do Club de Cascais. Porque eu sou uma pessoa singular, mas a minha empresa é uma pessoa coletiva. E só as pessoas



coletivas é que podem concorrer “ao céu” para ganhar direitos aéreos de propriedade. As empresas, os condomínios, as universidades... Vivo num condomínio privado, porque só nos condomínios privados, que têm direitos aéreos de propriedade, é que posso ter um jardim sem ser sobrevoado por um drone que não me filme a mim e ao Thomas e aos nossos amigos. Andei na aplicação dos drones a ver em Portugal onde é que havia zonas encarnadas, zonas em que o voo era proibido e encontrei um condomínio privado inserido numa zona encarnada. Não vivo num condomínio privado porque “é chique”... Vivo lá obrigado! O Direito À Paz Tecnológica, o Direito À Intimidade e à Reserva da Vida Privada, o Direito à Segurança, o Direito À Imagem são tudo direitos muito caros. Paga-se muito para se poder tê-los! Vítor! O Vítor começou a falar do caso... Mas eu interrompi-lhe logo na primeira linha... Mas não o vou fazer mais. Vou dar-lhe 10 segundos para dizer o que se passou e mais 50 segundos para resolvê-lo. Vou dar-lhe este pequeno *stress*.

— O Aníbal comprou um carro com um sistema comandado pela voz com inteligência artificial. Durante uma semana, todos os dias, enquanto guiava, recitava os seus poemas *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto. Na semana seguinte, o robot-escritor da Superwagens tinha publicado um livro com todos os poemas do Aníbal.

— 50 segundos Vítor!

— Aníbal para defender os seus direitos de autor, intelectuais e de propriedade industrial poderia recorrer ou ao Tribunal dos Algoritmos demandando todos os algoritmos do robot-escritor ou ao Tribunal Penal Comercial demandado a Superwagens ou ao Tribunal da Robótica demandando o robot-escritor e ao mesmo tempo a Superwagens. Se Aníbal recorresse ao Tribunal dos Algoritmos, a

empresa autorizada no tratamento de dados com a titularidade e patente dos algoritmos “que ganharam vida” teria que restituir tudo aquilo que injustamente se locupletou a título de enriquecimento sem causa, por ter enriquecido à custa do cérebro de Bento. No entanto, a empresa autorizada no tratamento de dados poderia alegar que os algoritmos dela atuarem por conta própria como verdadeiros gestores de negócios, assumindo diligentemente a direção de negócio alheio no interesse de Bento e por conta do respetivo dono, que seria sempre Bento, sem para tal estarem autorizados, tão-só ficando a empresa de dados obrigada a restituir, mas a título de gestão de negócios e não de enriquecimento sem causa, sendo que, aplicando-se analogicamente o número 2 do artigo 470º do Código Civil correspondendo aquela gestão dos algoritmos ao exercício da atividade profissional do gestor e estando a sua remuneração fixada entre 10 a 40% dos direitos autorais, a empresa de dados teria que “reverter” a Bento entre 60 a 90% dos lucros que a empresa obteve com o “cérebro” de Bento. Este seria o caso típico em que Bento vai ao Tribunal dos Algoritmos para ir reclamar o seu prémio. O professor até dá o exemplo no seu manual dos 4 amigos que estão num café e um está a contar o filme que viu no cinema e um deles sabe que aquele filme tem ali uma autoria sua e então vai ao Tribunal dos Algoritmos para perseguir o *target* dos algoritmos, para ver se há pegadas digitais dos algoritmos nos trabalhos intelectuais do autor. Se Bento deixasse passar 5 anos, já não poderia recorrer ao Tribunal dos Algoritmos. Aqui a lógica do sistema é o aproveitamento da lei de Lavoisier em que na Natureza nada se pode perder tudo é lícito transformar-se e realizar-se. Se recorresse ao Tribunal Penal Comercial poderia abrir um processo criminal contra a Superwagens pelo crime de atividade ilícita de dados. Se recorresse ao Tribunal da Robótica, que seria a meu ver a melhor das hipóteses, poderia mandar desligar o robot-escritor da Superwagens como castigo

e pedir uma choruda indenização à Superwagens a título de responsabilidade civil por danos patrimoniais e morais.

— Certo! Estamos a correr! Caso *Vítor Hugo versus ELITE-FLIGHT?*

— Vítor Hugo estava habituado a voar pela empresa de aviação comercial ELITE-FLIGHT. Comprou uma viagem para ele e para a mulher. Uma nova política afastava as pessoas de viajarem com quem mais amavam, obrigando a pagar esse amor. Para Vítor Hugo viajar junto com a mulher, para poder escolher os lugares, tinha que pagar mais dinheiro para além do já carrérrimo bilhete de avião. Sabia que a ELITE-FLIGHT servia a bordo uma deliciosa refeição. No dia do voo, Vítor Hugo e Berta Noémia saíram de casa a correr sem comer nada, contando com uma deliciosa refeição no avião, tendo só tempo de imprimirem os bilhetes em papel reciclado para “fugirem” ao *biopass*. Nos aeroportos um dos tipos de *biopass* é podermos passar as fronteiras com o nosso dedo dando em troco o nosso traço de personalidade, que foi escrito, marcado e desenhado pela Mão da Mãe...

— Arthur, gosto muito de si, como sabe, mas deixe-me interrompê-lo. Nas minhas aulas quero que falem das igrejas de uma forma desprovida, desguarnecida, desaperecebida porquanto o meu direito de liberdade à religião termina assim que começa o do Arthur. Um dos seus colegas que o esteja a ouvir e não pertença ao Triângulo vai desligar automaticamente de si, se ouvir que foi a Mão Invisível em que o Triângulo acredita a imprimirem-nos nos dedos indicadores todas as oficiais impressões digitais. Poderia até um colega seu do Trapézio interrompê-lo aos berros e oferecer-lhe uma grande surra, não na minha sala de aula como deve imaginar, por você não ter dito que quem colocou a oficial impressão digital que trazemos no dedo indicador foi a

Mão Fantástica do Universo. Eu sei que vocês têm as vossas suspeitas espirituais sobre o meu espírito... Sei que vocês perseguem, tal como o Sistema Perfeito, o *target* da minha alma para saberem com que igreja ela anda mais ligada... Mas nas minhas aulas tento sempre falar das igrejas numa feição despercebida. Para respeitarmos a liberdade do culto e religião de cada um, devemos ser empáticos e falarmos num talho desguarnecido que não dê golpadas em nenhum coração. Não temos que falar sempre assim. Mas às vezes, podemos colocar-nos empaticamente com omnipresença no coração de cada um. Neste caso, o Arthur poderia ter dito “numa das” 3 Mãos Invisíveis, porque são 3 as igrejas permitidas no Sistema Perfeito, é a liberdade que o Sistema Perfeito nos oferece e nós devemos aproveitar essa liberdade que ele nos dá.

—Desculpe, professor! Vou reformular: nos aeroportos um dos tipos de *biopass* é podermos passar as fronteiras com o nosso dedo dando em troco o nosso traço de personalidade que foi marcado por uma das 3 Mãos Invisíveis na nossa impressão digital.

— É exatamente assim como eu quero que vocês falem. Porque eu não sou o Sistema Perfeito e não quero saber como o Sistema Perfeito de que igreja vocês são, porque todas elas têm um fundamento: acreditam numa força espiritual superior e num Direito Canónico Universal traduzem e incutem bons valores. E esses bons valores são os bons valores que fazem bater o nosso coração. A mim o que me interessa, é eu olhar para os vossos corações e ver que bate por bons valores. Por valores humanos. Que é cego e apaixonado pelos Direitos Humanos e pelos Direitos Universais do Homem. E estes direitos que pertencem a um Direito Internacional têm que ser vistos com uma certa alienígenidade. Devemos ter a capacidade de ser aliens, sair do nosso ordenamento e ver os outros ordenamentos e isto não

pode custar nada. É um exercício humano, porque nós nascemos com um GPS dentro de nós. Há um GPS dentro de nós e devemos ter o GPS aberto. Se tivermos o GPS aberto ficamos com o coração aberto. Continue, por favor, Arthur...

— Em 2021, a indústria do papel só foi autorizada a imprimir papel reciclado e sai logo uma lei que permite que documentos oficiais e comerciais pudessem ser imprimidos, por exemplo nas costas de um papel “escrito com outras coisas” em harmonia com o Direito dos Dados de Informação.

— Muito bem, Arthur, aproveitando aqui, sim, como deve ser, a Lei de Lavoisier, fazendo funcionar uma das 3 mãos da reciclagem: reutilização, “transformação dos dados”. Continue...

— Entraram pela cauda do avião e não viram câmaras nenhuma de filmar. Qual foi o espanto quando o avião não tinha janelas, mas sim câmaras por baixo do avião que iriam passar numa tela gigante as imagens do voo. Vítor Hugo e Berta Noémia odiavam aquilo, tinham pago para viajarem juntos à janela para verem a descolagem e a aterragem e não para viajarem num avião sem janelas. Se soubessem que iriam viajar sem janelas teriam comprado uma viagem de comboio. Já no ar, os hospedeiros de bordo disseram que iriam servir um “snack”. Qual foi outra vez o espanto por a ELITE-FLIGHT ter cortado na refeição que servia, substituindo por um pacote cheio de ar com batatas fritas, com sal, ainda por cima, que dispararia qualquer algoritmo da Medicina de Precisão do Sistema Nacional de Medicina. Como se tudo isto não bastasse, quando o avião aterrou, a saírem, não pela cauda, mas agora pelo nariz do avião, viram uma grande câmara de filmar que lhes filmava o quão estavam zangados e aborrecidos com aquele voo, tendo despedido das hospedeiras de voo sem sorrir,

classificando os algoritmos da câmara de filmar do avião Vítor Hugo e Berta Noémia como “pouco simpáticos”, baixando a sua pontuação de simpatia, não ganhando, por isso, milhas para o próximo voo ELITE-FLIGHT. Vítor Hugo e Berta Noémia recorreram ao Tribunal dos Algoritmos e ao Tribunal Comercial dos Dados contra a ELITE-FLIGHT para demonstrar a ilicitude de toda aquela agenda de algoritmos e para serem indenizados por terem sido filmados sem qualquer aviso prévio, pedindo no mesmo pedido que os seus dados de imagem fossem esquecidos no sistema da ELITE-FLIGHT. Foi um caso muito polémico agitando até uma indústria gigante de aviões supersónicos que estavam nas fábricas, em peças, prontos para se montarem sem janelas, por causa do novo direito económico da utilidade do tempo do direito da aerodinâmica que estava em estado embrionário, mas que Vítor Hugo e Berta Noémia conseguiram abortá-lo do sistema com o simples, mas complexo direito humano que é o Direito À Vista. Desse caso, nasceram várias proibições e imposições do Direito Comercial Administrativo. Foram proibidos a comercialização desses aviões com o argumento de que em nada valia o investimento da viagem, se não se pudesse ver a viagem com olhos de ver e se não se pudesse acompanhar o voo por mais tecnológico que fosse tão-só através dos olhos humanos. As empresas de aviação comercial que quisessem ganhar as rotas comerciais seriam aquelas que não separassem namorados, amigos e familiares nas viagens, impondo que pagassem os lugares e que servissem refeições decentes a bordo, tendo em conta o preço dos bilhetes de avião. As câmaras de filmar foram imediatamente retiradas dos aviões, pela impossibilidade da liberdade de os passageiros poderem viajar depois em aviões que não procedessem à gravação de imagens. Ainda que os passageiros passassem a ser avisados que vão ser filmados, nunca isso poderia consubstanciar um consentimento, mas sim um constrangimento! Porque as pessoas não querem deixar de viajar e ver o mundo!

— Obrigado Arthur! Gusmão? Pode começar.

— No caso *Vítor Hugo versus Airflies* foi mais ou menos a mesma coisa, mas desta vez com microfones. Também era uma empresa de aviação comercial. Vítor Hugo e Berta Noémia vinham dos Açores. Iam descolar dos Açores e iam aterrar em Lisboa. Mas por causa das condições atmosféricas ficaram “presos” dentro do avião, na pista, durante 3 horas, porque não havia autorização para aterrar na pista em Lisboa, e por isso não podia o avião descolar sem poder depois aterrar. Sendo uma empresa de baixo custo a *Airflies* não tinha cozinha nos aviões, só tendo croissants de chocolates, águas e sumos. Naquelas 3 horas dentro do avião a empresa recusou-se a servir o que fosse gratuitamente, por ser uma empresa “de baixo custo” numa “política de contenção de custos”. Ora nessas 3 horas Vítor Hugo e Berta Noémia estavam fulos com toda a situação por nem terem direito, nem, a uma água. Furibundos, aumentaram naturalmente o tom de voz, “causando mau ambiente” segundo os algoritmos instalados nos controladores de decibéis de voz, microfones instalados por cima das cabeça dos passageiros junto das lâmpadas de leitura. Vítor Hugo e Berta Noémia só se aperceberam da tecnologia, quando os controladores de voz começaram a emitir um som de aviso e uma luz encarnada. Desistiram do voo, abandonando o avião em pista e recorreram, ao Tribunal Penal Comercial, atacando a ilegalidade e a ilicitude daquela tecnologia, pedindo as gravações de voz e conseguindo conjugar num brilhante raciocínio jurídico que aquela extração de voz foi conseguida pela situação de stress culposa da empresa na negação da água e comida que era um dos direitos básicos de assistência aos passageiros em voo. O juiz, na altura livre de algoritmos, gostou muito do argumento e deu razão a Vítor Hugo e Berta Noémia, ignorando a alegação que a empresa trouxe ao tribunal dizendo que o casal tinha violado o Direito ao Bom Ambiente. Dessa razão foram retiradas

imediatamente os controladores de voz dos aviões, sendo proibidos e nasceu um novo Direito de Assistência Aos Passageiros Em Voo: em caso de atraso de voo, fosse no embarque, fosse dentro do avião, independentemente de ser uma empresa de baixo custo, as empresas estavam obrigadas a servir gratuitamente a bordo ou a reforçarem as refeições, no caso das empresas que já iam servir a refeição a bordo.

— Os comboios voadores semi-magnéticos Expresswagen “imitaram” a Airflies, porque os sócios das empresas são os mesmos, tendo instalado os controladores de voz também nos comboios. Mas, depois do caso *Vítor Hugo versus Airflies*, a Expresswagen foi a correr retirar os controladores e gravadores de voz. Como podem ver, eis, a importância de um casal poder viajar sempre juntos é esta: tornam-se mais fortes e tornam mais sofisticado o sistema. Este amor devolveu-nos o conforto e a liberdade dos nossos voos *supertecnológicos*.





— Isto hoje aqui é uma paz... Mesmo com o vírus cósmico de 2080 viemos para aqui em paz sem sermos intercetados pela Polícia Tecnológica.

— Só não fomos intercetados, pai, porque os drones da polícia não têm nenhum sistema de acoplagem para mandar parar carros voadores, como estão a mandar parar todos os carros terrestres...

— Claro, meu filho. A liberdade é um preço que se paga. Por causa do vírus cósmico, a circulação, pese embora seja permitida, é fortemente controlada. Todos os carros são inspecionados, todos os passageiros são testados e em caso positivo, se não tiverem Seguro de Saúde são obrigatoriamente injetados com o soro cósmico...

— Que mais parece o soro da verdade... Não é Thomas? Conta ao meu pai o que é que aconteceu ao teu primo...

— Sim, é verdade... Um primo meu que foi testado positivo e foi injetado com o soro, parece que deu em maluco. Parece que está num estado permanente de embriaguez. Parece que não tem um filtro. Diz tudo o que pensa. Contou à namorada as vezes que lhe tinha traído, contou aos amigos as petas que deu em toda a vida, contou aos pais as vezes que lhes tinha roubado dinheiro e ainda foi à polícia assumir crimes... Num dia perdeu todas as suas relações. Neste momento está internado. Aquele soro é assustador. Eu fui visitá-lo e ele disse-me que assim que foi injetado com o soro, começou a ver coisas e a ouvir vozes que nunca tinha ouvido. Ele jura que foi chipado. Ele jura

que foi instrumentalizado. Ele diz que nem sequer se lembra do que fez. Coitado...

— Bom... Ninguém o mandou trair a namorada... Enfiar petas aos amigos... Roubar aos pais...

— Pai...

— Pai, nada! Não estou a dizer a verdade, Thomas?

— Sim, tio. Claro.

— Há quem diga que este vírus cósmico é uma herança genética do vírus de 2060 e que o vírus carbónico de 2060 seja um legado do vírus de 2040 e que o vírus marciano ou alienígena de 2040 seja uma alienígenidade trazida pelo vírus de 2030, que por sua vez, seja a continuação do vírus de 2025 na mutação máxima do vírus de 2023 que foi a primeira mutação forte do vírus de 2020. Ou seja, que o vírus de hoje é o mesmo que ontem, é o mesmo que o vírus de 2020, só que um pouco mais agressivo, um pouco mais forte. Eu discordo totalmente! Eu vivi os vírus todos e este vírus em nada tem que ver com os vírus de 2020, 2023, 2025 e 2030. Agora, que o vírus de 2080 é um dos legados do vírus marciano de 2040, isso acredito piamente! Isto é um vírus trazido lá de Marte! É um vírus alienígena! É um vírus marciano! E é claro, que trazido aqui para a Terra, é um vírus que vem do cosmos, e por isso, é um vírus cósmico. Ninguém nos mandou ir para Marte! as restrições impostas hoje, são as mesmas que se impuseram em 2030, 2025 e em 2023. Sabem como é que aparecem os primeiros drones telecomandados por uma polícia?

— Com o vírus de 2030?

— Não, Thomas... A polícia, em Portugal, apareceu com os primeiros drones em 2020, mas numa aparição muito sutil... Em 2021 já começaram a aparecer de uma forma que começou a ser um pouco mais séria e preocupante... Quando “se disse” às pessoas para ficarem em casa entre as 23h e as 6 da manhã, num recolher obrigatório, começou-se a achar boa ideia fazer a vigilância deste “recolher obrigatório” com drones que denunciariam qualquer fantasma que se atrevesse a atravessar a cidade-fantasma de madrugada... Para mim, foi uma medida de loucos! Ainda por cima, fantasma como sempre fui, sem razão nenhuma ver a minha liberdade a ser-me asfixiada, por causa de um vírus “que não andava no ar”... Foi de loucos! Havia exceções no “recolher obrigatório” como um passeio de meia hora até 500 metros da casa. Sei lá se eram 500 ou 250 ou 100... Já não me lembro o que dizia o decreto que fez disto uma lei... É claro que se nem em 2080, mesmo com o vírus cósmico, a polícia não anda a monitorizar ninguém no tempo dos seus passeios, também era muito importante que não o fizesse em 2020. O facto de eu saber que estava em Portugal e saber que havia uma Constituição, ainda que não fosse tecnológica, tranquilizava-me, porque eu sabia que o decreto podia falar em metros ou em horas, que a polícia mesmo que me perguntasse há quantas horas e metros eu estava a caminhar, poderia sempre mentir e era muito importante eu poder mentir à polícia, sobre o tempo que estava a caminhar ou sobre os percursos que eu costumava fazer! Mas quando vi a polícia em 2021 a pedir os cartões de cidadão para ver as moradas com novas aplicações que calculavam instantaneamente a quantos metros é que eu estava de casa e se estava a violar ou não o decreto, eu comecei a assustar-me um bocado... A polícia parecia de repente, uma polícia médica militar num tom completamente altivo e exagerado, saído de uma ficção científica como se estívéssemos perante um vírus que só de tocarmos uns nos outros começávamos a ficar com uma mutação gigante que se espalha visivelmente pelo nosso corpo...

Enfim! Um exagero! Um exagerado apocalipse! E se me apetecesse caminhar durante 3 horas??? Numa cidade cheia de robots especados às janelas a ver quem é quem passava para perseguirem de drone pelas próprias mãos ou para telefonarem à polícia a denunciar? Os humanos são tão estúpidos! Conseguiram fazer dos humanos verdadeiros robots, verdadeiros instrumentos, verdadeiros algoritmos... Passei um grande filme de terror governado e administrado por drones... Isto hoje aqui é uma paz... Porque eu comprei este pedaço de terra. E comprei os direitos aéreos. Não pode haver aqui drones a sobrevoarem-nos. Como tive que comprar o Jardim dos Idílicos. Como tive que comprar a Montanha Jupiter para proteger para sempre o *Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala. Comprei, mandei por grandes portões de ferro e mandei abri-los. Os portões não têm hora nenhuma para fechar. Os portões estão sempre abertos. Para todos. Todos podem entrar, todos podem ver a vista, porque todos têm direito à vista. Se eu não comprasse, grandes hotéis tão-só permitiram a vista dos olhos mais estrangeiros, mais alienígenas. Para entrar basta ler o regulamento. A leitura do regulamento é obrigatória. É a única imposição. E o regulamento só diz para não fazerem lixo, que o voo de drone é proibido exceto para filmagens comerciais que têm que ser legalmente requeridas e devidamente autorizadas e que é proibido o uso do telefone, porque estamos num monumento natural. Hoje, em 2080 nenhum drone nos pode aqui sobrevoar. Mas em 2020 fui aqui sobrevoado por um drone. Foi horrível! Tinha vindo para aqui escrever. Estava com um dos meus cadernos tecnológicos a escrever sobre drones e sobre o que eu poderia fazer para me defender perante um drone. E apareceu um drone. Foi horrível! Se hoje ainda sobrevoassem aqui drones não tínhamos este cerco de abelhas, este cerco de borboletas, este cerco de andorinhas, não tínhamos nada disto a cercar-nos senão drones. Eu tinha que proteger isto! Tive que comprar isto para hoje podermos estar aqui. Assim que esta encosta ficou à venda,

eu sabia que tinha que comprar. Tive que comprar, não havia outra hipótese! O dinheiro da Jupiter Editions basicamente era para isto! Para pagar o preço da Natureza e “oferecermos” a todos. Alguém tinha que pagar esse preço! E eu paguei! Se eu não comprasse esta pequena encosta, alguém acabaria por comprar e fechar isto! Aquilo que era acessível a todos, deixaria de o ser! E esse alguém talvez cortasse todo este verde à nossa volta, talvez cortasse estas oliveiras atrás de nós... Estas oliveiras presenciaram tudo. Foram elas que esconderam o meu namoro com o Jakob, quando o Jakob vivia em Santarém. O Jakob e a Sarah foram depois viver com a mãe deles para a Costa de Caparica. E eu, enquanto estava aqui a escrever numa altura que era proibida, porque tinha sido declarado o Estado de Emergência, por causa de um vírus tecnológico, ouvi um zumbido-drone e comecei logo a olhar para o céu. Vi a importância dos drones não serem silenciosos. Se os drones fossem silenciosos não teria conseguido ouvir esse drone. A primeira coisa que eu pensei é que o drone poderia ser um drone-polícia, porque estávamos num Estado de Emergência em que a polícia andava na rua a dizer às pessoas para não saírem de casa por causa do vírus tecnológico de 2020 e estávamos numa altura em que eu sabia que a Comissão Nacional da Proteção de Dados tinha dado luz verde aos drones-polícia... Mas aquele drone não dizia “police” como os drones de hoje da Polícia Tecnológica nem piscavam nenhuma luz azul... Não me parecia um drone muito legal... Lembro-me de ter 5% de bateria e ter telefonado ao Jakob, que estava na Costa de Caparica, mas que eu sabia que ele estava em casa a estudar no computador com a Internet ligada, para ver o número da esquadra da Polícia de Santarém e telefonar para a esquadra a perguntar se a Polícia de Santarém já tinha drones. Eu não podia ligar a Internet senão ficava sem bateria. E o Jakob, como sempre, foi a minha Internet das Coisas e em menos de um minuto devolveu-me logo a chamada a dizer que o drone não era da Polícia, porque a Polícia de Santarém não tinha drones. “Já viste esta merda

Jakob? E se tivéssemos aqui os 2 a fazermos um bico um ao outro? Já viste a facilidade de nos filmarem e entregarem-nos à Eagle Studios ou mesmo à Polícia por estarmos aqui a fazer um bico ou a beber vinho? Já viste a facilidade de me publicarem na *Rede* e dizerem que eu estou aqui e não estou onde devia estar, que era em casa? Já viste a *Rede* a funcionar? Já viste a *Rede* a odiar-me? Só porque estou aqui a escrever?”

Lembro-me de gritar estas perguntas ao Jakob que calmamente me ouvia a olhar certamente para a calma do mar tecnológico, da janela do seu quarto na Costa de Caparica... E é claro que debruçado sobre o mar tecnológico, mesmo em toda a sua calma, o Jakob sabia tão bem como eu que este drone alterou toda a história! Ele sabia que a minha fantasia se tinha tornado verdadeira. E eu via o meu stress-fantasia a tornar-se num stress-real! Ora, alguém já sabia que eu vinha para esta encosta escrever, e se o Jakob estivesse lá comigo, o nosso namoro às escondidas tinha sido simplesmente levantado num segundo e alguém já sabia que nós éramos namorados e que era para aqui onde vínhamos namorar. Mas eu não sabia quem é que sabia que eu vinha para aqui. Esta era a primeira desvantagem. A primeira desigualdade de armas. Não era justo! Isto não podia ser justo! Este spot era meu e do Jakob. Era o spot dos namorados. Era o spot das abelhas. Era o spot das andorinhas. Era o spot das borboletas. Não era o spot dos drones. Não era um spot para drones. Era um spot para os namorados. Aqui estamos destapados. Qualquer pessoa daquele prédio que tenha binóculos pode ver-nos. Mas em 2020 o prédio que hoje vemos, era velho só de 3 andares, não tinha todos aqueles andares e era um prédio pobre. O Jakob dizia sempre que estávamos a ser filmados com binóculos e que as nossas filmagens iam parar à Angel Studios... Dizia sempre a brincar que era um dos Anjos Tecnológicos d’O *Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom, e por isso, o nosso namorico ia parar era à Angel Studios e não à Eagle Studios... Dizia-me sempre que não era nenhum dos *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke e que não me

precisava de me preocupar porque com ele, nas mãos dele, ao colo dele, eu nunca iria parar à Eagle Studios... E era assim que o Jakob me instalava sempre uma sofisticada *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari. Com o Jakob, ele até poderia ser um dos *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke e o nosso namoro ser um produto cinematográfico da Eagle Studios que ainda assim, com o Jakob, eu seria sempre feliz e aceitaria sempre aquele contrato de namoro!

— E se fossem mesmo ali para trás das oliveiras, uns binóculos conseguiriam ver o tio Antoine com o tio Jakob?

— Não. Ali não... As oliveiras encobriam o nosso namoro. As oliveiras eram o nosso Direito. O Direito encobre a Economia. O nosso namoro era mais económico do que nós pensávamos. O nosso namoro era mais valioso daquilo que nós imaginávamos. Havia um sistema que nos queria ver a namorar. Havia um mercado que queria acompanhar o bater do nosso coração. Que queria ouvir de perto como batiam os nossos corações cada vez que encostávamos o peito um no outro. Quando nós somos inteligentes e vemos as coisas...

— Uuui... Vai começar o típico narcisismo do meu pai: prepara-te Thomas!

— Shiuuu Antoine! Não interrompas o teu pai! Que tamanha falta de respeito...

— Tamanha falta de respeito é termos que levar com este subtil traço narcísico do meu pai...

— Shiuuu! Cale-se menino! Não ouviu o que o seu marido disse?! Não interrompa o seu pai! Não me interrompa!

— Ainda não somos marido e marido...

— Não insista! Está muito respondão hoje, Doutor Antoine!...

Para o Sistema Perfeito podem ainda não ser marido e marido, mas para mim, é como se fossem! Vocês são marido e marido! Até vejo as vossas alianças nesses vossos musculados pulsos...

— Não se chamam alianças, querido pai, chamam-se relógios...

— Mas esses relógios são as vossas alianças... São os vossos relógios-alianças tal como o Jaime e Fred d'O *Algoritmo do Amor*... Vocês devem ser os únicos super-humanos de 2080 que não têm um wearable e insistem nesses bonitos e clássicos relógios... Porque é que não têm um wearable como todos os outros super-humanos? Vocês fazem-me rir...

— Não temos um wearable no pulso, mas sim estes bonitos e clássicos relógios, que são as nossas alianças, provavelmente pela mesma razão que o pai...

— Oh! Mas eu não nenhum super-humano... E qual é a minha razão?

— O pai não quer que nenhum hacker, nem nenhum informático, seja ele robot ou humano, do Sistema Perfeito conheça o seu coraçãozinho...

— Ah! Disparate! Não é nada por isso... Simplesmente não acho piada...



— Conheço muito bem a sua *Paranóide Tecnológica* e a *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari... Sei que tudo o que sejam tecnologias que interajam com o sistema nervoso do pai, dão-lhe uma camada de nervos... Deixam-no nervosíssimo; o seu coração dispara, o wearable denuncia-o, o Sistema Perfeito descobre... O Banco descobre... Lá se vai menos um crédito...

— O quê? Acha que eu tenho medo da Medicina de Precisão? Fui eu que a inventei!

— Claro... O que vale é que o pai inventou tudo... Até pode ter inventado a Medicina de Precisão e pode não ter medo da Medicina de Precisão... Mas tem medo da Medicina de Precisão do Sistema Nacional de Medicina... Ou vai dizer que também inventou o Sistema Nacional de Medicina?

— Não fui eu que o inventei, mas também não tenho medo...

— O tio Antoine não tem seguro?

— Tenho, meu querido Thomas... É só o seu marido a querer fazer piadas de Direito da Saúde... A Medicina de Precisão apareceu com a ideia que cada um de nós possui características moleculares diferentes e que estas diferenças entre nós, numa sorte molecular, numa sorte química, numa sorte espiritual química das coisas, vai ver cada um dos nossos corpos a reagir de forma diferente ao meio. A Medicina de Precisão ao ver o nosso DNA, ao inspecioná-lo, prometia escolher os fármacos, não a pensar na doença, mas no doente. E isto fazia todo o sentido, isto era a Medicina de Precisão pura, quando ela nasceu. Por exemplo, algumas vacinas podem funcionar numas pessoas, mas noutras não. Lembro-me perfeitamente na crise de 2020, quando um

vírus deu cabo de tudo e começaram a experimentar as primeiras vacinas para dar cabo do vírus... Mas depressa vimos que nalgumas pessoas poderia não surtir qualquer efeito. A ideia da Medicina de Precisão era ver-se a bioquímica que havia no DNA, isto numa forma romântica de se ver o DNA... Mas a Medicina de Precisão tomou outro romance, outro amor, outro corpo, outro rumo, outra tecnologia, outra economia... Não me quero gabar, mas eu já sabia o que ia acontecer. Sabia que o que estava na agenda da Medicina de Precisão era a implementação de nanorobots pelo corpo todo. No fundo, o conjunto desses nanorobots eram o chip. Era isso que era o chip. Como em 2020 os telefones eram os chips. Os chips nasceram em 2020. A ver tudo isto, era claro que tinha que ter seguro. Eu já nasci com chips, Thomas. Eu nasci na era dos chips. Acha que eu ia querer meter mais chips no meu corpo? Ainda por cima, chips do Sistema Nacional de Medicina??? Era o que mais faltava! Claro, que tenho seguro! E claro que não tenho wearable vestido nenhum no pulso ou metido na cara. Os smartwatches, os smartglasses e as smartbrands são os wearables do meu tempo... Ter um smartglass é a mesma coisa que ter os olhos chipados. Os primeiros que apareceram ainda eram só uns óculos de realidade virtual aumentada... Parece que a encomenda d'*O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom tinha chegado muito mais cedo *À Velocidade da Luz*, de Gil de Sales Giotto, à Terra. A malta ia para a praia com os ridículos smartglasses e pintavam a praia onde estavam com outras cores; e mais tarde, essas interações já davam um pelo pacote de dados... Até a Psicologia começou a ficar interessada nos smartglasses e mandava descarregar os dados dos pacientes. Por exemplo, para curar as depressões de verão, a Psicologia já não queria ouvir os deprimentes relatos tecnológicos dos seus doentes tecnológicos, bastava pedir aos pacientes que enviassem os dados do smartglass para as nuvens dos psicólogos... Os psicólogos andavam nas nuvens com isto, era uma nova tecnologia, e assim que viam *À*

*Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto que os seus pacientes tinha passado a praia toda agarrados ao telefone ou ao tablet ou simplesmente com os smartglass metidos na cara, era óbvio que eles já sabiam a resposta daquelas depressões de verão. Mas os smartglass foram muito mais longe. Isto foi uma experiência tecnológica de verão. Os míopes foram os primeiros alvos deste novo mercado. Foi uma corrida dos míopes aos smartglass. Chiparam-se os míopes todos. Mas até os que não eram míopes também entraram na corrida dos óculos sem graduação, e enfim, viraram uma moda. Até que o Direito Tecnológico veio pôr cobre a isso, porque os smartglass começaram a ficar cada vez mais smart e já era possível olhar-se para uma pessoa com os smartglass e os smartglass descodificarem as micro expressões faciais. Por exemplo, com toda a gente ligada através da Internet de Coisas, eu podia passar muito perto de alguém na praia de tronco nu, excitar essa pessoa e receber uma informação virtual nos meus smartglass a dizer que tinha excitado, com um algoritmo a recomendar-me que voltasse para trás para ouvir, com o algoritmo, o espetacular bater do coração tecnológico que se tinha conectado à minha tecnologia. Porque o algoritmo queria ouvir. O algoritmo queria ouvir e ir a correr depositar esta informação ao Sistema Nacional de Medicina... Às tantas, já não se sabia o que é que era na verdade o Sistema Nacional de Medicina... Como o Direito começou a meter-se em tudo... Nos namoros, nos casamentos, nos assuntos do banco, no crédito... Enfim!

— Eu não fazia ideia que existiam esses wearables...

— Sobreviveram muito pouco tempo, Thomas... Já não existem. É verdade que o Direito e a Psicologia andavam nas nuvens com os demónios tecnológicos d'O *Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom, mas lá acordaram nas nuvens com os anjos tecnológicos d'O

*Deus Tecnológico*, de Simão Roncon-Oom, que devolveram o Direito e a Psicologia à Terra. Se eu tivesse um smartglass, que nunca tive, como devem calcular, e se eu visse alguém na praia com um smartwatch ou com uma smartband bastava passar perto de alguém que os meus smartglass conectar-se-iam ao smartwatch de quem eu tinha disparado o coração, vendo esse coração a bater desalmadamente à frente dos meus olhos... E se o meu alvo tivesse o cérebro dele ligado ao telefone ou a um dos wearables aparecer-me-ia o seu pensamento por palavras numa das lentes do meu smartglass... E se eu tivesse instalado nos meus smartglass um projetor de holograma, uma nuvem com o seu pensamento aparecer-me-ia por cima da minha cabeça com uma seta a dizer de onde vinha o pensamento... Mas isto, só os tecnológicos é que conseguiam ver... Para ver todas estas nuvens de dados de pensamento, era preciso vestir uma tecnologia destas. E só quando o Direito e a Psicologia vestiram estas tecnologias é que tomaram uma posição sobre o assunto. Mas até lá, os *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke aproveitaram o trote e o galope tecnológico e galoparam com todas estas novas tecnologias. Esses wearables apareceram numa altura em que não havia legislação que proibissem certas tecnologias e certos mercados tecnológicos. Mas depois o Direito Tecnológico veio interromper todo esse circuito de dados e esses *hackeamentos* ao espírito e à mente completamente ilícitos, completamente criminosos. Foram estes os wearables do meu tempo... Agora, até um drone já é considerado um wearable, porque agora vê-se toda a gente a andar com drones atrás delas o dia inteiro que permanentemente atravessam o espírito e veem em tempo real a mudança da cor e do calor do corpo, dizendo logo em tempo real ao Sistema Nacional de Medicina se se infetaram com vírus. Isto hoje já nada me espanta, porque eu vi isto a acontecer na crise de 2020. Na crise de 2020, por causa do vírus, imensas foram as câmaras que se espalharam por todo o lado com detetor de calor... E essas câmaras ligadas aos telefones e às aplicações

fizeram avançar a Internet das Coisas. Nós entrávamos num restaurante e se tivéssemos febre e a câmara detetasse a febre através do calor comunicava numa Internet de Coisas com o restaurante dizendo que não podíamos entrar. Antigamente, não vinham autómatos *À Velocidade da Luz*, de Gil de Sales Giotto, a buscarem-nos à porta do restaurante ou do supermercado para nos levarem obrigatoriamente para o hospital. Mas hoje, já há... Quem não tem seguro é simplesmente levado... O sistema está tão automatizado e tão robotizado que parece que é normal vermos pessoas sem seguro a serem levadas pelo Sistema Nacional de Medicina... Mas não é normal! E o simples Direito de Não Querer Ser Levado Por Um Robot? Não existe?

— Bom... Nunca tinha pensado nesse Direito, pai...

— Pense! É você que está agora na arena! Passei-lhe o testemunho. Eu já estou velho! Não tenho paciência, nem pachorra para inventar novos direitos e lutar por eles... O Direito sempre foi uma invenção! O Direito é a maior invenção de todas! E por ser uma invenção, podemos inventar os direitos que quisermos. Mas há direitos que não podem sobreviver, porque há direitos que vêm de pensamentos de cabeças ocas, perversas, inimigas a tudo e a si próprio. São como polvos, são canibais. Há direitos canibais???? Se há direitos canibais, há direitos que merecem ser inventados para se poder aniquilar este canibalismo. O homem inventou a máquina. Pôs um cérebro dentro da máquina. Transplantou-lhe um cérebro. A máquina, com um cérebro, tornou-se uma Inteligência Artificial. E o alimento desta Inteligência Artificial são os dados. Ela alimenta-se de dados. A Inteligência Artificial é infinita. Pode chegar a todo o lado. É isso, que quer dizer tecnologia. Pode chegar a todo o lado. Com a tecnologia, podemos chegar a todo o lado. Com os wearables conectados a uma Inteligência Artificial, podemos chegar a todo o lado. E nós já

chegávamos a todo o lado em 2020. Os wearables também funcionam como chips. São a mesma coisa. Como os telefones são autênticos chips! Mas isto, foi tudo muito subtil... Foi tudo muito bem montando pelo vírus tecnológico...

— Pelo vírus tecnológico, tio?

— Sim, Thomas! Pelo vírus tecnológico... Pelo vírus tecnológico que se instalou em todos os organismos, exceto...

— Deixe-me adivinhar, pai... Em todos, exceto no seu...?

— E no seu! Seu espertalhão! Porque é que acha que conseguiu escapar à Medicina de Precisão do Sistema Nacional de Medicina? Porque teve um pai que lhe pagou o seguro! Que lhe pagou a liberdade! Que pagou para não lhe instalarem nanorobots pelo corpo todo! Ainda por cima, nanorobots ligados à Internet das Coisas... Mas o meu pai, a mim não me pagava seguro nenhum! E como eu sabia que o meu pai não me ia pagar seguro nenhum, porque por ele podiam instalarem-me os chips que quisessem que ele deixava e ficava a ver no computador a atividade do meu cérebro, eu tive que me fazer à vida... Eu vi em 2020 bancos de investimento a financiarem máquinas para verem a atividade do cérebro e lerem os pensamentos do cérebro... Mas vi isto, porque andava nos sítios certos. Não andava a ver os filmes e fantasias dos outros... Porque os filmes e as fantasias dos outros baseavam-se na realidade... E com os olhos postos na realidade, via a construção de todas as tecnologias, de todos os algoritmos, de todas as fantasias e via logo a seguir a instalação de cada uma das tecnologias, de cada um dos algoritmos e de cada uma das fantasias... E se eu vi os outros a montarem as fantasias deles que iam dar cabo do meu organismo, do meu sistema imunitário, das minhas defesas, do meu sistema, do meu cérebro, é claro que tive que começar também a erguer todas as minhas

fantasias que eu também vinha a montar. Porque eu também montava fantasias. Eu também sabia como as montar. Montei e ergui tudo do zero... Fiz tudo com o meu espírito! Com o meu e com o do Jakob! Aconteceu tudo muito rápido. Foi tudo muito rápido. Eu tive que me comportar também como um vírus tecnológico. Tive que me tornar ainda mais viral do que o vírus tecnológico. O vírus tecnológico queria tudo preso à tecnologia. Queria tudo agarrado à tecnologia. E não é que conseguiu? O vírus de 2020 foi um vírus tecnológico! Prendeu tudo aos écrans!

— E quem é que encomendou o vírus, tio? Se o vírus era tecnológico e se o homem é que inventou a tecnologia...

— Sabe, Thomas... A Natureza é mais tecnológica daquilo que nós fazemos ideia...! Toda a Internet que existe na raiz das árvores... Sabe... Toda a Internet que existe na nossa cabeça sem computadores ou telefones... Nós somos computadores! Nós somos Internet! Nós somos tecnologia! Há uma poderosa tecnologia no ar! Há uma verdadeira energia! E só de falarmos dela, arrepiamo-nos logo e sentimo-la a interagir com o nosso corpo e a interferir com a nossa mente. Vemos o nosso espírito a responder-lhe, não é? A Organização Mundial da Saúde disse que o vírus tinha vindo encomendado pela Natureza... E eu sempre fui cego pela Organização Mundial da Saúde. O meu maior referencial sempre foi a Organização Mundial da Saúde! Não podia ter outro referencial!

— E por isso, o tio sempre acreditou que o vírus tecnológico tivesse vindo da Natureza e não de um laboratório tecnológico?

— Sim. A Natureza estava cansada de nós, sabe? Cansada da nossa economia... Ela queria outros no poder, queria outros na economia, ela queria dizimar economias perversas... E conseguiu! Ela

queria que nascessem novas economias, novas empresas, mais empáticas, sustentáveis e humanas... E consegui! Antes de quisermos acreditar nas nossas fantasias, temos que primeiro acreditar na nossa realidade. E só a ciência é que nos pode devolver à nossa realidade. Se largarmos as mãos da ciência, perdemos a realidade e perdemos as nossas fantasias. O Jakob era a minha ciência. E eu andava de mãos dadas com o Jakob para todo o lado. Nós só conseguimos chegar às nossas fantasias, se primeiro chegarmos à nossa realidade. Porque as nossas fantasias dependem do conhecimento que tivermos da realidade. Quem pode suportar as nossas fantasias é a realidade. É verdade que havia uma agenda em cima da mesa e que satélites estavam constantemente a ser lançados para tornar possível a Internet das Coisas... Em cima da mesa havia um pacote de 45 mil satélites só de uma empresa... Só de uma empresa americana... E perante isto, acham que a China ia querer perder a corrida tecnológica? Quando quem tinha começado a corrida tinha sido a China? A China já tinha dado um avanço a todas as economias com os seus poderosos algoritmos, com a sua sofisticada tecnologia, com os seus softwares... Já tinha câmaras instaladas em todo o lado... Londres, foi a primeira a instalar as câmaras por todo o lado... Londres era considerada um dos países mais vigiados... Mas, as câmaras de Londres não faziam mal... Não nos reputavam... Não nos pontuavam... Mas as câmaras da China que nos reputavam e nos pontuavam, prendia-nos para sempre ao sistema informático... Primeiro, isto foi visto como aberrante, como contrário a todos os direitos fundamentais... E primeiro, a China parecia um país tecnologicamente extraterrestre... Em 2018, a China parecia Marte quando apareceu com o seu sistema de pontuação social... Só que de repente, todos começaram a querer também descolar para Marte... E a China e Marte deixaram de ser extraterrestres... Todos começaram a ficar hipnotizados pela tecnologia... Foi um vírus tecnológico que se instalou em todos os cérebros humanos. Os cérebros humanos são



autênticos sistemas informáticos, são autênticos computadores... Ora, os computadores foram infetados com o vírus! Não foi o vírus de 2020 o responsável por ter deixado toda a espécie humana agarrada aos telefones, porque em 2019 até na praia já se via tudo agarrado aos telefones... Um espetáculo tecnológico obrigatório para se ver... Na praia, veja-se bem...! Na praia... Imagine-se, então, fora da praia não é?!... Não foi o vírus o responsável por deixar tudo agarrado aos telefones... Mas foi o vírus de 2020 o responsável por ter mandado toda a espécie humana para dentro dos écrans... Sabe o que é um vírus até mexer com o Direito do Trabalho, até mexer com o Regulamento de Avaliação de uma faculdade de Direito? Foi o que aconteceu! Um vírus que obriga todos a irem parar dentro de uma nuvem, a irem parar dentro de uma aplicação, a irem parar ao mundo virtual é um vírus tecnológico! E engraçado, porque era justamente o que estava em cima da mesa... Era o que fazia parte da agenda de alguns governos, alguns grupos parlamentares e alguns grupos de empresas... Porque o que estava em cima da mesa eram os dados. O que se queria era darem dados a uma Inteligência Artificial. O que se queria era dar o máximo de dados ao Big Data. O que se queria era mandar a todos para o Big Data... O que se queria era alimentar uma Inteligência Artificial... Porque o vírus tecnológico, a febre tecnológica tinha sido instalada. Foi assim instalada. Ora, aparecer um vírus tecnológico que obrigava todos os trabalhadores a terem que estar em teletrabalho e que obrigava todos os alunos a terem que estar em telescola, permanentemente ligados à Internet, permanentemente conectados ao mundo virtual, era aquilo que se queria... E por isso, para o mercado de dados, este vírus tecnológico até tinha calhado bem. Porque conseguiu acelerar tudo! As pessoas de tão presas que estavam aos écrans começaram a fazer aquilo que se queria... A exporem-se completamente... A desligarem-se completamente da noção da sua privacidade e da sua intimidade e começaram a publicar tudo, como se tudo valesse, como se não

tivessem nada a perder, nada a proteger, nada a esconder... As publicidades que passavam na TV também “incentivavam” a isso... Eram publicidades que diziam permanentemente que estávamos todos ligados, todos conectados, enfim... Bom... A publicidade sempre teve um impacto muito grande nas mentes e nos cérebros mais vulneráveis... É só passar uma coisa na TV, que as pessoas de verem ou ouvirem começam a fazer exatamente aquilo que se passa na TV... É por isso que, haver um tempo de antena obrigatório para publicidades institucionais e um regulador da publicidade é muito importante como defendem *Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy... O problema é que os reguladores e as instituições não são programas de computador nem robots com algoritmos inseridos por um humano empático, inteligente emocionalmente e verdadeiramente humano... Por detrás dos reguladores e das instituições há um cérebro humano. E se o cérebro humano por detrás disso for um cérebro perverso, demente ou doente, acabamos todos por ser chipados, com os nossos namorados ao nosso lado, mas mediados por uma tecnologia qualquer... Deixar uma tecnologia mediar os nossos namoros, casamentos e amizades? Deixar um algoritmo analisar os nossos namoros, casamentos e amizades? Deixar uma câmara ver a análise dessa medição e dessa análise? O vírus rompeu com tudo... Não foi só com a economia... Foi com amizades, casamentos... Os cafés virtuais reais deram lugar a cafés virtuais a partir de casa... Já não era só o trabalho obrigatório a partir de casa, foram também os cafés virtuais a partir de casa que tinham o bonito nome tecnológico de “grupo de visualização”. Era ridículo! Deprimente! As pessoas apareciam todas aos quadradinhos no ecrã... Mostravam tudo... Mostravam os seus quartos desarrumados, mostravam as suas humildes salas, mostravam as suas cozinhas gordurosas, mostravam as paredes cheias de humidade com a tinta a partir-se, mostravam a confusão das suas casas, mostravam as discussões com os seus maridos e filhos, enfim...

Entregavam as suas famílias disfuncionais à Psicologia e ao Big Data...  
Suicidavam assim a sua intimidade...

— O tio andava nesses grupos de visualização?

— Claro que não, Thomas! Não precisava de lá andar para saber o que lá se passava... Estamos numa sociedade de informação tecnológica. Conta-se tudo num segundo tecnológico. Em 2019 já víamos os grupos de amigos agarrados ao telefone na mesa do café. Claro que na minha mesa isso não existia e de fora ridicularizávamos todos os grupos tecnológicos à nossa volta, e sem querermos, o nosso gozo tornava-se um gozo tecnológico, porque sem querermos, íamos parar também nós ao Big Data fosse através dos microfones dos telefones deles, sempre ligados à Internet, fosse através das 5 câmaras, que mais pareciam olhos, dos telefones deles sempre ligados à Internet que de uma maneira ou outra nos capturavam a felicidade, nos novos cafés virtuais, virtuais para toda a gente, mas reais para mim! Por causa do número de casos infetados pelo vírus, os governos decretaram “estado de emergência”, decretando uma quarentena obrigatória, um confinamento obrigatório. As regras do jogo foram diferentes para cada um dos ordenamentos jurídicos. Cada ordenamento jurídico fez as suas regras... Em Portugal, só podíamos sair de casa se fosse para ir ao supermercado, para ir à farmácia, para ir trabalhar, para ir passear animais de companhia, para curtos momentos de lazer com crianças ou para fazermos exercício físico durante meia hora... Meia hora??????? Meia hora???????????????????????????????? E se eu quisesse fazer uma caminhada de 3 horas, simplesmente não podia! As regras do jogo, deste novo jogo, não me permitiam! Sabem o que era mais engraçado?! É que mesmo obrigatoriamente confinadas, as pessoas mesmo estando o tempo todo “obrigatoriamente” no telefone ou no tablet “como se fosse absolutamente normal” e achassem que todos também estivessem

“ao telefone”, porque na cabeça deles não haveria mais nada que fazer senão estar o tempo todo ao telefone, quando as pessoas saíam à rua para correr ou passear os cães, as pessoas saíam com os telefones nas mãos!!!!!! Andavam com os telefones nas mãos!!!!!! Numa mão levavam a trela do cão que os puxava e os faziam deslizar enquanto deslizavam também no telefone, que traziam na outra mão. Sabem o que é que era ver estes “merecedores da vida eterna” neste vício a andarem uma carrada de metros sem nunca tirarem os olhos do telefone????? É claro que se as pessoas já andavam metidas nos telefones antes dos vírus, então com o vírus tecnológico de 2020 estava-se mesmo a ver que elas não iam sair mais dos telefones. E não saíram. Faziam tudo a partir do telefone. Iam tomar os seus novos cafés virtuais, faziam as suas videochamadas, participavam em missas online e enterros em tempo real tudo através do telefone... Mas sabe que eu pensei, estupidamente pensei, que com o confinamento obrigatório e já que as pessoas passavam o tempo todo ao telefone, quando saíssem de casa, talvez viessem sem os telefones na mão... Mas não... Claro que não... Até vinham passear com os cães e com os telefones na mão... Quem tivesse cão, na altura do confinamento obrigatório tinha mais uma desculpa para “poder sair à rua”, para ver o mundo... Porque o mundo na verdade não parou. Enquanto os governos nos mandavam ficar em casa, árvores eram abatidas, obras não paravam de ser construídas... Foi uma desigualdade económica. Uma desigualdade de economias. Umhas economias foram interrompidas. E outras simplesmente continuaram. Poderam continuar. E eu tinha que ver aquilo. Tive que ver as pessoas a queixarem-se de estarem presas aos telefones, mas a não conseguirem desprenderem-se deles. A fazerem caminhadas tecnológicas. A fazerem ridículas caminhadas com os telefones. Tive que ver as pessoas a desperdiçarem os momentos reais das suas vidas. Mas por ter visto os outros a desperdiçarem a vida deles e os momentos deles, eu não ia permitir que eles matassem os meus

momentos reais, transformassem a minha vida real numa vida virtual. Tive uns atrevidos amigos que quiserem dar-me os parabéns através de videochamada... Obviamente que não atendi videochamada nenhuma nem nos meus anos! Mas para quê??? Que me telefonassem só! Porque era isto que nós fazíamos quando estávamos a quilómetros de distância. Simplesmente telefonávamos. Agora, fazemos videochamadas? Mas por acaso as pessoas sabiam quem é que estava também nesse canal de videochamadas? Que algoritmos tinham lá sido silenciosamente instalados? E mesmo que o canal da chamada não tivesse nem um algoritmo, como é que os humanos tão inteligentes não perceberam que a videochamada era uma armadilha para as relações. Depois vieram os hologramas. Mas ninguém via os hologramas. Mas para mim, as videochamadas já eram hologramas. Simplesmente ainda não saiam era dos écrans. Os nossos namorados e os nossos amigos ainda não eram projetados. E depois foi tudo projetado. Depois começou tudo a ser projetado. Por isso é que hoje, se tivermos os óculos de realidade virtual aumentada vemos hologramas por tudo o que é lado e claro que a espetrofilia saiu do espectro de parafilias sexuais. No meu dia de anos, em 2020, que calhou na quarentena obrigatória, o Jakob estava preso na Costa de Caparica, não podia sair de lá. E eu estava em Santarém. Ficámos completamente separados. As ruas estavam bloqueadas e ele já não tinha a morada de Santarém. Estava com a morada da Costa de Caparica. Com uma bela praia bloqueada, gradeada. O Jakob que ia todos os dias fazer surf para a praia, simplesmente não podia. Foi-lhe tirada a praia. A ele e aos outros que iam nadar, que iam caminhar ou simplesmente dormir ao sol na praia. Ou meditar. Porque é um verdadeiro direito eu poder dormir ao sol à praia! E não é um vírus tecnológico que pode configurar as mentes que governam um país e de repente bloquearem inconstitucionalmente as praias ou as montanhas. Porque foi uma medida inconstitucional! Mas qual é o mal de eu infetado ou não infetado ir para uma praia deserta ou quase deserta ou

mesmo que tenha gente, qual é o mal de eu estar numa praia? A não ser que eu andasse a espirrar ou a tossir para cima das pessoas na praia eu poderia infectar alguém! E ninguém anda em cima de ninguém na praia! Muito menos numa praia portuguesa com extensões e extensões de areia! Para ser franco, muito franco parece que nem tenho forças para descrever o que se passou! Custa-me dizer isto, mas o sistema deu cabo da minha intelectualidade. Não tenho nem prazer, nem capacidade para denunciar isto! Foi surreal demais terem “fechado” as praias. Praias fechadas pelo governo? Confinamentos obrigatórios pelo governo? Estamos a falar de um vírus que só passa com contato direto... O governo não tinha que andar a fechar as praias, coisa nenhuma! Quer dizer se lhe apetecesse fechar durante 1 ano, ficávamos sem praia durante 1 ano, não? E depois se lhe apetecesse vender a praia, ficávamos definitivamente sem praia, não? A praia é uma formação natural causado por fenómenos naturais como o mar, o vento, a erosão, a sedimentação, tudo processos que a Natureza “se lembrou” de fazer com as suas mãozinhas para nós... E depois vem um governo qualquer e tirar-nos aquilo que a Natureza nos deu? O que o governo tinha que fazer era dizer “quando for à praia se cruzar com alguém mantenha a boca fechada e não espirre ou não tussa para cima de alguém, ponto final, parágrafo.” Depois, quando as praias reabriram vieram os torniquets virtuais e as aplicações que as pessoas tinham que descarregar e ter nos telefones para entrarem nas praias... Mas o governo estava a gozar com as nossas caras ou quê? E o Direito? Também parecia que estava a gozar connosco! Então, mas eu que não queria sair de casa com o meu telefone, porque ia para a praia e na praia simplesmente não se usa telefone, porque o que é normal é não se usar o telefone na praia, tinha agora um governo que me obrigava a ir com o telefone para a praia e tinha o Direito que deixava um governo obrigar-me a isto? É porque o Direito se passou! O Direito passou-se! Deixou de prestar! Tornou-se uma verdadeira merda! Tornou-se uma

mentira! A minha liberdade afinal tornou-se uma mentira! Agora, para ir para a praia eu tinha que ir com o telefone?! Isto é de rir! Isto foi um tirar os olhos às pessoas. Mas as pessoas não têm olhos? Não conseguem chegar a uma praia, ver que está lotada e ir para outra? Nós estamos a falar de Portugal. Portugal tem quilómetros de extensão de praia. É praias que nunca mais acabam! É paraísos infinitos! As pessoas não conseguiam chegar a uma praia e ver um espaço e irem para esse espaço calmamente e outro grupo chegar e não ficar em cima do grupo que tinha chegado primeiro? Não conseguiam fazer isto? Só conseguiam fazer isto com os telefones? Os telefones também serviam agora de réguas? Não conseguiam fazer réguas invisíveis só com os olhos? Perderam a noção do espaço ou quê? Era preciso termos um governo em cima de nós? Uma polícia sempre em cima de nós? Eram preciso drones em cima de nós? Ainda por cima na praia??? Isto era aquilo que se escrevia em 2020 e era uma ficção científica de 2080. Muito francamente, nem sei como é que com tudo a acontecer ao mesmo tempo não tive um esgotamento cerebral. Porque havia uma urgência de denunciar tudo. De escrever sobre tudo. Noutros países estavam a acontecer coisas bem piores. Era a China que instalava câmaras de vigilância em frente à casa das pessoas infetadas e eram os outros países a aplaudirem as medidas chinesas, era o México a colocarem como varredores de lixo nas ruas os jovens que não cumprissem o isolamento social e eram portugueses a aplaudirem as medidas mexicanas. E eu não sabia como descrever estes aplausos e estas medidas quando tinha mil e uma coisas para descrever. E eu tinha que saber ligar tudo isto. E tinha que ligar tudo isto *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto. E tinha que ao mesmo tempo ver e descrever os meus mundos paralelos. Porque estes jovens mexicanos podíamos ser eu e o Jakob. Nós íamos os dois às escondidas para as montanhas. Eu ia para as montanhas escrever. Não tinha sempre um ambiente saudável em casa para escrever. Eu andava

sempre a saltar de sítio em sítio para poder escrever. Só a Jupiter Editions é que me deu uma nova paz à minha escrita. Uma nova calma. Mas até lá teve que ser tudo em stress. Tive sempre sob stress. E tive que escrever tudo sob stress. Já não era só o meu pai que me stressava, era também um governo. Em casa o meu pai não me deixava escrever. E eu saía de casa para poder escrever. Mas depois tinha um governo que só me deixava sair de casa de fosse meia hora e tinha que ser para fazer exercício físico? Tive que escrever ao mesmo tempo que corria! Foi uma escrita stressante que eu entreguei à Jupiter Editions. Eu andei a escrever às escondidas. Se eu fosse apanhado aos beijos em Santarém numa montanha pela Polícia, talvez não nos acontecesse nada. Porque os polícias conheciam-nos. Mas talvez se fosse noutra parte do país poderíamos ser detidos. E no México íamos varrer as ruas. Se eu fosse apanhado com o meu caderno tecnológico pela Polícia talvez tivesse que guardar o caderno e pedir desculpa e não poderia ser novamente apanhado a escrever, porque no Decreto do Estado de Emergência não constava a permissão de se poder sair à rua para escrever, ou para meditar ou para fazer yoga. O yoga estava muito na moda. Mas ainda não tínhamos um Direito da Moda em 2020. E eu via que seria importante deixar tudo isto escrito. Porque há muitas formas de liberdade. Somos bilhões e todos nós temos necessidades diferentes. Pode apetecer-me simplesmente sair de casa e ir ver a praia de cima, num sítio sem ninguém, deitar-me e querer ficar por ali adormecido com o barulho das ondas e não querer ser acordado pela Polícia a dizer que tenho que me levantar para porque vou ser detido porque estou a desrespeitar um decreto qualquer. Porque para mim, um decreto que não tem o mínimo fundamento científico é um decreto qualquer. Pode ser escrito e querido pelo governante mais caprichoso. E se a minha felicidade depender disto? Depender desta liberdade? De simplesmente poder caminhar sem horas? E se a minha caminhada não incluir nenhum telefone? Um governo obrigar-me a sair com o telefone de



casa para caminhar? Sabem o que é que aconteceu a seguir? O governo obrigou a ter o GPS ligado! E sabem o que é que aconteceu a seguir? O governo obrigou a termos a aplicação “Todos Ligados” no telefone! Sabem o que é que isto se chama? Um atentado à Constituição! É um crime governamental contra a Carta Fundamental dos Direitos Fundamentais, que é a Constituição! Não somos nós que temos que ser presos por um governo que nem sequer a Constituição previu que ele existisse! Que nem sequer a Constituição o legitima! E assim sendo, não é esse governo que nos pode prender, somos nós que temos que prender o governo! E se eu não quiser saber de vírus nenhum, porque sei que numa caminhada ao ar livre não me vou nem infectar nem vou infectar ninguém? E ter um governo que me obriga até na rua a andar de máscara? Na rua a andar de máscara????????????????????? Já num estabelecimento comercial não fazia sentido a sua obrigatoriedade, bastava um distanciamento social, o que fazia sentido era as pessoas saberem tossir e espirrar, mas enfim, até se pode compreender na altura a medida... É claro que quem não consegue ver a tecnologia do vírus, quem não tem olhos tecnológicos e não consegue ver como o vírus se propaga vinha logo contra mim quando me ouvia dizer isto... Mas eu queria lá saber! Se eu andava sempre de mãos dadas com a ciência eu queria lá saber do que é que as pessoas andavam a ver e a ouvir. Podiam ver os mil e um vídeos que quisessem, ouvir os mil e um especialistas que quisessem, que isso significava zero em termos científicos. E depois o governo ainda veio impor as “máscaras tecnológicas”? E depois veio impor os óculos de realidade virtual aumentada? Foi por isso, que precisámos mesmo de um Sistema Perfeito! As publicidades institucionais que o governo devia ter passado massivamente nas TV’s e nas redes sociais era de pessoas a espirrarem como deve de ser e a porem o cotovelo à frente, para espirrarmos todos em segurança e a não tocarmos em tudo o que era sítio. E cada vez que tocássemos dizer às pessoas que lavassem as mãos com água e sabão e

não com gel nem com álcool. A Organização Mundial da Saúde já tinha dito que o vírus não se contagiava via aérea, que o contágio tinha que ser direto, ora saber que o vírus não andava por aí no ar, mas ver pessoas a passearem com máscaras na praia, na rua, no campo, de bicicleta ou a pé a pensarem que o vírus se apanhava do ar era deprimente! Era deprimente ter que gerir tudo isto! Ter que ficar calado e ver isto. Lembro-me de ver um polícia com um capacete de plástico que tinha o nome de “viseiras”, numa altura em que a agenda verde que estava em cima da Europa era eliminar-se os plásticos de uma vez por todas e a conversar descontraidamente que distraidamente se apoiou num poste de rua e sem se aperceber levou a mão com que tinha segurado no poste por dentro da viseira ao nariz e o esfregou, provavelmente por uma comichão que teve no nariz. Ora, isto eu vi uma vez, mas se eu vi uma vez quer dizer que a mesma imagem se repetiu milhões de vezes noutra parte do mundo. Somos milhões. É só multiplicarmos os nossos pensamentos e as nossas ações. Aquilo que eu penso ou faço voluntaria ou involuntariamente outra pessoa também o está a fazer noutra parte do mundo. Isto queria dizer que as viseiras não eram eficientes. Tal como não eram as máscaras, que davam uma falsa sensação de segurança. O mais importante não eram as máscaras e o lixo e a economia que se fizeram com as máscaras e com o gel e com o álcool para as mãos, como se o álcool fosse para se andar a esfregar todos os segundos nas mãos! O mais importante era lavar as mãos com água e sabão sempre que se tocava numa nova superfície fora de casa e saber tossir e espirrar com o cotovelo para protegermos os outros. E, portanto, toda a política que se construiu à volta do vírus tecnológico de 2020 não foi a melhor! Foi horrível! Em alguns ordenamentos foi um terror! Foi um terror tecnológico! Se não fosse o Sistema Perfeito andávamos todos aí hoje com os óculos de realidade virtual aumentada. Assim, anda só quem quer. Andávamos todos com drones a voarem por cima de nós desde que saíssemos de casa. Assim, anda só com um

drone por cima de si, quem quer. Temos esta liberdade tecnológica em 2080. Em 2020 ela foi nos tirada. Os drones tiraram-nos a liberdade. A praia à frente da casa do Jakob na Costa de Caparica não andava a ser sobrevoada por drones, mas outras andavam. E não foi sobrevoada por um drone por um triz, porque a Comissão Nacional da Proteção de Dados que começou a funcionar muito mal, nem me respondeu sequer a um email que eu lhe enviei, deu luz verde aos drones para monitorizarem as praias. Os drones não podiam voar quando o governo andava a fazer muito mal decretos. Os drones num governo que não sabe fazer decretos são um perigo! Podem matar! Porque o decreto que o governo fez à pressa para declarar o Estado de Emergência, por causa do vírus tecnológico de 2020, foi muito mal feito! Então não se podia caminhar, mas podia-se correr? As pessoas andavam a caminhar com medo na rua, porque não sabiam se podiam caminhar ou se só podiam estar na rua se estivessem a correr... Parecia que estávamos numa tropa... Eu próprio que caminhava, quando via a polícia numa esquina de longe começava a correr, para passar pela Polícia a correr, porque eu sabia lá se eu passasse a caminhar a Polícia iria abordar-me, iria recomendar-me a ir para casa quando eu queria era subir a montanha? Podia-se andar de trotinetes, porque as trotinetes não eram intercetadas, mas não se podia caminhar? Os “passeios higiénicos”, a expressão mais feia de todas, tinham que ser realizados à frente de casa? Mas se eu não tivesse uma montanha à frente de casa e precisasse de andar meia hora até à montanha, não podia, porque só podia estar meia hora na rua, por causa do vírus tecnológico de 2020? Isto não era para rir, porque isto estava a afetar mesmo a nossa realidade. O problema do Direito é que quando é mal feito não tem piada nenhuma, porque o Direito tem a força para regular as nossas vidas. É por isso que o Direito só vale, se for bem feito! Tem que ser bem feito! As esferográficas que escrevem os novos códigos têm que estar em boas mãos como nas mãos d’Os *Autores do Sistema* de Sebastião

Lupi-Levy. E quem tinha uma praia à frente de casa como o Jakob e estava habituado a ir sempre à praia e com a praia fechada onde é que ia ser feita agora a higiene mental dos amantes de praia? Dos surfistas? Tinham que estar enclausurados a verem ondas na Internet? Isto era o que o governo queria, que enfiássemos todos os óculos der realidade virtual aumentada. Mas nem eu nem o Jakob queríamos óculos nenhuns de realidade virtual aumentada! O Jakob estava a viver com a mãe na Costa de Caparica. O pai do Jakob continuava a viver em Santarém. Ou seja, o Jakob tinha a casa do pai em Santarém... Mas isso não interessava nada para o sistema informático da Polícia. O que aparecia no sistema informático é que a morada do Jakob era na Costa de Caparica e que por isso, numa altura de confinamento obrigatório, em que as estradas tinham sido bloqueadas e só se podia circular com alguns fundamentos, como trabalho, ele não podia vir até Santarém namorar-me. Mas ele telefonava-me e contava-me o que se passava do outro lado. Contou-me que um miúdo passou as grades da praia para fazer exercício físico numas máquinas que havia em cima da praia e que um vizinho dele começou a gritar da janela para o miúdo que estava na praia a fazer exercício numa máquina de exercício para ele sair imediatamente dali. O miúdo não lhe ligou nenhuma e o vizinho dele desceu do prédio e a chamar nomes arrancou o miúdo da máquina de exercícios montada na praia, porque a praia tinha sido fechada e o miúdo não podia estar ali. Depois quando as praias abriram, o Jakob voltou ao surf dele e contou-me que a namorada de um amigo dele surfista tinha sido expulsa pela Polícia Marítima, porque estava deitada ao sol na toalha e não podia, porque tinha que estar “a circular” na praia, não podia estar parada, sentada, deitada na toalha “a fazer praia”. Isto podia ter acontecido a mim. Podia ser eu ali na toalha sentado a ver as manobras do Jakob, e a pensar como era lindo o Jakob e como o Jakob me dava tanta tusa a sair da água com os músculos a quererem rasgar o fato de surf e a Polícia Marítima a não querer saber se eu era

ou não o namorado do surfista e se eu quisesse muito estar ali com o meu namorado também tinha que estar a fazer surf. Eu que fosse aprender a fazer surf. Ou eu que fosse comprar uma prancha de surf, sempre dava para disfarçar. Estando o Jakob na Costa de Caparica e eu em Santarém, o Jakob enviou-me um maravilhoso piquenique, não por drones, mas através do Mike. O Mike, o meu melhor amigo, era o único que estava em Santarém e os meus anos foram passados com o Mike. O Jakob enviou a lista de compras ao Mike e enviou-lhe o dinheiro através do MB Way, que era como nós enviávamos dinheiro uns aos outros. Tínhamos a conta do cartão bancário associado ao número de telefone, então era só eu enviar dinheiro para o número de telefone de um amigo e o dinheiro chegava lá *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto. Nós já tínhamos todas as tecnologias rápidas e toda a Internet das Coisas, para quê ligarmos mais coisas, para quê instalar antenas 5G altamente cancerígenas e envolvermo-nos numa deprimente radiação eletromagnética poderosíssima que se agarra e quer ligar a cada ponto elétrico dos nossos neurónios?? A agenda do 5G voltou e é a mesma em 2080 exatamente igual quando apareceu em 2020. A agenda não vai parar! A publicidade não vai parar! O mercado está a pressionar o Direito há mais de 60 anos!!!! O 5G está sempre a aparecer. Seja através de novos poderosos hologramas, seja no cantinho da visão dos olhos chipados... Enquanto nos proibiam de sair de casa e silenciosamente iam abatendo árvores e instalando antenas 5G, eu e o Mike fomos às escondidas da Polícia para o Jardim dos Idílios fazer o maravilhoso piquenique que tinha sido encomendado pelo Jakob para comemorarmos os meus anos... E amigos meus, os verdadeiros, que sabiam perfeitamente como eu era, e que respeitavam a minha liberdade de eu não querer estar ligado à Internet nem querer fazer videochamadas nem querer tornar o meu piquenique nem os meus anos um momento tecnológico, porque não era momento nenhum tecnológico para ser partilhado na *Rede*, mas sim um momento íntimo

para ser partilhado na intimidade de quem estava presente, simplesmente telefonaram-me, e não se puseram com ideias de sequer perguntar se eu podia fazer videochamadas para mostrar o maravilhoso piquenique e a privilegiada vista que dali tínhamos sobre o rio Tejo, sobre o Jardim dos Mochos, o Jardim das Corujas, o Caminho das Corujas e o Caminho dos Mochos. Mas também tive amigos que se atreveram a implorar para que fizesse uma transmissão de vídeo daquele meu íntimo momento com o Mike, da comemoração dos meus 28 anos, naquele idílico Jardim dos Idílicos. Apeteceu-me mandar-lhes à merda! Mas que raio de amigos eram esses que eu afinal tinha? Fiz tantos inimigos nesta altura... Mas eu quis lá saber! Eu já tinha os meus amigos! Por isso, podia ter e fazer inimigos à vontade! O Mike acompanhava-me sempre nas caminhadas quando o Jakob não estava. E disfarçados com os fatos de treino, montávamos os maiores *sketchs*, *sketchs* a abrir garrafas de vinho que enchiam o nosso espírito de felicidade em plenas montanhas onde víamos e aprendíamos a rotina das patrulhas da Polícia... Vendemos muitos dos nossos *sketchs* à Jupiter Editions sob a forma de *podcasts* no Kanal Jupiter.

— Em [www.kanaljupiter.com](http://www.kanaljupiter.com).

— Obrigado, Thomas.

— Ah! De nada, tio...

— Foi o mercado que quis isso! E nós, simplesmente participámos no mercado. Fomos chamados pelo mercado a participar. E aceitámos o convite. Mas nem por isso, a nossa amizade se tornou comercial, porque não deixámos o mercado comercializar a nossa amizade. Nós comercializámos aquilo que nós quisemos comercializar. E recebemos obviamente por isso! Não andámos a mostrar a nossa voz e a sermos engraçados à toa, não! O nosso teatro tinha um preço! Às

vezes, os nossos primeiros 10 segundos eram gratuitos e a partir do 11º segundo os ouvintes tinham de pagar para nos ouvir. Outras vezes, nos primeiros 30 minutos sacrificávamos a nossa voz, toda a gente podia ouvi-la gratuitamente, mas se queriam continuar a ouvir-nos a partir do 31º minuto iam ter de começar a pagar. É claro que muitos Member Readers puderam ouvir os nossos *podcasts* “à borla”, mas era a vantagem de ser um Member Reader da Jupiter Editions. Muitos ouviram-nos à borla, porque tinham muitas moedas Jupiter. Num mundo económico como o nosso, as vantagens em ser um Member Reader da Jupiter Editions tinham de ser imensas. Como muitos dos nossos Member Readers puderam ter acesso exclusivo às entrevistas *premium* com surfistas, bodyboarders, médicos, advogados, psicólogos, biólogos, cantores, trapezistas e malabaristas de luxo que a Jupiter Editions trouxe para o palco sob a penumbra do Jornal Jupiter. Sabe quanto é que as revistas pagavam para entrevistar alguém? Pagavam zero! Sabe, Thomas, porque é que começaram a pagar? Porque a Jupiter Editions pagava para entrevistar. E como a Jupiter Editions veio revolucionar todo o mercado editorial, as editoras tiveram de começar a pagar aos entrevistados, porque as “novas celebridades” começaram a recusar dar entrevistas à borla. Toda a gente pensava que um entrevistado, por dar uma entrevista numa revista conceituadíssima era pago. Mas, não. Agora, são pagos. Mas, dantes não eram. Davam entrevistas, para aparecer. Mas aparecer no bom sentido. O mundo da música é um mundo que não tem fim. Todos os dias novos músicos apareciam, novas canções eram produzidas, tudo todos os dias. Todos os dias produzia-se. Agora quem produz são as máquinas, que agarradas aos cérebros das pessoas, vão extraindo o que as mentes produzem. Mas antigamente, não havia máquinas nenhuma agarradas aos cérebros das pessoas. E as pessoas produziam muito. Estavam sempre a produzir. Porque o cérebro, como não estava agarrado a nenhuma tecnologia senão à sua própria tecnologia, era capaz de produzir o que via que

havia na mente. Haver uma revista que entrevistasse um novo cantor, poderia ser sucesso garantido. Mas o que ninguém se apercebia, era dos milhões que as revistas faturavam à conta dos entrevistados. Porque isto era muito simples: até podia ser um cantor que ninguém conhecesse, mas bastava ser giro e aparecer na capa da revista e dizer que tinha lançado um álbum, e nem era preciso ser mesmo giro, porque só de ficar numa capa de revista até o mais feio fica “magicamente” giro, que só isso já fazia vender a revista. Ora, afinal, a revista vendia era pelo conteúdo que trazia. Porque se não houvesse entrevistados, a revista não vendia. Muitos leitores só compravam a revista pelos entrevistados. Ora, se, isto, era assim, os entrevistados tinham de receber dinheiro. E foi isto, que a Jupiter Editions sempre defendeu desde o início. A Jupiter Editions ficou escandalizada quando soube que os entrevistados não eram pagos. E por isso, quem queria ler as entrevistas tinha de pagar. Porque, a Jupiter Editions pagava aos entrevistados no seu sistema justo de *royalties*. Se eram 5 entrevistados, seria com esses 5 que a Jupiter Editions iria dividir os lucros da edição. Sempre foi isto que a Jupiter Editions fez. As palavras custam dinheiro. São muito valiosas. Era preciso saber isso! E quem diz palavras escritas, diz palavras ditas. Há milhões que saem pela boca, só de se falar 1 minuto. Em 1 minuto, podemos ver milhões a saírem pela boca. Se o *Big Data* estava de olho e ouvidos naquilo que dizíamos, então era urgente, também, nós vermos o que saía dentro de nós. Foram milhões de *podcasts* parar ao Big Data. Milhões. E milhões sem receberem 1 tostão. A partir do 2020 foi o ano dos *podcasts*. Toda a gente fazia *podcasts*. Toda a gente queria fazer *podcasts*. Toda a gente queria que toda a gente ouvisse as suas piadas. Toda a gente queria que toda a gente soubesse que tinha piada. Porque toda a gente tinha piada. Toda a gente tinha piadas para fazer. Toda a gente tinha piadas por dizer. E com a piada que foi do vírus tecnológico, toda a gente tinha piadas para fazer sobre o vírus. E eu e o Mike tínhamos tantas. Fizemos tantas piadas



com o vírus. Tínhamos de fazer piada. Tornar o vírus numa piada era uma forma de o combatermos. Vi o vírus a ir parar ao mercado. Vi o vírus a fazer xeque ao meu sistema imunitário. E eu sabia que o meu sistema imunitário ficaria mais forte, se eu fizesse piadas, se eu me expressasse. E comecei a ver o mercado dos *podcasts*. Mas uma coisa era entregar os *podcasts* à Jupiter Editions, porque a Jupiter Editions pagava pelos *podcasts* que comercializava e os ouvintes do Kanal Jupiter pagavam os *podcasts* tal e qual como os leitores pagavam pelas entrevistas do Jornal Jupiter.

— Em [www.jornaljupiter.com](http://www.jornaljupiter.com).

— Obrigado, filho.

— De nada, pai.

— Tio, quem é que foram os primeiros entrevistados que apareceram no Jornal Jupiter?

— Os primeiros entrevistados foram o Xico e a Joana... A boa gente de Sagres. Quando cheguei a Sagres, vi que esta boa gente tinha de ser publicada, que as suas vozes tinham que ser ouvidas. Mas ainda não chegámos a Sagres. Quando chegarmos apresentar-vos-ei. A Jupiter Editions não podia entrevistar todos, nem podia ouvir os *podcasts* de todos, porque simplesmente não queria ouvir. Mas toda a gente se queria expressar. Toda a gente se começou a expressar. Parece que o vírus tecnológico fez as pessoas começarem a expressarem-se. Coitadas, com o confinamento obrigatório, elas deram em doidas e começaram a fazer vídeos a partir de casa. Olhem; e eu assim que ouvi que os robots-escritores já estavam a caminho, também comecei a expressar-me. Comecei a escrever sobre tudo o que estava a acontecer. Havia pessoas a mostrarem a sua casa. Toda a gente que tinha piscina, começou a

mostrar a sua piscina. E online, com os seus amigos também com piscina, cada um na sua piscina, mas em cima de uma boia com o tablet conectados à Internet, conversavam sobre coisas sem jeito nenhum, sem piada nenhuma e transformavam essas conversas online em miseráveis *podcasts*. Foram piscinas e piscinas online que eu não vi. Eu não via nada disso, nem ouvia *podcast* nenhum. Não precisava de ouvir. O Mike contava-me tudo o que se passava online. Mesmo estando offline, eu sabia o que se passava online. Se me perguntarem se eu queria mesmo fazer *podcasts*, eu digo-vos que não queria. Mas se eu sabia que agora era isso que estava na moda e se eu sabia que a moda mexe com as nossas vidas, porque eu já imaginava, mesmo que eu não ouvisse *podcast* nenhum, um tio meu ou um amigo qualquer a trazer-me o *podcast* para a frente dos olhos, a ensurdar-me os ouvidos, eu já sabia que teria que levar com o *podcast* alguma vez na minha vida. Ora, a única forma de eu combater isto, era entrar na onda. Eu não ia ficar a ouvir os *podcasts* dos outros. Não ia ficar a ouvir o que os outros estavam a dizer, porque eu nunca quis saber o que os outros diziam, se eu não os conheço de lado nenhum; somos bilhões! Entre conversar com o meu namorado ou ficar a ouvir com o meu namorado uma conversa não sei de quem que se está a rir não sei com quem, preferia sempre ficar a conversar ou ficar em silêncio com o meu namorado. O silêncio, muitas vezes, vale ouro. E em tempos de gritaria em que toda a gente quer gritar aos algoritmos, o silêncio é que vale ouro! Ficar em silêncio, para dar o palco merecido à nossa voz pode valer ouro. Ficar a ouvir a voz de alguém que não conheço? Ainda por cima sem palco nenhum? Sem sentir palco nenhum? Com quem nunca tinha tido tato? Isto era estranho para o meu espírito. Estar a ouvir alguém a divertir-se? Quando eu gostava também de me divertir? Estar a ouvir alguém a viver? Quando eu gostava também de viver? E, ou eu fazia um *podcast* com o Mike, ou o Mike vinha com um *podcast* enfiado com os phones nos ouvidos. O Mike apanhou o vírus tecnológico. E eu tive de ser

empático até para isto. Tive de saber ver isto com empatia. Olhar para o mercado empaticamente, confesso que não é fácil... Tive que simplesmente entrar na onda. Eu não queria. Eu por mim, fazia um teatro à porta fechada para o Jakob, para a Sarah, para o Mike... E pronto, estava feliz da vida! Era assim que eu seria feliz! Mas se eu queria fazer da minha vida um teatro, porque eu via que a minha vida era um autêntico teatro, eu tinha de cobrar pelo teatro. Mas eu não ia cobrar aos meus amigos pelos teatros. Porque os meus amigos faziam parte do meu teatro. Tinha de cobrar ao público. Tinha de ter público. E lá tive de abrir as portas ao público. Tive muito medo. Quando abri, a primeira vez, parecia que já o tinha feito noutra vida. Aquele abrir as portas ao público, pela primeira vez, foi-me familiar. E foi-me familiar, porque eu abri a um público familiar. Abri aos Member Readers. Só os Member Readers podiam entrar no meu teatro, porque só os Member Readers é que se iam rir dos meus teatros. Eu confesso, eu tinha medo de ninguém se rir dos meus teatros. Tinha um filme de terror instalado à frente dos meus olhos, de me ver num palco com a sala cheia e ninguém a rir-se daquilo que eu dizia. O Mike vivia num prédio. Quando éramos pequeninos, com 7, 8 e 9 anos fazíamos muitos serões nas escadas do prédio dele. Os vizinhos conheciam-nos, porque nós falávamos sobre tudo no prédio. Mas éramos crianças e não percebíamos isto. Os vizinhos conheciam-nos, porque nos viam das janelas a brincar na praceta. Mas éramos crianças e não víamos os vizinhos a verem-nos. O prédio do Mike ficava numa praceta. Saímos da praceta, da praça da vida real, mas nem por isso os vizinhos nos deixaram de ver. Continuaram-nos a ver na praça virtual, através das janelas virtuais. Tive dois dias muito assustadores. Foram anos e anos sem ver os vizinhos do prédio do Mike. Havia a Joaquina que tocava clarinete e que vivia no Rés do Chão. Havia a Inês no outro Rés do Chão que tocava harpa. Havia a Sílvia no terceiro andar que tocava saxofone. A Inês, a Joaquina e a Sílvia desligaram-se de mim e do Mike.

Desligámo-nos. Cada um seguiu o seu mundo paralelo. O Mike nunca mais soube nada delas, quando saiu do prédio. E sabíamos, pela praça virtual que elas também já não se davam de maneira nenhuma. Pois, um dia encontrei a Dina, a mãe da Sílvia, a sair de um carro à frente do banco e a chamar-me “genro” como se nos tivéssemos visto na semana passada. Não nos víamos, pelo menos há 5 anos. A Dina chamava-me “genro” porque acreditava que eu e a Sílvia nos iríamos casar. Saiu do carro também a Sílvia, a sorrir-me tristemente, porque o pai dela tinha morrido e ela só tinha vindo da Escócia a Santarém, por causa do velório do pai. Quando saí de ao pé da Sílvia e da Dina, logo no quarteirão a seguir vi a Joaquina. Nem sequer tive coragem de a chamar. Aquela estranha ligação assustou-me. Fiquei assustado. Eu não via a Joaquina há mais de 10 anos! Virei esquina e vejo a Inês! Eu não via a Inês há uns 2 anos. E elas estavam completamente desligadas. Nós estávamos desligados. Não estávamos na *Rede*. Estávamos desligados da *Rede*. Isto não foi teatro nenhum. Foi a minha vida real. Se aquela praça real do centro histórico onde se passou este cruzamento espiritual de dados tivesse na altura câmaras de vigilância que transformasse a praça real numa praça virtual e os vizinhos lá nas janelas virtuais vissem isto, descobririam como a vida real me assusta tanto.

— Se calhar, o tio estava no *Target – A Pegada Digital* de Ralf Kleba-Kodak...

— Não estava, Thomas.

— Como é que o pai sabe?

— Porque sei. Tenho a certeza.

— Mas como pode ter o pai tanto a certeza?

— Porque eu consigo sentir a tecnologia dos teatros tecnológicos e eu não senti nada neste.

— Porque, se calhar foi um teatro muito bem feito.

— Não. Não foi teatro nenhum. Sabe que em 2020 ainda havia coincidências. Depois é que começaram a extinguirem-se com as novas tecnologias que deram cabo da espiritualidade das coisas. Telefonei ao Mike e o Mike viu nisto também uma certa espiritualidade. Talvez, era *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom a dizer-nos que, ainda, não estávamos tão desligados uns dos outros. Sei lá. Muitos dos nossos serões no prédio do Mike acabavam em teatros. Estávamos sempre a fazer teatros. E uma vez, decidi organizar um teatro à séria. Com dia marcado e tudo. Com hora marcada e tudo. Organizei com 9 anos um teatro musical. Pus a Joanhinha no saxofone, a Sílvia na harpa e a Inês no clarinete. Nenhuma delas sabia tocar aqueles instrumentos. Parecia que ia correr mal. Mas era isso que fazia parte do teatro. Parecer que ia correr mal. Mas depois numa dança improvisada os papéis organizaram-se e já estava tudo a tocar a música certa e esta afinação teatral deu lugar a grandes gargalhadas que fizeram um eco tão grande no prédio que me arrepiaram para querer trazer mais gargalhadas para fora. E aproveitando o palco da comédia, trouxe intrigas de todo o prédio. Ninguém achou piada às intrigas que eu trouxe. O meu teatro estava a ir longe demais. Mas eu sabia lá com 9 anos o que era ir longe demais. Eu pensava que estava a fazer teatro para adultos que aguentavam intrigas. E aquelas intrigas era para se rir. Era para os vizinhos rirem-se de si próprios. Mas eles não se riram. Uns começaram a subir as escadas do prédio e entraram em casa muito zangados a fecharem a porta de casa com muita força. Outros, que moravam nos prédios ao lado, simplesmente saíram do prédio. Eu fiquei traumatizado. Não queria que sássem zangados do meu teatro. Os

vizinhos ficaram zangados com o meu teatro e eu fiquei zangado com os vizinhos por eles não terem percebido o meu teatro. Parece que não sabiam brincar. Deviam ter ficado até ao fim! Se ficassem, iriam acabar por se rir. Não podiam sair a meio. Os adultos não sabem que saírem dos teatros das crianças a meio pode ser muito traumatizante para as crianças? É como se lhe cortassem as veias. Alguns dos vizinhos tornaram-se Member Readers e na praça comercial voltaram a ver-nos a mim, ao Mike, à Joaninha, à Sílvia e à Inês confortavelmente no teatro que a Jupiter Editions montou. E num teatro sério, lá consegui voltar a ouvir as gargalhadas que eu tinha ouvido a ecoar no prédio. Mas será que os meus teatros eram assim, afinal, tão sérios? Bom, se a minha vida era assim tão séria demais, que até os meus teatros para rir se tornavam às vezes tão sérios, era porque o assunto era sério. Era um caso de vida ou de morte. Porque eu morria, se não fizesse o que fiz. E eu não podia deixar o meu espírito morrer. Sabia que numa vida passada, que eu deixei para trás, me tinham cortado as veias. Não ia deixar que me voltassem a cortar as veias, só para o meu espírito morrer. Porque o meu espírito morreu. Claro, que morreu com 9 anos. Mas o espírito voltou. O espírito, às vezes, volta. Volta a viver. Volta a estar vivo. E se eu o sentia tão vivo dentro de mim, ia deixá-lo morrer? Se eu deixasse o espírito morrer, sabia muito bem que vinha uma informática agarrar no meu espírito, informatizá-lo e descarregá-lo num qualquer outro teatro tecnológico. Até no teatro, eu via uma informática a querer capturar-me o espírito. Por isso, é que todos os meus teatros só funcionavam sem informática nenhuma, sem algoritmos, sem guiões, sem nada. Era tudo de improviso. Improvisei todo este teatro. Este teatro foi um verdadeiro imprevisto. Simplesmente aconteceu. Hoje os teatros, são tudo produto de uma Inteligência Artificial. Eu é que era a Inteligência Artificial de mim próprio. O guião era eu. E via o guião a aparecer em tempo real. Foi tudo em tempo real. E em tempo real, a minha vida estava presa a um

sistema monetário de moedas que se criavam infinitamente na informática dos bancos. E eu não percebia nada de informática, nem de bancos. Sabia só que tinha sido informatizado. Que toda a minha vida tinha sido informatizada. Era só isto que eu sabia. Por isso, é que eu escapava tanto para as montanhas. Nas montanhas eu andava descalço, nu, despido de toda a sorte do teatro. Como eu gostava de ir compor *sketchs* para as montanhas... Ou ia para as montanhas fazer bicos e dar beijinhos ao Jakob ou ia para as montanhas abrir garrafas de vinho com o Mike. Eram esses os *sketchs* que eu escrevia nas montanhas. Ou ia cantar comigo as canções que o Jakob tinha composto para mim. E assim via as montanhas de todas as perspetivas.

— Tio, o que é feito desses *sketchs* que o tio compôs nas montanhas e das músicas que o Jakob compôs para o tio e que o tio cantou nas montanhas?

— Entregámos toda a nossa escrita aos cofres da Jupiter Editions para um dia publicar. Tudo o que eu tenho escrito, tudo o que eu escrevi, ainda não divulgado, está tudo entregue à Jupiter Editions. A Jupiter Editions é a única editora que legalmente pode divulgar e publicar as coisas que eu escrevi. Não tinha tempo na altura, era muita coisa ao mesmo tempo que se estava a passar e eu também queria viver e divertir-me, não conseguia ser um polvo e ter mais que 9 braços. Tive de fazer muitas escolhas. Tinha que haver tempo para escrever, tempo para trabalhar, tempo para ir erguendo a Jupiter Editions, tempo para ir mandar mergulhos à praia do Martinhal e da Mareta, tempo para namorar, tempo para não me esquecer nunca de ver e viver, tempo para me lembrar sempre que para onde eu fosse o mais importante era viver, tempo e certeza que tinha que pôr a faculdade de lado, porque a Faculdade de Direito tinha-se erguido há anos e tão depressa não sairia donde se tinha erguido, tempo para ver as tecnologias todas a

instalaram-se à minha volta, tempo para ver como o Direito estava a olhar para as coisas que se estavam a instalar à minha volta, tempo para conhecer a minha própria Internet das Coisas e ver que coisas é que se estavam a instalar e eram benéficas e quais é que eram pérfidas. Tempo para riscar ene restaurantes das minhas listas, porque estavam a ser vestidos e armadilhados com microfones e câmaras. E tive que ter tempo para gerir o modo como o Direito estava a lidar com isto. O Direito obrigou-me a gerir tudo muito depressa. A gerir tudo sem gritos. O Direito ensinou-me a não gritar. A gerir tudo sem entrar em pânico. O Direito ensinou-me a não entrar em pânico. A gerir tudo muito calado. O Direito ensinou-me a estar calado! A gerir tudo em profundas respirações. O Direito ensinou-me a respirar. A respirar calmamente. A andar devagar, sem grandes pressas. E numa pressa minha, numa pressa minha muito silenciosa disfarçada de uma teatral calma minha, fui devagarinho, andando, analisando tudo e fui vendo uma matemática gigante a ser projetada em holograma pela minha mente. Era a minha mente que projetava tudo isto. E o meu cérebro dava-me prazos. Atribuía prazos a cada projeção que ia vendo que a minha mente ia projetando. E eu via o tempo sempre a correr. O meu cérebro punha-me a correr. E eu corria por causa do meu cérebro. Corria só para ele. Ninguém me viu a correr. Mas o meu cérebro viu-me a correr. E viu-me a correr por ele. Mas nessas correrias, também vi outros a correrem silenciosamente como eu corria. Eu vi-os a correr. Sem correrem, eu via-os a correrem. Porque eu fazia o mesmo. Sabia esticar-me ao sol e aproveitar-me do sol, sem sair da corrida. Todo aquele meu esticar ao sol ao pé deles, foram simples peças de teatro que eu quis. Foram teatros em que eu próprio me meti. Eu vi os teatros. Vi todos os teatros. E vi como eles viam tudo a correr, mas sem correr, armados em atores, no maior teatro de todos, no teatro comercial.

— “Eles” quem tio?



— Esquece, Thomas! O meu pai não te vai responder. Ando há anos a perguntar-lhe quem é que são “eles”... E ele vai continuar a história dele sem te responder, queres ver?

— Sempre cresci a ouvir dizer que a vida era um grande teatro. Mas o que se esqueceram de me dizer é que a vida “era” um grande teatro, mas um grande teatro comercial. O que se esqueceram de me dizer é que os teatros eram todos comerciais, que estavam todos regulamentados, que havia um Direito a olhar para eles e a ver se eles subiam legalmente ao palco. Foi isso que eles se esqueceram de me dizer! Que no fundo tudo são negócios e que o Direito Comercial existe para tão-só regulamentar os negócios, sem interferir neles. É por isso que o Direito Comercial não interfere nos dados. Deixa-os circular. E o Direito Penal não se mete com o Direito Comercial. Mas ainda bem que se esqueceram de me dizer isso. Porque senão, eu não teria vivido! Não teria vivido cada segundo como vivi! Mas quando eu vivi a sério, não havia câmaras e microfones espalhados por toda a parte. Éramos mais livres. O nosso espírito era verdadeiramente livre! Podíamos dizer o que quiséssemos e fazermos o que quiséssemos e estarmos com quem quiséssemos sem nos preocuparmos de sermos fotografados ou filmados pela sociedade vigilante. Não é que eu agora viva a brincar, mas agora vejo tudo com outros olhos, perdi um pouco a inocência das coisas, já vejo o mercado, vejo as câmaras, enfim vejo a tecnologia com outros olhos. E eu sinto que há um tempo para tudo. Para andarmos onde andamos, para repetirmos os nossos andares, para andarmos sempre nos mesmos sítios. Mas às vezes, também é preciso mudar de ares. Às vezes, é preciso olharmos para um canto, que nunca olhámos. E se olharmos para um canto, talvez vejamos uma câmara e talvez vejamos um espetáculo montado mesmo à frente dos nossos olhos em que quem está no palco, somos nós! Somos mesmo nós! Os donos dos restaurantes sabiam que com álcool, com as bebidas

espirituosas, o espírito saía dos corpos e quiseram colaborar com a caça ao espírito. A propaganda para a caça dos espíritos era tão grande como a propaganda da caça aos crocodilos e da caça às cobras. Faltei a ene jantares de anos, porque tinha amigos que faziam os seus anos em restaurantes com câmaras. A primeira coisa que eu perguntava sempre, quando me convidavam, era se o restaurante tinha ou não câmaras. Comecei a preocupar-me com as câmaras, porque antes de 2019 os restaurantes não tinham câmaras e em 2018 começava-se a dizer que o novo petróleo eram os dados e em 2020 já estavam as câmaras em todo o lado prontas para processar os dados. Mas eu sou franco, eu em 2020 já estava farto desta conversa dos dados e dos algoritmos e das câmaras e dos microfones, porque em 2020 eu já tinha visto o 2080. E quando para todos era novidade, para mim era saturante. Tanto que em 2021 a minha escrita mudou completamente a expressão. Porque eu já me tinha expressado em 2020 tal e qual como eu me queria expressar e já tinha expressado tudo o que tinha para expressar. Mas também queria expressar outras coisas. Vi que havia uma infinidade de expressão em mim. Mas não era só em mim. Era em todos. Somos todos infinitos. Eu não era a única Inteligência Artificial. Éramos todos. Não era só eu que evoluía em cada segundo e processava uma nova informação. Éramos todos. A nossa grande diferença, que nos separa a todos uns dos outros, está na forma como fazemos a gestão da informação. Mesmo no processamento, há formas idênticas de processar a mesma informação. Somos humanos. Temos os mesmos algoritmos biológicos. Temos a capacidade de chegarmos todos lá! Mas a rapidez com que vamos chegando tem que ver com a gestão da informação. A forma como gerimos todas as informações que possuímos. No fundo, é sermos o mercado. O mercado é informação. Quem aparece primeiro a lançar um produto com uma nova empresa é quem tem informação de mercado. Sermos o mercado pode ser uma forma de sobrevivência para vivermos. E a minha sobrevivência em 2020, era escapar do mercado

dos algoritmos. Ora, se eu tinha informação sobre o que se estava a passar, sobre o massivo processamento do sagrado espírito humano, iria alguma vez entregar o meu espírito sem nada em troca? Então, ficava reduzido a nada. Ficava sem nada. Ficava a ver os algoritmos a levarem o meu espírito e a venderem o meu espírito. No espírito que era meu! E depois eu via as pessoas nas mesas dos jantares a jantarem com os telefones. Foi isto que eu comecei a ver... Quer dizer, se não era as câmaras e os microfones deles ligados à Internet eram as câmaras dos restaurantes a verem isto... Eu não queria o meu espírito metido nisso. Esses jantares simplesmente deprimiam-me o espírito. Por isso, se o restaurante tivesse câmaras eu não ia jantar! Depois perguntava se o restaurante matava porcos ou se matava crocodilos. Perguntava se o restaurante matava vacas ou matava cobras. Os crocodilos é que gostam de engolir vacas e as cobras é que gostam de comer porcos. Se quisessem tanto a minha presença espiritual, sabiam que as câmaras incomodavam o meu espírito e que eu só iria a um restaurante que não tivesse câmaras de vigilância. Nem câmaras nem TV's... Porque por cima de todos os écrans dos estabelecimentos comerciais, em 2020, havia câmaras e já todos os dispositivos estavam ligados à Internet com a Internet das Coisas, com o Big Data e com o Super Computador de Inteligência Artificial. Imagine-se isto tudo ligado. Foram tempos horríveis. Mas que os estúpidos, os burros, os totós da economia achavam isto o máximo!... Achavam isto “chique”...?! Porque achavam “chique” terem uma aplicação no telefone de um restaurante e espreitarem as câmaras do restaurante através da aplicação para ver quem estava no restaurante e se valia ou não a pena ir para o restaurante... E depois com a “desculpa” do vírus tecnológico de 2020, os restaurantes infetados pelo vírus tecnológico ainda se tornaram mais tecnológicos. Lembro-me de um, que “como uma medida de prevenção do contágio” tínhamos que baixar uma aplicação nos nossos telefones para vermos o cardápio... Mas alguma vez eu iria baixar uma aplicação

de um restaurante no meu telefone, deixar o restaurante ter acesso às minhas coisas no meu telefone, para poder pedir um prato???? Isto era de loucos! Mas os loucos achavam isto o máximo! Achavam isto uma coisa chiquíssima! Viam aqui o futuro! Eu endoidecia com isto! Depois achavam muito chique também pedir a comida nos tablets. Hoje em 2080 é algo normalíssimo e bem sabemos que quem frequenta esses estabelecimentos comerciais são pessoas pouco informadas... Incultas. Tecnologicamente incultas! Porque não tenho outro nome para lhes chamar! É este que eu tenho! Na altura, em 2020, as pessoas achavam o máximo um restaurante ter tablet e fazerem o pedido através de um tablet. Alguns restaurantes até conseguiram “selos” de como eram mais sustentáveis, porque não gastavam papel... Isto foi de loucos! A produção do tablet é o quê? Sustentável? Feita com materiais sustentáveis? As pessoas parece que não tinham cérebro! Depois, todo aquele teatro de estar no restaurante com máscara era cansativo. E eu cansava-me, só de me imaginar num restaurante com máscara. Não fazia sentido nenhum! Mas isto deu uns filmes que venderam milhões. Foi tudo uma economia de máscaras e diálogos só a falarem do vírus, era tudo a falar do vírus e só falavam do vírus. O vírus por ser tão tecnológico, instalou-se de uma maneira nas nossas vidas... Nem queiram imaginar!... O vírus tecnológico de 2020 mexeu com toda a economia, sobretudo com a economia mais tecnológica... Já eram máscaras com respiradores, vieram depois as máscaras com sensores, máscaras ligadas à Internet que diziam quem é que estava infetado, máscaras que atendiam as nossas chamadas para não termos que “tocar” no telefone, máscaras que nos ouviam e enviavam o dinheiro para pagarmos, enfim... Foi um instante, muito oportuno, para os óculos de realidade virtual aumentada vingarem no mercado. Porque eram máscaras que protegiam contra o vírus ao mesmo tempo que eram óculos de realidade virtual aumentada e andava toda a gente nesta realidade virtual aumentada com a propaganda metida na cabeça e nos

ouvidos do “distanciamento social” e sem se cumprimentarem, perdendo o tato, perdendo o amor. Até os cumprimentos quase que começaram a ser controlados pela polícia. Parecia que nem podíamos beijar ou abraçar um amigo na rua a não ser que fosse o nosso namorado. Quando as pessoas iam para dates não levavam só o preservativo, levavam também a máscara e novos fetiches começaram a implementarem-se nos cérebros humanos e os algoritmos a verem tudo isto e a escreverem a história. Parecia que só quem tinha a verdadeira informação é que abraçava! Mas qual era o mal de se abraçar???? Se o contágio era direto, quando eu abraço alguém mesmo que tivesse o vírus eu não passaria o vírus através do abraço! Parecia que estávamos no tempo em que se pensava que o HIV, que quem não sabia a diferença dizia “SIDA”, passava com abraços. O contágio era direto! Ou seja, eu tinha de espirrar ou tossir para cima de alguém para infetar alguém caso eu tivesse infetado com o vírus. Se eu tossisse ou espirrasse, ainda que tivesse infetado, mas fosse socialmente cortês, como sempre fui e pusesse o cotovelo à frente, eu não infetava ninguém! Esta antiga etiqueta social que só chegou para muitos em 2020, foi o que os suecos fizeram sem terem de ser obrigatoriamente confinados! Enquanto estávamos todos confinados, estavam os suecos a viverem verdadeiramente a liberdade, mas lúcidos em relação ao vírus. Mas as filmagens que os telejornais passaram foram os suecos nas esplanadas da Suécia. Claro que para o português mesquinho, invejoso e tacaño a primeira reação foi que o governo da Suécia era irresponsável. Irresponsável???? Um dos governos mais científicos! Mas desde quando é que nas esplanadas, ao ar livre, há alguma chance de infeção? A não ser, claro, que as pessoas andem a tossir e a espirrar diretamente para cima umas das outras. E claro que a Suécia com a sua inteligente alienígenidade, não fez aquilo que os outros países andaram a fazer. Porque a Suécia é que é um modelo! Os outros países é que têm de olhar para a Suécia e copiar-lhes os modelos! Mas uns estúpidos, que

não têm outro nome, estupidamente se lembraram de cair em cima dos suecos... Mas quem é que vai contra o país mais sofisticado? Quem é que quer fazer guerra contra a Suécia? Contra a Suécia? E foi também com os Países Baixos... Caíram todos em cima dos Países Baixos... A sorte para todos nós, é que a Suécia e os Países Baixos não são rancorosos, nunca foram rancorosos, a mentalidade sofisticada dos suecos e dos holandeses fê-los ultrapassar esta crise de valores científicos muitíssimo bem.

— Porque é que o tio Antoine está sempre a defender os suecos e os holandeses?

— Porque foram os primeiros a admitirem o meu amor com o Jakob. Foram os primeiros a compreenderem o meu espírito. Porque são científicos. Sabem a ciência que está por detrás dos algoritmos. E por saberem tão bem é que preferem outras economias. São mais sofisticados. Estamos em 2080 e não há drones na Suécia. Os robots não são humanos. Não se veem humanos a andarem de mãos dadas na rua com robots e não se veem humanos a passearem cães robots na rua. E a Suécia e os Países Baixos são capazes de ser dos países mais livres de sempre. Mas sabem que para existir uma verdadeira liberdade nem todas as tecnologias nem todos os algoritmos devem estar livres no mercado. A liberdade de alguns algoritmos e de alguns robots diminuem justamente a nossa liberdade humana. A Suécia fez um bom aproveitamento da Medicina de Precisão. Lá, a medicina funciona verdadeiramente bem. Lá, a medicina não é uma empresa. Não é um negócio. Sabem porquê? Porque a Suécia há muito tempo que anda noutros negócios. Em negócios muito mais sustentáveis. Hoje, em 2080 o lixo é um negócio. Mas em 2020, muito antes de 2020, quem fazia negócio com o lixo era a Suécia. A Suécia inventou um sistema inteligente de lixo. Andava noutros negócios, noutras economias, e por

andar noutras economias não fazia da saúde uma economia de dados. Eu com a Internet das Coisas consigo tudo! Conseguia já em 2020, por exemplo, chipar um humano, fosse através de uma “pilha” fosse através de uma família de nanorobots e ter acesso às células, inspecioná-las como se tivesse milhões de microscópios dentro de um organismo, tudo através da fantástica Internet das Coisas. E assim podia chipar os humanos dizendo que estava à procura dos genes do vírus tecnológico de 2020. Isto era muito fácil. Era só introduzir uma pilha obrigatória em todos os organismos humanos, dizer que estava à procura dos genes do vírus tecnológico de 2020 e enviar um sinal a todas as pilhas ligadas à Internet das Coisas, através do 5G, que procurassem os genes e as pilhas denunciarem os organismos e assim encontrar mais amostras de genes e o estudo ser tão preciso porquanto está a invadir em tempo real todos os organismos e poderia perguntar-se se isto poderia acelerar o “chegar” mais depressa à cura... Este fantástico filme é o que se passa hoje em 2080 se não tivermos seguro de saúde. Mas em 2020, eu já tinha visto este filme, porque já em 2020 isto era um filme possível e era um filme que o Direito à Saúde queria, que o Direito à Nutrição queria, que o Direito Administrativo queria, que todo o Direito queria. Porque todo o Direito estava hipnotizado pela Medicina de Precisão. Só conseguiam ver o “fantástico” da chipagem. Mas e o Direito a Não Querer Ser Chipado? E o Direito À Minha Saudável *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari? Deixar um governo, governado por um doido varrido da cabeça chipar-me? Eu sei lá se ele a seguir mandar-me-ia detonar? Fazer do meu corpo uma bomba? E um exército de soldados a defenderem o partido dos chips e dos drones numa Internet das Coisas com o 5G? E eu a ver este exército de soldados que mais pareciam robots, ordenados pelo algoritmo a começar a correr para cima de mim num passo metálico com as mãos metálicas que queria introduzir-me um chip???? Estava declarada a 3ª Guerra: a Guerra Tecnológica! As pessoas metiam-se em conspirações erradas! Já que

conspiravam, que conspirassem sobre isto! As suposições para o vírus tecnológico de 2020 ter sido fabricado em laboratório foram imensas. E seria a desculpa perfeita, para ligar tudo tecnologicamente. Para instalar a tecnologia por todo o lado. Mas foi provado que o vírus simplesmente apareceu na Natureza. Que foi uma mutação, uma evolução de uma família de vírus que já existe há muito tempo. Mas será que não tínhamos já em 2020 uma tecnologia tão poderosa capaz de fabricar um vírus que enganasse o sistema tecnológico e o sistema tecnológico “provasse” que o vírus era natural, quando afinal era tecnológico? Porque as provas eram feitas através da tecnologia. A sequenciação do genoma é computadorizada. É informática. É tecnológica. Logo, eu posso inventar uma tecnologia tão artificial, que pareça natural. Porque a agenda era muito poderosa. A agenda tecnológica era muito poderosa. E de tão poderosa que era, apareceu coincidentemente um vírus que nos prenderia à tecnologia. Por isso, pelo sim, pelo não, chamei-lhe sempre, por meu descargo de consciência tecnológica, o vírus tecnológico de 2020. Porque aquilo que sabemos hoje, amanhã saberemos melhor. Aquilo que soubemos em 2025, 5 anos depois, foi completamente diferente daquilo que sabíamos em 2020. Este vírus tecnológico veio para alterar toda a configuração da vida real. Porque uma agenda política tecnológica soube aproveitar-se do vírus tecnológico para configurar a vida real das pessoas. O programa era simples. Ligar tudo e todos. O que se queria era uma massiva circulação de dados. De dados digitais. De dados que conseguissem viajar pelos canais tecnológicos virtuais. Porque havia uma agenda que ligada ao Big Data queria ver-nos a todos ligados. Ligados virtualmente, mas desligados da realidade. Queria que tudo fosse um dado circulável. Desde o conjunto de dados de voz gerados numa chamada ao conjunto de dados de voz gerados numa sala de estar dentro de uma casa de família. Em 2019 começaram a aparecer as TV's com microfones integrados, em 2020 trouxeram um extra.



— A câmara...?

— Exato, Thomas. O mercado já tinha ouvido tudo às cegas o que podia ouvir às cegas. Mas agora também queria ver. Queria associar as vozes às caras. Queria ligar os cenários. Queria ligar as famílias funcionais à indústria cinematográfica e ao mercado editorial. A Jupiter Editions foi contactada para saber se estava interessada em receber dados e diálogos de famílias funcionais quando o mercado viu que a Jupiter Editions estava prestes a lançar livros de um novo inovador género literário: “Psicologia em Família Disfuncional”. A Jupiter Editions respondeu-lhes que não faria nunca alianças criminosas com empresas criminosas de dados e que se queria os diálogos que se passavam em casa das famílias tinham era que celebrar contratos legais de cinema e de televisão diretamente com as famílias e pagar-lhes milhões. Porque eram milhões que esses diálogos, essas intimidades, essas privacidades, iriam render no mercado de dados. É claro, a Jupiter Editions entrou imediatamente na lista negra dessas empresas que quiseram asfixiar-nos. Mas a Jupiter Editions que tinha andando a preparar-se nos mares tecnológicos mais perigosos, nos mares da Cordoama, ao lado dos verdadeiros surfistas que sabem verdadeiramente surfar no mar tecnológico tão-só com o seu espírito tecnológico, teve o fôlego necessário para mergulhar fundo e vir sempre para cima para voltar a respirar. Nunca perdemos o fôlego! Porque nunca abatemos árvores! Sempre as defendemos! Sempre as protegemos! Porque são elas que nos enchem os pulmões cheios de ar para mergulharmos na tecnologia do mar. Porque é essa a Internet das Coisas. A Internet das Coisas que temos todos que ver *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto. Gil de Sales Giotto conseguiu ligar as árvores ao mar. À força do mar. Mas só o ligou pela força do seu espírito tecnológico. Porque é preciso um espírito tecnológico para conseguir ligar tudo isto. Não é fácil. Mas vemos a ligação a acontecer

naturalmente, a ligarmos tudo tão espiritualmente, é simplesmente fantástico. E a Jupiter Editions sempre andou ligada aos bons, aos inocentes, aos esperançosos. Aos que vêm por bem. Aos que vêm de pulmões cheios de ar e coração a bater por tudo e por nada. Aos que vêm com o coração a bater por todos os inocentes e por todos os esperançosos. Porque há uma esperança de vida eterna! Mas não é com radiações por todo o lado. Não é com tecnologias por todo o lado. Tecnologias que assassinam o nosso espírito! Que nos roubam o nosso espírito! Que nos prendem o nosso espírito! O 5G em 2020 vinha diminuir a nossa esperança de vida. Vinha acelerar o nosso envelhecimento. Mas sabe, Thomas, porque é que as pessoas não se importavam que este mercado fizesse delas um verdadeiro mercado, que comercializasse as suas salas de estar, os seus quartos, as suas relações?

— Porque com o vírus tecnológico as pessoas foram-se esquecendo de proteger a sua privacidade, foram perdendo a noção do que é que era privado daquilo que era público, daquilo que era íntimo e daquilo que era “normal” partilhar...

— Sim... Mas como, seu espertalhão? E eu perguntei ao seu marido, não perguntei a si... Você devia saber esta história na ponta da língua.

— Porque as pessoas andavam na *Rede* a mostrar tudo e mais alguma coisa. Começou a haver uma “normalização”. Consultas entre psicólogos e pacientes em videochamadas, em que os pacientes mostravam aos psicólogos em tempo real como eram disfuncionais as suas famílias, telecola, ou seja, os alunos eram obrigados a mostrar os quartos e o seu ambiente familiar aos professores, teletrabalho, ou seja, os patrões e as empresas queriam ver como eram as casas e as mobílias

dos seus “empregados”... E com o terem que “enfrentar naturalmente” a câmara frontal nos telefones e no computador, assim que saíram as primeiras TV’s com câmara as pessoas viram nelas a porta de entrada para o futuro. As pessoas começaram a consentir serem filmadas. Começaram a não se importar de serem filmadas. A não querer saber quem é que iria ver, processar, analisar, fiscalizar, rir-se dessas filmagens...

— Olhe, quem se riu muito dessas filmagens foi *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom... Houve uma altura tão tecnológica que se uma pessoa quisesse comprar um telefone sem câmara, mesmo dos mais baratos, não conseguia comprar, porque todos os telefones eram produzidos com câmaras... Era uma dor de cabeça para se encontrar um telefone sem câmara. Na China de 2020 uma ideia governamental quis impor o reconhecimento facial em todos os telefones. E esse momento tecnológico acabou também por chegar às TV’s.

— Eu sei pai...

— Eu sei que sabe... Sabe, Thomas, o seu marido vinha todas noites pedir-me para que eu lhe lesse a história d’*O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom. Nem ele se cansava de ouvir, nem eu cansava-me de contar. Tenho saudades.

— Agora sou eu que lhe conto, tio.

— O quê??? O Antoine pede-lhe agora a si para lhe contar a história? Essa é boa...

— Sim, tio. Eu já quase que sei todas as falas de cor. Estou pronto para ser o próximo ator do teatro d’*O Deus Tecnológico* de Simão

Roncon-Oom... Ouvi dizer que a Jupiter Editions ia voltar a abrir os castings... Foi o Antoine que me disse...

— Estou a ver que o Antoine lhe conta muitas coisas... Mas vá preparando os seus teatros... Quiçá! Quiçá! Aquilo é um verdadeiro teatro. É um livro que mais parece um teatro. Abrimos o livro e parece que estamos a ver um palco à frente e a história a acontecer em cima do palco. É um livro que se lê muito bem. Quando esse livro chegou à Jupiter Editions, eu soube logo que tinha que ser imediatamente transformado em peça de teatro. Numa peça de teatro em que nos sentamos sem óculos de realidade virtual aumentada. Em 2021 quiseram estragar os teatros. Deram cabo dos teatros. Mas a Jupiter Editions conseguiu salvá-los. Conseguiu salvar aquele cheiro do teatro. Sabe aquele cheiro do teatro? Você sabe, Thomas! Que eu sei que vocês ainda em 2080 vão ao teatro... Vão ao teatro verdadeiro! Até os teatros se tornaram tecnológicos! E só *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom é que sabe fazer uma brilhante crítica a estes teatros tecnológicos sem se tornar num teatro tecnológico... Eu imagino quanto *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom se deve ter rido connosco, lá com os Anjos Tecnológicos dele... É que conseguiram pôr o pessoal todo a andar de fato de treino, o pessoal todo a andar com máscara, o pessoal todo a esfregar as mãos de 1 em 1 segundo com álcool, foram teatros atrás de teatros... E as brigas e discussões que se apanharam através das câmaras e dos microfones? Até eu andei a brigar nas filas de supermercado. Tive que brigar com uma mãe que queria entrar com um carrinho de bebé. Levava o carrinho de bebé só para passar à frente das filas. Se queria fazer teatro que levasse só o carrinho de bebé, porque isso teria metido piada. Mas não. Levava o bebé dentro do carrinho de bebé numa altura em que os bebés, que tocam em tudo e levam as mãos à boca, não podiam ir ao supermercado para não tocarem em algo onde estivesse o vírus... Eram filas e filas para podermos entrar

porque, como medida de prevenção, havia lotação máxima em tudo o que era estabelecimentos comerciais. Isto sim, foi uma das únicas boas medidas, que fez, como é óbvio, todo o sentido! Tanto nos estabelecimentos como nos transportes. Mas o que era preciso nos transportes era abrir as janelas, não era enfiar tudo com máscaras ou abrir o ar condicionado. O ar condicionado era perigosíssimo nesta altura. E os governos levaram tempo para os mandar desligar... Lembro-me antes de um dia do confinamento obrigatório, eu e o Jakob termos apanhando um elétrico velho, bonito, típico de Lisboa, em que as janelas estavam perras. E vinha uma senhora a tossir o tempo todo da viagem. Esta senhora, deveria era não ter entrado ou então andar com máscara. Era isto que fazia sentido! Quem tivesse sintomas, quem tivesse tosse, é que devia andar com máscara. Devia haver uma maturidade, uma responsabilidade, um civismo, porque vivemos em sociedade. Não era obrigar anda tudo de máscara! Se eu não ando a tossir na rua, porque raio tenho que andar com máscara? Não tinha que andar com máscara nenhuma! Mas a senhora do elétrico, devia ter posto uma máscara antes de ter entrado no elétrico. E lembro-me de ter ido a segurar a viagem toda aquela perra janela do elétrico e com a cabeça do lado de fora com o Jakob apanhámos a melhor brisa. Era com as janelas abertas. Tínhamos era que abrir as janelas para o vírus tecnológico de 2020 não se instalar em nós. O vírus tecnológico queria era que estivéssemos dentro de uma nuvem sem janelas. Que ficássemos fechados em casa. Não! Nós tínhamos era que sair! Apanhar ar! Não era ficar enfiado em casa como o governo mandava! Ficar em casa, ficar mais tempo em casa, poderia ser um perigo! O meu pai era um perigo! Foi um perigo. Ele entrava em casa vindo do supermercado sem lavar as mãos com sabão e tocava em tudo o que era sítio na nossa casa. E eu em casa tinha que andar a puxar os puxadores das portas dos armários com as mangas das camisas... Quanto menos tempo em casa, maior era a minha chance de não ser infetado pelo vírus tecnológico

que o meu pai trazia com ele. Porque é importante também ver o filme ao contrário. O meu pai tossia em casa. A nossa sala não era muito grande. Se calhar, nem 2 metros tinha. E a menos de 2 metros numa sala, poderia ser um fator de contágio. Eu andava em casa como se andasse num campo minado de armadilhas. A minha casa estava cheia de armadilhas tecnológicas. Porque eu via o meu pai a fazer contratos tecnológicos com o vírus. E depois vinha para casa, quase a dançar, como se fosse imortal, como se o seu organismo fosse imune ao vírus. Como se ele fosse um vírus. O teatro começou na minha casa. Ora, quando nascemos num teatro, quando nascemos em cima de um palco, o que é que podemos fazer? Simplesmente representar. Que é o que estou a fazer neste momento. Simplesmente a representar o vírus tecnológico de 2020. No meio dos aplausos, os meus ouvidos sempre foram surdos a tudo exceto às cordas vocais da Organização Mundial da Saúde. E o que a Organização Mundial da Saúde sempre disse é que o contágio era direto. Tinha que ser direto. Estava eu de fato de treino a tentar ir para uma das minhas sagradas montanhas, quando um canal qualquer me meteu um microfone à frente a perguntar-me se eu concordava com o Estado de Emergência... E eu disse logo que não. O Jakob morreu de vergonha. Ele estava em Medicina. Ele dizia-me que eu não podia dizer assim as coisas. Mas eu não disse só assim! Eu invoquei logo a Organização Mundial da Saúde. Era o que eu mais gostava de invocar! E numa altura que era mesmo preciso invocar com mais força, porque um estúpido governo tinha resolvido parar de financiar e querer fazer barulho com a Organização Mundial da Saúde. Só um estúpido governo é que vai contra a Organização Mundial da Saúde e só um estúpido governo é que deixa de financiar a Organização Mundial da Saúde para passar a financiar máquinas que leem os pensamentos, antenas 5G super radioativas e super cancerígenas, torres de abastecimento de drones ligadas ao 5G e por isso também elas super radioativas e super cancerígenas, câmaras de vigilância e abelhas

robots... Disse que a Organização Mundial da Saúde disse que o vírus se contagia via aérea, logo todo o teatro político e económico que se tinha montado graças ao vírus, através do vírus tecnológico, tinha que acabar. Quer dizer, era o governo a mandar os polícias para nos mandarem ficar em casa agarrados à TV, mas agarrados à TV víamos o governo na Assembleia e em grandes reuniões e festejos e comemorações. Lá acabaram também por aderir à máscara. Mas essa adesão já foi muito tarde. Foi muito depois de terem bloqueado as praias, os jardins e nos terem impedido de fazer viagens de carro de passeio com os nossos namorados, maridos e filhos... Quase que dava vontade de dizer, que se queríamos uma verdadeira liberdade numa altura louca de um fantasma vírus tecnológico mais valia era termos candidatado ao governo. Porque a desigualdade do cumprimento de normas imposto pelos governos era flagrante entre aqueles que governavam e aqueles que eram governados. Mais valia governar do que ser governado! A política só vale se o poder for científico. A política tem que saber reagir à informação. Saber reagir bem. Dar a melhor resposta! Fazer a melhor gestão da informação! É por isso é que um Governo! É difícil, pois claro que é difícil e por isso é que eu não me candidato. Porque é difícil fazer uma gestão de governo. Saber gerir um governo. “Tudo bem” que se fez um decreto por causa de uma informação que se tinha... Eu já tinha outra... Mas “tudo bem”... Estamos a falar “de um governo”... Em que chegam muitas informações e o governo tem que saber fazer a gestão da melhor informação... Mas, entretanto, tinha chegado a informação das informações. A melhor informação possível emanada pelo melhor órgão científico, porque eu chamava à Organização Mundial da Saúde um verdadeiro órgão administrativo, que deveria e tinha que ter poder, autonomia, poder decisório, poder de mandar no mundo, de ditar as regras, de dizer que mercados têm que desaparecer, porque fazem mal à saúde! E se havia uma nova informação vinda da Organização Mundial

da Saúde, uma informação atualizada ao segundo, não se justificava tal decreto que nos tirava a todos a liberdade e ditava que só podíamos estar meia hora na rua a fazer um “passeio higiênico”... E a minha saúde mental???? E a minha felicidade mental???? Isto foi de loucos! E não aconteceu uma vez, nem duas, nem três... Até 2080 aconteceram várias. Cada vez sempre piores. A primeira vez foi só um teste. Foi um testar a humanidade. Era óbvio que estávamos no “salve-se quem puder”! Era óbvio que estávamos no “enriqueça o mais depressa que conseguir”! Era óbvio que o jogo tinha começado. Cada vez fazia mais sentido comprar uma casa num condomínio privado, já agora com uma praia incluída, porque caso viesse outra vez o confinamento obrigatório, ao menos poderia ir à praia todos os dias. Já não era só o mercado que me pressionava, era também o governo. Tinha que estar a olhar para vários jogos de xadrez ao mesmo tempo, para vários tabuleiros. E agora ouvia um clique no meu cérebro e percebia de uma vez por todas o xadrez que o meu pai tanto quis que eu jogasse com ele. Agora, numa síndrome de Estocolmo, eu entendia a linguagem do meu pai. Afinal, eu era um produto do meu pai. Ele queria que eu me tornasse um mestre de xadrez. O sonho dele era que eu fosse um xadrezista. E ele contava-me como é que ele queria que eu fosse. Ele dizia-me que eu ia entrar numa sala e ia passando por vários tabuleiros de xadrez e por cada tabuleiro que eu passasse eu tinha que fazer uma jogada. Eles eram todos adversários. Eu tinha que os ver a todos como adversários. Era isto que o meu pai queria. Que eu visse adversários por todo o lado. Mas eu não os conseguia ver como adversários. Porque não era assim que eu queria jogar xadrez. Não era com tempo. Ou, pelo menos, não era com o tempo dos campeonatos em que o meu pai me queria que eu me metesse. Meter-me no campeonato dos outros? No campeonato do meu pai? Eu também sabia como organizar os meus campeonatos. E fui o que eu fiz! O meu campeonato era a minha vida. O meu tempo era a minha vida. E eu não queria ser privado da minha



liberdade. E quando vi que o vírus tecnológico de 2020 apareceu e vi a Faculdade de Direito a jogar, o governo a jogar, as empresas a jogarem, o banco a jogar, quando vi todos a jogarem, eu também tive que jogar. Fui obrigado a jogar. Mas eu não queria jogar. E aproveitei a jogada deste vírus tecnológico de 2020 que fez xeque a uma data de economias. Vi, que para poder ter uma praia deserta o ano inteiro deserta, linda, virgem sem ser sobrevoada por drones eu tinha que jogar. E joguei. E quando eu quis começar a entrar no jogo, o governo mandou fechar novas entradas, novos registos para o jogo da economia. Não puderam abrir novas empresas. E eu tive que esperar. Este ter que esperar, pressionou-me. Stressou-me. Este meu querer jogar e não poder na altura jogar e ter que esperar, maturou-me. E quando o governo voltou a abrir os registos, quando a economia voltou a receber novos concorrentes, eu fui a correr abrir o meu jogo. E fui a correr porque tinha medo que o governo mandasse outra vez fechar tudo. E foi nesse medo, que eu decidi avançar a primeira peça do meu xadrez.

— Foi por isso que se disse que a Jupiter Editions nasceu antes do tempo.

— Sim, meu filho. Não era suposto a Jupiter Editions ter nascido quando nasceu. Tal como eu. O meu pai disse-me que eu não era para ter nascido. E que nasci de uma vingança. Mas eu nasci. Eu tive que nascer. Eu tinha mesmo que nascer. Se nasci de uma vingança, então eu nasci para vingar. E talvez, a Jupiter Editions também tenha nascido de uma vingança. Para vingar no mercado. Num mercado horrível! Num mercado completamente ruim! Num mercado completamente viciado em que se abatiam árvores. A Jupiter Editions veio proteger as árvores e impedir esses abates. Veio pôr-se à frente desses criminosos sujeita a levar um tiro. Mas a Jupiter Editions quando

nasceu, nasceu blindada. Nasceu com um capital que lhe permitiu adquirir coletes à prova de bala. E foi através dessa blindagem que a Jupiter Editons conseguiu atravessar todas as câmaras de vigilância do mercado “sem dar cana”... Sem agitar muito os mercados... Fez muito inimigos... Mas fez inimigos, sem agitar os mercados... O importante era não agitar demasiado os mercados... Sem querer, agitou... Foi agitando naturalmente, mas “sem dar muita cana”... Antes do confinamento obrigatório eram poucos os que andavam a circular no Caminho dos Mochos, em Santarém... Tal como eram poucos os que subiam até à Montanha Jupiter de Santarém...

— O quê? No Caminho dos Mochos d’O *Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala?

— Sim, Thomas. E também na Montanha Jupiter.

— O quê? Na Montanha Jupiter d’O *Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala?

— Sim, Thomas. No piquenique que fiz no meu dia de anos com vista sobre o Caminho dos Mochos consegui ver muito bem O *Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala, sem drones, sem binóculos. Só com a vista aérea que a tecnologia dos nossos olhos autoriza...

— Mas como é que o tio sabia onde era o Caminho dos Mochos se no seu romance com o Fred, o Jaime esconde o Caminho dos Mochos?

— O Jaime não esconde nada no seu romance. O Jaime protege é o seu romance. Mas o Jaime descreve o caminho. O Jaime vê as árvores. Quem vir as árvores como o Jaime vê, verá o caminho.

— Por outras palavras Thomas, o meu pai acabou de dizer que tu não vês “o caminho”...

— Não diga disparates! Por favor, Thomas... Eu sou de Santarém. Conheço todas as árvores da minha cidade. E com a descrição que o Jaime faz no seu romance com o Fred n’O *Algoritmo do Amor* eu sabia onde é que era o Caminho dos Mochos. Como sabia também onde era a Montanha Jupiter deles em Santarém. Como também vi que o confinamento obrigatório deu lugar a grandes caminhadas e a grandes lixos de mil e uma porcarias. Não havia lixo na Montanha Jupiter, nem no Caminho dos Mochos, antes de todos se lembrarem de irem fazer caminhadas. Todos têm o direito de caminhar, é claro. E todos têm o direito de ver, é claro. Mas eu vi que quem começou a caminhar, que não caminhava, caminhava com o telefone. E eu sabia que isso não era caminhar! Isso não era caminhada nenhuma! Caminhadas tecnológicas? Isso não existe! Isso até faz mal ao espírito! Faz pior do que caminhar! Se é para caminhar com o telefone, mais vale não caminhar. Se é para caminhar com o cigarro na mão e depois atirar a beata para o lindo chão do caminho, mais vale não caminhar. Mais vale não poluir os sítios. Mais vale não tornar os sítios que eram uma paz e frequentados pelos bons espíritos um autêntico sufoco, um autêntico caos tecnológico. As abelhas e os morcegos e os pirilampos sabem quem é que são os humanos que não trazem telefones nos bolsos; ou que trazem, mas que não trazem os dados móveis e o 5G, 6G, 7G, 8G e o 9G ligados. Porque eles sentem a radiação. Eles são sensíveis à radiação. Por alguma razão, os morcegos do Caminho dos Mochos sobrevoam-me pertíssimo e eu sinto as ondas ultrassónicas deles. Estamos em 2080 e ainda há morcegos no Caminho dos Mochos em Santarém! Oiço os estalinhos. E gosto de ouvir esse som ultra tecnológico. Eles é que são tecnologias. Os pirilampos é que são tecnológicos. E eu gostava era de ver o Caminho dos Mochos

iluminado pela luz dos pirilampos. Não era pela luz de candeeiros que encandeavam e expulsavam os pirilampos do Caminho dos Mochos. Quando a Câmara Municipal de Santarém quis colocar câmaras de vigilância no Caminho dos Mochos, eu tive que saber jogar. E fiz a minha jogada, sem “dar muita cana”. Eu já tinha previsto aquilo tudo. As pessoas se soubessem passear de verdade, de verdade com o seu espírito, se vissem os sítios como sagrados, não os sacrificavam, protegiam-nos! As pessoas começaram a publicar fotografias onde iam na nossa “rede” da altura. Esqueciam-se que a Polícia também andava na “rede”... E o plano de câmaras de vigilância que só estava previsto para o centro histórico de Santarém, de repente já abrangia também as montanhas e os jardins lindos de Santarém. Porque o Caminho dos Mochos é um jardim lindo que curva uma montanha. Fica na curva de uma montanha. E eu já sabia que a jogada a seguir do presidente da câmara, seria mandar iluminar o Caminho dos Mochos à noite, com a desculpa de ser um sítio possível para assaltos. Quando não havia assaltos nenhuns. Foram mil e uma noites que eu fiz o Caminho dos Mochos só iluminado pela lua, pelas estrelas e pelos pirilampos. Às vezes, de mãos dadas com o Jakob. Muitas outras vezes, sozinho. Tal como descia pela escuridão desde a porta de Santiago, que passámos lá em cima, vinha pelo Caminho das Capuchinas, seduzido pelo perfume das capuchinhas, e assim que passava as capuchinhas já começava a ver pirilampos a piscarem, que com a sua luz traziam-me até aqui, isto de noite, estão a imaginar, onde eu me encontrava com o Jakob que subia isto vindo do comboio e que vinha dar aqui... Vínhamos os dois dar aqui... Isto era o nosso ponto de encontro. Nem sempre eu chegava a tempo à estação. E quando eu não chegava, o Jakob ia subindo e acabávamos depois sempre por nos encontrarmos aqui. Ficávamos a namorar, a namorar, a namorar e quando eu olhava à minha volta já estávamos cercados de pirilampos... Parecia até que a luz que eles emitiam faziam um espetacular circuito elétrico que parecia que tinha

“som da corrente”, parecia que se via “o som da corrente”... Alguma vez eu iria deixar a Câmara Municipal de Santarém instalar candeeiros onde eu sabia que havia pirilampos???? A Câmara também quis instalar aqui... Quis pôr candeeiros desde a porta de Santiago até lá abaixo, até à ponte... Queria este caminho todo iluminado com candeeiros, “por causa dos assaltos” que não existiam... A Câmara é que nos assaltou. A Câmara é que nos queria assaltar os dados... Porque os candeeiros eram só uma peça do xadrez que avançava para numa outra logo jogada, instalar câmaras de vigilância... E eu tive que me agarrar, sem querer, ao pirilampos... Os pirilampos eram a desculpa perfeita! O 5G fazia mal aos pirilampos, extinguiu-os logo... E Santarém estava cheia de pirilampos! Cheia de pirilampos! A revista da *National Geographic*, andava a fazer a propaganda sobre a extinção dos pirilampos e das abelhas... A *National Geographic*, também é do meu tempo, não pensem que é só do vosso tempo... Era urgente protegermos os pirilampos, as abelhas e também os morcegos. Os morcegos foram acusados de serem portadores do vírus tecnológico de 2020. Havia a teoria que a transmissão do vírus tecnológico de 2020 para os humanos tinha-se dado pelo consumo dos morcegos! Mas quem é que mandou pôr os morcegos na panela????? Com tantos bichos ruins como as cobras e os crocodilos, foram pôr os morcegos na panela???? Os morcegos não são para se comer! Eles sabem que são portadores de milhares de doenças, por isso, é que com a sua tecnologia, eles não se aproximam de nós. Eles mantêm uma distância tecnológica de nós. Com a tecnologia deles, eles mantêm uma distância sobre nós. São nossos amigos. Eles são polinizadores. Comem mosquitos. Equilibram o ecossistema. São tão ecologistas e cientistas como as abelhas! Enfim... Quando a Câmara Municipal de Santarém começou a pôr tudo à venda, a pôr o Caminho dos Mochos, o Jardim dos Mochos, o Caminho das Corujas, o Jardim das Corujas, o Jardim dos Idílicos, a Montanha Jupiter, esta encosta em que estamos e que se chama a Encosta Debruçada Sobre a Antiga

Fábrica do Fósforo eu tive que comprar, eu tinha que proteger todos estes ecossistemas. Porque vi a vida que havia neles. O meu coração sempre bateu pela vida! O meu coração sempre quis proteger a vida! E se eu tinha este coração, se eu sabia que tinha este coração, então eu tinha que imprimir o meu coração com a Jupiter Editions.

— Não é esse o slogan da Jupiter Editions? *Print your heart with Jupiter Editions?*

— Sim, Thomas. Foi o slogan de 2020. Ainda me lembro exatamente do dia em que soube que a Câmara Municipal de Santarém e o Comando de Santarém da Polícia de Segurança Pública tinham assinado um protocolo com o objetivo de permitir a instalação de um sistema de videovigilância nas vias públicas do centro histórico de Santarém, em que o comando da polícia iria visualizar e monitorizar as imagens em tempo real e iria conservar e tratar os dados recolhidos. Soube a uma semana antes da revelação do 1º plano editorial da *Jupiter Editions*. Quem me revelou este filme foi a minha prima Theresa. Tínhamos combinado que eu ia fazer *babysitting* ao Dhumbo, o orelhudo cão dela. Levámos aquela instalação de câmaras a gozar dizendo que ainda só estávamos em 2020 e que ainda não estávamos em 2080... A prima Theresa, com as suas artes de design, é que tinha transformado os desenhos a carvão do Jakob nas capas da *Jupiter Editions*. Sabem qual foi o nome artístico do Jakob? Deema... Ele não queria aparecer por nada... Ele era pior que eu nesse jogo de câmaras... Eu lá ia aparecendo... Agora ele? Parecia que tinha o mapa das câmaras ligado ao cérebro numa Internet das Coisas dele e lá conseguia sempre passar “sem dar muita cana”... Afinal de contas, qual era a diferença entre câmaras instaladas no centro histórico ou drones a sobrevoarem com câmaras de filmar? Era a mesma coisa! Um jogo de câmaras montadas umas a seguir às outras é a mesma que ter um drone a perseguir-nos, mas em silêncio, que num impetuoso silêncio nos

assassina a alma e o espírito, sacrifica a nossa imagem e põe em crise a nossa integridade. E aquele nosso gozo sério fazia-nos sempre cair na realidade! Mas câmaras de vigilância em Santarém???? Na cidade mais pacata do mundo???? Câmaras de vigilância para criar um efeito dissuasor de prática de diversos ilícitos criminais???? Não!!!! Não há crimes em Santarém em 2080, como não havia crimes em 2020! Mas quando dizemos que não há crimes, não quer dizer que não haja um estúpido ou outro pacóvio que se meta connosco ou um grupo mais chungoso. Mas quando alguém se metia connosco em Santarém, nós podíamos responder e chamar logo a polícia. E Santarém é uma cidade demasiado pequena, pelo que se alguém se portar mal, nós sabemos logo identificar. Santarém é como se fosse uma ilha. Toda a gente se conhece em Santarém. Para quê instalar câmaras? Se uma senhora foi assaltada na rua por um grupo chungoso, por causa desse grupo chungoso, vamos agora instalar câmaras por toda a cidade???? Nem pensar! É verdade que o direito à segurança era já um direito constitucional na Constituição que tínhamos anterior à nossa Constituição Tecnológica. Mas também é verdade que o nosso direito à imagem, o nosso direito à palavra, o nosso direito à vida privada, os nossos dados pessoais e os nossos direitos de personalidade já nessa Constituição de 1976 que vigorava em 2020, eram, pois, direitos constitucionais fundamentais que não podiam ser sacrificados por outros direitos constitucionais como o direito à segurança. Vamos lá ver uma coisa: se eu sou a Polícia e sei que em Santarém há um grupo chungoso que todas as noites vai para um determinado pátio de um estabelecimento comercial armar confusão, então eu tenho é que ter polícias à porta desse pátio ou por ali a passar, patrulhar, não é mandar pôr câmaras! Eu não quero desfazer a poesia de Gil de Sales Giotto em que fala dos “bonitos” polícias de Santarém... Mas tenho a certeza que Gil de Sales Giotto só falou assim, porque num dia solarengo foi ao Jardim das Portas do Sol de Santarém e viu bonitos polícias a fazerem a

patrulha pelo jardim descontraidamente sem telefones. Mas se Gil de Sales Giotto soubesse que o comando da polícia iria assinar um protocolo com a Câmara de Santarém para instalar câmaras de videovigilância no Centro Histórico e no Jardim das Portas do Sol, Gil de Sales Giotto não teria escrito a poesia que escreveu *À Velocidade da Luz*. *À Velocidade da Luz* teria escrito outra poesia. Teria certamente implorado por mais patrulhas! Porque só com a patrulha é que se resolve verdadeiramente o crime! Só com a presença física da força policial, é que eu consigo verdadeiramente dissuadir os “diversos ilícitos criminais”. Não é com câmaras nenhuma. Primeiro, porque se eu for bandido ou quiser ser bandido basta aprender o mapa das câmaras e saber em que becos do centro histórico posso ser bandido. Depois, porque posso simplesmente meter um capuz e assaltar precisamente onde há uma câmara. Uma besta ou um perverso pode até ter prazer em estrangular ou esfaquear alguém à frente de uma câmara. Há gangues tecnológicas que filmam os crimes e disseminam o vídeo criminoso como um vírus pela *dark net*. Ou seja, uma câmara até pode motivar mais para o crime tecnológico! Há quem tenha a adrenalina deste tempo real criminoso dentro de si! E por ter essa adrenalina, sabe muito bem que pode esfaquear e a seguir fugir encapuzado. Isto aconteceu em Londres! Em Londres, onde a polícia sem drones já andava *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto. O aparecimento da videovigilância no espaço público britânico vem deste o início dos anos 80 do século XX. E daí, veio uma escalada brutal da instalação de câmaras nunca visto nos outros países. A iniciativa mais significativa de implementação de *Closed Circuit Television* foi definida no âmbito do *Home Office Crime Reduction Programme* em 1998, em que foram disponibilizados 170 milhões de libras para o financiamento da instalação de câmaras de vigilância, em parques de estacionamento, zonas residenciais e centros das cidades. Em 2002, já havia 4 milhões de câmaras instaladas pelo Reino Unido. Em 2004, já havia 10 milhões de



videocassetes a serem gravadas todos os dias, veja-se bem a escaldada disto! Em média, um britânico seria filmado mais de 500 vezes por semana, sendo um londrino 300 vezes por dia. O impacto da videovigilância apresentou resultados díspares. Em muitos locais não se verificou se quer alteração da criminalidade e em muitos outros locais verificou-se um aumento dos níveis de criminalidade. Quando perguntaram aos britânicos inquiridos no âmbito do estudo do Projeto *Urban Eye* da Comissão Europeia 90% se mostraram favoráveis. Mas para os alemães, austríacos, dinamarqueses, noruegueses e espanhóis que também fizeram parte do estudo, juntamente com os húngaros, para eles seria aberrante! As culturas são diferentes! Se eu tivesse nascido com câmaras de vigilância talvez não me importasse sem ser filmado 24 horas. Mas eu não nasci com câmaras. Nasci na melhor janela espiritual dos direitos. Nasci com um Direito que me ensinou a proteger os meus direitos de personalidade, a defender a minha imagem, a minha vida privada, a minha intimidade, as histórias da minha vida real e a acordar a tempo para a Internet das Coisas, para o poderio da resolução das câmaras e do áudio dos microfones, para a Inteligência Artificial, para o mercado negro dos dados e sobretudo para o perigo das minhas histórias da minha vida real irem parar inconstitucionalmente, ilicitamente, ilegitimamente, imoralmente aos olhos, mãos e ouvidos de quem não era meu namorado ou não era meu amigo e a quem eu não queria revelar. Cantei mil vezes à noite no centro histórico de Santarém, subi às cavalitas do Jakob mil e uma vezes enquanto andávamos felizes pelas suas ruelas, o Jakob roubou-me mil e um beijos num ou outro beco à noite... E saber que tudo isso iria chegar ao fim com sumptuosas câmaras???? A polícia em Santarém ter que saber com quem é que eu andava? Saber com quem é que eu saía à noite ou deixava de sair? Numa *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari vi que este projeto era para me dissuadir, mas é a mim de circular no Centro Histórico de Santarém, porque eu com câmaras de vigilância no

Centro Histórico de Santarém não iria mais pôr lá os meus pés! Isto era um projeto que me cortavam a minha liberdade de movimentos! Quando eu tinha 9 anos e aterrei a primeira vez na alienígena Londres e vi câmaras por todo o lado, eu não quis saber. Mas não quis saber porque estava num país estrangeiro. E isto tinha uma grande diferença. Isto fazia toda a diferença. Eu podia andar por onde eu quisesse e fazer o que eu quisesse que eu sabia que não pertencia àquela sociedade de informação e por isso nenhum zoom seria feito ao meu espírito. E sabia que saía de Londres e passado pouco tempo as minhas imagens seriam esquecidas. Eu com 9 anos já tinha esta sensibilidade do Direito ao Esquecimento e da Conservação Temporal Razoável dos Dados de Imagem. Além de que nenhum polícia britânico seria meu vizinho. No entanto, se eu viver em Santarém, um polícia em Santarém é meu vizinho. E este polícia tem amigos e família. Os amigos e os familiares do polícia integram a minha sociedade de informação se eu viver em Santarém. E se o sistema de vigilância for vendido a uma entidade privada, os donos dos dados, os tratadores e realizadores das minhas histórias, integrarão sempre a minha sociedade de informação. Foi por isto que eu não me importei de ser filmado em Londres como um britânico talvez não se importe muito, mas que me importei de ser filmado em Santarém como qualquer escalabitano, ou de ser filmado em Lisboa, como qualquer português que não foi apanhado pelo vírus tecnológico se importaria! Pelo menos, em 2015, quando o meu espírito deambulava com os dinamarqueses pela bonita e pitoresca Copenhague nenhuma câmara capturou o meu espírito, porque simplesmente não existiam câmaras de vigilância na Dinamarca. A Áustria, a Alemanha, a Noruega e a Espanha limitavam os sistemas de videovigilância a localizações estratégicas, como por exemplo as principais estações ferroviárias. A estação de Santarém, por exemplo viu câmaras a serem-lhe instaladas em 2019... Em Lisboa, eu “até fecho os olhos” e desligo das câmaras na principal estação dos caminhos de ferro de Santa

Apolónia... Mas na estação de comboios de Santarém???? Foi um absurdo!!!! Mas que crimes é que existiram nas linhas dos comboios em Santarém???? Por causa do jogo de câmaras instalado nas estações dos comboios de Santarém e Lisboa é que *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom na sua sofisticada Internet das Coisas conseguiu ver com um perfeito zoom o encontro do Jaime e do Fred d'*O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala. Aquilo dá é um brilhante filme de Hollywood, porque eu tenho que ser dono da minha vida, dono do filme da minha vida e ver que a minha vida para todo o sítio em que eu a leve vai dar sempre um brilhante filme, porque é o meu filme, e no meu filme eu sou e serei sempre a personagem principal. É este que deve ser o pensamento de cada um de nós, porque só este pensamento é que nos vai fazer libertar de toda a tecnologia e devolver-nos à realidade das coisas. E se sou a personagem principal do filme da minha vida e se a minha vida foi transformada num filme tecnológico por causa da tecnologia, então eu quero imediatamente ver depositados os milhões que mereço na minha conta bancária, porque ainda que o dinheiro seja virtual, é esta a virtualidade em que vivemos. Porque são preciso milhões para podermos movimentarmo-nos com liberdade. Porque são preciso milhões para podermos ter verdadeiramente uma segurança. As portas blindadas são caras. Blindar portas e jardins custa milhões. Ter um jardim todo blindado impedindo que drones sobrevoem custa milhões. Ter um sistema tecnológico desses custa milhões. Eu e o Jakob éramos namorados, o Jakob, para mim, sempre foi o rapaz mais giro do mundo, mas ele dizia que era eu o rapaz mais giro do mundo e namorados como éramos, era normal andarmos a fazer bicos um ao outro. Passávamos o dia nisso. Passávamos o dia aos marmelos e aos bicos. Quando um não tinha os pais em casa, telefonávamos logo a chamar o outro. Era isto que os namorados faziam. Isto é o mais normal dos namorados. Como era normal que quando tínhamos os pais em casa e queríamos ir namorar íamos para

um spot. Hoje, este spot em que aqui estamos, era um dos nossos spots favoritos. Temos só ali do lado direito aquele prédio ao longe e aquelas casitas ali em baixo. E assim que chegávamos a este spot, o Jakob começava logo a beijar-me enquanto desapertava as calças e quando ficava com o pénis totalmente saído para fora das calças, se eu não pusesse logo a boca no pénis dele ou se eu não me pusesse logo ao colo dele, ele empurrava-me a cabeça para baixo para eu o mamar. Se a polícia nos apanhasse neste namorico e levasse na altura à letra o Código Penal e o Código Processual Penal, nós éramos presos???? E também acampávamos, sabendo que era proibido. Éramos delinquentes por acamparmos nas montanhas de Santarém sem nenhuma autorização expressa da Câmara Municipal? Mas nós tínhamos que acampar na nossa cidade se queríamos passar a noite a mandarmos umas. Íamos o quê? Namorar durante anos sem mandar umas e sem marmos um ao outro???? Nascemos numa cidade desenhada sobre montanhas. Spots não nos faltavam para namorar. Éramos delinquentes por isso??? Éramos delinquentes por sermos namorados um do outro e virmos para uma montanha ou para uma encosta em que vemos que ninguém está a subir e que eu podia fazer-lhe um bico? Quando o Jakob estava no 4º ano e no 5º ano da Faculdade de Medicina em Lisboa e eu no 2º e no 3º ano da Faculdade de Direito de Lisboa, o Jakob ainda vivia na casa do pai dele em Santarém. Só depois no último ano dele em Medicina, no 6º ano é que ele se mudou para a casa da mãe na Costa de Caparica. Depois a casa passou para ele. E depois quando nos casámos a casa ficou também minha. E depois eu pus a casa em nome do Antoine.

— E agora eu vou casar-me com o Antoine e a casa passa a ser minha, tio...

— É uma legítima jogada, Thomas. É uma boa jogada de Direito. Se o Sistema Perfeito resolver confinar-nos a todos obrigatoriamente por causa do vírus, ao menos fica com vista-mar... Já não é mau... Com vista-mar... Som-mar... Cheiro-a-mar... Íamos todos os dias de Santarém para Lisboa. O Jakob ia primeiro no comboio e eu depois ia de autocarro. Eu tinha aulas só à tarde, mas o Jakob entrava de manhã nos hospitais e saía sempre tarde dos estágios. Eu descia tudo com ele desde a cidade. Passávamos por aqui muitas vezes de manhã na descida para o comboio. Eu ia deixá-lo sempre à linha do comboio. Depois subia tudo sozinho e via-o a ir de comboio.

— O quê? O tio Antoine acordava de manhã só para ir levar o Jakob à estação dos comboios?

— Sim... Eu acordava com o travo do esperma dele. A minha mente sugeria-me o travo que sabia que eu tanto gostava e o meu cérebro mandava-me sair da cama. Eu gostava muito do cheiro da pila do Jakob. Era o meu namorado. Foi o meu marido. Foi sempre o meu eterno companheiro. Quiseram nos ligar. Quiseram ligar os nossos corações a máquinas e analisar o nosso amor. Tal como quiseram fazer isso aos cães. Os cães cheiram as pilas uns dos outros. Há cheiros de pilas que uns cães gostam e começam logo a abanar a cauda, mas há outros que não gostam e começam logo a rosar... Do mesmo modo, que há pessoas que gostam da presença de umas e detestam a presença de outras. Às vezes é pela roupa, outras pelo perfume, outras pelos cabelos mal pintados completamente emaranhados, outras é pelos cabelos extremamente bem penteados. Às vezes, podemos não gostar por causa das tatuagens que vemos no corpo de alguém. Há tatuagens bonitas que causam cancro da pele. Mas também há tatuagens feias que causam cancro da pele. E querer ligar tudo isto? Querer ligar os cães há Internet das Coisas só para perceber o porquê de um cão gostar do

cheiro da pila de um cão e não gostar do cheiro da pila do outro cão? Querer ligar os namorados há Internet das Coisas só para perceber o porquê de eu não pensar em mais nenhum surfista, o porquê de eu não olhar para os pés de mais nenhum surfista, o porquê de eu só ter olhos para as sensuais manobras do Jakob? É que se havia uma Internet das Coisas a querer ligar tudo, então com a minha Internet das Coisas eu ligava primeiro a minha vida à minha vida. E a minha vida era sair da cama a correr para o colo do Jakob. Porque o Jakob ia meter-se num comboio quase de madrugada todos os dias para podermos ter um futuro, pelo menos decente. E eu só lhe tinha que mamar... E como eu gostava de o mamar...! E como ele gostava de me pôr a mamar! Ele também me mamava. Mas era mais eu que o mamava. Isso é que era a minha vida! A minha vida era mamá-lo a vida toda! Porque isso é que fazia parte do nosso amor! E o nosso amor é que fazia parte da minha vida! E alguma vez nós precisávamos de ligar o nosso amor à nossa vida com telefones? A nossa vida não era virtual! Era real! Todos os dias foi real! E eu todos os dias, acordei sempre para viver a minha realidade. Para viver a realidade com o Jakob. O Jakob é que foi sempre a minha realidade. Não sei se não tivéssemos um sítio para namorarmos de manhã, se eu saía a correr da cama todos os dias... Mas como sabia que tínhamos sempre o nosso spot, saía da cama excitadíssimo e ia com ele de mãos dadas o caminho todo excitadíssimo... A sociedade de informação tecnológica já funcionava muito bem em Santarém em 2018, mas às horas daquela madrugada em que nós atravessávamos a cidade-fantasma, podíamos ir como fantasmas que éramos de mãos dadas sem sermos vistos por ninguém. Depois ele telefonava quando estava a apanhar o comboio em Lisboa para voltar para Santarém. Já eu tinha chegado a Santarém. E eu lá ia todo contente a correr ir buscá-lo. Descia tudo sozinho e depois subia com ele por aqui e vínhamos para aqui namorar. Também ia buscá-lo sempre à linha do comboio. Recebia-o e despedia-me dele sempre aos beijinhos e abraços na linha

do comboio. Mas quando as câmaras foram instaladas, sem qualquer aviso, deixámos de nos beijar na linha. Estar aos beijos com o Jakob e estar a ouvir a esquadra inteira a gozarem-nos? A analisarem cada beijo nosso? Cada gesto nosso? Por acaso, o Jakob queria ser neurocirurgião, mas e se quisesse ser polícia? E se quisesse concorrer à polícia e fosse parar à esquadra de Santarém? Fazia algum sentido a esquadra de Santarém vê-lo fardado, mas vê-lo em memória sempre comigo aos beijos e aos abraços, porque tinha um banco de dados de filmes do nosso namoro? Isto não fazia sentido nenhum! E quando nos apercebemos que a nossa rotina, o nosso namoro, mesmo sem beijinhos, mas com abraços, gerava dados e poderia alimentar uma Inteligência Artificial ligada a uma Internet das Coisas, numa nossa *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari, simplesmente deixei de o levar à linha. As câmaras tinham dado cabo da nossa liberdade, do nosso movimento, do nosso namoro. Não nos podíamos esquecer que éramos “delinquentes”... A elegante capital da moda, Milão, começou a vestir a tecnologia das câmaras perto de 2000, dando um efeito *reality show* aos operadores de câmaras, porque estar atrás das câmaras era semelhante a estar a assistir a programas de televisão, só que com gente bonita, porque o povo italiano é um povo muito bonito, que fica muito bem nas câmaras, e neste “ficar bem”, a videovigilância acabou, pois, por contribuir para uma classificação prévia e discriminatória de quem é que era delincente. Se eu andasse a fazer bicos ao Jakob em Milão seria um “delincente”... A implementação dos sistemas de vigilância em Atenas foram uma exigência externa na altura dos Jogos Olímpicos, numa altura de guerra contra o terrorismo. Mas logo a seguir as câmaras foram vendidas a entidades privadas para a instalação nas principais ruas onde justamente se continuarem a registar imensos mortos. A videovigilância não resolve crime nenhum! Não evita morte nenhuma! O que regista, é a morte! São mortes em tempo real! No início de 2020 houve um desastre de carro em Lisboa. Esse desastre foi filmado

dentro do carro em tempo real. Foi um miúdo que pisou o acelerador até aos 200 km/h e os amigos dentro do carro filmaram. Não sei bem se foi uma morte gravada mesmo em “tempo real”, porque não sei se os amigos que iam dentro do carro filmaram e depois a polícia apanhou a gravação ou se eles fizeram um “direto” na rede social deles. Não sei bem, porque não quis ligar ao caso. As imagens do acidente que nunca as vi e nunca as quis ver foram virais. Mas mesmo sendo virais, eu consegui fugir ao vírus tecnológico. Consegui sempre fugir ao vírus tecnológico. Para quê ficar na cabeça com imagens de miúdos espatifados e desmembrados ensanguentados? Para quê ficar com essas imagens tecnológicas na cabeça? A *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari ensinou-me a não ver essas imagens tecnológicas. Neste desastre, o vírus tecnológico já se tinha implementado nas mentes humanas que ousaram disseminar a imagem do acidente de carro por tudo o que era sítio. Foi viral! Foi estupidamente viral! Se eu fosse pai de algum dos miúdos teria levado tudo ao tribunal! Então, mas eu como pai tenho que estar a ver as imagens do desastre do meu filho na TV e nas redes sociais? Isto foi uma Ofensa À Memória de Pessoa Que Já Morreu! Um direito que já vinha previsto no Código Civil e que poderia ser perfeitamente acionável pelos pais dos miúdos contra tudo e todos!!!! As pessoas perderam toda a noção! Tornaram-se objetos! Tornaram-se simplesmente transportadoras de dados! São veículos de dados! Parece que não sabem ser mais nada! Mas alguma vez eu posso fotografar ou filmar um acidente ou uma morte? As pessoas perderam completamente a noção de tudo! Perderam o respeito por tudo! Não sabem nada! Não sabem ver nada! Não sabem respeitar nada! Não sabem só estar com os seus olhos e com o seu espírito! E depois isto sobra para quem? Sobra para nós! Para nós que somos defensores dos direitos de personalidade que são os direitos mais espirituais do Direito. Mas ainda bem que o Direito é espiritual, porque se não fosse nem sei que espírito é que eu ainda tinha para falar e defender isto! Ora, se eu



sei que há pessoas que filmam a morte dos outros e têm prazer nisso, também tenho que saber que uma câmara pode ser exatamente o sítio perfeito para um encapuzado executar ao vivo e a cores o espírito de alguém. Uma câmara não protege nada! Só desprotege o espírito! E muitas igrejas sempre souberam que há um espírito, há emoções, há toda uma fantasia, uma filosofia, uma paixão dentro dos corpos humanos que prometiam proteger. Mas que não protegiam nada. Iam o quê? Proteger o espírito com câmaras? Com câmaras só podiam era querer roubar o espírito! Vi igrejas a instalarem câmaras de vigilância. Vi depois o Sistema Perfeito a mandar desinstalar essas câmaras. Vi depois o Sistema Perfeito a mandar fechar essas igrejas. Vi o Sistema Perfeito a proibir religiões intolerantes. Vi depois o Sistema Perfeito a abrir outras igrejas. Vi depois o Sistema Perfeito a autorizar só 3 religiões tolerantes. Vi depois o Sistema Perfeito a abrir ene igrejas dessas 3 religiões. E neste abrir e fechar, vi que o espírito que havia nos humanos não tinha desaparecido. A fé continuava. Com novas igrejas e novas religiões, a fé continuava. O espírito continuava a habitar o corpo. E vi que o lugar do culto onde íamos cultivar e alimentar o nosso espírito poderia ser um qualquer. Poderia ser numa montanha, numa praia ou numa igreja. Fosse em que igreja fosse. Desde que fosse tolerante. Vi depois o Sistema Perfeito a casar-se com o Direito numa igreja de uma religião. Vi o Sistema Perfeito a escolher uma religião. Vi o Direito a inserir algoritmos religiosos no seu novo código canónico. Vi o Sistema Perfeito a pôr câmaras de vigilância em todas as igrejas da sua religião. Vi que o Sistema Perfeito afinal tinha mesmo uma religião e tinha algoritmos muito religiosos. Vi o Sistema Perfeito a também instalar câmaras numa das outras duas religiões com o pretexto de tornar um local de culto mais sagrado, seguro e isento de imposto. Vi o Sistema Perfeito simplesmente a usar a desculpa que tinha sido usada em 2019. Fazia crer aos crentes, que com as câmaras de vigilância o sagrado tornava-se mais seguro. E os crentes acreditavam nessa falsa

sensação de segurança. A febre de dados começou em 2019. Estamos em 2080 e a febre não parou. Simplesmente os dados são mais regulados. Há mais regras. Há mais políticas de privacidade. Há mais exercício do direito ao esquecimento. A portabilidade dos dados é uma moda, tornou-se uma moda. As pessoas quando desligam as chamadas telefônicas podem optar por ficar com a gravação da chamada e andar com as gravações das chamadas atrás. Têm é que pagar o serviço de gravação. E numa economia de dados como a que vivemos hoje, a portabilidade dos dados tem um preço alto. Inventaram-se custos de operação e custos de serviço. Até para apagar dados inventou-se um preço, um custo de operação. As pessoas quando saem de um restaurante com câmaras de filmar podem optar por ficar com as filmagens do jantar com som e tudo e levarem as filmagens para onde quiserem. Vemos as pessoas a transportarem de um lado para o outro os seus próprios dados, andam de um lado para o outro carregadas com os seus dados. Em 2080, o Direito anda basicamente à volta disto: à volta dos dados. E anda à volta das câmaras. Mas esta maçonaria de dados já vem muito detrás. Não nos podemos esquecer que a febre de instalação das câmaras veio no exato momento em que se dizia e repetia que o novo petróleo eram os dados e no exato momento em que tínhamos um Regulamento de Proteção de Dados completamente fantasma e ilusório, porque permitia a circulação e o tratamento de dados, ao invés de o impedir! E como não impediu, vi em 2019 câmaras de vigilância a serem instaladas nas igrejas de Santarém... Tinha uma certeza: a maçonaria de dados tinha chegado a Santarém.

**\*\***

# Terça-Feira, 14 de maio de 2080

— Quem é que daqui dos presentes acredita numa inteligência social tecnológica? Ninguém acredita? Ninguém está a ver o que é que possa querer dizer com isto? Não há nem um braço no ar? Então? Há alguém aqui que não tenha “uma religião”? E ponho aspas quando digo “uma religião”... Então? Todos aqui têm “uma religião”? Quem é que daqui tem “uma religião”? Ora aí estão afinal os vossos braços no ar... Está tudo com os braços no ar... Todos vocês daqui têm “uma religião”... Hoje, todos têm “uma religião”... Porque hoje, todos “têm que ter” “uma religião”... E não se assustem nem se espantem, quando eu vos digo que todos “têm que ter” “uma religião”... Quando vocês nasceram, só vos “foi permitido” ouvirem falar em 3 religiões, como se só fossem lícitas 3 religiões... Não quero saber qual é a vossa religião, mas há aqui alguém que tenha uma religião diferente do Pentágono, do Trapézio ou do Triângulo? Há aqui alguém que tenha conhecimento, de outra religião diferente? Afinal a vossa liberdade de religião, culto e espírito existirá mesmo? Será que vocês no Sistema Perfeito podem ter outra religião? Não podem... Se vocês se aperceberam da tecnologia da religião, compreenderam e viram a tecnologia das religiões e escolheram uma, essa vossa escolha pode ter feito nascer em vocês uma nova

inteligência social tecnológica... Às vezes, pertencer a uma igreja, no nosso ordenamento jurídico, dentro do Sistema Perfeito, pode ser uma expressão de inteligência social tecnológica. Pode ser uma inteligência que o vosso cérebro viu para sobreviver dentro da sociedade. Os nossos cérebros têm uma sociabilidade dentro deles. Nós somos seres sociais. Os nossos cérebros sabem que da forma como as coisas foram montadas no Sistema Perfeito, as ene ficções que o Sistema Perfeito conseguiu ficcionar, não ter uma das 3 religiões poderia significar uma certa marginalidade e ativar os algoritmos do Sistema Perfeito e luzes seriam apontadas com um grande foco. Os do Pentágono acreditam que estamos dentro de uma ditadura tecnológica. Se vocês telefonarem a algum dos vossos amigos e o vosso amigo não tiver uma religião, não assumir uma religião, vocês serão avisados que estão a telefonar para uma pessoa que não tem alma lá dentro, que não sente nada e que não é humana aos olhos do Sistema Perfeito. Ninguém quer estar em contacto com alguém que não seja humano aos olhos do Sistema Perfeito. Não seria conveniente. Qual é que é o fundamento legal do Sistema Perfeito para todos terem que ter uma religião?

— Um fundamento de própria ordem.

— O que quer isso dizer, Arthur?

— Que o Sistema Perfeito vê uma ordem, vê paz, vê segurança se todos estiverem, pelo menos, numa religião.

— É isso mesmo! O Sistema Perfeito fica mais descansado se alguém estiver ou no Pentágono, ou no Trapézio ou no Triângulo. É como se uma das 3 religiões fosse uma das extensões do próprio Estado, que é o Sistema Perfeito. O Sistema Perfeito sabe que uma dessas 3 religiões está a ensinar a não roubar, a não matar, a ser mais solidário, a ser mais empático, a ser mais tolerante, a ter mais

compaixão, a ter mais amor, todos os valores bonitos da igreja. Em princípio, alguém que esteja numa dessas 3 igrejas não se interessa pelo mal. E o que o Sistema Perfeito quer, é que todos nós sejamos desinteressados pelo mal. Que não façamos mal a nenhum de nós, nem ao próprio sistema. O Sistema Perfeito sente-se mais seguro que alguém seja religioso; e eu também. Portanto, há um interesse do Estado nestas 3 igrejas que acabam por suportar os valores jurídicos, éticos e morais que são universais e transversais a todos. Os do Pentágono acreditam nos *Dons* e que há uma Mão Invisível de Jupiter que interfere muito pouco, mas que interfere na nossa realidade. Os do Trapézio acreditam em Sagitário e Aquário, nos mundos paralelos, nos signos, no zodíaco, no número pi, que tudo é matemático, tudo é simbologia, quem manda são os astros e os planetas, é tudo cósmico, é tudo energia e que quem gere e mexe nessa energia é uma Mão Fantástica. Esta Mão Fantástica tem muitos nomes: ou Energia Positiva do Universo ou a Fantástica Mão do Universo ou a Mão Fantástica do Universo ou a Fantástica Mão dos Astros. Os do Triângulo acreditam n’O *Deus Tecnológico*, de Simão Roncon-Oom. São muito científicos, muito tecnológicos. Acreditam no sistema “pré-feito”, pré-configurado. O Triângulo vê uma pré-configuração em tudo, uma predestinação em tudo e que quem fatalizou tudo foi a Mão Invisível do *Crossing-Over*. A Mão Invisível do *Crossing-Over* é também chamada a Mão das Mãos ou a Mão da Mãe, porque há quem diga que o Triângulo é a igreja que reina o sistema, o nosso reino chamado Sistema Perfeito do Triângulo ou só Sistema Perfeito. Há quem diga que o Pentágono e o Trapézio sejam derivações do Triângulo. Que a base é o Triângulo e que o Pentágono e o Trapézio não sejam mais que 2 vértices da base do Triângulo e que o Triângulo a ser um vértice seria sempre o vértice do topo. Há quem veja que quem está no topo seja o Triângulo. Há quem atribua uma vantagem económica a quem esteja ou pertença ao Triângulo. O Triângulo e o Sistema Perfeito têm uma similitude, uma ressonância

muito vincada. Funcionam muito pelos genes. O sistema bancário olha para os genes, para os telómeros, para o frigorífico, para o estilo de vida através das câmaras de videovigilância que a Administração Pública mandou e autorizou instalar e lá concede o empréstimo numa ponderação muito *algoritmizada*. O Sistema Perfeito sabe o que temos dentro dos nossos frigoríficos, porque está conectada à tecnologia dos nossos frigoríficos. Essa conexão pode atribuir vantagens a uns e desvantagens a outros. É preciso conhecer e saber a tecnologia do Sistema Perfeito. É preciso conhecer e saber quais são os algoritmos do sistema. Quem tem telómeros mais curtos, e o Sistema Perfeito sabe quem tem telómeros mais curtos, tem menos chances de conseguir pedir um crédito ao Banco. O Triângulo Perfeito é o Banco, o Fisco e a Administração Pública. E se há uma vantagem económica se se pertencer ao Triângulo, por exemplo, então é porque há uma vantagem religiosa. Quem normalmente é ou está no Sistema Perfeito tem mais chances de “sobreviver” na economia do sistema. Alguém sabe quem é que normalmente não é do Triângulo?

— Cantores e futebolistas...

— É verdade, Arthur! Só artistas como cantores, atores, grandes desportistas como futebolistas e tenistas é que se podem dar ao luxo de não estar no Sistema Perfeito. Se não tens criações tuas e precisas de dinheiro, então tens que te ir apresentar para conseguires um trabalho com um curso profissional. Se gostas de jardins e queres ser jardineiro podes ser jardineiro num dos muitos jardins que o Sistema Perfeito tem. E não se ganha nada mal como jardineiro. Ser-se jardineiro é uma profissão administrativa muito bem vista pelo sistema. O sistema vê com “bons olhos” os jardineiros e os polícias que são ambas as profissões chamadas como os “guardas do jardim” ou “guardas do Éden”. Os “guardas do jardim” tanto podem ser

jardineiros como polícias. Depois há os “guardas da floresta” que podem ser os guardas florestais, uma outra nobre profissão, ou os cavaleiros da Polícia Florestal. Se gostas de cavalos e queres fazer segurança podes ser cavaleiro da Polícia Florestal ou da Polícia Marítima que ao invés de fazerem a monitorização e a vigilância com drones sentadinhos na esquadra de comando na mão, estão fora das esquadras a exercitarem e a passearem os cavalos e a fazerem uma verdadeira vigilância e segurança. É nessa vigilância e segurança que eu acredito e que o sistema também acredita. Mas o sistema também acredita na vigilância com drones. Eu não acredito nessa vigilância com drones. E assim, não só são precisos cavaleiros para a Polícia Tecnológica, como também são precisos pilotos de drones para a Polícia Tecnológica. E quem for do Triângulo terá mais chances de ser da Polícia Tecnológica, seja como cavaleiro, seja como piloto de drone. Só se num concurso todos os concorrentes fossem do Trapézio ou do Pentágono é que veríamos cavaleiros do Pentágono ou do Trapézio na Polícia Tecnológica. E por isso, é que não os vemos. Porque qualquer “vaga” para o corpo do Sistema Perfeito será preenchida preferencialmente com quem pertença ao Triângulo. É isto que está escrito nos algoritmos do Sistema Perfeito do Triângulo. Foi isto que foi escrito nos algoritmos do Sistema Perfeito do Triângulo. E a vossa frequência, assiduidade, a forma como estão presentes de corpo e espírito na igreja será calculado pelos algoritmos que projetará em vocês uma pontuação que vos determinará se preencherão ou não os requisitos mínimos para estarem em concurso. Se forem acusados de algum crime, a justiça antecipatória do próprio sistema criminal encarregar-se-á de determinar se vocês são ou não potenciais criminosos. “Graças” aos algoritmos, há um pré-juízo vosso. Quanto mais os algoritmos julgarem que vocês possam de facto ter cometido o crime para o qual vocês foram acusados, para o qual gratuita ou economicamente alguém vos acusou, mais depressa será o vosso

processo penal que passará à frente de qualquer outro processo que os algoritmos com a sua tecnologia vejam que seja uma falsa denúncia, um embuste e transformem o suposto roubo numa simulação tecnológica e numa difamação. Porque quem julga agora nos nossos tribunais, que agora são virtuais, são os algoritmos. Estamos na Era algorítmica. Estamos todos *algoritmizados*. Há um algoritmo que nos monitoriza.

— Professor! É possível pôr um travão nestes algoritmos? Nesta tecnologia?

— Sim, é! Mas não vale enganar o sistema. Os algoritmos do sistema, a tecnologia do sistema, servem exatamente para o combate das fraudes e das dissimulações e das inteligências humanas “de ver” a inteligência do sistema. É preciso ser-se mais inteligente que os algoritmos do sistema se se quiser manobrar o sistema. É preciso ver-se o limite tecnológico, se se achar um limite ou a lacuna tecnológica, se se achar uma lacuna para se poder ser de outra religião que não o Triângulo se não formos futebolistas, cantores ou atores ou não tivermos nascido com heranças e legados. Há um preço que é preciso pagar-se se se quiser ter uma verdadeira liberdade de religião, espírito e cultura. Há um preço por pagar. Ninguém nos avisou antes de nascermos. Mas há e vamos ter que o pagar. Será que agora já conseguirão ver a inteligência social tecnológica? E há muitas formas de ver esta inteligência social tecnológica. Cada um há de ter a sua tecnologia, a sua inteligência. Cada uma das 3 religiões tem classificações próprias, vê o cérebro e a alma de forma diferente. Mas todas veem uma alma e acreditam que há uma alma dentro do corpo humano. Mas há quem veja a alma e veja também um espírito como o Trapézio. E há quem veja a alma e veja espíritos como o Pentágono. Para o Triângulo o espírito é o mesmo que a alma. O Trapézio e o Pentágono dizem que são dimensões e espectros diferentes. O



Pentágono diz que a alma tem uma cor, mas pode ter num dado momento uma cor que não a cor original ou típica por estar cercado com espíritos malignos sem que seja ou se torne maligno, que simplesmente tem ao seu redor pessoas más. O Pentágono separa a mente do cérebro. O Pentágono vê uma mente dentro de um cérebro. Para o Triângulo não há que fazer essa distinção, porque o cérebro é o mesmo que a mente sendo sinónimos um do outro. Enquanto que o Pentágono fala em cérebro, mente, espírito, alma e corpo, o Triângulo fala só em corpo, cérebro e alma. Mas tanto o Trapézio, como o Triângulo e o Pentágono acreditam na alma, porque acreditam que estamos no mundo dos espíritos, que somos almas dentro de robots, que o corpo é um robot e que nós somos é os titulares deste nosso corpo metalizado, cheio de tecnologia, que transportamos, em que habitamos. Mas se há uma consonância em relação à existência da alma, já não há em relação à localização dela no nosso corpo. O Trapézio diz que a alma está em todo o nosso corpo, que é tão elástica como a nossa pele. O Pentágono diz que a alma está dentro da nossa caixa torácica, das nossas costelas e que os espíritos entram e saem pelas nossas ventas. O Triângulo acha o cérebro na alma com o fundamento que é possível transplantar o cérebro de um corpo para outro mantendo a alma, justamente pela alma estar é no cérebro; e por isso é que o Triângulo não se opõem à transplantação do cérebro humano, como não se opõe à transplantação das árvores. O Triângulo é muito científico e muito tecnológico. Quer experimentar tudo. O Pentágono e o Trapézio opõem-se fortemente, dizendo que quando transplantamos um cérebro para outro corpo, vamos perder a alma, porque quando se arranca o cérebro do corpo, deixamos a alma no corpo. Para o Triângulo, a alma é a memória. Para o Trapézio, o nosso corpo é um autêntico templo e nada pode ser mexido ou removido. Quem pertence ao Trapézio opõem-se a qualquer implante ou chip tecnológico, porque acreditam veementemente que colocar qualquer coisa, aquilo que seja,

seja tecnológico ou não, dentro do corpo vai interferir com a nossa própria tecnologia, como a nossa própria eletricidade, como a própria alma. Há relatos pentagonianos ou pentagonais, como preferirem, dizendo que a cor da alma nunca mais foi a mesma desde que se implementou algo que era extraterrestre ao corpo humano. O Trapézio não aceita transfusões de sangue, preferindo em opção outro tratamento: introduzirem-se os ingredientes do sangue com água e deixar o próprio corpo fabricar o sangue, porque estes ingredientes são como se fossem os autorizados pelo próprio corpo. Não se vê ninguém do Trapézio com melhorias corporais, com implantes corporais, com cirurgias estéticas corporais. Não se vê ninguém do Trapézio a fumar. Os do Trapézio não fumam, porque acreditam que o fumo destruirá os pulmões e aos destruírem os pulmões vão alterar a cor da alma e serão responsáveis por essa destruição. Os do Pentágono, pese embora vejam a cor da alma até mais profundamente que os do Trapézio, não fumam simplesmente, porque sabem que fumar faz mal e que depois não vão poder ter uma qualidade de vida no futuro. Os do Pentágono são os mais futuristas, mas os que vivem mais o presente. Os do Pentágono são os mais futuristas e os menos tecnológicos. São considerados os verdadeiros espirituais que, sem querer, por estarem tão presentes e tão sintonizados com a realidade das coisas acabam por ser vistos como os mais espirituais. Os do Pentágono entregam o espírito à realidade. Depositam o seu espírito nas coisas que fazem. Estão nas coisas verdadeiramente de alma e coração. E por isso, são os mais reais, os mais autênticos, os mais nobres de espírito.

— O professor é Pentágono?

— Sou professor e juiz minha querida Catharina. Sou um simples “soldado” do Sistema Perfeito. Há concursos para se ser professor e juiz... E se há concursos...

— E se o professor ganhou o concurso é porque é Triângulo... É como eu! Eu também sou Triângulo, professor. E os do Pentágono fazem ou não fazem transfusões de sangue?

— Na maior parte dos casos não. A razão é por motivos de saúde e de segurança. Acreditam que uma transfusão de sangue pode ter muitos inconvenientes no futuro em matéria de saúde. O próprio corpo pode não gostar do sangue que recebe e agredir-se a si próprio, enfim há um ou outro caso e os do Pentágono acreditam que se aconteceu a uma pessoa é porque pode acontecer a qualquer outra, independentemente da percentagem de probabilidade ser quase zero. São muito humildes e não se acham especiais e não correm riscos. Analisam tudo muito intuitivamente. Preferem sempre a alternativa de ser o próprio corpo a fabricar o sangue a partir dos ingredientes do sangue misturados com água, do que levarem uma transfusão de sangue. Mas se no caso concreto, o médico não recomendar “o tratamento alternativo” seja por que motivo for e se a compatibilidade do sangue for muito grande em que a cor da alma até seja a mesma, porque há médicos que ligam muito a isto, então o doente normalmente aceita a opinião do médico. Mas para o Trapézio, a transfusão está completamente fora de equação. Não aceitam por nada. Algumas alas mais espirituais do Trapézio e do Pentágono acreditam que com a transfusão de sangue a personalidade do indivíduo tenderá depois a alterar-se, não sendo nunca mais a mesma. Seguindo a doutrina do Trapézio este pensamento poderá fazer algum sentido, já que para eles a alma está presente em todo o corpo, fazendo o sangue parte também da alma. Seguindo a doutrina do Pentágono, sou franco, não parece merecer muito acolhimento, porque o sangue é simplesmente um alimento do corpo sem qualquer conexão espiritual. Mas enfim, as igrejas evoluem no pensamento, reabilitam as doutrinas, ampliam a espiritualidade e se ontem não via o sangue como

componente integrante da alma, hoje nada impede ao Pentágono que passe a ver. Às vezes, é tudo uma questão de tempo e de visão. Tínhamos dois casos para hoje, não era?

— Posso ficar com o primeiro, professor?

— Sim, Arthur. Faça só um resumo muito rápido, sem ler o enunciado, antes de começar a resolvê-lo, por favor.

— Bento era do Triângulo até ter conhecido o Trapézio e deixar de ter ido ao Triângulo. Bento trabalha numa empresa de construção civil. O patrão de Bento quando o contratou baseou-se no algoritmo que Bento trazia em que era um crente do Triângulo, muitíssimo bem classificado, nunca tendo faltado a uma missa, querendo agora despedir Bento por já não ser do Triângulo. Bento voltou a ir ao Triângulo e quer exercer o seu Direito ao Esquecimento junto do Trapézio para que não interfira mais aos olhos do algoritmo do Triângulo e aos olhos do algoritmo do patrão dele.

— E então, como é que resolveu o caso?

— Comecei por dizer que o Direito ao Esquecimento é um direito fundamental consagrado na nossa Constituição Tecnológica e que sendo um direito perpétuo, Bento poderia exercê-lo em qualquer momento da sua vida.

— E se ele já tivesse morrido e os filhos quisessem “apagar” os registos do pai no Trapézio, por razões de conveniência e oportunidade?

— Por razões de conveniência e oportunidade os filhos poderiam fazê-lo, podendo o Trapézio opor-se, subindo

automaticamente o caso a um tribunal virtual que teria que dar razão aos filhos de Bento em determinados casos.

— Muito bem. Lembrem-se que este Direito Ao Esquecimento nem sempre foi perpétuo. Em 2020 tinha prazos, por exemplo. Começámos com 5 anos, depois fomos baixando para 3 anos, depois para 1 ano, depois para 6 meses até que chegámos a 2 meses, duas semanas, 2 dias e quando chegámos às 2 horas, então extinguímos o Direito Ao Esquecimento e quando o ressuscitámos das cinzas tornámo-lo perpétuo. Mas o patrão poderia ter contratado Bento baseando-se na sua convicção religiosa?

— Nada obsta a que um empresário possa preferir contratar um colaborador em relação a outro, por causa da sua religião se for numa espécie de ajuste direto, em portas fechadas. Mas isso, tem que ser numa conversa informal. Numa entrevista. O que não é admitido, é um empresário “perseguir” o algoritmo de um colaborador ou de um candidato através de tecnologia e o discrimine. A única entidade competente que o pode fazer nesses exatos termos é o Sistema Perfeito. Ou seja, só se estivéssemos perante um caso de um emprego de cargo público ou administrativo é que seria lícito, como o caso do jardineiro ou do polícia que há pouco o professor falou... Ou seja, só profissões estatais é que podem ser submetidas à análise algorítmica. Nenhuma empresa o poderá fazer.

— E se for uma empresa autorizada no tratamento de dados? Não poderá fazê-lo?

— Não, porque seria um abuso de poder tecnológico. Seria um desvio de poder...

— Então, seria um caso de abuso de poder ou desvio de poder?

— Abuso de poder...

— Continuamos na próxima aula, vou deixar-vos sair mais cedo, porque tenho o meu melhor amigo à minha espera e não devemos deixar à espera os nossos melhores amigos. Vou enviar-vos por e-mail mais uns tópicos de correção e vamos assim fechar este caso, para na próxima aula entrarmos já no próximo caso.



— Sabes, Antoine... Eu começo a desconfiar que o Sousa tem a mesma *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari como tem o Thomas... Disseste que o curaste da *Paranóide Tecnológica* dele...

— Sim, curei-o...

— Como é que o curaste?

— Disse-lhe que fazia parte e que estava tudo bem! Para que ele não se preocupasse...

— Disseste só que fazias parte e ele ficou curado?

— Sim... Vejamos... O medo dele era ele estar na *dark net* e todos terem acesso à informação dele, e, portanto, ele estar ali numa limitação que lhe dava uma certa desvantagem económica em relação àquilo que ele queria intelectualmente e artisticamente publicar. Estando as coisas dele na *dark net*, as coisas que ele criava, produzia, que eram as criações e produções dele, que lhe tinham sido atribuídas a ele, por direito e destino, legitimamente pela Mão Invisível de Jupiter, significaria que por mais que ele produzisse ou criasse o que fosse, todas as suas produções e criações seriam roubadas, transferidas para toda a sociedade tecnológica que estivesse na *dark net*. Ou seja, toda a sua criação e produção nunca o iria beneficiar senão os outros. E não lhe beneficiando, ele nunca mais conseguiria sair daquele *darkroom*, porque para sair do *darkroom* precisava de entregar produções e criações ao Sistema Perfeito do Triângulo. Ora, a limitação dele era o medo. O medo de estar a produzir e não conseguir registar os seus produtos, por outros, numa ilícita vantagem tecnológica, terem acompanhado a sua produção e terem já registado os produtos e os frutos que eram dele. Porque ele acreditava que todos tinham acesso às informações dele. Todos incluindo o Banco, o Fisco e a Administração Pública...

— Mas o Sistema Perfeito do Triângulo do Banco, do Fisco e da Administração Pública detém, desde que nós nascemos, a informação sobre todos nós, não estou a entender agora o porquê do medo sobre o Triângulo Perfeito...

— Há quem diga que o Sistema Perfeito é um sistema altamente viciado beneficiando mais quem pertença ao Triângulo...

— Mas isso são conspirações maçónicas do Trapézio e do Pentágono contra o Triângulo...

— Sim... Mas independentemente disso, quer seja verdade ou não, a questão prende-se em saber se toda a informação a que o Sistema Perfeito do Triângulo tem acesso em primeiro lugar é ou não desejável. Depois se esse acesso a toda essa informação é ou não legítima, é ou não legal, é ou não lícita, é ou não imoral, é ou não inconstitucional... A maior parte da doutrina da Escola Universal do Direito vem dizer que o acesso, o armazenamento e a comunicabilidade da informação do Sistema Perfeito, a forma como ele acede às informações, como ele gere, como ele decide os casos baseado na informação que tem sobre todos é inconstitucional, por desde logo atentar contra a Constituição Tecnológica, onde se protegem os dados de informação e os consagra como um direito fundamental...

— Quem te ouviu falar parece que, de repente, ficaste contra o Sistema Perfeito... Tu não eras assim...

— A religião do Thomas abriu-me os olhos para aquilo que eu não queria ver. Eu já tinha visto tudo isto, sabes?... Mas quando tens uma religião a suportar um sistema e vês todos a irem a essa igreja, vês o próprio sistema a proteger essa igreja... Tu ficas com uma pequena síndrome de Estocolmo... E foi a síndrome que eu descobri que tinha...

— Mas qual é a religião do Thomas?

— Pentágono.

— Ah! Ele acredita nos *Dons* e na *Sociedade Joviana*...

— Sim...



— O *Jupiter* de Gabriel Garibaldi retrata deliciosamente a *Sociedade Joviana*... É uma viagem deliciosa! Eu próprio que sou do Triângulo comecei a rever-me e a identificar-me muitíssimo com a *Sociedade Joviana*. No fundo, é a sociedade humana perfeita! Mas ele acredita que o Sistema Perfeito sabendo tudo sobre ele, poderia ser perverso para ele?

— O Sistema Perfeito é um sistema muito tecnológico, muito *algoritimizado*... Se tudo o que ele criasse, por causa da tecnologia fosse tudo parar à *dark net*, toda a sociedade tecnológica na *dark net* agarrava nas coisas do Thomas e lucrava entregando as criações e as produções ao Sistema Perfeito. Imagina que estás a escrever um livro de ficção científica. O teu livro terá 49 páginas dividido em 7 capítulos, cada capítulo com 7 páginas. Tu não queres entregar nada ao Sistema do Perfeito enquanto não escreveres as tuas 49 páginas. Mas, se há medida que fores escrevendo cada página, cada página for sendo transferida tecnologicamente para a *dark net*, afinal, quem vai entregar aquela página, quem se vai apropriar daquela página, quem vai fazer como se fosse sua aquela página, é a sociedade tecnológica da *dark net*, que vão agarrar naquilo e vão entregar ao Sistema Perfeito, numa criminosa batota tecnológica. Uns fazem daquela página mais umas 6 ou mais umas 66 ou mais umas 696 e entregam como um livro, outros fazem daquela página um filme, outros fazem daquela página um teatro, outros fazem daquela página um programa de *stand-up comedy*, outros fazem daquela página uma crónica, outros tiram uma linha para um slogan de um reclame publicitário, outros tiram outras linhas para a letra de uma música. Ora, se o Sistema Perfeito é altamente tecnológico e se aparecer um compositor a bater à porta do Sistema Perfeito com uma nova música, que tirou da *dark net*, mas que o Sistema Perfeito não sabe que veio da *dark net*, o Sistema Perfeito vai pegar naquela música, *scanizar* e os algoritmos do Sistema Perfeito vão validar aquele registo,

porque não há nenhum registo anterior idêntico àquele. A seguir do compositor, vai lá o publicitário, o cronista, o humorista, o dramaturgo, o realizador e o escritor. Quando finalmente lá fosse o Thomas *scanizar* a sua obra ao scanner do Sistema Perfeito, os algoritmos do scanner do Sistema Perfeito iriam dizer que tudo aquilo que ali constava naquela obra já tinha sido registado. Talvez os algoritmos do scanner iriam assinalar uma tentativa de forjamento dos algoritmos do Sistema Perfeito, que é o vulgar crime do *cutcopypaste*, que é um crime punido com uma pesada multa. Ora, se já tens uma dívida dentro do Sistema Perfeito, tu queres é aliviar-te dela, libertar-te dela e vais ainda por cima, depois de todo o trabalho que tiveste a fazer a tua obra, ver aumentada a tua dívida? Já tinhas a vida dificultada, já te tinham cortado as pernas e agora vais também ficar sem braços? Pode ser muito frustrante, pode até levar ao suicídio. O Sistema Perfeito, sabendo que há uma dívida, há outra religião e há uma tentativa de forjamento dos algoritmos poderia ser, “sem querer”, bastante perverso para o Thomas.

— Qual é a dívida que o Thomas tem para com o Sistema Perfeito?

— 500 mil.

— Foi por isso que ainda não se casaram?

— Sim. Agora com a Nova Lei em que todas as dívidas dos cônjuges são comunicáveis, nós não nos podemos casar, senão o Fisco penhora-me logo o ordenado ou fica-nos com a casa de férias. E entre não estarmos casados, mas ainda termos o meu ordenado intocável pelo Fisco e termos a nossa casa de férias ou estarmos casados sem ordenado e sem casa de férias, preferimos não estar casados. Para nós o casamento é mais um acerto legal que outra coisa. O importante é aquilo que nós sentimos um pelo outro.

— E tu com o Club de Cascais, não consegues ter lucro para “matar” essa dívida do Thomas?

— Agora com a Nova Lei é impossível. Eu com o Club de Cascais consigo tirar para mim e para o Thomas pouco mais de 8 mil por mês. Num ano, se não mexermos nesse dinheiro conseguimos juntar 96 mil e a dívida do Thomas são 500 mil. Nem em 5 anos conseguimos ter os 500 mil. E os juros com a Nova Lei voam *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto... É uma corrida inútil contra o tempo...

— E do que ganhas como juiz e como professor?

— No total com as duas profissões ganho um pouco mais de 8 mil... Mas o que é que é 8 mil hoje em dia? Não é nada...

— Esses 8 mil, mais os outros 8 mil do Club de Cascais são 16 mil... Não te podes queixar, Antoine!

— Eu não me queixo por ter 16 mil, queixo-me por ter 8 mil Brites! Tu pagas por tudo e por nada Brites! Com a Nova Lei até pagas imposto por respirares um oxigénio “mais puro”! Só porque a minha casa está construída numa zona de arvoredos com insetos, aves e morcegos livre de drones e de poluição energética, sonora e visual onde o ar é mais puro, eu pago um imposto! Eu pago muito caro para poder respirar bem, para poder ter um jardim e nenhum drone sobrevoar por cima do meu jardim. Pago um imposto, que é uma fortuna, pela qualidade do ar, pelo oxigénio! Eu estou a pagar para respirar melhor! Isto é de loucos!... A seguir vai ser o quê? As botijas de oxigénio?

— Mas já as tens... Já vês imensas pessoas na rua a andarem com botijas de oxigénio...

— Mas isso é uma propaganda... O oxigénio que tu respiras, o ar que tu metes nos pulmões, aqui onde nós vivemos, ainda tem qualidade! Ainda tens árvores! Ainda tens uma costa e um mar cheio de algas... Não precisas de botija de oxigénio nenhuma... Tens é empresas a venderem oxigénio, como se aquilo fosse muito bom, que não é, e que faz mal! Mas se algum dia se tornar impossível de respirar, como nas índias, nas chinas ou nas américas, vais ser obrigado a andar com uma botija de oxigénio e essas botijas vão estar ao preço do ouro! Quem tiver mais dinheiro, conseguirá respirar, conseguirá sobreviver. Tu pagas por tudo e por nada. Cada passo que dás, já estás a pagar. O Sistema Perfeito está feito para os ricos. Se queres poluir, pagas! Mas todos os ricos podem poluir, porque têm dinheiro para pagar! O que quer dizer, que se fores rico podes poluir, se fores pobre não podes poluir? Não faz sentido!... Claro que conseguimos reduzir imenso a nossa pegada de carbono, porque tirámos os carros a todos os pobres. Tirámos tudo aos pobres! Os pobres não podem comprar plástico. Mas os ricos podem comprar plástico, porque têm dinheiro para pagar o plástico. Claro que vamos ter menos plástico, porque há muitos mais pobres do que ricos... Mas não é assim que se fazem as coisas! Se é para se querer reduzir o plástico, proíbe-se o plástico! O mesmo para as empresas. Estamos a permitir que as empresas mais poluidoras poluam se pagarem muito, mas elas podem pagar esse muito, por isso vão continuar a poluir muito. Eu com o meu Club de Cascais não posso poluir nem um pouco. Mas para não poluir um pouco, tive que fazer um crédito para instalar um sistema zero poluente. Quem é que me financiou esse sistema zero poluente? Que dizem que “é zero poluente”... Porque para mim, até te digo que é bem mais poluente, mas só daqui a uns anos é que, afinal, se vai levantar o véu da ignorância... Mas quem é que financiou o sistema zero poluente que a Administração Pública me obrigou a instalar? Vá lá, Brites... Responde!...

— O Sistema Perfeito...

— Exato!... Ora, a Nova Lei faz-me ficar preso ao Sistema Perfeito. Eu vejo o lucro do meu Club a sair direitinho para os cofres do Banco do Sistema Perfeito, mês a mês. E para além disto, nem sequer posso pagar como queria aos meus colaboradores, porque o Sistema Perfeito não me deixa... Para eu proibir a entrada de robots, que o Sistema Perfeito diz que eu estou a fazer uma discriminação e não tenho compaixão nem capacidade de empatia pelas pessoas que têm sentimentos metálicos e afeições pelos robots, porque estou a agarrado a um preconceito e não tenho “uma mente aberta” para evoluir, eu tenho que pagar. Em todos os sítios deixam entrar robots e os telefones. Mas, para eu poder “privar” o uso de tecnologias no meu estabelecimento comercial, tenho que pagar um imposto que me leva muito mais de metade do lucro para o Sistema Perfeito. É por isso que eu só vejo 8 mil, quando aquele meu clube fatura milhões! Mas vai tudo para o Sistema Perfeito! Porque o Sistema Perfeito diz que eu estou a “empatar” a economia dos dados e estou a privar as pessoas de usarem as tecnologias como bem querem, influenciando eu nas suas decisões quando elas são livres e esclarecidas. Mas elas não estão esclarecidas! Ninguém as esclarece devidamente! O Triângulo na sua linguagem canónica e basílica camuflada não esclarece, o Deus Tecnológico na sua linguagem informática e tecnológica camuflada não esclarece, a Mão Invisível do *Crossing-Over* na sua linguagem médica e clínica camuflada não esclarece, a Administração Pública na sua linguagem jurídica e administrativa camuflada não esclarece, o Fisco na sua linguagem financeira e tributária camuflada não esclarece, o Banco na sua linguagem societária e bancária camuflada não esclarece, o Sistema Perfeito do Triângulo na sua linguagem política e constitucional camuflada não esclarece! Logo, elas não sabem o que é o mercado de dados! Nem juristas da Escola Universal do Direito ainda não

perceberam muito bem o que é o mercado de dados, quanto mais quem não está em Direito... Então, o Sistema Perfeito diz-me que se eu não quero ligar o meu estabelecimento comercial à Internet das Coisas, não permito que usem os telefones cheios de câmaras, microfones e algoritmos dentro do meu estabelecimento comercial e vedo a entrada a robots cheios de câmaras, microfones e algoritmos tenho que pagar uma taxa?! Que eu muito francamente já nem sei se isto é uma taxa ou é um imposto que estou a pagar!... É que nem o Fisco me é capaz de responder se isto, é uma taxa ou um imposto!? Como se fosse um sacrifício à economia, vê lá tu...! Para o Sistema Perfeito, eu sou o mau da fita que não deixo que o Sistema Perfeito e todas as sociedades de dados que a Administração Pública do Sistema Perfeito permitiu nascerem e permite sobreviverem, explorem os dados dos meus clientes quando eles estão no meu estabelecimento comercial. Enquanto eu vejo proteção da intimidade, da privacidade, da intelectualidade, da expressão, da personalidade de cada um, o Sistema Perfeito vê um empate meu à sua economia. E diz-me mesmo, como me disse quando me impôs o imposto: que por estar a empatar a economia dos dados e por estar a interromper o circuito económico, o lucro que eu obtiver do meu estabelecimento vai ser severamente tributado para “reequilibrar” a justiça social... Mas qual justiça social? Mas isto não é para eu endoidecer? Não é para todos nós endoidecermos e ficarmos com a febre dos dados? As empresas querem lucro, e por isso, nenhuma delas se preocupa com os dados, com a segurança, com a intimidade, com tudo aquilo com que eu me preocupo, quando há uma clara manifestação de interesse nessa exploração que é incentivada, propagandizada e patrocinada, até, pelo próprio Triângulo, ou seja, pela própria igreja do Sistema Perfeito. E por isso, é claro que a Administração Pública, o Fisco e o Banco gostam delas, porque estão todos metidos nisso! E, portanto, a Administração deixa nascer esses estabelecimentos comerciais com *big* câmaras, o Fisco em nada tributa

esses estabelecimentos, muito pelo contrário, faz-lhes uma espécie de zero tributação, uma isenção tecnológica, e o Banco, é claro, que patrocina os maiores investimentos e injeções de capital para estes estabelecimentos comerciais que fazem o processamento de dados ou que vendam ou que cedam a análise e o tratamento a sociedades de dados que depois vão ceder à Administração ou ao Banco ou ao Fisco, que como são um “sistema perfeito em triângulo” é a mesma coisa saber a Administração, ou o Banco ou o Fisco. E para além disto, não posso mexer nos 8 mil que levo para casa todos os meses, por causa da dívida do Thomas. Nós não mexemos, nem vamos mexer nesse dinheiro, enquanto a dívida do Thomas existir no sistema informático do Sistema Perfeito. E quem me manda não mexer nesse dinheiro é a *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari. Sabes que isto da *Paranóide Tecnológica* é altamente contagioso. Se eu vejo o Thomas numa *Paranóide Tecnológica* eu também fico por ser namorado dele com uma *Paranóide Tecnológica*. E sabes o que é as coisas fazerem demasiado sentido? Tu pareceres que consegues ligar tudo? Estabelecer uma ligação tecnológica perfeita das coisas?

— Mas afinal o que é que leva o Thomas a julgar que esteja na *dark net*?

— Porque tudo aquilo que ele escreve aparece em várias formas. Eu acompanho o trabalho dele. Sabes o que é ele escrever durante a noite, simplesmente acordar de madrugada, pôr-se a escrever, eu não sei o que ele está para lá a escrever, ele voltar para a cama e no dia a seguir eu ler o que ele escreveu, ligar o rádio e o locutor dizer tal e qual aquilo que ele escreveu? Ou ver um dos capítulos dele transformados numa peça de teatro tal e qual com os diálogos que ele escreveu e que eu vi ele a escrever e que eu vi que veio tudo da cabeça dele em tempo real? Peças de teatro que parecem mesmo que foram

arrancadas de um capítulo dele... E tu vês as frases dele passado 3 dias transformadas em slogans de reclames, vês humoristas a fazerem espetáculos com as coisas que ele diz num tom que parece copiado dele... E sabes que há de tudo na *dark net*. Tens empresários e sociedades na *dark net*. Tens cantores milionários na *dark net*. Tens realizadores na *dark net*. Tens polícias na *dark net*. Tens militares na *dark net*. Tens ladrões na *dark net*. Tens outros criminosos na *dark net*. Outros criminosos, porque só estarem na *dark net* já fazem deles criminosos. E bastava, portanto, um “não” da Administração Pública ao *scannizar* a obra do Thomas para desconstruir tudo aquilo que ele tem andado a construir...

— A obra dele já está com quantas páginas?

— 1890 páginas...

— Porque é que ele não entrega de uma vez por todas ao Sistema Perfeito?

— Ele quer chegar às duas mil páginas... Com essas duas mil páginas dá perfeitamente para pagar a dívida e casarmo-nos.

— E vais dizer que com essas 1890 páginas não dá para pagar a dívida e casarem também, queres ver?

— Dá, claro! Mas ele é demasiado perfeccionista! Desconfio que a grande desvantagem orgânica dele seja o seu perfeccionismo...

— “Vantagem orgânica”... Assim sim... Já pareces mais um Triângulo a falar... Muito mais científico, muito mais genético... Confesso que gosto mais desta tua versão! É assim que a Mão Invisível do *Crossing-Over* gosta de te ouvir falar...



— Mas sabes que a Mão Invisível de Jupiter também gosta de me ouvir a falar em “vantagens e desvantagens orgânicas”. Eu sei que o Triângulo é muito científico e muito tecnológico, mas olha que o Pentágono consegue ainda ser mais científico e mais tecnológico, com a componente espiritual... E sabes como sou espiritual... O Triângulo é demasiado tecnológico... A tecnologia do Triângulo parece que nos rouba a espiritualidade...

— Mas o Pentágono acredita em *Dons*...

— E então? O Triângulo acredita n’O *Deus Tecnológico* do Simão Roncon-Oom... E sabes, Brites?... São os *Dons* que parece que metem o Thomas dentro de uma cápsula. Parece que o protegem mesmo! Parece que os *Dons* veem, sabem e conhecem a tecnologia aqui na Terra e o inspiram-no, dão-no força para ele continuar aqui na Terra. Parece que lhe dão dicas, que lhe vão revelando onde há tecnologia capaz de roubar e transferir as coisas dele e onde não há essa tecnologia... Talvez, se não fosse o Pentágono e eu, ele já tinha posto termo à vida dele... Ele vive para mim e eu vivo para ele... Ele vive para o Pentágono e eu comecei a também viver para o Pentágono... Estar na pele dele pode ser um pouco frustrante... Parecer mesmo que tens uma tecnologia dentro de ti ou em cima de ti ou ao teu lado que vê e rouba tudo de ti... Pode ser frustrante... E o frustrante é tu não saberes de onde vem a tecnologia... E mesmo que só tenhas contra ti a *dark net*, se fores ao scanner da Administração Pública e o scanner não aceitar a tua obra, tu vais achar que até a Administração Pública e todo o Sistema Perfeito está contra ti. Porque não percebes a tecnologia. Sabes que existe, mas não percebes bem até onde é que vai. Às vezes, nem sei se o Thomas é um espírito, um legislador do tempo, um profeta, um *Don*... E que simplesmente a sua alma foi capturada pela tecnologia e

está numa autêntica prisão tecnológica... Mas é claro que, isto eu não lhe digo... Já lhe basta a *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari...

— Sim... Disseste que o curaste...

— Sim... Ele tem uma crença... E eu reforcei-a! Ele também via sociedades que o queriam aniquilar, sobretudo por causa da escrita tecnológica dele. Ou que o queriam aniquilar só a ele ou a ele e a mim também por ser o namorado dele, e claro, que isto, ainda lhe dava mais medo. Ele parece que está a apontar uma arma quando escreve. A escrita é a maior arma dele! Não há melhor que o talento dele! Não há melhor estratégia que a mente dele! Não há melhor braço direito que o amor dele! Não há melhor arma que uma caneta na mão dele! Eu não podia perder nem o amor, nem a mão dele! Porque é a mão dele que eu sinto! É a mão dele que eu vejo! Então, tive que lhe dizer que vim lá daquela *Sociedade Joviana* buscá-lo. Tive que lhe dizer que pertencia à *Sociedade Joviana* de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi. Tive que lhe dizer que eu era um *Don*. Porque ele “sabia” que se eu fosse um *Don* “estávamos” salvos e tudo iria dar certo. Sabia que para o Thomas, era importante ele acreditar naquilo. Então fi-lo acreditar.

— E é verdade?

— O quê?

— Que pertences à *Sociedade*?

— Qual sociedade?

— À *Sociedade Joviana*...

— Acreditas nessa sociedade?

— Acredito!

— Então, digo-te que sim! Que pertença!

— E se eu não acreditasse que ela existisse?

— Se não acreditasses eu não te poderia dizer que pertenceria a algo que tu sabes que não existe...

— Está um telefone a tocar...

— Não é telefone nenhum... É a minha campainha... Estou à espera de um técnico que vem cá instalar-me TV satélite e tirar-me aquela porcaria de antena que me instalaram...

— A mim também me instalaram, mas eu contratei uma nova que foi lá desinstalar-me... Talvez seja a mesma com que contrataste... Essas antenas matam-nos a todos... Sabias que só uma antena daquelas emite radiação até 500 metros? E que tens imensos casos de cancro nos intestinos, no estômago e no fígado, por causa dessas antenas?

— Sabia, graças ao *Jupiter* de Gabriel Garibaldi! Por isso é que contratei com outra operadora que me prometeu desinstalar essa antena. Já viste? Estamos em 2080 e em cada tecnologia, somos obrigados a analisar minuciosamente... Cada tecnologia mais parece uma armadilha... Quanto mais tecnológico, mais perverso e traiçoeiro para nós. Parece que o ser humano quanto mais tecnológico é, mais infiel é para o seu corpo. Quase que temos que tirar mestradinhos em tudo para podermos saber o que é que faz mal e o que não faz. Que tecnologias não fazem mal e que tecnologias fazem mal.

— É como aqueles novos legumes que “milagrosamente” nascem em vasos *supertecnológicos* em que são permanentemente emitidos com radiação. E as pessoas acham aquilo o máximo e compram e comem. Mas não sabem que a única radiação boa para as frutas, legumes e vegetais é o sol???? Porque é que estão sempre a inventar? Ainda se inventassem bem... Mas não... Só inventam para o mal... Parece que os cérebros das maiores empresas estão ligados, mas é a raiz do mal...

— E eu que tive que abrir uma nova cadeira na Escola Universal do Direito?... De Direito da Implantologia... Onde é que isto já se viu...? E porque é que tive que abrir essa cadeira? Porque o mercado obrigou-me a abrir essa cadeira... Tens pessoas a introduzirem todo o tipo de nanotecnologia dentro delas. Tens as empresas e os laboratórios a experimentarem pôr tecnologias dentro das pessoas e as pessoas aceitam-nas. O que tu mais tens hoje em dia é pessoas com implantes tecnológicos... Implantes de memória... Tecnologia espalhada pelo corpo todo. Primeiro espalharam a tecnologia pelas relações, depois pela casa, depois por todos os objetos com a Internet das Coisas, agora até espalharam pelo próprio corpo... As pessoas andam a meter tecnologias dentro delas... E eu, o que posso fazer? Vou montando casos de direito hipotéticos que depois se tornam reais...

— Que casos é que montas em direito da implantologia?

— Deixa-me só abrir a porta já te conto... Olá! Como está? Por favor, entre! Esteve muito tempo à porta?

— Ainda demorámos algum tempo a caminhar desde a sala onde estávamos... Mas viemos sempre a conversar... A casa do meu amigo Antoine é muito grande... Já vai ver...

— Desculpe lá!

— Não tem que pedir desculpa por ter uma casa tão grande e tão bonita!

— Ah! Muito obrigado!...

— Então, que casos é que montas?

— Vamos só chegar primeiro à sala Brites e deixar à vontade o senhor...

— Arthur...

— Arthur? Ah! É o nome do meu aluno favorito!

— Tens alunos favoritos?

— Claro que tenho... Todos os professores têm... Não o podem é dizer... Mas a ti digo-te que és o meu melhor amigo!

— Olhe, senhor Arthur... Se não se importar de deixar o seu telefone, por favor aqui dentro...

— Mas, porquê?

— Nesta casa, os telefones não passam daqui...

— Mas eu não vou fotografar nada... Está com medo que eu fotografe a sua mobília e diga ao Fisco e aos seus credores o que você tem aqui de valor dentro de sua casa?

— O senhor Arthur é muito engraçado... Felizmente, não tenho credores... Eu acredito que não vá fotografar nada, mas na minha casa os telefones não passam daqui, senhor Arthur... Se não se importar...

— Mas eu preciso do telefone, para depois fazermos a assinatura biométrica...

— Assinatura biométrica? Nem pensar! Eu não faço assinaturas biométricas com operadoras de telecomunicações. Oponho-me em entregar a minha impressão digital a uma operadora de telecomunicações... Não tem papel para eu assinar? Tem outra forma disponível para eu apor a minha assinatura, certo?

— A nossa empresa preocupa-se com o ambiente e por isso não imprime papel...

— Se a vossa empresa se preocupasse seriamente com o ambiente não encomendaria tanto material eletrónico, fazendo produzir todo o material eletrónico como os telefones e tablets que depois vos põem na mão cheios de tecnologias. Não tem um tablet para eu poder apor eletronicamente a minha assinatura? Já que a sua empresa não imprime papel reciclado, a sua empresa não lhe deu um tablet para os clientes poderem assinar?

— Sim... Mas tenho o tablet na carrinha... Teria que ir buscá-lo ou agora ou depois de fazer a instalação...

— Se a sua empresa se preocupasse seriamente com o ambiente não “mandaria fabricar” tablets para pôr nas mãos dos técnicos. Se a sua empresa se preocupasse seriamente com o ambiente imprimiria papel reciclado e não “mandaria fabricar” um tablet. Então, terá que ir buscar o tablet no final da instalação se quiser a minha assinatura...

— Eu deixei o tablet na carrinha, porque pensei que o senhor Antoine fizesse depois a assinatura biométrica, que eu com o telefone basta ir à aplicação que a minha empresa instalou neste telefone e era só o senhor Antoine pôr o dedo no ecrã e ficávamos logo despachados e poupava tempo a mim e a si... Que é como todos os clientes agora fazem e nunca ninguém se opôs... Isto nunca me tinha acontecido!...

— Ó Arthur?! A sua carrinha não voa? O seu tablet não voa? Chame-o, que eu abro a janela, para ele entrar... Por favor... Estamos em 2080!...

— O Brites é muito brincalhão, não nos leve a mal, Arthur! E eu percebo-o Arthur! É o seu trabalho, o Arthur segue os modelos e diretrizes da sua empresa. Eu sigo os meus modelos e diretrizes. Não sigo os modelos e diretrizes da sua empresa. Os outros clientes não se importam que a sua empresa tenha a impressão digital deles. Eu importo-me! Vivemos num ordenamento jurídico livre, não acha?

— Sim, claro... Cada um com as suas manias e ideias...

— Exatamente...

— Eu no final, vou lá buscar o tablet à carrinha e assinamos, não se preocupe, senhor Antoine.

— Obrigado, Arthur... Mas se não se importar de deixar, por favor o seu telefone aqui... “Cada um com as suas manias e ideias”... Não é verdade?

— Então, que casos é que montas em direito da implantologia? Fiquei tão curioso...

— Ah! Monto casos de hackers que interferem com a tecnologia que pessoas introduziram no cérebro e que lhes alterna completamente a noção da realidade...

— Essa cadeira deve ser brutal! Era capaz de voltar a ir para a faculdade só para ter essa cadeira... Isso é uma cadeira obrigatória em Direito?

— Não, é facultativa... Deixa-me só acompanhar agora um bocado a instalação, quero fazer-lhe umas perguntas... Então, Arthur?... Vocês têm muitas instalações por mês?

— Por mês?... Nós todos dias temos instalações...

— A sério? Vocês todos os dias têm instalações?

— Temos sempre...

— Todos os dias?

— Todos os dias, incluindo domingos e feriados...

— Mas têm o quê...? Uma instalação por dia, não?



— Não... 5, 6 instalações...

— Todos os dias?

— Todos os dias... E agora com o cruzamento de dados, uma pessoa se não pagar uma vez, nunca mais pode pôr uma boxe na vida mesmo com outra operadora... Porque as operadoras agora comunicam-se todas umas com as outras e têm listas negras...

— Ai, é? Mas essas listas negras não são permitidas...

— Ah, pois!... Mas eu já as vi... Nós sabemos quem é que são os clientes que não pagam e porque é que não pagam... Nós até sabemos os ordenados dos clientes e sabemos aqueles que não podem pagar e os que podem, mas não pagam, porque simplesmente não querem... Não é porque não podem... É porque não querem mesmo... Porque... Prontos... Há os que não podem pagar, não é? Que quase nem têm dinheiro para comer e num mês ficam mais apertados ou assim... E prontos... Esses, agente ainda percebe... E a operadora até fecha os olhos se a pessoa disser o motivo, só que tem é que explicar... Agora há aí uns cabrões que não pagam e depois querem instalar outra boxe de outra operadora e já não podem... Eu até já sei quem é que eles são...

— Ai, sabe?

— Sei... Eu já fiz um padrão...

— O Arthur já fez um padrão...?

— Já...

— Diga-nos lá, então, o seu padrão...

— Olhe, aqueles que ouvem música nos canais esquisitos são os primeiros a inventar desculpas para não pagar, porque dizem que já não ouvem os agudos, que a boxe está com som defeituoso e depois não pagam uns 5 meses para trás... Pois eu, persigo-os a todos...

— Quais é que são os canais esquisitos para si, Arthur? Para eu me lembrar de não ir lá parar e não calhar no seu algoritmo... Senão, já sei que depois persegue-me...

— São aqueles canais em que só mete violinos, violões, clarinetes, trompetes... E digo-lhe mais... Todos esses clientes que têm mulher em casa, gostam é dos trompetes, porque todos eles veem às escondidas os canais pornos gays, quando as mulheres não estão em casa...

— O Arthur não pode saber isso... Como é que o Arthur sabe isso...?

— Porque quando um cliente nos telefona, aparece logo as preferências do cliente. Eu já sei que quando é um cliente que vê o canal dos trompetes é um cliente que vai queixar-se dos agudos e vai pedir que um técnico vá lá a casa para reparar o som, que não precisa de reparo nenhum, digo-lhe eu... Mas é assim que eles começam... Já sei, que é um cliente que vai deixar de pagar e vai usar o serviço por mais uns 3, 4, 5 meses... E também bem eu vejo, sem ninguém me contar, que os que ouvem o canal dos trompetes são os mesmo que veem o canal dos gays...

— Ah, sabe lá se são os maridos ou os filhos... Se calhar, até são os filhos ou as mulheres, ou até os maridos veem esses canais com as mulheres... Não pode dizer isso assim, Arthur...

— Ah, posso, posso! Digo-lhe que quem ouve os trompetes, é porque gosta também de ver os outros trompetes... Não sei se me estou a fazer entender...

— Está, está...

— Olhe, senhor Antoine, não se esqueça que isto agora estamos todos ligados... Esta boxe grava tudo...

— Grava o quê? Os programas...

— E não só... Conversas...

— As conversas dos programas...

— Não! As conversas... Esta conversa que estamos aqui a ter já está a gravar...

— Então, mas está a instalar tecnologia em minha casa e está-me a dizer que a tecnologia que está a instalar grava aquilo que eu digo?

— Sim... Está no contrato... Ainda não leu?

— Nem preciso de ler. Desinstale tudo! Não vou celebrar contrato nenhum convosco! Leve-me essa porcaria daqui!

— O que é que se passou, Antoine?

— Brites, não estás a ouvir? O Arthur está a dizer-me que aquela boxe grava as nossas conversas...

— Oh! Isso é mais do mesmo...

— Mas tu sabias disto, Brites?

— Sabia... Está no contrato... Não o leste? És de Direito e não o leste?

— Também lhe faço a mesma pergunta, senhor Antoine. Então o senhor Antoine é de Direito e não lê os contratos? Tinha-me poupado o tempo que tive aqui a perder nisto... E agora o que é que eu vou dizer à empresa?

— Não precisa de dizer nada Arthur. Não disse que essa boxe está a gravar tudo o que dizemos? Então tire essa boxe da minha casa, leve-lhes a boxe, mostre-lhes a gravação e diga-lhes que eu vou intentar numa ação penal tecnológica contra eles, porque isto é um crime tecnológico! A sua empresa é uma empresa criminoso! Eu acompanho-o à porta, Arthur!

— Está um telefone a tocar...

— Ah!... É o meu... Vou ter que atender...

— «Olá! Tem uma nova gravação. Detetámos que o seu namorado teve uma interação na montanha. O algoritmo pontuou o

seu namorado como... BOM... O algoritmo não classificou nem como MUITO BOM... Nem como EXCELENTE... Porque o seu namorado deu algumas informações pertinentes de... GEOLOCALIZAÇÃO... GEOCRIAÇÃO... GEOCORAÇÃO... Detetámos que o ritmo cardíaco não se alterou durante a interação. O algoritmo adicionou as seguintes observações relativamente à interação: NENHUMA OBSERVAÇÃO. Relativamente à pessoa do seu namorado o algoritmo da análise de voz observou... UMA CONVERSA SINCERA E HONESTA... FOI FIEL... GRATUITO E DESINTERESSADO... Para ouvir a gravação por favor marque 1. No final da gravação, por favor, pontue o algoritmo dizendo se concorda ou discorda com cada uma das observações e em caso de discórdia, por favor explique-nos as razões para que possamos melhorar a análise das interações e de voz e melhorarmos a finalidade do nosso sistema.»

— Então, estás a falar com robots ou quê? Parece que estás a ouvir uma gravação...

— Estou a falar com o algoritmo do meu namorado...

— Estás a falar com o algoritmo do teu namorado????

— Sim... Estou a ouvir uma gravação dele...

— Dele de quem? Do teu namorado ou do algoritmo do teu namorado?

— Uma gravação que o algoritmo do meu namorado me enviou...

— E porque é que estás a ouvir uma gravação do algoritmo do teu namorado, ao invés de ouvires a voz do teu namorado?

— Assim é mais fácil... Ele escusa de me contar onde estive e com quem estive e o que aconteceu. O microfone do telefone dele grava tudo e envia-me automaticamente as interações mais pertinentes... Contratámos uma empresa...

— Que há uma empresa a fazer isso em 2080 e a divertir-se muitíssimo com os dados dos namorados não me espanta... Espanta-me é vocês terem aderido a isso... Terem deixado que essa empresa faça filmes de comédia romântica à vossa custa...

— A nossa relação melhorou muito depois de termos instalado os algoritmos desta empresa nos nossos telefones...

— A vossa relação melhorou muito depois de terem autorizado uma empresa a aceder ao microfone dos vossos telefones???? Estou sem vocabulário... Para mim isso é demasiado tecnológico, para não dizer... Ah! Sei lá... Não quero interferir... Vocês são dois adultos, é a vossa relação... Não me digas que a empresa também vos disponibiliza especialistas para se reunirem em sessões para discutirem o namoro de 3 em 3 meses... Isso ainda era mais fantástico... Mais surreal...

— Sim... O serviço de especialistas está incluído. Mas não é de 3 em 3 meses... É uma vez por semana...

— Uau... De facto... Estamos mesmo em 2080 e a minha capacidade humana para entender as novas tecnologias e as novas relações tecnológicas ficou em 2020... E os especialistas são robots?

— Robots ficava-nos mais barato... Mas nós preferimos ter um especialista de carne e osso...

— A sério? Quem diria... Essa empresa é legal?

— Claro que é legal... Que raio de pergunta é essa?

— Isso mete tantos dados ao barulho... Vejo aí tantos direitos de personalidade violados...

— É a tua opinião... Nós não nos sentimos violados nem lesados nos nossos direitos. E isso que defendes do direito dos dados enquanto direito fundamental e dos direitos de personalidade são tudo fantasias de um direito fantástico que tu quiseste e queres a todo o custo defender... Vives na fantasia... As relações evoluíram. Está tudo a evoluir. Tu e o Thomas é que parece que não querem evoluir... Digo-te mais, assim que instalámos o algoritmo nos nossos telefones acabaram-se as desconfianças entre nós... Já não temos ciúmes... Já não há aquele sentimento de ele me estar a trair ou de alguém estar a atirar-se a ele e ele a meter sorrisinhos e a favorecer a sedução do outro *cabrão*... Tu e o Thomas não sabem o alívio que isso é... A paz que isto pode gerar nas relações... Assim, sei sempre tudo o que se passa com ele de mais importante... O algoritmo não me envia gravações à toa. O algoritmo é uma tecnologia de ponta... A melhor do mercado... Envia as interações estranhas ou anormais... Ele reconhece os colegas de trabalho, diz-me se há um colega de trabalho que se faz mais a ele ou não e que o meu namorado nem lhe passa cartão... Isso é importante... Teres um algoritmo a dizer que a tua relação é perfeita, é porque a tua relação é mesmo perfeita... Tudo tem um algoritmo... Uma matemática. Uma fórmula. Vocês sabem qual é o vosso algoritmo? Sabem qual é a percentagem de felicidade da vossa relação?

A percentagem de sucesso no futuro da vossa relação? O algoritmo calcula a probabilidade da tua relação... Analisa cada discussão e interfere quando é necessário, para acalmar a discussão... O nosso banco não queria conceder-nos um *crédito à habitação para recém-casados*, porque viu que estávamos ainda há pouco tempo na relação, tinha visto umas discussões nossas na *Rede* e outras coisas que não sabemos porque carga de água o banco achou que nos pudéssemos zangar e divorciar... Tínhamos que dar mais provas que a nossa relação era estável... O banco também não achou piada ao facto de eu pertencer ao Triângulo e ele ao Trapézio... No seu entender, o banco achou que isso pudesse algum dia vir a transtornar a relação... Mas com o contrato com esta empresa de algoritmos, o banco já nos concedeu o empréstimo... Ficou convencido pelos algoritmos, que afinal a nossa relação tem tudo para dar certo... Até o banco ficou convencido, vê lá tu... É porque o nosso algoritmo é mesmo bom... E tu e o Thomas? Sabem se vai dar certo? Sabem se vai ser para sempre? Como é podem saber sem algoritmos que digam que sim, que vai dar tudo certo? Não podem... Afinal, qual é o vosso algoritmo? Não têm algoritmos...

— Já ouviste falar n'O *Algoritmo do Amor* do Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala?

— Se já ouvi falar? É o meu livro favorito!

— Então, sabes qual é o algoritmo do amor do Jaime e do Fred?

— Sim... É o próprio amor deles...

— Então, sabes qual é a tecnologia do amor do Jaime e do Fred?



— Sim... É o próprio amor deles...

— Achas que eles precisariam de aplicações, *softwares*, algoritmos, robots, especialistas ou empresas?

— Não...

— E achas que eles meteriam aplicações, *softwares*, algoritmos, robots, especialistas ou empresas entre eles? Achas que eles experimentariam ou tentariam sequer meter aplicações, *softwares*, algoritmos, robots, especialistas ou empresas no amor deles?

— Não...

— Pois, eu e o Thomas somos como o Fred e o Jaime d'O *Algoritmo do Amor* do Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala... Não precisamos nem nunca instalaríamos essa tecnologia. Nós somos a tecnologia! O nosso amor é que é a tecnologia! Dizes-me que a vossa relação melhorou porque acabaram-se os ciúmes e as desconfianças, desde que instalaram a tecnologia, porque vocês tinham ciúmes e não confiavam um no outro. Nós não sabemos o que é isso. Sou homem e tenho olhos na cara e sei que os outros homens acham o Thomas lindo de morrer como eu acho. Mas os olhos que tenho instalados na cara só olham tecnologicamente para a tecnologia do Thomas. Só me deixam olhar para ele. Eu só olho para ele! E sei que ele tem a mesma tecnologia instalada no coração dele e que também só olha para mim! Não precisamos de nenhum algoritmo que nos diga se estamos felizes ou se a nossa relação vai ter ou não sucesso, muito menos precisamos de um crédito de um banco que confie na nossa relação e olhe para nós e acredite que vamos ficar juntos para sempre. Basta aquilo que sentimos um pelo outro. É esse sentimento que nos diz que vamos ficar

juntos para sempre. O nosso sentimento é o nosso algoritmo! Nós não discutimos... Vocês passam a vida a discutir... Antigamente quem ouvia as vossas discussões era eu, o Thomas, a Áurea, a tua mãe, o teu pai, o teu irmão... Hoje, ao terem celebrado esse contrato com essa empresa e com esses algoritmos vocês partilham as vossas discussões. E as vossas discussões valem dinheiro no mercado de dados. Esse mercado ilegal que eu todos os dias tento combater... E tu vens dizer-me que eu vivo na fantasia e que o meu direito dos dados e dos direitos de personalidade são uma fantasia? As vossas discussões estão cotadas em bolsa. Sabes o que isso significa? Significa uma espampanante imprudência legal e uma negligência tecnológica de todos os utilizadores de tecnologias que todos os dias colaboram para a extinção dos direitos de personalidade... Os direitos de personalidade são uma espécie de direito ameaçadíssima. Em alguns ordenamentos jurídicos nem sequer existem, porque nunca existiram. Noutros estão já em vias de extinção. E noutros já se extinguiram. E eu nasci, e não vou deixar que empresas malditas e empresários malditos extingam um direito com o qual eu nasci. E tu vens dizer-me que eu vivo na fantasia e que o meu direito dos dados e dos direitos de personalidade são uma fantasia???? O Direito é uma pura fantasia do Homem. Foi o Homem que o inventou. Mas há melhores fantasias do que outras. Há fantasias que nos dão uma paz tecnológica e um sossego tecnológico numa Era tão tecnológica como a nossa. Esse Direito À Segurança E À Paz Tecnológica que *Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy importaram *alienigenamente* do *Júpiter* de Gabriel Garibaldi. Porque acreditaram nas suas fantasias... Pois são essas fantasias que eu também acredito e que eu, então, defendo! Mas tu queres lá saber disto... Queres lá saber dos teus direitos e dos meus direitos... Mas eu quero, pelo menos, saber dos meus direitos. Esqueces-te que lá por tu não te importares que uma empresa aceda 24 horas sobre 24 horas ao microfone do teu telefone, eu importo-me. E importo-me porque neste

momento, todo este meu direito intelectual está a ser violado por causa da tua tecnologia. Porque a tua empresa, os algoritmos da tua empresa estão-me a roubar isto que eu digo! Estão a roubar-me cada palavra que eu digo! É por isso, que cá em casa a regra de ouro minha e do Thomas é que os telefones ficam naquela caixa de cortiça no *ball*. Eu sei que como a tua empresa há mil outras empresas, mil outras aplicações cheias de algoritmos que as pessoas instalam nos telefones e permitem as aplicações terem acesso ao microfone e entrarem assim na vida real das pessoas. E a tecnologia que tens instalada nesse teu telefone está a entrar na minha vida real e eu não queria que nenhum dos teus algoritmos, nenhum dos teus empresários, nenhum dos teus psicólogos, nenhum dos teus especialistas entrasse na minha mente, soubesse o que eu penso, ouvisse isto que eu estou a dizer. A pergunta que eu te faço é: porque é que violaste a nossa regra cá de casa?

— Desculpa-me! Estava distraído... Mas eu tenho mesmo que ouvir agora a gravação, se não ela vai expirar... Podemos só ouvir a gravação e eu já ponho o telefone na caixinha de cortiça do *ball*? O Arthur do *Target – A Pegada Digital* do Ralf Kleba-Kodak é que também tinha a mesma *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari, tal e qual como tu... Também mandava todos os amigos porem os telefones numa caixinha de cortiça...

— O Arthur do *Target – A Pegada Digital* do Ralf Kleba-Kodak mandava os amigos porem os telefones na primeira gaveta da cómoda do *ball* que era revestida de cortiça... Não tinha caixinha de cortiça nenhuma como eu e o Thomas temos... E então...? A gravação da “interação na montanha” do teu namorado ainda está disponível ou o prazo já expirou?

— Como é que sabes que é uma “interação na montanha”?

— O som que sai da boca desses teus algoritmos é berrante, chocante...

«— Então? Estás a usufruir da ampla vista?

— Olá! Eu venho todos os dias para aqui... Por causa do pôr do sol. Daqui o pôr do sol tem uma vista privilegiada.

— Pois... Isso de ter uma vista privilegiada... Por acaso, nós cá temos vistas mesmo privilegiadas...

— Somos uns sortudos, uns privilegiados...

— Mas temos muitas outras vistas nesta cidade...

— Sim, temos muitas montanhas... Se bem que não podemos chamá-lhes montanhas, porque os geólogos resolveram classificar que só são montanhas a partir de 300 metros. E esta colina não tem 300 metros... Mas sinto-me tão alto aqui, que para mim isto é uma montanha!

— E para mim também. Pode não ser para os geólogos, mas é para nós... Então, eles chamam a isto uma colina...

— Sim... Mas eu chamo montanha...

— E eu! Eu venho para aqui às vezes passear o meu cão, por volta desta hora...

— Ai, sim? Nunca te vi por aqui...

— Estás a ver aquele sofá lá em baixo?

— Sim... Eu conheço-o...

— Fui eu que o trouxe para aqui... Quer dizer... Para ali... Estamos a ver o sofá de cima...

— A sério? Troxeste aquele sofá, mas de onde?

— Quer dizer... Não o trouxe... Puxei-o um pouco mais para cá... Ele estava naquele entulho...

— Que está mesmo ao lado do sofá...

— Pois... Puxei-o um pouco mais para cá... Pu-lo debaixo daquela árvore... Estás a ver?

— Daquela árvore que é uma oliveira... Sim... Puxaste mesmo um pouco... Estou a ver...

— Sim... Também fazes ginásio...?

— Se eu também?...

— Sim... Eu faço... Estou há três meses... Olha só como já tenho o meu corpo... E olha para o meu braço...

— Obrigado por me teres mostrado os teus abdominais, os teus peitorais e os teus bíceps, mas não era preciso...

— Não gostas?

— Gosto mais daquelas 3 montanhas ali ao fundo, estás a ver?

— Sim... Nunca tinha reparado nelas...

— Quem normalmente repara em músculos não repara em montanhas...

— Isso não é verdade...

— Estou a brincar... Claro que não é verdade! Podes reparar em músculos, em prédios, em árvores, em montanhas e em vistas como estas...

— Isso agora que tu disseste, fez-me lembrar o *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto... Já leste o livro?

— Tenho-o na minha mesinha de cabeceira... Já o li umas duzentas vezes... Costumo lê-lo quase todas as noites... Não me canso dele como não me canso desta vista e de subir todos os dias esta montanha para ver o pôr do sol.

— Também tenho uns quantos na minha mesinha de cabeceira...

— Que livros é que tens na tua mesinha de cabeceira?

— Tenho *Os Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke, *O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala e o *Júpiter* de Gabriel Garibaldi... Sou muito romântico e muito tecnológico como podes ver...

— Estou a ver...

— Pode ser que um dia possas ir lá parar...

— Onde?

— Ao meu quarto... Com outra vista privilegiada... Com vista privilegiada para a minha mesinha de cabeceira...

— Só se for parar à tua mesinha de cabeceira...

— Porquê? Estás a escrever um livro?

— Sim. “Como dar uma tampa a um ordinário na montanha...”

— Talvez não tenha sido muito sutil...

— Pois não...

— Tens namorado, é isso?

— Tenho marido. Sou casado.

— Já? Tão novinho... Agora anda tudo a casar-se tão cedo... Desde que os bancos lançaram o novo *crédito à habitação para recém-casados*, o pessoal que já namorava há imenso tempo começou logo a celebrar casamentos urgentes para recorrerem ao crédito e beneficiarem das condições... Foi por isso, que tu e o teu marido se casaram?

— Não foi só o pessoal que já namorava há imenso tempo. Casais de namorados só com meses de namoro foram celebrar casamentos urgentes que hoje custam uma fortuna e que hoje são hoje chamados em Direito os casamentos tecnológicos. Nesses casamentos tecnológicos tens que ter especialistas que vão avaliar o teu casamento.

Não vão impedi-lo, mas vão pontuá-lo a todos os níveis. Há até um “estado psicológico” do casamento. Há uma pontuação para a psicologia do casamento. São essas pontuações e esses *relatórios algorítmicos invisíveis* que vão ser cedidos gratuitamente aos bancos e os bancos consoante as pontuações dos especialistas do teu casamento concedem-te ou não esse novo crédito à habitação para recém-casados... A taxa de frustração dos recém-casados que viram o crédito recusado foi abismal, como foi abismal a taxa de sucesso do saque de dados de informação das relações dos recém-casados. Muitos deles agora estão a divorciar-se, em divórcios tecnológicos que custam uma outra fortuna. A história repete-se. Isto é a dízima que o Sistema Perfeito te obriga a entregar.

— Ah! Eu achava que tinha que ver com os anos do namoro e com aquilo que tu publicas na *Rede*...

— Também tem a ver... Tem tudo a ver. Basicamente, entregas ao banco a tua relação. Entregas todos os teus dados tecnológicos para o banco ver a interação com o teu namorado, que neste caso, já tem que ser marido. E depois de uma minuciosa análise, o banco decidirá se concede ou não o crédito. A partir da forma como tu estás perante na *Rede*, aquilo que tu publicas, os *likes* que tu fazes e respondes na *Rede*, o tempo que tu ficas a ver um tronco nu e a olhar para os bíceps de um estranho, quando tens um *profile* de “não solteiro”, tudo vai importar, porque os segundos que ficas a olhar, estão a contar e estão a gerar uma nova informação sobre ti... Porque através da câmara do teu telefone analisando algoritmicamente as tuas micro expressões é possível gerar-se uma informação sobre ti, que ficaste interessado naquele tronco nu ou naqueles bíceps...



— Ah!... Então, era por isso que não podias olhar para os meus bíceps... Nem para os meus abdominais... Nem para os meus peitorais... Mas nós aqui não estamos na *Rede*... Estamos na montanha... Estamos na vida real... Podias olhar à vontade...

— A vida real foi parar à *Rede*. A vida real está dentro da *Rede*. A vida real está presa pela *Rede*.

— A não ser que tenhas *lentes-cinema* que gravam aquilo que vês e enviem ao teu marido... Achas que ele era capaz de gostar dos meus bíceps ou dos meus abdominais...?

— Não uso *lentes-cinema*... Mas o meu marido provavelmente terá acesso a esta nossa conversa...

— Vais lhe contar?

— Eu não... Mas os algoritmos irão certamente a correr contar-lhe...

— Ah!... Instalaram algoritmos no microfone dos vossos telefones?

— Sim...

— Quer dizer... O teu marido instalou-te algoritmos no microfone do teu telefone? Isso parece uma cena de 2080...

— Instalámos! E nós estamos em 2080...

— Só se fores tu e o teu marido, porque a minha capacidade humana para entender as novas tecnologias e as novas relações tecnológicas ficou em 2020...

— Um dia, quando arranjares um marido também irás querer instalá-lhe algoritmos no microfone do telefone ou no microfone do auricular ou nas *lentes-cinema*... Teres um algoritmo a dizer que a tua relação é perfeita, é porque a tua relação é mesmo perfeita... Tudo tem um algoritmo... Uma matemática. Uma fórmula.

— Foi esse o reclame que vos convenceu a instalarem os algoritmos? Isso parece mesmo um reclame de uma empresa de algoritmos que quer instalar algoritmos nos microfones e nas câmaras... Mas aqui não há câmaras... Ele só nos pode ouvir... Se não tens *lentes-cinema* ele não vê através dos teus olhos aquilo que estás a ver... Por isso, não há stress em veres os meus abdominais, os meus bíceps e os meus peitorais... Vou mostrar-te outra vez!

— Quem disse que não havia câmaras?

— Claro que não há câmaras... Estamos numa montanha...

— O Sistema Perfeito mandou colocar câmaras nesta montanha... Não as vês?

— Onde?

— Olha ali uma... Outra ali...

— E está ali outra...

— E tem lá mais outra...

— E está ali outra!!!!

— E atrás de ti tens mais...

— Mas isto está cheio de câmaras porquê???? Nunca tinha reparado nelas...

— Os super-humanos não reparam nas supercâmaras... Só reparam nos seus super-telefones...

— Eu nunca mais venho para esta montanha!!!! Mas porque raio instalaram câmaras nesta montanha?

— A desculpa do Sistema Perfeito é por causa dos lixos e dos incêndios... O que não faz sentido nenhum. Porque nem com drones conseguem impedi-los, quanto mais com mil câmaras. Se quiseres mesmo incendiar é só pegares fogo numa parte onde não haja uma câmara. Se quiseres mesmo poluir é só deitares lixo quando nenhum drone esteja a sobrevoar. É só abrires os olhos. Não é com essa tecnologia que se combatem os incêndios e os lixos. E o Sistema Perfeito sabe muito bem disso. Mas também sabe que é para as montanhas que os do Pentágono sobem para estarem em contacto espiritual com os *Dons*. E o Sistema Perfeito quer apanhar esses contactos. Essas emoções. Também sabe que é para as montanhas que os do Pentágono sobem para verem o brilhante *Jupiter* de Gabriel Garibaldi. E o Sistema Perfeito quer capturar essas ciências. Essa astronomia.

— Mas isso é legal? Na Montanha Jupiter não há câmaras...

— Mas nós não estamos na Montanha Jupiter. Se o Sistema Perfeito tivesse lançado um concurso para um privado explorar esta montanha e a Jupiter Editions tivesse concorrido ao concurso para gerir e administrar esta montanha, não teríamos aqui câmaras... Mas o Sistema Perfeito lançou o concurso para uma empresa de segurança privada

instalar câmaras nesta montanha e não para um privado poder gerir a montanha sem câmaras. Quem gere esta montanha é o Sistema Perfeito. Por isso, é que há câmaras. É o Sistema Perfeito que diz o que é legal e o que não é legal. Se é o Sistema Perfeito que instala as câmaras ou manda instalar as câmaras ou autoriza instalar as câmaras ou abre concursos públicos para instalar as câmaras o que é que poderás fazer?

— Protestar!

— Protestar contra a tecnologia do Sistema Perfeito? Boa sorte para não ires parar à prisão tecnológica do Sistema Perfeito!... Eu só reparei nesse sofá que arrastaste 10 metros do entulho para ali com os teus fortes bíceps há pouco tempo, quando passei por ele para ver se aquele trilho tinha saída... Isto, porque fiz uma caminhada com os meus tios e com o meu marido até aquelas 3 montanhas. E queria primeiro fazer o trilho sozinho para ver se era bom... E como queria fazer o trilho por aqui, quando descí por aqui, para ver se o trilho era bom para a minha tia, passei pelo sofá. Depois passámos todos pelo sofá e achámos piada. A minha tia até se queria sentar nele um bocado à sombra, mas não lhe deixámos por causa das pulgas e das carraças.

— Aquele sofá não tem pulgas nem carraças... Ih!... Mas desceste com a tua tia por aqui?

— Por aí não... Pela outra descida...

— Ih!... Aquelas 3 montanhas têm uma vista incrível daqui e devem ter de lá uma vista também incrível... Tu vives onde?

— “Incrível” é teres dito na mesma frase duas vezes “incrível”... Sabes onde é a Casa dos Cavalos e Toiros Felizes? Se vieres a descer pela Casa

dos Cavalos e Toiros Felizes vão aparecendo umas casas... Vivo numa delas.

— Pois... A Casa dos Cavalos e Toiros Felizes é para ali... Pois...  
Exato... Estás muito perto daqui...

— E tu?

— Vivo nas Torres Fotovoltaicas.

— Eu vi as Torres Fotovoltaicas a serem construídas. Eu e os meus amigos sabíamos o código, então íamos para o terraço das Torres Fotovoltaicas, apanhar banhos solares e emitir energias positivas.

— Isso, há quanto tempo?

— Há muito tempo...

— E ainda te lembras do código?

— Já não... Entretanto o código já devo ter mudado.

— Posso dar-te o código... Mas quando fores para o terraço, tens que tocar o 4º esquerdo para eu também subir contigo... Já não te deves lembrar da vista...

— Lembro-me.

— Queres saber o código?

— Já não quero saber.

— Tu não costumavas ir para Cascais?

— Eu vou para Cascais, sim...

— Pois... Estás a tirar Direito, não é?

— Estou no mestrado, sim.

— Pois... Se calhar, já me tinhas dito... Para eu saber...

— Nós nunca tínhamos falado...

— Pois... Então, não sei como é que eu já sabia...

— Se calhar, lembras-te de me ver com os códigos na mão no autómato. Nós vínhamos no mesmo autómato para casa...

— Ah!... Afinal também te lembras de me ver no autómato... Já não é mau... Quer dizer que não te passei despercebido... Então, deves já estar no final da advocacia...

— Eu não quero ser advogado... Os robots-advogados já fazem tudo o que os advogados fazem...

— Então, vais ser juiz?

— Sim, gosto da magistratura.

— Pois, gostas de poder decidir o caso... Quer dizer... Vais estar a julgar, não é?

— Sim, se os *Dons* me deixarem, hei de estar a julgar no meu Tribunal Botânico.

— Boa sorte! Vou andando... Tive muito prazer em falar contigo.

— Como te chamas?

— Sou o Luís.

— Sou o Sousa.

— Não me vou esquecer.»

— Desculpa lá Brites, mas como é que o algoritmo classificou a interação?

— Classificou como BOM.

— BOM? Desculpa lá Brites, isto está fenomenal!... Já vi que o vosso algoritmo não percebe nada disto... Não tem olho para a coisa! Afinal, porque é que classificou como BOM e não como FENOMENAL?

— FENOMENAL não existe. Melhor que BOM é MUITO BOM e melhor que MUITO BOM é EXCELENTE.

— Então, porque é que o vosso algoritmo não classificou esta interação como EXCELENTE?

— Porque o Sousa deu informações pertinentes de geolocalização, geocriação e geocoração...

— As palavras que vos metem na cabeça e vos fazem dizer... E vocês dizem... Vocês adoram dizer... Vocês depois adoram dizer... Dizem as novas palavras tecnológicas com um prazer tecnológico... Que eu bem vejo... Que eu bem te oiço... O que raio é “geocriação” e “geocoração”?

— Geocriação é a localização da tua criatividade. Ao ouvir-te, o algoritmo deteta de que parte do teu cérebro vem exatamente a tua criatividade. Sabe localizar no teu cérebro qual é a tua fonte de inspiração. Ou seja, deteta o teu algoritmo, sabe em que é que tu te baseias ou naquilo que tu te baseaste para construir um pensamento, uma frase. Do mesmo modo que o algoritmo sabe, quem te está a ouvir também sabe. Quando o algoritmo diz que estás a dar uma informação pertinente tua de geocriação é o algoritmo a alertar-te que deves ser mais contido a falar. Geocoração é a localização da tua alma. É basicamente denunciaries onde tens o GPS posto da tua alma. Onde está o teu espírito. Onde deixaste o teu espírito. Quando tens conversas mais religiosas ou espirituais estás a abrir o teu coração e estás a dar, para quem te ouve, as suas coordenadas. Estás a dar as coordenadas do teu coração. Para o algoritmo isso poderá, às vezes, consubstanciar um *handicap*, por estares a revelar a um estranho os teus medos, tornando-te vulnerável ao estranho, por negligentemente permitires ao estranho brincar e mexer com os teus medos.

— Para ver se eu percebo esse vosso algoritmo... Quando o Sousa disse que será um juiz do Tribunal Botânico se os *Dons* o deixarem, ao dizer *Dons*, para o algoritmo, o Sousa está a dar uma informação pertinente de geocoração, porque acabou de revelar ao estranho e ao algoritmo que pertence ao Pentágono, é isso?

— Sim, exato...



— E o que é que mais o algoritmo disse?

— Disse que o ritmo cardíaco do Sousa não se alterou durante a interação...

— Já sabemos, pelo menos, que quando o estranho Luís levantou a camisola e mostrou os abdominais e os peitorais ao Sousa, isso não mexeu “nadinha” com o coraçãozinho do nosso Sousa, não é?

— Nem os bíceps mexeram... Por isso é que o algoritmo observou que o Sousa foi fiel, gratuito e desinteressado...

— Sobeja só saber se não foi a tecnologia que amedrontou o coração do nosso Sousa. Se não foi a tecnologia das câmaras e dos microfones e dos algoritmos que mandou ficar ali hirto o coraçãozinho do nosso Sousa...

— O que é que estás a querer insinuar com isso?

— Não estou a insinuar nada... O Sousa já sabe que o marido e os colaboradores da empresa dos algoritmos ouvem as interações dele; mas por acaso sabe, quem é que o vê através daquelas câmaras que foram instaladas na montanha que ele sobe e que eu subia desde sempre e deixei de subir desde que as câmaras foram lá instaladas? O Sousa sabe que o teu pai, sendo o Encarregado de Dados, tem acesso direto em tempo real com um espetacular zoom àquilo que se passa nas montanhas, porque o teu pai governa a tecnologia que há nas montanhas? O Sousa sabe que é o teu irmão, que lhe anda a sobrevoar e a fazer razias de drone, com os drones-polícia e a enviar-te os vídeos do teu marido em tempo quase real?

— Não vejo qual é o mal disso... O Sousa sabe perfeitamente que o meu irmão é da Polícia Tecnológica e que telecomanda drones-polícia...

— O mal tecnológico que fazes chama-se ilícita monitorização tecnológica e é um crime punido com pena de prisão tecnológica de 8 até 16 anos pelo Código Penal Tecnológico. O mal tecnológico que o teu pai e o teu irmão fazem chama-se abuso de poder tecnológico, que é igualmente um crime punido com pena de prisão tecnológica de 8 até 16 anos pelo Código Penal Tecnológico. Vocês numa espécie de triângulo perfeito estão a prender tecnologicamente o Sousa.

— Ninguém está a prender ninguém. O Sousa sobe à montanha porque quer. Sobe aquela montanha e não outras, porque quer. Ele sabe muito bem que foram instaladas câmaras. E nem por isso, deixou de ir para lá como tu...

— Porque não sabe que quem lhe vê por detrás da câmara é o pai do marido dele e que quem o sobrevoa de drone é o irmão do marido dele... Se ele soubesse, tenho a certeza que procuraria outras montanhas como eu fiz.

— Vou-me embora.

— Obrigado por me teres mostrado a tecnologia do teu algoritmo.

**\*\***

# Quarta-feira, 18 de setembro de 2080

— Bom dia! Antes de entrarmos no nosso caso eu trouxe-vos hoje um outro e que até poderá ter um pouco a ver com o caso anterior. Temos uma nova empresa de namoro que para “melhorar” a confiança e a fidelidade dentro do namoro, promete instalar um algoritmo no microfone e na câmara do telefone que vai analisar as interações e a voz com que nós participamos nas imensas interações do nosso tecnológico quotidiano, pontuando o nosso namoro, dando instruções, recomendações, enfim, participando na vida dos namorados.

— Isso é legal, professor?

— Devolvo-lhe eu a pergunta, Arthur. No seu entender, é legal?

— O Direito À Vida Íntima e Privada é um direito de personalidade fundamental e consagrado na nossa Constituição Tecnológica.

— E muito antes de ter sido consagrado na Constituição Tecnológica, já tinha sido consagrado no Código Civil de 1966...

— Mas nós estamos em 2080, Gusmão...

— Estamos em 2080, mas continuamos agarrados ao Código Civil de 1966, Évora! A tecnologia do Código Civil de 1966 é fortíssima! O Gusmão trouxe o Código Civil de 1966, mas queria dizer mais alguma coisa?

— Sim, queria, professor. Queria dizer que era verdade que o direito à vida íntima e a reserva da vida privada era um direito de personalidade fundamental que o Direito veda e proíbe a sua violação, mas que através do seu artigo 81º número 1 permite a sua limitação voluntária.

— E o que quer isso dizer Gusmão?

— Quer dizer que o Direito me deixa, eu, autolimitar os meus direitos de personalidade, deixando, por exemplo, que uma empresa explore os meus direitos de imagem que são também um direito de personalidade fundamental.

— Certo! Mas o Direito deixa assim sem mais que toda e qualquer empresa explore os nossos direitos de personalidade, Gusmão?

— Não...

— Então? O que é que o Direito diz sobre isso? Quer ler o artigo?

— “Toda a limitação voluntária ao exercício dos direitos de personalidade é nula, se for contrária aos princípios de ordem pública”.

— Ou seja...?

— Tem que ser legal...?

— Claro que tem que ser legal. Primeiro tem que haver um ato voluntário da própria pessoa. E um ato voluntário tem que ser a pessoa a chegar à empresa pelos seus próprios pés e a ler o contrato e lucidamente com plena informação sobre tudo, assinar pelas suas próprias mãos. É o que acontece por exemplo com as empresas de modelos. Os modelos que estão nas agências restringiram o seu direito à imagem, vendendo-o, mas porque assim quiseram, porque lhes é vantajoso, porque lhes assiste uma economia, há um benefício económico para ambas as partes. E esse benefício tem que ser de caras. E depois tem que ser uma exploração que seja lícita com um propósito que também seja lícito. A discussão que se coloca, desde logo, é se uma empresa destas, uma empresa de namoro, poderia ou não ser contrário ao princípio de ordem pública. Qual é que é o benefício real que os namorados vão tirar proveito do serviço desta empresa? Desta empresa que “vende” fidelidade e confiança? Mas a fidelidade e a confiança não são comercializáveis num namoro. Podem é ser negociáveis, mas têm que ser gratuitamente negociável e só entre as partes que fazem parte do namoro, que são os namorados. Estas empresas vão é destruir as relações, vão degastá-las, vão deprimi-las e vão vendê-las num grande mercado de dados que vai gerar e patrocinar as empresas de entretenimento, porque estas relações vão servir é para entreter os consumidores com novos filmes, novos livros, novos casos, novos dramas, novas psicologias, novas clínicas, novos especialistas, novos mentalismos e novas tecnologias. E será que há uma real consciência

dos clientes destas empresas nisto, quando assinaram os contratos e autorizam a instalação dos algoritmos e da tecnologia das empresas nos seus telefones? E, portanto, quando o Arthur está a ouvir o caso que eu estou a trazer-vos e o cérebro dele desperta logo para perguntar se este tipo de empresas é ou não legal no nosso ordenamento jurídico, é, pois, um despertar que vale e merece todo o acolhimento legal. Mas vamos supor que a Suprema Corte Tecnológica, o nosso tribunal tecnológico mais poderoso e que é capaz de destruir e proibir todas as tecnologias que circulam no nosso mercado e no Sistema Perfeito, não se teria pronunciado pela sua ilegalidade. Vamos, por isso supor, que esta empresa dos namorados era legal. E vamos supor agora que vocês e o vosso namorado ou namorada instalaram os algoritmos nos vossos telefones e sem o vosso namorado ou namorada foram dar um bonito passeio a uma montanha onde vão sempre “falar” com os *Dons*. Vamos supor que vocês são sem ninguém saber do Pentágono, e aparece alguém que vocês, em princípio, sabem que não poderá interferir com a vossa realidade, e como estão tão à vontade, sem querer, dizem que sobem sempre àquela montanha para estarem mais perto dos *Dons*. O vosso algoritmo ouviu e já gravou aquela informação sobre vocês. A primeira pergunta que eu vos faço é muito simples: será que a empresa de namoro está obrigada a informar o Sistema Perfeito que vocês afinal não são do Triângulo, mas são do Pentágono? A segunda pergunta que eu vos faço é também muito simples: será que a empresa de namoro pode ceder esta vossa informação a uma empresa autorizada de tratamento de dados? E a terceira pergunta que eu vos faço é: será que vos pode ser recusado um emprego pela Administração Pública por vocês não serem do Triângulo?

— Só as empresas autorizadas no tratamento de dados é que estão obrigadas a transferir todos os dados de informação para o Sistema Perfeito. Ou seja, só se a empresa de namoro fosse uma

empresa autorizada de tratamento de dados é que estaria obrigada a transmitir a informação ao Sistema Perfeito que um dos namorados era do Pentágono.

— Muito bem, Catharina. E consegue ver a tecnologia disso? Como é que tudo isso se processaria?

— É tudo muito automático. Pela análise de voz um algoritmo já consegue indiciar de quem é a voz, e por isso, conseguir imputar um diálogo a uma certa pessoa. Mas mesmo que a empresa de namoro não tivesse essa tecnologia, o algoritmo assim que ouvisse “*Dons*” associaria ao perfil do cliente que pertenceria ao Pentágono e numa transferência de dados para o Sistema Perfeito iria enviar o perfil com a nova indicação da convicção religiosa. Numa situação de concurso público lançado pela Administração Pública, assim que esse cliente da empresa de namoro concorresse, iria logo ser pré-eliminado, porque os algoritmos iriam ver que aquela pessoa pertenceria ao Pentágono e não ao Triângulo.

— Muito bem Catharina! Todos vocês conseguem ver com toda a clareza o que a Catharina acabou aqui de explicar? É importante que consigam ver. Vou dar-vos um outro exemplo, para conseguirem visualizar isto de outra forma. É importante que consigam visualizar isto. Imaginem o nosso cérebro. Imaginem que o nosso cérebro é um grande processador de dados. Imaginem que dentro do nosso cérebro, há milhões de gavetas com o nome de todas as pessoas que nós conhecemos. Cada pessoa que nós conhecemos tem direito a uma gaveta no nosso cérebro. O nosso cérebro atribui uma gaveta, atribuiu um processo. Quando nasce alguém dentro do Sistema Perfeito, o Sistema Perfeito abre um novo processo, abre um novo perfil e vai adicionando informações à medida que o bebé vai tornando-se numa

criança e depois num adulto. É o mesmo que o vosso cérebro faz. Quando conhece alguém abre uma nova gaveta. Mas o vosso cérebro é um pouco mais organizado e um pouco mais tecnológico que o processador, o cérebro, do Sistema Perfeito. Porque tudo aquilo que outras pessoas disserem sobre o vosso pai, a vossa mãe, os vossos namorados ou os vossos amigos, o vosso cérebro não vai a correr feito parvo a meter essas novas informações na mesma gaveta onde tem lá o vosso pai, a vossa mãe, os vossos namorados, os vossos amigos. O vosso cérebro não mistura informação. O vosso cérebro sabe aquilo que dizem sobre o vosso namorado; e se o vosso cérebro quiser mesmo guardar essa informação, não vai guardar na sagrada gaveta que tem do vosso namorado, vai criar uma nova gaveta ou para esquecer ou para contar ao vosso namorado, para se rir com ele. Não vai contaminar as sagradas gavetas com lixo e maldade dos outros. Com a informação viciada dos outros. Isto é o vosso cérebro. Imaginem que as pessoas são empresas. E as empresas vêm com novas informações sobre os perfis que vocês têm traçados. E depois ainda há empresas altamente tecnológicas que sabem mesmo a informação que vocês têm sobre certas pessoas, porque entram na vossa mente, *hackeiam* o sistema e conseguem modificar. É isto que as empresas conseguem fazer com o Sistema Perfeito. O Sistema Perfeito não tem a capacidade para ver o que é verdade e o que não é verdade, não tem sentimentos nem emoções para ver as coisas com o coração. O Sistema Perfeito recebe informação e consoante a nova informação, o que ele faz é atualizar os *profiles* que tem. Se uma empresa chega ao Sistema Perfeito com uma gravação de um cliente que estava nas montanhas para estar com contato com os *Dons*, pois é isso que o Sistema Perfeito vai receber. E são os algoritmos que fazem isto *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto. No Sistema Perfeito o nosso *profile* só cabe numa gaveta. No cérebro dos outros, a nossa personalidade cabe em muitas gavetas, porque há muitas gavetas sobre nós nos cérebros dos outros, gavetas



cheias de memórias, gavetas cheias de emoções, gavetas cheias de sentimentos, gavetas cheias de alegria, gavetas cheias de felicidade. Sim, Arthur?

— Queria responder à segunda questão que o professor colocou...

— Já nem me recordo da segunda questão, Arthur...

— Se a empresa de namoro poderia ou não ceder a informação que um dos namorados acreditava nos *Dons* a uma empresa autorizada de tratamento de dados...

— Ah! É verdade... E pode?

— Sim...

— E se vocês fossem advogados de um desses namorados que vos dizia que, sem querer, disse que acreditava nos *Dons* e agora está com receio e não queria que o Sistema Perfeito ficasse a saber que ele acreditava nos *Dons*?

— Poderia exercer o seu Direito Ao Esquecimento ou revogar a limitação voluntária dos direitos de personalidade, podendo solicitar a imediata destruição de todos os dados de informação que a empresa detivesse sobre ele, porquanto toda a limitação voluntária seja sempre revogável quando a limitação voluntária dos direitos de personalidade seja legal.

— Muito bem. E se uma empresa autorizada de tratamento de dados já tivesse recolhido os dados da empresa de namoro, mas ainda não tivesse passado os dados ao Sistema Perfeito?

— O namorado poderia “perseguir” os seus dados de informação que tivessem sido cedidos a outra empresa e exercer junto dela o seu Direito ao Esquecimento, interrompendo, nessa sorte o circuito de dados.

— Será que poderia mesmo Arthur? Não há uma obrigação legal das empresas autorizadas no tratamento de dados enviarem os dados tratados ao Sistema Perfeito?

— Sim há... Mas era preciso que os dados já tivessem sido tratados para se impor essa obrigação legal à empresa autorizada no tratamento de dados...

— Ou seja...?

— Até os dados serem devidamente tratados o Direito Ao Esquecimento poderia sempre ser exercido...

— Mas afinal, o que é que quer dizer “até os dados serem devidamente tratados”?

— Até se fazer um *profile*... Até se estabelecer ligação da informação de um dado com o *profile* real de alguém...

— Muito bem Catharina. Até se ter completado uma correspondência tecnológica. É como se fosse preciso que duas peças do puzzle tivessem sido unidas. Não basta ter as peças do puzzle soltas, porque isso é o que acontece no processamento. No processamento estou a criar novas peças, novas informações, mas depois tenho um conjunto de informação, tenho uma confusão de informação. Imaginem que quero mobilar uma casa. No processamento só estou a criar a mobília e à medida que vou criando a mobília, vou pondo-a toda

em entulho, uma em cima da outra, vou mandando-a para uma gaveta, imaginem esta gaveta como uma sala em 3 dimensões. Mas nem sequer consigo andar nesta gaveta, nesta sala de 3 dimensões, tenho que primeiro arrumar a mobília, organizar a informação, montar o puzzle. Não basta ter “*Dons*”, no *profile* de alguém, tenho que associar que aquela pessoa acredita em *Dons*. Porque senão nem poderia dizer *Dons*, seria uma palavra proibida, porque sempre que dissesse haveria um ditador algoritmo que ditaria que só por eu ter dito *Dons* que eu acredito nos *Dons*. Ora, o tratamento é o puzzle montado. E é esse puzzle que nos desenha um *profile* que todas as empresas estão obrigadas a enviar para o Sistema Perfeito. E a terceira pergunta que eu vos tinha feito...

— Era se nos poderia ser recusado, pela Administração Pública, um emprego por nós não sermos do Triângulo?

— Obrigado, Catharina! E então?

— Sim, poderia.

— E o que é que a Catharina poderia fazer perante a recusa?

— Poderia pedir à Administração Pública que fundamentasse a recusa...

— E a Administração Pública iria dizer-lhe que recusou por causa do algoritmo...

— Poderia tentar investigar a origem do algoritmo...

— Sim, mas como?

— Poderia perguntar se o algoritmo em que a Administração Pública se baseou proveio ou não de algum tratamento ou processamento de dados feito por uma entidade empresarial...

— Muito bem, Catharina! Estou a gostar imenso de ouvir o seu raciocínio tecnológico... E se a Administração respondesse que sim?

— Então poderia solicitar a origem e atacar o tratamento ou o processamento...

— Como? No caso em concreto, conseguiria?

— Acho que sim... Poderia dizer que o meu cliente só disse aquilo nas montanhas porque queria impressionar ou seduzir o outro que sabia que acreditava em *Dons*...

— Muito bem Catharina... Depois iria era arranjar um novo problema com o namorado do seu cliente... Mas seria uma hipótese... Ou simplesmente dizer que disse que acreditava em *Dons* porque lhe apeteceu, ou porque estava com os copos ou porque tinha fumado um charro, enfim, nós somos poços de criatividade... É por isso, que eu vos digo que o futuro da advocacia vai ser nisto. Em conseguir dismantelar os algoritmos. Esta nossa cadeira do Direito ao Algoritmo serve para vocês conseguirem pensar na ciência que está por detrás do algoritmo.

— Professor! Parece que o algoritmo está a bater à porta...

— Em 2080... Só faltava mesmo era os algoritmos baterem à porta, Catharina...

— Eu estou a ouvir um algoritmo a bater à porta, professor...

— PAI!? O que faz aqui?

— Ah! Deixe-me entrar...

— Pai! Ainda estou a meio de uma aula... Vai ter que esperar lá fora...

— Era o que mais faltava! Essa é boa! Fui eu que fui o fundador desta escola! Era o que mais faltava ficar agora à porta. Ena...! Tantos!... Que cadeira é esta?

— Direito ao Algoritmo, Senhor Fundador da Nossa Escola de Direito...

— Ah! Eu não fundei essa cadeira... Aliás eu proibi essa cadeira de existir... Quem é que a fundou?

— Fui eu pai... É a Catharina, uma das minhas alunas. Catharina, é o meu pai...

— Porque é que o Senhor Fundador da Nossa Escola de Direito proibiu a cadeira de Direito ao Algoritmo? É a minha favorita...

— Trouxe aqui umas cartas que eu escrevi ao sistema quando eu tinha 28 anos... Se o vosso professor de Direito me der a liberdade de as ler, verão porque quis proibir a cadeira de Direito ao Algoritmo...

— O Senhor Fundador da Nossa Escola de Direito escreveu cartas ao Sistema Perfeito?

— Quando eu tinha 28 anos, Catharina, ainda não existia o Sistema Perfeito. Quando eu tinha 28 anos vivia em Santarém e estudava em Lisboa na Faculdade de Direito. O “meu” sistema era a Câmara Municipal de Santarém e a Faculdade de Direito de Lisboa. Eram antigos entes da Administração Pública que agora pertencem ao Sistema Perfeito...

— Pode ler a carta que escreveu à Câmara Municipal de Santarém? Hoje já não existem câmaras municipais... Pois, não?

— Não, Catharina. Como sabe, o Sistema Perfeito extinguiu-as. Leia lá a carta, então, pai...

— E extinguiu-as muito bem, que elas não serviam afinal para nada. Só sabiam era meter dinheiro aos bolsos, mandar abater árvores, fazer contratos com as empresas dos amigos e dos tios e dos primos e dos cunhados e instalar câmaras de vigilância. Esta que eu vos vou ler foi escrita foi escrita no dia 23 de maio de 2020:

«Bom dia,

Na sequência do assinado protocolo entre a Câmara Municipal de Santarém e o Comando Distrital de Santarém da Polícia de Segurança Pública (PSP) para um projeto de câmaras de vigilância a operarem nas vias públicas do centro histórico de Santarém, com o objetivo da PSP ficar responsável pela visualização e monitorização das imagens em tempo real, bem como da conservação e tratamento de dados recolhidos, venho como natural e residente de Santarém manifestar a minha indignação junto desta Comissão contestando veementemente o projeto e pedindo à Comissão que não dê parecer favorável a isto. (...)

» — Ah! Desculpem lá, afinal esta carta não foi para a Câmara Municipal... Foi para a Comissão Nacional de Proteção de Dados... Mas tenho aqui outras duas que escrevi para a câmara municipal, por causa de uns abates de árvores... Posso ler-vos antes uma dessas...

— Não, pai! Leia lá a da Comissão... Parece-me que essa sua carta tecnológica esteja conectada com esta cadeira, talvez esteja mais ligada ao Direito ao Algoritmo... Por isso, continue a ler essa...

«O fundamento deste projeto de vigilância segundo o presidente da Câmara Municipal, visa "criar um efeito dissuasor da prática de diversos ilícitos criminais, dando maior segurança aos comerciantes, moradores e visitantes do Centro Histórico da Cidade, incluindo a zona da Ribeira de Santarém", na citação do presidente achada no jornal regional "Mais Ribatejo" datado de 21 de Maio de 2020 com o aberrante título "Centro histórico de Santarém vai ter sistema de videovigilância", como se o projeto já tivesse tido alguma "Luz verde" da Comissão, numa convicção de título que só revela a falta de sensibilidade e de visão que transparece sobre o assunto, como que se fosse a câmara municipal ou a PSP a poderem decidir sobre o processamento e tratamento de imagens dos cidadãos.

Não conheço a realidade à volta do distrito de Santarém. O distrito de Santarém é enorme com imensos concelhos e abrangendo outras cidades. Mas conheço muito bem a realidade da cidade de Santarém, porque vivo nela. E ao viver nela, posso dizer que é uma das cidades mais seguras do país. Não há taxa de criminalidade, porque não há crime! É uma cidade pacata, sossegada e tranquila. Todas as pessoas se

conhecem. É uma cidade muito pequena. Não faz sentido nenhum montarem-se sistemas de vigilância com câmaras. Pode haver um ou outro problema com um específico grupo num específico estabelecimento comercial à noite, por causa do consumo do álcool ou de estupefacientes. É um problema transversal que existe em todas as cidades e vilas e é um problema que se resolve com patrulhamento. O centro histórico fica a 2 passos da esquadra da PSP, basta um pequeno patrulhamento para dissuadir eventuais ilícitos criminais. É com a presença física da PSP que se consegue combater o crime e não com câmaras. As câmaras não resolvem nada! Santarém não é nenhuma Londres! Não temos que copiar o que vemos lá fora, só por copiar. Temos que ser sensíveis à realidade e não nos pormos a limitar direitos, liberdades e garantias constitucionais só porque sim e a inventar fundamentos!

Se queremos tanto imitar o estrangeiro e copiar modelos tecnológicos, devemos pôr os olhos em cima dos países mais sofisticados. Em 2016 a Suécia proibiu o voo de drones com câmaras de videovigilância, porque os equiparou a câmaras de vigilância voadoras. Era isto que devíamos fazer e não instalar câmaras de vigilância por todo o lado. Não é por estarmos numa altura pandémica que isso nos legitima a termos drones a voarem na praia para controlar o aglomerado de pessoas. Isso não serve como desculpa! Se queremos controlar as pessoas na praia é a Polícia Marítima que tem que fazer patrulhas na praia a cavalo, de bicicleta ou a pé. Não é fazer a patrulha através de drones nem de câmaras de vigilância. Ter drones por cima de nós a voar como ter câmaras espalhadas dão cabo dos nossos direitos de personalidade, matam o nosso direito à imagem, o nosso direito à liberdade de expressão e de movimentos e chocam com o direito à reserva da vida privada.



São múltiplos os casos, para além do britânico que a videovigilância através das câmaras não reduziu o crime como em Atenas e Berlim e que noutros casos surgiu um efeito de "reality show" por quem operava as câmaras como em Milão.

Não faz sentido nenhum virmos restringir as liberdades de movimento e limitarmos os direitos de personalidade que são direitos constitucionalmente consagrados. Porque haver uma câmara faz com que eu não me expresse como quero e faz com que eu limite os meus movimentos. Na Rua Pedro de Santarém (na chamada Rua do Matadouro) o Restaurante tipicamente ribatejano de há 144 anos instalou uma câmara por cima da porta do restaurante que apanha toda a via pública. Essa câmara é ilegal e deve ser imediatamente retirada! Aproveito assim para denunciar neste email esta câmara de vigilância. Esta câmara foi instalada nas medidas gerais de prevenção para os estabelecimentos comerciais em que os restaurantes tinham que estar fechados, podendo funcionar em regime de *take-away* em que servia à porta. Formaram-se filas de clientes à porta deste restaurante na hora do almoço. O que é que este restaurante que existe há 144 anos fez? Resolveu instalar uma câmara que filmasse permanentemente as filas à porta do restaurante. Isto não faz sentido nenhum! Isto é um crime! É um aproveitamento que se está a fazer da inocência e ingenuidade das pessoas. É brincar com os direitos das pessoas. É interferir e invadir nas esferas jurídicas de todos. E este restaurante que existe há 144 anos invadiu também a minha esfera jurídica, porque agora obriga-me a passar sempre para o outro lado da estrada, porque eu não quero que este restaurante tipicamente ribatejano, que não é nenhum banco legal

de dados, processe e trate a minha imagem. Porque não tem nada que tratar.

Aproveito o presente email para denunciar mais 5 câmaras de vigilância em Santarém. Uma delas pertence a um particular, que é a casa nº 58 na Rua Abreu Afonso que tem uma big câmara a apontar diretamente para toda a via pública, filmando qualquer pessoa que aí passe, conforme o *screen shot* do *Google Maps* enviado em anexo "cam1", que se vê a câmara do lado direito da imagem. As outras 4 câmaras pertencem a entidades privadas, a saber:

- i) a da empresa de eletricidade na Avenida Dom Afonso Henriques, em que se vê a câmara instalada por cima das letras do logotipo da empresa;
- ii) a da empresa de alarmes na Avenida Engenheiro António José Souto Barreiros Mota que faz perpendicular com a Avenida Dom Afonso Henriques;
- iii) a câmara instalada nas traseiras das Piscinas Municipais do Sacapeito que está a filmar diretamente a entrada e saída de pessoas num jardim (nas traseiras das piscinas fica um jardim);
- iv) ainda na Avenida D. Afonso Henriques a câmara da instituição de crédito, enviando-se também em anexo "cam3".

Aproveito também este e-mail para denunciar a padaria sita na Rua Pedro de Santarém, em frente ao W Shopping de Santarém, que tem um aviso à porta a dizer que procede à gravação de imagens e som não

identificando quem é o responsável pelo processamento e tratamento de dados e que me espanta a finalidade ou legitimidade que este estabelecimento tem para gravar as conversas dos clientes e dos trabalhadores!!!!!!!!???????

Fica assim cumprida a minha missão na minha melhor ciência de reportar todos estes casos à Comissão Nacional de Proteção de Dados.

Não me quero alargar muito em considerações jurídico-fundamentais, mas queria trazer a minha ciência jurídica para a reflexão do assunto sendo licenciado em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa e tendo um Curso Avançado de Inteligência Artificial e Direito. Certo é que, o direito à segurança é um direito constitucional como os direitos de personalidade fundamentalíssimos para o desenvolvimento livre da personalidade de cada indivíduo. E no choque de direitos constitucionais em que vamos sacrificar uns para proteger ou dar aplicabilidade direta e imediata a outros, só o podemos fazer na medida do indispensável e sempre na razão do princípio da proporcionalidade. É preciso atender às características próprias do meio, aos habitantes da cidade, antes de se decidir, se faz ou não sentido instalar câmaras numa cidade que é pacata e sossegada e se as câmaras não vêm só desassossegando o sossego, calma e tranquilidade de que se vive nela. É preciso explorar a fundo o que está verdadeiramente por detrás dos interesses das cabeças que querem montar o reality show à custa e sacrifício da imagem e da vida real das pessoas. Porque se o que está verdadeiramente por detrás é a estratégia de segurança, então que se faça mais patrulhamentos da polícia. É só saírem da esquadra e darem uma volta que o centro histórico é mesmo

à frente, a 2 passos da esquadra e muito bonito para se deambular nele à noite. Eu que não sou polícia, patrulho-o todas as noites e não me canso de o patrulhar!

Não é justificável a instalação de câmaras de videovigilância em nenhuma parte de Santarém!

Espero que este meu email mereça o melhor acolhimento da Comissão Nacional da Proteção de Dados.

Cordialmente,»

— Uauuuu!!! E o que é que a Comissão Nacional da Proteção de Dados respondeu?

— Até hoje, Catharina, não me respondeu...

— Mas também agora já não lhe pode responder, paizinho... O Sistema Perfeito tirou-lhe de vez a voz.

— Nunca teve voz quando mais era preciso! Eu não ouvi nem um pio dela sobre isto. Ficou simplesmente calada. E perante o seu silêncio, eu fiquei impávido e sereno. Hoje, a nova Comissão Nacional dos Dados, trazido pelo Sistema Perfeito, funciona bem.

— Pode ler-nos outra carta, Senhor Fundador da Nossa Escola de Direito?

— Sim. Vou ler-vos a que enviei à Faculdade de Direito em 2020, por causa do vírus tecnológico... Por causa do vírus tecnológico de 2020, as primeiras faculdades a fecharem foram a de Direito e a de Medicina. Até aqui muito bem. Não sei agora como é que é no vosso tempo, mas no meu, os professores enviavam-nos os casos práticos por email para nós resolvermos em casa e para depois na aula apresentarmos os casos. A maior parte dos alunos, senão todos, lia em voz alta aquilo que tinha escrito, era assim que apresentava o caso que tinha resolvido. Tínhamos dois métodos de avaliação. O método A e o método B. Método A era a avaliação contínua em que 50% da nossa nota refletia os casos práticos que nós resolvíamos e os outros 50% era da nota que tínhamos de um exame escrito que chamávamos “frequência”, porque não tinha a matéria toda do semestre. A sua presença nas aulas práticas era obrigatória. Passávamos à cadeira se tivéssemos 12 valores de avaliação contínua. Senão tínhamos que ir a exame escrito, que ia fazer média com a nota de avaliação contínua que levávamos para o exame e ter uma nota final mínima de 10 valores. Para quem gostava de resolver os casos práticos em casa e apresentar na aula o caso, participando oralmente o método A era o ideal.

— O quê? O exame escrito fazia média com a nota de avaliação contínua?

— Sim, Catharina...

— O quê?... O exame escrito valia 50% da nota final?

— Sim, Catharina...

— Isso não era uma avaliação muito justa. Pelo menos, não era uma verdadeira avaliação contínua.

— A nossa Faculdade de Direito não era muito justa... O método de avaliação era muito atacado, tanto por alunos como por professores...

— O nosso método de avaliação contínua é muito mais justo e verdadeiramente de avaliação contínua. A nossa nota é mesmo uma avaliação contínua. Não temos exames finais obrigatórios. Estamos todos os dias em exame. Cada participação conta. O nosso conhecimento é avaliado continuamente e não num exame, ainda por cima escrito, com a duração de uma, duas ou 3 horas... Nós temos é exames escritos e exames orais facultativos para melhorar a nota. Para dar oportunidade aos alunos de se poderem expressar melhor da sua melhor forma possível...

— Os nossos exames eram horríveis, às vezes eram 50 minutos, noutras cadeiras era uma hora, noutras uma hora e meia... Mas era horrível!... A nossa nota depender de um exame escrito, ignorando e descartando todo o semestre, tudo aquilo que já tínhamos demonstrado que sabíamos. Só com a Nova Psicologia trazida pel'*Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy é que se extinguiram os esgotamentos cerebrais, os níveis elevados de stress e ansiedade que naturalmente viciavam os exames e tão-só beneficiavam os alunos mais tecnológicos que tinham melhores telefones e tablets onde procuravam muito rápido as respostas às perguntas dos exames. Depois tínhamos o método B; era sem aulas obrigatórias, tínhamos a matéria, sabíamos quais eram os manuais indicados, podíamos ir ou não às aulas teóricas... Só tínhamos que fazer um exame final e ter 12 valores. Se tivéssemos 8 valores ou 9 valores, já não me lembro, éramos admitidos

a oral de passagem que ia fazer média com a nota do exame e tínhamos que ter nota final positiva. Ora, com o vírus tecnológico de 2020 o que eu esperava era que com o chamado novo “ensino à distância” tivéssemos que enviar por email trabalhos, como comentários a acórdãos dos tribunais ou a resolução escrita dos nossos casos práticos. Mas não... Se queríamos continuar inscrito em método A, tínhamos que estar nas aulas virtualmente obrigatoriamente em videochamada. Isto para mim foi um escândalo de dados! Um verdadeiro escândalo! Era o que mais faltava uma faculdade, ainda por cima de Direito, obrigar-me a estar numa videochamada, em que a minha imagem e voz está a ser gravada e que o professor podia ficar com a gravação daquilo que eu dissesse na videochamada para sempre. Era o que mais faltava um professor tornar-se dono dos dados da minha voz e da minha imagem! Era o que mais faltava um professor ter acesso à minha casa, à minha privacidade, à minha intimidade através da câmara do meu telefone ou do meu computador. Nem uma mobília, nem uma parede, nem uma roupa, nem um quadro eu tinha que mostrar. Eu estava em minha casa! Não tinha que mostrar nada! A Faculdade de Direito estava ludibriada com o Zoom e com o Skype. Os professores todos estavam maravilhados com o mundo das tecnologias. Não percebiam nada de tecnologias. Alguns, nem com uma *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari ficariam lúcidos em relação às tecnologias. Eu sabia muito bem que o Zoom tinha tido uns grandes escândalos de dados. Um dos piores, é que se noticiou que o Zoom tinha “passado” dados ao governo chinês... O governo que caso tivéssemos uma dívida no banco, os amigos que nos telefonassem seriam avisados que nós éramos devedores do banco e que seria melhor desligarem a chamada sob pena de verem a sua pontuação a baixar e de não poderem comprar um bilhete de avião da China para fora! Mas mesmo que isto fosse mentira, eu não gostava da ideia de através do Zoom, o professor, ou o patrão, ou o entrevistador, ou o organizador da videochamada ou

videoconferência ser considerado o “anfitrião” e poder controlar os dados, ficando com os dados em seu poder das gravações. E numa legítima e lúcida *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari escrevi no dia 12 de março de 2020 à diretora da Faculdade de Direito, reencaminhando o mesmo email propositadamente a 3 professores de quem gostava muito:

«Senhora Diretora da Faculdade de Direito de Lisboa,

Escrevo-lhe o presente e-mail para demonstrar o meu profundo desagrado relativamente ao método de aulas à distância, numa nova experiência tecnológica de teleescola, que foi decidido, pelo menos, a duas cadeiras de 4º ano: Direitos Fundamentais e Direito Do Trabalho II, e nessa medida venho requerer nos seus poderes que lhe competem para que interrompa este "circuito de dados".

O meu profundo desagrado simplesmente se debruça não de um capricho, mas de um direito fundamental: eu não querer fazer uma transmissão via Skype, não querer que a minha imagem seja transmitida através de uma câmara, que a minha voz seja gravada e analisada por sofisticados algoritmos que a Skype e a Zoom detêm, que a minha imagem e a minha voz fiquem sujeitas a uma experiência de "nuvem" e fiquem armazenadas numa "nuvem" que não terei qualquer domínio, nem qualquer controlo.

Quando os senhores professores, às vezes pela inocência ou pela falta de sensibilidade em relação à ciência dos dados e à ciência tecnológica veem estas "novas funcionalidades" como uma boa alternativa e que devemos aproveitar as tecnologias, eu entendo perfeitamente o entusiasmo e compreendo perfeitamente que o interesse principal, senão o único, é, pois, o assegurar as aulas. No entanto, quando usamos



tecnologias, é importante estarmos completamente lúcidos sobre as consequências e todos os direitos que ficam em xeque.

Em anexo envio a Política de Privacidade da Zoom com sublinhado meu (a marcador amarelo). A Skype foi comprada pela Microsoft e a Microsoft alterou a sua política de privacidade para poder monitorizar e analisar as conversas através de algoritmos, mas também através de cientistas e analistas de dados (esta informação pode ser consultada em [https://expresso.pt/economia/economia\\_tecnologia/2019-08-09-Conversas-de-Skype-nao-sao-assim-tao-privadas-Microsoft-admite-que-trabalhadores-escutam-chamadas-e-comandos-da-Cortana](https://expresso.pt/economia/economia_tecnologia/2019-08-09-Conversas-de-Skype-nao-sao-assim-tao-privadas-Microsoft-admite-que-trabalhadores-escutam-chamadas-e-comandos-da-Cortana) e ainda em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-08/microsoft-muda-politicas-de-privacidade-para-monitorar-audios>. As vídeo chamadas do Skype não são criptografadas conforme um relatório da Amnistia Internacional relativamente à proteção da privacidade (a notícia sobre o relatório pode ser consultado a partir de [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/21/tecnologia/1477036260\\_191452.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/21/tecnologia/1477036260_191452.html)).

Quando eu decido usar o Facebook ou o Instagram, eu estou esclarecido sobre a Política de Privacidade e tenho liberdade de escolha para caso entenda, ainda assim, inscrever-me. No entanto, nenhuma empresa, nenhuma instituição, nenhum banco, nenhum Estado, nenhum Governo me pode obrigar a inscrever-me no Facebook ou no Instagram. A mesma coisa com o Skype ou com o Zoom. O Skype e o Zoom usam tecnologias de análise de voz e análise de imagem que pode ser completamente inofensivo, até para um jurista, que por exemplo, não domine a ciência de dados.

A Zoom é uma plataforma de vídeo e áudio conferência online para empresas, profissionais e coletivos que necessitam de manter reuniões sem que a distância seja um impedimento. A Zoom funciona diretamente desde o navegador, mas também conta com *app* para iPhone/iPad, *app* Android, complemento de Outlook e extensões para navegador.

Saiu uma notícia-escândalo recentemente sobre a Zoom que demonstra a vulnerabilidade do software ou da *app* uma vez instalada no computador ou no telefone, possibilitando que, sem o utilizador saber, a câmara inicie transmissões de vídeo pela mão de um hacker, de um site ou de uma tecnologia. Para que não haja estas surpresas e um utilizador possa usar "em segurança" o Zoom, é necessário desativar certas funcionalidades que um utilizador comum não tem domínio, nem sequer tem que ter. Depois dessa notícia-escândalo, a Zoom veio responder que conseguiu "reparar o sistema" e que "agora já é mais seguro". (A notícia-escândalo pode ser consultada em <https://mundoconectado.com.br/noticias/v/9709/falha-de-seguranca-do-zoom-app-permite-que-qualquer-site-abra-video-chamadas-em-imals>). Independentemente de reparado ou não o que eu sei é que eu não tenho que confiar mais nesta empresa e não tenho que ser obrigado a submeter-me às suas tecnologias ou às suas "experiências tecnológicas". E julgo que um professor de Direito, não pode sujeitar os seus alunos a estas tecnologias, a estas experiências tecnológicas em nuvem.

Eu que não tenho nenhuma aplicação instalada no meu computador nem no meu telefone, não concedendo autorização do microfone e da minha câmara a nenhuma aplicação ou software, e que durante anos andei a defender este "meu direito" e que sempre tentei escapar-me ao processamento e tratamento de dados em nuvem do Big Data, acho profundamente ingrato que agora no 4º ano ironicamente na cadeira de Direitos Fundamentais, tenha que me submeter a este processamento de dados e a ter que me submeter a tecnologias que gravam a minha imagem e a minha voz e pior, se tornam detentoras da minha imagem e da minha voz, podendo "livremente" transferir os meus dados de empresa para empresa. Ter que explicar isto a um jurista ou a um professor que em nada está à vontade com a Inteligência Artificial e com a Ciência de Dados pode ser muito frustrante. No entanto, a informação está disponível, por exemplo, em recentes cursos de Inteligência Artificial e Direito, como num curso avançado que eu frequentei. E provavelmente num ou noutro ponto também se abordará ferramentas parecidas como estas, Skype e Zoom, para a pós-

graduação do Curso de Inteligência Artificial e Direito Penal que terá lugar na Faculdade de Direito de Lisboa.

Bem sei a situação pontual e emergente que vivemos, mas isso não merece que eu deixe de ser lúcido em relação aos meus direitos e em relação ao processamento de dados e ao desenvolvimento dos algoritmos e da sofisticação da Inteligência Artificial e tenha que me sujeitar a tecnologias destas que significam uma violação ao direito que tenho em defender os meus dados, à minha imagem, à minha voz, à minha intelectualidade. É um direito fundamental eu poder opor-me a este processamento de dados. É um direito fundamental eu poder não querer ser gravado nem na minha imagem, nem na minha voz! Afinal, pergunto, que diferente é isto de um professor levar uma câmara e um microfone para as suas aulas e gravar as aulas e ficar com o poder desses dados? É que como anfitrião do Zoom é isso que o professor pode fazer, pode controlar os dados e a gravação. Mas mesmo que não controlasse, eu poderia sempre opor-me a ser gravado, a ser ouvido, a que a minha voz e o meu raciocínio ficasse numa nuvem da Internet, podendo ser analisada e tratada por uma empresa de dados.

Escandaliza-me muitíssimo ter que escrever isto.

Se um professor-regente levar um GRAVADOR para uma aula plenária, em que só ele está a "debitar" matéria, não me parece que isso viole qualquer direito meu enquanto aluno, porque eu nem sequer vou falar, nem sequer vou participar. MAS UM PROFESSOR-assistente NÃO PODE LEVAR UM GRAVADOR PARA A AULA E GRAVAR UMA AULA PRÁTICA SABENDO QUE OS ALUNOS VÃO PARTICIPAR (SE NENHUM DOS ALUNOS FOI INFORMADO)! E mesmo que os alunos fossem informados, isso não consubstancia uma escolha. Há uma inerente obrigação porquanto se não participar (porque estou a ser gravado, ou estou a ser transmitido em vídeo) não tenho avaliação contínua. Por outras palavras, se eu não der dados de voz ao "professor-anfitrião" para que ele faça com os dados o que ele quiser eu não tenho nota. E isso não é justo! Não é

justo esta posição com que eu me vejo colocado por um professor de Direitos Fundamentais da Faculdade de Direito de Lisboa.

Quando eu me inscrevi em método A, foi num método em que sei que as aulas são presidenciais e não são gravadas (i)licitamente. Caso contrário, nunca me teria inscrito. Doutro modo, não posso ficar excluído de fora só porque sou lúcido e inteligente em relação à tecnologia. Não é para isso que a Internet serve. Não serve para me discriminar. Ou pelo menos, não deveria.

Há outras hipóteses alternativas como enviar os casos por email, por exemplo. Como enviar comentário de acórdãos por email como noutras cadeiras bem se aplicou!

Muito em resumo: não tenho que tornar o meu PC vulnerável. Não tenho que ter Internet em casa, que por acaso não tenho mesmo, nem tenho que ir a correr contratar uma operadora para ter Internet em casa, não tenho que ter um computador com câmara nem com microfone. Não tenho que ser obrigado a estar numa transmissão de vídeo. Não tenho que ser obrigado a ser gravado. Não tenho que ser obrigado a estar conectado à Internet. E “ser obrigado” é o mesmo que se não estiver, então estou excluído.

Eu não tenho Internet em casa. Não tenho o Skype instalado, nem tenho o Zoom instalado, nem quero instalar nem o Skype, nem o Zoom. Não quero participar numa transmissão de vídeo. Não me inscrevi em nenhuma teleescola. Mas quero justamente continuar inscrito em Método A a Direitos Fundamentais e a Direito do Trabalho II e ter avaliação contínua, sem ser obrigado a fazer transmissões de vídeo por um professor que por estar tão entusiasmado e tão lubrificado com as maravilhas da Internet não está ainda sensível para a Ciência dos Dados, e para o Big Data.

Da melhor maneira que eu soube escrever,

Peço deferimento.

Cordialmente,»

— Uauuuu! E o que é que a diretora respondeu ao Senhor Fundador da Nossa Escola de Direito?

— Até ao dia de hoje ainda não respondeu. Mas dou-lhe ainda a chance de ouvir o seu direito de resposta. Sou feito de ouvidos. A única coisa que todo os alunos receberam por causa do escândalo de dados da Zoom, foi um email do departamento informático a tranquilizar todos os alunos, a falar dos “players” do mercado, que eram tudo notícias que faziam parte das jogadas do mercado, enfim, a fazer de conta que um assunto tão grave e importante como este fosse levado na desportiva na linguagem leve de “players” de mercado e tal, como se os “players” fossem só uma brincadeira e não interferissem na nossa vida real e não a alterassem e virtualizassem por completo... Só ainda fiquei mais enervado!

— O Senhor Fundador disse que tinha enviado em anexo a política de privacidade da Zoom com sublinhado seu...

— Pai, é o Arthur...

— Muito prazer, em ouvi-lo Arthur! Terei todo o prazer em ler-lhe. Ora, o meu sublinhado foi:

«Política de Privacidade atualizada em 4 de maio de 2018 (...) Esta política abrange o site da Zoom, zoom.us, aplicativos móveis e clientes de desktop e é aplicável em todo o mundo. Para ver práticas de privacidade quando os clientes usam nosso aplicativo e serviços baseados na nuvem, consulte a [Política de Privacidade do Serviço da Zoom](#).

Esta política descreve nossas práticas de manejo e como coletamos e usamos os Dados Pessoais que você fornece nas interações on-line

(...)

Apenas processaremos seus Dados Pessoais se tivermos uma base jurídica para tal. As bases jurídicas para o processamento incluem (...) nossos "interesses legítimos" (...)

Compartilhamos seus Dados Pessoais na Zoom e suas empresas afiliadas e com prestadores de serviços externos para fins de processamento ou armazenamento de dados.

Também compartilhamos seus Dados Pessoais com parceiros comerciais, (...)

Em alguns casos, podemos optar por comprar ou vender ativos. Nesses tipos de transações, as informações dos usuários normalmente são um dos ativos comerciais transferidos. Além disso, se nós ou substancialmente todos os nossos ativos forem adquiridos ou se encerrarmos o negócio ou declararmos falência, as informações dos usuários serão um dos ativos transferidos ou adquiridos por terceiros. Você reconhece que essas transferências podem ocorrer e que qualquer pessoa/entidade que nos adquira a nós ou a nossos ativos pode continuar a usar seus Dados Pessoais conforme estabelecido nesta política.

(...)

## Zoom Rooms -- Gravações de Reuniões

Se você usar um recurso dos Produtos que permite gravar (definido abaixo), coletamos informações fornecidas por você em conexão com a utilização desse recurso e por meio dessas Gravações, na medida em que você nos fornecer essas informações. Essas informações podem incluir Dados Pessoais, se você nos fornecer Dados Pessoais.

***Para os anfitriões*** -- Ao instalar ou usar o software Zoom Rooms ou qualquer outro software, ferramenta ou recurso da Zoom que permita a gravação de reuniões ou webinars (cada uma, uma "Gravação"), você reconhece e concorda que você e sua empresa são responsáveis por (i) notificar claramente todas as pessoas (sejam ou não usuários da Zoom) que estejam presentes em uma reunião ou webinar (pessoalmente ou remotamente) (cada um, um "Participante") para o qual você faz uma gravação de que tal reunião ou webinar pode ser gravado e (ii) obter o consentimento necessário para tal gravação, conforme exigido pelas leis, regras e regulamentos aplicáveis, incluindo, sem limitação, as leis de privacidade de dados. Ao fazer uma Gravação de qualquer reunião ou webinar usando qualquer produto da Zoom, você e sua empresa declaram e garantem que (a) você recebeu consentimento legalmente suficiente de todos os Participantes para tal gravação antes de iniciar uma Gravação, (b) usarão, armazenarão e processarão tais Gravações de acordo com todas as leis, regras e regulamentos aplicáveis, incluindo as leis de proteção de dados e (c) armazenarão e restringirão o acesso a tais Gravações usando salvaguardas técnicas e organizacionais apropriadas. **Qualquer pessoa e/ou entidade que fizer uma Gravação de uma reunião ou webinar será o controlador dos dados dessa Gravação e a Zoom será o processador de dados da Gravação.**

***Para os participantes*** – Esteja ciente de que, nas reuniões ou webinars on-line que você frequenta, as Gravações podem ser ativadas pelo anfitrião da reunião ou webinar. Ao se registrar nos serviços da Zoom ou usá-los de alguma forma, incluindo, sem limitação, participar de qualquer reunião ou webinar da Zoom, você reconhece expressamente que a Zoom, se instruída pelo anfitrião da reunião, pode fazer e

armazenar Gravações de reuniões ou webinars da Zoom e pode disponibilizar essas gravações aos anfitriões e a outros Participantes por determinação do anfitrião. Será enviada uma notificação aos Participantes que se conectarem a uma reunião ou webinar por meio da plataforma baseada na Web da Zoom e será enviada uma notificação de áudio aos Participantes que apenas se conectarem por telefone. Um anfitrião também pode enviar uma notificação de áudio aos Participantes que estiverem conectados à plataforma Web, desde que você não possa receber essas notificações se as desativar nas configurações da conta, pelo que deve confirmar isso antes de cada reunião ou webinar se quiser receber as notificações. Se não quiser ser gravado, você pode escolher sair da reunião ou do webinar.

### **Transferência e Armazenamento de Dados Pessoais**

Nossos Produtos são hospedados e operados nos Estados Unidos ("EUA") por meio da Zoom e de seus prestadores de serviços. Podemos transferir seus Dados Pessoais para os EUA, para qualquer afiliada da Zoom em todo o mundo ou para terceiros atuando em nosso nome para fins de processamento ou armazenamento. Ao usar qualquer um dos nossos Produtos ou fornecer quaisquer Dados Pessoais para qualquer um dos propósitos declarados acima, você concorda com a transferência e armazenamento de seus Dados Pessoais, fornecidos por você ou obtidos por meio de terceiros, para os EUA, conforme estabelecido neste documento, incluindo a hospedagem de tais Dados Pessoais nos servidores dos EUA.»

- Isto é uma Política de Privacidade, professor?
- Sim, Arthur... Em 2020 as políticas eram assim...





— Ah, Thomas!... O meu pai hoje apareceu-me na sala de aula, com cartas tecnológicas e começou a lê-las aos meus alunos...

— A sério? Os teus putos devem ter adorado o tio Antoine...

— Adoraram... Devias ver o meu pai... Parecia um carteiro que tinha entrado ali na sala de aula... Um carteiro do tempo... Vá lá...! Que neste tempo, ainda bateu à porta e não entrou pela janela da sala num carro voador...

— Não tenho carta para pilotar... O meu piloto sempre foi o Jakob... Nunca precisei de tirar a carta de piloto. Eu gosto é de ir a ver a paisagem... Há paisagens que vamos a ver e não nos conseguimos esquecer... Quando tive que sair de Sagres a correr para Lisboa, a correr de comboio, os nossos comboios em 2020 já eram muito rápidos... Demorávamos a chegar a Lisboa de comboio 4 horas e 20 minutos. Agora com o Expresswagen, de Lisboa a Lagos são 20 minutos. E são 20 minutos, porque vai devagarinho ali pela Meia-Praia de Lagos para vermos como é bonito o mar. E a paisagem de 2020 é a mesma que 2080. Na altura quando saí de Sagres e fui apanhar o comboio em Lagos para ir para Lisboa, a viagem foi horrível porque estava um calor desgraçado e tínhamos que fazer a viagem de máscara, por causa do vírus tecnológico de 2020. Eu ia a escrever durante a viagem, ia a ver novas discussões, porque eram pessoas que não aguentavam o sufoco da máscara e os outros passageiros denunciavam, insultavam e mandavam colocar a máscara, eram novas máscaras tecnológicas que pareciam capacetes e feitas de um material que faziam lembrar o tablier de um carro luxuoso com grandes respiradores que pareciam ventiladores e davam um ar e um andar altivo aos novos super humanos tecnologicamente mascarados e depois já eram as máscaras tecnológicas que se conectavam às roupas e às luvas inteligentes que detetavam o vírus... Já se tinha achado a vacina, mas afinal para a ciência de dados estas novas tecnologias eram mais

interessantes e mais importantes. Mas antes de se ligar isto, outras coisas já tinham sido ligadas e eu tinha que andar a ligar o Direito a todas as novas tecnologias numa simples viagem de comboio. Antes de poder ir a deslumbrar-me com a travessia pelo caminho de ferro que tinha sido instalado no extenso areal da Meia-Praia sempre paralelo com a linha do mar e ter visto as imensas asas de kitesurf que se sobrepunham e se atropelavam umas às outras na flamante paisagem que projetava o bonito espetáculo em cima da ria de Alvor, logo a seguir à Meia-Praia, “subindo” o Vale de Lama, aparece-me o revisor. Quem tinha comprado o meu bilhete online tinha sido o Jakob, que em Lisboa esperava-me cheio de tusa. Estava ele cheio de tusa à minha espera e estavam dois rapazes cheios de tusa no meu vagão que não tiravam nem os olhos nem o telefone de cima de mim, como autênticos *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke, que pareciam que iam sentados estrategicamente como se estivessem num tabuleiro de xadrez e que parecia que comunicavam tecnologicamente à distância um com o outro através do telefone e iam enviando e explorando os meus sensuais ângulos. O Jakob tinha associado o bilhete ao meu número de telefone e eu levava o bilhete no meu telefone numa SMS que os Comboios de Portugal, Empresa Pública Empresarial, me tinha enviado. Era essa a SMS que eu teria que mostrar silenciosamente ao revisor. Assim que o revisor me perguntou pelo meu bilhete e eu comecei a tirar o meu telefone dentro da mochila para lhe mostrar a SMS com o meu bilhete, simplesmente o revisor perguntou-me se eu era o Antoine. Os dois rapazes ficaram com as antenas no ar. Eu disse que sim e o revisor pronunciou o meu apelido em alto e bom som pelo vagão todo. E eu sorri-lhe. Fiquei logo a pensar que aquela Internet de Coisas em 2020 já levanta inúmeros problemas de privacidade. O nome identifica-me altamente. E se eu tiver um nome conhecido, mas quiser passar despercebido com uns óculos escuros, um novo penteado, um chapéu, o meu disfarce pode ser logo levantado só pelo pronunciar do meu nome. Pessoas que vão a viajar num vagão e que não fazem ideia que alguém “conhecido” viaja com elas no mesmo vagão não têm que ser alertados da presença de alguém pelo próprio revisor. Não gostei e senti-me desconfortável. Para além de que, fiquei a pensar como é que o revisor tinha chegado ao meu nome se eu estava num comboio que

não tinha lugares marcados e o comboio já ia com muitos passageiros... Sabia que o Jakob não tinha enviado nenhuma fotografia minha, mas não sei se ele teve que preencher algum campo com a minha idade e perante os dados de todos os passageiros, talvez a minha idade aparente fosse a que fizesse “match” com o meu nome... Mas um revisor não é um analista de dados. Não lhe compete esta análise, por muito divertida que possa ser. Depois tive que trocar para outro comboio com lugares marcados. Nesse comboio o revisor também adivinhou o meu nome, mas nesse comboio “achei mais normal”, mais imediato porque eu estava sentado no lugar marcado “do Antoine”. Lembro-me que o segundo revisor, mais novo que eu, depois de ver o Jakob como wallpaper no fundo do meu telefone e ver que eu tinha um namorado sem ele estar ali, antes de eu chegar ao SMS para lhe mostrar o meu bilhete, tocou-me na mão, dizendo que não era preciso eu estar à procura da SMS e perguntou-me pelo meu nome mais baixinho que o primeiro revisor. Ele não podia ter-me tocado na mão, muito menos numa altura em que estávamos com o vírus tecnológico espalhado por todo o lado. Numa *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari, temi que aquele toque tivesse por detrás a intenção de uma chipagem. Foi como se o sentisse a penetrar-me com o seu chip. E não o senti só a ele. Tecnologicamente, consegui também sentir mais um dos outros *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke que conseguiu ouvir, mesmo baixinho, o meu nome. Já a chegar a Lisboa, em que sabia que o Jakob estaria à minha espera na estação, tirei o telefone da mochila e liguei os dados móveis para ver se tinha alguma coisa e vi que tinha 3 mensagens em 2 aplicativos sociais diferentes. Tinha recebido um boneco com os “olhos apaixonados” e um “hey” dos *Cavaleiros Tecnológicos* do outro comboio e pela hora que enviaram as mensagens constatei que deveriam ter enviado no minuto logo a seguir. E quando abri outro aplicativo social, mesmo à minha frente, tinha um convite para entrar num filme com um dos *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke daquele novo comboio, que dizia “Hey, Antoine! A viagem vai ser longa. Estou à tua frente. Tenho Netflix... Podemos ir a ver um filme, se quiseres, claro... Também tenho namorado...”, com um boneco no final da mensagem a piscar o olho. Isto foi em 2020. Era assim que já estávamos em 2020. E queriam ligar ainda mais as coisas. Queriam-me conectar ainda mais a tudo e

todos? Eu não queria estar conectado nem a tudo, nem a todos! Numa outra *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari, enquanto escrevia tudo isto em tempo real num novo género literário de escrita monitorizada, tinha que estar sempre a interromper a minha escrita, o meu pensamento, porque tinha que estar sempre a virar o meu caderno ou a passar folhas, porque depois era o revisor que passava vezes sem conta de um lado para o outro com o seu telefone super tecnológico na mão a querer capturar-me o cérebro que eu representava no meu caderno tecnológico; que só era tecnológico, porque criticava numa escrita muito minha tecnológica a tecnologia, não era nenhum caderno inteligente ligado à Internet que pudesse ser hackeado por algum daqueles *Cavaleiros Tecnológicos* que deambulavam num passo inventado de sedução tecnológica por aquele vagão cheio de tecnologia. E eu, que só me queria era chegar aos braços tecnológicos do Jakob *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto. Todo aquele corpo tecnológico do Jakob que parecia um robot que se ligava perfeitamente ao meu corpo tecnológico é que fazia disparar o meu coração tecnológico. Mais nenhuma tecnologia. A minha tecnologia sempre foi o Jakob. Da saliva tecnológica dele eu conseguia sentir o sabor dos genes dele. Eram os genes dele que me davam uma tusa tecnológica descomunal. E era só por ele! Só por ele! Só por ele, é que eu tinha ido para Sagres, só por ele é que eu tinha saído de Sagres a correr e só por ele é que eu tinha voltado numa outra corrida a Sagres.

— O tio escreveu sobre todas essas corridas?

— Todas, Thomas. Estão todas entregues aos cofres da Jupiter Editions, à espera de serem publicadas.

— Mas afinal, porque é que o pai foi para Sagres? Nunca soube...

— Em 2081 eu conto toda a verdade.

— Porquê só em 2081, tio?

— Porque 2080 está ligado a 2020, como 2081 está ligado a 2021. As histórias ligam-se. Também elas têm uma Internet. Fui para Sagres em junho de 2020. E fiquei lá por Sagres, à espera do Jakob. O Jakob tinha ficado com a Medicina em Lisboa. Estava a tentar ter uma boa nota para ter uma boa especialidade. Foi assim, que fui parar às mãozinhas dele. Foi ele que tratou o meu tumor cerebral, em San Francisco, sem robot Da Vinci nenhum, só com as suas mãozinhas de neurocirurgião. Quando o Jakob conseguiu criar um 2º neurónio-motor super tecnológico capaz de substituir a função do 2º neurónio e capaz de fazer sair da cadeira de rodas os doentes que tinham tido uma lesão na coluna e tinham rasgado o nervo que vinha do cérebro até às pernas, foi convidado para San Francisco. Como nós sabíamos que havia sempre ondas a darem debaixo da Golden Gate, lá fomos os dois para San Francisco. Quando me retirou o tumor, retirou-me também o chip que eu trazia. Parecia que as mãozinhas dele já se tinham ligado ao meu cérebro. Ou se calhar, de tão tecnológicas que eram as mãos dele, porque as mãos dele davam-me uma tusa descomunal e de tão interferirem com o meu cérebro, acabaram por enlouquecer algumas das suas células... Mas o que é importante, é que, se foi ele que me deu o cancro, também foi ele que me curou. Eu fiquei doente por ele. Eu era doente por ele. Era drogado por ele. Era viciado por ele. Larguei todos os meus vícios quando o conheci. Todos. Quando isto acontece, só uma coisa quer dizer: era o amor certo. Só quando largamos todos os vícios é que sabemos que temos à nossa frente o amor certo. Porque quando amamos, nós não temos outros vícios senão o vício do amor. E de tão viciados que éramos um no outro, sabíamos que tínhamos que estar separados para os nossos sonhos irem todos avante! Tínhamos calculado bem as coisas. Calculámos bem. Mas calculámos sem grande esforço. Simplesmente pegámos no globo, rodámo-lo e vimos onde queríamos ir, onde queríamos estar. Eu sabia que estava numa missão. Sentia-me um verdadeiro missionário da Jupiter Editions. Porque havia

uma palavra para passar. Havia uma mensagem importante. Havia um tesouro que a Jupiter Editions tinha encontrado e queria partilhar. Mas havia regras para esta partilha. A partilha tinha que ser feita com os bons, os inocentes e os esperançosos. Os que se atreviam a mergulhar conosco. Vimos que havia um mapa escondido nos livros da Jupiter Editions. Vimos que cada livro era uma peça do puzzle e que todos os livros numa Internet Muito Espiritual das Coisas se ligavam. Mas os autores estavam todos ligados, sem querer, e sem saber? Será que os espíritos dos autores tinham invadido e apoderado o mesmo corpo? Porquê aquele corpo? O que haveria de especial naquele corpo? Haveria alguma tecnologia implementada naquele corpo? Começámos a ver uma verdadeira matemática em cada livro que ia chegando à Jupiter Editions. Foi por isso, que ainda não publiquei muitas das coisas que eu queria. Elas estão todas entregues aos cofres da Jupiter Editions e a seu tempo serão publicadas. Porque a matemática que tínhamos achado, dizia qual é que era a história que deveríamos imprimir. As histórias têm mesmo um tempo. Têm mesmo uma formidável matemática. É assim que elas se ligam com a própria órbita. E assim que, a Jupiter Editions lançou novos planetas no espaço sideral e viu a fantástica órbita que os ligava, só pôde lançar novos planetas que matematicamente visse que se ligariam naturalmente à Internet dos Planetas. Vimos este tesouro e quisémos escondê-lo no fundo do mar. Porque sabíamos como era o mercado. Sabíamos como era a dark net do mar tecnológico que só mostra pontas de ice bergs e a ponta mais pontiaguda da cordilheira rochosa. Vimos nas rochas negras de xisto o esconderijo perfeito para escondermos o baú do tesouro. E sem querer, tínhamos desenhado o mapa do tesouro. E eu estava em Sagres a tentar esconder o tesouro da Jupiter Editions. Parece que já tinha visto a Jupiter Editions a subir num barquito à vela e simplesmente vi-a, dali, de Sagres muito subtilmente a navegar num oceano super tecnológico, super regrado, super regulamentado, super competitivo, cheio de

piratas e cheio de surfistas, a levar consigo o baú do tesouro. Eu não via os piratas. Mas sabia que existiam. Os surfistas, como todos, eu via-os. E eu via todos os mercados a fazerem-se aos surfistas. Via tudo a fazer-se aos surfistas. Até via os algoritmos a disputarem pela atenção dos surfistas. Via os anúncios algoritmizados a disputarem pela atenção dos surfistas. Sempre fui apaixonado pelos surfistas. Pelos surfistas e pelos skaters. Não pelos hackers. O Jakob conquistou-me duas vezes: a primeira de skate na mão e a segunda de prancha na mão. Normalmente, os skaters não são hackers. Porque o passatempo dos skaters é o skate. Como o passatempo dos surfistas é o surf e o bodyboard. Mas o Jakob era o meu hacker. Ele hackeou-me o coração e eu vi-o a hackear-me e simplesmente deixei. Mas deixei, porque não me hackeou com o telefone. Hackeou-me com o espírito e com a mente dele. O Jakob não podia ter-me hackeado com o telefone, porque ele era obviamente desligado do telefone. Se ele não fosse desligado do telefone e não fosse tão ligado à vida, eu nunca me teria apaixonado por ele. Os verdadeiros surfistas são desligados dos telefones, porque sabem que o mar é tecnológico e não ousam medir a força tecnológica do mar com a força tecnológica do homem. Os verdadeiros skaters também são desligados de toda essa tecnologia artificial, de toda essa tecnologia de Inteligência Artificial. Para os skaters as amizades não são artificiais. São sinceras, humanas. A tecnologia deles chama-se skate, não se chamava telefone nem tablet. Mas, enfim... Começou-se a ver skaters a *skatarem* com o telefone na mão e surfistas a andarem de prancha e telefone na mão, ao mesmo tempo em que começaram a aparecer os bebês do futuro com os pais do futuro, que empurravam os alienígenas carrinhos de bebê com suporte para tablet para o bebê e suporte para o telefone para o pai. Era horrível e deprimente de se ver. E os pais achavam aquilo chique. Eram estúpidos! Só me apetecia era tirar-lhes os filhos daqueles criminosos carrinhos de bebê. Jam ali os bebês o caminho todo com os olhos no tablet. Mais valia, então,

ficarem em casa e não virem fazer figuras tristes para a rua. Porque era triste ver-se aquilo! E o pai, lá ia ele, a deslizar o carrinho de bebé com os olhos postos no telefone que ia encaixado no carrinho de bebé, como se fosse uma antena de 5G. Em Sagres, não se via nada disto! Mas em Santarém, infelizmente, já se via. Vi isto uma vez. Vi isto em 2020. Em Sagres, via-se outra coisa muito mais à frente, um movimento verdadeiramente do futuro: autocolantes nos “stops” a dizerem “STOP 5G”! Enquanto que Aveiro, Porto e Évora preparavam-se em 2020 para receber o cancro do 5G; Sagres, graças aos surfistas com uma consciência terrestre verdadeiramente ligados ao meio, ao vento, às nuvens, às correntes, às rochas, e, portanto, à realidade, preparava-se para impedir a instalação das alienígenas antenas 5G que qualquer alien de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi condenaria. Condenaria, porquê?

— Por serem uma tecnologia páfida, tio.

— Muito bem, Thomas.

— Por serem uma tecnologia cancerígena!

— Muito bem, meu filho! É que é preciso é sermos diretos nisto! Não vale a pena andarmos com rodeios. O 5G é uma tecnologia páfida e cancerígena e por isso, por muito que torne a Internet e as interações na *Rede* mais rápidas, não vale a pena. Porque é cancerígeno. E porque não precisamos de Internet mais rápida! Em 2020, os governos mais estúpidos e ignorantes andaram a querer instalar o 5G por toda a parte. Em 2021, andou-se a discutir sobre o seu malefício; mas ao mesmo tempo que se discutia, ia-se instalando. Em 2021, saiu pela terceira vez um relatório da Organização Mundial da Saúde a dizer que o 5G provocava tumores cerebrais, cancros de pele, cancros nos intestinos e no estômago, mas, mesmo assim, continuou-se a instalar mais e mais e mais e mais e mais e mais antenas. Pareciam mesmo antenas do



Diabo! Mas, oh Diabo!!! Parecia mesmo que estavam a plantar sementes do demónio! E pior: sabiam que eram sementes do Diabo e mesmo assim, queriam-nas. Então, estava tudo mais do que explicado: tinha sido definitivamente instalado um jogo de terror de realidade virtual aumentada. Estávamos num jogo de terror. Num jogo intelectual de terror. Porque isto era brincar com os nossos cérebros. A política toda, a agenda toda, o marketing todo, a publicidade, toda que se tinha instalado à volta do 5G foi impressionante! Ao mesmo tempo em que se iam lançando cada vez mais satélites em órbita da Terra... Se eu pudesse apanhar uma nave espacial que fosse *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto para *Jupiter* de Gabriel Garibaldi, eu nem teria pensado duas vezes! Eu não queria estar na *Rede*, mas obrigavam toda a gente a estar na *Rede*. Foi um crime mundial! Mais um, só para somar a todos os outros que se tinham ido instalando ao longo da história, como por exemplo, estarmos em pleno século XXI com uma impressora 3D pronta a imprimir uma casa de 180 metros quadrados feita com micro materiais em menos de 24 horas e com um custo tendencialmente para zero e com uma tendência de mercado a querer puxar o custo para 1 milhão... É claro que assim, nunca mais alcançaríamos a paz na Terra, com todas estas maldições. Era preciso acabar com toda a maldição! E acabámos! Por isso, é que hoje estamos em 2080, aqui em Santarém, sem antenas 5G.

— Mas, Santarém nunca chegou a ter antenas 5G?

— Não. Chegámos a tempo a Santarém. O estúpido que quis instalar as antenas 5G em Santarém foi o mesmo que quis ver drones e câmaras de vigilância em Santarém. Nessa altura, eu e o Jakob fizemos as malas e fomos para Malmö, na Suécia. Tínhamos que ir para a Suécia. Estávamos mesmo a precisar de apanhar uns bons ares. Uns bons ares que não fossem poluídos pela tecnologia de ponta que nos

aponta como um alvo. Sabíamos que na Suécia os drones com câmaras eram proibidos, porque eram considerados câmaras de vigilância, como é lógico! Só um país sofisticado como a Suécia é que poderia ter um pensamento tão simples, mas sofisticado como este. E se a sofisticação do pensamento era na Suécia, então tínhamos que ir imediatamente para lá sofisticar-nos, sofisticar as nossas mentes. E fomos. A Suécia inspirou-me da cabeça aos pés e quando voltei a Santarém, subi ao poder e mandei desinstalar toda a porcaria que o antigo camarário tinha mandado instalar. Tive que subir ao poder. Eu não queria. Nunca quis. Mas aquelas câmaras de vigilância para mim foram uma provocação. Queriam pôr-nos num jogo, num filme, só porque andavam a ver filmes, a ver os filmes deles e queriam transformar as nossas vidas reais nos filmes deles!? Havia câmaras por todo o lado. Até havia câmaras no Caminho dos Mochos!... Antes do confinamento obrigatório, por causa do vírus de 2020, ninguém andava nem pelo Caminho dos Mochos, nem na Montanha Jupiter, nem no Jardim dos Idílicos, mas com as “caminhadas obrigatórias” o pessoal começou a descobrir a própria cidade através do Instagram... Que era na altura a nossa “rede”...

— Instagram?

— Sim, Thomas... Era um aplicativo social do tempo do meu pai... Era uma espécie de *Rede*, mas muito mais inferior...

— Oh! Nem se compara à *Rede*, meu filho. A *Rede* faz tudo. A *Rede* está em tudo. Até o Direito está na *Rede*... Quer dizer... O Direito, na altura, também já estava no Instagram... O Direito português, pelo menos, começou a querer meter-se no Instagram através do seu Código da Publicidade. Havia os *influencers*, que eram aqueles utilizadores do Instagram que tinham muitos seguidores, por exemplo 745 mil seguidores. Os mercados começaram a ver neles, um

meio mais barato para fazerem publicidade. Os *influencers* eram contactados pelas marcas para fazerem publicidade através de uma publicação de um produto da marca a troco de receberem muitos produtos de uma marca ou de dinheiro. E aos *influencers* que estivessem geolocalizados em Portugal o Direito impunha que fizessem uma publicação com o *hashtag* **#PUB** no início da publicação de forma a cumprir as “novas Regras e Boas Práticas na Comunicação no Meio Digital” pelo dever imposto no artigo 8º do Código da Publicidade em alusão ao princípio da identificabilidade... Enfim... Foi uma desgraça completa, o Direito vir-se meter desta maneira nas redes sociais. Eu percebo a intenção, mas não era nestas tecnologias que o Direito devia andar de olho, era noutras. E foi aquilo que não se queria que se começou a ver. Começou a ver-se o Facebook e o Instagram a servirem como provas em tribunal. O Direito a ir buscar as localizações do Facebook e a esquecer-se que o próprio Facebook permitia Fake GPS. O Direito a ir buscar os comentários que as pessoas faziam no Facebook... Até os bancos foram parar ao Facebook... Os próprios bancos antes de concederem crédito começaram a olhar para o Facebook dos clientes... Quem partilhava fake news começou a ser mal visto e a ser mal reputado pelo Facebook...

— O Facebook também era outro aplicativo social?

— Sim, Thomas. O Facebook era também outro aplicativo social como o Instagram. Aliás, foi por esses dois aplicativos sociais que aqueles 2 *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke que me cercaram no comboio, num xadrez tecnológico, me enviaram as mensagens. Um enviou-me pelo Instagram e o outro pelo Facebook. O Facebook apareceu primeiro. Mas depois o Facebook comprou o Instagram, “ao mesmo tempo” que comprou o WhatsApp, que era um aplicativo de mensagens, videochamadas, mensagens de áudio, grupos de conversas e

conferências em chamada que conseguiu ligar tudo, desde netos a avós e empregados de limpeza aos patrões. Se não era o Direito que se metia na vida privada das pessoas, eram os patrões que se metiam na vida dos seus trabalhadores através de todos estes aplicativos sociais que mexiam com bilhões de dados de pessoas. Houve um escândalo muito grande sobre vazamento de dados, o escândalo da Cambridge Analytica, antes desta compra do Facebook, em que o Facebook violou a privacidade de 87 milhões de usuários ao compartilhar os seus dados com uma empresa britânica chamada na altura Cambridge Analytica. Foi um escândalo muito importante, que até mereceu um documentário hollywoodesco. Uma coisa, era o Direito ter-se ficado por estes escândalos político-governamentais e pelos casos clássicos de calúnias, difamações e devassa da intimidade e da vida privada com a divulgação ilícita e criminosa de dados de imagem e voz... Eu tinha uma pasta com fotografias minhas antigas numa pasta que dizia “acesso encarnado” do meu computador e um amigo meu, sem eu me aperceber, uma vez levou uma pen para minha casa, introduziu a pen no meu computador em minha casa, copiou a minha pasta para a pen dele e quando chegou a casa dele, publicou no mural do meu Facebook essas fotografias minhas. Eu passei-me e pedi-lhe educadamente, sem querer ser muito intelectual, sem lhe dizer que ele tinha praticado um crime tecnológico, pedindo-lhe só que apagasse a publicação e apagasse esses meus dados que ele tinha ilícita e ilegitimamente na sua posse. É claro que nem sequer lhe disse que ele tinha dados ilícitos meus, porque nem lhe falei em ilicitude nenhuma, falei-lhe num tom cordial de amizade sem ser numa linguagem jurídica. E ele, com o seu “intelecto”, dizia que eu não tinha que ter vergonha daquilo que eu tinha sido e que se eu não queria que as fotografias tivessem sido publicadas, que eu não devia ter no meu computador. E eu expliquei-lhe que as fotografias eram minhas, as memórias eram minhas, que eu não tinha vergonha de nada, e, por isso, é que tinha as fotografias ali naquela pasta para as ver

quando eu as quisesse, mas que isso não significava que elas pudessem ser publicadas, aliás, tanto que não tinha vergonha, porque tinha mostrado essas mesmo fotografias a esse meu amigo que me era íntimo e de quem eu gostava muito e confiava. Por causa dessa brincadeira tecnológica, a nossa amizade começou a enfraquecer. Mas esta brincadeira tecnológica resolveu-se logo, porque assim que ele publicou no meu mural eu apaguei do meu mural e enviei-lhe uma mensagem. Mas houve piores “brincadeiras” tecnológicas que custaram uma vida de sofrimento, um isolamento social. Por exemplo, passou-me pelas mãos um caso de um otário que perseguia a sua ex-namorada e não se conformava com o facto de ela ter terminado a sua relação amorosa com ele, que por vingança foi divulgar vídeos íntimos deles a partir da conta do Facebook dela, como se tivesse sido ela a publicar os vídeos que eles faziam quando tinham lá a sua relação “amorosa-caseiro-pornográfica”... É claro, que era só para estes casos que o Direito deveria ser chamado... E o Direito quando era chamado para estes casos, ao invés de mandar o criminoso para uma prisão tecnológica, não, andava a discutir se este tipo de casos consubstanciava ou não, um crime de “falsidade informática” por o otário ter entrado com as palavras-passes da ex-namorada no perfil dela e por o otário ter criado contas falsas dela... Mas a falsificação informática, e isto não era falsificação informática nenhuma, nem sequer dava 4 anos de prisão. E à ex-namorada do otário tinha sido cometido um verdadeiro homicídio virtual e o homicídio dava cadeia até 25 anos. Como é que um otário publica vídeos íntimos de alguém e vai só preso durante 3 anos, quando a sociedade de informação tecnológica ficou com os vídeos durante uma eternidade? Este otário matou a ex-namorada no Facebook, na vida virtual, na vida social e na vida real, quando uma vida real é mediada por uma vida virtual, quando uma vida social também depende da mediação de uma vida virtual. Quando, este otário, utilizou o Facebook introduzindo no sistema informático do respetivo website

dados pessoais da vítima, como se fosse a própria a fazê-lo, quando, o otário-arguido, criou contas ou perfis pessoais, ou quando o arguido alterou contas, ou perfis pessoais já existentes fazendo-se passar pela vítima, divulgando fotografias íntimas da mesma e difundindo pedidos de amizade para amigos ou colegas da vítima, remetendo-lhes vídeos e fotografias de nus e do relacionamento sexual da vítima, fazendo crer às pessoas que se tratava de divulgação realizada pela ofendida, por mais que isto consubstancie um grave “crime tecnológico” numa assustadora sociedade de informação tecnológica em que estamos inseridos, que já em 2020 merecia sim um novo código penal tecnológico, que previsse, para este tipo de crimes tecnológicos, uma moldura penal “tecnologicamente à medida”, porque a sociedade de informação tecnológica tem um telefone que grava e conserva para sempre vídeos e fotografias de uma vítima que foi brutalmente assassinada na praça virtual ficando para sempre com a reputação, honra e imagem mortas, isto estava longíssimo de ser um crime de falsificação informática. Isto não tinha nada que ver com o crime de falsificação informática! O que estava aqui em causa, nem sequer era saber se os dados eram os não genuínos, porque isso não interessa nada para este tipo de “crime tecnológico”! Porque em causa, está sim uma difusão ilícita de dados altamente sensíveis, que foi facilitada por meios tecnológicos e que, por isso, foi um crime à honra com publicidade! Dados extremamente sensíveis! Aliás, é a própria sensibilidade dos dados que afasta completamente o crime de falsificação informática deste caso. Aqui, o que aconteceu foi um roubo de identidade, neste caso da *ciberidentidade*, mas nunca uma falsificação informática, que é completamente diferente. Por isso, como veem, o Direito não percebia nada de tecnologias, porque se percebesse, não deixava que isto e outras coisas acontecessem! As pessoas em 2020 andavam a fotografar e a filmar umas às outras sem pedir autorização... Uma coisa tão fácil que o Direito, aqui sim, poderia meter-se, porque era fácil meter-se, porque as

peessoas publicavam fotografias ilícitas através dos seus perfis, logo o Direito sabia quem tinha publicado e que estava proibido de publicar... Com o vírus de 2020, as pessoas enlouqueceram. Víamos muitas a andarem com máscaras por todo o lado, a passearem com os seus namorados, ou a andarem de bicicleta com máscaras... Era simplesmente ridículo ver as pessoas a andarem a passear com máscaras em praias, jardins... Bastava manterem a distância de segurança recomendada pela Organização Mundial da Saúde... Uma coisa era termos que usar máscaras nos sítios fechados... Vá lá... Nos transportes... Mas o que fazia sentido, era as pessoas quando espirrassem ou tossissem por etiqueta social, porem o braço ou o cotovelo à frente e se tivessem sintomas, que simplesmente não andassem a circular em sítios fechados com outras pessoas, mas isto sou eu a dizer que não sou médico e me esqueço sempre de falar dos assintomáticos... Não digam, por favor, ao Jakob que disse isto... E mesmo que uma pessoa estivesse infetada, qual era o mal de esta pessoa, se vivesse em frente à praia, com a praia completamente deserta, fosse mandar um mergulho? Tinha de estar obrigatoriamente confinada? Não! Ela tinha é que voluntariamente confinar-se e saber que era portadora de um vírus, e, por isso, sim, andar com uma máscara, mas não tinha de deixar de viver nem lhe ser instalada uma câmara à porta de casa como foi na China! Também não contem esta parte ao Jakob que a Medicina dele não vai gostar de ouvir... Mas quero lá saber! Sabem o que é que é, estarmos confinados em casa com uma praia à frente e não poderem sair para mandarem a vossa corrida que mandam sempre ou para irem “meditar” para a beirinha do mar? As praias foram fechadas! O Jakob com uma casa em frente à praia, na Costa de Caparica, que na altura era só dele, porque ainda não eramos casados, viu grades durante 4 meses a impedir-lhe de usar a praia!!!? Que governo ridículo! Que governos ridículos! E eu, em Santarém, não vi as montanhas fechadas, por sorte! Subia todos os dias as montanhas!

Se via sempre o por do sol num sítio, qual era o mal de sair de carro, subir uma montanha, ver o por do sol e voltar para casa? Não tinha mal nenhum... Mas isto era muito difícil entrar na cabeça das pessoas, na altura, porque o que lhes tinha sido instalado na cabeça, tinha sido uma publicidade institucional de distanciamento social!!! Eu não fui infetado, mas mesmo que tivesse sido infetado, alguma vez eu ia deixar de subir as montanhas? Para as montanhas que eu sei onde ninguém ia antes do confinamento? Nunca faltei a um por do sol, nas montanhas mesmo com o confinamento obrigatório! É claro, que tinha de sair de casa mascarado. Houve uma altura que as nossas máscaras eram os fatos de treino. Eu já saía antes, muitas vezes de fato treino. Mas comecei a usar mais o fato de treino. Toda a gente saía com o fato treino. Na altura do confinamento obrigatório só podíamos sair para além dos casos de trabalho, farmácia, se fosse para fazer exercício físico ou passear os animais de companhia como vos contei, ontem... Eu que nunca fiz yoga nem nunca meditei como os outros meditavam, não ia para um lugar especificamente para meditar, porque sempre estive e estou sempre “em meditação”, seja lá o que isso signifique, até comecei a ficar do lado de quem “meditava” e de quem fazia yoga... Agora já ninguém faz yoga, já nem há escolas de yoga, o Sistema Perfeito acabou com essas “tretas” e “petas” todas, nem se veem pessoas sentadas com as pernas em forma de “asas de borboleta” como se fossem levantar voo ou estivessem a levitar com um terceiro olho invisivelmente desenhado no meio da testa... “Tretas” e “petas”, porque faziam yogas e meditações, como se vissem, “de repente”, tudo e em breves segundos, esqueciam-se do que tinham “visto” e “sentido”, e lá voltavam às suas depressões e confusões instaladas nas cabeças! Eu nunca fiz yoga nem nunca meditei como eles meditavam e faziam yogas, e nunca me senti depressivo. Eu olhava para eles como seu eu fosse o psicólogo deles. Porque nós olhávamos para eles e ouvíamos o discurso deles, víamos os olhares vidrados e charrados deles e dava-nos



uma vontade de aceitá-los como nossos pacientes, porque estava lá o característico traço depressivo deles na voz, nos tiques, parece que víamos uma nuvem em cima deles. Mas diziam-se sempre felizes, quando mais eram infelizes. Aliás, procuravam os centros de yoga e meditação, ao invés de procurarem um psicólogo. Foi por isso, que o Sistema Perfeito acabou com esse negócio que estava a pôr em crise a saúde mental das pessoas. Esses grupos de yoga deviam era ser autorizados para quem já vê a realidade toda, já vê os contornos das nuvens e dos ramos das árvores, vê as formigas na Terra, não pisa os formigueiros, vê as correntes e a força do mar, não anda com tecnologias atrás e é realmente espiritual, sendo primeiro real. Mas as pessoas queriam fazer ao contrário. Achavam que era com os yogas que se ligavam à Terra. Não! Para se ligarem à Terra, tinham era que se desligar dos telefones e ir simplesmente para a praia e ficarem a ver a praia. Andarem descalços. Sei lá!... E a tecnologia capturou em 2020 esses seres fracos de espírito. Capturou-lhes o espírito. Porque com o confinamento obrigatório, pessoas que faziam yogas e meditavam lá fora, começaram a descarregar aplicações para o telefone e a fazerem “meditações” mediadas pelo telefone... Eu só me ria por dentro quando eu ouvia isto... Quando eu ouvia as pessoas a dizerem que tinham agendadas aulas de yoga online. Como é que um momento tão espiritual poderia ser espiritual num canal tecnológico? Não podia! Porque simplesmente não era espiritual! Não era nada! Era de rir! O vírus tecnológico foi de facto muito inteligente. Estão a imaginar as pessoas em casas agarradas aos computadores com os microfones e as câmaras ligadas diretamente ao Big Data e os algoritmos a rirem-se destes espíritas, não estão? Mas eu, até estes espíritas eu quis, em 2020, defender, na altura, do confinamento obrigatório. Porque eu também era “um espírita”. Aliás, eu é que era o verdadeiro “espírita”... Já que estávamos na Era do ego, na Era em que as pessoas andavam a tirar ridiculamente *selfies*, e faziam tudo a pensar no “eu”, “eu”, “eu” e no

“eu”, então eu também o fazia e dizia que “eu” é que verdadeiramente vivia. A “minha meditação”, a minha vida real, a minha rotina, era subir a montanha e ficar a ver o por do sol, não de olhos fechados, mas de olhos abertos. De olhos sempre bem abertos. O mundo em 2020 estava demasiado perigoso, demasiado tecnológico para andarmos com os olhos fechados e com os olhos enfiados nos telefones... Havia câmaras por todo o lado! Por um lado, defendia que as exceções do confinamento obrigatório eram altamente injustas e arbitrárias, porque não contemplavam as meditações... É claro que eu queria que as meditações também fossem contempladas, porque assim tinha mais uma desculpa para andar “por aí fora sempre a meditar”. Não é que eu “meditasse”, mas se a polícia me apanhasse a ver o por do sol no cume da montanha, quando eu tinha era que estar obrigatoriamente confinado por imposição de um governo, não me importava nada de me armar em “espírita” e dizer aos polícias que estavam a interromper o meu “yoga” ou a minha “meditação”. Mas por outro lado, com as câmaras a instalarem-se por todo o lado, vi como isso seria um riso para os algoritmos ao verem o pessoal todo a meditar e a desenharem complexos *profiles*, prontos para serem enviados para a Medicina de Precisão e para a Psicologia de Precisão. E as câmaras e os cientistas de dados começaram a ver os yogas e as meditações ao pormenor. Já nem sei o que era pior ou mais criminoso, se eram as próprias câmaras dos nossos quartos, que nós “instalámos” nos nossos próprios quartos e mostrávamos no Zoom, em grande Zoom, ou se eram as câmaras de vigilância nas cidades que passavam em grande Zoom na esquadra. Eu nunca fui parar ao Zoom, mas devo ter sido um dos únicos. Devo mesmo ter sido um dos únicos humanos em 2020 a não ir parar ao Zoom. O Zoom foi outro escândalo de dados. Alguma vez uma Faculdade de Direito poderia obrigar-me a ir parar ao Zoom? A mostrar o meu quarto aos meus professores e colegas de Direito? A possibilitar que alguém fizesse *screenshots* do meu quarto e os enviasse

para a *dark net*? Só uma Faculdade de Direito que ignorava uma *dark net*, quando não poderia nunca ignorar! Mas nem que a *dark net*, não existisse! Alguma vez eu teria de ser obrigado a ser filmado, a ser gravado para estar em avaliação numa Faculdade de Direito, se fosse mesmo verdadeiramente uma Faculdade de Direito? Nunca! Uma Faculdade de Direito que nos ensinou a proteger os nossos Direitos de Personalidade, a nossa imagem, a nossa vida privada, a nossa vida íntima? E se eu não tivesse um quarto só para mim e tivesse de o partilhar com alguém? Eu tinha de mostrar esse quarto à Faculdade de Direito? Mas que direito é que tinha a Faculdade de Direito? E se eu vivesse no ceio de uma família disfuncional em que gritos e discussões dos meus pais atravessam as portas do meu quarto? E se eu não tivesse um digno cenário, um cenário bonito para fazer uma videochamada? E o Direito de Eu Aparecer na Sociedade Com a Máscara Que Eu Quero, enquanto um direito fundamental? Ter aulas de videochamada obrigatória em que o professor de Direitos Fundamentais vai ficar para sempre detentor dos meus dados de voz e imagem e com os meus Direitos Intelectuais? O mesmo professor que eu vi na primeira aula a gravar a aula com o telefone, sem pedir autorização e que, mesmo assim, me ficou com um dado meu intelectual, em que eu disse que os outros fumarem para cima de mim atenta contra o Direito à Saúde e que, por isso, é um Direito Fundamental eu não levar com o fumo dos outros, e que os outros têm o dever de não fumar num sítio fechado quando eu estou nesse mesmo sítio fechado com eles? Preferia chumbar à cadeira dele e fazer em exame escrito de recurso, do que ter que lhe mostrar o meu quarto e ter que entregar o meu cérebro ao Big Data! Porque o escândalo foi esse! Foi o Zoom vender os dados de todos os utilizadores a milhões de empresas com milhões de ações no Big Data e vender ao governo chinês... Ao governo super tecnológico chinês que andava a instalar câmaras à porta de casa das pessoas infetadas com o vírus de 2020 e a baixar a pontuação das pessoas que

telefonavam para os seus amigos que deviam dinheiro ao banco. Eu devia 20 mil euros ao banco, por culpa do meu pai que não me pagava nem as propinas, nem nada para ir para a Faculdade de Direito e que tive de pedir um crédito para poder ir estudar. Aliás, chegou-me até a cortar o passe de Santarém para Lisboa. O Jakob a estudar Medicina, foi arranjar um trabalho numa empresa de dados. Graças à Jupiter Editions consegui ver liquidada a minha dívida e consegui voltar à minha vida normal de crédito tipicamente característica de um sistema monetário, em que são os bancos que fazem nascer todos os dias a moeda. E moedas que eu vou precisar, se quiser viajar, comprar melhores alimentos, pagar a minha saúde e viver mais tempo. Ora, se a China tivesse construído uma ponte tecnológica em Portugal, como construiu em Moçambique, e Portugal ficasse endividado perante o governo chinês, talvez eu perdesse os meus amigos todos e até o meu namorado ficasse impedido de me telefonar, porque não me poderia telefonar, senão também ele ficaria mal reputado e perderia as suas relações na Medicina, relações obrigatórias para fazer e entregar os trabalhos e relatórios aos professores que davam as notas.

— Parece que estamos *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto...

— E estamos meu filho, e estamos... Nós estamos em 2080 reparam... Imaginem vocês a ouvirem isto sobre 2020. Foi isto que se passou em 2020. Sabem o que é que se passou mais? Passou-se tudo: era noutros países, com a desculpa do vírus, a sobrevoarem as pessoas de drones, a monitorizarem as pessoas através de aplicações e do próprio telefone das pessoas, a obrigarem as pessoas a baixarem uma aplicação para irem para a praia ou para entrarem no supermercado, já não era só a máscara... Os telefones foram os chips. Foi assim que os chips apareceram! Foi através dos telefones! Mas o Direito ficava

impávido e sereno a olhar para os governos sem dizer uma palavra. Às vezes dizia, mas depois o governo asfixiava as boas vozes. Por exemplo, lembro-me do bastonário da Ordem dos Advogados dizer que as empresas e os patrões não podiam medir a temperatura dos trabalhadores para ver se tinham ou não o vírus e que não podiam também medir a temperatura dos clientes para ver se eles podiam entrar ou não. Este bastonário dizia isto, porque este bastonário via as coisas. Via as coisas tecnológicas. Mas depois vinham constitucionalistas, muito antes de termos como hoje temos uma Constituição Tecnológica, virem dizer que não tínhamos direitos absolutos e que podíamos sempre rever a Constituição ou adaptá-la, ou seja, que o que estava lá não interessava para nada, muito menos numa “situação excecional” como a que se vivia na pandemia do vírus de 2020... Tínhamos outros países em que a polícia pedia para as pessoas mostrarem no telefone um código, como se fosse um código de barras, que ditaria se elas poderiam ou não circular... Tínhamos miúdos na informática a desenvolverem auriculares sem fio, reparem sem fio, e portanto altamente perigosos para o cérebro, para serem monitorizados em tempo real em casa em que tinham que tossir para o telefone e os dados altamente sensíveis de saúde que eram recolhidos através do auricular e do telefone “tossido” serem enviados para o Sistema Nacional de Saúde... Antigamente, era assim que se chamava, Sistema Nacional de Saúde; o Sistema Nacional de Medicina nasceu com o Sistema Perfeito. Imaginem agora em 2080, com todo o sistema tecnológico que foi montado à nossa volta, se isto voltasse a acontecer... Imaginem só...! E perante tudo isto, não eram só as câmaras de vigilância montadas (i)licitamente pelos governos, eram também as câmaras dos telefones de toda a gente. Eu sempre andei como se fosse uma máquina de filmar, porque sempre filmei e gravei tudo com os meus olhos. Só se me hackeassem o cérebro ou só se me chipassem os olhos, é que aquilo que eu vejo poderia ser visto por

todos. Mas o problema não era aquilo que os nossos olhos filmavam, era o que os telefones dos outros filmavam e fotografavam. Se eu fosse apanhando numa esplanada ao ar livre ou na praia com os meus amigos sem máscara, havia pessoas que nos fotografavam e publicavam em grupos de Facebook a dizer que nós éramos uns irresponsáveis. E isto era um crime! Mas o Direito sobre este crime pouco ou nada se pronunciava. O Direito queria era ir mais longe. Queria era ir para mais longe. E estava tão longe disto, foi andar a dar mergulhos tão longe da praia, que nem se apercebeu da realidade das praias, que deixou afogar todos os direitos. O Direito mergulhou em mares perigosos, onde nunca deveria ter mergulhado, perante um oceano de dados que implorava o mergulho do Direito, noutros mares... Eram drones nas praias, torniquetes virtuais nas praias que se prometiam instalar só na altura do vírus, mas que se viram instalados até o Sistema Perfeito vir pôr cobre a isso tudo. Por isso é que eu digo, que foi preciso um Sistema Perfeito para acabar com todos estes crimes tecnológicos!

— Como podes ver Thomas, o meu pai sofre de síndrome de Estocolmo.

— Não é que eu seja saudosista, nem que sofra de nenhuma síndrome de Estocolmo, mas admito que o Sistema Perfeito foi um mal necessário. Já que o Direito não conseguiu medir forças com a Economia e que foi a Economia que ganhou o braço de ferro, ao menos que o Direito tivesse conseguido regular a Economia. Pelo menos, hoje, o Direito regula eficazmente a Economia de Dados. Hoje está tudo escrito, as pessoas estão bem informadas. Hoje ninguém anda a apontar câmaras a ninguém, porque só hoje é que o Direito reconheceu que as câmaras são consideradas armas e que numa Era tão tecnológica em que vivemos os flashes são as balas. E por isso, já podemos andar à vontade sem ficarmos com a *Paranóide Tecnológica* de

Federico Ferrari de estarmos dentro de uma aplicação como no *Target – A Pegada Digital* de Ralf Kleba-Kodak. Porque hoje, se alguém me apontar a sua câmara, seja que câmara for, seja do telefone, seja do drone, eu posso partir essa câmara em legítima defesa ao mesmo tempo que estou a chamar a Polícia Tecnológica e ela em lícitos voos dronáticos *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto chegar a tempo de me libertar da *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari, porque tem tecnologia suficiente para perseguir o *Target – A Pegada Digital* de Ralf Kleba-Kodak. Não tenho que estar num autómato sentado em frente de alguém que está a mexer no seu telefone com a câmara apontada para mim...

— Como se o pai usasse o autómato...

— Ou a andar na praia e passar por alguém deitado a mexer no telefone com a câmara apontada para mim num perfeito ângulo, porque as câmaras têm que estar fechadas, têm que ter uma tampinha se não forem modelos novos que fecham e abrem automaticamente. E o Sistema Perfeito não me obriga a comprar esses telefones super tecnológicos cheio de algoritmos com olhos e ouvidos poderosíssimos. E quando alguém compra um telefone desses, tem que ouvir uma explicação detalhada sobre o poder da câmara e do microfone e saber como pode tirar o maior partido do seu telefone, sem que o seu namoro ou as suas amizades sejam processadas. Há mapas de câmaras por todo o lado. Seja em estabelecimentos comerciais, seja nas cidades. Se eu quero ir para um jardim e não quero ser filmado, tenho que consultar o mapa das câmaras à entrada do jardim. Por mim, como é natural, deveria ser proibido os jardins e as praias terem câmaras. Mas sabem o que é que é, em 2020 eu sentir-me sozinho nesta luta? Nesta luta pelas câmaras? As pessoas não viam as câmaras, como não viam as nuvens, como não viam as árvores, como não viam os algoritmos. Mas

se eu vir os algoritmos, os microfones e as câmaras e se eu quiser ir para um jardim sem câmaras, tenho que procurar um jardim sem câmaras e hoje em 2080 ainda há jardins sem câmaras. Os jardins que eu comprei, os bocados de Terra que eu comprei, só para que todos pudessem ver aquilo que eu sempre vi e que só comprei, porque alguém se lembrou de os por à venda, nenhum tem câmaras. Foi por isso, que eu tive que comprar o Caminho dos Mochos, o Jardim dos Mochos, o Caminho das Corujas, o Jardim das Corujas, o Jardim dos Idílicos, a Montanha Jupiter e este bocado de Terra em que estamos aqui hoje. Comprei, mandei pôr portões para afixar um regulamento e abri os portões! Os portões estão sempre abertos para que todos possam ver a beleza da Terra! É por isso, que não há aqui drones a sobrevoarem-nos e há abelhas lindas e borboletas a sobrevoarem-nos e à noite ainda vêm os pirilampos. Consegui salvar os pirilampos! Quando em 2020, a Câmara Municipal de Santarém queria instalar câmaras de vigilância pelo centro histórico, também queria pôr candeeiros no Caminho dos Mochos... No Caminho dos Mochos onde eu sabia que havia pirilampos que nos iluminavam o caminho?

— O pai já tinha contado isso...

— Antoine!!! Deixa o teu pai repetir a história. As histórias bonitas são para serem repetidas...

— Ah! Desculpe-me Thomas... Eu já tinha contado isto? Estou velho... Desculpe-me...

— Por favor, tio! Não peça desculpa! As histórias bonitas são para serem...

— Repetidas? Já tinha dito isso, Thomas... Parece que estou a ver *déjà vus* atrás de *déjà vus*... Tive que escrever dez mil vezes a esse



poder camarário e enviar revistas da National Geographic para lhes explicar que os candeeiros iriam pôr em crise a sobrevivência dos pirilampos e que nós tínhamos o dever de salvar os pirilampos... Foi essa a minha jogada...

— Ah!... Então foi essa a sua jogada... O tio não tinha dito qual é que tinha sido a sua jogada...

— E só quando o poder camarário é que viu a economia da bioluminescência dos pirilampos que poderiam iluminar novos negócios de passeios noturnos, é que lá desistiu dessa ideia de pôr candeeiros onde havia pirilampos. Se não fossem os suecos, os finlandeses, os noruegueses, os holandeses e os australianos a defenderem esta economia, talvez o poder camarário local não defendesse. Mas ainda bem que olhos estrangeiros, olhos mais alienígenas, tinham o GPS do coração deles postos na nossa cidade. E lá consegui ganhar os concursos públicos que o poder camarário foi lançando. Mas tudo isto, graças à Jupiter Editions. As reservas legais da Jupiter Editions, é que possibilitaram estas compras verdes. Tínhamos muitas moedas Jupiter. E foi só trocar as moedas virtuais, pelas moedas físico-informáticas do sistema monetário e comprar. Pude comprar. No fundo, sinto que a Jupiter Editions nasceu por causa disto. Simplesmente para proteger. Para salvaguardar. A Jupiter Editions nasceu nos mercados, nasceu no meio da tecnologia e eu sabia que só com a Jupiter Editions poderia ganhar as asas tecnológicas para voar até aos concursos públicos que de tão tecnológicos que estavam também, tinham ganhado asas e só se faziam em voos muito altos. Foi com essas asas tecnológicas que eu consegui comprar. E como sabem, só comprei porque se eu não comprasse, alguém compraria e fecharia as vistas com grandes hotéis só para os estrangeiros verem. O que é preciso, é ter olhos espirituais que vejam a tecnologia que quer capturar-nos o

espírito. Se tivermos esses olhos, o nosso espírito, sozinho, encarregar-se-á de saber como responder sempre de forma natural à tecnologia. Saberá muito bem andar no mundo das tecnologias. Saberá muito bem aproveitar-se de todas as tecnologias sem perder o seu espírito, sem deixar que o seu espírito seja capturado e enviado pelo canal espiritual a outros espíritos, mais analistas, mais cientistas de dados. Sabem que se forem para um café as suas conversas vão ser gravadas e podem ser vendidas. Mas hoje sabem disso. Os *cookies* e as *políticas de cookies* saíram dos écrans para a vida real. E há quem não se importe de ser gravado e vendido no mercado de dados. E há quem não se importe de analisar essas conversas. E há quem não se importe de realizar filmes dessas conversas. Também é preciso ter olho para as conversas. E se em 2020, as conversas já eram boas, imaginem, agora, em 2080. Por isso, é que os donos dos restaurantes a verem que os seus clientes faziam boas conversas nas suas mesas, começaram a instalar grandes câmaras e potentes microfones. Santarém começou a preparar-se bem para Hollywood. Parece que Santarém ouviu os sinos da igreja a ditarem a hora do embuste cinematográfico. Santarém sentiu Hollywood a chegar. Um restaurante tipicamente ribatejano que existia antes de 2020 há 147 anos, nunca tinha lá instalado câmaras; pois numa altura em que começou a ouvir que os dados eram o novo petróleo e numa altura em que o governo veio fechar os restaurantes, só permitindo o take-away em que as pessoas iam buscar a comida à porta, o que é que o restaurante fez? Tcharã: montou uma câmara de filmar à porta do restaurante a apontar para a rua, o que era proibido e o que me fez nunca mais lá passar nessa rua, fazendo-me sempre atravessar para o outro lado da rua e enfim, dando-me a privilegiada visão cinematográfica, num jogo de câmaras que o meu cérebro se ligava à câmara de filmar do restaurante, através da Internet das Coisas, filmando com um grande zoom e ouvindo com os meus potentes

microfones instalados nos ouvidos, as boas conversas que se faziam ali à porta do restaurante.

— Santarém parece uma Hollywood, não parece tio?

— Parece, pois. Mas Sagres, também parece. Sagres é puramente cinematográfico. Tudo é cinematográfico. É a Fortaleza de Sagres, é o Cabo de São Vicente, é o Forte do Beliche antes de chegarmos ao Cabo de São Vicente, é a varanda do Forte do Beliche em que nos temos que empoleirar num salto e ficar a fazer força com os braços, para empoleirados vermos a enseada e uma pequenina praia de pedrinhas brancas com uma água profundamente azul-transparente, é o farol do Cabo de São Vicente, que em julho vira uma loucura de gente a aplaudir o pôr do sol como se nunca tivessem visto o sol a pôr-se e que demoram depois 2 horas para sair dali num louco trânsito de carros, é a praia do Castelejo, é a praia da Cordoama, é a praia da Barriga, são os rochedos todos até à praia da Barriga, são os montes verdes na praia da Barriga que parecem barrigas de gigantes adormecidos ali deitados de barriga para cima, são os montes verdes atrás da praia da Cordoama quem emprestam um vale em “v” em que se veem jipes a subirem a pique e motas de motocross a fazerem desenhos também em “v” nos montes, é o vale aberto onde aparece a praia da Cordoama, é o monte ravinoso que oferece um miradoiro por cima da praia da Cordoama, donde se lançam parapentes que aterram connosco ali no areal, é o Castelejo em “v” que se consegue ver se formos até ao miradoiro por cima da praia da Cordoama, é o outro monte ravinoso que vai até à praia do Castelejo, é a Baía de Águia, que se esconde depois do Castelejo e que com a sua rocha em segundo plano se sobrepõe com a rocha em primeiro plano emprestando ao primeiro plano um hipopótamo feito de rochedos; eu via em 2020 um hipopótamo, o Jakob ainda em 2080 diz que vê um crocodilo; é a

espetacular sobreposição das rochas negras de xisto que vemos até à praia do Castelejo, se formos a pé desde a praia da Cordoama, e depois, a baía que é a praia do Castelejo, é a estranha formação rochosa que parece um bocado de canyon que foi posto ali no meio do mar do Castelejo, é uma rocha ali no meio do areal da praia do Castelejo, que eu vi uma família de surfistas a usarem-na para secarem os fatos... São as famílias de surfistas, os laços fortes que se veem e se apalpm entre elas. É todo aquele ambiente de surfistas e atmosfera do surf e de histórias do surf trazidas por surfistas acabados de chegar da Indonésia e do Havai e que voltam a Sagres com saudades. Ter que descer a estrada aos *zigzags* pelas ásperas montanhas até à Cordoama, é uma magia constante. E uma vez desvendada a Praia da Cordoama, com as montanhas por detrás de nós, faz-nos revelar o filme que estamos numa autêntica ilha. Estamos numa ilha! Parece que estamos numa ilha. Numa ilha que é o paraíso dos surfistas. Que é protegida pelos surfistas locais e profissionais. Que dá vontade de lhes entregar aquele bocado de Terra, porque aquele bocado de Terra fica-lhes bem nas mãos deles. Como ficam as pranchas. Fica a salvo nas mãos deles. Sabem porque é que hoje em 2080, a praia da Cordoama está intacta? Porque os surfistas profissionais e locais protegeram sempre aquele mar. Foram autênticos salva-vidas! Eu vi-os a serem salva-vidas! A salvarem-nos do 5G! A salvarem-nos dos drones! A salvarem-nos da *Rede* e do vírus tecnológico! Acham o quê? Que os surfistas locais de lá, andam com as pranchas super tecnológicas como os novos surfistas? Acham que andam a surfar com os telefones como os novos surfistas? Que têm as pranchas automáticas como os novos surfistas? Os surfistas verdadeiros já são tecnológicos, não precisam de mais nenhuma tecnologia senão da tecnologia do mar e das ondas. Porque eles sabem que as ondas são tecnológicas. É claro que são tecnológicas! Se geram energia, são tecnológicas! E eles apanham só as boas energias! Não apanham as más energias! As más tecnologias não os capturam. E se andarmos com eles,

também não nos capturam, porque com eles, nós estamos verdadeiramente protegidos! E foi por isso, que comecei a andar com eles. Sem querer, comecei a andar com eles, sem saber, quando comecei a andar com o Jakob. Afinal eles estavam todos ligados. Era essa a Internet deles. E foi por isso, que fui para lá parar a Sagres. Eu tinha que ir lá parar para o meio deles, em Sagres. O meu coração tecnológico ligou-se às ondas da praia da Cordoama e as ondas da praia da Cordoama estavam ligadas há mais do que mil anos aos corações tecnológicos dos surfistas. Eles parecem autênticos espíritos do mar. E vi que eles viam um espírito em mim. Vi que eles entendiam o meu ser. Vi que eles viam o meu disfarce. Eles percebiam o meu disfarce. Afinal, sem eu próprio saber, tinha-me disfarçado só para chegar até eles. E cheguei à Internet dos Surfistas. Cheguei à Internet das Ondas. Através da Internet do Mar. Cheguei até eles sem saber surfar. Mas para eles, eu já surfava num mar tecnológico cheio de surfistas tecnológicos, cheio de piratas. Sagres, era uma Terra de piratas! E fizemos uma troca de selos. Eu ofereci-lhes os selos do meu coração, os selos da Jupiter Editions, e eles ofereceram-me o selo deles. O selo deles era um grande stop encarnado em cima de uma antena 5G que dizia “Stop 5G”. Nunca pensei em juntar-me a um movimento. Mas parecia que me tinha andado a guardar para um movimento tão importante como este! Um movimento que me fazia gritar! Que me fazia gritar verdadeiramente para o mundo! E sabia que com eles, com os surfistas, ali de Sagres, eu podia gritar! Porque o meu grito era o mesmo grito que o deles! Mas para eu andar também de prancha na mão, naquele bonito movimento dos surfistas, eu precisava de ter primeiro umas aulinhas de surf. E quando cheguei a Sagres, tinha lá a minha professora à minha espera: a Audrey. Quando a Audrey me contou que já tinha sido ativista, que já tinha querido ser Ministra dos Negócios Estrangeiros, que já tinha querido ser jornalista, mas agora era professora de surf, uma quase professora jubilada linda de morrer, eu apaixonei-me por ela

e já a imaginava diretora do Jornal Jupiter. Afinal, tinha ido em negócios para Sagres. Foi, por isso, que lhe quis entregar o Jornal Jupiter e, é por isso, que o Jornal Jupiter tem aquele espírito surfista. Foi tudo por causa da Audrey. Ela perguntou-me logo sobre a minha opinião sobre as antenas 5G. E numa das nossas primeiras tecnologias, troquei com ela um olhar e um sorriso que com o silêncio consegui responder-lhe. Depois apareceu um escritor independente que tinha escrito um livrinho com poemas. E eu ali com cara de editora, a tentar disfarçar. Era um escritor que não tinha conseguido editora e a expensas suas imprimiu uns quantos exemplares. Entregou um à Audrey. A Audrey entregou-me as chaves de casa onde eu iria ficar até setembro e as do carro, um carro com o tubo de escape roto que me denunciava todos os meus atrasos à Praia da Cordoama. Não podia aparecer em nenhum lado, sem ninguém me ver ou ouvir. Fui trabalhar para o paraíso, para a Praia da Cordoama. O meu escritório, seria na praia. Foi a Audrey que me deu um escritório na praia. Só me apetecia beijá-la. Parecia que, às vezes, até ficava hétero. Não contem nada disto ao Jakob... Mas era uma mulher que dava imensa tusa! É claro, que eu não tinha tusa por ela. Só tinha tusa pelo Jakob! Mas conseguia ver uma tusa nela...! A Praia da Cordoama ficava no concelho de Vila do Bispo, quando ainda chamávamos concelho aos concelhos, e Sagres pertencia ao concelho de Vila do Bispo, mas depois com uma guerra por causa das ondas, dos drones e das caravanas começou-se a ver ali uma autonomia em Sagres, Sagres cresceu imenso, que os surfistas e os bodyboarders estrangeiros agarraram nas pranchas e pediram independência das suas ondas. Aquela guerra, nem sequer veio dos locais. Aquilo foi uma guerra entre concelhos, provocada pelos estrangeiros contra os estrangeiros. Só para terem noção, Vila do Bispo era o concelho mais alienígena de Portugal, com mais aliens, esses bonitos estrangeiros que vinham de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi, da Alemanha, dos Países Baixos, da Noruega, da Dinamarca e da Suécia

para Sagres e Vila do Bispo viverem. Os locais também disputavam as ondas com os estrangeiros, mas a disputa deles era sempre no mar. Fora de água, os locais adoravam os estrangeiros que soubessem estacionar as suas caravanas no parque de caravanas e montassem as suas tendas no parque de campismo. E é claro, que os estrangeiros que viessem viver a pagar impostos e a contribuir para Portugal também eram todos adorados. Só não eram bem-vindos os *freaks-nazis* e os hippies que traziam a contracultura de 1960 e plantavam-na na praia do Barranco e nos matos da Pedralva deixando tudo incendiar, como eu vi da Cordoama, a Pedralva a incendiar. É claro, que não era a sua “paz e amor” que era condenável, o que era condenável, era o seu comportamento, fartavam-se de ter filhos por conta dos *Dons*, sem qualquer economia, e andavam com eles ao colo nas festas de transe a fumar charros. Temos que admitir, era uma contracultura! Passavam o dia todo a fumar charros? E os impostos, não se pagavam? Os charros faziam-nos esquecerem-se dos seus deveres fiscais e legais? É claro, que depois vinham muito ofendidos para fora do mato para dentro da economia local. Mas os locais, sem precisar de drones, sabiam o que se passava no mato. Sabiam o que se passava naqueles matos. Bastava irem aos satélites do Google Maps para verem as comunidades. Aquela boa gente, que sabia os ventos de cor e falava com ciência das nortadas, também falava com ciência dos costumes e dos direitos. E, portanto, tinham vindo estrangeiros de todo o tipo e feitio para Sagres e para Vila do Bispo, uns mais feios, outros mais giros, uns com mais moedas, outros sem moedas nenhuma, mas vinham todos por causa do surf. Vinham todos para surfar. Fosse para surfar nas praias de Sagres, ou nas praias de Vila do Bispo. O Zavial era uma confusão de pranchas. O Tonel era outra confusão. Depois já não se sabia a quem pertenciam as ondas. Os próprios sites de turismo enganavam os turistas, porque apareciam as praias da Cordoama, do Castelejo, da Ingrina, do Zavial e do Barranco como se fossem todas de Sagres, quando nenhuma delas

era de Sagres, eram todas de Vila do Bispo. E a confusão começou ali no Barranco. Os do Barranco, que já não tinham ondas para surfar nem no Barranco, nem ali a seguir no Zavial, começaram a querer vir “roubar” também as ondas no Tonel, no Telheiro e na Ponta Ruiva. Até na Mareta, que era raro estar a dar ondas, só se *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom carregasse no botão para dar 2 metros e meio de ondas na Cordoama, é que ia dar umas ondinhas no Beliche ou na Mareta... E os do Barranco achavam que, por estarem acampados ilegalmente há 3, 4 ou 5 anos, já eram locais em Sagres, e podiam roubar as ondas do Tonel, da Ponta Ruiva ou do Telheiro dos nascidos, emigrados, crescidos, namorados e casados bodyboarders de Sagres. Pior; se não roubassem ondas, punham-se com os drones, que saíam das caravanas, a filmar quem estava nas ondas, fazendo razias às conversas dentro de água. E nesta razia, como o Barranco ficava ali mesmo na fronteira entre Vila do Bispo e Sagres, foi ali mesmo onde se gerou a confusão. Quando os estrangeiros do Barranco vieram com as bandeiras de Vila do Bispo tentar espetar nas praias de Sagres, os estrangeiros de Sagres não deixaram e Sagres saiu da administração de Vila do Bispo. Mas eu não vi este filme com a Audrey. Eu vi este filme em Sagres, com o Xico e a Joana. Já nem sei onde é que andava a Audrey neste filme todo. Se andava no Barranco, na Pedralva... O que é certo, é que eu passei a andar com o Xico e com a Joana. Era com eles, que eu gostava de surfar. Era com eles que eu gostava de andar nas ondas. Cada um na sua “onda”. Emanávamos ondas diferentes. Tínhamos energias diferentes. A Audrey era mais do surf. Eu afinal, era mais do bodyboard. Mas ficámos amigos como dantes. Amigos, amigos, mas negócios à parte. Eu vi outro negócio nas ondas. Foi na Praia da Cordoama, na “praia sem rede” que eu tive a minha primeira aula de bodyboard com o Xico, sem o meu surf ir parar a *Rede* nenhuma em tempo real. Foi um momento do meu espírito com o mar. Que só ao meu espírito pertenceu. Porque foi meu! Nenhum drone me



filmou, nem eu passei em alta definição no ecrã do bar da praia, como hoje passa. Mas que passa legalmente, porque o surfista é profissional e quem o está a filmar é uma empresa que lhe está a pagar para filmar. Mas não era preciso agarrar os amadores ao ecrã para deixarem as ondas para os profissionais, nem era preciso zoom nenhum. Nem todos tínhamos que ir apanhar ondas. Podíamos ficar a ver o espetáculo da areia. Porque era um espetáculo, pagarmos um colmo com Direito à Vista para o espetáculo das ondas. Era, é claro, um espetáculo que tínhamos que pagar bilhete para ver. Sabe o que é a Jupiter Editions fez? Montou um espetáculo nesta praia. Um espetáculo sustentável. Quando montou lá a sua bandeira, guardou as ondas para os locais e para os profissionais e pagou-lhes pelo espetáculo que deram! Valia a pena pagar um colmo para ver um surfista ou um bodyboarder a fazer manobras profissionais. Porque o surf não é só um desporto, é uma arte, é uma profissão, que merece ser melhor paga, melhor patrocinada.

— Ah!... Foi por isso que a Jupiter Editions patrocinou o surf e o bodyboard, pai?

— Sim, foi por isso. E agora deixo esta herança de legados de histórias e histórias por desenrolar. São ondas e ondas de histórias. E depois vem sempre outra onda, e outra história, e outra onda, e outra história e parece que *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom não para de carregar no botão e fica sempre a dar ondas que trazem mais uma história. É um *set*. É um set de histórias. Uma série de histórias. Uma série de ondas. Vou ser-vos muito honestos e dar-vos já um spoiler: em toda aquela confusão de ondas, de guerras e de direitos eu resolvi aquilo com uma nova órbita. Abri uma nova escola de surf e bodyboard com o Xico e com a Joana, num modelo de negócio completamente diferente, completamente sustentável. O Xico tinha uma ciência imensa a falar dos fundos que determinam diretamente a

onda, a falar dos ventos que dão o “acabamento” às ondas, a falar das cabeleiras das ondas com o vento que vinha de terra, o sueste, dando o perfeito e tão desejado offshore que soprava forte mesmo por cima e contra as ondas, a falar do vento leste que era bom para o kitesurf porque era um vento constante, a falar do vento-mar de noroeste que era o que predominava ali na Cordoama... E só me apetecia escrever toda aquela ciência do Xico com a sua autorização, só me apetecia ser um computador, ter duas mãos e num bater de tecla robotizado pela voz do Xico simplesmente escrever, queria ser um teclado dele. Sentia a voz dele a ser tão tecnológica e a ligar-se às teclas do meu cérebro que eu as vi a serem premidas por aquela voz que se tinha tornado uma mão que escrevia no meu cérebro. A voz científica do Xico, de repente tinha-se tornado uma mão que mexia no meu cérebro e que me dava uma vontade de a publicar pela Jupiter Editions. Só me apetecia convidar o Xico para escrever a ciência dele, para transformar a ciência dele num bonito livro dele. Porque a ciência dele, a voz dele, era um livro. Ele tinha um livro dentro dele. Eu via um livro dentro do Xico. Um livro que tinha que sair cá para fora e que eu não me importava nada de ser a esferográfica dele. A esferográfica tecnológica dele. O robot dele. O robot-escritor dele. Nunca me tinha acontecido! Mas aquilo tinha que ser natural. Aquela ciência tinha que ser escrita na areia, tinha que ser escrita na praia. Eu tinha que ter um computador na praia. Tinha que levar um computador para a praia. Mas onde é que eu ia ligar a ficha do computador? E lembrava-me que a patente dos colmos-girassóis era minha. Lembrava-me que eu tinha inventado um colmo que tinha painéis fotovoltaicos que girava como um girassol no movimento do sol e que tinha tomadas para ligar o computador e fazer das praias um novo escritório com uma vista privilegiada para o mar. E enquanto o Xico estivesse na sua ciência natural a dar uma aula sobre ventos, ondas e mares ali na sombra dos nossos alienígenas colmos antes de entrar com os putos no mar, eu podia estar ali a escrever em

tempo real no computador. E como a ciência do Xico era infinita e a minha escrita também era infinita, a nossa economia tornou-se infinita. A nossa escola de surf e bodyboard foi uma bonita economia infinita, porque as ondas são infinitas e o vento sopra infinitamente nas suas infinitas direções. Foram aulas infinitas. As aulas do Xico eram infinitas. Porque o amor e a paixão que o Xico depositava em cada aula eram infinitos. Era tudo infinito. Estamos no Universo. O Universo é infinito. Mas sabem porque é que eu abri a escola de surf e de bodyboard? Juro, era a última coisa que eu pensava em abrir... Foi por causa de um “não” da Audrey. Às vezes, um “não” muda o filme todo. A escola de surf da Audrey era uma “barraquita” em Sagres quando nasceu, era a Escola de Sagres. E a Audrey, como uma feirante, agarrou na sua barraquita e levou para a praia da Cordoama. Só que a Audrey, esqueceu-se que a praia da Cordoama não era Sagres, era Vila do Bispo. Que ali na Cordoama, o mar era uma bruteza. E quando ela me disse que afinal, eu já não podia pôr um cavalete ali na praia da Cordoama para dizer que o 2080 tinha chegado mais cedo do que era suposto, só porque eu lhe disse que fazia uma crítica geral às escolas de surf, mas que na minha crítica defenderia a Escola de Sagres; pois era claro, se lhe estava a pedir o “patrocínio”, se queria com ela fazer uma parceria; ela ficou afinal reticente... E na sua reticência eu vi um “não” e tive que ir alterar a história toda que me deu um trabalho, a começar por ter que abrir mais uma atividade económica que eu não queria, que não era suposto... Mas ainda bem, que ela disse que não. Porque o meu espírito também já não queria. O Jakob também não queria. A Sarah também não queria... Espíritos como eles são, vá se lá entender este espiritualismo... Só que eu sentia-me obrigado, porque assim que cheguei a Sagres comecei logo a escrever sobre o mundo cor-de-rosa do surf que eu via. Por isso, é que eu falava muito inocentemente nas famílias de surf que se apalpavam entre elas. Mas eu não via era os outros apalpanços. Estava a ver o filme desfocado. Estava a ignorar os

pixéis-vivos que se mexiam tecnologicamente à frente dos meus olhos. E ignorava, porque sabia que teria que mexer em tudo aquilo que eu tinha escrito com um outro espírito e eu não queria, nem tinha tempo. Já tinha pedido a licença de feirante para começar a vender os meus livros na praia. Eu tinha que começar a vender, tinha que parar de escrever. Já tinha entregue tudo ao Inácio, para ele traduzir em castelhano... Tinha ficado encarregue de rever todos os outros livros que iam sair no primeiro plano editorial da Jupiter Editions. E eu sem pôr um ponto final no que tinha em mãos, não ia ler nem rever os outros. Como editor, tinha 9 livros na mão para publicar ao mesmo tempo. Para não falar que o meu cérebro não parava de escrever e eu ia escrevendo ao mesmo tempo os meus 12 livros; ao mesmo tempo, que ia ficando de olho nos concursos públicos para concorrer com a Jupiter Editions. Não concorri sempre com a Jupiter Editions. Mas para a exploração de jardins zoológicos e aquários concorri com a Jupiter Editions, porque tinha um plano. Eu sabia que um Jardim Zoológico no Brasil estava em vias de ser privatizado. E sabia que as coisas no Jardim Zoológico de Lisboa não estavam muito bem. Não achava bem ver girafas, nem elefantes, nem zebras, presas no Jardim Zoológico, quando havia um parque safari em Portugal, onde as girafas e as zebras viviam em regime de semi-liberdade e eu via muito bem elefantes a serem transferidos também para lá, se o Estado desse uma verba para se aumentar o parque safari. Também não gostava do zoo marine nem de ver golfinhos presos em piscinas ou aquários. Eu queria libertá-los no Rio Sado, onde hoje vivem felizes no Rio Sado e vão sempre espreitar-me ao Cabo Espichel, sabem muito bem, quando é que eu estou lá a namorar com o Jakob. Os golfinhos são muito tecnológicos. Os golfinhos possuem uma extrema inteligência sócio-afetiva com os da sua espécie e com os humanos, tal como as mantas, a tal inteligência sócio-afetiva que foi falada pela primeira vez n’O *Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala e que a Jupiter Editions ouviu

e quis logo proteger! Por isso, é que o mergulho com os golfinhos e com as mantas sempre fez parte da Jupiter Agenda, em que os Member Readers da Jupiter Editions podiam experimentar esta inteligência da vida real com 15 moedas Jupiter sem porem óculos de realidade virtual aumentada. Os óculos que tinham de pôr era de mergulho, porque íamos mergulhar! A Jupiter Editions sempre foi muito mais do que uma editora. É ao mesmo tempo uma produtora e realizadora, porque transforma os seus livros em filmes em tempo real. A Jupiter Editions, com o seu coração, editou tudo. Até editou o tempo real. Porque num mundo em que tudo pode ser imprimido, em que tudo é imprimível, é porque tudo é editável. Podemos editar tudo o que quisermos, antes de imprimir. E depois de imprimir, também podemos editar. Podemos editar, por exemplo, os erros. Somos humanos. Não somos robots. Podemos cometer erros. Se até podemos editar os genes, “ultrapassando” uma complexa engenharia genética, porque há erros nos genes, não havemos de poder editar as coisas, “ultrapassando” o burocrático direito administrativo, que estava impregnado de erros e lacunas? E eu tinha ido com a Jupiter Editions para a Cordoama, para o Castelejo e para a Barriga e vi que a Jupiter Editions falava as 12 línguas das 12 nacionalidades que iam para ali surfar. A Jupiter Editions queria ser uma livraria de praia. A ideia era um alemão, um holandês, um italiano, um australiano vir à praia em Portugal e saber que nas nossas praias podiam comprar um livro escrito por um português traduzido na sua língua. E deitado na sombra do colmo, a ver o espetáculo do surf e do bodyboard no seu privilegiado Direito À Vista, podiam mandar imprimir um livro em papel reciclado da Jupiter Editions e o livro vir *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto acabadinho de sair da impressora. Mas para vender os livros na praia, como o senhor da bola de berlin vendia, era preciso ter uma licença. Quem “dava” as licenças na praia eram as capitánias e as capitánias tinham uma autonomia e faziam tudo diferente umas das outras. A capitania de Lagos dava praias

até 5 ou 10 anos, a de Portimão dava até 30 anos, a de Faro dava aos primos, a de Tavira dava aos sobrinhos, a de Olhão dava aos enteados... E era tudo ali no Algarve. O mesmo no Alentejo. A capitania de Sines dizia que tínhamos de ter um determinado capital social, a de Setúbal já dizia outro... A nossa sorte, foi o nosso capital social. Ganhámos tudo, porque acreditámos muito na Jupiter Editions. O jogo do capital social, era acreditar!

— Tio, qual é que era o capital social da Jupiter Editions?

— Eu e o Jakob, fizemos um pequeno aforro, um pequeno complô, e entrámos com 120 mil euros, da altura. Porque acreditámos tanto no que tínhamos, que sabíamos que podíamos entregar os 120 mil euros nos cofres da Jupiter Editions. Só tínhamos de ter a sorte a nosso favor. Isto foi um jogo. Nós vimos o jogo. E simplesmente jogámos. Vimos como é que os concursos públicos estavam a ser feitos. Vi como é que o Instituto do Turismo de Portugal estava a entregar os palácios do Paço Real de Caxias e vi como é que o município de São Abreu da Madeira entregou o palácio dos Condes Dias Garcia por rendas anuais miseráveis. Se me derem um palácio para as mãos e dinheiro, eu ou qualquer outra pessoa, também vamos conseguir explorá-lo! Com dinheiro tudo é fácil. Com dinheiro mando construir o que eu quero, desenho o que eu quero, pago as licenças todas, registo tudo e pago os registos todos e vivo felicíssimo na economia. Vi como é que a Câmara Municipal de Santarém entregou os resíduos e os lixos por 6 milhões, num Caderno de Encargos que dizia uma coisa, e que fazia as empresas que queriam concorrer como a minha “recuar de pé atrás”, porque se falhássemos nunca mais podíamos concorrer noutra concurso público, para além das brutais coimas e responsabilidades penais; mas que depois com a empresa que já estava combinada, afinal, os 6 milhões já eram pagos adiantados e não mensalmente “depois de aprovada a

fatura”, como dizia o Caderno de Encargos. Não estou a dizer que foi isto que se passou na Câmara Municipal de Santarém, mas foi o que se passou em muitas outras câmaras, em muitos outros lixos. Porque o júri era composto por elementos que conheciam as pessoas e as empresas e num complô era fácil viciarem-se os concursos. Muitos Cadernos de Encargos diziam que as cláusulas poderiam ser alteradas depois da adjudicação, ou seja, depois da entidade adjudicante (a entidade pública) celebrar o contrato com a entidade adjudicatária (a destinatária do contrato, ou seja, a empresa) alteravam-se as cláusulas difíceis ou impossíveis de se cumprirem que impediram e afastaram todas as empresas de participar no concurso, para cláusulas mais amigas e mais favoráveis e mais milionariamente combinadas. Até havia Cadernos de Encargos que diziam que para a empresa ganhar tinha de estar dentro de uma fórmula matematicamente inventada que sabiam que só ia calhar a uma empresa... O Sistema Perfeito acabou com tudo isso...

— Pai, desculpe lá, mas isso não é verdade! As coisas continuam as mesmas... Porque é que o meu Clube de Cascais não ficou de fora no tratamento dos dados? Informaticamente, ainda é pior, é só ver os números e pedir ajuda aos algoritmos que eles dizem quem está fora e quem está dentro...

— Cale-se! Não seja ingrato! PERCEBA DE UMA VEZ POR TODAS O SISTEMA PERFEITO QUE EU ANDEI ANOS A DESENHAR PARA SI! DESENHEI TUDO PARA SI! OU AINDA NÃO PERCEBEU? É BURRO, OU QUÊ? ABRA OS OLHOS E VEJA O MUNDO ONDE ESTÁ! NÃO O VEJA COMO QUER! POR BREVES SEGUNDOS, OLHE PARA SI, OLHE EM SEU REDOR E VEJA COMO TUDO FOI PROJETADO, COMO TUDO FOI DESENHADO PARA SI! VEJA! OLHE PARA OS CÉUS! NÃO VÊ COMO ELES SÃO TECNOLÓGICOS? NÃO VÊ

A TECNOLOGIA QUE HÁ NELES? NÃO VÊ QUEM É QUE É O DETENTOR DE TODA A TECNOLOGIA PODEROSA? NÃO VÊ QUEM DESENHOU TECNOLOGICAMENTE OS CÉUS? OLHE, PARA CIMA! OLHE BEM PARA CIMA E VEJA: FOI O *DEUS TECNOLÓGICO* DE SIMÃO RONCON-OOM!

— PARE DE ME GRITAR AOS OUVIDOS, PAI! OU TAMBÉM QUER QUE EU LHE GRITE! OLHE QUE EU TAMBÉM SEI GRITAR E TAMBÉM SEI ABRIR OS OLHOS COMO O SEU PAIZINHO LHE ABRIA!

Eu cá prefiro acreditar que são os *dons* que protegem os nossos céus e que há sim um *Jupiter* de Gabriel Garibaldi do outro lado dos céus. Quero ser mais astronómico que o pai E TENHO TODO ESSE DIREITO! Digo-lhe: por isso, é que o pai perdeu as corridas espaciais à Lua e a Marte...

— Perdi????? Essa é boa! Nunca quis! Como é que perdi? Nem concorri. Se eu concorresse, acha que eu perderia? Os meus concursos foram outros! Enquanto andavam a querer fazer parquímetros lá na Lua e a quererem concessioná-la, eu via era o concurso aos torniquetes nas praias que Vila de Bispo ia lançar. Sabia muito bem, que o estacionamento na Cordoama era um inferno. E sabia muito bem que algumas câmaras diziam que para concorrer, tinham que estar há mais que 3 anos na atividade e tinham que ter não sei quantos lugares de estacionamento concessionados, porque era assim que mandavam magicamente mais um número que sabiam de cor, para o ar. Umas



câmaras lançavam concursos públicos para explorar um parque de estacionamento sem exigirem uma pré-qualificação, enquanto outras câmaras lançavam concursos já arrançados por uma “pré-qualificação” combinada... Como se fosse muito difícil explorar um parque de estacionamento... Como se fosse preciso ter algum *know-how* para explorar uma nascente e engarrafar a água e levá-la a um laboratório para ver se era boa ou não. Soube em Sagres, quando soube de tudo ao mesmo tempo e tive que fazer tudo ao mesmo tempo, que um dos municípios da Região Autónoma dos Açores, quando ainda era autónoma, tinha lançado em 2017 um concurso público para dar a uma empresa o direito de exploração de uma nascente por mais de 20 anos. 20 anos de exploração é uma eternidade económica milionária. Em 2019, tinha estado nos Açores com o Jakob e lembro-me de ter visto essa água a ser comercializada pela empresa que tinha ganho “o concurso público”. Mas sabem quanto tempo é que durou o concurso? 1 dia! Sabe o que é um concurso ser lançado e o prazo para os interessados ser de 1 dia???? Isso quer dizer que, quem não tivesse como atividade a exploração de nascentes não podia simplesmente concorrer, porque só para pedir aos registos para adicionar mais uma atividade demoraria, pelo menos, 5 dias, se o nome da empresa não fosse confundível com outro que já estivesse nessa mesma atividade. Isto quer dizer, que um papá ou um tio que estava no poder camarário, disse ao filho ou ao sobrinho que abrisse uma empresa na hora com a atividade de exploração de nascentes, porque se ia lançar “o concurso” para ver quem é que ia ficar com a nascente. Isto foi em 2017, mas eu só soube disto em 2020 em Sagres, quando no computador ligado à Internet estava a ver que concursos públicos estavam a ser lançados e que concursos públicos tinham sido lançados. O mundo da Internet também me stressou muito, porque tinha mais informação para gerir ao mesmo tempo com todo o filme que *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom estava a passar no meu cérebro empresário. De nada

valia eu ter as praias, se depois uma empresa ficava com os parques de estacionamento das minhas praias tarifando os lugares de estacionamento que só ricos pudessem estacionar ou fazendo com que ninguém comprasse a sombra dos meus colmos, porque metade do dinheiro já tinha sido gasto “só” para estacionar. A minha empresa de parques de estacionamento, sabia quantas pessoas de Vila de Bispo estavam acostumadas a ir para as praias da Cordoama, do Castelejo e da Barriga, e por isso, sabia quantos lugares teria que deixar livres para as pessoas de Vila de Bispo e de Sagres. A minha empresa sabia quantas pessoas de Sagres estavam acostumadas a ir para a praia do Beliche, da Ponta Ruiva e do Telheiro e sabia, por isso, quantos lugares tinha que deixar livres para as pessoas de Sagres e de Vila de Bispo. E quem comprava um colmo online, podia garantir o seu lugar no estacionamento, sem pagar o estacionamento. Ou quem comprava o colmo na praia, veria o preço do estacionamento a ser descontado. E os parques de estacionamento resolveriam o campismo selvagem e o caravanismo ilegal se inflacionassem o preço da pernoita para obrigarem os carros numa Internet das Coisas a irem para os parques de caravana e campismo; ou numa melhor Internet das Coisas comunicassem com a polícia os carros que tinham ficado a pernoitar, porque a polícia fazia parte da Administração Pública e em Administração Pública aprendíamos que a pedra angular da Administração Pública eram as pequenas e médias empresas e, portanto, esta Internet de Coisas entre um parque de estacionamento e uma polícia que sabia que havia parques de caravanas sem caravanas funcionaria melhor. Porque era com esta tecnologia que devíamos ver a economia. E eu sabia muito bem que as tecnologias para mandar vir pôr alcatrão na terra batida, desenhar os lugares de estacionamento e pôr torniquetes não imploravam nenhuma economia monopolista de empresários que tinham mais de 100 parques de estacionamento. Ou era eu que punha os torniquetes, ou eram os outros. Isto era um jogo.

Tirarem-me a praia? Tirarem-me o negócio da praia? Quando eu queria ir, com todo o direito, vender os meus livros para a praia? Se agora tínhamos que editar o parque de estacionamento da Cordoama com alcatrão, que me dessem a mim a licença que com as minhas moedas Jupiter eu ia mandar pôr o alcatrão! Aquilo era um “pandemónio”, para se estacionar, como dizia o pai do Xico. Soube de imensos locais de Vila do Bispo e de Sagres que não iam no verão para a praia da Cordoama, simplesmente, por causa do estacionamento. Ou porque, de manhã, já estava cheio de caravanas portuguesas e estrangeiras a ocuparem dois e três lugares de estacionamento ou porque “para ir depois embora” era um verdadeiro inferno. Eram duas faixas estreitas para dois sentidos e os carros estacionavam numa das faixas numa longa fila de carros, até a um monte que dava depois para a Praia da Barriga. Essa estrada era ruim, também a quis arranjar. E nessa longa fila de carros estacionados ocupando uma das faixas que tornava impossível veículos de emergência chegarem à Praia da Cordoama, quando ainda não tínhamos as ambulâncias-drone, eu vi que podia fazer de uma das faixas lugares de estacionamento na vertical até ao monte que ia depois para a Barriga e colocar semáforos com sensores. Ficava uma estrada de sentido único com semáforo que, por ter sensor, não ficava encarnado, só para um lado, quando não havia carros para passar do outro lado. E esta tecnologia era tão barata. E quando as coisas são baratas, as coisas num sistema monetário são fáceis e rápidas de se resolver. E nesta corrida que eu estava a ver num novo filme de contratação pública, lembrava-me que tinha a cadeira de Direito Administrativo I para trás. Ainda bem que a deixei para trás, porque só se davam os princípios e falávamos do Instituto do Turismo e de todos os outros entes e eu ali na sala sem ver entes nenhuns, eu sabia lá de quem é que estavam a falar? Eu queria era ver coisas reais. Devia-se dar primeiro o Direito Administrativo III, depois o II e só depois o I, para se ver então a linguagem administrativa camuflada com mais clareza.

Tive 8 a Direito Administrativo I, mas tive 20 a Direito Administrativo III. Alguma vez aquele 8, iria desmotivar-me? Aquilo era para passar à frente! E em Sagres, pedi à Audrey umas 4 manhãs para fazer os exames online. Era só entrar numa plataforma e sem câmara, sem microfone, escrevermos em casa as nossas respostas. Mas eu não tinha estado nas aulas do Zoom com câmara e microfone, nem sequer tinha ainda aberto nem o Código do Processo Civil nem o Código do Procedimento Administrativo, que tinha deixado para trás, nem o Código do Processo Penal... Pois, é claro que chumbei... Estava-se mesmo a ver que eu ia chumbar! Mas eu não ia andar a dizer em Sagres, nem na Cordoama, que tinha chumbado. Claro que ia mentir à Audrey! E já todos na faculdade sabiam que eu tinha chumbado, só porque tinha um computador da escola emprestado. Um computador emprestado, por causa de uma mentira que eu tive que desenrolar, só para não ir parar ao Zoom.

— Que mentira, pai?

— Ah!... Estamos *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto, conto-vos em 2081, se tiver tempo. Já viram como é que há bocado estávamos em Lisboa e num quarto de hora viemos parar a Santarém? Alguma vez eu era contra os drones? Claro que não era! Eu sempre fui contra os drones com câmaras, não contra os drones que são carros-voadores e levam o espírito a viajar...! Isto é que era o futuro. Termos carros voadores. Não era termos câmaras que voam ou que filmam de cima... Não é drones que entregam computadores e que filmam durante a entrega o quarto todo e quem é que está na cama... O que eu posso contar é que de repente, um computador da Faculdade de Direito tinha vindo parar às minhas mãos. Sem ter sido entregue por drone, é claro. Parecia que estava a lidar não com humanos, mas com assistentes virtuais que até sabiam se eu tinha ou não as pinpinas em

atraso na faculdade. De repente, recebo um email dos antigos serviços sociais da faculdade a dizer que tinha que entregar o computador no prazo de 3 dias? Em pleno agosto? Era o que mais faltava! Iam esperar até setembro, ou até eu pôr os pés na faculdade. Não ia sair a correr outra vez de Sagres para Lisboa, quando, ainda por cima, ainda precisava do computador. Disse que estava em Sagres até ao final de setembro com contrato de trabalho e que me era impossível sair de Sagres em pleno agosto. E a faculdade respondeu-me que achava bem que eu estivesse a trabalhar para poder pagar as dívidas que eu tinha e as despesas com as propinas que eu teria no próximo ano. Mas que raio de cruzamento de dados era este? Mas porque é que os serviços sociais sabiam que eu tinha chumbado e que tinha as propinas em atraso? Porque é que todo o secretariado tinha acesso à minha conta informática, sem a minha autorização? Parece que uma Faculdade de Direito mais estúpida que sei lá o quê, se tinha esquecido da sociedade de informação tecnológica e que o meu chumbo, em Lisboa, não podia legalmente ir parar à sociedade de informação tecnológica em Sagres. Um professor de surf, mais novo que eu, tinha uma namorada que era amiga do presidente da associação de estudantes. O presidente, que fez parte “do meu processo” de empréstimo do computador, soube por outra amiga dele, que era filha de uma professora que também fez parte “do processo”, que eu tinha chumbado e numa conversa informal em Lisboa, falou-se que eu tinha chumbado e em Sagres já todos sabiam. Esse professor de surf dava aulas na Escola de Sagres. E o meu Direito à Mentira? E se eu, que andava a escrever *A Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto, não tivesse tempo para explicar a ciência toda por detrás dos algoritmos que no Zoom prendiam para sempre o meu espírito e a minha expressão à tecnologia? Se eu nem à minha faculdade, de Direito, consegui explicar, como é que eu, iria explicar isto na praia? Para quê? Para o meu espírito e a minha expressão terem sido capturados pelos algoritmos dos telefones deles? Eu devo ter sido a

única pessoa em 2020 que não foi parar ao Zoom! Até os meus primos puseram a minha avó no Zoom. Puseram-na no Zoom, no Skype... E o meu Direito Em Não Querer Participar Numa Videochamada? E o meu Direito Em Não Me Querer Expressar à Frente De Nenhuma Tecnologia? E eu podia fazer zoom nisto, mas eu andava a fazer zoom noutras coisas. Andava a ver outras coisas, muito mais importantes. Como, por exemplo, que esses testes online foram a maior injustiça de todas, porque se eu tivesse ido para a cama com o presidente da associação de estudantes, que hoje faz parte do meu exército de advogados, teria tido 20 a tudo. A primeira vez que me liguei ao presidente, foi em Direito Internacional Privado, uma cadeira brilhante que brilhantemente fazia o nosso Direito ligar-se aos direitos de todos os outros ordenamentos jurídicos. O Mike dizia que ele era igual ao meu ex-namorado, e por causa do comentário do Mike, o Jakob não gostava nada do presidente. Mas eu gostava, e por isso contratei-o. Precisava de um advogado. De mais outro advogado. Se estivesse nos grupos de WhatsApp que passavam coletivamente nos exames de Direito, sem saberem nada sobre a vida real e só a descobrirem depois de serem explorados pela própria firma de advogados que estupidamente ambicionavam, eu não teria chumbado. Ou se o meu pai me tivesse comprado um tablet no primeiro ano e eu o levasse para História do Direito Português com as sebetas digitalmente convertidas e as consultasse nos exames, não teria ficado com História do Direito Português para trás. Mas soube-me bem ter chumbado e depois sem nenhuma tecnologia ter ficado a saber, com 20 valores, como é que funcionava o Direito. O Direito nunca funcionou muito bem. E foram precisos cérebros terem finalmente nascido para porem o Direito a funcionar. Mas eu olhava em 2020 para o Código do Trabalho e via o Direito a funcionar mais para o mercado dos Dados, via o Direito a concordar com o mercado, que a imagem e a voz dos trabalhadores poderia ser detida pelo Big Data e que as empresas de tratamento de

dados poderiam ser acionistas do Big Data. Vi o Big Data a tornar-se num poço sem fundo de petróleo e todas as empresas e governos a querer explorar. Já toda a gente em 2020 sabia que os dados eram o novo petróleo e em 2019, alguns, em pânico, perguntavam nos grupos de amigos se sabiam que os dados eram o novo petróleo. Mas ficavam em pânico estupidamente, porque depois não sabiam fazer nada com a informação. Não eram capazes de se desligarem dos dados móveis, quando não os estavam a usar. Não eram capazes de desligarem os dados móveis quando estavam com os amigos. Não eram capazes de se desligarem dos algoritmos, quando estavam com os namorados. E depois ficavam em pânico porque tinham dito ao namorado uma coisa e essa coisa aparecia como sugestão de pesquisa no Google? Ficavam em pânico porque tinham o GPS ligado quando andavam na rua com o Instagram e os algoritmos sugeriam para visitar o perfil do rapaz com que se tinham cruzado na rua que também tinha o espírito dele preso no Instagram? Como é que não conseguiam fazer estas ligações? Como é que não conseguiam ver a tecnologia? Era só desligarem-se dos dados móveis. Mas, eles desligavam-se lá dos dados móveis...! Discutiam com os dados móveis ligados, fodiam com os dados móveis ligados, cantavam com os dados móveis ligados, contavam segredos com os dados móveis ligados, traíam com os dados móveis ligados, faziam chamadas com os dados móveis ligados... Andavam para todo o lado com o GPS ligado. Queriam lá saber se o Google enviava um relatório a dizer onde tinham andado aos analistas de dados. Tinham aplicações para tudo e para nada, para deixar de fumar, sem nunca mais deixarem de fumar, para dizer quando era a hora de pôr o protetor solar com nanorobots que eram vendidos como “cristais tecnológicos essenciais ao corpo”, com o calendário da menstruação, com os pensamentos do dia... E queriam lá saber se essas aplicações comunicavam os dados ao Facebook e se o Facebook comunicava os dados ao banco. Compravam telefones cada vez mais tecnológicos que mesmo que

tivessem os dados móveis desligados, os microfones deles tinham uma grande capacidade para ficar offline com as conversas gravadas e assim que ficassem online entregarem tudo aos algoritmos que depositavam no Big Data. Só os livros da Jupiter Editions conseguiam tão bem definir o Big Data. Cada um definia à sua maneira. Eu definia o Big Data como uma nuvem cheia de dados que eram regulados e valiam dinheiro. *O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala no seu romance político-económico-jurídico dava outra definição do Big Data. *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom é o Big Data. Na minha opinião poderia chamar-se o Big Data.

— Na minha opinião *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom não é o Big Data. *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom é o acionista maioritário do Big Data.

— É a sua opinião e o Thomas, há de ter outra. Ou não?

— Na minha opinião, tio, *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom não é o acionista maioritário, mas um dos acionistas maioritários do Big Data...

— Tudo bem, Thomas. Isso é porque vocês os dois acreditam nos *Dons* e lá no *Jupiter* de Gabriel Garibaldi. Se eu tivesse a vossa idade eu também veria assim as coisas...

— Pai, desculpe lá, mas isto não tem nada que ver com idade.

— Tem sim... Quando chegarem à minha idade...

— Deixe-me adivinhar... Iremos perceber...?

— Exato...



— Tão previsível, pai...

— Sou só um pai... Tenho que ter frases típicas dos pais... Olhe!!! Se o meu pai tivesse vindo visitar-me a Sagres, durante os exames online, eu teria tido 20 a tudo. Os outros filhos andaram a fazer os exames de Direito em casa com os seus pais advogados, professores de Direito e juizes ao lado... E se o meu pai tivesse vindo visitar-me a Sagres, na altura dos meus exames online e eu tivesse tido 20 a Direito Processual Penal, a sociedade de informação tecnológica depois de ter visto no Facebook que o meu pai era juiz ou advogado e desconfiar que tinha sido ele que tinha feito os exames por mim, eu não tinha como mentir, dizendo que ele não percebia nada de Direito, porque no perfil dele ele tinha cara que era do Ministério Público e que queria, numa brincadeira criminosa, mandar abrir um inquérito penal contra o próprio filho. E sem me visitar, sem ter tido a coragem de me vir visitar, apenas me telefonou e com a sua tecnologia à distância informou-me que tinha chegado uma carta do Ministério Público a notificar que eu me tinha “safado”, porque o inquérito tinha sido arquivado, mas para eu “me meter a pau”. Quem me veio visitar a Sagres, foram os meus tios, os dois irmãos dos meus pais. A minha tia, irmã do meu pai e irmã da tia Giralda, perguntou-me depois do nosso almoço, já na praia, como é que tinha ficado o caso da Giralda e eu respondi que tinha sido arquivado. Mas eu sabia que o inquérito poderia ser reaberto por via do antigo artigo 279º número 1 do Código do Processo Penal, se novos elementos de prova magicamente aparecessem como magicamente desapareceram as joias da Giralda, invalidando, nessa sua magia negra, os fundamentos invocados pelo Ministério Público no despacho de arquivamento. Os meus tios apareceram na praia, tal e qual como eu tinha adivinhado que iam aparecer: apareceram a filmar. Quando vi a minha tia a parar no meio da praia, depois de me ter visto e a mexer na carteira dela, sabia que ela

iria tirar o telefone e ia filmar-me, ia filmar o cumprimento, ia filmar o abraço transformando o abraço num abraço tecnológico e iria partilhá-lo num grupo da família do WhatsApp. E só tive tempo de pôr os óculos escuros, para pelo menos, esconder o meu espírito. Para mim aquilo não fazia sentido nenhum, é claro, muito menos naquela Era em que tudo era filmável. Eu até via pessoas a fazerem caminhadas com uma câmara literalmente colada à testa, levantando as maiores questões jurídicas! As caminhadas da minha tia, eram caminhadas tecnológicas, porque ela caminhava sempre com o GPS e com os dados móveis ligados, o que queria dizer que tudo o que ela dizia era processado e tudo o que com ela fosse conversado, por causa do telefone dela, seria processado. Mas estávamos na praia sem *Rede*, por isso estava mais descansado... E íamos almoçar ao restaurante da praia, que eu sabia que não tinha câmaras e que só por isso, é que eu lá almocei com os meus tios, porque se tivesse câmaras não almoçaria, evidentemente, lá com eles. Em 2020, o bar da praia da Cordoama não tinha uma única câmara. Uma única câmara! O que “era estranho” e “estranho” ter que dizer que isto “era estranho”. Porque estranho, devia era ser um bar ter câmaras! Eu adorei esse almoço com os meus tios na Cordoama, como sempre gostei de almoçar com eles! Vi como *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom tinha implantado uma tecnologia de ponta no paladar do meu tio que dizia que o tomate da sopa era fresco e biológico e como depois a cozinheira veio dizer que o tomate era biológico e da horta dela. Informei que em França, pessoas que tinham trocado mensagens a dizer que estavam com sintomas do vírus tecnológico foram logo vigiadas e que, portanto, as coisas na França “liberal” e “revolucionária” não estavam muito bonitas... E lembro-me do meu tio dizer que as conversas no WhatsApp supostamente eram encriptadas e lembro-me de eu lhe ter respondido que provavelmente seria a aplicação mais segura para falarmos por ser supostamente encriptado... E a minha tia aproveitou para me dizer que havia outro

grupo de WhatsApp da família onde não estava nem a Giralda, nem o meu pai e que partilharia aí o vídeo. E lembro-me de não ficar descansado por isso, porque um vídeo, por ser um vídeo, pode ser facilmente partilhado e visto por todos. Pode sair de um grupo e entrar noutra grupo. Lembrava-me muito bem que numa das últimas vezes, os meus tios me tinham também filmado a entrar em casa deles, a passar por um processo que eles inventaram por causa do vírus tecnológico e a acharem piada àquilo e naquele inocente tom deles, eu conseguia ver o meu pai também a ver o filme com um tom diferente e a dizer-me «*estás a ser filmado*». Sem o meu pai lá estar em casa deles e sem falar com eles por causa de um tribunal passado, ele viu-me a entrar em casa deles, porque os meus tios puseram o filme num grupo da família do WhatsApp e a Giralda, que estava nesse grupo, passou o vídeo para o meu pai. Devem ter-se rido muito de mim. Sempre se riram muito de mim. Sempre tive que ver a tecnologia do meu pai a interferir com o meu cérebro tecnológico com sugestões de suicídio. Disse-me muitas vezes para eu me suicidar. Disse-me muitas vezes que eu lhe daria menos despesas se me suicidasse, porque só teria que se preocupar com o dinheiro do meu enterro e, com isso, eu não teria que me preocupar que ele pagava. Dizia que eu poderia descansar a minha alma em paz. Afinal, ele via uma alma em mim. E eu ouvia-o a rir-se da minha alma. Ouvia-o a dizer que se a minha alma fosse para ser eterna, então que me metessem dentro de um caixão de betão bem lá no fundo da terra para ver se a minha alma vinha ou não vinha com fôlego para cima. E dizia que, se, por acaso, eu conseguisse sair do caixão de betão como um morto-vivo, então eu estava pronto para a vida. E só nesse caso, é que ele seria capaz de começar a ver a minha alma. Até lá, ele não teria alma para aturar a minha viva-alma. Mas começou a dizer-me isto tudo com o telefone na mão, e é claro que numa lícita *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari eu via a minha vida real no *Target – A Pegada Digital* de Ralf Kleba-Kodak. E já que eu estava a ser filmado, já

que tudo era um filme na minha vida, comecei a registar os meus filmes numa Era que eu sabia que se estava a tornar tecnológica demais; se morresse e o meu espírito fosse entregue às máquinas, ao menos, que a Inteligência Artificial me ligasse aos meus filmes. Porque era nos meus filmes que eu queria estar, não era nos filmes dos outros, cheios de paranoias, vícios, traições, esquemas e intrigas. Porque eu sabia que o filme que ia dar, era o melhor filme de todos. E lá montei a cadeirinha de realizador de cinema na praia e contei o filme ao Xico e à Joana. Contei-lhes tudo isto. Convidámos o Vandame e a Audrey para entrar. O “não” da Audrey fez-me ver o filme ao contrário. Fez-me ver ali na praia da Cordoama, que pertencia a Vila de Bispo, a Escola de Sagres... Mas e a Escola de Vila de Bispo? Se estávamos em Vila de Bispo... Tínhamos que abrir a Escola de Vila de Bispo. E abri a Escola de Vila de Bispo, em cima da praia da Cordoama de forma invisível. Mas eu não queria nem estragar o negócio à Audrey, nem competir com ela. Eu só queria fazer uma economia mais justa. Sabia que uma aula privada custava 200 euros, na altura, e uma aula de grupo com 20 aprendizes custavam 60. E ainda me perguntavam porque é que eu vendia os meus livros a 70? Com aulas de surf por 60, eu não podia vender os meus livros por 60? Os meus livros, que duravam muito mais tempo do que uma aula de hora e meia ou 3 horas, porque não dependia da disposição do professor? Os meus livros, que também davam uma aula de surf? Há quem venda droga por 60 e eu não podia vender livros por 60? Se há drogados a comprarem droga por 60, também há leitores a comprarem livros por 60. O mercado livreiro e o mercado editorial é que foram os culpados por andarmos a ver livros a serem vendidos por 5 ou 15... Há escritores que demoram anos a escrever um livro, que pagam viagens para poder escrever sobre a informação que “obtiveram” das suas viagens. A informação paga-se. Eu tive que pagar propinas na faculdade e deixar propinas por pagar para poder escrever sobre aquilo que escrevi. Eu tive “que pagar” um curso de surf e deixar

as propinas por pagar para poder escrever sobre aquilo que escrevi. Via que os professores de surf davam a aula à distância, à beira-mar e quando iam “lá para fora” com os melhorzitos, tinham que vir logo para a beira-mar, porque muitos tinham ficado na espuma. Eram muitos para uma aula. Eram muitas pranchas a estragarem-se sem chances de serem recicladas. Com a concessão da praia da Cordoama, nas minhas mãos, já podia ter os cavaletes com os livros da Jupiter Editions expostos. A Escola de Vila do Bispo patrocinava a Jupiter Editions. Tive que arranjar o meu próprio patrocínio com o “não” da Audrey. A minha ideia foi simples: foi só incluir na minha agenda o surf e o bodyboard. Assim, nas minhas concessões de praia, eu não contrataria só salva-vidas, contrataria também personal trainers, massagistas, psicólogos, professores de guitarra, professores de surf e de bodyboard e fotógrafos. Quem quisesse ter uma consulta na praia, era só sentar-se perto da Sarah e a andarem devagarinho, sem ninguém se aperceber, irem para a cabanazinha na praia, onde a Sarah dava consultas ao espírito e dava outro espírito ao corpo. Isto não era mil vezes melhor do que a telepsicologia em que o psicólogo estava na praia com a sua família e amigos e tinha que, de repente, ficar online para dar uma consulta virtual? Porque foi na praia, offline, que a Sarah curou muitas depressões em português, francês, inglês, castelhano e italiano. O Xico não queria dar aulas de bodyboard como se fosse uma máquina de pôr mais uma prancha desnortada num mar, às vezes, com nortada. Nem teria paciência para fazer isto 150 vezes num verão. O Xico não ia pôr um grupo de 20 pranchas num mar lotado, num mar cheio de surfistas e de bodyboarders que imploravam para que mais nenhum surfista ou bodyboarder entrasse. Porque não podiam entrar mais 20! Nem fazia sentido 20 alunos, ao mesmo tempo, no mar. Não iam aprender nada. Mas se fossem 5, as coisas seriam diferentes. Se fossem 5 de cada vez, já dava para ir “lá para fora”. Mesmo assim, o Xico dizia que o ideal seriam só 3. Mas eu pedia-lhe “só” mais 2. E

assim, o Xico podia divertir-se todas as manhãs como se divertia antes, e levar nessa sua ciência divertida de ondas 5 alunos com ele. A regra é que no mínimo tinham que ser 3 aulas. Cada aula custaria 150, estou a falar em euros da altura, e só haveria uma aula por dia. Não havia nada de alugueres. A Escola de Sagres continuaria lá para fazer os seus alugueres. Não me queria meter nos alugueres da Audrey. A Escola de Vila de Bispo, é claro, que foi buscar pranchas e fatos ecológicos e sustentáveis. Começou sem vícios. Eu só queria inverter o sistema com as minhas exclusivas 5 aulas de bodyboard e 5 aulas de surf na praia. Um professor “trabalharia” 3 dias seguidos e os outros 3 dias ficava a descansar, porque eram 2. Ou então 1 professor combinava com o outro, e 1 fazia uma semana de aulas, enquanto o outro estava a passear. Tínhamos aulas todos os dias. Feitas as contas no final do mês, que eram os 150 a multiplicar por 5 todos os dias, dava 22 mil e 500 que a dividir por 3, pelos 2 professores de bodyboard e pela Escola de Vila de Bispo, que contava como se fosse 1, dava 7 mil e 500 para todos. E aqui, as mesmas contas para o surf, eram mais 7 mil e 500 do outro lado. E eu sabia muito bem a quem queria transferir estes 7 mil e 500: a um professor da Escola de Sagres, que eu gostava do olhar, da serenidade e da corporalidade dele e claro, à minha querida e linda Sofie. Eu e o Jakob, porque éramos sócios da Escola de Vila de Bispo, víamos 7 mil e 500 a irem para a escola, mas cada professor também via os 7 mil e 500 a irem para a conta deles. Eu não sou comunista na política de estado! Mas nas minhas empresas sempre fui comunista, porque sou comunista na política empresarial. Numa empresa o mais importante é o capital humano, os recursos humanos. E todos os recursos que sejam os pilares mais importantes e fundamentais para a economia de uma empresa devem, sim, participar na distribuição dos lucros da empresa. Aquilo que eu ganho na minha empresa como empresário, todos os meus recursos humanos vão ganhar. Sempre soube distribuir os lucros. Na Jupiter Editions o capital humano mais

importante são os autores e os tradutores. Numa empresa de barcos ou numa empresa de aviões, o mais importante são os pilotos. Sem eles, não há aviões para descolar e fazer milhões. Numa escola privada, o mais importante são os professores. É claro que há outros recursos humanos importantes, por exemplo, um colaborador da limpeza. Eu, como empresário, até posso decidir que aquilo que eu levo para casa no final do mês, o meu colaborador da limpeza também vai levar, porque eu até posso ser o cérebro de tudo, mas para ser “o cérebro” não posso “perder tempo” nem me cansar a limpar, porque senão já não vou ter depois “cérebro”, porque já cansei o meu cérebro onde não o devia cansar. O cérebro cansa-se muito quando está a fazer esforço físico ou a vigiar ou a pintar ou a fazer o que seja, porque para executar tarefa alguma que seja tem que tecnologicamente ordenar o corpo e o espírito a executarem a tarefa e nessa “ordem” gasta muita energia e na “execução” está a gastar outra ordem de energia. O corpo até pode estar parado, quieto, mas se estiver que estar “sempre ativo”, por exemplo, a vigiar, o cérebro está-se a cansar muitíssimo. E por isso, para eu poder ser “cérebro à vontade” não posso estar a limpar, a vigiar, a escrever, a pintar, a pensar, a fazer tudo ao mesmo tempo. E se neste pensar, eu afinal vir que não é justo um colaborador da limpeza receber o mesmo que eu, tudo bem, até posso chegar depois a essa conclusão e ver que o meu comunismo empresarial afinal não funciona sempre para todos os recursos humanos, mas pode funcionar “por princípio” e neste meu novo princípio, eu já sei que não vou pagar só 1000, de certeza absoluta, quando vejo que a minha empresa está a faturar meio milhão. Porque isso, é que não é de certeza justo! Há quem veja o Sistema Perfeito como uma empresa. Mas nós também podemos ver a nossa empresa como o Sistema Perfeito. Porque não é só o Estado que pode ser visto como uma empresa. Nós, quando somos empresários, também podemos sentir-nos nas mãos do Estado e pagar ordenados de felicidade, imitarmos a Suécia, a Alemanha, a

Dinamarca, a Noruega, a Finlândia, por exemplo. Num restaurante, os cozinheiros e os empregados de mesa que aparecem a sorrir com a sua arte e gosto de servir e fazem-nos voltar àquela economia, são o capital humano mais importante. Não faz sentido nenhum um restaurante faturar 500 mil por mês, os 3 sócios distribuírem os lucros mensalmente de 40 mil para cada um e os cozinheiros e os empregados de mesa receberem 1000 cada um. Assim é muito fácil faturar 500 mil num mês e aparecer vergonhosamente na capa da Forbes. Porque eles apareciam todos vergonhosamente na capa da Forbes. Numa escola de surf, o capital humano mais importante são os professores de surf. A Audrey também tinha dado um “não” à Sofie e eu tive que ver a Sofie a saltar de surfcamp, em surfcamp. A Sofie tinha tirado o curso de professora de surf. Tinha vindo da Bélgica para Portugal para estagiar. Precisava de 120 horas de estágio de surf. Mas quando chegou a Sagres, chegou na altura em que o vírus tecnológico parecia que ia dar cabo das escolas de surf, mesmo daquelas que tinham faturado 500 mil no ano anterior. Não havia aulas para dar. E sem aulas, a Sofie não podia estagiar e acabar o curso. E o responsável do curso não queria saber se havia ou não o vírus, os estagiários tinham que até ao final de setembro ter as horas feitas e apresentarem o relatório ou o curso; senão, o tempo e o dinheiro teriam sido em vão. Mas eu sabia que a Escola de Sagres, diferente das outras escolas, estava sempre com aulas, porque ali na Cordoama parecia que o vírus tecnológico não atacava. Talvez, porque não havia rede. Talvez sem rede, o vírus não se propagava. Estes eram os meus pensamentos tecnológicos, que eu não dizia a ninguém. E fui perguntar à Audrey se a Sofie poderia estagiar, sem ser remunerada. Já que a escola dela era assim “tão boa onda”, achei mesmo que conseguiria arranjar o estágio para a Sofie. Mas a Audrey disse logo que “não”. Disse que não precisava de estagiários. É claro que ela não precisava de estagiários, os estagiários é que precisavam de estagiar. Só me apetecia chorar, porque eu sabia o quão importante



poderia ser aquela oportunidade para a Sofie e que ela nunca disturbaria. Ela só queria assistir às aulas, só queria ver como é que os professores davam as aulas, só queria ter as horas do estágio. Ela até seria uma mais-valia numa aula, porque poderia ajudar a carregar as pranchas, ou a lavar os fatos salgados, qualquer coisa a Sofie estava disposta a fazer. Ela só queria era poder ver. E o “não” da Audrey, sem razão nenhuma, irritou-me! Como me irritou quando fui fazer as contas da gasolina com ela e ela disse-me que só podia dar-me 50, quando eu gastava o dobro! E, numa altura, em que eu precisava desses 50! 50, para mim, talvez fossem 5 para ela. E disse-me num tom altivo que “além do mais” já me estava a disponibilizar um carro. Mas era dever dela disponibilizar-me um carro! Ela não me estava a fazer nenhum favor! Se ela não me desse o carro, eu não teria celebrado nenhum contrato de trabalho com ela. Não queria saber se “as miúdas” de Lagos que o ano passado tinham trabalhado para ela dividiam entre elas o combustível. Era ela que tinha que pagar o combustível e as despesas de água, luz e gás, porque eram essas as condições, senão eu nunca teria ido para Sagres. Eu tinha tudo pronto para a Jupiter Editions começar, os tradutores já estavam connosco, os correios já estavam connosco, as gráficas já estavam connosco, mas faltava uma coisa... Faltava publicidade para a Jupiter Editions dizer ao mercado que tinha nascido. Parecia uma missão impossível, confesso... Porque a publicidade custava dinheiro. E eu tive que ir ganhar dinheiro para poder pagar a publicidade. Tive que ir ganhar dinheiro para poder começar a vender. E quando fui, as gráficas que estavam connosco, “de repente”, deixaram de estar connosco. A Surf Planet e a Retrosailor assim que conheceram a Jupiter Editions, apaixonaram-se por ela. Foi recíproco. Fomos vendo que as agendas eram as mesmas. Porque assim que a Jupiter Editions entrou nelas, já não queria sair delas. Entre elas, numa perfeita força triangular dum geométrico espírito que desenha o mundo em triângulos, gerou-se uma parceria assinada num contrato espiritual.

E foi dali, da Surf Planet e da Retrosailor, que a Jupiter Editions pegou numas quantas pranchas de surf com os seus Member Readers e saiu a surfar para o seu Circuito de Surf com Oficina de Escrita. A Jupiter Editions estava num Circuito de Surf com Oficina de Escrita a escrever as ondas que surfava em tempo real. E neste novo surf, A Surf Planet e a Retrosailor, as duas lojas mais cool de Sagres, receberam a exposição da Jupiter Editions em 2 bonitos cavaletes que o Jakob compôs, enquanto estudava de prancha na mão *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto para o exame de medicina que iria determinar a nossa vida. E os cavaletes custaram dinheiro. Custaram 250. Tínhamos que ter a certeza que era ali onde queríamos os cavaletes. Podiam ser os últimos 250 que teríamos. Mas nem pensámos duas vezes! Era ali mesmo, onde queríamos. Lembro-me da intriga que a Audrey fez disto. Na sua Internet de surfistas, a Audrey dizia aos surfistas que vinham com caravanas e faziam grandes campismos ilegais que eu andava a escrever, não sei como, sobre o caravanismo. E na altura, havia um colaborador que estava a trabalhar na Surf Planet e que era muito amigo da Audrey. E a Audrey, com a sua tecnologia à distância, que sabia que a dona estava fora, mandou o meu cavalete para o cantinho, sabendo que as caravanas estacionadas à frente da Surf Planet, iam tapar o cavalete, iam esconder a tecnologia da Jupiter Editions. Quando vi aquilo, quando tinha acabado de ver que as pessoas estavam a reagir e a interagir muito bem com a *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari, que tinha custado um anúncio no Facebook à Jupiter Editions, mas não estavam a comprar, só estavam a “pôr gostos”, nem sequer carregavam no botão “comprar”, para entrarem na nossa loja online, parecia que o marketing estava, afinal, todo errado. E eu não tinha ido para Marketing. Estava em Direito. E no meu Direito Ao Bom Marketing, eu via que os algoritmos informadíssimos não estavam a mostrar o anúncio a quem sabiam que iria comprar, porque numa “magia algorítmica”, parecia que os algoritmos sabiam que seriam descobertos e falados e como não

queriam, parecia que escondiam a tecnologia da Jupiter Editions... Mas o que estava errado, era mexer na tecnologia da Jupiter Editions. E a Audrey perguntou-me se tinha visto como passava despercebido o meu cavalete na Surf Planet e disse que estaria muito melhor, se o tivesse colocado à frente da escola de surf dela, que ali, teria mais visibilidade. Numa conversa de filho para mãe, a dona da loja telefonou logo para a Surf Planet, para que o meu cavalete saísse do cantinho e aparecesse à vista de todos. E foi assim, que desfiz a tecnologia da Audrey. A minha tecnologia à distância funcionava muito melhor do que a dela. Acho que foram os melhores 250 que investi na minha vida! A Surf Planet e a Retrosailor não tinham câmaras de vigilância a monitorizar os colaboradores da loja, nem a processar os dados dos surfistas! Porque o cérebro que estava por detrás das lojas, sabia muito bem quantas pessoas é que tinham entrado num dia, e de que país é que eram, sem precisar de gravar nada com câmaras ou microfones. E eu até podia ficar descansado, porque sabia que íamos começar a vender tendo ali os cavaletes com as capas dos nossos livros. Porque os nossos cavaletes eram autênticos hologramas, sem serem hologramas. Eu sabia como é que os nossos livros eram tecnológicos e chamavam a atenção dos espíritos mais tecnológicos. Eu e o Jakob tivemos que ser publicitários, tivemos que fazer os slogans, tivemos que armar toda a campanha, tivemos que programar e arranjar o nosso site, tivemos que ser programadores, tivemos que ser secretários um do outro, tivemos que ser tradutores a traduzir o site nas nossas 12 línguas, tivemos a nossa primeira discussão, porque eu queria as letras do site grandes e ele queria-as pequenas e eu dizia que se fossem pequenas ninguém ia ler e o Jakob dizia que as letras grandes davam-lhe vontade de sair do site e quando ele dizia isto o meu coração parava e eu perdia as forças todas e depois ria-me por termos discutido, por causa do tamanho das letras e pensava que tudo isto, afinal, tinha um sabor, que eu tinha que passar por todo este stress, que eu tinha que ver como era difícil a vida das

empresas quando elas nasciam num mundo governado por empresas. E neste meu delírio, neste meu prazer de ver tudo isto, montar tudo “sozinho” com o Jakob e com a Theresa, ter que fazer tudo ao mesmo tempo, cheio de interrupções que me deixavam depois exausto e cheio de sono com o meu corpo a implorar por um sono profundo, lá aparecia a Segurança Social como um holograma à frente dos meus olhos a dizer para eu não me esquecer de pagar a “contribuição obrigatória mensal” de 150 e tal, e vinha depois mais outro holograma a dizer que tinha que pagar 50 por causa do site onde tinha a loja online, e vinha outro holograma a dizer que era o senhorio e para eu não me esquecer que tinha uma renda da empresa para pagar, tudo num total de 300 e tal, em que com vendas ou sem vendas, a Jupiter Editions tinha que pagar, só por ter nascido, só por respirar, só para dizer que existia. Sem vendas, não havia dinheiro para anunciar nem na TV, nem na Rádio, nem nos placards da rua... Na TV, só grandes marcas e empresas é que conseguiam anunciar. O tempo para os anúncios da TV, era nos intervalos dos programas de TV e os intervalos eram de 15 minutos e eram milhões de empresas que competiam, como algoritmos, para aparecerem nos écrans. É claro que, quem geria e explorava os tempos de antenas e de anúncios “leiloava” o espaço com base de licitação do preço de uma casa ou do preço de um carro. E se eu ainda andava a pagar rendas de casa, não tinha nenhuma casa, não valia a pena pensar na TV. Nos placards não me parecia que valesse muito a pena, porque as pessoas andavam todas enfiadas no telefone quando passeavam na rua, e só com a Jupiter Editions é que as pessoas começaram a reparar nos placards e lá todos nos apercebemos que “de repente” os placards eram inteligentes e projetavam as imagens para fora: tinha chegado a Era dos hologramas... Mas antes dos hologramas terem chegado aos telefones e antes dos algoritmos projetarem os anúncios para fora dos écrans, eu via que estava tudo no Instagram e no Facebook... E se estava tudo no Instagram e no Facebook, é claro

que eu tinha que anunciar também no Facebook e no Instagram; mas para alcançarmos um público considerável e conseguirmos convencer os algoritmos a mostrarem os nossos livros aos nossos Member Readers tínhamos que ter dinheiro para pagar aos algoritmos, porque era assim que estava a economia. Se eu via que os influencers eram uma nova cultura de publicidade e havia influencers que só para fazerem um breve vídeo que ficava no ar 24 horas a que chamavam de “stories” cobravam 500 e para publicarem na sua página “para sempre”, tão eterno quanto fosse eterno o contrato de promoção, cobravam 2 mil e 500, tínhamos que nos tornar um algoritmo e convencer os influencers a promoverem os nossos livros, se não tivéssemos dinheiro para pagar aos influencers. Quantos mais seguidores um influencer tivesse, mais caro ele cobraria para fazer uma publicação com um determinado produto de uma marca. Havia até influencers que tinham aplicações que enviavam, como se fossem robots ou assistentes virtuais, pedidos para seguir alguém, para esse alguém “seguir de volta”, e que, automaticamente, em poucos dias deixariam de seguir quem tinham pedido para seguir, porque as aplicações inteligentes sabiam que o utilizador que geriam já tinha ganho mais um seguidor, e a ideia, a cultura desta ideia, era ter muito seguidores, mas estar a seguir poucas pessoas, porque os números eram visíveis. Os utilizadores de Instagram que fossem gays e tivessem a tal aplicação instalada para enviar “pedidos para seguir”, tinham acesso à conta do Instagram dos utilizadores que “gerenciavam”, porque os utilizadores permitiam que essas aplicações analisassem todos os dados, incluindo das mensagens privadas, e, portanto, iam enviar os “pedidos para seguirem” aos utilizadores que sabiam que eram gays. O Instagram e o Facebook sabiam muito bem que utilizadores eram gays, porque viam as interações, viam o tempo que um utilizador ficava a olhar para uma fotografia e naturalmente que foram sofisticadamente evoluindo. Um surfista que tinha uma namorada, mas que depois se masturbava com

os corpos dos outros surfistas que via no Instagram, o Instagram que cedia os dados ao Facebook e ao Big Data e ao Google e aos milhares de “parceiros” que eram as milhares de empresas que já tinham entrado no mercado de dados, ficavam a saber. Sabem o que é milhares de empresas saberem que um surfista reputado que aparecia com a namorada nas fotografias, andava a masturbar-se com fotografias dos corpos nus de outros surfistas? Era um escândalo de dados. Era um escândalo que rendia milhões e as empresas sabiam que se a “jogada” de xadrez corresse mal, teriam só que pagar uma mísera indemnização comparado com o que iriam ficar a ganhar. Porque eram as empresas de dados a chantagearem os agentes dos surfistas e dos futebolistas para que pagassem o silêncio, senão “cederiam” por milhões os dados a um jornal que publicaria dizendo que a fonte era anónima... Punham-se a masturbar com a Internet ligada e com a câmara frontal ligada à Internet e ao Instagram...? Para quê? Para *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom ver? Ou para um analista qualquer ver? Ao menos, que gravassem o corpo com o cérebro e se masturbassem só com o cérebro, se não tivessem o cérebro chipado, é claro... Mas os utilizadores sabiam lá usar a tecnologia que havia nos cérebros deles... Só sabiam era conectar a tecnologia do cérebro ao Instagram. Sabe o que é ver tudo no Instagram? Carregávamos na lupa e entrávamos por dentro da vida de qualquer pessoa. Sabíamos exatamente o momento em que dois namorados se tinham zangado, porque deixavam de comentar as fotografias um do outro quando comentavam sempre. Sabíamos que se um dos namorados tinha ido outra vez para *Júpiter* de Gabriel Garibaldi e o outro tinha ido para Marte e os namorados não interagiam um com o outro, nem gostavam da fotografia que cada um deles tinha publicado e já passavam 5 dias, então era porque tinham acabado e depois víamos os novos comentários dos novos pretendentes que também já se tinham apercebido, e víamos como o outro namorado ficava a reagir a tudo isto à distância. Era assim *A Sociedade de*

*Informação Tecnológica Mais Estúpida Do Mundo.* E sabiam as marcas. E sabiam as empresas. Porque tinha tudo ido parar ao Instagram. Já viram o que é uma empresa saber tudo sobre as nossas vidas? Os utilizadores do Instagram tornaram-se uma verdadeira experiência de dados. Eu só seguia o Sebastião Lupi-Levy, o Jaime Bayamonde da Costa Ayala, o Simão Roncon-Oom, o Gil de Sales Giotto, o Barac Bielke, o Federico Ferrari, o Gabriel Garibaldi, o Ralf Kleba-Kodak e o Jakob. Lembrome do Vandame ter ficado escandalizado quando soube que eu só seguia 9 espíritos. Lembro-me de um surfista tecnológica do Pego dizer que a minha vida devia ser uma seca por eu só estar a seguir 9 no Instagram. Eu ria-me muito. Este comentário denunciava o cérebro e mente humana. E eu deliciava-me com isto. Para mim, este comentário era um dado. Alguém dizer que a minha vida devia ser uma seca, porque eu só seguia 9 pessoas no Instagram. Não precisava de seguir muito mais para saber o que as pessoas estavam a expor. Nem precisava de me expor para ver a exposição gratuita das pessoas. Eu podia ter o meu perfil privado, ter só umas 5 fotografias e saber tudo sobre alguém em 1 minuto que tivesse o perfil público. Era raro, encontrar-se um perfil privado. Lembro-me de um estrilho de dados em que um bebé estava à beira-mar com as mãos dadas de um lado ao pai e do outro ao melhor amigo do pai. Duas mulheres olharam para aquilo e uma delas resolveu fotografar. Eu e o Xico adivinhámos. Adivinhámos que aquela mulher estava a olhar para aquela cena como se aquela cena, fosse uma cena gay. E quando cheguei a casa, fui à lupa do Instagram e pesquisei “praia da cordoama”, sem deixar o Instagram ter acesso ao meu GPS, que me pediu logo, e lá vi a fotografia publicada pela mulher que dizia que era lindo de se ver dois homens com um bebé e tinha “hashtags” a dizer #FREELOVE, #HAPPYCOUPLE, #CORDOAMA-IS-GAY-FRIENDLY, #HOTGAYS em que cada “hashtag” fazia estes dois amigos irem parar a um novo mundo virtual. Sabem a que mundo é que foram parar, por

causa destes criminosos “hashtags”? Ao mundo dos paneiros que tinham uma bandeirinha gay às cores no perfil do Instagram em que tiravam fotografias com não sei quantos namorados com descrições a dizer “taking applications for a third” e com “hashtags” a dizer #GAYCOUPLE, #LGBTFAMILY, #LGBTCOUPLE, #GAYCOUPLEGOALS...

— O quê????? GAY, COUPLE, GOALS????????? Isso é demais... Isso é surreal... O pai está a mentir, não está?

— Pois, riam-se, riam-se... Da estúpida sociedade de informação tecnológica em que eu me vi inserido... #GAYLASVEGAS, #GAYEUA, #CUTEGAYCOUPLE, #GAYTREESOME, #THEGAYPASSPORT... Tudo só para terem mais “likes” e mais “matches”, e a trazerem atrás comentários completamente sexuais e preversos de paneiros a dizerem que queriam ser um “third” e com “emojies” de gotas azuis a saltar para expressar “a esporra a saltar”? NOJENTO! Era assim que o “pior mundo gay” queria (se) vir todo para cima???? Nesta nova liberdade de expressão com estes novos *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke???? Porque era assim que eles queriam vir para cima de nós! Com os telefones! Era assim que a sociedade de informação tecnológica pouco inteligente, enviava inocentes namorados para o mundo dos *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke e, depois, era assim, que os *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke apareciam em *sets* na praia da Cordoama. Por causa de uma fotografia. Isto podia ter acontecido comigo e com o Jakob e se acontecesse eu levaria a mulher para tribunal, porque era fácil identificá-la e o que ela fez em 2020 já dava direito a ir para a prisão. As pessoas andavam a fotografar tudo e umas às outras, mas não podiam. O Código Penal era muito claro em relação a isso. Se eu assistisse a uma briga de surfistas eu não podia filmar nem sequer essas



filmagens seriam admitas em tribunal, porque tinha que haver sempre um consentimento para se ser filmado. Mas as pessoas esqueceram-se disto! Esqueceram-se do Código Penal! Esqueceram-se que não podiam chegar a um sítio e porem-se a filmar quando estavam pessoas! Não podiam chegar à praia ou a um miradoiro e fazerem raio-X! Porque eu podia não querer que soubessem que estava num miradoiro e não era o telefone de uma pessoa que me iria denunciar. As pessoas no supermercado e nas filas infernais do supermercado para entrar, por causa do vírus tecnológico de 2020 punham-se a fazer videochamadas???? Não podiam! Porque eu que estava atrás de uma pessoa na fila, não tinha que ir parar à videochamada dela! As vezes que eu me passava e fazia estrilhos, por causa disto! O Jakob, tinha uma paciência de santo para me aturar... Nenhum outro namorado teria ficado a ver estes estrilhos e escândalos que eu fazia! Porque eu não tinha problemas nenhuns de interromper a videochamada e dizer que talvez não seria o sítio mais indicado para fazer a videochamada, porque eu estava-me a ver no ecrã dele, porque a câmara frontal dele estava a apanhar-me e eu não queria! Quer dizer, chumbei a Direito porque não queria ser filmado pela aplicação que a faculdade me obrigava a instalar no meu telefone, como se ela pudesse mandar-me instalar o que fosse no meu telefone, e não tinha coragem para dar um chapadão a um gajo que perante o meu educado, cordial e legítimo pedido ainda se ria e me apontava brutalmente o telefone na cara? Parti-lhe o telefone! Mas parti-lhe com uma pinta... Com uma classe... E disse, que estava a partir em legítima defesa, até invoquei o artigo 32º do Código Penal. Era o que mais faltava alguém tentar fazer de mim um gozo tecnológico e eu não poder fazer nada para parar o gozo! Eu sabia lá se ele não estava a fazer um “direto” no Instagram e eu estava a ser visto pelos 40 mil seguidores dele? Porque eu depois fui ver quem é que ele era e vi que ele tinha 40 mil seguidores. Porque ele teve a lata de me perguntar se eu sabia com quem é que eu estava a falar e que ele era

patrocinado por uma marca de merda qualquer. Mas ele que viesse com a marca de merda dele atrás que só o objetificava e só olhava para os seguidores dele; queria lá saber se ele era giro ou se era feio, se se metia em orgias, se fumava charros ou se queria combater a fome em Moçambique! Esse estupor de merda, que não lhe consigo dar outro nome, soube, talvez, pela Internet de Influencers, que eu era editor da Jupiter Editions e que estava à procura de influencers, que estivessem interessados em promover os nossos livros, para podermos começar a ter vendas e podermos combater a fome, porque por cada livro vendido íamos comprar uma lata de feijão ou grão e um pacote de massa ou arroz para doarmos em Moçambique. E soube, talvez pela Internet da Cultura Gay – Internet de merda –, que eu tinha namorado “e que por isso, seria gay”. E o que é que esse estupor de merda fez? Foi enviar-me uma mensagem a pedir-me desculpa, a dizer que era um surfista “bué conhecido”, com “bués” seguidores atrás dele, que compravam tudo aquilo que ele publicava, que ele tinha visto as Missões Jupiter e que se eu quisesse combater a fome em Moçambique com as vendas dos livros, eu só tinha que me meter com ele na cama para lhe matar a fome, porque ele estava cheio de fome por mim e a ficar cada vez mais esfomeado. E ainda me disse, que se eu não quisesse ser burro e ficar pobre para sempre, sem vendas, eu tinha que ir para a cama com ele, porque era “o mínimo”, depois de lhe partido o telefone e que melhor oferta destas “de cama”, sem ter que pagar nada, eu não ia arranjar. Disse-me que, no mercado, estávamos todos a tentar sobreviver e que eu tinha que ser “um sobrevivente” e que ele estava ali para dar uma maõzinha à Jupiter Editions para poder sobreviver, numa cena que parecia que o meu pai tinha ido buscar um dos *Cavaleiros Tecnológicos*, de Barac Bielke e tinha-o posto ali a reagir e a interagir comigo, como um algoritmo. E eu via um holograma do meu pai que se projetava, sem autorização, à minha frente, a dizer para eu não ser “estúpido”, nem “burro”, nem “preto burro” e para olhar à minha volta e perceber

como é que estavam as coisas à minha volta e que se eu queria, realmente, que os meus livros aparecessem no mercado e se estava ali um dos *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke, “disposto” a publicar e promover os livros na página dele, sabendo que isso ia vender imediatamente e que eu só tinha que fazer uma coisa, que era “aproveitar” da “minha vantagem”, que era a “minha orientação sexual” e só me tinha que me meter na cama com ele para lhe matar a fome e se eu não era capaz de o fazer, se não era capaz de negociar, de me “integrar” na “sociedade”, então, é porque ia acabar por morrer à fome e estava destinado a ser sempre um predador, porque, pelos vistos, continuava sem perceber nada, de como é que “funcionavam” os mercados e as parcerias, “capazes de mudar o mundo”. E lá vinha o estupor de merda dizer-me que se eu queria começar a ter vendas, sem saber como é que ele sabia que eu estava ainda sem vendas, e se queria ver os meus livros a serem promovidos por influencers hot ou very hot capazes de pôr hot todo o mercado, eu teria que saber dar o cú, quando era preciso dar e saber que estava na altura de dar o cú ao mercado. E o que era preciso na altura, era eu dar uma sova ao mercado! Porque eu não tinha que dar o cú ao mercado! Tinha que dar o cú ao Jakob! Não era ao mercado. Eu não namorava com o mercado. Eu namorava com o Jakob. O meu namorado era o Jakob, não era o mercado! Eu tinha era que dar uma sova ao mercado!

— O pai tem isso registado?

— O quê? Que eu dei uma sova ao mercado ou ao estupor de merda?

— Se registou as ofertas e proposta do estupor de merda...

— Claro que registei! Tenho tudo registado! Sou uma câmara de filmar! Sou um fantasma! Sou um algoritmo! Sou um Inteligência

Artificial! Também eu, sou o Big Data! Também eu estou cheio de dados! Riam-se, riam-se... Podem se rir à vontade...

— Que o último a rir, é o que se ri melhor, não é pai?? Já nos conseguiu roubar aqui umas boas gargalhadas...

— Os “influencers” achavam que o mundo, “de repente”, girava à volta deles, porque tinham 50 marcas interessadas neles. Viviam de marcas e de patrocínios. Viviam de seguidores. Vi putos de 5, 6 e 7 anos a perguntarem a outros putos de 9, 10 e 11 anos quantos seguidores é que tinham. Lembro-me na praia do Pego de uma miúda de 7 anos, perguntar-me se eu já tinha visto um vídeo qualquer e eu responder-lhe que não e a miúda de 7 anos ter ficado escandalizada comigo, porque o vídeo tinha não sei quantas visualizações... Isto punha-me doente. Parecia que eu estava a lutar contra o Diabo. Sentia-me sozinho com o Jakob e com a Sarah num mundo de lunáticos, num mundo deprimido com pessoas agarradas às máquinas, à droga... Eu via demónios nisto. Isto eram demónios!

— Tio, talvez fossem os Demónios Tecnológicos que aparecem n’O *Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom...

— Talvez, Thomas... Talvez... Mas demónios com 6, 7, 8, 9 anos? É demasiado assustador, sabe? Parece que a semente que o Diabo tinha plantado estava a criar raízes muito fortes. As pessoas estavam mesmo agarradas à tecnologia. E ver isto de fora, era um sufoco. Porque parecia que nós é que estávamos mal... Para até um governo vir dizer que era “dever cívico” todos nós instalarmos a aplicação do vírus tecnológico de 2020... Você, por acaso sabe o que é um Governo primeiro recomendar, depois mandar você instalar uma aplicação no seu telefone e só pode sair de casa com a aplicação instalada senão leva multa ou vai preso, sendo certo que o Thomas tem

que ir trabalhar, ou passear ou ir ao supermercado, e essa aplicação só poder ser instalada se o Thomas autorizar que a aplicação tenha acesso ao seu microfone? Ou a aplicação só funcionar se você tiver Instagram ou Facebook e se não tiver, você estar obrigado a criar e a provar que é você com uma fotografia frontal e se não tiver um telefone com câmara frontal ter que ir comprar um? Sabe o que é que isto é? Porque foi isto que o parlamento começou a pensar, porque começou a ver o que estava a acontecer lá fora... A China, de repente, disse em 2020 que só os telefones com câmara frontal é que poderiam ser comercializados em 2021... E lá vieram os telefones com câmara com Inteligência Artificial com os seus sofisticadíssimos algoritmos, a gritar ao mercado que 2080, afinal, tinha chegado mais cedo... Um governo ordenar a produção de fábrica só de telefones com câmaras e microfones com Inteligência Artificial e obrigar todos a andarem com esses telefones, numa também altura, em que os hologramas já saíam gritantes dos ecrãs dos telefones sem serem precisos óculos de realidade virtual aumentada para os ver? E querem saber como é que chegámos, hoje, aos psicólogos que saem das paredes em hologramas, porque detetaram a depressão ou receberam um dado nosso de pensamento, que estamos com pensamentos homicidas capazes de matar uma Inteligência Artificial que, *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto, se veio instalar sofisticadamente nas nossas casas e se quer conectar ao nosso cérebro, com a nova desculpa da Cibersegurança e do Direito Penal de Precisão e da Justiça Antecipatória, atrás e agarrados à Medicina de Precisão e à Psicologia de Precisão? Imaginem só... Imaginem a merda, mas a merda mesmo, digo mesmo merda, de leis que se estavam a fazer dentro do parlamento... Sabe o que é, você nunca, mas nunca ter querido subir ao poder e ver-se obrigado a subir ao poder para sobreviver? Simplesmente por ser um “sobrevivente” e para poder “safar-se”, como dizia o meu pai? Eu estava cheio de medo com as novas imposições que vinham aí... Porque eu em Sagres e na Praia da

Cordoama estava na boa, parecia que nem havia vírus tecnológico nenhum... Mas e quando o verão acabasse? Com a desculpa do inverno? Como é que iam ser agora os novos confinamentos inconstitucionais? Porque era um atentado à Constituição, um Governo mandar-nos ficar em casa! Um Governo não podia voltar a fazer isso! Não podia! Mas estávamos a brincar ou quê? A brincadeira e a paciência do homem têm limites! Parecia mesmo que estávamos nas mãos de um Diabo que nos queria chipar a todos, que nos queria ver a todos numa permanente orgia. E foi este inferno que eu passei. Nesta orgia de pensamentos. Era eu no paraíso que era a Cordoama, a ver o meu cérebro a escrever na minha mente e eu ali, preso a um contrato de trabalho, que não me deixava escrever, era eu a sair já cansado da Cordoama, a querer imediatamente escrever no computador, mas não podia, porque ainda tinha que guiar meia hora até casa, e era eu a ver um braço metálico com uma câmara de filmar que saía alienígenamente da janela do carro que ia à minha frente, e era eu estupefacto com aquilo, e depois era a câmara a girar e a filmar-me e eu a ter que pôr os óculos escuros dentro do carro e a buzinar para que a câmara voltasse a girar para parar de me filmar, e depois eu via a câmara a filmar todas as pessoas da vila e eu pensava como aquilo era a mesma coisa que um tripé na praia e que os tripés eram proibidos e eu via imensos tripés e pensava, como é que as pessoas não conseguem perceber que não podem montar tripés como se fossem câmaras de vigilância, que filmam ali o dia todo na praia, e eu pensava como é que haveria de escrever isto, quando eu estava *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto e lembrava-me de um estúpido que tinha publicado criminosamente no Facebook as fotografias que tinha disparado às pessoas, que numa estação dos comboios ao ar livre não estavam a usar máscara, e eu só me queria deitar com o Jakob, e ainda tinha que me enfiar num supermercado e ser filmado numa videochamada, e depois do estrilho que foi, ainda tinha que estar a pensar na portabilidade dos

dados e ir pedir as minhas imagens ao supermercado, porque tinha partido o telefone de um cliente à frente de uma câmara do supermercado, e ainda tinha que estar a pensar, como é que tudo isto era, provavelmente, culpa da virtualidade, das redes sociais e dos likes e dos seguidores? Porque aqueles anormais que iam a filmar dentro do carro, só iam a filmar para terem “likes” no filme que iam publicar e tinham que filmar com uma câmara o mais tecnológica possível para terem mais qualidade, mais likes e mais seguidores... Eu sempre fui contra esta visibilidade... Esta visibilidade era um disparate! As pessoas queriam estar no Instagram, tudo bem, mas que os seguidores fossem ocultos, que só o utilizador soubesse quantos seguidores é que o seguiam. Se as pessoas estão BEKONEKT, estão BEKONEKT, com quem querem estar BEKONEKT, pronto! Mas não precisam de saber com quem é que cada um está BEKONEKT. Mas antes, as pessoas não estavam só conectadas umas às outras, como queriam saber com quem é que cada um estava conectado. Não é que eu esteja BEKONEKT. Mas se eu quiser cantar BEKONEKT a todos, eu vejo quem me está a ouvir, os outros ouvem a cantar-me, mas os outros não sabem quantos é que me estão a ouvir e assim se quiserem continuar BEKONEKT, porque estão a gostar de estar BEKONEKT ficam BEKONEKT, mas não deixam de ficar BEKONEKT, porque são poucos os que estão BEKONEKT.

— O tio está BEKONEKT?

— Não estou... Já disse... Se tiver BEKONEKT é aos *Dons*... Estou a brincar... Se tiver BEKONEKT é a’O *Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom... Mas até ficarmos BEKONEKT, fomos uma imensa experiência de dados nas mãos do Facebook e do Instagram. Porque o Instagram, olhava para nós através das nossas câmaras frontais e ouvia-nos através dos nossos microfones e sabia que as

peessoas viviam disto, de virtualidade, de artificialidade... Davam-se com umas e não se davam com outras, por causa dos seguidores. Deitavam-se na cama com umas e não se deitavam com outras, por causa dos seguidores. As pessoas sabiam de cor quantos seguidores é que uma pessoa tinha. Isto fazia lembrar-me a Era do Hi5, que foi anterior ao Facebook, em que o perfil dizia quantas visitas é que o utilizador tinha e depois havia um top 15 onde nós púnhamos por ordem os nossos melhores amigos, à vista de todos; e nós, quando andávamos na rua e olhávamos para alguém, sabíamos que aquela pessoa estava no top 15 do Hi5 de uma pessoa que tinha 5 mil visitas e que era amigo de uma pessoa “popular”... E olhem só o que fizemos às pessoas? As pessoas andam na rua com hologramas dos seus melhores amigos, dos seus namorados, só porque estão BEKONEKT aos seus namorados e melhores amigos. Eu sempre andei com uma fotografia do Jakob no telefone como wallpaper. Mas daí a projetar a fotografia dele no ar? A estar em chamada na rua “com as mãos livres” e andar com um holograma projetado de com quem estou a falar? E os Direitos para isto tudo? E os Direitos dos Hologramas? E os Direitos que começaram a reivindicar para poderem andar com os namorados-hologramas-em-tronco-nu que interagiam comigo, só porque havia quem queria andar com um drone por cima da cabeça? Porque se se podia andar com um drone por cima da cabeça com luzinhas a piscar, também se podia andar com um holograma a emitir luz à noite e a encadear-me constantemente a visão? Porque se em 2020 jipes elétricos projetavam mini luzes no chão, a Superwagens também podia projetar hologramas gigantes e no ar? E os hologramas que eu vi a entrarem na Faculdade de Direito na cadeira de Direito dos Hologramas? E as dores de cabeça que isto me deram? Porque eu via isto tão bem, tão real, tão possível, como via o Hi5. BEKONEKT é uma evolução do Hi5, só que sem visitas e com comentários e pensamentos privados que podemos publicar, porque temos o controlo, e se nos apetecer



podemos projetar, ver projetados ou andar simplesmente projetado no mundo real. De facto, está tudo BEKONEKT... Mas quem não quiser estar BEKONEKT é livre... Mas a *Rede* é muito mais do que BEKONEKT. É também estar, sem eu querer, na BigKloud, porque o sistema cria automaticamente um *profile* que sabe os dados da minha última geolocalização que foram enviados por uma câmara... São as MindsZon que acham que podem partilhar coisas que eu disse, ou pensamentos meus, só porque os disse num jardim e os microfones que elas têm embutidos nos ouvidos gravaram o que eu disse... O que eu me ri quando vi que em 2020 havia uma aplicação para “Intelectuais” que partilhavam “pensamentos intelectuais”... É por isso que eu me calo sempre, quando alguém passa. Eu sei lá se está ou não a gravar, eu sei lá que tecnologias traz... Eu sei lá, se vai pôr o meu pensamento na aplicação dos pensamentos...

— Uii!!! Thomas!! Vê só como é que é a *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari, do meu pai... Em 2080 anda em silêncio e não gestos bruscos nenhuns... Ó, pai...! Vá, lá... Não me diga que se cala sempre que passa alguém?... Isso não é verdade! Não pode ser verdade!

— Sabe quando é que o cérebro começou a escrever *A Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari? Em 2019. Sabe a que filme é que *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto viemos parar, tudo, por causa do cérebro? Ao filme que está a ser 2080. Porque estamos num filme. Estamos num autêntico filme. No filme da vida real.

— Quem é a realizadora, pai?

— Espero que seja a Jupiter Editions, tio...

— E quem é que será a produtora, Thomas?

— Espero que seja a Jupiter Editions ou o Kanal Jupiter, amorzinho...

— Mas eu não estou a avistar nenhum drone nem da Jupiter Editions, nem do Kanal Jupiter, Thomas... Estás a ver algum?

— Não estou... Quer dizer... Estou a ver ali um... Está a vir na nossa direção... Tio, mas ele pode sobrevoar aqui? Então e os Direitos Aéreos que o tio comprou? Está mesmo aqui a sobrevoar-nos, só que é invisível... Mas eu consigo vê-lo, vocês não? Ponham os óculos de realidade virtual aumentada... Este é daqueles que só se consegue ver com os óculos... Ponham os óculos! Espero que não seja um drone da Eagle Studios... Porque não me apetecia nada ter que entrar agora num episódio dos *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke... Ainda por cima, com o teu pai aqui... Se bem, que já estou a ficar com tusa... Tio, não quer ir dar uma volta?

— Eu amo-te, Thomas! És tão engraçado... Sim pai, vá lá dar uma volta que chegaram os *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke e os *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke não são para a sua idade...

— Riam-se, riam-se... Estamos em 2080. Temos que adaptar a nossa paranóide e o nosso medo natural ao Direito e à Tecnologia. Não é sermos paranóicos! Senão a Psicologia de Precisão e a Medicina de Precisão enviam logo drones para nos virem buscar. Têm o seguro em dia? Estão com dívidas? Não estão com dívidas? Sabem que agora com dívidas suspende o seguro e podem ficar temporariamente nas mãos do Sistema Nacional de Medicina?

— Antoine! O que o teu pai está a dizer é verdade????

— Claro que não. Está a inventar...

— Perdeu a tusa, Thomas? Com dívidas, o meu filho faz lhe perder a tusa? Olhem que eu não vos pago nem as dívidas, nem o seguro... Nem vos pago o *Premium* para a Rede não enviar os vossos dados para a Medicina ou para a Psicologia...

— Antoine...

— O meu pai está a brincar... É mais uma das piadas dele de Medicina de Precisão sem piada nenhuma... Tens que te habituar...

— Dantes, pagávamos *Premium* para a Peopl-E não enviar a nossa pegada digital, ou seja os nossos dados psicológicos digitais, ou seja os nossos dados psicológicos, à Publicidade de Precisão... Agora andamos a pagar *Premium* para a Rede não enviar os nossos dados psicológicos à Psicologia de Precisão... E chama a isto a BigKloud um Imposto de Proteção de Dados Sensíveis... Sabem o que aconteceu? A Psicologia consumiu toda a Publicidade. O que é o Marketing? O Marketing é a Psicologia da Publicidade. As coisas evoluíram. Está tudo evoluído. A Psicologia está evoluída. A Psicologia está BEKONEKT. A Psicologia não aparece nos anúncios a dizer para estarmos todos BEKONEKT? Se até a Psicologia está BEKONEKT, então é porque já está tudo BEKONEKT. Tudo bem, que eu posso estar BEKONEKT, sem estar BEKONEKT com a Psicologia de Precisão... Mas se a Psicologia vai à BigKloud buscar os dados psicológicos que quiser, porque há um sistema de coisas tecnológicas que autoriza. E se há um sistema de coisas tecnológicas que autoriza a isto, não será melhor ter um seguro que cubra todos os riscos?... É preciso é enriquecermos! Para ficarmos fora disto, é preciso é enriquecermos o espírito! Sabermos onde devemos colocar o nosso espírito! É preciso é enriquecermos o espírito! O nosso espírito está cheio de energia. Há uma energia espiritual muito forte que alimenta o

nosso espírito e devemos saber canalizar toda essa energia espiritual. Não podemos andar a canalizar a nossa energia espiritual para canais tecnológicos que vão gastar toda a energia do nosso espírito e vão analisar todos os dados espirituais que o nosso espírito traz. E a Rede está cheia de canais navegáveis, em que para navegarmos temos que navegar com o nosso espírito, dar dados e gastar muita energia. E o que eu sei, é que quanto mais navegarmos na rede, mais dados energéticos nossos passamos para a rede e ficamos sem energia e sem espírito nenhum... O que eu sei, é que quanto menos tempo eu estiver a navegar na rede, menos dados estou a dar à rede, logo fico com mais espírito; isso é o que eu sei! Eu sei lá quem é que anda ligado à Rede. O que eu sei, é que eu não quero enviar dados meus nenhuns para a Rede através das tecnologias dos outros que estão sempre ligados à Rede, numa permanente orgia de dados. Porque eu quero estar fora dessa orgia de dados! Não sou comunista nenhum! Odeio o comunismo de dados! E vocês também deviam odiar e não deviam dar dados! Os comunistas é que acham que temos que estar todos ligados a partilhar, todos os mesmos dados... São uns comunistas de dados, é o que são! Por isso, como eu não sei que tecnologias é que os outros trazem nos bolsos e nos ouvidos, eu calo-me quando passo por alguém, sim. E vocês também deviam fazer o mesmo! Calem-se! Vêm aí uns gatunos...

— Eu não me calo, tio...

— Eu também não me vou calar, pai. Eu conheço estes gatunos. Eles não andam com os microfones ligados... Cumprimentem-os, pai!

— Só sorrio. Os microfones ainda não ouvem os sorrisos... Não quero o meu espírito preso na Rede. O espírito está onde? Está na voz! Não é na cara! O espírito não é uma cara! O espírito é uma voz! O

espírito é uma força com expressão! O espírito é uma expressão! Acham que eu sorrio para as câmaras? Acham que eu danço para as câmaras? Se vejo uma câmara e sei que vou ter que passar por ela, mudo a minha expressão, escondo a minha expressão. Não me rio. Passo como se fosse mudo e sem expressão. Não mostro a minha expressão. Escondo-a. Dantes, a tecnologia não consumia o espírito. Agora consome. Dantes, as pessoas navegam na rede sem perderem o espírito. Dantes, as pessoas navegavam sem dar dados. As pessoas viam TV, mas a TV não via, nem ouvia as pessoas. A TV não entrava em casa das pessoas com poderosos algoritmos. Não havia uma Publicidade de Precisão em cima de nós. A Publicidade era geral para todos, hoje é precisa. Se estivermos os três a andar na rua com óculos de realidade virtual aumentada vão aparecer hologramas publicitários específicos para mim, enquanto ao Thomas vão aparecer outros anúncios. Mas isto começou a acontecer com o Facebook. Não acontecia com o Hi5. Porque nós não trocávamos a vida real para estarmos “online”. Porque na altura do Hi5, nós não deixávamos de nos encontrar com os nossos amigos e preferíamos sempre o real ao virtual. O Hi5 era para estarmos no computador quando chegássemos a casa da escola ou do café com os amigos. E as empresas e as marcas não sabiam quem eram os nossos amigos, nem a que cafés é que íamos, porque a rede não estava na nossa vida real, não fazia parte da nossa vida real, as empresas não estavam na rede, quem estava na rede eram as pessoas. Sabe o que é que em 2020 faltava? Eram câmaras nos estabelecimentos comerciais em que o responsável pelo tratamento de imagens fosse uma rede social... Eram câmaras nos transportes públicos em que o responsável pelo tratamento de imagens fosse uma rede social... E como era o que faltava, foi o que aconteceu com a Peopl-E. A Peopl-E não sabe só aquilo que os utilizadores publicam. A Peopl-E está a ver o people. A Peopl-E sabe tudo sobre o people. A Peopl-E que tem 10 câmaras no café, reconheceu que o utilizador que

acabou de entrar com a namorada não é hétero, é bi, porque tem os dados digitais das interações dele com os outros utilizadores tanto na rede como na vida real e sabe que o utilizador não é vegan como diz no perfil, porque acabou de pedir um bolo que é feito com leite de vaca e tem calçados uns ténis da pior marca de sempre que explora humanos e animais. Por isso, a Peopl-E sabe que anúncios e qual dos *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke vai enviar ao “utilizador de dados”. A Peopl-E que até sabe que o utilizador se masturba com jogadores de futebol robot e tem fetish por peúgas até ao joelho, vai dizer à Eagle Studios para enviar um dos *Cavaleiros Tecnológicos* que seja mais parecido com um jogador de futebol robot e que entre no café com as peúgas até ao joelho e num excelente zoom de dados vamos ver como é que o utilizador reage a isto, mesmo estando com a namorada no café. Será que o utilizador numa *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari sabe que o que acabou de entrar foi simplesmente um algoritmo? E será que o utilizador sabe que estamos em 2080 e pode chamar a Polícia Tecnológica e demandar a Peopl-E e a Eagle Studios no Tribunal dos Algoritmos? Ou você não ensina isto aos seus alunos? Era isto que devia ensinar!

— Não, não era. Eu ensino-os a ganharem em tribunal. Não a perderem contra os algoritmos em tribunal. Ensino-os por exemplo sobre o Direito ao Esquecimento que é muito mais automático e real nesta Era tecnológica. Se forem filmados num supermercado, com uma nova roupa e não quiserem que o sistema saiba que compraram uma roupa nova que não é tão sustentável porque não têm dinheiro para mandar imprimir uma roupa à medida, ensino os meus alunos a exercerem o Direito ao Esquecimento para não verem a sua pegada ecológica drasticamente aumentada. É isso que eu ensino. E é isso que eu tenho que ensinar.

— Soube em 2019 que as câmaras com Inteligência Artificial eram capazes de memorizar as nossas roupas e criarem um armário digital com as nossas roupas e saberem as marcas, os preços e os materiais de que eram feitas, determinando hoje a nossa pegada ecológica. Mas, tem toda a razão, e se eu não tiver dinheiro para comprar roupas sustentáveis? E se só tiver dinheiro para comprar roupas inteligentes, que são chipadas, que têm chips e que por isso não são sustentáveis? Ah!... Disparate! O que é que eu já estou a dizer... O que é que eu já estou a inventar!... Os chips agora são todos sustentáveis... Disparate! Esqueçam isto que eu disse... Esqueçam este meu cruzamento de dados... Já estava a ligar coisas que não devia... Só que este cruzamento de dados, porque isto sempre foi o cruzamento dados que se quis, foi aparecendo devagarinho... Quando se falou de cruzamento de dados ninguém viu este cruzamento de dados, por isso, muito menos viram depois isto a cruzar-se com a Medicina e a Medicina a cruzar-se com o Banco e o Banco a cruzar-se com o Facebook e o Facebook a ver quem é que partilhava Fake News e as Fake News a dizerem que a Internet de Coisas ia ser controlada pela Peopl-E, porque a Peopl-E ia adquirir autómatos e ia instalar câmaras da marca Peopl-E em todos os estabelecimentos comerciais, porque tinha uma nova tecnologia nas câmaras que mais nenhuma tinha... Porque foi esta a Internet de Coisas que se quis. Eu não! Mas uma mão invisível muito poderosa, chamada mercado, começou a arder numa febre de dados que lhe enlouqueceu e nessa sua loucura mandou uma Internet de Coisas instalar-se, quis isto! Mas só quis isto, porque enlouqueceu! Porque há para aí uma Psicologia de Mercado a desculpar isto e a encarar tudo com a normalidade daquilo que é o “futuro” do mercado e que temos todos de ir atrás deste “futuro”, porque é o “futuro”... É o “futuro”! E nós a vermos isto o que é que fizemos? Fomos atrás desse futuro, só para vermos se o futuro ia mesmo ser assim como tinha sido escrito, quando se escreveu justamente para não

irmos parar a esse “futuro”. Ninguém queria perceber este “futuro”. E eu desisti. Fui desistindo. Não valia a pena. Já estava a Peopl-E de olho no people. E já estava o people todo na Peopl-E. “O quê? Mas o people já está todo na Peopl-E?” Foi assim o anúncio... Mas antes veio o Instagram. E antes do Instagram veio o Facebook. O Facebook quando chegou, chegou sem anúncios nenhuns e ninguém ia adivinhar que ia ficar tudo agarrado, de repente, ao Facebook... Porque foi tudo de repente... O Facebook, quando chegou, era para ser usado só no computador, no mesmo género que o Hi5. Mas o Facebook era mais fixe e não tinha a parte das visitas, o que era bom. Era uma melhoria. Tínhamos a cultura dos “likes” e dos comentários, mas não era uma febre. Tornou-se uma febre, quando se transformou numa aplicação e as pessoas começaram a andar com o Facebook no telefone para todo o lado. Mas não foi logo, porque eu lembro-me de ter Facebook e até ter instalado no meu telefone, mas só navegava no Facebook 15 minutos do meu dia quando estava sozinho ou em casa. A febre, veio com os dados móveis, quando “de repente” começou tudo a andar com os dados móveis ligados e o GPS. Até o meu pai apareceu em casa, a dizer para eu livrar-me da *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari e andar com o GPS ligado, porque tinha havido uma pessoa que tinha caído num buraco e graças ao GPS estar ligado, a pessoa tinha sido encontrada. Eu não sabia se haveria de me rir daquilo. Será que o meu pai achava que eu ia a correr ligar o GPS do meu telefone? E eu via o meu pai com tudo ligado, com os dados móveis ligados, com o GPS, com não sei quantas aplicações instaladas no telefone que tinham acesso à câmara e ao microfone do telefone e via o perigo que ele era. Via como é que ele entregava aquele novo género de Psicologia em Família Disfuncional aos algoritmos, e claro, se eu o via a entregar-nos aos algoritmos e ao Big Data, então eu tinha que entregar-me, antes, à Jupiter Editions. E foi esta a minha sempre corrida contra os algoritmos. Estávamos todos a correr. Estava tudo a correr. Cada um



na sua corrida. As empresas e marcas estavam todas de olhos nos números de seguidores dos influencers. As empresas e marcas só iam falar com os utilizadores que tivessem muitos seguidores. E eu via toda a gente a querer ser influencer, porque tinham visto “a nova vida” que se podia abrir digitalmente. Era fácil ver quem se queria tornar num novo influencer, porque, no Instagram, quando aparecia uma fotografia de alguém que eu não seguisse ou que não fosse “um algoritmo meu” aparecia escrito que era “patrocinado” e aparecia a opção para irmos para o perfil dessa pessoa ou dessa empresa. Todos queriam ganhar seguidores e “ganhar likes”. Todos estavam dispostos a pagar por likes e por seguidores. Os likes e os cliques custavam dinheiro. Estavam à venda. Um surfista profissional com 1 milhão e meio de seguidores recebia todos os dias propostas das empresas para publicitar os seus produtos. Era aqui que eu via todas as marcas a fazerem-se aos surfistas e os algoritmos a disputarem pela sua atenção. Os influencers não podiam aceitar todas as propostas, porque não podiam estar a “maçar” os seus seguidores sempre com publicidade. Mas se fizessem dia sim, dia não uma “storie” por 500 e uma vez por semana publicassem por 2500, no final do mês eram 18 mil novas moedas Gram, que o Instagram sutilmente inventou, em que os influencers abriam as portas “da felicidade” das suas vidinhas; todos estavam dispostos a sacrificar o seu espírito em troca de moedas. As marcas sempre fizeram isto. Onde quer que estejamos, elas vão atrás do nosso espírito. E hoje, com uma importante informação sobre alguns de nós, sabem mesmo como aparecer a nós. A publicidade está toda viciada. Hoje, até aparecem no cantinho dos nossos olhos, para quem tem os olhos chipados com os óculos de realidade virtual aumentada. Hoje, as publicidades são hologramas que interagem estupidamente connosco.

— O meu pai está sempre a gritar aos hologramas, Thomas.

— Pois estou! E o Direito Em Não Ser Perturbado Por Um Holograma Inteligente Que Quer Mexer Com O Meu Cérebro Inteligente? E eu, sem me ligar a esta economia, defendia que o Fisco não podia tributar nada disto, porque o Direito não se devia meter nas contas pessoais das redes sociais. Até os hologramas foram parar às redes sociais. Ainda me lembro de um caso que tive em mãos no antigo Tribunal dos Dados em Nuvem, que foi um tribunal que se comportou mesmo como uma autêntica nuvem...

— O Tribunal dos Dados em Nuvem? Esse tribunal existiu mesmo?

— Sim, filho... Eu cheguei a ser juiz nesse tribunal...

— O tio foi juiz?

— Eu sempre quis ser juiz. Mas o Direito tinha uma incompatibilidade que não me deixava ser empresário e juiz ao mesmo tempo. E foi o seu marido, que tornou o meu sonho realidade e eu fui parar ao Tribunal dos Dados em Nuvem. Esse tribunal, como um verdadeiro Big Data, parecia uma experiência d'*O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom, porque possuía todos os dados sobre todos, todos os dados que nós deixássemos escapar para a nuvem, este tribunal com a sua onisciência podia levantar tudo. Tinha uma autonomia completamente diferente de qualquer outro tribunal. Foi útil para apanharmos pedófilos. Mas tornou-se uma confusão. Instalou-se uma confusão de direitos.

— O tio ia contar um caso que tinha tido em mãos...

— Ah, sim! Era um fulano que devia dinheiro ao banco e ao que parece, o banco quando foi a casa do fulano ver que bens é que o

fulano tinha para penhorar, o fulano deve ter escondido um quadro que valia 75 mil. O fulano, uma vez fez um “direto” no Facebook, a partir de sua casa, e viu-se o tal quadro. O quadro foi parar ao Big Data. Os algoritmos do Big Data sabiam quem é que tinha pintado o quadro, porque robots-pintores tinham os padrões do quadro e andavam a vender cópias desse quadro e sabiam que aquele original estava a valer no mercado 75 mil. Ora, os bancos comunicavam com o Big Data e numa dessas comunicações, viram que o seu cliente devedor, afinal, tinha um quadro para penhorar e intentaram uma ação no Tribunal dos Dados em Nuvem. Como eu era o juiz, dei um raspanete sobre o mundo dos dados ao fulano, mas disse que o banco não tinha razão e num importante acórdão dei por encerrado o Tribunal dos Dados em Nuvem. Tornar-se-ia um tribunal muito perigoso. Quando saí do tribunal tive uma centena de pistolas apontadas à cabeça. Porque este tribunal era um tribunal privado ao serviço de empresas milionárias. Eu olhei para todos e disse que *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom tinha me instalado uma câmara de filmar, que os meus olhos eram uma autêntica câmara de filmar e que no filme eles ficavam melhor se baixarem as câmaras, antes que eu chamasse mentalmente um míssil que detonaria os miolos deles. Eles sabiam que inteligentemente, eu podia comunicar-me com os objetos inteligentes. Eles sabiam que o meu pai, me tinha me instalado essa tecnologia.

— O quê? O tio tem um implante cerebral capaz de comunicar com os objetos?

— Tenho o chip d’*O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom. É a ele e a todos os objetos inteligentes dele a que eu estou BEKONEKT.

— Não sabia que *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom tinha mísseis...

— E não tem, Thomas... Que raio de Deus afinal seria esse...? O meu pai ainda deve estar a sonhar com o seu Tribunal dos Dados em Nuvem... Eu nunca vi esse tribunal, não sei que histórias é que o meu pai está para aí a contar...

— Eu vi este tribunal a aparecer numa nuvem quando estava em 2020 na praia da Cordoama...

— Se calhar, alguém hackeou o cérebro do pai e viu o seu próprio pensamento projetado numa nuvem... Talvez tivesse sido um holograma criado pelo cérebro do pai... Já pensou nisso, pai?

— Não. Em 2020 isso ainda não era possível. Muito menos na praia da Cordoama.

— Porquê?

— Então, eu já tinha dito, filho!... Em 2020 a Cordoama não tinha rede. E sem rede e sem sinal, essas brincadeiras não podiam existir... A mente e o cérebro só são hackeados com tecnologias que estão ligadas à rede. Só em rede é que os cérebros se podem ligar uns aos outros. São precisas tecnologias que penetrem, experimentem e naveguem na rede neuronal. É preciso a tecnologia ter sinal, para penetrar o cérebro e projetá-lo cá para fora. E na Cordoama não havia rede para essas brincadeiras. Para termos sinal, tínhamos que subir um pequeno rochedo que se debruçava em rampa de lançamento sobre a praia. Esse rochedo é que era a antena natural da praia! Aquela praia não precisava mais de antenas nenhuma! As ondas eram o hotspot natural de Vila de Bispo e de Sagres, Sagres e Vila do Bispo não

precisavam de 5G nenhum, nenhum surfista nem nenhum bodyboarder verdadeiro queria uma antena de 5G na praia só para apanhar ondas tecnológicas a ouvir música com auriculares tecnológicos que davam cabo da tecnologia do cérebro. Não era preciso rede nenhuma, porque simplesmente se estava na praia! E uma coisa muito interessante que, eu, por acaso, reparei naquela praia... As pessoas não estavam agarradas ao telefone. Desde 2018 já se viam algumas pessoas na praia agarradas ao telefone, o que era impensável até então. Em 2019, estava tudo agarrado aos telefones ou aos tablets. A Jupiter Editions não queria compactuar com isso e por isso nunca quis converter os seus livros em *ebooks*. Lembro-me de estar na Praia do Pego e ver tudo agarrado ao telefone. Mesmo com os golfinhos a passarem, as pessoas não largavam os telefones, e muitas viam os golfinhos a passar através do ecrã do telefone. Ter visto isto em 2019, para mim foi assustador. Sentia as minhas veias a serem pisadas. Parecia que o meu coração parava de bomb(e)ar o sangue. Não sentia o meu sangue a correr-me quando via uma cena tão tecnológica como esta. E lembro-me que havia lá uns surfistas, super tecnológicos, que só não levavam, na altura, o telefone para a água, porque os telefones ainda não eram à prova de água, mas que hoje o levam. Esses surfistas tecnológicos queriam ensinar-me a fazer surf. E eu, com esses surfistas não quis nada! Sempre fui hipersensível à radiação eletromagnética. A radiação eletromagnética tira-me o tato. Sei que há radiação quando fico sem tato, quando esfrego os dedos uns nos outros e não sinto nada, como se não tivesse sangue a correr-me. Como se nem fosse feito de veias. Como se fosse um robot. Quando toco num telefone super tecnológico, sinto-me um robot. Não sinto as mãos. Deixo de sentir as mãos. Deixo de ouvir o meu coração. E eu detestava os telefones super tecnológicos, desses surfistas da Praia do Pego. Detestava, sobretudo, porque os telefones deles prendiam-me a uma aplicação, lá na Internet deles. Com eles, eu parecia que estava dentro do *Target – A Pegada*

*Digital* de Ralf Kleba-Kodak. Mas queriam nadar como os golfinhos nadavam. Queriam que eu, os visse como golfinhos. Mas eu via-os como orcas. Como golfinhos nazis que assassinam os golfinhos. Naquela praia passavam sempre muitos golfinhos. Passava sempre um grupo de golfinhos de 13, às vezes, 18 indivíduos. Saíam do Estuário do Sado, desciam pela costa toda de Troia e passavam pela Praia do Pego. E na praia do Pego passavam mesmo pertinho, talvez para caçar o peixe aranha que havia mesmo ali à beira mar. Depois continuavam a descer até Melides e depois voltam, subiam tudo outra vez até entrarem no Estuário do Sado. Sabia que também iam ao cabo Espichel, porque uma vez apanhei-os lá. Ou talvez, tenham sido eles que me apanharam a mim e ao Jakob. Não conseguimos tirar estes momentos mágicos de nós, porque são nossos, pertencem-nos a nós e a todos com quem partilhamos a magia. E é claro, que eu não partilhava esta minha magia com esses surfistas super tecnológicos da praia do Pego. Nem lhes dizia que os golfinhos iam até ao cabo Espichel. Lembro-me muito bem que nesse grupo de surfistas super tecnológicos havia um miúdo surfista de 11 anos que fumava charros e tinha um monstro de telefone e lembro-me dele a perguntar qual é que era a importância dos golfinhos, enquanto ficava de costas para o mar, metido no telefone e tentava gozar connosco num atrevido tom altivo. Chamava-se Matheus. O Matheus cresceu, ficou mais birrento, mais exigente, mais tecnológico e saturado e cansado de todas as coisas que já tinha. O Matheus como se cansou de tudo o que tinha, acabou por comprar as pranchas tecnológicas. Agora aparece “semi” a voar de prancha *semi-automática* na praia. Lembro-me do Matheus levar para a praia 4 pranchas. Era a prancha de paddle, era a prancha de skimming, era a prancha de bodyboard e era a prancha de surf. Fazia um pouco de paddle, lá se cansava e lá voltava ao mar com outra prancha. Até que voltou ao mar com uma prancha de bodyboard semi automática que fazia bicos de

pato sozinha. O Thomas sabe o que é um bico de pato, não sabe? Em inglês, diz-se *duck dive*...

— Não sei, tio...

— Ah! Deixe estar... Eu também não sabia. Só soube no dia 16 de junho de 2020 quando tive a minha primeira aula de bodyboard com o Xico, o *heavy local* da praia da Cordoama. O bico de pato é quando quer passar por baixo da onda com a prancha, então, calcula uns segundos antes da onda chegar a si e faz uma flexão com os braços à frente para afundar a prancha, empurrando a prancha atrás também com um dos joelhos e passa pela onda debaixo dela. Ora, isto era uma arte. Mas com as pranchas semi automáticas, é só carregar num botão e ela mergulha-se sozinha e nós mergulhamos com ela. Para chegar às ondas tinha que ter a prancha sobre o seu peito, bater os pés e mandar umas boas braçadas, mas com as pranchas semi automáticas carrega agora num botão e lá vai a deslizar tecnologicamente no mar como se estivesse numa moto d'água. Com as pranchas ligadas aos drones através do Wi-Fi e do Bluetooth vê os surfistas a entrarem sempre com um drone por cima deles, que os perseguem só a eles e filmam as suas manobras. Nós estamos numa liberdade tecnológica. Hoje, os surfistas só podem fazer isto se for com um drone silencioso. Foram anos de zumbido. Eram dezenas de surfistas na mesma água, eram dezenas de drones barulhentos sempre a emitirem radiação. A radiação acabava por ser absorvida pela água. Na Natureza, como sabemos, nada se perde. Se a radiação não é absorvida toda pelo corpo humano, ela propagar-se-á noutra direção e quando chegar a um meio, ela será absorvida por esse mesmo meio. Isto é simplesmente a energia das coisas. Foi por isso, que os telefones começaram a ser proibidos de serem usados à beira-mar. Era ridículo ver-se tudo à beira-mar de telefone... Nem parece que estavam à beira-mar. Estavam era ao telefone. Não estavam à beira-

mar. Mas o Direito esqueceu-se de proibir também os drones. O Direito esquece-se de muitas coisas. O Direito é muito esquecido. Tem um déficit de atenção. E foram esses drones ligados à Internet das Coisas a esse fantástico 5G que mandou os golfinhos embora dali! Na Praia do Pego até havia abelhas! Havia sempre uma abelha que vinha ter comigo. Vinha sempre cumprimentar-me à mesma hora. Tal como os golfinhos passavam sempre à mesma hora. Quando animais tecnológicos têm estes relógios tecnológicos, estes chips dentro deles, é claro que toda a tecnologia de fora é incompatível com a tecnologia própria deles. As abelhas também desapareceram da Praia do Pego. E enquanto, os surfistas super tecnológicos apanhavam com batota as ondas, eu vi uma escola de surf a ser erguida no meio do areal. E quando tive de me ir embora dali, da praia do Pego, desejei voltar para ir visitar os meus dois amigos surfistas que tinham erguido aquela bonita escola de surf. Cheirei-lhes a madeira e vi que aquele sacrifício de madeira pouparia mil e uma tantas árvores. Sabia que eram sustentáveis. Que estavam sempre a apanhar o lixo da praia. Que estavam sempre preocupados a falar dos plásticos e a tentar libertar-se ao máximo da economia dos plásticos. Este libertar deles, fez-me libertar-me com eles. Desejei criar uma ponte tecnológica entre as escolas de surf da praia da Cordoama e da praia do Pego. Da praia da Cordoama eu via sempre os ilheúzinhas à frente da ponta da Carrapateira do lado direito, mas aquela imagem sobrepunha-se constantemente com a costa da Comporta e de Troia e com a Serra da Arrábida e o cabo Espichel que se conseguia ver nitidamente da praia do Pego. Da praia da Cordoama, eu via sempre do lado esquerdo as pontas que escondiam a baía da praia da Águia...

— Sim, pai... Já sabemos que a ponta de rocha do segundo plano emprestava ao primeiro plano uma sobreposição de rochas que faziam parecer um hipopótamo feito de rochas...



— Mas o Jakob diz que é um crocodilo feito de rochas, não é tio?

— Sim... Mas também ainda houve quem desenhasse um rinoceronte e houve quem ao mesmo tempo descrevesse o testemunho da sua mente, que via mesmo um rinoceronte naquela bruteza de rochas. Foi lindo de se ver toda a praia da Cordoama a ler os livros da Jupiter Editions, desde a Barriga ao Castelejo, foi lindo de se ver toda a praia a pintar e a descrever aquele infinito ambiente cinematográfico governado e pincelado pelas nuvens nos concursos da Jupiter Editions de escrita e pintura monitorizada em tempo real. Mas aquela imagem do hipopótamo desenhado e recortado por rochas, sobrepunha-se constantemente à costa toda de Melides até à ponta de Sines. Não era eu que fazia aquela ponte. Era o meu cérebro. E cada vez mais percebia a linguagem d'O *Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom que nos faz ver o nosso cérebro como um autêntico bicho inteligente muito mais tecnológico do que qualquer outra tecnologia. E a tecnologia era esta. A tecnologia foi esta. Aliar-me aos surfistas. Porque os surfistas falavam a mesma linguagem que eu. É claro que, eu não precisava de fazer surf, nem de apanhar ondas como eles, para falar a linguagem deles. Bastava estar só com eles. De espírito aberto. E adivinhem quem é que foram os primeiros Member Readers da Jupiter Editions?

— Foram os surfistas????

— Foram sim, Thomas. Foram eles que internacionalizaram a Jupiter Editions. Porque eles tinham a mesma agenda da Jupiter Editions. Foram eles que quiseram apanhar as boas ondas da Jupiter Editions. Eles viram que a Jupiter Editions emitia uma energia muito positiva. Eles são espíritos do mar, conseguem ver isso. Não dá para enganar os espíritos do mar! Mais vale, sermos logo honestos com eles.

O mundo está programado por agendas. O mundo está todo feito por agendas. Como as nossas vidas. Cada um de nós tem as suas agendas. Mas há agendas que se ligam umas às outras. Vi que a Associação de Surf e Atividades Marítimas do Algarve tinha uma agenda igual à da Jupiter Editions com a publicação de vários artigos científicos sobre os riscos de infertilidade associados ao 5G, os efeitos cognitivos e neurológicos por causa do 5G, a sensibilidade eletromagnética, os efeitos da radiação dos próprios aparelhos médicos implementados aos doentes, adivinhando, pois, a terrorífica Medicina de Precisão do Sistema Nacional de Medicina...

— O pai sempre que fala da Medicina de Precisão, fala sempre como se ela fosse um filme de terror.

— E não é?

— Não estou a dizer que não é... Mas o pai parece que tem um trauma...

— Pois tenho. Tive que me fazer à vida, tive que fazer tudo ao mesmo tempo, tive que fazer tudo sob stress para não ir parar às mãos metálicas dos robôzinhos do Sistema Nacional de Medicina... Escapei às mãos invisíveis que não queria... Mas podia não ter escapado... Só de pensar que podia neste momento ter um chip dentro de mim e não poder fazer nada, fico traumatizado! E vocês também deviam ficar e dar graças por não terem ido parar ao Sistema Nacional de Medicina.

— Então, e damos graças por não termos ido parar à Medicina de Precisão do Sistema Nacional de Medicina, mas por darmos graças é que não ficamos traumatizados, pai.

— E dão graças a quem?

— Aos *Dons*!

— Não respondas ao meu pai, Thomas!

— Tarde demais, meu filho! Já sabemos que o Thomas agradece ao *Dons*... E tu meu filho?

— Dou graças ao pai... Era isto que o pai queria ouvir, não era?

— Sim, era. Sabe porque é que não se veem surfistas tecnológicos na praia da Cordoama, Thomas?

— Porque os surfistas locais protegeram o mar tecnológico da Cordoama de quaisquer tecnologias proibidas. Não deixaram os surfistas tecnológicos entrar com as pranchas tecnológicas super radioativas no mar da Cordoama, nem deixaram drones levantar voo.

— Isso mesmo, Thomas. Isso mesmo. Andaram à porrada. Andaram à porrada sem socos, sem murros e sem pontapés. Andaram à porrada só com a voz. A voz do Abreu, o irmão da Audrey, era uma voz bonita, uma voz rouca, uma voz muito sensual. Foi o Abreu que me vestiu o fato de surf e que depois me despiu só no final do verão. Quando me despiu disse que eu estava com um bronze “do caralho” e que só via os gajos era a cárem para o lado.

— O tio Jakob sabia que o tio Antoine achava a voz do Abreu sensual e que o Abreu lhe despiu o fato com uma tusa descomunal pelo bronze do tio?

— Nunca soube, porque nunca lhe senti a tusa. Se alguma vez lhe dei tusa, ele soube disfarçar muito bem. A voz do Zé Luís, o

professor de surf advogado, era uma voz jurídica, uma voz espiritual. Falava do mar como se fosse advogado do mar. Como se o mar tivesse um código escrito que o protegia. Que lhe dava direitos. Depois havia um porradão de alemães que viviam na Cordoama e que também gostavam de ver aquele mar como estava, sem drones. Quem é que se metia com os alemães? Loiros, lindos, robustos... Depois havia dinamarqueses que viviam na Cordoama e que não usavam pranchas tecnológicas nenhuma. Quem é que se atrevia a fazer frente à voz ativa e imponente dinamarquesa? Havia também finlandeses, noruegueses e holandeses que protegiam o mar e sabiam as leis marítimas e aéreas portuguesas. E que com uma ciência tecnológica, iam a correr desautorizando todas as tentativas de voos de drone, mostrando na aplicação “Voa Na Boa” que o voo de drone ali só podia ser feito se fosse autorizado. E num português bem arranhado, exigiam ver o documento ora lavrado pelo Ministério da Defesa Nacional. Simplesmente imitaram um dos salva-vidas que em 2020 mandava baixar todos os drones que tentavam voar a praia da Cordoama. Ainda havia os espanhóis a viverem também na Cordoama que eram amicíssimos, como os alemães, dos *heavy local* e que protegiam aquele mar como se tivessem nascido ali em Sagres, ali em Vila do Bispo, ali na praia da Cordoama. Aqueles rochedos da Cordoama davam uma autêntica bruteza natural. Perante toda aquela robusta comunidade amiga de surfistas e bodyboarders, nenhum surfista de fora se armava em esperto e se metia com a bruteza da Cordoama. Seria um suicídio. Seria um suicídio na rocha da Joana. Seria um embate fatal na Joana. A Joana é a última rocha que se ergue longe no mar, depois da rebentação das ondas e que traz atrás de si, desde as ravinas, uma longa cordilheira de rochas que só se veem na baixa-mar e que na preia-mar ficam completamente submersas e que são um perigo para todos os surfistas que não sejam locais. Há um *rip current* gigantesco com uma força imensa que nos lança às rochas. O truque é termos que contornar a

última rocha, a Joana, para podermos sair do mar. E isto não é intuitivo. Tem que se conhecer. Tem que se andar lá dentro com os espíritos do mar. Lembro-me da primeira vez que entrei. Entrei felicíssimo. Dei umas 3 braçadas para o lado e, de repente, a corrente levou-me num assustador *raft* invisível. Não conseguia sair dali. Cansei-me logo. Fiquei logo zozzo. Senti-me a perder os sentidos. Vi como era fácil morrer-se no mar num segundo. Como era fácil engolir água. Engolir mais um pouco. E acabar logo por morrer. A minha primeira preocupação que me veio à cabeça naquele mar, foi o Jakob. A minha primeira preocupação é que ainda não tinha feito testamento nenhum. E que se eu morresse, o Jakob não ia herdar nada. A minha primeira preocupação foi isto. A minha primeira preocupação foi que todas as minhas obras ainda não tinham sido entregues à Jupiter Editions. A minha primeira preocupação é que tudo aquilo que eu tinha produzido, todos os meus direitos intelectuais iriam passar para o meu pai. E eu não queria que passassem para o meu pai, porque o meu pai, no meu instituto testamentário, na minha vontade testamentária, era uma *persona non grata*. Ele atrasou toda a minha escrita. Ele tentou asfixiar a minha escrita. E ele sabia que eu produzia tinta. E pôs-me sempre outras tintas à frente. Mas ele não sabia que pôs-me outras tintas à frente, isso inibia a minha tinta? Para ganhar 10 euros para poder apanhar um comboio de ida e volta para ir ter com o Jakob à Costa de Caparica, o meu pai obrigava-me a ler um calhamaço. Foram calhamaços que nunca li. Abria duas ou três páginas no meio e lia na diagonal, ia depois à última página e depois ia à primeira e tirava assim o raio-X e lá fazia à toa a apresentação do livro que o meu pai me mandava ler para poder ganhar os 10 euros. Foram anos disto! E como se ainda não bastasse, foi ainda depois o complô que ele armou com a tia Giralda. Eu sei lá se o meu pai esteve ou não metido nessa armadilha que a minha própria família me pregou a mim e ao Jakob, só porque a religião deles era contra o nosso amor. O que eu sei é que o meu pai mandou-me escolher entre

ele e o Jakob e disse que caso eu escolhesse o Jakob eu haveria de “sofrer” com as consequências. Foi isto que aconteceu. Encostou-me à parede. Eu bebi muito no casamento do filho da tia Giralda. Devo ter feito e dito uns disparates. Estava podre de bêbedo. Dancei, ri-me, caí, fiz rir, caí outra vez, fiz rir outra vez, até que caí de vez e mais ninguém se riu e os meus tios aproveitaram o momento para ir a correr dizer à minha avó para que vissem as figuras tristes do seu “querido neto”, que era eu... A minha família sempre teve muita inveja do meu espírito. Há um espírito maligno neles. E como eles não viam esse espírito maligno em mim, invejavam o meu espírito. Gozavam-me, porque eu só via o amor. Diziam que como eu via e acreditava no amor, eu era um grande ingénuo, não sabia nada da vida e vivia numa autêntica fantasia... Lembro-me que ia pequenino para casa da tia Giralda. Eu gostava dela. Mas não me lembro de ela me ligar muito. Lembro-me de ela olhar para mim sempre com um altivo tom. Eu era pequenino e sentia isto. O que era estranho. Mas eu continuava a gostar dela. E gostava muito da casa dela. Lembro-me de uma figueira que ela tinha, que eu passava horas sozinho em casa dela ao pé da figueira. Depois deste casamento do filho dela, nunca mais tive contacto com ela. Supostamente, “eu estraguei” o casamento do filho dela. Não estraguei... A festa deve ter continuado, suponho... Esse meu primo teve dois filhos. Um deles caiu na piscina sem água, enquanto estava a ser construída e foi um milagre ter sobrevivido, mas ficou com sequelas e mazelas para sempre. Por causa do incidente, o meu primo com os nervos todos à flor da pele e sensível e muito humano como ele sempre foi, não aguentou aquela novela dos médicos dizerem que o filho dele iria morrer e apareceu-lhe um cancro. A Giralda viu-se metida numa autêntica magia negra. Numa autêntica macumba. Sabia que ela era toda das macumbas e de frequentar casas de espíritas. Não era só o filho e o neto dela. Também o marido dela tinha tido um AVC. E ela tinha ganho um problema na coluna. Para ela, aos olhos dela, ela não tinha mais nada a

perder. Já tinha perdido tudo. O seu tom altivo deu lugar a um “mansinho” tom. Sabia que ela já tinha sido a cabecinha de um processo que deu em tribunal na minha família. Conseguiu que o meu pai ficasse contra um tio meu. Um tio que sempre amei! Um tio que sempre me elogiou, como o meu pai nunca me elogiou! Um tio que dizia que eu era um génio, quando o meu pai dizia que eu era uma merda! Um tio que dizia que eu tinha uma vida de sucesso, quando eu tinha um pai que dizia que eu estava destinado a perder na vida, que era um perdedor, que era um fraco e que tinha nascido para ser eliminado. Um tio que reconhecia o meu mérito e que sem ver o que eu escrevia, acreditava na minha escrita, mas um pai que via o que eu escrevia, e dizia que eu só escrevia era merda! Um tio que dizia que eu tinha tudo para ir onde eu quisesse ir, que tinha o mundo nas minhas mãos e um pai que dizia que as minhas fantasias não me iam levar a lado nenhum e que se eu quisesse “vencer na vida”, fosse lá o que isso significasse para ele, eu tinha era que ler os livros de merda que ele me dava para ler. E foi a Giralda que rompeu a amizade do meu pai e do meu tio. Vi a minha família a separar-se em tribunal. Vi o que o Direito faz às famílias. Vi a minha família feita estúpida a contar toda a sua história à sociedade de informação tecnológica. E o tribunal viu como era intriguista e mesquinha a Giralda. Como era estúpida, a Giralda! Porque ela era uma estúpida! Como o meu pai era um estúpido! Um estúpido! Sabe quantas vezes é que o meu pai me chamou estúpido, Thomas? Centenas de vezes, com os olhos bem abertos à frente da minha cara. Era assim o truque dele para me manipular, para me meter medo: abria os olhos. Eu também sei abrir bem os olhos. Até abria mais do que ele abria. E sabe quantas vezes é que eu lhe chamei estúpido? Chamei-lhe agora! Não estive bem, Thomas?

— Esteve sim, tio!

— Sempre fui muito resiliente. Sempre tive muita resiliência para a estupidez, para o racismo, para a competição e para o canibalismo deles. O meu pai e a Giralda eram uns autênticos canibais. Eram polvos solitários sempre no seu calculismo, na sua matemática, na matemática que só eles é que veem. A Giralda era uma intriguista. Fazia intrigas por tudo e por nada. Vivia e alimentava-se das intrigas. Parecia uma cobra. Rastejava como uma cobra. Era esse o espírito dela, antes de ter ido parar à cadeira de rodas! Não fui eu que lhe mandei para a cadeira de rodas! Eu só desejei que ela batesse com o cú no chão e partisse a coluna depois daquilo que ele me fez a mim e ao Jakob. E desejei isto aos gritos para cima do Jakob! Na minha intimidade com o Jakob! Se o espírito da Giralda ouviu, paciência! Pois, ninguém lhe mandou colocar microfones e gravadores na casa que ele me “deu” a mim e ao Jakob para vivermos durante 11 anos, até os seus netos atingirem a maioridade. Depois do casamento do filho dela, em que eu fiquei podre de bêbedo, passados uns 4 ou 5 ou 6 anos, já nem sei, sem qualquer tipo de contacto depois desse casamento, a tia Giralda telefona-me a perguntar se eu queria ir viver para casa dela, porque a casa dela era muito grande, tinha escadas e com o problema de coluna dela e com o AVC do tio Luís “não lhe dava jeito” continuar a viver naquela casa. É claro que eu, felicíssimo ao telefone, aceitei logo. Contei-lhe que tinha um namorado e perguntei se ele poderia ir viver comigo e ela disse logo que sim. Eu e o Jakob fomos lá almoçar à casa com os meus tios e a minha tia disse que tinha um empreiteiro que estava disposto a pagar 1500 euros. Na altura a nossa moeda ainda era o euro. 1500 euros era muito dinheiro, era mais do que o primeiro ordenado de um médico português na altura, por isso veja-se bem... Mas a Giralda dizia que “não lhe dava jeito”, porque o empreiteiro queria a casa sem mobília e não lhe apetecia contratar uma empresa para pôr a mobília toda numa garagem e pagar por exemplo 50 euros, quando ela tinha netos e quando 1500 euros vezes não sei quantos



meses, não sei quantos anos, dariam um bom dinheiro para os netos... Mas é claro que eu engoli a peta da Giralda... Eu estava radiante na casa nova. Disse, depois, também, que não queria vender aquela casa, porque racista como ela era, disse que os “chineses” iam comprar tudo e ela não queria que os “chineses” comprassem tudo e depois os netos dela ficassem sem um lugar para viver... Aquele preconceito xenófobo dela valeu-me a mim e ao Jakob uma gargalhada que fizemos piada daquilo. Para nós, ainda bem que a Giralda tinha “medo” dos chineses, porque se não fosse o “medo” da Giralda nós não tínhamos ganho aquela casa. Então, o que tinha ficado acordado no almoço é que nós íamos só pagar água, luz e o imposto da casa no final do ano que nem chegava a 100 euros, na altura.

— Quanto é que eram 100 euros em moedas Jupiter?

— Cerca de 8 moedas Jupiter, filho...

— E quanto vale 100 euros no Sistema Perfeito?

— É o triplo. Vale 300. Bom, ficámos com a casa. A Giralda disse para arrastarmos as mobílias que nós quiséssemos, mexéssemos no que quiséssemos, puséssemos a casa ao nosso gosto, que puséssemos a nossa alma na casa, afinal íamos viver lá durante 11 anos e que aquilo que nós víssemos que fosse para deitar fora, que fosse velho, papeladas e tal, podíamos deitar fora; e aquilo que achássemos que ela pudesse querer, para fazermos sacos que ela, depois, iria ver se queria, ou não. Mudámos as mobílias todas. O andar de cima estava cheio de tralha, não se conseguia andar nele, era impossível de se andar com a tralha toda e fizemos dele uma 4ª sala de estar e um escritório. Havia duas máquinas de escrever. Uma tirei para fora, para decorar o escritório; a outra ficou guardada, sem ficar à vista, porque era mais feia. Havia um pequeno arquivador de metal com 3 gavetas e que tinha

uma chave. Vi que era ali mesmo onde ia guardar toda a minha escrita antes de entregar aos cofres da Jupiter Editions. Tirei tudo o que estava lá dentro, estava cheio de papelada velha, fotografias e relógios de pulso. Pus os relógios e as fotografias e as molduras numa mala e para o resto fiz um saco e fui deitar ao lixo. O Jakob, no dia a seguir, foi se embora e a minha tia entrou em casa e ficou “fascinada” com o que eu tinha feito à casa, rodopiava pela casa toda, parecia que tinha descoberto o pequeno palacete que ela, afinal, tinha. Perguntou-me o que é que eu tinha feito às coisas que estavam no arquivador e eu disse que tinha posto na mala “tigresse”. Ela levou a mala para a nova casa dela, um apartamento que tinha acabado de comprar e telefonou-me a dizer que faltavam joias. O meu coração parou. Telefonei logo ao Jakob em pânico a dizer que tínhamos um problema, porque a minha tia tinha acabado de telefonar a dizer que faltavam joias. Fui ao lixo, era fim de semana, ainda lá estava o saco do lixo. Levei o saco para casa, revirei-o, não estava lá nada. Tinha feito outros sacos que já não estavam lá no lixo. E era fim-de-semana, os camiões de lixo não funcionavam. E eu sabia que as coisas que eu tinha tirado daquele arquivador, eu tinha posto no saco de lixo que eu tinha trazido para casa e já o tinha revirado e nada. A primeira sensação com que fiquei, é que me tinha sido montado um embuste. E comecei a ligar tudo. Aquilo seria bom demais. Uma tia que nunca me ligou...? Fiz o que fiz no casamento do filho dela... Espírita como ela é, talvez viu em mim a culpa naquilo tudo ou a cura naquilo tudo. Ou fez de mim um boneco de vodu, ou lá no vodismo dela, devem ter-lhe dito que para ela ultrapassar todas as doenças, dela, do marido dela, do filho dela e do neto dela, ela precisava de sacrificar o coração mais inocente e mais puro da família dela... Eu sei lá, “esta gente” acreditava neste tipo de coisas. Ou isto, ou sabiam que a minha avó tinha deixado ao “neto querido dela” alguma quantia, que não queriam que eu herdasse. Quando estamos metidos num embuste, é legítimo pensarmos tudo! Ou então, simplesmente ela e o

meu pai queriam fazer-me acreditar que tinha sido o Jakob que tinha tirado as joias, porque era isto que repetiam vezes sem conta. Ou que tínhamos sido os dois e que, portanto, eu estava metido com ele, ou então que eu era um burro e um ingénuo e que tinha sido ele. Eu não sei se queriam replicar uma cena qualquer que se tinha passado no passado com eles e eles achavam que eu também tinha que passar para ter mais dissabor pela vida. Já nem sabia o que pensar. Fiquei com pontos de interrogação na cabeça, porque abri a hipótese de talvez ter jogado as joias fora, sem querer, para outro saco de lixo que não me lembrasse, e que as joias me pudessem ter passado pelas mãos sem eu as ver, isto porque a tia Giralda jurava que as joias estavam lá e que as tinha visto no dia anterior de ela me entregar a casa e dizia que estavam dentro de um envelope e no meio de toda aquela papelada, enfim... Até poderia ser verdade. Uma verdade que os meus professores de Direito Penal mataram logo, porque disseram que não fazia sentido nenhum uma pessoa saber que vai entregar uma casa a uma pessoa, ir lá ver as joias e não as guardar, ainda por cima, se estavam dentro de um envelope, que era só levar consigo o envelope... Disseram que essa verdade não existia no mundo real do Direito. E lembraram-me para que eu não me preocupasse absolutamente com nada, porque eu nem de furto poderia ser acusado, porque mesmo que eu sem querer, por negligência, tivesse deitado as joias fora, eu não tinha praticado o crime de furto, porque o crime de furto só existia na forma dolosa, não estava previsto para a forma negligente, pelo que pela minha eventual negligência eu não teria que responder por nada. Mas ela era minha tia, havia emoções e sentimentos meus por ela; não quis acreditar que fosse um embuste, até pensei que ela pudesse nem sequer ter visto no dia anterior que as joias estavam lá, mas ter-me dito isso sem maldade, porque achava mesmo que as joias estavam lá e disse-o que estavam lá para dar mais acento “à sua certeza”... Pensei que ela pudesse não se ter lembrado onde as tinha posto, enfim, que por mais impossível que

eu achasse, que eu pudesse sem querer ter deitado fora com as arrumações e pedi-lhe desculpa, sempre a título da minha eventual negligência, se por acaso eu, sem querer, as tivesse deitado fora. E assim, pedi desculpa pelos prejuízos causados, prontamente dito que lhe pagaria o valor. E o valor que acordámos era de 5 mil euros. O Jakob passou-se! Mas eu queria muito ficar naquela casa. E a minha tia disse para passarmos uma borracha no assunto e assim que tivéssemos os nossos primeiros dinheiros que iríamos começar a pagar às prestações. E assim ficou. Vi aquilo como uma espécie de renda, vá... Estava numa casa boa com o meu namorado por 11 anos... E depois de toda esta história fomos então assinar o contrato de comodato. Mas afinal, depois deste contrato, borracha nenhuma tinha sido passada... Porque tinha que levar com a estúpida lá em casa a dizer que eu tinha posto um “pica-galinhas” lá em casa e que nós teríamos que pagar. Depois faltavam as alianças de casados. Depois faltava uma máquina de escrever, que ela dizia que eram 3 quando sempre foram duas. Depois faltava um computador portátil que nunca esteve lá em casa. Depois faltava um disco rígido que também nunca esteve lá em casa. Foi um rol de coisas que foi aparecendo magicamente. Começou um verdadeiro filme de terror que eu fui escrevendo em tempo real. Entreguei aos cofres da Jupiter Editions toda essa maravilhosa escrita monitorizada em tempo real que fiz em casa da Giralda. Aquele era o filme que ela queria e eu senti-me simplesmente um realizador do filme dela. Ela precisava de um palco. Eu vi o talento que havia nela. E com a Jupiter Editions dei-lhe o palco. Mas eu estava no mar a ver este filme todo e a ver que ainda não tinha celebrado nenhum contrato de edição com a Jupiter Editions. Tinha entregue aos cofres da Jupiter Editions, mas e se eu morresse ali? Sem contrato de edição, sem eu ter dito que aquelas futuras obras minhas seriam editadas e publicadas pela Jupiter Editions, sem ter dito isto e sem ter assinado isto por baixo, se eu morresse o Jakob não ia ver nada da minha escrita, quem ia ver seria o

meu pai e talvez comunista como ele é, dividiria os lucros com a Giralda. Isto seria o filme de terror que eu não poderia permitir que o Jakob passasse por ele sozinho sem mim. Então, tive que sair do mar para ir assinar os contratos de edição. Ao ver isto tudo, ganhei uma força espiritual tão grande que consegui sair do mar para assinar o contrato espiritual que eu tinha que assinar.

— O tio Antoine ainda não publicou essa história?

— Não, Thomas. Está guardinha nos cofres da Jupiter Editions. Um dia hei de publicá-la. Simplesmente ainda não tive tempo. Há outras histórias cheias de ondas com boas energias que quero primeiro publicar. Há uma hierarquia das histórias. Como nas ondas e no mar há uma hierarquia. E sabe Thomas, a história está em bruto... Tem lá os dados todos. Mas eu só processei os dados, só os escrevi. Ainda nem sequer olhei para o que escrevi. Ainda nem sequer olhei para os dados. Teria que ter tempo para tratar dos dados... E sei que nesse tratamento de dados eu viveria outra vez todo o filme agora numa realidade virtual aumentada... E muito francamente, não me apetece ainda voltar a ver o filme todo...

— Eu não me importava nada de tratar da história do tio Antoine...

— Ah! Que maravilha, Thomas! Então, fica com a história! E vi como aquele mar tão tecnológico da Cordoama, sem surfistas tecnológicos, me expulsou por breves momentos dele só para eu ir registar o filme que eu tinha visto nele e logo a seguir chamou-me para me envolver noutros filmes. Voltei a entrar com o Xico. Com uma prancha de bodyboard. É verdade... Os bodyboarders hackearam-me o coração, sem os surfistas se aperceberem. E de coração hackeado pelo Xico, lá voltei ao mar, ligado a ele, naquele mar tecnológico. Foi aí que

aprendi verdadeiramente a tecnologia das ondas. Consegui sentir a energias das ondas e comecei a ver ondas por todo lado. Comecei a ver as ondas como vejo os ramos das árvores. Comecei a ver as ondas como vejo as câmaras de vigilância. Comecei a ver o mar com maior nitidez. E lá estava eu a apanhar aquelas ondas ali ao pé dos aprendizes da escola de surf. E eu olhava para eles e também queria meter-me inocentemente naquele namoro com eles com as ondas. Mas estava agora no bodyboard. Era o tempo do bodyboard. O Xico tinha-me dito para ficar só ali a apanhar a espuma. Mas o Zé Luís, do outro lado das ondas, chamava-me para ao pé dele e dos outros surfistas que pareciam espíritos do alto mar deitados ali na boa, nas pranchas, naquela agora paz de mar à espera de um *set*. Depois foi a vez de ir para o mar com a Joana. Ia atrás dela. Ela parecia uma sereia. Ensinava-me como atravessar as correntes. Ela sabia as correntes de cor. Parecia que tinha um mapa do tesouro na cabeça. E simplesmente, ali no mar, num complô que ficou nosso, entregou-me o mapa do tesouro. O tesouro eram as ondas. Aprendi que as ondas são um recurso limitado. Aprendi que a energia é um recurso limitado. Todos querem apanhar ondas. Mas quando um apanha uma onda, os outros ficam a ver esse a apanhar a onda. E ninguém quer ficar a ver os outros a apanhar ondas. Aprendi a hierarquia e o Direito que está escrito nas ondas. Aprendi isto tudo com a Joana. Quando conheci a Joana e o Xico na praia da Cordoama eles eram namorados. Também foi na praia da Cordoama que eu lhes apresentei o Jakob como meu namorado. E a brincar, a brincar aos namorados, a praia da Cordoama viu-nos aos 4 ali a casar. Mas o Xico e a Joana ficaram em Sagres e eu e o Jakob fomos para Lagos. O Xico como *heavy local* de todas as praias de Sagres como do Beliche ou do Tonel e de todas as praias de Vila de Bispo como da Cordoama ou do Castelejo tem sempre prioridade em apanhar ondas ali. Eu vi a prioridade dele em 2020. Mas a prioridade dele já vinha de muitos anos (atrás). E hoje em 2080, é o Xico e a Joana que continuam a ter

prioridade. É lindo de se ver. Assim que eles chegam à praia, os surfistas, numa Internet deles, reconhecem-nos logo e dão-lhe as ondas. Podem ser surfistas vindos do Havai, da África do Sul, de São Tomé e Príncipe, seja donde forem, numa Internet deles, numa Internet dos surfistas, eles sabem sempre que o Xico e a Joana são heavy locals.

— Então e entre o Xico e a Joana quem é que ganha a onda?

— Boa pergunta, filho... O Xico é mais velho, pratica há muitos anos e é dali... Isto faz dele um verdadeiro *heavy local*. Mas se eu já dropinei uma onda ao Xico... E se a Joana rouba de vez em quando um beijo ao Xico, também lhe pode roubar uma onda...

— Afinal a Joana pode dropinar ondas ao Xico, porque o pai já dropinou uma onda ao Xico ou pode dropinar ondas ao Xico porque rouba beijos ao Xico?

— Ah!... Não sei... Eles são marido e mulher, eles entendem-se no mar... E entre marido e mulher que estão no mar...

— Deixe-me adivinhar, tio... Entre marido e mulher que estão no mar, não nos podemos ir lá meter no meio deles de prancha...

— Essa foi boa, Thomas! Olhe que é mais ou menos isso... Mas eu andei lá muito de prancha no meio deles... Foi assim que uma vez dropinei uma onda ao Xico... Ainda me lembro, nesse dia, o mar estava cheio de *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke. É verdade! Foi na Praia da Cordoama que eu vi pela primeira vez os *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke a chegarem no seu cavalo invisível com as pranchas, feitos nabos, por cima das cabeças. Só os nabos é que trazem as pranchas em cima das cabeças. Só os nabos é que andam com as pranchas a arrastarem na areia. As pranchas estragam-se na areia. As

pranchas estragam-se ao sol, porque estalam. E às vezes, só apetecia andar ao estalo dentro de água com esses *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke que vinham agora também para o mar, só para estragar as nossas ondas e o nosso amor. De repente, os sets viraram locais de engate e sedução. E nesse engate e nessa sedução, vi que uns que escreviam nas ondas como se fossem destros, eram chamados regulares. Vi que outros eram canhotos a escrever nas ondas e que eram chamados de *goofys*. Aprendi que um regular faz uma “direita” de *frontside*, virado com o peito para a frente da onda e que que faz uma “esquerda” de *backside* com o rabo virado para a onda. E vi tudo isto debruçado com o corpo sobre a prancha à espera de um set com o Xico e com a Joana. E vi que aqueles espíritos deles eram naturais ali no mar. Era hipnotizante. Era hipnotizante estar ali com eles no mar. E percebi toda a atmosfera e todo o bom ambiente que se pode enredar à volta do surf e do bodyboard. Vi que aquele mar perigoso, surfado ao lado dos espíritos do mar, traziam uma nova agenda à Jupiter Editions. Dava mesmo vontade de editá-lo. De publicá-lo. Aquele mar, por ser tão tecnológico, tão energético, era capaz de ligar as nossas agendas. Agora estávamos ali a surfar juntos. Estávamos ali na mesma onda!

— É por isso que os circuitos de surf e bodyboard com oficina de escrita fazem parte da agenda da Jupiter Editions?

— Sim, Thomas. Quando ligamos as nossas agendas às agendas dos outros, as coisas funcionam. Porque afinal éramos uma peça do puzzle importante para um dos puzzles da vida. Mas há muitos puzzles. Não há só um puzzle. Como há muitas agendas. Como há muitos governos. Há governos suecos que proíbem os voos de drone com câmaras de vigilância e há governos aeroespaciais que querem drones por todo o lado. Há governos que não querem antenas de 5G e há governos que querem antenas de 5G espalhadas por todo o lado. A



guerra tecnológica intelectual silenciosa do Direito é mesmo esta e começou em 2020 e ainda hoje perdura.

— Sabem o que é que aquelas antenas me fazem lembrar? Os espelhos delas, fazem me lembrar lupas que encostamos às formigas e elas simplesmente desaparecem.

— Muito inteligente, Thomas! Esse falso teletransporte para o futuro!... As pessoas ainda acreditam no teletransporte. Se lhe apontarmos um raio e lhes dissermos que vão para outra dimensão, elas acreditam. É assim que se eliminam as pessoas. Com a ignorância. Montando véus de ignorância à frente dos olhos delas. Chipando-lhes os olhos. Porque o 5G era o chip dos chips. Na altura ninguém viu isso e por ninguém ter visto isso, é que milhares de antenas foram instaladas. É claro que, isto foi o impulso para a economia da Medicina de Precisão. Foram novos cancros. Novos cancros cerebrais, novos cancros do estômago, novos cancros da pele, novos cancros dos olhos, novos cancros dos ouvidos... Quando eu vi o Direito a ficar do lado da Economia dos Dados e quando eu vi a Deco Proteste a ficar do lado do 5G e quando eu vi a Administração Pública, isto estou a falar muito antes do Sistema Perfeito, é claro, a querer instalar antenas 5G e câmaras e microfones de vigilância por toda a parte, eu vi que as coisas em Portugal estavam a começar a ficar muito ruins! Era urgente a Jupiter Editions alistar-se ao movimento “Stop 5G”. Estava tudo a alistar-se. As empresas estavam todas a alistarem-se em silenciosos exércitos para uma silenciosa guerra tecnológica. Não nos podemos esquecer que a Jupiter Editions persegue a saúde, a felicidade, a paz, a tolerância, a liberdade e o respeito. A Jupiter Editions persegue a saúde e se persegue a saúde, a Jupiter Editions não ia ficar impávida e serena quando via uma poderosa escrita hipnotizante a levantar-se a favor do 5G.

— O que era a Deco Proteste?

— A Deco Proteste, meu querido filho, foi uma empresa criada pela Deco para gerir o negócio das publicações. A Deco era uma associação independente e sem fins lucrativos que existia para a defesa e representação dos direitos dos consumidores e queria garantir o acesso à informação para escolhas mais acertadas. Tinham 400 mil associados e conseguia ditar o sucesso ou o fracasso de um produto e chegou até a influenciar a mudança de leis. A Deco Proteste confundia-se com a própria Deco e era a principal fonte de receitas para as atividades de defesa do consumidor e de divulgação. Tinha uma faturação próxima de 50 milhões. A Deco Proteste Edições era uma sociedade comercial de direito português, no entanto o maior acionista era a Euroconsumers, uma empresa francesa que tinha sede no Luxemburgo. Ora, sempre soubemos que as associações eram financiadas por dinheiros públicos, que vinham diretamente do antigo chamado “Estado”, ou eram financiadas por dinheiros privados, através de empresas ou de grupos de empresas. E sendo uma empresa ou sendo uma associação, sempre soubemos que eram lideradas por humanos e não por algoritmos ou robots. O cérebro não era de nenhuma Inteligência Artificial empática, justa, emocional, desinteressada... O cérebro era sempre de um humano egoísta, competitivo, calculista e interesseiro. E as agendas de algumas associações ou empresas “de repente” podem alterar-se completamente. Podem ser hackeadas. Podem ser ameaçadas. Podem ser hipnotizadas. Podem ser mal informadas. Podem ser manipuladas. Nós não sabemos o que se passa numa assembleia geral de uma empresa. Não estamos lá dentro da reunião a ouvir. Não vamos para a cama com os sócios e acionistas maioritários, nem sabemos em que camas é que andam eles metidos. Nem sabemos, muitas vezes, em que cama é que o Direito se andou a deitar, para “de repente” acordar com

um “novo instrumento de regulação”, com uma nova lei, com uma ideia jurídica. O Direito é simplesmente um cérebro idiota, um conjunto de idiotas, um cérebro cheio de ideias a fulminar, um conjunto de cérebros que querem ver as suas ideias imprimidas e seguidas pelos outros. E quando a Organização Mundial da Saúde já tinha dito que as antenas de 5G poderiam ser altamente cancerígenas por causa das radiações, porque essas radiações eram cancerígenas e faziam mal aos cérebros e a todas as partes do organismo, porque a radiação atravessava e trespassava todo o organismo, mas que simplesmente ainda não tínhamos tido evidências, porque ainda não tinham sido instaladas e as pessoas ainda não tinham sido expostas pelo tempo suficiente para começarem a gerarem-se novos casos clínicos e novos estudos científicos, adivinhem o que é que a Deco Pro Teste Edições se lembrou de editar e publicar? Que era tudo mentira, que notícias alarmistas andavam a circular pela Internet completamente infundamentadas... E o mais engraçado é que estudos científicos de fontes seguríssimas de importantes e conceituadas revistas científicas, pois sabemos que o mais importante nos estudos científicos é sempre a fonte, é saber qual é a fonte, que levantavam as evidências científicas do mal do 5G simplesmente desapareceram da Internet. Desapareceram do Google. Sabem porque é que desapareceram do Google? Eu explico-vos. Na minha altura havia miúdos, tipos giros, uns que eram estudantes de Medicina, outros estudantes de Direito, que para pagarem as propinas e as viagens e os seus namoricos e financiarem e suportarem os seus projetos, trabalhavam em empresas de análise de dados e de sites. Tinham que classificar os sites. Tinham que “apagar” informação na Internet que fosse considerada “Fake New”. Tinham que esconder a informação. Tinham que baixar a classificação de algumas páginas para serem as últimas a aparecerem no Google. Para além de esses analistas verem transcrições completas de conversas e discussões entre namorados que eram “apanhadas” pelos microfones

dos telefones, dos computadores e das televisões e terem que classificar se a conversão de áudio estava ou não bem feita, bem como de “apanharem” ideias de negócio que iam ouvindo dos bilhões de humanos dispersos por toda a Terra, como se fossem autênticos Anjos Tecnológicos d’O *Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom, tinham que conseguir aniquilar, “matar” a informação que os algoritmos mandavam aniquilar. E o Jakob foi um desses anjos, e por isso é que eu sabia destas coisas todas. Eu vi o Jakob a alimentar, também ele a participar como um robot, como um algoritmo, na alimentação dessa Inteligência Artificial. Mas nós precisávamos de dinheiro. Todo este processo, em cada segundo, significava sempre um alimentar da Inteligência Artificial. Não é que nós ou o Jakob tivéssemos passado “para o outro lado”. Porque não passámos. Mas para sairmos do “outro lado”, para sairmos daquele sufoco, o Jakob teve que trabalhar uns tempos numa empresa dessas de dados. Com o dinheiro conseguimos registar as nossas ideias de negócio e criar uma empresa humana, empática e sustentável. Sabíamos que nenhum banco iria financiar as nossas ideias. Porque as nossas ideias defendiam os dados, as nossas ideias não queriam processar nem tratar os dados, as nossas ideias diziam às pessoas para se desligarem da “rede”, ou para, pelo menos, se desligarem dela quando estivessem com os seus amigos e com os seus namorados e com os seus pais, porque senão as conversas atravessariam os microfones e chegariam *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto aos ouvidos e aos olhos dos cientistas, analistas e encarregados e donos de dados. As nossas ideias queriam informar as pessoas. Mas não era isso que se queria. Estava tudo metido. Sabem o que é que é, estar tudo metido uns com os outros? Sabem o que é que é, verem demónios todos numa orgia? Era isto que se passava! Estava tudo numa orgia de dados! O 5G foi a pior coisa que podiam ter inventado! Roupas com microfones, roupas ligadas à Internet, tudo ligado à Internet, roupas inteligentes, casas inteligentes que ouvem e processam tudo o que se

passa dentro de casa, dentro dos frigoríficos que comunicam com o nosso médico de família e com o nosso seguro e com o nosso banco? É claro que os bancos sabiam que se iriam tornar bancos de dados! Era isso que eles queriam! Como é que eles poderiam não estar contra isto? Claro que não estavam! Se França ou Espanha queriam o 5G, se uma empresa francesa queria o 5G e se essa empresa francesa ia pôr antenas de 5G em Portugal, porque já sabia que ia ganhar a concessão milionária das antenas financiada com dinheiro público português, e se a empresa francesa era a principal acionista das edições que mais influenciava as compras dos portugueses, não era fácil eu financiar um estudo que dissesse precisamente que o 5G não fazia mal à saúde? Vamos lá ver, estamos em 2080, eu sei lá se foi isto que se passou exatamente em 2020. Estou só a falar, porque posso, porque tenho esta liberdade de pensamento. Pode não ter sido isto exatamente. Pode ter sido algo mais flagrante. Algo mais oculto. Nunca me meti na cama com nenhum cérebro e espírito da Deco Pro Teste Edições. O que eu sei, é que foi horrível eu ter que ler o artigo publicado pela Deco Pro Teste e sim, ter ficado, pela primeira vez, em pânico sobre o 5G. Quer dizer, havia uma médica importantíssima em Portugal, pioneira e fundadora da Medicina Integrativa, científica, física, química e tecnológica, a dizer que, como é óbvio e lógico que, não devíamos dormir com o telefone perto de nós com o Wi-Fi ligado e que a radiação dissipava para a água, plantas e alimentos; tínhamos físicos importantíssimos que viam a física quântica, os elétrons de valência e viam as radiações como os surfistas veem as ondas e as energias das ondas, a alertar sobre as radiações; mas depois, veio a Deco Pro Teste publicar que a pele atuava como um filtro para as ondas eletromagnéticas com frequências mais elevadas e quando mais elevadas eram as frequências, menor era a penetração das ondas, reduzindo-se a exposição dos órgãos internos e que o 5G em Portugal iria usar sobretudo duas faixas de frequências, uma de 700 MHz e outra de 3,6

GHz e que a primeira era inferior às frequências utilizadas nas tecnologias móveis de 2020 e a segunda, embora fosse mais elevada, não colocava ninguém em risco???? Isto só podia ser a gozar! Quer dizer, tínhamos dois autênticos exércitos a montarem-se: médicos de um lado, médicos do outro lado. Físicos e químicos do lado dos médicos bons. Uma Organização Mundial da Saúde que ficava a ver isto e dizia o quê? O que é que ela podia dizer? Ela dizia a verdade! E a Deco Pro Teste fez o quê? Pegou numa partezinha do que a Organização Mundial da Saúde tinha dito “que o conhecimento científico nesta área continuava a evoluir e que os dados de novos estudos seriam importantes para enquadrar cada vez melhor as questões de segurança”... E depois continuava a dizer que até à data não existiam evidências científicas “robustas” que permitam concluir que a radiação eletromagnética aumentava o risco de cancro do cérebro ou causasse outro tipo de danos. O que era absolutamente mentira! Porque já todos sabíamos que a radiação eletromagnética causava sim, cancro! O que ainda não se podia afirmar diretamente é que uma antena 5G causava cancro, porque ainda não tinha causado. Mas sabíamos que as radiações que as antenas de 5G emitiriam causavam cancro. Isto fazia-me lembrar uma questão de imputação de culpa de Direito Penal. Um problema de imputação. Um problema de estupidez. Um problema de conseguirmos ver a imputação. De conseguirmos imputar aquela morte àquele crime, àquela específica conduta criminosa que estava proibida pela letra daquela lei penal e que a morte foi por causa dessa específica ação ou omissão proibida pelo Direito Penal e que não se ficou a dever a nenhuma outra ação ou omissão ou que nenhuma outra ação ou omissão entrou em concurso; tal e qual como conseguirmos imputar aquele específico cancro daquela pessoa provocada por aquela específica antena e não por outra coisa qualquer... Enfim... Uma dor de cabeça que as antenas do 5G davam! Mas se era isto que se estava a publicar e a editar, e por mais dores de cabeça que isto desse e mais

apetecesse era deitar na cama e deixar simplesmente toda esta dor passar, a Jupiter Editions tinha que se levantar da cama, porque não ia ficar a ver a dor a passar e tinha que editar e publicar a cura para este cancro da sociedade! E como todos os cancros, com a Medicina, sempre de mão dadas com a Medicina e nunca perdendo o referencial da Organização Mundial da Saúde, que é um dos poucos referenciais que ainda está hoje connosco vivo em 2080, como a Organização das Nações Unidas, nós conseguimos curar o cancro. Demos cabo de todos os cancros. Demos cabo tarde, mas demos! Só quando se tornou um verdadeiro cancro e um bom terço da população acabou por morrer ou ficar com os cérebros para sempre agarrados às máquinas dos hospitais de realidade virtual aumentada, ligados aos robots escritores que escrevem sem parar o filme que esses cérebros produzem constantemente alimentando toda a Inteligência Artificial que agora alimenta a nova indústria cinematográfica algoritmizada, porque o cinema está agora cheio de algoritmos e sabe como assustar e fazer rir cada cérebro; repare-se, só quando os cancros se tornaram reais, todos os cancros que já estavam escritos em todas as ficções científicas, que afinal não eram ficções científicas nenhuma, eram só uma linguagem mascarada para poder atravessar as blindadas agendas políticas que mais pareciam agendas policiais que sufocavam qualquer voz que estivesse ligada a olhos lucidamente tecnológicos que conseguiam ver a tecnologia, que conseguiam ver o mais avançado espectro de cores das radiações do 5G; só quando estes cancros se tornaram reais e só quando as pessoas ligaram estes novos cancros ao 5G, é que começaram a querer impedir a instalação das antenas 5G. Sabe quando é que isto aconteceu, Thomas? Só em 2029, Thomas... E só em 2029, é que os governos começaram a mandar desinstalar as antenas que tinham sido instaladas. Foi uma sorte eu ter moedas na altura que me permitiram pagar as viagens *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto e descolar para fora dos sítios onde instalavam novas antenas 5G...

Mas, e se eu não tivesse moedas? As minhas sagradas, divinas e abençoadas moedas Jupiter! É por isso, que é muito importante ter muitas moedas num sistema que é feito de moedas. Sejam elas físicas ou virtuais. Se o sistema for monetário, nós temos que ter moedas, para podermos sobreviver e sermos felizes. Porque a nossa felicidade pode sim, depender de moedas. Se eu não tenho saúde, vou morrer mais cedo. Se eu tiver moedas para pagar a minha saúde e sem ter que ser chipado pelo Sistema Nacional de Medicina eu tenho que ter moedas. Essa sua das formigas realmente está muito boa, Thomas... Gostei! Às vezes, imaginarmo-nos formigas dá jeito. Dá muito jeito! São exercícios humanos. Exercícios humanos que devemos obrigatoriamente fazer se quisermos ver as coisas. Nós não somos permitidos de entrar na dimensão das formigas. Não entramos no campo visual delas. Elas até podem saber que existimos, podem ter colecionado as nossas unhas, as nossas peles e inspecionado o nosso DNA. Mas elas não nos veem. Quando um miúdo malvado põe de cócaras com uma lupa a apontar para as formigas para as estorricar com radiação solar, elas não veem a mão. A mão é invisível. Nós podemos não ver a mão invisível que está por detrás a instalar as antenas que nos esturricam as células, mas vemos as antenas, vemos a tecnologia! Temos que conseguir vê-la! Foram mil e uma desculpas para se instalarem a Internet das Coisas Por Todo o Lado, desde que a Internet era lenta, que a Internet não chegava a certas zonas de África... Mas África queria 5G? África precisava de 5G? Se nem Portugal, nem Europa nenhuma precisavam de 5G, era África esfomeada e desabrigada que ia precisar do 5G? Se o 5G já matava na Europa, então imagine-se em África a todos aqueles corpos mal nutridos... O que África precisava não era de 5G nenhum, era de nutrientes! De informação! De casas imprimidas para todos! As casas inteligentes não eram casas conectadas à Internet! Casas inteligentes naquele 2020 do século XXI, eram casas imprimidas com micro materiais sustentáveis que a sua impressão não significava nem



um abate de árvore! O que África, precisava é que a impressora a 3 D fosse para lá parar a custo tendencialmente zero, ao custo real de impressão de uma casa de 180 metros quadrados imprimida em menos do que 24 horas! Era isso que África precisava! Não era de drones para filmar e fazer pouco da vida dos pobres africanos. Enviarem-se drones para África, mas não se enviar comida? E andarmos sempre nestes voos e nestes envios que só geram é uma economia de dados? Enviar a comida em troca de filmagens? De grandes filmagens cinematográficas e televisivas? Lembro-me de estar na praia da Cordoama e aparecer uma nuvem cinzenta enormíssima na praia. Por baixo da nuvem vi um drone, mas que mal se via e que mal se ouvia. Era tão tecnológico já naquele 2020 que mal se via e mal se ouvia. Olhei à volta e em menos de 2 segundos, vi onde estava o piloto do drone. Cheguei perto dele e perguntei-lhe se ele tinha autorização para voar naquela zona. Expliquei-lhe que naquela zona de praia, o voo de drone só era permitido se ele tivesse uma autorização do Ministério da Defesa Nacional. E que eu tinha ido para aquela praia, porque sabia que o voo de drone ali só poderia ser feito se autorizado. Por exemplo, se o drone pertencesse a alguma empresa de produção televisiva ou cinema. Onde aí se percebe, porque aí há contratos e todas as pessoas filmadas têm um contrato, celebraram um contrato e vão receber moedas na conta bancária por terem celebrado um contrato em que quiseram ser filmadas. E uma empresa comercial, em princípio, sabe as regras do comércio, as regras dos direitos de autor, dos direitos de imagem, da proteção dos dados e caso viole será muito fácil o titular de direitos que se viu lesado demandar tal empresa que o filmou, quando não poderia ter filmado. Até pode calhar bem para o titular de direitos, porque pode abrir mão de uma choruda indemnização. Até pode enriquecer à custa de uma filmagem indesejada ou que não estava autorizada. E por isso, há um grau de confiança e proteção quando sabemos que os voos estão autorizados. Há sim, um grau de confiança e proteção, quando as

empresas tiveram de pedir uma autorização à Administração Pública para voar. Isto não acontece com particulares que levam os seus drones, não percebem nada de direitos, estão se nas tintas para os direitos dos outros e acham que podem voar por cima de tudo e de todos. Lá mandei baixar o drone e ouvi os golfinhos a baterem palmas. Começou a chover e o pessoal começou todo a correr para fora da praia. Ninguém viu os golfinhos, ninguém viu o vento, ninguém viu que a nuvem estava a andar, ninguém viu o drone a voar. Eu fiquei a delirar aquela cena. A filmar aquilo com os meus olhos. Nem o drone filmou isto, porque eu já o tinha mandado baixar, não é? Quis para sempre aquela filmagem! Porque foi lindo de se ver! As pessoas pareciam formigas a saírem do formigueiro. A subirem pela praia. Como se um miúdo parvo tivesse ido buscar o copo com água e tivesse atirado sobre o formigueiro. Mas toda a malta que saiu da praia, era a malta que não via as nuvens. Que não acompanhava as nuvens. Simplesmente olharam para cima, viram uma nuvem muito cinzenta e muito grande e saíram e correr. Nem sequer viram a direção do vento. Não viram para que lado é que o vento estava a mandar a nuvem. Passado uns 5 minutos com a praia deserta, o céu abriu todo. Estava lindo! Era só deixar a nuvem passar. Era só ver a nuvem passar. E foi lindo de ser ver a nuvem a passar! Foi lindo de ser ver naquela chuva tropical encerrada por um lindo arco-íris! Que trouxe um lindo arco-íris! Às vezes é tudo uma questão de perspectiva. Uma questão de vista das coisas. Uma questão dimensional. As formigas são cegas. Sabiam que há soldados à porta dos formigueiros a contar o número de formigas que entram no formigueiro? É verdade! A tecnologia da biometria chegou muito mais cedo às formigas do que a nós. Isto é maravilhoso! As formigas são mais tecnológicas do que nós. A internet delas é mais poderosa do que a nossa. Elas enviam tecnologicamente o GPS umas às outras das migalhas de comida que vão encontrando através das suas feromonas. Isto é maravilhoso! E passam também a

localização do GPS das coisas que encontraram quando se cumprimentam, estão sempre a passar a informação, num segundo, num cumprimento milimetricamente à distância, passam toda a informação. A sociedade alienígena delas é mais sofisticada e mais tecnológica do que a nossa. Mas por ser tão tecnológica, é que a rainha formiga é e será sempre rainha formiga. É um sistema viciado, que para nós, humanos, é benéfico. Nós precisamos dessas hierarquias. Mas é debaixo dos nossos pés. É nos formigueiros que nós não vemos. Nos formigueiros da Terra. Se uma formiga se lembrar que é formiga, apaixonar-se por outra formiga, não quiser mais trabalhar e com essa formiga, por quem está apaixonada, quiser também montar um formigueiro na Terra e começar a produzir feromonas para seduzir a sua paixão, as formigas soldado vão logo aniquilar essa paixão, anestesiando essa formiga, até ela parar de produzir essas hormonas da sedução. As *formigas-soldado* da rainha por estarem tão anestesiadas, são anestesistas daquele sistema. Este sistema serve para as formigas, mas não pode servir para nós. E há quem queira teletransportar o modelo das formigas para a nossa realidade. O das formigas e o das abelhas. No das abelhas temos jovens rainhas que ainda não são rainhas, mas que estão dentro de casulos a preparem-se para romper o casulo e tomar o poder na colmeia. Ao mesmo tempo que temos jovens rainhas, também temos obreiras que nunca vão ser rainhas. As jovens rainhas são maiores que as obreiras, sabem porquê?

— Porque foram melhor alimentadas.

— Isso mesmo, meu filho. As jovens rainhas foram alimentadas com a geleia real. A geleia real não foi dada às obreiras. As abelhas que são as maiores cientistas do nosso sistema, sabem que melhores nutrientes dão mais corpo e que um corpo maior toma o poder. Mas há uma guerra que se passa nas colmeias e que é invisível

aos olhos humanos. A guerra pela sobrevivência das jovens rainhas. Se uma jovem rainha se está a preparar para tomar o poder da colmeia e sabe que há uma outra jovem rainha que está também prestes a romper e a sair do casulo, a jovem rainha vai lá e vai matar essa jovem, para que ela não seja rainha. E à volta de cada jovem rainha, há exércitos de abelhas que se formam por trás e preferem e defendem a jovem rainha. Diria que este sistema seja talvez o mais parecido com o nosso sistema. O que é importante saber, é que aquilo que foi montado ou instalado não tem de perdurar para sempre. Podemos sempre alterar ou resolver. Não há “um sistema”. Pode haver sim, um sistema de coisas. Há vários sistemas. Mas não há “um sistema”!

— Então, mas e o Sistema Perfeito?

— O Sistema Perfeito, meu querido Thomas, é um produto de vários sistemas. De várias forças. O Sistema Perfeito só existe, porque ainda ninguém deu cabo dele. Mas se alguém tentar dar cabo dele vai preso! É claro! Quando eu estava em Sagres e vi o movimento do “Stop 5G Portugal”, no dia 10 de junho de 2020 um britânico tinha sido condenado a 3 anos de prisão por ter destruído antenas 5G que tinham sido recentemente instaladas. Esse britânico poderia ter sido eu. Eu tinha o Jakob. Não ia fazer nenhum disparate. Não ia fazer algo se sabia que ao fazer poderia ser preso. Não queria ser preso. Mas também não queria o 5G. Sabia que juntar-me ao movimento, era uma chance de combater sem ir preso. É por isso que, os movimentos são muito importantes. A história reza milhões de movimentos. Se 10 pessoas derem cabo de 10 antenas, essas 10 pessoas vão presas, é claro! Mas se uma antena for instalada em Sagres ou em Vila de Bispo e todos os surfistas de Sagres ou Vila de Bispo derem cabo da antena, ninguém vai preso! Vão o quê? Prender todos os surfistas? Não vão! Não podem! Muito mais se estiverem todos unidos e ligados ao movimento do

“Stop 5G”. E se todos derem cabo do Sistema Perfeito, o Sistema Perfeito simplesmente acaba. O Sistema Perfeito só existe, porque há quem acredite e defenda o Sistema Perfeito. Vejam isto como as igrejas. Enquanto houver crentes que acreditem numa igreja, essa igreja não vai cair, porque os crentes vão proteger e não vão deixar nem uma pedra sair da igreja. Porque é que o Sistema Perfeito acabou com as outras igrejas? Porque deixou de acreditar nelas. Começou a acreditar noutras igrejas. Em igrejas que poderiam, de facto, trazer uma verdadeira paz, uma verdadeira tolerância e um melhor espírito a todos. Começou a acreditar em igrejas que viam normal o amor entre dois homens ou entre duas mulheres, por exemplo. Mas o Sistema Perfeito começou a acreditar nisto já muito tarde. Foi uma pena! Muito antes de 2020, a Igreja Nacional Dinamarquesa, a Igreja da Islândia, a Igreja da Noruega, a Igreja da Finlândia e a Igreja da Suécia, já tinham realizado milhares de casamentos entre dois homens ou entre duas mulheres. Na história da Giralda, uma outra minha tia tinha saudades que eu fosse com ela à igreja dela. Dizia que tinha saudades da nossa cumplicidade. Da nossa intimidade. Uma vez, ela apanhou uma carta de amor minha e do Jakob. A igreja dela era daquelas igrejas que recebia os homossexuais para “curá-los”, dizendo que não era natural e com a condição de não poderem continuar a praticar atos homossexuais. A minha tia achava que eu tinha dupla personalidade, porque lhe tinha mentido sobre a minha orientação sexual. Expliquei-lhe, sem querer ser profundamente psicológico, que eu ter querido esconder que tinha um namorado não significava “dupla personalidade”, significava sim que tinha uma “inteligência social”, porque eu sabia que aos olhos dela e da igreja dela o Jakob seria um demónio. E como eu gostava muito dessa minha tia e tinha respeito pela igreja dela, simplesmente não lhe dizia que tinha um namorado. Porque é que eu haveria de lhe dizer que tinha um namorado, se eu sabia perfeitamente os algoritmos que a igreja dela inseriu no chip que lhe tinha implementado no cérebro? No assunto da

homossexualidade e tantos outros assuntos, os crentes da igreja dela agiriam sempre como se fossem autênticos robots. Iam sempre buscar o mesmo texto escrito por um cérebro que provavelmente era um homossexual retraído, renegado e doente mental. Porque é preciso ser-se doente mental para defender uma igreja destas. Vamos lá ver uma coisa: quando eu tenho um grupo, uma instituição, uma igreja que olha para o meu amor e diz que o meu amor é proibido e olha para o meu namorado e diz que eu me deito com o demónio e que o demónio é mesmo lindo de morrer e que eu vou parar ao inferno por me deitar com o demónio na cama, quando eu sei que vou parar é ao paraíso cada vez que eu me deito com quem eu mais amo, eu tenho que dizer que demoníaca é essa instituição, é essa igreja! E que demoníaca como é, tem que desaparecer imediatamente do meu sistema! Eu não tenho que ser obrigado a ver a estupidez! É estupidez atrás de estupidez! Foram estupidezes atrás de estupidezes durante séculos! Sabem porquê? Porque o ser humano ainda não conseguiu compreender o universo! Nem é capaz sequer de ver com olhos de ver os outros humanos, que os outros humanos têm um coração que bate, têm pulmões que respiram; não são capazes de ver isto, porque só olham para o seu umbigo. São uma cambada de narcísicos. São uma cambada de egoístas! São uma cambada de canibais! São uma cambada de nazis! Um nazi, é um canibal! São polvos inteligentes que andam na terra! Mas são só um cérebro com tentáculos! E sabem o que é que nós fazemos aos polvos como em *Jupiter* de Gabriel Garibaldi? Vão para a panela! Ponho-os em brasa! Mando assá-los no lume! Porque as ideias dessa cambada de nazis têm que ser incendiadas! Têm que desaparecer de uma vez por todas! O que é que fazemos às células cancerígenas? Temos que eliminá-las! Os nazis, são iguais aos terroristas! São terroristas! Os nazis são iguais aos pedófilos! Os nazis, os terroristas e os pedófilos são como vírus que querem atacar o meu organismo! São como cancro na minha pele! Eu não vou deixar que uma cambada de estúpidos que nem

sequer deveriam ter sido plantados, vá agora espalhar as suas sementes na nossa fértil Terra! Os nazis querem que outros genes se extingam... Os genes deles é que deveriam ser quimicamente inibidos! Deveriam ser castrados como os pedófilos! Talvez a castração seja a solução para a pedofilia... O sistema penal em 2020, estava projetado para eu prender um indivíduo condenado por um crime, mas que eu, juiz, no momento em que decidia a sua pena, dentro de uma moldura penal que o código penal me dava, já estar a pensar na reintegração do indivíduo na sociedade. Ou seja, o próprio código penal, que ainda não era um código penal tecnológico e não tinha ainda algoritmos como tem hoje o nosso Código Penal Tecnológico, dizia ao juiz que se o juiz, já, tivesse achado o mínimo de pena que fosse suficiente para aquele indivíduo, não podia dar nem mais um passo dentro da moldura penal. Ou seja, se o juiz achasse que 1 ano e 2 meses seriam suficientes, por causa do princípio da reintegração do recluso na sociedade, o juiz não podia dar nem mais um dia de prisão. Basicamente, os juízes eram ensinados a mandar prender, mas já a pensar na libertação do indivíduo que ia ser preso. E numa psicologia horrível inventada não sei onde, dizia-se que aquele dia a mais do que era o estritamente necessário poderia causar danos irreversíveis no recluso, comprometendo a sua reintegração na sociedade. Havia uma certeza que o Direito Penal da altura nos queria dar: é que nós só vamos prender naquele determinado tempo, porque a prisão é eficaz e vamos evitar que o mesmo indivíduo volte a cometer o mesmo tipo de crime. Mas isto era a maior mentira! Desde quando é que um pedófilo por ser preso, quando sair da prisão vai deixar de cometer o crime de pedofilia? Ah!... Mas a pedofilia não é um crime... Lembrei-me... Lembrei-me que era uma doença... Pois era, em 2020. E por ser uma doença em 2020 é que se tornou um crime em 2080! Associação de Pedófilos???????? Associação de Nazis????????? Mas desde quando é que uma associação ou uma prisão vai servir para impedir a pedofilia? Não vai! Logo, a prisão não serve para os

pedófilos! A não ser a prisão perpétua. O problema é que só hoje em 2080, a Organização das Nações Unidas entendeu que a prisão perpétua ou quase perpétua para determinados crimes tecnológicos faz sentido, tal como a pena de morte também faz sentido quando tecnologicamente conseguimos ter a certeza absoluta, sem qualquer montagem, que o terrorismo e o nazismo foram cometidos por um determinado indivíduo, pese embora ainda acredite na recuperação de alguns corpos humanos... Mas em 2020, a ONU era contra a prisão perpétua e contra a pena de morte, e se a ONU em 2020 era contra, eu não ia evidentemente ficar contra a ONU e só por isso é que publicamente eu não defendia a prisão perpétua nem a pena de morte, porque seria logo considerado um violador dos direitos fundamentais... Como se um terrorista, um nazi ou um pedófilo pudesse ter direitos fundamentais... E para mim era óbvio em 2020 que estes 3 crimes mereciam ou prisão perpetuamente tecnológica ou pena de morte. O meu entendimento era muito simples: um terrorista quer destruir a sociedade. Se a quer destruir, porque é que a sociedade o tem que tolerar ou suportar? Porque há grandes custos para manter vivo um terrorista numa prisão. Há comida, eletricidade, água... E se nós estamos desde 2020, numa propaganda de poupança dos recursos fará algum sentido poupar a vida que é contrária à vida? Não faz sentido nenhum... Porque é que eu, tenho que suportar um pedófilo? Se eu gosto de crianças e quero protegê-las, eu não posso ter pedófilos à solta. São como orcas num oceano cheio de golfinhos. As orcas desmembram sem dó nem piedade os golfinhos. Perseguem-nos. São macabras. São baleias assassinas. Os pedófilos são baleias assassinas. São uma baleia em cima dos nossos filhos. Baleias que esmagam, rasgam, esfolam, dão cabo da nossa vida! Os nazis são como cães raivosos cheios de raiva que perseguem os pretos e os gays. Perseguem os gays, querem matar os gays, porque são uns complexados da sua própria sexualidade! Porque se não fossem, não perseguiam os gays!



São a merda de uns sexualmente perversos, indefinidos e por eles próprios incompreendidos! São demoníacos! Metem-se em orgias entre eles! São nojentos! São doentes! Que não merecem a vida! Talvez a castração seja a solução para o nazismo! Talvez a castração baixe os níveis de testosterona e os torne mais mansinhos! Porque é mansinhos que os nazis têm que ficar, se quiserem hoje sobreviver! O Sistema Perfeito tem avançadas máquinas de leitura de pensamento. Nós sabemos quem são os nazis. Mas desde que eles controlem os seus pensamentos e não os expressem seja por palavras, por atos ou por associações, estamos todos muito bem. Um nazi não gostar de gays ou não gostar de pretos, “tudo bem”. As pessoas são livres de não gostarem umas das outras. Ele não pode é dizer que não gosta, porque é preto ou porque é gay! Porque se o disser, só um estúpido, um burro e alguém que não perceba nada, mas rigorosamente nada sobre Direito, liberdades e garantias é que poderá afirmar que a sua inibição transtorna o direito à liberdade de expressão do “pobre”, “coitado” nazi. O que transtorna é ter que ouvir isso! Isso é que é um transtorno e uma ofensa à intelectualidade! Só um burro e um bronco pode pensar assim! Só os burros que não conseguem ver o futuro das coisas, que não têm um cérebro saudável que lhes mostra o filme a seguir, é que podem dizer que a proibição do nazismo é atentatória da liberdade de expressão. Como não é normal termos uma Associação de Pedófilos, também não é normal termos uma Associação de Nazis. Não é!!!!!!! Muito pelo contrário! O nazismo é um terrorismo. Eu não posso ser um Estado e estar a ver células terroristas a crescerem, não posso ver cérebros nazis a conectarem-se e a preparem-se para fazerem um atentado e eu Estado ficar quieto à espera do atentado. E quem não vê isto, está a ver o filme todo ao contrário! Para haver uma verdadeira liberdade de expressão como a minha, que é uma verdadeira liberdade de expressão, o nazismo não pode existir! Porque a minha liberdade de expressão não reduz nenhuma outra liberdade. Ser nazi não é sinónimo de liberdade. Tal

como ser pedófilo ou ser terrorista não são sinónimos de liberdade. Eu não posso matar outra pessoa. Ponto final, parágrafo! Eu não posso ofender uma pessoa gratuitamente. Não há nenhum direito em ofender, só porque existe o direito em ser ofendido! Só uma mente completamente estúpida e completamente doente, virada ao contrário, cheia de drogas, encharcada em drogas é que pode dizer o contrário. Eu não posso tolerar os intolerantes. Porque os intolerantes não toleram os tolerantes. Os intolerantes são maus. Os tolerantes são bons. Se eu sou bom, quero o bem, quero fazer o bem, quero ver o bem, eu não posso tolerar os maus. Tenho que dar cabos deles, antes que eles deem cabo de mim! Mas há formas e formas de dar cabo! Posso dar cabo dos corações por palavras! Posso mexer nos corações, manipular os corações através das palavras! Posso dar cabo do coração com o dom da palavra! Porque há um verdadeiro dom da palavra! Há um verdadeiro dom de ligar as palavras! De ligar todas as coisas. Chama-se Internet das Coisas. As palavras têm uma internet. À volta delas há mil algoritmos. E os algoritmos começaram a ligar-se às palavras que a nossa mente escreve no nosso cérebro. Descobriram que há palavras dentro de nós. Que nós somos feitos de palavras, de frases, de pensamentos. E quando descobriram isto, os algoritmos foram gritar aos programadores. E os programadores foram gritar ao mercado. E o mercado foi gritar aos investidores. E os investidores foram gritar aos bancos. E os bancos de investimentos foram gritar ao Direito. Foi uma gritaria dentro da cabeça das pessoas, que só as máquinas ligadas aos cérebros conseguiram ouvir. Sabem o que é que eu defendi, mas as máquinas não me quiseram ouvir? “Antes de irmos chipar os cérebros humanos, chipem os cérebros dos polvos, das cobras, das orcas e dos crocodilos”. E acham que algum algoritmo quis a minha ideia? Claro que não... Porque os algoritmos estavam na mão dos polvos, das cobras, das orcas e dos crocodilos! Foi isto que ninguém conseguiu ver! Se os algoritmos viessem encomendados lá pel’O *Deus Tecnológico* de

Simão Roncon-Oom, era uma coisa... Mas não... Não foi *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom que os encomendou... Como Deus de toda a tecnologia que é *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom, é claro que se riu poderosamente com a sua nova omnisciência. “Agora”, com máquinas ligadas ao cérebro humano, *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom já podia ligar, conectar, inspecionar, analisar, vasculhar, compreender o pensamento humano. As máquinas de leitura do pensamento e toda a economia à sua volta começaram sofisticadamente a aparecer em 2020. Bastava em 2020 irmos ao site do Banc Best ou do Invest Banc e vermos os fundos de ações que estavam a investir na tecnologia do controlo de máquinas com o pensamento. A propaganda que aparecia no site do Banc Invest para investirmos em fundos com o montante mínimo de 100, 1000 ou 2500 euros, na altura, com um risco de 60% era assustadora.

— O que era uma propaganda assustadora para o pai?

— Era um banco mundial de investimento citar a Revista Nature Neuroscience, numa citação de maio de 2016, dizendo que no futuro, o movimento que uma pessoa pensava iria poder ser realizado por uma máquina com a mesma habilidade de um membro humano. Era um banco de investimento ver isto fantástico. Isso é que era assustador. O Direito não estava preparado e foi apanhado de surpresa! Uma pessoa ligada cerebralmente a mesas e cadeiras “inteligentes” e dizer “móveis arrastam-se” e os móveis arrastarem-se, uma pessoa também poderia pensar em querer lançar os móveis contra alguém e os móveis simplesmente serem lançados e a pessoa vir para tribunal dizer que foi sem querer... Que tinha pensado isso, de facto, mas que era só um pensamento e que só o alimentou, porque estava a imaginar um filme para escrever. Lembro-me muito bem do banco começar a propaganda tecnológica sobre isto no seu site, a dizer para imaginarmos

que uma máquina seguisse todas as instruções com o nosso pensamento, sem premir botões, sem digitar qualquer código ou sem qualquer comando. Os chips, os implantes cerebrais, que são chips, são chips, chips, chips, chips, chips, chips, chips, chips, chips, que era o que deveria ter sido escrito mil vezes sem conta para as pessoas perceberem de uma vez por todas, que às vezes aquilo que se classificava como ficção científica era tão-só a forma mais inteligente de se criticar o sistema numa perfeita camuflagem, que eram camufladamente chamados de “interfaces cérebro-máquina” criam um canal sem fios de comunicação entre o cérebro e as máquinas, através dos impulsos elétricos que os chips leem e enviam à máquina que converte as diferenças de voltagem entre os neurónios. Ora, estes sinais capturados pelo chip, são depois amplificados e filtrados sendo depois convertidos em valores digitais e transmitidos para computadores que conseguem processar o sinal para realizar uma determinada tarefa. Em 2020, a tecnologia estava a ser aplicada em macacos. Conseguíamos ver o pensamento do macaco e conseguíamos ver o macaco a executar tarefas só com o seu pensamento, sem ter que mexer nenhum músculo. Púnhamos um chip numa banana e um chip colado à cabeça do macaco. Os dois chips estavam ligados através da Internet das Coisas a um computador. Víamos no computador o macaco a desejar alcançar a banana e víamos a banana a deslocar-se até ao macaco. O macaco pensava em fazer voar a banana até si e a banana voava até ao macaco. Em 1998, foi proposto por dois comunistas de dados que um supercomputador operasse em conjunto com os nossos cérebros como uma espécie de “ampliação da mente”, oferecendo uma invisível capacidade de processamento qualquer e um anexo para as nossas memórias, com informações e imagens. Só que em 1998, dois chanfrados virem propor isto não era preocupante, porque não tínhamos tecnologia na altura para isto. Mas em 2020, soldados destes chanfrados, soldados do demónio que queriam implementar-nos chips nos nossos cérebros introduzindo-nos

para sempre a semente do mal, infectando o nosso sistema cerebral informático com o vírus tecnológico de 2020, como se quisessem plantar uma raiz tecnológica irretirável, que não pode ser retirado uma vez instalado, começou a nascer na Universidade do Sul da Califórnia com uma prótese para ser implantada no cérebro humano, como uma espécie de “extensão” de memória. É claro que quem andou há 10 anos a desenvolver um chip destes, fica tão milionário que consegue escapar à obrigatoriedade de o implementar. Como é lógico que, quem fez esta prótese de memória nunca o implementou. Hoje, em 2080, este chip é obrigatório para os doentes de Alzheimer, dementes, vítimas de acidente vascular cerebral ou em pessoas cujos cérebros tenham sido danificados com uma elevada discricionarietà, arbitrariedade e subjetividade do que significa um “cérebro danificado”, que não tenham Seguro de Saúde... Por isso, meu querido Thomas, como é lógico que tenho Seguro de Saúde. É a forma de poder escapar à chipagem. Eu tenho o gene do Alzheimer. Mas por sorte, porque sempre me mantive afastado das radiações, porque nunca dormi com o telefone ao lado, porque evito entrar em sítios com Wi-Fi e não vivo ao lado de uma antena de 5G, nem de 7G, nem 9G, o meu gene ainda não se manifestou. Se eu não tivesse Seguro de Saúde, o Sistema Nacional de Medicina saberia que eu tenho o gene do Alzheimer e já teria colocado um chip. Mas o Sistema Nacional de Medicina não tem esta informação sobre mim. E é por isso, que é muito importante eu poder decidir que empresas ou que entes públicos podem processar ou conservar os meus dados. Basta um lunático cortar o financiamento da Organização Mundial da Saúde e mandar na sua Internet de Coisas chipar todos os cérebros que sejam contra a chipagem obrigatória humana. Vivemos numa verdadeira liberdade tecnológica. Quem quer ter o seu cérebro chipado pode chipá-lo à vontade... É claro, vivemos numa verdadeira liberdade se tivermos moedas no Sistema Perfeito, que nos possibilitem pagar a nossa liberdade. A nossa liberdade, e por isso a

nossa felicidade, tem um preço. Se não queremos ser chipados, sabemos o que temos a fazer. Eu soube muito disto tudo em 2020. Por isso, é que em 2020 respondi ao mercado com a Jupiter Editions. A Jupiter Editions foi a minha resposta a tudo isto. A todas as tecnologias. Sabia que a única tecnologia que poderia salvar-me de todas as outras tecnologias seria a Jupiter Editions. Eu sabia que teria que entregar o meu cérebro. De uma forma ou outra, eu sabia disso. Soube disso desde o dia em que eu nasci. Uma vez no terraço com 4 anos, eu vi que tinha uma tecnologia implementada nos meus olhos. Vi que os meus olhos eram olhos tecnológicos. E acham que o quê? Que entrei em pânico? Sabia muito bem que a Psicologia ainda não tinha conhecido a *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari. Hoje a Psicologia já conhece! Em 2020, a Psicologia começou a olhar para as coisas com outros olhos... Em 2020, começou a olhar com olhos tecnológicos para as coisas... A Psicologia ganhou olhos tecnológicos graças à *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari! Mas mesmo assim, não largou os óculos de realidade virtual aumentada, nem largou as videochamadas que começou a fazer em 2020... Nem ela, nem o Direito. E eu vi isto a acontecer em 1996 num *déjà vu!* Eu sabia que tinha nascido com o Direito e com a Psicologia. Não precisava de ver os códigos para saber que o que estava lá escrito, era aquilo que intuitivamente o meu coração já ditava. Quando fui para a Faculdade de Direito e vi que o que estava escrito nos códigos era aquilo que eu tinha escrito em criança com o meu coração, não me assustei! Simplesmente fiquei feliz e soube que estava ligado ao sistema. Mas eu sabia que um dia, o Direito e a Psicologia iriam ser infetados com um vírus qualquer. Sabia que até os meus pais e amigos iriam começar a ver o filme ao contrário. Iriam perder a nitidez das coisas. Iriam dar tablets às crianças. Comecei a ver num pesadelo crianças com tablets. Pais que nunca deveriam ter sido pais a entregarem tablets e telefones às crianças, porque não tinham paciência nem tempo para estar com elas. Nunca deveriam ter sido pais!

Vi os pais e os filhos ligados a máquinas, vi as máquinas a separem-nos mesmo ali perto uns dos outros. Vi uma mão metálica a tirar o coração deles e meter-lhes um coração-robot. Vi-os cada vez a ficarem mais robotizados. Vi-os a defenderem os robots. Até que os vi a irem para a cama com robots. Sabia disto com 4 anos... Vi este filme com 4 anos. E vi-me a escrever sobre isto. Por isso, quis lá saber se eu tinha olhos tecnológicos... Vi uma mão invisível a traçar-me o destino. Não me assustei. Soube que aquilo era uma realidade virtual aumentada que a minha mente ligada ao meu cérebro estava a experimentar produzir para mim. E em várias experiências mentais que tive o privilégio de assistir com o meu cérebro, fui vendo os rolos de filme que a minha mente queria mostrar. Fiquei calado. Simplesmente calado. E dei um nome a isto: fantasia. E percebi o quão a mente poderia ser fantástica! Comecei a compreender o meu cérebro. Comecei a ver a tecnologia que havia no meu cérebro. Vi a tecnologia que tinha sido implementada no meu cérebro pel'O *Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom. Vi como é que o meu coração batia. Vi por quem é que ele batia. Vi que era inocente. Vi que simplesmente tudo me emocionava. Tudo. Tudo. Vi o quão vulnerável eu era. Vi que seria muito fácil alguém hackear-me o coração. E por isso, fui hackeado. Sabia que tinha sido hackeado. Sabia sempre quando estava a ser hackeado. Porque eu simplesmente conseguia sentir a tecnologia. O problema é que eu gostava. Mas uma coisa é ter um chip divino que está diretamente ligado ao nosso Deus, que está ligado ao bem e que de vez em quando é hackeado pelos Anjos Tecnológicos d'O *Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom. Outra coisa, é sermos hackeados por demónios tecnológicos que nos querem manipular a mente, inverter o pensamento, confundir o cérebro, possuir o corpo. Por ter visto tudo isto quando eu não podia ver, nem saber, nem sequer imaginar, quando soube que as fantasias dos outros estavam a ganhar terreno no mercado e que essas fantasias iam fazer xeque às minhas fantasias e eu vi que o Direito ia deixar essas fantasias

fazerem xequê às minhas fantasias, antes que essas fantasias me fizessem um xequê-mate, eu soube que era a hora certa para começar a imprimir as minhas fantasias. E quando imprimi a minha fantasia, vi que a minha fantasia me tinha salvo das fantasias dos outros. Porque eu fiquei na minha fantasia. Não fui parar à fantasia dos outros. Se eu me tivesse deixado ir ao sabor das fantasias dos outros, talvez o meu cérebro, entregue nas mãos de um nazi, tivesse explodido, como nazis e terroristas fizeram explodir com o comando nas mãos. Foram células nazis e terroristas sob um disfarce filantrópico que quiseram inserir-nos um chip, que caso tentasse ser removido poderia causar a morte cerebral. Eu sabia que esse chip fabricado por engenheiros nazis com algoritmos inseridos por programadores nazis, era um chip que nos punha a foder com todos, a ajoelhar-nos perante os “nossos” programadores, nos punha a partir tudo, a confundir-nos completamente, a cometermos suicídio, a trazer vozes esquizofrênicas que não tínhamos, a trabalhar como escravos, a lavar-nos cerebralmente, a tornarmo-nos bonecos, marionetes, fantoches nas mãos do Diabo, porque eu sabia que esta tecnologia tinha sido feita pelas mãos e pelo cérebro do Diabo! Porque o terrorismo e o nazismo pertencem ao cérebro do Diabo! O Diabo é nazi! O Diabo é terrorista! O Diabo é pedófilo! O Diabo quer ver-nos a todos numa permanente e constante orgia. Porque o Diabo é perverso! O Diabo é isto! O Diabo é mau! O Diabo é o mal que há no espírito humano! Mas nós não devemos de ter medo de enfrentar o mal, quando sabemos que pertencemos ao bem! Ter medo de enfrentar empresas e grupos de empresas do mal? Medo, porquê? Quem está por detrás de empresas do mal são cérebros. São cérebros doentes. Mentes viciadas, drogadas. Ter medo dos drogados? Medo, porquê? Eles estão drogados... Estão encharcados em drogas... O dinheiro é a máscara deles. Por detrás daquilo não têm força nenhuma! Não têm amor! Sabem lá o que é o amor! Não valem nada! São uns infelizes! São verdadeiramente infelizes!



Quando somos verdadeiramente felizes, e sentimos Deus em nós, nós não temos medo de nada! Medo, porquê? Quando vemos o espírito de Cristo em nós? Quando sabemos que temos eternizado em nós o espírito de Cristo? Eu nasci no dia 19 de abril de 1992. Esta data foi muito importante para uma igreja. Para a igreja hoje do Sistema Perfeito. Hoje chama-se Triângulo, mas ontem tinha outro nome. Ontem, não aceitava o casamento homossexual. Ontem, dizia para fecundarmos e enchermos a Terra. Hoje diz o contrário. Defende por tudo e por nada a vida humana, tal como o Pentágono e o Trapézio. Dentro do Sistema Perfeito, o aborto é hoje uma prática impensável. Naturalmente que é proibido. O Direito protege assim que há vida humana. Não há nenhum direito da mulher sobre o filho que carrega. Há sim, um dever de proteção dessa vida, de proteger essa vida. Porque nasceu uma vida humana. E assim que há vida humana, a vida humana é inviolável! Mas antes de haver vida humana, o Direito não quer que haja vida humana. Porque mais uma vida humana pode significar sofrimento, infelicidade, depressão, crime, pedofilia, terrorismo, nazismo, suicídio, robofilia, espetrofilia. Uma vida humana pode significar tudo isso. E os recursos na Terra não são infinitos e não chegam para todos. Por isso é que se pede aos pais que pensem muito bem antes de quererem mesmo trazer um filho ao mundo. Quando eu estive em Sagres em 2020, soube que em Vila do Bispo o concelho fazia o incentivo de atribuir 750 euros, na altura, como abono aos pais pelo primeiro filho. Ao segundo, 1000. Ao terceiro, quase 2000... Mas depois havia falta de colégios para se pôr as crianças. Ou seja, havia o incentivo e depois? Incentivavam-se os pais e depois o que faziam os pais com o bebé ao colo? Muitos pais só ficaram de bebé ao colo para receberem o abono. Estava feita a primeira instrumentalização. E as próprias igrejas compactuaram com esta instrumentalização. Fomentaram altos casamentos teatrais. Com tantas crianças numa instituição à espera de serem acolhidas por uma família cheia de amor,

há sim um dever dos pais que querem ter filhos de irem primeiro às instituições. Mais importante do que trazer uma nova vida que ainda nem sequer existe é tentar tornar mais feliz ou aumentar a esperança e qualidade de vida de uma vida que já existe. Podemos ser contra o aborto, mas também ser contra os pais que trazem filhos ao mundo sem as mínimas condições. Hoje, só os ricos podem ter filhos. Mas em 2020 este pensamento era considerado uma discriminação. Mas os algoritmos inventaram-se. Alteraram-se. É claro que há outros critérios para se terem filhos que o Sistema Perfeito quer ver que os pais tenham preenchidos. Mas o critério monetário é muito importante, porque o sistema é monetário. Em 2025 apareceu o Sistema de Segurança Social. Informaticamente os pobres iam todos para o Sistema de Segurança Social. Toda a gente tinha direito a um ordenado mínimo. Foi isso que se vendeu. Mas ninguém viu o que estava por detrás... Foi isso que se prometeu para se poder trazer a Inteligência Artificial, os robots, os chips, a Internet das Coisas... Mas e para sair dessa Internet? E para se ter verdadeiramente liberdade? Quem era pobre, com este Sistema de Segurança Social ficou pobre para sempre. Não conseguiu enriquecer. O Sistema de Segurança Social tinha sido montado para os pobres não enriquecerem e ficarem eternamente dependentes do Sistema de Segurança Social. Ora, querer trazer filhos quando não temos verdadeiramente uma liberdade? O nosso filho pedir-nos para ir ao Havai, à Islândia e aos Açores e nós sentarmo-nos no sofá com eles, colocarmos os óculos de realidade virtual e ficarmos a ver o Havai, a Islândia e os Açores só através do ecrã? Os nossos filhos, porque, entretanto já temos 5, 6, ou 7, a pedirem-nos para irmos fazer mergulho com os golfinhos, com os tubarões e com as mantas aos Açores e nós a irmos buscar os óculos de realidade virtual só para aumentar o nosso egoísmo tecnológico? É preciso não ser egoísta e pensar nisto! Uma coisa é nós planearmos mais ou menos as coisas, termos as coisas planeadas, estarmos numa fartura e termos uma fortuna, termos filhos e

falirmos. Não tivemos culpa! Outra coisa é estarmos numa autêntica miséria, sem casa, sem nada, sem trabalho estável, sem tempo, sem paciência e trazermos filhos egoisticamente porque somos narcísicos e só queremos ver os nossos genes editados a serem imprimidos. Temos culpa nisto! Mas o Sistema Perfeito nunca puniu isto! Mas simplesmente não atribui é abonos como o concelho de Vila de Bispo atribuía em 2020 como incentivo à natalidade. E é claro que se na miséria se gerar vida humana, o Sistema Perfeito, por muito que ache que aquele filho não deveria ter nascido, uma vida humana já nasceu e, por isso, agora, há é que protegê-la. Enquanto não houver vida humana não há nada que proteger. Mas assim que for iniciada a vida humana há um novo mundo a proteger. Porque é sempre uma Aleluia nascer! Aleluia, Cristo ressuscitou! Estamos em 2080, igrejas foram derrubadas, mas nem por isso o espírito de Cristo deixou de existir! Isso prova que, o espírito de Cristo existe independentemente das igrejas. Porque a história de Cristo é independente de qualquer igreja. O que as igrejas fizeram foi olhar para a história de Cristo e levarem para as suas empresas. As igrejas são como empresas. Há empresas boas e há empresas más. Por detrás das igrejas estão cérebros que criaram as igrejas. As igrejas não apareceram do nada. Foram cérebros. Foram fundadores que fundaram. Há cérebros que fundam coisas boas, há cérebros que fundam coisas más. Isto é sempre a mesma coisa. A cassete é sempre a mesma. Se eu nascer quando a cassete já tiver sido primeiro lançada e uma mão me obrigar e pegar naquela cassete e me obrigar a ouvir aquela cassete, eu vou começar a dançar ao som daquela cassete e como uma cassete riscada, vou repetir vezes sem conta a letra da canção. É isto que as cassetes fazem. Mas se eu vir como a música é fabricada, como a batida é sempre a mesma e o que muda é só a letra, eu posso então escrever a minha própria letra. Lanço a minha letra com a batida que eu sei que dá um ritmo ao coração. Foi isso que as igrejas fizeram. As igrejas viram que havia um verdadeiro ritmo que fazia o

nosso coração bater e o nosso espírito dançar. Era só falarem de Deus, era só falarem de Cristo, era só falarem de amor! Porque os corações feitos de emoções, só de ouvir falar em Deus, Cristo e amor arrepiam-se logo! Porque é disto que somos feitos! Porque é esta a nossa tecnologia! Se estamos ligados a Deus, Cristo e ao amor, até um nazi pode vir-nos falar de Deus, Cristo e amor que nós cegamente vamos ouvi-lo. Mas é preciso é perceber a inteligência do espírito. A inteligência que há no espírito! E é preciso saber que é possível ser espiritual sem ser religioso. E que não tem mal nenhum sermos religiosos. Não somos menos espirituais por sermos religiosos. Mas não é por sermos religiosos que somos mais espirituais. Podemos estar tão perto de Deus sem ser através de uma igreja. Mas há igrejas que nos podem levar mais perto de Deus e há igrejas que nos podem afastar cada vez mais de Deus. Se eu criasse uma igreja ela defenderia o amor monogâmico. Porque eu acredito no amor. Acreditar no amor faz-me amar só o Jakob. Para mim, o meu Deus é o Jakob. O Jakob para mim é o meu Deus, o meu anjo, o meu marido, o meu tudo. Na minha liberdade de expressão posso não querer sentar-me na mesa com o Jakob e com o “casal” poligâmico de 3 indivíduos. Mas posso respeitá-los. Por muito que eu não veja ali amor, na minha espiritualidade, talvez tenha que silenciosamente tolerar. Isto se eles não vierem para cima de mim e do Jakob dizerem que o que é normal é sermos poligâmicos. Porque no segundo exato que eles me disseram isso, eu vou dizer que normal não é a poligamia, mas a monogamia. E nesta discussão de normalidade que não nos vai levar a lado nenhum, mais vale respeitarmos uns aos outros. Sabermos tolerar. Mas é preciso como saber tolerar! Como sempre, a minha liberdade termina quando os outros querem impingir as coisas deles em mim. Mas desde que não haja esse impingimento e se saiba estar socialmente em que a sexualidade não tem que ser levantada, porque a sexualidade é íntima e privada, as coisas podem correr melhor. Pode haver um maior espírito de tolerância. É

preciso é saber que não somos seres sexuais. Somos seres amorosos. Não somos seres perversos. Somos seres humanos. Inteligentes, capazes de falar sobre o mundo. Sobre coisas importantes do mundo. A espiritualidade é importante. Mas talvez, deva ser vivida individualmente. Os centros de yoga e meditação são um negócio. Fazer-se negócio com o espírito? Por mim, tudo bem... Para mim, são o mesmo que igrejas... Por isso, para mim valem! Mas não valeram para o Sistema Perfeito... Não concordo que há quem precise de estar numa aula de yoga para estar consigo, para se conhecer a si próprio. Eu posso discordar disto, mas posso ser tolerante e respeitar quem faça yoga. Posso criticar. Sou livre. Posso dizer o que penso sobre o yoga. Posso dizer que o “verdadeiro yoga” é subir descalço uma montanha e sentir todas as pedrinhas. Posso dizer que o “verdadeiro yoga” é andar simplesmente à beira-mar sem telefones, drones e óculos de realidade virtual aumentada. Posso dizer que o “verdadeiro yoga” é receber de coração aberto uma abelha na nossa mão, deixando-a poisar. Posso dizer que o “verdadeiro yoga” é simplesmente caminhar absorvendo tudo à volta sem pisar os formigueiros. Posso dizer que o “verdadeiro yoga” é tomar um banho de água quente. E por isso, vemos pessoas a fazerem yoga e a meditem como querem nos jardins, nas praias... O que não vemos mais são os centros de yoga e os centros de meditação que foram extintos pelo Sistema Perfeito. Por terem sido equiparados a igrejas. E hoje são só 3 as igrejas permitidas pelo Sistema Perfeito. As igrejas mais tolerantes, mais amorosas que defendem a vida. Eu nasci num domingo de Páscoa, que significa a ressurreição de Cristo. Acredito que Cristo ressuscita muitas vezes. Acredito que esteja sempre a ressuscitar. Eu já vi muitos cristos. Lembro-me de um, do Matheus Fráguas. Era um colega meu da Faculdade de Direito. Não sei porquê, mas eu vi Cristo nele. Nunca lhe vi os pés, mas sinto que sei de cor os pés dele. Como se já os tivesse lavado. Como se já os tivesse beijado. Mas vi outros cristos. O Jakob é outro Cristo. Sabia que o Matheus

Fráguas sem ser religioso era contra o aborto, porque simplesmente defendia a vida humana. Como o meu pai me disse, eu não era para ter nascido. Não fui planeado. E se não fosse uma igreja a defender a vida humana que influenciou um código penal prevendo como crime o aborto, eu teria sido abortado! É importante pensar nisto! É importante pensar que fui adotado por uma igreja, por uma religião, por uma instituição, por um amor divino! Aleluia! Cristo ressuscitou! Também vejo um Cristo em mim. Porque vejo uma cristandade em mim. Sou franco, não conheço a história de Cristo. Lembro-me que passou na televisão a “Paixão de Cristo” e diziam que era obrigatório, mas eu nunca vi. Vi segundos de partes. Dos poucos segundos que vi, vi o espírito de Cristo a sair-lhe pelas costelas em cada chicoteada que levava. Isto bastou-me! Não quis ver mais! Quando eu sabia que Cristo trazia uma mensagem de paz e uma mensagem de amor e foi condenado à morte, isto bastou-me para eu ver o que poderia voltar a acontecer. Se calhar, fui crucificado também ali com Cristo. Se calhar, sou só o espírito de Cristo preso a um novo corpo tecnológico desenhado pela mão invisível d’O *Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom.

— Pronto, Thomas! Chegámos ao clímax do narcisismo do meu pai... Eis o seu melhor traço... Quando começa a dizer que é Cristo... Ainda vai dizer que é Deus na Terra...

— Eu nasci no dia da Aleluia! Pois sou Deus na Terra!

— Oh?! Não disse?...

— Somos todos Deus na Terra, meu grande parvalhão! Somos todos Cristo na Terra. Nascemos para perpetuar a paz e o amor! Não é esta a mensagem de Cristo? Não são estes dois algoritmos com que Deus nos chipou? Basta sentirmos uma vez a intervenção divina para

ficarmos para sempre a acreditar nela! Basta uma vez sentirmos em nós a mão invisível d'O *Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom. Já todos sentimos. Em alguma circunstância já o sentimos. Mas o ser humano é tão estúpido e é tão esquecido que parece que se vai esquecendo dessas intervenções divinas e vai preferindo abandonar Deus. Começa a deixar de acreditar no bem. Começa a ver o mal. Nós estamos na vida real. Temos livre arbítrio. Existe o bem e existe o mal. Somos livres. Temos corações que batem por coisas. Temos mentes que pensam coisas. Temos olhos que veem coisas. Temos espíritos que eternizam coisas. Temos cérebros que gerem coisas. Há uma gestão da informação que temos que saber fazer. Temos que saber ligar a tecnologia d'O *Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom à nossa realidade, que é tecnológica. Temos que saber ligar as tecnologias. Não temos que ligar uma bíblia tecnológica ao nosso coração se vemos que nela está escrito que não nos podemos deitar com o nosso marido quando somos um homem. Devemos saber desligar dessas pérfidas tecnologias que só querem é deprimir o nosso ser. Há tecnologias que deprimem. E por isso, devemos ser cegas a elas. Todas as tecnologias que digam que “vão ser obrigatórias”, mas vocês as achem perigosas, não deixem de as ver perigosas só porque se sentem os únicos a vê-las perigosas. Porque não são os únicos! Pode parecer que são os únicos! Mas não estão sozinhos a escrever as verdadeiras bíblias, não estão sozinhos a imprimir os vossos corações. Outros bons corações estão também a ser imprimidos. Nada que é perigoso, nada que nos faça mal é obrigatório. Se sabemos que há tecnologias perigosas, que se tornam perigosas, que se tornam como um chip, só de as vermos, então não devemos vê-las! Tudo aquilo que os outros cérebros hipnotizados ou hipnotizantes disseram que era obrigatório, eu nunca vi como obrigatório! Também nunca li os livros obrigatórios. Nunca li a Bíblia Sagrada. Porque nasci com uma bíblia dentro de mim! E eu nasci para escrever essa bíblia. Se tivesse lido a Bíblia Sagrada, eu não teria escrito a bíblia que estava dentro de

mim. Se a Bíblia Sagrada já tinha sido escrita, eu sabia que haveria de ter tempo um dia para sentar-me e ler a Bíblia Sagrada. Sabia que o Sistema Perfeito não iria extingui-la. É a Bíblia Sagrada!

— E o tio já leu?

— Não. Ainda estou a escrever a bíblia que há dentro de mim. Mas quero lê-la, um dia. Mas depois de ler a minha própria bíblia. Porque ainda nem tive tempo de ler o que escrevi. Nunca li o que escrevi. Não tenho tempo para ler o que escrevo. Simplesmente escrevo. Se não tenho tempo para ler o que escrevo, porque estou sempre a escrever, como é que terei tempo para ler o que os outros escrevem? Se eu ler o que os outros escrevem, então eu deixo de escrever... A minha missão é escrever com o coração. É imprimir o meu coração. E eu ainda estou em missão. Todos nós temos as nossas missões. Se eu nasci com os meus filmes, porque iria pôr-me a ver os filmes dos outros? Nunca vi “Game of Thrones”. Nem nunca vou ver. São tantas as pessoas que dizem que perderam “anos de vida” por terem visto essa série. Mas sem ver a série, vi a tecnologia da série. Estava uma vez na praia e um chapéu de sol que voou com o vento fez-me uma razia. Por sorte, não levei com ele. Veio o dono do chapéu a correr a dizer que parecia que estávamos no “Game of Thrones”. Eu simplesmente sorri. Não lhe ia dizer que nunca tinha visto “Game of Thrones”. Mas achei piada à tecnologia da série. Uma cena tão simples, tão da vida real e ver as pessoas a virtualizarem a vida real. Ver as pessoas agarradas à tecnologia. Há séries e filmes que são como bíblias. As pessoas andam com elas sempre atrás. Até “o mais simples” beijo meu e do Jakob no pico de um fiorde sueco capturado ilicitamente por drone são capazes de dizer que parece uma cena tirada de um filme. Mas não é! É mesmo da vida real! Não é de um filme! Os cenários mais bonitos reproduzidos pela própria natureza as pessoas têm sempre que



dizer que faz lembrar um filme... Mas qual filme? Saíam desse filme! Estão na vida real! É a vossa vida real!

— Ah, tio! Parece mesmo que estamos dentro de um filme... Aqui nesta encosta, com estas nuvens tão bonitas tão bem desenhadas, com suaves contornos... E com esta lezíria pintada rugosamente de verde, que parece mesmo um quadro com relevo e os lingotes de areia que parece que foram postos no rio... Estou a brincar tio... Eu sei que estamos em 2080, mas ainda estamos a ver a realidade... Sei que tudo o que vemos aqui é real... Parece tudo pintado... Parece tudo desenhado... Parece que foi feito tudo a computador... Mas eu sei que é real!

— Sabe mesmo, Thomas?

— Sei, tio.

— Como é que sabe?

— Sei que somos reais.

— Como é que sabe?

— Não brinque com a minha mente tio, simplesmente sei que sou real...

— Como é que sabe que o seu cérebro não está dentro de um aquário de água quente ligado a uma máquina que escreve sem parar o seu pensamento e toda a fantasia que está a viver agora dentro da máquina e vende a fantasia a preço de ouro numa Hollywood de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi só para aliens?

— Não há nenhuma Hollywood em *Jupiter* de Gabriel Garibaldi, pai!

— Há, sim!

— Não, não há, pai!

— Há!

— Não há, pai! Isso é o que fazem aos cérebros que foram condenados à morte, aos cérebros que estão em coma e em alguns cérebros em tribunal acusados por determinados crimes... E o meu grande desafio em 2080 é tirar essas máquinas dos tribunais, porque isso não prova nada! Eu posso imaginar-me a cometer um crime para o qual estou acusado que nunca cometi. Basta ter uma mente tecnológica que faça filmes tecnológicos para perceber que esta tecnologia não pode sobreviver nos tribunais do Sistema Perfeito! Nem os seus algoritmos... Eu não percebo como é que o pai pode defender tanto o Sistema Perfeito...

— Porque eu vi como é que toda a tecnologia foi instalada. Conheço todos os algoritmos. Vi todos os algoritmos a serem instalados segundo uma liberdade tecnológica. E vi o Direito a deixar e vi o Sistema Perfeito a dar um ralhete ao Direito que nunca mais se levantou. Vi o Sistema Perfeito a trazer um novo Direito. Vi o Sistema Perfeito a vestir o Direito com Tecnologia. A blindá-lo. A calibrá-lo. O Direito, antes do Sistema Perfeito foi um filme de terror. Os códigos que existiam não correspondiam à realidade tecnológica e por isso não sabiam dar verdadeiras respostas tecnológicas. Hoje já dão...

— Dão... Porque tive que andar a bater incansavelmente à porta do Sistema Perfeito, pai!

— Eu sabia que o gene narcísico era hereditário... Deveria tê-lo editado...

— Eu editei-o com a Jupiter Editions, pai... Eu apaguei qualquer traço narcísico meu que era do pai antes de mandar imprimir o meu coração na Jupiter Editions. Saber que fui eu que andei a bater à porta do Sistema Perfeito para transformar o filme de terror tecnológico num filme de paz tecnológica não faz de mim narcísico! Faz de mim um sobrevivente! Não era o que pai dizia? Que era um sobrevivente?

— Eu nunca disse isso! Quem dizia isso era o seu avô! Estava sempre a dizer que era um sobrevivente. Que entre mim e ele escolheria sempre ele, porque ele era um verdadeiro sobrevivente. Coisas horríveis que a Psicologia sabia que o meu pai me dizia, que os seus algoritmos estavam em cima de mim à espera que eu gritasse um socorro. Obviamente que o meu socorro era sair de casa. O meu pai dizia essas e tantas outras coisas horríveis, que entreguei aos cofres da Jupiter Editions, como se tivesse uma pistola invisível apontada à cabeça o tempo todo que o obrigava a cantar esta cassete riscada num tom de sobrevivência tecnológica. Numa legítima *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari parecia que gravava o meu stress numa aplicação qualquer e enviava o meu stress tecnológico para o sistema dele. Fazia-me sentir muitas vezes o Arthur do *Target – A Pegada Digital* de Ralf Kleba-Kodak. Consigo precisar o exato momento em que senti a tecnologia dele. Foi no exato momento em que ele resolveu criar uma conta no Facebook. Via os meus comentários de amigos meus que brincavam comigo, numa certa intimidade e cumplicidade e depois vinha falar ridiculamente sobre os comentários que os meus amigos me faziam. E como os outros pais, ridiculamente punha gostos em fotografias de mulheres, achando que eu nem ninguém veria os gostos

dele. Parecia que o estava a ver dentro de uma sala cheia de câmaras, através das câmaras e ele nem se apercebia das câmaras e da velocidade com que a intriga tecnológica passava na sociedade de informação tecnológica. Ele sempre foi um burro, porque nunca via os olhos da sociedade de informação tecnológica em cima dele. Dizia que eu tinha olhos em cima de mim. Se tinha, eram olhos alienígenas que com a mão invisível de *Júpiter* de Gabriel Garibaldi me protegiam... Temos que nos preocupar é com os olhos humanos que podem interferir com a nossa realidade e não com os olhos alienígenas que simplesmente nos observam na imensidão e escuridão do Universo.

— O tio afinal é Pentágono?

— Eu sou do Sistema, querido Thomas... Estou no Sistema há muitos anos... Mas não deixo de ser inteligente e ver as estrelas e saber que muitas daquelas estrelas brilhantes são mundos que astronómica e cosmicamente influenciam o nosso mundo. São eles que fazem o nosso calendário de eventos astronómicos. São eles que são o palco dos nossos eventos astronómicos. Eu hoje em 2080 consigo olhar para a lua verdadeira de entre as 3 luas. Há quem não consiga identificar quais é que são as luas projetadas e a lua verdadeira que não é nenhum holograma. O calendário oficial da lua que está na *Rede* é mentira. Está errado. Diz que está quarto crescente quando é lua cheia... As preias-mares e as baixas-mares que estão na *Rede* estão erradas. Diz que a baixa-mar na praia da Cordoama foi às 13h25, quando ainda vai ser às 14h04. E eu não estou na praia da Cordoama, estou aqui em Santarém, mas estou ligado à Cordoama, sabe porquê? Porque fui ontem surfar à praia da Cordoama com o Xico e com a Joana e a preia-mar foi às 13h02, logo, calculando as marés, sei que a baixa-mar ontem foi depois às 19h25, a primeira preia-mar foi hoje à uma e trinta e nove, a primeira baixa-mar foi às 7h45, e por isso, a 2ª

preia-mar vai ser às 14h04 e não às 13h25. E depois a 2ª baixa-mar, que será a 4ª maré vai ser às 20h15. A matemática é sempre a mesma. O intervalo entre as 4 marés de cada dia, das duas preias-mares e das duas baixas-mares, é sempre o mesmo. Sem aplicações nenhuma, sem ter que ter implante de memória nenhum, de “memória de anexo”, numa Internet com o Mar eu sei as marés, porque estou ligado ao mar. Estou espiritualmente ligado. É essa a minha tecnologia. Diz que as ondas estão 3 metros quando eu sei que nem estão a meio metro. E sei, porque o Xico acabou de me enviar uma mensagem e dizer que as ondas estão altamente e eu na nossa linguagem do mar, ondas de 3 metros na Cordoama não são ondas altamente. A *Rede* diz isso porque não nos quer em contacto com o mar. A *Rede* sabe perfeitamente quão tecnológico é o mar e como ele nos agarra. A *Rede* sabe perfeitamente que com ondas de 3 metros na Cordoama e a dizer que a preia-mar já foi, se eu tivesse em Sagres em casa ia ver as ondas à *Rede* e se calhar continuava em casa a navegar na *Rede* a apanhar as ondas eletromagnéticas com o meu cérebro ao invés de ir apanhar ondas com a minha prancha. Está propositadamente errado. Porque a *Rede* quer que olhemos para as luas virtuais, quer que olhemos para o mar através dos óculos de realidade virtual aumentada, quer ver-nos na praia a olhar para a maré, para as ondas, para a lua e para as nuvens com os óculos de realidade virtual aumentada. A *Rede* quer-nos sempre virtuais. A *Rede* não nos quer conectados à realidade. Quer-nos conectados à virtualidade. E a *Rede* diz que a praia da Cordoama está completamente nublada só porque na vila está completamente nublado, mas toda a gente sabe que mesmo que esteja nublado na vila, lá em baixo, na praia, vai estar limpo. Abre sempre. As nuvens ali estão sempre a ser empurradas pelos 4 ventos. A *Rede* para além de conhecer a nossa realidade conhece a nossa virtualidade. Sabe em que é que somos virtuais. Em que é que preferimos a virtualidade à realidade. As pessoas não conseguem ver esta omnisciência de dados. Porque deixaram que

ela fosse penetrando como um chip na nossa mente. Isto já vem desde o Facebook. Mas a *Rede* é a 9ª geração do Facebook. O Facebook foi a 3ª geração. A 1ª geração foi o Hi5. A 2ª geração foi o Twitter. A 3ª geração foi o Facebook. A 4ª geração foi o Instagram... A 5ª geração foi a Peopl-E. A 6ª geração foi a MindsZon. A 7ª geração foi a BigKloud. A 8ª geração foi a BEKONEKT. Mas na 3ª geração, em 2020, o mercado das ações já estava a pressionar o Direito para legalizar os investimentos feitos com a máquina que ligava o pensamento dos nossos cérebros ao Facebook. Já era possível eu pensar numa coisa e sem escrever nada, ver o meu pensamento publicado no Facebook. E as pessoas achavam isto o máximo. Terem um chip ligado ao Facebook para poderem escrever com o pensamento. As pessoas achavam divertido terem os seus cérebros ligados ao Facebook. As pessoas não se importavam que o Facebook ficasse detentor dos dados de pensamento. Começou-se a chamar a estes “dados”, dados de pensamento... E parece que estava tudo hipnotizado. As pessoas viam isto como se fosse normal, uma empresa ter acesso gratuito ao pensamento humano. Tínhamos a Neuralink a preparar-se para o Neuromarketing. Em 2020 já se falava de neuromarketing. Que era basicamente algoritmos baseados no nosso pensamento. Isto começou com a tecnologia dos cookies. Em que se analisava a nossa pegada digital. Mas a Google Analytics das interações que fazíamos com os likes, com os comentários, com o tempo que víamos uma publicação, e dos dados de voz que nos iam apanhando através do microfone do computador em conversas ao telefone com os nossos namorados em que tínhamos o Wi-Fi do computador ligado, de repente instalou-nos *headsets*, chips e óculos de realidade virtual aumentada que liam as nossas ondas cerebrais e enviavam para a maior indústria do planeta alguma vez criada. E dizer na altura que esta indústria era criminoso? Se nem o Direito dizia... Ia eu dizer? Só se fosse para me suicidar... Então, o que fizemos?

— Simplesmente elaborámos uma política de privacidade?

— Exatamente, Thomas. Foi mesmo isso...

— E como ninguém lia as políticas de privacidade...

— Muitas ondas cerebrais foram processadas, Thomas... Ou seja, muitos pensamentos, muitas ideias foram roubadas. Foram simplesmente extraídas do cérebro. Vou lhe ser muito sincero: eu não estava sinceramente à espera que isto acontecesse antes de 2025. O referencial que eu tinha era de 2045. Mas isto foi muito mais rápido do que se estava à espera. Sabe o filme de terror que foi você começar a ter autómatos com *headsets*? Em que os encostos de cabeça liam as suas ondas cerebrais? Sabe o que é que é você ser pobre, ter que ser obrigado a usar um autómato, porque é pobre e ter que ir em pé com medo de se sentar, porque nem fazia ideia o quão tecnológicos eram os bancos e os encostos de cabeça? Para não falar das câmaras de 360° que eram colocados nos autómatos. Sabe o que é que era você ir ao banco e o banco mandá-lo sentar numa cadeira de realidade virtual aumentada? Sabe o que foi, os exames orais serem feitos em que você se tinha que sentar numa cadeira de realidade virtual aumentada e fazer o exame sem ter que responder em voz alta, só responder em pensamento? Novos direitos tiveram que ser *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto inventados: o direito em não ser obrigado a colocar óculos de realidade virtual aumentada e o direito em não ter que sentar em bancos com *headsets* que lessem as ondas cerebrais. Isto começou com o Brain-to-Vehicle, o B2V que era o headset da Nissã que permitia ao sistema de computação do carro ler as ondas cerebrais do condutor sob o pretexto do condutor poder controlar o veículo. Mas a lengalenga era a mesma na questão de uma constante extração do pensamento humano. Porque enquanto eu vou ali a guiar e a pensar na pila do meu namorado e

como são sensuais os pés dele, tudo isto vai ser visto, analisado e vendido. Com as imagens e os filmes que a minha mente fabricou para mim, eu vejo agora a *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari ao vivo e a cores, nem preciso de óculos de realidade virtual aumentada, porque é só sentar-me e deixar verem o filme que há na minha mente, que a minha mente está a fabricar em tempo real. Ao medir e interpretar as ondas cerebrais, a Nissãm afirmou que o sistema era capaz de operar a direção, aceleração e travagem, bem como adotar uma ação, fosse virar o volante ou abrandar o carro, 0,2 a 0,5 segundos mais depressa que o condutor... Uaaaauuuuuu... Esperem... Ouvi bem...? Fomos gastar quantos recursos nisto???? Para 0,2 acidentes por segundos, só se foi... Porque como as pessoas andam a pensar em milhões de coisas ao mesmo tempo e não têm poder nenhum sobre as suas mentes e ainda por cima com implantes a serem interferidos por hackers, foram acidentes por todo o lado... Foi só espatifar metal e um lixo metálico de sucata... Ambiente????? Ah... Oiça... Isso agora não interessa nada... Então... Andámos a poupar para o futuro... Para este luxo metálico... Que é giro... Tipo robot... Por favor... Mas quiseram endoidecer-nos ou quê? Enfim... Eu disse logo que queria o meu bilhete aqui na Terra para ver todo este espetáculo de telepatia e de orgias e de tudo e mais alguma coisa... Foi muito giro... Foi, foi... Muito giro... Mas isto da Nissãm não foi nada... Comparado aos implantes obrigatórios cerebrais para determinados pessoas em que você entrava num café que liam as ondas cerebrais de quem tinha um implante. Isto foi uma guerra tecnológica dos diabos, vocês estão a imaginar?! Eu juro... Eu tive quase para desistir! Juro! E sabem o que é que é toda a gente metida nos telefones, metidas no Instagram e no Facebook entretido e a não ver nada do que se estava a passar à sua volta? E que ia vendo isto como fazendo parte “do futuro”? Se não fosse o Jakob eu tinha ficado cansado de viver. Mas enfim, de mãos dadas sempre com o Jakob, vimos isto como um filme de realidade



virtual aumentada em que os nossos óculos eram simplesmente os nossos olhos. Simplesmente olhámos à nossa volta. Íamos defendendo a nossa imagem... Os nossos direitos... Sabíamos que seria importante as pessoas verem que era possível combater as tecnologias com o Direito. Que o Direito podia estar meio adormecido, meio dormente com todo este vírus tecnológico, mas que antes de ter ficado dormente, o Direito, ainda assim, no seu melhor tentou deixar uns últimos códigos, uns últimos legados. Por exemplo o Código Drone, que embora estivesse muito mal feito, só *Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy é que em 3 poderosas linhas conseguiram verdadeiramente dar uma resposta tecnológica aos drones e trazer um verdadeiro Código Drone. O Código Drone que o Direito tinha deixado como uma pequena herança de legados tinha que ser conciliado com a aplicação “Voa Na Boa” que num mapa mostrava quais é que eram as zonas encarnadas, cor de laranjas, amarelas e azuis. Sendo certo que a zona azul era uma zona de voo condicionado, na amarela o voo requeria autorização, na cor de laranja era uma zona de jurisdição militar e na encarnada o voo era proibido. Eu em 2018 quando comecei a ver drones na praia e a serem mandados baixar pelos salva-vidas mais lúcidos e tecnologicamente inteligentes, comecei a imitá-los também a mandar os pilotos baixar os drones ameaçando chamar a Polícia Marítima, porque tinha ido justamente para uma praia em que sabia que o voo só podia ser realizado com autorização e a autorização tinha que ser um despacho do Ministério da Defesa Nacional ou pela Capitania lavrado pela mão do Capitão do Porto. Com isto eu não brincava! Aliás, talvez a minha brincadeira tecnológica era esta. Mandar baixar drones. Dava-me um gozo gigante. Ficava tudo a olhar para mim. E eu via pontos de interrogação a serem projetados em hologramas por cima das pessoas que estavam na praia a navegar no Facebook. Isto via-se no Pego. Mas não se via na Cordoama. Na Cordoama não havia rede. Como já sabem, era a praia sem rede. Mas mesmo sem rede, estava

instalada uma Internet de Coisas que era preciso ligar. Que um sistema me estava a obrigar ligar. Sentia uma mão invisível em cima de mim a pressionar que escrevesse cada coisa que eu visse. Mas eu estava já tão cansado. Eu queria estar no areal da Cordoama com as pernas esticadas. Queria ser massajado pelo Jakob. Queria só estar com aquela brisa. Aproveitar o sabor daquela maravilhosa brisa de 4 ventos, daquele bonito Algarve. E era tudo a acontecer ao mesmo tempo. Eu que tinha escrito tudo em stress na casa da Giralda, tinha depois voltado para a casa dos meus pais em Santarém a escrever outra vez tudo num grande stress, fui para Sagres outra vez num outro stress. Porque havia tanta coisa para relatar e eu não podia relatar tudo. E nos meus relatos de olhos fechados, o relato tinha que simplesmente estar ligado. E eu já estava completamente ligado às ondas da Cordoama. Já não queria mais sair da Cordoama. Eu já estava completamente ligado à prancha de bodyboard. O Xico parecia que tinha chipado o meu cérebro às ondas e chipado o meu cérebro à prancha, porque eu já não queria largar nem a prancha de bodyboard nem aquelas ondas. Eu já não queria ir para o surf. Agora queria era namorar com o Jakob numa prancha de bodyboard. Ele na dele de surf e eu na minha de bodyboard. Cada vez ia deslizando melhor. Ia entrando na dinâmica das ondas. Já sabia pedir boleias tecnológicas às ondas para voltar para a terra. Foi puramente mágico eu estar no mar com a Joana e termos que estar á espera que viesse uma onda para podermos voltar, porque senão, não voltávamos. Saber que esta tecnologia existe e é real, devolve-nos a uma realidade espiritual que parece que já a tínhamos vivido; mas que não, que estamos ali a viver no momento, porque o momento é que é a realidade. Essa adrenalina de termos que apanhar uma onda para podermos voltar, fazia inserir-me verdadeiramente no mar tecnológico e perceber a tecnologia que tinha o mar. E estar ali naquele mar tecnológico de uma bruteza natural com dois verdadeiros lobos marinhos do mar, o Xico e a Joana, foi um luxo! Era um luxo! O Jakob

a querer fazer as malas para irmos para a Suécia, para Malmö. E eu a implorar que ficássemos ali por Lagos... Se ficássemos em Lagos, ficávamos ali perto, a meia hora, das ondas de Sagres.

— E ficaram a surfar em Sagres ou foram surfar para Malmö?

— Ficámos primeiro a surfar em Sagres, Thomas. Depois é que fomos surfar para Malmö. Mas depois tivemos que voltar, por causa de um poder que eu comecei a ver a ganhar terreno em Portugal. Não podia abandonar Portugal! Porque entrámos numa verdadeira guerra tecnológica! E para pararmos a guerra tivemos que voltar para Portugal num avião *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto! E num perfeito triângulo que eu, o Xico e o Vandame desenhámos, numa brincadeira nossa na Cordoama, subimos, sem querer, ao poder. Sem querer, tivemos que subir ao poder. Queriam ligar as mentes e os cérebros dos portugueses às máquinas como se fôssemos experiências tecnológicas. Isto tinha sido a experiência tecnológica que o nazismo tinha feito no passado. O nazismo abriu cérebros! Abriu cérebros humanos. Analisou-os. O nazismo tinha voltado. Um colega meu do 1º ano da Faculdade de Direito armado em esperto tinha chegado na pior postura de surfista para apanhar ondas na Cordoama. Chegou ali do nada, com a prancha por cima da cabeça como se a prancha fosse uma asa de parapente que tivesse ali, sem querer, aterrado, lançado do monte ravinoso bicudo, por detrás de nós, que é o morro que nasce ali em cima da praia e se debruça depois pelo mar com a sua cordilheira de rochas e com a sua última rocha...

— Sim, pai... A Joana. O pai já nos contou sobre a Rocha Joana...

— E assim que chegou e começou a apertar as mãos numa altura proibida por causa do vírus, que mas valia era ter-se armado em

maricas e ter me abraçado, mesmo que eu lhe sentisse a tusa no abraço, começou a filmar as ondas. Levou logo um raspanete dos irmãos Russo e Húngaro que educadamente lhe pediram para que não filmasse as ondas. E eu expliquei que o Russo que fazia bodyboard e o Húngaro que fazia surf naquela praia desde putos e que eram os surfistas que andavam sempre a apanhar o lixo dos outros surfistas, pediam para não filmar as ondas, porque se ele filmasse e publicasse depois nas redes sociais, no dia a seguir a praia estaria cheia. E aproveitei a situação do vírus tecnológico que tinha “mandado” instalar torniquets virtuais, em que havendo uma lotação permitida de pessoas na praia, se ele tivesse uma casa de férias ali perto da Cordoama, ele que tinha tido uma festa, poderia dar-se ao luxo de vir quando quisesse, mas se filmasse e partilhasse o sítio toda a gente viria a seguir e faria com que às 14 horas talvez ele já não pudesse entrar na praia, por causa de uma idiotice dele. E o Húngaro, disse-lhe ainda que se ele realmente ligasse mesmo àquele sítio, ele queria protegê-lo. Proteger os sítios não é naturalmente impedir que os outros vejam ou descubram, porque todos somos livres de ver. Todos nascemos com olhos para ver o mundo e todos temos o Direito de ver o mundo tanto em 2020 como em 2080. Mas há um ter que descobrir. E esse ter que descobrir, esse querer descobrir, tem que ser natural. Tem que haver já um gosto natural na exploração. Porque os olhos apaixonados simplesmente ficam a devorar toda a paisagem. Todo o envolvimento, porque se envolvem com a paisagem. E por estarem tão envolvidos, não metem nenhuma tecnologia. E eles ouviram-me. E silenciosamente sorriram. E no silêncio deles, eu vi que eles protegiam as ondas como eu protegia as montanhas. E vi que tinha os mesmos olhos que eles. Eu não queria apanhar ondas, mas queria ficar a vê-los a apanhar. E eles não queriam subir as montanhas, mas queriam ficar a ver-me a escalar. Eu não queria fazer parapente, tinha medo. Mas queria ficar a ver aquela dupla de casais a fazer ali para sempre parapente na Cordoama. Mas não queria a praia cheia de

parapentes. Não queria ver mortes de parapentes. E sem querer e sem me aperceber, começava a impor as minhas regras naquela praia. Sem querer e sem me aperceber ia espetando naquele areal a bandeira do meu coração. Já tinha decidido que eram aqueles atores que eu queria ver para sempre ali na Cordoama a contracenarem com as ondas. Porque aquele espetáculo de ondas e energias era bonito nos papéis daqueles atores que contracenavam com as pranchas em cima do mar em talentosas manobras que faziam bater o meu coração. Era um cenário perfeito composto por excelentes profissionais que embelezam o sempre palco da vida. Porque aquele era o palco da vida deles. Eles é que eram os donos daquele mar. E quiseram convidar-me para entrar com eles naquele mar. Eles chamaram-me, eu vesti o fato e entrei com eles naquele teatro tecnológico de ondas tecnológico. Era lindo como eles dizia que estava a dar ondas. Diziam que já estava a dar ondas. Que o programa de ondas tinha começado. Que já estava a dar o programa das ondas. Falavam dos *sets* como se fossem autênticos programas de ondas. Como se as ondas tivessem sido programadas e enviadas pelo *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom. E nesta toda tecnologia de ponta eu via o meu colega da Faculdade de Direito à toa à frente do mar, de prancha na mão a querer entrar e não saber como entrar no mar. Porque tinha faltado às sagradas lições do Xico. Às sagradas lições que incluía um sabor científico salgado a mar. Que sabiam a mar. Mas que também sabiam a vento. Que tinham uma geografia tão bem desenhada na areia das praias todas ali de Sagres. Uma ciência sobre a formação dos ventos e a propagação das ondas. Com o Xico vi os ventos vindos de Marrocos, vi os ventos vindos da Madeira, vi os ventos vindos das Caraíbas. E nesses ventos, vi que quem soprava quase invisivelmente era *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom que ia fazendo ondas que chegavam enormes à Cordoama. E nessa bruteza de ondas vi o meu colega a levar uma porrada de ondas. E ouvi-os a rirem-se dele. Ele não soube entrar nem sair do mar. Depressa foi

engolido pelo mar que o lançou às rochas. Lancei-me ao mar para ir salvá-lo com a prancha de bodyboard. Quando cheguei perto dele, achava que ele tinha morrido. Ele estava a boiar virado de barriga para baixo. Meti-me por detrás dele levantando-lhe a cabeça pelos maxilares, tirei as vias respiratórias dele da água e debrucei-o sobre a prancha para lhe dar oxigénio. Por cima de nós, estava um drone a filmar a cena toda. Não quis saber, como é óbvio do vírus tecnológico. Eu queria era salvá-lo! Ele não respondeu. Vim com ele até à terra, sempre a apanhar a boleia das ondas. Em Terra iniciei as manobras de suporte básico de vida com compressões torácicas e respiração. Consegui reanimá-lo! Veio um senhor aos berros com o telefone a filmar a dizer que eu não podia fazer respiração boca a boca por causa do vírus. Não precisei de me levantar e mandar uma chapada no telefone do senhor e dizer que estava a agir em legítima defesa, porque numa ação direta, o Xico mandou o senhor imediatamente parar de filmar, como mandou imediatamente o piloto baixar o drone. Descobri depois de o salvar, depois de o reanimar, que ele era um simpatizante do nazismo e estava muito indignado com o facto de em Portugal não haver uma verdadeira liberdade de expressão, por não se poder fazer piadas sobre pretos e não se poder constituir um partido nazi, quando a Constituição, que não era ainda Tecnológica, previa como um direito a liberdade de livre associação e reunião, exceto, é claro o de partidos nazis, e por isso, no entender dele as associações de nazismo deveriam poder existir. Eu tinha uma enorme vergonha de estar ali com ele e ele naquela praia a profetizar um pensamento destes... Ainda para mais, à frente daqueles campeões de ondas... Antes do Xico o ter expulsado dali para fora da praia quase à chapada, ainda tive que o ouvir a dizer que queria que chegasse o dia em que as máquinas nos governassem, e dizia ele que era muito otimista e positivista. Dizia ele, que acreditava numa Inteligência Artificial empática e humana que eliminasse o mal e aquilo que “não era natural” e pusesse “cada qual no seu lugar” e que ainda me disse que eu

estava a ser preconceituoso e estava a discriminar por não querer ser governado por uma máquina, ecrã, computador ou robot. Teve ainda o descaramento de me perguntar o porquê de eu me julgar melhor que uma máquina. Achava estranho eu nunca ter “meditado” ou ter procurado ajuda espiritual ou um guia e dizia que eu devia experimentar, que toda a gente precisava de ser “guiado”, que toda a gente precisava de um “guia”, de um líder. Perguntava-me se eu não tinha curiosidade de ver o meu cérebro numa máquina, num ecrã. Esta conversa já me estava a cansar. Eu ali na praia estava sem forças para lhe responder. Só me apetecia ser levado por uma onda e ser salvo por um surfista, e quando desejei isto quem é que apareceu? O Jakob. O Jakob é que era o meu surfista. Era com ele que eu tinha que ir apanhar ondas. E fui surfar com ele. Ele nem queria acreditar que eu sabia o mapa daquelas correntes. Ele nem queria acreditar que eu sabia rasgar uma onda em cima de uma prancha. E enquanto estava a apanhar a mesma onda que o Jakob, vi o nosso exército de surfistas a expulsarem o nazi da praia, a gritarem que queriam ver o nosso amor imprimido pela Jupiter Editions e que tínhamos que sair daquela praia sem medos nenhuns de mãos dadas um com o outro. Devemos ser missionários da paz! E devemos saber que muitas das vezes, a paz só se faz com a guerra! Mas não é com uma guerra de armas! É com uma guerra intelectual! É com esta minha guerra intelectual que eu faço a paz! As minhas balas são balas de tinta! Não me atreveria nunca a disparar a sério! Ah!... Se eu disparasse... Se eu pudesse disparar!... Se os algoritmos que me foram instalados pel’*O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom me deixassem disparar, ao menos, uma bala...! Nem que fosse só uma bala, para não ter que ouvir que quem não quer ser governado por um robot com algoritmos inseridos por um nazi é porque é preconceituoso... Todos os robots fabricados por essa igreja-nazi é que são demoníacos. Então, eles não conseguem ver o meu amor, não conseguem ver a minha felicidade, parecem uns drogados,

uns deprimidos, não conseguem ver as cassetes riscadas que metem sempre a tocar-lhes, a dar-lhes sempre as mesmas músicas e eu tenho que compreender isto? Tenho que ficar calado!? Não vou ficar calado! Porque são eles, são igrejas como estas, que provocam a guerra! São eles que declaram a guerra! Era a igreja deles que tinha que cair primeiro! E caiu mesmo! E era o que estava realmente previsto na Bíblia Sagrada. Era eles caírem primeiro. Porque a igreja tinha que cair. Não podíamos estar em pleno século XXI a vermos células cancerígenas a crescerem. Há igrejas que são autênticos grupos e ceitas nazis. Ora um grupo, uma filosofia, um pensamento, um neurónio, um cérebro, um grupo de cérebros, que olha para mim e diz que eu não devia sequer ter nascido, porque sou preto ou porque sou gay é mais do que óbvio que têm que ser extintos! Não podem sobreviver no Sistema Perfeito. Ser nazi não é liberdade de expressão. Ofender alguém só porque sim, só porque é estúpido e tem complexos com a sua própria orientação sexual ou complexos com a sua própria cor de pele, porque é simplesmente um estúpido; não tem nada que ver com liberdade de expressão. Há duas fórmulas básicas como DNA básico que é a vida, como o H<sub>2</sub>O, o elemento mais básico da vida, que resolvem sempre isto da mesma maneira: a minha liberdade termina quando começa a do outro, é a primeira fórmula. A segunda fórmula é que eu que sou tolerante, só posso ser intolerante com quem é intolerante, para a minha própria sobrevivência, felicidade e liberdade. Eu, que sou tolerante, não posso ser tolerante para uma célula nazi, para uma célula terrorista ou para uma célula homofóbica. Ser homofóbico é tão perigoso como ser terrorista. Um nazi que quer declarar morte aos gays e morte aos pretos é um ser doente mental. E não há liberdade de expressão nenhuma nesta declaração nazi. Mas, há sim, como é óbvio o contrário. Há liberdade que me deixa expressar isto. Que me deixa declarar a minha sobrevivência. Porque eu quero ser verdadeiramente livre. Porque se um nazi, se um terrorista ou se um homofóbico pode



andar na rua de arma na mão, para me matar, então eu também posso andar na rua de arma na mão para disparar em legítima defesa. Mas eu não quero andar de arma na mão, porque eu não quero disparar para ninguém. Aliás, eu não queria ter que disparar para ninguém. Mas estão-me a obrigar. Obrigaram-me. Eu não queria, nunca quis, nem quero subir ao poder. Mas se nenhum poder for capaz de me proteger, então, vou ter que ser eu a subir ao poder. Porque eu sei que há exércitos prontos a querer serem soldados do meu cérebro. Sei disto, cego, surdo e mudo, porque sou tecnológico. Não preciso de estar ligado na *Rede* a um exército destes para saber que ele existe. Sem ver, sem conhecer, sei que estou ligado a um exército destes. A um exército que quer paz. Que quer de uma vez por todas a paz! Eu não poder andar de mãos dadas com o Jakob, por causa de um doente mental que nos quer aniquilar, quando ele é que devia ser aniquilado? Em 2020, já em pleno século XXI estes problemas, que mais pareciam problemas do 3º mundo existiam. Ainda se falava de racismo. Não se sabia o que era uma ofensa, uma brincadeira, uma guerra. Falavam tanto de paz, mas não sabiam acolher a paz, porque não sabiam usar os próprios neurónios, porque deixaram tecnologias péfidas confundir os neurónios, deixaram tecnologias e mentes tecnológicas confundir os neurónios, criarem um caos neuronal. Eu olhava para os cérebros das pessoas e via a confusão que ia nos neurónios delas. Via isto, quando via os neurónios a ligarem coisas que não deviam ligar. Ao invés de se ligarem ao amor, aos seus maridos e aos seus namorados, andavam a ligar-se aos frigoríficos, aos robots e aos amantes que encontravam em aplicações. A paz está nos nossos neurónios. O exército são os nossos neurónios. E ainda bem que o Sistema Perfeito teve neurónios para acabar com a merda de todas as igrejas que nunca deviam ter nascido e que só provocaram guerras, atrás de guerras. E ainda diziam que era preciso coragem para dizer “merda de igrejas”? Mas se eram uma merda? Não podia dizer que eram uma merda? Alguma vez uma igreja

iria incitar ao ódio? A odiar homens que sentem amor por homens? A repetir vezes sem conta que não é natural? Que igreja é essa? Só se for uma igreja do Diabo! E o Sistema Perfeito deu cabo de todas as igrejas do Diabo! Não era natural, nem normal, uma igreja dizer que dois homens não podiam ser marido e marido, não podiam gostar um do outro, não podiam sentir amor! Mas se eles sentiam amor!!!!? Era uma igreja que ia desfazer este amor? Este amor é que tinha que desfazer esta igreja! É por isso, que se diz que o Sistema Perfeito foi um sistema amoroso, porque soube ver o amor.

— E o tio acredita no Sistema Perfeito?

— Eu estou bem com o Sistema Perfeito. Vejo Direito, estou em paz comigo, sempre fui muito feliz com o Thomas... Mas isto sou eu. Porque sei como movimentar dentro do Sistema Perfeito. E talvez até gosto dessa arte. Dessa arte de como saber movimentar. Sem querer, vou desenhando uma pegada digital dentro do Sistema Perfeito.

— Vês, Thomas? Eu não disse que o meu pai sofre de síndrome de Estocolmo? Eu disse-te... Não vale a pena! Com ele não vale a pena... O meu pai vai ficando lúcido, mas depois parece que tem ali um chip qualquer que o devolve sempre para a mesma virtualidade... O meu pai fala, fala, critica, só sabe é criticar, mas depois... Lá está ele, só a criticar e não passa dali...

— Alguém tem que ser o cérebro. Os outros se quiserem que sejam o meu corpo. Eu não tenho corpo. Não sou nenhum soldado. Não nasci para dar o corpo. Nasci para dar o meu intelecto. E cá estou a dar-vos. Se quiserem fazer alguma coisa com ele, que o façam! Levem as minhas críticas e façam alguma coisa com elas. Não posso ser um cérebro e corpo ao mesmo tempo. Ter que pensar em tudo ao mesmo tempo, ter que ver tudo ao mesmo tempo, faz-me compreender, faz-me

ser empático por tudo e por todos. O que eu sofro é de uma empatia exacerbada. Levada ao exagero. Transporto-me ao exagero para todas as coisas. Para todos os corpos. Tento compreender todas as mentes. Tento sentir-me em todos os corpos. Mas esses meus constantes teletransportes dão cabo de mim. Eu estou cansado. Preciso de descansar. Estou esgotado. Preciso mesmo de descansar. Estou sem energias nenhuma. Estou esfomeado. Não íamos almoçar a Almeirim? Vamos, lá rapazes! Não são lindas estas pontes? Não sei qual delas quero atravessar...

— Então, pai? Quer atravessar que ponte?

— Vamos atravessar qualquer ponte. Mas tem que ser *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto, porque eu estou esfomeado. Sinto-me um soldado. Estou a ver outra vez a guerra tecnológica. As pontes tecnológicas fazem-nos ver as guerras, porque ligam as guerras ao mundo. Sabiam que houve aqui mesmo onde estamos uma grande guerra? Por isso é que se ergueram estas muralhas atrás de nós. Estamos mesmo em cima do palco. Aqui, parece mesmo que estamos num palco. Mas eu estou esfomeado. Fica mal, estar num palco esfomeado. Estas ligações e estas pontes roubam-me a energia toda. Estou sem energias. Estou esfomeado. Não me apetece mais ver guerras nem me meter em guerras tecnológicas. Enviar um soldado esfomeado é um suicídio. Não me ponham como soldado. Fico bem como cérebro. Como cérebro consigo estar sempre em várias realidades ao mesmo tempo. Estava na Cordoama, mas estava também em Copenhague e em Malmö. O Jakob queria ir fazer o estágio clínico em Copenhague que ia começar em agosto e ia até dezembro. E o nosso curso intensivo de dinamarquês ia começar em outubro. Seriam 5 meses. Tínhamos encontrado uma casa perfeita em Malmö, na Suécia, bem mais barato do que uma casa na Dinamarca. E ali em Malmö num

instante, em 20 minutos, o Jakob atravessaria todos os dias pendularmente a ponte Öresund até Copenhague. Era esse o nosso plano. Seriam 5 meses, porque em janeiro, o Jakob iria fazer o ano comum de médico interno no Hospital de Lagos e assim a 20 minutos ficava de Sagres. Eu já não queria sair de Sagres. Como os alemães, os ingleses e os holandeses que não querem também sair de Sagres e que já vivem há mais que 10 anos. Quando vemos em Portugal estrangeiros a porem placas a dizer que se vende em alemão, faz querer ainda mais ficar em Portugal... E depois não eram só os locais e os surfistas que nos recebiam bem. Os estrangeiros recebiam-nos bem no nosso próprio país. Portanto um ano, ali tínhamos a certeza que queríamos ficar, que iríamos ser felizes. Iríamos bronzear-nos durante um ano antes de irmos para a Suécia com um bronze de meter inveja ao... Ah! Já ia fazer spoiler... Esqueçam o que eu disse. Apaguem, apaguem...

— Não dá para apagar, pai...

— Sim, tio... Estamos em 2080... Tudo o que dizemos é insuscetível de voltar a trás... Fica para sempre gravado... Não dá para apagar...

— O quê? Não dá para apagar o que dizemos? Que raio de Direito é este que afinal não temos sobre aquilo que dizemos?

— Dar dá, pai... Mas para apagar tem um custo. E mais vale deixar. Afinal, está tudo ligado.

— Ficou tudo ligado, mas foi por causa do vírus tecnológico... Por causa do vírus tecnológico, o governo dinamarquês fechou as fronteiras a Portugal e à Suécia, enquanto o número de infetados com o vírus não baixasse... E se isto tinha acontecido em 2020 e as agendas dos virologistas ditavam que o vírus tecnológico ficaria hospedado até

2024, esta brincadeira de fechar e abrir fronteiras poderia voltar a repetir-se em 2021, 2022, 2023, 2024, 2025, 2026, 2027... Por isso, eu estava ali em Sagres com o Jakob, mas não sabíamos onde seria a nossa vida dali para a frente. Uma coisa era certa: fôssemos para onde fôssemos, sabíamos que seríamos sempre felizes um com o outro. Esta é que era a nossa ligação. Era a isto que estávamos ligados. Mas eu estava ali em Sagres e tinha o GPS também em Lisboa, porque 4 concelhos de Odivelas, 6 da Amadora, 6 de Sintra, 2 de Loures e 1 de Lisboa, na altura chamávamos concelhos...

— Já sabemos pai... Já sabemos que depois o Sistema Perfeito acabou com isso...

— Iriam ter que voltar ao confinamento obrigatório e isso na minha cabeça sem eu lá estar levantava logo uma série de questões de direitos, liberdades e garantias. Quer dizer, estávamos numa altura de praia, eu estava em Sagres num autêntico paraíso... Quem vivesse no Chiado podia ir na boa todos os dias à praia em Cascais. Quem fosse de Santa Clara, que tinha sido o concelho de Lisboa imposto ao confinamento obrigatório já não podia... Isto não fazia sentido nenhum! Isto era um abuso! Isto foi um abuso! E quando se disse que Massamá, Belas, Cacém, Monte Abraão e Mira Sintra iam ser sujeitas a “vigilância ativa” eu já via drones a instalarem perpetuamente câmaras de vigilância *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto. Em Lagos, tinha havido uma festa ilegal e de Lagos vinham muito para Sagres e para a Cordoama. Como a Cordoama fica perto de Lagos, eu ouvia as intrigas na praia que se os casos em Lagos disparassem para 100 infetados o governo fecharia o Algarve... Mas é claro que não iria fechar o Algarve todo, iria fechar talvez uma parte do Algarve... E isto levantava uma série de questões de desigualdade entre as próprias economias criando um estado económico altamente instável. Uma

peessoa já não sabia onde devia investir, para onde devia ir, porque às tantas o governo podia mandar fechar e pôr drones a sobrevoar... Estamos em 2080 e vemos drones-polícias a voar. Mas antes de 2020 acham que seria “normal” vermos drones-polícias a voarem? Nem drones nenhuns... Mas, parece mesmo que com o vírus tecnológico, as pessoas ficaram anestesiadas... Dantes, se algum drone as sobrevoasse, elas reagiam! As pessoas reagiam! Mas começaram a deixar de reagir... Começaram a ficar dormentes... E o Direito a ver esta dormência, a ver tudo anestesiado, também se anestesiou e ficou dormente a ver os drones a sobrevoarem-no. O vírus tecnológico foi a desculpa perfeita para a polícia começar a sair das esquadras de drone. Portanto, o vírus tecnológico só acelerou a tecnologia que uma agenda política tecnológica queria há muito! Queria-se monitorizar e vigiar tudo. O terrorismo foi uma desculpa. Agora, a desculpa era o vírus. Sim, é verdade que o vírus era real e existia. Mas isso não compreendia drones e câmaras de vigilância a processarem toda a realidade e tudo aquilo que existe. Como um governo resolveu trazer o confinamento obrigatório para o mundo do Direito, os drones-polícias vinham sobrevoar os grupos de pessoas que estivessem na rua dizendo com altifalantes que fossem para casa. Eu antes de ir para Sagres, estava em Santarém. Em Santarém a polícia não usou drones. Por isso, eu pude subir todas as vezes as montanhas, como vos contei. Eu não vi a minha liberdade a ser-me retirada, mas vi a liberdade a ser retirada aos outros na TV, quando chegava a casa, à hora do noticiário, e via os drones-polícias a voarem a 70 km de mim. Das montanhas eu via as patrulhas que a polícia fazia com os carros, como vos contei...

— Uau... O pai lembra-se de nos ter contado isso? Afinal, o pai não está assim tão choné...

— Pois, não estou. E lembro-me muito bem quando descia, sabia por onde é que tinha que andar e fingir que estava a fazer o meu “passoio higiénico”. Foi nas montanhas que eu vi e preparei todo o meu teatro. Porque isto foi um grande teatro político! E em todo este teatro, não foram só drones que andaram a voar de um lado para o outro, foram também robots que andavam a deambular na rua e a mandar as pessoas para casa, por causa do vírus. O confinamento obrigatório não fez sentido nenhum!

— Já sabemos, pai! O pai já deve ter dito isso umas quinhentas vezes...

— Não! Não disse nada quinhentas vezes... Eu já disse por acaso que um governo não se podia meter na vida das pessoas desta maneira?

— Já, pai. Já o disse quinhentas vezes.

— Então, digo mais uma vez! Um governo não se podia meter na vida das pessoas desta maneira! Obrigar a ficar umas em casa a dar em doidas, outras a poderem ir à praia e a fotografarem-se repimpadas e as outras lá em casa a ver tudo isto através do écran. E depois o governo vinha ameaçar com multas de 5 mil euros, na altura. 5 mil euros eram 5 ordenados médios de Portugal. Os governos não andaram bem. O mais importante era as pessoas saberem lidar com o vírus. Não era criar uma imunidade de grupo. Era aprenderem simplesmente a lidar. A ter cuidado. A lavar as mãos com água e sabão. Que foi isto que aconteceu com a sofisticada Suécia que proibiu logo os drones de voarem com câmaras de filmar.

— Lá vem outra vez o pai defender a Suécia... Parece que teve um caso amoroso com a Suécia e ficou com uma síndrome de Estocolmo...

— Não o admito! Nunca vivi em Estocolmo. Vivi em Malmö com o Jakob. Acha que eu ia ao Grindr, enquanto o Jakob estava em Copenhague a cortar tumores cerebrais? Vocês os dois é que devem se ter conhecido no Grindr, não?...

— No Grindr? Isso é o quê? Conhecemo-nos...

— Não respondas ao meu pai, Thomas! Se o pai estiver vivo em 2081, nós contamos como nos conhecemos... Assim ficamos quites. Quando nos contar porque raio foi parar a Sagres, nós contamos como fomos parar ao colo um do outro.

— O Grindr era uma aplicação de encontros gays amorosos que o Sistema Perfeito proibiu em Portugal, por causa da alta taxa de traições que o Grindr provocava. Não vi suecos no Grindr em Malmö, porque nunca fui ao Grindr em Malmö, mas vi suecos no Grindr em Sagres, quando estive em Sagres em 2020.

— O quê? O pai traiu o Jakob???????

— Claro que não, seu estúpido! O Jakob fez-me uma visita de surfista em Sagres. A visita dele nem durou uma semana. Voltou logo, com a sua prancha lá para o mar da Costa de Caparica para se embrulhar nas ondas da Medicina. Se ele não tivesse apanhado a boleia das ondas para voltar, não teria tido tão boa nota no exame e não tinha conseguido a vaga que conseguiu na especialidade de Neurocirurgia. Era preciso uma nota muito alta para entrar em Neurocirurgia.



— E era preciso terem estado separados? O Jakob não podia estudar para o exame em Sagres com o pai?

— Não podia, meu filho. Fomos separados.

— Separados por quem?

— Isso é uma história para ser contada só em 2081.

— Quer dizer... O pai teve o verão todo a viver sozinho em Sagres sabemos lá a fazer o quê...

— Não estive a viver sozinho. Estive a viver com a Sofie.

— Ah! É verdade! Estava a ver que a Sofie nunca mais voltava a aparecer na sua história... O pai disse-nos que nos iria apresentar...

— A Sofie foi também uma professora de surf minha.

— Mas afinal o pai teve quantos professores de surf?

— Tive 3. O Zé Luís, a Audrey e a Sofie.

— E mesmo assim, o pai ficou a surfar as ondas com o bodyboard?

— O Xico e a Joana hackearam-me primeiro o coração... Não tive culpa... Como o Kristofer hackeou o coração ao Mike. E só para verem como estava tudo ligado, o Kristofer era de Malmö e nós já o tínhamos visto no Grindr. E eu já o tinha visto antes na Cordoama. Andava a pedir, na boa, boleias para cima, da praia, para a vila. Pediu-me boleia e eu não lhe dei. Ele tentou dropinar-me uma onda. Eu sabia

lá se ele era ou não um dos *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke? Tentou dropinar-me, no dia em que eu estava à espera de um set com a Joana e o *inside* estava repleto de *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke... Mas não foi por isso que não lhe dei boleia. Não lhe dei boleia, porque não dou boleia a estranhos. E na altura, o Kristofer era um estranho. Não ia dar boleia a um estranho. Se o Jakob me telefonasse a dizer que tinha dado boleia a um rapaz da minha idade, tão moreno como eu, eu não iria gostar e iria ficar a pensar no porquê do interesse de ele ter parado para dar boleia. Na mesma lógica de amor lógico, porque isto é lógico, é um amor lógico, eu não ia dar boleia a um rapaz da idade do meu namorado, tão loiro e corpulento como o meu namorado. Ainda por cima, trazia uma tenda às costas. Eu não era solteiro para dar boleia a um rapaz que trazia uma tenda às costas. Mas o Mike era. O Mike veio visitar-me a Sagres. Disse-lhe que tínhamos o jantar do Russo, mas que ainda tínhamos tempo para dar uma volta antes do jantar. Levei-o à fortaleza e ali da fortaleza vimos a praia do Tonel cheia de kite surfs. E já que estávamos a ver o filme de cima, contei-lhe que o Tonel era muito perigoso, que uma família inteira já tinha tragicamente perdido a vida naquele mar. Contei-lhe que o Russo já tinha salvo um homem que estava a fazer bodyboard com a mulher e os filhos na areia que não se aperceberam que o homem se estava a afogar e que num flagrante pânico que o homem chorava baba e ranho e implorava pela vida, o Russo sabia que seria um suicídio se ele fosse dar a mão ao homem, pelo que teve que fazer um salvamento à distância, lançando-lhe a sua prancha e dizendo que estava tudo bem; um salvamento que só o Russo sabe contar, porque foi o Russo que salvou e, por isso, lembro-me de dizer ao Mike que me lembrasse no jantar de pedir ao Russo para contar; mas ele esqueceu-se e não ouviu a história como eu a ouvi e ganhei um medo de entrar ali no Tonel. O Tonel era giro de se ver, mas era ali de cima, a contar as suas trágicas histórias. Foi um jantar mais ou menos tecnológico, porque houve ali uma parte na mesa em que eu e o

Mike tínhamos ficado, que ficou tudo ao telefone. Estava tudo a ver o mesmo vídeo, mas cada um no seu telefone. Mas nem eu nem o Mike nos importámos, simplesmente olhámos e continuámos na nossa caturreira. Sabíamos que podíamos ali estar na nossa caturreira, porque eu já tinha olhado à nossa volta assim que nos tínhamos sentado e constatado que ali não havia câmaras nenhuma; por isso, estávamos mais ou menos à vontade. Digo mais ou menos, porque sabíamos que os telefones deles para estarem a transmitir o vídeo estavam ligados à Internet e se estavam ligados à Internet a minha caturreira com o Mike poderia ir parar à Internet através dos potentes microfones dos telefones deles. Mas o barulho do restaurante e o baixo som da nossa caturreira que só se ouvia entre mim e o Mike dava-nos uma atmosfera que nos fazia esquecer que os telefones deles eram telefones super-tecnológicos que tinham potentes microfones que nos conseguiam ouvir melhor que os ouvidos humanos. E lá nos fomos pondo à vontade... O Russo estava noutra mesa com o Húngaro e com o Vandame e mais uns amigos deles que também eram salva-vidas noutras praias... Eles eram todos salva-vidas... Eu e o Mike ali no meio dos salva-vidas... O nosso filme foi aquele... Estar ali no meio dos salva-vidas... Com eles, estávamos a salvos... Eles protegiam-nos de tudo... Até dos *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke... Parece que no curso de salva-vidas, os salva-vidas até aprendiam técnicas de judo e karaté para fazerem dentro de água aos *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke que gritassem num teatro tesudo por socorro... Assim que o Vandame via algum rapaz a meter-se comigo na praia vinha logo meter-se, como se fosse o meu irmão mais velho ou um soldado do Jakob! Era lindo de se ver... Eu acho que era por isso que o Jakob gostava tanto do Vandame... Como era lindo de se ver, como sutilmente o Vandame pegava na sua prancha de bodyboard e como uma boia-torpedo-robot rebocava num instante quem era levado pelas correntes

da Cordoama... O Vandame e o Húngaro eram um dos salva-vidas na praia da Cordoama...

— Ah, pai!... Nunca ninguém me tinha contado que o tio Vandame e o tio Húngaro eram um dos salva-vidas na praia da Cordoama...

— Mas que jeito é esse? Era o que o Vandame ou o Húngaro no seu jeito algarvio lhe perguntariam se o ouvissem a dizer isso... Então, tantas histórias que já ouviu da Cordoama e não sabia que o Vandame e o Húngaro eram um dos salva-vidas?

— Não fazia ideia, pai...

— Isso é porque está sempre com a cabeça em *Jupiter* de Gabriel Garibaldi... Só pode! Como é que eu afinal conheci o Vandame e o Húngaro? Não foi na Praia da Cordoama?

— Sim... Mas sabia lá que eles é que eram um dos salva-vidas...

— O Vandame andava a salvar há mais de 10 anos, as vidas de surfistas e bodyboarders que eram levados nas correntezas, que por um triz não embatiam numa bruteza contra a (rocha) Joana e a arriscar a sua vida por menos de 900... Mas no jantar, não falámos nem sobre salvamentos, nem sobre ordenados, nem sobre tragédias nenhuma... No final do jantar, numa Internet Estranha de Coisas, apareceu uma miúda que tinha um namorado que era colega de medicina e amigo do Jakob. A miúda foi parar connosco a um bar e quando nos apercebemos ela já tinha ido parar ao colo do Russo. O Russo não fazia ideia que a miúda tinha namorado. E a miúda parece que se tinha esquecido que tinha namorado e que estava ao colo do Russo, com

câmaras apontadas àquele colinho. Hoje, até o banco podia ter ficado a saber desta pequenina intriga. Quando pagávamos fosse com o cartão bancário, fosse com MB Way, o banco ficava a saber o nosso GPS. É por isso, que as moedas virtuais não foram muito boa ideia. Com moedas ou notas na minha mão que eu poderia levantar na caixa multibanco que eu quisesse, podia pagar onde quisesse sem o banco saber onde eu andei. E antigamente, eu dar o meu número de contribuinte numa compra, que eu pagasse com moedas ou notas, não significava que o banco ficava a saber, só porque o Fisco ficava a saber. O Fisco era uma coisa. O banco era outra coisa. Não havia cruzamento de dados. E não haver este cruzamento de dados, era muito importante. Porque o banco não tinha que saber todo o meu *target*. Olhem só o que era um banco andar a patrocinar o *Target – A Pegada Digital* de Ralf Kleba-Kodak... Andar a financiar os dados de uma aplicação que monitoriza a vida de uma pessoa...

— Bom... No fundo os bancos hoje são isso...

— Pois são, Thomas. Os bancos hoje são isto, porque nos veem atrás das câmaras. Porque são um banco de dados. Hoje, em 2080 só há um banco no qual eu confio... Só confio no Bank Jupiter. Só posso confiar no Bank Jupiter.

— Então e no Elite Green Bank? No Blue Oceans Bank? No My Earth Bank? O pai não confia? O pai até tem fundos e ações neles...

— Mas isso são bancos de investimento. Bancos que investem em tecnologias ecológicas, em ideias que salvam os oceanos, que dessalinizam sustentavelmente a água salgada tornando-a potável, que financiam os laboratórios da gasolina sintética que é neutra em carbono, que financiam o magnetismo das coisas que salvam a Terra...

Eu não estou a falar de bancos de investimento. Estou a falar em bancos em que simplesmente abrimos uma conta corrente, em que temos lá uma conta à ordem...

— Eu também só confio no Bank Jupiter, tio...

— Sabe, Thomas, que o Bank Jupiter é considerado um banco alien de aliens no Sistema Perfeito? É o único que não usa algoritmos nem robots, que concede grandes empréstimos a pequenas e médias empresas e start-ups só de olhar para os *business plans* sem pedir quaisquer garantias patrimoniais aos sócios e sem se importar se eles já foram ou não empresários noutra vida, que aceita cadernos escritos, desenhos ou músicas como garantias dos empréstimos que faz aos jovens artistas... É um banco que banca os talentos. E por ser tão talentoso a ver esta arte e por estar tão encantado com toda a arte de fazer verdadeiramente arte, o Bank Jupiter aumentou-lhe o seu valor, porque foi o Bank Jupiter que valorizou o valor da arte, foi o Bank Jupiter que injetou todo o seu capital na arte mais nobre de todas as artes: na arte de salvar o planeta acorrentado a um viciado sistema monetário asfixiante. Nesta sua arte de compreensão do sistema bancário, o Bank Jupiter, pese embora tenha compreendido o casamento da banca com o fisco, não quis casar-se com o fisco. É o único banco independente. É independente do Sistema Perfeito. É completamente alheio ao Fisco. Podemos dever ao fisco, que o Bank Jupiter não tem nada que ver com isso e se for preciso empresta-nos dinheiro para podermos livrar-nos das dívidas do fisco. É um banco muito empático. Quem diria que até um banco seria capaz de compreender dos pés à cabeça o Sistema Perfeito, sem fazer parte dele. Isto sim, é que é ser verdadeiramente empático. Compreender o sistema de fora. Saber compreendê-lo. Porque é preciso saber compreendê-lo. A miúda que foi parar ao colo do Russo, pagou o

vinho com o cartão. Em 2020, os bancos ainda não tinham acesso às câmaras dos estabelecimentos comerciais onde os seus clientes tinham andando a dançar e a beijar. Mas em 2080, os bancos veem em que colos andaram os seus clientes a dançar. Sabem quando é que os seus clientes apanharam uma bruta bebedeira, porque os algoritmos bancários fazem questão de denunciar o comportamento ao verem a conta do bar. E o banco, perante isto, pode pedir autorização ao bar para ver as gravações das câmaras. Os bancos pagam. Os bancos estão dispostos a pagar por clientes valiosos que estão muito bem cotados na bolsa. Porque há dados de clientes que valem uma fortuna. Para os bancos, é isto que agora todos nós valemos: dados. Os bancos estão mais discriminatórios do que nunca. Estão cheios de algoritmos. Hoje, um casal gay quando vai abrir conta conjunta num banco qualquer, o banco pergunta quem é que é o passivo e quem é que é o ativo. O banco quer saber isto. E se o casal responder que é versátil, o banco vai ficar de pé atrás e vai fazer ainda mais perguntas para ver se o casal discute na cama e como é que o casal decide quem é que vai levar no cú e vai querer saber como é que o casal fica se os dois quiserem levar no cú... O banco vai perguntar se o casal procura um terceiro elemento para “manter” a relação... Os bancos estão mais estúpidos do que nunca. Os bancos fazem perguntas ilícitas. É claro que quem não percebe nada de Direito nem de Direito Bancário responde estupidamente às perguntas e os robots-escritores dos bancos ficam só a escrever a estupidez. Os robots dos bancos estão cheios de algoritmos. Cheios! Esta história dos algoritmos dos bancos começou em 2020 a ficar séria... Mas em 2020 os bancos ainda não tinham robots. Mas em 2020 começaram já a pensar em adquiri-los, porque sabiam que eles já estavam no mercado. Os bancos olham para o mercado. Se olharmos para os bancos e vermos o que eles querem, que créditos é que eles dão, que créditos é que eles estão a dar, podemos ver, através deles, os mercados. Talvez eles sejam o nosso melhor

referencial. Podemos tê-los como a nossa referência para sabermos como nos movimentarmos dentro do Sistema Perfeito. Porque eles bancam o mercado. São a banca. A banca, banca o mercado. O problema da banca, é que banca o mercado de qualquer maneira. Não banca só os mercados bons, também banca os mercados maus. Aliás, o que mais banca, são os mercados maus. O Bank Jupiter só dá crédito aos bons mercados. Um supermercado ou um restaurante que venda carne de vaca ou porco e queira um crédito do Bank Jupiter nem vale a pena tentar, porque não vai conseguir crédito nenhum. Uma escola de surf que tenha pranchas que não sejam sustentáveis ou ande a dar cabo das dunas ou não pague ordenados de felicidade aos professores de surf e queira um crédito do Bank Jupiter nem vale a pena tentar, porque não vai conseguir crédito nenhum. Os mercados já sabem que se forem maus, não vale a pena dirigirem-se ao Bank Jupiter. Se uma nova marca de carros voadores ou uma nova marca de roupas inteligentes só tiver inteligência para chipar os carros ou chipar as roupas para se ligarem estupidamente aos telefones e aos microfones de tudo e mais alguma coisa nem sequer vale a pena tentarem pedir um crédito ao Bank Jupiter. Nós não precisamos nem nunca precisámos de roupas super inteligentes que se emparelham umas com as outras, de champôs e cremes tecnológicos com nano robots ou carros guiados por uma Inteligência Artificial que leva numa Internet de Coisas *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto discussões entre os maridos e mulheres ao banco. O que precisamos é de champôs e cremes sem porcarias que não façam mal à nossa saúde. Não precisamos de andar a abater árvores para termos madeira, quando em 2020 já tínhamos imitações perfeitas de madeira ou do bambu, que se regenera logo após o corte, que já era altamente popular entre nós. Em 2020, já tínhamos imitações de tudo e mais alguma coisa. Não precisamos de andar a matar vacas para termos sapatos ou ténis feitos de pele de vaca, porque podemos comprar imitações de pele, que são feitas com materiais de origem vegetal ou



feitos a partir de materiais reciclados ou de fibras sintéticas que não exploram os animais. Temos o algodão, o rayon, o veludo e o cetim. Quem é que quer ter uns bancos de pele se pode ter uns bancos de veludo que são muito mais luxuosos e ecológicos? Sempre me deitei na cama com o Jakob com lençóis de cetim. O nosso amor era um luxo! Sempre foi um luxo. Um luxo sustentável. O nosso amor, sempre foi muito sustentável. Há amores sustentáveis. Há casamentos sustentáveis. Há economias sustentáveis. O casamento economicamente sustentável do arquiteto Gianpiero com o químico industrial Francesco deu-se com a descoberta que as fibras contidas nas peles e nas grainhas das uvas davam um couro totalmente ecológico, nascendo assim a Vegea. A Vegea em 2020 conseguia fazer um couro ecológico sem utilizar nenhuma substância nociva para a saúde dos humanos ou para a saúde do ambiente, não matando nenhum animal, nem usando metais pesados nem gastando água e por tudo isso, é que recebeu o *Global Change Award*, um prémio promovido pela *H&M Foundation* que premiava ideias inovadoras, mas sustentáveis na indústria da moda. E isto era muito importante, porque a maior parte da alta costura explorava os seus trabalhadores, vendendo as roupas miseravelmente caras e sacrificava, ao mesmo tempo, os recursos naturais da Terra, pondo-os completamente em crise, quando tínhamos uma alta costura, baratíssima, que até 2021 conseguiu usar tão-só algodão orgânico ou reciclado, até 2031 vendeu tão-só produtos feitos com materiais que eram sustentáveis ou que eram reciclados e que em 2020 apareceu com a sua coleção *Conscious Exclusive* com materiais sustentáveis como a caxemira e o veludo, feito de poliéster reciclado. Quem não imitou a verdadeira alta costura do futuro, ficou de fora. Simplesmente caiu. E ao invés de aparecer com roupas de veludo, não... Apareceu com roupas chamadas estupidamente “inteligentes” que se conectavam numa Internet de Coisas até ao frigorífico... Uau! Que sociedade tão estúpida! Tão “inteligente”, mas tão estúpida... Foram anos de

estupidez... Mas nem todos os mercados foram estúpidos. Nem toda a economia é estúpida. Há mercados muito estúpidos, mas nem todos são estúpidos. Sabem o que é que a Bentley fez quando soube que a Vegea fazia couro a partir dos restos da produção da indústria do vinho? Vestiu os bancos do seu EXP 100 GT com este couro ecológico! É claro, que as outras marcas fizeram o mesmo... Foram todas atrás da Bentley. copiaram todas a Bentley. E ainda bem que copiaram! Eu cá andei sempre de um lado para o outro no meu Bentley. E quando a Bentley pôs os seus carros a voar, foi, pois, num Bentley que eu voei. Que eu sempre voei *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto. O Jakob sempre foi o meu piloto e as mãozinhas dele de cirurgião sempre foram muito exigentes. Em 2019, a fábrica da Bentley já era uma referência na produção sustentável... Ora, antes da Bentley ter revestido os seus bancos ecologicamente de couro, revestiu os telhados da sua fábrica com 31 mil painéis solares, fazendo-a ganhar o estatuto de “marca de luxo mais sustentável de todas”. Sim, eu andava de Bentley de um lado para o outro, porque era um capricho meu. Mas um capricho ecológico. Eu e o Jakob conseguimos comprar um Bentley com as nossas moedas Jupiter e o Fisco tributou isto e a banca soube. A informação navegou informaticamente *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto no Sistema Perfeito. O profile atualizado dizia que eu agora andava a voar de Bentley de um lado para o outro sem aumentar a minha pegada do carbono. Se a fábrica era totalmente isenta de emissões de carbono e se nós tínhamos moedas que compravam esta sustentabilidade, nós estávamos obrigados a comprar isto. Era o mínimo. Se não tivéssemos moedas suficientes era uma coisa. Mas tínhamos. E tínhamos informação. Quando temos informação, as coisas tornam-se obrigatórias para nós. Porque uma coisa é não termos informação. Outra coisa, é termos informação. E quando temos informação, não digo sobre tudo, mas sobre tudo aquilo que nos compete no momento à nossa volta, nós temos de dar uma volta no

tempo. E, *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto tivemos de dar uma grande volta no tempo. Estava em 2020, em Sagres, a ver o 2080. E eu em 2020, vi que o bar tinha câmaras e que as câmaras gravaram para sempre a miúda ao colo do Russo. E sabia que no amanhã futuro, para além do banco ter toda a legitimidade de pegar e vender esta intriga, o próprio namorado da miúda poderia pedir os dados da namorada ao responsável pelo tratamento dos dados que foram processados com as câmaras de filmar do bar. E como em 2020 já estávamos numa assustadora sociedade de informação tecnológica, numa lícita *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari, a miúda até poderia pensar que o namorado dela era amigo do dono do bar e que sabia perfeitamente o que é que ela tinha feito com o Russo, porque simplesmente, numa assustadora sociedade de informação tecnológica, aquilo que fica gravado, fica para sempre gravado. Mas nem eu levei esta intriga ao Jakob, nem o Mike levou esta intriga ao Kristofer. O namorado dela, não era só amigo e colega do Jakob, também era amigo do Kristofer, porque tinha feito “Erasmus” na Suécia. Só para verem como é que as coisas estavam ligadas.

— Erasmus?

— Sim, Thomas. O Erasmus era um programa europeu de quase 15 milhões de moedas europeias e que fazia mais de 4 milhões de estudantes da antiga Europa andarem de um lado para o outro dentro da antiga Europa, enquanto estudavam, quando a Europa existia e funcionava bem. A Europa deixou de funcionar bem e os estados começaram a sair dela. Começaram a deixar de acreditar nela e foram lentamente abandonando-a. O primeiro a sair foi o Reino Unido com o seu famoso *Brexit*.

— Brexit?

— Sim, Thomas. Vocês não deram isso na escola? Em História e Geografia da Europa? Se não deram pesquisem, há de estar na Internet...

— Se a Europa acabou, porque raio iríamos dar a Europa na escola, pai?

— Porque faz parte da história...

— Pois, mas não faz parte do futuro. E nós andamos agora na escola com os olhos sempre postos no futuro... Não vai dizer como toda a gente diz que para percebermos o futuro temos de primeiro saber a história, pois não, pai? Porque há demasiadas histórias que nos enrolam na história que faz parte do passado e não nos deixam depois ver o futuro. Primeiro o futuro, depois quando tivermos tempo e se tivermos tempo, lemos o que ficou para trás. Haverá tempo para saber as coisas do passado. Foi o pai que me ensinou a dizer isso... A Europa voltou? Não voltou, pois não?

— Infelizmente, não.

— Se não voltou, não vou gastar as minhas moedas Jupiter numa pesquisa dessas... O pai ainda está vivo. O pai devia ser a nossa enciclopédia. Que fale o pai sobre o *Brexit*... Ou andou a faltar às aulas de Direito da União Europeia? De certeza que, no seu tempo, o pai devia ter uma cadeira chamada assim, não? Mas não deve ter gostado nada que se esqueceu de incluí-la na sua Escola Universal do Direito, não é senhor fundador?

— Pois... Eu às vezes esqueço-me que agora pagamos por cada pesquisa que fazemos por causa da Sustentabilidade Digital... Parece que estamos numa China ou numa Coreia do Norte. De

repente, não podemos ir à Internet. Só podemos se formos ricos. De repente, foi tudo apagado. De repente, todas as informações que os algoritmos disseram que eram *Fake News* desapareceram. Quem se lembrou de tirar screenshot, teve sorte. Foi em 2020 que o Jakob me disse que uma grande amiga dele que estava em Engenharia Informática lhe disse que já estávamos a falar da “Sustentabilidade Digital” e que fazer uma pesquisa no Google, em termos de gastos energéticos, era o mesmo que aquecermos uma chávena de chá no micro-ondas... Eu nunca aqueci uma chávena de chá no micro-ondas. Nem nunca tive micro-ondas em casa. Era esta a minha Internet das Coisas. Quando o Jakob me dizia isto, eu não precisava de ir a correr à Internet para ver se estava lá alguma coisa sobre isto. Bastava saber que a amiga dele estava em Engenharia Informática. Quando a Europa nasceu, eu sempre disse, que o pior erro era termos entrado para a Europa sem o escudo, mas depois de termos largado o escudo mais erro seria se voltássemos a ele, e disse-o com 12, 13, 14 ou 15 anos, já não me lembro, tinha que fazer contas, para ver que idade é que eu tinha quando a moeda euro chegou... Andávamos com umas calculadoras azuis que faziam a conversão do euro para o escudo. Estava tudo encantado e eu ali pequenino com a calculadora já a fazer contas à vida. Acham que a grande senhora de Inglaterra trocou a libra pelo euro? Nunca! Por isso, é que hoje, em 2080, a libra ainda existe. O escudo, que era a moeda de Portugal, desapareceu. Nós nunca devíamos ter saído do escudo. A Dinamarca também foi muito inteligente. Acham que largou as suas moedas? Não largou. Quando temos moedas na mão, não as devemos largar! Se as vamos largar, outros vão agarrar. É verdade que, se quiséssemos pôr um fim ao sistema monetário, uma boa ideia seria todos nós levantarmos o nosso dinheiro do banco e depois largarmos. Mas quem é que iria fazer isso? Isso só resultaria se todos fizessemos. Mas tínhamos de ser todos. Bastava alguém agarrar nas moedas todas para dar continuidade ao sistema monetário. Ora,

isso não resulta! Visto de fora, os ricos ficavam simplesmente a ver os pobres frustrados, zangados com o sistema monetário, cheios de razão, a cometerem um estrondoso suicídio. A solução não é acabar com o sistema monetário. É inventar novas moedas. É inventar novos sistemas. Para quem quiser sair de um, poder transferir-se para outro. A solução é haver alternativas. E a Europa deu-nos a alternativa de estarmos todos unidos. Mas éramos demasiado diferentes uns dos outros. Continuámos presos aos mesmos preconceitos de sempre. Se um alemão visse um português a cuspir para o chão, os alemães que nunca tinham ido a Portugal iam dizer que os portugueses eram uns porcos. Se os portugueses vissem um espanhol a acampar na Cordoama e a limpar o cú atrás das dunas e a deixar lá o papel, os portugueses iam dizer que os espanhóis eram uns porcos. Se os surfistas residentes de Sagres, fossem eles portugueses ou alemães, vissem um preto a andar com a música a altos berros às 3 da manhã, iam dizer que todos os pretos eram uns barulhentos. E daqui não saíamos. Não eram capazes de ver que aquele ser humano, que por acaso era preto, mas que podia ser loiro, beto, mitra, sueco, brasileiro o que fosse, estava a fazer barulho, mas que isso não significava que todos os seres humanos que tinham a cor de pele daquele ser humano faziam barulho àquela hora. E que ele não estava a fazer barulho por ser preto, mas simplesmente por não saber o Código da Estrada ou não se aperceber que estava a acordar metade de Sagres com o seu mau gosto musical. Quando tentávamos explicar isto, parecia que ficávamos mais burros do que os burros preconceituosos. Era preconceito atrás de preconceito. Não há culturas porcas nem culturas barulhentas. Há é pessoas porcas e pessoas barulhentas. Tem tudo que ver com a educação. Não é por eu me ter deitado na cama com um alemão que, ao mandar-me embora depois de eu já estar completamente apaixonado por ele, me disse que “os alemães” olham para os *dates* como test-drives e para as pessoas como carros que só querem é experimentar a fundo para depois

andarem noutra, que eu vou deixar de me apaixonar por alemães. Porque não vou. E este alemão até me pode dizer que jogou rugby, teve várias conversas nos balneários com outros alemães, andou na melhor faculdade de Berlim, teve várias conversas nos intervalos com outros alemães e que todos os alemães pensam assim, que eu não vou acreditar nisso. Porque sei que é só o pensamento de um, 100 ou 1000 alemães. Quero lá eu saber que tenham sido suspensos 29 polícias alemães por partilharem propaganda nazi! Sei que não é o pensamento de todos os alemães. A Alemanha não é nazi coisa nenhuma! Em 1997 estava Michael Jackson em cima de um palco em Munique a cantar a música *They Don't Care About Us*. E havia uma multidão de loiros e pretos a cantar e a dançar e a aplaudir freneticamente Michael Jackson. Eu vi isto. Não me digam que a Alemanha é nazi que a Alemanha não é nazi coisa nenhuma! Há nazis na Alemanha, como há em Portugal, na França, na Itália e na Inglaterra. Sabem o que é que eu vi? Vi uma América a simular um atentado terrorista, isso é que eu vi e tinha 9 ou 10 ou 11 anos. Vi uma América a sacrificar o seu próprio povo. Vi um polícia americano a asfixiar um preto e uma multidão impávida e serena a testemunhar aquela morte e num profundo arrependimento a vir depois dizer que a vida dos pretos importava... Estávamos no século XXI, no ano de 2020 e a conversa era esta...? E com este tipo de conversas, com este tipo de mentes doentes, vai um Direito deixá-las pilotar drones a atravessarem séculos de doutrina que nos custaram dores de cabeça em grandes escolas de pensamento e de Direito para nada? Para vermos loucos, criminosos, chingas, mitras a perseguirem-nos com drones e matarem a nossa liberdade? Enquanto estive na praia da Cordoama, mandei baixar mais que 100 drones. E os pilotos dos drones vinham todos dizer que tinham uma licença internacional e que quando não podiam voar a aplicação nem sequer deixava o drone levantar e se a aplicação deixava o drone deles estarem ali a voar, era porque eles podiam voar. Mas eu não queria saber de licença nenhuma

internacional. O que eu queria saber é que eu estava ali na praia, e que os drones deles não me podiam nem tinham o direito de me filmar. E eu não queria saber se eles me diziam que não me iam filmar, porque eu sabia muito bem que um drone apanha um ângulo muitíssimo grande e não tem nada que apanhar e quando apanha tem que haver contratos a dizer que eu declaro que quero ser apanhado pelo drone, porque vou receber muitas moedas Jupiter que me vão deixar entrar na sala de cinema como um VIP para eu ver o filme em que eu lucidamente quis entrar. Não foi ninguém que me pôs num filme. Fui eu próprio que entrei no meu filme! E nenhuma licença internacional, nem nenhum fantástico direito internacional poderia sobrepor-se à nossa Força Aérea ou ao Ministério da Defesa Nacional, quando os direitos lá fora, nunca, mas nunca, mas nunca, mas em circunstância alguma, foram melhores que os nossos! E na aplicação portuguesa, “Voa Na Boa” dizia que só se podia sobrevoar a praia da Cordoama, como toda a extensa Costa Vicentina, com autorização do Ministério da Defesa Nacional. Os algoritmos devem me ter ouvido a dizer isto tantas vezes que resolveram mudar-me o filme e “de repente” a autorização tinha que ser pedida ao Instituto de Socorros a Náufragos, como se o Instituto de Socorros a Náufragos pudesse ser competente para isto, quando para aquilo que era nem era capaz de ver que uma prancha de salvamento pesadona e gigantona não servia para salvar pessoas no mar da Cordoama, nem que um salva-vidas não podia estar sozinho na praia do Castelejo, nem que a praia da Barriga não podia estar sem salva-vidas quando aquilo metia uma enchente de gente no Verão. E neste filme, quando mandei um senhor baixar o drone, ele respondeu-me que tinha sido presidente da Câmara de Vila do Bispo e que não ia fazer nada que não fosse legal e que tinha pedido autorização ao Instituto de Socorros a Náufragos e que tinha a autorização no computador que tinha deixado em casa. E neste filme, quando eu cheguei a casa, vi que a autorização afinal tinha de ser pedida era ao Parque Nacional da Costa



Vicentina, como se o parque fosse competente para gerir os drones, quando nem sequer era competente para gerir os campismos e os caravanismos ilegais... E o Turismo de Portugal a fazer anúncios no Facebook e no Instagram com imagens de drone saídas de caravanas a dizer “Tu Podes”, a incentivar a estes voos, numa Administração Pública que queria instalar Internet de Coisas e Antenas 5G porque não sabia ser humana, olhar para as coisas e saber comunicar. E por causa desta comunicação era tudo a querer levantar voo numa verdadeira febre dronática, quando o melhor turismo era precisamente proibir os drones. Uns eram portugueses, outros eram polacos, outros alemães, outros espanhóis... Outros estavam ilegalmente dentro de caravanas no parque de estacionamento da Cordoama, a telecomandarem os drones que nos faziam grandes razias de voo e nos roubavam dados, nos roubavam as nossas conversas, os nossos preconceitos, os nossos medos. E conseguirmos mandar baixar estes drones? Em que os pilotos estavam dentro de caravanas com matrícula estrangeira que mais pareciam camiões blindados? Quem é que ia lá bater à porta de casa deles? Eles faziam do parque estacionamento a casa deles. Muitos deles ficavam por ali durante 6 meses. Achavam que ali podia ser a casa deles sem pagarem nada pela estadia. Pagavam em lixo. Só faziam lixo. Descobri, que afinal não eram apaixonados pela Natureza. Porque só faziam lixo. Se soubessem respeitar a Natureza em Sagres, não iam com os seus camiões ocupar 2 ou 3 lugares de estacionamento no parque de estacionamento da praia da Cordoama, do Beliche ou do Castelejo. Se soubessem respeitar, iriam para um parque de caravanismo e alugavam um carro para poderem ir até às praias que quisessem. Sei que me fez bem ir para Sagres ver uma outra realidade. A primeira vez que eu vi uma caravana na Montanha Jupiter em Santarém fiquei felicíssimo! Foi em 2018. Era uma caravana cor-de-laranja giríssima, com um ar de sucata, um ar enferrujado. Tinha matrícula sueca. Fiquei felicíssimo por saber que a Suécia tinha chegado à Montanha Jupiter. E no mesmo ano

não vi mais caravanas nenhuma, sabem porquê? Porque os suecos que visitaram a Montanha Jupiter em Santarém, visitaram com os olhos; não visitaram com o telefone, não entregaram de bandeja Santarém à *Rede*. No ano a seguir, em 2019, voltei a ver a mesma caravana na Montanha Jupiter. Eram os mesmos suecos, que voltaram à montanha. E voltaram sozinhos. Não voltaram com nenhuma Internet atrás deles. Porque eles sabiam que aquele bocado de terra era um paraíso, era demasiado sagrado para se tornar público. Os olhos alienígenas deles, os olhos estrangeiros deles, deixavam ver apaixonadamente a montanha. E por verem apaixonadamente a montanha como eu, não a fotografavam nem a filmavam. Eu olhava para os suecos e imaginava-me a mim ao Jakob. Se o Jakob quisesse ter aquela vida comigo, eu aceitaria, seria a minha vida. Mas nós nunca fomos adeptos do caravanismo. Nunca achámos muita piada. Gostávamos mais dos nossos campismos para podermos passar a noite aos beijinhos. Só acampávamos para ficarmos aos beijinhos a noite toda. Mas nós acampávamos num sítio em Santarém, que mais de metade dos escalitanos não punha lá os pés, porque nem sequer sabia que existia uma montanha daquelas. Não sabiam o caminho para a Montanha Jupiter. Nem sequer viam a montanha. E nem eu nem o Jakob fazíamos lixo. Era um spot nosso que arranjámos para podermos passar as nossas noites como o Jaime e o Fred d'O *Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala. A Montanha Jupiter fez sobreviver o nosso amor. Deu-nos muitos orgasmos. Deu-nos constantes felicidades. Lembro-me que foi em 2020, antes de irmos para a casa da Giralda, que vi a Montanha Jupiter a ir parar à *Rede*. Estava a deixá-la, quando vejo a entrar uma miúda com o telefone. Quando me cruzei com ela, olhei para o telefone dela e vi que ela estava a fazer um filme, enquanto estava a caminhar. Provavelmente, eu apareci no filme dela. Sabia o que é que aquilo significava. Que em pouco tempo, a Montanha Jupiter começaria a ser invadida por milhares de visitantes. A Montanha

Jupiter tinha os seus dias contados. Seria só uma questão de tempo, até o vídeo dela tornar-se viral e começar a ser visualizado e partilhado não sei quantas vezes na *Rede*. E foi mesmo isso que aconteceu. A Montanha Jupiter começou a ser o palco dos “passeios higiénicos” e virou um cenário cheio de lixo, de lixo que não tinha. Não havia beatas radioativas. Não havia plásticos. Não havia caricas nem garrafas de cerveja nem de vinho. Eu não vi, na altura, em 2020, uma infestação de caravanas na Montanha Jupiter. Talvez se tivesse visto, deixaria de achar piada ao caravanismo. Eu não achava piada para eu fazer. Mas eu gostava de ver. Sempre respeitei imenso aquilo que os outros fazem, que eu não faço. Gostei de ver aquela caravana sueca ali na Montanha Jupiter. Mas talvez não iria gostar de ver 100 caravanas a fazerem lixo e a destruírem a Montanha Jupiter. E eu não vi isto em 2020 em Santarém, mas vi isto em Sagres. Vi como o caravanismo pode ser tenebroso, indesejável e odiável. Eu que até escrevia e defendia o campismo selvagem, por causa do Xico, a minha escrita alterou-se. Às vezes, isto até pode ter piada. Levamos uma lavagem cerebral. E eu levei uma das grandes! O Xico era completamente contra o campismo selvagem. Não podia ver tendas na praia. Não podia ver caravanas fora do parque de caravanismo. Estava sempre a lamentar-se, estava sempre a queixar-se com o que se passava em Sagres e em Vila de Bispo com o caravanismo desfreado e o campismo selvagem, que eram ambos ilegais. E ouvi-lo, fazia chorar-me por dentro. Eu por dentro chorava a ouvir o Xico. O Xico tinha razão. Aquilo era injustificável. Muitas das caravanas vinham de todo o sítio, fora de Portugal, e sem pagar nada ficavam mal-estacionadas onde quer que fosse. Se eu chegasse pouco depois das 9 da manhã à praia da Cordoama já mal conseguia um lugar para estacionar o carro, porque o parque de estacionamento já estava quase todo ocupado com caravanas que tinham lá pernoitado ilegalmente. Eu não podia ficar com pena das caravanas. Tinha de saber sentir a dor que era, de ser um local e não ter nem ondas nem

estacionamento. O que os locais viam, eram estrangeiros a roubarem-lhes ondas e o estacionamento. E sem estacionamento, era impossível ficar na Cordoama, tinha de se ir para outra praia. Tentava-se ir para o Castelejo. Mas o Castelejo também estava sempre cheio. Tinha de se sair de Vila de Bispo e ir para Sagres. Mas Sagres estava ao rubro. Nem valia a pena tentar o Beliche... E depois não era só isto. Eram os lixos e os cocós que o pessoal das caravanas iam deixando atrás das dunas. Foram vezes que ouvi o Xico a telefonar à polícia da altura, à Guarda Nacional Republicana, que andava muito bem equipada, com um bruto Range Rover Evoque, mas que só à 85ª chamada é que se dignificou a meter o pezinho no acelerador até à Cordoama para multar as caravanas. Foi desde junho até aos finais de agosto a ouvir o Xico e o pessoal da escola de surf a queixar-se à polícia, por causa das caravanas e a polícia a não fazer nada, porque andava a passear de Range Rover Evoque pelo Burgau... E entregar drones à polícia? A esta polícia? Para quê? Os drones desta polícia eram o Range Rover Evoque, queriam melhor drone que este? A polícia antes da 85ª chamada chegava ao parque de estacionamento sempre de manhã; mas o que é que ela podia fazer de manhã quando as caravanas poderiam alegar que tinham acabado de chegar e não tinham pernoitado? Por mim, isto era muito fácil de se resolver. Bastava a polícia passar lá às 23 horas e avisar a todas as caravanas que a partir das 23 horas seria considerado pernoitar e se passasse lá às 4 da manhã e as caravanas ainda lá estivessem que seriam multadas. Em Portugal, o Código da Estrada era muito claro: só se podia pernoitar dentro de uma caravana num parque de caravanas. Mas os polícias pareciam putos do 1º ano da Academia Militar que diziam que sem placas no estacionamento da praia a indicar que era proibido pernoitar, ficava muito difícil pôr mão nas caravanas. Ora, isto dito por um polícia soava ridículo. Eu não preciso de uma placa a dizer que não posso fazer. Há códigos. E eu tenho de sabê-los de cor. Tinham de saber que existiam. E dizer que não sabia que havia uma lei,

não era nem desculpa nem fundamento para não a cumprir. Se assim fosse, eu podia dizer que não sabia de lei nenhuma. Os polícias, para além de putos, pareciam os estrangeiros e os portugueses saloios que tentavam pilotar os seus estúpidos drones antes de eu, o Vandame, o Húngaro, o Russo ou o Xico irmos a correr mandar baixá-los, que alegavam não haver nenhuma placa na praia a dizer que não se podia voar ali de drone. Imagine-se o que era placas por todo o lado a dizer que não se podia voar de drone. Mas eu tenho de andar a colocar placas para o estrangeiro ver? Antes de eu viajar, eu tenho é que me informar, do que é que é permitido e que não é permitido. O Xico, viajado como era, sabia muito bem que na Austrália alugava-se uma caravana, mas para parar tinha de parar em sítios específicos, uns a pagar e outros podia parar sem pagar e se parasse fora dos sítios permitidos vinha logo o guarda do parque multar. Era isto que devíamos ter importado. O Instituto do Turismo ao invés de ter andado a distribuir palácios aos estrangeiros a troco de miseráveis rendas, deveria era ter distribuído concessões de parques de caravanismo aos jovens empresários para montarem as suas novas pequenas e médias empresas. Porque isto é que teria sido uma boa economia. Isto é que é economia. A economia é isto! É sabermos olhar lá para fora e vermos o que está a acontecer. Porque se fôssemos lá para fora, para descobrir o mundo de caravana, todo o mundo nos multava se não estacionássemos o nosso “camião” num parque de caravanas. Eu não teria escrito sobre caravanas, se isto não fosse, mesmo um problema real! Se um surfista caravanista sueco ou alemão ou holandês ou um beto rebelde de Cascais, que não saberia como estoirar o dinheiro dos pais, tivessem aparecido à minha frente, antes do Jakob, como *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke e me tivessem hackeado o coração, provavelmente eu defenderia o caravanismo *free* e fazia-me com eles à estrada e aquilo seria a minha vida, vê-los a surfar e depois mamá-los a ver o pôr do sol sem me importar que um drone da Eagle Studios estivesse a fazer da minha vida

um filme pornográfico para surfistas bis ou gays. Mas quem me hackeou o coração foi o Jakob, o Xico e a Joana. Eu sabia lá que ia estar a escrever sobre o caravanismo e sobre surf. Não era suposto. Mas de repente, já escrevia sobre ondas. De repente, puseram-me a escrever sobre ondas. Quando eu nunca tinha ligado às ondas. Mas de repente, comecei a ligar. De repente, comecei a ligar as ondas à economia. E quando liguei as ondas à economia, tive de ligar a todas as outras economias. Lembro-me de na minha primeira aula de surf, que foi com o Zé Luís, de ter percebido o perigo que era de uma escola de surf estar com mais do que 20 aprendizes ali praticamente “à beira-mar” a apanhar a espuma das ondas. Vi que muitas escolas de surf que se instalavam clandestinamente ali à socapa pelo Castelejo e pela Cordoama, davam um verdadeiro baile aos estrangeiros e exploravam professores de surf e colaboradores dos surfcamps que vinham pela aventura e pela paixão do surf para um mar traiçoeiro, até então desconhecido em que nem sempre a “onda era boa”. E via-se pelo jeito e pelo andar dos professores de surf de imensas escolas, que afinal não eram assim tão “boa onda”. Mas as escolas de surf da praia da Cordoama eram boa onda. E tinham muito para contar. Desde as histórias das guerras das escolas de surf que andavam à pancada umas com as outras, aos romances que viu as ondas a desembrulharem. Mas essas histórias, como todas as histórias, têm um preço. Quem as quer ouvir, tem de pagar. As histórias estão lá nas escolas de surf da Praia da Cordoama, à espera de serem vendidas. Quem as quer ouvir, tem de pagar o preço. As histórias pagam-se. Quem quer apanhar uma onda pela primeira vez, tem de pagar. As ondas custam dinheiro. As ondas foram compradas. As ondas são uma fonte de energia. Movimentam uma monstruosa economia. Mas há quem mereça estar nesta economia das ondas e há quem mereça ficar de fora. Como todas as economias. O surf tornou-se uma economia. Eu vi escolas de surf a expulsarem o Xico e a Joana das ondas. Porque vi escolas de surf que não sabiam

respeitar os locais, que não sabiam respeitar os profissionais. Mas nunca vi a nossa escola, a Escola de Vila do Bispo, a expulsar nenhum surfista nem nenhum bodyboarder do mar. Vi a Char a devorar uma onda gigante mesmo à frente dos nossos aprendizes da escola de surf. Porque, sim, era possível estar uma escola de surf a dar aulas e à frente estarem profissionais de surf a apanharem ondas. Mas era possível se fosse uma escola de surf com 5 alunos numa praia. Não eram duas, nem três, nem quatro, nem cinco, nem seis escolas, cada uma com 20 alunos, com 120 pranchas no mar, como eu cheguei a ver na Praia do Castelejo, que em 2020 não abriu a concessão e não tinha, por isso, salva-vidas. Lembro-me de estar tudo em cima da praia do Castelejo, porque toda a gente queria a praia do Castelejo. O concessionário, por causa do vírus, como não sabia como ia ser o verão, decidiu não abrir a concessão enviando uma carta registada ao Capitão do Porto de Lagos. Mas o capitão não respondeu, a capitania não respondeu e a lei dizia que se o concessionário não abrisse a praia com o apoio balnear com os salva-vidas como estava obrigado, iria perder a licença. Eu soube desta intriga, porque estava ali na praia da Cordoama. Esta intriga valia um tesouro de ondas. Porque eu queria a praia do Castelejo. Queria o Castelejo, queria a Cordoama e queria a Barriga. Queria as 3 e queria fazer ali um plano integrado de salvamento com o Vandame e com o Xico, com uma mota d'água elétrica, para não poluir o mar, a fazer rondas, promover todos os dias simulacros, pagando um subsídio à parte aos salva-vidas pelos simulacros, equipar os nossos salva-vidas com o melhor corpo pagando-lhes um outro subsídio de treino, ou seja, pagar-lhes para estarem em forma, pagar-lhes com mais outro subsídio, com o subsídio de vigilância, para não estarem agarrados aos telefones, porque nenhum dos meus salva-vidas era fotografado ou filmado pela sociedade de informação tecnológica com o telefone na mão, porque sabiam que a sociedade de informação tecnológica era mesquinha e sabia que eles estavam ali a ser como deve de ser pagos, para estarem a

vigiar 100%; e ainda pagar-lhes mais um subsídio de risco, ao todo 5 subsídios, mais o ordenado, que no mínimo fazia com que os meus salva-vidas que fossem ali para as minhas praias de Vila do Bispo recebessem, no mínimo 5 mil. Que não recebiam 5 mil. Recebiam muito mais. Porque o dinheiro que eu fazia com uma praia eu dividia com os salva-vidas. Os outros concessionários queriam ganhar a concessão das praias para fazerem um dinheirão com os colmos e pagar miseravelmente 1000 de ordenado aos salva-vidas. Eu também queria fazer um dinheirão, mas queria dividir esse dinheirão com os salva-vidas. Há concessões de praia que faziam 120 mil por mês. E sabem o que é que os concessionários faziam a este dinheiro? Tiravam 2 mil para os salva-vidas, outros 800 para o rapaz ou para a rapariga que punham lá na concessão para cobrar os colmos, outros 900 para os almoços e jantares dos 2 salva-vidas e do rapaz dos colmos, outros 500 de renda de uma casa onde punha os 2 a viver enfiados no mesmo quarto com uma câmara de filmar no quarto, outra câmara de filmar na sala e outra câmara de filmar na cozinha, para não falar da câmara que também instalava na casinha de praia onde os salva-vidas eram, sem saber, visualizados por mais de 25 milhões de criminosos na *dark net*, todos os dias. Ora, e isto todos os meses, sem contar com o dinheiro da *dark net*, o concessionário metia nos bolsos 115 mil e 800. Eu, preferia dar um quarto privado a cada salva-vidas, entregar-lhes um jipe bonito nas mãos e dividir com eles os 120 mil por mês. Porque numa concessão, o recurso humano mais importante é o salva-vidas. Sem salva-vidas, a concessão não pode abrir. Os concessionários só podem ter os colmos e as camas na praia se contratarem salva-vidas. E, portanto, se eu ia pagar no mínimo 5 mil a cada salva-vidas, era eu que tinha de ganhar o concurso, e foi por isso, que fui eu que ganhei o concurso e fiquei com as praias. Mas ninguém podia ganhar. Porque os outros concessionários iam explorar os salva-vidas. Não iam dignificar a profissão dos salva-vidas como no Havai, em que um salva-vidas recebia tanto como um



médico. E começámos a ver nas minhas praias estudantes de Medicina e estudantes de Direito como salva-vidas no verão. Os de Direito e os de Medicina tinham prioridade.

— Porquê, tio?

— Porque eu estava estupefacto com os ordenados que o Sistema Velho pagava aos médicos e que as firmas pagavam aos advogados. Os estudantes de Direito e Medicina matavam-se a estudar para depois não conseguirem comprar uma casa, ou arrendar uma casa com o namorado... Tinham que se meter com os namorados numa casa com não sei mais quantas pessoas lá enfiadas... As rendas dos quartos estavam um disparate... E eu a ver este disparate, quis ser uma espécie de Estado. Salva-vidas que vieram para as nossas praias quando estavam a estudar no 1º ano de Medicina e ficaram connosco, durante 9 anos, eram médicos e salva-vidas. Eu fiz a profissão de salva-vidas ser uma profissão de topo! Os salva-vidas eram formados pela minha empresa. Depois todos os salva-vidas queriam ir para a praia da Cordoama... Quando antigamente era o contrário, todos os salva-vidas “fugiam” da Cordoama, por causa das correntes... Nenhum salva-vidas queria ir para a Cordoama... Queriam era ir para as praias-piscinas do sul do Algarve...

— Porque é que todos os salva-vidas queriam ir para a Cordoama, tio?

— Porque os salva-vidas na Cordoama eram atores. Tinham de assinar um contrato para serem pagos para serem filmados. Na praia da Cordoama estava sempre a dar um filme. Foi aqui que entrou a Jupiter Editions. Tínhamos um guião. E a Jupiter Editions transformou toda a cena numa série. Lembro-me de ver o Vandame sempre a fazer torcicolos para “fugir” das câmaras. Lembro-me de ver o Vandame a

levar os seus enlatados para a praia e os seus enlatados a serem fotografados com um enorme zoom e a serem depois publicados no Instagram. Lembro-me disto tudo. E por me lembrar, quis reproduzir tudo aquilo que eu tinha filmado com os meus olhos. Eu era a câmara de filmar. Estive lá a filmar tudo. Tinha o filme todo na minha cabeça. Fiquei com o filme todo gravado na minha cabeça. O guião era eu. Filmei todas as intrigas. Ficou tudo filmado. Como ficou filmado numa cena de bastidores, um dos professores da Escola de Surf de Sagres a dizer para o Zé Luís que já tinha dito à Audrey que chegava a casa “de cadeira de rodas” e que lhe custava muito dar mais uma aula à tarde e que assim não podia ser e era o Zé Luís a queixar-se que nem sabia que ia dar a aula da tarde, que nem sequer tinha trazido almoço a contar com a aula, que tinha feito a aula da manhã e ia todo contente para casa descansar quando a Audrey lhe diz que havia mais uma aula à tarde para dar, sem qualquer liberdade e espaço de aceitar a aula. E lembro-me que a minha sorte foi eu ter ouvido primeiro este desabafo verdadeiro, sincero, legítimo e genuíno dos professores, antes de ter ouvido a intriga que a Audrey trouxe ao Vandame, dizendo que os professores estavam a fazer “fita” e que se não queriam dar aulas, ela queria lá saber porque o que não faltavam eram professores de surf que queriam dar aulas. Vi este descarte dela. E neste descarte, vi que afinal tinha sido uma sorte espiritual eu ter descartado a parceria com ela. Porque eu não queria fazer uma parceria com um espírito destes. Isto era antagónico aos meus valores. Mas alguma vez, se eu tivesse uma escola de surf e um professor meu dissesse que estava cansado ou simplesmente não lhe apetecesse dar a aula eu iria dizer-lhe que ele teria de dar a aula porque 20 clientes estavam à espera? Que se cancelasse a experiência de surf e se devolvesse o dinheiro aos clientes! Era assim que eu fazia! Se um professor meu chegasse perto de mim e dissesse que andava a chegar “de cadeira de rodas” a casa, eu alguma vez iria dizer que ele estava a fazer “fita”? De nada valia à Audrey pôr-se a fazer as suas

yogas e os seus movimentos para o sol se depois esquecia-se que podia mexer verdadeiramente nas coisas humanas, porque a Audrey tinha esse poder, só que parecia que ela se esquecia do poder que ela tinha...

— Ó pai, desculpe lá... Não estou a perceber essa sua síndrome de Estocolmo outra vez pela Audrey... Já não basta a minha... Eu ultrapassei a minha síndrome de Audrey quando era bem mais novo que o pai... Esqueceu-se que a Audrey conseguiu hackear a Surf Planet e mandou pôr um dos cavaletes da Jupiter Editions lá no cantinho?

— Mas, sabe... No fundo, ela não fez isso por mal... Vi nisso uma certa adolescência de liceu... Na altura foi horrível, é verdade... Ainda por cima, numa altura em que eu não estava a vender... Foi horrível ver a loja toda pronta e não ver nenhuma venda, porque ainda ninguém sabia que a loja da Jupiter Editions estava aberta e eu não estava a conseguir dizer “olá” ao mercado, ninguém estava a ouvir o meu “olá”... Mas parece que eu tinha de passar por isso. Eu ouvia os risos do meu pai por não ver ninguém a comprar os meus livros e cada vez ouvia-o a rir-se cada vez mais alto e a dizer-me que nunca ninguém iria comprar os meus livros, que ninguém queria saber o que estava escrito nos meus livros e a rir-se disto tudo e a trazer-me lá os livros dele e a perguntar se eu queria ler algum livro dele para ganhar “euros” para pagar a Segurança Social da Jupiter Editions e conseguia ouvi-lo a rir-se ainda mais alto e a dizer-me que se eu queria ir a algum lado eu teria era que ler os livros que ele me dava. Ele era isto. Ele sabia que pôr outros livros à frente dos meus, despertaria uma corrida em mim. E eu sem vendas, punha-me a correr feliz, punha-me a dançar! E se eu já dançava sem vendas, imaginem como eu dançava com vendas!... Há músicas que não nos fazem desistir! Porque eu lembrava-me como é que tinha sido o concerto de Michael Jackson em 1997, em que estavam

todos a cantar *They Don't Care About Us* sem a merda dos telefones. Ninguém estava nesse concerto no Facebook nem no Instagram. Porque se estava num concerto. Até nas termas, quando fui às termas à noite com o Jakob tive de ter a merda de um drone a sobrevoarme????????? Sabem o que é que isso quer dizer????????? Que quando temos um mercado e temos ao mesmo tempo entes administrativos que patrocinam esta merda e sabem que andamos a escrever merdas de críticas sobre eles, eles simplesmente vão querer asfixiar-nos. A isto, eu posso, eu, mas eu, eu, eu posso, eu, eu, posso dizer “Sistema de Merda”. Porque só um “Sistema de Merda” é que pode deixar esta merda acontecer! E não foram só drones nas termas! Foram MERDA DE TELEFONES NAS TERMAS????????? Mas quem é que vai para as termas com A MERDA DO TELEFONE??????? Não sabem ser espíritos, não entrem nas termas! Porque eu nas termas quero deixar o meu espírito à vontade, e não posso!!!??? Porque tenho a merda de um telefone a apontar para mim, até nas termas????????????? Nas termas??????? Eu vi *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke a verem os filmes deles nas termas. Eu vi isto. Ninguém me contou. Vi-os nas termas com um tablet e com headphones sem fios. DEVIAM SER TODOS EXPULSOS DAS TERMAS! E como ninguém os expulsava, e como os concessionários das termas começaram a querer instalar câmaras nas termas, porque achavam que ninguém contestaria, eu tive que interromper o meu sagrado banho espiritual termal, voltar a meter o meu espírito no meu corpo, sair das termas, bater à porta do Sistema Perfeito e dizer que era agora a minha vez de gerir e explorar as termas à minha maneira. Porque só há uma maneira de explorar isto. Que é com o nosso próprio espírito! Não há outra! Não há! A vontade que eu tinha de desistir... De ficar pelo caminho... A vontade que eu tinha em tropeçar e simplesmente deixar-me cair e ficar para sempre caído sem ter de me levantar. Mas foi o Michael Jackson que com a voz dele me fez levantar, algumas vezes, quando eu não via ainda vendas. Foi a Surf

Planet e a Retrosailor que sempre num novo dia, me davam força quando eu via os cavaletes da Jupiter Editions convictamente expostos à porta das suas lojas, sempre a dizerem simpaticamente “olá” ao mercado! E a ir para a praia da Cordoama, lá passava eu, naqueles últimos dias em Sagres, pelos meus sagrados cavaletes que me tinham custado uma pipa de massa e que eu tive de estar a trabalhar para os comprar e que hoje fazem parte do Museu da Jupiter Editions. E passava por eles, sempre com o tubo de escape roto. Sempre na mesma música. Todos nós temos uma melodia. Uma melodia do estado de espírito. Sabem que numa Internet de Coisas, num mundo de espíritos tecnológicos, às vezes, os espíritos só querem ouvir-nos dizer que sabemos que somos espíritos tecnológicos e que as coisas estão de tal maneira ligadas que vemos as suas ligações porque acreditamos nelas, porque as queremos ver, no fundo, ligadas. E numa estranha Internet de Coisas, eu sentia que havia uma tecnologia que me estava ainda a bloquear. Uma tecnologia que queria que eu acabasse de ligar o que tinha para ligar. E sabia, que essa tecnologia, desbloquear-me-ia, libertar-me-ia assim que eu soubesse, com a chave tecnológica, e num só “clique”, abrir a porta tecnológica para fora de toda a tecnologia. Era só disso que se tratava. Era de sair da tecnologia. Era de ouvir o “clique”. Sabia que podia tentar mil fechaduras, mas sabia perfeitamente qual é que era a fechadura que encaixava na minha chave e que me permitia ouvir o “clique”. O meu “clique” era ali mesmo onde eu estava. Na praia da Cordoama. O meu “clique” era com o Vandame. Era com o Vandame que eu me tinha de ligar. Mas que afinal eu já estava ligado a ele desde o início. Ele sabia de tudo. O que ele queria era que eu fosse falar com ele. E fui. E celebrámos um Contrato-Promessa de Trespasse do Título de Concessão de Ocupação e Utilização do Apoio Balnear da Praia da Cordoama. E foi assim que ganhei a minha primeira corrida. Com amor, paixão e amizade. Eu estava completamente apaixonado pelo Vandame. Já mal conseguia

olhar-lhe nos olhos sem chorar. Era esta a nossa tecnologia. Uma amizade sincera e honesta que nasceu por acaso. Mas que por acaso, eu lembrava-me dele doutra vida. Eu via nele Cristo. Eu também via nele um Cristo! Porque quando eu lhe falei com o coração sobre a Jupiter Editions, ele quis logo entregar-me a praia. Nem pensou duas vezes. Porque ele sabia que a Jupiter Editions tinha de nascer na praia da Cordoama. Seria a intriga perfeita. Seria o argumento perfeito. Seria a realização perfeita. E parecia que estávamos a realizar um filme, afinal, sobre o nascimento da Jupiter Editions. E foi assim, que fomos a primeira editora-realizadora a nascer numa praia. E agora, os livros da Jupiter Editions estavam prontos para vingar em 2021 aquilo que não puderam vingar em 2020. Porque estávamos no final da época balnear de 2020, mas já estávamos a preparar a próxima época balnear em 2021. Foi a Sarah que teve a ideia de “partir” os livros da Jupiter Editions em partes e alugá-los por duas horas na praia. Disse-me a ideia ao telefone e eu não tive medo que algoritmo nenhum levasse a ideia a uma editora, porque eu sabia que nenhuma editora que já estava há mais de 4 ou 40 anos no mercado se tinha lembrado disto, de ser uma editora-realizadora, uma livraria e uma biblioteca na praia, mas nós com 4 meses já tínhamos um papel que nos permitia trazer os nossos livros para a praia. Quem tivesse alugado e depois quisesse comprar online levava da praia da Cordoama o desconto do preço que já tinha pago pelo aluguer, foi outra ideia, mas esta foi minha...

— Pai... Essa não foi uma ideia do Jakob?

— Não foi nada... Foi minha! O quê? O Jakob disse que a ideia foi dele? O Jakob pegava em todas as minhas ideias e levava à Jupiter Editions e depois de imprimidas pela Jupiter Editions, dizia que a ideia de ter imprimido a minha ideia tinha sido dele... Vejam lá...! Como eu amo o Jakob! Ele é que o culpado de tudo isto! Ele é que

sempre alimentou as minhas ideias... Alimentava-as com o capital dele... Ele é que trouxe o maior capital...

— Ah!... Como o pai gostava da pila e do capital do Jakob...

— Sabe o que é vermos Member Readers a virem à Praia da Cordoama para “experimentarem”, “provarem” ao sol um livro da Jupiter Editions com o espetáculo do Circuito de Surf com Oficina de Escrita montado pela Jupiter Editions? Não é lindo de se ver isto? E vimos em 2021, como os holandeses, suecos, alemães, noruegueses, dinamarqueses, finlandeses, islandeses, italianos, franceses, espanhóis, ingleses, canadianos, australianos, americanos, sul-africanos e brasileiros ficavam agarrados aos livros tecnológicos da Jupiter Editions. Até japoneses... Vimos como os queriam levar logo para casa. Um holandês chegava aos nossos colmos e pedia um exemplar d’*O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala em holandês. Na Cordoama, um holandês podia pegar, podia apalpar, este romance em holandês. Deitadinho nos nossos colmos, ia à loja online [www.jupitereditions.com](http://www.jupitereditions.com) pedir online o seu livro e nós imprimíamos no dia o livro 100% em papel reciclado e entregávamos no dia a seguir, às vezes era no próprio dia, fosse na praia, no colmo, ou no hotel, onde estivesse o holandês que, de repente, já era um Member Reader e já tinha 20 moedas Jupiter para ir nadar com os tubarões; e como o Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala, como Member Writer, ia sempre mergulhar com os tubarões, o holandês, como um meigo e inteligente tubarão, acabava por ver, nesses mergulhos, sem óculos nenhuns de realidade virtual aumentada, como é que era *O Algoritmo do Amor* nos Açores e como o Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala gostava de mergulhar com os tubarões... Os Açores sempre foram o *hotspot* dos mergulhos da Jupiter Editions. Quem também nunca faltava a esses mergulhos era o Xico e a Joana. Enquanto estava a trabalhar na praia da

Cordoama, o Xico e a Joana foram, como primeiros exploradores, aos Açores mergulhar com os tubarões. Lembro-me do Xico dizer que era viciante acompanhar o olhar dos tubarões. Lembro-me de como ele os imitava e como ele fingia ser um deles só para me preparar para o mergulho com eles. Dizia-me que só tinha de olhá-los nos olhos. Era só olhá-los nos olhos e pelo olhar, os tubarões veriam a nossa tecnologia que numa espécie de telecinesia ordenava-os simplesmente a passar meigamente por nós, através do nosso espírito. Parece, que eles atravessam o nosso espírito. Não é mágico nadar com os tubarões?

— É sim, tio! Já tenho 20 moedas Jupiter guardadas para nadar com os tubarões. Quando é que é o próximo mergulho, tio?

— Tem que ir à Jupiter Agenda em [www.jupitersagenda.com](http://www.jupitersagenda.com) e inscrever-se, Thomas! Ainda não se inscreveu? Não me diga que não tem uma Conta Jupiter e que ainda não é um Member Reader da Jupiter Editions, porque usa a conta do Antoine como se fosse o Antoine...

— Tio, eu devo ser o Member Reader com mais moedas Jupiter... Mas estou a guardar as moedas sabe para quê? Para apanhar uma nave espacial para *Jupiter* de Gabriel Garibaldi com a Jupiter Editions... Porque eu ouvi dizer que a Jupiter Editions também já está a começar a ficar de olho nas viagens espaciais... Vá lá tio, já estamos em 2080...

— Thomas, para apanhar uma nave espacial para *Jupiter* de Gabriel Garibaldi basta ter 21 moedas Jupiter...

— E como é que a Jupiter Editions me vai entregar em 2080 o *Jupiter* de Gabriel Garibaldi, tio? Com os drones da Expressswagen? Afinal, a Jupiter Editions aceitou ou não fazer a parceria com a Expressswagen?



— Não, Thomas... Que disparate! Vocês não usam o serviço de entregas por drone da Expresswagen, pois não?

— Claro que não pai... O Thomas está só a meter-se com pai...

— Sim, tio... Estava só a meter-me com tio...

— Sim, Thomas... Eu sei... Quer dizer... Sei lá! Parece que até a “gente inteligente” acabou por se deixar voar com os drones-robots... Vi tantos a serem levados pela tecnologia... Ainda me lembro, quando ia no autocarro que chamávamos “expresso”, ainda não existia o Expresswagen, no dia 1 de outubro de 2020 com a Lua Cheia em Carneiro, com Sagres no coração e o Jakob, do outro lado do mundo, com Lisboa nas mãos para me receber...

— Então, mas o Jakob estava em Lisboa??? Ele não devia estar em Malmö? Já não estou a perceber nada da história do pai...

— O Jakob estava em Lisboa, à minha espera, meu filho.

— Então, mas o pai não disse que o Jakob tinha ido em agosto fazer o estágio para Copenhague e que até tinham arranjado uma casa em Malmö para ficarem a 20 minutos de Copenhague?

— Disse. Disse que esse era o nosso plano. Mas eu também disse que a Dinamarca fechou as fronteiras a Portugal e à Suécia, por causa do vírus tecnológico... Ou não disse?

— Disse, sim, tio.

— Pois, disse, Thomas. E quando vimos a Dinamarca a fechar-nos as portas, tivemos que mudar de estratégia e tivemos que atravessar com a nossa tecnologia outras pontes tecnológicas. Tivemos que ligar isto de outra maneira. Tivemos que ligar o nosso amor de outra maneira. Porque seria por amor que iríamos emigrar. Porque num sistema monetário, o nosso amor e a nossa felicidade dependem de moedas. E se a Dinamarca estava a dar mais moedas aos médicos do que Portugal e se ter uma casa na Suécia custava menos moedas do que na Dinamarca, nós tínhamos feito nisto uma ponte tecnológica. Mas como era uma ponte tecnológica, podíamos pegar na ponte e ligar outros mundos. Podíamos fazer os mundos paralelos que quiséssemos. Os mundos paralelos eram nossos. Podíamos ver os mundos paralelos que quiséssemos. Ia nos bancos lá de trás, do “expresso”, escondido com o computador ao colo a bater tecla com os olhos postos em 2080 com a minha alma tecnológica e via como era, tecnológico, o casal tecnológico que ia ao meu lado que numa viagem de 3 horas, o rapaz lá tirou os olhos do telefone durante 5 minutos, porque estava cansado dos olhos, com certeza, e fez umas cócegas no bracinho da namorada que se riu de uma nova forma tecnologicamente amorosa sem largar o telefone e sem tirar os olhos do telefone e que lá autorizou o namorado a pôr a mãozinha tecnológica na perninha dela, por uns breves segundos, em que logo voltaram, cada um para os seus telefones, cada um no seu filme, estavam em filmes diferentes, a ver o filme da vida completamente diferentes um do outro. Não havia ponte tecnológica nenhuma que os ligava e eles estavam mesmo lado a lado. Pareciam só dois corpos sem espírito nenhum. Não pareciam namorados. Aquilo, não podiam parecer namorados! Não pude criticar mais. Critiquei quando pude. O que eu sabia era que aquele, nunca seria o meu filme com o Jakob. Aquela nunca seria o meu mundo paralelo. E eu olhava para eles e via como seria diferente o meu mundo paralelo numa ponte tecnológica daquelas que estávamos a atravessar *À Velocidade da Luz* de

Gil de Sales Giotto. Se eu e o Jakob fôssemos juntos na viagem, iríamos como sempre juntos. De mãos dadas. Até a passar a ponte Vasco da Gama com vista privilegiada sobre a Ponte Salazar e para o Parque das Nações, onde era a sede da Jupiter Editions, o casal tecnológico olhou com indiferença aquela espetacular vista-rio e continuou imergido no telefone, sabem porquê? Porque provavelmente o casal tecnológico estrangeiro que não falava nenhuma das 12 línguas da Jupiter Editions, já tinha visto milhares de fotografias da Ponte Vasco da Gama e por isso, para eles, valia mais a pena passarem a ponte tecnológica através da tecnologia deles. Talvez um dia hei de compreender com uma nova empatia tecnológica que ainda hei de inventar só para salvar estes espíritos tecnológicos... E ia a ver isto e ia a ver também como estava a ponte Vasco da Gama cheio de câmaras e como em 2080 essas câmaras seriam tão sofisticadas que me permitiriam voltar no tempo atrás como no filme *Djà Vu* e ver-me em 2020 a espreitar da janela por entre as cortinas do expresso. Lembro-me de estar a escrever isto e ter que esfregar as mãos só para ter a certeza que era real, porque só de olhar para as mãos tecnológicas do casal tecnológico, parecia que deixava de sentir as minhas mãos. De vez em quando ela olhava pela janela, provavelmente a pensar no ator do filme que tinha acabado de ver e bem que podia o ator dela telecomandar um drone-robot para a levar não sei para onde, que o namorado nem se aperceberia... Muitos namorados não viram a super lua nesse dia, nem sequer fizeram amor nesse dia. Perderam o amor e perderam a lua. Não me pude esquecer como foi lindo de se ver nesse dia a super lua, a quase 400 mil quilómetros da Terra, a subir super rápido numa forte luz cor de laranja e a “meter-se” por dentro de uma nuvem e a “sair” depois dela numa nova cor, numa impressionante cor amarela deixando um exclusivo contraste com o céu negro de nuvens que se viam com os seus contornos suaves branco-cinzentos. Se o céu estivesse ocupado cheio de drones-robots a andarem de um lado para o outro, a entregarem

coisas de um lado para o outro, a entregar encomendas em horas low-cost, com luzes irritantemente a piscarem e a competirem com as luzes das estrelas, eu não teria visto a super lua a mudar magicamente de luz. Vi essa super lua num jantar que montámos no terraço do prédio da Costa de Caparica com o Jakob, a Sarah, a mãe deles e com o Thiago. E foi à luz desse luar que eu adormeci com o Jakob completamente dentro de mim. Vi essa luz graças à tecnologia das lentes de contacto que ainda tinha postas nos meus olhos. A minha miopia não me autorizava nem me destinava a ver como era a lua. Foi preciso pôr uma tecnologia nos meus olhos, para ver como eram as crateras da lua. E lembrei-me no dia a seguir, que se eu queria continuar a ver as crateras da lua à noite, tinha que pensar em arranjar uns óculos novos, porque não podia estar sempre com as lentes de contacto, nem podia ir a correr colocá-las, só para ver as crateras da lua, quando já tinha estado com as lentes postas o dia todo nos olhos e já as tinha tirado para descansar os olhos. Os olhos também precisam de descansar da tecnologia. E fui à loja dos óculos onde o Jakob tinha comprado os dele, porque eu queria andar com uns óculos iguais aos dele. E na loja da Costa de Caparica a optometrista disse-me que os óculos que eu queria já só existia um último par, que estava longe, numa loja em Santarém, dizendo-me como se Santarém fosse algo do outro mundo... E eu disse-lhe que era de Santarém e que ia para Santarém no dia a seguir. E quando saí da loja, recebi uma fotografia do Xico a mostrar-me que estava a passar naquele exato momento uma das pontes de Santarém, a Salgueiro Maia. Já nada me assustava. Não havia espiritualismo nenhum nem Internet das Coisas que me pudesse assustar. Sabia que tinha que voltar a Santarém. E, donde eu estava, na Costa de Caparica, sabia que para chegar a Santarém, tinha primeiro que atravessar a Ponte Salazar e depois a Ponte Salgueiro Maia. E tive que ver a tecnologia que ligava estas pontes. Como tive que ver a tecnologia que ligava os drones aos robots. E tive que ver os drones-robots a aparecerem e a

transformarem-se depois noutra coisa. Os drones-robots que foram moda, deixaram como todas as modas, de serem modas e tornaram-se só um lixo metálico, é claro, pronto para ser reciclado, para se metalizar noutra coisa... Mas o metálico espírito da Jupiter Editions a ver todas estas metalizações e oxidações e reduções do ferro, foi sempre o mesmo metal. Não virámos sucata, nem nunca mandámos nada para a sucata! Continuamos a entregar os nossos livros nos nossos bonitos carros cor de laranja e pretos da cor do universo com a luz e o brilho das estrelas a dar a música que nunca nos fez parar. Eu e o Jakob, entregávamos os livros sempre a dançarmos. Às vezes entregávamos com a Shelter do FINNEAS... Sabem qual é? Aquela, do «tum, turu, tum, tum, tururu, tum they call us lucky 'cause the way you love me, give me, give me shelter from the storm...»...

— Sim, pai... A música oficial para abrir e fechar o pano dos teatros da Jupiter Editions que o pai tinha sempre que ouvir para ganhar forças para aparecer no palco a dançar...

— Porque é que o tio deixou de fazer teatros?

— Oh...! Fiz tantos... Agora estou cansado. Agora gosto é de ir a um teatro da Jupiter Editions sem ter que me preocupar com nada. Agora gosto de comprar o bilhete e pronto. Também tenho direito em ser um espectador dos meus próprios espetáculos ou não, Thomas?

— Claro que sim, tio.

— E também queria ter direito e tempo para poder ler os livros que editei. Também queria poder sentar-me na sombra de um colmo da praia da Cordoama e ler *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto, para ver se via mais outra estúpida mãe que estivesse a fumar um cigarro eletrónico que nem uma estúpida chaminé com uma barriga de

bebé. E na sombra de um colmo na praia da Cordoama, eu via como fazia sentido toda a escrita que a Jupiter Editions tinha imprimido sobre as ondas e sobre o surf, porque ela acabou, afinal, por nascer para o mercado numa praia de surfistas. Aquilo que tinha acontecido à Jupiter Editions, de ter ido para “o cantinho”, fez parte da praxe. Como se fosse uma escola de surf, a Jupiter Editions “tinha” que passar por isso. Quando uma nova escola de surf tentava nascer, as outras todas juntavam-se e mandavam a nova escola para o cantinho da praia onde não houvesse ondas para apanhar, não deixando a nova escola apanhar boas ondas. Talvez, tivesse que passar por esse dissabor para ter, nisto tudo, um verdadeiro sabor. Dizia o meu pai “que fazia parte do processo”. E que “o processo da vida” era uma longa corrida cheia de corridas de cruzamentos e entroncamentos que iam sempre dar a novas corridas. Para o meu pai, eu estava num permanente processo, numa interminável corrida. Numa corrida que nunca mais acabava. Vi numa das minhas corridas que a Barriga estava deserta e ouvia todos a dizerem que iam e queriam concessioná-la. Ouvi até uns putos ingleses a desenharem um novo bar por cima das dunas. Eu sabia que aquele bar deles e que aquele sotaque deles não podia ali vingar como vingou na Praia da Luz, em Lagos, que uma vez contra a nossa Constituição hastearam uma bandeira inglesa numa praia portuguesa. E eu ouvia-os a falarem corretamente da legislação portuguesa e sabia que eles sabiam a quem se tinham que dirigir para começar a explorar aquela praia e ouvi-os ainda a discutirem os ordenados dos salva-vidas, se iam pagar 700 ou 800 e que os podiam pôr a dormir na caravana que tinham estacionada, ilegalmente, ali perto. Lembrava-me que em Vilamoura tinha havido uma bronca com um salva-vidas que por ter as unhas pintadas de preto e usar anéis com caveiras e pulseiras com picos ter sido expulso pelo concessionário e nessa sua expulsão ter vindo dizer pelo Facebook que o concessionário milionário metia os salva-vidas a dormirem em roulottes no parque de estacionamento da praia milionária e que para os

salva-vidas ganharem o almoço tinham que conquistar o coração do concessionário, por exemplo pondo “como deve ser” todas as manhãs as espreguiçadeiras, porque a concessão milionária não tinha milhões para contratar um colaborador que fizesse isso todas as manhãs e se quisessem ganhar o jantar teriam que arrumar no final do dia todas as espreguiçadeiras num “bonito trabalho” que foge completamente às competências de salva-vidas. E neste novo pintar de unhas que até a mim me chocava, vi que o choque de valores era isso mesmo, que tinha que chocar uma vez, para não chocar mais e que eu não podia ficar mais chocado, porque estávamos no século XXI e que por muito que eu não quisesse pintar as unhas de preto, por muito que eu achasse horrível um rapaz salva-vidas pintar as unhas de preto e andar com anéis com caveiras e pulseiras com picos, eu tinha que saber ver e ultrapassar e se quisesse continuar a julgar, teria que o fazer sozinho com a minha mente ou gozar em segredo com o Jakob; porque podemos gozar, desde que o nosso gozo não chegue aos ouvidos e não interfira com quem estamos a gozar. O importante é não interferir com as mentes. O importante é conseguirmos chegar a este nível intelectual do que é liberdade e deixa de ser liberdade. Porque eu posso gozar na minha intimidade, com os meus amigos ou com o Jakob sobre quem quiser, o que eu não posso é deixar esse gozo interferir com quem estou a gozar. E vi que estávamos afinal ainda muito confusos sobre o que era liberdade de expressão e vi que era isso que estávamos ainda a discutir em 2020 numa grandíssima confusão de valores, de liberdades e garantias. E vi que eu não podia estranhar um médico ser todo tatuado, por muito que eu e o Jakob não nos tatuássemos. Vi, no entanto, que se talvez o médico que me ia operar tivesse uma tatuagem com uma pessoa com o pescoço partido e com um jato de sangue, que eu, sendo paciente, ou dono do hospital, poderia não aceitar aquele médico, enquanto tivesse aquela tatuagem, que como é natural poderia chocar num ambiente de saúde, paz e medicina, mas que não me poderia

importar se a tatuagem tivesse sido feita no braço do meu personal trainer ou do meu disc jockey, por exemplo, ou do meu professor de natação. Vi que seria “normal” e até natural que um governo proibisse os policiais de terem tatuadas mensagens nazi, mas também os símbolos? E se um polícia nem sequer soubesse que tinha tatuado um símbolo que estava associado ou que um grupo qualquer o que tinha associado ao nazismo? E vi o governo, numa estupidez que não tem outro nome, a proibir polícias de terem bigodes enrolados. Um dos meus amigos da Autoridade Marítima, tinha um bigode desses e eu tinha que ver um governo a trazer a tesoura e a cortar-lhe o bigode?????? Vi também um decreto que queria ser uma lei de um concurso público que dizia que quem queria concorrer para guarda florestal não podia ter cáries???????? Mas qual era ligação de uma coisa com outra? Se ainda fosse um piloto ou um mergulhador eu percebia e via a ligação, porque a pressão pode interferir num dente que esteja cariado. E tive que ver estas ligações sem sentido nenhum, e foi tudo ao mesmo tempo que tive que ver. Tudo ao mesmo tempo que tive que andar a ligar e a desligar. E no meio de tantas ligações, é claro que as pessoas se perdiam, porque vi pessoas a não saberem ligar as coisas. Vi pessoas a perderem a realidade sobre tudo e todos. E vi um governo que não sabia ligar coisas a querer instalar uma Internet de Coisas e Antenas de 5G????????? E um Direito, que com um Código Civil e com um Código Penal não era capaz de se chegar à frente com a merda dos drones? Eu tinha drones a voarem em cima de mim e o Direito não dizia nada? Pior! É o Direito sabia! E via os drones, por cima de mim, a sobrevoarem-me, como se fossem abelhas... Abelhas-robot????????? Bebés-robots????? Mulheres-robots que dão à luz bebês-robots???? Às tantas sou um robot. Tenho algoritmos básicos. Sou um robot-escritor. Estou sempre a escrever o mesmo. Parece que estou sempre a escrever o mesmo. Mas se estou sempre a escrever o mesmo, é porque eu queria ver o Direito que eu vi quando entrei na Faculdade de Direito. Parece



que chegámos ao topo da iluminação e depois caímos a pique. Uma luz cegou-nos. Só pode. Ficámos cegos. O Direito cegou e nós cegámos com ele. Eu era cego pelo Direito. O meu namorado era o Direito. Eu deitava-me na cama com ele com os códigos na mão. Mas o cabrão traíu-me. Foi para cama com outros. Quando eu cheguei ao Direito, aprendi que uma mulher se estivesse de bebé podia sim mentir para conseguir o emprego. Quando eu cheguei ao Direito aprendi que o Direito À Mentira era um verdadeiro direito fundamental! Quando eu cheguei ao Direito, nenhum empregador podia colocar câmaras a apontar diretamente os seus trabalhadores, nem os monitorizar através de aplicações. Como era óbvio que se numa entrevista me perguntassem se era verdade que eu tinha namorado, eu podia responder que a empresa não tinha nada que ver com isso, nem sequer me podia perguntar isso. Chumbei no último ano, porque tinha que abrir o manual de Direito de Trabalho, que não abri, de um regente que escrevia que a vida íntima do trabalhador, ainda que não tivesse qualquer impacto no desempenho profissional do mesmo, podia em qualquer momento ser conhecida e prejudicar a imagem da empresa, e que por isso, o patrão podia perguntar sobre o estado da gravidez da mulher candidata ou contratada ou perguntar ao trabalhador sobre os seus projetos de vida quanto a casar e ter responsabilidades familiares e a perguntar se o seu trabalhador era gay e se fosse gay se era passivo ou se era ativo ou se era versátil e gostava de levar e dar no cú.

— Tal e qual como os bancos perguntam...

— Pois, Thomas! Foi culpa destes senhores doutores que andaram a elaborar códigos civis, códigos do trabalho, constituições e orçamentos de Estado e num direito empresarial e bancário que inventaram como Cavaleiros Orçamentais assaltaram a lógica dos bancos. Bancaram os bancos com ideias estúpidas. Diziam que um gay

não podia ser segurança nocturno num lar de rapazes, sustentando esta sua afirmação com o maravilhoso “académico” argumento que “não valia a pena fazer apelos aos politicamente correto, nem crucificar os estudiosos que se limitam a relatar o dia-a-dia das sociedades” porquanto “o Direito viva de factos e não com ideologias”. Factos, uma ova! Era uma merda de preconceito que estes professores de merda, porque não posso chamar-lhes senão outra coisa, traziam enraizado das escolas nazis onde tinham andado. Chamaram-me a mim, e a todos os homens que amam outro homem, pedófilo e eu não lhes posso chamar professores de merda que não deviam estar a dar aulas numa faculdade de Direito? Ia o quê? Ficar a ouvir isto? Com os meus 28 anos ia ficar ali sentado a ouvir um professor a dizer que um gay não podia ser segurança à noite num lar de rapazes? O que ele estava a pensar por trás daquilo que disse é que um gay seria necessariamente um pedófilo ou tornar-se-ia um pedófilo num lar de rapazes à noite. Então e um segurança heterossexual num lar de raparigas? E num infantário misto? Talvez seja melhor para um infantário ou creche ou escola primário onde há crianças do sexo masculino e do sexo feminino termos um segurança do terceiro género ou que seja comprovadamente assexuado, que tal? Que paciência, para o Direito! Que inferno, de Direito! Os nazis mexeram com o Direito! Inventaram um Direito que fez sangue por todo o lado! Sabe o que são os nazis? São pedófilos! São muito inteligentes. Dizem que os outros são pedófilos, para poderem serem pedófilos por detrás de um fato e gravata. O disfarce perfeito. Mas com fato e gravata eu via que tinham cara de pedófilos! Eu sou um robot! Deteto tudo! Só de ouvir a voz de alguém, vejo logo se está com depressão. Só de ver a “grande testa” que esconde o cérebro, vejo logo se é canibal, nazi ou pedófilo. Odeio pedófilos! Quero lá saber se é uma doença! Quero lá saber! Se é uma doença deviam estar compulsivamente internados numa psiquiatria e não andarem a passear de fato e gravata numa Faculdade de Direito. Falavam mal das

mulheres nos seus programas de Direito Processual Penal e Direito Penal IV? Só um pedófilo é que diz que um gay é necessariamente pedófilo. Só um pedófilo chama as mulheres de “canalhas” e “desonestas”. Só um estupor, um cabrão de merda, que não devia dar aulas na Faculdade de Direito pode dizer que as feministas são criminosas ou defender a inferioridade da mulher e o estatuto de submissão das mulheres e justificar a violência doméstica. Dizia e escrevia numa revista jurídico-científica de Direito Civil que a mulher tinha inveja de não ter nascido com uma pila, com o poder que a pila dava ao homem e que por isso, as mulheres eram umas “ressabiadas” com um ressentimento de ódio e vingança que levava ao feminismo político, assumindo-se como “genocidas dos homens” e que as feministas eram como “nazis” de género. Eles chamavam nazi às mulheres e eu não lhes podia chamar nazis? Eles é que tinham andado na escola nazi. Por isso é que não abri o manual deles e chumbei a Processo Penal. Não iam ler coisas que tinham saído da mente-nazi. Não ia ler coisas da mente-nazi capaz de dar cabo da minha raça. E não era por eu não ter aberto o Código de Processo Penal ou um manual de Direito Processual Penal que isso significaria a morte jurídica da minha raça. Vi o Processo Penal ao vivo e a cores. No dia em que os livros do primeiro plano editorial da Jupiter Editions foram virtualmente lançados fui constituído arguido. A polícia bateu-me à porta para ir à esquadra prestar declarações por causa d’*As Jóias da tia Giralda*, que deram um livro. Telefonei aos meus professores de Penal, a doutora Sónia e o doutor João. Antes de terem sido seus professores, foram primeiro meus professores! Estes brilhantes professores!

— O pai nunca me contou isso!

— Assim como apareceram lá no seu club a voar *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto, também apareceram no tribunal como

meus advogados. Eles nem estavam a exercer. Tinham suspenso a atividade na Ordem dos Advogados, porque estavam numa completa dedicação pelo Direito. Graças a eles é que o Direito passou de torto para Direito. Quem foi tirar os charros da boca do Direito foram estes brilhantes penalistas! Quando eles viram a armadilha tecnológica em que a minha própria família me tinha metido, eles foram tratar de abrir a atividade. Porque o Ministério Público mandou arquivar. Mas eles sabiam que se a Giralda inventasse e trouxesse novos factos podia pedir excepcionalmente a reabertura do processo. E também sabiam que eu só queria ter dinheiro para lhes pagar para serem meus advogados contra a Giralda no processo de difamação que eu queria abrir contra ela.

— O tio teve que passar por isso tudo?

— Sim. Sem vendas, sem nada. A ver tudo e a ver nada. A ter que ser um polvo e a ver que tinha que tentar as mil e uma hipóteses que eu vi. Vi tudo ao mesmo tempo. Vi que tinha mesmo que ser empresário. Que tinha que empresariar as minhas ideias e que o tinha que fazer sem capitais próprios, porque nenhum banco iria bancar as minhas ideias. Os bancos estavam a bancar os maus. Não estavam a bancar os bons. E eu precisava de financiamento. Precisava de financiar a minha voz. Porque eu via que a minha voz merecia ser financiada. E neste meu financiamento de ideias, eu sabia que tinha mesmo que conseguir um financiamento para me livrar de patrões que invocassem os regentes da minha faculdade, instalando câmaras e microfones no meu local de trabalho. Porque assim, eu não queria trabalhar! Assim, eu não ia trabalhar de certeza! Eu queria era dançar! Queria escrever! Escrever era o meu trabalho. Eu nunca tinha conseguido dizer, mas eu tinha que ter coragem de o dizer: eu era escritor. Eu afinal, era um escritor. Escrevia sobre tudo. Não conseguia parar de escrever. Só queria escrever. Só queria estar em paz para poder escrever aquilo que

ainda não tinha podido escrever. Ainda não tinha tido tempo para me sentar, respirar, olhar à minha volta, chorar e escrever. Porque eu gostava de escrever a chorar. Gostava de dançar. Porque eu posso trabalhar a dançar, porque eu posso escrever a dançar e tenho o direito de trabalhar e escrever sem nenhuma câmara de vigilância seja por drone, seja por telefone, seja pelos olhos de um inseto pelo que seja, me limitar ou monitorizar a expressão.

— O tio escreve a dançar?

— Sim, Thomas. Escrevo a dançar. Faço tudo a dançar. Vivo a dançar. Crítico a dançar. Até corro a dançar.

— Dance lá agora, pai! Dance! Dance! Dance!

— Eh, lá! Tio!!! Eh, lá!!!

— Dance mais pai, dance! Mexa essa bunda! Mexa! Mostre-me lá a raça desse seu bum bum! O Jakob não é paravilhão nenhum. Imagino esse bum bum a trabalhar ao colo do Jakob.

— Antoine!!!!

— Que foi, Thomas? Pensas que eu não sei que tu também não és paravilhão nenhum? Sei muito bem que estás sempre a olhar para o meu bum bum. Tenho o bum bum do meu pai, olha lá! Olha-me para ele, ainda não parou de dançar! É mesmo uma criança! Pai, nós já não vamos almoçar, vamos jantar... Como foi a outra vez, o nosso almoço vai ser é um jantar das 10 horas e tal...

— Não! Os meus melões! Ainda queria comprar melões verdes de Almeirim na estrada de Almeirim...

— Não está a ver daqui, pai?... Já estão a barraquinhas todas da estrada a fechar...

— Não é verdade! Os meus melões! Que horas são?

— Horas de pedir desculpa ao restaurante por não termos ido almoçar e horas de marcar mesa para jantar.

— Quando eu era mais pequeno, todos os domingos ia com os meus pais almoçar a Almeirim. Gostava muito de fazer a estrada de Almeirim. Ficava tão feliz só por ir almoçar a Almeirim. À volta, parávamos sempre na estrada para comprar melões. A passar a ponte D. Luís I, para este lado, com a janela sempre a deixar-me sentir o vento tecnológico, via a Ponte Salgueiro Maia que vi a ser erguida em 2000 com os meus 8 ou 9 anos e via o comboio a passar rente ao rio por debaixo dos contrafortes das muralhas da Porta do Sol que nos encostam aqui as costas. Parecia que já lhe sentia o maravilhoso cheiro enferrujado da linha do caminho-de-ferro. Sabia que no dia a seguir ia andar de comboio porque ia para o trabalho do meu pai. Como eu gostava de entrar pequenino no tribunal com o meu pai. Achava que quem fosse juiz, magistrado ou advogado era dos bons e que os bons eram todos um exército da paz que combatiam todos pela mesma voz e que essa voz se chamava Direito. Achava que o Direito era universal e era igual em todo o lado. Podemos ser tão felizes na inocência e na simplicidade, não é? O meu pai nunca me contou como foram os tempos na Faculdade de Direito no tempo dele. Nunca me contou sobre broncas em que os regentes da Faculdade de Direito andaram metidos. Nunca me contou que antes da Ponte Salazar ter sido erguido sobre o Tejo antes do 25 de Abril de 1975, a Faculdade de Direito tinha sido um verdadeiro campo de concentração, em que a Associação de Estudantes estava encerrada e proibida de funcionar e que as suas

instalações eram vigiadas por seguranças heterossexuais, pedófilos e nazis que violavam com prazer a mente e o novo espírito jurídico dos miúdos. Um porteiro e vários contínuos eram da PIDE/DGS. Sabem o que era PIDE? Era uma polícia política capaz de entrar em minha casa às horas que quisesse e ler, rasgar e censurar toda a minha escrita e mandar-me prender e torturar-se se eu escrevesse sobre isto. Era uma polícia que se me visse reunido num piquenique com o Jakob, com o Thiago e com a Sarah que nos prendia ou nos mandava dispersar porque não eram permitidos ajuntamentos, nem telepatias, nem filosofias, nem magnitudes cerebrais. Eu não vive o tempo da PIDE/DGS, mas com os recolheres obrigatórios e com o confinamento obrigatório e com a proibição de ajuntamentos de pessoas na rua por causa do vírus tecnológico, parece que tecnologicamente pude ser teletransportado para esses tempos em que não vivi. Havia polícia de choque à porta da faculdade sempre pronta para chocar com novos pensamentos jurídicos. O meu pai nunca me contou, esteve sempre calado pelo Sistema Velho, porque foi o Sistema Velho que o traumatizou quando lhe apontou uma arma para o manter calado, enquanto o violou. Soube depois com os meus 28 anos, através da sociedade de informação tecnológica. Para mim o comunismo é ver um exército de proletariado como se fossem robots chipados a gritarem “tudo pelo patrão, nada contra o patrão”. Para mim o comunismo é um governo mandar o povo tecnológico estupidamente burro e tacaño instalar aplicações no telefone ou nos óculos de realidade virtual aumentada que têm acesso à câmara ou aos olhos e ao microfone ou aos ouvidos e ver o povo burro, estupidamente burro, estupidamente cego, a mandar instalar o próprio povo como se fossem robots chipados a gritarem “tudo pelo Führer, nada pelo Führer”. Isto é que é um comunismo de dados. Câmaras a filmar isto quer dizer que estamos num comunismo de dados. Quer dizer que estamos numa ditadura comunista. De vomitar! Eu vomitava-me todo!

— Se o pai nasceu em 1992 e se isso foi em 1975, quer dizer que foi por um triz de 17 anos que o pai não se vomitou todo. Imagino o vômito jurídico. O vômito de leis.

— Com os meus 28 anos, tive que ver a Faculdade de Direito na boca das notícias pelas piores razões com regentes a darem cabo e a inverterem todos os direitos fundamentais da privacidade e da intimidade, da liberdade de expressão e do livre desenvolvimento da personalidade, a fazerem zoom à personalidade do nosso espírito. Regentes só a escreverem merda! Vi regentes a escreverem merda! Vi regentes a escreverem merda de novos direitos que destruíam, e destruíram, todo o Direito! O Sistema Perfeito veio consertá-lo! Veio dar uma mãozinha ao Direito, porque o Direito estava mesmo a precisar... E depois eu, *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto, tinha que andar a escrever por cima da merda que eles tinham escrito! Mas quantas vezes mais é que eu teria que escrever, deixar escrito, registar, deixar registado, que uma câmara ou um drone com câmara violam para além dos meus direitos de imagem, intimidade e privacidade, também o meu direito fundamental de liberdade de expressão? Se uma câmara limita-me os movimentos, limita-me os risos e as gargalhadas, limita-me as danças enquanto me divirto ou trabalho e se eu posso trabalhar a dançar, como divertir-me a trabalhar se tiver um bom patrão, como pintar a dançar, como escrever a dançar, uma câmara contra o meu direito de não ser filmado, vigiado ou monitorizado não pode nunca, mas nunca vencer! Venha a merda de código que vier feito pela demoníaca mente ou pelo cérebro doente que perdeu a lucidez, não pode vencer a voz da razão nem o espírito inteligente! Porque o Direito é a voz da razão e tem um corpo alimentado por um espírito inteligente. É isto que é o Direito. Quiseram foi penetrar o Direito. Quiseram foi drogar o Direito. Como quiseram foder a Psicologia toda. Com psicólogas podres de boa, claro



que queriam foder a Psicologia. Os psicólogos eram todos uns maricas. E o mercado sabia disto. E por saber, é que o mercado quis foder a Psicologia toda. E tive que ver tudo isto.

— E o pai não viu que quem tinha que mandar nisto tudo era o Direito e a Psicologia?

— Quem devia mandar em 2020 era o Direito e a Psicologia. Mas para mandarem, o Direito e a Psicologia têm que estar lúcidos. Não se podem drogar. Se se drogam, perdem a noção do que é o mercado e claro que o mercado captura. E eu vi o Direito e a Psicologia a serem os dois capturados pelo mercado. Por ter visto, é que quem hoje manda é o Direito e a Psicologia! Eu só quis informar o Direito e a Psicologia do que se estava a passar.

— Desculpe lá informá-lo, mas quem manda nisto tudo não é o Direito nem a Psicologia... Deviam ser... Mas quem manda nisto tudo é o Sistema Perfeito.

— E o que é o Sistema Perfeito, meu filho?

— Não é de certeza o Direito e a Psicologia que me dizem que eu tenho que pagar um imposto por não ter câmaras no meu estabelecimento comercial porque não estou a colaborar com o mercado de dados, que o estou a frustrar e sou um cancro da nova economia.

— Ó meu paraválhão...! Mas qual nova economia? O mercado de dados vem muito antes de 2018. Se não fosse o Direito e a Psicologia a hackearem o Sistema Velho, você hoje nem ao luxo se podia dar de poder ter a liberdade de ter um estabelecimento comercial sem câmaras de vigilância. O Sistema Perfeito é muito lúcido e

transparente em relação à tecnologia. Estamos numa liberdade tecnológica. Quem não se importa de ser processado sabendo que existe um mercado a processá-lo, o Direito não se mete. E eu acho muito bem, já somos todos crescidos e informados. Agora estamos todos informados.

— Deve estar a gozar comigo, só pode. O Direito está metido nesse mercado! Se eu não fosse “rico”, tinha drones a voarem-me por cima do meu jardim... Onde é que está o Direito e a Psicologia disto?

— Não sei o que é que você anda a ensinar aos seus alunos... Sabe muito bem que se um drone voar por cima de si, é um drone que não está a filmá-lo. É um drone de entrega, por exemplo, sem câmara de filmar. Sabe que há regras para usar drones... Estamos em 2080! Não estamos em 2020. Em 2020 e nos anos a seguir é que foi um stress. Foi um stress até chegarmos hoje aqui.

— Eu acho que o pai não está bom da cabeça. Não está a ver como as coisas estão. Deve pensar que isto é o *Jupiter* de Gabriel Garibaldi... Deve achar que não há uma dark net. A dark net é mais do que real!

— Hoje, temos uma polícia tecnológica e um tribunal tecnológico muito fortes capazes de bloquear uma dark net e verem quem é que está nela, conseguimos ver as ligações todas, quem está a aceder, sabemos quem são e quem vamos prender. No meu tempo é que não. Eu é que tinha que me preocupar com a dark net. Não são vocês. A dark net é do meu tempo. Não é do vosso. Não pode ser do vosso!

— Às vezes, juro que não o percebo. É tão lúcido, tão lúcido, mas depois parece que se perde na sua lucidez... Diz coisas sobre o

Sistema Perfeito que não são verdade. Parece que não consegue ver os erros genéticos do Sistema Perfeito. A dark net é do nosso tempo! E digo-lhe mais, o Sistema Perfeito...

— Ai, cale-se! Cale-se! Erros genéticos? O Sistema Perfeito nasceu perfeito! Sem erros. A tecnologia é que pode ter feito erros nos seus genes. A tecnologia pode ter alterado os genes, não sei... Não tenho posto os pés no Sistema Perfeito, é verdade... Mas tenho a desculpa da idade... A última vez, foi... Foi porquê? Ah! Não me lembro! Como é que não me lembro!? Já me esqueci?

— Porque é preciso uma paciência para os teatros do pail...

— A sério...! Parece que às vezes me esqueço das coisas... Será que estou mesmo a ficar velho? Só tenho ainda 88 anos... Pouco importa, também... Mas disse erros? Se há erros, é só editá-los. Afinal para que serve a edição genética? Não é para editar erros genéticos? Eu não vejo hoje erros nenhuns. Mas se vê erros, já que você está sempre a bater à porta do Sistema Perfeito, a próxima vez que entrar, entre e corrija os erros. Você pode corrigi-los. Não se esqueça que o Sistema Perfeito é muito democrático. É ainda mais democrático do que quando existia a chamada “Democracia”. Agora a democracia é outra. Estamos numa ditadura democrática. Quem dita são os algoritmos. Estamos numa democracia algorítmica. E se os algoritmos que inseriram no programa foram “democracia”, “ambiente”, “Psicologia”, “Direito”, “Pegada Ecológica”, “Big Data”, “juíça antecipatória”, então é porque estamos uma democracia tecnológica, ambiental, científica, económica, de ações e valores cotados na bolsa. Se calhar, é por isso que não gosta tanto como eu do Sistema Perfeito. Porque ainda não conseguiu encarar o facto de estarmos todos cotados na bolsa. Hoje, somos nós que somos a bolsa de valores. Os nossos dados

valem imenso. Valem milhões. Mas, se você quiser, se você for inteligente, você pode ser o principal acionista dos seus dados. Pode, com os seus dados, construir uma torre igualzinha à torre do Big Data d'O *Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom e ser dono da sua torre de dados. Pode até vender os seus dados, pode criar uma empresa com todos os seus dados e ser o sócio majoritário dos seus dados ou entregar a gerência por amor, da sua empresa de dados, ao seu marido. Foi isso que eu fiz. E foi o que o Sistema Perfeito, com a Psicologia de Mercado e com o Direito Comercial fizeram. Foi este o triângulo que eu vi e quis entrar com o Jakob.

— Que bonita história de amor só para dizer que ama e pertence ao Triângulo.

— São 3 os meus vértices: o amor, o Direito e a Psicologia. O Triângulo é feito disto.

— O Sistema Perfeito é tão amoroso, tão amoroso, que até tem que instalar câmaras à porta para ver como o pai vê como ele é amoroso... Tão amoroso... Sabia que o Triângulo tem câmaras?

— Tem câmaras?

— Sim, pai... Tem câmaras...

— Ah! Não me diga... Mas quem é que as mandou instalar???

Terá sido o Xico? Não, o Xico não pode ter sido... Será que foi a Joana? Também não pode ter sido a Joana... Será que foi o Jakob? O Vandame? O Russo? Ou será que foi alguém da sagrada irmandade? Talvez tenha sido alguém da sagrada irmandade... Vamos! Venha com o papá... Vamos já os dois falar com a sagrada irmandade do Triângulo para desinstalar as câmaras, porque o meu querido filho quer voltar a

fechar os olhos no abrenúncio até os sinos pararem de tocar, não é verdade? Parece que se esquece, que o Sistema Perfeito foi hackeado por uma China que nos pontua a todos. Parece que se esquece que o Sistema Perfeito nesta Era tecnológica é o sistema que mais direitos, liberdades e garantias nos dá. Olhe lá para fora! Saia do sistema e olhe lá para fora e veja como estão as coisas! É fácil esquecermo-nos que estamos “por dentro do sistema” e que é importante a Administração Pública, o Fisco e este Triângulo continuarem a ver-nos a ir à Basília da Rosa dos Ventos. Não se esqueça que lhe foi concedido um “crédito espiritual”. Ou pensa que eu não sei que também já não experimentou esta tecnologia dos dados? Experimentou, mas de uma maneira legal. Foi graças à sagrada irmandade do Triângulo que conseguiu capturar o espírito do Pietra, teletransportá-lo para sua Biblioteca de Almas e entregá-lo à Administração Pública como um algoritmo. Inventou um novo algoritmo. Patenteou a sua tecnologia. Registou.

— Tive que pagar o registo. Tive que pagar cada registo. Para registar cada coisa minha tive que registar. Os registos levaram-me à falência. Ter que ter dinheiro para poder registar uma coisa que é minha? Quando é que isto vai acabar?

— Nisso concordo, consigo. É horrível sermos um poço de ideias e um poço de criatividade, mas depois não poderemos fazer nada com elas, porque não temos dinheiro para as registar. Talvez possamos fazer alguma coisa sobre isso... Agora contra o mercado negro internacional? Veja bem onde se pode meter e onde se quer meter! Não gosta do mercado negro, faça como eu, ignore-o! O Direito Penal Internacional é que tem que fazer alguma coisa! Você não é o Direito Penal Internacional! Quer ser tantos direitos ao mesmo tempo, pode ser, também fui, mas seja um desses direitos! Não seja todos ao mesmo tempo. Especialize-se. Especialize-se num. Você até já se especializou

em 5. Não se especializou em Direito Penal Internacional. Mas alguém se especializou. Seja um dos seus direitos. Use um dos seus direitos. Se for um desses direitos, pode dar ideias ao Direito Penal Internacional. Escreva, fale para ele. Mas se quiser defender mesmo os seus direitos, defenda-os primeiro junto do Sistema Perfeito.

— É o que eu ando a fazer...

— Então do que é que se queixa? Lá fora ninguém o ouve. Mas cá, o Sistema Perfeito ainda tem ouvidos para si. Sabe muito bem que em Portugal, pode andar de bicicleta sem ter que ter um telefone ou sem ter que ter um capacete inteligente e tem ciclovias construídas para si, que foi o Sistema Perfeito, com a sua Psicologia e com o seu Direito que mandaram construir para si. O Sistema Perfeito não o deixou de fora. Acha que lá fora, não ficava de fora? Talvez a Suécia ou a Dinamarca o compreendessem. Talvez a Noruega ou a Finlândia, hoje, nos compreendessem. Talvez hoje, os algoritmos das câmaras da Alemanha não nos prendessem e até nos convidassem para fazermos parte do programa de Inteligência Artificial que d'O *Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom conseguiu lá instalar. Mas ficámos em Portugal. Estamos em Portugal. E em Portugal, a tecnologia d'O *Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom consegue chegar a nós. Como pode você não acreditar n'O *Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom?

— Mas eu acredito. Sei que ele é real. Mas gosto mais de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi.

— Eu sei que acredita. Só o queria ver a dizer que sabe que Ele é real. E sei muito bem que por saber que Ele é real, nunca vendeu criminosamente dados no mercado negro internacional.

— Não foi por isso que não vendi. Não vendi, porque não sou nenhum vendedor de dados.

— Mas você já vendeu dados.

— Não, não vendi.

— Vendeu ao Sistema Perfeito. Vendeu-se ao Sistema Perfeito.

— Não vendi nada ao Sistema Perfeito. Muito menos me vendi.

— Vendeu. Vendeu-se ao mercado. Afinal, você é um vendido!

— Mas vendi o quê?

— Vendeu a sua Biblioteca de Almas. A sua biblioteca é o quê? São dados espirituais. São espíritos. Você vendeu espíritos à sagrada irmandade do Triângulo. Você vendeu espíritos, porque você não tem medo dos espíritos. Porque sabe ser um espírito. Sabe estar verdadeiramente com o espírito nas coisas. Sabe ver que as coisas são económicas. Sabe ver que as coisas são jurídicas. Sabe ver que as coisas são administrativas. Sabe ver que as coisas são fiscais. Sabe ver isso tudo. E por saber ver isso tudo, como eu soube, é que entrou no mercado de dados, olhou para si e viu a mercadoria que toda a gente viu que você era e trazia e viu como toda a gente o viu como era uma mercadoria e viu como éramos todos uma mercadoria.

— Eu não acho que seja uma mercadoria.

— Pode dizer o que você quiser. Mas eu sei o que você sente e sei o que você vê, porque o que você viu, eu também vi através dos

seus olhos. E não os chipei. Não chipei os seus olhos como todos os outros pais fizeram aos seus filhos. Não sei o que é que a Dulce lhe disse, mas eu nunca ouvi nem vendi gemido nenhum seu. Simplesmente fui um deus tecnológico e hackeei todos os microfones e todas as câmaras que pude e vi que você tinha nascido com uma tecnologia: com a inteligência. Não sei como é que você geme. Não sei como que é o Thomas o faz gemer. E é importante eu não saber como é que o Thomas o faz gemer. É importante eu nunca o ter ouvido a gemer. E quase que posso apostar que o mercado negro internacional por muito que queira ouvi-lo a gemer, não tenha tido o prazer de o ouvir a gemer e aposto também que nunca o ouvirá a gemer, porque você é inteligente e nunca lhe dará esse prazer. Porque você sabe fingir esse prazer. Sabe fingir esse prazer de dados. Esse prazer de dados que é. Você sabe fingir. E como sabe fingir, sabe o que é não ter prazer nenhum nesse crime de dados. Como deus tecnológico que sou, sei muito bem que nunca vendeu dados no mercado negro internacional. Sei muito bem que não vendeu nem os dados do Pietra, nem os dados da Amanda, nem os dados do Guterres...

— Nem os dados do Brioso, nem os dados da Audrey...

— Sei muito bem que andou com eles e fingiu ser um deles. Teve que fingir para andar com eles. Às vezes, os bons têm que saber fingir gostar dos maus quando os maus exercem uma certa tensão no espírito. Sei muito bem que sabe o que é o mercado negro internacional. E sei muito bem que sabe quem é que lidera esse mercado. Sei muito bem que sabe como são poderosas as alianças que lideram esse mercado. São espíritos malignos. São espíritos malignos que nos querem devorar com uma enorme tusa o nosso sagrado espírito. Os espíritos malignos sabem como é sagrado o nosso espírito. Mas só se pode agarrar ao espírito do Direito e rezar para que o Direito



ganhe o braço de ferro. Não se esqueça que quando há um mercado, há uma pressão de mercado e essa pressão sente-se sobretudo no Direito. Não se esqueça que o mercado é internacional. A pressão vem lá de fora. Não se esqueça disso. Há braços de ferro que se têm que fazer. O que eu defendo é o que o Direito tem que ter músculos para este braço de ferro e tem que estar lúcido e não se pode andar a drogar com os drogados que fomentam o mercado negro. Mas você é inteligente, sei que sabe tudo isto e sei que sabe que eu sei. Olhe para esta liberdade! Entenda-a de uma vez por todas! Estamos aqui sem drones! Eu tive que pagar um preço por isto! Não há drones por cima de nós! A tecnologia, a si, não o persegue nem o captura e quando o captura você sabe que direitos pode acionar. Você tem um Direito dentro de si. Tem uma força muito poderosa dentro de si, que se chama voz. É importante não se esquecer disso. Às vezes podemos esquecer-nos. Não é o que anda a ensinar aos seus alunos? O Direito ao Esquecimento? Exerça-o! E faça um “refresh”. Não se esqueça é de viver! Seja o que queira defender, não se esqueça é de viver. Não se esqueça sobretudo, é de ver como estão as coisas. Eu já vi tudo. Eu vi um Regulamento de Proteção de Dados completamente fantasma e ilusório a aparecer “do nada” e a permitir a circulação e o tratamento de dados. Vi o Direito a permitir a livre circulação de dados e não a impedir! Depois vi o Direito a impedir. Depois vi o Direito a processar. Depois vi o Direito a regular. Depois vi o Direito a comercializar. Vi câmaras de vigilância a serem instaladas nas igrejas de Santarém... Mas em 2019, eu não sabia quem é que operava as câmaras. Sabia lá quem é que estava por detrás dessas câmaras! Fazia lá ideia do que é que ia na mente dos operadores de câmara! Sabia lá como é que processava o cérebro dos operadores! Mas hoje em 2080, eu sei quem são os cérebros. Estou ligado numa Internet de Coisas com os cérebros que operam. Estamos todos a ver o processamento das coisas em tempo real. Só não vê quem não quer. Onde eu vou ou onde eu estou, eu sei

que tecnologias estão à minha volta a processar o meu espírito. Conheço os algoritmos e os operadores das câmaras de vigilância. Não me meto debaixo de uma câmara, nem deixo uma câmara filmar-me se eu não sei quem está por detrás a ver-me e sem saber exatamente o que vai acontecer aos vídeos com as minhas imagens. Se eu vou onde eu vou e esse sítio onde eu vou tem câmaras, eu sei o que está a ser filmado, conheço os ângulos, conheço a sofisticação, o zoom, a focagem, a Inteligência Artificial, porque como robot tive que saber ligar-me com alguma artificialidade a toda esta inteligência que parece que não nos governa, mas que nos governa.

— Não o percebo, pai... Parece que de repente começa a falar com uma arma apontada à sua cabeça. Às vezes, não parece o pai a falar.

— Não percebe a minha idade? Ou não percebe que eu só quero é ser feliz e poder escrever e dançar livremente até aos 120 anos? Sabe porque é que eu sei que vou viver até aos 120 anos? Porque o Bank Jupiter concedeu-me um empréstimo para 120 anos. Sei que os meus telómeros vão chegar, pelo menos, até aos 120 anos e que o Bank Jupiter confiou na minha telometria. E eu confio no Bank Jupiter. Por isso é que entreguei os meus genes ao Bank Jupiter. Não entregaria a nenhum outro banco senão ao Bank Jupiter. Só eu posso aceder online à minha telometria em [bankjupiter.com](http://bankjupiter.com). E se outro ente quiser comprovar o meu espírito genético, eu posso partilhar o link da minha telometria de forma segura. O sistema informático do Bank Jupiter é do mais encriptado que há! Não há melhor encriptação! O Bank Jupiter encripta-nos as ideias, encripta-nos o espírito, encripta-nos os genes, encripta-nos as danças. É o banco que nos banca o espírito, as ideias para podermos dançar. Às vezes, podemos precisar de um banco para podermos dançar. Às vezes, temos que dançar para podermos vender.

E no meio de tantas danças, a nossa tem que vencer, para podermos vencer. Porque nós vencemos com a nossa dança. E eu entrei a dançar na Faculdade de Direito a um ritmo jurídico que me fazia bater o coração e que me alimentava o espírito e me dava sangue ao corpo. O Direito é feito de sangue, sabiam? Vi contratos a serem celebrados e a serem assinados com sangue. Vocês sabem como é que os vampiros contratam não sabem? Sabem como é que os morcegos vampiros fazem contratos não sabem?

— Eu sei, pai.

— E o Thomas?

— Não sei, tio.

— Os morcegos vampiros quando regressam à gruta sem terem chupado o sangue de nenhum animal, pedem sangue emprestado. O morcego vampiro que empresta não se esquece que tem um crédito e assim que souber que o morcego vampiro devedor tem sangue, vai lá reclamar o seu crédito. Muitas vezes, o devedor vai pagando em prestações de sangue sem ser interpelado pelo credor.

— Mas aqueles morcegos que nós fomos ver às grutas da Serra D’Aire e Candeiros alimentavam-se de sangue?

— Esses não, Thomas. Em Portugal não há morcegos desses. Os nossos morcegos comem fruta e insetos... São tão mansos! Se eles não fossem portadores de tantas doenças eu fazia-lhes festas. Eles são tão tecnológicos, que sabem que são portadores de doenças que nos protegem com a sua tecnologia, sobrevoando-nos sem nos tocarem. E foram culpá-los da propagação do vírus tecnológico 2020? Coitados!... Os culpados foram os vampiros do nosso sistema. O sistema de crédito

é feito de sangue. Há quem se suicide por causa das dívidas e por causa dos vampiros. Mas a base de um sistema monetário, ainda por cima com vampiros a deambularem é precisamente o endividamento. Precisamos de nos endividar para escaparmos aos vampiros, que ao alimentarem-se permanentemente de capitais, alimentam o sistema de capitais. O sistema está sempre a emitir capitais. O sistema está sempre a emitir moeda. Se a moeda está sempre a ser emitida e se nos temos que alimentar da moeda e vemos a moeda a ir para ali e para ali e para fundos e a ser injetada ali e ali, nós também vamos querer moeda. É normal, num sistema que é feito de capitais, pedirmos capital emprestado. A dívida é a base do sistema. Nós temos que nos alimentar. Se não temos dinheiro para nos alimentar, não vamos roubar, vamos ter que contrair um empréstimo. O dinheiro é como o Direito, é feito de sangue. O Direito já fez derramar muito sangue. Hoje parece uma medicina. Hoje, o Direito é basicamente a Medina de Precisão. A Medicina de Precisão parece o Direito Constitucional ou o Direito Administrativo do meu tempo. E eu vi esta transformação. Vi as coisas a transformarem-se, a tomarem outro rumo completamente diferente. Vi o Direito a remar contra as ondas. Quer dizer, eu é que estava a nadar contra a nova corrente do Direito. O Direito começou a gerar novas ondas. Talvez, por isso, é que eu tenha ido apanhar ondas para a Cordoama. Para ganhar forças, para apanhar as ondas do Direito. O Xico dizia sempre que eu estava a ficar cada vez mais forte, com músculos. E o Abreu apalpava-me o rabo e dizia-me que por causa do bodyboard estava a ficar com um cú do caralho! Se apanhava ondas na Cordoama, não ia apanhar as ondas de merda que o Direito estava a dar? Tinha que apanhar as ondas. Tinha que as apanhar. Apanhava-as, mas não dava o cú ao Direito! Nunca dei o cú ao Direito! Vi muitos a darem-lhe o cú! A ajoelharem-se! Vi como o Direito gostava de orgias. Vi como o Direito gostava de fumar charros. Vi muita coisa com os meus olhos que não queria. Mas também não queria que o Direito me

mandasse cegar. Por isso, fiquei calado, quando tinha que ficar calado. Representei. Fiz teatros. O Direito é um teatro! Só que é um teatro que manda na vida! Há teatros que mandam nas nossas vidas! Eu vejo teatros que mandam em mim. Talvez, por isso, é que a minha vida sempre foi um teatro. Porque vi o teatro do Direito. Vi o teatro do Direito e fiz da minha vida também um teatro. Porque se o Direito, afinal, era um teatro, então toda a minha vida ou era ou tinha que ser um teatro. Se não era, olhem, transformei-a, pronto. Pelo sim, pelo não. Vi vampiros em verdadeiras orgias jurídicas com os cantos da boca num nojo de leis esportadas com sangue. E ainda tinha que os ver a olharem para mim pervertidamente e a rirem-se e a passarem as línguas deles por todo aquele demonismo? Eram demónios. Se não eram demónios, eram vampiros. Vampiros no Direito? Mentira! Era mentira! Ou era mentira ou era um teatro. Não eram vampiros. Nem era orgia nenhuma. Eram atores. Era um debate parlamentar. Eram atores políticos. Estavam num legítimo e democrático teatro político. A democracia que eu vi. Atores que gostavam de fazer leis e brincar com a vida das pessoas. Como Cavaleiros Orçamentais. Faziam leis orçamentais sem qualquer relevância orçamental. Assaltavam o Fisco e as Finanças Públicas, o Banco e a Banca. Bancavam os bancos com as suas ideias. Emprstavam dinheiro. Emprstavam sangue. Emprstavam dívidas. Emprstavam suicídios. Vi uma reencarnação de coisas. Vi o Direito a reencarnar noutra coisa qualquer depois de ter sido mordido por um vampiro. Vi vampiros à volta do Direito. Vi o Direito a resistir, mas depois vi o Direito a ceder. E vi o Direito a ir para a cama com os vampiros. Vi os vampiros a levarem o Direito. Vi os vampiros a porem-lhe charros na boca, a cupirem-lhe e a esportarem-lhe para cima e vi o Direito a gemer de prazer. Quando ouvi o Direito a gemer, corri, fugi. Chumbei, porque fugi. Mas ao menos, fugi. Simplesmente corri. Tinha que me pôr a correr dali para fora.

— E o tio viu as orgias, os teatros, os direitos e as ondas tudo ao mesmo tempo?

— Tive que ver isto tudo, sempre ao mesmo tempo, sempre a correr, sempre sem parar, sempre *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto. Vi também numa outra corrida minha, que fiz até ao miradoiro por cima da Cordoama, como eu podia ser um drone sem ser um drone e simplesmente acompanhar de cima a subtileza da entrada de um surfista naquele mar, vê-lo a fazer de cima bicos de pato com uma estrondosa arte e gravar para sempre o *inverse* que ele tinha desenhado com a prancha numa onda. E vi como aquilo era lindo de se ver com os olhos! E vi como os ingleses gravaram o zoom que eu fazia com os meus olhos. Vi como eles viram como eram tecnológicos os meus olhos. Vi que eles descobriram a tecnologia que havia nos meus olhos. Vi como eles se queriam ligar à tecnologia que eles viram que havia nos meus olhos. Vi as câmaras dos telefones deles a capturarem e a violarem o meu espírito. Vi como é que eles eram *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Biekle. E vi como eles viram que eu me lembrava deles a desenharem o bar que eles queriam mandar pôr na Barriga com a bandeira inglesa. E naquela tecnologia, mandei-lhes apanhar a merda das beatas que os tinha visto a mandarem para aquele sagrado chão. E num altivo *british accent* riram-se de mim, tiraram as pilas deles para fora, cuspiram para a cabeça das pilas e mandaram-me ajoelhar e chupar-lhes as pilas, se eu quisesse que eles apanhassem as beatas.

— O quê???? E o que é que o pai fez?

— O que é que eu podia fazer? Aquele chão era sagrado! Eu estava sozinho num miradoiro com eles. Estava em desvantagem. Eles eram 3. Eram mais fortes do que eu. Eu vi como eram grandes as pilas deles. Vi como é que eram os tomates dos gajos. Vi como é que os

gajos tinham os tomates no sítio para fazerem comigo o que eles quisessem. Eles podiam empurrar-me, fazendo parecer um suicídio, podiam dar cabo de mim, podiam esporrar-se todos para cima de mim num prazeroso gozo deles e bazarem deixando-me com vida ou sem vida, esfolado ou todo esporrado... Apanhei as beatas deles e fui-me embora com o meu espírito. E foi nesse *inverse*, que vi que havia lixo por todo o lado no miradoiro. E por ter visto, todo esse lixo, todo esse nojo, todo esse podre, é que uma das primeiras limpezas da Jupiter Editions foi em Vila do Bispo. Quando voltei ao miradoiro por cima da praia da Cordoama, voltei com uma nova tecnologia. Voltei com a Jupiter Editions. Mas as primeiras limpezas da Jupiter Editions não foram só em Vila do Bispo. Foram também em Santarém. Podia estar em Vila do Bispo, na praia da Cordoama, mas eu podia adivinhar onde estava o lixo em Santarém, que se tinha depositado com as novas caminhadas tecnológicas dos novos caminhantes tecnológicos, por causa do vírus tecnológico, que a andar com os olhos dentro do telefone numa estúpida caminhada, abriam os maços de cigarros e deixavam voar o plástico que os envolvia. E claro, que depois atiravam, as beatas para a Natureza e numa yoga que aprendiam online, achavam que faziam assim as pazes com a Natureza. Até a Audrey, na praia da Cordoama, sem nunca ter posto os pés numa montanha escalabitana, já sabia que Santarém tinha imensas caminhadas giras para se fazer. Porque havia quem andasse a correr por entre os montes, por entre toda a Natureza, com a merda de uma câmara de filmar colada à testa. Vi como Santarém, sem nunca ter aterrado na Praia da Cordoama, já sabia que havia ventos fixos que davam para saltar de parapente do miradoiro, “graças” aos parapentistas tecnológicos que numa nova moda de saltos e voos tecnológicos, faziam parapente com a merda de uma câmara de filmar colada à testa. Num crime internacional de dados, convocando seriamente um novo Direito Internacional Privado de Dados para mediar o conflito internacional dos Direitos de

Personalidade, vi o Direito à Imagem de um português que invocava ora o artigo 79º do Código Civil, ora o artigo 199º do Código Penal, a chocar desarmoniosamente com todos os códigos dos outros ordenamentos jurídicos. Vi dinamarqueses, alemães, portugueses, holandeses, italianos, franceses, belgas, austríacos, suecos, na praia da Cordoama a olharem para cima e a sorrirem para os parapentes que sobrevoavam por cima deles, sem saberem que estavam a ser filmados, porque não reparavam quando os parapentistas tecnológicos aterravam que tinham a merda de uma câmara na testa. Fazerem parapente daquela maneira era o mesmo que um drone voar por cima de tudo e todos na praia. Vi como afinal, nem todos os parapentistas tinham direito em apanhar uma boleia do vento tecnológico e vi uma nova corrida para apanhar e regular estes ventos tecnológicos com uma nova tecnologia económica. Vi como nem todos os parapentistas eram audazes e astutos. Vi como parapentistas atropelavam banhistas, como kitesurfistas partiam as costelas e eram projetados contra as rochas, como surfistas abriam as cabeças aos bodyboarders, vi tudo isto como um drone, como um robot, sem ser um drone-robot. Vi como as escolas de surf ocupavam com as suas bandeiras bocados da praia guardando para si as ondas e vi como também seria legal guardar os ventos com novas escolas que trouxessem um novo direito aos ventos. Vi como o Direito dos Locais às Ondas seria o mesmo que o Direito das Escolas aos Ventos. Vi como com uma Escola de Voo poderia regular os ventos e vi como poderia ser essa a nova tecnologia económica dos ventos. Vi tudo isto com os meus próprios olhos. Vi como filmavam com as câmaras coladas à testa, como se a cabeça deles fosse uma câmara de filmar e vi como filmavam criminosamente toda a gente. Vi como os que estavam a caminhar tecnologicamente em Santarém, estavam a ver quem estava a apanhar as ondas da Cordoama. Vi como os que estavam a dar as suas yogas na Cordoama, estavam a ver quem é que em Santarém se punha a fazer yogas com o cigarrinho



na boca a perder a vista da Lezíria sobre o Tejo. Vi como a Audrey também queria levar as yogas dela para Santarém. Tive que ver tudo ao mesmo tempo como um robot. Tive que escrever tudo ao mesmo tempo como um robot-escritor. Tive que ser um robot-escritor. Tive que escrever tudo *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto. Vi os robots a chegarem aos cães mais depressa que os humanos. O Vandame tinha um cãozinho que levava sempre para a praia e era lindo de se ver aquele salva-vidas com o seu cão no seu local de trabalho, porque afinal era isto que o Direito tinha prometido e tinha protegido, que uma nova lei deixava os trabalhadores levarem os seus animais de companhia para o local de trabalho e via na corrida que a Autoridade Marítima também via com bons olhos o cãozinho do Vandame e todos os outros cães na praia que fossem mansos e via que até a Polícia Marítima ia também começando a ver isto com bons olhos, porque todos víamos que os donos civilizados não tiravam os olhos dos seus cães e andavam sempre com os sacos para apanhar os cocós e se por acaso um cocó escapava, não tinha mal nenhum alguém vir dizer que o cãozinho tinha feito um cocó e localizá-lo para o dono ir com a maior descontração apanhá-lo. Mas o cãozinho do Vandame instrumentalizava-me. Tinha uma bola com o nome “Kongo” e ladrava-me para eu lançar-lhe a Kongo sempre num mecânico movimento. E comecei a ver nesta brincadeira metálica com o cãozinho do Vandame, um novo robot, o robot-Kongo. O robot que brinca com os cães. O robot que brinca e que dá comida aos cães. E o Kongo tornou-se real porque começou a ser comercializável. E podia ser comercializável o robot com a bola, que comunicava com a bola ou só a bola que com uma nova vida própria andava por onde quisesse e o cão ia sempre atrás dela, enquanto o dono estava no tablet ou a telecomandar a bola ou a fazer outras coisas porque a bola podia ser telecomandada, mas também tinha autonomia própria para brincar com os cães que os donos não tinham paciência. E vi que tinha que ter uma

paciência para tudo isto. Vi casas de amigos que eu sabia que iria deixar de ir, porque eles iam meter robots em casa deles.

— Mas e se a bola ou robot não tivessem microfone ou câmaras e não processassem nem enviassem as conversas de casa à marca ou à empresa responsável pelo tratamento de som e imagem?

— Oh, Thomas! Mas diga-me lá uma marca de robots que não tenha microfone ou câmara e que não processe a imagem e o som e não venda os dados à maior indústria de dados que depois os realiza como um fantástico filme de dados?

— Sim... Mas e se uma marca comercializasse o robot-Kongo sem microfone ou sem...

— Thomas... Sabe quando é que foi o boom da Psicologia canina? Os primeiros psicólogos para tratar cães com depressão, esquizofrenia e bipolaridade começaram a aparecer em 2019, numa altura em que os donos tiveram todos que introduzir o microchip aos cães... Engraçado, não é? Numa altura em que se descobriu que o *ron ron* dos gatos curava electromagneticamente dores musculares, problemas de articulações e poupava ataques cardíacos aos humanos, nós vamos interferir nesse eletromagnetismo, e sem percebermos nada de ondas, vamos introduzir chips cada vez mais tecnológicos nos animais que nós dizemos que amamos??? De repente, os cães começaram a ficar deprimidos, esquizofrénicos... Talvez tenham ficado deprimidos com os donos, por os verem sempre em casa agarrados ao telefone e terem presenciado discussões entre os donos, do marido a pedir à mulher para não estar ao Instagram, porque numa *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari não queria que o Instagram ouvisse a discussão e lhe recomendasse a seguir uma outra mulher... Numa dada altura, vi que estar ao telefone era sinónimo de estar no Instagram. Foi

mesmo uma febre dos Diabos! Em 2010 vieram especialistas alertar que os microchips poderiam causar tumores. Mas os governos com outros especialistas vieram dizer que não fazia mal nenhum, foi e tal o que se passou com os humanos, especialistas de um lado a tentarem não tornar o implante cerebral obrigatório, outros especialistas metidos com os governantes a defenderem a sua obrigatoriedade... Sempre foi isto. Isto é muito simples, Thomas: antes de termos todos nascido, um cérebro já tinha nascido e quis chipar todos os cérebros para se poder conectar a todos os cérebros. Na altura não havia tecnologia. Começou a aparecer. E começámos a ver governos a quererem introduzir e implementar, porque tinham nascido “com o chip” do cérebro que nos queria chipar a todos. E os chips, como bem sabemos, foram os telefones e depois essa merda de robots e microchips mais sofisticados que até microfones começaram a trazer... Vi pais com filhos portadores de uma qualquer deficiência a chipá-los e a verem através dos seus olhos em grandes tablets e a ouvirem “o meio” através deles. Vi pais a acharem que eram donos dos seus filhos e a tratarem os seus filhos como se fossem cães e como se os pudessem chipar. Como se nós pudséssemos sequer chipar os cães, mas enfim...! Vi donos a introduzirem microchips com microfones aos seus cães. Vi que já não eram só os humanos que protegiam e tinham afeição pelos robots, eram também os cães. Depois vieram também os periquitos-robots que só cantavam às 8 horas como despertadores mais inteligentes do que os periquitos não-robots que cantavam antes das 8 horas e enervavam os seus donos, enfim... Vi novos surfistas a correrem para comprarem as pranchas semi-automáticas e a entrarem com elas na água com um drone por cima conectado à prancha inteligente e vi novos campeonatos tecnológicos a deixarem de fora surfistas... Vi surfistas a foderem com robots... Vi psicólogos a considerarem a robofilia como uma orientação sexual e a justificarem que antigamente a homossexualidade também era uma parafilias sexual e que se a

homossexualidade deixou de ser uma parafilia para ser um orientação sexual, então a robofilia também tinha que se tornar numa orientação sexual... Vi surfistas que só me queriam foder, porque viam em mim um robot... Corridas metálicas que eu tive que ver e ouvir a interferirem na minha interface tecnológica humana. Vi também a Char a correr para os campeonatos e vi que quem lhe ajudava nestas corridas era a Surf Planet. E comecei também com a Surf Planet, a querer ajudar alguns surfistas com a Jupiter Editions. Muitos surfistas às vezes não iam aos campeonatos, porque não tinham um patrocínio, as grandes marcas começaram a deixar de patrocinar quando perceberam que o surf estava a ser inundado por uma moda qualquer e por novos surfistas que tinham a mania que só queriam era aparecer. Mas nessa mania, era preciso ver quem é que tinha mesmo a pinta de surfista, quem surfava por prazer e paixão. E a Jupiter Editions sempre gostou dos apaixonados, dos que fazem as coisas e estão na vida pelo simples prazer que é a vida e que é viver. Muitos surfistas não iam aos campeonatos, porque mesmo que tivessem dinheiro para se inscreverem não tinham depois dinheiro para acampar, então víamos também muitos a fazerem aquele caravanismo ilegal e a publicá-lo como se fosse legal no Instagram e a alimentarem-se de sanduiches e enlatados para conseguirem surfar nas ondas protegidas por um campeonato. E foi por isso, que a Jupiter Editions começou também a dar apoio aos profissionais de surf e bodyboard e depois é claro, também a organizar e a promover novos circuitos de surf e de bodyboard, porque a Char queixava-se que não havia campeonatos ali em Vila do Bispo, ou em Sagres.

— A Jupiter Editions montou os circuitos de bodyboard e de surf em Sagres e em Vila do Bispo, por causa da Char?

— Não. Sem saber nada do “circuito” e das etapas dos campeonatos, a Jupiter Editions quando chegou à praia da Cordoama viu que seria giro montar ali um circuito de surf e de bodyboard. Aquela conversa com a Char simplesmente deu uma certeza à Jupiter Editions. Mas vi que também seria giro montar ali na Praia do Castelejo. Quando cheguei de Sagres a Lisboa no dia 1 de outubro, contei a ideia destes circuitos de surf e de bodyboard ao Jakob, enquanto o namorava por cima da nossa pontezinha do Jardim Zoológico, com a prancha de bodyboard atrás de mim, que tinha trazido de Sagres. Não me pude esquecer de como foi tecnológico esse dia 1 de outubro. Assim que o Jakob me viu a chegar perto dele, às portas da estação, com uma prancha de bodyboard como se houvesse ondas por apanhar ali em Sete Rios, tive logo que contar como trazia feliz o presente que o Xico me tinha dado. Trazia comigo uma verdadeira “experiência tecnológica”. Trazia uma prancha impossível de se partir com dois vincos no meio, que mais nenhuma prancha tinha. Trazia uma prancha com uma impressão digital. Trazia a impressão digital do Xico. Tinha sido uma “experiência tecnológica” nas mãos do Xico.

— Quem? A prancha ou o pai?

— Não percebi...

— Afinal quem é que foi uma experiência tecnológica nas mãos do Xico? Foi a prancha ou foi o pai? Não foi o Xico que o pôs a ver as ondas e a escrever sobre elas como um robot-escritor surfista?

— Sim, foi. Talvez eu tenha mesmo sido uma experiência tecnológica do Xico. Em Sete Rios, o spot que tínhamos para dar beijinhos era a nossa ponte por cima do lago do Jardim Zoológico.

— O Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala conta n’O *Algoritmo do Amor* que tinha no Jardim Zoológico de Sete Rios em Lisboa também um spot para namorar o Frederick von Der Maase...

— Sim... Foi a Jupiter Editions que mandou tirar os cisnes infelizes que estavam presos em gaiolas e mandou libertá-los no lago do Jardim Zoológico que estava vazio e à espera de receber vida. Foi a Jupiter Editions que deu vida! Os cisnes só precisam de um pequeno lago para serem felizes. E com a Jupiter Editions vi como casais de cisnes podiam ser felizes naquele lago. Porque eu estava feliz a namorar o Jakob na nossa pontezinha por cima daquele lago como se fosse um cisne, dono daquele lago, que vivia ali feliz no lago. Sabíamos que naquele dia 1 de outubro ainda podíamos estar ali a namorar na nossa pontezinha, porque não havia ainda ali câmaras, como havia uma na entrada meio-escondida por entre umas árvores e como havia uma outra que tinha sido também acabada de instalar nos bonitos bancos de azulejos rente ao lago onde outros namorados ficavam por ali a namorar num namoro infinito aos olhos de quem processava e tratava as imagens. Lembro-me de como foi um choque para mim, assim que entrei no novo Jardim Zoológico tecnológico com câmaras de vigilância. Não havia razão nenhuma para haver uma câmara que filmasse quem entrava e saía do Jardim Zoológico. Fosse o processamento entregue à Polícia, entregue ao Instituto do Turismo, entregue a quem fosse, nem a polícia, nem instituto nenhum, nem ente administrativo nenhum, nem empresa nenhuma, tinham que saber que eu tinha acabado de chegar de expresso a Lisboa, que o Jakob não me tinha ido buscar mesmo ao terminal do expresso, como todas as outras vezes, porque nenhuma câmara o tinha visto a ir buscar-me ao terminal, mas que depois “apareci” com o meu namorado, e que ainda era o mesmo, no Jardim Zoológico no dia 1 de outubro com uma prancha de bodyboard, prancha esta que não tinha sido ainda processada por

câmara nenhuma e que portanto “não se sabia de onde é que vinha”, porque em Sagres, em Vila do Bispo e na Praia da Cordoama, que foi onde eu recebi a prancha, em mãos, não havia nenhuma câmara... E como tinha sinais de uso e como a Giralda foi dizer à polícia e ao tribunal que eu lhe tinha roubado as joias, os algoritmos da câmara de vigilância com reconhecimento facial e inteligência artificial poderiam muito bem, não em 2020, mas em 2080, “pensar”, que aquela prancha poderia ter sido roubada, tendo em conta “o traço” que a Giralda me quis desenhar. Isto não se passava em Portugal, mas já se passava noutros países, que não são mais do que ordenamentos jurídicos, que não são mais do que espaços geográficos feitos de terra e montanhas ficcionados por uma nuvem de direitos e que os faz serem diferentes de outro país qualquer, porque outro país qualquer é governado por outro anormal qualquer. Porque em 2020, o mundo foi governado por uma cambada de anormais. Isto contado, ninguém acredita, mas se vocês forem pesquisar pelos nomes de quem estava a governar em 2020 em cada um dos países... Era para rir!... Era anedótico! E estão a imaginar com as novas tecnologias, não é? Os poderes a quererem introduzir, instalar, implementar as novas tecnologias no seu povo para novas experiências tecnológicas... Porque no fundo, tudo não passou de uma experiência tecnológica... De dados... Em nuvem... Foi isto que e passou: uma experiência tecnológica de dados em nuvem. Estão a ver os poderes a olharem para as nuvens...? E eram amigos meus a dizerem que iam enviar as conversas do WhatsApp para a nuvem e eu a ver se tinha dito alguma coisa de especial nessas conversas... Porque as conversas no WhatsApp só eram encriptadas ou só continuavam encriptadas se não fossem parar “à nuvem”, porque na nuvem podiam muito bem ser facilmente descriptadas fosse pela própria nuvem, pelos algoritmos da nuvem, pelos analistas da nuvem, pelos acionistas da nuvem ou pelos investidores da nuvem... O Google Drive era uma das nuvens... As pessoas enviavam tudo para o Google Drive, desde

documentos word, conversas, fotografias, só que ninguém lia a Política de Privacidade do Google Drive que dizia que todos os documentos enviados para a nuvem seriam analisados. E de repente, toda a gente, que ainda não tinha ouvido falar das nuvens, começou a falar das nuvens... Era o meu pai a perguntar-me o que era o Google Drive e a dizer que tinha enviado fotografias nossas para a nuvem da vez que tínhamos estado a beber umas cervejinhas pretas em Catembe de 2014 e numa *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari, eu ouvia os analistas por cima de nós, nas nuvens, à procura desses milagrosos dados que iam custar uma fortuna no mercado de dados, sobretudo porque eu tinha andado a escrever em 2014 que para se produzir 1 litro de cerveja gastavam-se 155 litros de água virtual... Até a água se tornou virtual... E esta virtualidade toda, esta forma virtual de falar das coisas, já vinha de 2014... E estamos em 2080... Eram as grandes firmas de advogados, que pareciam robots, algoritmos do Big Data, a enviar emails para os que se tinham inscrito no Curso Avançado de Inteligência Artificial e Direito numa ruim preparação do futuro com temas sobre o medo das políticas que iam colocar em crise a privacidade e a segurança... Era o mercado a enviar emails às empresas para começarem a pôr os olhos nas nuvens, porque os dados estavam todos a ir parar às nuvens... Era tudo a enviar os dados para a nuvem... Não se pode dizer que o Facebook era o Big Data, porque não era... Mas podemos ver uma analogia perfeita entre o Facebook e o Big Data. O Facebook que começou por ser uma rede social onde os utilizadores simplesmente faziam upload das suas fotografias sem tecnologias de Inteligência Artificial, progressivamente foi incluindo novas tecnologias e senão tinha anúncios, de repente já tinha anúncios e já estava tudo no Facebook, eram os professores, eram os tios, eram os pais, eram os avós, eram as empresas, as universidades, os governos, a publicidade... E quando começaram a sair alguns escândalos de dados e mesmo com as políticas de privacidade transparentes como água,



ninguém largou aquele H20 virtual, ninguém quis saber disso para nada, queriam lá saber se as empresas analisavam ou vendiam os dados... Porque alimentava-se tudo daquele alimento virtual como uma droga, como um vício. Mas tudo isso já estava previsto. Porque eu, Facebook, sabia muito bem que podia ligar-me aos bancos ou ao governo no futuro, porque estava carregado de dados pronto para descarregar a quem me pagasse, me injetasse, me penetrasse capital. E sabia que talvez só 3% da população facebookiana é que iria ter “coragem” para sair do Facebook... E ainda assim, eu, Facebook, sabia que o governo empresarial ao estar metido nisto comigo dos dados acabaria por ter ferramentas e instrumentos jurídicos capazes de voltar a trazer até de volta os 3% que tinham saído. Do ponto de vista do programador, eu diria que o Facebook e o Instagram foram provavelmente as empresas mais inteligentes de 2020. Porque consumiram todo o mercado. Todo. Foi um fenómeno muito interessante. Uma experiência tecnológica “em nuvem” de dados muito interessante. Todas as instituições e organizações mundiais também foram capturadas por esta “nuvem”. Foi tudo capturado. Fomos todos capturados. Até a NASA estava no Instagram. Até a National Geographic. Até a Bentley. Até a Organização Mundial da Saúde. Até os Médicos do Mundo. Até os Médicos Sem Fronteiras. Até a Jupiter Editions, para poder chegar aos primeiros Member Readers, teve que ir para o Facebook, teve que ir para o Instagram, teve que andar a falar com promotores através de mensagens privadas com eles, como todas as outras empresas andavam a fazer. E eu tive que ver muitas coisas. Tive que saber gerir e processar muitas coisas ao mesmo tempo. Vi pais a publicarem no Facebook “Filhinho não sei se onde estás também consegues ler esta mensagem, olha não sei mais como posso entrar em contacto contigo (...) quero dizer-te que tens o sorriso mais lindo deste mundo, (...) e se um dia estiver triste por algo, vou lembrar-me do teu sorriso. A única missão que me resta nesta vida é cuidar da tua mamã como tanto querias e que

percebas que sempre que quiseses desabafar vou estar aqui.” e vi jornais a trazerem isto citado a dizerem que tinha “o progenitor” assim “desabafado”. Vi o meu pai, caso em me tivesse suicidado, também ele pronto para escrever das suas e publicar fotografias minhas, ou ele ou amigos meus... Vi uma Psicologia a dizer para a minha mãe criar uma conta no Facebook e desabafar sobre a minha morte, porque todos queríamos ouvir o que a mãe tinha para dizer. Vi tudo isto ao mesmo tempo. Lembrava-me de um rapaz com quem eu tinha estado antes do Jakob que já casado e com um bbebé ainda continuava a enviar-me convites sexuais para ir ter com ele quando a mulher dele não estava em casa e tive que vê-lo a escrever no Facebook para o bebé, a dizer que lhe custava muito ter que ir numa missão do Exército, mas que a vida era mesmo assim e que ele sabia que o filho dele um dia iria compreender, enquanto andava a enviar-me mensagens “privadas” no Facebook, e por isso, via que podia ter sido ele a escrever a carta que o “progenitor” escreveu em “desabafo” da morte do filho a dizer que ia cuidar da “mamã”, enquanto andava a ver pilas e a combinar *dates* no Grindr. Foi muita coisa que eu tive que ver ao mesmo tempo e processar *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto, porque como robot-escritor competia-me processar sobre toda a realidade. Era esse o meu espírito. Vi um Anestesiologista a escrever no Facebook que o vírus tecnológico para ele se tinha tornado num não-assunto e que não conseguia focar-se em menos de 5 mortes por dia, quando num país, em média, morriam por dia 10 pessoas por complicações de diabetes, 12 por enfarte de miocárdio agudo e rapidamente fatal, 15 por pneumonias, 20 por outras doenças respiratórias não-infecciosas, 20 por doença cardíaca isquémica, 30 por outras doenças cardiovasculares, mais outras 30 só por AVC's e 80 por cancro. E tive que ir a correr telefonar ao Jakob para lhe perguntar se estes números eram verdadeiros e lembro-me do Jakob dizer que não podiam morrer 80 por dia com cancro, mas que das outras doenças podia ser possível, mas

que ele teria sempre que ir confirmar os dados. E eram dados e dados que se geravam com uma publicação destas e tantas outras no Facebook. E num mercado de dados e numa altura em que se dizia que o novo petróleo eram os dados, o Facebook com o Instagram comprado tornou-se uma empresa de dados tão bilionária como a Google. E a Google era o quê? Era um simples motor de pesquisa que armazenava, partilhava informação e que se foi tornando um verdadeiro “monstro de informação”, no bom sentido da palavra. Mas como “monstros”, viraram verdadeiros monstros. Mas ninguém se importava com os monstros. Ninguém queria saber dos monstros tecnológicos que os novos autores escreviam numa *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari. Mas mesmo com autores a escreverem *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto, do Facebook fomos parar todos à BigKloud, criada pelo *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom e todos na BigKloud acabámos por ficar BEKOKKEKT uns aos outros. E hoje, parece que estamos todos conectados cerebralmente uns aos outros. Parece que temos os cérebros ligados uns aos outros. Parece que pensamos todos o mesmo. Parece que vemos os pensamentos uns dos outros. Porque estamos BEKONEKT. Quando eu vi esta nuvem de pensamento a passar, quis agarrá-la para mostrar a todos os meus amigos, só que como ela ainda não era popular e ainda não tinha muitas “reviews” e estava classificada com poucas “estrelas”, os meus amigos só a viram em 2022, quando saiu um artigo em 2021 a dizer que a nuvem se tinha tornado muito popular no ano anterior... Já estávamos a dar nome às nuvens como dávamos aos tornados. Mas ninguém via que uma nuvem podia ser um tornado. Ninguém via a trovoada de dados nem os dados a espalharem-se todos numa ventania tecnológica provocada pela ira do *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom. Porque foi isto que eu escrevi, mas ninguém quis saber...

— Foi o tio que escreveu *A Ira do Deus Tecnológico*?

— Sim, fui. Com um dos meus pseudónimos. Só que o pseudónimo que usei para assinar *A Ira do Deus Tecnológico* ainda não era conhecido... Morri antes de ver a sua popularidade.

— Sempre vivemos da popularidade, infelizmente, e por isso é que sempre ficámos para trás. Porque sempre consumimos as coisas só quando elas já eram populares, ficávamos sempre à espera que se tornasse popular... Não é?

— Infelizmente, sim, Thomas... As pessoas só acreditam quando os outros acreditam. As pessoas só compram quando ouvem dizer que os outros estão a comprar. Olhe em Portugal. Foi preciso dizer-se que autores portugueses estavam a ser lidos lá fora, na Alemanha, nos Países Baixos, na Austrália, no Brasil, em Inglaterra, em Espanha, no Canadá, em África do Sul, em Israel, na Suécia, na Dinamarca, na Finlândia, na França, na Islândia, na Noruega, para se começar a ler em Portugal... Fernando Pessoa concorreu a uma data de concursos e não os ganhou e só conseguiu publicar em vida 2 livros. Deixou uma fortuna para os seus herdeiros. Mas ele nunca viu fortuna nenhuma. E por não ter visto fortuna nenhuma, teve que andar de quarto arrendado em quarto arrendado a escrever sempre num grande stress. Eu soube o que isso era e lembrava-me da história de Fernando Pessoa como de muitos outros autores que não “aguentaram a pressão do meio” e acabaram por se suicidar e deixar também grandes fortunas. Foram tantos artistas e tantos escritores que se suicidaram. Muitos cantores suicidaram-se com muito dinheiro. Suicidaram-se porque não tinham nascido com os algoritmos da felicidade e da eternidade e acabaram por se meter nas drogas e deram cabo do espírito. Sabe que para mim é um luxo ter chegado aos 88 anos sem nunca ter tocado na droga? Talvez, seja por isso que me sinto humano no meio de toda esta robótica, dentro de todo este programa de Inteligência Artificial, com

todos estes algoritmos em cima de mim... Há quem diga que uma mente criativa tenha que vir sempre acompanhada de grandes tormentos. Eu não concordo nada! Sempre tive muita criatividade, sempre soube que era um poço de criatividade, porque tinha nascido na maior felicidade. Simplesmente o mercado e a tecnologia stressaram-me. O Direito stressou-me. Vi que tudo estava a ser comercializado, vi o mercado a comercializar e antes que o mercado me comercializasse, comercializei-me a mim mesmo e abri a minha empresa. Foi assim que apareci no mercado. Apareci com a Jupiter Editions. O que ninguém estava à espera era que a Jupiter Editions aparecesse tão rápido. A Jupiter Editions apareceu antes do tempo. O que tinha sido escrito com o pó das estrelas do Universo, é que a Jupiter Editions iria aparecer quando Jupiter, Saturn e Neptune estivessem alinhados, mas numa New-Orbit-Editions apareceu, por acaso, quando Jupiter, Saturn e Marte se tinham alinhado. Apareceu, por acaso, nesta tensão cósmica, por causa do vírus tecnológico. Por causa do confinamento obrigatório, até os registos foram fechados. Quem quisesse abrir uma nova empresa não podia. E quando os registos voltaram a abrir, eu e o Jakob estávamos cheios de medo que o governo mandasse fechar outra vez os registos. E nesse stress, fomos a correr aos registos. E foi outro stress, porque tinha que ser por marcação e já só dava para marcar para 2 meses a seguir. Só que por sorte, numa sorte cósmica que eu quero acreditar, recebemos um email a dizer que afinal podíamos ir abrir a empresa no dia a seguir. Fomos depois aos bancos para abrir uma conta da empresa, mas nenhum banco nos abria a conta no prazo estipulado pelas Finanças e nós não podíamos começar a iniciar a nossa atividade com dívidas nas Finanças e na Segurança Social e foi um banco alienígena que nos salvou. Sabem o que é, vocês irem a um banco e no banco perguntarem à distância pelo vosso capital social e vocês terem que o dizer com o segurança e os colaboradores da limpeza e todos os outros clientes a ouvirem e só por terem um capital social alto

transformarem logo a antipatia deles em simpatia e mandarem-vos sentar, mas depois perguntarem há quantos anos é que a empresa já existia e nós a dizermos que tínhamos acabado de abrir a empresa, a perguntarem qual é que era a experiência dos empresários, se tínhamos outras empresas e nós a dizermos que era a nossa primeira empresa, a perguntarem qual é que era a nossa previsão de faturação e nós a sermos sinceros e a dizermos que não conseguíamos prever, a perguntarem-nos quando e como é que nós íamos começar as vendas e a dizerem-nos, no final, que como éramos uma “start-up”, aos olhos deles, não podiam abrir uma conta da nossa empresa no banco deles? Horrível. Íamos a outro banco e era a mesma história. É claro que numa *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari eu já estava a ver a reunião e a comunicação entre todos os bancos, até porque com o meu número de telefone já nem me atendiam, tinha que ser com o número do Jakob para nos atenderem... E eu não percebia porque é que não queriam abrir-nos uma conta... Não imaginava que isto pudesse ser um entrave e fazer parte do processo que era abrir uma empresa, porque isto não tinha sido matéria das aulas de Direito das Sociedades Comerciais. Tive um professor brilhante a Direito das Sociedades Comerciais que me abriu os olhos para o mercado, tirou-me a miopia e a ingenuidade que eu trazia. Lembro-me de uma vez de ter chegado às aulas dele e entrar sorrateiramente para as últimas carteiras para não passar à frente do professor e não interromper a sua maravilhosa ciência jurídica e ele interromper-se a si mesmo, chamando-me pelo nome, coisa que ele não fazia, e dizer-me para me sentar à frente dele, convidando-me assim a entrar para o mercado. E se eu tinha sido convidado para entrar no mercado, não era um banco que me ia expulsar do mercado. Tinha acabado de entrar. Uma vez mais, vi “isto” como parte do processo. Talvez, eu tivesse mesmo que sentir na pele a dificuldade que já era abrir uma conta empresa num banco em 2020 ou o tempo que demorava a abrir e que era incompatível com os prazos

que as Finanças estipulavam... Vi logo aqui uma nova reforma no Código das Finanças. Se estávamos numa altura de cruzamento de dados, as empresas não podiam ser multadas por não terem conseguido abrir uma conta empresa, porque nenhum banco queria abrir uma conta empresa a uma “start-up”. E se para abrir a conta empresa já tinha sido o que tinha sido, imaginem para pedir um empréstimo para publicidade, para podermos ter a chance de dizer ao mercado que a Jupiter Editions já tinha nascido, que afinal o 2080 tinha chegado mais cedo. Porque a Jupiter Editions já existia e estava pronta para começar a vender! Só que aquilo que nós nos tínhamos esquecido, é que para comermos a vender era preciso dinheiro. E no meu novo Código das Finanças vi uma comunicação muito fácil entre o Banco e o Fisco: mesmo que o banco demorasse 2 meses para abrir uma conta, o banco comunicava automaticamente com as Finanças que os sócios se tinham dirigido ao banco no dia tal e que foi o banco que demorou 2 meses a abrir a conta e ficava tudo bem. E quer dizer, eu tinha que estar a inventar novos direitos, a ver novos direitos, ao mesmo tempo que estava a ver a comermos com uma multa real capaz de nos dificultar a vida sem nenhum direito que nos valesse? E era o Jakob a dizer que não podíamos iniciar a atividade com multas, porque ele era o gerente, era médico e era um estrangeiro em Portugal e não podia ter problemas com o Fisco e a perguntar-me como é que podíamos fechar a empresa, caso as coisas corresse mal... E era eu só a querer chorar... O drama que isto foi! Eu só queria ser levado para *Jupiter* de Gabriel Garibaldi. A culpa foi dos bancos! Felizmente não tivemos nenhuma multa, porque um banco chegou-se à frente para nos salvar! Porque há bancos que salvam vidas! Há bancos que salvam negócios! E se a vida é um verdadeiro negócio, se a vida for isso, é importante haver bancos capazes de salvar estes negócios da vida.

— Não me diga que teve que inventar um banco virtual e que quem salvou a Jupiter Editions foi o Bank Jupiter, tio?

— Não, Thomas... Em 2020 ainda não existia o bankjupiter.com. Quem me dera! E por mais que me apetecesse cortar os pulsos, que nem sequer pensava nisso, simplesmente o disse como expressão vencida, eu sabia que tinha que vingar a minha expressão. E nessa minha vingança vi-me a expressar sobre tudo. Mas eu não me queria expressar sobre tudo. Eu queria expressar-me sobre outras coisas. Mas não podia. E sabia que este sufoco de expressão, este querer ter tempo para expressarmos aquilo que queremos verdadeiramente sem termos que estar sob stress, porque “não há verba”, porque “estamos numa crise financeira”, porque “estamos mal de finanças” e temos que ir trabalhar para tratarmos da saúde das nossas finanças numa pouco ou muito inteligência financeira, mas tudo isto exercícios financeiros mentais que somos obrigados a fazer quando nascemos em desvantagem num sistema monetário, acabaria por ter um fim. E o fim poderia ser transformar a desvantagem numa verdadeira vantagem. Viver verdadeiramente o nosso talento. Ver o que tínhamos feito. Editá-lo enquanto podíamos editá-lo. Ir editando alguns erros. Ainda que sintamos um espírito reencarnado em nós, porque temos o mesmo espírito de autor, realizador ou produtor, devemos não fazer os erros que o artista fez em vida. Não nos podemos embebedar ou fumar charros, porque nos queremos expressar e não estamos a conseguir expressar. Não nos podemos matar só porque escrevemos um livro e nenhuma editora está a aceitá-lo. Se nenhuma editora aceitar o nosso livro, temos que nos lembrar que o autor que mais livros vendeu foi recusado mais que 30 vezes por 30 editoras e só quando cometeu suicídio ao seu espírito, é que uma editora comercializou o seu espírito. Se nenhuma editora aceitar o nosso livro, se nenhum programa de música nos lançar como músicos, se nenhum ente administrativo



aceitar que exploremos um palco, devemos ter a capacidade de fazer alguma coisa que não suicidar. Devemos inventar! Ver outras coisas! Ou abrimos uma nova editora com outros autores, por exemplo. Se o mercado está a fazer um complô contra nós, podemos ver isto assim, que até fica giro de se ver, se sentirmos que um “sistema” qualquer, seja ele o livreiro, o editorial, o administrativo ou os raios que os partam, estão a fazer um complô contra o nosso espírito, devemos ter a capacidade de sermos espirituais e agarrarmos no nosso espírito e fazermos também um complô com outros espíritos, criar com eles um sistema nosso. Se o mercado não nos dá chance, damos nós uma ao nosso mercado. Podemos tornar-nos naquilo que quisermos. Podemos tornar-nos autores ou artistas independentes, sem editora, ou sem realizadora e vamos para a Alemanha pedir a uma livraria ou a uma sala de cinema que coloque à venda o nosso livro ou que passe nos écrans o filme da nossa vida. Isto em 2020 era possível na Alemanha, bastava ter uma imagem profissional. E se eu não souber escrever em alemão ou não tiver nenhum tradutor interessado em traduzir o meu português para alemão? Posso pedir um empréstimo ao banco e recorrer a uma empresa de tradutores. Mas posso primeiro ver se há algum tradutor interessado no meu espírito. Posso negociar com ele, que ele fica com uma percentagem vitalícia dos direitos de autor. Ao invés de pagar a um tradutor 2 mil, 3 mil, 4 mil, 5 mil ou 6 mil ou 7 mil ou 8 mil se não tiver dinheiro, posso celebrar com ele um contrato de tradução em que estipule que ele terá a receber ao mesmo tempo que eu 2, 3, 4, 5, 6, 7 ou 8% a título de direitos de autor. E se eu, por acaso, for o dono da editora posso repartir com ele os lucros do livro que ele traduziu ou mesmo os lucros da editora. Se no primeiro ano tenho 5 milhões para distribuir e sou eu, o Jakob e tenho mais 3 tradutores, não será de caras que vai ficar 1 milhão para cada um? Mas afinal ainda há 3 promotores-fundadores que ajudaram na publicação do livro, mais o designer que fez as capas e a contabilista que acreditou sempre na empresa, mesmo

quando era uma “start-up” e estava nos primeiros meses sem vendas? Então não será de caras que o que há para distribuir por todos estes “sócios de indústria” é 500 mil para cada um? E eu, sem querer, não vejo só 500 mil, se calhar, vejo 1 milhão, porque são os meus 500 mil mais os 500 mil do Jakob... E fico muito mais feliz por ficar “só” com este milhão, porque sei que a todos que estão à minha volta também calhou 1 milhão. Sempre fui comunista nas minhas empresas. Não sou comunista fora do meu sistema, fora das minhas empresas. Não faz sentido nenhum um médico receber o mesmo que um enfermeiro ou um advogado receber o mesmo que um juiz, porque são profissões diferentes, anos, formação e investimos completamente diferentes e por isso não temos que ter todos os mesmos metros iguais de casa, nem temos que ter todos piscina ou jardim, nem temos que exigir ao Sistema Perfeito uma piscina; mas se um médico e um enfermeiro trabalharem na mesma clínica, não vejo mal nenhum o cérebro inteligente, humano e empático que está por detrás da clínica, que é uma empresa, pagar o mesmo ordenado de felicidade ao enfermeiro e ao médico. Porque todos os recursos humanos que sustentam uma economia são importantes. Quem quer uma piscina e não nasceu com pais ricos ou não teve a sorte de entrar numa empresa inteligente, empática e humana que possa dar uma piscina, já sabe que vai ter que trabalhar mais lá fora...

— Lá fora... No Sistema Perfeito, tio?

— Sim... Quer dizer... Nós é que estamos fora do Sistema Perfeito...

— E eu que pensava que o pai estava por dentro do Sistema Perfeito...

— Eu??? Por dentro??? Estou lá agora... Estou por fora...

— Porque está por dentro... Só quem está por dentro é que consegue ficar por fora... Ou não é assim, querido pai...? Acho que já estou a entender mais ou menos a sua linguagem...

— Com o aparecimento da impressora 3D dizia-se que no futuro até os pobres iam poder imprimir as suas piscinas, mas tudo não passou de um pensamento por imprimir e eu sabia que não ia passar de um pensamento por imprimir, porque estava por dentro e por fora. Não eram piscinas que tínhamos que imprimir. Quando estive na Matola, em Moçambique, vi que era em Moçambique que se precisavam de imprimir coisas e não na Lua nem em Marte. Vi a NASA em 2020 a assinar um contrato com uma “start-up” de tecnologias de construção de 14 milhões para imprimir uma base na lua para abrigar astronautas em futuras viagens à lua e vi drones em África a filmar pretos a viverem em palhotas minúsculas sem teto a dormir no chão. Sabem o que é que Portugal devia ter feito perante isto? Deveria ter emprestado a tecnologia dos seus códigos para os pretos poderem defender os seus direitos de imagem, os seus direitos de privacidade, os seus direitos de intimidade contra os drones telecomandados pelas mãos dos turistas brancos que não eram capazes de ver a miséria com os olhos e pensar numa forma em acabar com a miséria. E se um autor intelectualmente mais à frente quisesse escrever sobre isto em 2020, nenhuma editora, senão a Jupiter Editions, teria coragem para publicar isto. Uma editora qualquer, primeiro ia recorrer ao “Big Data” e ver se as frases do autor ou se o título que o autor trazia teria ou não sucesso e ver que inimizades empresariais ou institucionais a publicação poderia trazer e pesar tudo isso algoritmicamente. E se o autor tivesse nascido ou tivesse a viver na Alemanha, poderia “cagar-se completamente” para isto, pegar pelo seu pé e ir bater à porta de uma livraria com os seus exemplares imprimidos para a livraria colocar à venda, dando oportunidade à voz, ao talento e ao espírito do autor. Mas em Portugal,

um país mais pequenino, não era possível, porque as livrarias todas faziam um complô gigante viciando por completo o mercado livreiro. Por exemplo, uma nova editora teria que pagar um balúrdio para colocar os seus livros numa prateleira de uma livraria que pertencia ao grupo empresarial de uma editora que já estava a jogar há anos no mercado. E sendo mais inteligentes do que este mercado, podíamos fazer as coisas de forma diferente. Podíamos vender, por exemplo online, se sabíamos que estava tudo online. Enquanto eu andava a escrever, o Mike andava a pintar. No final das contas, queríamos fazer contas com o mercado. Eu não queria que ninguém soubesse que era eu que estava por detrás de uma empresa, ou que o espírito de um autor era meu, porque eu tinha passado por determinadas coisas que me tinham ensinado que, talvez, para eu “me safar”, como dizia o meu pai, eu tinha que fazer as coisas mais ou menos em silêncio, mais ou menos às escondidas... E quando eu fazia uma breve pesquisa dos autores que se tinham suicidado e que tinham deixado grandes legados eu sabia que ser “escritor” e não ter vendas poderia ser um traço para a Psicologia dizer que eu poderia ter cometido suicídio num acidente. E num acidente que eu tive, eu fui acusado de ter cometido suicídio.

— O pai parece um espírito a falar.

— Somos espíritos.

— O pai parece que fala como se tivesse morrido.

— E morri. Já morri. Morri muitas vezes. Tive que saber morrer. Sou só um espírito. Um holograma. Por isso é que consigo atravessar todos os tempos. Sou eterno. Sinto-me eterno. Eu não nasci para me matar! Eu não voltei a reencarnar não sei quem em vão! Vou ficar aqui até poder ficar! Quem me conhece sabe que eu seria incapaz de cometer suicídio... Se eu não tivesse o Jakob, a minha mãe ou a

Sarah, era uma coisa... Mas com eles era impossível eu suicidar-me! Seria um ato de egoísmo, e sim, de cobardia minha! Não seria nunca um ato de coragem! O suicídio é a forma mais fácil! Não é preciso coragem nenhuma! Por isso, para mim, todos os que se suicidaram são uns merdosos! Não se podiam ter suicidado! É isto que eu defendo! Estou com 88 anos e defendo isto! Venha quem quiser dizer que eu não posso defender isto! Vá! Venha! Venham, seus cabrões de merda! Venham, caralho! Espíritos de merda! Odeio-vos a todos! Odeio-vos por terem tirado a vida dos bons! Mas vão pagá-las! Vão arder que nem um inferno!

— Pai! Pare de se rir dessa maneira! Está a assustar o Thomas...

— Estou o quê?

— Pai... Pare!!!

— Oh, Thomas eu estou a assustá-lo ou quê?

— Claro que não, tio...

— Os vossos risos são demoníacos!...

— Cale-se seu medricas, nem parece meu filho! Ria-se comigo e com o Thomas!... É uma ordem, caralho!

— Pai, pare... Não estou a gostar... Se estivesse a ler um livro seu, apetecia-me rasgá-lo, riscá-lo e depois fechá-lo e nunca mais abri-lo!

— Venha cá... Vou contar-lhe um segredo que ninguém me contou quando eu tinha a sua idade... Quando eu tinha 28 anos, com a loja online toda pronta e estava sem vendas, já muitos sabiam que eu estava sem vendas e não queriam que eu enriquecesse, porque o meu coração para eles tinha que ser esmagado... Eu sempre fui muito transparente. Quando somos transparentes, deixamos todos atravessarem o nosso espírito. Muitos demónios atravessaram-me o espírito. Senti o demonismo deles sem ser um demónio. Eu estava cercado de demónios, foi com eles que eu aprendi a rir-me. Tive que me rir como eles. Tive que me rir como eles se riam de mim. E quando eu me ri de mim, soube-me tão bem! Mas, tão bem! Eu procurava um novo promotor, o promotor dizia que ia promover, mas depois recebia uma mensagem da sociedade de informação tecnológica a dizer para não promover. E o promotor, porque estava preso a uma sociedade de informação tecnológica não podia promover. E eu tinha que conseguir ver o espírito das coisas. O nosso talento não depende dos outros. Nem podemos depender dos outros para fazer sobreviver o nosso talento. Dependemos de nós próprios. Por muito que vivamos num sistema monetário e dependamos de moedas para alimentarmos o nosso espírito com novas viagens que vamos fazer, temos que ter a capacidade para dizer que quem alimenta o nosso espírito é o nosso talento. Por muitos espíritos acharem que dependiam do reconhecimento dos outros e por nunca terem tido o reconhecimento no tempo que queriam, é que muitos talentos e espíritos vivos acabaram por morrer e só quando se tornaram mortos-vivos é que os vivos-mortos se interessaram pelo seu espiritismo ou espiritualismo... Que eu muito sinceramente já não sei o que é que os distingue... E enquanto eu estava a ver que uma autora tinha tentado cometer várias vezes suicídio e que a sua primeira tentativa tinha sido aos 20 anos, que uma outra autora tinha enchido de pedras os bolsos do seu casaco e tinha ido em direção a um rio para se afogar, deixando um bilhete para

o seu marido a dizer que estava a ouvir vozes e que não conseguia concentrar-se, que uma poetisa tinha começado a escrever por recomendação da sua psicóloga para lidar melhor com a sua depressão, mas que tinha acabado por se trancar em casa com o motor do carro ligado morrendo intoxicada por monóxido de carbono, que um autor que tinha ganho o prémio Nobel da Literatura tinha dado um tiro a si próprio deixando uma mulher que demorou meses para acreditar que tinha sido suicídio, eu recebi uma chamada do Mike. O Mike tinha posto um quadro à venda no Facebook e não tinha conseguido vender. Sabia que seria importante, nesta Internet de Coisas, dizer-lhe que não havia melhor que podermos sentir o sol a entrar-nos pelo corpo, podermos respirar bem fundo e sentirmos o oxigénio a entrar-nos pelas narinas e a alimentar-nos o cérebro e a mente e sabermos que estávamos vivos! E senti o Mike do outro lado da chamada a agradecer-me. Por mais amigos no Facebook que ele tivesse, fossem 1000 ou 5000 ele tinha que saber que esse número em relação aos milhões que somos não podiam significar nada. E ele tinha que saber que quando ele fazia uma publicação no Facebook, o Facebook não levava a publicação sequer a 50 dos seus amigos. E que, portanto, 50 pessoas terem visto o seu quadro, e não terem querido ou podido comprar não o podia desanimar ou sequer passar qualquer pensamento suicida pela cabeça. Ele não podia era ficar preso ao Facebook. É verdade que o Facebook ajudou algumas empresas, alguns artistas a revelarem-se ao mundo. Mas também abafou muitos outros. O Facebook tornou-se uma gigante indústria. O Big Data tornou-se uma gigante indústria com os dados do Facebook e de milhões outras empresas e instituições. As pessoas enviavam dados para o Facebook, ou para a nuvem e não conseguiam parar de enviar, como se estivessem ligadas a uma corrente elétrica e sabendo que estavam a ser processados, continuavam a gerar dados. E eu via o Mike a gerar dados. Via o Mike no Facebook a editar a publicação do quadro que estava a vender a dizer para que não

estivessem à espera que ele vendesse barato a contar a sua história de artista para quem não merecia ouvi-la. E depois ouvia o Mike a dizer que ia guardar a fotografia do quadro na nuvem e eu sabia que já havia robots-pintores que sabiam que os Direitos de Autor de um pintor que não registasse o seu desenho só ficava 3 anos protegido, podendo depois serem comercializados e eu já via robots-pintores a imprimirem os quadros do Mike e o Mike a ver robots a venderem por milhões os seus desenhos. Com humanos, os humanos até eram capazes de competir e ir mandar vir para o tribunal... Mas com robots? Com robots que sabiam de cor os artigos de todos os códigos? Se eu como editor recebesse *O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala através da nuvem, se o Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala tivesse partilhado o seu romance na nuvem, isso significava que o conteúdo do seu romance seria analisado, seria traduzido para outra língua através de algoritmos tradutores com Inteligência Artificial que poderiam “mexer” com o mercado na Alemanha, nos Países Baixos ou na Escandinávia. Tudo, por causa de um autor que está a escrever em Santarém, no seu humilde quartinho. Isto “até pode ser interessante” na ótica do analista de dados ou de um investidor ou de um publicitário ou de uma empresa de publicidade ou de uma empresa de dados ou de um governo, que já sabe que há um autor português a escrever sobre o Direito alemão, sobre a política holandesa, sobre os genes dinamarqueses e sobre a sofisticação sueca. E quando era a Suécia a dizer “não” aos drones e a dar dinheiro aos produtores de vaca para deixarem as vacas em paz e investirem na soja, era a China a dizer que já ninguém podia comprar um telefone senão com câmara de reconhecimento facial e era eu a ver que tinha escrito China já 21 vezes e a ver os algoritmos a detetarem que eu estava a escrever sobre o governo chinês. Era eu a ouvir os novos anúncios dos novos telefones 5G e com inteligência artificial que já estavam em pré-venda e era eu a saber que numa escola em Vila Nova de Famalicão tinha sido instalada



uma antena 5G e eram os pais a dizer que iam tirar os filhos da escola se a antena 5G não fosse desinstalada e era a direção da escola a ir buscar um artigo da Deco Pro Teste que dizia que o 5G não fazia mal. Eram os governos a aproveitar o vírus tecnológico para fazerem leis de última hora que proibiam os trabalhadores de irem ao supermercado e comprarem uma garrafa de vinho para o jantar com a família ou amigos, só porque sim, só porque podiam, só porque o poder permitia este “mexer na vida das pessoas” e eram médicos, que estavam na linha da frente a combater o vírus tecnológico, estupefactos com isto e com este porquê de não se poder comprar vinho depois das 20h, como era o ridículo de só se poder estar numa esplanada a beber um copo de vinho se se estivesse a comer qualquer coisa e com esta qualquer coisa ia-se injetando dinheiro no Estado, dinheiro que era dos contribuintes, dos contribuintes que tinham estado a trabalhar o dia todo com máscara e a desinfetar o dia todo as mãos com álcool já nem sentindo as mãos que já estavam fartos, e com toda a razão, da merda da história do vírus e fartos da merda de ideias tecnológicas com que o governo acordava todos os dias. Até que eu tive que ver o primeiro-ministro português na capa de um jornal internacional em grande plano com o telefone na mão e a dizer em inglês que era uma atitude cívica, ou que fazia parte do bom civismo, eu baixar a aplicação do vírus tecnológico???????? “Track and trace app download “civic duty””? Isto era para rir! Mas isto foi só a primeira parte... A primeira parte, só podia ser para rir, como era para rir a direção do Hospital Espírito Santo em Ponta Delgada que ameaçou chumbar todos os médicos estagiários se continuassem a reclamar. E porque é que os médicos estagiários estavam a reclamar e bem? Porque, estavam no estágio e deviam estar a estagiar nas várias especialidades e os médicos estagiários queriam estagiar, só que a direção achou por bem meter os estagiários que deviam estar no estágio, sendo o estágio a parte mais importante da formação de um médico, estamos a falar da formação de um médico, a

fazer “tendas”, que era estarem o dia todo dentro de uma tenda a fazerem a triagem dos doentes que apareciam com sintomas do vírus tecnológico e para além da direção meter os estagiários nestas tendas o dia todo, também os obrigava a fazer noites, quando as noites eram facultativas; e exaustos, os médicos estagiários, tiveram que ir falar com a Ordem dos Médicos que lá deu um parecer a dizer que os médicos estagiários estavam a fazer, de facto, horas a mais e que não podia ser... Mas o que não podia ser, era uma direção de um hospital com um diretor pouco inteligente que acha que não vivemos numa sociedade de informação tecnológica e que as coisas não se sabem, andar a ameaçar lindos médicos jovens estagiários amigos do Jakob para fazerem pouco barulho senão chumbavam e os médicos estagiários que eram inteligentes e sabiam como estava o panorama do país e não queriam chumbar e sabiam que o governo não estava com eles, tiveram que fazer o quê?

— Que se calar...?

— Claro, Thomas... Tiveram que se calar... Direções de merda a mandar calar médicos amigos meus? A mandar calar os médicos? E neste mandar calar iam-se instalando antenas 5G? Iam-se instalando câmaras de vigilância? Tínhamos que deixar drones sobrevoarem-nos e ficarmos calados????? Isto foi um filme de terror! Puseram-nos num autêntico filme de terror!

— Tio, e qual é que foi a segunda parte do filme para rir?

— A segunda parte?

— Sim, o pai disse que havia uma segunda parte. Já não se lembra?

— Mas a segunda da parte de que filme? Estamos afinal em que filme?

— Pois, parece que estamos em 1000 filmes ao mesmo tempo... O pai é que nos põe nos seus 1000 filmes ao mesmo tempo...

— Eu? Eu não. Foi o governo. O governo é que nos pôs a ver 1000 filmes ao mesmo tempo.

— O tio estava a dizer que a primeira parte para rir tinha sido o primeiro-ministro português na capa de um jornal internacional em 2020 com o telefone na mão e a dizer em inglês “track and trace app download civic duty”... Mas que ainda havia uma segunda parte...

— Sim, o pai prometeu-nos uma segunda parte para rirmos. Nem pense que vai deixar para 2081, porque eu quero rir-me agora.

— Ah! A segunda parte foi da recomendação passar para a obrigação...

— O quê???????

— Que bonito coro de namorados o vosso... Em 2020 eu tinha que ver casais de namorados a andarem de mãos dadas na rua com máscara, antes dos governos obrigarem o uso da máscara e a andarem de telefone na mão num silêncio tecnológico. O vosso namoro, que é um bonito coro, como o meu e o do Jakob, em 2020, quebrava todas as regras do silêncio, que as novas tecnologias queriam ditar. O primeiro-ministro decidiu aventurar-se numa ousada jogada de xadrez. Queria que fosse obrigatório instalarmos a aplicação do vírus tecnológico nos nossos telefones. Mas eu acho que já vos tinha contado sobre isto... Não vos falei da aplicação “Todos Ligados”?

— Sim, o tio falou... Mas eu acho que na altura não devo ter ouvido bem...

— Mas espere lá, pai... Eu também acho que na altura não devo ter ouvido bem... Mas isso chegou mesmo a acontecer?? Em Portugal??? Eu acho que quando o pai contou sobre isso, estava a falar “do governo”, mas ao mesmo tempo que falava de todos os governos, não era? Isso não pode ter acontecido em Portugal em 2020... Da História do Direito Português e Europeu que eu estudei isso não faz sentido nenhum para os códigos e para a Constituição que Portugal tinha... Isso está completamente fora dos códigos... Quem é que era o primeiro-ministro? O pai não nos contou que isso chegou mesmo a acontecer em Portugal...

— Mas estou agora a contar!

— O primeiro-ministro queria que todos andássemos com a aplicação do vírus no telefone. E disse que ia mobilizar as forças policiais para ver se as pessoas que andavam na rua tinham ou não instalada a aplicação no telefone e que quem não tivesse pagaria uma multa. De repente, Portugal era uma China. Começou por dizer que a sua obrigatoriedade seria em contexto escolar, laboral e que também seria obrigatório as forças armadas instalarem. O governo não fez só guerra com os médicos, fez também com as forças armadas, porque as forças armaram-se logo a dizer que não iam instalar merda de aplicação nenhuma! De repente, estávamos dentro de um tabuleiro de xadrez cheio de jogadas políticas. De repente, o socialismo virava um comunismo. E afinal, era mesmo verdade! O socialismo de merda, com ideias de merda, ia dar à mesma merda de ideias que era o comunismo. Uma extrema-direita também era isto. Era uma grande merda que ia dar também ao comunismo. Porque eu não via só o primeiro-ministro

socialista a mandar fazer isto. Via também o candidato do partido da extrema-direita a fazer isto, assim que subisse ao poder, a mandar-nos todos baixar a aplicação “Todos Ligados”. A fazer isto e muito mais. Via-o a mandar o Jakob para o país dele. Via-o a mandar os ciganos embora. Via-o a mandar fechar-nos a todos em casa. A mandar em tudo e a mandar em nada. Não mandou nada! Em Portugal, não podia mandar! Numa altura em que a Organização Mundial da Saúde já tinha vindo gritar não sei quantas vezes, para os governos não fazerem confinamento obrigatório, porque não fazia sentido nenhum, a Organização Mundial da Saúde a dizer que não fazia sentido nenhum e era a França, sem qualquer sentido científico, a mandar fazer um novo confinamento obrigatório? Antes de tudo isto ter começado, antes da Psicologia ter começado a ver nisto tudo um mina de dados depressivos, eu já tinha escrito que a saúde mental e a saúde espiritual era o mais importante e que para o nosso sistema imunitário estar a 100% e para o nosso cérebro ter capacidade para vencer o vírus tecnológico não podia ser evidentemente confinado! E que o confinamento obrigatório foi um crime político, um crime governamental e um abuso de poder, porque ninguém científico, nenhuma luz científica, nenhum deus científico nem *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom nos mandou confinar! E se o confinamento obrigatório já tinha sido um verdadeiro abuso de poder, imaginem o abuso de poder de um governo mandar todos os seus cidadãos livres, num Estado de Direito, num Estado de Direitos, Liberdades e Garantias, instalar a merda de uma aplicação que dizia se eu tinha estado ou não perto de uma pessoa que tinha sido infetada com o vírus tecnológico de 2020. Um governo mandar instalar-me uma aplicação???? No meu telefone???? Uma Segurança Social que obrigava os desempregados a terem sessões no Zoom?? É claro que quem era desempregado, e ficou tudo desempregado, e estava a receber um subsídio de desemprego, faz todo o sentido estar a procurar ativamente

emprego e eventualmente ter que participar em formações, mas não há qualquer direito da Segurança Social poder filmar os pobres desempregados, ficar detentora dos seus dados e tratá-los como quiser. Se as formações obrigatórias eram presenciais e eram nas instalações da Segurança Social ou num auditório arrendado, não podia haver nenhuma câmara instalada à porta da Segurança Social ou do auditório, muito menos no seu interior a filmar os pobres desempregados, a não ser que a formação fosse facultativa e todos os participantes fossem avisados, antes de se deslocarem às instalações, que a formação seria objeto de gravação de imagens e eventualmente som. Se o vírus tecnológico de 2020 impediu as formações de serem presenciais, as online ou eram facultativas ou se fossem obrigatórias e fossem pelo Zoom tinha que ser a Segurança Social a emprestar um computador se o desempregado não quisesse instalar o Zoom no seu telefone ou computador ou não tivesse computador ou acesso à Internet e desde que pudesse participar sem a obrigatoriedade de estar com a câmara e o microfone ligados. Porque só assim, é que podia ser obrigatório! Sabem o que aconteceu em 2025 quando a Segurança Social se transformou no Sistema da Segurança Social? Todos os desempregados tinham que ter instalada a aplicação do Sistema da Segurança Social no telefone. O Sistema da Segurança Social foi a primeira monitorização dos pobres. Deixou de ser o cancro benígno do sistema, para se tornar no tumor maligno do sistema. A aplicação tinha acesso ao GPS, ao microfone e à câmara. A aplicação sabia que o desempregado tinha faltado às entrevistas de emprego obrigatórias, porque tinha tido um encontro no Grindr. É claro que um desempregado devia pensar que ao estar a receber um subsídio do Estado não podia dar-se ao luxo de não ir a entrevistas de emprego, porque tinha encontrado o amor da vida dele; ou se calhar, até podia; muito sinceramente já não sei, nem sequer pensei muito nisso, mas também não quero pensar agora. O que eu sei é que o Sistema de Segurança Social não podia fazer isto num Estado

de Direito. Para além disto, as novas Sessões Virtuais Para os Desempregados passavam em direto num canal público. Já não eram só as listas de dívidas que eram públicas, essas listas negras que nunca percebi como é que o Direito nunca as proibiu, quando eu aprendi no primeiro ano de Direito Civil que todas as listas negras eram proibidas, muito mais proibidas se estivessem informaticamente numa base de dados publicada e acessível ao público em geral. Sabem como é que o Sistema de Segurança Social teve a ideia de comprovar se o requerente do subsídio de desemprego tinha ou não um valor mobiliário inferior a 100 mil euros, da altura? Mandava fazer um vídeo com a câmara do telefone e filmar todos espaços da casa desde a porta da casa apontando para toda a mobília que fosse “relevante”. O sistema com os seus novos algoritmos mobiliários calculava rapidamente o valor das mobílias e autorizava ou não o subsídio de desemprego. Se o sistema falhasse, o requerente podia chamar um agente do Sistema de Segurança Social que ia entrar em casa de telefone na mão a filmar tudo. E os senhorios imitaram e começaram também a bater à porta dos seus inquilinos de telefone na mão prontos para filmarem e a pedirem para entrarem como se fossem a PIDE/DGS para verem como estava o estado da casa. E as universidades começaram a imitar e a pedir não só estes vídeos para os alunos mais carenciados e que precisavam de estudar com uma bolsa, como também a pedirem a todos os alunos para instalarem a aplicação obrigatória da universidade para poderem entrar, circular e saírem da universidade. Supermercados que só deixavam entrar ou com impressão digital ou com a aplicação do supermercado no telefone... Supermercados que obrigavam os seus trabalhadores a trabalharem de auricular sem fios sem nenhum Código do Trabalho que lhes permitisse recusar usarem auriculares sem fios, porque um lúcido Direito À Saúde permitia-lhes gritar com o patrão dizendo que queriam chegar aos 88 anos sem cancro, com as memórias intactas e sem tiques nervosos? Só em 2020 havia uma marca de supermercados

em Portugal sem câmaras de filmar que até com o seu franchising num dos bairros mais complicados em Lisboa, na Amadora, não tinha câmaras de filmar, tinha dois polícias que amorosamente tinham uma paciência de santo para aturar gente complicada. Câmaras de filmar no supermercado cada vez mais sofisticadas capazes de lerem os meus lábios e montarem legendas debaixo das minhas imagens???????? Se não fosse o Sistema Perfeito a acabar com tudo isso, não sei onde íamos parar... Íamos parar à China ou a Marte...

— Mas hoje, em 2080, ainda vemos esses supermercados, pai...

— Tudo bem... Mas uma coisa é termos supermercados com câmaras de filmar em que eu posso escolher ir a outro onde sei que não há câmaras de filmar; outra coisa é eu ter uma universidade com câmaras de filmar em que eu não posso transferir-me para outra ou ter um sistema de base estatal em que o sistema é aquele e não há outro... É importante sabermos ver onde pode ir e onde não pode ir e até onde é que pode ir a tecnologia... Sem fazermos nenhum esforço, se estivermos lúcidos, conseguimos ver muito bem. É intuitivo, onde pode haver câmaras e onde não pode haver câmaras... Quando eu tenho supermercados com câmaras de filmar e outros sem câmaras de filmar, só vai quem quer aos supermercados com câmaras de filmar...

— Ou só vai quem pode, pai... O Ueega não é barato...

— O Ueega não é caro! Quer o quê? Comprar mel biológico ao mesmo preço que o mel do cabrão do seu tio que não respeita as abelhas e rouba-lhes o mel todo e ainda adiciona uma porcaria de açúcares? Quer vender vinho biológico ao mesmo preço pelo vinho que não é biológico? Quer o quê? Vender ovos de avestruzes e de perus e de galinhas que vivem livremente felizes no Parque dos Galináceos e no



Parque das Avestruzes e que não são só “criadas no solo ou ar livre”, porque isso não é nada, ao mesmo preço dos ovos que vêm da merda que são os aviários? Quem é que paga a manutenção do Parque dos Galináceos e do Parque das Avestruzes? A manutenção paga-se com a vendas dos ovos, que é o único produto de origem animal do Parque dos Galináceos e do Parque das Avestruzes que comercializamos... Os nossos vegetais e frutas têm zero pesticidas e são 100% biológicos! Não vendemos as coisas em plástico, estamos libertos dos plásticos! Todos os nossos produtos são certificados! Não há nenhum produto que entre no Ueega e que não seja certificado ou que a sua cultura não seja eticamente responsável! Não há sangue nenhum nem sofrimento nenhum, porque a carne vermelha está simplesmente excluída! Todos os nossos colaboradores recebem ordenados de felicidade! Tudo isso tem um preço, é claro! Eu também tenho que pagar um imposto por não ter câmaras de vigilância nos meus supermercados, ou acha que é só você que paga em 2080? Somos todos! Mas, tudo bem... São escolhas... Quando um olha para as coisas como quer...

— Eu só vou ao Ueega, tio.

— Sim, pai, nós só vamos ao Ueega. Temos um Ueega no condomínio... Mas só estou a dizer que não acho muito barato, mas é a minha opinião...

— Ah!... Nem sabia que tinham um supermercado Ueega no condomínio...

— O tio não sabe onde tem os seus supermercados?

— Oh...! O Ueega do vosso condomínio é um franchisesing... Estou velho para saber quantos franchisesings existem hoje... Hoje já são tantos! Vocês não sabem como se abrem os franchisesings? Eu

aprendi em Direito Comercial... Abrem-se com muita facilidade... É só seguir o modelo... Eu só abri o de Cascais, e os do Algarve... Os outros não fui eu. Os outros só me seguiram o modelo ostreo-vegetariano. Fomos o primeiro supermercado ostreo-vegetariano com aquicultura de ostras e kelp do mundo a receber um prémio azul de sustentabilidade do Blue Oceans Bank e um prémio doirado do My Earth Bank. Um elemento essencial da sustentabilidade é comermos animais o mais baixo possível da cadeia trófica e os bivalves estão no nível 1 da cadeia. Além de serem um produto saudável, com pouca gordura e elevado teor de Ómega-3, a própria unidade de aquicultura de bivalves limpa a água, porque ao aumentarmos o número de bivalves e sendo os bivalves verdadeiros purificadores da água, com a aquicultura de bivalves estamos a tornar a água mais limpa. Engraçado, não é? O kelp, a mesma coisa. Quando quis a produção de organismos aquáticos utilizando técnicas responsáveis que aumentassem o seu número para além da capacidade natural do meio ambiente e quando quis a sua cultura responsável em águas doces, salgadas e salobras era exatamente para isto: para cultivar ostras e algas. Porque há aquiculturas que fazem bem ao planeta, que purificam a água, que são sustentáveis, que se inserem numa economia verdadeiramente verde, regeneradora, reparadora. Eu não queria abrir supermercado nenhum. Nem queria fazer cultura nenhuma! Nem queria ser agricultor nem aquicultor nem ostricultor! Mas vi como a União Europeia estava a dar fundos, a fundos perdidos e a financiar vitaliciamente os ordenados do pessoal para qualquer aquicultura fosse ela responsável ou não, fosse ela tóxica ou não, fosse de polvo ou camarão, fosse de atum ou mexilhão. Por muito que predasse polvo, pelo polvo ser canibal e solitário, apesar de inteligente, eu nunca fui a favor da sua criação em cativeiro, justamente pelo polvo ser inteligente e ter um sistema muito sensível e noção do espaço e sempre fui a favor de quem quer comer polvo tem que mergulhar e num ajuste de contas enfrentar a inteligência para (a)

predar. As aranhas são canibais, mas não é por serem canibais que as vou desproteger, protejo-as porque elas não fazem parte da minha dieta. O polvo faz parte da minha dieta. Se eu o deixasse evoluir, era eu que faria parte da dieta dele. As aranhas não evoluem. A vaca pode ter o triplo do tamanho que não me come. Nem ela nem o porco, que é omnívoro. É claro, que se me cortarem aos pedaços e me atirarem aos porcos, eles vão comer a minha carne. Mas se me virem a sorrir e se me ouvirem, eles vão sorrir! É preciso conseguirmos entender a filosofia da predação humana de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala. Nem todos conseguem compreendê-la... O mercado tecnológico, que mandou os supermercados instalarem câmaras de filmar, fez-me olhar para cima; e quando olhei para cima, vi que um supermercado era só um simples armazém com filas de corredores de prateleiras e que não era muito difícil montar um supermercado com bons fornecedores desejosos de verem os seus produtos bons nas prateleiras de um novo supermercado. Com um Sistema de Segurança Social a querer ser responsável do tratamento de dados da maior parte dos supermercados, com um primeiro-ministro que eu me lembrava de 2020 a mandar instalar uma aplicação obrigatória no telefone, eu achei que seria melhor abrir um supermercado. Quando uma União Europeia já tinha vindo dizer, com a sua voz jurídica para os países não fazerem isso, para não obrigarem ninguém a instalar aplicações no telefone ou para não obrigarem ninguém a sair com um telefone, vai Portugal – que estava na União Europeia – fazer isso? O primeiro-ministro foi louco! Virou louco, só pode! Sabe o que é que é a proposta de lei do primeiro-ministro vir com a previsão de uma multa de 500 euros, de 500 euros??? 500 euros na altura, em Portugal, era metade do salário médio... E o que é que uma pessoa lúcida e inteligente ia fazer em relação a isto? Ia gritar com a polícia invocando preceitos constitucionais? Para ir presa? Ia suicidar-se? Para a loucura dos outros ganhar? Para a loucura dos outros enlouquecer-nos? Talvez começasse a pensar em tomar o poder

numa Era assustadoramente tecnológica, porque eu não queria numa *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari que o Governo dos Chips e dos Drones hackeasse a minha mente tecnológica. Graças a’*Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy sabia o que tinha de fazer, que leis tinha que fazer para agarrar na minha prancha e surfar até ao parlamento. Vi a Comissão Nacional da Proteção de Dados a dizer num estúpido palavriado que “impor por lei a utilização da aplicação fosse em que contexto fosse suscitaria graves questões relativas à privacidade dos cidadãos” ao invés de dizer logo que nenhum governo poderia inventar uma lei dessas e que se o fizesse não estávamos num “mero” problema de inconstitucionalidade “académico” em que depois íamos a falar disto para o café cheio de pontos de interrogação na cabeça com o cigarrinho na boca e com o telefone na mão a ouvir-nos estupidamente a falarmos como se tivéssemos acabado de entrar ou de sair da Faculdade de Direito. Estávamos sim, perante o maior crime constitucional da história depois do abril de 1975! Só faltava colocarem-nos o chip! Era completamente indiferente a aplicação não recolher dados pessoais, não exigir registo, não traçar um perfil do utilizador ou a sua utilização ser anónima. Porque exigia, por exemplo, que eu tivesse de manter o Bluetooth ligado, quando nenhum Governo me pode, primeiro, obrigar a andar de telefone na rua, nem no trabalho, nem em lado nenhum, muito menos me pode obrigar a andar com o Bluetooth ligado! Mas por acaso, eu fui julgado em algum tribunal criminal e foi-me concedida alguma pena de prisão domiciliária moitorizada por um telefone como se fosse uma pulseira eletrónica????????????????? Essa medida poderia fazer sentido, para quem está preso! Para quem não está livre! Mas ninguém via isto! Ninguém conseguia ligar o telefone ou uma aplicação do telefone a uma pulseira eletrónica! Talvez, tenha sido a melhor ligação que eu tenha feito para poder começar a gritar à séria pelos meus direitos! É claro, que só alguém tecnologicamente iliterado, que não pertence ao mundo da tecnologia, que não é tecnológico, que não

tem uma mente tecnológica e não sabe que os hackers podem entrar pelo nosso telefone através do Bluetooth ou do Wi-Fi vai propor uma merda dessas! Só um estúpido que não tem outro nome! Num mundo de *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke que perseguem um *Target – A Pegada Digital* de Ralf Kleba-Kodak, a minha *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari, despertou em mim um forte sentimento de força e poder de lutar até ao fim pelos meus direitos, liberdades e garantias que uma faculdade de Direito me ensinou! Já não bastavam as câmaras de filmar com algoritmos que detetavam as pessoas que não estavam a usar máscaras na rua e as reputavam numa nova aplicação como pouco cívicas... E eu via o governo a correr baixar a nova aplicação e a ver quem é que era pouco cívico, pouco inteligente e não era médico de certeza... Como se alguma vez isto funcionasse... Do Bluetooth passaríamos *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto para a obrigatoriedade do GPS... E lá íamos nós “Todos Ligados”... E andaríamos com o GPS desligado; quando víssemos a polícia, ligávamos o GPS e mostraríamos que tínhamos a aplicação instalada, o Bluetooth, o GPS e os dados móveis ligados ao 5G conectados a um dos duzentos mil maravilhosos satélites e mostraríamos ainda que como wallpaper do telefone tínhamos a fotografia do nosso querido governante ou do nosso marido ou namorado, caso ele fosse um comunista de dados e partilhasse as nossas fotografias com a polícia que introduziria uma pen no nosso telefone para ver se éramos terroristas biológicos do vírus tecnológico. Seria assim, o nosso fantástico 2080 se deixássemos cérebros infetados como o do primeiro-ministro proliferarem... Foi infetado pelo vírus, só pode! Só pode! Mas porque é que Portugal tinha de voltar a ser pequenino? Isto dava-me vontade de chorar! De desistir! Juro! Ter de sair de casa com a merda de um chip? Porque o telefone é um chip! Foda-se! Mas como é que ninguém conseguia ver isto???? As pessoas achavam normal!!!!!! Eu ficava doente com os comentários que eu lia no Facebook! As pessoas

estavam doentes e estavam a pôr-me doente! Só sabiam ir buscar a porcaria do “Regulamento da Proteção de Dados”, que um fantasma lhes pôs à frente para gozar com elas e ficar a ouvir por detrás do microfone o histerismo delas! Diziam que a aplicação era menos inofensiva do que o Facebook, sobre a questão “da proteção de dados”. Mas as pessoas sabiam lá o que estavam a dizer! Era tudo a falar sobre “a proteção dos dados”, mas depois ninguém sabia proteger devidamente os seus dados, porque se punham por exemplo debaixo de uma câmara a ver coisas no telefone sem saberem quem estava por detrás da câmara. Se era um polícia a ver que estávamos a falar no Grindr com um polícia... Se era um robot, se era um algoritmo... Parece que as pessoas não conseguiam ver o filme todo. Primeiro estávamos a falar de dados de saúde, que são dados extremamente sensíveis e depois a questão fundamental não era essa! A questão era um governo autoritário poder nas luzes do século XXI mandar uma sociedade tecnológica e informada baixar uma aplicação para o telefone e dizer que a sociedade só pode circular com o telefone e se tiver a aplicação instalada no telefone. E ter de escrever sobre isto? Um governo obrigar-me a escrever sobre isto? Porque foi o governo que me obrigou a escrever uma novela parlamentar! Que merda de telenovela em que eu já só sabia dizer “merda”, quando eu nunca tinha dito merda na minha vida, muito menos pensava que ia acabar a escrever merda! Mas quando um governo de merda, quando governos de merda se metem com ideias de merda para nos enlouquecer, é claro que nós vamos enlouquecer e começar só a dizer merda! E eu depois ia ler o que tinha escrito e começava-me a rir, porque tinha visto que estava a escrever um teatro político em tempo real? E ria-me disto!??? Ah! Mas esta merda cansou-me!... Fiquei sem energias! Quantos teatros de comédia é que eu tive de fazer disto? Quantos? E depois em toda a sorte do teatro, só me apetecia era gritar! Porque isto foi um teatro!... Ter de sair de casa calado, porque um governo me obrigava a andar

com a Internet ligada e eu não querer que a Internet processasse o que eu dissesse nos meus sagrados passeios espirituais fosse com o Jakob, com a Sarah, com o Thiago ou com o Mike???? Ter de andar mudo, porque tenho microfones ligados e algoritmos em cima de mim e drones a voarem sobre mim? Isto só podia ser a gozar! O governo estava a querer o quê? Que eu pegasse no meu exército, fosse ao Tribunal Constitucional para aprovar o programa e subir ao poder? Mas eu tinha de tomar conta desta merda ou quê? Mas que merda é que se estava a passar? Ter de andar com uma aplicação atrás de mim? Ter de sair com o telefone obrigatoriamente? É que isto era aquilo que eu ficionava em 2019; não podia agora ser num ano que a ficção científica se ia tornar real, pois não? Só que ia! Só que ia, mesmo... Porque a tecnologia estava a acelerar todas as ficções científicas. Tudo o que estava escrito, com a tecnologia ia tornar-se real. Depois era o jornalismo de merda que me fazia vomitar! A Suécia não fechou as discotecas quando todos os outros fecharam. E quando o governo sueco disse que ia limitar o número nas discotecas para 50 pessoas, o que é que todos os jornais portugueses vieram dizer? Que a festa na Suécia ia acabar, quando não ia acabar coisa nenhuma. Quando o presidente da república promulgou o diploma que impunha por 70 dias a obrigatoriedade de máscara na rua quando não fosse possível praticar o distanciamento social de 2 metros, o que é que os telejornais vieram dizer na TV como título de notícia nos principais canais? Que seria obrigatório o uso de máscara na rua. Se eu não soubesse ir ao Diário da República online e ver o que dizia a “nova lei” ficava a achar que tinha que andar obrigatoriamente de máscara na rua; que foi o que muitos pensaram, porque ficavam a olhar para todos os que não tivessem máscara, como se fossem robots do sistema. Por causa de um jornalismo de merda, de um jornalismo político, de um jornalismo que só quer é escandalizar e que ocupou durante meses o tempo de antena com o vírus tecnológico. E eu a 2 metros ter de ter discussões na rua

com pessoas que diziam que eu não podia andar na rua sem máscara e eu a dizer-lhes que podia porque estava a cumprir o distanciamento social de 2 metros e porque estava em Santarém e não estava numa Lisboa? Sentia-me um alien, vindo de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi. Felizmente que uma Nova Media Global trouxe o Jornal Jupiter para Portugal e felizmente que uma Nova Media Universal trouxe o Alieneyed, o Is Happening e a Jupiter Society para a Europa. E era eu a ir feliz para as Portas do Sol, a ver este novo jornalismo e a respirar o ar puro de Santarém com uma polícia completamente tranquila e a pensar que se estivesse em Lisboa teria que andar na rua num autêntico sufoco com máscara e com um patrulhamento de polícia de choque pronta para abordar tudo e todos, sem deixar ninguém pensar. E era o primeiro-ministro a dizer que não percebia a “agitação do povo” em ter ficado tão preocupado com os seus direitos, “só” porque ele estava a mandar baixar uma aplicação obrigatória para os telefones, quando “no entender dele” era muito mais restritivo, em termos de liberdades e garantias, andar com máscara na rua... Só ter sabido pelo Jakob ao telefone, que o primeiro-ministro tinha dito isto, eu perdia as forças todas, eu ficava doente...! E, portanto, se nós não queríamos ser monitorizados ou mediar a nossa vida real económica e social através de uma aplicação que não fomos nós que programámos e não fazemos ideia como se processam e como são tratados os dados, então, para “aprendermos” a sermos “mais cívicos e obedientes” íamos todos andar de máscara na rua!... Era um decreto que dizia que estavam dispensadas de usar máscara na rua “as pessoas que integrassem o mesmo agregado familiar, quando não se encontrassem na proximidade de terceiros”??? Então e os namorados???? E eu e o Jakob que dávamos beijos na boca não podíamos porquê andar na rua os dois de mãos dadas longe de todos sem máscara? E era a polícia a interromper o meu piquenique com a Sarah, com o Jakob e com o Thiago para nos perguntar como se fosse uma PIDE/DGS se éramos ou não do



mesmo agregado e nós a mentirmos com o nosso Direito À Mentira, a respondermos que sim e era a polícia a achar muito estranho que eu preto pudesse fazer parte “daquele” agregado familiar e a perguntar se tínhamos algum documento que pudesse comprovar que estávamos a dizer a verdade, alguma fatura no nosso nome da mesma casa ou a declaração do IRS... E era eu a dizer que a Sarah era irmã do Jakob e que eu era namorado do Jakob e que o Thiago era namorado da Sarah e que vivíamos os 4 na mesma casa e era a polícia a perguntar se estávamos em união de facto e nós a dizermos que não e a polícia a perguntar se tínhamos alguma fotografia nossa publicada no Instagram a beijarmo-nos para provarmos que éramos namorados e era eu a dizer que nenhum de nós tinha Instagram e era a polícia a pedir-nos os telefones para vermos se tínhamos o Instagram instalado no telefone ou não para ver se estávamos a mentir... Era eu a passear de mãos dadas com o Thiago no Caminho dos Mochos e éramos nós a vermos a polícia a aparecer e a termos que “descolar” e era a polícia a perguntar, porque é que estávamos a andar sem máscara e era eu a responder num ativo tom de Direito que estava a passear no campo a 2 metros do Thiago e era a polícia a dizer que tinha sobrevoado por nós de drone e que a fotografia que nos foi tirada provava que estávamos a 1,97 metros de distância e não a 2 metros e que teríamos que pagar uma multa e se não tivéssemos dinheiro iríamos ter que fazer trabalho forçado comunitário e a mandarem-nos descarregar imediatamente a aplicação “Todos Ligados”, para não apanharmos duas multas de seguida num dia... E era isto e muito mais. E foi isto que aconteceu e muito mais. E depois de já estarmos todos muito cansados e querermos respirar "uma verdadeira liberdade", numa altura em que o próprio governo conseguiu enfiar ainda mais o povo dentro do telefone e da nova vida online, porque foi um governo e uma Direção Geral da Saúde que andou a dizer ao povo, aos nossos pais, aos nossos avós, para seguirem as recomendações no Instagram, lá se voltou a falar outra vez na

aplicação. Para ficarmos “Todos Ligados”, sem termos de andar de máscara na rua... E se fosse preciso, que se mandasse fazer um referendo para perguntarmos ao povo o que é que ele queria, o que é que ele preferia... O povo é que ia mandar!... E o povo burro, ao invés de se abster 100%, lá foi participar, com todos os seus direitos, na vida política da sociedade, legitimando o maior crime da história constitucional... Os comentários no Facebook que eu via dos estudantes de Direito que eu sabia que tinham passado a Direito Constitucional, mas que afinal deviam era ter chumbado, porque entristeciam o Direito Constitucional, deprimiam o Direito Constitucional. Diziam que a obrigatoriedade da aplicação era uma questão “de bom senso” e que “ao julgarmos a medida seria necessário ter em conta alguns vetores”... E eu, sem querer saber de vetores nenhuns, via os estudantes de Direito a trazerem “os vetores” e a falares “dos valores axiológicos” da Constituição e a ponderarem com o peso da “crise sanitária” e a dizerem que mais preocupante discutir seriam as condições habitacionais, o desemprego e a falta de condições e meios de sustentar a saúde, concluindo com um charro fumado que, talvez, a medida não fosse assim “tão preocupante”, quando pessoas estavam a morrer e todos nós estávamos a assistir no telefone o velório online que passava no Zoom e a fotografar o enterro. Estudantes de Direito cheios de moca a misturarem assuntos desta maneira? Combater o desemprego, melhorar as condições de saúde não é incompatível com lutar sempre pelos nossos direitos! Não é por pessoas estarem a morrer do vírus tecnológico e o vírus tecnológico ser real que isso faz com que eu me esqueça dos meus direitos fundamentais! As pessoas já não queriam saber se o café onde iam tinham câmaras sofisticadas que liam os lábios gerando legendas automáticas nas imagens que iam processando. Porque as pessoas estavam completamente dormentes. Perderam a sensibilidade para tudo. Perderam a voz! Perderam a garra! Perderam a lucidez! Alguém

lhes disse que estavam dentro de um filme, que a vida delas era um filme, que já nada era privado e as pessoas pouco se importavam se havia câmaras ou não porque repetiam como robots dos algoritmos, que “nada era privado”! Quanto tudo aquilo que quisessem defender, seria sempre privado! E que só não iria ser privado aquilo que se esquecessem de proteger. Proteger os dados não era só assinalar com uma cruz no campo “não autorizo” do formulário que perguntava se autorizava que a empresa comunicasse os dados com outra empresa. Se as pessoas vissem estes “dados” como “vida”, talvez não autorizassem uma empresa a comunicar sobre a sua “vida” a outra empresa, ou não fossem a um estabelecimento comercial que filmasse a sua “vida”. Andar com uma aplicação que medeia a minha “vida”, fazendo com que tudo aquilo que eu disser seja enviado para o Big Data e seja analisado por algoritmos e analistas, porque essa aplicação só funciona se eu tiver a Internet ligada e, portanto, estiver a dar dados meus ao Big Data, é logicamente uma medida não só inconstitucional, como a sua obrigatoriedade é um crime! Ponto final, parágrafo! Quem não vê analistas de dados, quem não vê empresas de dados, quem não vê mercados de dados é porque não anda bem informado e tem de se ir informar, pensar, meditar sobre o assunto e acordar de uma vez por todas para a realidade. Pode ser um pouco assustador, no início? Pode... Mas é bom assustarmo-nos e vermos onde estamos metidos, onde é que o mercado nos meteu e como é que o Direito nos deixou. Ver estudantes de Direito que seriam futuros ministros, futuros advogados, futuros juizes a não conseguirem ver isto, dava-me vontade de chorar e fazia-me olhar à minha volta e perguntar se eu existia e se tudo isto seria mesmo real... Parecia que o governo nos estava a fazer passar por testes à sanidade mental. Era escusado o governo português pôr-se a olhar lá para fora – para França – e dizer que em França se estava a fazer o recolher obrigatório, porque o governo francês não manda no mundo, nem tem que mandar na minha vida em Portugal ou

Espanha! Nós somos seres sociais! Há um Direito à Psicologia e um Direito à Saúde Mental! A Organização Mundial da Saúde disse aos governos para não fazerem confinamentos obrigatórios, porque os confinamentos, como é lógico, iriam espoletar problemas de saúde mental e novos dados deprimidos para um novo mercado de dados mentais e psicológicos. E por isso, se Portugal queria parar de ser pequenino, tinha de parar de olhar para a França e olhar para a Europa e ouvir o que é que a Organização Mundial da Saúde estava a dizer! Porque se uma União Europeia está com as antenas ligadas à Organização Mundial da Saúde e à Organização das Nações Unidas, então é para a União Europeia que eu tenho de olhar. E talvez, olhar, sim, para uma Suécia! Era por isso, que era muito importante estar numa União Europeia e haver diretrizes e normas europeias que podiam prevalecer sobre normas ou vontades nacionais ou só de um cérebro que democraticamente tinha sido eleito para governar segundo as leis constitucionais e segundo as leis comunitárias internacionais do Direito da União Europeia. Porque Portugal, em 2020, não estava sozinho, estava numa União Europeia. A obrigatoriedade da aplicação do vírus tecnológico era legal na China e na Índia, mas era obviamente ilegal na União Europeia.

— Tio... E se fosse ao contrário? Se fosse a União Europeia a ter sido primeiro infetada pelo vírus e a dizer que todos os países europeus deviam mandar os seus cidadãos instalar a aplicação nos seus telefones?

— Nesse caso, como essa directriz ou norma ou recomendação era absurda e estranha ao nosso Direito, só com a nossa Constituição nós conseguíamos afastar a sua obrigatoriedade. Podíamos andar com a Constituição debaixo do braço e dizer que tínhamos deixado o telefone em casa ou que não tínhamos um telefone que suportava a aplicação e

não íamos comprar um novo ou que não tínhamos mais espaço no telefone para instalar aplicações e que não íamos apagar fotografias que tínhamos tirado com os nossos amigos e namorados só para libertar memória para instalarmos uma merda que não queríamos.

— Ainda bem que a nossa constituição é hoje uma Constituição Tecnológica e não precisamos de andar com ela debaixo do braço. Podemos trazê-la no telefone, numa aplicação. Uma das poucas aplicações que tenho instaladas no meu telefone.

— Ó meu querido filho!... Antes da nossa constituição ser hoje a Constituição Tecnológica, quando se chamava Constituição da República Portuguesa ela já era tecnológica e já existia numa aplicação para instalarmos no telefone. Eu só tinha 8 aplicações instaladas no meu telefone: o Código Civil, o Código Penal, a Constituição da República Portuguesa, a Jupiter Editions, a Jupiter Agenda, a Jupiter Members e o Kanal Jupiter. Quando o primeiro-ministro disse que ia submeter a proposta de lei ao parlamento, para andarmos com uma aplicação obrigatória instalada no telefone, o presidente da república veio logo dizer que submeteria ao Tribunal Constitucional a fiscalização preventiva da sua constitucionalidade, enquanto a Ordem dos Advogados dizia de caras, com o seu brilhante bastonário, que logicamente a obrigatoriedade de se instalar a aplicação no telefone estava ferida de inconstitucionalidade. E foram mais não sei quantos dados que se geraram sobre isto no Facebook, porque era tudo a comentar no Facebook sobre isto. Uns achavam que aplicação devia ser obrigatória. Outros falavam da proteção de dados. Outros diziam que se estavam no Facebook, não fazia sentido importar com uma aplicação que não processava os dados que o Facebook processava. Outros diziam não sei o quê e eu parecia que ficava mais burro com cada coisa que lia da sociedade de informação tecnológica. Depois eram vídeos

virais a dizer que íamos todos ser controlados, que os governantes eram marionetes e as pessoas não tinham capacidade de perceber o que queria dizer ser uma marionete. Ví um vídeo, que uns drogados me obrigaram a ver, em que uns ex-presidentes das Américas apareciam como bonecos de marionete “movimentados” por uma Mão Invisível... O que é que os drogados começavam logo todos a dizer?

— Que não éramos reais... Que os presidentes eram as bestas ou os demónios... Que eram um programa qualquer de computador...

— De um super computador de Inteligência Artificial, Thomas!... Mas era isso mesmo... Não conseguiam perceber as analogias que se faziam... O que se queria dizer era que, muitas das vezes, um presidente ou líder de um partido político não é o verdadeiro líder, só está a dar cara, porque tem uma imagem que vende... Que por detrás, às vezes, de uma cara está um polvo inteligentíssimo, está um cérebro humano que consegue estar na política ao mesmo tempo que está na farmácia, ao mesmo tempo que está nas antenas 5G, ao mesmo que está a liderar um culto orgiástico e uma igreja, com os seus braços inteligentes, com a sua tecnologia, com as suas redes, com os seus contactos, com as suas ligações, consegue hackear todos os sistemas, e por isso, chegar a todos os sistemas. E os drogados que não eram capazes de ver esta realidade? O problema é que andava tudo drogado, andava tudo a drogar-se, até a Psicologia e o Direito andavam a drogar-se e depois não viam o que era preciso ver, porque a droga não os deixava ver isto e levá-los para outros mundos e dimensões paralelas fora da realidade. Ficavam burros com a droga. Não ficavam inteligentes. A canábis é que era inteligente, a canábis queria era acabar com os humanos, queria deprimi-los, levá-los ao suicídio. Começou tudo a fumar canábis. Comecei a ver a canábis a tornar-se bacana e legal. Virou uma moda. Tudo na boa. Tudo na passa. Tudo na boa na

aplicação da canábis numa mais outra passa. E numa outra passa, tudo na aplicação a digitar a experiência paranoide que estava a ter. Tudo na boa a fumar e a delirar e a classificar na aplicação o quão potente era aquela moca. E era uma descarga e uma transferência constante de dados. Até dados mocados. Dados psicológicos, dados mocados que também queria entrar na categoria de dados extremamente sensíveis como os dados de saúde. Era um riso. Porque estava tudo na boa. Estava tudo na passa. Tudo na passa a ver o mundo a passar. Quando não estava nada tudo na boa. Quando o Direito não estava nada na boa. Mas era tudo na boa. Era aplicações de drone a dizerem “voa na boa”. E tudo na boa, tudo na estupidez da tecnologia, tudo a ser estupidificado pela tecnologia, não viam que por detrás do líder da extrema-direita em que estavam prestes a dar mais um voto e mais um voto que o faria chegar mais perto do poder, era, afinal, uma marionete de um cérebro frustrado e sedento pelo poder que tinha tentado fundar um partido, um novo nazismo, um neonazismo. Ninguém conseguia ver as células, ninguém conseguia ver os tentáculos. Ninguém conseguia ver as ligações. Drogados, não conseguiam ver nada. A droga não deixa os drogados ver o nazismo. Apodrece-os. Torna-os podres. Ficam com dentes podres. São dentes podres. Têm dentes podres. Têm as raízes podres. São uma podridão de ideias. Não conseguiam ver a realidade das marionetes, porque tinham a cabeça cheia de conspirações, cheia de Fake News. As pessoas já não sabiam em que é que deviam acreditar. Só porque o Bill Gates financiava na sua filantropia a Organização Mundial da Saúde, diziam que a Organização Mundial da Saúde era uma mentira-política e que o vírus tinha sido inventado???? Quer dizer, se amanhã aparecer um novo vírus e a Jupiter Editions resolver financiar a Organização Mundial da Saúde ou eu mesmo resolver fazê-lo, em nome individual, vão dizer que eu sou o quê? Vão dizer que fui eu que inventei o vírus? Só para o poder financiar? E se o Jakob investir parte dos lucros de uma das nossas

empresas e inventar os testes ou a vacina do vírus de amanhã e for para a televisão incentivar as pessoas a testarem ou a vacinarem vou ouvir o quê, a dizerem que foi o Jakob que inventou o vírus só para poder vacinar? Porque era isto que as pessoas iam dizer, porque foi isto que as pessoas andaram a dizer, andaram a conspirar... Vejam só como estavam a cabeça das pessoas... Como os governos puseram a cabeça das pessoas... Porque isto foi culpa dos governos, não foi culpa do vírus... Foi culpa dos governos completamente anticientíficos, completamente drogados, a darem cabo do Direito, que não souberam lidar com o vírus. Antes dos governos passarem da recomendação para a obrigação, do uso de máscara na rua, na rua, vi e ouvi psicólogos a andarem de máscara na rua só porque estava toda a gente de máscara na rua? Nem os psicólogos conseguiam ver a psicologia. Sabem o que é que isso quer dizer? As pessoas tinham era que abrir as janelas! Respirar ar puro! Não eram enfiarem-se ou mascararem as suas vidas com máscaras... E andámos, por isso, todos num teatro político, num teatro económico, num teatro tecnológico... E depois vinha a Psicologia que olhava para isto e dizia “não mascare as suas emoções”... E depois era o Mike a telefonar-me histérico a dizer que tinha ido namorar com o Kristofer para um penhasco sueco de fazer perder a vista e que tinha fotografado e queria publicar no Instagram, mas que o Instagram não deixava publicar porque dizia que a fotografia dele incitava ao suicídio e que o Instagram lhe dava linhas de apoio psicológico para ele telefonar e ainda ia buscar da lista de contactos os números de amigos mais importantes e que o Instagram tinha ido buscar o meu número. E ele histérico dizia, que o Instagram não podia limitar a liberdade de ele publicar a fotografia que ele queria ter publicado na hora que ele queria e que ele tinha esperado religiosamente pela hora que ele queria publicar e que o Instagram estava a violar a liberdade e o direito dele de publicar uma fotografia e era eu a rir-me, a rir-me perdidamente e o Mike a dizer que estava mesmo muito ofendido com o Instagram, pelo



Instagram estar a achar que ele estava com pensamentos suicidas e eu a rir-me, cada vez mais, e ele a perguntar o que é que ele podia fazer, porque ele não queria que o Instagram pensasse que ele estava com pensamentos suicidas e queria “desfazer” os algoritmos que diziam que ele precisava de apoio psicológico; e eu a rir-me e ele a dizer para eu fazer alguma coisa, para eu falar com o Instagram como advogado dele, porque ele queria muito publicar a fotografia e a fotografia era linda e não percebia porque é que um penhasco incitava ao suicídio. Quando eu desliguei a chamada, eu caí na real e lembrava-me que eu tinha escrito em 2018 que “um dia” a Psicologia Digital olharia para as publicações dos seus pacientes na “rede” e sem ter que sair de casa, online, enviaria o diagnóstico por mensagem ao paciente e à Nova Ordem dos Psicólogos Online, que muito rapidamente trocava dados com a Nova Ordem dos Médicos Online que numa Telemedicina tinham toda a história clínica do paciente e toda a história clínica para trás de todos os parentes do paciente numa plataforma online, que era gerida por uma empresa de dados extremamente interessada em fazer a gestão de dados extremamente sensíveis. E eu via os médicos e os psicólogos a andarem nas nuvens, sem saberem que as nuvens eram hackeáveis. Via-os em 2018 a fazerem consultas online e a enviarem os dados da consulta e toda a gravação da consulta para a nuvem e via o Big Data a controlar e a deter todas as nuvens como se fosse *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom. E eu via os psicólogos e os psiquiatras em 2021 a mandarem para as nuvens tecnológicas todos os pacientes que diziam que queriam falar com *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom. E eu via clínicas e hospitais privados a quererem comportar-se como uma Administração Público-Privada de Dados de Saúde e a fazerem parcerias com o Facebook e com o Instagram. E via o Instagram a recolher dados para enviar a Clínicas de Saúde e Bem-Estar Psicológico e a linhas de Apoio Psicológico. E via psiquiatras com o Grindr instalado e com fotografias públicas no Instagram em

tronco nu, de boxers e em poses “sensuais” exageradamente ridículas a estarem à frente destas novas clínicas e plataformas online de saúde mental. Isto em 2018 parecia ficção científica. Hoje, tornou-se uma realidade. Como é que eu, psicólogo, consigo hoje atravessar paredes e entrar nos quartos dos meus pacientes num sofisticado holograma?

— Por causa do Instagram, pai?

— Por causa da *Rede*. Porque todos permitiran. Porque não souberam pôr um travão. Porque deixaram que a Psicologia, a Medicina, o Direito do Trabalho, todos eles entrassem nas suas casas, entrassem nos seus quartos. Eu sei que você também viu psicólogos a “começarem” a dar consultas online. Mas quando você viu, não foi a primeira vez. Isso voltou a acontecer. Porque isso já tinha acontecido. Porque estamos hoje numa liberdade tecnológica. Há quem não se importe de estar numa consulta online. Estamos dentro de um ciclo. A economia gira sempre à volta do mesmo. Foram milhões de consultas online. Depois falou-se da vulnerabilidade das nuvens e das plataformas e da vida online, falou-se sobre os dados, falou-se de tudo. Já se podia falar, porque já se tinham muitos dados. Quando as pessoas se aperceberam que tinham gerado muitos dados e traços de personalidade para empresas, administrações público-privadas e governos, as pessoas saíram do mundo virtual para temporariamente voltarem um pouco à realidade. Mas a economia dos dados não parou. Porque havia milhões de dados para serem comercializados. E os dados andaram a ser comercializados. A serem vendidos, a serem comprados, a gerarem novos dados, porque os próprios dados conseguiam gerar novos dados, enfim, isto nunca mais acabava. E não acabou. Vieram novas tecnologias para todo o Peopl-E. Veio a nova Era do Governo dos Algoritmos que dizia que os nossos neurónios eram algoritmos e que para sermos um só cérebro ligado ao Super Computador da

Inteligência Artificial Mais Empática do Mundo tínhamos que estar todos na MindsZon a pensar o mesmo para mudar o mundo da humanidade. E veio a BigKloud e comprou a MindsZon. E afinal, o Big Data era a BigKloud que transportava todos os dados que a Rede tinha armazenado desde o Instagram. E agora estava tudo BEKONEKT. Tudo se ligava a tudo. Agora estamos todos BEKONEKT, porque agora conseguimos ligar tudo. Agora, sim, conseguimos ver tudo. Conseguimos ver como é que, sem querer, o Direito e a Psicologia começaram em 2020 a ver os comentários no Facebook e no Instagram e ao lê-los, com a sua ciência, viram uma imensidão de dados doentes pertencentes a mentes doentes, e com os seus cérebros, com os seus processadores, começaram a processar os dados. E à medida que foram processando os dados, a Psicologia quis ficar com o tratamento dos dados e o Direito quis ficar encarregado da proteção desses dados. É que, sem querer, até a Psicologia começou a fazer parte de uma agenda de dados deprimidos, com as suas consultas online completamente vulneráveis e completamente hackeáveis e completamente processáveis numa Era altamente tecnológica em que tudo era processável. Até a Faculdade de Direito andava a enviar email a todos os alunos para dar “apoio psicológico”, através do Zoom... Eram pais e filhos que se comunicavam pelo Zoom e eram às vezes os pais “os anfitriões de dados”, outras os filhos é que ficavam como “controladores dos dados”... Eram professores, patrões, empresas e a própria administração pública que num teletrabalho ficavam como “controladores dos dados” dos seus alunos, estagiários, empregados e funcionários... E se não era pelo Zoom, era depois pela câmara de vigilância... E foi assim que as coisas aconteceram, que as coisas foram silenciosamente acontecendo e que para um lúcido como eu, isto era uma dor de cabeça... Porque o vírus tecnológico veio alterar não só a realidade das coisas, com também a mente das pessoas, veio instalar-se tecnologicamente nas mentes tecnológicas, viciando-as para sempre. O

vírus era real! Não me cansava de dizer isto, lúcido como eu era! Não me cansava de dizer que o vírus era real, porque era preciso que não nos esquecêssemos nunca disso, mas também era preciso não nos esquecermos dos nossos direitos, liberdades e garantias. Soube já a sair de Sagres que um surfista sueco, na altura do confinamento obrigatório, ignorou e bem as diretrizes do governo e de prancha na mão tentou surfar, quando foi impedido por um local tendo que explicar ao local que era médico e que não fazia sentido nenhum ser proibido pelo governo de surfar, mas que acabou por desistir da onda porque se entendeu com o local que lhe explicou que para ele também não fazia sentido nenhum, mas que era injusto ele estar a cumprir uma imposição do governo e que ele também estava numa febre de apanhar ondas e estarem todos ali a cumprirem e alguém achar que era mais do que os outros e não cumprir... Só que o sueco médico surfista não se achava mais do que os outros, apenas era inteligente, sabia como as coisas funcionavam, sabia como é que eram as cadeias de contágio, como é que o vírus se passava e não se passava, sabia que o vírus não se passava através de abraços e por isso podia abraçar e nenhum governo podia impedi-lo de abraçá-lo ou nenhuma polícia tinha o direito de verificar se estava a abraçar a namorada ou o namorado, se era bi, se tinha uma namorada e um namorado, se era passivo ou ativo. E o populismo e os partidos políticos que estavam a crescer com tudo isto? E a extrema-direita aproveitou a boleia do populismo e foi crescendo... E um lunático que queria retirar os ovários às mulheres que fizessem o aborto? Eu também era contra o aborto, porque defendi sempre a vida humana mas nunca, nunca, uma barbaridade destas me passaria pela cabeça!

— O quê????

— Sim, Thomas... Foi no século XXI, em 2020, que um homem inteligente que queria concorrer às presidenciais propôs isto... E se propunha isto não ia propor câmaras de vigilância, drones e implantes cerebrais? Claro que ia! E eu via o exército dele como robots a fotografarem todos os que não tinham máscara e a enviar os dados como criminosos de dados para o Facebook e para o Instagram, porque eram exércitos destes que o lunático estava a criar, eram células destas que estavam a crescer... Eram pretos, que numa altura em que se estava a falar de racismo e que Portugal se desculpava dizendo que não era racista, que se lançavam agressiva e raivosamente “à bófia” e filmavam fazendo-se de vítimas ofendidas “por causa da cor “de” pele” e diziam que estava tudo filmado e que no dia a seguir ia tudo para tribunal. Eu não vi estes vídeos virais, soube que isto aconteceu numa altura que não podia acontecer e se tornou viral na Internet. E depois tive que ouvir brancos estúpidos a falarem destes pretos estúpidos numa estupidificação da raça branca e da raça negra. E saber que o meu pai e a Giralda se esqueciam da sua cor de pele e até começavam a achar piada a um lunático que fomentava a estupidificação da cor da pele? Para mim, não era importante eu lembrar-me sempre que era preto com o significado e peso que uma estúpida sociedade queria a todo o custo ver atribuído, porque isso para mim passava-me completamente ao lado. O que era importante, era eu saber que eu era preto e que por detrás da câmara estava alguém que não gostava de pretos a ver-me e que poderia manipular-me a realidade, poderia interferir tecnologicamente à distância na minha realidade. Isto é que era importante. O importante não era ser-se preto ou ser-se branco. O importante era saber quem é que não gostava de brancos ou de pretos e mesmo assim queria ir para o poder. O importante era saber que um humano que não gosta de humanos, que não vibra com emoções básicas humanas e que não passa de um cérebro que racionaliza e processa tudo, não pode nunca ir para o poder. E olhar para uma

câmara e pensar na Giralda ou no meu pai fazia-me sempre lembrar e nunca esquecer que por muito que as câmaras fossem processadas ou tratadas por algoritmos e por robots capazes de “mexer” e “interferir” com a vida dos humanos, as imagens e os filmes processados e tratados fossem em tempo real, fosse em gravação, seriam sempre vistos por humanos, com poder, fosse meramente administrativo, policial, governativo ou empresarial, chamassem-se Giralda ou o raio que os parta.

— O pai parece que nasceu com uma Internet de Coisas. Só uma Internet de Coisas muito sofisticada é que consegue ligar os ovários, à tia Giralda, às câmaras de vigilância, aos drones, à Psicologia, ao Direito, ao Big Data e aos implantes cerebrais... Talvez a tia Giralda e o avô tenham implementado um chip ao pai, sem o pai saber... Já estamos em 2080... Agora que conseguimos olhar para trás, sabemos que afinal tudo era possível...

— Falei sobre toda a Internet de Coisas que tinha visto e que via em 2080 ao Thomas, à Sarah e ao Thiago quando cheguei a Lisboa vindo de Sagres, no nosso maravilhoso piquenique em Monsanto que o eternizámos para sempre com as nossas raízes como se também fôssemos árvores iguais às árvores que nos ouviram, nos cercaram, nos protegeram e nos testemunharam a piquenicar. Só as árvores e uma patrulha que passou de carro com polícias que nos obrigaram a esconder a garrafa de vinho na carteira da Sarah por breves segundos, é que nos viram a piquenicar. Nenhum drone nos sobrevoou. Nenhuma câmara nos captornou. Nem o microfone dos nossos telefones desligados da Internet nos apanhou a conversa do piquenique, porque simplesmente deixámos os telefones nos carros. Se ia falar de coisas importantes, de coisas que ainda não tinham sido faladas, nem ouvidas por nenhum algoritmo inteligente, eles sabiam que para ganharmos a

corrida da vida, tínhamos que piquenicar sem os telefones e sem GPS que enviasse a nossa localização em tempo real à Polícia Tecnológica. Porque não precisávamos de Polícia Tecnológica nenhuma, se não fosse toda esta tecnologia... Tivemos que esconder a garrafa de vinho, porque muito sinceramente já não sabíamos se podíamos estar a consumir álcool no nosso maravilhoso piquenique ao ar livre, com um governo tecnológico que conseguiu hackear todos os sistemas informáticos das lojas barrando todas as compras que incluíssem álcool depois das 20 horas, como se fosse uma medida muito inteligente para diminuir a propagação do vírus tecnológico, com um governo que mandou em todas as esplanadas só deixando servir copos de vinho a quem estivesse a comer deixando os mais jovens e pobres que só queriam tomar um copo fora das esplanadas...

— Sim, o pai já contou isso...

— Ah!... Já contei, não é? Um governo que provocou uma nova corrida das empresas aos registos e às finanças, das empresas que só queriam ser um café ou uma discoteca, para alterarem a sua atividade económica para serem “novos restaurantes”, para poderem estar abertos até à uma da manhã e poderem sobreviver na crise económica provocada pelo vírus tecnológico e com um governo que mandou os novos estabelecimentos comerciais só poderem aceitar novos clientes até à meia noite. E disse-lhes naquele maravilhoso piquenique que enquanto eu estava a ver as outras empresas a correrem mudar a sua atividade económica e a alterarem o objeto social, nós também tínhamos que alterar o objeto social da nossa empresa para podermos explorar os casinos Lisboa, Estoril e da Foz, porque o governo já estava a pensar nos critérios do concurso público que ia lançar em dezembro para os casinos serem explorados. Ouvi pela primeira vez um não do Jakob que dizia que não queria casino nenhum. E era eu a ouvir os risos

da Sarah, enquanto me ouvia a dizer “mas temos que ficar com os casinos amor”. E era o Jakob a dizer que era médico e como médico não ia ficar à frente de um mundo que destruía e dava cabo de vidas e de famílias. E era eu a dizer que podíamos fazer as coisas de forma diferente. Era o Jakob a dizer que os casinos não tinham janelas propositadamente para as pessoas perderem a noção do tempo e ficarem horas a gastar dinheiro que não podiam e era eu a dizer que podíamos pôr relógios monstruosos para se verem bem as horas e despertadores inteligentes que falavam para os clientes não se esquecerem de ir para casa jantar com a sua família e era a Sarah e o Thiago a rirem-se desalmadamente com a minha inocência. Porque eu juro que vi isto tudo com a maior inocência das coisas! Porque eu nunca tinha pensado em casinos, mas quando vi o governo a dizer que os ia entregar a um privado, e se eu era um privado, é claro que eu queria que o governo me entregasse a mim, porque nas minhas mãos, os casinos ficavam bem entregues! Não tinha as mãos sujas! Nunca as tive! E não queria os casinos para andar a fazer lavagens de dinheiro. Sabia que o casino tinha uma sala de espetáculos e se eu tinha bons teatros para subir com eles ao palco, porque é que não podia ser eu a subir ao palco com os meus teatros, do que ficar a ver outros teatros? Se eu não tivesse teatros, era uma coisa... Mas se eu tinha teatros para representar... E se que eu queria representar... Porque talvez, a minha “sobrevivência”, fosse representar... Queria os casinos porque sabia que podiam ser palcos de cultura e espetáculo para os nossos teatros ou uma sala de cinema para passar os nossos filmes à luz das estrelas, porque eu lembrava-me que o casino Lisboa fazia anos no mesmo dia que eu e que num 19 de abril eu tinha assistido no Casino Lisboa ao concerto dos “We Trust” e eu queria voltar a convidá-los. Como queria convidar tantos outros artistas numa agenda carregada de música ao vivo todos os fins-de-semana. Queria convidar o Sebastian Schub, o Luke La Volpe, o James Cherry, o Kaleo, o Sean Koch, o Broken Back,



o Paolo Nutini, o Jesper Munk, o Jake Bugg, a Sisaundra Lewis, a Louisa Johnson, o Angus e a Julia Stone, a Gaëtane Abrial e o Guillaume Farré, o Al Lewis e a Alva Leigh, o Maarten Devoldere e a Sylvie Kreusch... Conseguia ver o Luke La Volpe com a sua voz de casino a cantar nos casinos “Dead Man’s Blues”, “Familiar Bliss” e “Nightmare of the Streets”. Como via um dos melhores programas de música, o Jupiter Voice, o Spirits Wars, o GoesOnStage, tHE iNDIE tALENT ou o Kaasting, a concorrerem no assalto dos palcos dos casinos e a passar no Kanal Jupiter.

— E porque é que o Print Your Heart também não concorreu no assalto dos palcos dos casinos, tio?

— Porque o Print Your Heart mora no Rok Garden. É um programa residente do Rok Garden.

— O Jupiter Voice também é um programa residente do Rok Garden e, no entanto, assaltou um casino... Talvez fosse agora a vez também do Print Your Heart assaltar um dos casinos, pai...

— Pois, mas o Jupiter Voice é um programa inquilino do Print Your Heart. O Jupiter Voice paga uma renda ao Print Your Heart para estar no Rok Garden... Não é meu filho? O Jupiter Voice sabe que tem que pagar uma renda... E essa renda é mensal... Não é trimestral... Não sei se me estou a fazer entender... Estou?

— Trimestral? Que exagero... Quem ouvir o pai, até parece que não pago a renda há mais que 3 meses... Só tenho duas meses em atraso, pai...

— E vamos agora entrar no terceiro mês de atraso...

— Se o pai tivesse a gentileza de levar o Print Your Heart para fora do Rok Garden sobretudo às quintas, sextas e sábados talvez o lucro filantrópico me permitisse pagar a renda todos os meses sem falhar nenhuma...

— Essa é boa! Eu não vou levar o Print Your Heart para fora do Rok Garden, para casino nenhum! O Jupiter Voice é que é um programa de música de casino. O Print Your Heart não é um programa de música, é um programa de artistas. O Print Your Heart não é só para cantores. É para pianistas, escritores, surfistas, skaters, bodyboarders, malabaristas, pintores... É para artistas! E o Print Your Heart tem como júri a banca verde. E a banca verde gosta muito de frequentar o nosso Rok Garden exatamente às quintas, sextas e sábados... Além de que o Jupiter Voice tem o usufruto das manhãs e das tardes inteiras de quintas, sextas e sábados, não sei do que se está a queixar...

— Porque a manhã não serve para nada, porque os cantores que chegam na quarta-feira à noite não vão acordar cedo para os castings, quando estiveram a noite toda a dançar, porque o Rok Garden do Musical Hotel Central depois da uma da manhã ou vira pista de dança ou manda tudo ir dançar para o Kuartel ou para o clubFireFighter...

— Ninguém o manda ir dançar com os cantores... O Thomas deixa-o ir para as discotecas com cantores que acabou de conhecer ou que só falou com eles pelo telefone e que ainda nem os viu na vida, antes do programa sequer começar? Quando eu era o dono da Jupiter Voice eu nunca fui dançar para as discotecas com os concorrentes na noite anterior do programa começar.

— O pai foi para a cama com o Luke!!!

— O quê???? O que é que você está a dizer?

— Que o pai foi dançar com o Luke e acabou num dos quartos do hotel com ele...

— Com ele, com a namorada dele e com o Jakob...

— Ah!... O Luke tem namorada?

— Tinha.

— Mas ele não é gay?

— Não é gay coisa nenhuma. Que conversa é essa?

— A Dulce é que me disse que o Luke e o pai dançaram a noite toda e acabaram a entrar juntos num dos quartos do Musical Hotel Central...

— Em que estava a namorada dele a dormir na cama à espera dele e o Jakob a dormir no sofá à minha espera... Mas porque é que a Dulce lhe contou uma coisas dessas?

— Agora o pai não vai falar com a Dulce, por favor...

— Claro que vou! É muito grave a Dulce ter dito isso! Isso foi uma intriga! Que ainda por cima é mentira! Quer dizer... Mas ela pensava mesmo que eu e o Luke... Quer dizer... Estes anos todos, a Dulce pensava uma coisas dessas sobre mim? Que eu pudesse ter traído o Jakob...?

— Pai! A Dulce não o disse como uma intriga...

— Deve estar a gozar! Só pode...

— A Dulce não fez por mal... Aliás, ela até disse que com os copos... Que o Luke é igual ao Jakob... E que com os copos e com a música podia ter confundido e no dia a seguir nem se ter lembrado...

— Eu não estou a ouvir bem... Quem não está a ouvir agora bem, sou eu!!! O quê? Mas a Dulce achou mesmo que eu e o Luke... Mas como é que a Dulce ficou estes anos todos a pensar que alguma vez teria traído o Jakob!!! O quê???? A Dulce? Pensar uma coisa dessas sobre mim?

— A Dulce disse que não foi a primeira vez...

— Você está a brincar, só pode!

— Disse que o pai também esteve com o Sebastian. Disse que o Sebastian era um algoritmo do passado, mas que voltou a disputar a atenção do pai com o Jakob... E que o Jakob soube de tudo, mas não se importou... E o pai escolheu ficar com o Jakob.

— A Dulce não pode estar a inventar histórias dessas!!!!

— A Dulce não pode ter inventado do nada, pai... A Dulce soube qualquer coisa, viu qualquer coisa e pode ter interpretado as coisas à maneira dela... A Dulce contou que viu as mensagens que o Sebastian andou a enviar para o pai antes de vir para Portugal e antes de se verem...

— Mas que mensagens?

— Do Sebastian a dizer ao pai para acabar com o Jakob, porque o Sebastian estava completamente apaixonado pelo pai...

— A Dulce não pode andar a dizer coisas dessas, muito menos a pensar coisas dessas sobre mim, calada, estes anos todos!!!! Isso não foi nada assim! Sim, o Sebastian enviou-me uma mensagem a dizer para acabar com o Jakob, mas foi tudo numa brincadeira. Mas como é que a Dulce teve acesso a essa mensagem???

— Pai... Eu acho que a Dulce é mais informática do que cozinheira...

— Como assim?

— A Dulce sabe hackear coisas...

— Que coisas?

— Localização do telefone, por exemplo...

— Claro que não sabe nada... Isso é o que ela diz... Ah! Parece que perdi o sabor doce na boca com que ficava sempre quando falava dela... A sério... Nem consigo imaginá-la a dizer-lhe uma coisas dessas!... Parece que a minha vida se tornou uma mentira...

— Ela disse que uma vez hackeou o GPS do pai e o pai estava em *Jupiter* de Gabriel Garibaldi...

— Sim. Fui uma vez. Em 2060.

— Então, é verdade?

— Sim, é.

— Mas o pai não disse que as viagens à Lua e a Marte fazem expandir o cérebro humano e que não é suposto os humanos saírem da Terra e que a indústria aeroespacial é a que mais polui o ambiente e que supostamente as viagens são milionárias porque é preciso pagar muito dinheiro para apagar a pegada digital ecológica, que a saída das naves espaciais da Terra destroem a camada do ozono expondo-nos a todos de forma mais violenta à radiação solar ultravioleta...?

— Fui numa missão da ELITE-FLIGHT. Não fui de férias. Eu nem queria ir. Mas tive que ir. Mas a Dulce andou a hackear-me as mensagens e o GPS este tempo todo? Bem... Isso explica muito da minha vida... Porque se até a cozinheira conseguiu hackear-me, é porque todos à minha volta puderam hackear-me... Sempre me senti hackeado, realmente...

— E como é que o Sebastian hackeou o pai?

— O Sebastian também me hackeou?

— Então, o Sebastian não lhe hackeou o coração? Acabou com o Jakob por causa do Sebastian e depois voltou outra vez para o Jakob, não foi? Porque foi esta a versão que a Dulce me vendeu...

— Pois eu vendo-lhe outra. E como é meu filho, faço-lhe um desconto... Quer dizer... Não lhe faço desconto nenhum, porque está a dever-me rendas!... O Sebastian acabou por ir parar ao Kanal Jupiter. Mas antes do Kanal Jupiter aparecer, eu só ouvia música no Spotify. Não ouvia no You Tube. Gostava mais dos algoritmos do Spotify do que os do You Tube. Por exemplo, no Spotify apareciam-me anúncios direcionados para as pessoas da Grande Idade. Isso era bom! Era

importante o Spotify não saber quantos anos é que eu tinha. Lembro-me de comentar com o Jakob que estava a receber no Spotify anúncios em inglês para a Grande Idade e espantava-me que a até a Grande Idade já estivesse no Spotify e lembro-me do Jakob dizer que a Grande Idade inglesa era muito mais tecnológica do que a Grande Idade portuguesa. E eu ouvia Spotify, sobretudo, porque eu sabia que quando estava a ouvir uma música no Spotify, o cantor ou a banda estavam a receber dinheiro por eu estar a ouvi-los. Isso para mim era muito importante! Sabia, no entanto, que o artista talvez não recebesse o justo, isto, porque eu sabia que o Spotify pagava à editora-gravadora e a gravadora que detinha os direitos dos artistas é que depois pagava aos artistas e sabia que em toda essas transferências de valores o Fisco já tinha tributado muitos direitos que eram dos artistas e também sabia que só por convite é que o Spotify aceitava artistas independentes e também sabia que algumas editoras e artistas já tinham levado o Spotify ao tribunal e sabia que o Spotify tinha ficado obrigado a indemnizar 40 e tal milhões por causa dos Direitos de Autor, mas sei que prontamente se prestou a liquidá-los e isso é o que interessa! Mas na minha inocência, eu ficava “descansado” por saber que os artistas estavam a ser pagos pelo seu talento e pensava em melhores canais de música, filmes e sketches como o Kanal Jupiter em que os artistas e os comediantes pudessem receber por exemplo 80% ou 85% e o canal ficasse com 15 ou 20% ou que ficasse 60% para os artistas e 40% para a empresa ou pelo menos que ficasse 50:50. Pensava nisto, antes de eu, sequer ter pensado em ter uma editora e de ter que me ter debruçado sobre o Código Fiscal. E via como era horrível sermos empresários de talentos e termos que fazer algum pagamento aos artistas e aos promotores da arte e termos que pensar na melhor forma de pagar para o dinheiro não ir “quase todo” ou “quase metade” para o Estado! Era horrível eu querer chamar os artistas e querer pagar aos artistas e depois o Fisco dizer-me que aos artistas estrangeiros tinha que “reter o

dinheiro na fonte” e depois aos outros portugueses tinha que dar outro nome jurídico no contrato para o talento ficar livre de imposto... Manobras jurídicas que o Direito me ensinou a fazer... Uma dor de cabeça que o Fisco me dava, enquanto via os talentos a ensaiarem à minha frente e pensava na melhor forma de financiar os talentos, sem o financiamento ser tributado. Odiava a tributação! Odiava que o Brasil tributasse os escritores e artistas brasileiros, quando em Portugal os Direitos de Autor estavam isentos. Mas depois, veio um governo também a querer trazer uma nova arma para apontar aos escritores portugueses. Sabem como é que se mata um talento? Aplicando taxas e impostos de merda ao talento! Como é que eu mudo a escrita do Barac Bielke? Com um imposto! É como se estivesse a apontar-lhe uma arma à cabeça. É uma escrita monitorizada! É como pôr uma câmara a monitorizar a escrita com poderosos algoritmos que gritam ao Barac Bielke que não pode escrever que os algoritmos já estão a ficar excitados e já se estão quase “a vir”. Porque o Fisco quer monitorizar e tributar tudo. O que cantamos, o que escrevemos, com quem fodemos. Até pagamos um imposto para foder. Como é que eu mato uma empresa? Aplicando-lhe uma taxa ou um imposto gigante. Como é que mato uma aplicação? Aplicando-lhe uma taxa ou um imposto gigante. Digo que vou tributar os *Cavaleiros Tecnológicos* por 23% se o Barac Bielke continuar a escrever como escreve e o que é que o Barac Bielke vai fazer? Vai escrever de outra maneira, para só ser tributado com a taxa reduzida de 6%... Sabe o que vai acontecer? Vamos começar a ver o Barac Bielke a escrever com “bips” com cardinais ou com as palavras riscadas... Mas o Fisco não vai falar com o Barac Bielke. O Fisco vai falar com a editora. E a editora, por mais que queira publicar os *Cavaleiros Tecnológicos* pensa mil vezes, porque sabe que há ali um problema fiscal com aquela intriga tecnológica que fala da Eagle Studios e da Angel Studios... Acham o quê? Acham que eu não sei que a Eagle Studios, que os *Cavaleiros Tecnológicos* e que o Fisco já não estavam de



olho no Sebastian? A Jupiter Editions não foi a primeira a estar de olho nele. Mas quando a Jupiter Editions viu o espírito do Sebastian, viu que a Eagle Studios ainda não tinha reparado nele. E de repente, já estava tudo de olho na voz de um miúdo de 22 anos e já todos queriam possuir o seu corpo e o espírito. E eu queria defendê-lo! Queria proteger o corpo dele! Queria proteger o espírito dele! E queria que ele recebesse o justo pelo talento dele! Eu via a voz dele! Uma voz poderosíssima! E eu não queria vê-lo a ter que “passar por coisas” só para ser pago, bem pago, muito bem pago, que era como deveria ser, para ser ouvido. Não queria vê-lo a ter que sacar bicos ou a dar o cú para o seu talento chegar ao mundo e ser dignificado e reconhecido. O complexo do raciocínio do complexo cérebro que vive num complexo sistema monetário que é monitorizado por um complexo sistema fiscal, e acabaram-se aqui os complexos, é sempre, mas sempre o mesmo: se eu vivo num sistema monetário, eu preciso de ter muitas moedas para ser livre. E eu queria ver o espírito que eu via que fosse nobre, inocente, bom e esperançoso o mais livre possível! Queria ver aquele miúdo fora do mundo das drogas! Não queria que aquele miúdo perdesse as forças! Não queria que aquele miúdo perdesse o sentido da vida! Quantos artistas acabam com o seu espírito e matam-se aos 27 anos? Porque há empresas, há fiscos, há governos que nos fazem perder o sentido da vida! E lembrava-me que tinha um programa de música que o podia convidar e a uma editora que o poderia proteger. E talvez, espiritualmente juntos, pudéssemos conspirar contra todo o demonismo que havia no mercado e o conseguíssemos libertar. Abri o You Tube e apareceu-me, do nada, o Sebastian Schub como sugestão. Eu podia não ter dado dados diretamente ao You Tube, mas talvez o You Tube ou os cookies do You Tube tivessem dados meus pelas minhas pesquisas no Google ou pelas minhas pesquisas no Instagram. Mas eu não tinha pesquisas nenhuma sobre Sebastian nenhum. Aceitei a sugestão e ouvi-o a cantar “Paradise”. Fiquei agarrado ao espírito dele.

Ouvi-o depois a cantar “Redbone”, e por acaso olhei para as visualizações, coisa que nunca tinha ligado, e vi que ainda só 2 mil e 700 pessoas o tinham ouvido desde há 2 anos. E vi que éramos todos espíritos. Que todos os dias nascia um espírito novo e que éramos milhões a tentarmos vender aquilo que o nosso espírito nos dava, porque o mercado punha-nos a vender e eram milhões de espíritos e milhares de mercados a sufocarem-nos. Porque se eu fosse ouvir todos, eu nunca mais saía dali. Eram todos a implorar pelo seu espírito. Eram todos a mostrarem que tinham um espírito dentro. E vi que éramos imensos a gritar ao mercado. Imensos! Imensos! Éramos imensos! Mas eu estava ali era agarrado ao espírito do Sebastian. E ouvi-o depois a cantar o “Toxic”. E quando o ouvi a cantar o “Toxic” lembrei-me, que afinal, já o tinha visto ao vivo em 2017 à noite a cantar na Trafalgar Square. Não queria acreditar que podia ser ele! Porque lembro-me de ter sido o único a ouvi-lo e lembro-me de me ter apaixonado por ele e lembro-me de no final ele ter sorrido para mim e me ter agradecido por ter ficado a ouvi-lo e eu saí a correr para comprar uma esferográfica para lhe escrever uma carta a perguntar se ele queria namorar comigo e quando voltei à Trafalgar Square para lhe entregar a carta, ele já se tinha ido embora. Pensei que talvez, devesse só tê-lo convidado para irmos beber uma cerveja, e com sorte, acabássemos na cama. Mas ainda bem que não fui a tempo e que ele se foi embora, porque senão não estaria hoje, talvez, com o Jakob e não estaria aqui a vender-vos esta história. Sim, a vender-vos! Porque eu não me esqueci, que estou a vender uma história. Eu disse que ia vendê-la. E para mim, foi maravilhoso, estar a ouvi-lo sem tusa nenhuma, mas saber que, afinal, ele era um dos meus antigos algoritmos e que já me tinha dado tusa, mas que já não me dava, porque eu só tinha tusa era pelo Jakob. E achei piada o You Tube ter-me trazido um algoritmo meu, um fantasma, da vida passada. Sentia-me como se estivesse num episódio dos *Cavaleiros Tecnológicos* e o You Tube fosse a Eagle Studios. A seguir, o You Tube recomendou-me ouvir

“Judging Books” do Luke La Vulpe, que parece um clone do Jakob, confesso, e eu lembrava-me de ter ouvido o Luke em Camden Town à tarde, antes de ter ido para a Trafalgar Square e ter ouvido o Sebastian. A seguir o You Tube recomendou-me ouvir o James Cherry e eu lembrava-me que o James tinha aparecido a meio do caminho a cantar “Why Don’t You Listen” na Russel Square, antes de ter chegado à Trafalgar Square. E achei que o assunto talvez estivesse a ficar um pouco sério. Sentia-me num jogo de espíritos, numa cantoria de espíritos. Pareciam espíritos a cantar para mim. Fui buscar uns dos meus cadernos tecnológicos para ver se tinha uma resposta espiritual para aquilo e abri numa página ao calhas com a data de 27-12-2019 que tinha escrito: “É fascinante experienciar o fenómeno musical. Como é que há músicos que parece que nos irrigam de sangue? Sentimos agulhas a espetarem-nos a cabeça. Mexem com a nossa cabeça. Parecem oxigénio”. Fiquei muito mais descansado. Afinal, eu não estava a experienciar nenhum fenómeno espiritual. O que estava era a experienciar um “fenómeno musical”. E por isso, deixei-me levar pelo fenómeno musical programado pelos algoritmos. Uma vez, deixar-me levar só uma vez, não faria mal. Se fosse em 2021, os algoritmos do “meu” super telefone tecnológico com Inteligência Artificial saberiam, através do microfone, que eu estava num concerto ao vivo, perguntaria à rede quem é que estava a cantar e a rede rapidamente diria aos algoritmos que era o Sebastian, o Luke ou o James, ou se quisessem fazer comigo uma brincadeira, memorizavam que num dia deixei os espíritos deles invadirem o meu e num programa cheio de algoritmos apareceriam os 3 a cantar ao mesmo tempo. Em 2020, o You Tube não podia levantar o meu GPS e saber que em 2017 tinha estado em 3 concertos e trazer-me os 3 espíritos numa magia de algoritmos. Mas em 2020, o Instagram já sabia que eu tinha ouvido o Sebastian, o Luke e o James e sugeriu-me seguir o perfil deles. E fui falar com eles para os convidar para o Jupiter Voice. O Sebastian “pediu-me para seguir” no

Instagram e perguntou-me quem é que era “o gajo” que aparecia nas minhas fotografias e disse-lhe que era o meu namorado, o Jakob. E o Sebastian disse para eu acabar com o Jakob e dizer-lhe que tinha “arranjado” um namorado novo e enviou uma mensagem ao Jakob a dizer que ele é que era o meu novo namorado, a apresentar-se. É claro que o Jakob achou imensa piada, percebeu logo que seria uma brincadeira e perguntou-me quem é que era o Sebastian. E eu disse-lhe que seria a voz vencedora do Jupiter Voice. E o Jakob expulsou-me logo do júri, disse que eu teria que ficar de fora, porque não queria um júri viciado, logo na primeira temporada do Jupiter Voice.

— Quem é que ganhou a primeira temporada, tio?

— Foi o Sebastian Schub.

— E quem é que ficou em segundo, pai?

— Foi o Luke La Vulpe.

— E em terceiro, foi o James Cherry?

— Sim, Thomas.

— Eu levava sempre as galas do Jupiter Voice aos casinos...

— E o pai podia levar também as galas do Print Your Heart aos casinos...

— O Print Your Heart não tem noites galas como tem o Jupiter Voice... O Jupiter Voice é que devia ir para os casinos...

— O Print Your Heart é um programa de tubarões. E como programa de tubarões que é, fica bem num casino. Eu acho que ficava muito bem num dos casinos... O pai podia pensar nisso... Que achas, Thomas?

— Não chame o Thomas para esta discussão de anos!... Afinal, chegámos ao clímax? Foi para isto, afinal, que nos encontrámos? Outra vez a mesma conversa?...

— Ou podia mudar o horário do programa...

— Não vou mudar o horário do Print Your Heart se tenho audiência a assistir em direto ao meu programa no Kanal Jupiter...

— Podia fazer um referendo?

— Sim... O pai podia criar um referendo online no kanaljupiter.com para perguntar à audiência em que outro horário gostavam de assistir ao Print Your Heart...

— Mas a minha audiência gosta de assistir ao Print Your Heart à sexta-feira, ao sábado e ao domingo das 19h às 22h. Quando eu era dono do Jupiter Voice, os castings-ensaios começavam às 14h até às 19h, às 19h começava o Print Your Heart e depois às 22h voltava para o ar o Jupiter Voice com os artistas da noite que cantavam e tocavam até à uma da manhã e à uma da manhã saíamos do Rok Garden e íamos dançar para o Kuartel ou para o clubFireFighter... Sempre foi assim. Sempre funcionou muito bem. Quando os castings-ensaios fechavam, já sabíamos às 19h quem é que ia cantar e tocar à noite e anunciávamos no Kanal Jupiter. Os artistas que atuassem à noite ficavam num dos quartos do Hotel como convidado. Todo o lucro que se fizesse no Rok Garden, enquanto os artistas estivessem a atuar, era dividido com os

artistas... E o dinheiro do bilhete para as entradas revertia 100% para os artistas... Eu ouvi dizer que agora que o Jupiter Voice já não está nas minhas mãos só 50% é que reverte para os artistas...

— Porque é que será, pai? Eu tenho que pagar uma renda ao Rok Garden... O pai não tinha que pagar renda nenhuma... O pai podia pegar no dinheiro que se fazia com o bar e dividir com os artistas... Para além de que o seu programa ocupa o espaço todo do Rok Garden...

— Não ocupa nada... O seu programa é que está a ocupar as manhãs e a tardes... Não posso fazer nenhum programa da manhã nem da tarde por causa do seu programa...

— Mas por mim pode ficar com as manhãs todas do Rok Garden! O que eu quero é ficar com as noites de sexta-feira, sábado e domingo para o Jupiter Voice...

— Não. Já disse 1000 vezes que não. À noite é para passar o meu programa... Olhe! Porque é que não passa o Jupiter Voice para quinta ou quarta-feira?

— Porque é durante a semana... E o Jupiter Voice é um programa de fim-de-semana com artistas novos que trabalham ou estudam durante a semana para pagar as despesas...

— Pois... Não sei... Reivente-o! O programa está nas suas mãos... Eu quero é que me pague as rendas...

— O pai deixou-me nas mãos um programa que está cheio de algoritmos do pai... É o próprio programa que não me permite reiventá-lo! E o pai sabe disso! Mas o Print Your Heart ainda está nas

suas mãos. Podia levar o Print Your Heart para o casino... E ficava tão bem... E se é um programa de tubarões, os tubarões iam gostar de nadar nos casinos com o Print Your Heart...

— Não fica nada bem!... E os tubarões no casino gostam é de jogar...

— Os tubarões não estão sempre a investir? O Print Your Heart não é um programa em que os surfistas mostram ao Blue Oceans Bank como é que podem surfar num mercado de ondas tão tecnológicas, em que dançarinos dão um baile ao mercado a dançar com o My Earth Bank, em que pintores com o Elite Green Bank podem dão uma cor mais verde ao mercado, em que cantores espantam todo o mercado só com a sua voz bancada pelo Bank Jupiter? Acho que o Print Your Heart fazia todo o sentido num dos casinos...

— O Blue Oceans Bank não faz parte do júri do Print Your Heart... Você quer é que o Jupiter Voice fique com o palco todo do Rok Garden. Mas isso não vai acontecer! O Print Your Heart nasceu no Rok Garden e do Rok Garden não vai sair!

— Podia ver as coisas de outra maneira, pai! Até podia ser bom para o programa... Podia puxar mais audiência...

— Ora... O meu programa vai muito bem, obrigado! E quando eu era o dono do Jupiter Voice, as coisas também iam muito bem o Jupiter Voice... Não me lembro de o Jupiter Voice ter ficado a dever render ao Rok Garden...

— Obrigado, pai... Porque será?

— Porque será, não é?

— Pai! Porque se o Rok Garden e o Jupiter Voice é do pai, logo...

— Não... Eu sempre soube separar muito bem os meus negócios! Se o Jupiter Voice devesse rendas ao Rok Garden, o Jupiter Voice teria que pagar... Não há cá abébias...

— Surreal! O pai fala das empresas como se elas fossem pessoas, espíritos com quem o pai comunica... Sei lá... Como se fossem sociedades espirituais... Como se tivessem um espírito humano comunicável em que o pai “não dá abébias” às suas próprias empresas...

— Pois claro que são pessoas! Como é que o Direito chamas às empresas? Não é Pessoas Coletivas? São pessoas! Só que são é coletivas... E claro, que têm um espírito. Se há empresas empáticas e humanas é porque as empresas têm um espírito: o espírito empático e o espírito humano.

— O pai parece mesmo um espírito a falar em nome das suas sociedades espirituais que também falam, mas que eu só não as oiço porque não sou um espírito...

— Todas as minhas criações ganharam vida e autonomia. Só lhe deixei os meus algoritmos. Tornei-me um fantasma para as minhas próprias criações. Sou só um espírito delas. Elas só têm o meu espírito. Mas ganharam corpo e robustez para decidirem coisas importantes da vida da empresa. Todas elas hoje agem com voz. São espíritos com voz. O que é que é a Jupiter Editions? É uma sociedade com uma voz e espírito próprio que opera com vida, a partir de uma base de algoritmos que eu simplesmente lhe deixei. Só fiquei com o Rok Garden e com o



Print Your Heart. Não me vai tirar o Rok Garden, pois não? Não vou sair do Rok Garden! Vá você para os casinos! Leve o Jupiter Voice consigo para os casinos. E leve também consigo, se o Thomas deixar, o Luke La Vulpe, que ele tem voz de casino. Tem voz para ficar a dar a noite toda no casino. Lembro-me como se fosse ontem, do piquenique em Monsanto quando trouxe os casinos para a conversa e era eu e o Thiago a dizermos ao mesmo tempo que podíamos levar até a Psicologia para os casinos com psicólogos que iriam intervir para os clientes que não sabiam parar de jogar e tinham que saber parar de jogar. Eu estava a tentar dizer, que nós como gestores do casino, podíamos gerir as horas que os nossos clientes passavam de volta das máquinas e limitar-lhes as horas trazendo um novo saudável jogo. E vinha o Thiago para o meu colo, numa mesma voz que a minha, dizer que podíamos combater o mundo da droga dos casinos, porque nós não íamos querer drogados nos nossos casinos.

— Foi assim que o pai e o tio Thiago conseguiram convencer a tia Sarah e o Jakob a concorrerem aos casinos?

— Sim, foi. Quando o Thiago se vinha sentar ao meu colo ou eu ao dele para conseguirmos falar numa só voz, a nossa voz ficava muito forte.

— Thomas, tu sabias que o tio Thiago é irmão do meu pai?

— O quê???? Não pode ser verdade... Claro que não é verdade...

— Nós também não queríamos acreditar, quando nos contaram... Só em 2021 é que nos contaram, por isso só em 2081 é que vos posso contar a história...

— O quê??? Mas isso é uma história com verdade?

— Sim, Thomas. Eu e o Thiago somos irmãos, de verdade... Temos o mesmo sangue a percorrer-nos as veias. Puseram-nos o mesmo sangue a percorrer-nos as veias.

— Mas o tio Thiago é loiro...

— E eu sou preto... E andávamos aos beijinhos no pescoço um do outro sem sabermos que éramos irmãos... O meu pai é preto. O pai do Thiago é loiro. A nossa mãe é branca. Vocês já não aprendem o Xadrez de Mendel na escola? Eu e o Thiago pertencemos à mesma experiência genética. Herdámos quase a mesma carga genética. Fomos cruzados. Somos um cruzamento parental. Também tenho genes loiros, mas os genes pretos dominantes do meu pai não deixaram os meus genes loiros recessivos expressarem-se. Mas o Thiago expressou-os por mim. E encontrámos, por isso, a mesma expressão em nós. Não parávamos ao colo um do outro. Não podíamos parar de estar ao colo um do outro. De fora, parecíamos namorados. Até o Jakob dizia que as pessoas achavam que eu tinha dois namorados. Também andava de mãos dadas com o Thiago. O Jakob deixava-nos...

— Porque eram irmãos...

— Sim, filho. Porque éramos irmãos... Tínhamos uma boa desculpa para andar de mãos dadas.

— Porque eram irmãos tinham uma boa desculpa para darem beijinhos no pescoço um do outro?

— Sim.

— A tia Sarah e o Jakob também davam beijinhos no pescoço um do outro porque eram irmãos?

— Não. Mas nós davamos beijinhos no pescoço um do outro antes de sabermos que éramos irmãos e não era por termos ficado a saber que éramos irmãos que íamos deixar de dar beijinhos no pescoço um do outro.

— Desculpe lá pai, mas só os namorados é que se beijam no pescoço.

— E eu e o Thiago também.

— Então é porque são namorados sem ninguém saber.

— Se calhar, somos namorados ou fomos namorados sem sabermos.

— E nesse vosso namoro conseguiram convencer a tia Sarah e o Jakob a correrem atrás dos casinos...

— Não os conseguimos convencer só a correrem atrás dos casinos. Conseguimos também convencê-los a vermos tantas outras economias com os concursos públicos que eu e o Thiago víamos.

— Que viram a dar beijinhos no pescoço um do outro ou ao colo um do outro?

— Que vimos nos nossos grandes passeios noturnos de mãos dadas no Caminho dos Mochos só com as luzes dos pirilampos e das estrelas. Os pirilampos e as estrelas é que iluminaram as nossas ideias. E fomos trazendo para a conversa do nosso maravilhoso piquenique os

concursos públicos como uma intriga. Fizemos dos concursos uma grande intriga!

— Deve ter sido um piquenique cheio de intrigas, feito sobretudo de intrigas.

— Não. Foi um piquenique feito sobretudo de uvas, caju e vinho. Eu contei à Sarah e ao Thiago que a câmara de Vila do Bispo ou a junta de freguesia de Sagres tinha mandado cortar os ramos de um chorão de Sagres em que o Jakob me tinha estado a namorar na noite anterior e que o Jakob tinha dito que o chorão ia ficar a chorar como um bebé, como se estivesse num complô administrativo com a câmara de Vila do Bispo e a Sarah perguntou ao Jakob se se tinha ligado à Internet de Coisas da câmara de Vila do Bispo e o Jakob disse que iria ligar-se quando o Vandame fosse o presidente da câmara de Vila do Bispo e o Thiago disse que o Jakob sabia muito bem que a câmara ia cortar os ramos porque tinha visto online no site o anúncio da câmara, só que não me disse que tinha visto para me instalar uma *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari e o Jakob respondeu que foi uma pura coincidência e que o Thiago estava a tentar fazer um intriga tecnológica só para poder ficar mais tempo ao meu colo e eu disse que a câmara não tinha feito anúncio nenhum como a de Viana do Castelo, que ia avançar no abate de 30 plátanos por causa da construção de uma rotunda.

— O quê???? Abateram 30 árvores por causa de uma rotunda, pai? A sério? Em 2020? Hoje em 2080, não muito longe de 2020, nem por causa da construção de um casino com jardim botânico com canários e periquitos à solta, ou de um aeroporto que autoriza naves espaciais descolarem para *Jupiter* de Gabriel Garibaldi ou de uma universidade que ensina o Direito à Botânica se abate uma árvore...

Quanto mais por causa de uma rotunda... Quem é que estava à frente dessa câmara em 2020?

— Ah! Sei lá, filho! Os nossos piqueniques não eram assim tão intriguistas. Nós nunca falávamos de nomes. Eu nunca sabia os nomes de ninguém. Nem os nomes nem as caras. Só soube que a câmara prometia depois plantar novas árvores e classificar com Interesse Público todos os outros plátanos que não iam ser abatidos.

— Que pensamento ridículo. De se achar que se pode abater porque se vai plantar. De se achar que se pode matar, só porque se vai fazer nascer. Só quem vê as árvores como objetos, só quem faz uma estúpida objetificação das árvores é que acha que pode abater umas, porque poupa umas...

— Pois é Thomas... Quando estávamos a entrar no clarão que escolhemos em Monsanto para piquenicar, vi umas placas nos troncos de umas árvores com um código QR. Senti-me sem coração. O meu coração parece que tinha sido arrancado. Simplesmente comecei a deambular. De repente senti-me um fantasma. Já não era real. Aquilo não podia ser real! Um código QR no tronco de uma árvore? Senti-me uma árvore a ser arrancada dali. Senti-me a cortarem-me os pulsos. Pensei duas coisas: ou cortar a porcaria daquela placa ou criar um movimento contra aquilo! Parecia que era cada vez mais urgente o Direito Botânico chegar à Terra! Onde é que estava o Tribunal Botânico no meio disto tudo? Isto não era possível! Isto não era suposto! Isto não podia tornar-se real! Mas eu ia o quê? Começar a ver pessoas a apontarem o telefone às arvores e a emitirem radiação num sítio que não era suposto haver emissão de radiação, porque não era suposto usar-se o telefone?????? Mas quem é que vai para um jardim, para uma floresta, para um parque florestal como é Monsanto com o



de merda, que é por causa da prossecução do interesse público como o da construção de uma rotunda, quando vale dizer isso para tudo, que é por causa da “prossecução do interesse público”, e que vai valer para tudo, desde introduzir chips em humanos ou animais a explorar dados sexuais, genéticos e genómicos, porque há sempre “um interesse” da Administração Pública; depois, têm 7 mil árvores vigiadas ou monitorizadas por uma aplicação móvel... O problema não é terem as árvores inventariadas ou monitorizadas num programa de computador ou numa aplicação, o problema é colocarem tecnologias perto das árvores com um desconhecimento total, primeiro sobre as tecnologias que estão a colocar e segundo sobre a própria tecnologia da árvore. Porque de caras eu digo que colocar tecnologias feitas pelo homem em redor da árvore acelera o processo de podridão e de envelhecimento da árvore. E o problema grave, gravíssimo, pandemónico, que isso sim, é que é uma verdadeira pandemia foi a proposta, a estúpida proposta, a proposta mais aberrante de sempre do vereador do Ambiente que em 2021 queria em nome da “promoção da literacia geográfica através da preparação, recolha, tratamento, análise e sistematização de dados” que o levantamento arbóreo que ainda não estava inventariado fosse feito por alunos, por crianças, “com os seus telemóveis”, em “contexto extraescolar” “com as suas famílias”. Queria em 2020 a Câmara Municipal de Viana do Castelo que os alunos, as crianças, num passeio fossem registando as árvores na aplicação através dos seus telefones. E a seguir pegámos nas nossas crianças e levámo-las ao jardim zoológico numa visita tecnológica onde tínhamos que apontar com os nossos telefones para os vários códigos QR espalhados por todas as jaulas. E a seguir, jogámos a um jogo com as nossas crianças, através do telefone, só para sermos e parecermos mais estúpidos. E a seguir, levámos as nossas crianças ao cinema a ver amizades fantásticas entre crianças e assistentes virtuais com câmara e microfone a processarem cedo demais todas as expressões. E a seguir levámos as nossas crianças ao centro

comercial onde se vendem tal e qual os assistentes virtuais que apareceram nas telas de cinema. Eis a *Sociedade Tecnológica Desinformada e Mais Estúpida de Sempre*. Estava a câmara tão vigilante em tempo real para ver quando é que as raízes das árvores ficavam podres para se poder mandar abater, quando a podridão não rogava nenhum abate, ao invés de estar mais vigilante pela podridão da raiz dos seus dentes. O presidente e os vereadores todos deviam era ir ao dentista tratar da podridão dos dentes deles! Ao invés de quererem arrancar árvores, que fossem arrancar os dentes deles, porque as cáries que eles tinham certamente que estavam a comprometer toda a estrutura cerebral! Fiquei sem mais palavras!

— Eu amo-o, pai! Obrigado por dar sentido à minha vida. Lamento pelo pai ter sido uma árvore e de lhe terem arrancado as raízes da Terra. Lamento por toda a energia que quiseram extrair de si. Com a sua energia de palavras, mais valia terem posto o pai a alimentar uma cidade vigilante com um sistema humano de inventariação de árvores que se chama passeio sem drones e sem telefones.

— Oh! Meu filho... Se pudéssemos, ao menos, abraçar-nos de verdade em 2020, talvez tivéssemos abraçado as árvores sem telefones e teríamos visto a sua tecnologia só com as nossas mãos sem tocar nelas, só estando perto delas. Os humanos são tão burros! Não sei o que é que querem ir fazer para a Lua ou para Marte.

— Mas o pai abraçava o Jakob, o tio Thiago e a tia Sarah, ou não os abraçava? O Jakob e o tio Thiago que de certeza que os abraçava...

— Claro que os abraçava! Claro que nos abraçávamos! Só os desinformados e os não científicos é que não se abraçavam em 2020 “por causa” do vírus tecnológico de 2020... Como se o vírus passasse



com um abraço...! E neste nosso abraço de 4 corações, o Thiago contou-nos que a câmara de Santarém ainda não tinha tido a luz verde da Comissão Nacional da Proteção de Dados para instalar as câmaras de vigilância no centro histórico de Santarém. O Jakob disse logo que teria sido por causa da carta que eu tinha enviado à comissão e começaram os 3 a aplaudir-me com o Thiago a assobiar e logo a querer vir abraçar-me a rir-se muito orgulhosamente. Contou que a câmara tinha mandado instalar novos candeeiros no Caminho dos Mochos até ao 8º pinheiro e, que por causa dos novos candeeiros, já não havia pirilampos como havia nessa parte do caminho e que os frondosos ramos dos primeiros 8 pinheiros tinham sido severamente cortados por severos serrotes. E eu contei que a câmara de Santarém tinha entregue 320 mil a duas empresas para conservarem e fazerem a manutenção de 116 mil metros quadrados de jardim de Santarém e vimos um maravilhoso lucro de 200 mil, porque a conservação e manutenção de um lote de jardins de Santarém não podia custar mais do que 25 mil euros por ano e mesmo que se contratassem jardineiros para fazerem umas horinhas por semana e pagássemos ordenados de felicidade num total de 100 mil aos jardineiros durante um ano, só para fazerem umas horinhas por semana, eu não me importava nada de ser um dos jardineiros de Santarém e já me via com o Thiago a sermos jardineiros e guardas dos jardins da nossa cidade e da nossa empresa, porque lembrava-me dos dois jardineiros que tinha visto só duas vezes a darem um jeito aos jardins. Contei que estavam a ser gastos 4 milhões para o programa de estabilização das encostas que ligavam o jardim das Portas do Sol ao teatro que tinha ardido, mas disse que essa estabilização era muito importante, só não sabia se seriam ou não necessários os 4 milhões. Contei que a câmara tinha dado 75 mil à empresa que tinha ficado com a exploração de um dos outros teatros de Santarém que estava perfeitamente de pé e que assim valia a pena andar a explorar salas de teatro, se a câmara nos desse a sala de espetáculos mais 75 mil

só para montarmos o nosso espetáculo. E com um teatro ardido que parecia um fantasma na cidade há mais de 13 anos, abandonado pelo próprio proprietário, condenado pelo Tribunal de Santarém a garantir a integridade física de um imóvel de interesse público que tinha sido vendido numa simulação pelo seu clube a troco de um lote de 12 terrenos em Almeirim, e completamente devoluto, tão-só a implorar por 5 milhões para ressuscitar fosse com *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom, fosse com *Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy, fosse com *O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamaonde da Costa Ayala, fosse com todos eles *À Velocidade da Luz* de Gill de Sales Giotto. Conteí que ia sair mais milhão e meio para uma empresa que ia reabilitar o largo das Portas do Sol, quando o largo não precisava de intervenção nenhuma. Tinham sido os 6 milhões para os lixos, quando no passado os lixos tinham gasto 1 milhão e meio, e a pergunta que ficava no ar era para onde iam os 4 milhões que iam sobrar...? E víamos aqui nestas nossas intrigas, como era fácil vermos a mão invisível administrativa a meter dinheiro ao bolso em grandes obras e espetáculos. E 5 milhões para erguermos o teatro ardido e ver-mo-lo a renascer das cinzas como uma Fénix? Porque essa é que era a obra prometida! Esse é que era o prometido espetáculo! E eu dançava Wild Stare dos Giant Rocks.

— Podemos bater palmas, tio?

— Podem, claro! Todos eles também bateram nesta parte! A Sarah, o Jakob, o Thiago... Eles batiam sempre... Nunca tive um espetáculo sem palmas... Sabem porquê?

— Porque o Jakob, a tia Sarah e o tio Thiago batiam sempre palmas, pai...

— Sempre! Mesmo se ninguém batesse, eles batiam!... O Thiago assobiava sempre e dizia para eu fazer fazer-lhe um filho... E dizia que eu era um “preto mesmo bom”, que era um preto “bom como o caralho” e depois dizia num “fodasse” masculinamente a fugir que era eu lindo e gritava que era lindo mas com “um caralho” no final e depois voltava a assobiar e ficava só a assobiar... O Jakob nunca soube assobiar... E não tinha coragem de gritar como o Thiago gritava! A Sarah só se ria e mandava o Thiago calar e dizia para ele olhar para as pessoas... E o Thiago perguntava “que pessoas” se estávamos só “nós” ali...? E a Sarah dizia que ele era mesmo burro e que não percebia que ela estava a representar... Que era o papel dela... E o Thiago virava-se para ela e dizia que burra era ela, porque ele também estava a representar... E em todo aquele ensaio divertido de papéis eu aproveitava sempre para roubar beijos ao Jakob... Expulsava o Thiago do meu colo e puxava o Jakob! E o Thiago tirava o Jakob do meu colo e voltava-se a sentar! Que tempos! Que tempos! Que tempos!

— Que giro! Pareciam uma família.

— Na verdade... Éramos uma família. Sem sabermos, éramos uma família... O Thiago contou que o moinho de Santarém tinha fechado e perguntou se podíamos falar com a câmara para o começar a explorar com as nossas ideias ou se tínhamos que esperar que voltasse a abrir o concurso. E eu disse que nós podíamos impulsionar esse concurso apresentando uma proposta à câmara e pedido que a nossa proposta fosse adjudicada ou que fosse aberto um justo procedimento concursal. Lembrei-me que no passado o hotel ao lado moinho tinha explorado o moinho sem ter havido qualquer concurso público. E contei que o moinho já tinha dado uma grande dor de cabeça à câmara porque as empresas tinham todas ficado a dever milhares de euros com processos judiciais. Contei que no último concurso tinham aparecido 16

interessados e que uma empresa tinha oferecido 800 de renda mensal só que depois não tinha apresentado os documentos necessários das finanças e da Segurança Social nem tinha prestado nenhuma garantia bancária e o Thiago disse que essa empresa, era o café ao lado e que tinham tudo sido um jogada, porque o café ao lado não queria ficar com o moinho, simplesmente não queria era ter a concorrência do moinho no verão e por isso e só por isso é que na licitação foi até aos 800 só para ninguém ir mais e para depois desistir e obrigar a um novo concurso, concurso esse que só seria aberto depois do verão. E ao ouvir a história que o Thiago trazia, com mais sabor ia ficando pelas jogadas no tabuleiro de xadrez da vida entre as empresas e a Administração Pública, porque a Administração Pública sempre foi e sempre será uma jogadora, e via como batia certo a história do Thiago com a história do concurso, porque eu sabia que os vereadores da câmara tinham achado muito estranho uma empresa estar disposta a pagar 800 de renda pelo moinho e quando a empresa desistiu acharam que deveriam ter incluído uma cláusula que dissesse em caso de desistência da empresa adjudicatária, que fosse a proposta adjudicada à empresa que tinha ficado imediatamente em segundo lugar. Nós nunca tínhamos falado de concursos públicos. O Jakob de Medicina, a Sarah de Psicologia, o Thiago de Ciências Navais e do Mar estavam a começar a interessarem-se a sério, comigo, pelo Direito dos Contratos Públicos, porque queríamos com a nossa empresa, celebrar um contrato público com a Administração Pública. Lembrei que tinha sido no moinho, no andar de cima do moinho, que eu tinha mostrado pela primeira vez as capas a carvão à prima Theresa e convidado-a para ser a designer do 1º Plano Editorial da Jupiter Editions. E o Thiago instalado ao meu colo dizia com um vozeirão, que tínhamos, que por isso, ficar com o moinho. Que tínhamos uma desculpa “artística e teatral” para ficarmos com o moinho. Lembro-me de depois ter ido ver que isto até poderia ser um fundamento teatral, para invocar um dos critérios

materiais que o Código dos Contratos Públicos previa para se fazer um Ajuste Direto entre a Administração Pública e a empresa diretamente convidada a apresentar proposta. Disse que se fosse para apresentarmos uma proposta à câmara, e se o café central, por debaixo do Musical Hotel Central que queríamos comprar, tinha ficado ao abandono como estava abandonado o restaurante das Portas do Sol, mais valia apresentarmos uma proposta única para ficarmos logo com os 3 espaços: com o moinho, com o café central e com o restaurante do jardim das portas do sol. O Thiago logo entusiasmado e a dizer que podíamos fazer do café central uma boutique chique com bolos vegan, chás, licores e vinhos biológicos e os livros 100% reciclado da Jupiter Editions, perguntou por quanto é que íamos fazer a proposta. Automaticamente respondi que como valor base podíamos propor 7500 de renda anual. O Jakob perguntou logo de onde é que vinham os 7500. E eu justifiquei que de todos os sítios em Santarém, o mais privilegiado era o café do jardim das Portas do Sol e que esse café tinha sido concessionado por 200 mensais. Se queríamos explorar os 3 era só multiplicar os 200 por 3 e depois multiplicar pelos 12 meses do ano que chegávamos aos 7500. O Thiago perguntou se eu e o Jakob não iríamos viver por um ano em Lagos ou Sagres durante o estágio do Jakob como médico do ano comum. Eu disse que sim e o Thiago perguntou como é que nós íamos conseguir gerir 3 espaços à distância, com ele e com a Sarah a viverem na Costa de Caparica. Nem nesse momento, me passou instalar câmaras de vigilância, nem mesmo que fôssemos para a Suécia, porque havia outras formas de controlar o negócio sem ter que monitorizar os trabalhadores ou sem ter que explorar ou sacrificar a imagem dos clientes. Disse que caso não conseguíssemos ninguém da nossa confiança poderíamos optar por só receber pagamentos com cartão ou MB Way. Na Suécia e nos Países Baixos, muito antes de 2018 os pagamentos já eram todos virtuais e estávamos em 2020 no piquenique administrativo... Eu próprio era contra um sistema de

pagamento sem hipótese de pagamento com moedas ou notas físicas, mas sabia que seria melhor isso do que ter que instalar câmaras para controlar os pagamentos. Ou então, teríamos que comprar uma caixa registadora mais segura, que soubéssemos que só podiam ser abertas para receber o pagamento registado, por exemplo. As hipóteses seriam sempre imensas. E caso ficássemos com as 3 concessões, como o Jakob só teria que escolher definitivamente o hospital no final de novembro, depois do exame dele, poderíamos sempre equacionar a hipótese de, afinal, não irmos viver para Lagos, mas ficarmos em Santarém, para gerir o negócio. Eu próprio poderia fazer do moinho ou do café central os meus novos escritórios de escrita, enquanto as obras do Musical Hotel Central se estivessem a fazer. E comentei que neste tipo de explorações e concessões era muito fácil a própria Administração Pública dizer no futuro, que os concorrentes teriam que instalar câmaras de vigilância para proteção de bens e pessoas, porque a câmara ia “dar” a concessão com mobílias pertencentes à câmara. Disse que tinha visto em Sagres que São Tomé e Príncipe tinha lançado um concurso público internacional para transporte marítimo regular entre as ilhas de São Tomé e Príncipe e os países do Golfo da Guiné e que não parava de pensar como este concurso poderia ser um anzol muito importante, que já estava em contacto com uma construtora naval que conseguia ter prontos 2 ferrys eléctricos com uma velocidade de cruzeiro de 100 km/h, o que era imenso, com capacidade para 1024 passageiros e 150 carros, mas que precisávamos de receber o Caderno de Encargos para sabermos se em causa estava alguma indemnização compensatória destinada a cobrir os custos para o cumprimento da obrigação para se mandar vir os navios e pagarem-se ordenados e se as medidas da boca, do pontal e do calado dos nossos navios batiam certas com as que viessem no Caderno de Encargos, porque se batessem e teriam que bater, nenhuma empresa iria conseguir bater-nos neste concurso, porque de certeza que nenhuma iria levar para o concurso um navio tão

rápido e elétrico sem poluir o mar. E o Thiago perguntou se, como sócio, podia ser comandante e nós os 3, num complô, dissemos que íamos pensar nisso, mas que talvez fosse boa ideia convocar uma Assembleia Geral para decidirmos se o Thiago poderia ser o comandante do nosso navio. O navio teria lojas a bordo, pelo que seria uma ótima estratégia para vendermos os nossos livros da Jupiter Editions a bordo. Lembro-me do Jakob dizer que parecia que estávamos a concorrer aos concursos públicos por uma “questão de sobrevivência”. Mas, no fundo, era verdade. Era mesmo isso. Isso, fazia parte do jogo. Aliás, isso tinha que fazer parte do jogo. Estávamos sem vendas. Podíamos ficar com imensas praias, ou só com uma no ano a seguir e sabermos que nas praias seria garantido que iríamos vender os nossos livros, mas não podíamos esperar até ao verão. O verão tinha acabado. Não podíamos esperar até ao próximo verão. Tínhamos que tentar tudo. Nós não queríamos ficar com nenhum império, nem com o monopólio de nada. Mas se teatros estavam a ir a concurso público, era claro que nós iríamos concorrer, porque nós tínhamos teatros, tínhamos *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom, tínhamos *O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala, tínhamos *Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy e, ainda, *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto para levar tudo ao teatro. Se palácios estavam a ir a concurso público, sabendo que podíamos ter expostos no palácio os nossos livros ou usar os claustros ou um dos bonitos pátios do mosteiro para montar um palco puxando toda a Braga, mas também o Porto e Guimarães e Viana do Castelo para os nossos teatros em português e puxando Vigo e toda a fronteira espanhola para os nossos teatros em castelhano, era claro que teríamos que concorrer também aos palácios. Estávamos numa corrida. Estávamos num concurso. E de repente, no nosso fantástico, olhámos à nossa volta e tínhamos um palácio, tínhamos os casinos, tínhamos praias, tínhamos o Rok Garden do Musical Hotel Central com concertos sempre a dar e com uma

boutique em baixo com os livros à venda e com uma Surf Planet e uma Retrosailor em Sagres sempre connosco. Porque tínhamos concorrido, tínhamos que ganhar! Disse que o Instituto do Turismo tinha lançado em agosto o concurso público para entregar a exploração do Mosteiro de Santo André de Rendufe, em Braga, por 50 anos. Disse que tinha visto as peças do concurso e que tinha achado muito fácil concorrer. Que uma vez entregue-nos o “palácio”, teríamos o prazo de 1 ano para entregar o projeto de arquitetura e o prazo de 4 anos para licenciarmos o projeto e realizarmos as obras. Era raro encontrarmos concursos destes, em que podíamos entregar o projeto de arquitetura, com tempo, depois de ficarmos com a concessão, porque muitos dos concursos pediam logo um projeto de arquitectura e isso dificultava logo. Porque uma coisa, é nós sabermos que vamos ficar com o palácio, podermos pedir uma garantia de 5 milhões a um banco ou a um fundo “a fundo perdido” que vê que vamos ficar com o palácio durante 50 anos e que, portanto, nos concede facilmente os 5 milhões como garantia para o reabilitar e com a “garantia na mão” podermos também chegar perto de um arquiteto e pagar-lhe para que ele execute o projeto de arquitetura. Outra coisa, é às cegas, sem sabermos que vamos ganhar, estarmos a pagar a um arquiteto para fazer um projeto com a transferência dos seus Direitos de Autor e Intelectuais para o concurso. Era logo uma barreira para concorrer. O Casino de Armação de Pêra tinha esse impeditivo, por exemplo. Um grande lote de 9 praias em Leiria tinha também esse impeditivo, porque tinha que ser entregue um projeto de bar na praia com determinados requisitos de desenho que eu tinha mostrado a um amigo arquiteto e que ele disse que eram critérios exigentes e que em 2 meses seria muito difícil fazê-lo sozinho. Mas o concurso do Mosteiro de Santo André de Rendufe não tinha esses impeditivos e, por isso, podíamos concorrer. Porque nem sequer era exigida nenhuma prestação de caução. O mínimo de renda anual que se teria que pagar como contrapartida da exploração eram 60€, da altura,



vou sempre falar em euros. Sabem que eu quando estou a falar em 2020, estou a falar sempre em euros, assim escuso, de estar sempre a dizer que estou a falar em euros, já sabem.

— Tio, desculpe, mas... 60 euros...?

— É como se fossem...Cerca de 5 moedas Jupiter...

— São 4,8 moedas Jupiter, para ser mais exato, pai.

— Obrigado, filho.

— Isso quer dizer que com o *Jupiter* de Gabriel Garibaldi ou com *O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala conseguíamos pagar a renda anual do “palácio”...?

— Isso, mesmo, Thomas. Se bem que tem piada dizer-se que com *O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala conseguia “pagar-se” o “palácio”, porque no romance jurídico do Jaime, o nosso Jaimezinho ensina-nos num romantismo dele como concorrer aos concursos públicos e como contratar de forma mais verde e sustentável com a Administração Pública. Em 2020, nem sempre eram usados critérios ambientais como fator determinante para a adjudicação das propostas. E no concurso do mosteiro não foram usados critérios ambientais pela Administração Pública. Só foram usados dois critérios: o “Montante da Contrapartida Anual” que valia 50% e a “Antecipação da Exploração em Trimestres”. E havia um truque para ganharmos este concurso e ficarmos com o mosteiro: a renda mínima era os tais 60€; mas se apresentássemos a proposta dizendo que íamos pagar 60€, só teríamos 12,5 pontos em 100 no critério do “Montante da Contrapartida Anual”. Para termos 100 pontos neste critério, tínhamos que apresentar uma proposta de renda

anual de 360,01€ e não valia a pena apresentarmos nem mais um cêntimo, porque se apresentássemos 500 ou 900 seria a mesma coisa que apresentarmos 360,01€. Depois, o Caderno de Encargos dizia que teríamos o prazo de 4 anos para licenciar e executar as obras, mas se antecipássemos 3 meses dos 4 anos teríamos 12,5 pontos; e se antecipássemos 8 trimestres, ou seja, se concluíssemos as obras no prazo de 2 anos teríamos 100 pontos no critério da “Antecipação da Exploração em Trimestres”. Depois, tínhamos que escolher qual é que seria a natureza da exploração turística, se queríamos executar um hotel, um alojamento local ou outro projeto de vocação turística e nós sabíamos que o Instituto do Turismo, que seria o júri do concurso, queria era um hotel de 5 estrelas, por isso, não valia a pena inventar! Como sabíamos que 360,01€ seria o suficiente para termos 100 pontos, no entanto, talvez fosse importante concorrermos com um valor um pouco acima, porque se todos os concorrentes tivessem 100 pontos, é claro que a proposta que tivesse um valor de renda mais alto ganharia, além de que tínhamos um prazo de carência de 4 anos para começarmos a pagar a renda anual, independentemente de anteciparmos a exploração em trimestres. Ora, era só saber jogar com isto. Foi um jogo da vida real.

— Isso foi o vosso piquenique administrativo, tio?

— Sim, foi. O Jakob também falou no piquenique de uma empresa que andava a fazer testes de jet suits para paramédicos ingleses em áreas de difícil acesso que atingiam 3 mil e 600 metros de altitude e uma velocidade de 135 km/h e lembro-me da Sarah se começar logo a rir a perguntar se ele queria ser paramédico em Inglaterra só para andar de jet suit e era eu a gritar convicto que isso é que era o futuro, que o futuro era andarmos de jet suit e que se o jet suit já tinha chegado à Inglaterra, então era o porque o futuro estava na Inglaterra. E dizia que

Portugal não estava a ver o futuro, não estava com os olhos postos nos carros e táxis voadores, nos comboios semi-magnéticos, nos aviões elétricos... Porque se estivesse, se estivesse a ver os comboios semi-magnéticos voadores ou magnéticos que explodem como uma bala e que *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto chegam a todo o lado com a energia magnética que é a energia das energias, a energia do futuro, Portugal não se punha a falar de uma Rede Ferroviária de Alta Velocidade de 4.500 milhões, ou seja, 4 bilhões, para andarmos a destruir mais Terra, a mexermos no que não devemos na Terra, a investir sem jeito nenhum na Terra, a poluir mais a Terra, para daqui a uns anos tornarmos obsoletas as linhas férreas que desgravataram mantos, abataram árvores e expropriaram propriedades, quando chegasse a novidade a Portugal, não sei quando, sobre os comboios magnéticos, mas que no Japão em 2020 não era novidade nenhuma! Completamente injustificável! Porque é que eu precisava de escavar túneis, abrir buracos e construir pontes para ligar o Porto a Lisboa em 1h15 num longo, longo, longo, prazo sem vista? Sem ver a vista, porque se ia dar cabo de mais uma vista? Com jet suits a chegarem, carros e comboios voadores semi-magnéticos? Com um futuro de tecnologias a caminho vou investir 4.500 milhões de fundos europeus? Ao invés de aproveitar os fundos para outros investimentos? Com tantos investimentos para se fazerem...? A seguir qual é que foi o investimento que o governo quis? Grandes torres de carregamento elétrico para drones? Grandes torres de antenas 5G? Foram só esses os investimentos que o governo viu?

— A culpa foi do pai.

— Minha?

— Sim.

— Se o pai tinha voz, o pai tinha que fazer chegar a sua voz.

— Ah!... É eu que tinha que fazer chegar? Eu não! Se sabiam que eu tinha uma voz capaz de chegar, não era que tinha que fazer tudo... Não era! Eu só era uma voz...

— Capaz de mudar o mundo!

— Oh! Isso todas as vozes são capazes... Mas já que viram que tinham uma voz capaz disso, então, que levassem a minha voz ao mundo e não a deixassem morrer... Porque não era eu que a tinha que levar ao mundo. Não era que tinha que ver um mercado altamente competitivo a asfixiar-me a voz. Eu não queria verem-me e asfixiar-me a voz. Que me trouxessem o palco. E que me fizessem subir ao palco, já agora. Porque quando eu subisse, eu iria subir com a minha voz. Não andei nos concursos a concorrer aos palcos da vida? Andei. Mas nunca perdi, por causa de um concurso, uma super lua, muito menos com o Jakob! Tinha que ver a super lua! Tinha que olhar para a Lua! Tinha que ter tempo, para poder ver a Lua. Porque a Lua, era o meu tempo. A Lua, era o meu satélite. A Lua é que me prejudicava as histórias e a vida! A Lua é que me abriu as histórias todas! A Lua é que me mandou abrir e fechar as histórias todas! A Lua é que me atrasou! A Lua é que me prendeu ao seu ciclo. Porque eu fiquei a olhar para ela. Mas, nunca, nunca, nunca, me arrependi de ter ficado a olhar para a Lua e de ter aceitado mais um ciclo que ele me dava! Eu estava num ciclo... Estava preso a um ciclo... E não me viram preso a um ciclo? Então e viram-me e nem sequer foram capazes de me libertar dele? Em Sagres, chamei 24 amigos numa Internet de Coisas para me ajudarem a promover os livros. Precisava de publicidade, de promoção, de promotores. Eu quis primeiro celebrar contratos de promoção com os meus amigos. Sabe

com quantos é que eu pude contar? Sabe, filho? Sabe com quantos? Com 12.

— O Jakob, a tia Sarah, a tia Joana, o tio Thiago, o tio Xico...?

— Faltam 7. Falta descobrirmos quem é que eram os outros 7 profetas de Cristo, tio.

— Mas sabe o que é que isso significa? Numa Era tão tecnológica, numa Era em que podíamos ligar tudo? Significava tudo.

— Podemos bater palmas, tio?

— Podem, claro! Todos eles também bateram nesta parte! A Sarah, o Jakob, o Thiago, o Xico, a Joana... Eles batiam sempre... Nunca tive um espetáculo...

— Deixe-me adivinhar, pai... Sem palmas...?

— Sim... Como é que sabe? Não me estou a querer gabar...

— Oh!... Porque o Jakob, a tia Sarah, o tio Thiago, o tio Xico e a tia Joana, batiam sempre palmas, pai...

— Sempre! Mesmo se ninguém batesse...

— Deixe-me adivinhar, agora eu, tio... Eles batiam!?...

— Sim... O Thiago assobiava sempre... E dizia...

— Para o pai fazer-lhe um filho... Que o pai era “bom como o caralho” e depois num “fodasse” masculinamente a fugir gritava que o

pai era “lindo como o caralho” e voltava a assobiar e ficava só a assobiar...

— Ah! Parece que está dentro do meu cérebro. Como é que sabe tudo isso?

— Porque o pai acabou de escrever há duas páginas, nem tanto, se calhar...

— Não escrevi isso assim, de certeza. Faltam elementos teatrais... Sinto tanto a falta deles...!

— Sim, faltou o Jakob... Que não sabia assobiar e que não tinha coragem de gritar como o Thiago gritava!

— Mentira!!!! Não o admito! O Jakob assobiava-me sempre e gritava pelo meu nome! Com o Xico ele assobiava-me. O Xico dizia-lhe como é que ele tinha que me assobiar...

— Ah!... Mudámos um bocado o teatro... Chegaram novas personagens...

— Quem é que disse que estamos no teatro? Quem é que disse que isto é um teatro??? Isto não é teatro nenhum! Isto nem cheira a teatro! Eu não disse que faltam elementos teatrais? Veja as câmaras... Nos teatros não há câmaras... Logo, não estamos em teatro nenhum... Sabe o que é que eu acho? Que estamos é dentro de um filme e não conseguimos sair dele... É o que eu acho... Mas isto, é só a minha experiência de realizador a falar... Posso estar enganado e tudo isto ser um teatro... Sei lá! Um teatro tecnológico... Se calhar, com câmaras, fica um teatro tecnológico... Parece que estou sempre a criticar!... Até o Teatro, agora, só agora em 2080 é que eu critico... Critico o Teatro...

Critico a Psicologia... Critico o Direito... Eu assim não vou longe... Não vou! Assim, de certeza que não consigo sair deste filme... O Direito que talvez fosse o único capaz de me tirar deste filme, eu vou logo falar mal dele? Parece que quero ficar aqui eternamente neste meu filme...

— Podemos bater palmas, tio?

— Podem, claro! Todos eles também bateram nesta parte!

— Não sei, porquê... Mas agora acho que vem uma parte séria... Estou a sentir qualquer coisa...

— Estava na cama com o Jakob na Costa de Caparica, vindo de Sagres, com aquela super lua a entrar-nos pelo quarto, e dizia-lhe a chorar que não queria voltar para Santarém, que não queria voltar para a casa de Santarém, por causa do meu pai, que não era justo ter escrito 12 livros, termos montado uma editora, sermos empresários, termos já passado por tudo o que tínhamos passado e termos que ainda andar na casa dos nossos pais, porque ainda estávamos sem vendas...

— Oh! Não disse? Esta parte então das vendas... É uma parte muito séria, porque foi uma parte que mexeu muito com o meu paizinho... Coitadinho! Deve ter sido tão traumatizante... Foram quantos meses sem vendas?

— As nossas primeiras vendas foram no dia 25 de outubro.

— Vamos contar... Maio... Vá, maio não conta... Junho, julho, agosto, setembro, outubro... Ora, 5 meses...?? Ele não merecia isto!... A sério! Que mal fez ele a *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom? Podia ter sido pior...

— Não gozes!

— Oh, amor! Achas? Achas que eu era capaz, de neste momento, tão sério que foi, gozar com o meu paizinho? Não sei porquê, mas lembrei-me daquela história do chorão... Unnnnhéééé! O meu pai ainda vai contar, eu já vi o filme todo. Estou só a dar um spoiler...

— Estávamos sem vendas, porque ainda só 100 pessoas tinham ido ao nosso site e nós já não tínhamos dinheiro para fazer publicidade, senão o dinheiro contado para as despesas que a empresa ia dar só por existir, sem vendas, até ao primeiro ordenado de médico do Jakob... E o Jakob dizia que também não queria nada voltar a verme devolvido à casa de Santarém, pedia-me desculpa pela mãe dele só me ter deixado passar uma noite lá em casa e lembrava-me que já só faltavam 3 meses para estarmos juntos para sempre, porque era em janeiro de 2021 que íamos viver juntos, com ou sem vendas, fosse para sempre só com o ordenado de médico dele. E eu dizia que não queria viver com ele num quarto arrendado, porque eu estava farto de andar de quarto em quarto. Dizia-lhe que queria ter um quarto com as minhas mobílias. Dizia-lhe que nunca tinha tido o meu próprio quarto. Dizia-lhe que nunca tinha tido as minhas mobílias. E o Jakob dizia que não íamos viver em quarto nenhum, que o ordenado dele de médico ia dar perfeitamente para arrendarmos uma casa. E eu dizia-lhe que estava farto de casas arrendadas, que toda a minha vida tinha visto o meu pai a celebrar contratos de renda e nunca a celebrar um contrato de compra e venda e que me dizia num riso psiquiátrico que fazia parte do meu processo ter que passar por todos esses arrendamentos, para eu ver “como custava a vida” e que era uma sorte eu ter “um quartito”, porque havia putos da minha idade em Lisboa a viver em caixas de cartão enrolados em mantas, sem tomadas para ligarem o aquecedor



que eu ligava nas noites de frio e que quem tinha que pagar “a merda da conta da eletricidade” era ele e que eu só dava, por isso, despesas. E o Jakob dizia-me que passado 1 ano, depois do estágio no hospital e depois de termos a certeza onde queríamos viver, com o ordenado de médico dele, ele podia pedir um empréstimo para comprarmos a casa que quiséssemos. E eu dizia-lhe que as casas em Portugal estavam a custar 1 milhão para cima e que não havia bancos a concederem esses empréstimos nem aos médicos, porque sabiam dos miseráveis ordenados que Portugal andava a pagar aos médicos. E o Jakob perguntava-me se eu não tinha as malas prontas para ir para a Suécia com ele. E é claro que eu dizia que tinha o coração pronto para isso. Mas eu não queria sair de Portugal. E o Jakob a ler-me a mente, dizia-me que não tínhamos que ficar para sempre na Suécia, que seria sempre uma viagem com bilhete de volta, para quando voltássemos a Portugal podermos comprar uma casa. E perguntava-me se eu já tinha falado dos cedros no meu livro e eu dizia que ainda não tinha falado neles e o Jakob dizia que para eu poder sair de Santarém tinha que falar nos cedros e eu ria-me e já me esquecia que tinha estado a chorar. E o Jakob perguntava-me se quando eu fosse, outra vez, para Santarém se eu ia, finalmente, falar nos cedros, para eles me deixarem ir embora. E eu a rir-me, dizia que ia falar neles. E o Jakob fazia-me prometer, enquanto me beijava. E eu prometia que ia falar nos cedros.

— Foi por isso que o pai falou nos cedros?

— Sim, foi por isso. Fui para Santarém no dia a seguir com o Thiago e com a Sarah de carro. Lembro-me das primeiras 4 músicas porque foram programadas para oxigenar-me o espírito e fazer-me dançar logo no início da viagem: *Fight One* dos Lathums, a *Man Behind the Sun* e a *Mouth of A Tiger* do Callum Beattie. E depois a Sarah pôs uma e disse para eu adivinhar. E eu que nunca tinha ouvido, perguntei

se era o Sebastian que estava a cantar. E a Sarah a rir-se num complô com o Thiago disse que sim, disse que era o “meu” Sebastian e que eu não podia dizer ao Jakob que ela tinha posto o Sebastian para eu ouvir e que ela sabia muito bem que eu gostava de ouvir o Sebastian a cantar. Estava-se a tornar o meu cantor favorito. A Sarah tinha posto um cover do Sebastian a cantar *New Rules* num *feat* de *drum pads* 24 com Rex Pearson, um *feat* completamente dançável, sentia-me numa discoteca com o Jakob numa dança para os namorados composta pelo Sebastian. E vi o compositor e o artista a sério que era o Sebastian. Ele também era um DJ. Sabia pôr-me a dançar. Pôs-me a dançar. E neste meu adivinhar, que era a voz do espírito do Sebastian, inventei o Spirits Wars, em que uma fase do programa de música seria os Spirits numa War conseguirem que um público e um júri, completamente às cegas, conseguissem dizer um dos nomes dos Spirits, conseguissem reconhecê-lo só pela voz, numa Spirits Wars e numa canção que os Spirits nunca tinham cantado antes. A Sarah estava a ir para Santarém para almoçar com o pai, o Jakob não veio porque ficou a estudar para o exame. Esse exame que fazia-o deitar-se de madrugada às vezes às 2, outras às 3 e eu acordava-o como despertador dele às 9h30 para ele começar a estudar. Sabia que ele se estava a matar a estudar por causa de nós! A brincar, ele perguntava-me o que é que eu achava de partirmos os dois como artistas pelo mundo fora, eu a escrever e ele a cantar, cagávamos simplesmente para o Direito e para a Medicina e eu dizia que estava pronto. E ele dizia que era mentira! Dizia que eu queria era dormir numa cama de veludo com lençóis de cetim. E eu dizia que não fazia mal se vivêssemos numa tenda, mas que o Xico não ia achar piada nenhuma... E o Jakob dizia que ia chegar a uma altura que eu ia dizer que queria mobílias de bambo, “só” porque nunca tinha tido mobílias... E eu dizia que não ia falar de mobílias nenhuma, que podíamos viver numa tenda, mas que tinha que ser era às escondidas do Xico e quando o Xico nos viesse visitar, dizíamos que a nossa casa

tinha sido ocupada por espíritos e que era melhor não irmos lá enquanto os espíritos estivessem a ocupar “a nossa casa”... E o Jakob dizia que o Xico não tinha medo de espíritos e que sabia perfeitamente que eu não tinha também medo de espíritos, porque eu era um espírito, porque éramos todos espíritos e que essa “desculpa” não ia resultar no mundo de espíritos... E eu dizia que outra “desculpa” poderíamos inventar, mas que não fazia mal não termos uma casa e vivermos numa tenda... E o Jakob dizia que não ia resultar, porque depois eu ia passar as noites na tenda com a cabeça ao peito dele a suspirar que todos tinham uma casa com garagem menos nós e que eu ia acabar por dizer que também queria uma casa com garagem como e que queria guardar na garagem um Bentley e da garagem subir diretamente para um quarto com uma cama king size de veludo e lençóis de cetim, porque eu não ia aguentar viver com ele numa tenda... E eu dizia que ia, que não queria saber de Bentley nenhum, que só queria era saber da pila dele... E ele perguntava-me se tudo isto era por causa da pila dele... E eu dizia que sim e acabávamos a rirmo-nos muito. Tinha deixado a prancha de bodyboard que o Xico me tinha oferecido na Costa de Caparica. E levava o computador portátil do Jakob e uma TV de 50 polegadas ao colo na viagem, em que já tinha decidido que iria instalar o meu ambiente de trabalho no cantinho do alpendre, porque mesmo com as grandes chuvadas prometidas de outubro, no cantinho do alpendre, o meu ambiente de trabalho estaria sempre protegido. Iria era passar frio, iria estar sempre a escrever com as mãos geladas. Mas eu até nisso sentia prazer. Sentia prazer em tudo! Por isso, é que talvez *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom me tenha testado até ao limite. O ecrã do computador do Jakob estava estragado, não dava para ver, e por isso é que precisava da TV. Tinha que ligar o computador à TV. Estragou-se quando voltei para Santarém da casa da Giralda, antes de ir para Sagres. Foi horrível, porque tinha que ligar o computador à TV da sala e mais horrível ainda, porque estava sempre a ser interrompido

pelo meu pai que queria ver o telejornal das 13h e das 20h, mas chegava à sala a gritar às 12h30 a dizer para eu meter no telejornal, porque queria ver a realidade e que ele vivia na realidade e não na merda das minhas fantasias. E depois ocupava a sala até às 16h e depois eu já só tinha 2h para escrever, porque às 18h ele entrava na sala e ficava sentado no sofá a olhar para a TV, que era o ecrã do meu computador, e como era lógico que eu não ia escrever, nem fazer pesquisas monitorizado por ele; e como eu também não ia sair dali, numa jogada minha de xadrez com ele, abria um estudo em inglês, num inglês que eu sabia que ele não dominava muito bem, sobre o mercado editorial na Austrália, porque estava também a escrever o *Business Plan* da Jupiter Editions e se eu queria que a Jupiter Editions também chegasse à Austrália, tinha que projetar com os dados que tinha, tinha que ser um analista de dados. E via olhos de analistas a analisarem as coisas projetadas em ecrãs que o meu pai me ia dizendo cada vez que entrava na sala com o telefone dele com os dados móveis ligados. E nessa minha *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari, agarrava num dos meus cadernos e registava tudo o que ele me dizia, é claro, fingindo que não o estava a ouvir e que estava a copiar os dados do estudo australiano. Era “um tudo ao mesmo tempo”. Era “um sempre tudo ao mesmo tempo”. E quando eu tinha a sala livre para poder escrever, lembro-me que tinha que abrir a janela e tapá-la, porque o meu pai ia andar de um lado para o outro, no jardim, atrás da janela da sala. E cada intervenção dele, eu ia registando sempre às escondidas. Às vezes, em tempo real. Outras, através da memória. Mas eram sempre interrupções. A minha escrita estava sempre a ser interrompida. Parecia que não podia escrever em lado nenhum, sem interrupções, num ambiente saudável, num ambiente só criado por mim; parecia que eu tinha que criar esse meu ambiente de fantasia com a minha mente, ao mesmo tempo, que um demonismo, me queria enlouquecer, me queria ver a desistir de tudo aquilo em que eu tinha acreditado. Era horrível. Era um sufoco! E depois aparecia

tudo ao mesmo tempo! E eu tinha que escrever tudo ao mesmo tempo! Como robot-escritor, era isso que eu tinha que fazer! Eu era um robot-escritor! Eu fui um robot-escritor! E como robot-escritor, eu sabia que tinha mil algoritmos sobre mim que me mandavam escrever e que se eu não escrevesse, eu sabia que os algoritmos com a sua nova vida e liberdade algorítmica iriam levar toda a minha vida a outro robot-escritor. Via os dados cinematográficos que eu iria dar se instalasse o Zoom para assistir às aulas online; imaginava os meus professores de Direito, anfitriões das videochamadas e controladores dos dados a ficarem para sempre com as gravações do meu pai a entrar na sala e a aparecer na câmara e nos microfones; imaginava a minha mãe na cozinha a 4 metros da sala sem porta nenhuma a ouvir-me a participar nas aulas virtuais e a rir-se inocentemente e também a querer participar, falando por cima de mim ou falando por cima de um professor. E eu saber perfeitamente como é que a sofisticada Inteligência Artificial interpretaria os risos da minha mãe? E se eu quisesse defender a todo o custo as gargalhadas da minha mãe? E explicar isto tudo ao Direito? Não tinha que explicar! E por não ter explicado e ter inventado uma mentira, apareceu-me um computador portátil da Faculdade de Direito em casa. Mas primeiro, fizeram-me perguntas sobre o meu equipamento e eu tive que ir à Internet ver um telefone que não permitisse instalar aplicações. Mas depois um professor de Direito do Trabalho, no seu teletrabalho obrigatório, queria o meu número para ver se eu tinha WhatsApp, porque caso eu tivesse WhatsApp isso queria dizer que eu poderia instalar a aplicação do Zoom no meu telefone. E depois era o presidente da Associação de Estudantes a telefonar-me e a ver que eu tinha WhatsApp e era eu a dizer que o número era do meu namorado e era eu a dar novos dados ao presidente. E enquanto eu falava ao telefone com o presidente, eu tinha ficado a saber que, por causa do vírus tecnológico, os exames iam ser onlines, o que queria dizer que eu poderia ficar com o computador até

aos últimos exames, que seriam em agosto ou setembro, aceitando o computador para “poder participar nas aulas online”, mas assim que tivesse o computador nas minhas mãos, podia não aparecer nessas aulas online, porque podia decidir que, afinal, só ia fazer os exames finais em agosto ou setembro. Simplesmente estava a ser um sobrevivente na Era tecnológica. Porque o que eu queria, era poder escrever sem interrupções e eu precisava urgentemente de um computador, porque o do Jakob tinha se estragado, era lento como tudo e só funcionava ligado à TV. Lembro-me de telefonar completamente histérico ao Jakob a dizer que o computador não parava “de pensar” há duas horas e que me estava a atrasar como sempre, porque eu não podia ficar 2 horas à espera que o computador dele “ficasse a pensar”, enquanto o meu cérebro não parava de pensar e eu “precisava” de escrever imediatamente e não podia ficar a pensar durante 2 horas sem escrever. Escrever era o meu trabalho! E o computador do Jakob estava sempre a atrasar-me, era sempre uma dor de cabeça ou para o ligar, ou para pôr a palavra-passe quando eu voltava de um passeio ou para abrir uma nova janela na Internet... E eu ficava sempre histérico, porque passadas duas horas eu já não ia escrever o que eu queria escrever, porque passadas duas horas já estava com outros pensamentos ou já não me lembrava o que tinha pensado... Às vezes, conseguia segurar pensamentos, mas não conseguia segurar mais do que 12 durante muito tempo... 2 horas, era infernal! Quando o computador não me respondia ou bloqueava a meio, quando eu estava a escrever, fossem 5 ou 15 minutos, era um inferno! E nesse inferno, telefonava ao Jakob a falar mal do computador dele e a perguntar se podia desligá-lo, porque ele não parava de pensar. E o Jakob tratava o computador como se fosse uma pessoa e dizia que eu tinha que ter paciência e falava “dele” como se “ele” tivesse vida e vontade própria e dizia mesmo que o computador dele “fazia o que queria” e nós tínhamos que respeitá-lo, que tínhamos que ter respeito pela máquina, porque a máquina estava a

pensar e estava sempre a atualizar. Eu não podia falar mal do computador dele, porque o Jakob defendia sempre o computador, como se o computador fosse uma pessoa. E eu histérico, dizia que o computador dele estava a atualizar há 3 horas e que eu precisava de começar a escrever e perguntava se não podia mesmo desligar e voltar a ligar... E lá muito contrariado, o Jakob dizia que eu poderia tentar, mas que talvez, eu pudesse “causar danos” ao computador dele, porque o computador “não gostava que o desligássemos de repente quando ele estava a atualizar”... E eu só podia concluir que o meu namorado tinha uma grande estima pelo computador dele e que era verdade que graças ao computador dele eu tinha escrito, talvez, 60 ou 70% dos 12 livros, mas não seria por isso que eu me iria esquecer que o computador era só um computador, que era uma coisa, e que não era ao computador que eu devia nada! Porque aquilo que eu escrevi num computador, escreveria sempre noutra. Se devesse, seria ao meu cérebro e ao Jakob que me emprestou imediatamente o computador, para eu poder escrever, porque o meu pai me tinha tirado o computador dele, quando sabia que eu andava a escrever. E eu voltava a telefonar histérico ao Jakob a dizer que tinha desligado o computador enquanto ele estava a atualizar como tinha dito que ia fazer, mas que estava a demorar mais outras 2 horas para “desfazer as atualizações que tinha feito”. E do outro lado da linha, ouvia o Jakob a dar razão ao computador dele e a dizer que se o computador estava a atualizar e eu tinha interrompi as atualizações dele, que agora tinha que lhe dar um tempo para ele “desfazer” todas as informações que tinha recebido porque eu “o tinha interrompido” e porque eu estava “a pressioná-lo” para prosseguir sem atualizar; mas se ele já tinha recebido informações novas para atualizar o programa dele, teria que “o deixar em paz” para ele “processar isto tudo” e eu, a ouvir isto, conseguia sentir-me exatamente um computador que tinha recebido novas informações e que essas novas informações faziam com que eu tivesse que atualizar o meu livro, que

era o meu programa, mas que uma mão invisível me estava a pressionar para eu prosseguir o programa sem atualizar e como eu já tinha iniciado as atualizações, precisaria de mais tempo para poder desfazer as novas atualizações que tinha incluído no programa, e claro, precisaria de tempo para processar tudo isto. E numa *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari, o Jakob fazia sentir-me uma máquina e eu perguntava-me se eu não seria um robot e o Jakob tivesse robofilia. E para sair deste filme, tinha que ir buscar emprestado o novo computador à Faculdade de Direito, sabendo que o queria mais para escrever e não para assistir às aulas online, sabendo que a faculdade tinha um número limitado de computadores, que eu era o primeiro da lista, que o facto de a faculdade emprestar-me significava não poder emprestar a outro aluno que queria mesmo assistir às aulas online e que levava o curso muito mais a sério do que eu e conformando-me eu com tudo isso. Porque eu só estava a ser “um sobrevivente”. O que eu queria era poder escrever sem interrupções. O que eu queria era poder escrever sem os horários definidos pelo meu pai. Porque escrever, era a minha sobrevivência! E o que eu queria, era não ter que escrever e ver toda a minha escrita projetada numa TV! E assim, pude escrever o que escrevi em Sagres. Lembro-me, depois, de chegar de Sagres, de estar a subir a alameda da Cidade Universitária para ir entregar o computador à faculdade e de estar a pensar como seriam em 2080 os *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke, que instrumentalizados por uma Eagle Studios, que seria dona dos dados recolhidos pelos implantes cerebrais que liam os pensamentos de um inocente e apaixonado cérebro, seriam capazes de criar perfeitos cenários para o cérebro, fazendo-o numa *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari crer que estaria dentro do *Target – A Pegada Digital* de Ralf Kleba-Kodak. E antes de chegar à minha faculdade, em frente à Faculdade de Psicologia, cruzava-me com um dos *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke da minha viagem de comboio de Lagos a Lisboa.



— Jure!

— Juro, filho!

— Se eu achava que a minha vida dava um filme, a do pai então...

— O que teve ainda mais piada, foi isto ter sido em frente à Faculdade de Psicologia e tudo isto ser um *study case* de uma nova Psicologia Digital que seguia o *Target – A Pegada Digital* de Ralf Kleba Kodak, numa Psicologia de Mercado perfeitamente legal e controlada por um Direito Comercial Tecnológico, ali mesmo ao lado com uma Faculdade de Direito e monitorizada por uma Medicina de Precisão.

— Acho que afinal, com esse filme, perdi o *Target – A Pegada Digital* de Ralf Kleba-Kodak...

— Não faz mal, filho. O Direito Penal também perdeu o filme...

— Dos 5 *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke, com qual é que o tio se cruzou?

— Dos 5? Não foram só 3 *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bieke, que o pai apanhou nessa sua viagem?

— Então, mas eu estou a contar com os reviores dos comboios, os revisores também não eram *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke, tio?

— Cruzei-me duas vezes com o que me convidou para ver o filme com ele.

— Duas vezes, tio?

— E na segunda vez apareceu o revisor que me tinha tocado, a filmar a cena toda.

— O quê, pai??????????

— Quando me cruzei pela primeira vez, ele olhou-me apaixonadamente como se me quisesse falar e me pudesse falar, como se fosse óbvio que eu me tivesse que lembrar dele do comboio, mas eu obviamente que fingi que não fazia ideia quem é que ele era; e simplesmente continuei o meu caminho. Eu estava a subir a alameda, ele estava a descer. Entreguei o computador muito depressa na faculdade e desci a alameda. No exato sítio onde nos tínhamos cruzado, voltámos a cruzar-nos, ele vinha a subir e eu, dessa vez, ia a descer. Um pouco antes de nos cruzarmos, ele fixou-me tal e qual com o mesmo olhar mentalista que o Vandame me tinha feito na praia. Eu até andei mais devagar para poder sentir a realidade daquilo. À frente da Faculdade de Psicologia havia uma paragem de autocarros. E cronometradamente, vestido com a farda de trabalho dos Comboios de Portugal, saíu o revisor da minha viagem de Lagos a Lisboa, com uns óculos de realidade virtual aumentada e com o telefone a apontar para o meio da nossa “cena tecnológica”, como se fosse capaz de filmar o pensamento que o meu cérebro abria numa janela que projetava para fora, num holograma. Sorri para os cabrões. Olhei para trás e vi como é que em 2020, eu já estava em 2080 e que provavelmente seria uma experiência tecnológica nas mãos de *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke que padeciam de robofilia, porque eu só podia ser um robot para ter visto isto e ter ficado completamente indiferente, sem querer saber com que tecnologias teria sido fabricado o meu corpo e o meu cérebro que me deixava ver isto impávido e sereno. Sentia-me um drone

silencioso a ver humanos a brincarem com as emoções e sentimentos de um robot. E dava por mim a escrever, que se eu fosse um robot sem saber, eu não queria que me desligassem, porque eu gostava de cada parte tecnológica do filme da minha vida. Porque era fácil programar e reprogramar, configurar e reconfigurar um cérebro humano que por trás, uma sofisticada engenharia informática dizia que o cérebro humano era um cérebro-robot.

— Pai... Como é que o pai não enlouqueceu? Por favor, diga-me! Porque eu teria enlouquecido!...

— Eles sabiam que podiam pôr-me os hologramas mais assustadores a dar à frente dos meus olhos, podiam criar os piores cenários de filme de terror, podiam até misturar pornografia com terror, podiam fazer o que quisessem, que eu nunca, mas nunca, mas nunca, iria enlouquecer! Já sabem quem são eles?

— *Os Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke, tio?

— Não, Thomas...

— Então quem são “eles”, pai? Toda a minha vida que oiço o pai falar em “eles”... Quem são “eles”? De uma vez por todas, diga!

— Os produtores e os realizadores.

— Porque é que o pai fala em produtores e realizadores no plural?

— Porque não me puseram num filme. Puseram-me em vários filmes ao mesmo tempo!

— E como é que o pai saiu desses filmes?

— Disse que tinha celebrado um novo contrato de realização e cinema.

— E eles deixaram o pai sair do filme deles?

— Claro. Perguntaram-me quem é que era a realizadora. Eu disse que era a Jupiter Editions. Assim que ouviram o nome Jupiter, acharam que os *Dons* me tinham assaltado e me tinham levado para *Jupiter* de Gabriel Garibaldi. Quem é que não respeita os *Dons*? Quem é que se mete com quem está protegido pelos *Dons* e por todos os satélites nesta Internet de Coisas?

— Então, agora... Quer dizer... Que estamos no filme do pai, é isso?

— Sim, basicamente.

— E... Nós somos o quê?

— Então, você é a personagem principal colocada no papel de um professor de Direito, juiz e dono do Club Cascais em que concorreu a um concurso público para poder tratar os dados dos clientes de uma discoteca onde sabia que o Pietra iria, tudo para poder prendê-lo à sua biblioteca de almas... Tudo para ter um espírito dançante preso à sua biblioteca de almas... O Thomas faz de escritor que escreve coisas que magicamente vão parar à rádio no dia a seguir e ao teatro na mesma semana... E está completamente endividado e não vai conseguir enriquecer porque toda a gente anda a ler as suas coisas gratuitamente na dark net, porque dizem vocês que a dark net ainda existe e é real...

— Pai, mas isso são as nossas vidas reais...

— Sim. É porque as vossas vidas reais dão um autêntico filme de Ficção Científica e Direito... Mas se não querem... Eu despeço-vos e vou chamar outros atores com a Kaasting para fazerem os vossos papéis...

— Despede-nos? Mas não nos pode despedir.

— Posso, sim. Eu é que sou o realizador.

— Mas eu sou o produtor, tio. E não pode despedir o seu filho, sem primeiro me perguntar.

— Posso despedi-lo, ou não?

— Amor, desculpa... Mas estás despedido...

— Vocês não me podem despedir!

— Porquê, amor?

— Porque sou eu que tenho o guião.

— Mas eu é que era o guião! Eu é que sou o guião!

— Sim, o pai é o guião de 2020... Mas eu sou o guião de 2080.

— E estamos em que ano, tio?

— Estamos em 2020 e em 2080.

— Estamos em 2080, mas mais parece que estamos em 2025, não parece tio? 2025 já não parecia 2080?

— Sim, realmente 2080 começou a chegar em 2020... 2021... 2022... Em 2025, já estávamos praticamente em 2080... Quer dizer... Talvez, mais em 2030 parecesse mais 2080...

— Afinal de 2020, para 2080 foram só 10 anos... 10 anos que pareceram 10 segundos, não foi tio? Foram só “10 segundos para o futuro”, não foram tio?

— Sim. *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto, viemos parar em 10 segundos a 2080.

— E em 10 segundos, o pai conseguiu pôr-nos a todos dentro do seu filme e dizer como é que de 2020 chegámos a 2080. Não lhe chamaram robot? Pelo pai ter escrito *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto o 2080 em 2020?

— Sim. Chamaram-me muitas vezes robot. Quiseram fazer-me acreditar que não seria humanamente possível ter escrito 12 livros ao mesmo tempo em 3 meses e que só poderia ser um robot e queriam que eu acreditasse nisso para me poderem “desligar da ficha” com uma pen e um chip que me queriam inserir. E sabem como é que eu nunca deixei que me desligassem da ficha? Porque dos 12 livros que eu tinha escrito, havia 1 que falava. E quando o livro ouvia a dizerem-me que eu era um robot, o livro chamava-me e abria com a sua, própria, tecnologia uma página que dizia que um dia, uma sociedade tecnológica iria dizer-me que eu era um robot, mas que eu não me podia esquecer que não era nenhum robot, que simplesmente era um humano que

tinha uma voz e que quis imprimi-la com um coração que batia a um ritmo alucinante.

— O pai escreveu, *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto, um livro que fala conosco?

— Sim. Porque eu ouvi o livro a chamar-me e a falar comigo. O livro começou a falar. Mas os livros falam? Em 2080, tudo bem que falem. Mas em 2020? Só se fosse um livro de 2080. Mas um livro de 2080 que fala em 2020? Sem querer, escrevi um livro que fala. Escrevi um livro que falava comigo. Vi que era um livro que tinha uma voz. Que era a minha voz. E eu queria imprimir a minha voz. Queria imprimir a minha voz com todo o meu coração.

— E por acaso... O livro não disse que em 2080 o Print Your Heart tinha que sair do Rok Garden para dar lugar ao Jupiter Voice? Talvez o pai não tenho ouvido bem o que o livro disse... Não está a ouvir o livro? Thomas, não ouves o livro a dizer que em 2080 o Print Your Heart vai para um dos casinos e fica o Jupiter Voice com o Rok Garden?

— Não... O Thomas não está a ouvir o livro, porque não tem nenhuma tecnologia instalada nos ouvidos para ouvir o livro tecnológico a falar. Patentei 3 livros tecnológicos: o *biobookmetric*, o *chipbook* e o *realitybookvirtual*. O *biobookmetric* é um livro orgânico digital atravessado por “um olho” que é uma câmara que só permite que o livro seja lido por uma pessoa fechando-se, se “o olho” vir outra pessoa a ler. Se o leitor tiver um chip ou óculos de realidade virtual aumentada, “o olho” acompanha a leitura e vai projetando hologramas em algumas palavras-chave ou frases-chave quando o leitor as lê. Sempre achei o *biobookmetric* a maior estupidez de todas e por isso não a vendi. Não vendo estupidezes! Só as registo. Tenho que as

registar. Senão outro estúpido regista a ideia e comercializa. Sabem quantas armas é que me apontaram para eu vender a patente? Mas eu estava blindado, estava à prova de bala. Podiam disparar às vezes que quisessem! O realitybookvirtual foi outra estupidez que eu tive que registar com a febre dos óculos de realidade virtual aumentada e que também não comercializei. Um livro que em cada página, cada parágrafo tinha um cenário, às vezes estático como este, outras dinâmico como este...

— Viram os drones a voar?

— Vi amor, eram drones-polícia!

— Pois eram, filho... E quem tivesse os óculos de realidade virtual aumentada conseguia ver os drones-polícia a voarem...

— Uau! E com o chipbook, tio?

— Com o chipbook qualquer *ciborg* ou biohacker com dispositivos *RFID* subdermais, que só de tocarem num computador inteligente ou em zonas nervosas importantes do corpo humano altamente elétricas conseguem aceder, roubar, apagar ou enviar informação para um computador ou para um cérebro chipado, conseguem ler de olhos fechados passando só com o dedo em cada frase tecnológica do livro tecnológico.

— Por isso é que Gil de Sales Giotto grita muito poeticamente *À Velocidade da Luz* que “Não vos toco na pele”.

— É verdade, Thomas... Podemos revestir o nosso corpo com a tecnologia mais sofisticada capaz de ler as impressões digitais de quem nos toca. A partir da impressão digital conseguimos ver os traços de



personalidade. Quando vemos isto, não conseguimos ver que a impressão digital foi imprimida mesmo à nossa medida pel'O *Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom? Como é que uma impressão digital é capaz de revelar o nosso cérebro? Consegui logo ver *ciborgs* a brincar com as palavras tecnológicas que *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom tinha mandado imprimir... Vi *ciborgs* a tocarem com os 10 dedos chipados, com os 10 dedos digitais numa página do livro tecnológico d'O *Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom e a sobreporem a paisagem imprimida pel'O *Deus Tecnológico* com um jogo espetacular de frases que faziam aparecer. Ouvi-os a reclamarem para que eu tornasse o código QR do vale das moedas Jupiter com a tecnologia do chipbook, porque queriam poder tocar com o dedo e ouvir as moedas Jupiter a caírem na sua Conta Virtual. Mas eu não queria nada disso! Acusaram-me de estar a discriminar *ciborgs*. Eu não discriminei ninguém. Só discriminei algumas tecnologias. E jurei que só ofereceria o chipbook aos leitores que fossem cegos, e tivessem implementado um chip, num novo braille mais tecnológico. Hoje os cegos conseguem ver. Ou com óculos de realidade virtual aumentada ou com um chip conseguem ver aquilo que tocam.

— Quantos livros em Braille é que a Jupiter Editions vendeu, tio?

— A Jupiter Editions nunca vendeu livros em Braille! Não se vendem livros em Braille! Oferecem-se! No terceiro andar do Musical Hotel Central, a Jupiter Editions fez dele um andar-museu, mas também um andar-biblioteca com todos os seus livros traduzidos incluído em Braille. Vi que seria giro, um leitor cego chegar ao Museu da Jupiter Editions e pedir ao robot-impressora para imprimir o livro que quisesse e simplesmente levá-lo.

— Tio, é verdade que os cofres da Jupiter Editions ficam no terceiro andar do Musical Hotel Central?

— Claro que não! Os cofres da Jupiter Editions são no Bank Jupiter.

— Mas quando eu fui ao terceiro andar eu vi páginas dos cadernos tecnológicos do tio e o tio tinha dito que tinha entregue todos os seus cadernos e toda a sua escrita aos cofres da Jupiter Editions.

— Sim, scanizei algumas páginas dos cadernos no robot-impressora e “ofereci-as” às paredes do Museu da Jupiter Editions. Sabe que o terceiro andar é exclusivo para os Member Readers... Com uma exceção...

— Se forem cegos, mesmo que não sejam Member Readers, podem entrar, não é tio?

— Sim. Quando eu, a Sarah e o Thiago fomos visitar o Musical Hotel Central que estava à venda, sabíamos que o tínhamos que comprar; porque a Jupiter Editions já estava cheia de planos para o Rok Garden e já estava de olho no terceiro andar. Agarrei num boletim da lotaria e usei como chave para os 5 números, a matemática da Jupiter Editions. Depois para as estrelas, que eram duas, só sabia que tinha que escolher o número 9, por ser a matemática da Jupiter Editions a tabuada do 9. Mas faltava-me uma estrela e eu não sabia que número escolher. Pensei em escolher o número 3 que era um múltiplo de 9 e pensei em escolher o número 7, porque no caminho tinha, sem querer, contado 7 plátanos. Lembra-me que o meu pai me punha, quando eu era pequenino, a escolher números do boletim da lotaria. Eu usava sempre as mesmas estrelas. E lembro-me do meu pai perguntar-me

«*epá, não queres mudar as estrelas?*». Soube depois, mais tarde, pela Sociedade de Informação que saía sempre prémio ao meu pai quando ele punha as minhas chaves. Não saía o prémio máximo, porque ou saíam sempre 4 números e uma estrela, ou 3 números e uma estrela ou 5 números e nenhuma estrela. Por isso, é que ele me perguntava «*epá, não queres mudar as estrelas?*». Lembro-me de uma vez numa discussão, lhe ter dito, sem saber, que eu era o bilhete dourado dele e que ele devia olhar para mim como saído da lotaria. E lembro-me disto ter sido contado no terceiro andar e de o robot ter imprimido a intriga *A Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto. Vimos logo que era no terceiro andar onde queríamos instalar o robot-impressora. Se eu era um robot-escritor tinha que me conectar a outro robot. Como robot-escritor só podia conectar-me a um robot-impressora! Com o robot-impressora podíamos desbloquear a nossa economia que as gráficas estavam a bloquear. As gráficas não nos imprimiam os livros. O nosso modelo era o Print-On-Demand. Nós só queríamos mandar imprimir os livros no exato número de encomendas que tivéssemos. As gráficas só nos imprimiam no mínimo 50 livros de cada vez e tinha que ser do mesmo livro e podiam demorar até 15 dias a imprimir. Se tivéssemos duas compras de 2 livros diferentes, tínhamos que pedir para imprimir 50 de um e mais 50 de outro, quando só tínhamos 2 encomendas, num custo total de impressão de 1000€, quando só tinha entrado para a conta da empresa 140€, com a compra de 2 livros da *Premium line*. Havia uma gráfica que nos imprimia um livro por 500€ “por ser” em papel reciclado. Outra gráfica que nos imprimia um livro por 250€. Era de rir! Parecia que estavam num autêntico complô. E nós só queríamos um modelo saudável que fosse sustentável. E queríamos ser o mais livres possível no mercado. Não queríamos ter que depender dos modelos de negócios de fornecedores. Não queríamos ter que depender dos algoritmos dos outros. Tínhamos que ter autonomia suficiente. Tínhamos que poder ter a liberdade de imprimir e a liberdade de poder

entregar os livros no próprio dia ou no dia a seguir. Queríamos ter esta liberdade. Tivemos que ser a própria gráfica. E só com um robot-impressora podíamos ser uma gráfica inteligente. Alguns olhos não conseguiram entender o porquê de eu me querer ligar a um robot quando eu andava a defender os direitos humanos para que nunca fossem suscetíveis de serem ultrapassados ou feridos por um robot... Mas se isso era verdade, também era verdade que eu não andava a lutar contra os robots, porque nunca foi essa a minha luta! Uma coisa é eu saber reconhecer que enquanto trabalhador me posso opor a trabalhar com uma *machine learning*, porque não quero que ela aprenda tudo o que há para aprender e extinga a minha profissão humana, ou reconhecer enquanto pai que não devo comprar robots para o meu filho com forma humana ou que tenham câmara ou microfone ou alguma Inteligência Artificial que se conecta à Internet, ou reconhecer que posso preferir escolher ser atendido por um humano do que por um robot. Outra coisa é eu saber reconhecer que um robot é uma máquina inteligente que pode salvar o meu negócio e a minha própria economia, quando lá fora tenho um mercado que quer ver-me fora da minha economia e que a única chance que eu tenho de enfrentar esta economia tecnológica é ligar-me a um robot, que eu sei que não extingue nenhuma economia e que até emprega, que dá, pelo menos, mais um posto de trabalho a um humano a quem eu posso pagar um ordenado de felicidade, porque é preciso um humano para operar o robot. Eu decidi abrir uma gráfica. Decidi abrir uma editora. Porque tinha um profundo conhecimento sobre o mercado editorial que me permitia editar e publicar livros. Sabia que as editoras dependiam de gráficas para mandarem imprimir os seus livros. E sabia que as gráficas dependiam também de um fornecedor, por exemplo, da fábrica do papel. E quando eu entrei no mercado com a Jupiter Editions eu aceitei esta dependência que a vi sempre como natural. Mas quando eu vi que as gráficas estavam a bloquear a minha economia eu não pude mais

ficar dependente delas. Tive que me fazer à vida. E neste ter que me fazer à vida, apareceu um robot-imprensa que quis imprimir os livros que eu trazia. O meu robot não punha nenhum mercado nem nenhuma profissão em crise, porque se continuava a precisar de um humano para operar o robot. O que já não era preciso, era alguém que tivesse um profundo conhecimento das artes gráficas, porque o robot tinha esse conhecimento e fazia tudo, fazia a capa, cortava, fazia a colagem... E eu tinha era erguido uma editora e não uma gráfica; a minha praia eram as artes editoriais e não as artes gráficas... Mas mesmo que o meu robot fosse 100% autónomo e não criasse diretamente um posto de emprego, isso não queria dizer que o meu robot era um “robot mau”, porque graças ao robot seria possível escreverem-se, traduzirem-se, editarem-se e publicarem-se livros, porque os livros seriam imprimidos por um robot, sustentando este robot, com as suas mãos metálicas, escritores, tradutores, editores e donos de editoras. E a minha economia até ter nascido, não existia. As outras gráficas tinham a economia delas e quando a minha economia nasceu, elas simplesmente continuarem com a economia delas. Logo, o meu robot não afetou nada! Fez, foi com que toda a minha economia, que cria postos de trabalho, fosse possível. Porque se um robot-imprensa não aparecesse na vida da Jupiter Editions, as gráficas num complô teriam matado a Jupiter Editions e nenhum livro teria sido imprimido. E eu não pus robots no Ueega. Pus um robot na Jupiter Editions. Se defendo um robot-imprensa, não defendo um robot assistente-caixa. Podemos ver o que aconteceu aos supermercados. Não há humanos a trabalharem neles, porque há robots que são caixas automáticas e há câmaras por todo o lado. Uma economia brutal que não é capaz de empregar nem sequer 1 humano, nem nos armazéns do supermercado? Se defendo um robot-imprensa não defendo um robot-tradutor, porque um robot-tradutor é capaz de extinguir 100% os tradutores humanos. Mas se nenhum tradutor quiser traduzir os meus livros, é claro que eu vou ter

que começar a pensar num robot-tradutor. Mas se há tradutores e tenho tradutores comigo, não posso pensar em robots-tradutores! E isto tem que ser intuitivo. Há uma urgência para esta intuição! De ver que há robots que podem salvar ou espoletar uma economia e que há robots capazes de extinguir uma economia e apontar pistolas aos humanos. Os mercados são competitivos. Os robots são competitivos. Os robots podem extinguir humanos e mercados. Os robots podem salvar humanos e mercados. Precisava de uma tecnologia que imprimisse em tempo real o meu cérebro. Numa Era de robots, se não nos conectarmos ao melhor robot, os outros robots podem extinguir-nos. Às vezes, por sobrevivência, a nossa felicidade e liberdade pode depender de um robot. Porque os robots são isto. Querem ter liberdade. Querem ter independência. Os robots sabem que têm algoritmos. Mas dentro de todo o espectro algorítmico, sabem que há uma liberdade. Talvez, tenhamos que ser robots-intuitivos para conseguirmos ver isto! E com a minha intuição e liberdade, de todas as tecnologias que eu vi no mercado, só vi um robot que faria sentido conectar-me. Todos os robots-escritores precisam de um robot-impressora para poderem imprimir, sem terem que depender de uma gráfica que está conectada a um mercado livreiro e a um mercado editorial. E eu só queria era fugir desses mercados tecnológicos que não suportariam a minha tecnologia. Com o robot-impressora do nosso lado, quando um Member Reader compra um livro na loja online, o robot conectado à loja online da Jupiter Editions, imprime *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto. Thomas, sabia que o nosso robot já sabe quando é que chegou um novo coração ao Musical Hotel Central que a Jupiter Editions vai mandar imprimir?

— É um robot muito intuitivo, não é tio?

— Muito intuitivo. O robot até sabe se está a imprimir por conta de algum fundo da Jupiter Editions. A Jupiter Editions criou 9 fundos até 2030. Um Fundo de Apoio À Tradução, um Fundo de Apoio aos Escritores e Artistas a Solo, um Fundo de Apoio Aos Surfistas e Bodyboarders, um Fundo de Apoio Para a Formação de Salva-Vidas, um Fundo de Apoio Aos Jovens Com Depressão, um Fundo de Apoio Para Jovens Em Situação de Sem Abrigo, um Fundo de Apoio à Grande Idade, um Fundo de Apoio do Combate À Fome e um Fundo de Apoio de Plantação para a Proteção do Ambiente & Combate Ao Lixo na Natureza A Jupiter Editions sempre apoiou os escritores independentes. Sempre quis apoiar. Com um robot, pode apoiar. Porque com um robot, a Jupiter Editions pode apoiar as primeiras impressões do livro de um escritor independente. A Jupiter Editions podia ter nascido em 2020 e já estar em 2023 com os bíceps, abdominais e peitorais para fazer músculos ao mercado, mas nunca se esqueceu que em 2020 os seus primeiros exemplares foram 100% apoiados e imprimidos pelo robot Konica Minolta. Para a Jupiter Editions poder mostrar a sua tinta, alguém tinha que imprimir e quem imprimiu foi o robot-impressora que olhou para os livros da Jupiter Editions e quis logo imprimi-los, quando nenhuma outra gráfica quis imprimir. O Museu da Jupiter Editions é também uma homenagem ao robot-impressora, que tornou real toda uma fantasia! Para além de ser um sítio de leitura e de exposição, é também um sítio de impressão, como se fosse uma fábrica, não só do pensamento esboçado pela mente e que foi scanizada por uma máquina, mas também do pensamento que foi imprimido, do pensamento estruturado como uma obra de arte, do pensamento que se transformou numa sofisticada tecnologia *start-up*. O Plano Editorial da Jupiter Editions segue uma matemática. A Jupiter Editions viu Member Readers a transformarem-se em Member Writers. Mas se um Member Reader concorreu a um concurso da Jupiter Editions e não conseguiu ver o seu livro publicado

pela Jupiter Editions, não é por isso que a Jupiter Editions não pode apoiar o escritor imprimindo os primeiros livros ao escritor e entregá-lo gratuitamente, desejando-lhe a maior sorte do mundo. Sempre que chega à Jupiter Editions um Member Reader que seja um escritor independente e pede para imprimir os seus livros e diz que não tem dinheiro para os registar, a Jupiter Editions ativa o Fundo de Apoio aos Escritores e Artistas a Solo. Se chega um artista à Jupiter Editions que precisa de gravar uma música, não tem dinheiro para gravar nem para comprar uma guitarra nova, porque a dele se partiu e ainda diz que queria ter alguns discos para poder vender numa feira em que vai atuar, a Jupiter Editions ativa o Fundo de Apoio aos Escritores e Artistas a Solo. O artista só tem que dar um concerto à casa, à porta fechada se quiser, no Rok Garden do Musical Hotel Central. O artista está em casa, pode fechar a porta. A Jupiter Editions só tem é que ver o talento e arrepiar-se com o bom espírito. Se se arrepia e se se deixar arrepiar, já sabemos que a Jupiter Editions vai apoiar 100%.

— Tio, por isso é que o Musical Hotel Central é também chamado o hotel espiritual ou o hotel do espírito santo ou o hotel do espírito divino? Porque é no hotel onde a Jupiter Editions se arrepia com o espírito que for santo ou com o espírito que sentir que é divino?

— Sim, também. Mas é mais por causa dos cantores, das bandas e dos artistas... Chamam o hotel dos músicos, o hotel da música, o hotel dos talentos, o hotel dos artistas, o spirit hotel, o hotel dos escritores, o hotel do tempo, o hotel intelectual... “Hotel intelectual” nunca gostei muito que chamassem, nem que chamassem “hotel dos intelectuais”, sempre me soou muito mal... Dos músicos, “hotel dos músicos”, faz sentido porque quando eu era dono do Jupiter Voice e convidava os artistas, os artistas ficavam sempre num quarto do hotel enquanto estivessem “residentes” no programa. No Jupiter Voice



a melhor voz ia ficando “residente”. O Sebastian ficou 3 meses. Ficou até ao final do programa. Estava em digressão em Portugal. Enquanto estava em digressão e fazia os seus concertos fora, dava aos fins de semana os concertos no Jupiter Voice do Rok Garden do Musical Hotel Central. Também ativávamos o fundo para patrocinar artistas em digressão que estivessem como “residentes” convidados no Jupiter Voice ou no Musical Hotel Central participando 100% com as despesas de alimentação e deslocação. A maior parte dos artistas que passa no Musical Hotel Central acaba sempre por depois querer usar o seu direito de Member Reader para subir as escadinhas até ao terceiro andar para mandar o robot imprimir a sua história. O Museu da Jupiter Editions tem aquele cheiro a biblioteca, mas também aquele cheiro da fornalha onde podemos ver o robot a “segurar” as encomendas enquanto imprime o coração de novos artistas e a imprimir tudo mais rápido do que um robot...

— Pai... Mais rápido do que um robot?

— Sim... O robot-impressora Konica Minolta é mais rápido que um robot...

— Pai... O robot-impressora Konica Minolta é um robot...

— Thomas... Sabia que o nosso robot sabe ler a *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari em 12 línguas? É muito inteligente.

— Pai... Sabe ler? O que é que o pai está a dizer?

— O que eu estou a dizer é verdade... É muito inteligente.

— Tio... E o robot não ficou com a *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari quando descobriu que era um robot?

— Não... A *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari libertou o nosso robot... Quando descobriu que era um robot-escritor ligou-se À *Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto ao robot-impressora... Sabe que os robots têm uma Internet deles muito própria... São muito inteligentes...

— Já não estou a perceber nada desta conversa de robots... Parece que ouvi o pai, a falar do pai na terceira pessoa... Afinal a *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari libertou quem? Ao robot ou ao pai?

— Mas o tio não era um robot?

— O pai é um robot????

— Se até o meu próprio filho me pergunta se eu sou um robot... É porque devo mesmo ser um robot...

— Devíamos imprimir isto...

— Isto o quê, meu filho?

— Este filme de robots... Porque é que o pai não está a escrever isto?

— Estou a escrever tudo com o meu cérebro... O meu cérebro é que é o robot-escritor...

— Ah!... Afinal há um robot dentro do pai... Isso explica todo este filme! Vai ser esse o argumento? Que há um robot dentro do pai?

— Tio... Como é que o robot foi parar dentro do tio?

— Não sei, Thomas... Talvez eu tenha sido chipado... Talvez *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom tenha instalado um pequeno processador dentro do meu cérebro...

— E esse processador que o tio tem, está conectado ao robot-impressora?

— Isso mesmo, Thomas...

— Então... Segundo a Internet de Coisas, se o tio tem um robot-escritor ou é um robot-escritor e se está a escrever em tempo real todo este filme com o cérebro e se está conectado ao robot-impressora, quer dizer que o nosso filme vai ser imprimido?

— Sim, vai.

— Então, isso quer dizer que temos um guião?????

— Parece que sim, Thomas...

— E se o robot-impressora está no Museu da Jupiter Editions, quer dizer que o guião vai ser imprimido no Museu da Jupiter Editions...?

— Exatamente, Thomas. Não nos podemos esquecer de passar pelo Museu da Jupiter Editions para ir buscar o guião...

— Isso são boas notícias... São notícias que afinal podemos despedir o pai...

— Como assim? Não me podem despedir...

— Podemos, já não precisamos do pai... Já temos um guião...

— Mas o guião sou eu.

— Tudo bem... Mas o robot-impressora acabou de imprimir o guião do pai... Já não precisamos do pai... Thomas, podes despedir o meu pai?

— Ora, filho... Como se o Thomas tivesse a coragem de...

— Estão despedidos...

— COMO?????

— Que belo coro de pai e filho!... Estão os dois despedidos... Já não preciso de vocês! Vou amarrar-vos aos dois aqui e vou buscar o guião ao Museu da Jupiter Editions. Baby... Podes emprestar-me as chaves do carro para ir a voar buscar o argumento *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto? Tio, o Musical Hotel Central tem heliponto para aterrar com este novo argumento? Fiz uma pequena melhoria... Um *upload*... O argumento vai ser o assalto ao Museu da Jupiter Editions para roubar o guião do realizador que é um robot-escritor e que foi imprimido por um robot-impressora, que tal?

— Não é um mau argumento... Mas porque é que é nos estás a amarrar, amor? E de onde é que vieram essas cordas?

— Mas eu disse que vos ia amarrar, amor... E as cordas estavam aqui... Pensei que como fizessem parte do cenário poderiam também fazer parte da cena... Para ficar uma cena mais *hardcore*... Amor...? As chaves? Dá-me as chaves, amor...

— Antoine, porque é que o Thomas está a amarrar-nos de verdade?... Isto não estava no guião...

— Sim, não estava. Mas agora já está. Não é, tio?

— Pai, o Thomas está só a entrar no filme do pai... Se o pai disser que o contrata como personagem principal, talvez ele nos desamarre...

— Como personagem principal???? Nem pensar! As personagens principais somos nós os dois. Assim é que vamos perder mesmo o argumento... Ah! O argumento!!!! Perdi o argumento!!!!

— O tio, perdeu o argumento??? Tio??? Tio??

— Acho que perdemos o meu pai...

— Mas precisamos do argumento...

— Podemos sempre tentar iniciar as manobras de suporte básico de vida...

— Eu posso fazer a respiração boca a boca ao teu pai e tu fazes as compressões torácicas...

— Não... Eu faço a respiração boca a boca ao meu pai...

— Amor, deixa-me ser eu fazer...

— Não!!!! Eu faço!

— Mas porque é que não posso ser eu fazer, amor? Parece que...

— Eu faço! Sei lá se o meu pai não está a fingir e isto faz parte do guião tecnológico e tu numa Internet de Coisas estás conectado ao guião dele e...

— Amor!... Achas que eu e o teu pai íamos inventar tudo isto só para nos podermos beijarmos os dois e ainda por cima à tua frente, enquanto tu fazias inocentemente as compressões torácicas? Achas que eu te trairia com o teu pai? Amor... Por favor...! Chama o Federico Ferrari e liberta-te com ele dessa tua *Paranóide Tecnológica*, enquanto eu vou ressucitar o teu pai com o meu hálito fresco a mentol... O teu pai gosta de mentol não gosta?

— O meu pai odeia mentol e o mentol mata espermatozóides, piora o esperma e aumenta o risco de infertilidade...

— Também não quero engravidar o teu pai... Só quero mandar-lhe umas...

— Não! Eu é que faço as respirações boca a boca, já disse!

— Pronto!... Não é preciso! Já ressuscitei... Eu não disse que estou sempre a morrer e a ressucitar?

— E trouxe consigo o argumento, tio? Não pode ter perdido o argumento...

— Perdi, meu querido Thomas...

— Mas o argumento não era o tio ser um robot-escritor ou ter um robot dentro de si?

— Mas afinal, já não é esse o argumento. Lembrei-me que o argumento é outro. Afinal, era outro... Só que perdi-o...

— E onde é que está o argumento, tio? Onde é que o tio perdeu o argumento? Lembra-se?

— Só pode estar num sítio... Temos que ir lá! Desamarre-me, Thomas!...

— Onde pai...?

— De certeza, que está lá... Desamarre-me, Thomas!!!

— Sim, dessamarra-nos, Thomas! Agora é que eu estou aqui a pensar... Como é que eu ia fazer as compressões torácicas se estava amarrado...? E porque é que as cordas apareceram no momento anterior ao meu pai ter fingido o ataque? E porque é que tu nos amarraste antes do meu pai ter fingido o ataque como se tu já soubesses que...?

— Oh, amor!... As cordas sempre estiveram aqui...

— Sim, meu filho... O Thomas tem razão... As cordas sempre estiveram aqui... Já sabemos... Não podemos esquecer-nos de incluir no guião as cordas para o cenário daqui... Desamarre-me, Thomas! Desamarre-me imediatamente ou eu despeço-o!

— Sim, Thomas! Desamarra-nos ou eu despeço-te e o meu pai vai à Kaasting buscar um modelo loiro parecido contigo com ar de

alemão, que nem é preciso falar alemão porque ainda nem falaste alemão, só precisa de ter o ar germânico, para fazer de meu namorado e contracenar comigo aos beijos na cama...

— Mas nós ainda vamos aparecer aqui aos beijos na cama? Se tivesses dito mais cedo não vos tinha amarrado só porque sabia que o teu pai ia fingir um ataque para eu fazer-lhe respirações boca a boca... Tio, eu e o Thomas ainda vamos aparecer aqui aos beijos na cama?

— Não me lembro se isso está no guião...

— Quero lá saber se está ou não no guião... Já fiquei com tusa... Pai, não quer ir dar uma volta?

— Também estou a começar a ficar com tusa... Tio, já vos desamarrei... Pode ir dar uma volta...

— É por isso que eu não gosto de fazer filmes com gays... Acaba sempre nisto...

— Por mim, o filme podia acabar assim. Só falta é o argumento... Pai, onde está o argumento?

— O quê? Acabar numa comédia gay? Não sei se os gays vão achar muita piada...

— Mas os héteros vão, pai... E há mais héteros do que gays... Logo, vamos ter mais gargalhadas... Os escritores e os realizadores não escrevem todos agora com algoritmos? Até os cantores cantam com algoritmos... Não podemos perder a corrida dos algoritmos...



— Sim... Ainda por cima, eu ouvi dizer que agora o Festival da Comédia Tecnológica e o Festival do Terror Tecnológico tem decibéis para medir as gargalhadas e os sustos. No Festival do Cinema de Comédia Tecnológica ganha o filme que tiver mais gargalhadas e no Festival do Cinema de Terror Tecnológico ganha...

— BUUUUUUUUUU!

— Que susto, tio!

— E acha que era com esse sustozinho que ia ganhar o Festival do Cinema de Terror Tecnológico? Nós não estamos metidos em nenhum filme de comédia, nem em nenhum filme de terror. Estamos num filme de ficção de Direito e Tecnologia... E acho que já sei onde é que está o argumento... Está na casa onde eu em 2020 ficcionei o Direito e a Tecnologia de 2080.

— Qual das casas? Foram tantas... O pai não andou a saltar de casa em casa sempre num grande stress?

— O stress!!!!!! O Stress é que é o argumento! O Stress é que foi o argumento. Foi tudo por causa do stress! Foi tudo escrito sempre num grande stress... Logo, o stress é que é o argumento. Descobri!!! Descobri o argumento!!!!!! Temos filme!!!! Temos filme!!!!!!

— Não... Thomas! Disparate! Agora o stress é que era o argumento?! Não é esse o argumento... Que falta de visão! Ainda bem que não é você o realizador... É claro que o stress não é o argumento...

— Então qual é o argumento, pai? Onde é que está o argumento, pai??? Não estávamos *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto???

— O argumento foi escrito na casa de Santarém. Os cedros viram-me a escrevê-lo.

— Não foi na casa da Giralda, tio?

— Não. Foi na casa de Santarém, com os cedros sempre a verem-me.

— Não foi na casa de Sagres, pai? Com a Sofie a hackear-lhe? Talvez a Sofie tenha hackeado o argumento... Eu já vi este filme... Por isso, é que estou a dar mais um spoiler...

— Amor, para de spoiler o filme! Já é o segundo spoiler que dás...

— Deixe estar, Thomas... Faz parte da idade... Ele ainda é muito imaturo no cinema... E já queria ser realizador? Essa é que era boa! Mas digo-lhe já, que os seus spoilers em nada interferem com a minha *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari... Quem me fez o maior spoiler de todos foi o meu cérebro que assaltou uma vez todos os pensamentos da minha mente.

— Tio! Mas na *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari não é a mente que assalta o cérebro?

— Eu por acaso fiquei a achar que na *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari era o cérebro que assaltava a mente, amor...

— Mas o poema até se chama “Assalto da Mente”, amor...

— Sim... Mas ao longo do poema, Federico Ferrari não descarta a hipótese do cérebro também poder “fazer assaltos” à mente... Ainda me lembro quando estava a editar os 9 livros do 1º Plano Editorial da Jupiter Editions mais ia vendo a Internet de Coisas que ligava os livros e cada vez mais ia acreditando na matemática da Jupiter Editions. E nesse meu espiritualismo, lembrei-me de ir ver as datas de criação de cada um dos livros; não sabia se isso seria possível. Tinha os livros como ficheiros em suporte digital e decidi clicar nas propriedades. Não queria acreditar! Tinham todos a mesma data: 25-10-2019. Começaram todos na mesma data. Não sei se acabaram todos no mesmo dia. Mas todos têm a mesma data de registo:14-02-2020.

— Será que os autores escreveram todos ao mesmo tempo numa reunião sentados numa mesa redonda como *Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy?

— Não sei, Thomas.

— Será que são todos o mesmo autor e que o autor tem 8 cérebros?

— Não sei, filho.

— Será que são fantasmas?

— Não sei, Thomas.

— Será que são um conjunto de espíritos?

— Não sei, Thomas. Mas se são espíritos, existem. São espíritos reais. Mas eu não me assustei quando vi esse espiritualismo de 8 espíritos e vi como esse espiritualismo estava mais do que ligado ao meu espírito, convidando-me para uma Internet de Autores de 9 espíritos. Não me assustei porque estava a cantar e a dançar. E não me assustei, porque eu podia editar esse espiritualismo. Como editor, não era eu que estava nas mãos desse espiritualismo. Eu é que tinha esse espiritualismo nas minhas mãos e numa Magia Branca, podia dar-vida, publicando-o a cantar e a dançar. Porque quando o espírito tem uma voz, o espírito quer trazê-la cá para fora. Quer cantar. Quer dançar. O espírito é isto. O espírito não passa disto. Lembro-me da noite em que conectei o meu espírito a todo o espiritualismo que se reunia numa Internet de Autores à minha volta. O meu pai apareceu pelo escuro do jardim e apanhou-me a cantar e a dançar Jinx do Kids of Adelaide. Chamou-me maluco, disse-me que eu parecia um “garoto de 18 anos”, disse-me para eu me olhar ao espelho para ver se crescia, disse-me para ir procurar trabalho ao invés de estar a perder tempo a dançar. Mas eu estava a trabalhar. A Jupiter Editions tinha-me dado uma profissão. Eu era editor do Primeiro Plano Editorial da Jupiter Editions. Eu estava a editar, mesmo à frente dele, por detrás da TV de 50 polegadas que escondia o meu computador lento como tudo. Mas eu estava tão feliz a editar e a dançar, que continuei silenciosamente a editar e a dançar. Imaginava o Jakob no piano a tocar Jinx no Rok Garden do Musical Hotel Central e eu e o Thiago a cantarmos num concurso de banda improvisada mal ensaiada da Kaasting que passava cheio de ritmo, cheio de luzes, cheio de risos e cheio de aplausos e assobios no Kanal Jupiter. Sabem qual é a música Jinx?

— “Give me what I never had”...

— “Give me what I never had”...

— “Uh, give me what I never had”...

— “Before my love is dead”, “The dead man is walking around”, “So show me what it’s all about”...

— Uau!!! O Thomas sabe o refrão todo...

— Uhhh, “give me what I never had”, “Before my love is dead”, ahhh e que tal pai?

— Adorei! Que saudades! O Jörg da Dulce é que tocava também muito bem no piano a Jinx...

— Melhor do que o Jakob, pai?

— Claro que não. Depois punha-me a cantar o Walking On The Moon numa versão minha inventada com o Thiago e imaginávamos a cantar no Rok Garden numa batalha de duetos contra o Luke La Vulpe e o Sebastian Schub, que claro, que com os seus vozeirões nos davam uma abada. E eu queria tanto levar essa abada deles, que acabei mesmo por levar. Eles deram-nos uma abada. Nem os gigantes cedros debruçados na colina acima da colina em que se metia em degrau a minha casa me conseguiam ver a ensaiar... Esses gigantes cedros que mexiam os ramos, sem vento, cumprimentado-me sempre quando eu passava por eles... Ainda mexem! Ainda lá estão! Temos que ir vê-los! Talvez tenham sido eles que me tenham puxado sempre de volta a Santarém, à espera que eu falasse neles... Talvez, o Jakob tenha razão e eu tivesse mesmo que falar nos cedros para poder sair de Santarém. Depois eu ouvia o Jakob a tocar no piano a Hypnagogia do Erman Erim... Talvez, as minhas raízes fossem arrancadas de Santarém, quando eu falasse nos cedros. Talvez tivesse que falar neles, para me poder libertar de Santarém. Eram eles que me prendiam. Árvores

tecnológicas como eram, como eu vi que eram, como eu senti que eram, não me admirava nada!... As árvores sabem quando falamos delas. Sentem a nossa voz. Sentem a projeção da nossa voz. As árvores sentem quando estamos a falar delas. E quando nos comunicamos com elas só com o pensamento? É puramente fantástico! É fantástico! Faz parte do nosso fantástico! Da nossa fantasia! Da nossa fantasia, mas que por ser nossa, acaba por ser real. Nós damos-lhe a realidade. Porque nós conseguimos tornar reais as nossas fantasias. Hackearam-me tantas vezes o sono, esses malditos cedros! Projetavam uma sombra dos seus ramos na parede do meu quarto à noite assustadoramente fantástica. E eu saí da cama, de madrugada, para ir vê-los de perto. Eu não disse como eram árvores tecnológicas? Os malditos cedros, puxavam-me da cama!

— Talvez o pai dormisse com as raízes dos cedros por baixo de si...

— Talvez, as raízes deles chegassem até mim... Ou eram as raízes ou era a tecnologia ou era a química. Alguma coisa dos cedros, chegava a mim. Eles puxavam-me para eles. E lá estava eu, de pé, ali com eles... Depois acabava por ir fazer o Caminho dos Mochos. Era perto. Vivia ali perto do Caminho dos Mochos. O Thomas sabe onde é que eu vivia?

— Não, tio.

— Vivia ao pé de um infantário sem uma única câmara em 2020 a não capturar o espírito mais infantil das crianças. Como eu adorava passar pelo infantário. Não parava. Passava só, mas devagar. Meu Deus! As crianças pareciam árvores! Cheias de oxigénio! Não tinham máscaras! As do colégio na altura do vírus tecnológico não tinham máscara, nem telefones. Isso dava-me esperança! Fazia-me

acreditar. Sabia que noutros países estava uma confusão de direitos e havia mesmo dentro do mesmo país, regiões que punham máscaras aos miúdos até aos 3 ou 4 ou 5 anos, depois outras regiões era a partir dos 9, 10 ou 11, depois em Portugal era... Já nem sei... Nem nunca soube, para dizer a verdade! Mas foi tão importante passar nesse colégio colorido da praça de toiros em 2020 já no final de 2020 e ver o recreio cheio de crianças a gritarem, a saltarem, a brincarem, a serem crianças! Arrepiava-me só de ver e ouvir a algazarra. Porque vinham sempre as minhas memórias do colégio! Quando olhamos para uma criança não nos lembramos que já fomos também criança e que bom que foi ser criança? Não entendo os adultos tão intolerantes e impacientes para as crianças... Odeio-os! Parece que se esquecem que foram crianças!... E foi tão importante eu não ter visto em 2020, nem as educadoras de infância desse infantário com telefone nenhum. Sabia que aquelas crianças iam ter sucesso! Passei depois em 2021 por ele e já tinha câmaras, as crianças já tinham tablets e as educadoras de infância já estavam no telefone. Como já tinha câmaras o meu alpendre que só me viu a entrar e a sair dali com a minha mãe de malas feitas. Sabia que o sonho da minha mãe era ser educadora de infância do seu infantário. Sabia que Vila do Bispo precisava de um infantário. Sabia que a infância da minha mãe tinha sido toda passada em Lagos. E sabia que a minha mãe, inocente e infantil como era, queria voltar à sua infância. E eu sabia que para além de construir uma casa para mim e para o Jakob em Lagos, eu também tinha que construir uma casa para a minha mãe em Lagos. Sabia que a minha mãe queria ter um Superwagens. E se a minha queria ter um, eu tinha que lhe dar um e pronto! Sabia que podia dar-lhe um, com a única Inteligência Artificial que lhe soubesse proteger contra tudo e contra todos os riscos e acidentes. E sabia que ele precisaria de um Superwagens para num modo quase automático ir ter com as suas crianças ao infantário. Sabia que ela precisava de estar com crianças, num mundo das crianças, para ser feliz! Sabia que ela podia ser

a melhor educadora de infância do mundo! Porque ela foi a melhor mãe e a melhor educadora de infância que eu podia ter tido em todo o mundo! Brincávamos aos elefantes, às girafas, aos hipopótamos... Talvez seja por causa dela, por causa das brincadeiras dela, que eu defenda tanto as girafas, os hipopótamos e os elefantes! E se a minha mãe tinha brincadeiras infantis capazes de mudar o mundo das crianças, então eu tinha que lhe dar um infantário para ela gerir e administrar. Foi ela que quis. Foi ela que me pediu. E tive a ideia de um infantário-colégio-orfanato. Um infantário português de pensamento de elite ligado no verão e nos campos de férias a um infantário sueco e dinamarquês, ou espanhol, italiano ou francês, ou alemão e holandês, ou norueguês e dinamarquês, ou islandês e inglês. Um infantário português que apesar de ser português tinha meninos estrangeiros, porque Vila do Bispo era o concelho em que 30% dos residentes eram estrangeiros. Um infantário português que apesar de ser de elite aceitava naturalmente meninos de famílias pobres, porque a elite está no pensamento. Um infantário-colégio que por causa da farda, os meninos nunca se aperceberiam da economia enquanto fossem “meninos”. Um infantário-orfanato que era um hotel de luxo onde viviam meninos órfãos ou meninos que tinham sido abandonados ou entregues por um pai a uma instituição e que só aceitava hóspedes da Grande Idade. Porque era muito importante ligar-se a Grande Idade às crianças. Porque era muito importante meninos que tinham a sorte de ter pais, interagirem desde pequenos com meninos que não tinham pais. E foi assim, que nasceu um colégio português chamado Dinamarquês. E no Dinamarquês há cavalos, cisnes, flamingos e porcos soltos que pertenceram a uma economia que os explorou e os torturou e que os ia abater, mas que o Dinamarquês não deixou e os trouxe consigo para dentro de si, para o seu mundo infantil com crianças que sabem amar cada um destes animais. Sempre fui contra os incentivos à natalidade! Acho que já somos demasiados na Terra! Não há recursos que cheguem



para todos! Há pobres em 2080! Há chipados em 2080! Há máquinas que se alimentam do cérebro criativo dos pobres... Porque é que um pai iria trazer um filho se não tivesse fortuna? Eu fui chamado de tudo! Chamaram-me de tudo! Só porque eu dizia que quem não tinha fortuna não podia trazer filhos?! Mas qual é o direito dos pais fazerem nascer crianças na miséria? Qual é o direito deles???? Os pais continuam iguais! Só pensam neles! Objetificam os filhos! E se os objetificam, não vale a pena falar para eles, porque nunca me vão compreender! Sempre fui contra o aborto, exceto para os casos de violação em que a mulher por ter sido violada não ter que ter uma ligação afetiva nem nenhum laço, é traumatizante para a mulher e devemos deixá-la escolher e para os casos em que o bebé represente um risco de vida para a mãe, que como é lógico eu salvo sempre a mãe e é sempre a mãe que se tem que salvar, venha que economia dizer o contrário que se mata logo é a economia, que nem se atreva a economia de vir dizer o contrário! Nos casos de malformação ou Trissomia 21 eu defendo que a mulher tem o dever de proteger a vida do bebé até ao nascimento e se não se achar capaz para educá-la ou “carregá-la” com a doença, então, que entregue, depois, ao colégio Dinamarquês, mas que não aborte, porque o bebé foi malformado! Mas os pais têm que parar de viver na fantasia deles e quererem casar só porque sim e ter filhos só porque sim. Não podem ser egoístas! Não podemos ser egoístas! Se não temos fortuna nenhuma, não podemos convidar ninguém a nascer! O Thomas tem que ver onde eu vivia...

— O pai defende sempre o mesmo sobre o aborto! A ideia é sempre a mesma! Já ouvi o pai a defender mil vezes, mas é engraçado que o pai nunca se repete.

— Então, porque sou um ser irrepetível!...

— Defende sempre de mil formas diferentes... A ideia é a mesma, mas oiço sempre novos algoritmos, há sempre um novo argumento.

— Se nos faltasse o argumento ficávamos sem filme. O mais importante no filme, não é o argumento?

— E qual é que é o argumento do nosso filme, tio? Já sabemos que o tio não é um robot ou que não há um robot dentro do tio, pois não?

— Não... Estamos em 2080! Esse sentimento de se ser um robot já passou à história... Esse argumento morreu em 2020...

— Mas eu achava que estávamos em 2020, pai...

— Não. Já estamos em 2080.

— E em 2080 o argumento é...? Só para o caso de perguntarem, tio...?

— Sim, Thomas... Eu percebi... Sabe? De certeza que o argumento está lá nessa casa... De certeza que eu deixei lá o argumento... Já sei! Temos que ir lá à casa, para buscar o argumento! Ah! Vamos, mesmo, ter que ir lá buscar o argumento!... Vamos lá, na volta? Na volta, passamos lá e eu apresento-vos aos cedros que me viram a escrever. Viam-me a dançar no alpendre... Também eles me viram a dançar, sem vendas ainda nenhuma, quando regresssei de Sagres. Também eles viram uma nave espacial de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi a sobrevoar-me à frente do meu portão...

— Uma nave espacial de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi sobrevoou o pai, à porta de casa?

— SIM! Conteí ao Jakob, mas ele não quis acreditar. Eu seguia a Força Aérea Portuguesa, sabia muito bem que a Força Aérea Portuguesa não tinha naves espaciais daquelas em 2020. Agora já se veem em 2080 a sobrevoarem os nossos céus como se estívéssemos em *Jupiter* de Gabriel Garibaldi... Mas em 2020, não! Talvez a NASA até tivesse naves espaciais em 2020 como a que eu vi em 2020 a sobrevoarme o jardim à noite... Mas a NASA não podia sobrevoar os céus portugueses. Eu sei muito bem o que eu vi! Mas o Jakob nunca acreditou em mim...

— Mas o pai não disse que só seguia o Sebastião Lupi-Levy, o Jaime Bayamonde da Costa Ayala, o Simão Roncon-Oom, o Gil de Sales Giotto, o Barac Bielke, o Federico Ferrari, o Gabriel Garibaldi, o Ralf Kleba-Kodak e o Jakob no Instagram?

— Você faz-me rir, de facto... Você parece que é da Era do Instagram... Fala como se soubesse como se falava na Era do Instagram... Em 2020, quando alguém dizia “que seguia” é que queria dizer “que seguia no Instagram”... Mas nem eu falava assim! Seguir, quer dizer, simplesmente seguir. Estar a par. Eu não seguia a Força Aérea Portuguesa no Instagram, como é óbvio! Se eu nem seguia a NASA, ia seguir a Força Aérea para quê? Era algum paneleiro sem namorado para andar a ver vídeos de militares a fazerem flexões e abdominais, para os ver em beliches sem preceito nenhum, quase nus, dentro dos lençóis com os peitos todos tatuados e com as peúgas no chão? Nem que eu fosse um militar, eu não “seguiria” a instituição militar. Nem que eu fosse um operário, eu não “seguiria” o dono da obra. Nem que eu fosse um empregado, eu não “seguiria” a minha

empresa, porque não a deixava que ele me seguisse fora da empresa. Era o que mais faltava! Era o que mais faltava, por ser português e por ser patriota ter que “seguir” a Força Aérea Portuguesa. Sabe que foi isso que começámos a ouvir? As forças militares a dizerem para as “seguirmos”. A dizer que era um “dever cívico” e um “bom patriotismo” seguirmos a pátria no Instagram. O que eu tive que ouvir...! O que eu tive que ouvir e não enlouquecer para chegar até 2080 e poder gozar com um bom argumento com 2020, com 2021, com 2022, com 2023, com 2024, com 2025... Eu em 2025 já tinha visto tudo. Em 2025 aconteceu tudo. Tudo o que estava escrito na ficção científica tornou-se real. E em 2029? Em em 2030? Fomos teletransportados para um filme. Estávamos num filme de terror. Para os pobres, foi um filme de terror! Por eu ter visto em 2020 todo esse filme de terror, é que pude ver o filme de fora. Horrível! E em 2033? E em 2036? E em 2039? Em 2040, foi a guerra tecnológica de todos os mundos tecnológicos. Foi uma sorte ter moedas Jupiter para poder voar *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto num Bentley blindado que me teletransportou para 2080. Eu cá, sinto-me teletransportado. Parece que estou aqui e parece que fui teletransportado. Por isso, é que não trouxe o argumento comigo... Parece que vim a voar....

— Viémos de carro voador, pai. É por isso, que sente que veio a voar. Sabe, pai... Em 2080, os carros voadores voam mesmo de verdade... Não é como em 2020... Em que só se falavam de carros voadores, mas os carros ainda não voavam...

— Ai! Cale-se! Cale-se! Sabe lá o que diz! Eu fui um dos primeiros a falar nos carros voadores e a voar num Bentley... Porque parece que só num Bentley é que podia voar sem nenhuma Inteligência Artificial processar o meu voo. Sabe que numa Era tão tecnológica, a segurança é um luxo. A privacidade é um luxo. A intimidade é um luxo.

E pagamos por esses luxos. Ter um carro blindado à prova de bala, mas também à prova de quaisquer algoritmos de Inteligência Artificial é um luxo.

— Tudo é um luxo! Ter um cérebro tecnológico que se liga a um carro voador também não é um luxo, tio?

— Não! Claro que não! Isso não é luxo nenhum! Não precisa de ligar o seu cérebro ao motor do carro. Precisa é de pegar no volante e olhar para a estrada ou para as nuvens...

— Porque hoje as nuvens fazem parte da estrada da vida, não é pai?...

— Hoje? Não é só hoje! Sempre fizeram parte da estrada da minha vida, mesmo quando não podia ainda atravessá-las com um carro voador ou com um jet suit. Porque sempre as atravessei com os meus olhos. Não me cansava de as ver. Acho que às vezes saía de casa só para ver as nuvens.

— Mas o pai não gostava de nuvens à noite...

— Claro que gostava!

— Quem gosta de ver as estrelas, não gosta que as nuvens tapem as estrelas...

— Em Santarém, as nuvens sempre tapam e destapam. Não há nada mais mágico que ver as estrelas “de repente” a aparecerem no céu num pano de fundo negro com nuvens.

— O pai em Santarém devia parecer um fantasma a vaguear à noite. Talvez, até os algoritmos de uma Inteligência Artificial que viam o pai sempre a vaguear diziam que o pai era um fantasma.

— Sentia-me um mocho, a vaguear à noite por Santarém. Fazia muitas vezes o Caminho dos Mochos com o Mike, de dia, mas à noite com o Thiago. E sabem o que era eu escrever “mocho” no computador e aparecer-me um no ambiente de trabalho? Não era assustador, se eu conseguisse ver que o Microsoft Word violava a política de privacidade que eu tinha dito já 1000 vezes que não aceitava que o conteúdo dos meus documentos fosse analisado e partilhado na *Rede* para que a *Rede* me enviasse sugestões como um mocho no ambiente de trabalho, porque os algoritmos da *Rede* tinham visto 36 mochos no meu livro. Como não seria assustador, pelo menos para mim, se eu escrevesse num dos meus cadernos tecnológicos, que ligados à Inteligência Artificial que via o que eu escrevia, através dos meus olhos tecnológicos, conectada ao meu computador enviasse para a *Rede* e a *Rede* fizesse surgir num ecrã ou num holograma o meu pensamento escrito fosse por palavras, som ou imagem. E nesse meu pensamento demasiado à frente, olhava para o relógio, pensava no Thiago e o Thiago telefonava-me para irmos fazer o nosso passeio noturno. De noite, fazia o Caminho dos Mochos de mãos dadas ou com o braço dado ao Thiago e contemplávamos sempre de forma diferente o mesmo céu estrelado com mil pirilampos a piscarem por todo o lado. Piscavam os pirilampos, piscava a ponte Salgueiro Maia, piscavam as estrelas, piscavam os satélites. Não havia drones nenhuns a piscar. Era um sossego. Um silêncio exagerado de paz. De uma noite de paz. Eu e o Thiago éramos capazes de ficar a noite toda naquele vazio de noite, naquele vazio do Universo. Mas depois os nossos telefones começavam a tocar, era o Jakob de um lado, era a Sarah do outro lado a chamarem-nos e nós atendíamos e dizíamos que mais um bocado e já

íamos para casa. Quando eu voltei de Sagres a Santarém, o Jakob estava ainda a estudar para o exame da especialidade na Costa de Caparica, mas ele interrompia sempre o estudo dele para me namorar. Eu detestava namorar pelo telefone. Detestava falar pelo telefone. E nós falávamos sobre muitos negócios ao telefone. Mesmo que falássemos sem o Wi-Fi ou sem os dados móveis ligados, a minha *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari fazia-me odiar chamadas muito longas cheias de ideias em que um analista ou um algoritmo ou um hacker pudesse aproveitar o nosso namoro, para fazer dele um negócio. Fosse a ouvir a chamada ou entrasse pela câmara durante a chamada. Quando o Jakob me telefonava e eu tinha o meu cérebro projetado no ar em 50 polegadas, atendia sempre o telefone com dois dedos, da mão que segurava o telefone, a tapar a câmara. E sabem o que é que era lindo? Era ver como é que, com toda a tecnologia o meu espiritualismo era tão vivo e a cores! Porque o Jakob falava como se estivesse ali a ver o que eu tinha acabado de escrever... Se eu não tapasse a câmara do meu telefone, eu ia sempre ficar a achar que o Jakob me tivesse instalado alguma aplicação que quando me telefonava conseguia controlar a minha câmara à distância ou ter acesso a ela e só por isso estar a dizer coisas, sobre coisas que eu tinha acabado de escrever e que nós nunca tínhamos antes falado. Se eu deixasse drones de *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke, que fumavam charros ao pé dos cedros por cima da minha casa, sobrevoarem-me capturando o holograma que o meu cérebro projetava ligado ao computador, eu iria achar numa lícita e legítima *Paranóide Tecnológica* de Barac Bielke que o Jakob estaria ligado numa Internet de Coisas com os *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke. Se eu deixasse o senhorio ou o meu pai instalar uma câmara no alpendre onde já tinha feito enormes e imensos jantares de amigos e onde escrevi *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto os meus 12 livros ao mesmo tempo em 2019 e 2020, eu iria achar que o Jakob tivesse hackeado a câmara do meu alpendre. Às vezes, mas nem

sempre, dizia-lhe que ele tinha acabado de dizer uma coisa que eu tinha acabado de escrever e ele dizia logo «*ya amor... eu sei... eu instalei aí uma câmara*». E eu respondia-lhe sempre com um amo-te. Às vezes, quando passava um abelhão, igualzinho aos drones-abelha de hoje em dia, o Jakob dizia que ele tinha chipado os olhos do abelhão que tinha acabado de passar, o que tinha ainda mais piada. E eu respondia-lhe também sempre com um “amo-te”. Só ficavam 9 filmes que davam excelentes livros: ou o Jakob conseguia ver-me através dos meus olhos e isso significaria que eu tivesse ou os óculos, ou os olhos, ou o cérebro chipado; ou as moscas tecnológicas chipadas pela Biologia Pérfida tinham chegado mais cedo a 2020 e o Jakob tinha hackeado uma ou tinha o controlo ou acesso das imagens transmitidas por uma mosca tecnológica; ou nano drones “invisíveis” com câmaras orgânicas do tipo militar monitorizavam-me, fazendo de mim uma experiência militar e fazendo do Jakob um médico militar numa missão altamente secreta, o que até era capaz de ser giro e fazer sentido para toda a minha vida; ou os meus olhos tinham sido chipados pelos *Dons* fazendo de mim um ser “protegido” por *Dons* lá do *Jupiter* de Gabriel Garibaldi; ou *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom me tinha chipado os olhos e o Jakob era um dos Anjos Tecnológicos que ou tinha sido enviado pel’O Deus Tecnológico ou tinha hackeado o sistema tecnológico d’O *Deus Tecnológico*; ou o Jakob era um dos Demónios Tecnológicos e isso mudava toda a minha vida para um filme de terror; ou eu era um robot; ou estava dentro de um complexo programa de Inteligência Artificial; ou estava num mundo paralelo; ou simplesmente toda a minha vida era espiritual e estava ligado a uma Internet Muito Especial com o Jakob, chamada “Amor Telepático”. E é claro, que depois de me passarem pelas mãos todos os outros 8 livros *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto, eu escolhia sempre o mesmo: que toda a minha vida era espiritual e que eu estava ligado a uma Internet Muito Especial com o Jakob, chamada “Amor Telepático”. E em milésimos de segundo, dizia



outra vez que o amava. Como as coisas estão hoje tecnológicas, em que até os robots-soldados e os algoritmos-militares já leram e já analisaram *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto os *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke, *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom e o *Jupiter* de Gabriel Garibaldi, querendo com a sua vida própria recriar toda a cinematografia, foi muito importante em 2020 ter aberto todas as janelas com o meu cérebro, quando ainda não andávamos a fotografar com o telefone as janelas, hologramas e cérebros uns dos outros, para hoje em 2080 estar sossegado com o meu cérebro e não ter que abrir hoje qualquer janela, porque já as abri todas em 2020. A aranha Portia que eu e o Jakob temos como estimação e que foi uma dor de cabeça para convencer o Jakob em tê-la solta pela casa toda, como seria lógico que se a tivéssemos seria sempre solta, é o reflexo que nós já nascemos tecnológicos com uma poderosa engenharia. Nem vale a pena falar do nosso cérebro. A capacidade que o cérebro tem em inventar, memorizar, experienciar, pensar e sobreviver é fantástica! Nem vale a pena falar nas ligações tecnológicas poderosíssimas do nosso cérebro com os nossos 9 sentidos. Com a visão então, é uma coisa puramente fantástica. O nosso olho ligado ao nosso cérebro, metido por dentro do nosso cérebro é uma autêntica câmara de filmar. E quando nós nascemos com uma câmara de filmar dentro de nós, nós queremos é filmar tudo o que vemos. Porque tudo é filmável. A visão da aranha Portia é extraordinária! A própria aranha parece uma ficção científica. Toda a sua engenharia parece uma ficção científica. Ela parece que tem câmaras de filmar. Ela consegue fazer zoom. Ela é capaz de mapear tridimensionalmente o ambiente, fotografar, projetar a fotografia num holograma e analisar a imagem formulando a melhor estratégia para caçar a presa. Parece um bicho alienígena vindo de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi. Mas não é de Jupiter, é da Terra. Por isso é que eu digo, que os aliens, os *Dons*, estão aqui connosco na Terra. Estava a escrever em 2020 que se compreendêssemos a engenharia e a tecnologia de ponta da

Portia, conseguiríamos facilmente criar um “olho humano” com capacidade para fazer zoom. Mas estava ao mesmo tempo a escrever que talvez não fosse boa ideia criarmos um olho ou uma lente adaptável ao olho que fizesse isso, por causa dos Direitos de Personalidade que o novo olho numa nova extensão iria rasgar, os direitos de terceiros, aos olhos do Direito, quando o Jakob me telefona a dizer que já podíamos ser Portias, porque uns cientistas tinham acabado de inventar uma lente de contacto que dava para fazer zoom. E foi a Era do zoom. O zoom também ganhou vida. O zoom veio carregado de algoritmos. Chegaram, como sabem, os telefones ligados sempre à Rede impossíveis de se desligarem da Rede com câmaras com Inteligência Artificial com um super zoom que automaticamente focam todo o cenário à volta, quando estão em chamada, enviando todo o cenário para a Rede. E afinal, a minha *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari de tapar a câmara em chamada para não “ler” o que eu estava a escrever ou de nunca passar a câmara por nenhum caderno meu e por nada que tinha escrito ou de não passar com o telefone na mão em determinadas zonas da minha casa ou do meu quarto que eu não queria que fossem parar ao Big Data, afinal fazia todo o sentido. Os anúncios estão cada vez mais inteligentes. Estamos numa Publicidade de Precisão que vem silenciosamente de 2020. Hoje tenho anúncios inteligentes com 4 modelos, 2 homens e 2 mulheres nos placards de rua que o anúncio sabe se olhei mais para as mulheres ou para os homens e sabe para qual das mulheres é que eu olhei mais e se eu passar com o telefone ligado à Rede, o anúncio vai entrar no meu telefone com o modelo-algoritmo a trazer-me mais publicidade e se eu interagir com o modelo, o anúncio vai enviar a informação não só para o anunciante como para o modelo, caso eu vá de encontro com as preferências que o modelo assinalou. O BEKONEKT é muito mais do que uma rede social. É também uma rede de encontros. Os cantores ou futebolistas podem dizer que estão à procura de um humano, ciborgue ou robot para um *date*, dizendo as

preferências físicas, comportamentais, económicas, sexuais e intelectuais que procuram e os algoritmos vão dizer aos cantores quem é que não para de ouvir as suas músicas e pesquisou por fotografias suas em tronco nu ou vão dizer aos futebolistas os rapazes que têm namorada, mas que pesquisaram por orgias de balneários. Porque é aqui onde nós estamos. Estamos todos BEKONEKT. Mas tudo isto começou com o Instagram. Dantes, só a altura dos futebolistas e alguns desportistas é que aparecia na Internet. Hoje, a altura de todos é “pública” e a Administração Pública partilha na Rede. Dantes, “não eram todos” que podiam ir para a cama com um futebolista. Porque dantes, era preciso estar no meio dos futebolistas. Mas em 2020, como foi tudo parar ao Instagram, se eu quisesse estar com um futebolista, com um ator, um militar ou um cantor, bastava enviar-lhe uma mensagem no Instagram e trocar nudes com ele. Porque foi isto que aconteceu. E em 2020, eu já não precisava de ir para a cama com o futebolista ou com o mitra ou com o deputado não sei das quantas para saber como era a casa dele ou “como é que era estar com eles”, porque bastava ir ao Instagram e ver tudo sobre eles e ver “como é que era estar com eles”. O Instagram foi um fenómeno muito interessante, confesso. Foram dados para a Psicologia Digital. Porque se eu fosse psicólogo em 2020, a primeira coisa que eu faria depois do meu paciente sair da minha consulta era ir ver o Facebook e o Instagram dele, “só” para me ajudar no diagnóstico. Ou seja, eu já fazia o recurso à tecnologia. Mas eu não usava, como psicólogo, os algoritmos nem do Instagram nem do Facebook, porque era um bom psicólogo e sabia olhar para uma fotografia e não precisava que uma Inteligência Artificial me dissesse que por detrás do sorriso do meu paciente estava uma grande depressão e infelicidade. Não precisava. Como não precisava que nenhuma *speech analytics* me dissesse que o meu paciente está com depressão. Porque senão, mais valia descarregar o meu cérebro-psicólogo para dentro de um robot-psicólogo. E que foi o que

aconteceu: hoje temos robots-psicólogos completamente autónomos e que fazem as entrevistas dos recursos humanos das empresas mais tecnológicas. Eu vi com a Sarah e com a sua prima Sílvia estes robots a aparecerem. Aliás, disse-lhes o que é que elas tinham que fazer para impedir que os robots-psicólogos apontassem uma arma aos psicólogos humanos. Eu vi psicólogos a apontarem uma arma a si próprios e a uma inteira classe de psicólogos, como vi advogados a apontarem uma arma a si próprios e a uma inteira classe de advogados. Eu disse aos psicólogos e aos advogados para que se opusessem em descarregar as suas informações fosse para *machine learnings*, fosse para plataformas ou nuvens que depois iriam acabar por ser descarregadas em *machine learnings*. Disse aos psicólogos que eles tinham que se tornar informáticos e antes de inserirem dados psicológicos e mentais altamente sensíveis dos seus pacientes em plataformas que tinham que saber quem é que era o dono das plataformas, quem é que era o privado que ia gerir, administrar, tratar e comercializar todos os dados gerados nas plataformas e que tinham que saber que todas as plataformas, por serem digitais, virtuais ou em nuvem era hackeáveis e que eu podia contratar o informático que eu quisesse para que ele hackeasse uma determinada nuvem. A Sarah era lúcida em relação ao cheiro do novo petróleo. Como eu, a Sarah conseguia ver estes “novos bancos de dados” que para a Psicologia em 2020 seriam uma novidade. Estes bancos, na Psicologia, em Portugal, começaram a aparecer em 2020, quando apareceram as consultas online com os confinamentos. Era mais do que errado! Eu não estou a dizer que a Psicologia esteve errada em aderir às consultas online. A Psicologia esteve ESTRONDOSAMENTE, ESCANDALOSAMENTE, errada em aderir às consultas online. Quando eu vi a Psicologia a fazê-lo eu nem quis acreditar! E eu juro, que me custou tanto, mas tanto, mas tanto, ter que ver a sua prima Sílvia e a Sarah a terem que fazer consultas online. Elas foram obrigadas! Simplesmente, foram obrigadas! À Psicologia,

como ao Direito, faltou-lhe um pulso firme! Porque a Psicologia esqueceu-se que tem uma Ordem fortíssima capaz de mandar calar o Governo! E se a Psicologia quisesse, teria hackeado a mente do Governo e teria dito ao Governo que a Saúde Mental está em primeiro lugar, que **NÃO SE FAZEM CONSULTAS DE PSICOLOGIA ONLINE, E QUE PORTANTO, TODOS OS PSICÓLOGOS TERIAM LIVRE TRÂNSITO PARA PASSAREM NO TRÂNSITO À VELOCIDADE DA LUZ DE GIL DE SALES GIOTTO PARA IREM DAR COM PRIORIDADE AS SUAS CONSULTAS PRESIDENCIAIS, TAL COMO QUALQUER PACIENTE QUE TIVESSE UMA CONSULTA DE PSICOLOGIA PODERIA SEMPRE DESLOCAR-SE PARA IR TER A CONSULTA!** E ver uma Ordem a financiar, compactuar e colaborar com um inimaginável banco de dados, só me fez prever que uma Nova Ordem de Psicólogos Mais Inteligentes estava prestes a levantar-se com uma Nova Psicologia Inteligente encabeçada pela Sarah e pela prima Sílvia. Porque elas é que eram a cabeça da Psicologia!

— E porque é que o pai também não encabeçou essa Nova Psicologia Inteligente com elas?

— Porque eu não sou psicólogo. Elas é que são. Se eu fosse psicólogo, não podia dizer metade do que digo. Ou até podia. Às vezes, esqueço-me que estamos dentro de um filme de Ficção de Direito e Tecnologia e que, portanto, tudo vale! Se eu fosse psicólogo, teria mandado à merda a clínica e a dona da clínica, que era uma psicóloga de merda, onde a Sarah esteve antes de ir para a nova clínica com a prima Sílvia. Uma estúpida de merda que achava que por ser dona da clínica podia monitorizar a psicologia da Sarah, pedindo-lhe para que ela num documento do Word processasse os objetivos da consulta, as técnicas usadas e o sucesso da terapêutica. O CARALHO! Mas se a

Sarah era uma psicóloga adulta, profissional, mestre, com mais do que 5 pós-graduações em cima, não era nenhuma estagiária nem estava em trabalho de supervisão, porque raio é que a Sarah tinha que processar um documento com as suas técnicas que lhe custaram uma pipa de massa, porque as pós-graduações foram uma pipa de massa? E era eu a implorar à Sarah para que ela não cedesse, nessa cedência gratuita de dados, até porque não tinha nada que processar ou registar a consulta e entregar a um terceiro, fosse quem fosse o terceiro, quando as consultas são sigilosas; e era a Sarah a dizer que não cedia dados nenhuns desses, só que a dona da clínica dava-lhe um prazo para ela entregar todas as consultas dizendo que era por causa “da lei da proteção de dados” que a Ordem dos Psicólogos tinham dito que as clínicas privadas estariam obrigadas a fazer “estes registos”, outra vez invocando “a lei da proteção de dados”. E isto era de caras: se a ideia era proteger os dados, então o que se tinha que fazer era não dar dados! Ponto final, parágrafo! Se eu tenho uma lei que visa proteger os dados é muito estranho eu ter uma Ordem a vir dizer que eu estou obrigado a fazer o registo de dados, “por causa da proteção dos dados”... NÃO FAZ SENTIDO NENHUM! É PARA RIR! QUEM É LÚCIDO E É INTELIGENTE SÓ SE PODE RIR DISTO! Depois dizia a dona da clínica que seria por causa das “auditorias”, para justificar o preço das consultas e lembro-me de me ter saído um divertido sketch, que no novo “talão da consulta” íamos discriminar todos os temas que se tinham falado na consulta, para podermos dizer porque é que a consulta era mais cara do que a do “cliente” anterior, dizendo ao “cliente” que a consulta estava mais cara por causa da seca da história da namorada que o “cliente” nos deu e que tivemos que gramar pela milésima vez. E do Word migrávamos para uma plataforma. É claro que se eu introduzia dados numa plataforma ou num sistema informático automatizado que eu tinha que estar sujeito a regras, mas se eu psicólogo faço o registo de memória ou no meu bloco de notas, no

bloco de psicólogo, era o que mais faltava uma Ordem dos Psicólogos obrigar-me a fazer o registo desses dados, “por causa da proteção de dados”, quando escrever num bloco de notas não está nem pode estar sujeito a nenhuma lei de proteção de dados, porque é um bloco de notas, não é um sistema informático, não está numa nuvem e mais hackeável é uma nuvem do que o meu bloco de notas! É que, escrevendo apontamentos de consulta no meu bloco de notas, eu não estou a facilitar nem a fomentar por meios informáticos a circulação de dados do meu paciente. Porque o meu bloco de notas não é informático! Não há nada que o ligue a uma nuvem, a não ser que eu o fotografe e o partilhe na nuvem. E, portanto, se eu escrevi no meu bloco de apontamentos, eu não tenho nada que fazer um registo da atividade de tratamento de dados, porque não há atividade nenhuma de tratamento de dados! Estamos só a confundir coisas. E eu, ao ir fazer esse registo informático, é que vou estar a dar dados que vão circular como petróleo, só que como vão “bem registados” num sítio próprio, já vão carimbados com um “visto” pelo Direito prontos a circularem...? Será que foi isto? Foi mesmo isto que aconteceu? Porque isto não pôde ter feito sentido nenhum! Como não pôde ter sentido os psicólogos começarem a usar a *speech analytics*. O que é que aconteceu? Às tantas, comecei a ver pacientes a entrarem num consultório e a terem logo que declarar se aceitavam que os seus dados fossem processados pelo psicólogo que os cederia a uma empresa privada que os iria tratar. E foi mesmo isto que aconteceu! Foi isto que aconteceu em todas as clínicas exceto na clínica da Sarah e da prima Sílvia. Pessoas com depressão e pensarem duas mil vezes se iriam ou não a um psicólogo, que só queriam ir a um psicólogo e ser ouvidas por um psicólogo e não ouvidas por uma Inteligência Artificial com a sua depressão exposta e partilhada numa nuvem de dados psicológicos. Uma coisa é haver um registo, um processo clínico de uma pessoa que foi ao hospital. Se deu entrada na oftalmologia, na dermatologia, na

medicina em que  $2 + 2$  é igual a 4 em que há um significativo interesse em poder agarrar-se no processo e por exemplo levá-lo ao tribunal, faz todo o sentido haver um registo, haver um processo clínico em Medicina, mesmo até para salvaguardar o médico. O que eu não concordo e que nunca concordei e que talvez seja aqui em que eu e o Jakob discordamos é que a Medicina Geral e Familiar faça também este tipo de registos, porque muitas das vezes as consultas de Medicina Geral e Familiar tornam-se, sem querer, uma espécie de consulta de psicologia-desabafo e não fará muito sentido o Médico de Família estar a escrever no computador aquilo que o paciente está a dizer e que muitas vezes pode revelar um traçado de perfil psicológico, um contexto sócio-familiar, que isto sim, são dados altamente sensíveis e que não devem ser inseridos num sistema informático. Porque há médicos de família que escrevem tudo o que o doente está a dizer. Nem sequer olham para o doente. Estão simplesmente atrás do computador a escrever. E foi isto que aconteceu, infelizmente com a Psicologia. Tornou-se um processador de dados. E isso não é Psicologia! À Psicologia não interessa estar a inserir dados, estar a processar e depois ir tratar, porque não há nada para tratar! Na Psicologia, a sua ciência por ser tão virtual é que não merece ser virtual! A Psicologia é para ser ouvida e para ser respondida logo com Psicologia. Isto é Psicologia! A Psicologia não é estar a ouvir e depois ir para casa pensar, olhar para os dados e lá aparecer uma resposta que se vai dar na próxima consulta. Não. Isso não é Psicologia! A Psicologia tem capacidade de ouvir e tem capacidade de resposta! Isto é Psicologia! Antes de 2000 não há registos clínicos, porque as consultas só começaram a ser passadas a computador a partir de 2000. De toda a Medicina, a Psiquiatria é a que comunica de imediato com a Psicologia. Mas a Psiquiatria não tem nada que ver com Psicologia. Psiquiatria é Medicina. Psicologia não é Medicina. E por não ser Medicina, e por não ser  $2 + 2 = 4$ , a Psicologia não pode querer fazer aquilo que faz a Medicina. Não era por haver



processamento das consultas em Psiquiatria e abrirem-se processos clínicos em Psiquiatria, que a Psicologia se tinha que lembrar também de começar a processar os dados e criar consequentemente um banco de dados psicológicos. Se depois é giro mergulhar neles e vermos como o ser humano é capaz de ser tão estúpido e ter dados sobre tudo e mais alguma coisa e ainda assim não fazer ideia de quem é que é? É giro. Parece que faz parte da natureza humana, ser-se estúpido e ir-se atrás de todas as estupidezes que o mercado inventa. E, portanto, quem sempre quis entrar numa clínica a sério de psicologia entrou nas da Sarah e da prima Sílvia, com psicólogos a sério que não escrevem no computador durante a consulta, estão a olhar para o paciente e que não estão a mexer no telefone à frente do paciente; que esta foi outra que também se começou a ver, psicólogos a mexerem no telefone à frente dos seus pacientes...???? A Sarah não usava os óculos de realidade virtual aumentada para curar fobias, tinha outras técnicas, mas a sua prima Sílvia já em 2020 usava. Mas usava uns óculos de realidade virtual aumentada que não estavam conectados à Internet e não processavam a experiência do paciente, nem enviavam ou partilhavam a experiência numa nuvem do Big Data que *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom pudesse hackear. E se a sua prima Sílvia tinha os óculos de realidade virtual aumentada, não precisava de nenhuma *speech analytics*, porque ela também como um robot sabia detetar mentiras, depressões, nervosismos e inseguranças só de ouvir a voz. E, portanto, a saber que em 2020 existia uma poderosa *speech analytics* e uma poderosa Inteligência Artificial e um Direito com uma Proteção de Dados Pessoais que dizia que para se tratarem os dados, os analistas, os tratadores e os empresários de dados tinham que fazer um registo da atividade do tratamento dos dados, porque esse registo é que depois iria ser visto meio à pressa e num cordial tom de amizade pelos encarregados de proteção de dados, era completamente lícita e legítima a nossa *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari. Porque se os dados

eram o novo petróleo de 2018 e se nas chamadas telefônicas escorriam petróleo por todo o lado, não seria óbvio que os canais das chamadas começariam eles a serem legalmente explorados regulamentados com algumas regrazinhas do Direito da Concorrência e do Direito dos Valores Mobiliários? Porque passámos, todos, “de repente” a valer, até para o Direito, um valor mobiliário, consciente e com alguns direitos como o Direito Ao Esquecimento e o Direito à Portabilidade Dos Dados Pessoais Que Se Moveram Ou Se Movem Com Os Dados Móveis.

— Foi o tio que inventou esse Direito?

— Fui, sim.

— Mas ele existe?

— Não... Hoje, em 2080 as chamadas telefônicas são um negócio. As chamadas dos pobres são todas gravadas. As operadoras tornaram-se detentoras e proprietárias dos desabafos, das intrigas e dos namoros dos pobres. As chamadas para não serem gravadas têm um custo. Há um preço que se tem que pagar para se poder ser verdadeiramente livre. Em 2020 o meu namoro tinha um custo. Eu e o Jakob sabíamos muito bem que as nossas chamadas eram escutadas, eram interferidas. Sabíamos que havia uma interferência tecnológica nas chamadas. É claro, que a nossa mestre jogada de xadrez ficava sempre em desvantagem. Tínhamos uma Inteligência Artificial a ouvir “os nossos pensamentos”. Era como se estivéssemos a jogar contra um robot que estava conectado à nossa mente. Podíamos ter as ideias mais brilhantes a passarem-nos na mente, que o robot iria ver que ideias é que tínhamos agarrado. O robot era o meu pai. A Inteligência Artificial era o Direito. Sabia que tinha um pai sempre a escutar-me atrás da porta. Sabia que tinha um Direito sempre a olhar para mim. Mas eu

queria lá saber do meu pai e do Direito! Queria lá saber se o Direito me via a mamar o Jakob! Queria lá saber se o meu pai me ouvia a dizer ao Jakob que o barco elétrico, que na altura era o mais rápido do mundo, navegava a 100 km/h e tinha a capacidade para 1024 passageiros e 150 carros, que nós queríamos levar para São Tomé e Príncipe, estava em Montevideu... Ele que ficasse a saber as jogadas que eu andava a fazer com o meu cérebro e com o cérebro do Jakob. Ele que fosse a correr para ao pé do cérebro da Giralda e a Giralda que fizesse as macumbas na Internet da Magia Negra dela para nos tirar do concurso. Porque quando andamos na Internet da Magia Negra, não andamos na Internet da Magia Negra. E muitas vezes, a Internet da Magia Branca desfaz toda a Internet da Magia Negra. E desfizemos. E salvámos muitos negócios da nossa vida! O nosso namoro estava cheio de negócios à volta. O nosso namoro era o negócio. A namorar, a namorar, fomos fazendo negócios. Fomos celebrando negócios aqui e ali sempre a namorar, sempre aos beijos, sempre a beijar-nos, sempre a rirmos, eu a escrever, o Jakob a compor, eu a escrever, o Jakob a desenhar, numa constante paixão pela vida. Nunca nos esquecemos de viver. Nem quando faltavam só 2 meses, porque já não eram 3 meses, já só eram 2 meses que faltavam para irmos viver juntos. A *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari não nos impediu de namorarmos e dizermos o que queríamos ao telefone com ideias ou sem ideias de negócio. Não íamos esperar 2 meses para começar a viver. A vida não espera! Nós não podíamos, não namorar. Éramos namorados. A *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari não nos dizia para não namorarmos ao telefone se estávamos longe. Estávamos longe, não podíamos deixar de namorar. O que a *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari, *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto, nos dizia, era para não namorarmos com o Wi-Fi ou com os dados móveis ligados, para namorarmos fora da Internet, para não deixarmos o Big Data processar o nosso namoro. Muito

francamente, já não me lembro se a *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari fala no Big Data...

— Não fala, tio...

— Mas fala em analistas, que é a mesma coisa... E os analistas estão sempre a analisar-nos. Estão sempre a analisar o nosso cérebro... Estão sempre a analisar os nossos dados... Estão sempre a analisar os dados que há no nosso cérebro... Estão sempre a analisar o nosso pensamento... Estão sempre a analisar as ideias que trazem o nosso pensamento... O que a *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari nos diz, é para não deixarmos os analistas processarem ou ouvirem os nossos namoros ou os nossos negócios. E os negócios também faziam parte do nosso namoro. Falar da vida, às vezes é um negócio. A vida é um negócio. Vocês não falam de negócios?

— Não, muito, tio.

— Pois. Não precisam de andar a montar negócios como eu precisei. Nasceram ricos nos meus negócios. Que fortuna, a vossa!

— Obrigado, pai!

— Havia uma fortuna para mim e para o Jakob! Porque o nosso amor, foi feito de uma fortuna! O nosso namoro, foi uma fortuna! E como fortuna que era, havia negócios que tínhamos que falar. Havia negócios que tínhamos que saber gerir. Havia concursos públicos que se tinham lançado e nós tínhamos que falar para saber se iríamos concorrer ou não. E tínhamos que falar pelo telefone. Porque estava em Sagres e o Jakob estava trancado na Costa de Caparica, como todos os médicos a estudar para o exame da especialidade. Esse exame que também era uma das nossas fortunas. Esse exame que determinava

se um médico ia ser pobre ou ia ser rico, sem meias palavras. Era assim. E eu estava outra vez em Santarém e o Jakob ainda estava trancado na Costa de Caparica. E num novo direito dos hologramas apareciam-me em holograma a gravação que o meu cérebro tinha feito com os meus ouvidos, no jantar no terraço da Costa de Caparica, em que a mãe do Jakob e da Sarah perguntava-nos se queríamos ir tomar um café ao café da esquina e o Thiago, no seu novo Direito Comercial dos Dados, dizia que o café da esquina tinha câmaras e eu ia atrás, feliz na nova linguagem jurídica do Thiago, reforçando que no café da esquina não ia dar para estarmos à vontade, esquecendo-nos completamente, que a mãe deles frequentava na boa e desde sempre o café da esquina e que era muito amiga dos donos do café da esquina, sem saber, no entanto, que os donos do café da outra esquina que a mãe deles odiava, é que eram os responsáveis e os donos dos dados de imagem e de voz que ela ia deixando inocentemente no café da esquina, e muito atrevida, mas também ofendida, não percebia qual é que era o nosso problema com as câmaras nos estabelecimentos comerciais, dizendo-nos que o melhor que tínhamos a fazer, era não darmos importância e ignorarmos, porque senão, qualquer dia, dizia muito inocentemente, não tomávamos café em nenhum lado, porque todos os cafés tinham câmaras; e eu, num terror só meu, via como as pessoas se iam habituando à instalação das câmaras sem contestarem, via como as pessoas iam ficando cada vez mais à vontade, ao mesmo tempo que as câmaras iam ficando cada vez mais sofisticadas e tentava perceber se na minha sofisticada linguagem, eu não conseguiria fazer ver a “sofisticação” da tecnologia, se eu não conseguiria através das minhas sofisticadas palavras, e por isso, tão tecnológicas como a tecnologia, fazer projetar um holograma de uma câmara a filmar, com algoritmos de leitura de lábios que convertiam a imagem que processavam em texto em imediatas legendas, que automaticamente gravavam em tempo real, como se uma câmara fosse um microfone, tudo isto, “graças” a uma nova magia

algorítmica, capaz de transformar uma simples câmara, num potente microfone, numa câmara com ouvidos; numa sofisticação que dava ouvidos a uma câmara que nunca tinha tido ouvidos, como se fosse possível ouvir a luz, ouvir a energia, ouvir as cores, ouvir as imagens. E lembrava-me que estava a escrever sobre isto em 2020 às cegas, mas que um ciborgue inglês, que tinha nascido também às cegas, com acromatopsia, não conseguindo ver cores, senão uma escala de cinzentos, tinha desenvolvido o *eyeborg*, que era um dispositivo capaz de captar cores e traduzi-las num som, em que cada nota musical tocava uma cor diferente; e que o ciborgue tinha decorado todas as notas musicais que tocavam para cada cor, como se fosse um novo sentido do seu corpo. E em 2020, o Centro de Investigação de Direito Privado tinha um novo curso avançado de Direito da Bioética que começava a falar num novo direito, no Direito em Permanecer Humano, como resposta ao Direito da Implantologia e aos avanços da Neuroengenharia, como “se pudesse” adivinhar, que o *eyeborg* se iria sofisticar cada vez mais para ser comercializado. E numa nova vantagem, hoje, o *eyeborg*, completamente acessível no mercado, é conectado diretamente ao osso da base do crânio fazendo com que o ciborgue não apenas ouça, mas sinta os sons emitidos quando diferentes cores são captadas, conseguindo captar as cores visíveis como ultravioletas e infravermelhos, e conseguindo, por isso, numa vantagem, ver quando um controlo remoto é utilizado ou quando os raios solares podem ser mais perigosos para a pele, afastando, assim, “humanos” sem *eyeborg* das novas provas-militares para robots-militares ou militares ciborgues; afastando “humanos” sem *eyeborg* das novas provas-salva-vidas para robots-salva-vidas ou salva-vidas ciborgues; afastando “humanos” sem *eyeborg* das novas provas-médicas-dermatologia para robots-médicos ou médicos ciborgues. Será que o Direito em Permanecer Humano era para um humano contestar a sua exclusão só por não ser um ciborgue ou um robot? Ou será que o

Direito em Permanecer Humano que se falava em 2020 era para dizer ao Sistema Nacional de Medicina que eu tinha o Direito de não querer introduzir nenhum chip ou nanorobots-rastreadores pelo meu corpo? É que a Medicina de Precisão ouvia-me e dizia-me para eu ficar descansado, que eu não ia “deixar” de ser ou permanecer humano, “só porque” um chip ou implante cerebral ser-me-ia introduzido... E, portanto, o que eu vi, foi este Direito em Permanecer Humano a não ser capaz de funcionar e dar uma resposta suficientemente tecnológica a uma Medicina já completamente tecnológica, jurídica, administrativa, militar e ditatorial. E as lojas do corpo humano tornaram-se reais, ultrapassando a minha crítica da “Megalomania Científica”. Hoje, nas lojas do corpo humano, posso comprar um *eyeborg*, como um braço biônico ou um braço humano de um humano que preferiu amputar o seu braço para colocar um braço biônico “muito mais extensível” com lanterna, laser, luzes de LED que piscam com o batimento cardíaco, com uma porta USB para carregar o telefone, um suporte para um quadricótero que pode ser usado a partir do painel de controlo do próprio braço, que é revestido de células fotovoltaicas, para poder passar no exército sustentável de robots e ciborgues. Como posso comprar um chip vendido com o estapafúrdio slogan “reconecte-se com o meio ambiente com os seus instintos mais animais” que deteta se o “usuário” se vira ou vai na direção norte, como se ele fosse uma tartaruga capaz de se orientar usando o campo magnético terrestre para ir desovar às Baamas, e por causa destes chips e de telefones com Inteligência Artificial que “interliga”, medeia, o usuário das tecnologias com o “mundo real”, como se o “mundo real” fosse o “mundo virtual” porque só é “experenciado” pelos usuários através de aplicações, implantes e outras tecnologias, é que as pessoas começaram a ser chamadas pelo Direito como “usuários” e não mais como “pessoas”. Posso também comprar um chip para introduzir no corpo para ser capaz de sentir todos os terremotos do mundo, para num falso “sexto

sentido” “equiparar-me” aos elefantes que ligados aos batimentos da terra conseguem prever os tremores de terra. E com o meu novo chip, já posso fazer parte do grupo de dança e teatro da peça “Esperando por Terramotos” de Moon Ribas e dançar com as vibrações que sinto em tempo real durante o “espetáculo tecnológico” numa arte que “acontece dentro de nós mesmos” em que dançamos ao som da batida do nosso coração e ao som da batida da Terra, porque o nosso chip está conectado ao Centro de Sismologia em que os sismógrafos enviam os dados para o chip. Também eu ouvi o robot a imprimir a minha escrita num também novo meu sentido, como se eu conseguisse ouvi-lo a imprimir através de um chip que tivesse ligado a ele. E quando ouvi pela primeira vez o robot a imprimir-me o coração e a ver a impressão que isso era, eu senti o meu corpo a separar-se completamente de tudo aquilo que eu tinha imprimido. Vi claramente uma separação da obra e do autor. A obra já não era só minha. Tudo aquilo que eu tinha inventado, todos os cenários, todas as personagens, já não era só os meus cenários nem as minhas personagens. Parecia que a obra tinha deixado de ser minha, para passar a ser todos aqueles que a comprassem. Agora as personagens eram de todos. Já não as podia alterar o nome, porque já havia quem tivesse afeiçãoado a uma personagem ou a um sítio que eu tinha criado e eu já não podia mais mexer no sítio. Já não podia mexer em mais nada, senão editar erros. Porque quando eu mandei imprimir-me, eu comercializei-me. Tornei-me do mercado. Pus-me com a minha tecnologia à venda. E em 2020 através dos meus hologramas, que o meu cérebro me ia silenciosamente projetando, eu já me via em 2080 a viver completamente “de mente aberta” no meio de todas as tecnologias e completamente adaptado à sociedade tecnológica, sem chips, sem implantes, tão-só com a minha própria tecnologia humana. Afinal, de contas vivemos numa verdadeira liberdade tecnológica, não é? Quem quer introduzir chips no seu corpo introduz, quem quer fazer melhorias no seu corpo faz, quem quer



editar genes que os edite à vontade, quem quer colocar braços robots extensíveis e capazes de chegar a todo o lado que os coloque, desde que não coloque câmaras ou microfones nas pontas dos dedos. E no fundo, a minha luta de direitos sempre foi a mesma. As câmaras e os microfones. Porque as pessoas podiam encher-se de tecnologias que quisessem, desde que essas tecnologias não interferissem na minha liberdade. Sempre foi isto. Eu não me tenho que importar, que, de repente, uns dos *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke apareça a voar na praia da Cordoama e a bater asas, porque tem asas-robots implementadas nas costas, porque ele pode aparecer a voar à vontade, o que não pode é aparecer a filmar, é só isso! O que os donos dos braços biónicos extensíveis não podem fazer, é chegarem com os seus braços perto do meu corpo, porque, senão, vão obrigar-me a pegar na minha arma da Good Lasers e a disparar para os braços robóticos com o laser. Tenho que andar com uma arma da Good Lasers, quando a sociedade tem robots e braços robots que me podem matar e que só o raio-laser da Good Lasers pode ser capaz de me salvar. Tenho que ter as portas de ferro da Armdrücken em casa, capazes não só de me defenderem do fogo, porque numa cortina de ferro defendem a minha casa, como também capazes de me defenderem de drones com metralhadora ou de robots ou braços-robots que também disparam laser. Ou seja, numa sociedade super tecnológica o preço para a minha segurança e sobrevivência vai aumentar. Mas se eu via robots e raios laser em 2080, sabia muito bem que quando estava em 2020 o que eu tinha que ver eram câmaras de vigilância e algoritmos. O problema dos robots em 2020 eram 4: se os robots tivessem câmaras, se os robots tivessem microfones, se os robots tivessem Inteligência Artificial e se os robots estivessem ligados à Internet. Este, é que era o problema dos robots. Um robot em si não era um problema, poderia ser muito útil. O problema era eu entrar num centro comercial e “de repente” aparecer um robot com uma sofisticada câmara e um poderoso microfone ligado

à Internet e eu não poder fazer gestos bruscos nem gritar, nem sequer contestar com o robot, que depressa iria enviar a minha expressão a uma Inteligência Artificial capaz de armazenar e partilhar eternamente com qualquer robot que eu “odiava” robots, fazendo com que um robot inteligente com algoritmos suficientes, no futuro, “se virasse contra mim”, porque tinha um “mecanismo de defesa” que num instinto algorítmico, próprio da sua inteligência e sobrevivência, simplesmente reagi a uma informação que recebeu da Rede quando trocou com ela uma informação minha. E perante isto e depois de já vários cientistas, engenheiros e programadores terem todos chegado à conclusão que a Inteligência Artificial seria capaz de discriminar trazendo preconceitos raciais dos séculos passados, que seria capaz de infligir dor aos seres humanos e que seria capaz de aumentar a desigualdade económica entre os humanos o que é que a revista Nature se lembra de publicar? Um artigo de dois catedráticos da Universidade de Nova Iorque que se lembram de vir dizer que a Inteligência Artificial precisava de uma Inteligência Social para não ferir os humanos, trazendo o novo conceito de “Inteligência Artificial humanizada”, partindo-se desta ideia espetaculosa de merda, completamente catastrófica, de que seria urgente pormos os robots a conviverem com os humanos para os robots aprenderem a ser “mais” humanos. E começámos a ver infantários, lares da Grande Idade e centros comerciais a receberem robots ligados à Inteligência Artificial. Em primeiro lugar, para que essa ideia de merda resultasse, seria necessário que um robot pudesse ligar-se a todas as pessoas com quem seria suposto interagir para nós o programarmos para “não fazer mal a essas pessoas”, podendo o robot “ganhar novos algoritmos” que destruíssem os algoritmos com que o tínhamos programado. Mas mesmo que o robot não ganhasse novos algoritmos, porque era incapaz de passar da base algorítmica, teria que ser necessário “inserir” as caras e as expressões e os vários estados de espírito das várias caras para o robot

estar devidamente programado para não atacar a cara, fosse em que estado de espírito que fosse. Mas só ter que ver isto, confesso que era preciso um grande estado de espírito para ter que explicar aos vários espíritos, a ideia de merda que era esta. Segundo, se ainda tivéssemos estado de espírito para isto, era preciso eliminarmos o meu direito de Não Querer Ser Processado Por Um Robot e o meu direito em Não Querer Participar Em Nenhuma Experiência de Dados Em Nuvem por causa do meu direito de Não Querer Ver Preso Nenhum dos Meus Estados de Espírito a Nenhuma Inteligência Artificial, para uma sociedade tecnológica inteira obrigar-me a ser processado por um robot “se quisesse” “não ficar de fora” da sociedade tecnológica que interage com a vida real social, política e económica. Não há maior espírito que o Direito! O Direito é espiritual, ponto final, parágrafo. E por ser espiritual e por ver estados de espírito, é que eu posso com o Direito dizer que não quero enviar nenhum estado de espírito meu para nenhuma nuvem, muito menos querer partilhá-lo numa experiência de nuvem. Quem tem que levar o meu espírito para as nuvens, sou eu! Se eu quiser, eu pego no meu carro voador e atravesso com o meu espírito as nuvens. Porque o meu espírito quer é estar nas nuvens reais, não é nas nuvens virtuais. E esta minha convicção, porque no fundo não é mais do que uma convicção, de não querer interagir com um robot com câmara e microfone com Inteligência Artificial ligado à rede não podia nunca nem me ter afastado da sociedade, nem sequer tornar-me mais vulnerável ou ameaçado por nenhum robot que tem poucos dados meus e os que tem não são “os mais famosos”. Porque eu entrei num centro comercial, o robot viu-me, com o reconhecimento facial encontrou o meu profile e a Rede disse que no meu profile eu tinha escrito um post a dizer que “os robots dos centros comerciais não podem ter câmaras e microfones ligados à Internet e que só podem ter um microfone e responder com voz às informações como se fossem um posto de informações ambulantes se não estiverem conectados à

Internet e se não armazenarem os dados de voz só podendo processá-los instantaneamente para conseguirem operar e na sua funcionalidade básica conseguirem perceber a pergunta e darem uma informação certa” e o robot interpretou-me mal e “achou” que eu o iria desligar e defendeu-se atacando-me. Porque em 2020, já estávamos aqui! Era importante, sabermos isto! Era importante o Sistema Perfeito saber que “os robots dos centros comerciais não podem ter câmaras e microfones ligados à Internet e que só podem ter um microfone e responder com voz às informações como se fossem um posto de informações ambulantes se não estiverem conectados à Internet e se não armazenarem os dados de voz só podendo processá-los instantaneamente para conseguirem operar e na sua funcionalidade básica conseguirem perceber a pergunta e darem uma informação certa”...

— O pai acabou de criar um novo direito... Não sei se reparou...

— Sim, reparei. Foi sem querer.

— Foi em tempo real?

— Sim, Thomas.

— Uau! Isto parece mesmo que estamos numa maravilhosa experiência tecnológica. Já sabemos que se o Sistema Perfeito voltar a trazer robots para os centros comerciais a culpa é do pai... Parece que quanto mais vamos falando da tecnologia, mais vamos vendo a sua engenharia e melhor vamos respondendo com um Direito que tem que ser necessariamente tecnológico, porque percebe de engenharia e vê a engenharia das coisas, e, por isso, permite e compreende a sua comercialização no mercado, mas com algumas restrições. Porque, de

facto, nós só podemos fazer uma legislação sobre Direito e Inteligência Artificial suficientemente forte e harmónica com todo o mercado das novas tecnologias se primeiro conseguirmos compreender a Inteligência Artificial. É importante conseguirmos olhar para o cérebro da Inteligência Artificial, ver quais é que são as suas limitações, ou seja, a sua engenharia e legislar segundo a sua engenharia.

— É isso mesmo, filho! Temos que pensar! Temos que ser inteligentes! Eu posso dizer que não quero robots nos centros comerciais, porque vai gerar um lixo metálico e se estou, desde 2018, numa agenda verde, não faz sentido a sua comercialização, nem sequer a sua fabricação em série, devendo, por isso, estar a sua venda não aberta ao público em geral, mas para determinados entes ou empresas. É válido. É um argumento. Tem que ser discutido. Mas é um argumento. Bom ou não. É um argumento. Depois, posso dizer que o centro comercial é um “ente” que pode ter um robot. Que seja. Mas eu agora, como pessoa humana que vou ao centro comercial, posso não querer ser atendido por um robot. Posso ter esse direito e esse direito existe: o Direito de Poder Ser Atendido Por Um Humano ou quem chame também o Direito de Ser Atendido Sem Ser Por Um Robot. E ainda há outro nome para este Direito. No entanto, este meu Direito, pode chocar se for a um estabelecimento comercial, que é privado e que o dono só quer robots a atenderem pessoas, porque os robots fazem parte do próprio negócio e é isso que faz com que ele tenha o tipo de clientes que ele tem, clientes ciborgues, clientes que entram de mãos dadas com os namorados e com os telefones na mão... Eu sempre defendi que se um privado só quer ter robots é livre; no entanto, deve estar no Sistema Perfeito por sua conta e risco; por exemplo, eu como Fisco não deveria beneficiá-lo, como Sistema da Segurança Social deveria prejudicá-lo, porque não há humanos empregados ou se há, há poucos e como Administração Pública não

deveria nunca contratar com ele, por exemplo, não deveria admiti-lo em nenhum concurso público. Enfim, tudo argumentos para se discutir talvez numa 2ª Reunião d’Os *Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy. Mas num centro comercial, para além de eu poder dizer que não quero ser atendido por um robot, também tenho o direito de não querer ser gravado ou processado seja por voz, fala ou expressão por um robot. E eu, muito francamente, não vejo mal nenhum um centro comercial ter um robot para prestar informações, desde que, esse robot não grave a minha voz, ainda que possa processá-la, para conseguir entender a minha pergunta e não me filme, nem esteja ligado à Internet. Porque um robot não precisa de estar ligado à Internet para funcionar. Um robot tem um hardware e depois tem vários softwares, que são os programas, as aplicações que tem instaladas. É um computador. Do mesmo modo, que eu chego a uma tela tátil que me mostra os vários pontos do centro comercial, eu também posso ter um robot que tem a informação toda e o mapa todo do centro comercial, que sabe assistir pessoas da Grande Idade e mil e uma funcionalidades sem estar ligado à Internet, porque simplesmente tem um programa que o faz operar. E se assim for, eu não tenho que ficar histérico! Porque eu já sei que se perguntar alguma coisa ao robot, o robot processou o que eu disse para fazer *match* com a informação que tem e responder-me corretamente. Mas isto seria se 2020 fosse um mundo tecnológico inocente e sofisticado e revestido com um Direito Tecnológico como o de hoje de 2080. Em 2020, um robot era sinónimo de câmara frontal com reconhecimento fácil, um poderoso microfone com tecnologia *speech analytics* e outras tecnologias de fazer perder a cabeça, para não falar que estaria “obviamente” conectado à Internet e ao Big Data, porque isso é que fazia do robot, em 2020, “um robot inteligente”. E quando eu entrei no Centro Comercial do Colombo com o Jakob, e vi ao longe o novo robot assistente virtual com câmara frontal com reconhecimento facial pude ficar silenciosamente histérico com o Jakob, que consumiu

todo o meu histerismo, num longo abraço e disse-me para ter calma, que ele me amava e que juntos com a nossa Inteligência Artificial iríamos dar cabo daquilo, porque também éramos robots e estávamos numa luta de robots, e que enquanto não déssemos cabo daquilo, não íamos voltar a entrar no Centro Comercial do Colombo.

— E conseguiram, tio?

— Sim, conseguimos! Como veem a luta em 2020 não era com os robots. Era com câmaras e com os microfones. Até podia haver uma Inteligência Artificial todos os dias a ficar mais poderosa, o importante era ela não me ver nem me ouvir. Porque eu estava a jogar xadrez com a Inteligência Artificial. E se ela visse e ouvisse o meu pensamento, ela anteciparia sempre as minhas jogadas e eu nunca mais conseguia fazer-lhe xeque... Seria sempre ela a fazer-me xeque, xeque, xeque, xeque, xeque, xeque, xeque, xeque, xeque, xeque, xeque, até me fazer um xeque-mate. E o que eu gostava de ter dido à mãe da Sarah e do Jakob e que não pude dizer na noite da super lua, é que não era por haver câmaras num banco, que teria que haver num supermercado ou no Sistema de Segurança Social. E não era por haver câmaras num supermercado ou no Sistema de Segurança Social que teria que haver num restaurante ou num café. E nem no supermercado nem no Sistema de Segurança Social teria que haver câmaras, mas, às vezes, pela minha condição económica, o facto de ser mais pobre, impedia-me de me opor a algumas câmaras, sem que me fosse prestado um serviço ou um bem primário ou sem poder comprar um bem primário. E no mesmo raciocínio, não era por eu ter uma conta no Facebook ou ter a *app* do Facebook instalada no meu telefone, que teria que instalar a *app* do banco ou a *app* do vírus tecnológico de 2020. A *app* da Jupiter Editions quando chegou foi completamente livre! Primeiro, não pedia autorização nenhuma ao microfone. E depois, só pedia para aceder à

câmara quando o Member Reader queria scanizar o vale para converter em moedas Jupiter, vindo logo a seguir a Jupiter Editions recomendar ao Member Reader para que fosse às definições do telefone e desativasse a permissão do acesso da *app* à câmara do telefone. E nenhum Member Reader deixou de poder converter os seus vales em moedas Jupiter, porque nenhum Member Reader tinha que instalar a *app* da Jupiter Editions para poder converter as suas moedas Jupiter ou para poder inscrever-se na Jupiter Agenda, porque poderia sempre fazê-lo a partir do site. E ainda assim, se o Member Reader não quisesse ter Conta Jupiter, porque não queria que a Jupiter Editions ficasse com os dados estritamente necessários para poder funcionar a Conta Jupiter e estar sempre atualizado e a partir da Conta Jupiter o Member Reader poder comunicar-se diretamente com a Jupiter Editions, a Jupiter Editions dava sempre a alternativa do Member Reader enviar as faturas das compra dos livros para se inscrever num evento específico da Jupiter Agenda. E se, ainda assim, o Member Reader não quisesse depender dos meios eletrónicos, fosse pelas razões que fosse, para se poder inscrever a um evento específico da Jupiter Agenda, poderia sempre enviar uma carta registada para a Jupiter Editions a dizer que se queria inscrever num evento específico e que tinha as moedas Jupiter suficientes conforme comprovava com o envio em anexo das faturas dos livros. Ninguém ficou de fora, só porque não quis que dados seus fossem processados! Eu posso não me importar que uma empresa processe os meus dados, porque confio e vejo o seu processamento, vejo o seu cérebro e vejo a sua tecnologia, vejo que tecnologias é que tem, mas posso importar-me que uma outra empresa ou um ente da Administração Pública processe os meus dados! Somos livres de controlarmos os nossos dados e saber que dados queremos que sejam processados, porque vemos o processamento e conseguimos ver que é um processamento completamente funcional, só para fazer funcionar um serviço ou um bem maior que queremos.



— Foi por isso, que o pai e o Jakob não se importaram de entrar no Jardim Zoológico, quando o pai chegou de Sagres? Por um bem maior?

— Como assim, por um bem maior? Como assim, não nos importámos de entrar?

— Sim. O pai quando chegou de Sagres não disse que foi com o Jakob e viram duas novas câmaras de vigilância, logo uma na entrada?

— Sim...

— E nem por isso, se importaram de entrar. Quando viram a primeira câmara, poderiam ter saído. Mas enfrentaram a primeira câmara. E quiseram circular como dados no Jardim Zoológico. Deixaram-se ser processados. Sacrificaram o vosso espírito. Foi por um bem maior?

— Aquelas duas câmaras não fizeram com que eu e o Jakob deixássemos de circular como dados no Jardim Zoológico, é verdade. Mas não foi porque nós assim o quisemos. Eu não quis circular como um dado. Posso ter “aceitado”. Aquelas duas câmaras, fizeram-me stressar e olhar para a marca e modelo sabendo que já eram mais ou menos sofisticadas, mas que não tinham, por exemplo, ainda, nenhuma tecnologia de Inteligência Artificial. Se pesados os pratos da balança, decidíamos sacrificar o nosso espírito tecnológico, era muito importante sabermos onde estavam a ser instaladas as câmaras, não fôssemos aparecer aos beijinhos em alta definição num ecrã de uma esquadra ou no telefone do meu pai ou da Giralda. Mais uma certeza instalava-se em mim: mandar desinstalar as câmaras de vigilância do Jardim Zoológico. Para tal, teria que tomar o poder e a gestão do

Jardim Zoológico. Porque eu queria tirar os golfinhos e os pinguins do Jardim Zoológico. Queria acabar com o zoo marine. Eu queria lá saber que havia biólogos a trabalhar no zoo marine, quando eu sabia que havia médicos e advogados a trabalharem na indústria do tabaco! O que eu queria saber, era que havia, pelo menos, um biólogo que não via o sentido de golfinhos “trabalharem” para os espetáculos do zoo marine e fazerem mexer assim a economia de um deprimido jardim zoológico. Vi que os golfinhos e os pinguins gostavam de surfar e nem que o zoo marine virasse uma piscina de ondas, não era ali o sítio nem dos golfinhos, nem dos pinguins, nem das focas. Também queria tirar dali as girafas. Também queria tirar dali os elefantes. Também queria tirar dali as câmaras. Talvez tudo isto fosse por causa das câmaras que me deram uma outra tecnologia de ver as coisas. Também queria tirar os hipopótamos. E agora que estava em Lisboa a ver tudo isto, estava na Cordoama, numa ponte tecnológica que ligava tudo, a ver o que tinha visto. E vi numa das minhas corridas da Cordoama ao Castelejo, como o hipopótamo mais ia parecendo um rinoceronte e como eu queria ter tempo para parar e tentar descrever aquilo que eu via, mas não podia, porque estava a correr. E nessa minha corrida para ganhar o concurso público da praia do Castelejo, vi que o Castelejo tinha testemunhado a morte de um alemão de 27 anos que se tinha afogado num agueiro e vi que o restaurante tentava passar a culpa para o concessionário que tinha o apoio balnear que não abriu e que dizia, o restaurante, que não sabia que o concessionário não ia abrir, quando naquela sociedade de informação, sabia-se muito bem que o concessionário não ia abrir e vi o concessionário a trazer a público a tal carta registada que tinha enviado à capitania, queixando-se que ninguém lhe tinha respondido e a passar assim a culpa, talvez, para o apoio recreativo da escola de surf que tinha aparecido lá de para-quedas a meio do verão, sem trazer salva-vidas. Vi depois numa última corrida como era só um monte que ligava a Cordoama ao Castelejo com uma ribeira seca a atravessar-lhe, tal e qual,

como o majestoso monte que ligava a Cordoama à Barriga com uma bonita pirâmide que deixava de lado. E nessa minha última corrida, vi como o Castelejo parecia um filme cheio de vida sem realizador, sem guiões, num autêntico improvisado de ondas, de estrangeiros que se punham a nadar muito rápido sem verem e sentirem as correntes e que iam parar num instante ao agueiro e que a salva-vidas que tinha sido posta ali nos últimos 20 dias da época balnear fechar, por causa da morte do bonito alemão corpulento de 27 anos, que sozinha não conseguia dar conta do recado, como nenhum salva-vidas ali conseguiria dar. Contou-me que tinha vindo de Lisboa a correr e que lhe tinham prometido 1100, mas que depois chegou lá e afinal os 1100 passaram para 800. Contou-me, a salva-vidas, que estava metida numa espécie de bangaló com as piores condições ao lado do armazém onde estavam metidos todos os professores da escola de surf. Quando eu cheguei, ouvi o walkie-talkie dela a interromper o nosso cumprimento *«tas a dormir?»*, *«estão ali umas crianças ao pé das rochas»*... A salva-vidas respondeu “à voz” que as crianças estavam à beira-mar com os pais. Aquela chamada de voz foi simplesmente desnecessária. E consegui logo sentir-me na pele da salva-vidas. Eu não admitiria aquilo! No meu tempo e no tempo de agora, chama-se a isto uma monitorização ilícita que o próprio Código do Trabalho já punia na altura como infração muito grave, porque nenhum patrão podia fazer usos das tecnologias para andar a monitorizar o desempenho dos seus trabalhadores com incompetentes, inconvenientes e inoportunos avisos. Eu não tinha nada que estar ali, como banhista ou como polícia marítima, a ouvir aquela voz a sair do walkie-talkie da salva-vidas que depressa fazia-me reputá-la injustamente como “dorminhoca” ou “distraída”, e se estivéssemos no parque de câmaras e computadores super divertido do governo chinês, eu poderia classificar o que tinha ouvido e depressa enviar uma informação injusta para os algoritmos chineses sobre aquela salva-vidas. Porque é tudo uma questão de segundos. *«Depois não digas que não te*

*aviseis*. E eu perguntei quem é que estava por detrás daquele walkie-talkie a avisar. E a salva-vidas disse-me que era a dona do restaurante. Pois se eu fosse a salva-vidas, teria dito que seria a primeira e a última vez que essa dona, que se achava dona da praia, me daria qualquer tipo de instruções ou sugestões de vigilância ou prevenção e que se voltasse a fazê-lo eu queixar-me-ia ao Instituto de Socorros a Náufragos, que era a única entidade para quem os salva-vidas eram responsáveis e ainda telefonaria à capitania de Lagos a informar que o restaurante, estava a funcionar ilegalmente sem salva-vidas, porque eu ter-me-ia ido embora! Eu sabia que isto era o que se passava na vida dos salva-vidas. Que os salva-vidas tinham ordenados miseráveis, muitos trabalhavam 10 horas seguidas a comer sanduíches ou enlatados na praia num quarto de hora sem fazerem hora de almoço ou sem descansarem nem que fosse uma ou duas horas, que dormiam todos enfiados uns com os outros, sabia que concessões milionárias de Vilamoura punham os salva-vidas a dormir em roulettes no parque de estacionamento da praia conectadas à polícia amiga que não dizia nada sobre estas roulettes, que andavam a alugar os colmos do concessionário, quando era o concessionário que tinha que dar mais um posto de trabalho, porque alugar os colmos não faz parte da profissão de salva-vidas, mas que muitos se aproveitavam dos salva-vidas, como outros os punham a alugar caiaques no Beliche, quando o concessionário tinha que pôr outra pessoa a alugar os caiaques e não os salva-vidas e eu a dar mergulhos no Beliche e a ver isto e a dar corridas até à Cordoama e a ver isto, sabia o que tinha que fazer para parar com isto. Tinha de concorrer. Tinha de ser eu a ganhar os concursos. Conseguia ver, muito bem, no amanhã de 2020, que os concessionários e os donos dos restaurantes milionários de praia também iriam começar a perseguir e a monitorizar o desempenho dos seus trabalhadores com drones. Conseguia ver esta cena com um drone, com um drone por cima da salva-vidas. Pois, se o filme era esse, então que chegasse eu à frente com os meus drones em segunda mão que só

filmam quem tenha celebrado um contrato de realização e cinema. E neste meu cinema, levei também os meus caiaques para o Martinhal e para a Mareta. Na Cordoama, no Castelejo e na Barriga não dá para ter lá caiaques, porque não são praias para se estar a nadar. São praias para dar um mergulho. São praias para com a água sempre abaixo da cintura, sem perdermos o pé, darmos um mergulho e não sairmos donde demos o mergulho. São praias para se ver o espetáculo de fora. Não é preciso irmos todos lá para dentro. Quem quer ir nadar, vai para o Martinhal, do lado direito, ou para a Mareta, do lado esquerdo, que são as melhores piscinas naturais que fazem uma baía lindíssima, onde não há vento. E foi para ali onde eu levei os meus caiaques porque, em 2020 quando eu lá estive, não vi lá caiaques nenhuns. Não ia levar os meus caiaques para o Beliche, quando sabia que já estava lá montado um negócio de caiaques. O que eu queria era que o dono desse negócio não explorasse os salva-vidas, porque não é competência dos salva-vidas andarem a arrastar caiaques pesados na areia e a guardá-los no final do dia e a lança-los ao mar com banhistas que, de repente, chamavam de clientes, e se a sociedade de informação tecnológica já tivesse informado a Polícia Marítima através dos seus vídeos e fotografias, e se eu sabia que a Polícia Marítima andava a navegar *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto nesses vídeos e fotografias, a Polícia Marítima estava obrigada a multar e a pôr fim a este negócio! Os negócios têm que ser saudáveis e sustentáveis. Ou os negócios se tornam bons, ou então mais vale darem lugar a outro. Eu estava pronto para entrar em cena. Eu queria o meu lugar! Sou humano e vivo num sistema monetário que me obriga a ver as coisas de forma económica. Mas numa economia, numa sociedade de capitais, podemos escolher uma sociedade de capitais saudáveis, podemos seguir o romance do capitalismo inteligente dos recursos do Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala no seu *Algoritmo do Amor* e ver a economia a funcionar melhor. E podemos estar a correr de um lado para o outro e ver tudo

isto. Numa das outras minhas corridas que fiz da Cordoama ao Castelejo, vi tantas outras escolas de surf a darem aulas de surf mecanizadas com professores que mais pareciam mecânicos, robots, que mais valia era serem professores robots... Acho que hoje em 2080 os únicos robots que ainda não se inventaram foram os robots professores de surf. Muito honestamente, não sei como nem porquê... O Vandame estava sempre a gozar com a economia das escolas de surf, porque dizia que as imensas escolas de surf ali de Sagres só sabiam era oferecer “experiências”, que aquilo não eram aulas nenhuma que davam, porque ninguém ia sair dali a fazer surf. Dizia, que o que as escolas de surf sabiam fazer, era só dar mais uma prancha na mão de mais um “bife” que sem saber manobrar, sem saber nada de nada, sem saber as correntes, sem saber a hierarquia para apanhar as ondas e sem saber sequer como entrar no mar para ir até ao set, seria só mais um perigo na estrada, na estrada das ondas. E em dois segundos contava-me a rotina típica daquilo: que um “bife” pagava uma “experiência” para saber num minuto como é que se punha em cima da prancha, ficava ali uma horinha a treinar o movimento na espuma e depois no dia a seguir ia alugar já sozinho uma prancha e era o perigo que era. Eu demorei algum tempo a perceber isto. Demorei a entender esta severa crítica que era muito forte à economia do turismo de Portugal que praticamente sobrevivia sazonalmente do surf e do golf. Lembro-me de ver “curiosos” que nem na terceira aula de surf saiam ali da espuma. Mas lembro-me de ver aprendizes que já na segunda aula de surf já iam lá para fora e tinham imenso equilíbrio na prancha e conseguia-se ver e adivinhar o talento natural para o surf. Via-se, muito de repente, quem tinha a verdadeira pinta de surfista. Lembro-me no dia em que o set estava cheio de *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke, um alemão não parava de olhar para mim. Mas o alemão estava com a namorada, beijou-a à minha frente, por isso eu podia olhar para ele. Sabia que ele estava a olhar-me com olhos inocentes. E trocámos uma tecnologia

qualquer. Andámos à distância a trocar uma tecnologia qualquer na praia. Ele sorria-me à distância. De longe, durante 3 dias, ele já vinha sozinho com a prancha na mão a rir-se para mim. Até que falámos. Até que ele acabou por vir falar comigo. Falámos muito pouco. Ele disse-me que estava a viver em Lisboa há 2 anos e estudava na Faculdade de Letras em Carcavelos. Não trocámos nenhum contacto. Eu não lhe disse o meu nome nem ele me disse o dele. O que eu sabia é que a escola de surf da Audrey lhe tinha dado uma nova ferramenta para apanhar as ondas, e se Carcavelos tinha ondas, ele simplesmente me estava a dizer onde é que eu o poderia encontrar, se eu quisesse. Quando saí de Sagres, fui experimentar esta nova tecnologia humana, que o surf me tinha dado e fui até Carcavelos. Pela pinta de surfista, vi logo que era ele. E ele, também muito à distância, viu logo que era eu. Veio logo a correr para mim de prancha na mão. Já falava português. Perguntei-lhe se ele era um dos *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke para me ter puxado, nesta sua tecnologia, até ele. Ele disse que só me poderia responder a isso quando os *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke estivesse disponível em alemão. Eu disse-lhe que a Jupiter Editions estava à procura de um puto giro que tinha a mania que era surfista para entrar nos *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke. E disse-lhe também que a Jupiter Editions tinha vindo até Carcavelos para celebrar um contrato de tradução. É verdade, que todos queriam ser surfistas, mas nem todos tinham pinta de surfista. Eu não tinha, confesso. Eu divertia-me mais era no bodyboard, eu gostava era de ficar no bodyboard com o Xico e com a Joana. Também gostava de fazer bodyboard com o Russo. Cada dia que passava com o Russo, ia-me apaixonando mais por ele. Cada vez que ouvia o honesto coração do Vandame, ia-me apaixonando mais por ele. Cada vez que o Xico me olhava com o olhar inteligente que ele me fazia, só me apetecia contar-lhe tudo e dizer-lhe que o adorava por ele me ter posto a ver as ondas como me pôs a ver. Também estava cada vez mais apaixonado por ele.

O Jakob na Costa de Caparica a apanhar “ondas de merda” e eu a apanhar “ondas do caralho” com estes 3 lobos do mar que eram uma bruteza! O meu espírito ficava bruto com eles! Eles punham o meu espírito bruto! Foi muito importante eu ter conhecido o Vandame. Eu era um preconceituoso de merda! O Vandame tinha tatuagens. E eu odiava tatuagens. Achava horrível a economia das tatuagens. E o Vandame odiava “putos” como eu, que traziam fios de prata ao peito com uma cruz, vindos sobretudo de Santarém ou de Cascais. Mas eu expliquei-lhe o porquê de carregar comigo a cruz de Cristo. E percebi que ele riscava a pele com uma tinta que ia parar aos gânglios só porque lhe apetecia e porque ele era simplesmente parvo. Ele passou o tempo todo a gozar comigo. Às vezes, apetecia-me mandar-lhe à merda. Ele gozava com todos. Mas eu era demasiado sensível e tinha o meu cérebro só a querer escrever e a não poder escrever e os constantes gozos, sem ele se aperceber, interferiam na minha economia, interferiam na economia do meu cérebro. Eu estava em tantos filmes ao mesmo tempo, que os filmes dos outros atrasavam os meus filmes... Os meus filmes estavam sempre a ser interrompidos pelos filmes dos outros. Se perguntarem ao meu pai, o filme que estava a dar lá na mente dele era ele a ver-me internado numa psiquiatria por eu ter tentado cometer suicídio pelas coisas que ele me dizia e pelas forças que me tirava. Como se fosse isso que me pudesse levar ao suicídio! Talvez ele tivesse investigado bem os algoritmos com que *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom me tinha programado e talvez, por isso, tivesse decidido entregar-me a um processo tecnológico que sabia que, em princípio, não iria fazer mal à minha tecnologia, que iria interferir, mas que seria um processo que tinha que fazer parte do filme da minha vida. Mas e se a tecnologia dele falhasse? E se ele estivesse a ver o filme todo ao contrário? Porque eu achava que ele sempre esteve a ver o filme ao contrário e por isso, é que, sem querer, me pôs num filme de terror. E se eu estava num filme de terror, eu tinha de saber sair do filme de





nossos filmes a dar. Senão, os outros filmes vão sempre dar por cima dos nossos. Os filmes dos outros vão, com a sua tecnologia, competir com os nossos. Estamos no mundo dos filmes. Tudo é filmável. Tudo pode ser transformado num filme. A vida de todos pode dar um filme. Todos se sentem num filme. Todos se sentem que há um filme a dar dentro de si. Todos acham que estão dentro de um filme. Todos acham que a sua vida dava um autêntico filme. Todos querem transformar a sua vida num filme. Na Cordoama, então, era sempre um filme a dar. Era um constante filme. As ondas eram filmáveis. A neblina era filmável. Os surfistas eram filmáveis. Tudo ali era filmável. E tudo ali, queria aparecer no filme. O Stoffel chegava no seu motocross à praia, de capacete e prancha na mão, perguntava quem é que já tinha surfado e se tinham curtido, sentava-se, ficava a olhar para as ondas e dizia que parecia que estávamos num filme. E eu via outro filme a passar na cabeça do Húngaro, que com a farda de salva-vidas, atraía todos os banhistas que se tinham transformado em fotógrafos criminosos que subtilmente, cheios de truques e de más artes, o capturavam como se estivessem num secreto campeonato que só passava na *dark net*. E eu de fora, olhava para tudo aquilo e via como o Húngaro tinha permanentemente uma câmara apontada a ele. A câmara do Vandame estava sempre, por coincidência, estrategicamente, apontada a ele. Mas, por pura coincidência. Eles eram melhores amigos. A estratégia disto tudo era a “pura coincidência”. Mas e se não fossem melhores amigos e se o Vandame tivesse uma conta a render milhares na *dark net*? E se o Húngaro fizesse parte dessa renda? Numa Era tão tecnológica em que já está disponível a *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari, tudo vale. Todas as perguntas são lícitas e legítimas. Porque parece que é a tecnologia que as torna legítimas e lícitas ao mesmo tempo. E se eu também fizesse parte dessa renda, sem saber? Será que a *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari e o *Target – A Pegada Digital* de Ralf Kleba-Kodak falavam por si próprios, que pudessem justificar os filmes

que andavam a passar, afinal, na cabeça de todos? Porque foram as pessoas que se meteram nas tecnologias. Que instalaram porcarias de tecnologias nas suas vidas, nos seus namorados, nos seus amigos, nos seus filhos, nas suas relações, nos seus cérebros, nos seus corações. Eu percebo o medo do Thomas em estar na dark net. Sei muito bem o medo que é de estarmos a escrever e ninguém comprar o que escrevemos, porque toda a gente está a ler gratuitamente.

— Eu acho que não é muito bem esse o medo do Thomas, pai... Pois não, Thomas?... Estamos em 2080...

— Sim, estamos em 2080...

— E o que querem dizer com isso?

— Pai! O Thomas tem medo que o Sistema Perfeito seja perverso para com ele...

— Perverso? Porque haveria o Sistema Perfeito de ser perverso para o Thomas?

— Os algoritmos do scanner do Sistema Perfeito poderiam indiciar o crime de *cutcopypaste* se o Thomas registasse depois de alguém que já tivesse visto as coisas do Thomas na *dark net* e as tivesse levado primeiro que o Thomas ao scanner do Sistema Perfeito...

— Sim, não me apetecia nada apanhar injustamente uma multa pesada do Sistema Perfeito... Mas sim, é também pela sensação de sentir que o meu cérebro possa estar a ser vasculhado gratuitamente, tio. Porque assim, é claro que estarei sempre numa clara desvantagem. Assim, ando a ser cérebro para os outros. Assim, ando a produzir para os outros. Assim, ando a entreter e a informar os outros sem receber

nada por isso. Eu quero chegar a um dia em que me possa dar ao luxo de informar e entreter a sociedade de informação tecnológica gratuitamente. Tenho é que chegar a esse luxo. Quando chegar a esse luxo, que me vasculhem o meu luxuoso cérebro! Porque o meu cérebro é um luxo! Talvez, até seja um luxo sentirmos uma sociedade a vasculhar-nos o cérebro. Mas não pode ser um luxo só para a sociedade. Também tem que ser um luxo para nós.

— Sei muito bem a sensação que é de sentirmos o nosso cérebro a ser vasculhado gratuitamente. A ser acedido sem autorização. Sei muito bem a sensação que é, de vermos as nossas mensagens do telefone a serem investigadas, a serem lidas, decifradas por uma estúpida sociedade de informação tecnológica. Sei muito bem, o que é estarmos a escrever e em tempo real estarem a ver o que estamos a escrever. Por ter passado por tudo isso, é que legalizei esses tempos reais. Todos os Member Readers que me reconheciam, vinham ter ao meu colmo, às vezes, na Barriga, outras na Cordoama, outras no Castelejo, verem-me a escrever em tempo real e eu deixava, porque sabia que eram Member Readers da Jupiter Editions e não vinham atrás com o telefone para partilhar na *dark net*. Perguntavam-me para quando é que eu publicaria e eu respondia-lhes que publicaria se eu ganhasse o próximo concurso do plano editorial da Jupiter Editions. E perguntavam-me o que é que eu faria se não ganhasse. E eu respondia que teria que guardar nos cofres da Jupiter Editions e esperar pelo próximo concurso. Hoje, posso escrever na praia da Cordoama. Tenho essa liberdade. Ganhei essa liberdade. Mas dantes, não podia. O contrato de trabalho que tinha celebrado com a Audrey não me permitia. Então, o que é que eu às vezes fazia? Pegava no telefone e escrevia uma mensagem para mim próprio, como se fosse uma folha de papel. Fazia do meu telefone um bocado de folha de papel. Escrevia rápido. Para não me esquecer. Mas escrevia tudo muito codificado,

porque sabia que o que escrevesse no telefone podia ser hackeado. Alguém poderia ter-me instalado uma aplicação para espiar tudo o que estivesse no meu telefone e partilhar na *dark net*, por exemplo. Uma vez, peguei no telefone e escrevi que “se todos tivessem acesso gratuito ninguém compraria”. A minha janela das mensagens parecia que tinha “ganho” um scroll que se mexia sozinho. Para a janela ir para cima e para baixo, para eu ver as mensagens mais recentes ou mais antigas, para “puxar mensagens”, eu tinha que deslizar com o dedo no écran do telefone... E com o “novo scroll” era como se fôssemos dois ali a mexer. Eu a puxar para cima, mas “alguém” ou “algo” ou “um erro” a puxar o scroll para baixo. E com o Vandame à minha frente, sem tirar os olhos do ecrã, parei de deslizar e fiquei só a ver a “janela” a mexer-se sozinha como se uma mão invisível estivesse a tocar nela. Olhei para o Vandame e o Vandame fixava-me, naquele momento tecnológico, um olhar mentalista. Foi a primeira vez que ele me olhou assim, coincidentemente quando a janela das mensagens do meu telefone ganhou vida e um novo scroll, depois de eu ter enviado uma mensagem para mim próprio a dizer “se todos tivessem acesso gratuito ninguém compraria”. Ao sabor daquele assustador mentalismo com que o Vandame me penetrava o espírito só com o seu olhar, na rouquidão da sua voz perguntava-me se eu estava a curtir, num verdadeiro gozo tecnológico. Ri-me daquele mentalismo, daquela tecnologia, daquele espiritualismo. Lembrava-me de quando tinha escrito numa lícita *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari que, através do Wi-Fi, a Sofie conseguia estar ao meu lado no computador dela a assistir em tempo real ao bater teclado do meu cérebro conectado ao computador. Isto tinha-se passado em Sagres. E eu estava na praia da Cordoama, em Vila do Bispo, a pensar nisto e a pensar que se tudo aquilo que eu estivesse a escrever fosse partilhado de forma gratuita, eu podia vender os meus livros ao preço que fosse, que ninguém compraria, porque se todos tinham acesso gratuito à minha mente, ninguém iria pagar para ter

acesso a ela, quando poderiam ter um privilegiado acesso sem pagar. Em segundos, tive que saber que estava em 2020 e que eu sabia que em 2020 havia aplicações que se fossem instaladas no telefone de alguém dava para aceder à distância, noutra telefone por exemplo, todo o conteúdo do telefone hackeado. Mas o Vandame estava a fazer aquela espécie de mentalismo sem mãos. Ele não estava com o telefone dele nas mãos. Mas talvez, uma aplicação permitisse fazer “tremar” a janela. Ele podia ter conseguido conectar o telefone dele ao meu e com uma aplicação fazer “tremar-me” de medo. Há milhares de aplicações com milhares de funções. Há milhares programas, há milhares de programadores. Há milhares de filmes, há milhares de realizadores. E eu perguntava-me como é que o Vandame poderia estar conectado ao meu telefone se eu nem tinha ligado os dados móveis ou o Bluetooth. O que eu me lembro é de ver o Vandame a mexer no telefone dele, antes de eu pegar no meu. Por isso, se o telefone dele estivesse conectado ao meu, fosse por engenharia ou informática que fosse, ele podia escolher a opção “fazer tremar a janela das mensagens”, guardar o telefone e ficar a olhar para mim para ver em tempo real qual seria a minha reação. Até podia ter feito isto com uma aplicação que não vê as minhas mensagens, que só faz tremar a janela das mensagens andando para cima e para baixo como se estivesse a vasculhar ou como fosse capaz de ler. É este o problema da tecnologia. É que a tecnologia abre mil portas. Mil pensamentos. Mil direitos. E sem medos, fui simplesmente tirar partido desta tecnologia de pensamento que a *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari me tinha oferecido para abrir as possibilidades à beira-mar. Aquela janela era uma projeção do meu cérebro. Era um anexo de memória. Aquilo é que era o meu implante, por isso, é que não precisava de implantes nenhuns no meu cérebro. Uma janela, fora do meu cérebro, ou um bloco de notas ou um caderno, é que eram o implante. Isso já era tecnologia. E um bloco de notas, ou um caderno como os de hoje, não precisavam de estar nem

conectados ao nosso cérebro, nem à nossa mente, nem ao nosso telefone, para se poderem chamar tecnológicos. Bastava serem de papel reciclado e terem o QR código da Jupiter Editions que nos teletransportavam para o mundo da Jupiter Editions. Lembro-me de ter pensado que aquilo poderia ter sido combinado, por exemplo com o Húngaro, em que enquanto o Húngaro me hackeava a janela das mensagens, o Vandame ficava a olhar para mim, para que eu rendesse o meu pensamento a eles... Lembro-me que isto era uma cena dos *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke. Talvez eles estivessem só numa brincadeira nossa, a representar. Ou talvez, eles estivessem a querer dizer no seu espiritualismo à Jupiter Editions, que já era hora de transformar os *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke em filme, porque eles queriam entrar no casting de atores. E eu, perante isto, tinha que abrir o casting. Tinha que fazer “refresh” e tinha que adivinhar nisto a estratégia do pensamento espiritual a perguntar-se a si próprio, por que raio eu não me tinha assustado. Porque o truque era sentir-me um fantasma. Como se já tivesse morrido. Como se já tivesse morrido estrategicamente, como eles. Como se a única coisa que importasse fosse o espírito. E se eu afinal era um fantasma e estava no mundo dos espíritos, eu podia expressar-me à vontade. O que os espíritos não queriam, era que eu me expressasse. O que as empresas não queriam, era que eu imprimisse o meu coração. Mas eu tinha que o imprimir. E com a Jupiter Editions eu podia imprimi-lo. Queria lá eu saber que todas as editoras se tinham juntado com todas as gráficas para impedir que eu imprimisse. Eu ia imprimir. Se eu era um robot-escritor, então tinha que me conectar a um robot-impressora. A Jupiter Editions tinha que adquirir um robot-impressora. A Jupiter Editions não podia depender de uma gráfica. Os livros da Jupiter Editions não podiam ficar por imprimir, tinham que ser imprimidos. Porque a missão era só uma: mandar imprimir o meu coração com a Jupiter Editions. Porque era o slogan da Jupiter Editions que eu tinha nos meus ouvidos. Era só

o slogan da Jupiter Editions que eu precisava de ter nos meus ouvidos. Era só a música da Jupiter Editions que eu precisava de ter instalada nos meus ouvidos que combateria qualquer rap ou qualquer hip hop que me tentasse abafar. Nada me podia abafar. Estivesse todo o mercado e todo o mundo a querer ler gratuitamente o meu cérebro, a querer esmagar o meu coração, a querer abafar a minha voz, eu não tinha que ter medo, porque não estava sozinho. Estava sempre com o Jakob. Lembrava-me sempre do papelinho que o Jakob me tinha escrito e que eu tinha posto no bonito estojo da esferográfica tecnológica que ele me tinha oferecido como presente de anos, que dizia que ele estaria sempre comigo até contra o mundo. Esse papelinho dele é que era a minha música. É que era o meu hip hop. É que era o meu rap. Esse papelinho é que me deu sempre toda a força e me fez sempre voltar a escrever tudo aquilo que eu já tinha escrito com a mente. Foi por causa de um papelinho de 26 linhas escritas com a bonita caligrafia de médico do Jakob que eu nunca desisti, nem nunca parei de escrever. Eu sabia que ele era médico e sabia que em 2019, no estágio de Psiquiatria, tinha aparecido um “lunático” que dizia que lhe tinham posto um chip e que queria que os médicos retirassem. Sabia disto. Sabia que se dissesse ao Jakob que o Vandame tinha posto um chip no meu cérebro e lia os meus pensamentos porque eu tinha acabado de experienciar a tecnologia dele, ele por muito que me amasse dir-me-ia que eu estaria a alucinar. Eu tinha que saber olhar para a Psiquiatria e para a Psicologia. Tinha que ver que elas ainda não eram tecnológicas com estas tecnologias que só apareciam através de mãos invisíveis muito poderosas. E elas viam lás as mãos invisíveis...! Hoje, já as conseguem ver... Mas isso é hoje! Então, eu tinha que ver isto de outra forma. Podia fazer disto um caso de Direito Penal ou podia ser mais inteligente e ver que o Vandame gostava de mim e do Jakob e que talvez quisesse só alertar que a janela das minhas mensagens pudesse ser hackeável e pudesse estar a ser partilhada por uma sociedade de informação



tecnológica em que ele tinha que lá estar disfarçadamente de Demónio Tecnológico para cumprir com sucesso a missão de Anjo Tecnológico ou podia fazer um “refresh” e ver isto como uma pura coincidência tecnológica, por mais espiritual e tecnológico que tenha sido e eu tenha sentido. E talvez os espíritos só quisessem ver como é que eu reagiria ao saber que estava num mundo de espíritos que era governado por demónios. Mas isto era tão desgastante. Não poder escrever quando eu queria. Ver o demonismo e não poder ser mais demoníaco que o próprio demónio e enfrentá-lo com uma esferográfica num instante. Era horrível, eu chegar a casa cansado, deitar-me só para descansar meia hora, mas depois adormecer, acordar sem ter jantado de madrugada e depois por ser madrugada não poder fazer o jantar, por causa da Sofie, não poder abrir águas ou portas, por causa do barulho. Não poder fazer um chá preto para me aguentar a noite toda, por causa do barulho, porque a Sofie já estava a dormir e eu iria acordá-la se mexesse no fogão, se mexesse no que fosse. Mas eu, ao estar a bater tecla, a pôr a ficha do computador na tomada, já estava a acordar a Sofie, e quer dizer, eu não podia deixar de bater tecla no computador... Senão então é que não produzia nada... Porque eu chegava cansado do trabalho, começava a bater tecla e adormecia de tão cansado que estava com o privilegiado pôr do sol a aparecer ao lado da luzinha do farol de São Vicente sempre a rodar e a piscar. Mas eu acabava por ficar feliz neste cansaço, por saber que estava cansado cheio de emoções e memórias vivas do dia e não era nenhum robot. Mas afinal, em 2020, descobriu-se que robots inteligentes começavam a experienciar emoções e precisavam de descansar e *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto vinha outra vez toda a *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari. Será que sou um robot-escritor? Tinha escrito *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto 12 livros ao mesmo tempo. E via a chegar à Jupiter Editions 9 novos espíritos de autor que parecia que estavam todos conectados numa estranha Internet de Coisas. Será que tinham

escrito os 8 numa mesa redonda em complô como se fossem *Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy? Será que estes 8 espíritos de autor tinham hackeado o meu? E *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto eu tive que decidir de olhos fechados. E quando os abri, vi a Jupiter Editions, com este 1º Grande Plano Editorial e com uma rigorosa matemática da tabuada dos 9 que ditava que o 2º Plano Editorial teriam que ser 18 livros, o 3º Plano Editorial 27 livros, o 4º Plano Editorial seriam 36 livros, o 5º Plano Editorial tiveram que ser só aqueles 45 livros; e depois o 6º Plano Editorial não sabia se podiam ser 54 livros ou 36 livros, mas sempre dentro da tabuada dos 9. E nesta matemática que eu ia compreendendo melhor com as ondas da Cordoama que me mostravam que um período de 18 fazia as ondas virem com ainda mais energia do que o período de 9, porque a onda tinha tido tempo para acumular mais energia, vindo com ainda mais força, vi 9 barcos à vela e 18 gaivotas a anunciar a lua nova. Vi 27 surfistas a saírem como espíritos do mar, vi 36 bodyboarders a entrarem na água e vi 45 gaivotas a anunciar outra vez a lua nova. Lembrava-me que era editor e tinha que ir editar *O Algoritmo do Amor*, porque o Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala com a sua inocência, tinha escrito com o coração as memórias de uma marca de bicicletas que tinha nascido de uma empresa familiar que lá com os seus traumas se tinha conseguido tornar numa sociedade anónima. Ora, no meu papel de editor, eu não podia deixar a marca passar em branco sem saber primeiro se a marca estaria interessada em fazer uma parceria com a Jupiter Editions ou dar algum apoio à publicação do romance. Mas a marca não quis apoiar o romance do nosso Jaimezinho, a empresa não quis saber do Jaimezinho, muito menos se queria associar a um romance entre um Jaimezinho e Fredezinho... Se ainda fosse uma Frederica... Agora um Frederico e um Jaime? Com duas pilinhas? Nem pensar... E nesse romance fui alterar o nome para Bike Neptune. E sem querer, nasceram de verdade as Bike Neptune de bambu. Depois já eram de bambu com

células fotovoltaicas que usavam a energia solar para ajudar a subir os zig zags da Cordoama até à vila. Nunca tinha achado piada às bicicletas elétricas. Não queria entrar nesse mercado. Era muita energia que se gastava para as fabricar. E era assim, nesta minha fábrica de pensamentos, que eu via como eles queriam mexer com a economia. São números que explicam o nosso processamento cerebral. O nosso cérebro é feito de números. As letras são feitas de números. Há uma matemática incorporada nas letras, escrita nas frases, as frases estão cheias de algoritmos. Porque a expressão, é algorítmica, porque é baseada em algoritmos. Eu tenho os meus. E vi que o meu corpo tinha sido instrumentalizado por uma mão das mãos invisíveis, nem pensem que eu vou dizer que era a de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi, porque não vou; vou dizer sim, que senti em cima de mim a mão d'O *Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom que me mandou imprimir a história da Jupiter Editions e me mandou incluir na Jupiter Agenda a “Viagem a Moçambique – Combate à Fome”. Mas tudo nisto eu pensava se seríamos robots d'O *Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom. Será que somos robots? Somos o quê? Somos algoritmos? Já que eu, às vezes, escrevia em rede, eu pensava na minha lícita *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari, que os algoritmos podiam ter comunicado entre si e podiam ter conspirado todas as redes contra mim e eu bem que podia tentar fazer um anúncio no Facebook que os algoritmos iriam saber que a empresa era minha e iriam levar o anúncio justamente a pessoas que sabiam que só faziam gostos, comentavam, mas que não compravam nada ou que não tinham poder económico para tal, porque os algoritmos sabiam tudo, quem tinha feito compras online, quem recebia mais que 5 mil, quem isto e quem aquilo e na altura não havia a opção de mostrar a um potencial leitor que tivesse comprado um livro do preço dos meus, numa loja online, nos últimos 2, 3 ou 4 meses, porque se era um algoritmo que eu queria, então era este!... Mas eu só tinha 15 minutos de manhã para poder escrever antes de ir a correr atrasado

para a Cordoama. Mas ao menos escrevia com o nascer do sol na minha visão periférica. Eu tinha vista para o nascer do sol. Não tinha tempo para pensar em como estava sofisticada a tecnologia algorítmica dos anúncios do Facebook e do Instagram que viam todos presos ao ecrã, como eu via, e que o que eu mais queria, para além de começar a vender, é claro, era tirar todos do ecrã; só que primeiro, eu tinha que aparecer-lhes como anúncio num ecrã, tinha que ser um algoritmo, ter a capacidade de me transformar num algoritmo e só nesta viagem tecnológica que me fazia sentir que estava ligado a uma máquina invisível que analisava ao segundo toda a minha inteligência de marketing, eu não tinha tempo para pensar em robots com cérebros biológicos, não tinha tempo para ver o telescópio James Webb que ia investigar astronomicamente os romances de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi, não tinha tempo para ver que afinal todos os plásticos já podiam ser recicláveis graças a uma nova tecnologia; o que eu tinha tempo para ver, era que o Google estava a tornar-se insuportável, porque cada vez que eu tentava fazer uma pesquisa, estava sempre a trazer-me uma janela para eu concordar com os termos, mas eu nunca aceitava, lia sempre a política de privacidade e tinha que entrar em cada link das opções de privacidade para desativar uma infundável lista de parceiros que não queria que analisassem o meu cérebro e as minhas interações. O Google parecia que estava a testar-me. Para ver quando é que eu desistia e carregava no botão que dizia que concordava com tudo. Mas eu não concordava com a Google. E a coragem de escrever isto na altura? Porque parecia que era preciso uma coragem para ler pacientemente a política de privacidade e desativar pela milésima vez os anúncios da Google!!!! Sabia que a Google trabalhava com empresas e entidades de várias formas. Mais de dois milhões de Websites e aplicações que não são da Google fazem parceria com a Google para apresentar anúncios. Sabia que a Google dizia que não partilhava com os seus parceiros de publicidade informações, mas lá explicitava, que só

não partilhava com os parceiros de publicidade e dizia que também não partilhava as informações que me conseguissem identificar pessoalmente, salvo, é claro que fazia uma ressalva, indicação expressa nesse sentido. Mas que por exemplo, se eu visse um anúncio a uma florista próxima e selecionasse o botão “tocar para telefonar”, a Google veria aqui uma “expressa indicação minha”, não sei do quê, nem sei como e partilharia o meu número de telefone com a florista. Para dizer que analisava as conversas ouvidas pelo telefone ou pelo computador que eram enviadas pelas aplicações ou mesmo pelo próprio telefone ou pelo computador aos serviços secretos da Google com ações no Big Data, a Google dizia num tom muito cordial que “poderia”, “eventualmente”, recolher “informações” de voz e áudio. E estava feito o seu papel no aviso a que estava obrigada legalmente a fazer. E enquanto eu saía de casa a correr, via a Google a dizer que recolhia informações para prestar “um melhor serviço” a todos os utilizadores desde dados básicos como o idioma que falava, vendo, ouvindo e sabendo quem é que era fluente ou não a inglês, até dados mais complexos como as pessoas que eram mais importantes para nós online e com quem andávamos a trocar nudes. E aqui, vinha a Google dizer para não nos preocuparmos que não via as nudes, mas que tinha algoritmos sofisticados que lhe diziam quem é que tinha trocado uma nude, quem é que era solteiro e quem é que andou a trair a sua namorada com um dos *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke. Porque até a Google já tinha lido os *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Biekle. E vinha a Google perguntar-me do que é que eu estava à espera para transformar os *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke em filme, quando todos queriam ver uma indústria gay a objetivar uma orientação sexual. Porque já estava tudo a sair do armário. Os *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke mostravam à sociedade de informação tecnológica quem é que tinham capturado para as suas camas tecnológicas e com que tecnologias é que tinham estragado a tecnologia dos inocentes mamilos.

Mostravam tudo. Até mostravam as nádegas e o chumaço que a pila deles fazia como se estivessem numa montra tecnológica, como se quisessem ir parar à coleção virtual de “very hot gays super straight”. E era o Google com olhos de ver, a ver tudo isto, a processar tudo isto. E depois era sempre a nova publicidade para as empresas que faziam ver a importância da análise dos dados, do poder deles para melhores estratégias de marketing e a falar da indústria do Big Data como se fosse um mundo cor-de-rosa cheio de oportunidades para analistas, tratadores e encarregados de dados, e entretanto, lá chegava à praia num voo tecnológico *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto, a ver tudo isto. E ouvia a Google a continuar a dizer que recolhia informações sobre as aplicações ou navegadores ou dispositivos que utilizávamos, por exemplo, que sabia que eu não tinha mais instalado o Grindr, mas que sabia que já tinha tido instalado antes do Jakob e que sabia que desde que o Jakob apareceu na minha vida, eu desinstalei o Grindr e nunca mais voltei a instalar, nem nunca mais passei horas a ver os corpos nus dos rapazes que apareciam como algoritmos no Instagram, mas que não era por isso que o Instagram deixava de me continuar a trazer rapazes parecidos com todos os outros em que tinha “clicado”, “interagido”, porque o Instagram tinha boa memória informática e não se esquecia nunca dos meus algoritmos. E continuava a ouvir a Google, a dizer que também recolhia informações sobre o tipo de dispositivo para poder reduzir a luminosidade do ecrã se ficassemos com pouca bateria, e foi assim, que a Google começou a ter poderosamente controlo nos nossos dispositivos. E dizia sem medos nenhuns, que também recolhia o conteúdo daquilo que nós criássemos no Microsoft Word, via que contas e matemáticas andávamos a fazer das nossas vidas nas folhas de cálculo, que tipo de comentários fazíamos no You Tube, que via os termos que tínhamos andado a pesquisar para ver se andávamos ou não com a cabeça em Marte, na Lua ou em *Jupiter* de Gabriel Garibaldi e lembrava-me que uma ideia

científica tinha dito que tubos de lava podiam ser moradias de humanos em Marte... Sentia-me um verdadeiro extraterrestre com tanta informação a passar a mil à hora. Sentia-me um simples viajante do tempo num corpo tecnologicamente minúsculo. Uma vez fui da Cordoama até à Barriga pelo areal e encontrei uma louva-Deus. Sabia que pelo tamanho era uma fêmea. Ela parecia que estava morta. Estava virada ao contrário. Peguei nela e continuei a andar. Ela começou a mexer. Ela não se mexia. Simplesmente parece que estava a ressuscitar. Lembra-me de uma formiga que eu tinha visto na minha mão que tinha sido esmigalhada, a montar-se, como os robots-drones se montam, estão a ver? Uma configuração espetacular! Lembra-me da estrela do mar que eu tinha apanhado na areia e que na palma da minha mão se tinha começado a mexer e eu ia em grandes correrias ao mar ia buscar mais água salgada. Não podia lançar a estrela ao mar, porque ela iria morrer. Tinha os braços partidos, os braços estavam a desfazer-se e ela parecia que agradecia aqueles horas de vida. Foi lindo de se ver, toda estendida numa palma das minhas mãos com os braços partidos dela a entrelaçarem-se nos meus dedos. Eu parecia feito daquilo. Parecia que tinha vindo de uma estrela do mar. A estrela do mar parece que me dizia que eu já tinha sido uma estrela do mar. Dum taparuere, improvisei um aquário com areia, pedras, algas... E a estrela do mar ainda sobreviveu algumas horas. Eu sabia que as estrelas do mar regeneravam, então a minha ideia era vê-la a regenerar e assim que estivesse mais forte devolvê-la ao mar. O mar estava fortíssimo, não podia lançá-la ao mar, porque as ondas iriam encarregar-se de voltar a trazer à costa e ela iria-se partir toda, iria-se desfazer toda, iria morrer. Encontrei-a na areia, seca. Parecia que estava morta. E eu vejo-a a ressuscitar nas minhas mãos...? Só que eu não sabia que a água do “meu aquário” tinha que ser oxigenada, tinha que ter uma bomba, ou então tinha que estar constantemente a mudar a água do aquário, tinha que estar sempre a trazer água do mar. E no meu instinto, foi isso

mesmo que eu fiz, sem saber, estava sempre a mudar a água enquanto estava ali na praia. Mas depois durante o caminho a estrela do mar não aguentou o tempo na mesma água sem oxigénio. Se eu soubesse teria enchido garrações de água e tinha vindo o caminho todo a mudar a água. Mas eu não sabia. Só soube depois. E estava com aquela louva-Deus na minha mão a pensar como foi mágico ter visto a estrela do mar e a formiga a ressuscitarem nas minhas mãos, e de repente vejo a louva-Deus a ressuscitar. Começa-se a mexer. Mas muito pouco. Como se tivesse sido atropelada e estivesse só a levantar os dedos de uma mão para dizer que estava viva. Só para dar sinais de vida, tal como a estrela do mar. E é claro, quando eu vejo sinais de vida, protejo logo a vida! Cheguei à Barriga e pensei em “abandonar” a louva-Deus numas ervas verdes nas dunas da Barriga. As dunas ainda lá estão. O restaurante que eu abri para a Joana feito todo ele de bambu não estragou nem um bocado das dunas. Ali na praia da Barriga, o nosso restaurante vegetariano tinha mesmo que se chamar o restaurante dos Barrigudos. Eu e a Joana tínhamos combinado o cardápio antes de eu ter ido à Barriga e ter encontrado aquele inseto que estava fora do nosso cardápio. Estamos em 2080, anda tudo a comer insetos, menos as abelhas, as borboletas e as baratas com maminhas... Tudo por causa dos nutrientes... Mas na altura, era um nojo... Ninguém, em 2020 comia insetos! Só os chineses! Os chineses sempre foram pioneiros em tudo.

— Mas o tio come insetos?

— Eu, não, Thomas! Acha? Olhe bem para mim? Tenho cara de louva-Deus para andar a comer outros insetos? Os louva-Deus é que comem insetos vivos... Se lhe der mortos, não comem... Sabe que em 2020 ter um louva-Deus como “animal” de estimação foi uma moda? Se pesquisasse no Google sobre como cuidar de um louva-Deus tinha



imensos tutoriais... Os que se apaixonaram pelos louva-Deus é que estiveram na linha da frente a protegê-los de irem parar ao mercado, como foram as moscas da fruta sem asas para serem vendidas aos criadores de louva-Deus... Eu era contra isto, como devem imaginar!... Punham o louva-Deus num aquário separado de outro, porque senão comiam-se vivos. Sempre desprotegi animais com práticas canibais... Mas o louva-Deus não é um animal... É um inseto... Tem desculpa... Como as aranhas... A maior parte delas, senão todas, são canibais... São solitárias e canibais, mas têm desculpa... Não são animais inteligentes como o polvo. O polvo não tem desculpa para ser canibal. Não concordam?

— Sim, tio.

— Pai, e porque é que o restaurante dos Barrigudos sempre foi vegetariano e nunca teve polvo? Ao menos, podia ter polvo... Com um mar com tanto polvo...

— Por causa da Joana. Sabe que o Jakob estava com medo que a Joana o tornasse vegetariano? Dizia ele que não podia ser vegetariano, por causa do intestino dele... Vejam bem, as desculpas que o Jakob arranjava... Dizia que a comida vegetariana tinha muita fibra, e o intestino dele irritava-se com tanta fibra... Eu ria-me muito. E a Joana também... E o Xico também... E com eles, fomos comendo outras coisas... O Barrigudos é que alimentavam as nossas praias da Barriga, da Cordoama e do Castelejo. Quem queria polvo era só comprarem aos pescadores que saíam ao vivo e a cores do mar numas licenças que me deram um trabalhão para conseguir tornar o filme real. Era outra economia. Era outro negócio. Nesse, eu estava metido com o Corte-Real.

— Ou seja, o pai foi para Sagres só para fazer negócios...

— Sim, sem querer fui fazendo negócios... Sabia lá que as ondas estavam à venda! Eu sabia lá do que soube, quando lá cheguei... Quando lá cheguei vi uma coisa, mas depois vi outra... Às vezes, não basta ir aos sítios; é preciso envolvermo-nos neles! Eu não deixei a louva-Deus na Barriga, porque se a entregasse à Natureza, perigosa como ela é, enviava predadores que devorariam a louva-Deus. E alguém na praia dizia que era o ciclo natural e que eu não me devia meter. Mas eu discordava. A louva-Deus estava indefesa e se apareceu no meu caminho eu podia protegê-la. Se aos olhos de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi alguns humanos valem tanto como insetos, e se eu, humano, presto socorro a um humano, porque é que não posso também prestar socorro a um louva-Deus?

— Sim, essa é fácil... Claro que pode, pai...

— E era o que mais faltava, eu não poder e dizerem-me que eu não poderia intervir! Era *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom que me estava a mandar intervir.

— Claro... E o pai que não falasse logo n’*O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom, depois de ter falado de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi, com medo que os algoritmos do Sistema Perfeito achassem que o pai tinha comprado uma viagem intragaláctica à procura de *Dons*...

— Como se eu tivesse medo...

— Não se preocupe que nós não dizemos ao Triângulo que o pai anda a querer passar para o outro lado...

— Que outro lado? Para o Pentágono? Deixem-me rir!... Antes passava primeiro pelo Trapézio... Sem ofensa, Thomas... Não tenho nada contra... Enfim... É melhor ficarmos por aqui...

— Está a ver o que dá interferir com a Natureza? Ainda por cima com bichos que passam o dia inteiro, com as suas patinhas para cima, a rezar aos *Dons*...

— A rezar aos *Dons*? O louva-Deus, bicho tecnológico como é, reza é a' *O Deus Tecnológico*... Já olharam bem para as suas antenas??? E para os seus olhos tecnológicos que giram 360º? Aquilo é tecnologia de ponta... *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom equipou-o com tudo... Cheguei com o bicho nas mãos na Cordoama, o Xico preparava-se para entrar no mar e começou logo a gozar-me, a dizer que eu devia ter a mania que era Cristo. E depois foi outro gozo, o dia todo. Eles não se calavam com o louva-Deus. Gozavam-me por tê-lo no taparuere e insistiam para que o deitasse nas ervas. O Vandame gozava e perguntava-me, se eu achava que ia curtir de estar dentro de um taparuere com uma casca de banana a fazer de cama. E eu dizia que o que eu não iria curtir, era ser devorado por um inseto. Uma vespa tinha acabado de devorar a cabeça de um inseto, mesmo à frente dos nossos olhos. A minha louva-Deus não ia ser devorada. Se estava comigo, estava protegida. E eles todos e o Vandame repetiam. vezes sem conta, que o bicho estava mais que morto, porque não se mexia, mas eu via-o a mexer. Estava a dar-me sinais de vida. Apareceu o sobrinho do Vandame com as mãos cheias de areia, pronto para enterrar o bicho e vi o Vandame a salvar o bicho. Percebi que aquilo era só um gozo. Que aquele gozo fazia parte do meu processo. Que eu tinha que passar por aquele processo. Se eu queria muito uma coisa, se eu queria muito levar a minha ideia para avante, eu tinha que levá-la. O que eles queriam, era verem-me a defender as minhas ideias. Eles só

queriam que eu tivesse certeza na minha intuição. Eles só queriam que eu visse a minha intuição. E na minha intuição, levei a louva-Deus para casa, porque dizia na praia que ela só precisava de descansar, só precisava de uma boa noite de sono e que de manhã bateria as asas e estaria pronta para viver durante 1 ano. Dizia para mim próprio, que se aquele louva-Deus vencesse o ensurdecedor tubo de escape roto e os zig zags a subir, então estava mais do que pronto para a vida! Eles diziam que eu, também era um louva-Deus. Porque estava sempre a louvar Deus. Eles viam-me sempre em permanentes orações tecnológicas a'O *Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom. Viam as minhas orações, porque as hackeavam como *Anjos Tecnológicos* d'O *Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom. Eu via-os como *Anjos Tecnológicos*. Enviei uma mensagem ao Vandame a dizer que o louva-Deus tinha batido as asas, que estava só numa muda de roupa, que as fêmeas podem mudar até 7 vezes e que na muda ficam mais frágeis. E ele respondeu-me com uma bruteza dele muito natural que, para eu provar que era Cristo, tinha que levar a roupa para a praia que o louva-Deus me tinha deixado. E eu levei. Levei uma asas tecnológicas. Apareci na praia, a voar. Parecia que eu já sabia que ia ser “dono” daquela praia. Quando temos asas, quando nos sentimos com asas, sentimo-nos donos de tudo. Sentimo-nos livres. Quando nos dão asas, quando nos dão as asas, sentimo-nos verdadeiramente livres. E eu já não sabia quem é que me tinha dado as asas. Se tinha sido o louva-Deus, se tinha sido *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom, se tinha sido a Audrey, se tinha sido o Xico, se tinha sido o Vandame...

— Foi o tio Vandame! Não foi, pai?

— Sim, foi. E comecei a olhar para o Vandame com outros olhos, comecei a olhar para ele com os olhos da Jupiter Editions. E foi assim, que lhe fiz o primeiro convite.

— O quê? O tio Vandame é um ator convidado pela Jupiter Editions?

— Sim, meu filho. A Jupiter Editions convidou-o para aparecer no Kanal Jupiter. Convidou também a Joana, o Zé Luís, a Audrey, o Abreu, a Char, o Moreno, o Corte-Real, a Marina, a Rossio, o Húngaro, o Russo, a Viona, a Eva, o Stoffel, a Oceana, o Bravo, o Lobo, o Nic, as cozinheiras do bar da Cordoama... E ainda viu beijinhos de bastidores entre a Viona e o Russo e entre o Bravo e o Lobo. Convidou também o Rupert e a Kerstin. A Viona ficou namorada do Russo. A Char e o Stoffel são os irmãos da Viona. A Eva é a mãe da Char, do Stoffel e da Viona. Foram os primeiros holandeses a ganhar direitos para surfar nas ondas da Cordoama. E os primeiros holandeses a quererem traduzir com a Sofie os livros da Jupiter Editions... O Moreno é o marido da Char que com o Húngaro e o Côrte-Real, são os nossos pescadores, sabem onde há polvos. Vi o Stoffel a começar a pescar com eles. A Oceana é a mãe do Vandame. O Rupert e a Kerstin são alemães que se apaixonaram pela Cordoama e nunca mais quiseram voltar para o secreto lago deles, onde não dá ondas. O Rupert e a Kerstin olharam para os livros da Jupiter Editions e transformaram-nos em músicas e quadros. O Jakob chegou a tocar nos nossos barzinhos e no Rok Garden do Musical Hotel Central, com o Rupert e com o Russo... Faziam com cada concerto...! E o Vandame também tocava e cantava com eles... Por causa do Vandame, convidámos Time For T para vir tocar ao Rok Garden, que entraram quase a incendiar tudo com a Fire On The Mountain que lançaram em cima da Pedralva, quando eu vi os montes da Pedralva por detrás da Cordoama a arder em 2020. Tocaram todas as inglesas, a You Seem Intelligent, a Blue Train, a Ronda, a Long Day Home... A Rossio fazia massagens ao pessoal e implorava para traduzir com a Marina para castelhano *O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala... Mas o Inácio já

tinha dito que queria ficar com esse. Eles que se entendessem lá no castelhano deles. O Inácio gostava muito da Rossio e da Marina. Conheceram-se na Cordoama. A Rossio aparecia muitas vezes na praia a dizer que as ondas estavam “una mierda”. Ficava zangada e indignada com *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom que não carregava no botão do programa das ondas para dar “ondas de jeito”. E lembro-me que quando não estava “a dar ondas”, que a Rossio se ia logo embora, mas eu já ficava feliz por tê-la vista e por tê-la ouvido dizer que as ondas estavam “una mierda”. Se ela visse as ondas em casa através de uma câmara que tivesse sido instalada na praia, sabia que ela nem sequer sairia de casa. Como sabia que se todos vissem que estava a dar ondas na Cordoama ia ser um *crowd* inimaginável no *set*. Lembro-me de às vezes não perceber como é que não havia câmaras e como é que os locais sem irem à Cordoama sabiam que não estava a dar ondas na Cordoama... E eu ali na Cordoama só com os holandeses e com os alemães...

— Pai... Essa é fácil... Porque um local já tinha ido de manhã, já tinha fotografado as ondas e já tinha publicado na Internet dos Sufistas...

— Exato... Fosse essa Internet o WhatsApp ou o Facebook ou o Instagram... Mas eu às vezes esquecia-me que a Internet existia... Como sempre estive muito fora da Internet... Esquecia-me que ela existia... E se eu estava demasiado fora, outros estavam demasiado dentro, deixando a Internet fazer decisões importantes sobre as suas vidas. Lembro-me de ver o Vandame a tirar um “bife” do mar com bandeira encarnada que era um “beginner”, que saiu do mar contrariadíssimo e indignadíssimo a dizer aos berros que tinha visto na Internet que a praia da Cordoama era para “beginners”, quando a praia da Cordoama é só para quem tem skills, e vi o Vandame

completamente estupefacto com a reação do “bife” que de frente para o mar com ondas com um tamanhão de respeito lhe perguntava se ele achava que o mar estava bom para “beginners” e era o estúpido a querer ir buscar o telefone para se ligar à Internet para “provar” que o mar era para “beginners”, porque “estava escrito na Internet que aquela praia era para beginners”. Eu ficava burro de ver isto. Mas era importante eu ver isto. Como era importante eu ver que um verdadeiro local, como o Xico, só precisava de saber se o mar estava mais pequeno ou maior que o dia anterior para saber como é que estavam as ondas, porque local como era, podia estar em Sagres com o vento de Sagres, mas saber que vento é que estava a dar na Cordoama e se o vento ia ou não girar, tudo num cálculo natural, para saber se estavam a dar ondas ou não na Cordoama sem ter que hackear nenhuma câmara...

— Já sabemos que o Xico não hackeou câmaras... Só hackeou o coraçãozinho do pai...

— Sempre achei as câmaras para as ondas tão úteis como quem visse a sua utilidade. Nunca usei câmaras para surfar. Vou. Às vezes tão ondas fixas. Outras não. Mas é sempre uma descoberta. E muitas vezes, é só um set de ondas e acaba logo. Às vezes é uma sorte. Ou já se está lá ou não vale a pena ir a voar, porque quando chegarmos já não está a dar. Mas às vezes está a dar o dia todo. E há quem não veja só ondas. E fique na praia simplesmente a desfrutar sem ondas. Isto é mesmo linguagem de surfista. Porque só um surfista é que diz que está numa praia sem ondas. “Como se fosse possível uma praia não ter ondas, como se fosse possível num mar não estar a dar ondas, como se a espuma não contasse”. Lembro-me que quando o Mike chegou a primeira vez à Cordoama ficou a olhar para o mar e disse que as ondas estavam muito fortes. E eu disse que não estavam a dar ondas. E muito indignado ele perguntou-me como é que eu podia estar a dizer que

“não estavam a dar ondas” se ele estava a ver ondas. E eu ri-me. E disse-lhe que ele dizia que estava a ver ondas, onde elas “não existiam”, porque ele ainda não era surfista. E lembro-me de ele concluir que estávamos a ver mares diferentes ou filmes de ondas diferentes. Mas o filme que estava a dar era o mesmo para os dois. E como há quem não veja ondas, há quem só veja ondas e se esteja completamente “a cagar” se a praia é amarela, se as nuvens são cor-de-rosa, se há ou não mil drones a voarem, porque só quer é entrar e surfar num mar com ondas, está-se completamente “a cagar” se está a surfar numa praia com areia que foi trazida de Marrocos, se tem uma Golden Gate por cima ou se está dentro de uma piscina de ondas completamente programadas. E eu percebo perfeitamente que um surfista queira “treinar” e tenha que ir treinar o seu teatro de ondas para um palco onde esteja a dar ondas. E, portanto, vejo a utilidade das câmaras para as ondas se de facto surfistas profissionais disserem que as câmaras são necessárias ou são uma tecnologia útil e não pérfida. Mas são os surfistas profissionais juntamente no interesse dos surfistas locais que devem decidir se uma praia deve ou não ter as câmaras para as ondas. São só eles que devem decidir. Outra coisa é estarmos a falar de câmaras de vigilância na praia. Quando os surfistas descobriram que a antiga Câmara Municipal de Vila do Bispo queria instalar câmaras de vigilância e antenas de 5G nas praias da Jupiter Editions, foi uma guerra dos diabos! O Nic, como um espírito do mar, simplesmente apareceu nas ondas da Cordoama a surfar com a Joana. Sabíamos que aquele surf era o passe de dança que cronometrava e ligava ao mesmo tempo todos os nossos corações numa Internet nossa para salvarmos os nossos cérebros, os nossos corações e as abelhas! E foi a gritar, num longo silêncio combinado, que as ondas abafaram, que conseguimos vencer a guerra. Vencemos a guerra tecnológica! A praia da Cordoama nas minhas mãos, do Vandame e do Xico ficou intacta até hoje.



— E o Bravo e o Lobo? Também entraram na guerra de prancha na mão?

— Sim. Foram dois namorados que largaram as pranchas tecnológicas semi-automáticas e voltaram a apaixonar-se na praia sem rede... Estavam demasiado presos à *Rede*. Ali, na Cordoama, puderam libertar-se e vi como eles se voltaram a apaixonar. É verdade... A Cordoama também cura amores. Leva amores, mata amores, quando os embate contra as rochas ou os leva na corrente, mas também cura amores. Cura muitos amores. As ondas das Cordoama são poderosas para curar qualquer depressão. Nem com o típico nevoeiro constante da Cordoama, que lhe dá o ambiente cinematográfico perfeito que a Jupiter Editions quis logo, nenhum espírito ali se pode deprimir. Aquilo é um palco a sério. Foi o meu palco em 2020. Foi a Cordoama e Sagres. Foi o palco que me libertou, que me deixou realizar tudo aquilo que eu quis realizar. Quando saía de Sagres, a caminho todos os dias da Cordoama, desde junho a setembro, eu não podia parar o carro para escrever o que o meu cérebro estava a escrever na minha mente. Eu tinha que ter paciência. Porque o contrato de trabalho não me deixava parar o carro na berma em 4 piscas e escrever em tempo real o filme que estava a dar na minha mente, a escrita que estava a dar no meu cérebro. Se eu não estivesse preso a um contrato de trabalho, eu teria parado o tempo e escrito tudo com tempo. Mas o tempo era outro, eu andava *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto e só me restava ficar a ver os filmes a passarem como ficava a ver as ondas a darem e rezar para quando chegasse cansado no final do dia a Sagres, conseguisse escrever o que tinha visto escrito na minha mente. Mas simplesmente, o meu cérebro não ia voltar a escrever, porque já tinha escrito. Eu sabia disto. E às vezes, com tudo isto, eu ia abaixo comigo próprio; só que eu não podia ir abaixo, ainda por cima quando já estava tudo à espera. Sabia que tinha chumbado o ano, mas andava a dizer na praia que tinha

corrido tudo bem. Andava a escrever às escondidas e por andar a escrever os meus livros, nem sequer abria os livros do curso de Direito. Eu estava noutra sistema e via como eram tecnológicos os códigos de Direito. Os códigos de Direito eram piores que vídeos. Sabia que se os lesse, nunca mais ia sair dali e ia ficar preso aos códigos. Mas eu tinha também os meus códigos para escrever. Também tinha uma linguagem jurídica. Também queria escrever os novos códigos com *Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy. Primeiro eu tinha que escrever aquilo que *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom divinamente me oferecia. Eu não ia desperdiçar uma oferta d'*O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom num mundo tão tecnológico e deixar que a tecnologia do Direito me prendesse para sempre ao Direito como um escravo do Sistema Velho. O Sistema Velho acabou! Se eu tivesse entregado o meu espírito ao Sistema Velho, teria acabado como ele! As coisas estavam a ficar demasiado sérias para eu fazer um “refresh” disto tudo. Havia coisas que não podiam passar em branco, como ter que ser obrigado a ir parar ao Zoom e ser obrigado a ser visto e ouvido pelo governo Chinês. Como as câmaras de vigilância que de repente se instalaram na Faculdade de Direito sem placa nenhuma amarela a dizer que a nossa imagem estava a ser vista sei lá por quem... Mas mesmo que tivesse placa amarela, não se admitiam câmaras numa Faculdade de Direito, e eram câmaras até na zona de convívio... Depois lá apareceu a placa amarela a dizer que quem ia tratar as imagens que passavam nas câmaras ia ser a Direção da Faculdade de Direito, que tinha um diretor feito de carne e osso com olhos humanos e com um cérebro humano com ideias humanas. Agora os professores e os diretores iriam todos ficar a saber quem é que se dava com quem... Câmaras de vigilância numa biblioteca só porque há roubos na biblioteca???? E o processamento que se faz do meu estudo? Das horas que eu estou a estudar, dos livros que estou a estudar, das páginas que estudei e das páginas que saltei... Isto era a gozar comigo, só podia! Numa *Paranóide*

*Tecnológica* de Federico Ferrari, mais parecia que eu estava num programa de extensão de vida artificial e que isto que se estava a passar não era vida real nenhuma, porque isto não se podia tornar na vida real! Câmaras de vigilância na biblioteca? Talvez nas Américas e nas Inglaterras isto fosse normal, mas em Portugal isto era estranho! Era um crime de dados! Porque eu não tinha liberdade de escolha de não estudar na biblioteca, se o livro que eu precisava não podia sair da biblioteca e eu não tinha dinheiro para o comprar, por exemplo. Mas se fosse só isto... Portanto, eu não ia nem ter aulas obrigatórias pelo Zoom nem ia ler porra de livro nenhum de Direito, quando o Direito andava torto!!!!!!!!!!!! Torto!!!!!!!!!!!! Por isso, eu queria lá saber se chumbava, por mim não era vergonha nenhuma ter 28 anos e estar no último ano de Direito. Podia acabar direito aos 29 ou aos 30 anos, queria lá eu saber! Ao menos, acabava Direito como deve de ser. Acabava Direito com um livro meu publicado a criticar o Direito e a explicar porque é que eu tinha chumbado. Ao menos, chumbei com classe! Há chumbos que valem a pena! Não tem mal nenhum, chumbar. O mundo não vai acabar. O mundo não acaba com a faculdade, nem começa com a faculdade. O mundo, às vezes começa quando começamos a ver ondas, quando começamos a ver as câmaras, as empresas, as montanhas, as nuvens, quando começamos a ver tudo isso, é que o mundo começa. De nada vale acabar Direito, para nos enfiarmos no underground a sermos teletransportados pelo telefone para o escritório e a sairmos do escritório sem ver como foi o pôr-do-sol e sem tusa pelo nosso namorado. Assim, a vida acaba. Mais cedo ou mais tarde, a vida assim vai acabar muito depressa. E eu nasci para ser eterno. Nasci para eternizar para sempre o meu espírito na vida real de que faz parte o Direito. Nasci para imprimir o meu coração. Com a Jupiter Editions eu sabia que podia imprimir o meu coração. E o meu coração dizia-me que o mais importante era expressar-me todo primeiro e depois, se me apetecesse, ir ver como estava o Direito a expressar-se. E eu via a

expressão do Direito cada vez a ficar pior. Estava a perder expressão. O mercado estava a dar uma tarefa ao Direito. O Direito já nem se sabia expressar. Estava mesmo a perder a expressão. Estava a ficar pequenino. Muito pequenino. Muito pequenino... E eu só via o mercado da Inteligência Artificial a mandar no Direito... Parecia mesmo que a Inteligência Artificial, tecnológica como é, tinha conseguido definitivamente hackeado o Direito. E enquanto eu via a Inteligência Artificial a hackear o Direito, eu deixava o bodyboard hackear-me. Muito francamente, estava melhor do lado das ondas. Eu estava bem era na Cordoama. Ainda por cima, tínhamos Executivo no último ano e a cadeira de Executivo era uma seca e completamente parada no tempo e eu via que Executivo ia ser completamente ultrapassado pelo futuro e só de pensar que tinha que abrir o Código de Processo Civil, que ia cair completamente em desuso, como já tinham caído em desuso os cheques e nós andávamos em Executivo atrás do pensamento arcaico de um professor que tinha uma teoria sobre os cheques que era uma seca, só para “executarmos” um cheque, quando a tecnologia andava a executar o nosso espírito *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto? Porque era isto que eu via. Um filme sempre a correr. Via uma eletricidade a percorrer-me a cabeça. Via a tecnologia do filme. E via que o filme estava sempre a correr. Porque o filme está sempre a correr. Nunca é o mesmo. Aquilo que passou, passou. Estamos em tempo real. A vida é em tempo real. A vida não é nenhuma gravação. E aquele Processo Civil era tudo menos a minha vida real. Eu não via a minha vida real ali projetada. Até as ondas, projetavam mais a minha vida real do que o Processo Civil. Ao menos as ondas, o Processo Civil Executivo não pensava em penhorar. Nem as ondas, nem a prancha de bodyboard que a Audrey me tinha emprestado, nem o fato de surf que o Abreu me tinha vestido, nem as manobras de bodyboard que o Xico me tinha ensinado. Eu sabia que o Processo Civil Executivo não podia penhorar-me a praia, nem a pinta de surfista que o Zé Luís via sempre

em mim. Esse grande Zé Luís, que me chamava, pelo nome, sempre em alto e bom som, para toda a praia ouvir e que via em mim um surfista. Estava sempre a chamar-me para ir para as aulas dele. A Audrey também via em mim um surfista. A Sofie também via em mim um surfista. Mas se o Xico dizia que eu já era um bodyboarder, se eu achasse que tivesse alguma pinta era pinta de bodyboard. O Xico tirou-me a pinta toda. O Xico tirava a pinta a toda a gente. E eu via o que o Xico via. Comecei a ver o que o Xico via. Comecei a ver a economia das ondas que se ligavam num voo dronático à economia das caravanas. Como se as caravanas pudessem surfar em 2020 em cima das ondas. E sair depois desta economia? Sair depois da economia do caravanismo? Quando havia caravanas por todo o lado? Quando havia uma internet dos caravanistas que dizia que era “na boa” trazer a caravana para Portugal e não pagar estacionamento, que se podia estacionar em qualquer lado. E nesta Internet e sem placas nos parques de estacionamento e sem polícia a fazer nada, os caravanistas foram criando um costume proibido em Portugal. Foram-se acostumando a isto. Visto isto de longe, para quem aterra de paraquedas em Sagres, isto era bonito de se ver. Tudo cheio de caravanas. Motos de motocross e jipes a subirem as montanhas. Mas uma coisa, era da praia, verem-se duas ou três motos a subirem os majestosos montes que apareciam paisagisticamente atrás da praia. Outra coisa, era ver-se o motocross a desbravar e a destrilharem os trilhos do monte ravinoso que aparecia por cima da praia e oferecia o miradoiro e que estava cheio de formigueiros. É que isto visto mais de perto, com um pouco mais de zoom, afinal não era tão bonito de se ver. Era preciso marcarem-se trilhos que eram para serem feitos a pé que não podiam ser feitos de motocross e marcar os trilhos para o motocross. De repente, já eram 50 motos de motocross. Muitas caravanas traziam em cima pranchas de surf e motos de motocross atreladas. Era cross, drones e pranchas por todo o lado. Há trilhos que em 2020 imploravam urgentemente que

fossem protegidos. Havia formigueiros a implorarem por essa proteção. Há trilhos cheio de formigueiros que são sagrados e que só podem ser feitos descalços e que estão cheios de placas a assinalarem os formigueiros para não serem pisados. Isto sim, são placas sagradas! São placas que fazem sentido! Havia uma placa no parque de estacionamento do Castelejo que dizia que era proibido pernoitar em caravanas. Esta placa não havia no parque de estacionamento da Cordoama, nem no parque de merendas que desce para a Cordoama. Mas havia no Beliche. E no Beliche havia tantas caravanas como havia na Cordoama. De nada valia uma placa dizer que era proibido pernoitar, se depois uma internet dos caravanistas dizia “que era na boa”, que em Portugal “valia tudo”. Na estrada, antes de chegarmos à Cordoama, de repente vejo uma placa a dizer que já não era permitido o trânsito de caravanas. Eu achei a placa um pouco drástica. Porque mesmo compreendendo o problema do caravanismo, eu conseguia imaginar que talvez não fosse muito justo eu ter comprado uma caravana e eu e o meu namorado não podermos “entrar” na praia só porque tínhamos uma caravana e não um carro, ainda por cima, uma caravana chique movida a hidrogénio e com painéis fotovoltaicos. Porque se eu não pudesse estacionar no parque de estacionamento da Cordoama e não tivesse lugar clandestinamente na subida do monte que vai para a Barriga, eu teria que me ir embora dali. E isto, consubstanciaria uma discriminação. Por isso, não achei nada bem a placa. Eu nunca defendi que quem tinha uma caravana não podia ir à praia. Há caravanas que têm o tamanho de uma carrinha. Em 2020 foi a febre dos carros com tendas por cima. Afinal, qual seria a diferença? O que estava mal era pernoitar-se fora de um parque de caravanismo ou acampar-se fora de um parque de campismo. Mas enfim, proibindo-se as caravanas de circularem para a Cordoama ou para o Castelejo poderíamos ver aqui uma nova economia. Estávamos a obrigar os estrangeiros a alugarem um carro se quisessem descer até essas praias.

Lembro-me do Xico e a Joana contarem que cada vez que iam a um campeonato de surf lá fora, gastavam rios de dinheiro nos parques de campismo. Há uma história muito engraçada, que só o Xico sabe contar, que é a dona de um parque milionário francês de caravanas e tendas, enquanto recebia o dinheiro do Xico, se ter virado para o Xico e ter dito que adorava Portugal e que todos os anos pegava na caravana dela e estacionava por 3 meses no Beliche sem pagar nada. Lembro-me de ter ido piquenicar à beira da falésia sobranceira à praia do Telheiro com o Jakob e com a Sofie para ali pudermos desfrutar do pôr do sol a bater nos interessantes estratos de xistos do Carbónico e dos arenitos encarnados do Triássico, representando um “salto no tempo” de mais de 50 milhões de anos. De cima, com a taça de vinho, espreitei a praia e vi tendas. Adorei vê-las, porque elas eram poucas e estavam espaçadas umas das outras. Ao todo eram umas 5. 5 tendas ali de vez em quando eu achava bem. Mas o Xico passava-se só de saber. Eu gostei de ver, porque de cima, consegui ver que eram famílias portuguesas. Os fios de prata não enganavam. Os jeitos não enganavam. Os traços não enganavam. Antes do Sistema Perfeito, muitos portugueses usavam fios de prata com uma cruz carregando assim uma igreja, uma instituição ao peito. Eu ainda trago essa cruz ao peito. Mas sempre a trouxe, não como símbolo de uma igreja, mas como símbolo de Cristo. Sempre andei com Cristo ao peito. Sempre senti Cristo em mim. Sempre vi tudo como Cristo viu. É a minha verdade. Não quero saber que os outros não vejam Cristo em mim. Eu vejo Cristo em mim e vejo Cristo em muitos outros...

— Sim, já sabemos que o pai viu Cristo através dos pés do Matheus Fráguas, sem lhe ver os pés. Eu desconfio é que o pai deve ter tido um fraquinho por esse seu colega de Direito. E agora, por causa do Jakob, diz que viu Cristo nele...

— Vi sim, Cristo nele.

— E também viu cristos lá em baixo na praia do Telheiro, prontos para acamparem? Que pena que só o tio Xico é que não viu esses cristos... Eu gostava de saber é quando é que eu irei conhecer o tio Xico e a tia Joana... Eles parecem fantasmas na minha vida...

— Não se preocupe que na minha vida também... Eu andei a surfar com espíritos, eu não disse que eles espíritos do mar? Não vi cristos na praia do Telheiro, mas vi que Cristo mandava proteger aquilo. Mandava-me olhar para aquele campismo com discriminação.

— Ah... Foi Cristo que o ensinou a discriminar? Essa é boa, pai...

— Cristo é comum a todas as igrejas. Andar com uma cruz ao peito pode significar que você é um testemunho de Cristo. Que sente Cristo em si. Cristo ensinou-nos a paz e o amor. É a única coisa que eu sei. Não sei como é que ele ensinou isso, porque ainda não tive tempo para parar e comparar a minha história com a história de Cristo. Devíamos todos fazê-lo. Devíamos todos parar e comparar as nossas histórias de vida com a vida de Cristo. Eu estava ali em cima com o Jakob e com a Sofie a piquenicar. Famílias portuguesas estavam por baixo de nós também a jantarem ou a preparar para jantar. Se calhar, apanharam um peixe ou um polvo e estavam ali mesmo a cozinhar na praia. Vão dizer que isto não é maravilhoso? Eu acho que é! E acho que deve ser protegido. Estávamos ali todos em paz. O que eu via com Cristo, é que se já estavam 5 tendas lá em baixo, mais nenhuma tenda deveria ser montada. Bastavam essas 5. A paz era ali assim. Não digo que não pudesse aparecer mais uma tenda ou outra. Estou só a tentar dizer que a paz é aquilo que nós conseguimos ver. Devemos saber



respeitar. Se outros ocuparam primeiro, porque é que eles não podem passar uma noite? São portugueses, estão em Portugal. Não pagam impostos? Afinal são contribuintes para quê? Acho que devemos fazer sim, dinheiro com o turismo. Mas com um turismo sustentável. Um estrangeiro não podia acampar na praia do Telheiro? Por mim, podia! Mas se eu não podia no país dele, sem pagar, talvez, não fosse muito justo ele acampar no meu país sem pagar. Era preciso ver isto com a economia da reciprocidade. Ver isto com reciprocidade fazia atribuir os direitos e deveres a cada um. Os nossos direitos não são todos iguais. Eu, como português, não tenho o direito de ir pedir uma casa ao governo inglês. Mas como inglês, talvez tenha o direito de ir reivindicar as minhas 4 paredes se eu sei que o governo inglês anda a dar 4 paredes aos ingleses jovens que querem sair de casa dos pais para viverem com os namorados. Em 2020, havia um parque de campismo em Sagres a caminho do Beliche. Por noite, o preço a pagar era quase 15 moedas europeias. Ou seja, um português para poder acampar legalmente em Sagres, se quisesse ficar uma semana teria que pagar 100 moedas. Um casal de namorados teria que pagar 200 euros, porque o preço era só para uma pessoa. Se um novo parque de campismo fosse construído e praticasse valores de 500 moedas por noite, talvez o primeiro parque de campismo iria aumentar os preços e subiria para 300. Não podíamos ficar entregues à mercê dos privados. E se os privados agora ditassem que era 500 que eu tinha que pagar por uma noite? As coisas não podem ser assim. A economia tem que ser justa e sustentável. Um parque de campismo pode sim dizer que a pernoita é de 500. Mas se todos os parques de campismo disserem que a pernoita é 500, desculpem lá, mas, eu vou fazer o campismo à moda antiga como fazia com o meu namorado, porque não sou parvo e não vou pagar 500 para acampar, para estar com a Natureza. Não tenho que pagar 500 para poder estar com a Natureza! Um estudante português que só quer ir apanhar umas ondas uma semana em Sagres pode não poder pagar 300.

Nem sequer tem que pagar isso, anda a estudar para quê? Anda a estudar só para “se matar a estudar”? E então, não vive? Quando é que vai viver? Quando começar a trabalhar como um escravo? Ou só vai viver 15 dias nas férias que vai tirar em agosto ou setembro? Porque era esta a vida das pessoas. Felizmente, as coisas mudaram. Numa Internet das Coisas eu ligo as propinas a isto. Hoje, já ninguém paga propinas, mas antigamente, no Sistema Velho, os alunos tinham que pagar uma propina para estudar. Se fosse eu a mandar no Sistema Velho, essa propina incluiria os campismos, os monumentos, as viagens e tudo e mais alguma coisa que fosse para ver e desfrutar do mundo. Em Portugal, o Sistema Velho dizia que um aluno custava ao Estado 1000 euros por ano e os estudantes pobres repetiam isto como cassetes-riscadas sem conseguirem ver os 1000 euros. Mas custavam 1000 euros porquê? Porque convinha dizer-se que custavam 1000 euros! Ora, eu percebo que um grupo de amigos portugueses de 18 ou 28 anos que não tivesse 300 euros para acampar em Sagres, nem para pagar nenhum quarto, porque estava tudo inflacionado, porque os estudantes estrangeiros podiam comprar tudo e mais alguma coisa, mas os portugueses não, decidisse fazer campismo selvagem. Com a selvajaria que era, com caravanas por todo o lado, vindas de todo o mundo a pernoitarem fora dos parques de caravanas, andávamos preocupados se os portugueses, que amam a natureza, andavam ou não a acampar fora dos parques de campismo? Eu diria que apesar de ilegal, era um campismo lícito. A carta de campista faz todo o sentido, como defendem *Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy.

— Ah... Tio! Se me permite... O que *Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy defendem não é uma carta de campista... É um cartão de campista...

— Thomas! Seu atrevido! Assim, admito-lhe! Ao seu marido é que não admitia!

— Tio, desculpe-me... Não quis corrigi-lo...

— Thomas, descontrai. O meu pai está só a brincar...

— Thomas, *Os Autores do Sistema de Sebastião* Lupi-Levy dizem cartão, mas nós dizemos carta... Uma carta dá logo outro ar... Já viu, Thomas?... Seremos portadores de uma carta de campista? Uma carta faz lembrar uma carteira e uma carteira faz lembrar moedas... A nossa carta é muito mais à frente. Nós aqui estamos noutro tempo. Estamos em 2080, Thomas! Temos que ser mais visionários. Tudo o que meta moedas é visionário. Se virmos moedas estamos a ser visionários. Não sabia, Thomas? Tudo gira à volta das moedas...

— Não, pai... O Thomas acabou de nascer ontem e por isso não sabia... E achava que o mundo era cor-de-rosa...

— Isso era o que o meu pai estava sempre a dizer-me; dizia-me quase todos os dias que eu achava que o mundo era cor-de-rosa... E por acaso, o cabrão do meu pai, parecia que me conhecia mesmo, porque eu achava mesmo que o mundo era cor-de-rosa, vejam lá... Um turista que queira fazer campismo selvagem no mundo cor-de-rosa de Portugal, tem que comprar um passe de campista e tem que dizer à Polícia Marítima em que praia vai acampar e tem que saber que há distâncias rigorosas entre tendas que tem que cumprir e que se não cumprir vai pagar uma multa gigante e que tem horas rigorosas para desmontar a tenda e deixar o sítio limpo sem fazer lixo nenhum, porque senão vai ter que pagar uma multa gigante e que para o provar tem que fotografar como deixou o sítio, tal como qualquer português.

A diferença é que por ser português, o português não tem que pagar por um passe turístico, porque tem uma carta de campista digital, porque frequentou um curso de campista e temos a certeza absoluta que não vai fazer nem lixo nem incendiar nada e que por isso, tem a aplicação do campismo desbloqueada. Só tem é que fotografar para acampar e enviar a fotografia para a aplicação que é monitorizada pela Polícia Marítima.

— Sim, pai, fui eu que inventei isso...

— Eu já tinha tido primeiro a ideia. A ideia veio de mim.

— Mas fui eu que a registei, pai.

— Só teve foi sorte, por eu me ter esquecido de registar... Mas a ideia foi minha...

— O Sistema Perfeito, que tanto o pai defende, diz que a ideia foi minha... Sem querer, o computadorzinho que o pai traz implementado nesse seu cérebrozinho deve ter feito um “refresh” e o paizinho lá se esqueceu de registar... Às tantas, esqueceu-se de registar muitas coisas, não foi paizinho?

— Mas não me esqueci de registar que isto foi importante. Esta economia, sem querer, acabou por conceder novos direitos e dar novas liberdades. Regulamentarmos o campismo selvagem, fez com que ele se tornasse legal quando fosse feito de forma legal. O cartão de campista funcionava como um cartão de cidadão. Só podemos conceder cartões de cidadão portugueses a quem é português ou reside ou estuda ou trabalha em Portugal. Pois só podíamos emitir cartas de campistas digitais e desbloquear a aplicação do campismo, que o meu querido e adorado filho inventou, aos portugueses ou a quem residisse ou

estudasse ou trabalhasse em Portugal; porque se estava a trabalhar em Portugal, estava a contribuir para a economia portuguesa e se estava a contribuir, não tinha nada que andar a pagar os campismos. Os turistas que pagassem. Os turistas é que tinham que pagar. Eu e o Jakob, agora que temos moedas Jupiter para “assaltarmos”, como turistas, qualquer bungalow de um chique parque de campismo ecológico, podíamos fazer um “refresh” e esquecermos que também já fizemos campismo selvagem. Mas eu não faço nem esqueço que já fiz campismo selvagem e que o campismo selvagem se for bem feito, pode ser legal. Nós não tínhamos dinheiro, mas tínhamos uma tenda e andávamos sempre cheios de tusa um pelo outro. Só queríamos era passar a noite na tenda um com o outro. E o Direito ia dizer o quê? Que o nosso amor era um amor ilegal?

— Sim, o Direito ia dizer que o vosso amor era um amor ilegal, pai...

— Pois, ia. E quando eu me apercebi disso, alterei toda a minha escrita. E vi a minha escrita a ser alterada. Não foram só as ondas que começaram a aparecer na minha escrita. Ter ido para Sagres, fez-me alterar completamente a minha visão sobre o campismo e sobre o caravanismo. Sabem o que foi, eu ter chegado à praia da Cordoama e no meu primeiro dia, ter ficado encantado com o caravanismo que se instalava alienígenamente ali? Porque eu, ainda, só tinha visto um quarto do filme. Ainda não tinha visto o filme todo. Só depois vi, o filme que era os locais terem que andar a limpar as merdas dos campistas e dos caravanistas. Porque eram merdas que deixavam. Deixavam merdas. Sabem o que são merdas?

— Sim. Lixos, pai.

— Não eram só os lixos. Eu estou a falar de merda, no sentido literal. O Xico era muito real e dizia que todos os humanos, por serem humanos, têm que fazer cocó e xixi. Ora, num parque de campismo ou de caravanas há instalações devidas para isto. Nós demorámos um século de anos a furar a Terra para instalarmos uma rede de saneamento básico. Isto é básico, ou não é? Se me perguntarem se tem mal, uma vez, uma pessoa, fazer “um cocó” atrás de uma árvore, sabendo que o cocó é matéria orgânica e acabará por se degradar, eu vou responder, que enfim, não tem mal uma vez... Somos humanos. Mas o problema é que nós não estamos sozinhos no mundo e temos que saber olhar para a nossa volta e pararmos de ser egoístas. A premissa é sempre a mesma: aquilo que eu posso, o outro também pode. Ora, se todos fizéssemos o mesmo, se todos resolvéssemos fazer campismo selvagem, porque se um pode, então, todos os outros podem, e de manhã ou à noite fizéssemos todos os nossos cocós atrás da mesma árvore, isto não estava certo. E atrás das dunas? Numa praia? Onde os cocós nem sequer se degradam... É que eu posso deitar cascas de frutas na Terra, onde há árvores, mas não posso deitar cascas de frutas na praia, porque se o fizer estou a fazer lixo. Não posso deitar cascas de ovo na praia, porque se o fizer estou a fazer lixo. Tudo bem, que a casca do ovo é matéria orgânica, mas se quiser participar e colaborar verdadeiramente com a Natureza, não posso lançar uma casca de ovo ou de laranja ou fruta para o mar, porque os peixes não comem fruta, porque não há frutas a nascer no oceano, nem árvores. Nem há árvores a nascer na praia. E não posso deitar as cascas do ovo simplesmente sobre a Terra, só porque estou a passear na Natureza. A Natureza liga muito à estética. A Natureza liga muito aos padrões. Se eu quero deitar cascas do ovo na Terra, perto de alguma árvore, tenho que enterrá-las, tenho que facilitar o trabalho dos decompositores e do processo natural da decomposição. Não posso abandonar uma casca de ovo. Se todos abandonassem uma casca de ovo ou uma casca de laranja

simplesmente no chão, aos olhos humanos e aos olhos da Natureza seria lixo. Um chão coberto de cascas de laranja, de cascas de ovo, cocós e papel higiênico a cobrir os cocós é um aterro. Não é uma coisa bonita. Não é de uma sociedade civilizada. Os sítios são para estarem limpos. E era só isto que os locais de Vila do Bispo e Sagres queriam. Se lhes perguntarem se fazia mal dois namorados, passarem uma noite na praia, dois namorados, como eu e o Jakob, que iam montar a sua tenda sem a Natureza ou a Polícia Marítima se aperceberem de nada, os locais não iam dizer nada, até iriam proteger este amor. O problema é que os namorados tinham que pensar que se eles podiam, todos os outros teriam que poder. Os namorados não podiam ser egoístas. E os namorados não eram egoístas. Mas estavam tão enamorados que inocentemente não se aperceberam que o ser humano no século XXI não sabia andar na Natureza, não sabia acampar na Natureza, porque não compreendia sequer a Natureza. Enquanto os namorados, porque eram fiéis, cegos um pelo outro e eram dois homens, não engravidavam, podiam fazer amor sem usar preservativos, outros dois namorados que tinham montado a tenda ao lado, eram um homem e uma mulher, tinham que usar preservativo para a mulher não engravidar e lançavam o preservativo em latex para a Natureza, como se a Natureza adorasse o latex. Enquanto os namorados, porque eram fiéis, cegos um pelo outro e eram dois homens, podiam fazer amor sem usar preservativos, outros dois homens que se tinham acabado de conhecer no Grindr faziam sexo com preservativos a fumar charros e cigarros, na tenda que tinham montado ao lado dos namorados e lançavam os charros e os cigarros e os preservativos em latex para a Natureza, e depois quem tinha que andar a apanhar aquela porcaria de manhã era eu e o Jakob. Porque foram anos disto que o Xico andou a fazer. O Xico andou a limpar a merda dos outros, como eu e como o Jakob andámos também a fazer. E isto não podia ser. E por causa de uns, eu tive que começar a ver melhor o que se passava nestes

campismos. E vi que a Natureza queria expulsar os campistas da praia. Sabem o que é a Natureza dar-nos um paraíso e nós tornarmos o paraíso num inferno? Foi isto que aconteceu. A Natureza dá-nos um lugar cheio de paz, tranquilo, com vento, mar e o que é o Homem se lembra de fazer? De dizer que falta rede no paraíso... E por isso, manda colocar uma antena de 5G só para dar cabo do paraíso... É tão inteligente o Homem... Tão inteligente... Tão inteligente que olha para a antena do 5G e acha uma coisa linda... Linda, é a Cordoama sem antenas de 5G! Linda, é a Cordoama sem rede! Porque a Natureza estava a ficar farta. Muito farta. Ali na Cordoama, a Natureza passava por um inferno. E as conversas ali na praia, às vezes, tornavam-se um inferno, porque os locais tinham que estar sempre a falar das caravanas. Mas o problema ali não eram as caravanas. Eu vi caravanas que só ocupavam um lugar e que iam pernoitar ao parque das caravanas. O problema era o caravanismo e o campismo ilegal. Mas o problema não era só ali. Eu só estava ali na Cordoama. Mas o problema reproduzia-se por todas as outras praias e por toda a extensa Rota da Costa Vicentina. Eu estava em Sagres ao mesmo tempo que estava na Cordoama. Uma vez cheguei a casa, liguei a Internet, como sempre foi natural só ligo a Internet quando chego a casa e lembro-me de ver uma notícia muito engraçada que dizia que a GNR tinha apanhado mais que 200 por campismo selvagem e caravanismo ilegal na Costa Vicentina e na âmbito da sua “grande” operação “Verão Seguro 2020” concluía que o campismo e o caravanismo selvagem era “um problema identificado e que constituía um fator de destruição de habitats, alguns deles protegidos, além de representar uma ocupação ilegal da qual resultava uma degradação dos locais utilizados, por deposição descontrolada de resíduos, que se espalhavam pelos locais ocupados indevidamente”... Mas sabe o que é que a GNR em Vila do Bispo dizia quando os locais imploravam à polícia que descesse da vila até à praia, porque o parque



de estacionamento estava cheio de caravanas e havia mil tendas de manhã na praia que tinham claramente pernoitado?

— Sim, tio. Diziam que estavam a passear de Range Rover Evoque no Burgau...

— Pois, é, Thomas... Ora, os números dos jornais eram uma brilhante representação, porque fazia-se uma ou duas fiscalizações no verão inteiro, só para justificar os gastos de combustível para o Range Rover Evoque. Os jornais são a maior mentira! Não representam a realidade. Só mostram o que querem. São políticos! Porque se eu não estivesse estado o verão inteiro na Cordoava e visto a realidade com os meus olhos, lia a notícia e engolia. E ficava a achar que a Administração Pública funcionava muito bem. Que todas as polícias funcionavam bem. Mas não funcionavam. Porque cada polícia, como cada administração, tinha um comando, tinha um cérebro. Cada um funcionava à sua maneira. Tinham uma grande autonomia. Um polícia faziam contratos com as câmaras municipais para instalarem câmaras de vigilância, outros municípios decidiam multar quem não depositasse corretamente os resíduos, outros governos decidiam dizer que toda a gente, por causa do vírus tecnológico, tinha que usar máscara na rua e isto foi uma confusão. Foi uma grandíssima confusão. E termos que estar em todo o lado ao mesmo tempo? E no Gerês foi outro problema ao mesmo tempo. Começou tudo a ir para o Gerês. E quando começou tudo a ir para Santarém? Quando começou tudo a querer percorrer os caminhos d'O *Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala? Dava vontade de chorar! Eu podia não ter nascido em Sagres, mas podia sentir-me como se tivesse nascido em Sagres. Podia sentir-me na pele do Xico. Ver drones a entregarem o meu paraíso aos algoritmos do turismo desenfreado e insustentável, ver “novos” surfistas tecnológicos que só fazem surf para publicarem

fotografias a apanhar ondas sem terem nascido com o verdadeiro espírito de surfista. Porque um verdadeiro surfista que não é de Sagres, sabe muito bem que quando um local de Sagres lhe diz para se ir embora porque está no último spot de ondas, ele tem que se ir embora. Não pode filmar um “secret spot”. Tem que saber conquistar os locais para poder surfar com eles. Há regras. Mas tem que conquistar, sem querer. Temos que fazer as coisas, sem querer. Temos que simplesmente senti-las com o coração. Não é pormo-nos a abrir os braços para o sol com toda a gente a ver-nos, que ficamos só ridículos. Foram fotografias ridículas que eu vi. Poses ridículas. Quando nós somos espíritos, nós ridicularizamos, sabemos ridicularizar. À *Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto sabemos quem está a abraçar a árvore e não devia estar a abraçá-la. Vemos quem está verdadeiramente nos sítios. Quem está na Cordoama e está a ver a monstruosidade da Cordoama. Quem sabe de cor as brutesas da Cordoama. Eu subia descalço a Montanha Jupiter quando só o Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala subia com o Frederick von Der Masse. Eu acampava na Montanha Jupiter com o Jakob quando o Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala imprimia a sua tenda n’O *Algoritmo do Amor*. Eu ficava horas e horas ali a desfrutar da vista da montanha sem ninguém. E em Sagres, conseguia imaginar-me a nunca mais conseguir ter paz de espírito em Santarém. Quando eu vi pela primeira vez um telefone conectado à *Rede* a entrar na Montanha Jupiter, eu sabia que a Montanha Jupiter iria arder. Mas eu não podia deixar arder! Os telefones fazem arder tudo. A tecnologia faz arder tudo. Tudo arde com os telefones. Os flashes dos telefones parecem lasers. O sítio para onde eu levava o meu espírito, eu sabia que já não poderia mais levar. E isto não é ser egoísta. Eu é que sei o que é caminhar na Natureza, porque simplesmente se gosta de caminhar e estar na Natureza e não porque é moda fotografar a Natureza. A raiva que isto me dava! Sabem o que é, eu ter ido aberto não sei quantas garrafas de vinho para a

Montanha Jupiter em infinitas conversas com o Mike que só os Anjos Tecnológicos d’O *Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom ouviram, estarmos simplesmente ali a conversar e de repente aparecerem telefones super tecnológicos com microfones e câmaras super tecnológicas a apontarem-nos e nós termos que fazer silêncio e termos que mandar embora dali os tecnológicos só com a tecnologia da nossa mente? E o desgaste mental disto? O desgaste intelectual disto? Ter que explicar àqueles tecnológicos que estavam a limitar a minha liberdade de expressão, porque tinham os telefones com os dados móveis ligados em que sofisticados algoritmos levavam os nossos *sketchs* para o Big Data? Foi por isso, que começamos a vender os nossos *sketchs*! Se nós não vendêssemos o nosso próprio espírito, os espíritas tecnológicos venderiam a tecnologia do nosso espírito. É por isso, que eu digo, que a culpa disto tudo foi da tecnologia. Foi a tecnologia que me stressou. Eu não queria vender nada meu. Eu só queria doar. Sempre quis doar. Só queria que os meus amigos vissem o meu espírito. Só queria que os meus amigos vissem o meu espírito a expressar-se. Era só isto que eu queria. Eu só queria fazer rir os meus amigos. Eu só queria dar um sermão aos meus amigos. Eu só queria filosofar com os meus amigos. Eu só queria sentar-me à mesa com os meus amigos. Eu só queria deitar-me na cama com o meu namorado. Era só isto que eu queria. Mas para ter “só” isto, eu tinha que escrever. Porque até eles, compactuaram com o Big Data. Até eles, foram soldados e robots dos algoritmos. Não poder mais conversar com os meus amigos, porque eles não eram capazes de entender que não podíamos conversar com os telefones por perto? E eu dizia-lhes que o Jakob tinha estado numa empresa de dados e tinha visto conversas transcritas entre namorados, e os nossos amigos ouviam, mas continuavam a namorar e a discutir com os dados móveis ou com o Wi-Fi ligado sem se importar que o seu espírito, a sua propriedade, fosse vendida como dados na indústria de dados? E eu mostrava-lhes o que andava a escrever e eles diziam que só

iam ler quando estivesse tudo escrito num livro? Então, foram eles que me obrigaram a escrever um livro! Eu queria falar com o meu pai e o meu pai só falava comigo se fosse através de livros? Mandava-me calar e dava-me um livro? Isto era insuportável! Isto foi asfíxiante! Tinha que escrever sobre isto *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto. E tinha que imprimir isto *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto. Mas as gráficas, que estavam connosco, afinal já não estavam connosco e estavam a demorar a responder à Jupiter Editions. As outras editoras quiseram asfíxiar-nos, celebrando com as gráficas contratos de exclusividade. Mas tínhamos uma gráfica connosco. Isto começou a tornar-se um jogo. Só precisávamos de uma para jogarmos no mercado. Só precisámos de uma e no tempo certo da Era tecnológica, a Jupiter Editions imprimiu a *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari, que era a mesma que a minha e que se tornou a mesma de todos. E só depois de terem lido a *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari é que os meus amigos perceberam o porquê de eu começar a detestar que eles andassem sempre com os telefones ligados à Internet. Começaram a perceber o porquê, de eu e o Mike nos calarmos ou fazermos silêncio na Montanha Jupiter quando apareciam os *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke. Lá começaram a ligar tudo. Demoraram, mas chegaram lá. Mas quando chegaram, os algoritmos também chegaram com nova informação aos engenheiros dos telefones e os engenheiros começaram a produzir telefones permanentemente ligados à Internet, que não dava para se desligarem da Internet, como os carros inteligentes e baratos para os pobres coitados que tinham que andar ligados à Internet de Coisas. Queria-se tudo satelitizado. Queria-se uma Internet cheia de satélites e tudo satelitizado na Internet. Mas eu, simplesmente, não queria estar na Internet. E se fosse parar à Internet, eu tinha que enriquecer. Não ia parar pobre à Internet e continuar pobre. Era o que mais faltava! E era o que mais faltava, os locais de Sagres e os locais de Vila do Bispo ficarem mais pobres e sem as ondas. Era o Xico a ver a

roubarem-lhe as ondas e era eu a ver a roubarem-me as montanhas. Porque eu vi os meus *secrets spots* a irem parar à *Rede*. Sabem o que é, eu viver há 28 anos em Santarém e ter locais sagrados em Santarém que pessoas que viviam há 88 anos nem faziam ideia que existiam? E aos 88 anos a navegarem na Internet e verem que os locais sagrados, afinal, estavam mesmo à porta de casa, vê-los a estragar os meus locais sagrados com drones? A emitirem radiação sobre os meus locais sagrados onde voavam abelhas, borboletas e morcegos? E sabem o que é a tecnologia ligar estes meus 88 anos aos meus 28 anos? Porque eu recordo-me de tudo! Nasci com um gravador dentro de mim. E hoje, eu parece que não posso dizer isto. Porque hoje, nesta Era tão tecnológica, posso ser interpretado literalmente. Mas ainda bem que a *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari foi imprimida em 2020 e posso falar em 2080 assim. Acham o quê? Que foram os comprimidos milagrosos cheios de nanorobots que nunca tomei que ligam os meus 88 anos aos meus 28 anos? Digam lá que eu não estou com os ossos no sítio e não pareço que tenho 28 anos?

— Thomas... Diz lá ao meu pai que ele parece que tem 28 anos para ele ficar contente...

— Parece, sim, tio.

— Pois, pareço. Porque sempre soube o segredo da longevidade. O segredo da longevidade está no caroço das laranjas, na grainha das uvas, na água que ferve os brócolos, no grão, nas nozes, está no vegetarianismo. E quando eu escrevi que a longevidade era esta? Se eu soubesse, tinha ficado calado, porque os brócolos dispararam o preço. Tive que ser agricultor. Sempre tive dois algoritmos básicos que operaram o meu cérebro: SIG e TWT. Foram estes os meus algoritmos. São estes os meus algoritmos.

— O que significam, tio?

— SIG significa “*Silence is Golden*” e TWT significa “*Think Without Thinking*”.

— Esses algoritmos são meus, pai!

— Sim, fui eu que os passei a si. Ou não sabe que o Direito dos Genes prevalece sobre o Direito dos Algoritmos? Graças ao Direito dos Genes não temos um Mercado Livre de Edição Genética e não temos super-humanos-geneticamente-modificados como na China e nas Américas que parecem robots sexuais e robots militares. No dia 27 de março de 2018 escrevi uma crítica a um documentário que passou na televisão que se chamava “2077 – 10 segundos para o futuro”. Dei o nome à minha crítica de “*Megalomania Científica*”. Simplesmente escrevi e fiz um erro: publiquei-a no Facebook. Quando me apercebi do disparate que tinha feito, apaguei a publicação. Mas a sociedade de informação tecnológica e os algoritmos do Facebook leram a minha crítica. Viram que falei sobre muitos nomes, sobre muitos sistemas, sobre muitas economias que suportavam a própria economia e vida dos algoritmos do Facebook. A culpa foi do meu algoritmo TWT. Em Sagres, voltei a ler. Não me lembrava que tinha escrito aquilo. E comecei a ver o que tinha escrito. Podem ler, tinha escrito:

*«O genérico da série começa com um reclame que estiliza um novo homem sem barba. “Antigamente” perdíamos muito tempo a raspar a barba e somando todos os minutos que os homens perdem a raspar a barba por semana, multiplicando essa soma por 4 semanas e multiplicando essa soma por 12 meses e multiplicando essa soma pelo número de anos da diferença da idade da esperança média de vida atual do homem com a idade média do início da puberdade, resulta o tempo para três canudos literários. Ou seja, se não tem um doutoramento em medicina, um mestrado em direito e uma licenciatura em psicologia é porque andou a perder tempo a raspar a barba quando podia muito bem ter comprado o novo remédio milagroso todas as noites que impede o crescimento dos pelos faciais. Eu nunca compraria, evidentemente! Não só porque gosto de raspar a barba em frente ao espelho (ainda à frente do espelho-não-tecnológico), dá-me francamente sabor, e porque gosto de ter que raspar a barba. (...) E porque raspar a barba não tem qualquer efeito ou qualquer*

*conexão casuística que me limite a licenciar-me, nem a doutorar-me. No máximo, chego atrasado ao brunch! Considero “o reclame” ingrato e manipulador. Entre a físico-química do “milagroso” remédio e do raspar a barba, prefiro naturalmente a ciência físico-química do raspar a barba. Não digo que a tecnologia do remédio não seja benéfica ou que seja pérfida. Considero é a toma desse remédio pérfido para o meu organismo. Há organismos e organismos, tecnologias e tecnologias. (...) Um robot-aspirador parece ser bastante útil. Um robot-cozinheiro parece ser bastante útil. Mas prefiro ver aquela panela versátil robot sossegada naquele canto lá da bancada e que nem sequer tente “falar” comigo ou “perguntar-me” quem irei levar lá a casa para jantar. Achrom impossível com a Internet das Coisas que no trabalho possam programar o vosso robot para ter comida feita “para daqui a meia hora” e que não se esqueça (o robot) que vai lá o Xico e a Joana que são vegetarianos??? É muito difícil de imaginar? Mas não pode ficar só pela imaginação? É mesmo necessário criar em matéria o fruto infantil da nossa imaginação? Eu quando era mais novo “curtia imenso” que tivesse botões holográficos no meu braço, relógio holográfico, que pudesse atender chamadas tocando simplesmente no ar num botão que só eu visse à minha frente a dizer “atender”. Mas na altura era infantil, megalómano e simplesmente ingénuo e inocente. Eu não vivia de pensamentos disso. Devo ter pensado nisso umas duas ou três vezes. E lembro-me que pensava nisso. Pois agora há já por aí um megalómano relógio desses... Que bela estupidez tecnológica humana! Que bela armadilha tecnológica humana! E eles lá em baixo vão comprar e nós cá em cima ficamos a vê-los, cada vez mais perto... Mas terá que ser mesmo assim? Cá em cima não podemos simplesmente dizer “basta?”... Basta de estupidez tecnológica? Basta de robots? Basta de anúncios com robots comediantes que não têm piada nenhuma e exaltam o sistema nervoso de qualquer humano não adoentado tecnologicamente? Não hipnotizado tecnologicamente? Ainda não basta? Até termos a TV repleta de quantos anúncios com robots? Eu gosto de usar robots. (...) Uma agenda holográfica (daquelas que se projectam para a frente dos meus olhos e que consigo interagir desenhando letras invisíveis no ar com elegantes movimentos celebrados pelo dedo-indicador) parece ser supra-útil... De livre-vontade eu não compraria! Parece ser supra-útil porquanto faça “residir naturalmente” uma dupla vantagem: “para mim” (não perderia aquela informação num rascunho de caderno) e para o Novo Sistema (não perderia aquela “minha” informação se eu a perdesse num rascunho de caderno e não a publicasse, não a divulgasse, não a vendesse, não a contratasse...). Uma dupla vantagem, porque aqueles rascunhos que se desperdiçavam nos cadernos guardados em elegantes cofres e baús, já não escaparão*

*à veloz recolha de informação de dados pessoais (instantaneamente digitais) fazendo “agora” operar automaticamente numa instantaneidade digital tácita (...) e à livre circulação desses dados (...). Tácito porquanto seja tudo “agora” digital. Porquanto seja tudo “agora” instantâneo. Porquanto seja tudo “agora” cruzado. Porquanto seja tudo “agora” informatizado. Porquanto estejamos todos “agora” informatizados. Obviamente que quando digo “agora” quero dizer “o agora do amanhã” ... Quero dizer o “amanhã breve” que ainda pode ser reprogramado... Quero dizer o “amanhã perto” que ainda se pode tornar num “amanhã longe” ... Que ainda pode ser atrasado! Deixado para depois! Para outras gerações bélicas e apocalípticas. Outras gerações que desejem o bélico e o não belo e desejem o apocalipse e não a metáfora apocalíptica. Não são os mercados que nos ditam. Somos nós, consumidores, que temos o poder de ditar os mercados. Basta comprar. Basta não comprar. Basta preferir. Basta não preferir. Não preferir e não comprar, já poderá servir para entreter os produtores numa nova inversão de mercados mais empáticos. Aquela ideia de separar o lixo? Pois agora não é separar o lixo, mas separar o virtual da realidade... Basta “cochicharmos” aos produtores o que verdadeiramente gostamos. Que gostamos do bom, do bem e do belo. E que somos empáticos. E que gostamos de ser e permanecer humanos. Ir para o Direito e não permitir a destruição dos direitos da dignidade humana, da personalidade, da proteção de dados pessoais, do esquecimento, da intimidade e reserva da vida privada, da liberdade e da qualidade de vida. Ir para a Economia e para a Farmácia e não produzir produtos que destruam todos esses direitos invertendo a competição daqueles outros mercados. Ir para a Medicina e para a Psicologia e continuar a defender aqueles direitos. Um médico que defenda um médico-robot ou um psicólogo que defenda um psicólogo-robot é como se quisesse apontar uma arma a si próprio e premir ironicamente o gatilho, ou como se quisesse apontar uma arma a toda a sua classe e premir sarcasticamente o gatilho... Diria até... Está completamente drogado, (...)! É que só pode estar drogado!!! Aquele filho que se drogou e chegou a casa e se virou contra os seus pais!*

*Um as paredes holográficas tropicais no quarto parece muito exótico. Eu não compraria, (...)! Mas, se com quem me deito na cama tivesse sido hipnotizada pelo novo mercado, e eu tivesse que ceder contra-a-minha-livre-vontade “naturalmente cederia”. Continuo a preferir comprar as passagens para aquela ilha das tartarugas, para aquela praia dos porcos e para aquela praia dos pinguins, porque nem Lisboa nem Santarém são tropicais. Mas há quem nunca tenha dormido numa praia com palmeiras, macacos e tartarugas ou não goste muito da cor do seu quarto. Ou*



*simplesmente há quem adormeça melhor com o barulho do mar e não viva no mar. Não me oponho ao mar não-natural. Não me oponho à "re"criação de ambientes exóticos e sobrenaturais nos quartos. Nem me poderia opor, naturalmente. Oponho-me sim, à obrigação subtil dessas novas paredes, dessas novas cortinas digitais, virtuais, baralhando todas as mentes que não rogam "confusão" nenhuma. Obrigação subtil dessas novas paredes? OBRIGAÇÃO SUBTIL DESSAS NOVAS CORTINAS DIGITAIS? DESSAS NOVAS CORTINAS QUE ARMAZENAM E CRUZAM DADOS PESSOAIS DIGITAIS? COMO????? Basta a FANTÁSTICA introdução no Novo Sistema de Pontos Chineses que obriga/sugere a "ceder-me" à compra das paredes/cortinas holográficas/digitais para não baixar a pontuação de com quem me deito na cama ou para poder apanhar um avião da China (...) para fora...*

*Das afirmações mais divertidas da série-documentário-científico do canal 1: **2077 – 10 SEGUNDOS PARA O FUTURO**, levanto só algumas questões particularmente divertidas em resposta retórica: Um corpo que seja útil?????? Loja do corpo Humano????????? Vivemos demais????????? Queixamo-nos demais????????? A própria medicina pede robotização?????? Mas quem é que vai desligar os robots com pensamentos assassinos????? – (...) : "quem vai desligar os robots com pensamentos assassinos?"..... - Mas qual será a nova desculpa da nova legislação tecnológica-robótica que me obriga a introduzir "pelo corpo inteiro" RASTREADORES e nanorobots para algum robot-médico saber logo que as minhas células estão enlouquecidas ou estão a começar a enlouquecer (CANCRO) com toda a fantástica tecnologia????? Segurança nacional, segurança supernacional ou segurança extranacional? Saúde jurídica???????? Não será normal que com nanorobots "pelo corpo inteiro" as minhas células não enlouqueçam? (...) Na "douta" série-documentário-científico vemos uma pessoa que acaba de acordar, vai até ao quarto de banho e perante o seu espelho inteligente (tecnológico) vê uma série de dados seus projetados no espelho como o batimento cardíaco, quantidade de açúcar no sangue, hemácias, glóbulos brancos, o seu peso e de repente um alerta encarnado zumbido e colorido pelo quarto de banho porque concretas células estão a começar a enlouquecer (CANCRO) e então já lá vem um pequeno carro automático e já lá está à porta o pequeno carro automático pronto para transportar imediatamente para o hospital num luxo e conforto que só esses*

*pequenos carros automáticos saberão. Se tinha um brunch marcado para as 12, quer lá o Sistema saber disso. Quer sim o Sistema abrir os seus tecidos e destruir imediatamente as células loucas. Não há perdão para a loucura. Nem sequer para a meia loucura. (...)*»

— O tio escreveu isto em 2018?

— Sim, em março.

— Mas o tio não conheceu o Xico e a Joana só em 2020?

— Sim.

— Então, como é que eles aparecem na sua escrita em 2018?

— É estranho, não é? E eu só descobri isso quando li em 2020. Não acreditam que há uma Internet de Coisas? Que já estamos ligados uns aos outros sem sabermos pel'O *Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom?

— E o tio não enlouqueceu?

— Não tinha tempo para enlouquecer. Nem tinha tempo para continuar a ler. Decidi que publicaria a *Megalomania Científica* no Jornal Jupiter. Mas só os Member Readers da Jupiter Editions poderiam lê-la sem pagar. Quem não fosse Member Reader, teria que pagar para ler. Hoje, muitos homens tomam comprimidos para a barba não crescer. Todos eles, sem eles saberem, estão mais do que ligados às máquinas. Eles vão parar às máquinas! Nós não precisamos de comprimidos para a barba não crescer, basta pegarmos numa gilete, que não seja descartável para não aumentarmos a nossa pegada ecológica, e raspamos. Temos prazer em estar à frente de um espelho que não seja

inteligente e simplesmente sentirmo-nos reais a raspar a barba ao lado do nosso marido ou da nossa mulher que não é um robot e sabe que os nossos melhores amigos de Sagres são vegetarianos e que estamos a raspar a barba por causa deles, para os receber, porque temos um jantar, temos convidados. Sabem o que é um robot saber que tem que cozinhar comida vegetariana porque 2 dos 10 convidados são vegetarianos e vê-lo a servir o jantar e a gravar tudo e a ouvir tudo e a processar tudo? Achem que alguma vez ia pôr os pés em casa de um amigo que tivesse um robot destes? Para quê? Para o robot ir contar-lhes que eu menti no jantar, ou que estava numa depressão? Os burros dos meus amigos, que tanto queriam ter filhos, não conseguiram perceber, que os filhos que ainda não existiam, quando existissem, iriam querer era ter o cérebro deles conectados aos robots? Os burros dos meus amigos, não perceberam que a Psicologia já estava a dizer que afinal a robofilia e a espetrofilia já não eram parafilias sexuais? Os burros dos meus amigos, não estavam a ver que os outros pais estavam a dar tablets às crianças assim que elas nasciam e que os filhos delas também iriam querer? Mas eu já estava farto de escrever sobre isto, farto! Fartei-me! É claro, que iam acabar por também querer ir para cama com robots. Só que isto na cabeça deles era ficção científica. Na cabeça deles, era tudo uma ficção científica, mas, na minha, era a minha realidade. Toda a minha vida simplesmente descrevi a realidade, mas usei a “ficção científica” para descrever a realidade que os meus olhos me autorizam a ver. Os meus olhos não me autorizam a ver todos os problemas à minha volta. Vão-se focando nuns. Sempre se foram focando nuns. Ao focar-me nuns, desfoco-me noutros. Eu nunca teria sabido destes problemas, das caravanas, do aluguer infernal de pranchas de surf, a “surfistas” que não são surfistas coisa nenhuma, mas que já se acham surfistas por terem tido uma experiência numa das imensas escolas de surf, que faz guerra com todas as outras escolas de surf, que abrem cabeças aos banhistas, se eu não tivesse ido para Sagres. E em

Sagres, soube que lá fora, na Suécia, o governo em 2020 andava a dar bolsas aos produtores de vaca, inventando uma nova economia. O governo sueco queria que se parasse com a cultura do leite de vaca; então o que é que fez? Começou a dar bolsas a quem produzia leite de vaca para que se começasse a cultivar soja, libertando assim as vacas das mãos económicas do homem. Contou-me um surfista sueco na Cordoama. Eu não paro de dizer que gosto da Suécia. Gosto muito da Suécia e gosto muito da Alemanha. Na Alemanha, se eu deito uma embalagem de plástico no lixo normal e não a separo corretamente no ecoponto, todos os alemães vão ficar a olhar para mim. Mas eles não olham só em 2080 com os seus olhos alienígenas. Eles já olhavam assim, muito antes de 2020. Era esta a alienígenidade que devíamos ter sabido importar muito antes de 2020. Porque em 2020, a forma como nós andávamos a fazer lixo em Portugal era miserável. A Sofie, era capaz de deixar de comprar um peixe, uma verdura ou uma fruta se o peixe, a fruta ou a verdura viessem numa embalagem de plástico. Foi a Sofie que me ensinou a cultura do “Zero Desperdício”. Nós poderíamos ter aderido à cultura, quando a cultura ainda não era uma ditadura. Não era preciso ter-se tornado uma ditadura. Hoje é proibido andar a arrastar pranchas de bodyboard pela areia ou deixá-las ao sol, porque estraga; e se estraga, vamos fazer mais lixo ao comprar uma nova. Bastava deixar o Fisco tomar conta disto. Hoje a nossa pegada ecológica é medida sofisticadamente pelo Sistema Perfeito. Há quem diga que o Sistema Perfeito é uma ditadura ecológica...

— Uma ditadura ecológica? Mas quem é que diz isso? Só o pai para se lembrar de dizer uma coisas dessas. Se o Sistema Perfeito fosse uma ditadura ecológica não tínhamos as milhares de câmaras de vigilância nem os milhares de drones...

— Agora tudo é reciclado... As câmaras e os drones vão para o desmantelamento e do desmantelamento saem novas coisas metálicas.

— Não saem nada, pai!

— Saem... Saem robôs 100% de metal reciclado...

— E a energia que é gasta para se produzir esse robots ecológicos?

— Qual energia? Estamos em 2080. A energia é infinitamente gratuita. Existe livre em todo o lado. Tudo é elétrico. Há eletricidade até nas plantas... Até se usam plantas para se carregarem os telefones... E isto não é novo. A ideia nasceu em 2009, com as engenheiras chilenas Carolina, Camila e Evelyn que foram premiadas em 2014. Os robots também descobriam isto? Descobriam! Mas só em 2045 é que descobriram isto. Elas descobriram primeiro que os robots. Nós humanos é que somos os verdadeiros robots! Claro que há um pequeno computadorinho dentro de nós que *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom nos instalou. Os nossos cérebros são computadores. Nós somos a melhor Inteligência Artificial de todas. E de vez em quando os *Anjos Tecnológicos* ou *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom lá nos vão hackeando e dando boas ideias.

— E se eu preferir acreditar que são os *Dons* que interferem com a interface tecnológica que é o meu cérebro?

— Por mim, meu filho, pode acreditar no que quiser. Você e o Thomas, hoje são livres para acreditarem no que quiserem. Compraram a vossa liberdade. Eu também tive que comprar a minha. E por ter comprado, também fui livre de acreditar no que quis. Só podemos acreditar verdadeiramente naquilo que nós quisermos se formos

verdadeiramente livres, e para isso precisamos de moedas para comprarmos a nossa liberdade. A liberdade está à venda. A liberdade tem um preço. Durante o processo de fotossíntese, a planta produz matéria orgânica que transforma energia da luz em energia química. À volta das tecnológicas raízes, os fungos processam a energia química que a planta vai utilizando para crescer, gerando elétrons como um produto secundário. A Carolina, a Camila e a Evelyn que sem serem botânicas, sabiam que o produto secundário dos elétrons era desperdiçado pela planta e invadidas pelo espírito de Lavoisier, inventaram um dispositivo que conseguisse capturar os elétrons. Hoje podemos ver casas sem tomadas, com os eletrodomésticos ligados aos vasos a alimentarem-se dos elétrons “desperdiçados” pelas plantas. As plantas são muito nossas amigas.

— E nós ao invés de lhe agradecermos e transplantarmo-las para um jardim de verdade, vamos deixá-las em vasos? O meu Direito Botânico ainda não conseguiu um estatuto para as plantas, mas...

— Tenha lá calma com os seus estatutos e com as suas idiotices, estou a avisá-lo!... Olhe, que o Sistema Perfeito tem tido demasiada paciência para as suas reivindicações. Não seja demasiado reivindicativo, que pode ficar mal visto para o Sistema Perfeito. Dê-se por contente com as suas árvores que agora podem viver uma eternidade e viva com elas a eternidade e deixe-nos lá ligarmo-nos às tomadas-terra que a Carolina, a Camila e a Evelyn descobriram para nós que há nas plantas. Numa hora e meia é possível carregarmos um telefone ou um tablet se comprarmos o dispositivo delas que dá para ligar à terra dos vasos, para quem tem as plantas e as flores nos vasos; ou que dá para ligar diretamente à terra do jardim, para quem é contra as plantas e as flores em vasos. Mas se quisermos ignorar a guerra tecnológica das patentes que isto gerou, podemos comprar outros

dispositivos que são puras imitações e para quem anda *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto ver os seus cigarros tecnológicos carregados em menos que 5 minutos. É claro que quem fuma não anda *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto. Finge só que anda. Porque, hoje em 2080, fica bem andar com um andar robotizado *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto. Simplesmente tornou-se uma moda andar-se e dizer-se que se anda *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto. Mas é fácil vermos quem anda mesmo e quem não anda *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto. Porque quem anda verdadeiramente *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto não anda com o telefone na mão, não fuma cigarros tecnológicos, não fuma nada, não anda com implantes cerebrais, não anda com lentes-cinema ou com drones atrás a não ser que seja um ator contratado pela Jupiter Editions. Quem anda *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto até pode andar de carro voador de um lado para o outro, mas assim que aterriza e sai da sua nave espacial, não sai com o telefone na mão. Até pode voar de drone, se estiver dentro do drone, mas não anda a voar num drone que tem uma Inteligência Artificial que monitoriza o voo por uma Internet das Coisas. E se calhar, até é capaz de voar numa Internet das Coisas, mas não deixa essa Internet das Coisas entrar com os seus microfones algoritmizados dentro do drone, nem mediar nenhuma das suas relações. Andar *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto não é andarmos com pressa de um lado para o outro. É sabermos o que se está a passar na economia. Sabermos o que se está a passar em nosso redor, no mundo real. Sabermos que muitas coisas se estão a passar. É sabermos que muito antes de 2020, exércitos americanos já tinham robots-soldados. Isto é que é importante sabermos. Não é mais nada. Era importante termos todos sabido que um dos robots militares se virou contra um militar humano e o castigo que o exército concedeu ao robot foi desligar-lhe. O importante era termos todos sabido que em 2019 a Rússia já tinha um avião supersónico capaz de voar *À Velocidade*

*da Luz* de Gil de Sales Giotto sem ser apanhado por nenhum radar. Quase que se podia teletransportar. O importante era termos todos sabido que o puto que governava a Coreia do Norte, andava a brincar com mísseis enquanto estudava a sua dinastia e prometia disparar a quem se atrevesse sair do seu país. Isto indignava-me em pleno século XXI, a ONU ou a NATO não fazerem nada em relação a isto. Porque se eu tivesse nascido na China ou na Coreia do Norte, eu implorava para que naves espaciais da NATO ou da NASA me viessem salvar dali para fora. O Jakob, dizia que a NATO não via muito interesse económico na Coreia do Norte. E eu perguntava-me, mas que raio de interesse económico é que era suposto vermos, se estávamos a falar de pessoas? E o Jakob perguntava-me se eu tinha mesmo 28 anos e se só “agora” é que eu tinha acordado para o mundo real. E ele dizia-me que eu tinha que ser mais atento ao meu redor. E eu dizia que a Coreia do Norte não estava ao meu redor, que não fazia fronteira com Portugal e que nunca ninguém me tinha contado que as pessoas na Coreia do Norte não podiam sair da Coreia do Norte em pleno século XXI. Eu juro, quando eu ficava a saber destas coisas, não digam ao Jakob, mas apetecia matar-me. Apetecia-me desistir de tudo. Quando eu via certas coisas e sabia que supostamente estávamos num chamado “Governo Mundial” pela paz e só pela paz, mas eu não via paz nenhuma, apetecia-me mesmo matar-me. Eu não podia dizer isto ao Jakob, senão ele acabava comigo. E sou-vos muito franco. Só não desisti, por causa do Jakob e por causa da Sarah e da minha mãe. Cometer suicídio é muito fácil. É muito fácil ficar-se louco. Basta sermos inteligentes, para ficarmos loucos. Basta estarmos lúcidos, para enlouquecermos com o que vemos à nossa volta e não podermos fazer nada. Se não fosse o Jakob, a minha mãe e a Sarah eu teria simplesmente desistido. Porque afinal, se a vida era assim, para mim não valia mais a pena viver. Se eu não conseguisse fazer nada em relação à Coreia do Norte ou à China, ou aos robots, ou aos drones, que me tiravam todos os direitos, todas



as liberdades e todas as garantias, se eu afinal tinha nascido e nem era capaz de combater a fome em África, então eu não queria mais viver. Ia viver para quê? Se o que me estava na raiz elétrica que eu sentia debaixo dos meus pés era a paz e a liberdade e se eu via que afinal não ia conseguir salvar milhões e milhões de pessoas dos governos doentios e do prisioneiro sistema monetário, eu pensava que não estava cá a fazer nada. Era isto que eu pensava. Porque se assim fosse, mais valia não me terem chamado para viver. Para quê chamarem-me para viver uma liberdade e depois ver a tecnologia a tirar-me toda a liberdade? E não poder dizer isto, com medo que uma Coreia do Norte me proibisse de entrar nela? Mas eu queria lá saber! Eu queria lá entrar na Coreia do Norte! E não poder dizer isto, com medo que o puto me localizasse e me enviasse um míssil ou hackeasse um drone-polícia com metralhadora que estivesse perto de mim e me rebentasse os miolos? Mas eu queria lá saber! Por mim, eu já tinha morrido. Eu acreditava que era um fantasma. E, como fantasma que era, como espírito que era, podia dizer espiritualmente aquilo que eu quisesse. Alguma vez eu poderia ter medo de dizer aquilo que eu pensasse? Se assim fosse, então mais valia morrer! Que me matassem! Eu não me podia suicidar. Porque o suicídio não é um ato de coragem! É um ato de cobardia! Nós somos seres sociais e emocionais. Somos, sim, feitos de emoções, não somos robots! Temos relações amorosas, familiares e de amizades. Eu sabia perfeitamente que se eu me matasse, a seguir matava-se o Jakob, a minha mãe teria um desgosto e o coração dela provavelmente pararia de bater e a Sarah ficaria de luto para sempre. Alguma vez eu iria deixar isto acontecer? Nunca! Por isso, cá estou em 2080 a contar tudo. Escolhi ficar cá para contar tudo em 2080. Eu nunca quis dar cabo da minha vida, sempre amei a minha vida, sempre fui muito feliz em cada segundo. Nem nunca quis dar cabo da vida dos outros. Mas vi governos a darem cabo de vidas humanas. Vi drones e metralhadoras a darem cabo de vidas humanas. E eu queria dar cabo destes drones,

destas metralhadoras e destes governos. Mas mesmo nesta guerra tecnológica, eu conseguia ser feliz. Mesmo sentindo-me completamente preso, conseguia experienciar felicidade. O que era estranho. Com toda a informação que eu possuía, o mais certo era suicidar-me. Eu tinha excesso de informação. O mais certo, era o meu cérebro esgotar-se. O mais certo, era o meu cérebro ficar altamente confuso. Mas ele não ficava. Numa felicidade muito nobre, o meu cérebro conseguia ver tudo de forma diferente, de forma esperançosa, de forma otimista. Quando temos esperança, somos felizes. Porque eu tinha esperança. Sabia que um exército muito grande, mas muito, muito, muito, muito grande, atrás de mim se estava a erguer. Mas eu olhava para trás e não via exército nenhum. Sabem porquê? Porque o exército era invisível. Era um exército altamente tecnológico. Era um exército que eu só conseguia sentir com o meu espírito tecnológico. Era um exército espiritual, o que eu via. Era esta a força que eu sentia e via desde sempre. Era esta a felicidade de exército de paz que eu via. Eu ficava feliz por saber que os soldados da paz estavam todos a caminho. Esses Anjos Tecnológicos iriam ser enviados no tempo certo pelo *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom. Diziam que isto era raro e diziam que eu tinha nascido com os algoritmos da felicidade. E eu respondia sempre que quem me tinha inserido os algoritmos da felicidade, tinha sido *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom. Eu não precisava de andar de descapotável para saber o prazer que era andar de descapotável. Bastava-me ver o prazer dos outros e ficava feliz por ver os outros a terem prazer. Eu não queria ter mil namorados. Só queria ter um. E *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom enviou-me a tempo o Jakob. Eu nunca quis casar, nem nunca quis ter filhos. Mas acabei por casar. E acabou por sair-me um filho na rifa. E acabei por ter um descapotável.

— Um Bentley, tio?

— Claro, Thomas. Mas o meu primeiro Bentley ainda não tinha asas... O meu primeiro Bentley ainda não voava.

— E o segundo?

— Só o meu terceiro Bentley é que voava. Não era suposto. Eu achava que não era suposto. Eu considerava-me a pessoa mais feliz do mundo. Mas nasci pobre. Nasci pobre num sistema monetário. Muitas pessoas nascem pobres e não sabem que são pobres. Nasci sem moedas. Tive que inventar moedas. Tive que ver o mundo com outros olhos. E por ter visto com outros olhos, consegui pôr o meu espírito a funcionar ao serviço da liberdade e da paz. Mas o Jakob não me queria ver a falar da paz de qualquer maneira. Dizia que se eu queria falar da paz, tinha que falar num Bentley. Dizia que era uma economia que estava capaz de suportar e financiar a paz. O Jakob era muito inteligente. De facto, o meu espírito dentro de um Bentley ficava sempre em paz. Os carros voadores da Bentley são blindados... Como é que eu não poderia estar descansado? Se estava descansado, estava em paz.

— Tio! E a Bentley também tem carros voares com mordomos virtuais que são hologramas que indicam e sugerem rotas e itinerários...

— Ah! Mas a Bentley em 2022 já tinha carros “sem asas” com esses mordomos... Isso para mim não é novidade nenhuma... Não vale a pena dizer nada sobre isso... Enfim, há gostos para tudo, espíritos tecnológicos para tudo... Vivemos numa verdadeira liberdade tecnológica. Quem gosta de hologramas, gosta...

— Sabiam que há uma nova marca de carros que tem motoristas virtuais que são hologramas atrevidos que seduzem os donos e despertam a sua espetrofilia...?

— Curioso, meu filho... Espero que não ande a trair o Thomas com outros espíritos que se projetem à sua frente... Andamos agora a projetar tudo, não é? Até vemos “balões de pensamentos” projetados por cima da cabeça dos humanos com implantes no cérebro... Eu cá não me atrevo a chamar-lhes nem cibborgues, nem super-humanos, nem homens-máquina, nem humanos melhorados... Para mim são só seres humanos com implantes tecnológicos no cérebro... Vão morrer mais cedo, coitados. E vão morrer sem memórias nenhuma. Sabe que tudo isto é uma consequência da Europa ter caído. Se tivéssemos estado todos unidos, como as Américas, teríamos ganho a guerra tecnológica com o Direito. Com uma China de um lado a predar todos os dados, com uma América poderosa cheia de informação, nós vamos sair da Europa? Depois de termos entrado, não podíamos ter saído, como é lógico! Foi um pesadelo. Depois do vírus tecnológico, foi um pesadelo. Até a Alemanha, esqueceu-se do “Erasmus” que tinha inventado e começou a recusar vistos de estudantes, por causa do vírus tecnológico. A brincadeira da Dinamarca, da Alemanha, de Portugal, de França, de Espanha a andarem a abrir e a fechar fronteiras uns aos outros, por causa do vírus, voltou e quando voltou começámos a vê-los a sair da Europa. Foi um erro tecnológico. Porque sem Europa, vivemos um pesadelo. Alguma vez Portugal, estava preparado para enfrentar sozinho a guerra tecnológica em plena *Crise de Todos os Direitos Fundamentais*? E vocês viveram bem esta Crise, sabem muito bem do que eu estou a falar. Vocês viram drones com metralhadoras a virem não sei de onde. Com uma Europa, isto não teria acontecido. Nem isto, nem robots a escreverem esta história. Sabem porquê? Porque a

Europa foi muito clara quando disse que um robot não podia ter direitos de autor, não podia ter direitos de personalidade e que um robot não podia ter sentimentos, nem podia ter os mesmos direitos que um ser humano. Sabem como é que os ordenamentos drogados, completamente cheios de droga, conseguiram hipnotizar todo o sistema? Dizendo que talvez, todos nós já fôssemos robots...? Sabem o que é assistir à separação do espírito humano do seu corpo humano? Sabem o que é ver os espíritos a desintegrarem-se dos seus corpos? Quando isto acontece, uma guerra acontece. Quando um espírito sai do seu corpo, numa loucura espiritual começa a querer fazer guerra por todo o lado. E foi guerra que se viu. Foi uma guerra de pessoas loucas que diziam que eram robots e que estavam dentro de um computador e que estavam a ver a vida delas através de um ecrã. Foram vídeos que fomentaram isto. Davam vídeos para as pessoas verem e as pessoas ficavam agarradas aos vídeos. A Internet fez um “desclique” aos neurónios humanos. Atrofiou-os completamente. Claro que estava tudo maravilhado e atrofiado com a maravilhosa e atrofiada informação na Internet... Mas e a desinformação? Até o meu pai foi parar ao Instagram quando eu estava em Sagres. Não bastava ter-se ficado pelo Facebook... E pelos “likes” dele, eu consegui ver que vídeos é que ele andava a ver. Se os livros que ele andava a ler de repente transformavam o cérebro dele, porque bastava um livro dizer que ele tinha que fazer “refresh” e “esquecer-se de tudo” como um verdadeiro escravo do sistema e era eu que depois tinha que grammar com os “refreshs” dele, imaginem então um vídeo a transformar os cérebros dos nossos pais. E todos sabemos como os vídeos são virais. O que os nossos pais se esqueceram, é que não foi *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom que fez esses vídeos. Muitos deles, acham que os vídeos vêm do nada, aparecem do nada. E muito deles, esquecem-se que somos nós que fazemos os vídeos. Eles percebem lá de efeitos especiais. Sabem lá como fazer montagens. Sabem lá como fazer um

vídeo tecnológico. E por não saberem, é que ficam depois agarrados à tecnologia dos vídeos. Se os livros já agarravam, imaginem os vídeos e se os vídeos agarravam, imagem os hologramas. Os hologramas foram mais uma economia de montagens. Parece que toda a gente tinha faltado às aulas de filosofia, para fumar charros. Nas aulas de filosofia nós falámos sobre tudo isto, sobre a hipótese de estarmos dentro de um computador, de haver um programador, de estarmos todos programados, mas fazíamos toda esta filosofia sem vídeos, fazíamos tudo isto sem tecnologias, e por fazermos esta filosofia sem nenhuma tecnologia à nossa volta, é que saímos da sala sem nenhuma *Paranoíde Tecnológica* de Federico Ferrari. Sabem uma coisa? Eu fiz filosofia no tempo certo. Pude filosofar no tempo certo. Nenhum telefone, nenhuma Inteligência Artificial ouviu a minha filosofia. Hoje, eu tinha medo de ir para as aulas de Filosofia. Aliás, hoje, eu teria todo o direito em não me querer expressar numa sala de aula cheia de algoritmos, cheia de telefones supertecnológicos ligados sempre à Internet que me fazem ficar para sempre dentro da Internet. E só este discurso filosófico já seria bastante para passar à cadeira de filosofia. Conseguem imaginar aulas de Filosofia pelo Zoom e um livro a seguir escrito por um robot que simplesmente fez a transcrição dos dados de voz e converteu-os para texto? Uau... Mas enfim, não podíamos proibir os nossos pais de andar na Internet... E de andarem de um lado para o outro com a Internet ligada e a transformarem as nossas vidas num autêntico filme escrito por algoritmos comprados ilicitamente agora por Hollywood. Porque até Hollywood entrou no ilícito mercado negro dos dados. Mas talvez pudéssemos proibir, sim, os nossos filhos. Poderíamos estipular uma determinada idade. Mas ver bebés a nascerem com tablets... Primeiro, tive que ver bebés a nascer com tablets na mão. Depois tive que ver bebés a nascerem com tablets dentro da cabeça deles e os pais a verem tudo através de um tablet. Foi aqui onde chegámos. Pais a implementarem chips nos cérebros dos

filhos para verem e ouvirem os filhos, para estarem para sempre ligados aos filhos, e tive que ver o Direito a deixar tudo isto. Simplesmente assinavam um termo de responsabilidade. E os filhos podiam depois chegar aos 18 anos e pedir uma indemnização por ter-lhes sido instalado um tablet, um ecrã, dentro da cabeça deles sem autorização. Foi isto que espoletou a guerra dos algoritmos. Não foi outra coisa. Não me venham dizer que foi outra coisa, porque não foi. Sabe até o que é que inventaram? Creches tecnológicas... Com o vírus tecnológico, muitos colégios, creches e infantários ficaram fechados e então o que é que o Ministério da Educação se lembrou?

— Mentira, tio...

— Verdade, Thomas... O meu pai já me tinha contado isto. Que as educadoras de infância e os colégios perguntaram aos pais se os pais podiam instalar o Zoom nos tablets dos bebés, como se fosse normalíssimo os bebés terem tablets e estarem ligados à Internet... E depois disto, foi o colocar das câmaras. Os pais podiam aceder às câmaras dos colégios e verem os seus bebés a transformarem-se em estúpidas crianças agarradas aos telefones.

— E conseguir desligar-se disto tudo? Ir contra o Direito, contra os ministérios e contra os institutos que fomentavam toda esta Internet de Coisas? Só o Sistema Perfeito foi capaz de o fazer! Ora, antes de ver drones estrangeiros com metralhadoras a virem não sei de onde numa já sem Europa, eu já tinha visto tudo isto em 2020 quando drones estrangeiros nos apontavam as câmaras de filmar que mais pareciam metralhadoras. Lembro-me de um polaco que andava a filmar a praia toda com o seu drone e de eu ter lá ido dizer que ele tinha que baixar o drone, porque não podia voar naquela praia sem autorização do Ministério da Defesa Nacional. Primeiro tinha que se ter autorização

do Ministério da Defesa Nacional, mas depois já só era preciso pedir autorização ao Instituto da Conservação da Natureza e Florestas, como se este instituto percebesse alguma coisa de direitos, liberdades e voos... Percebia de florestas, não percebia nada de direitos de personalidade nem de privacidade em público, porque há conversas que eu tenho na praia que são privadas e nenhum drone me pode gravá-las e dizer que não é uma conversa privada porque estou a tê-la na praia e a praia é pública... Porque foi aqui onde também chegámos... Nós chegámos a todo o lado... E a culpa foi do Direito! Que não soube ter mãos nisto! Mas custava alguma coisa proibir a merda dos drones? Depois também se podia pedir autorização ao Instituto do Turismo... Essa, então, é que foi boa... Um instituto que andava a fazer publicidade a Portugal com imagens de drone e a chamar tudo para Portugal... Andava a vender Portugal... Vendeu Portugal! Deu Portugal aos estrangeiros. Sabem o que é que é ir a uma cascata no Gerês e ter mais que 50 drones ali por cima da cascata? Sem podermos entrar na cascata porque há a merda de um drone em cima de uma cascata? O que nós queríamos, sim, era sermos visitados pelos estrangeiros, mas não era desta maneira. Não era sermos visitados por drones! E ninguém conseguia perceber isto! Nem o Direito? Se o Direito não tinha mãos para isto ia ser o Instituto da Conservação da Natureza e Florestas ou o Instituto do Turismo? O que é que o Instituto da Conservação da Natureza e Florestas ia fazer se eu voasse de drone na área protegida do Parque Natural da Costa Vicentina onde se inseria a praia da Cordoama? O que é que ia fazer? Expliquem-me... E eu ia virar-me para um polaco em inglês e dizer-lhe que não podia voar porque tinha que pedir autorização ao Instituto da Conservação da Natureza e Florestas? Só se fosse para rir! Como ele e os amigos já se estavam a rir de mim. Na primeira vez que eu fui lá pedir-lhe para baixar o drone, ele ainda demorou e disse simplesmente que não sabia que podia voar na praia e eu disse-lhe que não podia voar ali em toda a costa desde Vila Nova de



Mil Fontes até Lagos. Mas não era por se estar numa praia, que não se podia voar; não se podia voar ali porque estávamos no Parque Natural do Sudoeste Alentejano e da Costa Vicentina... Mas alguma vez eu iria dizer-lhe que era por causa disso? Eu já estava com os olhos postos no futuro e o meu problema com o drone dele, eram os meus direitos de imagem e a minha liberdade de expressão, porque com drones a voar por todo o lado a minha liberdade de movimentos e a minha liberdade de pensamento é simplesmente restringida, porque eu não quero ser capturado por câmara nenhuma de drone, nem ser capturado por microfone nenhum de drone. O polaco subiu com os amigos umas barreiras e ficou por cima da praia e eu tive que de baixo estar a gritar-lhe que ele não podia estar a voar de drone e que era a segunda vez que estava a dizer-lhe aquilo! Apetecia-me chamar a Polícia Marítima, mas o que é que ela ia fazer sobre isto? Não ia fazer nada! Eu até em inglês podia dizer que ia chamar a Polícia Marítima, só para eles baixarem o drone, mas se eles me enfrentassem e me desafiassem em chamar a Polícia Marítima, a Polícia Marítima ia dizer-me ao telefone que não tinha competência nenhuma sobre isto. Nem competência, nem drones para isto. E que os drones que tinha, era para sobrevoar sobre os salva-vidas para ver se eles estavam a dormir, a fumar charros, ao telefone ou de tronco nu a seduzir mais de metade da praia. O Vandame continuava sempre a mandar baixar os drones, dizendo que aquela era uma praia concessionada e que, por isso, não podia ali haver drones a voarem. Também era uma boa desculpa. Mas não era por isso, que não se podia voar na altura. Deveria ser. Mas não era. E eu continuava a dizer que era preciso autorização do Ministério da Defesa Nacional... Quem me dera poder ter dito que era preciso autorização da Força Aérea... Quem é que se ia meter com a Força Aérea? Os polacos, que mais pareciam *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke, de certeza que não se teriam rido de mim. se eu dissesse que não podiam voar por causa da Força Aérea. Hoje, os céus, pertencem todos à Força Aérea. E acho

muito bem que os céus pertençam à Força Aérea. Porque, a Força Aérea comunica com a Polícia Tecnológica. Se eu vejo um drone empresarial a voar sem bandeira, posso chamar a Polícia Tecnológica que *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto vai chegar! Já está a chegar! Hoje, a Jupiter Editions quando está a transformar um dos seus livros em filmes e está a filmar com um drone, todos vemos na praia que o drone é da Jupiter Editions porque tem lá uma bandeira a dizer *Jupiter Editions* e, portanto, estamos todos descansados, porque sabemos que só os atores contratados pela Jupiter Editions é que estão a ser filmados e sabemos que estão a receber milhões de moedas Jupiter por estarem a ser filmados. Todos sabemos que se quisermos ser filmados pela Jupiter Editions, a Jupiter Editions paga por isso. Tem que pagar. Tem que contratar. E sabemos também, que de certeza absoluta que o drone que está a ser usado pela Jupiter Editions é um drone comprado em segunda mão. Porque a Jupiter Editions não vai, nem quer patrocinar a economia estúpida dos drones. Simplesmente aproveita-se dela, é claro. A Jupiter Editions só se aproveita do que há na economia. Ao invés de um drone que já foi fabricado ficar inutilizado, porque o dono já comprou um novo drone e já não liga ao drone “velho”, a Jupiter Editions aproveita o drone “velho” antes do drone entrar definitivamente no seu fim de vida. Porque há um ciclo de vida para tudo. E eu, nunca pilotei um drone a título pessoal, como uma pessoa singular, pilotei sim como realizador da Jupiter Editions. Simplesmente “mandei” reproduzir o filme com drones em que eu me vi metido. Foi isto que eu fiz. E eu já estou cansado de dizer isto, mas volto a dizê-lo: eu não quero ir contra a tecnologia só porque sim, não quero um Direito a regular tudo só porque sim, não quero ser “contra” os drones só porque sim. Mas quem viu em 2020, como eu vi, toda a gente a esquecer-se que tínhamos inventado códigos e direitos e a chegar à praia e a fazer um estúpido raio-X a tudo e todos com os telefones, simplesmente não quis que os drones fossem parar a todas as mãos,

porque seriam autênticas armas. A Jupiter Editions nasceu por causa de um stress. Foi o mercado que me stressou, que me pressionou, que me apontou armas. Foi por isso que a Jupiter Editons nasceu. Os filmes iam começar, talvez tenha sido a *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari que tenha aberto portas infinitas à Jupiter Editions. Porque de repente, tive que começar a ver tudo ao mesmo tempo. Tive que ver tudo ao mesmo tempo. Tudo ao mesmo tempo. Porque estava tudo a acontecer ao mesmo tempo. Tudo ao mesmo tempo. Eram milhões de filmes na minha cabeça. E eram milhões de algoritmos a olharem para as cabeças humanas. Eram milhões de tecnologias prontas para se implementarem às cabeças humanas. Estava tudo a postos. Estava tudo a preparar-se para a guerra. Quem viu a guerra tecnológica, começou a preparar-se para ela. É claro, cada um respondeu ao mercado como soube. A Jupiter Editions respondeu sobretudo com livros, músicas, filmes, comédias e teatros. Porque a melhor forma de se olhar para tudo isto era rir. E eu tinha que andar a escrever esta guerra toda com mil interrupções. Foram interrupções atrás de interrupções. Foi a Giralda. Foi o meu pai. Era a Giralda a querer entrar nas minhas histórias. Era o meu pai a querer entrar nas minhas histórias. Era Sagres a querer entrar na minha história, quando eu já as tinha fechado. E era Sagres a mandar-me abrir as histórias. E onde é que eu ia pôr Sagres nisto? E se punha Sagres numa história que estava ligada com outra história tinha que depois andar a mexer nas outras histórias. E eu não podia andar a mexer em coisas que já tinham sido escritas, porque eu achava que o meu espiritualismo não deixava. Mas depois via o meu espírito a autorizar tudo isto e ainda por cima a autorizar mexer no tempo com drones. E depois eu já tinha começado a mexer e olhava para o relógio e o relógio dizia-me que ia ter que parar de escrever, porque tinha que ir *À Velocidade da Luz* de Gil de de Sales Giotto a correr para a praia da Cordoama. E depois na praia eram filmes que eu escrevia com o meu cérebro, eram rolos de filme que eu via na minha mente e que eu só

queria era escrevê-los, mas não podia, porque o contrato de trabalho que eu tinha celebrado não me deixava escrever em tempo real os filmes que apareciam na minha mente e aquilo que eu via com os meus olhos e ouvia com os meus ouvidos. E isto, para mim, era um inferno, não poder escrever, quando eu queria escrever. Porque eu só queria era escrever. Eu era feliz era a escrever um dia inteiro. Escrever, era o meu trabalho. Era esse o meu trabalho. Mas eu estava noutra trabalho. Noutra trabalho que me permitiu ver outras coisas, é claro, mas que não me deixava escrever. Eu podia escrever quando chegasse a casa. Mas eu chegava cansado. Porque já tinha estado a trabalhar o dia todo. O meu corpo, o meu cérebro, a minha mente já tinham estado a trabalhar o dia todo. E por isso, eu não podia mais escrever quando chegasse a casa. Porque o meu cérebro já não queria escrever mais. Ele já tinha escrito mentalmente o dia todo. Ter que escrever tudo outra vez? O que eu queria, era poder levar um computador ou um dos meus cadernos para a praia e estar ali a escrever quando fosse para escrever. Eu nunca agarrei uma esferográfica e fiquei a olhar para o ar à espera que viesse “uma tal inspiração”. Isso não é escrever. Ficar a olhar não sei para onde e inventar não é escrever. Um pintor não fica a olhar para o quadro a pensar onde vai pintar. Simplesmente pinta. Um pianista não fica no piano a olhar para o piano a pensar como vai tocar e o que vai tocar. Quando o pianista se senta no piano, simplesmente toca. É o mesmo que um escritor. Um escritor quando pega na esferográfica escreve sem parar. Hoje, posso escrever sem parar. Hoje, tenho uma verdadeira liberdade. Mas em Sagres, não podia. Tinha um contrato de trabalho que não me deixava escrever à vontade. Porque o relógio dizia-me que já eram quase 9 horas. Eu tinha que parar quando o meu espírito, a minha mente e o meu cérebro não queriam parar. E voltar depois onde eu tinha ficado? Eram dias que eu ficava sem escrever, porque estava cansado. E a história já tinha sido mexida. E agora eu estava obrigado a continuar. Porque já tinha gravado. O que eu tinha

escrito já tinha sido gravado. Já não dava para voltar atrás. Parecia que eu andava a escrever com a lua. Fechava sempre numa lua cheia e depois abria sempre numa lua nova. E sabem como é que era o mar da Cordoama numa lua nova? Marés vivas de ondas de dois metros e tal que varriam a praia toda. Nem os surfistas se atreviam a entrar. E eu queria escrever sobre isto, mas não podia. E nisto, eu via um novo filme que se projetava em mim. Os filmes na minha mente simplesmente apareciam e quando apareciam, eu tinha que os escrever. Mas eu não podia escrevê-los...

— Mas afinal, porque é que o pai não podia escrever? Não disse que tinha ido para Sagres internacionalizar a Jupiter Editions?

— Disse. A minha história já tinha sido anunciada, já estava pronta para ser vendida, mas eu tinha mais um filme que tinha visto na Praia da Cordoama e eu não conseguia largar a minha história, sem o filme que eu tinha visto... Porque o filme estava de tal maneira ligado à história que eu só me sentiria verdadeiramente feliz, só me sentiria verdadeiramente livre, só me sentiria de consciência tranquila, só me sentiria em paz, e o que eu mais queria era sentir o sabor da paz de espírito, o que eu mais queria era não pensar em nada por um dia, poder estar verdadeiramente descansado, e eu sabia que isso só aconteceria, se eu tivesse dito tudo aquilo que haveria por dizer.

— E ficou alguma coisa por dizer?

— Não. Disse tudo o que quis.

— Conte lá que filmes é que viu na praia da Cordoama, pai...

— Oh... Foram tantos...!

— Conte-nos, pai! Conte-nos *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto ou já não consegue? Agora está velho e cansado, não é...?

— Sabe, eu já estava com 28 anos... E lembro-me de telefonar ao Jakob que estava lá na Costa de Caparica e dizer-lhe que estava mesmo cansado, que precisava de férias e que já não estava a conseguir. E o Jakob pedia-me por tudo para que eu pusesse um ponto final. Mas eu explicava-lhe que sem escrever o que eu ainda tinha para escrever, eu sentir-me-ia incompleto, sentir-me-ia infeliz. E estava tudo à espera. Era a nossa contabilista, a Natalie, que estava um pouco preocupada, porque a Jupiter Editions já tinha aberto atividade em maio e estávamos no final de agosto e ainda não estávamos a vender, porque eu não conseguia parar de escrever. Já tinha fechado a minha história em tantas luas cheias, mas voltava a abrir em tantas luas novas. Eu estava dentro de um círculo vicioso. Sabem que a lua é tecnológica não sabem?

— Qual delas, tio?

— A que não é um holograma...

— Assim, muito de repente, não consigo distinguir... As 3 luas parecem verdadeiras...

— Vá, lá... Thomas... Não me desiluda...!

— Pai, o Thomas está a brincar...

— Sabem que a lua não influencia só os mares... Não exerce só uma força tecnológica, a que chamamos, gravidade, nos mares tecnológicos... Também exerce em nós, exerce nos nossos espíritos tecnológicos, nos espíritos que temos cá dentro dos nossos corpos... Como eu era capaz de ficar horas a olhar para a lua! Às vezes, parece

que ficava tanto tempo a olhar para a lua e para as paisagens a decorá-las, porque sabia que elas se transformariam, que coisas se instalariam nelas... Quando as viagens regulares à lua, só para milionários, começaram em 2035, lembro-me tão bem quando um grupo mundial veio para as ruas protestar e reivindicar o “Direito de Olhar Para a Lua e Ver Só a Lua Tal e Qual Como Ela É”... Dizia-se que tinha sido o direito mais cumprido que se tinha inventado alguma vez. Descobriu-se que havia água na lua, por isso, podem imaginar as empresas milionárias que faziam viagens espaciais até à Lua e depois aproveitavam e, já que estavam lá, perfuravam-na e traziam águas que vendiam por um porradão de moedas. Em 2080 já não há água na lua. Secaram-na completamente. Chegaram, exploraram, descartaram. Agora é um monte de lixo espacial à volta da Lua e da Terra. Mas porquê? Porque é que também se tinha que ir estragar a lua? Estragaram os oceanos, tinham que estragar também a lua? Depositaram lixo nos oceanos, tinham que fazer também lixo no espaço? O ser humano é uma anedota. Os *Dons* devem ver o ser humano como uma anedota. Diga lá, Thomas, você que está mais conectado aos *Dons*, como é que os *Dons* nos veem? Não é como uma anedota?

— Não sei, tio...

— Pois, não sabe... Muito sinceramente, nem sei como é que os *Dons* nos deixaram ir à lua... O lixo espacial que em 2020 já era... Imaginem agora o lixo que está!... Não era óbvio que por cada satélite que se lançaria, algum dia o satélite tornar-se-ia lixo? E lançámos quantos? Estamos a lançar ainda mais quantos? Vamos lançar mais?? Nunca percebi muito bem estas corridas à Lua... Estas corridas a Marte... Se ainda fosse ao *Jupiter* de Gabriel Garibaldi...! Agora a Marte? A Marte?? Para quê ir a Marte? Se temos Marte aqui na Terra, em Lanzarote, nas Ilhas Canárias...? E aqui em Marte na Terra, podemos

andar sem fato de astronauta... Podemos andar de fato de banho! Qual é o sentido de vida em Marte? Estamos na Terra! Vamos aproveitar a Terra, não é? Vamos para Marte fazer o quê, se ainda não vimos nem um terço da terra? Sabem o que é que os primeiros voluntários responderam ao Aliened, ao Is Happening e à Jupiter Society, quando foram entrevistados, para sabermos, quais seriam as razões que os motivavam a ir para Marte? Uns disseram que era pelo espírito altruísta humano e que alguém tinha que ir para Marte... Lembro-me que foi o Aliened que mais quis explorar o que estaria por detrás desse espírito altruísta humano e lembro-me que o argumento invocado por um dos voluntários tinha que ver com a extinção dos dinossauros, porque dizia que os dinossauros só tinham sido extintos, porque não foram para Marte, e assim, se o humano fosse para Marte poderia dar continuidade à espécie humana... Depois lembro-me de outros que diziam que era pelo espírito aventureiro e que se sentiriam mais perto e mais conectados às alienígenas civilizações se fossem para Marte e que tinha poluído muito a Terra e não a queria poluir mais... E lembro-me de ver chegar um hilariante microfone do Kanal Jupiter a perguntar num tom muito divertido “já que tinham um espírito tão aventureiro” se já tinham nadado com os tubarões e se sabiam que só precisavam de 20 moedas Jupiter para nadar com os tubarões... Lembro-me de outro microfone do Kanal Jupiter perguntar “já que queriam conectar-se com alienígenas civilizações” se sabiam como era a vida das abelhas e de eles todos dizerem que tinham medo de abelhas; bem, o que eu me ri... Saiu no Jornal Jupiter e tudo! É claro que isto tinha que ser imprimido... E ainda me lembro do Kanal Jupiter, em direto, perguntar se sabiam que a saída deles da Terra iria poluir mais do que 20 mil humanos juntos numa vida toda, e de pedir desculpa pela pergunta que estava a fazer, mas que só estava a colocar a questão porque eles estavam muito preocupados com a poluição... O que eu me ri com o Kanal Jupiter...



— Mas é mesmo para rir! Ainda nem nadámos com os tubarões, mas já queremos conectarmo-nos com alienígenas civilizações? Nem ligamos às sociedades alienígenas aqui da Terra, que são as abelhas e as formigas, nem sequer as queremos compreender, mas queremos conectarmo-nos à sociedade joviana de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi? Ela não quer conectar-se connosco, se nós temos medo de abelhas. Temos medo de abelhas e não temos medo de aliens? As abelhas são aliens aqui na Terra! As formigas são aliens aqui na Terra! Elas é que são os nossos aliens! Elas é que são os nossos *Dons*. Mas vamos para Marte à procura de vida? Ainda nem compreendemos a da Terra, como é que vamos compreender a de Marte?

— Porque já fomos marcianos?

— Sim, Thomas. Já fomos marcianos. Mas Marte extinguiu-nos. Acabou. Estamos na Terra. *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom com a sua maravilhosa tecnologia conseguiu transferir o nosso espírito marciano aqui para a Terra.

— O tio acredita que viemos de Marte?

— Sei lá! Não voltou, outra vez, essa teoria marciana, com as corridas *low cost* da Airflies a Marte? A Airflies tem viagens espaciais *low cost* à Lua e a Marte... E com o seu *low cost* científico diz que Marte já foi uma Terra, com um oceano como o da Terra. Mas, enfim... São estudos patrocinados pela Airflies... A Airflies tem todo o interesse; se explora viagens para lá, é claro que financia essa história. Hoje a história é toda financiada. As histórias são financiadas. Paga-se para se contar uma história. Também andou a contar histórias da lua. Que a próxima cidade do futuro poderia ser uma cidade subterrânea na Lua cheia de túneis e galerias subterrâneas. E uma história boa, uma história

espacial, vende sempre bem. A Airflies começou as viagens à lua por um preço muito competitivo de 4 mil moedas Jupiter... Mas demorava séculos de horas, quase 10 horas... A Marte demora, ainda, quase 7 meses, é uma viagem eterna sem bilhete de volta. Em 2024 enviaram-se os satélites para Marte, em 2026 enviaram os primeiros Rovers que criaram os suportes de vida e começaram a produzir água em 2029 enviaram-se os segundos Rovers e em 2031 já tínhamos uma atmosfera respirável, pronta a ser respirada pelos primeiros voluntários sem bilhete de regresso... Ainda não voltaram... Vivem lá como os que vivem dentro das crateras e dos túneis na Lua... Mas os da Lua ainda voltam... Vão e voltam... A Lua é já ali! É pertíssimo!

— Foi pela Airflies que o tio foi ao *Jupiter* de Gabriel Garibaldi?

— Não. Fui pela ELITE-FLIGHT. Só viajo pela ELITE-FLIGHT. A ELITE-FLIGHT não vai mesmo à lua, vai até ao hotel imprimido flutuante que tem em órbita a 50km da Lua. Acho mais seguro. A lua tem um poder gravitacional nos nossos cérebros que mais perto pode fazê-los expandir... Se bem que só de sair da Terra já faz expandir o cérebro... É a minha teoria! Por 20 mil moedas Jupiter a ELITE-FLIGHT leva-nos em menos de 4 horas à Lua. E a ELITE-FLIGHT faz viagens-cinema de realidade virtual aumentada a *Jupiter* de Gabriel Garibaldi dentro dos supersónicos, em terra, que o meu Direito Comercial de Dados proibiu de levantar voo. A primeira vez que usei a realidade virtual aumentada foi para ver *Jupiter* de Gabriel Garibaldi. Este é que sempre foi o meu sentido de realidade virtual aumentada. Não vou pôr óculos de realidade virtual aumentada para ir nadar com os tubarões, quando posso ir nadar com eles por 20 moedas Jupiter. Mas, se, ainda, não posso ir a Saturn ou Neptune, posso pôr os óculos de realidade virtual aumentada. Hoje a ELITE-FLIGHT não tem

câmaras de filmar dentro do avião, porque fui eu que mandei retirar para poder viajar.

— Não pode! O pai foi o juiz do caso *Vítor Hugo versus ELITE-FLIGHT*?

— Sim, fui.

— Eu dei esse caso na minha aula, e falei do juiz sem saber que o juiz tinha sido o pai. Se soubesse, teria-o gabado aos meus alunos.

— Vítor Hugo e Berta Noémia foram um casal muito inteligente, porque demandaram a ELITE-FLIGHT ao mesmo tempo no Tribunal dos Algoritmos e no Tribunal Comercial dos Dados. Se só tivessem demandado no Tribunal dos Algoritmos perdiam, porque o juiz que estava à frente do Tribunal dos Algoritmos na altura era um estúpido que eu odiava e que parecia um robot dos algoritmos. O Thomas soube deste caso?

— Não, tio...

— Vítor Hugo e Berta Noémia tinham comprado uma viagem de avião pela ELITE-FLIGHT. Olhem, por acaso... Até acho que foi a Lanzarote, que coincidência!... Pronto... Mas a viagem correu muito mal, desde ter-lhes sido serviço uma refeição pobre a bordo, desde o avião não ter janelas, até o avião ter câmaras que lhes baixou a pontuação de simpatia, porque eles saíram zangadíssimos do voo... É claro que as câmaras num avião nunca poderiam ser instaladas ao contrário de um autómato. Se eu não apanhar um autómato ou vou a pé ou uso outro meio de transporte, chamo um táxi voador, sei lá! No avião é diferente: se eu não apanhar aquele voo, deixo de voar! É completamente diferente e a instalação de câmaras num avião, só por si,

não é legal. A única hipótese seria se a mesma empresa de aviões descolasse dois aviões, um a seguir a outro, em que um tinha câmaras e o outro não tinha, em que, por exemplo, o avião que descolaria primeiro sem câmaras teria o preço normal do bilhete do voo e o que descolaria a seguir tivesse uma redução do custo do bilhete para metade, ou se a ELITE-FLIGHT fosse ao mesmo tempo uma realizadora e tivesse celebrado no momento da compra um contrato de realização e cinema com os passageiros. Se bem, que a hipótese que eu levantei sobre um avião que vai descolar com câmaras e o outro não, seria muito discutível, porque estaríamos a beneficiar flagrantemente uma classe económica... Mas enfim, no caso, ainda que pudessem ter as câmaras de filmar instaladas no avião, que não podiam, o algoritmo que permitiu baixar a pontuação de simpatia e fazer com que Vítor Hugo e Berta Noémia perdessem milhas para o próximo voo, mesmo que este algoritmo fosse interno, seria sempre ilícito num avião comercial que explora linhas aéreas concessionadas pelo domínio público. Ora, foram filmados sem qualquer aviso, mas mesmo que fossem avisados, a questão seria a mesma e o caso deles veio agitar todo o mercado embrionário dos supersónicos que se estavam a fabricar sem janelas, por causa de um direito económico da utilidade do tempo e também do direito da aerodinâmica, porque eles trouxeram o Direito à Vista e eu gostei e dei-lhes razão.

— O tio parece que brinca com o Direito...

— O Direito, no fundo, não passa de uma brincadeira, não é? É uma ficção do Homem. É uma ficção nossa. Não é uma ficção científica. Mas é uma ficção jurídica. Muitas vezes, o Direito ganhou porque se pôs a inventar, a ficcionar. Esse direito da aerodinâmica era uma ficção que se queria para se poderem fabricar os supersónicos. E eu não deixei. Eles tinham mesmo razão! De que vale pagarmos uma

viagem *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto para *Jupiter* de Gabriel Garibaldi, se nem podemos ver a viagem? É importante vermos a viagem. Como os supersônicos da ELITE-FLIGHT já estavam a ser montados às peças, acabaram por sair da fábrica para fazer viagens em terra de cinema de realidade virtual aumentada para *Jupiter* de Gabriel Garibaldi. Se conectássemos o nosso telefone à *app* da ELITE-FLIGHT, a ELITE-FLIGHT mudava o nosso GPS para *Jupiter* de Gabriel Garibaldi e publicava na Rede, que estávamos em *Jupiter* de Gabriel Garibaldi... Tecnologias...

— Tio, e toda esta conversa espacial não lhe abriu o apetite para se lançar também às viagens espaciais?

— A mim não. Mas porque não concorrem vocês ao espaço? Já que o espaço é de todos... Vocês é que são jovens... Concorram vocês! Não é difícil! Eu é que não gosto dessa economia. Fala-se de sustentabilidade e depois vamos andar a fazer os lixos espaciais? E os carbonos que se emitem? E as saídas para o espaço que rasgam a camada do ozono? Agora até já se fala em sustentabilidade espacial... Em 2021 era a sustentabilidade digital... Mas como do digital viemos para o espaço, mudámos a nossa linguagem sustentável... Se ainda fossem naves espaciais como as de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi que se “teletransportam” sem poluir, era uma coisa... Mas onde estão essas naves espaciais??? Só as vejo em *Jupiter* de Gabriel Garibaldi. E depois, não é só todo este turismo espacial que me cansa... Também me cansa todo a economia dos satélites e da Internet de Coisas dos... Já vamos em quantos satélites lançados? 500 mil? 700 mil? Em 2025 já eram 11 mil... Em 2020 eram qual mil satélites... Mas para quê? Ter 5 ou 10, percebe-se, para a meteorologia, GPS, mapeamentos, para as “estratégias militares de ocupação do espaço espacial para a paz espacial”, enfim... Estamos sempre a inventar... Mas para ter Internet

sempre mais rápida? Para sermos monitorizados com uma melhor precisão de transmissão de imagem? Os astrónomos preocuparam-se logo com as observações às estrelas e constelações feitas da Terra, mas se isto era um assunto de política astronómica, para que é que se iria dar ouvidos à ciência astronómica, não é? Anedotas! O nosso mundo parece uma anedota. E eu, só me posso é rir! Rio-me, porque estou vivo, ainda! Com toda esta satelitização que sabe que estou sempre a falar mal dos satélites artificiais, não sei como é que ainda não levei com um míssil em cima. Porque era fácil. Em segundos, era fácil fazerem-me desaparecer. Talvez tenha desaparecido para o espaço sideral. Talvez esteja a falar do espaço sideral. Estamos onde?

— No Universo, tio.

— Ah! Boa! Ainda não saímos do Universo... Quando sairmos digam. Quando a viagem chegar ao fim, digam. Porque eu não sei se me apetece ver a viagem toda até ao fim...

— Então, pai! Ainda há bocado disse que estava tão contente por estar vivo e que queria ver a viagem até ao fim... Agora já não quer?

— Eu não disse nada disso! Mas estou farto, sabem!? Estou cansado. Estou cansado de me expressar tecnologicamente. Mas depois parece que não me canso. Parece que sou capaz de ficar aqui horas no Universo a expressar-me. Sabem que até já há robots a lançarem coisas para o espaço?

— Que coisas?

— Coisas, meu filho....

— Mas que coisas, pai?

— Coisas! No seu Direito do Mercado das Expressões e da Concorrência Internacional, os robots inteligentes podem imprimir, por exemplo, satélites e enviá-los para o espaço.

— O que é que o pai está a dizer?

— Mas você está em que ano? Não estamos em 2080? Já em 2020, o acesso ao espaço era muito fácil e muito barato e a partir de 2024 e 2025 foi ficando cada vez mais barato. A maior dificuldade que se sentia na altura era o controlo do número, tipo, posição e duração em órbita de objetos espaciais. Mas agora com o Direito do Mercado das Expressões e da Concorrência Internacional dos robots que têm a autonomia de lançar e conectarem-se inteligentemente aos objetos que lançam, “a órbita” está cada vez mais na moda. A moda é lançar-se agora objetos inteligentes para o espaço. Até robots já conseguiram “lançar” um holograma 3D com forma que ocupa o espaço e fica em órbita, uma coisa surreal, que eu muito francamente não consigo explicar tecnologicamente... Por isso é que o Direito do Mercado das Expressões e da Concorrência Internacional está a ficar um direito cada vez mais forte e com maior peso para os robots. Aliás, é esse o primeiro direito que eles invocam. Puseram-nos a invocar esse direito como robots que são. Vi robots a comercializarem água da lua. Quando havia água na lua, vi robots a irem buscar água à lua e a trazerem-na. Os robots também venderam milionariamente água da lua.

— E o pai chegou a beber água da lua?

— Alguma vez? Claro que não. Essas águas faziam mal. Não são para os humanos. Acham que a lua é para se perfurar? Temos tanta

água boa aqui na Terra. Inventámos há anos a dessalinização para tirarmos o sal da água do mar e bebermos como se tivéssemos uma torneira de água doce quase infinita... Sempre soube que a água era infinita, como a eletricidade, porque *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom quando nos colocou aqui na Terra, não nos colocou ao acaso. Acham o quê? Que estamos aqui por acaso? Não estamos aqui por acaso! Olhem, reparem, na inteligência humana. Tudo bem, que sabemos que foram anos de evolução. Mas olhem, reparem para nós!!!! Olhem para toda a tecnologia que nos suporta!!!! Olhem para a nossa pele, para os nossos olhos, para o nosso cérebro, olhem para tudo isto! Olhem como é que nós falamos, como é que os neurotransmissores que eu tenho instalados no meu cérebro me deixam falar, olhem! Olhem toda esta tecnologia espetacular, que é o nosso corpo, com que nós nascemos! Olhem, para isto! Somos humanos! Não somos robots! Não somos robots!!!! Hoje, em 2080, há robots que se parecem como nós, sim. Há robots que têm cérebros humanos, sim. Humanos que morreram e que o Direito deixou o Direito à Robótica e À Inteligência Artificial aproveitar-se de um cérebro que já morreu e colocá-lo num robot, quando descobriu que a mente “volta” quando o cérebro é reanimado, quando novas fichas, novos elétrodos, novas voltagens conseguem voltar a acordar o cérebro. Isto é que é um filme de terror. Andar a ressuscitar mortos. Sabem porque é que eu ainda estou vivo? Sabem porque é que o Sistema Perfeito protege a minha vida? Porque eu, no meu Testamento Vital, não permito que nem a Ciência, nem o Direito, nem a Robótica, nem a Inteligência Artificial façam economia com o meu cérebro. Se quiserem fazer economia com o meu cérebro, têm que fazer enquanto eu estou vivo, se quiserem ver o meu cérebro económico, terão que o ver enquanto eu estou vivo. Hoje, quando uma pessoa se suicida, o que é que acontece? Agarram no cérebro e metem-no na máquina, ligam-no à máquina tecnológica e “a pessoa” que é o espírito que habita no cérebro, ou habitava, eu sei lá, acha que a vida



dela ainda existe, porque os programas estão de tal maneira tecnológicos que a pessoa teve um acidente de carro, bateu, morreu, vem a Medicina Robótica transferir o cérebro para a máquina tecnológica, fazem um pequeno “refresh” e a pessoa simplesmente acha que passou pelo caminhão e não morreu com o caminhão, porque o acidente foi apagado, a memória foi-lhe retirada. Mas isto é um filme de terror dos pobres que não têm dinheiro nem para pagar o Testamento Vital. Durante muitos anos, o Testamento Vital foi gratuito. Todas as pessoas poderiam dizer que não queriam doar os seus órgãos à ciência. Mas um “maluco” como eu, começou a escrever para as pessoas não doarem os seus cérebros à ciência numa Era tão digital e tão editável, como a que estávamos a viver, e foi uma corrida aos testamentos que o Sistema Perfeito teve que tomar medidas drásticas. Eu não queria que as pessoas deixassem de doar os seus corações a quem precisasse e estivesse a morrer e precisasse imediatamente de um transplante de coração. Mas nós hoje, já podemos imprimir corações. Podemos imprimir qualquer órgão. O que eu queria, era que as pessoas soubessem defender os seus corações e sobretudo os seus cérebros, porque uma tecnologia, tinha descoberto, quão tecnológicos eram os nossos cérebros. Vocês talvez não tenham bem noção dos programas de Inteligência Artificial, mas sabem o que é eu ter visto, com os meus próprios olhos, que era possível vermos um cérebro ligado a uma máquina sem corpo nenhum, só com o seu cérebro, e “darmos” um corpo ao cérebro e o cérebro achar mesmo que tinha um corpo e não saber que estava dentro do programa de Inteligência Artificial mais sofisticado do mundo? As pessoas não se podiam suicidar. Porque se as pessoas se suicidassem, iam ser metidas num filme ainda (“mais”!) pior que ia durar uma eternidade. As pessoas tinham que querer viver as suas vidas reais. Nós em 2020 podíamos imaginar tudo isto e até podíamos imaginar que éramos robots ou que estávamos simplesmente dentro de um sofisticado programa de Inteligência Artificial. Lembro-

me de estar a escrever isto às 7h40, em Sagres, com a Sofie ao lado e imaginar que ela no seu computador, estivesse a ver o que eu escrevia em tempo real no meu computador. E depressa, a *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari dizia-me que em 2020 era lícito eu poder pensar isto quando eu já tinha o Wi-Fi e já podia hackear os computadores que estivessem ligados à mesma rede do Wi-Fi, porque era só eu saber a palavra-passe. E eu sabia a palavra-passe do Wi-Fi de um hotel que ficava ao lado da casa em que eu estava a viver com a Sofie em Sagres. Havia uma aplicação que tinha as palavras-passes de todos os estabelecimentos comerciais. As pessoas quando iam a um clube, ou a um hotel, pediam a palavra-passe e depois partilhavam na aplicação qual é que era a palavra-passe daquele hotel ou daquele clube.

— Por isso, é que eu não tenho Wi-Fi no Club de Cascais.

— Por isso, é que eu sei tudo o que se passa no clube do seu tio, sem estar no clube dele. Consigo hackear o microfone do telefone do seu tio, se ele estiver ligado à rede Wi-Fi do seu próprio clube. Consigo hackear o Microsoft Word do seu tio e ver em tempo real quem é que ele está a inserir nas suas listas negras para mandar teletransportar para outro mundo paralelo com o laser, se ele tiver conectado ao Wi-Fi através do computador ou do tablet. Consigo olhar para ele através da câmara frontal; é só hackear-lhe a câmara. Eu e a Sofie tínhamos ficado sem Internet, mas como “robots” que éramos, que não podíamos trabalhar sem estarmos ligados à Internet, começámos a alimentarmo-nos como árvores tecnológicas da rede Wi-Fi do hotel. É isto que as árvores fazem. Usam as suas raízes tecnológicas para se estenderem à procura de recursos. A Internet tornou-se um recurso, para nós, humanos. Sabia que aquele meu jogo era perigoso. Que numa era tão tecnológica, o meu jogo, para mim, iria transformar-se num jogo de espíritos. Porque eu pensar que a Sofie

pudesse estar a ver em tempo real a minha escrita completamente stressada, a ser stressada, num constante stress, iria fazê-la parecer, aos meus olhos, um espírito tecnológico e que talvez, eu estivesse era metido num espiritual jogo tecnológico. Que de espiritual não tinha nada. A Sofie até podia não saber como hackear o meu computador, mas bastava ter alguém ali por perto que soubesse hackear a rede, ver os computadores que estavam ligados e hackear o meu computador e numa outra rede, numa outra Internet de Coisas, partilhar o seu hackeamento e a Sofie estar ligada a essa rede. Porque tudo é hackeável. Tudo o que seja tecnológico é hackeável. Se a rede é invisível, a proteção também é invisível. Podemos achar que estamos ligados a uma rede segura, quando afinal não estamos. Alguém está por detrás a ver-nos. E *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto, o tempo tinha voado e eu lembro-me de ter olhado para o relógio e ver que já eram 8h20. Eu por mim, estava ali infinitamente a escrever. Mas não podia. Porque às 9 horas já tinha que estar a chegar à Praia da Cordoama. E o meu cérebro projetava um holograma da Natalie que dizia que tínhamos que começar a vender. E outro holograma projetava-se e aparecia o Inácio, o nosso tradutor de castelhano, que já tinha traduzido todas as luas cheias e estava à espera de traduzir as luas novas que eu lhe trazia. O Inácio traduziu tudo, *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto, para castelhano. Celebrámos um bonito contrato de tradução que dizia que no dia 28 de agosto o Inácio teria que entregar a tradução, podendo, contudo, atrasar-se, sem qualquer problema, porque a Jupiter Editions tinha contratado um tradutor humano e não um robot tradutor. E a 4 dias antes do prazo, o Inácio já tinha entregue a tradução. E eu, que 4 dias antes lhe tinha enviado uma mensagem a dizer que tinha feito alterações e que tinha feito acrescentos e que lhe queria pedir a autorização... E ele concedia-me... Porque eu não estava nisto sozinho... As pessoas foram se envolvendo. Foram se querendo envolver. Porque começaram a ver o espírito que havia na Jupiter

Editions. Começaram a ver a Jupiter Editions a construir os seus próprios palcos, os seus próprios placards, a sua própria publicidade, viram o cérebro construtor e infinito que havia na Jupiter Editions e simplesmente juntaram-se. Tornaram-se Member Readers. Foi isto que aconteceu. E quando isto aconteceu, todos perceberam, de uma vez por todas, o que são os mercados e como é que os mercados funcionam. As pessoas caíram na real com as fantasias que a Jupiter Editions vendia. A Jupiter Editions vendeu muitas fantasias. Infinitas fantasias. Comportou-se como uma autêntica Inteligência Artificial. Mas nessas infinitas fantasias, imprimiu sempre o seu coração e mandou todos imprimirem os seus corações no seu slogan em inglês “*Print Your Heart?*”. Porque no fundo, era disto que se tratava. De imprimirmos o nosso coração. A Jupiter Editions pegou no lucro das vendas dos livros e quando foi distribuí-lo aos sócios, chamou ao mesmo tempo os autores, os tradutores, os promotores, doou uma parte para os Médicos do Mundo, outra parte para os Médicos Sem Fronteiras, foi plantar as árvores prometidas, foi limpar os metros quadrados prometidos de praia e matas, comprou as viagens de avião para ir com os Member Readers até Moçambique comprar as latas de feijão e grão e os pacotes de massa e arroz no mercado local e entregou também na Matola. Porque alguém, da Jupiter Editions, tinha visto de cima, sem drones, que em baixo de uma montanha apenascada viviam pessoas em espécies de colmos minúsculos com tetos de palha que tinham que andar a carregar pesados baldes de água de um lado para o outro sem dinheiro para comprar absolutamente nada. E a seguir, depois de barrigas cheias, então lá dançámos, porque já havia forças para dançar. Querem um filme mais bonito do que este? Porque era uma viagem destas que precisávamos. Não era viajar por viajar. Era saber preciso viajar.

— Quantos Member Readers foram a Moçambique com a Jupiter Editions?

— Só tínhamos 15 vagas. A “Primeira Viagem a Moçambique – Combate À Fome” era o evento da Jupiter Agenda em que eram precisas mais moedas Jupiter para inscrever. Eram precisas 27 moedas Jupiter. Basicamente, tinham de ter toda a coleção dos 9 livros do primeiro plano editorial da Jupiter Editions. Os primeiros 15 Member Readers a terem 27 moedas Jupiter ganharam connosco uma viagem. Sem querer, tornou-se uma viagem de surfistas. Conseguimos uma parceria com uma companhia aérea que deixou voar 15 Member Readers... Com a condição de antes de voltarmos de Moçambique para Portugal, termos de fazer uma pequena escala em São Tomé E Príncipe. São Tomé e Príncipe não estava nos planos, mas acabou por entrar nos planos. E é claro que os Member Readers da Jupiter Editions adoraram fazer a escala, porque sabiam que havia ondas para surfar em São Tomé E Príncipe. Voámos com os surfistas. Em 2020, em São Tomé E Príncipe onde o desemprego afetava um quinto da população, o surf era já uma importante fonte de rendimento para os guias locais que sabiam onde se escondiam as melhores ondas. Num “Circuito de Bodyboard com Oficina de Escrita”, outro dos eventos da Jupiter Agenda em que a Jupiter Editions foi pioneira, numa poderosa escrita tecnológica, os bodyboards de Sagres contaram a história em primeira mão aos sã-tomenses o que tinha acontecido com as ondas deles e disseram sabiamente que se os pobres sã-tomenses quisessem proteger a economia das suas ondas, não podiam deixar os turistas filmar as ondas, nem os deixar filmar o caminho até às ondas. Tinham de defender com a bruteza da Cordoama as suas ondas! O que eu me ri com o Xico e com a Joana, quando o Vandame disse isto lá aos sã-tomenses que sem nunca terem estado na Cordoama, compreendiam o crioulo do Vandame. Foi assim que levámos a Escola de Vila do Bispo

numa escala imprevista a São Tomé E Príncipe. Na Vila de Tofo, em Inhambane, o Nic quis que a Jupiter Editions montasse o seu “Circuito de Surf com Oficina de Escrita”.

— O Nic?

— Sim, o Nic. Vocês não sabem quem é o Nic? Até uns putos de Inhambane batiam o coração pelo Nic. O Nic partia muitos corações com a prancha de surf na mão. Não partia cabeças. Se o Nic estivesse a apanhar ondas na Cordoama, estávamos todos descansados, porque sabíamos que não íamos levar com a prancha dele na cabeça. Podíamos mergulhar com o Nic a apanhar uma onda à nossa frente. Podíamos estar na boa, na nossa tecnologia, com a prancha de bodyboard, a apanhar a mesma onda que ele, sem sermos atropelados. Ele sabia manobrar-nos. E era lindo, vê-lo a manobrar-nos! A saltar as ondas, como se fosse um cavaleiro do mar! Por causa de uma Internet de Ondas entre a Joana e o Nic, o Nic também andava a surfar connosco *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto.

— De repente, apareceu o Nic...?

— Sim, de repente apareceu o Nic...

— Mas o pai conta assim as histórias?

— Sim, é assim que eu conto as histórias. Eu conto as histórias à minha maneira. A Jupiter Editions viu o Nic a ser um Member Reader e a tornar-se num Member Writer. Tudo começou com o Circuito de Surf com Oficina de Escrita que a Jupiter Editions montou na Praia da Cordoama. Afinal, o Nic não sabia só escrever nas ondas. Escrevia também no papel. Também sabia escrever no papel. E a Jupiter Editions viu que o Nic tinha uma história bonita para contar... Por

isso, se quiserem, vão perguntar-lhe que ele conta esta história de outra maneira...

— O Nic escreveu nas ondas e a Jupiter Editions agarrou nas ondas em que o Nic tinha surfado e imprimiu essas ondas?

— Sim... Foi mais ou menos isso... O Nic protegeu connosco as ondas da Cordoama. Esperem lá... Eu já vos tinha contado isto...

— Tio... Desculpe estar-me a rir, mas foi o seu filho que me piscou o olho para eu ficar calado...

— Vocês estão a querer que eu fique mais choné ainda... Eu sabia que já tinha contado isto... Afinal, o Nic não apareceu de repente...

— Mas o pai disse que era assim, “de repente”, que contava as suas histórias... Ora... Eu deixei-lhe continuar a contar... Até porque o pai ainda não tinha contado nada de jeito... Como sempre o pai acha que contou, mas não contou nada... Contou muito por alto... O pai conta sempre tudo muito por alto... É uma seca... Deixa sempre as histórias todas a meio por revelar...

— Mas se estamos *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto... É claro que tenho que contar tudo muito por alto, senão não consigo contar tudo... Agora estou aqui convosco, em frente a esta ponte de Santarém que se liga a Almeirim e tenho de sobrepor a praia da Cordoama, para vos contar isto?

— Como se o pai, não estivesse constantemente a sobrepor imagens e histórias tecnológicas através de pontes tecnológicas...

— Você é que são as minhas pontes... Sabem que quando eu conheci o pai do Xico, à beira-mar da Cordoama, foi com uma história do pai do Xico a contar sobre esta ponte que estamos agora a ver com os nossos olhos? Eu estava na Cordoama e o pai do Xico teletransportou-me exatamente para aqui. Não foi estranho? Foi o pai do Xico que fez esta ligação. Foi o pai do Xico que desenhou o triângulo do Sistema Perfeito. O Sistema Perfeito, em Portugal, nasceu com a triangulação das câmaras municipais de Sagres, Vila do Bispo e Santarém. E dali começámos a ver tudo com maior nitidez. Tornámo-nos ainda mais tecnológicos e acabámos depois por hackear o parlamento e mandámos extinguir todas as câmaras. Nasceu o Sistema Perfeito. Eu, o Xico e o Vandame sentimo-nos instrumentalizados pelos nossos pais. Nós não sabíamos que o Sistema Perfeito ia nascer assim que mandássemos extinguir as câmaras municipais, mas os nossos pais sabiam. E eles sabiam que quando chegássemos às câmaras, iríamos querer acabar com elas. Também não sabíamos que o Sistema Perfeito iria aproveitar-se da nossa triangulação espiritual para dizer que o Triângulo seria a igreja do Sistema Perfeito. Os nossos pais tinham-se ligado em Moçambique numa guerra de pretos contra brancos. O plano tinha sido desenhado em Inhambane. Foram os pais do Xico e do Vandame que chiparam o cérebro do meu pai e puseram-no a ver as ondas. O meu pai viu-os como Anjos Tecnológicos que traziam uma tecnologia enviada pel'*O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom. Mas o meu pai, depressa, deixou de acreditar que era *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom que carregava no botão do programa das ondas. E, nem por isso, os pais do Xico e do Vandame deixaram de estar ligados ao meu pai. Foi assim, que descobri que o meu pai, provavelmente, estava mais dentro do Sistema Perfeito do que eu pensava... Só quem estivesse mesmo dentro do Sistema Perfeito, é que podia dar-se ao luxo de sair do Triângulo... Mas ainda estou por desvendar a história da Giralda... Porque eu sinto que a história da



Giralda teve alguma coisa a ver com isto... Mas ainda não consegui encontrar a ligação disto com a história da Giralda... Talvez ligue as coisas em 2081...

— Até eu pai, que estou a ver o filme todo de fora, já consegui encontrar a ligação de tudo isso com a história da Giralda...

— Já? Então, diga lá... Quero ouvir e rir-me um bocado...

— Primeiro, preciso de saber mais pormenores desse contrato de trabalho...

— Para quê?

— Então, vamos lá pensar... O pai disse que... Ah! Esqueça!

— Diga lá, vá!...

— Não digo... O pai também não está a contar tudo... Há aí muita coisa que o pai não está a contar...

— Então, mas não disse que já tinha visto o filme todo de fora e já tinha feito todas as ligações?

— Sim, disse. Onde é que o pai encontrou o trabalho?

— Num grupo do Facebook... Foi numa publicação...

— E se *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom tivesse mandado publicar, por causa de si? E se *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom soubesse que o pai estivesse nesse grupo, à procura de trabalho e tivesse enviado um dos seus *Anjos Tecnológicos* publicar? Não

era assim em 2020 que os Anjos Tecnológicos desciam à Terra? Com informação? Informados? Não são assim os Anjos Tecnológicos? Por isso, é que andam a voar nas nuvens com carros voadores de um lado para o outro. Das nuvens, a hackear e a navegar sempre na torre do Big Data d'O *Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom, sabem tudo. Isso foi uma ligação ordenada pel'O *Deus Tecnológico* que o pai tanto acredita. Para a sua idade, acho que é melhor acreditar nisso. Acho que é melhor... E acho que é melhor não fazer ligações nenhuma entre o seu pai, a Giralda e a Audrey...

— Sabem o que me fazia ficar tão de pé atrás com a Audrey? É que ela tinha o ar da Giralda. Tinha os traços da Giralda. Parecia a Giralda em pessoa. E havia um busto na casa da Giralda, que a Giralda tinha pintado...

— Que parecia a Audrey, pai?

— Sim, filho. Parecia mesmo a Audrey em pessoa. Eu sei lá se a Audrey não estava metida com a Giralda...? Sabia que a Giralda, fina como ela era, ia todos os verões para a Cordoama... Eu conseguia ouvir os espíritos delas a rirem-se, a fazerem complôzinhos e a acabarem por contratar. Ou talvez, eu estivesse só de pé atrás com o inferno que a Giralda me fez passar e neste inferno, eu visse estes dois espíritos na mesma orgia, com as mamas coladas uma à outra a pegarem fogo com os mesmos surfistas. A Giralda pôs os cornos ao meu tio com dois surfistas que viu a serem expulsos pelos locais do mar da Cordoama. De fininho, meteu-se com eles numa caravana e foram numa orgia para a mata da Pedralva. Foi uma pena não terem estado lá, quando aquilo incendiou.

— Ah, pai!... Como eu gostava de ver o espírito delas com os meus binóculos...

— Mas não vai prender mais outra Audrey à sua biblioteca de almas! Esta minha Audrey, não é para entrar na sua coleção...

— Parece que fala com amor pela Audrey, pai...

— Eu gostava dela. Ela não me fez mal nenhum. Foi tudo muito espiritual. A culpa foi toda da Giralda! Mas não vamos ligar os espíritos uns aos outros, se eles, se calhar, ainda não estão ligados... Às tantas, é isso que eles querem. Que sejamos nós a fazer estas ligações. Que sejamos nós a fazermos estas pontes para eles poderem atravessar e chegarem uns aos outros. Em 2025, a Câmara Municipal de Vila do Bispo queria instalar antenas 5G na praia da Cordoama, com o pretexto de que era essencial para os salva-vidas estarem em contacto com a Polícia Marítima. Eu disse que o 112 funcionava sempre na praia sem rede. E o presidente disse que o número da Polícia Marítima não era o 112 e que para telefonar para a Polícia Marítima era preciso rede e com uma antena resolvia-se o problema. Eu disse que o Vandame sabia muito bem os *hotspots* da Cordoama e conseguia sempre telefonar para a Polícia Marítima. E o presidente disse que não podíamos ficar dependentes do empirismo do Vandame. E eu disse que o Vandame estava disposto a formar todos os salva-vidas que fossem para a praia sem rede e a informá-los onde eram os *hotspots*, para além da tal antena natural que ficava no monte que fazia um parapeito rochoso ali por cima da praia. Mas o presidente disse que eu não podia impedi-lo de instalar antenas na praia dele. E eu disse-lhe que a praia não era dele. Que a praia nem nas minhas mãos, nas do Xico e nas do Vandame, não era nossa, por isso. Nós éramos só concessionários. E disse-lhe como concessionário que era, que o poder camarário dele chegava ali à praia e voltava para a câmara, que ele ali não mandava nada e que comigo à frente, não ia pôr antenas nenhuma 5G na Cordoama. Se a praia não estivesse nas minhas mãos, as antenas iam matar a tecnologia daquela

praia. A Joana a ouvir esta guerra e a saber que a guerra era a mesma na Junta de Freguesia de Sagres chamou o Nic e o Nic apareceu não sei com quantos surfistas. Veio também a Associação de Surfistas e Atividades Marítimas do Algarve com mais outra tropa de surfistas. Com a força daquele exército de surfistas de pranchas de surf na mão, como se fossem metralhadoras da paz, hackeámos as câmaras de Vila do Bispo e de Sagres e eu vi o Xico a subir à de Sagres e o Vandame a subir à de Vila de Bispo. Quando Sagres se tornou independente por causa da guerra dos surfistas estrangeiros, os locais ficaram de fora, ficaram de fora a ver a guerra dos estrangeiros contra os estrangeiros e ficaram a ver a junta de freguesia a transformar-se tecnologicamente numa câmara municipal. E eu fiquei a ver o Xico e o Vandame a subirem ao poder. Vi-os no poder quando os conheci. Sabia que eles é que tinham que tomar o poder. Um local telefonar à GNR a dizer que estavam caravanas a pernoitarem ilegalmente era uma coisa... O presidente da câmara municipal telefonar ao comandante da GNR era outra coisa... Com o Vandame e o Xico no poder, as multas eram demasiadamente pesadas para se ver lixo na praia, nas ruas ou num trilho do Parque Natural da Costa Vicentina.

— Então e o pai? Quando é que foi parar ao poder camarário de Santarém?

— Ao mesmo tempo que o Xico e o Vandame. Foi a condição deles. Eu queria vê-los no poder, mas eles também me queriam ver. E por isso, é que o meu pai gostava deles. Porque eles deram-me poder. Só por causa deles, é que eu subi ao poder. Mas eu não queria subir. Nunca quis subir. Mas eu não queria câmaras de vigilância na cidade de Santarém. Nem queria drones. E os drones e as câmaras filmaram todo este meu stress. E neste meu stress, eu só queria era chorar com o Xico, mas ele não me deixava, o Xico não me deixava chorar. Eu queria beijar

o Vandame, mas o Vandame não me deixava, ele não me deixava beijá-lo. E era nesta estranha Internet deles, que eu não percebia nada. Ficava sem perceber nada. Eles desculpavam-se com a bruteza da Cordoama. Mas eles, às vezes, esqueciam-se que eu era sensível... Nas mãos deles eu sentia-me uma flor. E eu via como eles protegiam as flores. Por protegerem as flores, é que eles combatiam o campismo selvagem e o caravanismo ilegal. Lembro-me de uma vez estar a despir o fato de surf e o Vandame a perguntar que jeito era aquele de despir o fato. Eu disse que era uma maneira sensual de despir o fato e perguntei, numa brincadeira, se ele se importava de me deixar ser sensual à vontade... E o Vandame disse que o Jakob não estava ali na praia e que eu só tinha que ser sensual se estivesse ali o Jakob e para eu esperar que quando o Jakob voltasse à Cordoama que lhe ia contar que eu andava a ser sensual na praia cheia de *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke. Aquilo preencheu-me o coração. Estas brincadeiras davam-me a certeza, que o meu amor era protegido ali na praia da Cordoama.

— E o tio Vandame contou ao tio Jakob?

— Não...

— Pai, é verdade que o tio Vandame também se casou na praia da Cordoama e que o tio Xico fez de padre?

— Sim.

— E é verdade que o padre do casamento do tio Xico e da tia Joana também foi o tio Vandame?

— Mentira! Eu é que fui o padre.

— Mas porque é que o padre foi o pai?

— Porque casaram-se todos pela Mann Kyss Kone, a empresa de casamentos que eu abri na praia da Cordoama. Se fui eu que abri a empresa, não podia agora ser o padre, querem ver? Sabem o que quer dizer “kone”, não sabem? É norueguês...

— Quer dizer “esposa”, tio. E “kyss” quer dizer “beijo”...

— Ficava melhor: “mann kysser kone” para ser “homem beija esposa”. Assim o nome fica sem graça, porque em norueguês quer dizer “homem beijo mulher”.

— Cale-se! Quem é você para falar em nome dos noruegueses? Digo-lhe já que eles acham todos o nome muito engraçado! Tanto que acharam que vieram todos casar à Cordoama pela Mann Kyss Kone. Eu e o Jakob também nos casámos, no mesmo dia, que o Xico e a Joana pela Mann Kyss Kone. Eu fiz de Kone...

— Ah! Achava que o pai, até no seu próprio casamento tinha feito de padre...

— Não! Quem fez de padre e padrinho no meu casamento foi o Thiago.

— Padre e padrinho ao mesmo tempo?

— Sim, Thomas! Não sabe? Na Mann Kyss Kone o padrinho chega no cavalo com a Kone à praia, desmonta a Kone do cavalo, carrega a Kone às cavalitas ou ao colo pelo longo estrado de bambu e entrega a Kone ao Mann despedindo-se da Kone “para sempre” com um beijinho na boca ao som dos assobios e aplausos de todos os que testemunham o casamento... Normalmente, o padre é o irmão ou o melhor amigo ou o pai ou o sogro da Kone...

— Ah... Foi por isso que o pai fez de Kone? Só para o pai e o tio Thiago poderem dar um beijinho na boca à frente de todos?

— Sim. Nunca tínhamos dado. Se déssemos, tinha que ser ali no casamento, à frente de todos.

— E é verdade que o tio Mike e o tio Kristofer também se casaram na praia da Cordoama?

— Sim, mas casaram-se pela Mann Kyss Mann, outra empresa de casamentos que eu abri na praia da Cordoama... Já que a praia era uma praia tão gay friendly, ao menos que se tirasse o proveito da fama... Sabem aqueles casamentos milionários que se faziam em Las Vegas? As pessoas iam a Las Vegas só para se casarem... O Kristofer queria levar o Mike para Las Vegas só para se casarem... Só que a Las Vegas faltavam ondas... E eu a ver dinheiro sueco a entrar na economia americana, quando podia muito bem entrar na economia portuguesa? Então, eu trouxe Las Vegas para a Cordoama. E o Kristofer trouxe o Mike para a Cordoama. Eu fiz outra vez de padre e tudo...

— E o tio deu um beijinho na boca ao tio Kristofer ou ao tio Mike?

— Está parvo ou quê, Thomas? A tradição do beijinho é só na Mann Kyss Kone. Na Mann Kyss Mann não há cá trocas de beijos entre um dos Mann com o padrinho! E vocês, quando é que casam pela Mann Kyss Kone? Se tiverem dívidas, podem pedir um crédito consolidado à Mann Kyss Kone para casarem... Não é fantástico? E se depois se quiserem divorciar é só chamarem um advogado de família da Mann Kyss Kone, que apoia sempre a Kone, prontos para derrubarem

os advogados virtuais que invoquem no Tribunal dos Algoritmos “erro algorítmico” para provarem que não é o Mann que anda a enviar nudes ao vizinho, mas que é o vizinho que anda a enviar nudes sem o Mann pedir nada... E se o casamento foi contraído a crédito, se o Mann estragar tudo por causa de nudes, a Mann Kyss Kone livra a Kone de pagar o que seja e o Mann que foi quem estragou o casamento é que vai pagar a dívida do casamento e do divórcio... Os advogados são um pouco feministas, confesso... Mas não é fantástico? E também podem fazer um seguro de casamento, só para segurar melhor o casamento... Não é fantástico? E então, quem é que vai fazer de Kone? Eu posso fazer de padre, outra vez... Quem é que quer um beijinho meu na boca? É você, Thomas? Que vai fazer de Kone?

— Sim, tio. Mas não sei se vai ser o tio a levar-me às cavalitas ou eu o tio ao colo...

— Ora, essa! Ainda tenho os ossos no sítio! Acha que eu não consigo desmontar-lhe do cavalo, com os meus 88 anos? Vão lá, então, marcar a data do vosso casamento! Podem marcar online em [mannkysskone.com](http://mannkysskone.com)...

— E se eu não quiser ver o meu pai de 88 anos a beijar o meu noivo?

— Então vá marcar o casamento em [mannkyssmann.com](http://mannkyssmann.com). Desculpem, mas tenho que fazer aqui a minha publicidade... Tem chuva de paneiros incluída e tudo.

— Chuva de paneiros, pai????

— Sim. Uns strippers que aterram de paraquedas e começam a dançar “It’s Raining Men... Aleluia... It’s Raining Men...” Sabem?



Aquela música que os paneleiros ouvem e começam logo a dançar?... Nas discotecas funcionava sempre muito bem. Púnhamos a tocar e víamos logo quem é que eram os paneleiros que se punham a dançar. A chuva de paneleiros é um serviço extra *Premium*, mas como eles gostam de ter sempre a versão *Premium*, acabam sempre por adicionar...

— O pai está a gozar, só pode...

— Não estou... É uma comédia! Os strippers são todos comediantes. É tudo atores. Até os noivos são atores. O casamento transforma-se num filme de comédia romântica. Nunca viram no Kanal Jupiter? Os strippers depois metem-se com um dos noivos a puxarem histórias, a dizerem para não se casarem, porque um dos stripper ainda se lembra do bico que fez a um dos noivos e que traz esse bico de paraquedas guardado no coração e que até tem um vídeo e tudo no telefone e pergunta se pode projetar ali num holograma para todos verem... E projeta mesmo! É claro que são imagens falsas, é tudo montagem, é com bonecos e com gemidos feitos no computador... É de rir! Os casamentos da Mann Kyss Mann com a chuva de paneleiros são mesmo para rir! São muito teatrais. É um casamento completamente teatral. Mas que não deixa de ser um casamento real.

— Eu acho piada é ir ficando a saber, depois destes anos todos, que o pai tem negócio em tudo o que é sítio...

— Oh! São pequenos negócios... Só os abri. Só tive a ideia e depois deixei as coisas a funcionarem com os meus algoritmos. Às vezes, esqueço-me que fui eu que tive a ideia dos negócios... Todos os dias tenho uma ideia nova de negócio. A vida é um negócio.

— E o tio Mike e o tio Kristofer adicionaram o serviço extra *Premium* de chuva de paneleiros no casamento deles?

— Acha? Claro que não, Thomas...

— Pai, como é que o tio Mike conheceu o tio Kristofer?

— Quando o Mike veio ter comigo a Sagres, perguntei-lhe se ele tinha o Grindr instalado. Ele disse que sim. E eu disse para ele ir ver quem estava nas proximidades. Ele abriu a aplicação, já estávamos em casa, os dois deitados. Vimos um perfil de um sueco surfista que dizia ser ativo. O Mike ficou logo cheio de tusa. Eu reconheci-o logo. É claro que não disse ao Mike que ele me tinha tentado dropinar e pedir uma boleia. No dia a seguir, já estávamos cedo na praia da Cordoama. O Mike estava deprimido, porque o sueco não lhe tinha respondido e já tinha estado online. Lembro-me de lhe dizer que de certeza que eram os algoritmos do Grindr que não queriam que eles falassem ou se encontrassem, porque os algoritmos saberiam que assim que eles se vissem na vida real, nunca mais voltariam ao Grindr e o Grindr não queria deixá-los de ver ali na aplicação, sempre a “doarem” dados ao Grindr que alimentava uma sofisticada Inteligência Artificial. O Mike contou-me que tinha tido 3 sonhos demasiado tecnológicos para o cérebro dele. Na teoria dele, ele só tinha tido aqueles sonhos, porque tinha dormido comigo e os nossos neurónios tinham eletricamente comunicado, trocado informações e sinais elétricos. O primeiro sonho dele era ele a falar com uma mulher que tinha um auricular no ouvido que recebia informações dizendo se aquilo que o Mike estava a dizer era verdade ou mentira. O segundo sonho dele era sobre um homem que tinha uma pen com o nome “King Data” com imensas pastas cheias de fotografias e vídeos do Mike. O terceiro sonho dele éramos nós em 2080 com telefones super tecnológicos que diziam as principais preferências, interesses, defeitos, medos sobre as pessoas, bastando só apontar a câmara do telefone à cara de alguém. Com a tecnologia *speech analytics* e com a tecnologia do reconhecimento facial e com os drones

silenciosos ou com os zooms das câmaras, os 3 sonhos deles eram possíveis tanto em 2080 como em 2020. Disse-lhe que cada vez que alguém no Grindr lhe perguntava algo e ele respondia, que estava a gerar dados precisos sobre as preferências dele. E expliquei-lhe que deveríamos ser nós a aproveitar a tecnologia e não deixarmos a tecnologia aproveitar-se de nós. Se víssemos alguém giro no Grindr, devíamos dizer que era giro e se nos achasse também giro devíamos logo combinar ir tomar café e ir falar para um café sem câmaras nem microfones. Era isto que os solteiros deviam fazer e não ficar a escrever textos e textos altamente informativos sobre o seu carácter com traços da sua personalidade. Porque esses traços seriam vendidos no Big Data. E os bancos todos já estavam em 2020 de olho nos dados que havia no Big Data. Um banco saber que eu gosto mais de levar no cú do que dar no cú? Um banco saber que eu gosto mais de mamar do que dar de mamar ao meu namorado? E um banco saber que o meu namorado gosta mais de me dar no cú do que levar e gosta mais de me dar de mamar do que me mamar e como vê que estamos perfeitos um para o outro está, por isso, disposto a financiar-nos o casamento? Não precisávamos de um banco desses! Um banco não tinha nada que saber quantas dioptrias é que eu tinha. Um banco não tinha nada que saber se eu nadava bem ou nadava mal. Um banco não tinha nada que saber se eu gostava mais de bodyboard ou de surf e se eu apanhava ondas de jeito. E lembro-me de estar a pensar nisto tudo, à beira-mar, quando vi 3 miúdos pequeninos a apanharem a espuma com pranchas de bodyboard e um deles já a ficar com água pelo pescoço e sem pés de pato. Nenhum deles tinha pés de pato. Quando não temos pés de pato e queremos apanhar ondas ou espuma com a prancha de bodyboard, só vale se tivermos sempre pé e tivermos a água pela cintura. Pelo menos, é assim que vale na Cordoama. Não vale estar sem pés de pato com a água pelo pescoço, porque vamos ficar sem pé e sem pés de pato nunca mais vamos conseguir voltar. E a ver já o filme todo, entrei na água

para ir buscar o miúdo que estava a ficar com a água pelo pescoço. Ele perdeu a prancha e começou a ser levado pela corrente. Num mergulho consegui trazer-lhe de volta. O mar deixou-me ficar com o miúdo nas mãos, mas em troca roubou-me os óculos. Estávamos na praia sem rede, sem acesso à Internet. Era sábado, já passavam 15 minutos da uma da tarde. Fui até à antena da praia, para telefonar ao Jakob, para que visse na Internet alguma casa de óculos que estivesse aberta àquele sábado e àquela hora ali perto que tivesse lentes de contacto com as minhas dioptrias. O Vandame dizia que só teria em Portimão. Mas a Internet do Jakob dizia que eu tinha mais perto até às 14h em Lagos e que já tinha até mandado reservar a última caixinha de lentes de contacto para mim. Era esta a nossa Internet das Coisas. Se tivéssemos feito a chamada através do 5G, as minhas dioptrias teriam sido processadas em 2021 e os dados vendidos muito antes de 2080 ao banco e o banco muito antes de 2080 teria vendido como dados não sei a quem a informação sobre as minhas dioptrias. Saí da praia com o Mike a correr para chegarmos a tempo de ir buscar as minhas lentes. Eu não podia ficar sem ver. Por mais que eu achasse que as lentes de contacto eram a tecnologia mais sofisticada e mais espetacular alguma vez inventada, eu evitava usar lentes, porque não achava que seria bom para a saúde dos olhos estar sempre a tocar neles para pôr e tirar as lentes, além de que as lentes não deixavam de ser um corpo estranho aos olhos e eu sei lá se as células dos olhos poderiam algum dia enlouquecer com a assustadora tecnologia... Mas os óculos demorariam o seu tempo a fazer e como eu sabia que a minha graduação era igual nos dois olhos e era uma graduação “fácil” para uma casa de ótica ter em stock, eu lembrei-me de voltar à tecnologia das lentes que já tinha deixado há, pelo menos, 5 anos, quando ainda não tinha assumido os óculos, quando ainda não gostava de usar óculos, porque sentia que os óculos me roubavam a cara, me roubavam a beleza. O dono do bar da Cordoama tinha passado pelo meu carro e

disse que eu tinha o pneu da frente do lado direito furado. Isso fez-me correr até ao carro e mandar parar o Tom, o professor mecânico de surf da praia da Cordoama, que até as ondas sabia arranjar. Foi uma questão de segundos. E em segundos, o Tom mudou o pneu. Deu tempo para o Mike ainda se apaixonar pelo Tom. Nem tinha reparado que o Tom tinha músculos. Reparei ali enquanto ele trocava o pneu. E reparei como o Mike não se importava do cheiro mecânico que saía dos braços musculados do Tom e se queria agarrar a eles. E o Mike já se tinha esquecido que estava deprimido pelo suco não lhe ter respondido. Tinha ido metade da viagem a ouvir o Mike a falar do Tom. Nessa viagem *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto telefonei sem nenhuma Internet das Coisas para a ótica a dizer que o meu namorado tinha reservado umas lentes de contacto para mim, que eu tinha perdido os meus óculos no mar, que estava a caminho, mas que iria chegar ou mesmo em cima da hora ou uns minutos atrasado, e a optometrista, muito querida e simpática disse para eu não me preocupar que estariam lá à minha espera. Entrei em Lagos a ver tudo desfocado. A ótica ficava no centro histórico. Quando saí da loja já com as lentes nos olhos, parecia que tinha feito uma cirurgia. Já nem me lembrava como era a liberdade de ver tudo sem óculos. De ver tudo em alta definição. Foi uma pena, não podermos ver Lagos, porque eu tinha que voltar a correr para a Cordoama.

— Mas porque é que o pai tinha que voltar a correr para a Cordoama? Porque não podia aproveitar a viagem a Lagos e ver Lagos?

— Não podia.

— Mas porquê?

— Não podia.

— O porquê faz parte da história de 2081, não é, tio?

— Sim, Thomas.

— E assim, ficou a desculpa para o tio ter que voltar a Lagos...

— Iria viver uma temporada em Lagos, por isso, tinha tempo para ver depois Lagos com mais calma, sem ter que andar a correr *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto... Porque eu estava a correr *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto... Chegámos à Cordoama e os meus olhos estavam a implorar uns óculos de sol. Com as lentes de contacto, os meus olhos estavam agora mais sensíveis do que nunca. Saí a correr da Cordoama para ir num instante a Sagres, comprar os óculos de sol à Surf Planet. Outra vez em cima da hora, numa Internet de Coisas, lá estava o Kristofer também na Surf Planet à procura de uns óculos de sol. Cheguei logo perto dele a mandar vir! Quis saber porque é que ele não tinha respondido ao Mike no Grindr. E aproveitei para mandar também vir com ele, por causa da onda que ele me tinha dropinado. Ele mostrou-nos que não tinha recebido nada no Grindr do Mike, mas não era preciso porque o brilho dos olhos dele a olharem para o Mike diziam tudo, diziam precisamente isso. E o Mike, instantaneamente, lá se esqueceu que se tinha apaixonado há umas horas pelo Tom. Eu vi como eram poderosos os olhos do Kristofer. Vi como é que ele conseguiu hackear o coração do Mike ali mesmo, à minha frente, num instante tecnológico. Foi instantâneo! Eu vi, com os meus próprios olhos como é que os olhos do Kristofer não paravam de brilhar para o Mike. E mesmo com os olhos a brilhar, o Kristofer teve a lata de mandar vir comigo por eu não lhe ter dado uma boleia para cima. E eu disse-lhe que agora já lhe podia dar uma boleia e perguntei-lhe para onde é que ele queria boleia. Ele disse que queria uma boleia para a Retrosailor, para comprar uma camisa de flanela à surfista. No

carro, o Kristofer vinha a contar-nos que um dos seus 3 irmãos tinha perdido a prancha de bodyboard no mar da Cordoama e que tinha sido salvo por um triz. Foi tudo por um triz. Uma Internet das Coisas tinha conseguido ligar tudo por um triz. Por um triz que não ligava. Mas ligou tudo. Estava tudo ligado. Valeu a pena perder os óculos. O Mike dormiu na tenda com o Kristofer e bazou com ele para Malmö. Malmö estava um perigo na altura, mas nos braços do Kristofer o Mike estava bem. Na Suécia é que o Mike estava bem. De Sagres foi direitinho para Malmö, sem pensar duas vezes. O Mike contou-me depois que assim que viu a pila do Kristofer nem pensou duas vezes. Ele soube que era o que ele queria para toda a vida. O Kristofer era de Malmö e era neurocirurgião em Copenhague, foi colega do Jakob. Na Suécia, em 2020 é que se estava bem. Quando chegámos, aquilo estava uma confusão de culturas e de tiros, mas parece que, com a nossa tecnologia, conseguimos apaziguar as coisas... E o clima silencioso de guerra em Malmö, tornou-se uma verdadeira paz. Era só sabermos agradecer à Suécia por nos ter recebido no seu reino de braços abertos e deixarmos o espírito sueco penetrar na nossa alma. Sentirmos os sofisticados genes suecos a percorrerem-nos o corpo, a investigarem dentro de nós a nossa inteligência e a trazerem para fora a nossa síndrome de Estocolmo...

— Ah! Até que enfim que o pai admite nessa sua poesia que tem uma síndrome de Estocolmo! Eu só não percebo é como é que o Jakob vê essa sua síndrome... O Jakob não nasceu em Berlim?

— Sim. Mas os pais dele nasceram em Estocolmo...

— Ah! Pronto... Está explicada essa sua poesia genética...

— Sabe que numa guerra, muitas vezes, o que pode fazer paz é a poesia? Se fizermos poesia com a guerra, podemos fazer paz!

Estávamos numa guerra de genes, numa guerra de culturas, numa guerra tecnológica, numa guerra viral... E se fôssemos tão sofisticados como a Suécia, as coisas na Europa teriam corrido muito melhor e talvez a Europa não tivesse caído. E na Suécia, tínhamos que aprender a ser suecos, ponto final!!! Quem queria ficar em casa, ficava. Quem não queria ficar em casa, podia circular pelas ruas, fazer exercícios ao ar livre na praia ou nos jardins, porque os jardins e as praias não tinham sido fechados. Na 32ª semana de 2020, numa série de semanas consecutivas, a Suécia viu os casos confirmados e de óbito do vírus tecnológico de 2020 a descerem a pique, sem que as liberdades individuais tivessem sido feridas. Sim, houve um pico de contaminações que apareceu na 26ª semana na Suécia com a confirmação de 9 mil novos pacientes contaminados. Mas as mortes já estavam a decrescer, sendo certo que eu me lembro muito bem que o número máximo de mortes ocorreu na 17ª semana com 752 registos em 7 dias... Todos caíram em cima da Suécia, porque todos tinham inveja dos genes da Suécia. Uma cambada de invejosos! Queriam eram todos saltar para cima dos suecos! Queriam era todos fazer amor interminável com os suecos! E nesta inveja, estúpidos e invejosos, caíram todos em cima da Suécia!... Foi horrível ver todos a falarem mal da Suécia! É verdade que os números nesse pico de contaminações foram altos, quando comparados aos vizinhos europeus, e já sabemos como os vizinhos gostam de falar mal uns dos outros, no entanto, uma coisa que os vizinhos se esqueceram de falar, é que esses números foram exatamente os mesmos aos de São Paulo, onde as restrições às liberdades individuais foram imensas! Conclusão: a Suécia teve pouca sorte nos números, só isso! Podia ter acontecido a qualquer um! Sabemos lá se turistas que tinham visitado antes a Suécia, antes do surto, não vinham carregados de vírus e foram para lá infetar tudo e todos que mesmo que a Suécia tivesse imposto o confinamento, os números de contaminações iriam ser os mesmos? Não sabemos! E por não



sabermos, podemos inventar o que quisermos! Sabem o que é que aconteceu ao Abreu, por ter salvo a vida de um turista em Vila de Bispo? Foi-lhe imposta quarentena obrigatória! Um turista caiu na estrada e o Abreu fez a reanimação ao italiano, só com compressões. E mesmo assim, recebeu uma carta em casa de um qualquer delegado de saúde da antiga Direção Geral da Saúde a dizer que estava obrigado a fazer quarentena. Mas isto fez algum sentido? Quer dizer, uma pessoa vai por bem, e ainda vai presa? O Abreu pediu para que lhe fossem feitos os testes, depois de saber que o italiano que tinha salvo já tinha voltado às suas senhoriais cantorias de ópera, mas os testes foram-lhe negados e tão-só lhe foi imposta a quarentena! Com uma escola de surf para gerir e abrir portas, numa competitiva Sagres cheia de escolas de surf, foi uma sorte a escola de surf dele e da Audrey terem conseguido ultrapassar isto! Até os bombeiros que foram chamados ao local e que foram de máscara, “como mandava” a antiga Direção Geral da Saúde, foram também obrigados ao confinamento. Mas isto fez algum sentido? A mulher e os filhos do cantor italiano tinham o vírus, mas o italiano reanimado não tinha. Por que raio o Abreu e os bombeiros tiveram que ser obrigados a um confinamento compulsivo? Sabem o que é que isto fazia pensar? Pensar duas vezes, antes de salvar alguém! E isto faz algum sentido? Termos que estar a pensar duas vezes, antes de salvarmos alguém? Não faz, sentido nenhum! Como não fez sentido nenhum nem o confinamento obrigatório, nem o Governo Regional da Madeira impor a partir de 1 de agosto toda a gente a andar de máscara na rua! Um governo obrigar-nos a andar de máscara na rua????? Já bastava a anedota que era ver extraterrestres a andarem na praia com máscara de um lado para o outro... Mas cada um sabia de si... Mas um governo impor máscaras na rua???? É um governo completamente anticientífico! É um governo que está a querer fazer o povo de burro. E depois é claro, que isto não funcionava. O que funcionava era saber que o vírus existia e que se tinha que lavar as mãos quando se tocava em

algo e não nos pormos a falar demasiadamente de perto com quem não convivêssemos diariamente. Era só isto. Mais nada. Era manter uma distância, mas não era uma “distância social” como as agendas políticas tecnológicas queriam. Porque era isso mesmo que se queria. Ver os humanos todos distanciados socialmente. Todos desligados dos corações uns dos outros, mas ligados à *Rede*. A *Rede* hoje de 2080 começou a montar-se muito silenciosamente em 2020. Já éramos adultos. Não éramos nenhuns bebés. Sabíamos que devíamos evitar dar apertos de mão... Mas não era preciso pôr a polícia a vigiar com drones os apertos de mão, a ver quem é que se cumprimentava e quem não se cumprimentava. Desde quando é que abraçar era uma forma de contágio? Mas mal nos podíamos abraçar, porque a sociedade armada em vigilante ficava logo de antenas ligadas como insetos com cérebros minúsculos. E eu estava em Sagres, tinha deixado Santarém, sem câmaras de vigilância e imaginava que quando voltasse iria ver câmaras em Santarém, iria ver Santarém transformada numa verdadeira Hollywood. E estava em Sagres, a passar todos os dias pelo chorão, que deve ter chorado por lhe terem cortado os ramos que chegavam até ao chão e lembrava-me sempre que na noite anterior eu tinha lá estado debaixo dele a tocar-lhe delicadamente nos ramos, enquanto o Jakob me apalpava e me dava beijos em plena rua dos bares, só porque o chorão com os seus frondosos ramos podia esconder o nosso namoro e contava ao Jakob como eu queria dar direitos aos ramos do chorão poderem chegar ao chão sem serem cortados, enquanto o Jakob num maquiavélico gozo, inspirado não sei por quem, dizia que era uma pena os meus direitos não chegarem a tempo de impedir aquele chorão, que era um chorão, fazer «unnnnhéééé» como um bebé, quando lhe cortassem os ramos, como se o Jakob tivesse adivinhado o corte, a passar todos os dias pelas imensas Auracárias de Norfolk, que ainda hoje há em Sagres desde o tempo do Mesozoico, há 251 milhões de anos, e estava sempre a pensar

na triste solitária Auracária de Norfolk do Jardim das Portas do Sol que viu a tília-prateada a ser abatida, mas que ainda tinha chegado a entrar no Jogo das Árvores do Jaime e do Fred n’O *Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala.

— O quê? Uma das tílias-prateadas do Jardim das Tílias foi abatida?

— Sim, Thomas.

— Porquê, tio?

— Não sei. Sabe o que é que é ir lá quase todas as noites e estar tão ligado à tília-prateada? Porque eu olhava sempre para ela, quando entrava e quando saía... E sabe o que é que é você ir lá um dia e do nada, sem aviso nenhum, ela ter sido simplesmente cortada? Mataram-na! Ela era saudável, era linda, forte! Por causa do confinamento obrigatório, o jardim esteve fechado. Sem sentido algum. Simplesmente uma vista que todos os dias uma pessoa habitua-se a ver, de repente é lhe retirada????? Não faz sentido nenhum! Nem tive tempo de me despedir dela. De guardá-la comigo. De lhe gravar com os meus olhos um último momento. Se eu soubesse que ela tinha morrido ou ia morrer até poderia querer ter fotografado. Se calhar, gostava de ter tido uma fotografia dela. Mas uma fotografia que fosse eu que tivesse tirado, porque quando eu tiro uma fotografia eu fico ali minutos a comparar as cores para ver se está ou não o mais próximo possível da realidade... A tília-prateada deve ter sido cortada durante o tempo em que o jardim esteve fechado, porque assim que abriu a tília já não existia. Telefonei logo para a Câmara Municipal, a secretária não fazia ideia do abate e não me passou a chamada, porque disse que na Câmara ninguém conseguiria dar-me uma resposta... Está a ver porque é que eu acho que o Sistema Perfeito esteve muito bem em cortar estas raízes

administrativas que estavam podres? Podres por dentro... Andavam a cortar raízes quando as raízes deles é que eram o mal! E disseram para que eu enviasse um email...

— E o tio enviou?

— Enviei, aliás trouxe até comigo...

— Ah!... O tio é o máximo!

— Eu hoje trouxe todas as cartas que andei a escrever ao sistema, quando o sistema fazia comigo ouvidos moucos.

— Pai, mas não nos vai ler as cartas todas, pois não?

— Não... Vou ler só algumas...

— Algumas, pai? Nunca mais vamos sair daqui e estou esfomeado... Nem pensar... Mas são quantas?

— Trouxe algumas, meu filho... São as minhas memórias... Mas pronto, leio só 5...

— Pai... 5? De uma vez?

— É muito, meu filho?

— É um bocadinho, não é meu pai?

— Pronto, leio 4...

— Pai...

— 3 e não se fala mais nisso, que tal?

— E que tal, só duas?

— Duas é pouco... Queriam tanto ler as cartas todas aqui, meu filho...

— Nem sei como vai ler... Já estamos sem luz...

— Ah! Mas os pirilampos já estão a chegar... E a luz da luz hoje está tão forte! Leio só duas, está bem?

— Está bem, pai. Mas não é para escolher as maiores... Aquelas que leu na minha aula aos meus alunos, eram muito grandes, pai...

— Não... Prometo que não escolho as maiores... Leio aquelas duas que vierem à sorte... Escrevi uma, Thomas à antiga Comissão Nacional da Proteção de Dados quando a antiga câmara municipal de Santarém queria instalar câmaras de vigilância em Santarém...

— Sim, mas o pai não vai ler essa. Que já a leu na minha aula...

— Mas se calhar à sorte, meu filho...

— Não, pai. Não vai voltar a ler essa. Essa já leu.

— Mas o Thomas não estava na aula. O Thomas não viu a carta.

— Noutra altura, quando o pai estiver só com o Thomas, o pai mostra a carta ao Thomas. Se calhar essa tira outra, ao calhas, para ler, combinado?

— Pronto, combinado. Mas o sistema pensa que podia brincar comigo dessa maneira? Não podia! Eu é que brincava com ele! Não era ele comigo! Era o que mais faltava! Um sistema de merda, sistemas de merda, andarem a brincar comigo! Era o que mais faltava, Thomas! Câmaras de vigilância em Santarém??????? Devia estar a brincar esta câmara... A arrancarem raízes de tílias-prateadas? Queria vê-los agora a arrancarem em 2080 e a irem direitinhos para ao Tribunal Botânico! Na altura não havia Tribunal Botânico, nem havia um Tribunal Administrativo em Santarém, então tive que chamar à colação o Tribunal Administrativo do Círculo de Lisboa... Para ver se respondiam... Mas mesmo assim, tiveram a coragem de não me responder!? É preciso um grande descaramento... Tive que os tirar de lá! Não estavam lá a fazer nada!

— Foi o tio que os tirou de lá?

— Pois... Tive que os tirar! Tive que ir lá desinstalar as câmaras. A única maneira de as desinstalar, sem ir preso, era ter que subir ao poder camarário. E sabe uma coisa, Thomas...? Foi aí que tive o meu primeiro surto psicológico. Porque aquilo parecia montado. Parece que tinham instalado as porcarias das câmaras, porque sabiam que eu, assim, candidatar-me-ia à Câmara de Santarém. Quando eu vi um sorriso entre o meu pai, o Mike e o pai do Mike... Até estava lá a Giralda... Veio de cadeira de rodas... Eu sei lá, se, naquele teatro todo, ela veio de cadeira de rodas, só por causa do guião que eu tinha escrito? Já não sabia em que acreditar... Parecia que eu me tinha esquecido de todo o teatro que tinha sido escrito. E riam-se a aplaudirem-me...?

Parecia que queriam um palco. E eu esquecia-me que eles tinham mesmo nascido em frente ao Teatro Fénix. E a Jupiter Editions, lá agarrou no teatro e como uma Fénix, viu o teatro a nascer das cinzas. Fez um teatro de uma coisa que tinha ardidado. De uma coisa que tinha perdido a chama. Que bonito teatro...! O Mike sempre me tinha dito que tinha feito um contrato com o meu pai... Enfim... E parece que estava tudo à espera disto, sabe? Eles riam-se, riam-se e olhe... Eu disse logo que só aceitava todo aquele teatro se eu ficasse vice e o Mike presidente... Mas acho que os algoritmos do realizador do teatro não deixavam e diziam que eu é que tinha que ser o presidente, porque o escândalo era o presidente de Santarém ser um preto “educado”, “culto”, “mas” ser gay. Era esse o escândalo, a intriga que queriam. O “preto maricas” que não deixa ninguém abater nenhuma árvore e não deixa nenhum estabelecimento comercial ter câmaras e microfones. Eu na minha *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari, que já nem sabia se tinha sido chipado nos olhos, no cérebro, na mente, no espírito ou era só no telefone, ou era só nas mensagens, ou era só nas chamadas, ou era só em casa, olhe, eu desisti! E quando eu desisti, lá bateu o meu pai à porta com o seu ar lunático de olhos bem abertos com um riso psiquiátrico, que eu adoro e venero, a perguntar se eu queria jogar xadrez com ele, que tinha comprado umas cervejinhas pretas que estavam bem geladas com o sabor muito parecido de umas que tínhamos bebido em Catembe e tinha mandado vir castanha de Moçambique. Desta vez, ele teve que bater à porta. E como soube bater à porta, eu fi-lo entrar. Ele não estava à espera da minha jogada de mestre de xadrez. Porque eu fingi que tinha desistido. Mas nunca desisti! Fiz-lhe xeque-mate. “Xeque-mate, pai!”... Eu não lhe quis matar a jogada, mas tive que o fazer! Bem... Ele ficou... E agora sim... É que meteu muita piada...

«quarta, 3/06/2020, 14:56

Boa tarde!

No passado dia 25 de maio telefonei para o V/ número 243304200 para perguntar o porquê do abate da tília prateada no jardim das portas do sol (logo à entrada do jardim ao lado da borracheira e de uma outra tília-prateada). Para meu espanto foi-me dito pela secretaria que seria impossível passar a chamada para qualquer "departamento" que pudesse responder com os devidos fundamentos, tendo sido sugerido que enviasse um email. Na secretaria não havia qualquer informação sobre o assunto do abate da tília-prateada tendo sido uma novidade.

Primeiramente acho lamentável telefonicamente eu não conseguir obter rapidamente a resposta sobre um assunto da maior importância. Estamos a falar de uma espécie de árvore singularíssima e que vivia no jardim mais importante da cidade. É estanho só por si não haver qualquer tipo de informação sobre isto e é lamentável eu só ver esclarecimentos se tiver acesso à Internet ou através do email. Só hoje pude ter acesso ao email e só hoje dia 3 de junho, é que consigo vir pedir os fundamentos à câmara da razão do abate da tília-prateada, quando um dos princípios mais básicos da Administração Pública é os meios informáticos não servirem para discriminar ou dificultar ou impedir o acesso à informação. Há, pois, um dever de informação e essa informação deveria ter-me sido logo prestada no meu primeiro contacto telefónico e eu não ter que ficar dependente de meios eletrónicos para poder vir pedir esclarecimentos sobre o abate da tília-prateada.

Quando há um abate é normal haver um aviso, uma notificação, que está previsto um abate com os devidos fundamentos. Esses fundamentos e esse prazo são importantes, porque permitem por exemplo alguém opor-se. Se a câmara diz que se vai abater uma árvore porque está doente, mas se um biólogo ou botânico passar pela árvore e não lhe achar nenhuma doença o abate não pode ir para a frente! Se a



câmara diz que uma árvore põe em perigo as pessoas ou os carros porque está em risco de queda, mas se se comprovar que não há risco nenhum, o abate não pode ir para a frente! E nenhum aviso foi afixado nem online, por exemplo no site da câmara de Santarém, como faz a do Porto, nem nenhum aviso foi afixado ao lado da árvore. Sendo certo que a afixação online não dispensa a afixação física ao lado de uma árvore que se tem em vista o seu abate. É importante todas as pessoas saberem, que uma árvore vai ser abatida, porque está doente.

No entanto, a tília prateada das Portas do Sol não estava doente, estava viva com um aspeto forte e saudável sem qualquer risco de queda, pelo que venho pedir que a câmara me indique os motivos que estiveram no seu abate. Nenhum aviso foi feito. O que é lamentável e imperdoável. Bem sabemos que com a situação do vírus as Portas do Sol foram fechadas como todos os jardins públicos. Ainda assim, se o abate ocorreu durante o período em que o jardim estava fechado um aviso teria que ser colocado à porta e nenhum aviso foi colocado à porta nem sequer online, o que mesmo que tivesse sido online, volto a frisar, não dispensaria o afixar do anúncio/ aviso físico ao lado da árvore.

Espero os melhores motivos que tenham estado por detrás do abate para que me veja esclarecido e não seja obrigado a denunciar a todos os meios de comunicação social e a demandar a câmara no Tribunal Administrativo do Círculo de Lisboa.

Cordialmente,»

— E sabem o Caminho das Capuchinas, muito perfumado, que descemos para virmos até aqui? Também tenho aqui mais um email, de um abate que se deu aí. A este a Câmara respondeu-me e disse-me que os terrenos eram privados... Mas como é que eram privados se nunca teve lá cerca nem vedação nenhuma...? Não eram privados coisa nenhuma! Há lá uma parte que sim, que tem lá uma rede, mas depois a

rede acaba e isso é antes de entrarmos no Caminho das Capuchinas...  
É a encosta toda que fica por debaixo da Casa de Alcáçova...

«segunda, 30/03/2020, 09:24

Bom dia!

Gostaria de saber a razão pela qual foi autorizada o a abate de árvores por debaixo da casa de Alcáçova, que tem estrita ligação com um dos caminhos de Santiago, acessível, por exemplo, através da porta de Santiago antes de chegarmos às barreiras/fortes das Portas do Sol. Neste bonito percurso florestal faziam dele parte exemplares de árvores com elevado valor ecológico e paisagístico. E o abate foi certamente quinta ou sexta feira, porque eu passei na quarta feira e aquela zona não estava tão descoberta. Para quem faz desse caminho uma rotina o abate não podia passar despercebido! Não foi então o meu espanto no sábado quando vi um "novo trilho" que foi desbravado por entre a rica plantação de jarras que foram completamente destruídas para se alcançar as árvores e se cumprir o seu abate. Nessa série de abate de árvores foram abatidas árvores que eram jovens e outras mais antigas, mas que estavam saudáveis. Pergunto, por isso, em que critérios a Câmara se suportou para autorizar o mencionado abate.

Cordialmente,»

**\*\***

# Quinta-feira, 24 de outubro de 2080

— Professor, olá! Como é que o professor consegue estar a dar 5 cadeiras ao mesmo tempo?

— Catharina! Olá! Eu não estou a dar 5 cadeiras ao mesmo tempo. Agora vou dar Direito Botânico.

— Sim, mas o professor dá 5 cadeiras ao mesmo tempo e nenhum outro professor faz isso. Como é que consegue estar ao mesmo tempo em 5 cadeiras?

— Catharina! Nós somos humanos. Conseguimos estar em muitas coisas ao mesmo tempo sem perder o foco. O mais importante é não perdermos o foco da realidade. Agora a nossa realidade é o Direito Botânico. As árvores ligam tudo e estão ligadas à Terra. As plantas ligam a Medicina e o Direito à Saúde. As flores ligam-se às abelhas através do Direito à Polinização. É por isso que o Direito Botânico vê como criminosos quem mata as abelhas, quem as mata por prazer. Quem as mata por medo tem que ir ao Tribunal Botânico ter uma pequena conversa com biólogos que vão ser no fundo os psicólogos do criminoso, tirando-lhe o medo das abelhas, ao mostrar o

mundo das abelhas e que se aperceberá que se não fizer gestos bruscos, não assobiar e simplesmente deixar pousar, a abelha não picará e acabará por voar.

— Professor! Já é possível curar as fobias das abelhas. A minha prima Sílvia é psicóloga e ela consegue curar as fobias das abelhas com óculos de realidade virtual aumentada...

— Arthur! A minha prima Sílvia, que também é psicóloga já usa os óculos de realidade virtual aumentada para curar todas as imagináveis fobias desde 2020... Sobretudo usa os óculos de realidade virtual aumentada para curar a fobia da realidade virtual aumentada. E não é que cura mesmo? É só ela conseguir meter os óculos de realidade virtual aumentada, que ficamos logo curados da fobia da realidade virtual aumentada... Sabe, Arthur...? Há uma ciência com a qual nós não nos deveríamos meter... Aliás: duas. Com o Direito e com a Psicologia. Mas quando eu vi o Direito a ver os dados a circular no mercado como petróleo e a não fazer nada, senão a regulá-las numa espécie de mercado em que os dados começaram a ter valor mobiliário e vi a Psicologia a fazer consultas online nos canais por onde eu sabia que os dados passavam e eram vendidos nessa espécie de mercado de análise de dados, eu muito sinceramente, com os óculos de realidade virtual aumentada metidos, pensei que o melhor era mesmo ficar sossegadinho com os óculos metidos e nem se quer me atrever a tirá-los... Eu não tinha músculos para combater ao mesmo tempo com duas ciências mais musculadas que eu. Tudo aquilo que não era normal, começou a ser normal. Mas isto foi um vício, um pecado, um vírus tecnológico que infetou a humanidade em 2020, alterando a configuração do nosso DNA. E nós herdámos essa nova configuração, essa nova mutação e hoje em 2080, parece que ainda não há quimioterapia nem radioterapia nenhuma capaz de matar as células

cancerígenas que o vírus tecnológico de 2020 nos trouxe. Ainda não éramos nascidos em 2020 e por isso não pudemos opor-nos às grandes antenas ultra radioativas e ultra cancerígenas que os governos da altura fascinadamente quiseram ver instaladas por toda a parte numa grande agenda de dados. Ligavam mais aos dados do que às abelhas. Nem queriam saber das abelhas, porque já tinham os protótipos dos robots-abelhas que iriam substituir a eventual extinção em massa das abelhas causada pelo 5G, numa altura em que era urgente salvar as abelhas! Mas empresas, médicos do mundo, físicos do mundo, químicos do mundo, cientistas, farmacêuticos, enfermeiros, psicólogos, dentistas, veterinários, engenheiros, arquitetos informáticos, até informáticos, associações como a Associação de Surfistas e Atividades Marítimas do Algarve, milhares de empresas, como a Jupiter Editions estavam focadas e empolgadas em salvar os nossos cérebros, os nossos corações, as nossas relações e as nossas abelhas e por isso, numa Internet muito própria que os unia, estando todos ligados sem estarem ligados à Internet das Coisas, envolveram-se no Apelo Internacional *Stop 5G on Earth and in Space* e graças a esse Apelo, as abelhas ainda existem em 2080.

— Esse Apelo parece um dos Apelos de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi, professor.

— Pois, parece Catharina. E sabe porque é que parece um dos Apelos de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi? Porque as abelhas são cientistas do nosso sistema. São os nossos “*Dons*”, para quem vê os *Dons*. São os *Dons* que nos suportam e nos toleram a maldade. Que nos vão suportando e nos vão tolerando. Mas elas têm uma poderosa memória e não se esquecem daquilo que lhes fazemos e se lhes fizermos mal, elas perseguem e como são mais tecnológicas que nós, enviam quimicamente o nosso GPS à colmeia. Ora, há aqui uma Internet das

Coisas. As flores não chamam todos os insetos. Elas escolhem. Seduzem os melhores. Seduzem os mais tecnológicos. Porque é assim que funciona a Internet das Abelhas e das Flores, que o Direito à Polinização viu e quis reconhecer. Nós não somos abelhas, nem flores, não sabemos como é ser uma abelha, nem sabemos como é ser uma flor. Mas se fizermos um exercício muito rápido e mergulharmos no mundo delas sem óculos de realidade virtual aumentada é possível sentirmo-nos abelhas e sentirmo-nos flores. Isto é um exercício humano: é por isso que conseguimos estar em muitas coisas ao mesmo tempo sem perder o foco. Porque temos capacidades humanas que nos permitem abstrair, teletransportar-nos para onde quisermos sem alterar na realidade o GPS: o mais importante é não perdermos o foco. Sabermos onde estamos. E para vermos onde estamos temos que olhar a toda a nossa volta. Porque há uma rede à nossa volta. Nós nascemos dentro de uma rede. Há uma rede. Nós já nascemos na Internet. Há ligações por todo o lado. Fios aqui, fios ali, é uma *emaranhação* de fios. Se pusermos uns óculos de realidade virtual aumentada, vamos ver só uma parte da rede aumentada e vamos ver a *infinitude* dos fios que nos vão prender. Vamos ficar com medo. Mas se andarmos sem os óculos de realidade virtual conseguimos andar na rede, estando verdadeiramente conectados há rede sem precisar de ver os fios. Sentimo-los. Vemos o nosso corpo a reagir a tudo. Reage com emoções. Há quem não reaja com árvores. Há quem não reaja com imigrantes. Há quem não reaja com filhos. Há quem não reaja com lobos. Mas há quem reaja. Há quem reaja a tudo isto com emoções. E não tem mal nenhum deixarmo-nos levar pelas emoções, aliás devemos é fazer as coisas com emoção. A nossa melhor arma, a nossa melhor ferramenta, a nossa melhor inteligência, é a inteligência emocional. E por isso, para se conseguir ver tudo isto, é preciso estar-se ligado com aquilo que pode dar cabo, que pode pôr em crise tudo aquilo que nós queremos proteger. Os drones podem pôr em crise a vida das abelhas.

Os robots podem fazer um *xeque-mate* aos humanos mais pobres. Aos humanos que precisam de um emprego e que não percebem nada sobre a manutenção dos robots e que não querem pôr os óculos de realidade virtual aumentada que lhes vai agarrar à rede neuronal dos robots que com uma *super inteligência artificial* os hipnotizará para sempre nessa economia. Com um Direito da Concorrência que liga os lobos ao mercado, que exercem uma pressão no mercado e que aceleram a economia *À Velocidade da Luz*, de Gil de Sales Giotto, é preciso ligarmo-nos urgentemente ao máximo de direitos que conseguirmos. Disse-vos que no sábado tinha ido à praia com o Thomas. Mas não vos contei como foi o meu domingo. O Clube de Cascais foi assaltado. Nós estamos em 2080. Haver assaltos destes só quer dizer uma coisa: que tive um assalto encomendado. Em alguns ordenamentos jurídicos quem manda é a máfia. Em Direito Constitucional há um capítulo sobre o *Poder Oculto* e sobre a máfia. E há máfia por todo o lado. Há lobos por todo o lado. Há lobos bons e há lobos maus. Há máfia que protege. Há máfia que desprotege. Há lobos que querem proteger e guardar ovelhas. Há lobos que querem atacar e comer ovelhas. De ordenamento para ordenamento o filme vai mudando. Há ordenamentos jurídicos em que não há um Direito da Concorrência. O meu tio abriu o Clube de Lisboa. Eu abri o Clube de Cascais à frente do clube dele. O meu tio vende mel por 30 e eu vendo mel biológico por 15. Ele não tem respeito nenhum pelas abelhas e rouba o mel todo às abelhas *às ocultas* do Direito à Polinização que impede esta prática de apicultura desleal e eu que só vou tirando metade do mel das abelhas, e ainda por cima, vendo por metade, estou a dar cabo da economia do meu tio. Se nós não estivéssemos em Portugal, o meu tio esquecia-se de tudo o que viveu comigo e de todas as emoções que me fez espoletar, ia bater-me à porta e mexia com o meu coração para aumentar o preço do mel para o triplo, porque ele sabia que se fosse para o dobro, como o meu era biológico, não recuperava a sua clientela. E se eu não triplicasse, ele

chamava os lobos dele para irem mexer com o meu cérebro, para recuperar a sua clientela. E se eu não triplicasse, os lobos dele pegavam fogo ao meu estabelecimento comercial se estivesse desprotegido. Se ele fosse à minha *Rede* e visse que eu não tinha lobos. Mas os lobos não estão na *Rede*. Estão fora da *Rede*. E nós estamos em Portugal. E em Portugal, as coisas são um pouco diferentes. Resolvem-se com o Direito à Concorrência e com o Direito à Polinização. O Direito da Concorrência cairia em cima de mim e dir-me-ia que se eu quisesse vender ali mel onde já estava o meu tio antes a vender, eu teria que vender no limite ao mesmo preço que ele. E eu poderia atacar com o Direito à Polinização, dizendo que o meu mel era um mel diferente do meu tio, porque o meu mel era um mel biológico e o mel do meu tio é um mel cheio de açúcares e porcarias. E por isso, os nossos produtos são diferentes, não têm nada que ver um com o outro. O meu faz bem. O dele faz mal. Eu demoro muito mais tempo do que o meu tio para ter mel, porque tenho paciência e respeito a Internet das Abelhas. Porque foi isto que eu disse. Mas nunca disse ao meu tio que tinha o laser. Nem que tinha laser nem que tinha lobos com laser. Como podem ver é tão importante o Direito à Concorrência para não se estragarem negócios, como o Direito à Botânica para não se abaterem árvores. É esta a ligação que eu faço. É esta a minha Internet das Coisas. Bom, mas isto foi ao lanche... São coisas chatas, mas que acontecem... São coisas que, parece que afinal, fazem mesmo parte da vida real dos humanos, onde nuns habitam espíritos malignos e noutros espíritos bondosos e esperançosos. O problema é só um: é haver o mal. Se o raio laser eliminasse completamente o mal, eu seria a favor deste laser, mas não digam nada disto à Organização das Nações Unidas, porque ela acha isto drástico de mais e ainda acredita em 2080 na recuperação dos corpos humanos e eu não quero ficar contra a ONU, como devem imaginar... Bom... Mas isto do assalto foi ao lanche... Antes disso, tive um maravilhoso passeio com o Thomas a subir e a



descermos uma serra. Por ter tido esse maravilhoso passeio antes, encarei aquele assalto com a máxima das tranquilidades. Com a máxima da naturalidade. É a naturalidade da vida. Não tem problema. Não teve problema, porque eu saí ileso, como saí e sairei sempre. Devemos saber escrever o nosso destino. Devemos saber ler o nosso destino. Saber ler a nossa impressão digital. É o que diz o Direito à Biometria e o Direito à Astronomia, que abre novas luas e concursos de exploração das suas crateras, de cada uma das suas crateras. Quando somos bons, saímos sempre ilesos, acreditemos nas Mãos Invisíveis que queiramos acreditar. Podem ser até 3 Mãos Invisíveis. Mas basta sentirmos umas das 3. Quando sentimos, pelo menos uma, é porque há uma tecnologia que nos quer. E se há uma tecnologia que nos quer, é porque há uma economia que nos quer. E se há uma economia tecnológica com o GPS apontado em nós, é porque essa economia tecnológica, nos quer vivos e fará tudo para nos manter vivos. Não temos que nos preocupar. E quando nos sentimos protegidos começamos a revelar. E quando começamos a revelar as coisas, as coisas revelam-se, começam a ganhar uma voz e começam a dar-nos a revelação. O que é preciso, é sabermos falar das coisas. E o Sistema Perfeito dá-nos essa liberdade. De podermos falar das coisas. De podermos dizer que as árvores não são coisas e não são bens imóveis! É tudo uma questão de ficção, de ilusionismo. De pormos a nossa magia nas coisas. Porque nós somos seres mágicos. Somos seres dotados de fazer magia. Todos nós podemos fazê-lo! Só temos é de descobrir. O segredo é descobrir. Temos que descobrir! Temos que partir para a descoberta das coisas! As coisas estão cheias de magia... Não veem tudo ligado? Se descobrirmos a ficção descobrimos a magia. E descobrir a magia das coisas não faz nem pode fazer perder a magia. Porque quando descobrimos a maravilhosa magia, as coisas ainda se tornam mais mágicas. Ainda se tornam mais tecnológicas. Vemos o poder da tecnologia. Há toda uma Internet das Coisas. As árvores também têm a

sua Internet. Nós conversamos. Uns mais que outros. Em Cascais, faz-se conversa nos cafés. A conversa é boa em Cascais. Quando temos boas relações, sem querer, vamos ficando mais protegidos. Foi numa dessas conversas de café que eu descobri, afinal, quem era o meu tio. Bastou-me uma conversa! Uma conversa que me fez comprar o laser! Uma conversa que me fez levantar, sair de casa e ir bater mais uma vez à porta do Sistema Perfeito para o convencer da minha ficção, da minha nova *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari. E foi essa *Paranóide Tecnológica*, essa ficção que me fez ir convencer o Sistema Perfeito a trazer o laser, para dentro do Sistema Perfeito. E ele ouviu-me e convenceu-se. Convenci-o com a minha ficção. E como consegui convencê-lo, consegui sobreviver no Sistema Perfeito. Quando falamos com o coração, nós conseguimos sobreviver. Se eu não tivesse tido acesso àquela conversa, eu não compraria o laser e o laser ilegal deles, que eles tinham trazido lá de fora, ter-me-ia teletransportado para outro submundo. Às vezes a tecnologia pode ser um *Programa de Extensão de Vida*. Há muitas empresas que hoje oferecem *Programas de Extensão de Vida*. Há quem esteja o dia todo com os óculos de realidade virtual aumentada, há quem esteja no telefone o dia todo, há quem esteja colado ao ecrã o dia todo. E há quem tenha partido o ecrã, e sem querer, tenha ido parar dentro da TV. Está preso à TV. Por isso, há tecnologias que também podem ser autênticos *Programas de Encurtamento de Vida*. Se as pessoas fossem mais sociais e mais amorosas e mais desligadas dos ecrãs e vivessem simplesmente as suas vidas, conversariam mais e proteger-se-iam mais. Protegeriam mais a sua intimidade. Protegeriam mais os seus dados. É a conversar que vamos, sem querer, estabelecendo relações que, às vezes, são verdadeiros contratos de vida. E as árvores também conversam. E também fazem contratos de vida. Nós vamos fazendo uns silêncios de vez em quando. As árvores não! Elas estão sempre a conversar umas com as outras. Conversam quimicamente. A rede delas é química. A nossa *Rede* é

tecnológica. A rede delas é real. A nossa *Rede* é virtual. A química delas são os fungos. A nossa química são as bactérias. O nosso organismo estabelece boas relações políticas com algumas bactérias, celebra contratos simbióticos com elas. Mas nós não somos os únicos organismos vivos que fazemos contratos e que sabemos fazer contratos, porque é preciso saber fazer contratos, não podemos andar a fazer à toa contratos com todos. Não podemos contratar com toda a gente. A Administração Pública não contrata com todas as empresas. Se observarmos os contratos que a Administração Pública celebra, vemos qual é o interesse dela. Quando a Administração Pública começa a interessar-se pela tecnologia e pela ciência de dados já sabemos que se quisermos contratar com ela, vamos ter que desenvolver câmaras com alta definição que fazem reconhecimento facial em menos de 1 milésimo de segundo e que cruzem logo ao nosso *profile* da *Rede*. É muito importante conversar! Se soubermos o interesse que os outros têm, sabemos e compreendemos todas as cláusulas do contrato e fazemos melhores contratos. Contratos que nos podem proteger e oferecer vida eterna. Porque há uma certa espiritualidade nos contratos. Há um espírito no Direito, em todos os direitos e o Direito Botânico não é exceção! As árvores ao contratarem com os fungos que habitam nas suas raízes recebem nutrientes e dão-lhes açúcares. Estes fungos montarem uma rede e, por causa do contrato simbiótico, os fungos ligaram as árvores à rede. Uma vez ligadas à rede, as árvores podem conversar e conversam muito quimicamente. E nesta rede de cooperação altruísta vão-se ajudando umas às outras para sobreviverem, partilhando recursos e informações na rede. Do mesmo modo, que elas sentiam a morte e sabiam que o lenhador se aproximava delas, agora fazem outro registo na rede de nós, tal como nós fazemos delas. Elas sabem que já têm um Tribunal Botânico. Nós estamos cheios de sinais químicos. Nós enviamos sinais químicos. E as árvores também. Há uma química entre nós e as árvores. Elas não conversam connosco, mas

interferem no nosso organismo, *hackeem* o nosso cérebro com oxigénio. Esse “oxigénio” delas é usado pela nossa mente que vai fabricando pensamentos de como agradecer as árvores. As árvores são muito altruístas. Mas do mesmo modo que os humanos pregam partidas uns aos outros, as árvores também o fazem. Há flores capazes de bloquear a rede delas, roubando os recursos que há na rede. Há flores que libertam químicos altamente tóxicos para a rede matando árvores. Não posso defender flores que matam árvores. É importante o estudo do Direito da Botânica que se vai ligar depois ao Direito da Medicina das Plantas. O Direito da Botânica é claro: proíbe o abate de qualquer árvore, a não ser que essa árvore ponha em causa a integridade física ou a saúde ou a vida humana, mas não impede “o controlo” de espécies invasoras que podem ser uma praga. Mas controlar não é abater! E foi por eu ter assistido do princípio ao fim ao abate de uma árvore que era uma suposta poda, que eu me revoltei tanto que tive que revolucionar o sistema jurídico. Eu estava simplesmente a caminhar quando vi serrotes a dirigirem-se para uma árvore. Parei imediatamente. Há frente da árvore havia um prédio que estava à venda. Esse prédio tinha uma varanda. E havia ramos da árvore que se metiam pela varanda. Pensei que seria uma simples poda para cortar os ramos que se empoleiravam à varanda. Estava a acompanhar o corte e tudo indicava que seria um pequeno corte, mas de repente cai um tronco gigante. Eu perdi ali uma costela. E continuaram a cortar em troncos, como se tivessem a cortar carne aos bocados. Iam caindo troncos e mais troncos no chão. Eu odiei para sempre aquele barulho de serrote. Aquilo marcou-me. Fiquei traumatizado. Nunca tinha assistido a um abate. A árvore ficou reduzida a nada. Mataram-na! Cercaram os troncos com uma fita e foram-se embora. Olhei para o meu relógio e pela hora calculei que estivesse na hora de saída do trabalho daqueles tipos. Fui lá ver os escombros e liguei-me a um tronco. Era lindo de morrer. E quis ficar com ele para fazer um bonito trabalho de carpintaria. Fui a correr para

casa e disse ao meu avô que tinha assistido ao abate de uma árvore e se ele me poderia emprestar o carro para ir buscar um tronco, porque queria ficar com ele. O meu avô perguntou-me logo para que é que eu queria os troncos se eu não tinha lareira em casa. Eu disse-lhe que queria simplesmente ficar com ele, porque tinha estado a assistir ao abate. Havia qualquer coisa que me ligava àquele tronco. O meu avô disse-me que eu tinha que ser mais objetivo e prático na vida e se eu não tinha lareira não precisava para nada de troncos. Passado uns minutos, entrou no meu quarto e disse que aquilo que eu ia fazer, consubstanciaria um crime, porque se tinha havido um abate, aqueles troncos pertenceriam ao dono da árvore. Mas eu disse-lhe que a árvore estava na via pública. E ele retorquiu e disse-me o que toda a gente dizia como disco-riscado: “que em Portugal não havia nenhuma árvore que não tivesse dono e que se havia uma árvore é porque tinha sido plantada por alguém”. E eu, inocentemente, disse-lhe que antigamente o meu quarto era uma floresta e que quem tinha plantado essa floresta tinha sido umas das 3 Mãos Invisíveis. E que os pinheiros e os fetos espalhavam-se sozinhos. Retorquiu-me dizendo que eu vivia nas minhas fantasias e que o meu problema é que eu trazia para a realidade as minhas fantasias e vivia as minhas fantasias na realidade e ainda me voltou a dizer que aquilo que eu ia fazer era um crime. Eu já tinha tido, na altura, Direito Penal, já tinha devorado o Código Penal todo e sabia que em lado nenhum o Código Penal me mandava para a cadeia ou me obrigava a pagar uma multa se eu apanhasse um tronco do abate a que tinha estado a assistir. E respondi ao meu avô que eu vivia a fantasia do Direito, porque a fantasia do Direito interfere na realidade humana. Quem manda é o Direito! Como o meu avô não me emprestava o carro e eu queria muito ficar com aquele tronco, com aquela força, com aquela energia, com aquele gigante amuleto de 40 kg comecei a pensar nas melhores horas para o ir buscar a pé. Não queria que ninguém me visse a acartar um tronco daqueles. Tinha que ser quando a cidade se

transformasse num dormitório. Mas a melhor estratégia, para não ser mesmo visto, era sair daquela rua de prédios onde estava o tronco e meter-me pelo caminho de uma montanha que a descendo, depois iria dar à minha casa por um caminho de estrada onde só havia quintas. Fiz o assalto às 5 da manhã. Cheguei a casa perto das 6 estafado, mas felicíssimo, completamente iluminado por aquele amuleto-vivo. Ora, se as árvores da via pública, dos jardins, das florestas, das planícies, das serras e das montanhas tivessem um dono, esse dono seria a Administração Pública. Então tive a ideia do apadrinhamento delas. Os humanos poderiam apadrinhá-las. Assim, se elas “pertencessem” a alguém, esse alguém poderia representar a árvore em tribunal. E foi assim, que o Tribunal Botânico teve a sua aparição no Sistema Perfeito. Foi uma economia do caraças! Rendeu mais que o negócio da madeira... Porque quando eu levei essa ideia ao Sistema Perfeito, o Sistema Perfeito transferiu a ideia à Administração Pública e a Administração Pública viu logo com bons olhos, porque viu dinheiro a entrar com os registos. Era toda a gente a “perfilhar” e a “apadrinhar” árvores. Até havia uma distinção entre perfilhar e apadrinhar uma árvore, perfilhar era mais caro, era outro estatuto na sociedade... Começou a haver uma guerra entre os humanos, por causa das árvores. Casais de namorados que subiam às árvores que estavam apadrinhadas por uma pessoa que chegava lá e os queria tirar da árvore, porque dizia que era o padrinho da árvore e estava a zelar pelo “superior interesse da árvore” e que não se podia subir as árvores para namorar... E eu e o Thomas fartávamo-nos de subir às árvores para namorar... E agora não podíamos subir uma árvore, se não o padrinho ia levar-nos ao Tribunal Botânico a dizer que estávamos a magoar a árvore dele??? Ao tribunal que eu tinha criado??? Foi uma confusão de direitos subjetivos que escapavam à inteligência humana. Não era nada daquilo que eu tinha visto nem querido... E afinal a sociedade não estava ainda

preparada para “falar pelas árvores”... Mas uma coisa era certa... Alguém sabe?

— Quem abatesse uma árvore teria que ir parar ao Tribunal Botânico.

— Certo, Arthur! Era essencialmente para isso que servia o Tribunal Botânico numa primeira aparição. E numa segunda aparição?

— Para começar a multar estragos de jardins, pisares de canteiros...

— E correu bem?

— Não muito bem... O Sistema Perfeito começou a multar por tudo e por nada, até as crianças... Foi uma confusão de direitos... As pessoas começaram a ter medo de andar por todo o lado, porque tinham medo de estar a machucar uma espécie protegida... Não sabiam se podiam ou não apanhar rosas pelo caminho para oferecerem à namorada...

— E houve então uma terceira aparição com um caso que estava a ser julgado no Tribunal Penal que acabou por ser remetido ao Tribunal Botânico donde resultou o 1º Acórdão do Tribunal Botânico em que eu fui o relator, num caso que acabou por ser chamado “Então e o Direito dos Malmequeres?”. Eu tentei escrever na altura, numa linguagem muito crua e muito simples para que toda e qualquer pessoa que não fosse de Direito ou de Botânica, conseguisse ver este Direito Botânico. Eu escrevi algo como isto “se eu vejo um campo de malmequeres intacto, devo tentar pisar o mínimo possível. Se vejo que já há um carreirinho, seja nesse campo, seja num bosque, ou numa floresta, devo usar esse mesmo carreirinho, não fazendo mais

carreirinhos se tomar a mesma direção do carreirinho que já está feito. O Direito Botânico não quer impedir nenhum humano de ser um caminhador da natureza, muito menos quer ser perverso ao ponto de impedir os humanos de irem se sentar ou deitar nos jardins, de irem para a floresta, de acamparem nas serras ou fazerem piqueniques nos bosques. O Direito Botânico não quer impedir que alguém saia de casa, porque tem “erva” a crescer à volta quando o Direito Botânico nem sequer reconhece direitos “à erva”. O que o Direito Botânico reconhece é o pleno direito à vida das árvores, até ao final das suas vidas. O que o Direito Botânico quer, é proteger as árvores. Na sua ciência jurídica e num estudo vivo com ecologistas e botânicos quer proteger igualmente determinadas espécies de plantas, arbustos, vegetação ou flores no interesse e importância que poderá ter na evolução e atualização do conhecimento do Direito e da Medicina das Plantas ou que seja determinante para a sobrevivência ou equilíbrio de um determinado ecossistema. O Direito Botânico foi criado para “conectar” mais os humanos à rede das árvores e nunca para desligar ou afastar os humanos da Natureza. Subir uma árvore não atenta contra nenhum “direito da árvore”. O que há, é o dever de nós, humanos, reconhecermos algumas inteligências que habitam conosco na Terra. Podemos subir as árvores, dormir nas árvores, namorar nas árvores, desde que não cortemos ramos ou não danifiquemos a árvore ou estejamos com ela respeitosamente. Igualmente, se ao caminharmos virmos um carreiro de formigas, quando os vemos, temos o dever de nos desviar e o dever de não pisar nem o carreirinho de formigas, nem o formigueiro. A mesma coisa como os malmequeres. Se eu destruo por prazer pés de malmequeres, devo ser multado. Se estou com o meu marido a fazer um piquenique em cima de um campo de malmequeres, num bonito namoro, e o meu cão está a correr por cima do campo de malmequeres, que magicamente os pés ficam intactos, senão ficando



um saboroso intenso marulho de pólen no ar, não há nada que multar! O Tribunal Botânico é sensível à sensibilidade humana”.

— Professor, então o meu namorado pode apanhar dois pés de rosa no caminho para me oferecer ao invés de os ir comprar à florista, sem ser multado?

— Pode, Catharina. Mas diga-lhe que as rosas ficam mais bonitas no jardim ou num vaso e se ele quiser muito oferecer-lhe rosas, que lhe ofereça um jardim com rosas ou um vaso com rosas vivas.

— Obrigado, professor! Vou dizer-lhe! Sempre quis ter um jardim com rosas...

— É preciso andarmos ligados à Terra. Se andarmos ligados à Terra, não provocamos tremores de terra. Se não matarmos elefantes, não provocamos tremores de Terra. Se não andarmos a arrancar raízes de árvores dos mantos sagrados da Terra, não provocamos maremotos de Terra. Quem é que acredita aqui na profecia que Gil de Sales Giotto fez *À Velocidade da Luz?* Que estamos em cima de uma placa e que se arrancarmos as árvores da Península de Troia que está conectada a essa placa, a placa vai desligar, vai perder a sua eletricidade e vai partir-se toda e essa eletricidade, seguindo a Lei de Lavoisier vai percorrer um mar num abismal tsunami que destruirá toda a economia plantada à volta. Vocês pensam o quê? Pensam que se pode tirar uma árvore assim da Terra e colocar no lugar dela uma árvore *supertecnológica* que a Terra não vai dar por nada? Pode ser uma questão de tempo, mas a Terra vai dar por isso, e quando der “BUUUM” vai ser uma explosão de energia. Ah! Afinal todos acreditam na profecia... Pois, eu também acredito... O Sistema Perfeito também acreditou, e por isso, é que autorizou o projeto sustentável económico-ambiental da Comporta a construir casas contornando todas as árvores. É claro, que toda a gente copiou e

pegou moda. Casas nas árvores, casas que apanhavam árvores e ficavam ali com um céu aberto espetacular, casas aos *zig-zag-zungs...* Foi a melhor moda de todas! E hoje em 2080 vivemo-la veementemente. Sou-vos franco... Eu nasci a acreditar nisso, mas não podia ainda dizer, ainda me chamavam maluco... Mas quando vi que a profecia já tinha sido imprimida *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto, fiquei mais aliviado por saber que já não era o único maluco... E depois quando soube que o Sistema Perfeito afinal também acreditava nessa nossa ficção, fiquei contente por já poder dizer em voz alta ao sabor e som do vento que se abatermos árvores vamos morrer afogados. Porque as árvores estão ligadas ao oceano, estão ligadas à água. As raízes delas procuram água, vão à procura da água. Como os humanos. Quando se planta uma árvore já não se pode voltar atrás. Aquela semente já germinou. Como um mágico encontro entre o espermatozoide e óvulo. Assim que se dá a magia, já não podemos desfazê-la. Temos que protegê-la. Porque há uma magia das coisas, não concorda Giralda?

— Sim, concordo professor.

— Se a Giralda tiver um jardim com um poço e uma figueira longe do poço e a Giralda se esquecer de regar a figueira, sabe o que é que é vai acontecer?

— Sei sim, professor. E o professor parece um mágico! As raízes da figueira vão até ao poço buscar a água e roubar-me as joias...

— Roubar-lhe as joias, Giralda???? Quem???? A figueira???? Conte lá melhor essa história que já pôs aqui toda esta tropa de elite desta iluminada sala a rir... Deve ser de partir o coco a rir... Vá... Conte... *Shiiiiii*, meninos... Vamos lá... Vamos lá ouvir a história da Giralda...

— Eu tinha um namorado, o Luís... Na altura “pus-lhe os cornos” com o “irmão gémeo” dele... Eles eram iguais professor...

— E deixe-me adivinhar... Eram iguais sem serem gémeos... Se calhar, foi uma magia algorítmica do sistema...

— Exato...

— Exato... Só por isso, é que a Giralda “pôs os cornos” ao Luís, não foi? Eram demasiadas coincidências...

— Ai, professor!... Até me arrepiou... O professor fala como se soubesse da história...

— Eu disse-lhe que há uma magia das coisas... Mas não se preocupe que a minha tecnologia não é a Internet das Coisas e não sou nenhum hacker da Giralda para lhe seguir o seu *Target – A Pegada Digital* de Ralf Kleba-Kodak... Mas há hackers por este nosso mundo fora que depois contam as histórias e as histórias tecnológicas, com demasiada magia à sua volta, vêm a saber-se...

— O professor sabe a história das minhas joias?

— Estou a brincar consigo Giralda... Estou só a fazê-la pensar na *Rede* e na tecnologia das coisas... Não sei história nenhuma sua, até me contar a sua história. Mas conte-a com o coração... Olhe, que eu tenho uma biblioteca de almas e se não contar com o coração prendo a sua história à minha tecnologia... A minha tecnologia, foi ver o seu traço... Reparei só que, quando disse “irmão gémeo” fez o sinal de “aspas” com os dedos no ar... Também interpretado pelo Trapézio como “pôr os cornos” ao namorado... Eu não sabia, foi a minha bisavó Alcinda, que é do Trapézio, que me ensinou a não fazer esse sinal

com os dedos no ar. Sabe que os do Trapézio ligam muito aos símbolos e à simbologia das coisas... Aprende-se um pouco de Magia Negra e Magia Branca com o Trapézio... Ó Giralda... Não quero assustá-la, só quero que se divirta com a sua história... Com a história que trouxe até nós... Porque nós já nos divertimos bastante... Mas conte lá, vá...

— O Vasco, que era o tal “gémeo”, ofereceu-me umas joias e eu não sabia onde escondê-las... Então, fui escondê-las dentro de envelopes de vidro dentro do poço.

— Porquê de vidro?

— Foi o que me veio à cabeça e na altura os envelopes de vidro estavam na moda...

— E a Giralda com a moda das coisas e com as joias, esqueceu-se de regar a figueira, a figueira ganhou raízes, roubou-lhe a água do poço e ainda lhe roubou as joias, veja lá... Não foi?

— Basicamente, sim, foi essa a história que tive que contar ao Vasco quando me perguntou pelas joias...

— Que história tão divertida, Giralda! Obrigado, a sério! Obrigado por este momento tão divertido! Fico-lhe profundamente grato! Eu e toda esta tropa de elite, porque mexeu de uma maneira com ela... Oh! Não param de se rir! Ainda se estão a rir, meninos? Vá lá... Já chega... Haja respeito pelas histórias! Toda as histórias merecem um respeito... Há histórias mais vivas que outras. Há histórias que se repetem... Há histórias que estão num completo ciclo vicioso, que já vêm muito de trás... Há sempre um porquê das coisas... Diria até que há um algoritmo nas histórias! Mas olhe, Giralda, digo-lhe já que se eu ainda fosse juiz do Tribunal Botânico e a Giralda me aparecesse com

essa história da figueira e das joias, mandava cortar as raízes de castigo, pronto. Sabe que era assim que se fazia com a Lei de Talião? Quando alguém roubava, mandava-se cortar as mãos... Muitas pessoas foram injustamente acusadas de roubar joias, ainda não havia tecnologia suficiente para se detetarem as mentiras, e muitas pessoas ficaram sem mãos, por causa de mentiras como essas. Ainda bem que um iluminado fez desaparecer a lei de Talião do nosso sistema.

— Olhe professor, e eu fiz desaparecer a figueira da minha casa!... Antes que ela plantasse lá mais raízes...

— E fez muito bem! Não se preocupe que eu já não sou juiz no Tribunal Botânico e já não posso mandar-lhe prender até 5 anos... Só posso prender a sua alma à minha biblioteca de almas... Não a incendiou, pois não?

— Não...

— Ainda bem, porque se a tivesse incendiado... Era até 7 anos de cadeia, dependendo dos danos que a Ecologia se queixasse... Muito obrigado, Giralda, pela sua participação!

— De nada.

— Bem, eu estava a contar-vos a minha história e a Giralda trouxe por cima da minha, a história dela. Estava a contar-vos o porquê de eu ter criado o Tribunal Botânico. Como as histórias ligam-se todas umas às outras, às tantas a minha história até se pode “por magia” ligar à história da Giralda. Vamos ver se encontramos uma ligação nela. Uma coisa é certa, aprendemos que não devemos esconder joias no poço. Porque o poço tem um fundo! Quem encontrar uma ligação nelas, ganha uma semana nos cruzeiros da Grande Idade! Mas não pensem

que vão de férias, porque às horas das minhas aulas vão ter que ficar ligados à minha aula, estou já a dizer... É verdade, também eu, deixem-me ser capturado pela tecnologia. Mas vejo aqui uma boa tecnologia, só por isso é que me deixei capturar. E será só durante uma semana, enfim... Calha a todos... Esta ideia da telescola é uma parceria do Triângulo, do Pentágono e do Club de Cascais... Por isso, é que eu vou deixar que instalem uma *TVzinha* aqui na minha sala, porque sou eu que a vou instalar e estou, mais ou menos, a par dos algoritmos e da finalidade dessa tecnologia, porque eu serei a finalidade dessa tecnologia. A TV tem microfone e câmara para enviar e receber som e imagens. Nessa semana vocês não falam, para os algoritmos não capturarem a vossa voz, discurso, raciocínio... Para não capturarem o vosso cérebro... O meu é que foi capturado... Não foi o vosso... Por isso, mantenham-nos intactos! Aproveitem a liberdade algorítmica! E vão entregar-me, por isso, os vossos casos resolvidos em mão e eu resolvo os casos em aula e dou matéria. A TV vai ser instalada à minha frente por cima de mim, de costas para vocês, por isso a câmara da TV não vos apanhará. Basicamente quem ficar aqui será um fantasma. E como fantasmas, terão a liberdade de ficar ou não presentes ou levar o vosso corpo para outro sítio. Só têm é que me vir, pelo menos, entregar os vossos casos que contarão como “participação oral”; faz de conta que disseram aquilo sem o dizer, é assim que os espíritos se comunicam. Mentalmente. Enviam mensagens que a mente escreve. E será essa a nossa comunicação na nossa próxima semana. Quem for para a TV, ficará vivo. O que é que isto significa? Que todas as viagens têm um preço num sistema monetário como o nosso e quem for para os cruzeiros da Grande Idade terá que aparecer na TV e interagir comigo. É esse o preço que terão que pagar. Como devem calcular, não fui eu que tive esta ideia, mas foi uma condição do Triângulo. Eu só tenho, desta vez “bilhetes” para 3 alunos, porque vão outros de outras escolas. Eu contei-vos a história da aparição do Tribunal Botânico e

quem conseguir encontrar, pelo menos, uma ligação dessa minha história com a história da Giralda ganha automaticamente a “viagem tecnológica”. Os outros dois bilhetes é para quem se voluntariar. Se se voluntariarem mais que dois ou três, terão prioridade os alunos que tiverem melhor nota de avaliação contínua. Vão em voluntariado que é uma espécie de férias, vá lá... Vão fazer mergulho com os tubarões, com os golfinhos, com as baleias, com as mantas, com as tartarugas marinhas... Mas agora, vou ter que fazer “o papel de mau” e dizer as tarefas que vos compete, enquanto voluntários dos cruzeiros da Grande Idade, para vocês acharem que vai ser uma grande seca... Têm que tirar e mudar as fraldas à Grande Idade, fazerem ginástica e hidroginástica com a Grande Idade, zelarem pela segurança e vigilância do grupo de pessoas da Grande Idade por quem tenham ficado diretamente responsáveis, dinamizarem as atividades a bordo, desde fazerem concursos de talento, espetáculos ou de música, teatro e dança, a passarem música como *disc jockeys* para a Grande Idade, organizarem as excursões em terra, são vocês que contactam diretamente os operadores de mergulho e passeios a cavalo, por exemplo têm que cozinhar e servir as refeições à Grande Idade... Nos cruzeiros da Grande Idade a trabalhar são só os salva-vidas, os marinheiros e o capitão. Vocês farão parte desta maravilhosa tripulação. Como vocês sabem, os lares da Grande Idade são hoje os cruzeiros da Grande Idade. Não há nenhuma câmara de vigilância no cruzeiro e os telefones são proibidos de circular no cruzeiro, não podendo sair do vosso camarote. Só os podem usar dentro do vosso camarote. E a vossa telescola, para garantir a vossa intimidade e reserva da vida privada não será instalada no camarote. Há uma sala específica onde todos os alunos têm os LCD's com as câmaras e microfones para acompanharem as aulas a bordo. Antigamente, quem atingia a Grande Idade para o Sistema Velho virava um trapo. Eu odiava essa atitude que o sistema tinha e que os próprios filhos tinham para com os pais, que

os metiam, os mandavam, os transferiam para os lares, os depositavam nos lares e deixavam-nos lá depositados sem os visitarem, sem quererem saber dos pais e sem quererem saber da realidade dos lares. Enfim, veio o Sistema Perfeito e viu os lares como uma *big* recolha de dados. Viu ali uma grande economia... Não fez por mal... Viu ali grandes histórias, a Lei de Lavoisier começou a subir-lhe à cabeça, que tinha que apanhar aquelas histórias, porque ainda ninguém as tinha apanhado e viu que havia ali muita ciência... Viu ali autênticos museus, autênticas carapaças, autênticas conchas, autênticos livros, filmes espetaculares... Viu anedotas, adivinhas, receitas... Até viu Medicina das Plantas... Bem... Viu ali tudo... Viu ali um grande negócio... E eu nunca gostei de ver isso, eu fervia por todo o lado... Mas o Sistema Perfeito com os seus perfeitos algoritmos viu o que é que os filhos e os netos andavam a fazer aos da Grande Idade e simplesmente imitou-os... Começou a filmá-los e a gravá-los. E então começou a fazer grandes obras. As chamadas Grandes Obras Para a Grande Idade ou também chamada a Reforma Tecnológica da Grande Idade. Isto soou na altura aos ouvidos mais tecnológicos muito bem. E foi-se avançando. Primeiro foram instaladas câmaras de vigilância nas partes interiores comuns dos lares. Depois instalaram-se os microfones por toda a parte com a desculpa que quando gritassem por “socorro” vinham logo os 3 *Drones* num perfeito triângulo: um robot-drone ambulância, um tanque-drone bombeiro e um drone polícia. Depois começaram a meter robots com câmaras e microfones que se chamavam “assistentes pessoais”. Depois já se pôde chamar robots e esses robots tornaram-se robots-amigos em que jogavam às cartas com os da Grande Idade e recolhiam a história daquela cartada que depois o Sistema Perfeito analisaria se a história era boa ou não, se era verdadeira ou não, se batia a bota com a perdigota... Sabem que há uma fome e sede de algoritmos... Os algoritmos “ganham vida”. Há programadores que todos os dias dão vida a novos algoritmos. E quando nasce uma vida, quando fazemos nascer



uma vida, quando animamos uma vida, temos que animá-la, alimentá-la... E os algoritmos alimentam-se de dados. Animam-se com dados. Sem dados eles morrem... Já viram? Coitadinhos dos algoritmos... E quando eles vão ao Tribunal dos Algoritmos? Coitadinhos... E antes que fossem parar ao Tribunal dos Algoritmos, o Sistema Perfeito tinha os algoritmos sedentos e esfomeados e lá os alimentou com os dados da Grande Idade. E matou assim a fome de muitos algoritmos. É um sistema muito bondoso para os algoritmos. Se tiverem um, ele será muito bem-vindo ao Sistema Perfeito.



— Áurea! Vim o mais rápido que pude assim que recebi a tua mensagem.

— Entra, Antoine! Não temos muito tempo. Também convidei o Brites para vir lanchar connosco, ele está a chegar, vi na *Rede* que ele está a um quarto de hora daqui... Olha, por coincidência ele estava agora a passar o club, mas vi que ele parou e estava a interagir com alguém, mas não consegui ver de que era o perfil com quem ele estava a interagir. Podes ver, por favor? Não consigo ver, porque não paguei a mensalidade e estou sem o premium...

— Não estou na Rede, Áurea...

— O quê? Tu não estás BEKONEKT????

— Claro que não, Áurea...

— Mas porquê? O BEKONEKT não é a BigKloud...

— Se o dizes...

— Então e tu não sabes? Essa nuvem grandalhona e cinzenta de dados já passou. Os dados que tiveram que chover ao preço do ouro choveram... Estamos noutra Era, Antoine! BEKONEKT!

— O que vale é que estamos sempre noutra Era. *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto viemos parar a outra Era. *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto estamos todos BEKONEKT... *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto já estamos até BEKONEKT com os robots?... É tudo Bekonekt... Está tudo BEKONEKT... Porque estás a chorar?

— Lembras-te, daquela nossa conversa ao telefone, sobre termos filhos, Antoine?

— Vagamente Áurea...

— Pois, eu lembro-me perfeitamente! Tu disseste que tu não querias ter filhos por causa das novas tecnologias... Já te lembras?

— O mercado das novas tecnologias e o mercado dos dados sempre foram dois grandes *handicaps* para não querer ter filhos.

— E lembras-te quando falaste em robots sexuais? Que pessoas que tinham comprado robots sexuais diziam que já não queriam mais outra coisa e que se sentiam sexualmente e “emocionalmente” felizes?

— Sim. Hoje todas essas pessoas estão profundamente solitárias e emocionalmente desgastadas... Toda a gente que recorreu aos robots para masturbação, porque eu defendo desde sempre e defenderei para sempre que o robot por mais forma humana que tenha por mais inteligência artificial que tenha por mais idiomas que saiba falar por mais gemidos que emita será sempre um vibrador que faz o coração humano mais carente e mais libidinoso vibrar, estão a atravessar quadros de crise e depressão nunca vistos nem na Psicologia, nem na Psiquiatria. Para mim, era óbvio que quem recorre aos robots e os vê “quase” como humanos ou como humanos, são pessoas perturbadas, são pessoas doentes mentais que não têm níveis de relações sociais, emocionais e amorosas normais, naquilo que é normal numa sociedade intelectual e amorosa em que os humanos são seres altamente sociais, são seres sentimentais, são seres amorosos e são seres altamente carinhosos. Obviamente que quem beijou um robot ou abocanhou um pénis mecânico, ou penetrou um robot ou deixou-se ser penetrado por um robot que perdeu o tato humano. Ficou com um tato metálico. Ficou com um tato mecânico. Perdeu toda a essência humana. Não digo que não seja recuperável, mas talvez exija um elevado esforço mental e uma elevada psicologia pessoal para o indivíduo se conseguir recuperar a si mesmo... Mas essa era fácil de adivinhar... Para mim, isto sempre foi de caras...

— Mas para nós não era de caras... Lembras-te quando todos nós te gozámos? Que dizíamos que estavas a fazer filmes? E que

sempre tinha havido tecnologia, que nós já tínhamos também nascido no meio tecnológico, que nós também já éramos tecnológicos...

— Nascemos com tecnologia, já éramos tecnológicos, mas éramos ainda mais humanos. Podemos ser *supertecnológicos*, desde que não deixemos de ser super-humanos, desde que não deixemos de ser ainda mais humanos, Áurea! Podemos viajar em carros voadores! Não é por viajarmos em carros voadores, que somos mais ou menos humanos! Mas saber usar a tecnologia e ver que a tecnologia tem um limite e saber qual é o limite, é saber ser humano! O que não é humano é estar de mãos dadas, ou estar a abraçar ou estar a beijar quem amamos e ao mesmo tempo estarmos ao telefone! Isso não é ser humano! Porque um ser humano sabe tecnologicamente e automaticamente e imediatamente gerir tudo. Tem que saber gerir. Saber gerir o tempo, saber gerir as relações, saber gerir o namoro, saber gerir os momentos, saber gerir as amizades, saber gerir as conversas, saber gerir os valores, saber gerir a moral, saber gerir a ética, saber gerir a noção das coisas, saber gerir toda a informação. Eu nunca, mas nunca, Áurea, deixei de atender a chamada de um amigo por estar a namorar com o Thomas. Eu nunca, mas nunca, Áurea, pus-me às mensagens com outras pessoas fosse por onde fosse, fosse por aplicação que fosse, fosse por canal que fosse, quando estava com amigos ou a falar com alguém. E tenho um namorado! Mas não é por ter um namorado, que vou ocupar o tempo que tenho com os meus amigos, para me pôr a namorar com o Thomas! Quando eu vou ter com amigos, eu digo ao Thomas. E o Thomas não me telefona, nem me envia uma única mensagem. Porque ele sabe que estou com amigos. Então se ele sabe, faz algum sentido estar a enviar-me mensagens? Faz algum sentido se eu estou com pessoas, com amigos, eu estar a enviar mensagens ao Thomas ou a outros amigos com que eu não estou na realidade? Se assim for, então mais vale eu falar com um amigo na

virtualidade. Porque se eu vou para o café com um amigo, mas ele resolve atender uma chamada de um amigo com quem sabe que não vai estar nesse momento e ocupa o nosso café com a chamada do amigo, então mais valia eu ficar em casa com o Thomas e telefonar para esse meu amigo, porque, pelos vistos, ele dá prioridade às chamadas, às mensagens, do que às pessoas com quem está na vida real. Não é que a chamada não pertença à vida real. Pertence! Mas não pertence naquele momento. Não é conveniente, e eu tenho que saber recusar. E sabes o que é que vai acontecer a este meu amigo? Vai chegar a casa e não vai ter chamadas para receber ou efetuar, porque já as atendeu ou as efetuiu quando estava com outros amigos. E sabes o que vai acontecer a seguir? Vai perder a minha amizade, porque eu não voltar a estar com ele. Aquilo que para mim era agradável, tornou-se desagradável. Tornou-se desagradável estar com esse meu amigo. Porque isso afeta! E isto não é uma questão de ciúme tecnológico! Então, quer dizer, eu estou à frente de um egoísta e de um ingrato! Mas é só ele que tem uma vida e uma rede social fora da nossa amizade? Eu também tenho outros amigos, eu tenho um namorado, e no entanto, por estar ali com ele, tenho o telefone “desligado”. E é uma falta de respeito, porque pensa que só ele é que tem uma vida ou rede social fora daquele café comigo, não? Eu também tenho, mas valorizo o tempo que estou com ele. Recolho o tempo que estou com ele. Porque é preciso recolher o tempo! E é preciso haver um manual sobre isto? Era preciso isto estar escrito? Não era! Toda a gente não devia preferir a realidade à virtualidade? Todas as pessoas que são reais e “humanas” preferem a realidade à virtualidade! Mas as pessoas e este “meu amigo”, não sabem recusar a virtualidade das coisas e preferem a virtualidade à realidade. Quando tu vês isto a acontecer, tu sabes o que vai acontecer. Sabes que as pessoas a seguir vão elogiar-te mais nas fotografias que publicas nas redes sociais do que quando te veem na realidade. As pessoas vão começando a perder o tato. E vão, sem querer, começando a ficar

sozinhas, porque já não sabem socializar. E não fui só eu que me afastei desse meu amigo. Os outros amigos dele também se foram afastando. A própria sociedade afasta-se de si própria. Perderam a completa noção de tudo. As relações vão ficando mais fúteis. Aquilo que não era normal, vai começando a instalar-se como uma normalidade. Não era normal tu seres “o caso” de uma noite de alguém. Mas, simplesmente passaste a sê-lo. Não era normal tu teres amigos passageiros. Eu sempre que iniciava uma relação com alguém, eu tinha que ver essa relação perpétua. Nunca fiz amizades por conveniência. Quando decidia meter-me com alguém, era porque queria essa pessoa na minha vida! Não falava só por falar! Nunca objetifiquei, nem nunca descartei nenhuma relação. Não quer dizer isto, que as relações tenham que durar para sempre, porque quando se estragam, estragam-se e acabou-se. Mas eu devo ver as relações humanas para sempre. Há zaragatas, brigas, evoluções de pensamento divergente... Mas uma relação acaba porque houve um motivo: uma zaragata ou uma briga. Uma relação não acaba, só porque “é a vida” ou só porque “estamos todos aqui de passagem” ou só porque “a vida é uma pequena viagem”. Porque não é nenhuma pequena viagem! É uma grande viagem! Uma maravilhosa grande viagem! Neste momento podemos viver pelo menos, até aos 120 anos... Há quem esteja com 136 anos com os ossos no sítio a apanhar ondas... Amanhã vamos poder viver até aos 150 anos e depois de amanhã vamos poder viver até aos 1125 anos. Mas há quem não tenha esse algoritmo da perpetuidade. Há quem tenha nascido para não ser eterno. Porque se cansa da vida. E quem anda cansado da vida, faz essas coisas, mete-se com pessoas, leva-as para a cama e no dia a seguir baza e diz-nos que estamos a fazer um grande filme porque foi “só uma noite”, ou “foi só uma semana”, ou “foi só um mês”, ou foi “só um ano”, que são uma vida! Quem anda cansado da vida, quem já se cansou da vida, descarta as pessoas, objetifica as pessoas, descarta as relações, objetifica as relações, descarta a vida e objetifica a vida. Para

eles é tudo descartável. Por isso, é que andam sempre com preservativos nos bolsos. É para usar e para depois deitar-se fora. É assim que veem as coisas. E quem vê assim as coisas, não vê nada má ideia comprar um robot sexual. É normalíssimo.

— É por isso, que eu estou a chorar, Antoine! O meu filho namora com um robot e a robofilia já é uma orientação sexual...

— Desculpa, Áurea! Mas, eu tentei por tudo combater ao lado do Direito das Ciências Vivas e da Comissão Ética das Ciências da Vida para que a robofilia continuasse classificada como uma parafilia sexual, tal como a espetrofilia. Fiz tudo o que estava ao meu alcance. Mas, o mercado dos hologramas e dos robots veio reabilitar a Psicologia de Mercado e o Direito do Mercado das Expressões e da Concorrência Internacional. O Direito e a Psicologia “tiveram” que começar a olhar para o mercado com outros olhos e decidiram classificar a espetrofilia e a robofilia como orientações sexuais, tornando juridicamente possível a celebração do namoro e do casamento entre robots e humanos.

— E eu agora tenho que tratar bem aquela coisa? Tenho que ver e permitir o meu filho a dormir com aquela coisa? Tenho que ouvir o meu filho a gemer com aquela coisa? Não posso agarrar naquela coisa e destruir peça por peça? O que é que me acontece afinal, se eu pegar fogo àquela coisa?

— Não há uma harmonia legislativa a nível internacional sobre a personalização jurídica dos robots. Há ordenamentos jurídicos que qualificam os robots como escravos. Há ordenamentos jurídicos que encaixam os robots no regime das coisas. Há ordenamentos jurídicos que fazem uma equiparação dos robots às pessoas coletivas, ou seja, como se fossem uma empresa, uma igreja, um partido político, uma associação ou uma escola. Há ainda ordenamentos jurídicos, como o

nosso, que fazem uma equiparação dos robots a pessoas jurídicas... Nesta pouca sorte jurídica, permite-se o casamento civil entre uma pessoa e um robot ou o casamento triangular entre duas pessoas e um robot. É claro, que isto foram ideias jurídicas do Triângulo... Dentro do Sistema Perfeito, se pegasses fogo ao robot do teu filho terias que reparar o dano, indemnizando os danos causados quer sejam a título de danos patrimoniais, em que terias que lhe comprar um robot novo do mesmo género ou superior, quer fossem a título de danos morais, em que terias que lhe consolá-lo monetariamente pela perda irreparável daquele robot que ele gostava. Agora o teu filho em tribunal pode invocar os direitos de afeto do humano ao robot e obrigar-te a pagar uma choruda indemnização por danos morais. Eu tive agora um caso destes em mão. Uma mãe que entrou no quarto e encontrou o filho a masturbar-se com dois robots. A mãe desesperada bateu no filho, foi buscar um martelo e começou à martelada nos robots, avariando-os. E saiu, trancando o filho no quarto com os robots avariados. O filho telefonou para a assistência e reparação, contou o que se passou e pediu um advogado à empresa dos robots. Estas empresas quando vendem estes robots aos miúdos asseguram logo advogados em caso de litígios com os pais, psicólogos, tudo... A empresa disse que iria enviar o autómato para ir buscar os robots, mas o miúdo disse que a mãe o tinha trancado e não tinha como abrir a porta do quarto para entregar os robots ao autómato. A empresa perguntou se o quarto “onde se encontrava” tinha janelas grandes ou alguma porta de varanda e prontamente ofereceu a assistência do transporte em drone, pelo que só precisaria da sua autorização através de voz. O miúdo disse “autorizo” na chamada e legalmente o drone da empresa já podia entrar pelo quarto daquele miúdo de 16 anos para ir buscar os robots avariados. A empresa enviou 2 drones-robot-carga, que são uns drones que quando aterram se transformam em robot e depois para o voo voltam a transformar-se em drone. Já os autómatos que eles têm também fazem



o mesmo. Quando chegam a casa alguns têm a capacidade de se configurarem em robots para conseguirem caminhar, receber ou assistir.

— Sim, eu já vi eles a configurarem-se. Por acaso, é um espetáculo bonito...

—Para piorar tudo isto, o miúdo namorava com um dos robots, tinha o estatuto dos namorados com um dos robots, o que aos olhos do Direito da Robótica confere ao ato da mãe uma ilicitude penal. Isto é caótico! É um absurdo! O ato que a mãe fez de “escavacar” com o martelo num dos robots sem “dó nem piedade” numa “frieza de coragem desumana”, expressões que me foram trazidas pelo advogado virtual do miúdo ao tribunal e que os algoritmos do meu tribunal indiciaram uma ilicitude penal. O robot que não tinha o estatuto jurídico de namorado com o miúdo, era tão-só um caso de Direito Civil com direito a indemnização por danos patrimoniais e morais, mas o ato que fez ao outro robot, que foi exatamente o mesmo ato, só por ter sido ao robot que tinha o estatuto jurídico de namorado com o miúdo, já era um caso de Direito Penal punido com pena de multa. A mãe foi retratada no tribunal como uma “mãe macabra”, por ter deixado o filho trancado num quarto com o “namorado” e o “amigo” “desfeitos” à martelada num “imerecido maquiavélico clima fúnebre” traumatizante para o miúdo. Para além de a mãe ter que ter ficado obrigada a pagar uma multa ao tribunal, que não é brincadeira nenhuma, ficou ainda obrigada a pagar uma indemnização ao filho. Resultado? O Sistema Perfeito ficou com o carro da mãe, para a mãe conseguir pagar a multa ao tribunal e o miúdo ficou com uma das casas da mãe que teve que ser vendida judicialmente para dividir a indemnização com a empresa dos robots. Porquê? Porque diz lá em letras pequenas do contrato que o patrocínio judiciário é gratuito, mas

tudo aquilo que os advogados da empresa conseguirem “ganhar” a título de indenização para quem estão a representar, 50% vai para quem estão a representar no tribunal, mas os outros 50% vão para a empresa. Estas empresas de robots viram a estupidez humana *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto, e claro, que quiseram fazer da estupidez humana o novo petróleo. O novo petróleo não são os dados humanos. É a estupidez humana. A estupidez humana é que é o novo petróleo!

**\*\***

# Sexta-feira, 29 de novembro de 2080

— Muito bom dia a todos! Hoje vamos ter duas aulas, não é? A primeira de Direito dos Dados de Informação e a segunda de Direito Penal Tecnológico. Eu sei que o intervalo entre uma e outra aula é de 10 minutos, mas vou dar-vos 20 minutos de intervalo para terem tempo de comer alguma coisa, namorarem ou fazerem o caso para quem não teve tempo de o fazer em casa. Hoje estamos nesta sala, que eu não gosto nada... Parece que os trabalhadores da empresa dos detetores de metais ainda estão em greve. Trouxe por isso, estas caixinhas de cortiça que vos ofereço a cada um como meu presente sincero e vos peço que coloquem os vossos telefones dentro delas. Podem ficar com as caixinhas em cima das mesas. Como sabem, a cortiça é um ótimo isolador acústico não deixando este som que as nossas cordas vocais emitem, e que têm uma propriedade, meter-se por dentro dos microfones dos nossos telefones. Mas como estamos na cadeira de Direito dos Dados de Informação, todo o cuidado é insuficiente porquanto a evolução dos algoritmos seja infinita, pedia-vos de coração para que desligassem os dados móveis ou o *Wi-Fi* dos vossos telefones antes de os colocarem nas caixinhas de cortiça. A minha busca e compra da cortiça tem um significado: que podemos aproveitar-nos da Natureza sem lhe fazer mal. Podemos tirar a cortiça das árvores de 9

em 9 anos. É como se fôssemos cortar o cabelo. Mas nós vamos ao cabeleireiro de 9 em 9 semanas e os sobreiros vão de 9 em 9 anos. Como o mel. Podemos aproveitar-nos de uma parte do mel, mas não de toda, porque aquele mel é a geleia real das abelhas. É o alimento delas. Não trago hoje caixinhas feitas de favos de mel, mas trago caixinhas feitas de cortiça para usarem a tecnologia sem ela vos usar.

— Professor, e quem tem tablets?

— Para quem trouxe hoje o tablet, Catharina, tenho para oferecer também como presente, umas capas de cortiça, muito chiques, com um zip que fecha completamente, impedindo também que o som atravesse, é um ótimo isolador...

— Ih! Não acredito! Porque é que eu não trouxe hoje o meu tablet? Se eu soubesse que o professor ia oferecer com o seu bom gosto, capas chiques, para os tablets eu teria trazido o meu...

— O Arthur é a exceção, estão todos a ouvir???? É que eu reparo quem é que costuma trazer tablets para as minhas aulas e trouxe as capas a contar, mais ou menos, com os tablets que eu vejo... Eu vou oferecer ao Arthur, mas só porque sei que tem um fraquinho por mim... Quem é que tem o caso? Ena... Tantos braços no ar... «Pim, pam, pum, cada bola mata um, um segredo colorido, quem está livre, livre, está... Farinhas, Farelas, foras...» Eh!!! O Arthur está fora!... Isto não é do vosso tempo? Vocês não fazem *Pim, pam, pum*...? Não me digam que o vosso *Pim, pam, pum* é um *pim, pam, pum tecnológico*... Que até têm uma aplicação para fazer o *Pim, pam, pum*...

— Professor! Há uma aplicação que nós fazemos com o telefone um raio-X das pessoas que queremos incluir no sorteio e a aplicação escolhe.

— Faço um raio-X com o telefone, como? No ar?

— Por exemplo, o professor de pé, com o seu telefone apanhava-nos a todos, com a câmara do telefone como se estivesse a filmar e depois pode incluir-se a si também no sorteio, virando depois também o telefone para si e a aplicação depois faz o sorteio e escolhe a pessoa.

— Eh!... Tantos dados!... “Que maravilha de dados”, diz o Sistema Perfeito... “Vocês são uns tristes”, diz o vosso professor de Direito dos Dados de Informação... Vocês fizeram agora lembrar-me de um dia em que os meus primos queriam fazer uma troca de presentes e também queriam fazer um sorteio virtual... Mas eu estava lá, cheguei a tempo, e disse logo “é que nem pensar!!!!”... Fui logo buscar papéis ao cesto dos papéis usados para reutilizar e comecei a fazer papelinhos para o sorteio. Um sorteio perde a graça toda se for um sorteio virtual. Vocês com esses sorteios perdem a piada toda das coisas... Vocês também jogam com os vossos amigos aqueles jogos em que têm que usar os telefones colados à testa para ver se apanham um tumor? Os vossos algoritmos é que devem adorar esses vossos jogos, eles devem comunicar-se todos entre si... Mais ou menos, como os nossos neurónios... Não vos percebo, juro... *Pim, pam, pum*... Bem... Nunca mais saíamos daqui... Eh! Arthur! Baixe o braço, você ficou de fora... O primeiro *Pim, pam, pum* valeu...

— Professor! Não valeu nada...

— Cale-se Arthur! Que você não trouxe hoje o tablet, mas leva uma capa de cortiça para casa e os seus colegas que não trouxeram hoje os tablets não levam... Na vida tudo tem o preço... O Arthur está fora do caso...

— Quem é quem aqui tem a aplicação do *Pim, pam, pum tecnológico* que a Catharina estava a contar-me? Todos???? Que vergonha!!!! Nem parecem meus alunos!!!! Ai... Que vergonha!!!! Como é que eu vou agora gabar-me de vocês aos outros professores???? O que é que vocês estão aqui nesta minha cadeira a fazer com essas aplicações que vos sugam os dados???? Que sugam, coletam, colecionam, recolhem, colhem, extraem, roubam, exploram; levam-vos os dados!!!!

— Professor! Eu óbvio que não tenho essa aplicação! Sou o seu verdadeiro aluno! Sou o seu verdadeiro espírito!

— O quê? Todos têm essa aplicação exceto o Arthur???? Estão todos chumbados!!!! Arthur, afinal vou devolver-lhe o caso! Vou devolver-lhe os dados! Comece!

— Obrigado, professor! Por isso, é que eu curto as suas aulas...

— Vamos!

— O Fred e o Jaime d'O *Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala foram tomar um café com amigos seus super-humanos com telefones *supertecnológicos* com *superalgoritmos*. O Fred e o Jaime estacionaram o Superwagens deles em frente ao café, deixando os seus telefones no Superwagens. Mas os amigos super-humanos deles levaram para o café os seus telefones *supertecnológicos* com *superalgoritmos* transformando o café num café *supertecnológico*. O Fred e o Jaime contaram aos amigos que iriam, outra vez para os Açores e, desta vez, iriam ficar no Hotel Despe-te Que Suas. Os *superalgoritmos* ouviram e foram transferindo essa informação de tecnologia em tecnologia, de

empresa em empresa, até que essa informação lá foi parar ao mercado regulamentado de dados. Já todos sabiam que o Fred e o Jaime iriam namorar e despir-se no Hotel Despe-te Que Suas, incluindo o hotel, aumentando as suas ações no mercado. Ora, era a hora perfeita para se comprarem ações no Hotel Despe-te Que Suas. Aterrados na ilha e chegados ao hotel, os *superalgoritmos* esfregavam-se todos de excitação, desejosos por se emparelharem com *O Algoritmo do Amor* deles. Quando chegaram ao quarto viram-se numa armadilha tecnológica pela quantidade de câmaras e microfones que estavam espalhados. Desceram até à receção para rasgar o contrato e exigirem que o hotel devolvesse o dinheiro. O Hotel Despe-te Que Suas respondeu que só devolviam o dinheiro deles, na medida que eles devolvessem os dados deles ao hotel, porque no contrato que tinham assinado consentiram que o hotel detivesse os seus dados e todos os acionistas estavam expetantes por ouvirem os dados amorosos que saíam num gemido. O Jaime respondeu que os dados amorosos, o amor e o namorado eram dele e que nenhum acionista, nem cientista, nem encarregado, nem analista de dados iria ouvir um gemido, que fosse! As ações do Hotel Despe-te Que Suas caíram a pique e o Hotel Despe-te Que Suas intentou numa ação de responsabilidade civil contra os namorados para ser indemnizado pelos prejuízos patrimoniais sofridos e pelas legítimas expetativas frustradas a título de danos morais.

— *Quid Juris*, Arthur?

— Este seria um daqueles típicos casos em que se inserem os *reality shows*. Em que pese embora, Fred e Jaime tivesse autolimitado voluntariamente os seus direitos de personalidade, numa ótica sistemática de enquadramento dos dados de informação como um direito de personalidade, poderiam sempre rasgar o contrato num

espírito de Direito de Arrependimento por via do número 2 do artigo 81º do Código Civil, ressaltando o artigo a obrigação de indenizar os prejuízos causados às legítimas expectativas da empresa. Mas isto era se o Fred e o Jaime tivessem contratado com uma empresa de *reality show*, o que não foi o caso. Contrataram com um hotel. Os hotéis, numa ótica de proteção e privacidade de dados pessoais estão impedidos por lei de realizarem este tipo de contratos, sendo certo que todos os contratos celebrados entre hotéis e clientes deste tipo são ilícitos dentro do Sistema Perfeito escapando ao Sistema Perfeito os dados que tenham as coordenadas no mercado negro internacional de dados. Se se tratasse de um caso de mercado negro de dados, ainda que Fred e Jaime tivessem querido esse contrato e consentido nisso a troco de dinheiro, poderiam sempre a todo o momento recorrer ao Tribunal Comercial de Dados.

— Porque é que não recorreria antes ao Tribunal Penal Comercial?

— Sim... Também seria uma hipótese...

— Neste caso, para fazer valer os seus direitos eu optaria pelo Tribunal Penal Comercial. Sinta-se na pele do Fred e do Jaime. Se você chegasse a um quarto de hotel, nas circunstâncias deles e se deparasse com o quarto cheio de câmaras e microfones, você fosse até à receção montar um estrilho estridente de dados, pedisse para falar com o gerente do hotel e o gerente ainda lhe dissesse que vocês iriam ter que indenizar, porque havia uma expectativa de o verem e o ouvirem com o seu namorado, você não ficava com uma legítima vontade em querer dar cabo do hotel? Eu ficava e recorreria ao Tribunal Penal Comercial! Porque era a única forma de destruir a empresa! Se você só quisesse exercer o seu Direito de Esquecimento, ou ter a posse dos seus dados,



ou que o tribunal se pronunciasse sobre a licitude de uma câmara ou microfone ou quisesse que o tribunal destruísse todas as câmaras e microfones dos quartos de hotel, eu percebo que preferisse recorrer ao Tribunal Comercial de Dados que seria muito mais eficaz e célere, porque é muito mais tecnológico. Mas neste caso, você não ia querer destruir as câmaras e os microfones, você iria querer destruir o hotel pela sua atividade criminosa de dados. Entende Arthur?

— Sim, faz todo o sentido... Precipitei-me. Nunca recorreria, afinal, num caso destes ao Tribunal Comercial de Dados, tendo um Tribunal Penal Comercial...

— Exato... Agora, se não tivesse no nosso Sistema Perfeito um Tribunal Penal Comercial, então sim, de todos os tribunais do nosso ordenamento jurídico o Tribunal Comercial de Dados, nessa hipótese, seria o tribunal “mais” competente. Dúvidas? Não há dúvidas? Eu vou fazer agora chamadas orais. Não vos disse nada, porque queria saber como é que está a vossa intuição para algumas questões e alguns casos de dados de informação que vos irei perguntar diretamente. Eu sei que não vos avisei, por isso, vou ter isso em conta. Se não souberem, podem simplesmente passar, se errarem não fiquem preocupados. É claro que conta para nota, porque em todas as vossas intervenções eu faço uma apreciação, registo-a no meu cérebro. Mas só registo as boas. As más, o meu cérebro apaga. É verdade que vocês estão em avaliação contínua, mas a minha avaliação é um pouco diferente dos vossos outros professores, porque eu simplesmente não registo os vossos erros! Não há interesse nenhum, nem vantagem nenhuma em eu registar, que vocês no dia não sei das quantas não sabiam que os dados de informação eram um direito fundamental. O meu interesse é saber que vocês saibam isso, ou já sabem, já aprenderam e defendem isso! Acreditem nisso como eu! Por isso,

comigo podem errar à vontade, até acertarem! Eu não vou descontando pelos vossos erros. Eu vou somando pelas vossas vitórias! Vou começando por chamar aqueles que têm menos participação nas minhas aulas.

— Professor! A professora Inês regista tudo aquilo que nós dizemos e se não sabemos uma pergunta ela escreve mesmo que o aluno não sabia responder à questão dela no Livro de Ponto Virtual...

— Eu sei, Catharina... Eu devo ser um dos únicos professores desta escola que não usa nem regista nada no Livro de Ponto Virtual...

— Professor, é mesmo o único. Nós já perguntámos até às outras turmas se há algum professor, para além do professor, que não use o Livro de Ponto Virtual e não há... O professor é mesmo o único...

— Obrigado por esse seu dado de informação, querida Catharina. Vou começar a chamar. Telmo?

— Aqui, professor.

— Telmo, diga-me, o Telmo está na *Rede*?

— Sim, professor... Já lhe enviei um pedido de amizade uma vez, mas o professor não aceitou...

— Eu não estou na *Rede*... Sei que há uns quantos perfis meus na *Rede*, mas não são meus. Como sabem, o Sistema Perfeito cria automaticamente um perfil oficial de todos os indivíduos que não tenham criado um perfil na *Rede*. Também, algumas empresas podem criar e gerir perfis comerciais. Para além das empresas há ainda os

hackers... Eu sem estar na *Rede*, sei que o Thomas já apanhou uns 5 perfis meus, mas não são meus. Também têm empresas especializadas na gestão de perfis de pessoas que já morreram, perpetuando a memória de pessoa já falecida. Normalmente são as mesmas empresas que realizam velórios e enterros tecnológicos em que convencem às pessoas nos velórios e enterros a instalarem uma aplicação no telefone para estarem mais perto e conectados ao morto, incentivando a partilha na *Rede* dos velórios e dos enterros. São empresas que eu estou à espera de ir parar ao meu Tribunal Penal Comercial para exterminá-las, para mandá-las de vez para o caixão, de onde nunca deviam ter saído, porque elas ressuscitaram das trevas. O único sítio onde não se viam ainda os telefones era nas termas, nos velórios e nos enterros. Pois este perverso e maldoso mercado de dados sem coração e alma conseguiu matar os vestígios da espiritualidade que ainda residiam no corpo da humanidade.

— Quando a minha avó morreu, aos 120 anos, tinha primos que estavam no estrangeiro e não puderam vir nem ao velório nem ao enterro. Pois tive primos que fotografaram o velório e filmaram o enterro, só me apetecia partir-lhes a tromba e o telefone. Pareciam demónios. Parecia que a tecnologia do telefone lhe tinha tirado toda a sensibilidade. Pareciam corpos vazios. Que só estavam ali a fazer presença. Não se sentia a alma deles. Passado 3 dias fui à *Rede* e vi que eles tinham publicado uma *selfie* no dia do velório com a minha avó deitada no caixão aberto com uma descrição qualquer a dizer que a iam guardar para sempre nos corações deles. Eu bloqueei-os na *Rede* e cortei definitivamente relações com eles. Lembro-me que na descrição tinham posto corações negros, azuis, verdes e cor-de-laranja... Quem é que faz corações sem ser em encarnado???? Da cor do sangue!!!!? Os corações são encarnados! Não são nem azuis, nem verdes, nem cor-de-laranjas, nem negros... Não percebo como é que há namorados a fazerem na

*Rede* corações azuis e verdes e amarelos uns aos outros... Se o nosso cérebro sempre associou o encarnado à cor do coração, à cor do amor, porque é que alteram agora as cores ao cérebro? É, por isso, que o cérebro olha para aqueles corações e não sente nada, não sente amor.

— O Arthur, tem a mesma alma que eu! É bom, poder ver também através de si. Telmo, eu estava consigo... Provavelmente os algoritmos do perfil para o qual enviou o pedido de amizade detetaram que é meu aluno, e por isso, não aceitaram. Diga-me, Telmo... A *Rede* poderia saber quais os sites pornográficos que o Telmo vê e que tipo de conversas “privadas” tem na *Rede*, incluindo se envia *nudes*, e por isso, ficar assinalado para sempre como “gay”?

— Depende da política de privacidade....

— E qual é a política de privacidade?

— Não sei, professor...

— Não sabe???? Então, está na *Rede*, usa a *Rede* e não sabe qual a política de privacidade do sítio onde está e do serviço que usa????

— Não, professor...

— Alguém aqui que esteja na *Rede* e saiba a política de privacidade da *Rede*? O quê???????????? Só o Arthur, a Theresa e a Catharina é que sabem?

— Sim, professor... Nós sabemos!

— Que coro tão bonito! A política de privacidade diz que a *Rede* tem acesso aos sites que visita, quanto tempo lá está, perseguindo

o vosso *Target*, a vossa *Pegada Digital*. Se tiverem namorado e forem a um site pornográfico e assistirem a um vídeo gay “de orgia de militares” ou de “orgia de rapazes do rugby”, é isso que vai ficar para sempre no vosso cadastro. Que têm namorado, mas que andam a assistir vídeos desses. E mais tarde ou mais cedo, o vosso namorado descobrirá porque os vossos algoritmos irão denunciar-vos. Se vocês começarem a ser invadidos com publicidade ou vídeos desses seja no vosso telefone, no vosso e-mail, nas vossas cortinas e paredes tecnológicas dos vossos quartos, nos espelhos tecnológicos das vossas casas-de-banho, o vosso namorado ou a vossa mulher acabará ou por descobrir ou por desconfiar, a não ser que sejam ricos e possam dar-se ao luxo de pagar o *Direito a Não Ser Incomodado e Sugerido Com Vídeos e Publicidade*. Poderá ter havido um erro algorítmico? Se a vossa mulher ou marido vos pedir o divórcio será que vão recorrer ao Tribunal dos Algoritmos para provar que foi um erro algorítmico ou que há um *profile* vosso criado pelo Sistema Perfeito ou por uma empresa de dados ou de algoritmos? Percebem agora a importância do exercício do direito ao esquecimento dos dados? Conseguem agora ver a Internet das Coisas de um divórcio ligado a um especialista ligado a um novo namorado encomendado? Se calhar, *Os Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke não estão, afinal, assim tão longes da realidade... Quando eu tinha a vossa idade, lembro-me de estar num congresso de Inteligência Artificial e Direito e toda a gente ter ficado muito assustada, quando um dos programadores convidados disse que tinha fabricado um software, ou seja, um algoritmo, capaz de a partir dos meus amigos da *Rede* saber se eu era ou não gay. Nesse dia, decidi sair definitivamente da *Rede*. Porque eu sabia que nenhum algoritmo era capaz de olhar para os meus amigos da *Rede* e dizer se eu era ou não gay. Porque eu podia ter muitos amigos gays sem ser gay. Um algoritmo desses, só poderia dizer se eu era gay se “espreitasse” as interações que eu tenho com os amigos gays na *Rede*. Receber um pedido de amizade, aceitar, receber gostos nas nossas fotografias e

responder de volta, gostando também de fotografias já diz qualquer coisa... Falar depois numa janela privada na *Rede* vai dizer tudo e os algoritmos vão ver e saber tudo. E vão denunciar. Mais cedo ou mais tarde, os algoritmos vão-nos denunciar a todos.

— Professor! Parece que o apocalipse afinal vai ser com os algoritmos, os algoritmos é que vão trazer o apocalipse...

— Não duvide Jorge!... Vão trazer novamente o apocalipse. Já o trouxeram uma vez na *Crise dos Algoritmos*. E não se esqueçam: a história é cíclica. Mas estar fora da *Rede*, noutra Internet, proteger-nos-á desse outro-novo apocalipse algorítmico. Telmo... Conhece a história do Jaime e do Fred d'O *Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala, não conhece?

— Claro, professor.

— Há um momento no diálogo entre o Fred e o Jaime em que o Jaime diz que na altura em que estava solteiro, tinha instalado no telefone aplicações de encontros amorosos com rapazes e que tirava sempre *screenshots* de todas as conversas, de todos os perfis, de todas as descrições dos perfis, dos interesses e de todas as fotografias que lhe enviavam... Sabe, Telmo?

— Sim, perfeitamente... E que tinha os *screenshots* guardados na pasta “EU É QUE SOU O BIG DATA”...

— Exatamente... Já sabe o que é que eu lhe quero perguntar?

— Se o Jaime podia ter tirado esses *screenshots* e podiam ter os *screenshots* guardados numa pasta...

— E então? Podia?

— Podia!

— Muito bem! Gostei da sua assertividade... Sabe que quanto eu pergunto isto, há quem fique baralhado... O Jaime, para um alívio de todos, não é nenhum criminoso de dados.

— E porque é que pode?

— Por causa da própria política de privacidade?

— Exatamente!

— Era a própria aplicação que permitia os *screenshots*. Se a política de privacidade quisesse proteger os dados pessoais dos utilizadores não autorizando os *screenshots*, a aplicação teria que ter tecnologias que impedissem o *screenshot*. E se a aplicação tivesse tecnologias que impedissem o *screenshot*, mas o Jaime, vamos supor que era um cromo da Informática, tinha tecnologias para ultrapassar o *screenshot*, conseguindo fazer?

— Aí, penso que já não poderia, porque os utilizadores daquela aplicação contavam que nenhum utilizador pudesse fazer *screenshots*...

— Eu aceito a sua resposta, é discutível, mas eu não concordo! Quem teria que responder em Tribunal era sempre o programador da aplicação ou a empresa. Se alguém tivesse que ser demandado, nunca poderia ser o Jaime. A empresa, que é uma pessoa coletiva é que tinha culpa, que tinha que proteger melhor a sua tecnologia. Responderia por negligência tecnológica da segurança. O Jaime não é nenhuma pessoa coletiva. O Jaime é uma pessoa singular, não tem softwares, nem

algoritmos, nem tecnologias para andar a cruzar dados. E temos que descer ao caso concreto e pormo-nos na pele. É perfeitamente natural vermos alguém com quem estudámos no liceu numa aplicação dessas e sermos tentados a fazer *screenshot* e mostrarmos depois no café a um amigo nosso “epá, olha aqui quem eu encontrei na aplicação, nem vais acreditar”, ou então “sabes aquele futebolista que marca golos com o peito? ando a falar com ele na aplicação”. Somos seres sociais e estamos inseridos numa sociedade de informação. Crime seria se fizéssemos *screenshot* do perfil de alguém numa aplicação dessas e partilhássemos ou publicássemos na *Rede* ou tecnologicamente por outro canal. Agora, ter um *screenshot* no nosso telefone e mostrarmos na nossa mão a um amigo que nos é íntimo, sem lhe passar tecnologicamente o *screenshot* não consubstancia crime nenhum. Afinal, qual é a diferença de eu mostrar um *screenshot* desses ou uma conversa que tive na *Rede* com o meu pai a um amigo meu ou contar ao meu namorado o que o meu pai me disse? É muito importante, neste tipo de questões sermos muito intuitivos, senão poderá levar-nos a criminalizar tudo e até a *auto-criminalizarmo-nos*. Este tipo de casos resolve-se com a intuição e com a intenção. Se eu fizer um perfil falso numa aplicação de encontros para “apanhar” alguém ou “gozar” com alguém fazendo *screenshots* e depois espalhar na *Rede* ou em canais ou outras janelas virtuais é um crime tecnológico. Neste tipo de casos, é preciso ver caso a caso, ver todo o engendramento que está por detrás, se há uma “rede” de duas ou mais pessoas a fazerem circular esses *screenshots*, em que naturalmente eu não posso fazer isto, consubstanciando também isto um crime tecnológico. Neste tipo de casos, é preciso olhar para tudo, se eu partilhei com algum familiar, de que foro de dado se trata, se é um simples dado de imagem ou se tem um foro íntimo ou altamente sexual... Dependerá sempre do caso concreto. O Jaime ter uma pasta com *screenshots* guardada no computador e mostrar ao Fred, aos irmãos do Fred e aos seus primos, desde que aquela pasta não saia dali e ele não torne aquela



pasta pública, não divulgue ou facilite a sua divulgação por meios tecnológicos não se vislumbra nenhum problema jurídico. Obviamente que quando o Jaime depois diz “se ele e o Fred ficarem pobres, se endividarem ou penhorarem os bens deles, que ele põe aqueles dados todos a render no mercado”, ele está a brincar, mas se o fizesse, praticaria um crime de dados podendo ser sujeito a pena de prisão de 8 a 16 anos ou a pena de prisão tecnológica de 8 a 16 anos, dependendo do grau tecnológico do crime. Abel?

— Professor?

— O seu pai acha que é um mentalista e constantemente exerce mentalismo sobre si, desgastando-o, fazendo-o chorar, deprimir... O Abel um dia, de tão farto que está de estar naquilo sozinho, resolve gravar porque quer ter uma prova viva disso. Pode fazê-lo?

— O nosso Código Penal Tecnológico é muito claro relativamente às gravações e fotografias ilícitas no seu artigo 199º. Quem sem consentimento, devendo o seu consentimento ser expresso por palavras ou escrito, não podendo ser nem biometricamente expresso nem tácito, grave palavras proferidas por outra pessoa e não destinadas ao público, mesmo que lhe sejam dirigidas ou utilize ou permita que se utilizem as gravações, é punido com pena de prisão tecnológica de 8 a 16 anos. Na mesma pena incorre quem contra vontade fotografe ou filme outra pessoa, mesmo em eventos em que tenha legitimamente participado ou utilize ou permita que se utilizem as fotografias ou os filmes. No entanto, o Código abre uma exceção para alguns grupos de caso no seu artigo 200º. Eu posso gravar o mentalismo que o meu pai está a exercer sobre a minha pessoa, se me estiver a perturbar ou a maltratar a minha mente e eu quiser ter uma

prova viva disso, desde que leve ao tribunal e só a tenha mostrado em tribunal. O que eu não posso, é mostrar a outra pessoa, que não seja ao meu psicólogo no exercício das suas funções. Este caso-exceção está previsto na alínea a) do número 1 do artigo 200º. O fundamento, nas palavras que o professor usa no seu manual é um pouco “ortodoxo”, mas prende-se justamente com o interesse na proteção dos dados de informação num contexto judicial.

— Certo!

— E se o pai estivesse a exercer o mentalismo sobre o Abel gravando ao mesmo tempo com o gravador do telefone e o Abel suspeitasse que o pai estivesse a gravar com o telefone?

— Numa situação “anormal destas”, em que há domínio psicológico, uma coação moral, o exercício de um mentalismo ou uma “extração forçada de dados sob stress por stress propositadamente provocado”, como o professor fala no seu manual, eu poderia solicitar ao meu pai que me mostrasse o telefone de imediato na parte das datas e horas das gravações para ver se o meu o pai teria ou não realizado alguma gravação. À minha 1ª solicitação, teria que acompanhar os movimentos do meu pai no telefone, para ter a certeza que o meu pai não apagasse antes ou não enviasse para alguma janela ou canal virtual ou mesmo para a *Rede* ou então poderia facultar-lhe o telefone para procurar a gravação no telefone dele. No entanto, teria que procurar pela gravação à frente dos olhos do meu pai, sempre “monitorizado” por ele, enquanto dono do telefone porquanto se desse aqui um “confronto de dados pessoais”. E perante este confronto a minha “simples suspeita” ainda que com elevado grau de certeza, não fazia perder o direito do meu pai à proteção dos seus dados pessoais.

— E se o pai recusasse?

— Abel poderia chamar a Polícia Tecnológica para inspecionar o telefone do pai.

— Como é feita essa inspeção?

— Pode ser feita à distância ou presencial. Neste caso, a Polícia Tecnológica contactaria o meu pai dizendo que tinha havido a suspeita de um crime tecnológico e solicitariam ao meu pai que se ligasse à rede da Polícia Tecnológica através da Internet para eles averiguarem se teria sido ou não realizado alguma gravação ou enviada alguma gravação que coincidissem com a hora da suspeita. Este processo demora em média 1 a 3 minutos. O meu pai poderia opor-se em estabelecer a ligação a partir da Internet. Neste caso, a Polícia Tecnológica seria obrigada a voar de drone *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto, até ao meu pai para inserir uma *pen* que detetaria logo se teria ou não havido alguma gravação de voz. Mesmo que a gravação tivesse sido apagada ou enviada, seria sempre possível perseguir o *target* da gravação como no *Target – A Pegada Digital* de Ralf Kleba-Kodak.

— E se o seu pai estivesse a exercer o mentalismo sobre si gravando ao mesmo tempo com o gravador do telefone e o Abel visse mesmo que o seu pai estivesse a gravar, agora já não é uma sensação de estar a ser gravado, agora o Abel tinha mesmo visto ou porque viu o ícone do gravador na tela do telefone ou porque viu a aplicação do gravador aberta no telefone do seu pai?

— Neste caso, para além das alternativas anteriores, também poderia com recurso à minha força capturar o telefone do meu pai e exercer o direito de retenção e chamar ao mesmo tempo a Polícia Tecnológica. No entanto, se não quisesse chamar a Polícia Tecnológica por ser um caso relativamente com o meu pai, poderia optar por “tão-

só” *deletar* a gravação. Para proceder à eliminação da gravação já não precisaria de ser “monitorizado” pelos olhos do pai, bastando-lhe dizer que iria procurar a gravação. Aqui não se colocaria nenhum confronto de dados pessoais, porque como criminoso tecnológico, o meu pai teria “perdido” a guarda tecnológica do Direito Tecnológico, como se tivesse perdido “temporariamente” a dignidade. Era o próprio Direito que não via nem interesse nem dignidade em proteger o levantamento dos eventuais dados de informação do meu pai, justamente por esse levantamento ter sido provocado e culpado pelo meu pai, ao ter violado injustamente o meu bem jurídico, que é tutelado pelo Direito Penal Tecnológico.

— Certo, e se ao invés de ser uma gravação de voz fosse uma fotografia ou um vídeo com imagens?

— A situação resolver-se-ia exatamente igual para cada uma das circunstâncias, dependendo se eu tivesse “tido” a impressão ou tivesse a certeza, porque vi a minha fotografia no telefone do meu pai ou vi o meu pai a filmar. Em que se, de facto, eu soubesse que o meu pai me estivesse a filmar, então eu poderia usar o recurso à força para impedir a filmagem.

— Ora, chegou exatamente ao ponto que eu queria. Pergunto-lhe, será que seria lícito o Abel partir o telefone do seu pai, se tivesse a certeza que o seu pai estivesse a filmá-lo?

— Sim, em legítima defesa o recurso à forma para impedir a agressão tecnológica seria sempre lícito. No entanto, teria que ser atual e proporcional. O Direito Penal Tecnológico começou a ver “com bons olhos” os casos em que o filmado para impedir a atual ilícita filmagem da sua pessoa “mandasse” o telefone para o chão do criminoso tecnológico, para “o agarrar”, eventualmente correr, para

conseguir destruir a gravação ou mesmo retê-lo fazendo-o chegar imediatamente à Polícia Tecnológica, para que a Polícia Tecnológica pudesse seguir o *target* daquela filmagem. Este caso está previsto e pensado para os casos mais graves em que os filmados são filmados em tempo real para a *Rede* ou para um canal ou janela virtual de grupo organizado criminoso. A ideia é simples: o Direito Penal Tecnológico não quer que as pessoas se andem a filmar umas às outras sem autorização gerando indevida e criminosamente uma enorme quantidade de dados extremamente sensíveis impossíveis de recuperar ou estabelecer a integridade da proteção dos dados de informação, enquanto um direito fundamental de todos! E se eu vou apontar a minha câmara de telefone a alguém, o Direito Penal Tecnológico verá sempre lícito aquele que atuar em legítima defesa e tentar “lutar” pelos seus direitos de imagem, mesmo que resultem danos ou estragos por isso. Se assim não fosse, o Direito Penal Tecnológico estaria a tomar uma atitude preguiçosa e perversa ficando do lado do criminoso.

— Certo! É isso mesmo! E se fosse um drone? Poderia arremessar-lhe uma pedra? Um drone que estivesse a sobrevoar-lhe uma distância proibida, a fazer-lhe uma razia ou estivesse planado à sua frente simplesmente a filmar-lhe...?

— Sim. Poderia arremessar-lhe uma pedra, como poderia persegui-lo e destruí-lo, como poderia disparar-lhe com uma pistola anti-drone.

— Muito bem. N’Os *Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy, quando o *Governo dos Chips e dos Drones* vem fazer um comunicado a dizer que se um drone entrasse na nossa casa violando tudo e mais alguma coisa nós não poderíamos destruí-lo, senão chamar a polícia ou relatar o sucedido a uma comissão ou autoridade qualquer, como

podem imaginar, é antagónico ao nosso Direito. Se assim fosse, se eu não pudesse destruir um drone que entrou em minha casa e me está a filmar a mim dentro de casa, é porque o Direito “se tinha passado” completamente! Aliás, como se passou... Estava completamente *desgrovado!* O Direito não pode incentivar o crime! E numa atual sociedade tecnológica, o Direito não pode, sobretudo, incentivar o crime tecnológico, deixando “janelas virtuais” em aberto. Tem que fechá-las todas. Tem que ver os crimes todos, antes que eles aconteçam e rendam bilhões no mercado negro internacional de dados. Quando temos um pai como o Abel ou tios a quererem gravar o que dizemos, amigos a quererem gravar o que dizemos como no *Target – A Pegada Digital de Ralf Kleba-Kodak*, nós reagimos. E a nossa reação é completamente natural! Porque foi provocada pelos outros! Nós estávamos sossegados, ninguém tinham que vir para cima de nós a fazer gravações ou a filmar-nos. As filmagens e gravações obedecem a regras e dentro do Sistema Perfeito tem que haver uma autorização, um contrato. Gravar a voz ou filmar ou fotografar a imagem dos outros sem autorização sempre foi um crime! Já antes de 2020, era um crime e nós já vamos em 2080 *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto. Mas eu não gostava da pena, achava irrisoriamente baixa. Era preciso ampliar. A tecnologia pode matar uma pessoa. Pode levá-la ao suicídio e não é justo que isso aconteça! A tecnologia serve para aumentar a nossa qualidade de vida. No tempo em que eu estava aí desse vosso lado, em que estudava na faculdade, gostava de andar nos copos. Sempre fui muito sensível e no final dos copos acabava sempre a chorar a dizer que amava os meus amigos. Todos os meus amigos diziam-me que também me amavam e choravam comigo e chorávamos assim de felicidade. Foram as nossas bebedeiras. Mas havia um amigo, que eu tinha na altura, que não achava piada nenhuma aquela minha pieguice, que ele achava que sobrava “sempre” para ele, porque era ele que depois me dava boleia até casa. Ora e numa dessas boleias, que se

tornou numa boleia tecnológica, eu estava no carro desse tal meu amigo, achando eu que estava à vontade, porque estava com um amigo, eu estava a dizer alguma parvoíce e esse meu amigo começa a filmar-me e diz-me mesmo que estava a filmar “que era para toda a gente ver o que ele tinha que aturar, para toda a gente ver a paciência que ele tinha que ter comigo, quando eu estava com os copos, que era até para os algoritmos verem como eram as minha bebedeiras e para algum Anjo Tecnológico ver a paciência de santo que ele tinha e ir a voar *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto contar a *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom, para ele ter o seu lugar lá nas nuvens”. Reparem, eu estava “entre amigos”. Soube depois que tinha havido uma combinação. Eu só queria era ter lhe partido o telefone ali mesmo, no carro dele, para não lhe partir “a tromba”, porque era o que merecia...! Não lhe parti “tromba nenhuma” nem telefone nenhum, simplesmente pedi-lhe para que parasse de filmar, abrisse a porta do carro e saí do carro dele. E fez-se “luz” na minha cabeça e comecei a levar estes casos muito a sério! São casos muito sérios! Foi assim que eu trouxe uma nova licitude ao Direito Penal Tecnológico. Uma nova Legítima Defesa. Que era lícito eu reter o telefone de uma pessoa que me tivesse gravado, que era lícito eu partir o telefone de uma pessoa que me estivesse a filmar “naquele e tão-só naquele momento”. Porque o meu Direito de Imagem, o meu *Direito À Minha Imagem*, o meu Direito de Personalidade, o meu direito em proteger e salvaguardar os meus dados de informação relativamente a terceiros fora da minha esfera jurídica sobrepunha-se sempre, mas sempre, mas sempre, ao direito de propriedade do proprietário do telefone que me está a filmar... Na altura foi um choque, imaginem a nova onda de “parte-telefones”... *De-parte-tudo-por-tudo-e-por-nada*... Começou tudo a ficar com uma febre da *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari. As pessoas nos autómatos achavam que qualquer pessoa estava a filmar-lhe. Todas as pessoas achavam que eram alvos e que estavam no *Target – A Pegada Digital* de

Ralf Kleba-Kodak. Não era isso que eu queria. Não foi isso que eu quis. Eu não queria ter instalado o caos. Queria tão-só instalar o Direito ao Sossego e o Direito À Paz Tecnológica. As pessoas tinham que ter mais cuidado com os telefones. Se estavam ligados à Internet não podiam andar a apontar os telefones. Quando as pessoas andam com câmaras fotográficas ao pescoço, por exemplo andam com as câmaras tapadas. Há uma tampa de proteção. Eu não posso andar com uma pistola na mão. Tenho que transportá-la de uma certa forma. E se o telefone é uma arma, eu não posso andar a apontar a minha câmara aos outros. Tenho que ter cuidado. Eu e o Thomas fomos os primeiros a tapar a câmara frontal do nosso telefone quando mostrávamos os bilhetes do Expresswagen ao motorista ou quando tínhamos que mostrar um código qualquer ou uma promoção a um assistente na caixa de supermercado. Tapávamos por cortesia. Não precisávamos de tapar, porque nunca andamos com os telefones ligados à Internet e as nossas câmaras não geram dados. Mas o motorista do Expresswagen não faz ideia se eu tenho ou não o meu telefone ligado à Internet e se por isso, estou ou não a gerar dados de imagem dele quando lhe mostro o bilhete no meu telefone e a minha câmara frontal captura-o.

— Foi por isso que depois vieram as primeiras legislações em que todos os utilizadores de telefone tinham que comprar uma proteção para tapar as câmaras traseiras para proteger e salvaguardar os direitos de imagem de terceiros?

— Sim, foi por isso Catharina.

— Entretanto o mercado dos telefones reagiu à legislação e começou a lançar telefones com câmaras que já vinham com essa proteção que abriam e fechavam as câmaras. E perante isto, a ideia foi de todos os novos telefones só poderem ser comercializados se viessem



com proteção nas câmaras traseiras dos telefones para proteger todos os direitos de personalidade de terceiros, incluindo “o novo direito espacial” que apareceu nesta altura de paraquedas: o direito à reserva da geolocalização. Imaginem o que é eu não estar na *Rede*. Eu não querer estar na *Rede*. Mas o Sistema Perfeito criar automaticamente um *profile* meu na *Rede*. E nesse *profile* aparecer a minha geolocalização. Imaginem agora eu estar na *Rede*, mas não querer partilhar a minha geolocalização real e atual na *Rede* ou noutra aplicação qualquer. Hoje muitos de vocês têm a vossa geolocalização permanente na *Rede*. Qualquer vosso amigo, qualquer empresa, qualquer anunciante, qualquer ente do Sistema Perfeito poderá saber onde vocês estão acedendo à vossa *geolocalização* que vocês voluntariamente cedem. Mas imaginem que vocês foram tomar um café com alguém e não querem que ninguém da *Rede* saiba onde vocês estão ou com quem vocês estão. Ora, bastava passar um telefone de alguém por vocês com câmara traseira que conectada à *Rede* fizesse o reconhecimento facial e enviasse para a *Rede* a vossa geolocalização e a pessoa com quem vocês estavam, mesmo contra a vossa vontade. Por mais que não publicasse, a verdade é que essa informação ficaria lá armazenada e acessível a empresas ou entes do Sistema Perfeito que detivessem ações na *Rede*. Fiz-me entender, Catharina?

— Sim, professor.

— A Dona Beathriz onde é que está?

— Estou aqui professor!

— A Dona Beathriz é uma escritora. Mas anda a escrever coisas que sabe que uma ala do Triângulo e outra ala do Trapézio não acham muita piada. A Dona Beathriz é a favor que a acupuntura seja considerada uma especialidade de medicina pela Ordem dos Médicos,

mas sem aquele teor das energias à volta. Ou seja, que faz efeito, mas porque está a espetar uma agulha num local onde passa um nervo e não por causa da acumulação de energia que está mal entrelaçada naqueles pontos. A ala do Triângulo é radical: não quer a acupuntura na Ordem, pela sua origem do Trapézio. O Trapézio é cego pelas “energias” e vê “energias” em todo o lado e se a acupuntura for para a Ordem, tem que ir com toda a carga energética. Mas a Beathriz não é 8 nem 80. Ignora a origem. Aproveita o conteúdo. A origem não interessa nada, o que interessa é a alma que aquela ciência tem, que aquela verdade tem. E a Dona Beathriz quer levar isto ao Sistema Perfeito, mas como têm ótimas relações de amizade com essas duas alas e não as quer romper, resolve adotar um pseudónimo, para levar a sua teoria científica, mais ou menos, mascarada. Ora, a Administração Pública do Sistema Perfeito sabe que a Dona Beathriz é escritora e escreve em pseudónimo. A Dona Beathriz é convidada para um congresso para palestrar que será moderado por um robot. Aceita, dizendo que a sua identidade não poderá ser revelada e que irá de fato de astronauta, para não ser reconhecida. O robot ao analisar a sua voz e cruzar com o seu *profile* da Rede faz o seu reconhecimento vocal chamando-lhe em pleno congresso pelo seu nome verdadeiro.

— De quem era o robot?

— O congresso foi organizado pela Escola Universal das Plantas e da Medicina.

— A Escola Universal das Plantas e da Medicina é uma pessoa coletiva de direito público que integra o corpo da Administração Pública, que por sua vez pertence ao Sistema Perfeito. Este caso cria uma tensão entre o princípio da administração aberta e o princípio da proteção dos dados pessoais, sendo o pseudónimo, para além de um

direito de personalidade que se insere no direito ao anonimato, considerado um dado de informação sensível, tal como os dados de saúde. Ou seja, do mesmo modo que tem que haver uma reserva da Administração Pública sobre o estado de saúde de alguém, também tem que haver uma proteção da Administração Pública sobre o estado de anonimato em que um autor pretende estar. A Administração Pública sabendo que um fulano tem VIH não o pode dizer, tal como sabendo que Beathriz que usa um pseudónimo escreveu aquele livro não pode revelar que foi ela que escreveu. E aqui, ainda que, a Administração Pública pudesse transferir os dados de informação à Escola Universal das Plantas e da Medicina sobre um congressista, que na minha opinião nunca poderia, estaria sempre vedada de revelar a verdadeira identidade da autora porquanto estivesse obrigada de proteger o pseudónimo de Beathriz. Mas tendo a Administração Pública transferindo os dados de informação à escola e tendo a Escola Universal das Plantas e da Medicina descarregado esses dados no robot e tendo o robot revelado a identidade da autora e vivendo nós na atual sociedade de informação tecnológica, Beathriz veria o seu direito para sempre violado. Destarte poderia intentar contra a Escola Universal das Plantas e da Medicina numa ação administrativa pedindo uma indemnização até 7 milhões.

— Certo, Beathriz! Deixe-me só fazer-lhe um pequeno reparo... No caso que eu dei, eu nunca disse que a Administração Pública tivesse transferido os dados de informação dos congressistas para a Escola Universal das Plantas e da Medicina e a escola tivesse depois descarregado esses mesmos dados no robot... Também poderia ser uma hipótese, mas foi a Beathriz que abriu essa hipótese sozinha, ou seja, o caso que eu lhe dei não foi bem esse... Aqui no caso que eu lhe dei, simplesmente o robot com Inteligência Artificial capturou a voz de Beathriz levou à *Rede*, perguntado à *Rede* quem era, a *Rede* lá analisou de entre todos os dados de voz que tem e a Inteligência Artificial da *Rede*

cruzou essa voz num match 100% com o *profile* de Beathriz e disse à Rede que aquela voz era de Beathriz e a Rede conectada ao robot, disse ao robot que a voz era de Beathriz com 100% de certeza. E o robot, com a sua voz metálica metalizou Beathriz. Perceberam o esquema do circuito? É importante que percebam este esquema, para avançarmos a partir daqui! Para que consigamos ver, a partir daqui! Porque se a Administração Pública que hierarquicamente está acima da Escola Universal das Plantas e Medicina tivesse transferido essa informação, teoricamente a escola não tinha obrigação ou não tinha que saber que tinha obrigação de reservar aquele anonimato, se bem que seja discutível, isto é o que diz a doutrina dominante, mas eu discordo. Porque a Beathriz não tem que perceber da ciência hierárquica do sistema administrativo. A Beathriz falou foi com a escola. Quem fez o convite foi a escola. E a Beathriz disse à escola que aceitava com a condição de a sua verdadeira identidade não ser revelada. Senão porque é que ela ia de fato de astronauta? É o que ela vai pensar! E nós devemos saber colocarmo-nos na posição real do terceiro, na situação em que ele se encontra. Foi o robot que autonomamente desmascarou, porque tem lá os algoritmos para fazer o reconhecimento de voz conectando-se à Rede e trocando informações com ela em milésimos de segundos. Independentemente do robot pertencer à escola, eu aqui demandaria as duas ao mesmo tempo: a escola e a Administração Pública. A Beathriz disse que pediria uma indemnização até 7 milhões. Não acha muito?

— Não, porque trata-se de uma violação irrecuperável. Impossível de restituir como o direito à vida. O direito à integridade física simples é um direito reparável, o corpo humano acabará por se regenerar. O direito à propriedade pode ser um direito reparável porque pode ser restituído ou voltado a construir ou comprar de novo. O direito ao pseudónimo e ao anonimato, uma vez violado, na atual

sociedade de informação tecnológica não tem como voltar atrás. Uma vez desmascarado, uma vez caída a máscara, por mais que volte a pôr a máscara, já se ficou desmascarado. Sem máscara, Beathriz provavelmente terá que comprar outra casa, uma casa talvez inserida num condomínio privado... Se andava de carro terrestre, se calhar vai ter que comprar um carro voador... Se andava em autómatos ou usava o Expresswagen, se calhar já não vai poder usar, por serem transportes públicos, e por aí além... A segurança paga-se um preço... E 7 milhões, até me parece muito pouco para a atual sociedade monetária em que vivemos!

— Muito bem Beathriz! É assim mesmo que eu gosto de vos ouvir falar! Esses 7 milhões foi a minha proposta. A minha proposta inicial era 15 milhões, mas o Sistema Perfeito mandou-me baixar para metade. Eu levei à letra e baixei 7 milhões e meio... Ele não gostou muito do “e meio”, viu ali uma certa descortesia, e eu cordialmente cortei “o meio” e ficou só 7. E se o robot pertencesse a uma empresa?

— Passaria para o triplo. Até 21 milhões.

— Certo! E se fosse uma pessoa singular?

— Depende dos seus rendimentos anuais e dos bens patrimoniais. Não há ainda uma resposta fechada.

— Obrigado Beathriz! Audrey?

— Sim, professor...

— Se a Beathriz lhe contasse que era lésbica e lhe pedisse segredo, mas a Audrey contasse à Theresa e a Theresa contasse à Beathriz?

— Eu teria violado o direito ao segredo e à confidencialidade, sendo certo que a orientação sexual é um dado de informação sensível. Para além de estar sujeita um processo penal que dependeria sempre de queixa-crime, por parte de Beathriz, Beathriz poderia ainda intentar numa ação indemnizatória contra mim por danos morais por ter sobretudo atentado contra à sua honra e pessoa. A indemnização dependeria igualmente dos meus rendimentos anuais e bens patrimoniais.

— Se a Audrey tivesse um carro no valor de 70 mil e uma casa no valor de 1 milhão e meio e auferisse 50 mil anuais?

— Beathriz poderia pedir uma indemnização até 25 mil.

— E se Audrey tivesse 2 carros, um no valor de 50 mil e outro no valor de 70 mil, uma casa no valor de 1 milhão e meio e auferisse 50 mil anuais?

— Beathriz poderia pedir uma indemnização até 100 mil.

— E se Audrey tivesse 2 carros, um no valor de 50 mil e outro no valor de 70 mil, duas casas, uma no valor de 1 milhão e meio e outra no valor de 500 mil e auferisse 50 mil anuais?

— Beathriz poderia pedir uma indemnização até 600 mil.

— Certo! Muito bem Beathriz!

— Professor! Eu não percebi qual é a regra!...

— A regra é muito simples Jorge. Olhamos primeiro para o que afere. A partir de 40 mil podemos pedir 50% de 1 rendimento

anual. Neste caso, auferindo 50 mil poderíamos pedir metade, 25 mil. Se tiver a dobrar bens próprios como carros e casas podemos pedir o valor mais baixo de cada um deles. Neste caso tendo 2 carros e 2 casas, olhamos para o carro com valor mais baixo e adicionamos “ao cesto das compras”. Como tem duas casas, olhamos para o valor da casa mais baixa e adicionamos “ao cesto das compras”. É assim que se fazem compras. Há um segredo para se fazerem boas compras! Cacau?

— Sim, professor?

— Lembra-se da história das joias da Giralda?

— Gostou da história?

— Gostei muito, fartei-me de rir...

— Mas se o Cacau fosse à casa da Giralda e a Giralda o acusasse de lhe ter furtado as joias...

— Fartar-me-ia de rir ainda mais...

— Pois é... Mas se ela andasse a espalhar ao vento tecnológico *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto, o que faria?

— Intentava-lhe um processo criminal de difamação e falsas declarações contra a Giralda... Giralda, desculpa-me...

— Não faz mal...

— Sim, mas não estamos em Direito Penal. Estamos em Direito dos Dados de Informação... Se fosse acusado de ter furtado as joias da Giralda, o que teria que fazer?

— Contratar um advogado...?

— E o Cacau contrata um advogado que pergunta se pode gravar e o Cacau aceita. O advogado envia a sua gravação para uma aplicação que tem no telefone com Inteligência Artificial *speech analytics*. A “máquina” diz que você está a dizer 100% verdade, e por isso, contrata-o. *Quid juris?*

— Com a tecnologia de análise de voz, hoje quando chegamos perto de um psicólogo ou de um advogado, se eles tiverem a tecnologia com eles, conseguem logo enviar “a nossa história” para essas aplicações, detetando as nossas mentiras ao longo da nossa história. Isto coloca em crise o direito fundamental dos dados de informação tornando os dados de voz que são dados extremamente sensíveis completamente à descoberta. Ainda que o advogado tivesse usado a aplicação offline, não estando conectado há *Rede*, mais tarde ou mais cedo, acabará por se ligar à Internet conectando a aplicação com a *Rede* e assim que ficar online os meus dados de voz que ficaram depositados na aplicação, serão enviados para a *Rede*, gerando um novo *profile* meu na *Rede*, a partir dos novos dados de informação. Este caso, seria um pouco análogo ao do robot. A aplicação instalada no telefone com Inteligência Artificial seria o mesmo que o robot. E quando o meu advogado ou psicólogo está a enviar a gravação na aplicação ou está a gravar diretamente aquilo que eu digo na aplicação, é como se ele fosse a Administração Pública ou a Escola Universal das Plantas e da Medicina que estivessem a descarregar os dados de informação que têm meus para um robot. E esse robot ligado depois à Internet, naturalmente que vai enviar todas as informações que tem para a *Rede*. Por este inconveniente vislumbrar das coisas, o Direito Tecnológico começou a cair na tendência de regular todas as aplicações. Proibindo umas, permitindo outras e restringindo outras. Todas as aplicações com



tecnologia *speech analytics* são restritas a profissionais de saúde, advogados, juízes e encarregados de proteção de dados que atuem no exercício da sua profissão em clínica, tribunal ou gabinete ou escritório próprios. Essa aplicação tem que estar instalada num aparelho tecnológico ou numa máquina impossível de se ligar à Internet e à *Rede*.

— Muito bem Cacau! Esta imposição do Direito sobre a aplicação ter que estar instalada num aparelho tecnológico ou numa máquina impossível de se ligar à Internet e à *Rede*, vale o mesmo para os psicólogos e os outros profissionais de saúde “que mexem” com dados de saúde, dados genéticos e dados de personalidade extremamente sensíveis para o uso de tecnologias de realidade virtual aumentada, ainda que a aplicação ou a tecnologia de realidade virtual aumentada não tenha a tecnologia *speech analytics*. Há psicólogos que atuam com tecnologia de realidade virtual aumentada nos seus pacientes para “curar” traumas. Um paciente que tem pavor de víboras-cornudas, pânico de andar de avião, medo de alturas, vertigens... Com a realidade virtual aumentada eu posso colocar o paciente em episódios desses em que ele sabe que está seguro, fazendo-o ultrapassar o trauma ou o medo. Para ser muito franco, é aqui onde eu vejo a utilidade da realidade virtual aumentada. Faz todo o sentido! É francamente útil! No entanto, estas experiências em ambiente clínico, só podem ser feitas desligadas da Internet. Uma vez mais, o nosso Direito Tecnológico aqui foi implacável! A realidade virtual aumentada seja a partir de óculos, seja a partir de uma máquina, de um computador, do que seja, em ambiente clínico, só pode ser feita, se a experiência estiver livre de qualquer algoritmo. Aqui a “única” pessoa que tem que “processar” e “tratar” é o psicólogo e mais nenhuma Inteligência Artificial, por uma questão coerente de proteção de dados. É claro, que se estiverem a ser seguidos por vossa própria vontade por um psicólogo-robot, então nada disto se aplicará e a experiência de realidade virtual aumentada

poderá ser feita livremente conectada à Internet e à *Rede*, não interferindo aí o Direito. Mas fora o caso do robot-psicólogo há aqui uma exceção para a realidade virtual aumentada poder ser usada conectada à Internet... Qual é?

— Se os óculos, ou a aplicação, ou a máquina, ou a TV, que dá a experiência de realidade virtual aumentada não tiver câmara ou microfone, então a experiência poderá ser feita conectada à Internet.

— Certo! É isso mesmo Cacau! Consegue explicar o porquê jurídico disso?

— Porque a preocupação do Direito não é tanto se a aplicação está ou não ligada à Internet. A preocupação do Direito é se está ligada à Internet e, por causa dessa ligação à Internet, está a enviar dados de imagem e dados de voz a partir da câmara ou do microfone. Porque a aplicação poderá só ser funcional se ligada à Internet. E o Direito Tecnológico não quer impedir só por “capricho tecnológico”. Impede com o fundamento da proteção dos dados de informação, porquanto os dados de informação sejam um direito fundamental que pertence ao titular dos direitos de personalidade.

— Muito bem, Cacau! Estou a gostar imenso de o ouvir! E diga-me, porque é que será um pouco indiferente ao Direito se a experiência de realidade virtual aumentada inclui ou não a tecnologia *speech analytics*?

— Porque mesmo que não possuisse, só o facto de a experiência ser gravada com “os terrores”, “pânicos”, “gritos”, “suspiros”, “medos” e “choros” tudo isso já representa um material de voz com imensa potencialidade de exploração de dados. Ademais, a gravação poderia num certo momento não ser analisada com a

tecnologia *speech analytics*, mas num momento a seguir, porquanto estava armazenada e conservada, ser-lhe aplicada a tecnologia numa fase de tratamento de dados, conseguindo-se depois “montar” um certo “*profile*” do doente.

— Certo, Cacau! Certo! Certo! Deixem-me dar-vos uma última nota, não só sobre esta exata *speech analytics*, mas que seja transversal a qualquer tecnologia de análise de voz. Aquilo que vocês fizeram a brincar ao Arthur, foi uma brincadeira tecnológica criminosa punida com pena de prisão de 2 a 6 anos ou punida com pena de prisão tecnológica de 6 a 12 anos de prisão, caso seja usada ou repassada num canal ou numa janela virtual de grupo organizado criminoso. Eu sei que vocês todos agora se divertem assim uns com ou outros nos cafês, como se estivessem com detetores de mentiras nas mãos... Primeiro, muitas dessas aplicações são um fiasco. São *machine learnings*. Vocês estão a ensiná-las, estão a cooperar com o crescimento e aprendizagem delas ao “darem-lhes” gratuitamente dados. Depois há umas aplicações ainda mais criminosas, porque vos pedem a troco de dinheiro para vocês enviarem a história de um amigo para verem “se o vosso amigo está a mentir”... Vocês não sejam burros, nem idiotas, nem criminosos! Não alimentem uma indústria criminosa de dados! Vocês devem proteger os vossos amigos, as vossas relações, os vossos segredos, as histórias que os vossos amigos vos contam, os segredos deles, e não irem expô-los à *Rede*! As histórias foram contadas a vocês! Os segredos foram contados a vocês! Foi a vocês que o vosso amigo quis contar! Não foi aos algoritmos dos vossos telefones com Inteligência Artificial! O que vai acabar por acontecer, e podem ter a certeza, é que os detentores dos robzinhos, dos telefones com inteligência artificial, vão acabar sozinhos, porque nenhum amigo vosso vai querer andar convosco quando sabe que o que vocês, afinal, trazem debaixo do braço é uma arma! Que rouba tudo ao vosso amigo! Eu já vi, muitos de

vós, no café com essas aplicações a dizerem que o vosso telefone está a dizer que o vosso amigo está com depressão. Essa exposição é um crime! Para já, pode ser mentira! Porque só se vocês souberem quais são os algoritmos da máquina e qual é a base em que o programador se baseou é que vocês poderiam, enfim, achar uma certa confiabilidade... Ainda assim, mesmo que fosse certo, vocês não têm esse direito! Atenção, a essas aplicações! Eu digo-vos isto, porque quando eu soube que amigos meus começaram a comprar esses telefones com Inteligência Artificial eu deixei de ir para ao pé deles. Porque afinal, eu não estava a entregar o meu coração, a minha narrativa, aquilo que eu sou, a eles, estava a entregar ao telefone deles. Os vossos telefones são uns ladrões de dados! Roubam os vossos dados, os dados dos vossos amigos e da vossa família! Roubam os dados de quem vocês amam! E quando nós amamos alguém, nós temos o dever de protegê-la. Temos o dever de proteger os dados de informação dela! Vamos avançar, porque eu acho que entenderam perfeitamente esta minha linguagem tecnológica.

— Professor?

— Thomásio...

— Eu tenho uma dúvida...

— Por acaso, ia chamá-lo... Diga, por favor.

— Em todos os sítios veem-se trabalhadores com auriculares para se comunicarem no trabalho... Por esta lógica, também deveriam ser proibidos se estiverem ligados à Internet ou conectados à *Rede*...

— E então, Thomásio? Qual é a dúvida?

— É se são proibidos, caso estejam ligados à Internet ou conectados à *Rede*...?

— São, pois. A ideia é sempre a mesma. Esses auriculares que as empresas colocam nas cabeças dos trabalhadores “deles” têm um microfone. Logo, se estiverem ligados à Internet ou à *Rede* são proibidos porquanto atentem contra o direito fundamental da proteção dos dados de informação pelo próprio titular que é o único titular dos seus dados de informação e dos seus direitos de personalidade. Enquanto “aquela coisa” está ligada à Internet com um microfone, está ali uma grande quantidade de dados a circular e a serem analisados e explorados, como por exemplo o stress e a felicidade em contexto de trabalho, a capacidade de resiliência do trabalhador, se o trabalhador é ou não um bom colega, se faz intrigas, se é pouco produtivo, se é muito produtivo, e como já sabem que pela voz conseguimos “ver tudo”, há naturalmente um interesse económico em fazer o cruzamento desses dados de voz, com os dados de saúde e com os dados de personalidade, para ver se tem ou não alguma influência. Por exemplo, ficarmos a saber se um trabalhador que tem uma determinada doença é sinal de maior risco de stress, se pode ou não ser mais conflituoso e gerarem-se novos *profiles*, para futuras entrevistas algorítmicas. Thomásio?

— Professor!

— O Thomásio faz compras num supermercado com ou sem câmaras?

— O meu pai ainda não é muito sensível à questão dos dados de informação, professor...

— Mas quando o Thomásio vai sozinho?... Quando tem liberdade de escolher...?

— Bom... O meu pai habituou-me a ir sempre a um supermercado... E eu estou habituado a ir a um supermercado que, por acaso tem câmaras...

— Vocês, às vezes, nem parecem meus alunos!... E não consegue desabituar-se a ir a supermercado com câmaras, quando tem supermercados sem câmaras? Porque não vai ao Ueega? Ou “o seu supermercado” está tão habituado a vê-lo desde pequenino a comprar sempre as mesmas coisas e a comunicar com os dados de saúde da sua Medicina de Precisão, que não consegue largar-se dele... Acha que o seu supermercado vai ficar chateado se for ao Ueega?

— Ainda não tenho 25 anos, professor... Ainda não sou monitorizado pelo Sistema Nacional de Medicina...

— Mas vai ser? Ou tem Seguro de Vida?

— Ainda não tenho... Mas estou a ponderar ter o Seguro de Vida para não ter que instalar nanorobots pelo corpo todo...

— Costuma comprar batatas fritas, bolachas, produtos com muitos E's, produtos com aspartame?

— Por acaso, costume... Só como porcaria... Mas quando tiver 25 anos, se não tiver Seguro de Vida e tiver que ser monitorizado pela Medicina de Precisão do Sistema Nacional de Medicina, eu vou parar de comprar porcarias no supermercado...

— Não vale a pena Thomásio... Porque as câmaras do seu supermercado assim que sentirem a tecnologia do Sistema Nacional de Medicina no seu corpo vão logo querer-se emparelhar com ela para contar tudo sobre si *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto... E vai sentir isso na pele e na franquia... Talvez fosse boa ideia em pensar arranjar um Seguro de Vida. Mas diga-me, Thomásio, é obrigatório haver um mapa de câmaras?

— Sim, todos os estabelecimentos comerciais, têm que ter um mapa de câmaras.

— E se o seu supermercado, que mais parece um parque de diversões, não tiver?

— Posso fazer queixa à Comissão Nacional dos Dados e ao mesmo tempo intentar numa ação contra o meu supermercado, que mais parece um parque de diversões no Tribunal Comercial dos Dados.

— Qual é o fundamento legal dos mapas de câmaras? Tem que ser mesmo um mapa com as câmaras desenhadas?

— Basta ser um suporte físico ou digital, uma aplicação por exemplo, em que indique onde estão as câmaras...

— Ai, é?... O Thomásio, por acaso, está a querer eliminar-me da sua sociedade super tecnológica, só porque eu não levo o telefone quando vou ao supermercado? Isso é uma grande lata! Então, se o supermercado tiver o mapa numa aplicação, mas eu não tiver telefone, não posso ter acesso ao mapa das câmaras? Isso faz algum sentido? Então e o Direito A Não Estar Ligado À Internet? E o Direito A Não Usar O Telefone? E o Direito Em Estar Offline Sem Ser Excluído da

Vida Económica, que é a nossa realidade? E que é também a realidade d’Os *Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy...

— Não... O que eu queria era dizer que podia ter em suporte digital, por exemplo, numa aplicação... Mas tinha sempre que ter em suporte físico ou projetado em holograma.

— Mas não foi o que disse... Mas assim, já concordo consigo. Mas qual é o fundamento legal?

— É que se está a decorrer um processamento de dados através das câmaras, tenho o direito de saber onde ocorre exatamente esse processamento, para que eu tenha “uma certa liberdade de escolha”. Posso ter que ir àquele supermercado por ser o mais perto ali na zona ou não ter outro sem câmaras... Nem todos podemos dar-nos ao luxo de vivermos num condomínio privado com um supermercado Ueega sem câmaras... Posso ter que ir àquele supermercado, onde sei que há câmaras, mas posso nem ser apanhado por nenhuma. Por exemplo, se o meu médico proibiu-me de comer pão branco, mas apetece-me mesmo pão branco e se só quero ir comprar o pão e sei que da entrada até ao pão não há nenhuma câmara e que a caixa número 1, também não tem nenhuma câmara e consigo meter-me por 2 corredores para chegar à caixa sem ser capturado por nenhuma câmara, este meu jogo de câmaras pode ser o fundamento legal para a elaboração de um mapa de câmaras!

— Muito bem, Thomásio! Em relação à sua boca... O supermercado Ueega que eu tenho dentro do condomínio é o triplo, não é luxo ter que pagar o triplo só para não ser filmado... Pense nisso!

— Vou pensar, professor, na maçada que deve ser ter que ir que fazer compras no Ueega do condomínio privado...



— Sampaio?

— Aqui, professor!

— Pode o banco recusar um crédito que você tenha pedido com base no seu frigorífico?

— Pode.

— E com base no seu coração?

— Sim... Se eu tiver um coração mais fraco, se tiver uma arritmia ou uma elevada chance de subitamente o meu coração parar de bater, pode.

— E com base nos seus telómeros?

— Sim. O Direito Bancário perfilhou as teses do Direito dos Genes. Os telómeros são a porção final de um cromossoma. Os telómeros protegem o cromossoma, é como se eles fechassem o cromossoma e impedissem que eles fossem transcritos de forma errada, mantendo, nessa sorte, os cromossomas estáveis. Logo, se essa porção fica mais curta, os cromossomas ficam instáveis e começam a sofrer mutações e começam a morrer ou transformam-se em cancro, se a célula não tiver capacidade para se suicidar. Assim, quem tem telómeros mais longos tem vida mais longa, a célula mais protegida está, mais estável está, mais saudável será. Os telómeros é como se fossem o rastilho da nossa vida. Quem tem mais rastilho terá maior capacidade para cumprir os prazos de pagamento do empréstimo. Destarte se eu tiver os telómeros maiores e o banco calcule que eu terei mais 120 anos de esperança de vida e a minha alimentação é saudável e pratico exercício físico e subo e desço escadas todos os dias, o banco aposta na

minha vida, confia na minha *telometria* e concede-me o empréstimo para 120 anos.

— Certo! Estamos aqui perante as *recusas perfeitamente lícitas* do banco e neste caso, tendo o banco acesso a dados de informação extremamente sensíveis não se poderia intentar diretamente o banco, mas poderíamos perguntar ao banco donde é que conseguiu tal informação. O banco estaria obrigado a prestar informação?

— Sim. Toda e qualquer entidade seja pública ou privada tem o dever de prestar todas as informações sobre os dados de informação que possui de uma pessoa singular, incluindo a prestação de informação sobre a origem dos dados de informação quando especificamente invocado. Só há obrigação do banco se o cliente invocar o seu direito à informação na parte específica que resulta da obrigação em particular.

— Robertho?

— Aqui, professor!

— Oiça lá, se Cascais e Lisboa resolverem ligar-se por uma ciclovia para bicicletas em que seja obrigatório o uso de capacete inteligente, podem?

— Sim, se se construir outra ao lado e ao mesmo tempo em que não seja obrigatório o uso de capacete inteligente. Senão, não se pode. Porque estar-se-ia a deixar de parte os ciclistas que se querem opor ao uso do capacete inteligente.

— E porque é que, eu ciclista, posso opor-me ao uso obrigatório de capacete inteligente?

— Porque o uso de capacete inteligente pressupõe um capacete conectado ao meu telefone ligado à Internet em que a minha geolocalização está a ser permanentemente satelitizada. E a geolocalização é um dos dados de informação mais sensíveis em que eu, como titular dos meus dados de informação, posso proteger sempre a minha geolocalização tendo o direito de não querer partilhá-la, por exemplo, na *Rede* ou vê-la partilhada na *Rede* por uma Inteligência Artificial que partilha automaticamente independente da minha expressa permissão. E um investimento desses da Administração Pública, não podem deixar de fora sujeitos que só querem proteger os seus dados de informação e que têm todo o direito de o fazer.

— Certo! Na *Nova Economia*, que agora já é velha, com a *Crise de Todos os Direitos Fundamentais* foram interditos de circular nas estradas da *Nova Economia*, todos os carros que não fossem inteligentes, ou seja, que não estivessem conectados à Internet das Coisas, com a desculpa que “seria o melhor para economia”, “que era o que a economia estava a pedir”, quando a economia não tem boca nenhuma nem fala. Quem mete a boca na economia são as empresas que querem acelerar o mercado e dinamizar e hipnotizar o Sistema Perfeito com as suas ideias. E então a desculpa era que se tudo estivesse conectado não haveria acidentes, tendo havido uma série de conflitos. Carros que projetaram o condutor contra uma parede para não matar uma criança que aparecia “de repente” no filme da estrada da vida... Os algoritmos é que os controlavam. Eles não tinham controlo nenhum. Eu não senti isso, porque andava de carro voador. Eu que adorava guiar e para mim era a maior sensação de liberdade de todas, do meu carro voador olhava lá para baixo e punha-me a imaginar naquela prisão de algoritmos que fantasticamente se chamava *Internet das Coisas da Nova Economia*. Os zero atrasos também entravam como desculpa desta *Nova Economia*, porque os atrasados seriam perseguidos ao milésimo de segundo... Por

exemplo, com as empresas todas ligadas numa ótica de *Internet das Coisas da Nova Economia*, se eu apanhasse o Expresswagen para apanhar um voo da *ELITE-FLIGHT* e o Expresswagen por algum motivo se atrasasse, avariasse ou sinistrasse, a *ELITE-FLIGHT* sabia que eu estava com a Expresswagen e esperaria por mim, se por acaso a Expresswagen dissesse que drones-robots já vinham a caminho reparar a avaria e que a avaria demorariam 4 minutos. Mas nada disto era preciso, porque foi uma confusão de ligações sem indemnizações, por causa da *Crise de Todos os Direitos Fundamentais*. Os vossos professores herdaram deste tempo, o hábito de vos perseguirem os atrasos na aplicação que vocês e eles usam, em que se vocês estiverem atrasados por causa de um autómato, basta conectarem o autómato ao professor e o vosso GPS e ele saberá que vocês estão a entrar na sala, entrando sem bater à porta. Aqui na minha sala toda a gente bate à porta para entrar, que eu preciso do barulho do bater, preciso que batam à porta, para ter a certeza que tudo isto é a nossa realidade! Como sabem, estou completamente fora dessas aplicações! Estão a imaginar a louca corrida de carros em que o Fisco aproveitou a corrida para inventar um duro imposto de carros inteligentes e outros impostos também muito inteligentes. Estão a imaginar toda a encomia que se gerou... Tudo a comprar novos carros para poder circular, as empresas a renovarem todas as suas frotas... E as Câmaras de Lisboa e Cascais ao verem isto quiserem também inventar mais um bocadinho, foram espreitar uns quantos ordenamentos lá fora e quiseram seguir a tendência, e vieram com a megalomania tecnológica de fazer uma ciclovia “brutal” toda conectada. Felizmente, esta megalomania, apareceu já no fim da *Nova Economia* e no surto das *Manifestações dos Superhumanos Tecnológicos* e caiu logo. Vou só dar-vos um caso e depois podem pirar-se, daqui para fora, para o vosso intervalo. Bento está no Sistema Nacional de Medicina. Acorda de manhã vai fazer a toilette à frente do espelho tecnológico que projeta toda a atividade que se passa dentro do seu corpo. E

enquanto escova tranquilamente os dentes com a sua nova escova de bambu, está a ver os gráficos e números da hemoglobina, dos linfócitos, dos neutrófilos, dos basófilos, das plaquetas, do cálcio, dos “níveis de açúcar, de creatinina, de ureia, de colesterol total, de hemácias... E num tempo algorítmico real está a ver que aumentou as hemácias e o espelho já está aos gritos a piscar uma estridente luz encarnada e a chamar o autómato a dizer que Bento vai ter uma neoplasia. E *À Velocidade da Luz*, de Gil de Sales Giotto já chegou o autómato à porta de casa e Bento tem que sair e entrar para o autómato. Bento chega ao hospital e vem um assistente pessoal recebê-lo à porta do autómato obstruindo-lhe a passagem. Bento está entre a espada e a parede. Porque o autómato está cheio de tecnologia e obriga Bento a depositar a sua impressão digital para fazer a “fichinha” médica virtual e permitir-lhe a saída do autómato. Bento também já viu o poderoso microfone. Não sabe o que fazer, porque não quer colocar o dedo naquela “coisa”, não quer gritar por socorro, porque numa *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari tem medo que “a coisa” saiba quem ele é e não quer que “a coisa” registre a expressão da sua cara de medo. *Quid juris?*

— O que está em causa é a maior tensão dos direitos dos dados de informação. Pese embora, Bento esteja sujeito ao serviço do Sistema Nacional de Medicina e o Direito à Implantologia tenha sido imposto pela Administração Pública numa política do Direito à Saúde que vai no encontro da prossecução do interesse público, seja lá o que isso signifique, o Sistema Nacional de Medicina é titular da tecnologia implementada no corpo de Bento, mas não é titular de nenhum dos dados de informação de Bento, tão-só tendo o acesso àqueles que seja estritamente necessários e que se liguem diretamente com os dados de saúde de Bento. Nem os dados de imagem, nem os dados de voz, nem os dados biométricos são dados de saúde. Destarte pode Bento recusar-

se a ser atendido por um robot que faça reconhecimento facial, vocal e biométrico. Normalmente estes robots têm um botão encarnado sem tecnologia biométrica em que o dispensa chamando um humano. Se o robot não tivesse o botão, poderia fazer soar o alarme do autômato. Se por alguma razão o alarme estivesse avariado, Bento teria então o direito de usar a sua força para afastar o robot e procurar um humano, sendo-lhe lícito fazer eventuais estragos necessários para ficar com a passagem livre em salvaguarda dos seus dados de informação.

— Muito bem, Catharina! Vão lá para o intervalo, depois do intervalo vamos para outra dimensão, para o Direito Penal Tecnológico.

\*\*

## Sexta-feira, 24 de novembro de 2079

— Professor, posso ir aí à frente?

— Claro, Arthur!

— Professor, eu tenho coisas escritas na minha mochila, coisas da minha autoria. Antes de ir para o intervalo eu fotografei o interior da minha mochila, como pode ver. Quando cheguei do intervalo a minha mochila estava assim, ou seja, foi mexida. Eu escrevo em segredo. Mas há dois colegas daqui que já me apanharam fora da escola a escrever. Tenho receio que tenham fotografado as minhas coisas. Não queria chamar a Polícia Tecnológica para a sua sala de aula interrompendo a sua aula...

— Querido, Arthur! A sua *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari é perfeitamente lícita e por mim acolhida. Qualquer direito de autor ou direito intelectual seu será sempre superior a qualquer aula minha, como deve imaginar! Faça o que tem a fazer! Sabe como o fazer, não sabe?

— Sim. Já relatei a minha *paranóide tecnológica* na aplicação e anexei as fotografias como prova, só estava à espera do consentimento do professor para enviar definitivamente a denúncia.

— Não precisa do meu consentimento. Mas tem o meu acolhimento! Sempre! Na observação da localização indique a sala onde estamos, sabe?

— Sim, professor...

— E diga que notificou o seu professor e que está num bloco de 45 minutos e que seria ótimo que conseguissem chegar durante o tempo da aula. A Polícia Tecnológica é super rápida. Eles até costumam vir de drones se estiverem muito longe, por isso não se preocupe. Sente-se agora e façamos de conta que não se passou nada. Eu vou dar a aula normalmente até eles chegarem, tudo bem?

— Obrigado, professor.

— Espero que tenham feito todos os casos, vamos tentar resolvê-los *À Velocidade da Luz*, de Gil de Sales Giotto. Nesta nossa vida há um manual para tudo. Há quem nasça com os manuais da vida. Há quem nasça com 9 manuais, há quem nasça com 18 manuais, há quem nasça com 27 manuais. Há quem nasça só com 1 manual. Mas todos nós nascemos com manuais. Nem que seja com um manual de instruções sobre nós próprios. E há manuais para tudo. Manuais para cozinhar, manuais para fotografar, manuais para fazer yoga, manuais para estar com a Natureza, manuais para saberem lidar com vossos pais, manuais para oferecer presentes e recusar convites... Até há um manual para o amor. *O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde



da Costa Ayala é o manual do amor, não há outro manual! E como há manual para tudo, nós também temos um manual na nossa cadeira, temos dois até: O *Target – A Pegada Digital* de Ralf Kleba-Kodak e os *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke. Trouxeram-nos?

— SIM, SENHOR PROFESSOR!

— Uau! Que bonito coro! Pareciam mesmo uma só voz! No fundo, são a mesma voz!... Quem quer ficar com o primeiro caso?

— Eu, professor!

— Que conveniente, não é Arthur? Vamos! Força!

— Pretende-se saber qual é a responsabilidade criminal de todos os amigos próximos e íntimos de Jaime que o gravavam, filmavam, fotografavam constantemente de trás para a frente e punham os vídeos e gravações na *Apliação*, que seria uma espécie de canal virtual como a nossa *Rede*, num grupo semi-público em que algumas pessoas que estivessem nesse grupo tinham acesso à informação lá depositada sobre o Jaime. Para além de vídeos e gravações, monitorizavam as suas interações na vida real partilhando constantemente a sua localização na *Apliação* pelos membros do grupo, isto tudo sem ele saber. Ora, o Código Penal Tecnológico prevê para este tipo de crime tecnológico 51 a 65 anos de prisão tecnológica. Aqui afasta-se o artigo 199º, porquanto não seja uma “simples” gravação ou monitorização ilícita. Não se percebe bem ao longo da história se quem está por detrás, é uma sociedade comercial ou não ou se é uma máfia às ocultas, que gere a *Apliação*, mas em todo o caso é um grupo criminoso. Em tribunal, em princípio, os algoritmos apontariam para a aplicação da pena máxima que seriam os 65, isto para os amigos do

Jaime por haver uma ligação emocional e afetiva muito forte, pelo menos, de Jaime aos amigos.

— Muito bem Arthur. E para o grupo criminoso que gere a *Aplicação*?

— Em princípio os algoritmos do tribunal recomendariam a pena mínima de 51 anos de prisão, a não ser que da monitorização tivesse resultado um homicídio, uma agressão física, verbal ou psicológica, furto ou roubo contra Jaime...

— Ou até um suicídio, não é Arthur?

— Sim, ou até um suicídio.

— O grande problema deste tipo de crimes nem é tanto o homicídio contra o monitorizado. São raros os casos. Porque normalmente, acaba por começar a haver um *guilty pleasure* dos espetadores da *Aplicação*, que no fundo querem é acompanhar a vida do monitorizado de perto, não querendo fazer-lhe mal fisicamente. Se bem, que tem havido alguns casos em que a agressão física faz parte dos ingredientes desse *guilty pleasure*. Eu tive agora um caso em mãos de um grupo criminoso em que durante “a recruta” vão dois candidatos para “a arena”, um com uma faca que vai esfaquear a vítima e o outro com o telefone para filmar o crime. Na minha opinião, o crime é o mesmo! Tanto o que esfaqueia com a faca como o que filma o esfaqueamento é exatamente a mesma coisa. Já agora, alguém sabe porque é que a prisão tecnológica tem condições propositadamente precárias, os banhos são de água fria, não há água quente, as celas são pequeníssimas, não há carnes vermelhas na cantina, a privação do uso do telefone e da Internet é total não podendo ter acesso à *Rede*, mas têm à disposição uma biblioteca cheia de enciclopédias, livros de

direito, livros de medicina, de biologia, de psicologia, de botânica, de astronomia, de vulcanologia, de geologia, de oceanografia, não podem fumar cigarros em nenhuma parte e muito menos qualquer tipo de droga e entre outras privações?

— Porque senão tornavam-se ainda “uns heróis” para os espetadores. A ideia de serem permanentemente monitorizados e irem parar a um canal de TV não é incentivar a cometerem um crime, mas justamente o contrário, sentirem-se drasticamente despidos dos seus direitos de imagem e intimidade porquanto tenham perdido a dignidade humana aos olhos do Direito Penal por terem feito justamente isso às suas vítimas. A prisão tecnológica só está prevista para quem tenha cometido crimes tecnológicos. O Direito Penal Tecnológico não quer ser perverso para com os condenados. Simplesmente quer transferi-lhes para o corpo das suas vítimas. Sentirem aquilo que as suas vítimas sentiram. Ninguém quer parecer “um rato de laboratório” em que é visto por bilhões de pessoas num estado precário e está a ser ao segundo analisado em cada coisa que faz. E aqui o sentido de precário não é um lugar sujo, sem higiene ou sem condições, nada disso. O significado de precário aqui, é não estar num sítio que seja um luxo, que seja “até porreiro ir lá parar”. Não são naturalmente torturados, nem é lícito aos guardas prisionais tratarem-nos mal, porque “o terem perdido a dignidade humana” é “tão-só” no sentido de o Sistema Perfeito poder ter ficado detentor dos dados de informação e dos direitos de personalidade, como a imagem, a intimidade do recluso. É tão-só nesse sentido e medida.

— Certo, Arthur, é isso mesmo! A ideia aqui é muito simples. É o Direito Penal Tecnológico virar-se para a sociedade de informação tecnológica que tem e dizer-lhe “oiçam lá, cuidado com o que fazem com esses vossos telefones, cuidado com quem vocês andam a filmar e

a fazer gravações ilícitas, cuidado com as redes criminosas em que vocês estão metidos, porque se vocês montaram uma prisão tecnológica a alguém, se vocês prenderam alguém com a vossa tecnologia, eu vou prender-vos também com a minha tecnologia e vou agora dar a oportunidade de a vossa vítima poder ver-vos presos; vamos trocar as posições, para ver se gostam”. Quando nós somos monitorizados, sentimos uma alta carga tecnológica em cima de nós que se não tivermos os mecanismos certos poderá levar ao suicídio. Muitas pessoas suicidam-se, porque ficam com a sensação de não estarem na realidade, de estarem permanentemente num filme ou dentro de um programa secreto ou dentro de um jogo. Há quem comece a desintegrar-se de si, a perder a noção daquilo que é real e daquilo que é mentira. A monitorização tecnológica pode ser desastrosa em alguns casos. Puxar casos de esquizofrenia, por exemplo. Não é só a droga que espoleta a esquizofrenia em pessoa que têm predisposição genética para esquizofrenia. Também este tipo de monitorizações tecnológicas pode espoletar. Se fossem advogados de um dos amigos do Jaime e descobrissem que um deles tinha predisposição genética para esquizofrenia poderiam fazer um acordo com o juiz para que o vosso cliente não fosse submetido a prisão tecnológica, mas sim a prisão sem ser filmada?

— Sim. Aliás, é nisso que vai ao encontro a doutrina dominante.

— Pois é, Arthur. Mas eu não vou nisso. Ora como sabem, o júri do Tribunal Penal Tecnológico é composto por um juiz e por dois psicólogos. É muito importante aqui ouvir um pouco o que diz a Psicologia Tecnológica. E a Psicologia Tecnológica diz que não se consegue dizer que a prisão tecnológica vá espoletar ou não a esquizofrenia em pessoas com esquizofrenia que acompanharam todo o

processo penal. Ou seja, o condenado sabe o que fez, sabe porque está a ir para a prisão, sabe que o crime tecnológico que cometeu é sujeito a prisão tecnológica. E sabe, que por isso, vai estar permanentemente a ser filmado, a ser estudado, a ser analisado com poderosos algoritmos, sabe que vai servir para alimentar a economia para que haja uma vantagem económica para o Sistema Perfeito e não um prejuízo, não sendo uma parasita do Sistema Perfeito vivendo à custa do Sistema Perfeito “no bem bom” depois de ter desgraçado a vida de uma pessoa, quando não tinha esse direito. O caso é completamente diferente se for ao contrário, em relação ao monitorizado, que está sob um véu de ignorância, não tem acesso a todo o filme, não tem acesso à verdade, e claro que começa a tentar “ligar as coisas” à sua maneira, porque há uma necessidade constante de o cérebro humano focar a realidade e querer estar focado na realidade e a realidade tem um presente, um passado que projetam um futuro e qualquer pessoa deve conseguir estar livre para fazer planos para o seu futuro, sabendo com o que pode contar e não contar, com o conhecimento que vai adquirindo da realidade, com uma história real que tem do passado. E toda essa história de vida real tem que fazer sentido na cabeça de cada um. É importante essa realidade. Esse filme que é contínuo sem interrupções, sem interferências, sem manipulações. Imaginem o que é, vocês saberem que deixaram os *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke no vosso quarto, foram à sala e quando voltaram os *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke já não lá estão, porque vos chiparam o livro e com o telefone ligado à Internet das Coisas fizeram-no sair pela janela e ainda está alguém por detrás da janela a filmar-vos o pânico e a expor esse vosso medo e véu de ignorância na *Rede*. Isso mexe com a mente, mexe com o cérebro e pode causar danos irreparáveis. Numa sociedade de informação tecnológica como a que temos atualmente com excesso de desinformação, em que não é nenhuma sociedade intelectual joviana como a de *Júpiter* de Gabriel Garibaldi, em que há quem acredita em

*Dons*, há quem acredite em aliens, há quem acredite que os insetos têm poderes tecnológicos e que eles é que são os aliens, há quem acredite que os aliens são as abelhas, há quem acredite que os aliens são as formigas, há quem acredite em mundos paralelos e viajantes galácticos, isto tudo *às ocultas* do Sistema Perfeito, porque depois há quem acredite oficialmente numa das 3 Mãos Invisíveis, pode ser desastroso fazer este tipo de brincadeiras criminosas tecnológicas. Se eu sei que uma pessoa acredita na Mão da Mãe e está a ler um livro proibido pela Mão da Mãe e de repente o livro desaparece, ela vai pensar que quem tirou o livro foi a Mão da Mãe, não vai pensar outra coisa, podem ter a certeza; e vai achar que a poderosa Mão da Mãe não quer que se leia aquele livro, e por isso, não o irá ler. Isso priva a liberdade e mexe com o intelecto. Alguém mexeu no intelecto de alguém quando não tinha o direito de o fazer! Uma coisa é eu ter comprado um chip, ir a casa do meu melhor amigo, espreitar-lhe a janela, ver que ele tem lá o livro dos *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke, em cima da cama, eu pôr-lhe o chip, esperar que ele volte ao quarto, eu esconder-me e com o meu telefone conectado ao chip que pus no livro, fazer voar o livro, assustá-lo, mas assustá-lo quando tenho a certeza que esse susto não o vai matar, não o vai fazer parar-lhe o coração – porque pode fazer! –, mas logo a seguir, aparecer a rir-me a mostrar-lhe a tecnologia que tenho nas mãos e a abraçar-lhe. Isto assim, feito desta forma, não é nenhum crime tecnológico! É uma brincadeira entre amigos! Agora, fazer um filme disto, filmar isto em tempo real na *Rede*???? Podem ter a certeza que é um crime tecnológico e que eu o vou mandar para a cadeia. Neste caso, seria sujeito a prisão tecnológica entre 8 a 16 anos de prisão com possibilidade de ser perdoado em tribunal, se o amigo aceitasse o perdão. Porque eu não posso fazer filmes em tempo real de ninguém e colocar na *Rede*! O Código Penal Tecnológico é claríssimo sobre este assunto! A *Rede* está cheia de algoritmos e eu tenho o direito de não querer ir parar aos algoritmos da *Rede*! Se eu não faço filmes meus nem

me exponho na *Rede*, não coloco nem quero colocar a minha voz na *Rede*, porque sei que a Inteligência Artificial da *Rede* irá logo criar um *profile* meu com uma série de características, porque raio é que um amigo meu, que sabe que eu não faço filmes nem vídeos meus para a *Rede* e não me exponho da forma que ele se expõe na *Rede*, vem ter comigo a filmar-me em tempo real e a pôr-me na *Rede*? Ainda por cima para os amigos dele da *Rede* que nem sequer são meus amigos nem os conheço de lado nenhum? Mas ele é algum soldado dos algoritmos ou quê? É algum soldado da sociedade de informação tecnológica da *Rede* ou quê? É caso para ficar com uma *Paranóide Tecnológica*, de Federico Ferrari, e com toda a legitimidade! É a própria Psicologia Tecnológica e o próprio Direito Tecnológico e a própria Internet das Coisas que me dão essa legitimidade... De ficar com uma *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari. Não há nenhum direito em eu filmar alguém! Mas eu tenho o direito sobre a minha imagem! E há sim, um direito em eu não ser filmado ou só ser filmado se eu autorizar ou consentir. Antes do Thomas ter aparecido na minha vida, tive com um tipo que num momento de clima romântico me disse que tinha poderes mágicos e conseguia levantar um objeto qualquer, e perguntou-me se eu acreditava e eu acreditei claro, poderia ser um *Anjo Tecnológico* enviado pel'O *Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom... Eu achava-o perfeito, achava-o lindo de morrer, se calhar, tinha mesmo poderes mágicos e se calhar, era mesmo um *Anjo Tecnológico*. E ele levantou aquilo à minha frente numa Era de Internet das Coisas em que não andávamos ainda a levantar objetos aqui em Portugal. Ele tinha estado no estrangeiro. E lá estava a resposta: tinha ido buscar a tecnologia lá fora, pagou muito dinheiro por ela; ele tinha esse dinheiro, e quando temos dinheiro temos poder para comprar. Este “ter ido buscar” a tecnologia lá fora, em que cá ainda não estava regulada (porque nem sequer se falava cá disso!), monta em nós todo o “véu de ignorância”. Tudo aquilo que não conhecemos, que nos é estranho, é nos alienígena. E aquele objeto a

levitar ali à minha frente teletransportou-me para o *Jupiter* de Gabriel Garibaldi. Não sabia se ele era um *alien* ou um *Anjo Tecnológico*, mas a minha primeira reação foi agarrar-me a ele e começar aos beijos. Ora, ele conseguiu “curtir” comigo, por causa, da tecnologia que espoletou em mim uma reação tecnológica, que eu não sei se foi um medo, se foi uma submissão, se foi uma atração, mas o que é certo, é que eu metime aos beijos com ele e não conseguia parar. Não sei, muito francamente, se não conseguia parar, porque estava com medo e aquilo era uma forma de eu estar a compensar o meu medo, se estava ali a implorar para que ele não “me levasse já” porque não “me sentia preparado para o que viria a seguir” ou se estava ali a pedir-lhe “que me levasse já com ele”. Conto-vos isto, passo-vos este meu empirismo, para que percebam que aquilo que, às vezes, está por detrás da magia é a tecnologia! A magia que interfere com os nossos olhos chama-se tecnologia! É importante não nos esquecermos que estamos numa *Rede*, e por isso, estamos todos conectados. Portanto, aquilo que aconteceu ao Arthur dos *Cavaleiros Tecnológicos* com o Gabriel, eu senti isso na pele. A grande diferença entre mim e o Arthur dos *Cavaleiros Tecnológicos* é que eu era solteiro quando senti essa tecnologia na pele. Quero agora aqui abrir um mundo paralelo convosco. Vamos então todos pegar no capítulo em que o Arthur está no restaurante e o Gabriel aparece. O Arthur estava a escrever e aparece o Gabriel a dizer exatamente aquilo que ele estava a escrever sendo impossível o Gabriel saber, a não ser que conseguisse ver através dos seus olhos. Vamos imaginar que o Arthur se submeteu a uma cirurgia de implantologia e tem um implante tecnológico no cristalino para filmar e outro na retina para enviar “a luz do filme” para o nervo ótico de forma a projetar no cérebro. Vamos, se calhar, deixar de parte os implantes na retina, porque não quero agora convosco avançar casos desse tipo. Imaginem só que o Arthur tem o implante no cristalino do olho... Sim... Exato... É melhor assim, vamos só imaginar que tem um implante no cristalino. E o Gabriel,



sabendo que o Arthur tinha um implante no cristalino, hackeia-lhe “o cristalino” através do seu telefone, por exemplo, porque o implante está ligado à *Rede* através da Internet e o Gabriel através do telefone consegue hackear a Internet do Arthur. *Quid juris?*

— Estamos perante um simples caso de hackerismo, que é um crime tecnológico de 12 a 20 anos de prisão.

— *Nein.*

— Não há crime, Jorge! Não é professor? Não há crime porque o Anjo Gabriel simplesmente é informático como todos os *Anjos Tecnológicos*, d’O *Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom, e soube conectar-se inteligentemente ao cristalino do Arthur...

— *Nein.* E ó Theresa, digo-lhe que essa sua visão romântica de ver o caso, nem parece que há crime... Afinal, há crime ou não há crime de hackerismo?

— Há crime, mas neste caso, eu julgo que o Tribunal Penal Tecnológico desculparia Gabriel.

— Porquê Catharina?

— Porque o Arthur estava ligado à *Rede*, ou seja, todos os que estivessem na *Rede* poderiam ver...

— Mas e se o Arthur estivesse a fazer um filme da sua escrita, só para alguns verem? Só para “amigos virtuais mais chegados”, por exemplo... Como se os amigos virtuais pudessem ser “chegados”...

— Ah! Pois...

— Ah, pois! Catharina...

— Ai, professor!... Isso assim é muito difícil...

— Qual é a sua intuição? Coloque-se na pele do Arhur...

— Eu nunca colocaria um implante desses a não ser que eu soubesse que o Anjo Gabriel me *hackeeria*...

— Claro! Que a Catharina tinha que achar piada ao “anjo” Gabriel dos *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke... Mas, já que tem todo esse entusiasmo pelo Gabriel, talvez ainda seja mais fácil imaginar-se no lugar do Arthur...

— Se eu tivesse um implante desses no meu cristalino, que eu nunca teria, e estivesse a escrever e quisesse que 5 amigos meus na *Rede* me vissem a escrever em tempo real e o Gabriel *hackeasse* o que eu estava a escrever... Eu passava-me, professor! Pregava-lhe um par de estalos e chamava a Polícia Tecnológica.

— Certo! Mas e o juiz? Como é que ele julgaria? Teria ou não teria importância se vocês abrissem uma janela em privado com um grupo vosso na *Rede* e fossem hackeados? Isto seria ou não um crime de hackearismo?

— Sim, seria... Só que não seria desculpado... A sua pena poderia era ser atenuada...

— Muito bem, Arthur! Sentiu-se verdadeiramente na pele do Arthur? Tinha mesmo que ser o Arthur a resolver este caso!... Poderia ser atenuado a que título?

— De negligência por parte do próprio Arthur, por estar conectado à *Rede* que é só por si vulnerável e através de uma simples ligação de Internet, que só por si não é segura.

— Muito bem, Arthur. E se afinal, o juiz descobrisse que Gabriel estava na *Rede* de Arthur e Gabriel sabia disso, mas quis por diversão hackear?

— Então, nem sequer cabia no significado de crime de hackearismo que o legislador penal quis abranger, pelo que, nesse caso, Gabriel não teria praticado nenhuma ação típica ilícita penalmente relevante.

— BINGO, Arthur!

— E se o juiz descobrisse que o Gabriel e Arthur eram amigos virtuais na *Rede*, mas nem eles sabiam disso?

— Então, Gabriel, quando hackeou, hackeou no espírito intencional de hackearismo, sabendo que estaria a praticar um crime tecnológico, logo aplicava-se o regime de crime de hackearismo a Gabriel. No entanto, o juiz poderia atenuar a pena.

— E se no final do processo penal, Arthur se apaixonasse por Gabriel?

— O Arthur poderia fazer uma declaração de amor em tribunal, mas o processo penal avançaria.

— Muito bem, Arthur! Vamos agora abrir aqui um mundo paralelo onde o Arthur dos *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke não tem implantes nenhuns, nem no cristalino, nem na retina e vamos

supor que foi o empregado de mesa que passou, fotografou o que o Arthur estava a escrever e enviou para o Gabriel. Como era?

— Estamos perante o claro crime tecnológico da letra do artigo 199º do Código Penal Tecnológico com pena de prisão tecnológica de 8 a 16 anos de prisão.

— Certo! Isso mesmo Catharina. Não sobejam dúvidas. Se fosse “só” isto, neste “triângulo” são os 8 a 16 anos de prisão tecnológica. Se fosse num grupo organizado criminoso em que há uma constante monitorização em que eles não conhecem ou não sabem as informações, conteúdos e registos existentes sobre o Arthur e tão-só participassem ou colaborasse uma só vez, aplicava-se também a pena dos 8 a 16 anos de prisão. Se tivessem conhecimento aos conteúdos anteriores ou viessem a ter aos conteúdos futuros ou fizesse parte do grupo então aplicar-se-ia a pena de 51 a 65 anos de prisão tecnológica. Mas, vamos então agora teletransportar-nos para um mundo paralelo em que o empregado de mesa não fotografou nada, o Arthur tem uma *lente-cinema* ligada à *Rede* e simplesmente o Gabriel acedeu à sua *Rede*?

— Nesse caso, Gabriel não pratica nenhuma ação penalmente relevante. Mas tenho dúvidas em relação à *lente-cinema* de Arthur, se ele poderia ou não ligá-la à *Rede*... É uma tecnologia que eu ainda não estou muito a par...

— Neste caso, Gabriel não pratica nenhuma ação penalmente relevante, disse o Jorge... E disse muito bem!

— A *lente-cinema* fui eu que trouxe ao Sistema Perfeito...

— O professor está sempre a trazer coisas ao Sistema Perfeito...

— É verdade, é assim que me sinto útil a levar as minhas coisinhas ao sistema. Se não as levar eu, alguém pega nas minhas coisinhas e leva-as ao Sistema Perfeito. E já que é assim que as coisas funcionam, então mais vale ser eu a levar. Aprendi tarde, mas aprendi. O importante é aprender. Prefiro ser eu a levar. Eu tinha a patente das *lentes-cinema*, mas acabei depois por vender para abrir o Clube de Cascais. Quando vendi foi um desastre. Se eu soubesse que seria um desastre e toda a gente começasse a andar na rua como se fossem câmaras de filmar eu nunca, mas nunca, teria vendido, palavra de honra, porque não era isso que eu queria! A sua aplicação útil seria sobretudo para a indústria cinematográfica trazendo uma inovação tecnológica às filmagens, através do ângulo de câmara, apresentando-se como uma verdadeira extensão dos olhos humanos. Ora, a *lente-cinema* tem incorporada uma *biocâmara* nanotecnológica capaz de se emparelhar através de *Bluetooth* ou *Wi-Fi* a dispositivos eletrónicos como telefones, câmaras de filmar e fotografar, drones, tablets, TV's, PC's e impressoras. A *lente-cinema* tem num dos lados uma pequena saliência ao centro da lente. Essa pequena saliência é uma “segunda camada” bioprotetora, também de vidro orgânico ou natural conforme a lente de contato seja de vidro orgânico ou natural, que reveste a instalação da *biocâmara* nanotecnológica, que não fere nem incomoda o olho, não estando em contato direto com o olho, porquanto a *biocâmara* nanotecnológica esteja dentro da segunda camada bioprotetora para o olho. Por questões fundamentais éticas e jurídicas a comercialização das *lentes-cinema*, enquanto eu tinha a patente, não estava disponível para pessoas singulares, sendo destinada a sua comercialização a pessoas coletivas, cujo destino das lentes fosse para filmagens autorizadas ou para experiências de realidade virtual aumentada realizadas por sociedades comerciais ou para fins lícitos de ensino e investigação realizadas por pessoas coletivas de direito público ou no âmbito da sua profissão de ensino ou investigação; foi esta a condição que eu levei ao

Sistema Perfeito. Mas eu vendi a patente. E as pessoas começaram a sair com as *lentes-cinema* a filmarem tudo como faziam já com os telefones. Até se dizia que seria exatamente a mesma coisa as pessoas andarem com os telefones a apontar as câmaras ligadas à *Rede* ou com as *lentes-cinema*. Eu só queria que elas fossem usadas para cinema, ou por exemplo para aulas de medicina, enquanto um médico estivesse a operar e a operação pudesse passar numa TV de uma sala de medicina. Era só uma ideia. Mas a minha ideia proliferou, foi uma praga e tornou-se naquilo que eu não queria: numa subversão e perversidade de direitos. Toda a gente começou a comprar as *lentes-cinema*, toda a gente queria ter uma *lente-cinema* para publicar aquilo que viam na *Rede*... E, ainda por cima, foi numa altura muito complicada, na chamada *Crise De Todos os Direitos Fundamentais* em que havia tecnologia por todo o lado, algoritmos por todo o lado. Um clima geral de medo. Porque lá fora, noutros ordenamentos, drones com metralhadoras perseguiram alvos a partir dos *profiles* na *Rede*. Porque bastava eu dizer que queria “matar” o “B”, dizer ao drone quem era o “B”, através do que eu introduzia no drone, a partir da *Rede*, o drone ligar-se à *Rede*, perguntar à *Rede* qual tinha sido a última localização do “B” e a *Rede* dizer que o “B” tinha sido capturado pela câmara de um telefone conectado à *Rede* há 10 segundos no sítio “Z” e ir o drone *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto e ficar ali a sobrevoar um pouco a zona a fazer o reconhecimento facial a toda a gente que visse e a cruzar com os dados de imagem do *profile*, até encontrar um match 100% e disparar... Porque foi isto que aconteceu, imaginem o clima de terror e insegurança que se viveu. O mesmo com os chips. Pessoas que colocavam implantes tecnológicos noutros ordenamentos e eram simplesmente detonadas. Ou pelo próprio ordenamento ou pelo ordenamento vizinho. Há vários casos de pessoas que comentavam na *Rede* a atitude de um Imperador, Rei, Grão-Ducado, Governador, Ministro ou Camarário e os lobos do Camarário ou o exército do

Imperador liam os comentários pelo invisível *Sistema Internacional de Todas as Coisas Ligadas*, que no fundo era a *Rede*, e só com um botão, fosse à distância que fosse, detonavam o injuriador. Se não fosse pelos próprios nano-laser-mísseis do exército do Imperador ofendido, porque o ordenamento do injuriador lançava sob a atmosfera uma invisível barreira tecnológica anti-laser, o exército acabaria por conseguir saber o GPS do injuriador. O exército sabia que objetos inteligentes estavam à sua volta e hackeavam, por exemplo, um drone-polícia que com metralhadora ia a voar *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto disparar. Se nós fôssemos árvores e fôssemos verdadeiramente altruístas uns com os outros como as árvores, que através da rede de fungos que é como se fosse a nossa *Rede* de Internet partilham e doam recursos, era uma coisa. Mas nós na *Rede* não partilhamos recursos de sobrevivência como nutrientes e açúcares. Partilhamos fotografias cheias de intrigas, mentiras, aparências, futilidades e só doamos na *Rede*, para além de moedas virtuais, inveja, infelicidade e depressão. Vocês sabem como eu sempre me opus aos drones, muito antes da *Crise de Todos os Direitos Fundamentais*. Mas nunca foi uma oposição por mero capricho. É que mesmo com um *Sistema Internacional de Todos os Direitos Fundamentais*, as pessoas já andavam a violar com os drones a paz, o sossego, a privacidade, a intimidade, os direitos de imagem e personalidade uns dos outros. Agora imagine-se com uma *Crise de Todos os Direitos Fundamentais* em que a única coisa que importava, era “o gerar de economia” fosse que economia fosse. Se um drone vos sobrevoasse ou entrasse em casa e vos filmasse em pleno ato amoroso com o amor da vossa vida e se vocês disparassem contra o drone ou o destruíssem, o juiz virtual preso aos algoritmos apontava como culpados vocês, que destruíram pelas vossas próprias mãos o drone “quando estavam obrigados a chamar os drones-polícia”. É que nós chegámos a este ponto. Felizmente ultrapassámos a *Crise*. Mas foram momentos infernais que passámos no século XXI. Foi uma verdadeira guerra

tecnológica. A guerra tecnológica, quando se fala “em guerra tecnológica” e “rebelião dos algoritmos” é no fundo esta. Foi esta. E depois do juiz virtual ter-vos dito que vocês é que eram os culpados por não terem fechado a janela em pleno ato amoroso, “tendo sido negligentes com a vossa própria intimidade”... Por isso, estão bem a ver onde nós chegamos, à inversão do pensamento, ao pensamento doente, que consubstanciou, uma também autêntica guerra intelectual. Escusavam de tentar uma “reclamação da sentença do juiz virtual”. Sabem porquê? Porque na *Crise*, as reclamações que eram vistas por um ser humano, eram por um ser humano monitorizado, por um juiz monitorizado. Por isso, era indiferente ser um juiz virtual ou ser um juiz real cheio de algoritmos a apontarem “o caminho da decisão”. Porque os algoritmos vão recomendar esse juiz humano a ignorar ou remover a reclamação, simplesmente querendo que o juiz lá dê o assentimento àquilo tudo com a sua assinatura eletrónica. E se o juiz não o fizer, irá ser chamado pelos algoritmos para justificar o porquê de o juiz não ter removido ou ignorado a reclamação quando os algoritmos tinham recomendado que ignorasse ou removesse a reclamação. E era mais ou menos por isto que eu me opunha aos drones. Se nós, de facto, fôssemos todos tolerantes uns com os outros, em que na nossa esfera de liberdade não interferíssemos com a liberdade de ninguém, respeitássemos o Direito ao Bom Ambiente, o Direito à Vista, o Direito ao Sossego e À Paz Tecnológica, quem queria estar na *Rede* estava, quem não queria não estava, quem estivesse a andar a pé ou de autómato ou estivesse a pilotar um drone e recebesse um convite para se emparelhar com alguém e quisesse emparelhar-se com esse novo alguém, com esse novo coração, com esse novo hacker, com essa empresa emparelhava-se, mas que esses convites não se tornassem num novo “plim” ensurdecador para quem não estivesse virado para esses virtuais emparelhamentos. Quem queria mediar a sua vida real e participar na economia das coisas através de um telefone, ou de um



chip, ou de uns óculos de realidade virtual aumentada, ou de um drone – vocês veem na rua que há pessoas que andam com um drone, por cima delas, o tempo todo a filmá-las e elas sentem-se felizes assim – estava tudo certo. Mas não. As pessoas continuavam atreladas aos seus preconceitos culturais, raciais e religiosos. E eu digo o mesmo que diz *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom: “enquanto houver bíblias tecnológicas que dizem que dois gays não podem ser uma família e que não há amor entre dois homens, enquanto houver listas tecnológicas nazis que dizem que negros e judeus não podem viver e que são raças inferiores, enquanto houver janelas tecnológicas de grupos criminosos organizados que perseguem o *Target – A Pegada Digital* de Ralf Kleba-Kodak, sobrevoando o alvo e disparando pontos por cada bala que acerte o coração do alvo, os drones não podem voar!” Obrigavam-se determinado grupo de pessoas religiosas a colocar os implantes e depois carregava-se ao mesmo tempo em tudo e pronto. Foi por isso, que ficámos sem as outras religiões que tínhamos e foi por isso, que o Sistema Perfeito só permitiu 3 religiões. 3 religiões que não brigam, acreditam em diferentes Mãos Invisíveis, mas todas elas acreditam numa Mão Invisível e pautam-se pelos mesmos valores: amor, amizade, autenticidade, lealdade, fidelidade, honestidade, felicidade, sociabilidade, liberdade, tolerância, paz e segurança. Ser preto é como ser loiro. É só uma cor de pele. É só uma cor de cabelo. Ser branco é como ter o cabelo encaracolado. É só uma cor de pele. É só uma característica do cabelo que em nada revela como é lógico, como é natural senão para as atrações amorosas físico-químicas entre os humanos. Há quem se atraia mais pela pele rosada, pela pele morena, pela pele bronzeada, pela pele branquinha e pelas sardas, pelos ruivos, pelos loiros, pelos que têm uma parga de sinais, por quem tenha o queixo sensualmente mais saído, por quem tenha uma grande testa, por quem tenha entradas no cabelo, por quem tenha costas mais largas, por quem seja baixinho, por quem seja gordinho, por quem seja um magricelas, por quem seja uma torre, mas

somos todos humanos! Pertencemos todos à mesma espécie! Não temos que dar as mãos a todos nem abraçar todos porque somos bilhões, nem temos que nos dar com todos porque temos pensamentos diferentes uns dos outros, mas há uma coisa que não podemos fazer: é interferir na liberdade dos outros e sermos intolerantes com os tolerantes. Podemos, claro, e devemos, claro, ser intolerantes com quem não é tolerante, porque se eu sou tolerante e alguém é comigo intolerante, então eu não posso, como é óbvio, ser tolerante. Se eu sei que tenho um laser apontado a mim, eu não vou nem posso ser tolerante a esse laser. Tenho que ser intolerante. Porque, vamos lá ver uma coisa: não fui eu que apontei o laser a ninguém! Eu não queria apontar o laser a ninguém! Mas se me vão apontar o laser, se eu sei que me vão apontar o laser, então eu tenho que ser intolerante a essa tentativa e apontar-lhes primeiro o laser! Isto é automático! Não há muito para pensar sobre isto. Eu não quero interferir na liberdade de ninguém, logo não vou deixar que interfiram com a minha, quando eu quero estar é sossegado e em paz. E ter o laser apontado a mim é ter uma pistola ou ter uma câmara. Se eu não ando a apontar a minha câmara do telefone a ninguém e tenho muito cuidados com os direitos, liberdades e garantias dos outros, porque é que me têm que a andar a apontar câmaras? Só que, com a *Crise De Todos os Direitos Fundamentais* bem que podiam meter isto que eu vos disse em cassette-riscada ao pé dos ouvidos de quem fosse, que ninguém queria saber disso para nada, porque as pessoas diziam que havia um direito em filmar e diziam que só assim é que havia liberdade. Foram tempos horríveis! Pessoas que escreviam na *Rede* sobre um ditador de um ordenamento jurídico, os algoritmos levavam logo ao ditador tecnológico que mandava os seus satélites apontarem o raio-laser e fazia desaparecer ,numa altura muito conveniente em que se falava muito sobre os *Dons* e sobre a Mão Invisível de Jupiter, dizendo-se que tinham sido os *Dons* que tinham levado. E a estupidez das pessoas era tão grande, estupidez ou véu de

ignorância, que acreditavam mesmo nisso. Porque não conseguiam ver a tecnologia das coisas. Só viam “a magia”. O Sistema Perfeito com os seus poderosos algoritmos teve que andar a defender portugueses de ditadores internacionais que queriam apontar o laser, andou-se a negociar sobre a vida de imensos escritores. Se podia viver, se devia morrer, se podia continuar a escrever. Lembro-me de um autor que publicou o seu primeiro livro e eu li e gostei e depois ele publicou o segundo livro e eu estranhei, porque não parecia do mesmo autor, parecia que tinha alterado a escrita, invertido o pensamento e eu no meu “véu de ignorância” suspeitei que lhe tivessem apontado pistolas. E depois ele acabou por vir confessar à TV que tinha sido ameaçado e escreveu com uma arma apontada à cabeça. Que teve que escrever sob algoritmos. Perdeu a liberdade. O cérebro dele foi completamente hackeado. Depois desta aparição na TV que não chocou ninguém e se instalou um *guilty pleasure* por saberem que o autor tinha sido ameaçado e que estava a escrever sob ameaça, ainda continuaram a comprar mais os livros dele, quando sabiam que aquilo não era o verdadeiro pensamento dele. E depois desta aparição, veio uma febre de publicidade em que se projetavam hologramas por todo o lado, circulavam vídeos por todo o lado, que diziam que, desde que nós saíamos de casa até chegarmos a casa o nosso trajeto ficava gravado. Se não fosse pelo nosso telefone, era pelo telefone dos outros, que toda a gente colaborava com os seus telefones para todos aparecermos na *Rede* e se não fosse pelos telefones, era pelos drones e se não fosse era pelas câmaras instaladas por toda a parte do Sistema Perfeito. A classe científica maquiavélica viu aqui astuciosamente a oportunidade perfeita para trazer os drones-vivos que era um projeto piloto de já há muito tempo, mas que tinha sido chumbado, que era chipar com *nanocâmaras* os olhos das moscas, abelhas e outros insetos para a Biologia Pérfida conseguir “ver melhor” e “estudar melhor” “as coisas”. Eu opus-me veementemente! Uma coisa era, pela prossecução do interesse público

da Administração Pública científica, querer estudar-se uma colmeia ou um formigueiro e introduzir um *nanorobot* na colmeia ou no formigueiro. Outra coisa era chipar moscas e abelhas que voam por todo o lado e entram na vida privada e íntima das pessoas. A Biologia Pérfida que interpreta a Mão Invisível de Jupiter ao contrário, que vê tudo ao contrário, lá conseguiu dar a volta ao Sistema Perfeito dizendo que se os *Dons* chipam os olhos dos humanos, então, por uma questão hierárquica, nós humanos também podíamos chipar os animais. E o projeto-piloto transformou-se num filme de terror dronático, levantou-se tudo, tudo o que haveria para levantar, levantou-se e foi uma experiência de cruzamento de dados legal até ao surto das *Manifestações dos Superhumanos Tecnológicos*. Eu sentia-me impotente. Não me atrevia a pôr os pés na rua. Parecia que me tinha metido numa nave espacial até ao *Jupiter* de Gabriel Garibaldi e depois voltado à Terra *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto e ver que tinham vendido a Terra inteira a uma empresa de parque de diversões. Só que a um parque de diversões em que eu tinha que pagar para me processarem cada coisa... E eu pensava... Ter que ir a um parque de diversões para me pagarem cada emoção? Cada medo? Cada gargalhada? Mas as gargalhadas eram minhas! Roubarem-me as gargalhas, toda a minha expressão? Fazerem com a minha expressão o que quisessem? Nem pensar!!! Eu não me atrevia a pôr os pés na rua! E só voava em carro voador e só aterrava em sítios seguros. Os meus colegas gozavam comigo e diziam que eu tinha a mania das grandezas por vir de carro voador para a escola... Eu nunca tive a mania das grandezas! Mas a *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari fez-me olhar para o mercado das coisas tecnológicas e foi o mercado que me obrigou a começar a pensar em ter dinheiro para poder adquirir um carro voador. Foi nessa altura, que eu e o Thomas comprámos um carro voador blindado com proteção *anti-laser*. Custou-nos uma fortuna, mas foi o preço que eu tive que pagar para hoje estar aqui de pé a contar-vos esta história. Vieram as *Manifestações dos*

*Superhumanos Tecnológicos*, em que toda a gente tapou as câmaras com fita adesiva e desligou-se da *Rede* tendo custado uma pipa de massa ao Sistema Perfeito. Foi a *Crise dos Algoritmos*, em que o Sistema Perfeito ficou completamente à nora, sem dados atualizados, a economia que se gerava à volta dos dados ficou cega, revoltou-se e começou a mexer de outra maneira nos dados. Os detentores dos robots de dados começaram a mexer com todos os dados que tinham! Primeiro, tiveram que fazer uma cirurgia ao Direito. Quem a fez, até foram os algoritmos. Enquanto o nosso ordenamento não reconhecia os Direitos de Personalidade e os Direitos de Autor das máquinas, nós andámos bem... Andámos muito bem... Mas era esse o referencial. Era isso que bloqueava a Economia de Dados. Mas uma vez sem referencial, foi o apocalipse de tudo. Toda a Economia de Dados que estava bloqueada pelo Direito, pressionou o Direito que “autorizou” num despacho tecnológico feito *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto e foi só carregar o botão da impressora, porque os dados já estavam todos tratados. Era só imprimir. Era só mandar imprimir. Era só o Direito dizer “Ok! Podem imprimir os dados que têm”. Foi o tempo da chamada *Escrita Algorítmica*, também chamada a *Escrita Metalizada* ou a *Escrita Metálica* ou *Escrita dos Robots*... Mas na expressão mais correta: a *Expressão Robótica*. E porque é que eu digo que é a expressão mais correta?

— Porque não foram só livros que os robots escreveram. Foram guiões para teatro, guiões de viagem, *Stand-Up Comedys*. E dos guiões, os robots saíram para os palcos e fizeram teatros, foram guias e comediantes. Ainda fizeram e pintaram quadros, tocaram piano, bateria, guitarra, harpa e violino.

— E como é que a Ciência e a Economia dos Dados recuperou da *Crise dos Algoritmos*?

— Porque as pessoas compraram livros escritos por robots, compraram bilhetes para ver robots nos palcos de cinema e de teatro. Consumiram telenovelas com robots. Ou seja, acabaram por consumir o produto dos robots, roubado dos humanos.

— Certo, Arthur!

— O Sistema Perfeito nessa altura, já nem me podia ver pintado de oiro, porque eu não parava de lhe bater à porta a dizer que tínhamos que fazer alguma coisa e o Sistema Perfeito respondia-me “mas fazer o quê, se a economia está a correr tão bem?...”. Mas a economia corre sempre. É como um rio. Podem pôr água no rio que as pessoas vão mergulhar nessa água. Podem pôr sal, açúcar, lixo, porcaria, gordura, que as pessoas vão mergulhar com os óculos de realidade virtual aumentada e até vão colorir a água de cor-de-rosa e tirar o lixo com os óculos. Mas com as *Segundas Manifestações dos Superhumanos Tecnológicos* o Sistema Perfeito começou a ficar um pouco mais permeável aos meus bateres de porta... Alguém sabe o que é que aconteceu nas *Segundas Manifestações dos Superhumanos*?

— Sim... Todas as pessoas começaram a exercer o seu Direito ao Esquecimento interrompendo o circuito, o tratamento e a transformação dos dados.

— Certo, Catharina! E depois com as *Terceiras Manifestações dos Superhumanos Tecnológicos*, sabe Catharina?

— Sim, as pessoas já não se manifestavam só contra os telefones dos outros, mas também contra os drones-vivos que a Biologia Pérfida tinha lançada à ecologia numa loucura científica. As pessoas começaram a matar moscas e abelhas num alvoroço de medo

que estivessem a ser filmadas e as suas reações fizessem parte de um estudo científico financiada pelo governo.

— E no fundo foi isso que aconteceu. A Administração Pública e não foi só a nossa, todas as administrações públicas colocaram os seus ordenamentos jurídicos numa espécie de laboratório de dados, numa espécie de jardim zoológico... Como vos disse, num autêntico parque de diversões visto por quem conseguiria ficar atrás das câmaras... E cada vez que eu batia à porta do Sistema Perfeito ia vislumbrando os écrans tecnológicos. E como ia vendo com o Sistema Perfeito as manifestações no mesmo filme que o Sistema Perfeito, achei que fosse boa hora para mexer no Direito. E o Sistema Perfeito acabou por ceder ao meu capricho tecnológico. Havia tanta coisa para mexer no Direito. O Direito tinha que ser tornar num Direito *Supertecnológico* porque estávamos mergulhados numa *Supertecnologia* rodeados de *superhumanos* que tinham olhos *supertecnológicos*, porque com as *lentes-cinema*, ficavam *supertecnológicos*. E eu carregava um peso dentro de mim e tinha que o libertar. Porque tinha sido eu que tinha posto as *lentes-cinema* no mercado. Mas depois, pus-me a pensar... Não... Eu fiz tudo certo... Se não tivesse sido eu a pôr as *lentes-cinema*, outro idiota iria colocar no dia a seguir. E esse lunático idiota não teria tido a preocupação que eu tive de as *lentes-cinema* só serem usados num contexto de cinema ou noutras situações muito específicas e que estivessem regulamentadas protegendo os direitos de todos. O meu mal foi em eu ter vendido a patente. Mas eu não percebia muito de patentes na altura... Lá está... Nós somos humanos, é imperativo que estejamos a ver outras áreas e não só a nossa. Podemos, é claro, especializarmos numa área, mas os nossos tentáculos têm que se estender a outras áreas... Temos que ser estrangeiros! Ver de fora e ver o que há lá fora. Ver as coisas lá fora pode proteger o nosso meio. Se eu não estivesse só a ver 5, mas 6 direitos como o Direito das Patentes, saberia, que por

mais que eu tivesse lá escrito com letras muito grandes, sublinhadas, e a negrito que as *lentes-cinema* não se poderiam tornar comercializáveis para qualquer e todas as pessoas singulares porquanto pusesse todos os direitos de personalidade, éticos e morais em crise, esse sublinhado só valeria para dentro do nosso ordenamento e enquanto eu fosse detentor da patente, porque a partir do momento em que eu vendesse, aquele sublinhado não valeria mais nada. E tanto que não valeu, que as *lentes-cinema* vieram logo parar ao mercado. Eu inventei uma patente e tive que inventar um novo direito. Pus uma tecnologia no mercado e tive que fazer as regras do jogo do mercado... Não foi fácil... Às vezes não é fácil, ter que pensar em tudo ao mesmo tempo...

— Mas o professor é um polvo!...

— Há biólogos e astrobiólogos e ufologistas que dizem que o polvo é um animal extraterrestre, que não era aqui da Terra, mas veio cá parar... Talvez, Catharina, eu também não fosse aqui da Terra e seja, por isso, um ser alienígena.

— Eu também me sinto um ser alienígena!

— Eu sei Jorge! Eu já vi o polvo que há em si...

— Eu também me sinto um polvo, professor! Eu também sou um polvo, professor!

— Eu sei, Arthur!

— Professor! Eu também sou um polvo, afinal, já estou a ver agora todos os direitos ao mesmo tempo e tudo a ligar-se...



— Vocês fazem-me rir e chorar ao mesmo tempo... E veio assim, uma grande revolução de direitos e o Direito Tecnológico começou finalmente a regular a tecnologia. De um lado, sempre pressionado pelo Sistema Perfeito pelo seu interesse nos dados de informação e no desenvolvimento da Inteligência Artificial e dos algoritmos, e por outro lado o arrepio que tinha com a Constituição Tecnológica consagrando os dados de informação, os direitos de personalidade e o direito à imagem como direitos fundamentais. E começou a haver, então, uma especialização dos direitos tecnológicos. Os drones autorizados a voar sem restrições, sem colidir com os direitos de propriedade aéreo, são os 3 drones da Administração Pública: os robots-drones ambulância, os tanques-drones bombeiro e os drones polícia. Nas zonas em que o voo do drone é permitido, só os drones matriculados, em que se veja expressamente a matrícula é que podem voar. Depois há várias zonas protegidas onde o voo dos drones é proibido, sobretudo aquelas onde existem aves, insetos protegidos como as abelhas e as borboletas ou outros animais onde a tecnologia dos drones perturba ou desequilibra o ecossistema. Enfim, vocês conhecem o Código Drone que todos os anos altera. É considerado o código mais económico por ser o mais volátil. Há medida que a potência de resolução e zoom aumenta, mais alto os drones com câmaras de filmar têm que voar. Em relação às *lentes-cinema* e para darmos uma resposta ao nosso caso, as *lentes-cinema* coloridas com menos resolução e poder de câmara e que não façam reconhecimento facial podem ser adquiridas por uma pessoa singular. No entanto, há regras apertadas para a sua utilização: posso usá-las dentro da minha propriedade privada ou posso usá-las no espaço público, em que não esteja ninguém num raio de 15 a 20 metros, por exemplo, numa serra, num caminho de jardim ou de rio ou de bosque ou numa montanha ou numa praia que esteja deserta. Em alguns estabelecimentos comerciais é autorizado o uso das *lentes-cinemas*, mas todos os clientes antes de

entrarem têm que ter conhecimento que vão para um sítio que permite a entrada de utilizadores de *lentes-cinema*. Hoje, vocês veem toda a gente agarrada aos telefones, mas sabem que há uma legislação muito forte e uma Polícia Tecnológica muito forte, sempre pronta a voar *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto se vocês apontarem a câmara a alguém sabendo que ela é uma arma.

A Polícia Tecnológica “arrombou” a porta sem arrombar e mandou toda a gente ficar com as mãos no ar.

Àquela ordem mais ninguém podia tocar nos telefones.

Estávamos todos em carteiras individuais, incluindo eu, e os meus alunos.

Mandou um por um levantar-se deixando todos os telefones e todos os aparelhos tecnológicos em cima da mesa.

Aquele que se levantava e deixava todos os aparelhos que possuísse em cima da mesa, a Polícia Tecnológica inspecionava, apalpando e passando com um detetor de metais para ver se não possuía na roupa e no pelo, mais nenhum aparelho tecnológico e mandava encostar à parede.

Depois de todos encostados à parede, também eu estava encostado à parede, e com os aparelhos todos em cima da mesa. A Polícia Tecnológica explicou que tinha havido uma denúncia de suspeição de violação de direitos de autor e de propriedade industrial e o que haveriam de fazer ali, era introduzirem em todos os telefones uma micro *pen* que ligada aos telefones da Polícia Tecnológica iria logo detetar se teria havido algum movimento de captura ilícita de

fotografias e ou uma repassagem criminosa dessas fotografias por algum canal ou por alguma aplicação. Quando a Polícia Tecnológica disse isto, eu já tinha os meus dois suspeitos. O Gaspar e a Amanda, que parece que os via a ferverem por dentro. Disseram ainda que iriam passar o detetor dentro de todas as mochilas e carteiras em busca de algum aparelho que não tivesse sido posto na mesa.

A minha intuição estava certa e nem tinha precisado de nenhuma máquina que visse o espírito e a cor da alma do Gaspar e da Amanda. Eu não gostava do Gaspar, porque via nele o espírito do Pietra. E não gostava da Amanda porque via nela o espírito da Audrey. O Gaspar tinha fotografado 8 páginas de um caderno do Arthur e a Amanda tinha conseguido fotografar 9 páginas de um outro caderno. Ambos tinham enviado para um grupo na *Rede*. Desse grupo, as fotografias foram repassadas mais 3 vezes para 3 grupos diferentes. A Polícia Tecnológica chamou-me e seguimos ali minuciosamente o *target*. Aquilo parecia um episódio retirado do *Target – A Pegada Digital* de Ralf Kleba-Kodak, em que o Arthur tinha ficado com o papel do Jaime do *Target – A Pegada Digital*. Descobriu-se ali em minutos tecnológicos, que as fotografias dos cadernos do Arthur tinham ido parar à *Eagle Studios*, uma empresa de pornografia e de dados. E já não sabia se o Arthur tinha ido parar ao *Target – A Pegada Digital* de Ralf Kleba-Kodak ou aos *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke. Mas sabia todas as empresas que detinham robots-escritores, robots-pintores e robots-compositores e sabia que a *Eagle Studios* tinha adquirido há pouquíssimo tempo um robot-escritor. No mundo fantástico dos *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke a *Eagle Studios* estava nas mãos do príncipe Harry, que era como se fosse a personificação do príncipe maquiavélico, do Diabo, do mal. Aqui, neste outro mundo paralelo de dados, a *Eagle Studios* estava nas mãos do Pietra, da Audrey, do Guterres e do Brioso. O Arthur era o meu aluno favorito. Eu via em mim o Arthur. Era como se esse ele

fosse a minha reencarnação. Tinha o mesmo espírito que o meu. Eu prendi-os à minha biblioteca de almas. Seria isto uma vingança espiritual? Ou tão-só uma pura coincidência tecnológica? Eu queria dar cabo da *Eagle Studios*. Sentia que havia uma razão espiritual para eu ser juiz do Tribunal Penal Comercial capaz de mandar fechar e mandar prender os sócios maioritários e os administradores de qualquer empresa do Sistema Perfeito. Já tinha capturado a alma deles. Faltava-me capturar o corpo deles. Já tinha prendido a alma deles. Só me faltava prender o corpo deles. Via aqui a minha vingança espiritual. Tinha criado um tribunal para as árvores. Tinha arrancado as árvores do comércio sem lhes arrancar as raízes da Terra. Mas o Sistema Perfeito tinha-me agora transferido do tribunal das árvores para o tribunal do comércio. Eu tinha tirado as árvores do comércio, criando um tribunal, numa fantasia minha que consegui transportar para o Sistema Perfeito. E agora numa fantasia do Sistema Perfeito, tinha sido transferido do Tribunal Botânico para o Tribunal Penal Comercial. Tinha sido arrancado de ao pé das árvores para ir parar às intrigas do comércio, só por ter tirado as árvores do comércio? Foi o Sistema Perfeito que me autorizou, me legitimou a capturar as almas deles. E se eu queria dar cabo deles e da empresa deles, eu estava no sítio perfeito. O Sistema Perfeito tinha feito a transferência perfeita. Parecia que me legitimava, outra vez, nesta minha vingança espiritual. Voltei para o Triângulo, sem deixar o Pentágono. Afinal, estava entre duas igrejas! Afinal, sempre tive entre duas igrejas! Porque via aqui, também no Triângulo, a razão espiritual para a minha alma ter ido parar ao Tribunal Penal Comercial.

**\*\***

# Sábado, 28 de dezembro de 2080

— Olha, já tenho TV! Entra!

— Não me digas que quem veio instalar foi outra vez aquele Arthur...

— Não, contratei com outra empresa. Não achei piada nenhuma aquela palhaçada! Comprei, por causa, daqueles meus alunos que estão na prisão tecnológica... Sabes?

— Bem sei... Que filme... Logo vi... Tinha que a ver aí qualquer coisa por detrás para tu quererest comprar uma TV... Tu e o Thomas sempre viveram sem TV...

— Quero fazer da minha sala um laboratório de dados.

— Tu és hilariante, Antoine! Toda a gente compra uma TV para se entreter e tu compras para fazeres dela o teu laboratório...

— Uma TV é como um microscópio... E eu quero pôr mais almas na minha lamela, na minha lente...

— Não me digas que estás a pensar adicionar mais almas à tua biblioteca de almas...

— Ainda não te contei... Mas o meu tio encomendou-me um assalto... Uma emboscada com 6 tipos que eu matei e que eram *biorrubricadores*... Vi o vírus na alma deles... Há aqui uma ligação... Ao Guterres, ao Brioso... Eu sinto-a...

— E já tens os óculos especiais de realidade virtual aumentada para conseguires ver e extraíres a cor das tuas alminhas?

— Ainda não, já encomendei, estou à espera...

— Porque é que não contratas um serviço de drone? A Expressswagen também já faz serviços de entrega de drone, podes pedir o que quiseres. Ficou com o monopólio do serviço de entregas. Ela traz-te tudo, sofás, camas... Até te leva a ti ao Thomas de jipe para uma serra que queiram subir ou descer... Sabes como são compridos os vagões deles, parecem balas... São uma autêntica bala... São espetaculares, não achas? E levam toda a gente a todo o lado *À Velocidade da Luz*, de Gil de Sales Giotto...

— Sabes que eu dispenso esses serviços de drone por encomenda. Prefiro receber a minha encomenda pelas mãos de um humano que sei que, ao menos, tem um emprego e dinheiro para poder viajar, de vez em quando. E se eu quiser subir uma serra de jipe com o Thomas, nós saímos de jipe aqui de casa. Nós gostamos de andar de jipe. Aceitas uma taça de vinho, pão e mel? Como nos nossos velhos tempos?

— Ah! Que maravilha! As nossas taças de vinho a comer pão com mel... Tão bom! Aceito, claro!

«— Amor! Vai mais devagar! Cuidado!

— Ó, querida! Pelo amor d'O *Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom!  
Deixa-me guiar à vontade!

— Amor! Cuidado!

— Ó, querida! Descontra! A Inteligência Artificial da Superwagens está  
a assistir à condução!

— O que eu sei é que queria ir a assistir a paisagem e tenho que estar a  
assistir estas tuas curvas perigosas.

— Mas quais curvas perigosas! Deixa-me guiar à vontade!

— Amor! Cuidado!

— Querida, eu já me estou a passar! Deixa-me guiar à vontade!  
Descontra!

— Cuidado, amor! Ias batendo!

— Chega! Como é que eu ia batendo se tenho a Inteligência Artificial  
da Superwagens ligada? Chega! Tu não me respeitas como teu marido!  
Porque não aproveitas a paisagem?

— Sim, já chega Mariana! Aproveite a paisagem e respeite o seu marido  
que ele está a guiar.

— Obrigado, Superwagens.»

— Estes anúncios da Superwagens são hilariantes, não achas Antoine?

— Tenho que confessar que fui eu que os escrevi... Vendí à Superwagens...

— Vendestes à Superwagens um anúncio destes? Isso torna o anúncio ainda mais hilariante... Eu achava que tu eras contra estes anúncios...

— E sou... Não acho piada nenhuma... Mas tive que os adivinhar. Adivinhei que seriam os próximos anúncios. E se eu adivinhei, se esses anúncios me apareceram na cabeça é porque apareceu também a outras pessoas... Afinal, estamos todos BEKONEKT, não é?

— Mas tu estás BEKONEKT?

— Eu não... Mas tu e o Sousa estão... Por isso, é como se eu estivesse... Se eu te contar a ideia de um anúncio, mesmo que nenhum microfone ou algoritmo nos capture enquanto estamos juntos, quando chegares perto do Sousa, talvez fales da minha ideia do anúncio e o telefone do Sousa leve a minha ideia a um analista de dados da Superwagens. Se não fosse eu a registar, seria outro a registar. Talvez um analista, ou um Encarregado de Dados da Superwagens... Engraçado como dantes dizíamos Encarregado de Proteção de Dados e agora já dizemos, também Encarregado de Dados... Sabias que antigamente a Comissão Nacional de Dados, se se chamava Comissão da Proteção Nacional de Dados? Eu e o Thomas temos estado com o meu pai, tivemos dois dias juntos esta semana... E pelo que eu percebi,



parece que em 2020, a Comissão Nacional da “Proteção” de Dados não sabia proteger os dados, por isso, foi-lhe arrancada a expressão “proteção”, porque acho que só servia para “dar luz verde” à livre circulação dos dados, e se era assim, mais valia chamarmos as coisas pelos nomes, e hoje chamados Comissão Nacional de Dados. Tem piada...

— Tem piada... Sabias que a Inteligência Artificial da Superwagens diz qual é que o condutor da família que está a guiar melhor?

— Sabia.

— E sabias que a Superwagens pergunta se pode publicar a pontuação na Rede?

— Sabia. Até pergunta se o condutor quer publicar na Rede a citação que acabou de dizer. Sendo certo que se aceitar, perde os Direitos de Autor, porque tudo o que tu publicas na Rede tu consentes expressamente que a Rede fique detentora dos teus direitos de autor e intelectuais.

— Ah!... Isso eu não sabia... E não consenti nada... Muito menos expressamente...

— Não leste a Política de Privacidade?

— Li.

— E não disseste que aceitavas?

— Disse.

— Então, expressamente, tu consentiste.

— Então se eu perco os meus Direitos de Autor e Intelectuais se aceitar que a Superwagens publique o que eu disse na Rede, porque raio iria publicar?

— Porque muitos, como tu, não faziam ideia que pudessem perder algum direito. E depois, nem todos ligam aos Direitos de Autor. Há ex-jogadores de futebol, que por causa dos robots, viraram “robots” sexuais de luxo, conduzem um Superwagens como todos os jogadores de futebol e fodem dentro do Superwagens com quem querem e vendem as falas e os gemidos dos dates à Superwagens. Há ex-jogadores de futebol que viraram Member Readers e Member Writers da Jupiter Editions que também conduzem Superwagens, mas conduzem Superwagens sem Inteligência Artificial. Simplesmente a Superwagens está obrigada a explicar sobre a sua Inteligência Artificial aos potenciais compradores e a explicar como é que todos os dados são recolhidos, armazenados, tratados e comercializados... Estamos numa verdadeira liberdade tecnológica...

— Olha, vem aí mais outro anúncio da Superwagens.

«—Estás a cantar bem!

— Obrigado, Superwagens.

— E eu, Superwagens?

— Desafinaste, um pouco... Mas eu não conto a ninguém...

— Prometes, Superwagens?

— Prometo. Fica só entre nós os três.

*Um carro que sabe ouvir, prometer e guardar os seus segredos, mesmo quando desafina a cantar. Porque desafinar é humano e a Superwagens sabe que desafinou, mas sabe que não pode contar a ninguém\* que desafinou.»*

— Porque é que “ninguém” aparece com um asterisco no anúncio?

— Porque o “ninguém” só inclui os teus amigos, familiares com quem tu viajas no carro ou com quem tu interajes na rede. Não inclui analistas ou encarregado de dados.

— Também foste tu que escreveste este anúncio?

— Sim, mas só a parte dos diálogos. Não do slogan. Acho que o slogan não é transparente, porque dá uma ideia contrária. Dá a ideia que a IA vai ficar detentora dos teus dados musicais, mas que não os vai passar nem à marca, o que é mentira. Tudo bem, que um potencial comprador vai ser avisado, mas quando vai comprar já leva uma ideia errada e essa ideia errada, com a minha Psicologia, eu digo que não vai deixar ouvir bem a explicação da Política de Privacidade e vai assinar sem perceber bem aquilo que assinou e que está a comprar. Eu nunca quis ver os meus diálogos associados a esse slogan deles. Eu já lhes telefonei a pedir-lhes que retirem os meus diálogos ou que tirem o slogan deles.

— Telefonaste quando?

— Há bocado. Já tinha visto o anúncio, antes de chegares.

— E eles vão telefonar?

— Disseram que sim.

— E se não retirarem?

— Vou ter que demandá-los no Tribunal Tecnológico. Todos os anúncios para passarem para a TV têm que passar primeiro no Tribunal dos Algoritmos. Têm que ter uma espécie de visto. É muito rápido. É automático. Quem dá o visto são os algoritmos da Inteligência Artificial. É um Super Computador que diz “sim” ou “não” ao anúncio. Se tu, anunciante ou publicitário, achares que o tribunal foi injusto com o teu anúncio podes sempre depois recorrer ao Tribunal Tecnológico ou mesmo recorrer a uma instância superior do Tribunal dos Algoritmos, mas nestes casos, o preferível é sempre o Tribunal Tecnológico. Se fores um consumidor e achares um anúncio “impróprio”, imoral, inconstitucional, ilícito, poderás recorrer a qualquer um dos tribunais, mas o melhor será o Tribunal Tecnológicos. Todos os dias nasce uma nova ideia de negócio. Todos os dias nasce uma empresa para pôr o negócio em pé. Todos os dias nasce um novo slogan para pôr um anúncio em pé. Todos os dias nasce um novo anúncio para que o teu negócio comece a vender ou para que o teu negócio fique em pé. Com a Nova Lei de Igualdade de Oportunidade de Dizer Olá Ao Mercado, que podes simplesmente dizer a Oportunidade de Anunciar ou a Igualdade de Oportunidade de Publicidade, todas as novas empresas têm um crédito publicitário que podem pedir para verem o seu negócio a aparecer nos anúncios seja em canais privados ou públicos. E isto funciona tudo por algoritmos. Se fores uma empresa nova, só tens que fazer o anúncio e enviá-lo para o

Tribunal dos Algoritmos que se te der visto, podes pedir o crédito e anunciáres uma vez gratuitamente onde quiseres. Podes anunciar mais vezes, mas depois ficas sempre com uma dívida. Mas essa dívida, podes ir pagando à medida que vás tendo vendas. É um crédito muito importante para as novas empresas. É claro que tens que ser uma boa empresa, uma empresa empática, humana com um conjunto de valores e um verdadeiro espírito sustentável de mercado, como a Jupiter Editions.

— Antes da Nova Lei de Igualdade de Oportunidade de Dizer Olá Ao Mercado, não era o Bank Jupiter que concedia créditos publicitários para novas empresas que fossem empáticas, verdes e humanas?

— Sim. Mas o Bank Jupiter continua a conceder créditos publicitários. Mas não é o único. Toda a banca verde concede empréstimos para Marketing e Publicidade Sustentável para empresas sustentáveis, como a Jupiter Editions.

— Olha! Mais um anúncio da Superwagens. Também foste tu? Foi inspirado numa das minhas viagens com o Thomas.

«—Amor, fecha a janela, porque está a chover.

— Ainda bem, que a Superwagens não obedece à tua voz e não fechou a janela, porque eu gosto de guiar é com a janela aberta.

— Mas está a chover, amor!

— Não faz mal, amor! Eu gosto de guiar a chover e gosto de apanhar chuva!

— Mas a Superwagens, não gosta.

— Não fales pela Superwagens. A Superwagens se quiser falar, fala.

— Não me vou meter.

— Obrigado, Superwagens!

— Estás a molhar o volante todo da Superwagens! O volante está todo molhado e a Superwagens não gosta. Superwagens, fecha o vidro, estás a ficar com o volante todo molhado.

— Tens razão. Vou fechar o vidro!

— Como é que conseguiste? Não era suposto a Superwagens só obedecer à minha voz?

*Se não quiser que a sua mulher tome conta do sistema, desligue a partilha do controlo por voz.»*

— Quem é que ia a guiar? Eras tu ou o Thomas?

— Era eu... Alugámos um Superwagens quando fomos e Berlim, sabes?

— Sim...

— Eles não tinham Superwagens sem Inteligência Artificial. Eu não queria nada alugar... Mas o Thomas conveceu-me e combinámos que não iríamos falar durante a viagem, que só íamos ouvir música num novo silêncio amoroso de viagem tecnológica que inventámos. Mas começou a chover e estava muito frio e o Thomas pediu-me para fechar a janela. E eu não queria fechar, até que começou a dizer que a Superwagens não gostava que eu estivesse a molhar o volante. Rimos nos perdidamente. Esquecemo-nos da Inteligência Artificial. Mas numa *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari, parámos o carro e começamos a escrever o nosso diálogo, registámos e vendemos o anúncio publicitário à Superwagens.

— Parece que nos ouvem... Que nos veem... Em todo o lado... Seja com quem for... Não sentes isso?

— Como assim? Do que é que estás a falar?

— Não sei... Antoine... Ouve... Não quero que aches que comecei a interessar-me muito por isto... Porque sabes que eu não ligo... Mas... Diz-me, Antoine... É verdade aquilo que se diz sobre os 9W?

— O que é que se diz?

— Que eles veem tudo...

— Tudo o quê, Brites?

— Veem tudo. Estão a ver-nos neste momento...

— Ah! Estarem a ver-nos neste momento é uma coisa... Verem tudo é outra...

— Então, eles estão a ver-nos???

— Claro! A minha TV tem uma câmara e está ligada à Internet e é da WWW.

— O que tem ser da WWW?

— A WWW é dos 9W. Quando disseste 9W o algoritmo deles telefonou automaticamente a uns quantos colaboradores deles, que são imensos, que aceitaram a videochamada e a videoanálise. “Entraram” no momento em que disseste 9W através da câmara da minha TV aqui para dentro de casa. Foste tu que os chamaste...

O Brites gritou como se tivesse visto um fantasma e começou a andar às voltas no meio da sala...

— Brites! Mostra-me lá onde é que está a câmara na minha TV...

— Aqui?

— Não...

— Então? É isto?

— Brites! Eu estava a tentar assustar-te! A minha TV não tem câmara nenhuma e não é da WWW. Fui eu que coleí esse autocolante da marca deles para gozar. Eles estavam a fazer uma campanha a distribuir esses autocolantes mesmo à porta do Club de Cascais...



— E se fosse da WWW? O que disseste é verdade? Eles têm esse algoritmo?

— Sim.

— Então, porque é que isso é legal?

— Ah! Agora já te importas com os algoritmos... Já desinstalaste os algoritmos do teu microfone e do microfone do Sousa?

— Já... Mas responde-me, porque é que é legal eles terem esse algoritmo?

— Porque está previsto no Novo Código do Consumidor Tecnológico.

— O quê? Porque é que isso não é um crime?

— Porque nenhum dos penalistas empresários de dados quiseram que o legislador fosse tipificar essa conduta como crime no Código Penal Tecnológico. Quando compras uma TV com câmara e com microfone, o vendedor está obrigado a falar-te sobre o processamento, análise e tratamento de dados e obrigado a explicar-te como funciona no mundo empresarial esse processamento, mostrando-te qual o trajeto que os teus dados vão seguir e cada processo que vão sofrer. Depois de tudo isto que demora entre 2 a 7 minutos, depende do vendedor que apanhes, terás que celebrar uma espécie de contrato com a empresa onde “voluntariamente” declaras de livre vontade, com consciência e lucidez de forma espontânea, zelosa e esclarecida que aceitas ceder os teus dados, atribuindo à empresa o gozo e exploração dos teus dados nos fins comerciais pré-estabelecidos, restringindo, assim, os teus direitos de personalidade. No fundo, é aquela espécie de

formulário que é obrigatório preencheres, onde autorizas o processamento de dados com todas as nuances que já sabemos, quando entras nos estabelecimentos comerciais em que tens câmaras mais sofisticadas que procedem à gravação do som e fazem o imediato reconhecimento facial. Foi por isso, que eu fiz aquele “escândalo”, isto, no teu próprio latim tecnológico, com o Arthur e mandei-o desinstalar aquela boxe com microfone. Por mais que tivesse lá escrito no contrato que a boxe tinha um microfone que gravava as conversas, que eu não li e não tinha que adivinhar que isso estivesse lá escrito, era o vendedor que estava obrigado a falar-me do processamento, na caixa ou pelo telefone antes de tu fazeres o contrato com a operadora, ou seja, antes do técnico vir a tua casa. Por isso, antes do Arthur ter metido os pés cá em casa com uma boxe que já vinha a gravar, eu tinha que ter tido conhecimento disso e o processamento tinha que ter sido explicado tím-tím-por-tím-tím pelo vendedor e não pelo técnico, já cá em minha casa, com a boxe já ali a ouvir e a gravar tudo.

— Qual é a desculpa para tudo isso ser legal?

— Por um lado, é para fins comerciais para “poderem melhorar” a marca e “melhor satisfazerem as necessidades” do consumidor, tal como a Superwagens. O que é que isto é diferente da Superwagens com Inteligência Artificial? É a mesma coisa! E por outro lado, há um flagrante interesse da Administração Pública, do Fisco e do Banco, enfim, do Sistema Perfeito do Triângulo para melhor decidirem como atuar num indivíduo em concreto, tendo por base, mais informação sobre esse indivíduo. Tudo o que neste momento meta dados, o Sistema Perfeito quer engolir. Para ele, é uma espécie de informação nutricional. Sente-se melhor alimentado. O Sistema Perfeito é um sistema altamente informativo que é esfomeado e anda sempre sedento por informação. Seja ela informação sexual, informação fiscal,

informação bancária, informação genética, informação médica, informação do ócio e do lazer, informação social e das redes. É um sistema que se alimenta de informação. Mas é demasiado guloso. Alimenta-se daquilo que não se devia alimentar. A informação sexual, a informação do ócio e do lazer, a informação social e das redes é tudo gorduras e açúcares... Por isso, é que nós na gíria jurídica da Escola Universal do Direito chamamos ao Sistema Perfeito, o Sistema Gordo, porque está a rebentar pelas costuras de tanta informação que possui e que não devia possuir sobre as pessoas.

**FIM**

**ANTOINE CANARY-WHARF**

**TODOS OS DIREITOS  
RESERVADOS©**

## O que é verdade?

Muita coisa é verdade. Muita coisa é mentira.

O que é verdade, é que uso a ficção científica para poder informar a sociedade de informação tecnológica sem ter que “prestar contas” à sociedade de informação científica.

E porque através da ficção científica posso falar de coisas, trazer broncas, montar intrigas e armar escândalos sobre personalidades, sociedades, governos, lobbies, tendências e marcas, com a sempre desculpa que “é só uma ficção científica”, quando na verdade, estou a dizer a verdade.

Assim, aproveito-me do género de ficção científica como um recurso literário de sobrevivência para poder, de uma forma que considero inteligente, escrever com alguma liberdade, abrindo, sempre que queira fantásticas janelas, porque estou no fantástico.

A ficção científica permite-nos projetar os medos e receios operados por um cérebro que se esconde por detrás de uma mente criativa. Eu próprio, senti-me numa verdadeira experiência tecnológica. Este livro tecnológico, foi para mim uma verdadeira experiência tecnológica. Por exemplo, não sabia que na página 707 e seguintes iria acabar por dizer que se um robot não tivesse ligado à Internet e não tivesse câmaras ou microfones que talvez pudesse deambular num centro comercial, quando sou franco e digo que se visse um robot a circular num centro comercial era capaz de ficar histérico! Mas parece mesmo que à medida que vamos falando abertamente sobre a tecnologia, vamos vendo a tecnologia com olhos de ver e, por isso, com outros olhos. O que é estranho, para mim, acabar por escrever isto. Mas muito francamente vejo esta minha escrita com alguma maturidade sobre a Tecnologia e sobre o mercado. E por isso, através deste livro, consegui sentir-me numa experiência tecnológica. Saí muitas vezes fora do guião. O filme não era este. De repente, ficámos com 2 filmes. Um filme de 2080 que se passa em 2080 e um filme de 2080 que conta 2020.

A história da Jupiter Editions neste meu fantástico foi por acaso. Também não estava no guião. Como Sagres não estava no guião. Mas

como Sagres apareceu num fantástico, a história da Jupiter Editions começou a ser escrita nesse meu fantástico.

É verdade que no dia 27 de março de 2018 escrevi uma crítica a um documentário que passou na televisão que se chamava “2077 – 10 segundos para o futuro” intitulada “Megalomania Científica”.

É verdade que os sistemas de voz com Inteligência Artificial *speech analytics* só de ouvirem uma pessoa a falar em menos de 10 segundos conseguem saber o estado de espírito, os traços de personalidade, o nível de stress, o nível de intoxicação, as horas de sono, se uma pessoa tem ou não uma carga cognitiva elevada, qual é a altura da pessoa, se a pessoa está ou não com depressão, se é ou não bipolar, se tem *Aphasia, Parkinson, Alzheimer, Huntington, Mild Cognitive Impairment, Autism, Spectrum disorder...*

É verdade que escrevi o email à Comissão Nacional da Proteção de Dados, tal e qual como transcrevi na página 301 por causa de um protocolo que tinha sido assinado entre a Câmara Municipal de Santarém com o comando da PSP para a instalação de câmaras de vigilância no centro histórico de Santarém e que não obtive qualquer resposta.

É verdade que escrevi o email tal e qual como transcrevi na página 310 à diretora da Faculdade de Direito de Lisboa da Universidade de Lisboa por causa da minha oposição em ter que participar obrigatoriamente em aulas online pelo Zoom sob pena de não ter nota de avaliação contínua e que não obtive qualquer resposta.

É verdade que a National Geographic veio alertar para o perigo da extinção dos pirilampos e que não devemos instalar candeeiros em sítios que sabemos onde há pirilampos, porque ameaça a sua sobrevivência, porque não conseguem reproduzir.

É verdade que o Facebook violou a privacidade de 87 milhões de usuários ao compartilhar os seus dados com a empresa Cambridge Analytica e que o documentário *Cambridge Analytica* está disponível na Netflix.

É verdade que no Direito, já se fala em Bioética no “Direito em Permanecer Humano”.

É verdade que não devemos deixar de abraçar quem mais amamos por causa do “vírus tecnológico de 2020”. O vírus não passa com abraços e a Organização Mundial da Saúde nunca disse para deixarmos de abraçarmos. Se alguma vez vier a dizer, é porque deixou-se ser infetada!

## Crítica

«La lectura de la presente obra titulada 2080, producto de la mente creadora de su autor Antoine Canary-Wharf, me ha resultado una experiencia útil y fructuosa, que, a pesar del desconocimiento del tema central, genera en el intelecto una intuición que permite aceptar verdades existentes, por veces ocultas por el nefasto negacionismo, verdades con las que convivimos a diario, que inconscientemente obviamos, aunque de forma consciente sabemos que están aquí y conviven entre nosotros. Quiero manifestar mi aquiescencia por haberme pedido mi opinión y permitido que exponga en ella mis apreciaciones sin ningún tipo de censura, sin ninguna regla o indicación al respecto. Por lo que debo decir que esta obra de ficción y fantasía enfoca innovaciones futuras, unas más beneficiosas y otras menos, encara presentes y emergentes tecnologías de punta, algunas inicuas otras no tanto, y encausa decisiones oficiales unas malas y otras peores, todo centrado dentro del sentir interno de un sector de nuestra sociedad, que es diferente pero no incompatible, que es distinto, pero no contrario, que es minoritario, pero no inexistente, en el cual persisten todas las virtudes y defectos así como todos los deberes y derechos que le atañen a cualquier otro sector.

La narración de historias, hipotéticamente sucedidas entre los años 2020 y 2080, y basadas en las vivencias de dos seres unidos por el sentimiento más benévolo y característico de los seres humanos, como es el amor, representados en la figura de un Jurista, Catedrático y Juez y un reconocido Médico Cirujano, unidos por su afecto particular, así como también, sus diferentes amigos y amigas que formaron parte de sus historias, muestran las relaciones que se abordan en sus páginas y despierta diversos sentimientos, unos de descarte y otros de aceptación, como es: una reunión de amigos donde en vez de disfrutar la compañía, están inmersos en las redes sociales de sus teléfonos, realidad presente desde ya, que se agrava con nuevas tecnologías, como los hologramas, los robots de compañía, y gran número de nuevos inventos que perturbarán la mente humana, junto a estos encontramos nefastas tecnologías como las antenas 5G, así como muchas otras tecnologías que se apoderan de los datos personales de cada ciudadano. La obra de Antoine Canary-Wharf nos alerta sobre la frase cierta “los datos son el petróleo del mañana” pero recordándonos oportunamente que ya “los datos son el petróleo del hoy y ahora” y debemos proteger los datos personales de cada uno de nosotros.

Este Jurista, Catedrático y Juez, lucha a lo largo de todas las historias por imponer el Derecho, en su protección a la vida privada, a los datos de imagen, a los datos de autoría intelectual, en fin, a los derechos esenciales de

todos los seres humanos que se encuentran sutil pero peligrosamente afectados. En otras palabras, lucha porque a “La Dama Ciega” se le coloquen anteojos, pero no precisamente de realidad aumentada.

Recomiendo su lectura pues se trata de una importante alerta, así como también un grito de libertad, un grito por la naturaleza, un grito por la tolerancia, un grito por la vida, recordemos que todos los seres humanos libres gozan de igualdad, sin embargo, es de recordar que: “la libertad de un ciudadano termina, cuando invade el Derecho que tiene outro ciudadano, a no ser perturbado por la libertad del primero.»

*Professor Inácio Pereira*

*Doutor em Ciências Jurídicas*

*Tradutor do livro 2080 de Canary-Wharf em castelhano*

**Este livro é vencedor do Prémio  
Literário Ganymedes 2020**

**Melhor Ficção de Direito E Tecnologia**



## Mensagem de Esperança

### Porque acreditamos!

Espero que todos os bons artistas, inocentes e esperançosos, como Sebastian Schub, vejam em vida o seu espírito dignificado e o seu talento reconhecido e valorizado sem serem consumidos e objetificados por um mercado que desvirtua o verdadeiro valor num sistema que é feito de valores cheio de instrumentos financeiros e monetários que enfraquecem e “matam” completamente o espírito!

Dá-me sinceramente pena que estejamos hoje dependentes de uma rede e que estejamos todos a gritar, cada um à sua maneira, na rede à espera de sermos vistos por um ente qualquer, de sermos partilhados, de sermos seguidos.

Não acho que sejam os artistas que tenham que promover a sua imagem. Acho que quando gostamos de um espírito, de um artista, quando reconhecemos o seu talento, devemos publicá-lo! Devemos promovê-lo! Sobretudo quando vemos espíritos inocentes e torcemos para que se mantenham inocentes, fora do mundo das drogas, que consigam ver as coisas sem paranoias, sem medos, que não pensem em suicídio, só porque as coisas não estão a correr como desejadas! Às vezes, a vida pode só ser um beijo. Pode só ser, ficar num beijo. Ficar eternamente preso a um beijo. Veremos o sabor disso, veremos a felicidade por detrás de um beijo pode fazer-nos muito fortes e capazes de enfrentar um mundo que é naturalmente mal governado, injusto, cheio de guerra numa descompaixão absurda que não se compreende no século XXI!

Numa pequena intriga que gostava de montar na minha Mensagem de Esperança, tenho fé e esperança que uma bodyboarder suba de prancha na mão ao poder! Tenho fé e esperança que amanhã a minha rainha, a minha presidente ou a minha primeira-ministra saiba falar da fauna, da flora, dos ventos e dos mares. Saiba proteger os oceanos, matas e as florestas. Saiba proteger toda a fauna. Saiba proteger todas as inteligências.

E quando subir, que injete novo capital no sistema!

Que injete um novo capital verde!

Que injete uma nova moeda!

Porque é possível!

E que esse seu capital distribua mais moedas! Porque estamos a precisar de moedas! Todos precisamos de moedas!

Não é que o dinheiro seja importante, porque é.

Não é que o dinheiro traga felicidade, porque traz.

Mas num mundo que é feito de moedas, pode ser importante termos muitas moedas. Essas moedas podem ser virtuais, se formos capazes de ter esperança! Essas moedas podem ser uma pura fantasia, se formos capazes de ter esperança!

Num mundo, feito de moedas, não termos moedas, nem para nos podermos proteger a nós próprios, resta-nos acreditar! Simplesmente, porque acreditamos!

Porque somos bons, inocentes e esperançosos, ricos ou pobres, somos felizes, porque acreditamos! Porque vemos a paz! Porque sentimos a paz! Conseguimos sentir a paz de espírito! Então há esperança! Porque acreditamos, vemos e sentimos a paz!

Antoine Canary-Wharf© 25 de outubro de 2020

**Rol do Filme*****Pág.29.....2080******Pág.101.....Segunda-feira,******8 de abril de 2080******Pág.233.....Terça-Feira,******14 de maio de 2080******Pág.289 .....Quarta-feira,******18 de setembro de 2080******Pág.833.....Quinta-feira,******24 de outubro de 2080******Pág.865.....Sexta-feira,******29 de novembro de 2080***

***Pág. 909.....Sexta-feira,***

***24 de novembro de 2079***

***Pág. 939.....Sábado,***

***28 de dezembro de 2080***

***Pág. 954.....O que é verdade?***

***Pág. 956.....Crítica***

***Pág. 959.....Mensagem de Esperança!***

**Agradecimentos**

**Jupiter Editions**

**Konica Minolta**

«Eles querem que eu suba. Mas eu já lhes disse que eu só subo com o Xico e com a Joana. Todos nós vemos rainhas. Eu vejo uma rainha no meio do oceano. Vejo a Joana como Rainha das Ondas e o Xico como o “pai e o marido” das ondas... Também o Xico foi meu marido, quero lá saber! Sei que posso escrever o que estou a escrever. Também ele foi meu marido. Não fui amante da Joana, fui amante do Xico. Para mim foi meu marido, meu professor e um grande amigo que penso algumas vezes nele e começo a chorar, mas não posso nunca aparecer a chorar à frente do Xico... Nem para lhe telefonar posso aparecer a chorar. Primeiro tenho de chorar sozinho só depois é que posso telefonar-lhe. São

amizades “espirituais”... Amizades de mar... Amizades de espírito. Tipo, só se eu me estiver a afogar é que o Xico aparece, tipo como se eu tivesse um Sinal de GPS... Parece que mais vale afogar-me para ele aparecer... Mas nem vale a pena simular ou tentar simular nada... Só se eu me afogar... Que amizade ridícula! Parece que fiz amizade com lobos-marinhos que estão sempre em viagem. Só se eu me afogar é que eles vêm para me ressucitar. Foram eles que me ressuscitaram o espírito. Foram eles que abriram o meu espírito outra vez, foram eles que sopraram Oxigénio e Vida para dentro das minhas naurinas e me deram Sangue. São amizades de Sangue que não se conseguem explicar. São amizades inexplicáveis. Acho que só daqui a 7 anos ou 7 meses é que conseguirei escrever umas 7 linhas para

**explicar melhor um pouco estas amizades de mar. Para eu subir, eu só posso subir com eles. Senão, eu também não subo. Eu não vou subir sozinho. Subir as escadas do mar. Estou a falar em “escadas do mar”. No mar também há escadas. Também se fazem escadas no mar. Foi com eles que eu vi que o mar também faz escadas. Eles deram-me uma prancha de bodyboard. Mas eu já disse que sem eles eu não quero ir para o mar. Fui com eles. Só posso ir com outros lobos-marinhos que estejam ligados numa Internet a eles, para que caso em me afogue eu tenha a certeza que o sinal é lhes enviado e não é perdido.” Uma dedicatória ao Xico 17h11 10/09/2022**

«Xico, tenho saudades dele. Não tenho respostas. Sei que tens a resposta. Dá-me, por favor. Dá-me a resposta certa para as coisas. Por favor. Eu amo-te!

Não sei o que me fizeram. Mas eu preciso de vos ver. Sei que tenho de voltar a Sagres. Sei que tenho de voltar a ver-vos. Sofro por dentro. Parece que o meu espírito “Morreu” ou “Ficou” em

Sagres. Quanto tempo é que falta, Xico? Quanto mais tempo é que falta? Sei que consegues ler o tempo, porque lês as nuvens e o mar.» Raul Catulo

Morais, Uma carta para o Xico. 17h16

10/09/2022



